

"OUTSTANDING...YOU'LL LOVE EVERY MINUTE."

Dallas Morning News

DIANA GABALDON

THE NEW YORK TIMES BESTSELLING
AUTHOR OF OUTLANDER



THE FIERY CROSS

A NOVEL

A Cruz Ardente

Cap1

“Vá, Frank”, pensei com severidade.



Fora ainda estava escuro, mas a bruma que se elevava da terra úmida era de uma cor cinza perolado; a alvorada se aproximava. Embora nada se movesse, nem dentro nem fora, percebi um leve roçar sobre minha pele.

“ Eu não deveria ir a suas bodas?”

Ignorava se as palavras se formaram por si só em meus pensamentos ou se eram, elas e o beijo, mero produto de meu subconsciente. Tinha-me dormido pensando nos preparativos do enlace, assim não era estranho que tivesse sonhado com bodas. E com noites de bodas.

Alisei a musselina enrugada de minha camisa e supus que não era só o sonho o que avermelhava minha pele. Não recordava nada concreto, só um confuso matagal de imagens e sensações. Possivelmente fora o melhor.

Girei sobre os ramos e me apertei a Jamie. Estava morno e cheirava gratamente a fumaça de lenha e a uísque, com um leve ar de virilidade. Despertei muito devagar, arqueando as costas para lhe tocar o quadril com a pélvis. Se estava muito sonolento ou desinteressado, o gesto seria o bastante leve para passar despercebido. Se não...

Não. Sorrii fracamente, com os olhos ainda fechados, e uma de suas mãos se deslizou lentamente por minhas costas, até posar-se em meu traseiro com um apertão firme.

-Hummm?-disse-. Hummm.

Logo com um suspiro, voltou a relaxar-se no sonho, sem me soltar. Me aconcheguei contra ele, reconfortada. A proximidade física do Jamie bastava para apagar os sonhos persistentes. E Frank (se é que era ele) tinha razão até certo ponto. Estou segura de que, de que se fosse possível Bree teria querido que seus dois pais assistissem a suas bodas.

Já estava completamente acordada, mas muito cômoda para me mover. Fora chovia; o ar, frio e úmido, fazia mais atrativo o quente ninho de edredons que a distante perspectiva do café quente. Sobre tudo porque, para obtê-lo, teria que baixar ao arroio em busca de água, acender a fogueira com a lenha úmida, moer os grãos em um moedor de pedra e logo prepará-lo.

Estremecida só de pensá-lo, cobri-me com o edredom e reatei a lista mental das coisas necessárias com a que me tinha ficado encarregada.

Comida, bebida... Felizmente não precisava me preocupar disso. Yocasta, a tia do Jamie, encarregaria-se de tudo; melhor dizendo, faria-o Ulises, seu mordomo negro.

Ao menos Bree estrearia de vestido; isso também era presente da Yocasta. Seria de lã de cor azul escura; a seda era muito cara e pouco prática para quem vivia nos bosques. Não se parecia em nada ao cetim branco e a flor-de-laranja com o que eu me tinha imaginado que se casaria algum dia; claro que a ninguém lhe teria ocorrido umas bodas como esta no ano 1960.

Perguntei-me que teria opinado Frank do marido da Brianna. Provavelmente lhe teria gostado; Roger, como ele, era historiador (ou ao menos o tinha sido). Estava dotado de inteligência e senso de humor; era um músico de talento e um homem doce, totalmente dedicado a Brianna e ao pequeno Jemmy.

O qual é admirável, por certo -pensei em direção a bruma - dadas as circunstâncias.

“ Admite-o, verdade?” As palavras se formaram em meu interior, como

se ele as tivesse pronunciado: irônicas, burlando-se de uma vez dele e de mim.

Jamie franziu o sobrecenho e crispou os dedos contra minha nádega, emitindo pequenos bufidos em sonhos.

“Você sabe que fui - disse em silêncio-.Sempre o admiti e sabe, de modo que não me chateie, quer?”

Dava as costas ao ar exterior e apoiei a cabeça no ombro do Jamie, procurando refúgio no contato com o tecido de sua camisa.

Na realidade me dava a impressão de que Jamie não via tanto mérito como eu (ou como Frank, possivelmente) no fato de que Roger tivesse aceito ao Jemmy como filho próprio. Para ele era, simplesmente, um dever; nenhum homem honorável poderia atuar de outra maneira. E parecia duvidar de que Roger fosse capaz de manter e proteger a uma família nos páramos da Carolina. Embora fosse alto, hábil e de boa compleição, para ele as coisas “de capa e espada” eram letra de canções; para o Jamie, ferramentas de seu ofício.

Súbitamente notei pressão da mão apoiada em meu traseiro, e me sobressaltei.

-Sassenach - disse Jamie, sonolento - está-te retorcendo como um girino no punho de um pirralho. Precisa ir a letrina?

-Ah, está acordado - disse, me sentindo um pouco surpresa.

-Agora sim.-Retirou a mão e se despertou com um grunhido; os pés descalços apareceram pelo outro extremo do edredom.

-Desculpe, não quis te acordar.

-OH, não se preocupe - tranqüilizou -.Estava sonhando algo diabólico. Acontece-me sempre que passo frio enquanto durmo. -Levantou a cabeça e se olhou os pés, movendo os dedos com desgosto-. por que não me deitei com os meias três-quartos?

-Com o que sonhava?-perguntei, intranqüila. Oxalá não tivesse sonhado quão mesmo eu.

-Com cavalos-respondeu, para meu alívio.

Joguei-me a rir.

-Tão diabólico pode ter sido um sonho com cavalos?

-Deus! Foi terrível. - esfregou-se os olhos com os punhos. Logo sacudiu a cabeça, como se tratasse de tirar o sonho da mente -.Tinha a ver com os reis irlandeses. Recorda o que contava Mackenzie ontem à noite, junto à fogueira?

-Os reis ir...ah, sim! - A lembrança me fez rir outra vez.

Roger, entusiasmado por seu recente compromisso, tinha obsequiado ao grupo reunido em torno da fogueira com canções, poemas e entretidas anedotas históricas; entre elas, os ritos com os que se dizia que os antigos irlandeses coroavam a seus reis. Um destes requeria que o candidato triunfador copulasse com uma égua branca ante a multidão congregada, presumivelmente para demonstrar sua virilidade; em minha opinião, parecia mas bem uma prova do sangue frio do cavaleiro.

-Eu estava a cargo do cavalo, e tudo saía mal -me informou Jamie - O homem era muito baixo e eu devia procurar algo onde pudesse subir. Encontrei uma rocha, mas não pude levantá-la. Logo, um tamborete, mas lhe desprende uma pata. Por fim, disseram-me que não importava, que

podiam lhe cortar as patas da égua. Eu tratava de impedi-lo, enquanto o homem que ia ser rei atirava de suas calças, queixando de que não podia desabotoar a braguilha. Nesse momento alguém se fixou em que a égua era negra e disse que não servia.

Sufoquei uma gargalhada para não despertar a ninguém dos que dormiam perto.

-Foi então quando despertou?

-Não. Por algum motivo isso me ofendeu muito. Disse que sim que serviria, e que em realidade era muito melhor a égua negra, pois todo mundo sabe que os cavalos brancos são débeis e que a descendência seria cega. E eles que não, que não, que o negro traria má sorte. E eu, insistindo em que não era certo e...-Interrompeu-se com um pigarro.

-E então?

Encolheu-se de ombros, me olhando de soslaio; um vago sufoco lhe subia pelo pescoço.

-Pois nada, disse que serviria e que o demonstraria. E sujeitei à égua pela garupa, para impedir que seguisse movendo-se, e já estava preparado para...bem ...para me converter em rei da Irlanda. E foi então quando despertei.

Os dois estalamos em gargalhadas.

- OH! Agora sim que lamento haver despertado - me enxuguei os olhos com uma ponta do edredom -.Não duvido que tenha sido uma dura perda para os irlandeses. Mas me pergunto o que pensariam as rainhas da Irlanda dessa cerimônia tão especial - adicionei.

-Não acredito que as damas saíssem absolutamente prejudicadas na comparação - me assegurou Jamie - Embora haja sabido de homens que preferem...

- Não me referia a isso, a não ser às conseqüências higiênicas, compreende? Pôr o carro antes que o cavalo é uma coisa, mas isso de antepor a égua à rainha...

-A...ah, sim.- Sua cara avermelhou visivelmente -.Pode dizer o que quiser dos irlandeses, Sassenach, mas acredito que se lavam de vez em quando. E dadas as circunstâncias, é possível que o rei encontrará útil um pouco de sabão em...

-Em meia cabeça de gado?-sugeri-. Seguro que não. Ao fim e ao cabo, o cavalo é bastante grande...

-Não é só questão de espaço, Sassenach, mas também de disposição - observou ele, me lançando um olhar de recriminação-.E nessas circunstâncias, compreenderia que o homem necessitasse um pouco de ânimo. De qualquer forma - disse - Não leu Horacio nem ao Aristóteles?

-Não. Nem todo mundo pode ser tão instruído como você. E nunca me interessou muito Aristóteles, sabendo que, em sua classificação do mundo natural, situava às mulheres por debaixo dos vermes.

-Seguro que não estava casado.-A mão do Jamie descendeu lentamente por minhas costas, apalpando os nós da coluna através da camisa-.Do contrário, teria detectado os ossos.

Com um sorriso, elevei uma mão até seu maçã do rosto, que destacava sobre a avermelhada barba.

Nesse momento vi que, fora, o céu se esclareceu à alvorada, e recordei

por que se tirou os meias três-quartos a noite anterior. Por desgraça, ambos estávamos tão cansados pelas celebrações que ficamos dormidos no meio do abraço.

Essa lembrança me resultou tranqüilizador, pois explicava o estado de minha camisa e o sonho que tinha tido. Ao mesmo tempo me estremeci: Frank e Jamie eram homens muito diferentes, e no fundo eu não tinha nenhuma dúvida sobre qual dos dois me tinha beijado justo antes de despertar.

- me beije - disse súbitamente. Ele roçou meus lábios com os seus, e senti saudades ao ver que eu o soltava. Logo sorriu.

-De acordo, Sassenach. Mas antes terei que sair um momento.

-Será melhor que te dê pressa-disse-.Está esclarecendo, e a gente se levantará logo.

O assentiu com a cabeça e saiu. Cavei-me o cabelo com os dedos e rodei sobre mim mesma em busca da garrafa de água. Ao sentir o ar frio nas costas, olhei por cima de meu ombro; a aurora já estava ali e a bruma tinha desaparecido.

Toquei o anel de ouro que levava na mão esquerda; tinha-o recuperado a noite anterior, e depois de sua larga ausência ainda me era estranho. Possivelmente era esse anel o que tinha convocado ao Frank a meus sonhos. Possivelmente essa noite, durante as bodas, tocasse-o de novo com a esperança de que ele pudesse ver a felicidade de sua filha através de meus olhos. por agora, entretanto, Frank tinha desaparecido e isso me alegrava.

Um som leve chegou flutuando no ar: o fugaz pranto de um bebê ao despertar.

Em outros tempos, eu tinha pensado que não devia haver mais de duas pessoas em um leito conjugal. Ainda acreditava. Entretanto, um bebê era mais difícil de apagar que o espectro de um antiga amor, e o leito da Brianna e Roger devia forzosamente dar capacidade a três.

A cara do Jamie apareceu junto ao bordo da lona refletindo nervosismo e alarme.

-Será melhor que te vista, Claire-disse-. Os soldados se estão formando junto ao arroio. Onde estão minhas meias três-quartos?

Incorporei-me de um salto. Longe, ladeira abaixo, os tambores começaram a redobrar.

A fria névoa se acumulava ao redor dos terrenos baixos; uma nuvem se posou sobre o monte Helicón, e o ar estava denso de umidade. Cruzei um lance de pastos duros, rumo ao lugar onde se congregou um destacamento do 67º regimento de escoceses; formados na borda, com os tambores rugientes e o gaiteiro da companhia tocando a pleno pulmão, pareciam impermeáveis à chuva.

Eu sentia muito frio e não pouco chateio. Ao me deitar esperava despertar com café quente e um café da manhã nutritivo ao que seguiriam dois bodas, três batismos, duas extrações de demola, a extirpação de uma unha infectada e outras entretidas formas de são contato social, dessas que requerem uísque. Em lugar disso, depois de despertar de um sonho

inquietante, me tinha conduzido a um jogo amoroso para logo me arrastar sob uma garoa fria in medeia maldita cabeça de gado, ao parecer para que escutasse alguma proclama.

Os escoceses do acampamento tinham demorado para levantar-se e baixavam a colina com passo vacilante; quando o gaiteiro emitiu a última rajada, o tenente Archibald Hayes deu um passo à frente.

Seu nasal acento do Fife era bem audível, e além disso tinha o vento a favor. Ainda assim, acredito que quem estava algo mais acima podiam ouvir muito pouco. Nós, em troca, encontrávamo-nos ao pé da costa, a escassos vinte metros do tenente; pese ao tagarelo de meus dentes, ouvi todas suas palavras.

-” Por sua excelência, o cavalheiro William Tryon, capitão geral de sua majestade, governador e comandante em chefe, em e sobre esta província” - leu Hayes, levantando a voz até o uivo para impor-se aos ruídos do vento e a água, e aos murmúrios premonitórios da multidão-. “ Considerando-tronô, enquanto dirigia à multidão um olhar fulminante-que recebi informação de que grande número de escandalosos e bagunceiros se reuniram na cidade do Hillsborough, em nos dias vinte e quatro e vinte e cinco do mês passado, durante a sessão da Corte Superior de Justiça desse distrito, para opor-se às justas medidas de governo e em aberta violação das leis de seu país, atacando ao juiz de sua majestade, e deste modo golpeando e hiriendo a várias pessoas durante a sessão de dita corte, e manifestando outras indignidades e insultos ao governo de sua majestade, cometendo muito violentos atropelos contra as pessoas e propriedades dos habitantes de dita cidade, brindando pela condenação do legítimo soberano, o rei Jorge, e pelo êxito do aspirante...” -Hayes fez uma pausa, tragou ar e continuou lendo:-” ...portanto, com o fim de que as pessoas envoltas em ditos atos escandalosos possam ser levadas ante a justiça, com o assessoramento e consentimento do Conselho de sua majestade, pronuncio esta meu proclama, insistindo e comprometendo estritamente a todos os juizes de paz de sua majestade existentes neste governo para que executem diligentes investigações quanto aos crímenes citados, e para que recebam as declarações daquelas pessoas que se pressentem ante eles para proporcionar informação sobre o expresso; declarações estas que me serão transmitidas, com o fim de ser apresentadas ante a assembléia geral em New Bern, o trigésimo dia do próximo mês de novembro, data até a qual permanecerá prorrogada para o imediato despacho de assuntos públicos.” -Uma inalação final. A cara do Hayes estava purpúrea-.” Sacado de meu punho e letra e com o grande selo da província em New Bern, nos dia dezoito de outubro, no décimo ano do reinado de sua majestade, Anno Domini mil setecentos e setenta. Assinado William Tryon” -concluiu, com um último bufido.

-Fixaste-te?-comentei ao Jamie-, acredito que todo isso era uma só frase, menos o fechamento. Assombroso, inclusive para um político.

-Cala, Sassenach-disse ele, com o olhar ainda fixa no Archie Hayes.

detrás de mim a multidão emitiu um rugido apagado, de interesse e consternação, com certo sotaque de diversão ante as frases referidas aos brinde desleais.

Essa era uma congregação de escoceses, muitos deles exilados às colônias depois do levantamento do Estuário; se Archie Hayes tivesse

querido tomar nota oficial de quanto se dizia a noite anterior, enquanto as jarras de cerveja e uísque passavam ao redor da fogueira... Claro que então só tinha consigo quarenta soldados; quaisquer que fossem suas próprias opiniões sobre o rei Jorge e a possível condena do monarca, as reservou com toda prudência.

Convocados pelo bater dos tambores, uns quatrocentos escoceses das Terras Altas rodeavam o lugar eleito pelo Hayes para seu assentamento, no ribazo do arroio. Homens e mulheres se protegiam com seus trajes (as plaids e os arisaid) bem rodeados contra o vento que aumentava. A julgar pelas caras pétreas que se viam, eles também se reservavam sua opinião.

-Toda pessoa que deseje fazer declarações relativas a estes muito graves assuntos pode as confiar a meu atención-anunciou o tenente-.Passarei o resto do dia em minha loja com meu secretário. Deus salve ao Rei!

Depois de entregar a proclama a seu cabo, saudou com uma inclinação à multidão e girou com firmeza fazia uma grande loja de lona ereta perto de umas árvores; no mastro vizinho, ondulavam as bandeiras do regimento.

Eu tremia; deslizei uma mão pela abertura do capote do Jamie e reconfortei meus dedos frios no calor de seu corpo. Jamie apertou o cotovelo contra seu flanco, reconhecendo a presença dessa emanação geada, mas não me olhou; estava estudando as costas em retirada do Archie Hayes.

O tenente era um homem compacto e sólido, de pouca estatura mas de grande presença; caminhava com firmeza, como se desdenhasse às pessoas reunida na ladeira. Ao desaparecer dentro de sua loja, deixou a lapela levantada se por acaso alguém queria entrar.

Não era a primeira vez que, contra minha vontade, admirava o instinto político do governador Tryon. Era óbvio que se estava lendo essa proclama em toda a colônia; e, embora poderia ter deixado que um oficial ou um magistrado local levasse a nossa congregação sua mensagem, tomou-se a moléstia de enviar ao Hayes.

Archibald Hayes tinha tomado o campo do Culloden ao lado de seu pai, quando só tinha doze anos. No combate foi ferido, capturado e enviado ao sul. Quando lhe ofereceu a possibilidade de escolher entre ser transladado ou incorporar-se ao exército, escolheu a mesnada do Rei e tirou o máximo partido para a situação. O fato de que tivesse chegado a oficial antes de fazer quarenta anos era testemunho suficiente de seu talento.

Era tão atrativo como competente; no dia anterior, convidado a compartilhar nossa comida e nosso fogo, tinha passado a metade da noite conversando com o Jamie...e a outra metade passeando de fogueira em fogueira, sob a tutela de meu marido, que o apresentou aos chefes de todas as famílias importantes que ali se encontravam.

E de quem foi a idéia?, perguntei-me, levantando a vista para o Jamie. Sua cara não deixava entrever o que pensava, e isso era sinal de que estava pensando algo bastante perigoso. Acaso sabia de antemão o dessa proclama?

Nenhum oficial inglês, ao mando de tropas inglesas, teria podido levar semelhante notícia a uma reunião como a nossa e esperar a menor colaboração. Mas Hayes e seus escoceses, tão leais, com suas saias de tartán...Além disso, Hayes fazia levantar sua loja de costas a um denso pinar; se alguém desejava falar em segredo com ele, podia aproximar-se

através do bosque sem que ninguém o visse.

-Acaso Hayes espera que alguém se além da multidão, corra a sua loja e se renda imediatamente?-murmurei ao Jamie. Entre os presente, ao menos doze homens tinham participado dos distúrbios do Hillsborough; três deles estavam ali mesmo. Ao ver a direção de meu olhar, Jamie me indicou com um gesto silencioso que fora discreta.

Hobson, MacLennan e Fowles, agrupados frente a nós, conversavam sobre voz baixa. Os três provinham de um diminuto assentamento chamado Drunkard's Creek, a uns vinte e quatro quilômetros de nossa casa da Colina do Fraser. Hugh Fowles, genro do Joe Hobson, era muito jovem; não tinha mais de vinte anos, e embora tentava manter a compostura, sua cara estava pálida.

Eu ignorava o que pensava fazer Tryon com quem tivesse participado dos distúrbios, mas percebi a inquietação criada pela mensagem do governador.

No Hillsborough a gente tinha destruído vários edifícios; uns quantos funcionários públicos foram tirados rastros e atacados na rua. Segundo os rumores, um juiz de paz (irônico título) tinha perdido um olho a consequência de um cruel golpe de lâtego. O juiz Henderson tinha escapado por uma janela para fugir da cidade, o qual impediu que houvesse sessão na Corte. Era evidente que o governador estava muito irritado pelo acontecido.

Joe Hobson olhou ao Jamie; logo apartou a vista. A presença do tenente ante nossa fogueira, a noite anterior, não tinha passado despercebida.

Se Jamie detectou esse olhar, não a devolveu, encolheu-se de ombros e inclinou a cabeça fazia mim.

-não acredito que Hayes espere que alguém se entregue, não. Possivelmente esteja obrigado a pedir informação; graças a Deus, eu não estou obrigado a responder.

Não tinha falado em voz alta, mas sim o suficiente para chegar aos ouvidos do Joe Hobson, que girou a cabeça e dedicou ao Jamie um gesto de irônico reconhecimento. Logo tocou a seu genro no braço, e ambos se afastaram para os acampamentos disseminados acima, onde as mulheres estavam atendendo as fogueiras e ocupando-se dos meninos.

Era o último dia da congregação; essa noite haveria bodas e batismos: a bênção formal do amor e seus frutos, surtos dessa multidão carente de igreja durante tudo no ano anterior. Depois se entoariam as últimas canções e se dançaria entre as chamas de muitas fogueiras. Ao chegar a manhã, as famílias retornariam a seus lares, disseminados das ribeiras povoadas do rio Cape Fear até as montanhas silvestres do oeste, levando notícias da proclama e dos fatos do Hillsborough.

Eu estava intranquã. Durante a semana da congregação se ouviu com freqüência alardear sobre os distúrbios do Hillsborough, mas não todos os que o escutaram estavam dispostos a considerar heróis aos bagunceiros.

Senti o murmúrio de conversações que estalavam atrás da proclama: as famílias se agrupavam e alguns homens foram de grupo em grupo, transmitindo o discurso do Hayes colina acima, repetindo-o a quem não o tinha ouvido por estar longe.

-Vamos? Há muito que fazer antes das bodas.

-Sim?-Jamie me jogou uma olhada- Eu acreditava que os escravos da Yocasta se encarregariam de tudo. Entreguei os tonéis de uísque ao Ulises, que será o soghan.

-Ulises? trouxe sua peruca?- A idéia me fez sorrir. O soghan era o homem que se encarregava de servir a bebida e o refrigerio nas bodas das Terras Altas escocesas; em realidade, a palavra significava algo assim como “homem alegre e cordial”. Ulises era possivelmente a pessoa mais digna que eu tivesse visto jamais, até sem seu librea e sua peruca de crina empoeirada.

-Se a trouxe, de noite a terá pega na cabeça.-Jamie levantou a vista para o céu encapotado-.Ditosa a noiva sobre a que brilha o sol-citou-.Ditoso o cadáver sobre o que cai a chuva.

-Isso é o que eu gosto dos escoceses-comenté secamente-.Têm um provérbio adequado para cada ocasião. Não te atreva a dizer isso diante do Bree.

-Por quem toma, Sassenach?-acusou-me com um sorriso-.É minha filha, não?

-Por supuesto-reprimindo o súbito recorde do outro pai da Brianna, olhei por cima do ombro para comprovar que ela não estivesse ao alcance de minha voz.

Não havia sinais de seu flamígera cabeça. Digna filha de seu pai, descalça media um metro oitenta; distingui-la em meio de uma multidão era quase tão fácil como detectar ao Jamie.

-De qualquer modo, não é o banquete de bodas o que preocupa-dije a meu marido-.Devo me ocupar do café da manhã e logo atender o consultório matutino com a Murria Macleod.

-Não disse que Murria era um enganador?

-Disse que era ignorante, teimoso e uma ameaça para a saúde pública-corregi-. Não é o mesmo...exatamente.

-Exactamente-corroborou Jamie, sonriendo-. E o que pensa fazer, educá-lo...ou envenená-lo?

-O que resulte mais efetivo. Se ao menos pudesse lhe pisar acidentalmente a lanceta e romper-lhe ao menos não aplicaria sangrias. Vamos, que me estou congelando.

-Sim, ele vejamos-asintió, e jogou uma olhada aos soldados, ainda formados com o passar do arroio-.Parece que o pequeno Archie pensa manter a seus moços ali até que a multidão se retirou. estão-se pondo azuis.

em que pese a estar armados e com o uniforme completo, a fila de escoceses permanecia tranqüila; sem dúvida eram imponentes, mas já não pareciam ameaçadores. Uns meninos brincavam de correr entre eles, atirando com descaramento do bordo das saias ou aproximando-se para tocar os mosquetes, os cantis e os punhos de adagas e espadas.

-Abel, a charaid!-Jamie se tinha detido para saudar o último dos homens do Drunkard's Creek-.Já tomaste o café da manhã?

MacLennan tinha ido à congregação sem sua mulher; por isso comia onde a sorte o levasse. Embora a multidão se estava dispersando, ele se mantinha impassível em seu sítio. “ Provavelmente espera que o convidem a tomar o café da manhã” , pensei com cinismo.

Observei sua corpulenta silhueta e calculei mentalmente seu possível consumo de ovos, parritch e pão torrado, comparando-o com as minguentes

provisões de nossa cesta. A escassez de mantimentos não impediria a nenhum escocês oferecer sua hospitalidade, e muito menos ao Jamie, que estava convidando ao MacLennan a tomar o café da manhã conosco, enquanto que eu dividia mentalmente dezoito ovos entre nove pessoas em vez de oito. No trajeto montanha acima, teríamos que pedir emprestado mais café no acampamento da Yocasta.

Quando íamos retirar nos, Jamie deslizou a mão por meu traseiro. Ante minha exclamação, Abel MacLennan se voltou a me olhar, boquiaberto, e eu lhe sorri, resistindo o impulso de lhe dar um chute a meu marido; então nos deu as costas e subiu apressadamente a costa. Jamie me agarrou do cotovelo para me ajudar a passar entre as pedras, enquanto se agachava fazia meu ouvido, murmurando:

-por que diabos não te puseste anáguas, Sassenach? Não leva absolutamente nada debaixo da saia. vais morrer de frio!

-Nisso não te equivoca, tremendo a pesar do capote. Em realidade levava uma camisa de linho sob o vestido, mas era um objeto pouco adequado para o inverno.

-Ontem levava uma anágua de lã. O que foi que ela?

-Não acredito que queira sabê-lo.

Jamie arqueou as sobrancelhas, mas antes de que pudesse fazer outra pergunta ressonou um grito detrás de nós.

-Germain!

Germain, de dois anos, tinha aproveitado que Marsali, sua mãe, estava ocupada com sua irmã recém-nascida para escapar de sua custódia e corre para os soldados. Evitando a captura, lançou-se de cabeça custa abaixo. Ia cobrando velocidade como uma pedra lhe rodem.

-Fergus!-uivou Marsali.

Para ouvir seu nome, o pai do Germain interrompeu sua conversação bem a tempo para ver que seu filho tropeçava com uma pedra e caía de bruces. O menino era um acrobata nato; não fez nada por salvar-se, mas sim se deixou cair com graça e se enroscou formando uma bola, como um puercoespín. Passou por entre as filas de soldados como uma bala de canhão e se afundou no arroio com um chapinho.

Várias pessoas correram colina abaixo para ajudar, mas um dos soldados já estava junto ao ribazo. Ali se ajoelhou para cravar a ponta da baioneta na roupa flutuante do menino e rebocou o vulto empapado para a borda.

Fergus se meteu na água geada e pouco profunda, estirando-se para agarrar a seu lhe jorrem filho.

-Merci, mon ami, mille merci beaucoup-disse ao jovem soldado-.Et toi, toto-adicionou, sacudindo a sua vergõntea, que cuspiá-. Comment ça vai, pequeno cabeça oca?

O soldado parecia surpreso, mas não soube se era pela maneira de falar do Fergus ou pelo gancho de ferro que ocupava o lugar da mão esquerda.

-Tudo está bem, senhor-disse, com um sorriso tímido-.Acredito que não se feito mal.

Brianna saiu de detrás de um castanho, com o Jemmy, de seis meses, apoiado em seu ombro, e agarrou à pequena Joan de braços do Marsali.

-me dê ao Joanie-disse-.Você te ocupe do Germain.

Jamie se tirou o pesado capote dos ombros para tender-lhe ao Marsali.

-Sim, e lhe diga ao soldado que o resgatou que deva compartilhar nossa fogueira-lhe disse-. Podemos alimentar a outro, Sassenach?

-Por supuesto-respondi, refazendo velozmente meus cálculos mentais. Dezoito ovos, quatro fogaças de pão duro para torrar (não, devia reservar uma para a viagem de volta a casa, ao dia seguinte), três dúzias de omeletes de advenha-si é que Jamie e Roger não as tinham comido já-, meio frasco de mel...

Marsali desapareceu, correndo em auxílio aos homens de sua família, que estavam empapados e tiritando. Jamie a seguiu com a vista e deixou escapar um suspiro de resignação, enquanto o vento inflava as mangas de sua camisa. Logo me sorriu de soslaio.

-Suponho que nos congelaremos juntos, Sassenach. Mas não importa. De qualquer modo não quereria viver sem ti.

-Vamos, Jamie Fraser!-disse amigavelmente-.Mas se você for capaz de viver nu em um ténpano de gelo e derretê-lo! O que tem feito de sua jaqueta e seu plaid?

-Não pergunte, muito sorridente, enquanto me cobria a mão com uma palma grande e calejada-.Vamos. Estou esfomeado e quero tomar o café da manhã.

-Espera-dije, me apartando.

Jemmy, nada disposto a compartilhar os braços de sua mãe com a recém legada, chiava. Alarguei os braços para agarrá-lo.

-Obrigado, mamãe.-Brianna sorriu-.Mas está segura de que prefere a esse? A menina é mais tranqüila...e pesa a metade.

-Não, está bem. Cala, tesouro, vêem com seu abuelita.

Jemmy, ao me reconhecer, abandonou seu escarcéu para agarrar-se por meu cabelo com os punhos gordinhos. Desenredei seus dedos para olhar por cima de sua cabeça, mas lá abaixo parecia estar tudo sob controle.

Fergus, com as calças e os meias três-quartos jorrando de água, envolto-se os ombros com o capote do Jamie e estava espremendo o peitilho da camisa com uma só mão, enquanto dizia algo ao soldado que tinha resgatado ao Germain. Marsali se tinha tirado o arisaid para envolver ao pequeno, e seus cabelos loiros voavam por debaixo do lenço.

O tenente Hayes, atraído pelo bulício, espiou da abertura de sua loja. Ao levantar os olhos se encontrou com meus; depois de agitar a mão em uma breve saudação, segui a minha família para nosso acampamento.

Jamie disse a Brianna algo em gaélico, enquanto a ajudava a cruzar um lance pedregoso do atalho, diante de mim.

-Sim, estou preparada-respondió ela, em nosso idioma-.Onde está sua jaqueta, papai?

-A emprestei a seu marido-disse ele-.Não convém que se presente a suas bodas com aspecto de mendigo, verdade?

Bree se pôs-se a rir.

-Antes mendigo que suicida fracassado.

-Como há dito?-Pu-me à altura deles no momento em que saíamos do amparo das rochas. Estirei a boina de ponto do Jemmy para lhe cobrir mais as orelhas e logo lhe tampei a cabeça com a manta.

-Uf!-Brianna encurvou os ombros para o bebê que tinha em braços, protegendo-o das rajadas de vento.

-Quando começou o rufo de tambores, Roger se estava barbeando, esteve a ponto de cortar o pescoço-lhe explicou Jamie-.O peitinho de sua jaqueta se manchou de sangue.

Bree olhou a seu pai, com os olhos lagrimeantes pelo vento.

-De maneira que o viu esta manhã. Sabe onde está agora?

-São e salvo-le assegurou ele-.Disse-lhe que fora a falar com o pai Donahue enquanto Hayes nos lia o seu.-Olhou-a com aspereza-.Poderia me haver dito que o menino não era católico.

-Poderia-disse ela, sem perturbar-se-.Mas não quis. Não me preocupa.

-Se com essa peculiar expressão quer dizer que não tem importância...- começou a dizer Jamie secamente.

Mas o interrompeu a chegada do Roger, resplandecente com a saia de tartã verde e branco dos Mackenzie, e a manta escocesa do mesmo tecido sobre a jaqueta e o colete do Jamie.

-Fica muito bem, Roger-comentei-.Onde te cortaste?- Sua cara tinha em tom rosado típico da pele recém barbeada, mas não havia marcas à vista.

Roger entregou o pacote de tartã vermelho e negro que trazia sob o braço: sua manta escocesa. Logo inclinou a cabeça a um lado para me mostrar em talho profundo debaixo da mandíbula.

-Justo aí. Nave foi nada, mas sangrou como o demônio.

A ferida já tinha uma nítida linha escura de crosta, de sete ou oito centímetros; cruzava o pescoço por um lado, do ângulo da mandíbula. Toquei a pele circundante; não estava mau: o fio tinha penetrado limpamente. Não senti saudades que tivesse sangrado tanto; verdadeiramente dava a impressão de que tinha tratado de cortar o pescoço.

-Algo nervoso, esta manhã?-brinquei-.Acaso te está arrependendo?

-É um pouco tarde para isso-disse secamente Brianna, aproximando-se de mim-.Ao fim e ao cabo, tem um pirralho que necessita sobrenome.

-Terá tantos sobrenomes que não saberá o que fazer com isso-le assegurou Roger-.E também você...senhora Mackenzie.

O nome acendeu um pequeno rubor na cara da Brianna, que lhe sorriu. Ele se inclinou para beijá-la na frente e, ao mesmo tempo, agarrou o bebê agasalhado. Ao sentir o peso do vulto, olhou-o, estupefato.

-Não é o nuestro-explicou Bree, muito sorridente-.É Joan, a do Marsali. Jemmy está com mamãe.

-Graças a Deus-disse ele, sustentando-o com mais cuidado-.Pensei que se evaporou ou algo assim.

-De evaporar-se nada-gruñí, enquanto acomodava melhor ao Jemmy em seu cálida manta-. Acredito que engordou um quilograma enquanto subíamos a costa.

Acalorada pelo esforço, apartei um pouco ao bebê de meu corpo. Jamie se fez cargo dele e o colocou sob um braço, como se fora uma bola de futebol, lhe sustentando a cabeça com uma mão.

-me diga, falaste com o sacerdote?-perguntou, olhando ao Roger com ar cético.

-Fui-confirmo este secamente, respondendo tanto ao olhar como à pergunta-.pôde comprovar que não sou o Anticristo. Enquanto esteja

disposto a que o menino receba o batismo católico, não há oposição à bodas. Hei dito que estou disposto.

Jamie grunhiu a maneira de resposta, enquanto eu reprimia um sorriso. Embora ele não tinha prejuízos religiosos, o descobrimento de que seu genro era presbiteriano, sem intenções de converter-se, tinha provocado algum comentário.

Bree me buscou o olhar para me dedicar um sorriso de soslaio.

-foste muito prudente ao não mencionar a religião antes de tiempo-sussurrei, cuidando de que Jamie não pudesse me ouvir.

-Roger queria dizer algo, mas lhe pedi que guardasse silêncio. Sabia que se esperávamos até um momento antes das bodas, papai não armaria uma stramash.

Reparei a um tempo em sua ardilosa avaliação da conduta paterna e seu desenvolvido uso do escocês. Seu parecido com o Jamie ia muito além da aparência externa; tinham o mesmo talento para apreciar às pessoas e a mesma facilidade para a linguagem. Mesmo assim, algo me rondava pela cabeça, um pouco relacionado com o Roger e a religião...

Tínhamo-nos aproximado dos homens o suficiente para ouvir sua conversação.

-...com respeito a Hillsborough-dizia Jamie, inclinando-se para o Roger para fazer-se ouvir pesar do vento-. Queria informação sobre os bagunceiros.

-Ah, sim?-O jovem parecia a um tempo interessado e cauteloso-. Ao Duncan Innes gostará de ouvir isso. Ele esteve no Hillsborough durante os distúrbios, sabia?

-Não.-Jamie pôs muita atenção-. Esta semana logo que vi ao Duncan. Pode que o pergunte depois das bodas...se sair vivo desta.

Essa noite Duncan se casaria com a Yocasta Cameron, a tia do Jamie, e a perspectiva o punha nervoso.

Roger se voltou para falar com a Brianna, protegendo ao Joan do vento com seu corpo.

-Sua tia há dito ao pai Donahue que pode celebrar as bodas em sua loja. Isso será uma ajuda.

-Brrrr!- Bree encurvou os ombros, estremecida-. Graças a Deus. Não é o melhor dia para casar-se sob as árvores.

Roger parecia algo intranquilo.

-Não acredito que seja as bodas que imaginava quando foi pequena-dijo.

Brianna levantou a vista para ele; um sorriso lento e largo se estendeu por sua cara.

-A primeira, tampouco-lhe respondeu-. Mas eu gostei.

Roger abriu a boca para replicar, mas ao surpreender o olhar de advertência do Jamie voltou a fechá-la. Parecia sobressaltado, mas inegavelmente agradado.

-Senhor Fraser!

Um dos soldados ascendia a colina para nós, com os olhos fixos no Jamie.

-Cabo MacNair, a seu serviço, senhor-disse ao chegar, respirando ruidosamente. Saudou com uma seca inclinação de cabeça-. Com os cumpridos do tenente, você teria a bondade de visitá-lo em sua loja?- À lombriga voltou a inclinar-se, esta vez menos abruptamente-. Meus

completo, senhora Fraser.

-A seu serviço, senhor.-Jamie respondeu à reverência do cabo-.Transmita minhas desculpas à tenente, mas tenho obrigações que requerem minha presença em outro sítio.

Falava em tom cortês, mas o cabo o olhou com dureza. Embora jovem, não era novato; uma rápida expressão de entendimento cruzou sua cara. Ninguém queria deixar-se ver entrando sozinho na loja do Hayes, imediatamente depois dessa proclama.

-O tenente me ordenou requerer também a assistência dos senhores Farquard Campbell, Andrew MacNeill, Gerald Forbes, Duncan Innes e Randall Lillywhite, além da sua, senhor.

-Sim?-comentou secamente.

Assim Hayes queria consultar aos homens poderosos da zona. Farquard Campbell e Andrew MacNeill eram grandes latifundiários e magistrados locais; Gerald Forbes, juiz de paz e eminente procurador do Cross Creek; Lillywhite, magistrado do distrito. E Duncan Innes estava a ponto de converter-se em proprietário da plantação maior da metade ocidental da colônia, em virtude de suas iminentes bodas com a tia do Jamie. Meu marido, por sua parte, não era rico funcionário da Coroa, mas possuía uma grande coción de terras em território selvagem, embora a maior parte estivesse ainda parada.

-Ah, então bem. Diga à tenente que o visitarei logo que seja conveniente.

Absolutamente intimidado, MavNair fez uma reverência e se afastou, presumivelmente em busca dos outros cavalheiros de sua lista.

-A que vem isto?- perguntei ao Jamie.-Uy!- levantei a mão para enxugar no queixo de meu neto um hilillo de baba, antes de que chegasse à camisa do Jamie-.De maneira que te está saindo um dente, né?

-Tenho dentes de sobre-me assegurou meu marido-.E você também, por isso vejo. Quanto a que quer Hayes de mim, não sei. E não tenho intenção de averiguá-lo antes do necessário.

Olhou-me arqueando uma sobranceira e eu pus-se a rir.

-Ah, com que isso de “conveniente” tem certa flexibilidade, não?

-Não disse “conveniente para ele” -assinalou Jamie-.Agora bem, com respeito a sua anágua, Sassenach, e por que anda brincando de correr pelo bosque com o traseiro nu... Duncan, a charaid!

A expressão irônica de seu rosto se fundiu em autêntico prazer ao ver o Duncan Innes, que vinha para nós atravessando um bosquecillo de cornejos.

Duncan que já ia vestido para as bodas, passou com dificuldade sobre um tronco cansado devido à falta do braço esquerdo, e saiu ao atalho onde estávamos. Nunca o tinha visto tão elegante, e assim o disse.

-OH, bom-repôs, sobressaltado-.É o que desejava a senhorita Eu.

Logo se encolheu de ombros, para descartar a um tempo o completo e a chuva, enquanto se sacudia a pinaza e os trocitos de casca que lhe tinham aderido à jaqueta ao passar entre os pinheiros.

-Brrr! Um dia espantoso, MAC Dubh, não te engane.-Levantou a vista ao céu movendo a cabeça-.Ditosa a noiva sobre a que brilha o sol; ditoso o cadáver sobre o que cai a chuva.

-Em realidade, não sei até que ponto se pode esperar que um cadáver

seja feliz-comentei-, quaisquer sejam as condições meteorológicas. Mas estou segura de que Yocasta será feliz, a pesar do dia.-Ao ver sua expressão de desconcerto, apressei-me a acrescentar-: E também você, é obvio!

-OH...fui-murmuró, algo inseguro-.Sim, certamente. O agradeço, senhora.

-Quando te vi vir através do bosque, pensei que teria ao cabo MacNair te pisando os talões-observó Jamie-.Não vais visitar o Archie Hayes, verdade?

Duncan pareceu sobressaltar-se.

-Ao Hayes? Não. Para que me quereria o tenente?

-em setembro estive no Hillsborough, não? Ouça, Sassenach, te leve a este pequeno esquilo.

Jamie se interrompeu para me entregar ao Jemmy, que tentava subir pelo torso de seu avô, embora o motivo principal pelo que meu marido se liberava da carga o descobri ao receber ao menino.

-Muitíssimas graças-dije, enrugando o nariz. Jamie me sorriu de brinca a orelha e pôs-se a andar com o Duncan caminho acima. Eu farejei cautelosamente-.Hum...já terminaste? Não, acredito que não.

Jemmy fechou os olhos, ficou muito vermelho e emitiu um ruído lhe estale, como o de uma metralhadora com surdina. Afrouxei seus envoltórios apenas o suficiente para lhe jogar uma olhada.

-Uf!-exclamei, ao retirar a manta. Bem a tempo-. Com o que te alimenta sua mãe?

Encantado ao ver-se livre de suas ataduras, Jemmy agitou as pernas como sinais de multiplicação de moinho, com o uma desagradável substância amarelada emanou pelas pernas das calças abolsadas do fralda.

-Puaj!-exclamei sucintamente.

E carregando ao menino com os braços estirados, afastei-me do atalho para um pequeno regato que serpenteava pela ladeira. Encontrei um bom sítio à borda, com uma grossa capa de folhas quedas. Ali me ajoelhei e, estendendo uma dobra de minha capa, coloquei em cima ao Jemmy, a quatro patas; logo lhe tirei o fralda sujo sem me incomodar em desabotoá-lo.

-Uy!-exclamou ele, surpreso pelo contato do ar frio, e apertou as nádegas gordezuelas.

-Ja!-disse-lhe-.Se te assustar um pouco de ar frio no traseiro, espera e verá.

Com um punhado de folhas molhadas o limpei energicamente. O menino foi bastante estóico; retorceu-se, mas sem chiar. Em troca se queixou quando pincei por suas retiradas. Tendi-o rapidamente de costas e, com uma mão sobre a zona perigosa, apliquei um tratamento similar a suas partes íntimas. Isso provocou um enorme sorriso.

-Ah, de maneira que é todo um escocês das Terras Altas, né?-comentei, lhe devolvendo o sorriso.

-E o que quer dizer com isso?

Ao levantar a vista, descobri ao Jamie apoiado em uma árvore, ao outro lado do regato.

-Ao parecer, é insensível ao frio e a humedade-expliquei, arrojando o último punhado de folhas sujas-.Por outra parte...bom, não tive muito trato com bebês varões, mas isto é bastante precoce?

Jamie sorriu ante a visão que se revelava sob minha mão. O diminuto

apêndice aparecia tão erguido como meu polegar e aproximadamente do mesmo tamanho.

-Ah, no-explicou-.Vi a muitos pequenos em couros. Todos fazem isso de vez em quando.-E se encolheu de ombros, alargando o sorriso-.agora bem, não sei se ocorrer só com os pequenos escoceses.

-Habilidade que melhora com os anos, atrevera-me a decidir-concluí secamente. Arrojé o fralda sujo ao outro lado do regato, onde caiu a seus pés, com um ruído de chapinho-quítale os alfinetes de segurança e enxágua isso, quer?

Enrugou um pouco o nariz, mas se ajoelhou ao momento. Logo levantou cautelosamente com dois dedos aquela coisa repugnante.

-Ah, de maneira que isto era o que tinha feito com suas anáguas-comentó.

Eu tinha aberto o bolso que me pendurava da cintura para tirar um retângulo de tecido limpa, já dobrado. Não era o tipo de fralda que ele sustentava, a não ser uma flanela suave, grossa, muito lavada e tinta de vermelho claro com suco de bagos.

Encolhi-me de ombros. depois de revisa ao Jemmy, se por acaso houvesse novas explosões, coloquei-o em cima do fralda limpo.

-Com três bebês de fraldas e um clima tão úmido, nada se seca. Estamos escassos de trapos limpos.

Ao redor do claro onde tínhamos acampado, os arbustos estavam festoneados de penetrada que ondulava, quase toda ainda molhada graças a essa chuva inoportuna.

-Toma.

Jamie se estirou por cima do regato e me entregou os alfinetes de segurança tirados do fralda sujo. Agarrei-os com cuidado para que não caíssem no arroio. Tinha os dedos rígidos e gelados, mas os alfinetes de segurança eram valiosos; Bree os tinha feito com arame quente, enquanto Roger esculpia em madeira os capuzes do extremo, guiando-se pelos desenhos de minha filha.

Preguei o fralda em volto da virilha do Jemmy e atravessei o tecido com um alfinete, sonriendo ao ver a cabeça de madeira. Bree tinha esculpido em um jogo uma pequena e cômica rã, com um largo sorriso sem dentes.

-Vai, ranita, já está preparado.-Sentei-me com o menino em meu regaço e o envolvi de novo em sua manta-.Aonde foi Duncan? A ver a tenente?

Jamie sacudiu a cabeça, agachado e pendente de sua tarefa.

-Hei-lhe dito que ainda não fora. É certo que estive no Hillsborough durante aqueles distúrbios. É melhor que espere um pouco, desse modo, se Hayes perguntar, ele poderá jurar que nenhum dos homens presente aqui participou do alvoroço. Quando cair a noite não haverá já nenhum.

Observei suas mãos, grandes e hábeis, que escorriam o fralda enxaguado. Normalmente as cicatrizes de sua mão direita eram quase invisíveis, mas nesse momento se destacavam em trincadas linhas brancas contra a pele avermelhada pelo frio. Todo aquilo me inquietava um pouco, embora parecia não ter nenhuma vinculação direta conosco.

Em geral, não experimentava mais que um leve nervosismo quando pensava no governador Tryon; ao fim e ao cabo, ele estava comodamente refugiado em seu novo palácio de New Bern, separado de nosso pequeno

assentamento da Colina do Fraser por quatrocentos e oitenta quilômetros de cidades costeiras, plantações, pinares, montanhas sem caminhos e um páramo lhe uivem. Com tantos motivos como tinha para preocupar-se, como os autotitulados “ reguladores” -que tinham aterrorizado Hillsborough, e aos delegados e juizes corruptos que provocassem esse terror-, dificilmente teria tempo para pensar em nós, ou ao menos isso esperava.

Mas seguia em pé o incômodo feito de que Jamie fora titular de uma grande concessão de terras nas montanhas da Carolina do Norte, como um presente do Tryon...e o governador, a sua vez, tinha no bolso do colete um dado pequeno, mas importante: que Jamie era católico. E as outorgas de terras por conta do Rei só se podiam fazer em benefício de protestantes.

Dado o insignificante número de católicos da colônia, a religião estranha vez era um problema. Não havia Igrejas nem sacerdotes católicos residentes; o pai Donahue fazia a viagem de Baltimore, a pedido da Yocasta. A tia do Jamie e seu defunto alamo, Héctor Cameron, tinham influência na comunidade escocesa local desde fazia tanto tempo que a ninguém lhe teria ocorrido pôr em tecido de julgamento sua religião. Poucos escoceses sabiam que fomos papistas; entretanto, era provável que se inteirassem muito em breve. Essa noite, o sacerdote casaria ao Bree e ao Roger, que viviam juntos desde fazia um ano, assim como a outras dois casais católicos do Bremerton...e também a Yocasta e Duncan Innes.

-Archie Hayes é católico?-disse súbitamente.

Jamie pendurou o fralda úmido de um ramo próximo.

-Não o perguntei-, mas acredito que não. Quer dizer, seu pai não o era. Surpreenderia-me que o fora ele, mais ainda sendo oficial.

-Certo.-Não obstante, não era pelo tenente Hayes e seus homens pelo que eu estava preocupada, mas sim pelo Jamie. Exteriormente lhe via tão sereno e seguro de si mesmo como de costume, mas eu o conhecia muito bem; a noite anterior, enquanto intercambiava piadas e contos com o Hayes, eu tinha notado que os dois dedos rígidos de sua mão direita (mutilados em uma prisão inglesa) contraíam-se contra sua perna. Nesse instante, via a fina ruga que se formava entre suas sobrancelhas quando estava aflito.

-...presbiteriano-estava dizendo. Olhou-me com um sorriso irônico-. Como o pequeno Roger.

de repente caí na quanta d o que era o que me tinha estado importunando na cabeça.

-Sabia- assinalei-. Sabia que Roger não era católico. Viu como batizava a essa criatura do Snaketown, quando...o tiramos aos índios.

Muito tarde vi cruzar uma sombra por sua cara e me mordi a língua. Ao lhes tirar ao Roger, tínhamos deixado em seu sítio ao Ian, o sobrinho a quem Jamie tanto queria. A sombra durou um momento, mas sorriu, apartando a lembrança do Ian.

-Sabia, fui-dijo.

-Mas Bree...

-teria se casado com o moço embora fora hotentote-me interrompeu-. E se houver se ser franco, não poria muitas objeções incluso se Roger fora hotentote-adicionou, para minha surpresa.

-Seriamente?

Jamie cruzou o arroio para a borda onde eu me encontrava, secando-

as mãos com o extremo de sua manta.

-Ê reto e bom. aceitou ao menino como filho dele, sem dizer uma palavra do assunto à moça. É o menos que deve fazer um homem, mas não qualquer o faz.

Involuntariamente, olhei ao Jemmy. Eu mesma tratava de não pensar nisso, mas de vez em quando não podia deixar de analisar suas facções, procurando alguma pista que identificasse a seu verdadeiro pai.

depois de unir-se ao Roger e passar uma só noite com ele, Brianna tinha sido violada pelo Stephen Bonnet dois dias depois. Não havia modo de saber com certeza quem era o pai, e por agora Jemmy não se parecia absolutamente a nenhum dos dois. Nesse momento, mordiscava-se o punho com cara de concentração; com seu suave penugem roxo-dourado, não se parecia com ninguém tanto como ao próprio Jamie.

-Hum...E por que tanta insistência em que o sacerdote o passasse?

-De todas formas, casarão-dijo-se ele, com lógica-.Mas quero que o pequeno receba o batismo católico.-Pôs uma manaza na cabeça do Jemmy, alisando com o polegar as diminutas sobrancelhas ruivas-.Me ocorreu que, eu alvoroçava um pouco pelo Mackenzie, aceitariam com gosto de an gille ruadh aqui, não?

Rendo, cobri com uma dobra da manta os ouvidos do Jemmy.

-E eu, tão convencida de que Brianna tinha descoberto como é!

-E é certo-disse ele muito sorridente.

de repente se inclinou para me beijar. Sua boca era suave e muito cálida. Tinha sabor de pão com manteiga; seu corpo despedia um forte aroma de homem e a folhas frescas, com um leve eflúvio de fraldas.

-Humm, que agradável!-disse com aprovação-.Faz-o de novo.

Ao redor do bosque todo estava em silêncio; não se ouviam pássaros nem bestas, só o sussurro da folhagem e o murmúrio da água sob nossos pés. Movimento constante, som constante...e no centro de tudo, uma paz perfeita. Embora havia muita gente na montanha, nesse lugar, nesse momento, era como estar sozinhos no Júpiter.

Abri os olhos com um suspiro, percebendo um sabor a mel. Jamie, sorrindo, tirou-me uma folha amarela do cabelo. O bebê era um peso quente em meus braços, o centro do universo.

Nenhum dos dois falou, por não perturbar a quietude.

Estirei-me para lhe sacudir do ombro umas quantas sementes de arce. Ele me agarrou a mão e a levou a boca, com uma ferocidade súbita que me sobressaltou. Entretanto, seus lábios eram tenros, quente a ponta de sua língua contra o montículo carnudo na base do polegar; monte de Vênus, chamam-no: a sede do amor.

Quando levantou a cabeça, senti o frio repentino em minha mão, ali onde se via a antiga cicatriz, branca como um osso. Uma letra J atalho na pele. Sua marca sobre mim.

Apoiou a mão contra minha cara e eu a cobri com a minha, como se pudesse sentir, contra minha fria bochecha, descolorida-a C que ele tinha em sua palma. Embora não dissemos nada, o voto parecia, tal como o fizemos em outros tempos, em um lugar sagrado, com os pés em uma parte de rocha viva em meio das areias movediças que eram as ameaças de guerra.

O frio passou; o sangue quente palpitava em minha mão para abrir

aquela antiga cicatriz e verter-se novamente por ele. Chegaria sem que eu pudesse detê-la.

Mas esta vez não o abandonaria.

Saí de entre as árvores seguindo ao Jamie, quem, no trajeto para nosso acampamento, comunicou-me que tinha convidado a outras duas famílias a compartilhar conosco o café da manhã. De novo, eu fazia cálculos mentais para que me chegasse com o que tinha.

-Robin McGillivray e Geordie Chisholm-disse, apartando um ramo para que eu passasse-. Pareceu-me que devíamos lhes dar a bem-vinda; têm intenções de instalar-se na Colina do Fraser.

-Seriamente? Quando? E quantos são?

Eram perguntas importantes. O inverno estava muito perto para que fora possível edificar, nem mesmo a mais tosca das cabanas que lhes servisse de alojamento. Se nesses dias alguém vinha às montanhas, teria que viver conosco na casa grande, ou apinhar-se em uma das cabanas para habitantes que semeavam a Colina. Se era necessário, os escoceses das Terras Altas eram capazes de compartilhar uma só habitação entre dez. Como inglesa, eu não tinha o sentido da hospitalidade tão desenvolvido.

-Os McGillivray, seis; os Chisholm, oito-respondeu Jamie, sorridente-. Mas os McGillivray não chegarão até a primavera. Robin é armeiro e tem trabalho no Cross Creek durante o inverno. Sua família viverá em Salem com uns familiares até que passe o frio; sua esposa é alemã.

-Ah, o que bien-respondi enquanto calculava: assim quatorze mais para tomar o café da manhã...a soma dava vinte e quatro.

-Pedirei a minha tia que me empreste um pouco de café e arroz, de acordo?-Jamie tinha estado interpretando a crescente consternação de minhas facções. Com um sorriso, alargou os braços para receber ao bebê-. Me dê ao pequeno; assim terá as mãos livres para cozinhar.

Segui-o com a vista, aliviada de estar sozinha, sequer por alguns momentos. Embora eu adoro as reuniões sociais, depois de passar uma semana entre visitas, fofocas e consultas médicas diárias e atravessar pequenas mas contínuas crises, precisava estar sozinha, reunir forças e concentrar a mente. Mas nesse instante era incapaz de me centrar na logística do café da manhã, nas bodas, nem sequer na iminente operação cirúrgica que pensava realizar. Olhava mais para diante, mais à frente da viagem de volta; desejava estar em casa.

A Colina do Fraser era um sítio elevado nas montanhas do ocidente, um lugar remoto e isolado. Logo que tínhamos visitantes, fomos poucos, embora a população ia em aumento; mais de trinta famílias tinham ido instalar-se nas terras outorgadas ao Jamie, sob seu patrocínio. Em sua maioria eram homens que ele tinha conhecido durante seu encarceramento no Ardsmuir. Me ocorreu que Chisholm e McGillivray deviam ser também ex-prisioneiros; Jamie tinha estendido um convite permanente a todos esses homens, e a manteria em pé, quaisquer fosse os custos de ajudá-los.

Um corvo passou em silencioso vôo, lento e pesado. Devia ser um presságio especial, pois é estranho que um ave voe com esse clima...Me

golpeei a cabeça com o canto da mão, tratando de afugentar a superstição. Se viver por um tempo com escoceses das Terras Altas, até a última pedra, até a última árvore passam a ter algum significado!

E talvez assim era. Até rodeada de gente nessa montanha, sentia-me quase sozinha, amparada pela chuva e a bruma. Ainda fazia frio, mas não o sentia. O sangue palpitava perto da pele; senti crescer o calor em minha Palmas. A chuva caía a meu redor, silenciosa, me molhando a roupa até fazer que me adira brandamente, como nuvens contra a montanha.

Poderia ter acontecido algum tempo assim enfeitiçada de não ter sido pelo repico de pisadas no atalho.

-Senhora Fraser!

Era Archie Hayes em pessoa. Se lhe surpreendeu lombriga só de pé junto ao atalho, não o demonstrou. Em troca inclinou a cabeça em uma saudação cortesa.

-Tenente.-Eu também me inclinei, sentindo que me ruborizava como se me tivesse surpreso no meio do banho.

-Está por aqui seu marido, senhora?-perguntou-me, com ar indiferente. em que pese a meu sobressalto senti uma pontada de desconfiança. Se a montanha vinha a Mahoma, não se tratava de algo indiferente.

-Suponho que sim. Em realidade, não sei onde estejam, tratando de não olhar colina acima, para o sítio onde aparecia um pico de lona da grande loja da Yocasta.

-Ah, suponho que está muito ocupado-dijo Hayes, sem alterar-se.-Um homem como ele, no último dia da congregação, tem que ter muito que fazer.

-Sim, suponho que...né...sim.

Inquieta, perguntei-me como diabos me liberaria de convidar à tenente a tomar o café da manhã. Nem sequer uma inglesa podia cometer a grosseria de não oferecer comida sem provocar comentários.

-Né...o cabo McNair disse que desejava ver também ao Farquard Campbell-comentei, decidida-.Pode que Jamie tenha ido falar com ele. Com o senhor Campbell, quero dizer.

Como se tratasse de ajudá-lo, indiquei-lhe o acampamento dos Campbell, que estava no extremo oposto do da Yocasta.

-Fui-dijo-.Poderia ser.-atrasou-se um momento antes de levantá-la boina para me saudar-. bom dia, senhora.

E se afastou...para a loja da Yocasta. Segui-o com a vista, perdida toda sensação de paz.

-Mierda!-disse pelo baixo.

E me pus em marcha para me ocupar do café da manhã.

Os pães e os peixes

Tínhamos escolhido um sítio afastado do atalho principal, com boa vista ao ribazo do arroio. Olhando para baixo, vi como Archie Hayes insistia a seus homens a mesclar-se com a gente da congregação, e a maioria deles obedecia de muito bom grau.

Não saberia dizer se ditava esta política como uma mutreta, por penúria ou por simples humanidade. Muitos de seus soldados eram jovens que se encontravam separados de suas famílias; para eles era uma alegria voltar a ouvir vozes escocesas, ser bem recebidos junto ao fogo do lar e com o oferecimento de brose e parritch.

Nem Roger nem Brianna estavam à vista, mas me alarmou ver o Abel MacLennan sentado ao outro lado do claro, mordiscando uma parte de pão torrado no extremo de um pau. Jamie tinha retornado com as provisões que tinha pedido emprestadas e as estava desembulhando no chão, junto ao fogo. À lombriga me dedicou um sorriso.

-Por fim chega, Sassenach!-disse, levantando-se-. por que demoraste tanto?

-OH!, é que no atalho me encontrei com n conhecido-dije. Jamie juntou as sobancelhas, intrigado.

-O tenente te está procurando-siseé, me inclinando para ele.

-Mas se isso já sei, Sassenach-replicou ele, com voz normal-.ele, com voz normal-.E me achará bastante logo.

-Sim, mas...

Pigarreei e olhei com intenção, alternativamente, ao Abel MacLennan e ao jovem soldado. Jamie, com seu conceito da hospitalidade, não toleraria que arrancassem a suas hóspedes de seu teto, e eu supunha que o mesmo princípio se aplicava também à fogueira de seu acampamento. Ao jovem soldado podia lhe resultar incômodo prender o MacLennan, mas seguro que o tenente não vacilaria.

Jamie pôs cara de diversão e me levou para o jovem.

-Querida-dijo formalmente-, me permita te apresentar ao recruta Andrew Ogilvie, que provém da aldeia do Kilburnie. Recruta Ogilvie, minha esposa.

-A seu serviço, senhora!-O jovem me fez uma reverência, avermelhado, e Jamie me apertou levemente o braço.

-O recruta Ogilvie me estava dizendo que o regimento se dirige para o Portsmouth, na Virginia...onde se embarcará rumo a Escócia. Alegrará-se de voltar para a pátria, verdade, moço?

-OH, sim, senhor!-assegurou o soldado-.O regimento se dispersará no Aberdeen. E logo irei a casa, a toda a velocidade que me permitam as pernas.

-Com que o regimento vai dispersar se?-perguntou Fergus, aproximando-se para participar da conversação, com o Germain nos braços.

-Sim, senhor. Agora que os franchutes...né...com perdão, senhor...estão apaziguados e os Índia salvo, não temos nada que fazer aqui. E a Coroa não

nos paga por ficar cruzados de braços-respondió o jovem, melancólico-. Bem cuidadoso, a paz pode ser algo bom e não deixa de me alegrar. Mas não se pode negar que é difícil para o militar.

-Quase tão difícil como a guerra, não?-replicou Jamie, seco.

O moço avermelhou intensamente; jovem como era, não podia ter visto muito em matéria de combate. A guerra dos Sete Anos tinha terminado quase dez anos atrás, quando o recruta Ogilvie, com toda probabilidade, ainda brincava de correr descalço pelo Kilburnie. Sem emprestar atenção ao abafado da moço, Jamie se voltou para mim.

-Há-me dito que o sessenta e sete é o único regimento que fica nas colônias.

-O último regimento escocês? Perguntei.

-Não, senhora: o último das tropas regulares da Coroa. Suponho que há guarnições aqui e lá, mas todos os regimentos permanentes foram convocados a Inglaterra ou a Escócia. Somos os últimos... e além disso vamos com atraso. Devíamos nos haver embarcado no Charleston, mas ali as coisas ficaram feias, de modo que vamos de caminho ao Portsmouth o mais rápido que podemos. O ano já está avançado, mas o tenente soube que um navio que poderia arriscar-se a fazer a travessia para nos levar. Se não...se não, passaremos o inverno no Portsmouth, suponho, arrumando-nos isso como podemos.

-Assim a Inglaterra pensa nos deixar desprotegido?-Marsali parecia escandalizada pela idéia.

-OH!, não acredito que haja nenhum perigo sério, senhora-a tranqüilizou o recruta-. chegamos a uma cordato definitivo com os franchutes. E se eles não armam revão, os índios não poderão fazer grande coisa. Faz tempo que tudo está tranqüilo; sem dúvida, as coisas seguirão assim.

Fiz um pequeno ruído no fundo da garganta; Jamie me apertou levemente o cotovelo.

-E não pensou você ficar, possivelmente?-Lizzie, que estava mandando e ralando batatas, deixou a terrina junta ao fogo e começou a engordurar a frigideira-. Ficar nas colônias, quero dizer. Ainda fica muita terra para poente.

-Ah!...-O recruta Ogilvie olhou à moça e voltou a ruborizar-se-. Bom, reconheço que ouvi perspectivas piores, senhorita. Mas me temo que devo ir com meu regimento.

Lizzie agarrou dois ovos e os rompeu limpamente contra o flanco da terrina. Sua cara, geralmente pálida como o soro, tinha um leve reflexo rosado do intenso rubor do recruta.

-OH!, bom, é uma pena que deva ir-se tão logo- comentou. Suas loiras e largas pestanas roçavam suas bochechas-. De qualquer modo, não o deixaremos ir com o estômago vazio.

Ogilvie avermelhou ainda mais.

-É...você muito amável, senhorita. Muito amável.

Lizzie levantou timidamente a vista e sua vermelhidão se acentuou. Jamie se desculpou com uma suave tosse e se afastou da fogueira, me levando consigo.

-Jesus!-disse pelo baixo-.E não faz nem um dia que se feito mulher!
Estiveste-lhe dando lições, Sassenach, ou todas as mulheres nascem assim?

-Suponho que é um talento natural-disse, circunspeta.

Em realidade, o inesperado advento da primeira menstruação do Lizzie depois do jantar da noite anterior tinha sido a gota que enchesse o copo em relação aos panos limpos.

-Hum...Suponho que devo começar para lhe buscar marido-comentou Jamie, resignado.

-Marido!Mas se logo que tem quinze anos!

-Ah, sim?-Jogou uma olhada ao Marsali, que esfregava o cabelo escuro do Fergus com uma toalha, e os desviou para o Lizzie e o soldado; logo me olhou com uma sobrancelha cinicamente arqueada.

-Pois fui-repliquei, um pouco irritada-. É certo que Marsali só tinha quinze anos quando se casou com o Fergus, mas isso não significa...

Jamie prosseguiu, descartando momentaneamente ao Lizzie:

-O fato é que o regimento parte amanhã para o Portsmouth; assim não tem tempo nem vontade de atender esse assunto do Hillsborough. Isso incumbe ao Tryon.

-Mas o que Hayes disse...

-OH!, não duvido que, se alguém lhe disser algo, lhe enviará as declarações a New Bern. Mas não acredito que lhe interesse muito se os reguladores incendiaram o palácio do governador, enquanto não lhe impeça de embarcar-se a tempo.

Suspirei, tranqüilizada. Se Jamie estava no certo, quão último faria Hayes seria tomar prisioneiros, quaisquer fossem as evidências que tivesse. MacLennan estava a salvo.

-Mas, nesse caso, para que lhes quer Hayes, a ti e aos outros? Está-te procurando, sim, e pessoalmente.

-Não sei-disse, movendo a cabeça,pero- não tem nada que ver com este assunto do Tryon. Se assim fora, me poderia haver isso dito ontem à noite. Mais ainda: se se interessasse pelo assunto, não teria deixado de me dizer isso Não, Sassenach, pode acreditá-lo: para o pequeno Archie Hayes, os bagunceiros não são mais que um dever que cumprir. Quanto a por que me busca...-Estirou um braço por cima de meu ombro para passar um dedo pelo bordo do pote de mel-.Não quero pensar nisso antes do necessário. Ficam três toneladas de uísque; antes de que caia a noite tenho que havê-los convertido em um arado, uma folha de foice, três cabeças de tocha, cinco quilogramas de açúcar, um cavalo e um astrolábio. É um jogo de magia que requer certa atenção, não crie?

depois de me passar docemente o dedo pringoso pelos lábios, beijou-me.

-Um astrolábio?-disse, saboreando o mel. Devolvi-lhe o beijo-.Para que?

-E logo quero voltar a casa-susurró ele, sem emprestar atenção a minha pergunta. Tinha a frente apertada contra a meus e seus olhos estavam muito azuis-. Quero me deitar contigo... em meu leito. E vou passar o resto do dia pensando no que te farei uma vez que te tenha ali. Assim que o pequeno Archie pode ir-se jogar aos gudes com seus ovos, de acordo?

-Excelente ideia-susurrei-.Quer dizer-lhe pessoalmente?

Tinha visto um brilho do tartán verde e negro ao outro lado do claro,

mas quando Jamie se girou, vi que nosso visitante não era Hayes, a não ser John Quincy Myers, que levava uma manta escocesa envolta na cintura.

Isto acrescentava um novo toque de cor à vestimenta me Myers, de por si chamativa.

-Amigo James!- Ao ver o Jamie se adiantou depressa, com um amplo sorriso e a mão estendida, fazendo soar as campainhas que tinha enroscadas às meias-.Supus que te encontraria tomando o café da manhã!

Meu marido piscou um pouco ante esta aparição, mas respondeu com cortesia ao apertão de mãos do gigante.

-Sim, John. Quer nos acompanhar?

-Né...fui-me somei, olhando clandestinamente a cesta da comida-.Fique, por favor.

John Quincy me fez uma cerimoniosa reverência, tirando o chapéu.

-A seu serviço, senhora, e muito agradecido. Mas talvez mais tarde. Agora vim para me levar a senhor Fraser. Necessita-o com urgência.

-Quem?-perguntou Jamie, cauteloso.

-Robbie McGillivray, diz chamar-se. Conhece esse homem?

-Sim, claro que sim.-Fora o que fosse o que Jamie sabia desse tal McGillivray, fez que procurasse no pequeno arca onde guardava suas pistolas-.O que acontece?

-Bom...Foi sua esposa quem me pediu que viesse a por ti. E como ela não fala o que se diz um bom inglês, pode que tenha confundido um pouco o relato. Mas, conforme acredito, certo caçador de recompensas capturou a seu filho, dizendo que o moço era um dos rufiões que alvoroçaram no Hillsborough, com intenções de levá-lo ao cárcere de New Bern. Só que Robbie diz que ninguém vai levar se a um filho dele e...Bom, a partir daí a pobre mulher se confundiu e já não pude lhe entender uma palavra. Mas acredito que Robbie estaria muito agradecido se pudesse ir ajudar lhe.

Jamie ficou a jaqueta verde do Roger, que estava pendurada de um arbusto à espera de que lhe limpassem as manchas de sangue, e se sujeitou a pistola recém carregada sob o cinturão.

-Aonde?-perguntou.

Myers fez um breve gesto com a mão e entrou entre os acebos, com o Jamie lhe pisando os talões. Fergus, que tinha estado escutando o diálogo com o Germain em braços, deixou ao menino junto aos pés do Marsali.

-Devo ir ajudar ao Grand-père-disse. Logo agarrou um pau entre a lenha e o pôs em mãos de seu filho-. Você fique; protege a mamam e à pequena Joan da gente má.

-Oui, batata.-Germain agarrou o pau com firmeza, dispondo-se a defender o acampamento.

Marsali, MacLennan, Lizzie e o recruta Ogilvie tinham estado contemplando a cena com expressão vácuca. Quando Fergus entrou decididamente nos arbustos detrás agarrar outro lenho, o soldado voltou para a vida.

-Né...-disse-.Possivelmente deveria ir a por meu sargento, não lhe parece, senhora? Se houver algum distúrbio...

-Não, não-repus em seguida. Quão último precisávamos era que Archie Hayes e seu regimento se apresentassem em massa-. Estou segura de que tudo sairá bem. Sem dúvida é só um mal-entendido. O senhor Fraser

resolverá pessoalmente. Não tema.

Enquanto falava, ia bordeando sigilosamente a fogueira para me aproximar do lugar onde tinha deixado meus úteis médicos, protegidos da garoa sob uma lona. Colocando a mão por debaixo do bordo, agarrei minha pequena equipe de emergência.

-Lizzie, por que não oferece ao recruta Ogilvie um pouco de compota de morangos para sua torrada? E certamente o senhor McLennan gostará de pôr um pouco de mel em seu café. Desculpa-me, verdade, senhor MacLennan? Devo ir a...né...

Com um sorriso tolo, escorri-me entre as folhas de acebo. Detive-me para me orientar e o vento chuvoso me trouxe um leve retintín de campainhas. Girando para o som, pus-se a correr.

O caminho era difícil. Quando os alcancei, perto do campo de competição, estava sem fôlego. Aquilo logo que estava começando; chegou-me o zumbido das conversações entre a multidão de homens que se reuniam, mas ainda não havia gritos de fôlego nem uivos de desencanto.

Não pude apreciar o espetáculo, pois Jonh Quincy se abria passo entre os carriolas, saudando com a mão aos conhecidos enquanto passávamos. No lado oposto da multidão, um homem miúdo se separou-se a massa para sair precipitadamente a nosso encontro.

-MAC Dubh, vieste! Obrigado por te incomodar.

-Não é moléstia, Robbie-lhe assegurou Jamie-.O que é os que acontece?

MacGillivray jogou uma olhada aos participantes e a seus partidários; logo, assinalou com a cabeça as árvores próximas. Seguimo-lo, sem chamar a atenção da multidão que se reunia em volta de duas grandes pedras envoltas em cordas; supus que alguns dos fortachones foram levantar as maneira de proeza.

-Ê por seu filho, Rob?-perguntou Jamie.

-Fui-respondió o hambrecito-.Quer dizer, já não.

-O que aconteceu?-perguntei-.Está ferido?

-Ele não-foi a críptica resposta.

Atrás havia um pequeno espaço aberto-tão pequeno que não chegava a ser um claro,erizado- em pastos secos e pinheiros tenros. Enquanto Fergus e eu nos agachávamos para passar sob uma trepadeira, uma mulher corpulenta veio para nós; seus ombros se avultaram ao levantar o ramo de árvore que aferrava, mas ao ver o MacGillivray se relaxou um pouco.

-Wer ist dá?-perguntou, nos olhando com suspicacia.

Nesse momento John Quincy passou por debaixo da trepadeira. Ela baixou seu pau; suas facções, sólidas e agradáveis, acalmaram-se ainda mais.

-Ja, Myers! Traz-me para dêem Jamie, oder?

-Sim, meu amor. Este é Jamie Roy. Sheumais MAC Dubh.-MacGillivray se apressou a atribui-la aparição do Jamie, lhe apoiando respetuosamente uma mão na manga-. Ute, minha esposa, MAC Dubh. E seu hijo-acrescentou, assinalando ao Fergus com um vago gesto.

Ute MacGillivray parecia uma valquiria a dieta de farinhas: alta, muito

loira e muito forte.

-A seu serviço, senhora-saudou Jamie, inclinando-se.

-Madame...-acrescentou Fergus, com uma reverência cortês.

A senhora MacGillivray lhes respondeu com uma profunda inclinação, sem apartar a vista das visíveis manchas de sangue que sulcavam a jaqueta do Jamie...melhor dizendo do Roger.

-Mein Herr-murmurou, com ar impressionado.

Logo se voltou para chamar por gestos a um jovem de dezessete ou dezoito anos, que tinha estado espreitando algo mais atrás. Era miúdo, fibroso e moreno, tão parecido a seu pai que dificilmente se teria podido duvidar de sua identidade.

-Manfred-anunciou sua mãe, orgulhosa-.Mein moço.

Jamie inclinou a cabeça em uma grave saudação.

-Encantado senhor MacGillivray.

-Né...a seu serviço, senhor.-O jovencito parecia duvidar, mas alargou a mão.

-É um prazer conhecê-lo, senhor-lhe assegurou meu marido, estreitando-lhe

Uma vez cumpridas as formalidades, percorreu brevemente com a vista aquele lugar tranqüilo, com uma sobancelha arqueada.

-Informaram-me que um caçador de recompensas o estava incomodando.Devo entender que o assunto está resolvido?-perguntou a pai e filho, que intercambiaram olhadas. Por fim Robin tossiu como pedindo desculpas.

-Bom, MAC Dubh, não se pode dizer que esteja resolvido. Em realidade...-Deixou a frase sem terminar, com uma expressão afligida em seus olhos. Sua mulher lhe cravou um olhar severo; logo se voltou para o Jamie.

-Ist kein moléstia-lhe disse-.Ich haf dêem pequeno assunto preparado. Mas queremos saber como esconder dêem korpus.

-O... corpo?-repeti, bastante sufocada.

Até o Jamie parecia um pouco perturbado.

-Mataste-o, Rob?

-Eu?-MacGillivray se mostrou espantado-. MAC Dubh, por quem toma?

Ao Jamie não parecia descabelada a possibilidade de que MacGillivray cometesse um ato violento, e o homenzinho se envergonhou.

-Bom, suponho que poderia haver..., que em efeito... Mas esse assunto do Ardsmuir, MAC Dubh, ocorreu faz muito tempo e é água passada! Verdade?

-Verdade-disse Jamie-. Mas o que me diz desse caçador de recompensas? Onde está?

Uma risita sufocada detrás de mim fez que me desse a volta e descobrisse que o resto da família MacGillivray, silenciosa até então, estava ali. tratava-se de três jovencitas, sentadas em fileira em cima de um tronco cansado. Foram imaculadamente embelezadas com pulcros aventais e toucas brancas.

-Meine meninas-anunció a senhora; as três moças pareciam versões reduzidas dela mesma-. Hilda, Inga und Senga.

Fergus se inclinou elegantemente ante as três.

-Enchanté, mës demoiselles.

As meninas, entre risitas agudas, inclinaram a cabeça a modo de resposta, mas sem levantar-se, o qual me pareceu estranho. Então notei que algo estranho acontecia sob as saias da maior; era uma espécie de vulto que se agitava acompanhado por um grunhido afogado. Hilda cravou energicamente seu talão no que fora, sem deixar de me sorrir alegremente.

Ouviu-se outro grunhido, esta vez muito mais audível, proveniente de debaixo de suas saias. Jamie deu um coice e se voltou para ela. Sempre com seu alegre sorriso. Hilda se inclinou para recolher delicadamente o bordo de sua saia, sob a qual se viu uma cara frenética, dividida em duas por uma tira de pano escuro atada ao redor da boca.

-É ele-disse Robbie, que parecia compartilhar o talento de sua esposa para expor o óbvio.

-Já vejo.-Jamie contraiu os dedos contra sua manta.-Né...poderíamos deixá-lo sair, não?

Robbie fez um gesto às meninas, que se levantaram deixando ao descoberto a um hombrecito, tendido contra o tronco, maço de pés e mãos com algo que parecia meias de mulher, e amordaçado com um lenço. Estava molhado, talher de barro e um pouco machucado...

Myers se inclinou para lhe agarrar pelo pescoço e levantá-lo.

-Bom, não parece grande costure-dijo criticamente-.Diria-se que a caça de ladrões não está tão bem paga como a gente crie.

Em realidade, o homem r bastante mirrado e estava esfarrapado, além de desalinhado, furioso...e assustado. Ute lançou um bufido de desprezo.

-Saukerl!-exclamou, cuspidando às botas do prisioneiro. Logo se voltou para o Jamie, cheia de encanto-. Bem, mein Herr. Como acredita que deveríamos matá-lo?

O caçador de recompensas abriu muito os olhos, retorcendo-se entre as mãos do Myers e emitindo gemidos frenéticos através da mordaca. Jamie o observou esfregando-a boca com um nódulo. Logo, dirigiu-se ao Robbie, que se encolheu levemente de ombros, olhando de soslaio a sua esposa, como se pedisse desculpas.

-Hum!-Meu marido pigarreou-.Possivelmente já tinha você alguma idéia, senhora?

Ute, radiante, extraiu um comprido adaga de seu cinturão.

-Pensava que se poderia cortar a pedaços, wie ein Schwein, ja? Mas olhe.-Cravou cuidadosamente ao prisioneiro entre as costelas. O homem chiou através da mordaca, enquanto que na camisa esfarrapada florescia uma pequena mancha de sangue-.Muita Blut- explicou ela, com uma careta de desencanto.

Assinalou com um gesto da mão para as árvores. Mais à frente, o espetáculo de levantamento de pedras parecia estar em plena marcha.

-Die Leute pode cheirar.

-Podeoler?- Desviei a vista para o Jamie, pensando que se tratava de alguma desconhecida expressão alemã. Ele pigarreou, esfregando-a nariz-.Ah!, pode oler-exclamei-.Sim, suponho que sim.

-Se não desejarem chamar a atenção, tampouco conviria matar o de um disparo-considero Jamie, pensativo.

-Eu voto porque lhe partamos a crisma-disse Robbie MacGillivray-.Isso

é bastante fácil.

-Parece-te?-Fergus entreabriu os olhos, concentrando-se-.Eu acredito que é melhor matá-lo a faca. Se o crava no lugar correto, não sai tanta sangra. No rim, justo debaixo das costelas, por atrás, né?

A julgar pelos insistentes sons que provinham da mordança, o cativo parecia rechaçar as sugestões. Jamie se esfregou o queixo, dubio.

-Bom, não é tão difícil-reconheceu-.Também poderíamos estrangulá-lo. Claro que moveria os intestinos. E se queremos evitar o aroma, até lhe esmagando o crânio...Mas me diga, Robbie, como chegou este homem até aqui?

-Né?-MacGillivray parecia não compreender.

-Seu acampamento não está perto?-Meu marido assinalou com um breve gesto o diminuto claro, para explicar-se. Não havia rastros de fogueira; em realidade, ninguém tinha acampado nesse lado do arroio. Entretanto, todos os MacGillivray estavam ali.

-OH, não! Não, nosso acampamento está mais acima. Só viemos para fazer uma pequena prova com os pesos-explicó Robbie, apontando para o campo de competição-.E este condenado abutre viu nosso Freddie e se apoderou dele.

Dirigiu um olhar de rancor ao prisioneiro. Então vi que de seu cinturão pendia uma corda, e a pouca distância, no chão, havia um par de esposas de ferro.

-Vimo-lo capturar a nosso irmano-intervino Hilda-.Então, nós o empurramos até aqui, onde ninguém pudesse vê-lo. Como disse que pensava entregar-lhe ao delegado, minhas irmãs e eu o derrubamos e nos sentamos sobre ele. Mamãe lhe deu uns quantos chutes.

-São gut Mädchen, fortes, meine meninas.- Ute deu a sua filha uns tapinhas afetuosos no robusto ombro-. Viemos hier die Wetkämpfer, talvez escolher marido para a Inga ou Senga. Hilda tem einen Mann já prometido-.acrescentou, satisfeita.

Observou ao Jamie sem nenhuma dissimulação, demorando o olhar aprobatoria em sua estatura, a amplitude de seus ombros e seu bom aspecto geral. Logo me disse:

-Bom Mann, grande, o teu. Tem filhos farones?

-Não, sinto-o-me desculpei-.Né...Fergus está casado com a filha e meu algemo-añadí, vendo que seu olhar avaliador passava a ele.

O caçador de recompensas voltou a concentrar a atenção sobre si, com um chiado de indignação através da mordança.

-Ah, sim!-exclamou Jamie-.por que não permitimos que o cavalheiro diga o que tenha que dizer?

Robbie assentiu a contra gosto; a estas alturas as competições estavam muitos avançadas e ninguém escutaria um grito isolado.

-Não permita que me matem, senhor!-Assim que lhe tiraram a mordança, o homem apelou ao Jamie-.Só cumpro com meu dever ao pôr aos delinqüentes em mãos da justiça.

-Ja!-exclamaram imediatamente todos os MacGillivray, e Inga e Senga estalaram em palavrões e chutes dirigidos às pantorrilhas do cavalheiro.

-Basta!-gritou Jamie. Como não obtivera resultados, agarrou ao jovem MacGillivray pelo pescoço, bramando a todo pulmão-:Ruhe!

Isto provocou um surpreso silêncio e uma série de olhares culpados em direção ao campo onde se celebravam as competições.

-Bem-disse meu marido com firmeza-.Myers, traz para o cavaleiro, quer? Rob, Fergus, me acompanhem. Bitte, Madame.

Ela o olhou piscando, mas logo fez um lento gesto de aquiescência. Jamie, sujeitando ao Manfred pelo pescoço, levou-se a contingente masculino para o arroio, me deixando a cargo das damas.

-Seu Mann salvará a meu filho?- perguntou-me Ute, preocupada.

-Tentará-o.-Joguei uma olhada às meninas, que se tinham apinhado detrás da mãe-.Sabem se seu irmão esteve realmente no Hillborough?

-Bom, ja esteve, nesse momento- disse Inga, algo desafiante-.Mas não alvoroçando. Só foi fazer remendar uma peça do arnês e se encontrou envolto na multidão.

Ao surpreender um rápido olhar entre a Hilda e Senga, deduzi que essa não devia ser toda a verdade. Graças a Deus, não me correspondia julgar.

A senhora MacGillivray mantinha a vista fixa no grupo dos homens que conversavam a certa distância. Tinham desatado ao caçador de recompensas, com exceção das mãos; de pé, com as costas apoiada contra uma árvore, mostrava os incisivos como um rato encurralado. Jamie e Myers estavam ante ele enquanto Fergus, em um lado, olhava-os com atenção. Rob MacGillivray despontava uma ramita de pinheiro com uma faca, olhando de vez em quando ao prisioneiro com ar de concentração.

-Não duvido que Jamie poderá...né...fazer algo-disse.

-Gut.-Ute MacGillivray assentiu, sem deixar de observá-los-.Se eu não matá-lo, melhor. Mas se dever, eu fazê-lo.

Acreditava-lhe.

-Compreendo-dije com cautela-.Mas...Desculpe-me você, mas até se esse homem se levou a seu filho, não podia apresentar-se ante o delegado e explicar...?

Mais olhadas entre as meninas. Esta vez foi Hilda quem falou.

-Nein, senhora. Verá...as coisas não teriam estado tão mal se o caçador de recompensas tivesse ido a nosso acampamento. Mas aqui embaixo...- Assinalou com a cabeça o campo de competição.

Ao parecer, a dificuldade radicava no prometido da Hilda, certo Davey Morrison, do Hunter's Point. O senhor Morrison era um próspero grangeiro e um homem de grande valia, além de atleta hábil na arte de arremessar pedras. Sua família era gente muito reta: se Manfred tivesse sido apressado por um caçador de recompensas diante da congregação o escândalo teria desembocado na ruptura do compromisso da Hilda, perspectiva que perturbava ao Ute muito mais que a idéia de degolar ao prisioneiro.

-Mau, também, que eu o mata e alguém fê-disse francamente, assinalando a tênue cortina de folhagem que nos ocultava ao campo onde se competia-. Die Morrison não contentes.

-Suponho que não.-Perguntei-me se Davey teria idéia de onde ia meter se-.Mas você...

-Quero casar bem a meine meninas-replicó ela com firmeza-.Procuo gut homens für Sie, homens bonitos, grandes, mit terra e dinheiro.-Rodeou com um braço os ombros da Senga-.Nicht wahr, Liebchen?

-Ja, mama-murmuró a jovencita, apoiando a touca no seio de sua mãe.

No bando masculino estava acontecendo algo. Tinham desatado as mãos ao caçador de recompensas, que se esfregava as bonecas e escutava ao Jamie com expressão precavida. Jogou-nos uma olhada; logo, ao Robin MacGillivray, quem lhe disse algo e assentiu enfaticamente. O homem moveu a mandíbula como se ruminasse alguma idéia.

-Assim que esta manhã baixaram todos para ver as competições e procurar bons candidatos para maridos de suas filhas. Sim, já compreendo.

Jamie afundou a mão em seu sporran e extraiu algo que aproximou do nariz do prisioneiro, como convidando-o a farejar. A essa distância não se via o que era, mas o homem mostrou asco e alarme.

-Ja, somente para olhar.-A senhora MacGillivray, que não os estava observando, soltou a Senga depois de lhe dar uns tapinhas-. Agora fomos a Salem, onde ist meine Família. Talvez ali encontramos um bom Mann, também.

Myers se aproximou de nós através do bosquecillo.

-Não há por que preocupar-se, señora-assegurou ao Ute-.Eu sabia que Jamie Roy se encarregaria de tudo. E assim foi. Seu moço está a salvo.

-Ja?-disse ela, olhando com ar dubio para os arvorezinhas.

Mas era verdade. Todos os homens tinham assumido uma atitude relaxada. Jamie estava lhe devolvendo as algemas ao caçador de recompensas. Vi que as entregava com brusco desagrado; no Ardsmuir lhe tinham posto grilos.

-Gott sei dank-disse Ute, com um suspiro explosivo.

Jamie e Rob MacGillivray conversavam, enquanto Fergus, levemente carrancudo, seguia com a vista a retirada do caçador de recompensas, que se afastava já para o arroio.

-O que foi exatamente o que Jamie lhe disse?-perguntei ao Myers.

-OH, bom...-O gigante me dirigiu um largo sorriso-.Jamie Roy, muito sério, disse-lhe ao homem...(que, dito seja de passagem, chama-se Harley Boble) que tinha tido muita sorte de que todos chegássemos a tempo. Deu-lhe a entender que, de outro modo, a dama aqui pressente-hizo uma reverência ao Ute-o teria levado a casa em sua carreta para trocearlo como um porco onde ninguém a visse. Então Jamie Roy lhe aproximou para lhe fazer uma confidência, e disse que ele teria podido pensar o mesmo...de não ser pela reputação do Frau MacGillivray, famosa por suas salsichas, e porque tinha tido o privilégio das provar no café da manhã da manhã. Foi então quando Boble começou a perder a cor. E quando Jamie Roy extraiu uma parte de embutido para lhe mostrar...

-OH, Santo Céu!-disse, recordando vividamente como cheirava essa salsicha. No dia anterior a comprei a um vendedor na montanha, para logo descobrir que estava mal curada; quando a cortei, despediu um horrível aroma de sangue podre. Jamie tinha guardado os restos em seu sporran, com intenção de que lhe devolvesse o dinheiro ou de fazer os tragar ao vendedor-. Agora o entendo.

Myers fez um gesto afirmativo e se voltou para o Ute.

-E seu marido, senhora...Este bendito Rob MacGillivray é um mentiroso nato.

-Papai não é capaz de matar uma mosca-me disse Inga, pelo baixo e

renda-se-.Não pode retorcer o cangote a um frango.

Myers elevou os ombros em um gesto de bom humor, enquanto Jamie e Rob se aproximavam pela erva úmida.

-De modo que Jamie deu ao Boble sua palavra de cavalheiro de que o protegeria de você. E Boble deu sua palavra de...Bom, disse que não se aproximaria do jovem Manfred.

-Hum-murmurou Ute, ofendida porque se criticasse a reputação de suas salsichas-. Eu, fazer uma porcaria como essa!-disse, enrugando o nariz para a fedorento parte de carne que Jamie submetia a sua inspeção-. Pfaugh! Ratzfleisch!

Desprezando o embutido, dirigiu-se a seu marido murmurando em alemão. Logo aspirou fundo e reuniu a seus filhos, insistindo-os a agradecer devidamente a ajuda do Jamie. Lhe fez uma reverência, ruborizado pelo coró de gratidão.

-Gern geschehen-disse-. Euer ergebener Diener, Frau Ute.

Ela o olhou, radiante, enquanto meu marido se despedia do Rob.

-Que Mann bonito e grande-murmurou enquanto o observava de cima abaixo.

Imediatamente notou que eu estava comparando ao Jamie com o Rob; o armeiro era bastante bonito, de facções cinzeladas e cabelo negro encaracolado, muito curto, mas tinha os ossos de um pardal e chegava aproximadamente ao ombro de sua fornida esposa. Não pude deixar de me perguntar como, dada sua evidente admiração pelos homens corpulentos...

-OH!, bom...-Ela se encolheu de ombros como pedindo desculpas-.O amor, já sabe você.

Dizia-o como se o amor fora um estado lamentável, mas impossível de evitar. Joguei um olhar ao Jamie, que estava envolvendo cuidadosamente seu embutido para guardá-lo no sporran.

-Vá se sei-disse.

Quando retornamos a nosso acampamento, os Chisholm se estavam despedindo. Por sorte Jamie havia trazido abundante comida do acampamento da Yocasta, assim pude me sentar ante um grato café da manhã de pastéis redondos de batata, bannocks com manteiga, presunto frito e café, me perguntando que mais podia acontecer esse dia.

Mais tarde, com a terceira taça de café na mão, apartei a lona que cobria meus utensílios de medicina. Era hora de inspecionar o conteúdo e preparar todos os remédios que deviam estar recém feitos.

Esgotadas as ervas mais comuns que tinha levado comigo, tinha aumentado minha provisão graças aos bons ofícios do Myers, quem me trouxe várias coisas estranhas e úteis das aldeias índias do norte, e a meus judiciosos intercâmbios com o Murray MacLeod, jovem e ambicioso farmacêutico que se entrou no continente para estabelecer sua loja no Cross Creek.

O jovem Murray albergava todas aquelas horríveis ideia que passavam por conhecimentos médicos nessa época...e afirmava sem nenhum acanhamento a superioridade de métodos científicos tais como a sangria e as

ventosas, por cima da antiquada tendência a curar com ervas que preferiam as velhas ignorantes como eu. Mesmo assim, sua condição de escocês o dotava de uma forte veia pragmática. depois de jogar uma olhada à poderosa estrutura do Jamie, tragou-se as opiniões mais insultantes. Eu tinha cem gramas de absinto e um frasco de gengibre silvestre que ele desejava. Além disso, tinha observado que a maioria dos montanhese iam para mim e não a ele quando afetava alguma dolencia,y... também que meus padres os faziam melhorar. Se eu tinha secretos, ele queria conhecê-los. E eu, com muito prazer, deixaria que os conhecesse.

Por sorte, ainda ficava muita casca de salgueiro. Vacilei ante a pequena fileira de frascos que continha o cofre. Havia ali vários emenagogos fortes: caulófilo, fungo e poleo-memora, mas escolhi os mais suaves: tanaceto e arruda. Pus um punhado na terrina e o deixei encharcar em água fervendo. além de acalmar as moléstias da menstruação, o tanaceto tinha fama de acalmar os nervos...e resultava difícil imaginar uma pessoa mais nervosa que Lizzie Wemyss.

Joguei uma olhada à fogueira, onde Lizzie lubrificava com geléia de morangos a torrada do recruta Ogilvie, que parecia repartir sua atenção entre a moça, Jamie e o pão, dedicando a maior proporção a sua torrada.

A arruda era também um bom antiparasitario. Eu não estava segura de que Lizzie tivesse lombrigas, mas era lago comum entre a gente da montanha. Não lhe viria mal uma dose.

Observei ao Abel MacLennan, me perguntando se conviria lhe jogar um pouco da beberagem no café; em que pese a sua corpulência, tinha o aspecto gasto e anêmico de quem alberga parasitas intestinais.

A pequena Joan voltava a chorar de fome. Marsali fez um gesto de dor quando o bebê ficou a mamar, mas se relaxou quando o leite começou a fluir. Mamilos gretados. Havia trazido unguento de lã de ovelha? Pois não, que pena!

-um pouco de café, querida?-O senhor MacLennan, que tinha estado observando ao Marsali com preocupada solidariedade, ofereceu-lhe sua taça de café intacta-.Minha esposa estava acostumada dizer que o café quente acalmava os dores da lactação. É melhor com uísque , mas mesmo assim...

-Taing.-Marsali aceitou a taça com um sorriso agradecido-.estive geada toda a manhã. Pensa voltar amanhã para o Drunkard's Creek, senhor MacLennan?-perguntou-lhe cortesmente ao lhe devolver a taça vazia-.Ou viajará a New Bern com o senhor Hobson?

-Hobson vai a New Bern?-perguntou Jamie bruscamente-.Como sabe?

-Há-o dito sua filha, a senhora Fowles-respondeu Marsali-. Disse-me isso quando lhe pedi emprestada uma camisa seca para o Germain. Está preocupada com o Hugh, seu marido, porque seu pai, o senhor Hobson, quer que ele o acompanhe, mas Hugh tem medo.

-A que vai Joe Hobson a New Bern?-perguntei, a minha vez.

-A apresentar uma petição ao governador-disse Abel MacLennan-.De muito servirá!-E sorriu ao Marsali com tristeza-. Não, moça. Para falar a verdade, não sei aonde ir. Mas não será a New Bern.

-Não o espera sua esposa no Drunkard's Creek?

-Minha esposa morreu, moça-fue a suave resposta-.Morreu faz dois meses.

-OH, senhor Abel!-Marsali se inclinou para diante para lhe estreitar a mão, cheios de dor os olhos azuis-.Sinto-o tanto!

Lhe deu uns tapinhas na mão, sem levantar a vista. Em seu escasso cabelo refulgiam diminutas gotas de chuva. Jamie, que se tinha posto de pé para interrogar à moça, tomou assento no tronco, junto ao MacLennan e lhe pôs meigamente uma mão nas costas.

-Não sabia, a charaid-disse em voz baixa.

-Não.-O outro olhou as chamas transparentes, sem as ver-.É que bom, a verdade é que não o hei dito a ninguém. até agora.

Jamie e eu intercambiamos um olhar. Drunkard's Creek não podia albergar a mais de vinte e cinco almas nessas poucas cabanas disseminadas pelas ribeiras. Entretanto, nem os Hobson nem os Fowles tinham mencionado a perda do Abel; devia ser verdade que não o havia dito a ninguém.

-Como aconteceu, senhor Abel?-Marsali seguia retendo sua mão.

-OH...-disse em tom vago-.Aconteceram tantas coisas...E não obstante...ao fim e ao cabo não foi tanto. Abby...Abigail, minha esposa, morreu de umas febres. Agarrou frio e...e morreu.

Jamie jogou um pouco de uísque em uma taça vazia e a pôs nas mãos inermes do MacLennan, lhe curvando os dedos até que ele a sujeitou.

-você beba, homem-disse.

Em silêncio, todo mundo observou ao Abel, que provava obedientemente o uísque: um sorvo, logo outro. O jovem Ogilvie se removeu em sua pedra, incômodo; parecia estar desejando retornar a seu regimento, mas não partiu, como se temesse que sua partida fizesse sofrer ainda mais a esse homem.

A mesma quietude do MacLennan atraía todas as olhadas, sossegava qualquer conversação.

-Eu tinha bastante-disse de repente-.De verdade.-Olhou em volto da fogueira, como se nos desafiasse a contradizê-lo-.Para os impostos, compreendem? O ano não foi tão bom como esperava, mas fui prudente. Tinha em reserva dez tonéis de milho e quatro magníficos couros de veado. Todo isso valia mais que os seis xelins do imposto.

Mas os impostos não se pagavam em cereais, couros e blocos de anil, a não ser em efetivo. Entre os agricultores a troca era a maneira habitual de fazer negócios. Ninguém pagava nada em efetivo, salvo os impostos.

-Bom, é razoável-disse MacLennan, piscando severamente para o Ogilvie, como se o jovem tivesse protestado-.Para que quer sua majestade uma piara de porcos ou uns quantos perus? Não, compreendo que se deva pagar em dinheiro. E eu tinha o cereal; podia vendê-lo facilmente por seis xelins.

A única dificuldade era converter dez tonéis de cereal em seis xelins de impostos. No Drunkard's Creek havia quem poderia haver os comprado, mas ali ninguém tinha dinheiro. Era preciso levar esse milho a Salem, a população mais próxima onde se podia obter efetivo. Mas Salem estava a uns sessenta quilômetros do Drunkard's Creek: requeria-se uma semana para ir e retornar.

-Eu tinha cinco acres de cevada tardia-explicó Abel-.Amadurecida, lista para a ceifa. Não queria deixar que se perdesse. E meu Abby era uma

mulher miúda, magra. Não podia pô-la a segar e debulhar.

Como não queria perder uma semana das tarefas da colheita, Abel procurou ajuda em seus vizinhos.

-É boa gente-insistiu-.Um ou dois podiam me emprestar algum centimo, mas eles também tinham que pagar seus impostos, entendem?

Ainda crédulo em obter, de algum modo, o dinheiro necessário sem realizar a árdua viagem a Salem, Abel se atrasou...muito tempo.

-O delegado é Howard Travers-disse-.Veio com um papel e disse que devia nos expulsar, por não pagar os impostos.

Frente à necessidade, Abel viajou a toda pressa para Salem, mas quando retornou com os seis xelins sua propriedade tinha desaparecido e a cabana estava ocupada por desconhecidos.

-Eu sabia que ela tinha que estar cerca-explicó-, porque não abandonaria aos pirralhos.

E ali foi onde a achou, envolta em um edredom puído, tremendo sob a grande picea da colônia que protegia as tumbas dos quatro meninos MacLennan, todos falecidos ao primeiro ano de vida. em que pese a todas suas súplicas, Abigail, não quis baixar a que tinha sido sua cabana e pedir ajuda a quem a tinha jogado. Abel não soube nos dizer se foi a loucura da febre ou simples tozudez; sua esposa se aferrou aos ramos da árvore com força demencial, dizendo a vozes os nomes de seus filhos...e ali morreu, durante a noite.

-Tinham-na autorizado a levá-lo que pudesse. Tinha um hatillo com seu pano mortuário. Ainda a vejo ante a roca, apenas depois de nossas bodas, fiando para tecê-lo. Tinha pequenas flores ao longo de um bordo. Era hábil com a agulha.

Envolveu a Abigail na mortalha bordada. Logo, sepultou-a junto ao menor de seus filhos e caminhou três quilômetros pela estrada, com intenção de lhe contar o acontecido aos Hobson.

-Mas quando cheguei a sua casa os encontrei a todos indo de um lado a outro. Hugh Fowles tinha recebido a visita do Travers, que vinha pelos impostos, mas não havia dinheiro. Travers, sorrindo como um símio, disse-lhe que lhe dava igual; dez dias depois, voltou e os expulsou.

Hobson tinha reunido com muita dificuldade o dinheiro para pagar seus impostos; os Fowles se apinharam com o resto da família, sãs e salvos, mas Joe estava furioso pela maneira de tratar a seu genro.

-Joe vociferava, enlouquecido de ira. Janet Hobson me fez passar, e me ofereceu comida. Ali estava Joe, gritando que se cobraria a terra do pele do Howard Travers. E Hugh, que parecia um cão atropelado, e sua esposa que me saudava, e todos os pirralhos chiando por sua comida e...bom, pensei lhes dar a notícia, mas logo...

Dormiu sob a mesa e despertou antes do alvorecer. A sensação de irrerealidade persistia. Tudo a seu redor parecia um sonho. Era como se ele mesmo tivesse deixado de existir. Seu corpo se levantou, lavou-se. Comia e falava sem que ele soubesse. Já ninguém existia no mundo exterior. E quando Joe Hobson se levantou para anunciar que ele e Hugh iriam ao Hillsborough para procurar justiça na Corte, Abel MacLennan tirou o chapéu partindo pela estrada com eles.

-Enquanto caminhava me ocorreu que estávamos todos mortos-dijo,

com ar sonhador-. Eu, Joe, Hugh e outros. Dava-me igual estar em um sítio que em outro; só era questão de mover-se até o momento de tender meus ossos junto ao Abby.

Ao chegar ao Hillsborough não se precaveu das intenções do Joe. limitou-se a segui-lo, sem pensar, pelas ruas lamacentas e cheias de cristais quebrados das janelas destroçadas. Viu a luz das tochas e a multidão, ouviu os gritos e os alaridos, sem comover-se.

-Só eram homens mortos, um repicar de ossos contra ossos-dijo, encolhendo-se de ombros. Guardou silêncio. Logo se voltou para o Jamie e o olhou larga, severamente-.Ê assim? Você também está morto?

Uma mão lassa, calejada, flutuou até o maçã do rosto de meu marido, que a agarrou para estreitá-la entre as suas.

-Não, a charaid-disse com suavidade-.Ainda não.

MacLennan assentiu lentamente.

-Sim. Tempo ao tempo-disse-.Tempo ao tempo. Não é tão mau.

Então ficou de pé, cobrindo-a cabeça com o quadrado de tecido vermelho. voltou-se para mim com uma saudação cortesa, e seus olhos vagos e afligidos.

-Agradeço-lhe o café da manhã, senhora.-E se afastou.

A partida do Abel MacLennan pôs fim ao café da manhã bruscamente. Ogilvie se retirou dando as obrigado; Jamie e Fergus se foram em procura de ceifam e astrolábios; Lizzie, que se murchava em ausência de seu soldado, declarou que não se sentia bem e desapareceu em um dos refúgios, com uma grande infusão de atanasia e arruda.

Por sorte, Brianna decidiu reaparecer nesse momento, sem o Jemmy. Conforme me disse, ela e Roger tinham tomado o café da manhã com a Yocasta. O menino se dormiu em braços da anciã e o tinha deixado ali para vir me ajudar com as consultas da manhã.

-Está segura de querer me ajudar hoje? depois de tudo, é o dia de suas bodas. Acredito que Lizzie ou a senhora Martin poderiam...

-Não, farei-o eu-me assegurou, passando um pano pelo assento do tamborete-.Lizzie se encontra melhor, mas não tanto como para suportar pés infectados e estômagos pútridos.

Com um leve estremecimento, fechou os olhos à lembrança do ancião a quem, no dia anterior, eu tinha curado um talão ulcerado. A dor tinha feito que ele vomitasse sobre suas calças esfarrapadas, o qual provocou que muitos dos que esperavam ser atendidos vomitassem também.

-Não, suponho que no-reconheci a contra gosto-. Mas seu vestido não está de tudo terminado, verdade? Não deveria ir a...?

-Tudo está bem-me assegurou-.Fedra está costurando a prega. E Ulises anda dando ordens aos serventes como se fora um sargento do exército. Eu não faria mais que estorvar.

Cedi sem mais reparos, embora sentia saudades um pouco essa prontidão. Embora Bree não era afetada frente às exigências da vida normal, tais como esfolar animais e limpar pescado, eu sabia que a perturbava a proximidade de pessoas com má formações ou enfermidades visíveis, embora fizesse o possível por dissimulá-lo. Não era asco, disse-me, a não ser uma empatia que a paralisava.

Retirei o hervidor do fogo para verter água bulindo em um frasco grande médio cheio de álcool destilado, entreabrindo os olhos para protegê-los contra as nuvens de vapor alcoólico. Realmente era duro ver que tantas pessoas sofriam de coisas que em outra época poderiam tratar-se facilmente com anti-sépticos, antibióticos e anestesia. Mas nos hospitais de campanha, em um momento no que todas essas inovações eram novas e estranhas, eu tinha aprendido a manter a objetividade, que sabia necessária e valiosa.

Se se interpunham meus próprios sentimentos, não poderia ajudar a ninguém. Mas Brianna não tinha esse tipo de conhecimentos para usar como escudo. Ainda não.

Quando acabou de limpar e ordenar, ergueu as costas com uma pequena ruga entre as sobranceiras.

-Recorda à mulher que viu ontem? A que trouxe para o menino atrasado?

-Não é algo que se possa esquecer-disse, com tanta ligeireza como foi

possível-. por que? Ouça, pode te ocupar disto?

Assinale a mesa dobradiça, que se negava a fechar-se como era devido; suas articulações se incharam com a umidade. Brianna franziu o sobrecenho, estudando-a; logo deu um golpe com o canto da mão à articulação correspondente. O móvel obedeceu imediatamente, como se reconhecesse a presença de uma força superior.

-Preparado.-esfregou-se o flanco da mão, distraída e ainda com as sobrelanceiras franzidas-.Insistiu muito em lhe recomendar que tratasse de não trazer mais meninos. O do pequeno era hereditário?

-poderia-se dizer que fui-respondi secamente-.Sífilis congênita.

Ela levantou a vista, empalidecendo.

-Sífilis? Está segura?

Fiz um gesto afirmativo, enquanto enrolava uma tira de linho cozido para vendagens. Ainda estava muito molhado, mas não havia remédio.

-A mãe ainda não apresentava os signos exteriores visíveis dos últimos estádios da enfermidade, mas nos meninos são inconfundíveis.

A mulher tinha vindo simplesmente a que lhe abrisse uma fístula, com o pequeno obstinado a suas saias. Ele tinha a característica nariz esmagado à altura da ponte, e sua mandíbula estava tão mal formada que não me surpreendeu vê-lo tão desnutrido: logo que poderia mastigar. Era impossível saber quanto de seu evidente atraso se devia ao dano cerebral e quanto à surdez; parecia sofrer ambas as deficiências, mas não tentei as avaliar, pois não havia nada que pudesse fazer pelas remediar. Tinha-lhe aconselhado à mãe que lhe desse pot liquor que talvez aliviasse a desnutrição; pelo resto, em pouco se podia ajudar ao pobrecito.

-Aqui não a vejo tão frequentemente como em Paris ou no Edimburgo, onde havia muitas prostitutas-le disse ao Bree, arrojando a bola de ataduras ao saco de lona que ela mantinha aberto-. Mas sim, de vez em quando. por que? Acaso pensa que Roger tem sífilis?

Olhou-me boquiaberta. Sua expressão espantada se apagou ante uma instantânea corrente de vermelho furioso.

-Claro que não, mamãe!-exclamou.

-Bom, não é que eu o pensasse-expliquei brandamente-. Mas passa nas melhores famílias...e como perguntava...

Ela lançou um forte bufo.

-Eu te perguntava por anticoncepcionais-corrigeu entre dentes-.Ao menos é o que pensava fazer, antes de que te lançasse com a Guia médica de enfermidades venéreas.

-Ah, é isso.-Observei-a pensativamente, reparando nas manchas de leite seca que tinha no sutiã-.Bom, amamentar é bastante efetivo. Não te brinda segurança absoluta, certamente, mas sim bastante. depois dos primeiros seis meses, menos.

Jemmy já tinha seis meses.

-Hum...-murmurou ela, tão ao estilo do Jamie que devi me morder o lábio inferior para não rir-. E o que outra coisa efetiva há?

Eu não tinha falado com ela de métodos anticoncepcionais, ao estilo do século XVIII. Quando apareceu pela primeira vez na Colina do Fraser não parecia necessário. E a verdade é que depois não foi, pois já estava grávida. Assim agora sim que o necessitava?

Com o sobrecenho franzido, fui guardando cilindros de ataduras e molhos de ervas dentro de meu saco.

-O normal é qualquer tipo de barreira. Uma parte de seda ou uma esponja, empapadas em toda classe de coisas, desde vinagre a brandy, embora se dispuser de azeite de atansia ou de cedro, supõe-se que é o melhor. Hão-me dito que algumas mulheres, nas Índias, usam meio limão, mas obviamente aqui não seria uma opção adequada.

Ela deixou escapar uma breve risada.

-Não, não acredito. E tampouco acredito que o azeite de atansia dê muito bons resultados. É o que usava Marsali quando ficou grávida do Joan.

-Ah!, usava-o? Suponho que alguma vez não se tomaria a moléstia...e basta com uma vez.

Mais que vê-la, senti-a esticar-se e me mordi os lábios outra vez, esta vez de mortificação. Para ela, uma única vez tinha sido suficiente; o que não sabíamos era qual dessas duas únicas vezes. Mas Brianna se encolheu de ombros e os deixou cair, descartando deliberadamente as lembranças que meu irrefletido comentário pudesse ter conjurado.

-Disse-me que o tinha estado usando, mas possivelmente o esqueceu. De qualquer modo não sempre dá resultado, verdade?

Carreguei-me ao ombro o saco de ataduras e ervas secas, e agarrei o cofre dos remédios.

-Quão único funciona sempre é o celibato-respon-di-.Suponho que, no caso que nos ocupa, não é uma opção satisfatória.

Ela sacudiu a cabeça, refletindo tristemente, fixa o olhar em um grupo de homens jovens que se entreviam depois das árvores de abaixo; estavam-se alternando para arrojarem pedras ao outro lado do arroio.

-Era o que me temia-dijo.

Percorri o claro com um olhar analítico. Algo mais? Não me preocupava abandonar a fogueira; embora Lizzie ficasse dormida, com esse clima não havia na montanha nada que pudesse queimar-se; até a isca e a lenha armazenadas em um extremo do abrigo estavam úmidas. Mas faltava algo.

O que? Ah, sim. Deixando um momento a caixa, ajoelhei-me para me arrastar ao interior do abrigo e revolvi no matagal de edredons. Ao sair, por fim levava meu taleguilla de remédios.

depois de recitar uma breve oração a Santa Brida, pendurei-me isso do pescoço, por debaixo do sutiã. Estava tão habituada a usar esse amuleto quando ia praticar a medicina que já quase não percebia o ridículo desse pequeno rito. Quase. Bree me estava observando com expressão bastante estranha, mas não disse nada.

Eu tampouco; limitei-me a recolher minhas coisas e a segui através do claro, evitando com cuidado os sítios mais lamacentos. Já não chovia, mas as nuvens prometiam mais água em qualquer momento; dos troncos cansados e os arbustos goteantes emanavam volutas de bruma.

Que motivos teria Bree para interessar-se pelos anticoncepcionais? Parecia-me sensato, certamente, mas por que agora? Talvez tivesse alguma relação com o fato de que estivesse a ponto de casar-se com o Roger. Embora levavam vários meses vivendo como marido e mulher, a formalidade dos votos pronunciados ante Deus e ante os homens bastavam para impor uma

maior sobriedade aos jovens mais amalucados. Mas nem Roger nem Brianna o eram.

-Existe outra possibilidade-disse a suas costas, pois ia diante de mim pelo caminho escorregadio-. Não sei até que ponto é confiável, pois ainda não a provei com ninguém. Nayawenne a velha tuscarora que deu de presente o saco de remédios, disse-me que havia ervas de mulheres. Mesclas diferentes para coisas diferentes, mas uma planta especial para isso; disse que sua semente impediam ao espírito do homem impor-se ao da mulher.

Bree fez uma pausa e se voltou pela metade para me aproximar eu.

-Assim vêem os índios o embarço? O homem ganha?

-Bom, em certo modo-disse rendo-.Se o espírito da mulher é muito forte para o homem ou não cede ante ele, ela não poderá conceber. Por isso, quando uma mulher quer ter um filho e não pode, com muita freqüência o chamán não a trata só a ela, a não ser a seu marido ou aos dois.

Ela lançou uma exclamação gutural, em parte só por diversão.

-Qual é a planta, a erva das mulheres?-perguntou-. Conhece-a?

-Não tenho a certeza-admiti-. Quer dizer, não estou segura de seu nome. Ela me mostrou tanto a planta em crescimento como as sementes secas, e estou segura de que poderia reconhecê-la, mas não era uma planta que eu conheça por um nome inglês.-E acrescentei, por ajudar-: Isso sim: era da família das umbelíferas.

Bree me dirigiu uma morada séria, que a assemelhou novamente ao Jamie. Logo se apartou para deixar passar a umas quantas dá as Campbell. Ao passar rumo ao arroio nos saudaram uma a uma, com uma reverência ou uma cortês inclinação de cabeça.

-bom dia você tenha, senhora Fraser-disse uma pulcra jovem; era uma das filhas menores do Farquard Campbell-. Está seu marido por aqui? Diz meu pai que gostaria de falar com ele.

-Não me temo que se foi.-Fiz um gesto vago; Jamie podia estar em qualquer parte. Mas se o veja o direi.

Ela fez um gesto afirmativo e continuou a marcha; as mulheres que a seguiam se detiveram o felicitar a Brianna por suas bodas. Ela aceitava seus bons desejos com gentil cortesia, mas detectei que algo a preocupava.

-O que te passa?-disse sem rodeios, assim que as Campbell já não puderam nos ouvir.

-O que me passa, do que?-perguntou ela, sobressaltada.

-O que é o que se preocupa? E não me diga que nada, porque vejo que sim. Tem algo que ver com o Roger? Tem dúvidas sobre as bodas?

-Não exactamente-respondeu, com ar precavido-.Quero me casar com o Roger. Quer dizer, respeito a isso não há nenhum problema. É que...é que me ocorreu algo.

Deixou morrer a voz e um lento rubor subiu a suas bochechas.

-Sim?-perguntei, bastante alarmada-. O que é?

-Imagina que eu tenha uma enfermidade venérea-barboté-. Não porque me tenha contagiado isso Roger, ele não, mas...Stephen Bonnet?

-OH!-murmurei. Alarguei uma mão para lhe estreitar o braço-. Não se preocupe, carinho. Não tem nada.

Ela aspirou fundo e deixou escapar o ar; seus ombros perderam parte da tensão.

-Está segura?-insistiu-. Pode afirmá-lo? Encontro-me bem, mas me ocorreu...As mulheres não sempre têm sintomas.

-É certo-confirmei-, mas os homens sim. Se Roger tivesse contraído algo feio, contagiado por ti, eu me teria informado faz muito tempo.

Sua cara tinha empalidecido um pouco, mas ante isso voltou o rubor. Tossiu, lançando bafo com o fôlego.

-Que alívio! Assim Jemmy está bem? Está segura?

-Por completo-la tranqüilizei. Ao nascer lhe tinha posto nos olhos gotas de nitrato de prata que tinha conseguido obter com grandes gastos e muita dificuldade, só no caso de. Mas estava segura. Além de não apresentar nenhum sintoma específico de enfermidade, Jemmy refletia um ar de saúde que fazia incrível qualquer idéia de infecção.

-Ê por isso pelo que te interessaste pelos anticoncepcionais?-perguntei, saudando com a mão para o acampamento dos MacRaes-. se preocupa ter mais filhos, se por acaso...

-OH, não! Quer dizer...Não tinha pensado nas enfermidades venéreas até que mencionou a sífilis; só então me ocorreu a horrível ideia...de que ele pudesse...-Interrompeu-se para pigarrear-.Né...não, só queria saber.

Brianna estava muito sã; embora carecíamos de coisas importantes, como antibióticos e instalações médicas sofisticadas, eu lhe tinha recomendado não subestimar o poder da simples higiene e a boa alimentação.

Não, pensei, observando a potente curva de suas costas, enquanto levantava a pesado equipe por cima de uma raiz emaranhada no atalho. Não era isso. Embora tivesse motivos para preocupar-se, basicamente não era uma pessoa temerosa.

Roger? Tal e como estavam as coisas, qualquer pensaria que o melhor era conceber quanto antes outro menino, que fora definitivamente filho dele. Isso ajudaria a cimentar o novo matrimônio. Por outra parte, o que aconteceria nesse caso? Roger estaria mais feliz, mas Jemmy...

Ao aceitar ao menino como filho próprio, Roger fazia um juramento de sangue. Mas a natureza humana é como é; embora eu estava segura de que ele jamais o descuidaria ou abandonaria, era muito possível que seus sentimentos trocassem quando tivesse uma vergôntea que fora seu filho sem lugar a dúvidas. arriscaria-se Bree a isso?

Pensando-o bem, pareceu-me que ela atuava com prudência ao esperar. Dava tempo ao Roger para que estabelecesse um vínculo estreito com o Jemmy, antes de complicar a situação familiar com outro menino. Era muito sensato, sim...e Brianna era uma pessoa eminentemente sensata.

Só quando chegamos finalmente ao claro onde atendia as consultas pela manhã, me ocorreu outra possibilidade.

-Podemos ajudar, senhora Fraser?

Dois dos meninos Chisholm, os menores dos varões, apressaram-se a nos liberar de nossa pesada carga e, sem que ninguém lhes dissesse nada, começaram imediatamente a ajudar. Não tinham mais de oito e dez anos; enquanto os via trabalhar, compreendi que nessa época um moço de doze ou quatorze anos podia ser um homem adulto.

Brianna também sabia. Eu estava segura de que jamais abandonaria ao Jemmy enquanto ele a necessitasse. Mas, e mais adiante? O que passaria

quando ele abandonasse a sua mãe?

Abri meu cofre e comecei a preparar todo o necessário para o trabalho da manhã.

Brianna tinha vinte e três anos. Jemmy podia chegar à independência total quando ela tivesse ao redor de trinta e cinco. E se já não necessitava de seus cuidados..., ela e Roger poderiam retornar. Voltar para sua própria época, a um tempo seguro, reatar a vida que lhes correspondia por direito.

Mas só se não tinha outros filhos que, por indefesos, retiveram-na aqui.

-bom dia você tenha, senhora.

Um homem baixo e já amadurecido, de pé ante mim, era o primeiro paciente da manhã. Embora na cara lhe arrepiava a barba de uma semana, estava notavelmente pálido, com aspecto viscoso, tão irritados os olhos pela fumaça e o uísque que seu mal era visível imediatamente. A ressaca era endêmica entre os pacientes da manhã.

-Tenho um pequeno retortijón nas tripas, senhora-disse, tragando saliva com ar desventurado-.Você teria por acaso algo que me acalme isso?

-Tenho o mais adequado-le assegurei, jogando mão de uma taça-.Ovo cru e um pouco de ipecacuana. depois de um bom vômito se sentirá como novo.

...

O consultório funcionava na margem do grande claro, ao pé da colina, onde pelas noites ardia a grande fogueira da congregação

Uma vez atendido o cavalheiro da ressaca, produziu-se uma breve pausa. Então pude concentrar minha atenção no Murray MacLeod, que se tinha instalado a pouca distância.

Notei que Murray tinha começado cedo: junto a seus pés, a terra estava escura; as cinzas pulverizadas, empapadas e viscosas de sangue. Estava atendendo a um dos primeiros pacientes, um fornido cavalheiro, cujo nariz vermelho e esponjoso, assim como a papada frouxa, eram testemunho de toda uma vida de excessos alcoólicos. face à chuva e o frio, tinha ao homem em camisa, com a manga recolhimento e o torniquete em seu sítio; sobre os joelhos do paciente, a terrina da sangria.

Eu estava a três metros largos do tamborete onde Murray praticava seu ofício; mesmo assim, e apesar de quão tênue era a luz matinal, notei que o paciente tinha os olhos amarelos como a mostarda.

-Doença hepática-le disse a Brianna, sem me incomodar em baixar a voz-.A icterícia se vê daqui, verdade?

-Humores biliosos-anunció MacLeod em voz bem alta, enquanto abria sua navalha de sangrar-.Um excesso de humores. Claro como a água.

Murray, miúdo, moreno e pulcro no vestir, não tinha uma presença muito impressionante, mas era enérgico em suas opiniões, sim.

-Cirrose causada pela bebida, diria yo-continuei.

-Um impacto da bÍlis, devido ao desequilíbrio do escarro.- Murray me fulminou com o olhar. Obviamente pensava que eu tinha intenção de lhe roubar, se não o paciente, sim o efeito.

Sem lhe emprestar atenção, inclinei-me para examinar ao homem, que pareceu alarmado por meu escrutínio.

-Você tem um vulto duro justo debaixo das costelas, à direita, verdade?- assimalei amavelmente-. Sua urina é escuro e seus sedimentos, negras e sanguinolentas. Equivoco-me?

O homem negou com a cabeça, boquiaberto. Começávamos a chamar a atenção.

-Ma-dreeee.-Brianna estava de pé detrás de mim. Enquanto saudava o Murray com a cabeça, inclinou-se para me dizer ao ouvido:-O que pode fazer contra a cirrose, mamãe? Nada!

Interrompi-me, me mordendo os lábios. Ela tinha razão: levada pelo impulso de me exhibir fazendo um diagnóstico (e de impedir que Murray utilizará com ele sua navalha oxidada), tinha passado por cima o detalhe de que não podia oferecer nenhum tratamento alternativo.

O paciente passava o olhar de um a outra, obviamente intranquilo. Fiz um esforço por lhe sorrir e inclinei a cabeça ante o Murray.

-O senhor MacLeod o há dito bem-disse, forçando as palavras entre os dentes-. Doença hepática, sem dúvida, causada por um excesso de humores.

A cara do Murray, até então tensa de suspicacia, ficou comicamente estupefata ante minha capitulação. Brianna me adiantou um passo para aproveitar o momento.

-Há um enfeitiço-dijo, sonriêndole encantadoramente-. É para...né...afiar a faca e facilitar o fluxo dos humores. me permita demonstrar-lhe

antes de que ele pudesse apertar os dedos, Bree lhe arrebatou a navalha da mão e girou para nossa pequena fogueira, onde um caldeirão cheio de água fumegava desde seu tripode.

-No nome do Miguel, que blande as espadas, o defensor das almas, entoou.

Ela elevou a navalha em um sinal da cruz grande e lenta, olhando de um lado a outro para assegurar-se de contar com a atenção dos pressente. Assim era: estavam fascinados. Mais alta que a maioria dos curiosos, com os olhos azuis entreabridos em concentração, parecia-se muito ao Jamie em alguma de suas atuações mais valorosas. Só cabia esperar que fora tão hábil como ele.

-Benze este fio pela cura de seu servente-disse Bree, elevando os olhos ao céu, enquanto sustentava a navalha sobre o fogo, como os sacerdotes que oferecem a Eucaristia. Algumas borbulhas atravessavam a água, mas ainda não tinha chegado à ebulição.

-Benze este fio que tem que extrair sangue, que tem que verter sangue, que tem que...né...tirar o veneno do corpo de seu muito humilde peticionário. Benze-lhe fio...benze o fio...benze o fio na mão de seu humilde servidor. Obrigado sejam dadas a Deus pelo brilho do metal.

“ Obrigado sejam dadas a Deus pelo caráter repetitivo das orações gaélicas” , pensei cinicamente.

E, graças a Deus!, a água estava fervendo. Ela baixou a folha breve e curva até a superfície, cravando na multidão um olhar carregado de intenção, e declamou:

-O que a pureza das águas que brotaram do flanco de Nosso Senhor Jesus Cristo impere sobre este fio!

Afundou o metal na água e ali o sustentou até que o vapor, ao elevar-se sobre o marco de madeira, avermelhou-lhe os dedos. Então levantou a

navalha e a passou apressadamente à outra mão, elevando-a no ar enquanto agitava subrepticiamente a mão escaldada a suas costas.

Que a bênção de San Miguel, que defende contra os demônios, impere sobre este fio e a mão de quem o branda, para a saúde do corpo, para a saúde da alma. Amém!

E deu um passo adiante para oferecer cerimoniosamente o instrumento ao Murray, com a manga para diante. MacLeod, que não era nada parvo, jogou-me um olhar em que uma aguda suspeita se mesclava com a relutante apreciação da perícia teatral de minha filha.

-Não toque a hoja-recomendei, com um sorriso-. Romperia o feitiço.Ah!, e deve repetir o encantamento cada vez que a use. Tenha presente que deve fazer-se com água fervendo.

-Hummmm-resmungou ele.

Mas agarrou a navalha pela manga, cuidadosamente. depois de saudar a Brianna com um breve movimento de cabeça, voltou-se para seu paciente. E eu, para a minha: uma jovencita com urticária. Brianna me seguiu, muito satisfeita de si mesmo. detrás de mim se ouviu o suave grunhido do doente e o ressonante repico do sangue que caía na terrina metálica.

Sentia-me bastante culpado pelo paciente do MacLeod, mas Brianna tinha toda a razão: eu não podia fazer absolutamente nada por ele, dadas as circunstâncias. Um cuidadoso tratamento a comprido praça, acompanhado de excelente alimentação e total abstinência de álcool, podia lhe prolongar a vida. As duas primeiras possibilidades eram muito remotas; a terceira não existia.

Enquanto o salvava de uma possível infecção generalizada, Brianna tinha aproveitado a oportunidade de proporcionar o mesmo amparo aos futuros pacientes do MacLeod. Mas não pude menos que sentir uma insistente culpa por não ter feito algo mais. Mesmo assim, ainda se aplicava o primeiro princípio médico que tinha aprendido em meus tempos de enfermeira, nos campos de batalha da França: trata ao paciente que tem ante ti.

-te aplique este unguento-disse severamente a jovencita da urticária-.E não te arranhe!

O céu não se limpou, mas no momento, a chuva tinha cessado. Entretanto, ainda havia desassossego no ar; as nuvens de fumaça se levantavam como fantasmas entre as árvores.

Uma dessas colunas cruzou o atalho diante do Roger, quem, concentrado como estava em sua lista mental de recados que cumprir esse dia, girou para evitá-la.

Primeiro iria à carreta dos funileiros, a comprar alguma pequenez como presentes de bodas para a Brianna. O que gostaria? Uma jóia, uma cinta? Tinha muito pouco dinheiro, mas precisava celebrar a ocasião com algum presente.

Lhe teria gostado de lhe pôr seu anel no dedo, quando pronunciassem seus votos matrimoniais, mas ela insistia em que o rubi cabujón de seu avô serviria perfeitamente; ficava bem e não faria falta gastar dinheiro em outro anel. Bree era pragmática, às vezes até o chateio, em contraste com a nervura romântica do Roger.

Teria que ser algo prático, mas ornamental. Uma bacinilla grafite, por exemplo? A ocorrência lhe fez sorrir, mas a idéia do prático persistia, tinta com certa dúvida.

Recordava vividamente à senhora Abercrombie, quem uma noite, em meio do jantar, tinha chegado à casa paroquial em estado de histeria, dizendo que tinha matado a seu marido e perguntando o que devia fazer. O reverendo Wakefield, deixando a senhora a cuidado de sua ama de chaves, dirigiu-se à residência dos Abercrombie, em companhia do Roger, que por então era ainda adolescente.

Encontraram ao marido da mulher no chão da cozinha; felizmente, ainda estava com vida, embora enjoado e sangrando profusamente de uma pequena ferida no couro cabeludo, consequência de um golpe dado com a prancha elétrica de vapor que lhe tinha agradável a sua esposa, em ocasião do vigésimo terceiro aniversário de bodas.

-Mas ela me disse que a prancha velha chamuscava os guardanapos!- repetia o senhor Abercrombie, a queixosos intervalos, enquanto o reverendo lhe cobria habilmente a ferida com esparadrapo e Roger limpava a cozinha.

Foi a vívida lembrança daquelas manchas sangrentas no linóleo gasto o que acabou por decidi-lo. Por pragmática que Bree fora, tratava-se de suas bodas. Para bem ou para mau, até que a morte nos separe. Procuraria algo romântico, o mais romântico que se pudesse conseguir por um xelim e três peniques.

Entre as agulhas das píceas próximas distinguiu um brilho vermelho. deteve-se inclinando-se para espiar por um oco entre os ramos.

-Duncan?-disse-. É você?

Duncan Innes saiu de detrás das árvores, assentindo com ar tímido. Ainda levava o tartán escarlate dos Cameron, mas se tinha tirado a esplêndida jaqueta para envolvê-los ombros com o extremo de sua manta no cômodo estilo antigo das Terras Altas.

-Podemos falar um momento, ao Smeòraich?-perguntou.

-É obvio. Vou à carreta dos funileiros; me acompanhe.

Roger voltou para o caminho, onde a fumaça já tinha desaparecido, e ambos partiram através da montanha, um ao lado do outro, como bons companheiros. O jovem não dizia nada, esperando cortesmente a que Duncan escolhesse seu modo de iniciar a conversação. Se tinha algo que dizer, diria-o ao seu devido tempo. Ao fim, Duncan tomou fôlego e começou:

-MAC Dubh me disse que seu papai era pastor presbiteriano. É certo isso?

-Fui-confirmó Roger, bastante surpreso pelo tema-. Quer dizer...quando mataram a meu verdadeiro pai, fui adotado por um tio de minha mãe, ele era pastor.

Enquanto falava, Roger se perguntou por que tinha a necessidade de dar explicações, se durante quase toda sua vida tinha chamado “pai” ao reverendo. Ao Duncan dava igual, sem dúvida.

Seu companheiro estalou a língua em sinal de simpatia.

-Mas, então, é presbiteriano, verdade? Ouvi o MAC Dubh falar disso.

em que pese a suas bons maneiras de sempre, sob o bigode desigual do Duncan apareceu um breve sorriso.

-Sim, já imagino-replicó Roger, seco. O estranho teria sido que alguém, em toda a congregação, não tivesse ouvido o MAC Dubh falar do assunto.

-Bom, o caso é que eu também sou presbiteriano-reconheceu Duncan.

O jovem o olhou atônito.

-Você? Mas se eu pensava que foi católico!

Seu companheiro encolheu o ombro do braço amputado, com um leve ruído de sobressalto.

-Não. Meu bisavô materno era presbiteriano e muito sólido em suas crenças, compreende?- Duncan sorriu com certo acanhamento-. Quando me chegaram estavam muitos diluídas. Mamãe era religiosa, mas a papai não gostava de muito a igreja, e a mim tampouco. E quando conheci o MAC Dubh...bom, ele não ia pedir me que o acompanhasse a missa os domingos, verdade?

Roger assentiu, com um breve grunhido de compreensão. Duncan e Jamie se conheceram na prisão do Ardsmuir, depois do levantamento. Embora a maioria dos soldados jacobitas eram católicos, também havia entre eles protestantes de diferentes variedades...que provavelmente guardavam silêncio sobre seu credo ao conviver estreitamente com uma maioria de católicos. Também era verdade que, ao dedicar-se posteriormente ao contrabando, Jamie e Duncan tinham tido poucas oportunidades para discutir de religião.

-Sim, compreendo. E suas bodas com a senhora Cameron, esta noite...

O outro assentiu com a cabeça, mascando reflexivamente uma ponta do bigode.

-Isso. Crie que tenho a obrigação de dizer algo?

-A senhora Cameron não sabe? Jamie tampouco?

Duncan sacudiu silenciosamente a cabeça, fixo os olhos no barro pisoteado do caminho. Certamente, a opinião que mais importava era a do Jamie, antes que a da Yocasta Cameron. Evidentemente, Duncan não tinha acreditado que as diferenças religiosas tivessem importância; quanto a

Yocasta, Roger nunca tinha ouvido dizer que fora devota absolutamente. Mas a reação do Jamie ante o presbiterianismo de seu futuro genro tinha alarmado ao pobre homem.

-MAC Dubh disse que foste falar com o padre.- Duncan o olhou de soslaio e pigarreou, avermelhado-. Lhe...obrigou a um batismo romano?

-Né...no-respondeu. Outro leque de fumaça se abateu súbitamente sobre eles, fazendo-o tossir-. Não-repetiu, enxugando-os olhos lagrimeantes-. Mas não batizam aos que já receberam os óleos. Você está batizado?

-OH!, fui-exclamó Duncan, como se isso o reanimasse-. Sim, quando era...quer dizer...-Uma vaga idéia cruzou por sua mente, mas foi descartada com um novo encolhimento de ombros-.Sim.

-Bem. me deixe pensar um pouco, quer?

A carreta dos funileiros estava já à vista, acurrucada como um boi, com lonas e mantas protegendo a mercadoria da chuva. Mas Duncan se deteve; obviamente queria resolver esse assunto antes de passar a outra coisa. esfregou-se o dorso do pescoço, pensativo.

-Não-disse por fim-, acredito que não precisa dizer nada. Não haverá missa; só o ofício matrimonial, que é mais ou menos o mesmo. Aceita a esta mulher, aceita a este homem, na pobreza e na riqueza, etcêtera.

Duncan assentiu com a cabeça, muito atento.

-Isso posso dizê-lo, fui-dijo-.Embora me custe um pouco, isso de na riqueza e na pobreza. Você sabe do que falo.

Disse-o sem nenhuma ironia, como se enunciasse um fato óbvio; a reação do Roger ante o comentário o agarrou obviamente por surpresa.

-Não o disse com má intenção-se apressou a esclarecer-.Quer dizer...me referia a que...

O jovem agitou uma mão, tratando de descartar o tema.

-Não tem importância. A verdade não ofende, como dizem, não?

E era a verdade, ambos estavam na mesma situação: um homem sem propriedades nem dinheiro que se casava com uma mulher rica ou com grandes possibilidades de sê-lo.

Nunca lhe tinha ocorrido pensar que Fraser fora rico, talvez por seu aspecto modesto, talvez simplesmente porque ainda não o era. Mas o certo é que possuía dez mil acres de terra. Embora uma boa parte era ainda território ermo, não tinha por que continuar assim. Já havia arrendatários nessa propriedade, e logo haveria mais. E quando esses arrendamentos comessem a render dinheiro, quando houvesse moendas nos arroios, assentamentos, lojas e botequins, quando o punhado de vacas, porcos e cavalos se multiplicou até formar grandes rebanhos de bom gado baixo à atenta vigilância do Jamie...então Fraser seria muito rico. E Brianna era sua única filha biológica.

E ali estava também Yocasta Cameron, já visivelmente rica, que tinha manifestado de nomear herdeira a Brianna. A moça se negou categoricamente a aceitar a idéia, mas Yocasta era tão teimosa como sua sobrinha e tinha mais anos de prática. Além disso pouco importava o que Brianna fizesse ou dissesse: a gente suporia...

A fumaça lhe tinha deixado no fundo da boca um amargo sabor a cinza. depois de tragar-lhe dedicou ao Duncan um sorriso torcido.

-Fui-dijo-. Bom para bem ou para mau. Suponho que elas nos terão

encontrado algo bom, verdade?

Duncan sorriu com certa melancolia.

-Algo bom, sim. Ouça, seriamente crie que não haverá problemas com o da religião? Eu não gostaria que a senhorita Eu ou MAC Dubh pensassem mal de mim por não haver dito nada. É que não queria armar um revão sem necessidade.

-Não, claro que no-respondeu Roger. Logo aspirou fundo, apartando o cabelo molhado da cara-. Acredito que não haverá nenhum problema. Quando falei com o...com o sacerdote, a única condição que me impôs foi que devia permitir que nossos filhos recebessem o batismo católico. Mas como você e a senhora Cameron não têm que pensar nisso...

Deixou a frase delicadamente inconclusa, mas seu companheiro pareceu aliviado.

-OH, não!-disse, com uma risada algo nervosa-. Não acredito que isso deva me preocupar.

-Pois bem...-Roger se obrigou a sorrir e lhe deu uma palmada nas costas-. Que tenha sorte.

-Também você, ao Smeòraich.

O jovem esperava que Duncan seguisse seu caminho, posto que sua pergunta estava respondida. Entretanto, o homem seguiu caminhando lentamente a seu lado, junto à fila de carretas, estudando as mercadorias exibidas com uma leve enrugação na frente.

Sua grande estatura permitia ao Roger olhar por cima das cabeças da maioria; assim avançava a passo lento, jogando uma olhada aqui e lá, tratando de imaginar como reagiria Brianna ante isso.

Era formosa, mas não dava importância a sua beleza. Em realidade, ele logo que tinha podido dissuadir a de cortá-la maior parte de sua gloriosa juba vermelha; incomodava-lhe que lhe manchasse continuamente e que Jemmy atirasse dela. Possivelmente uma cinta fora um presente prático. Ou um pente de prender cabelo decorado. Não, muito melhor um par de algemas para o pequeno.

Mas se deteve junto a um posto de tecidos, agachando-se para olhar debaixo da lona. Duncan, com a manta levantada até as orelhas para proteger-se contra os golpes de vento, aproximou-se para ver o que estava olhando.

-Procuram algo em especial, senhores?-A vendedora se inclinou para eles sobre sua mercadoria, apoiando o peito nos braços cruzados, e dividiu entre ambos um sorriso profissional.

-Fui-dijo Duncan, inesperadamente-.Um metro de veludo. você tem algo assim? Que seja de boa qualidade; a cor não importa.

A mulher arqueou as sobrancelhas (até com sua roupa de domingo, Duncan não tinha cara de petimetre), mas não fez comentários enquanto rebuscava entre seus diminuídas estoque.

-Sabe se a senhora Claire fica um pouco de lavanda?-perguntou ele, voltando-se para o Roger.

-Sim tem, fui-confirmou Roger, desconcertado.

-É uma idéia que tive-.A senhorita Eu sofre de enxaquecas e não dorme muito bem. Minha mãe tinha um travesseiro cheio de lavanda e assegurava que ficava dormida como um bebê assim que apoiava a cabeça nela. E me

ocorreu que uma parte de veludo, para que o apóie na bochecha, compreende?...e se a senhora Lizzie me costurasse isso...

“ Na saúde e na enfermidade...”

Roger fez um gesto aprobatorio. sentia-se comovido e um pouco envergonhado ante tanta consideração. Tinha tido a impressão de que as bodas do Duncan e Yocasta era, principalmente, questão de conveniência e bons negócios. Talvez o era, sim, mas a falta de uma louca paixão não impedia a ternura nem o gesto considerado, não é verdade?

Realizada sua compra, Duncan se afastou com o veludo bem protegido sob sua manta, enquanto Roger percorria lentamente o resto dos postos. Seleccionava, sopesava e descartava mentalmente, espremendo o cérebro por decidir qual dessa miríade de objetos podia agradar a sua noiva. Pendentes? Não, o meninos atiraria deles. O mesmo com um colar...ou uma cinta para o cabelo, bem pensadas as coisas.

Sua mente seguia rondando as jóias. Pelo general, ela as usava muito pouco, mas durante toda a congregação tinha brilhante o anel de rubi de seu pai, que Roger lhe tinha dado no momento de aceitar-se para sempre. Jem o babava de vez em quando, mas isso não lhe faria mal.

Súbitamente se deteve, deixando que a multidão fluíra a seu redor. Mentalmente, via o ouro, o rosado intenso do rubi cabujón vívido em seu dedo comprido e pálido. O anel de seu pai. É obvio, como não se precaveu antes?

Embora Roger tivesse recebido essa jóia do Jamie, não era seu dono e não podia dá-la a sua vez. E de repente desejava com desespero lhe dar a Brianna algo que fora realmente dele.

A passo decidido, retornou a uma carreta cujas mercadorias de metal cintilavam até sob a chuva. Tinha observado que o dedo anelar da Brianna tinha a grossura de seu mindinho.

-Êste-decidiu, levantando um anel troca. Era feita de fios trancados de cobre e bronze; certamente lhe poria o dedo verde em poucos minutos. “ muito melhor” , pensou enquanto pagava. Embora não o usasse constantemente, levaria a marca que a identificaria como dela.

“ Por este motivo abandonará a mulher a casa de seu pai, unirá-se a seu marido e os duas serão uma mesma carne.”

Apesar da garoa, uma considerável multidão de pacientes esperava seu turno na consulta. Despedia-me de uma jovem afetada por um bócio incipiente, lhe aconselhando procurar uma quantidade de pescado seco (ao viver tão afastados do mar não teria a segurança de consegui-lo sempre fresco) e comer todos os dias um pouco, por seu alto conteúdo em iodo.

-O seguinte!-chamei, me apartando o cabelo molhado dos olhos.

A multidão se abriu como o Mar Vermelho, deixando ver um ancião miúdo, tão fraco que parecia um esqueleto ambulante, vestido com farrapos; trazia nos braços uma confusão de peles. Quando o tive perto, descobri a que se devia a deferência da gente: fedia a mapache morto.

-Meu cão está ferido-anunciou o homem. depois de depositar ao animal em minha mesa, apartando bruscamente os instrumentos, assinalou um rasgo no flanco do animal.-. Você o atenderá.

Não tinha dado a sua frase um tom de solicitude, mas a fim de contas meu paciente era o cão, que parecia bastante mais cortês. De tamanho médio, tinha as patas curtas, a pelagem hirsuta e umas orelhas desflecadas. Ofegava plácidamente, sem fazer intento algum de escapar.

-O que lhe aconteceu?-perguntei, enquanto punha fora de perigo a vasilha cambaleante.

-brigou-se com uma mapache.

-Hum-murmurei, observando ao animal com gesto dubio. Tendo em conta sua improvável ascendência e sua evidente cordialidade, qualquer aproximação a um mapache fêmea se teria devido antes à luxúria que à ferocidade. Para confirmar essa impressão, o animal projetou para mim uns quantos centímetros de seu rosado membro reprodutor.

-Gosta, mamem Bree, muito séria.

-Que honra!-murmurei, rogando que a seu proprietário não lhe ocorresse fazer alguma demonstração similar.

-Tesouras-pedi, já resignada, estendendo a palma.

depois de recortar a pelagem condensada em torno da ferida, tive o prazer de comprovar que não havia muita tumefação, nem outros sinais de que estivesse infectada. O talho tinha coagulado bem; pelo visto tinha passado algum tempo. Perguntei-me se o cão tinha encontrado seu castigo na montanha. O ancião não me resultava conhecido, nem falava com entonação escocesa. Parecia duvidoso que tivesse participado da congregação.

-Né...quer você lhe sujeitar a cabeça, por favor?-pedi-lhe.

O dono, sumido em suas tristes reflexões, não fez gesto algum de colaborar.

-Vejamos, a bhalaich, vamos ver. Disse uma voz tranqüilizadora a meu lado.

Ao me voltar, surpreendida, vi que o cão farejava com interesse os nódulos do Murray MacLeod. Ante minha cara de assombro ele se encolheu de ombros com um sorriso; logo se inclinou para a mesa, aferrando ao estupefato animal pela pele do pescoço e o focinho.

-Aconselharia-lhe que atuasse depressa, senhora Fraser-disse.

Sujeitando com firmeza a pata mais próxima, comecei. O animal reagiu retorcendo-se com vigor em um intento de escapar. Por fim conseguiu liberar-se do Murray; imediatamente saltou fora da mesa, lançando-se para o espaço aberto, com as suturas a rastros. Joguei-me sobre ele e ambos rodamos entre as folhas e o barro, dispersando aos curiosos, até que uma ou duas almas audazes foram em meu auxílio e imobilizaram ao vira-lata contra o chão, para que eu pudesse terminar meu trabalho.

Atei o último nó, cortei o fio encerado com a navalha do Murray (embora pisoteada na resistência, por sorte não se quebrado) e finalmente retirei o joelho com que sujeitava o flanco do sabujo, ofegando quase tanto como ele.

Os espectadores aplaudiram e eu fiz uma reverência, um pouco aturdida. Murray se inclinou para levantar o cão e o pôs de novo sobre a mesa, junto a seu proprietário.

-Seu cão, senhor-lhe disse, com um ofego sibilante.

O ancião apoiou uma mão na cabeça do animal e nos olhou com o sobrececho franzido, como se não soubesse como interpretar esse novo enfoque de cirurgia em equipe.

Logo jogou uma olhada aos soldados, por cima de seu ombro, e finalmente voltou para mim.

-Quais são?-perguntou em tom de profundo desconcerto.

Sem esperar resposta, afastou-se encolhendo os ombros. O cão desceu de um salto e, com a língua pendurando, partiu junto a seu dono em busca de novas aventuras.

Aspirei profundamente, sacudi o barro de meu avental e, depois de dar as graças ao Murray com um sorriso, fui lavar me as mãos antes de atender ao próximo paciente.

-Jal-exclamou Brianna pelo baixo-.Aqui o tem!

E levantou apenas o queixo, assinalando algo a minhas costas. Girei-me para olhar.

O seguinte paciente era um cavalheiro. Um cavalheiro de verdade, a julgar por sua roupa e seu porte, ambos bastante por cima do habitual. Eu o tinha visto rondar pelo extremo do claro, observando alternativamente meu centro de operações e o do Murray, como se se perguntasse a qual dos médicos brindar o privilégio de atendê-lo. Pelo visto, o incidente do cão tinha inclinado a balança em meu favor.

Joguei uma olhada ao Murray, que estava visivelmente aborrecido. Os cavalheiros estavam acostumados a pagar em dinheiro. Encolhi-me um pouco de ombros, como lhe pedindo desculpas. Logo, com um simpático sorriso profissional, indiquei ao novo paciente que tomasse assento em meu tamborete.

-você tome assento, senhor, e me diga onde lhe dói.

O cavalheiro era um tal senhor Goodwin, do Hillsborough; sua principal doença, uma moléstia no braço. Mas notei que esse não era seu único problema; uma ferida recentemente cicatrizada serpenteava pelo flanco de sua cara, estirando a comissura do olho para baixo em um entorto os olhos feroz.

Apalpei cuidadosamente o braço e o ombro, lhe pedindo que o

levantasse e o movesse um pouco, enquanto o para breves pergunta. O problema era bastante óbvio: deslocou-se o cotovelo; embora felizmente a lesão se reduziu por si só, parecia ter um tendão esmigalhado, que agora estava apanhado entre o olécranon e a cabeça da ulna; desse modo, qualquer movimento do braço piorava a lesão.

Isso não era tudo; apalpando cautelosamente para baixo, não menos de três fraturas simples no antebraço, já ao meio soldar. Não todo o dano era interno: observei os restos descoloridos de dois grandes moretones no antebraço, em cima das fraturas; cada um deles era uma mancha irregular, de tom amarelo esverdeado; no centro, o negro avermelhado da hemorragia profunda. “Se estas não forem lesões recebidas em defesa própria-me dije,yo- sou a China”

-Bree, busca me umas tabuletas adequadas, quer?-pedi.

Brianna assentiu sem dizer nada e desapareceu, enquanto eu lubrificava as contusões mais leves do senhor Goodwin com um unguento de cayeput.

-Como se lesou, senhor Goodwin?-perguntei em tom indiferente, enquanto escolhia uma atadura de linho-. Parece ter liberado um verdadeiro combate. Espero ao menos que seu competidor tenha ficado ainda pior.

O senhor Goodwin sorriu fracamente ante minha ocorrência.

-Pois sim, foi todo um combate-dijo-, embora não me incumbia. Mas bem foi questão de má sorte: poderia-se dizer que me encontrava em mau lugar no pior momento. Mesmo assim...

Fechou por ato reflito o olho estirado ao tocar eu a cicatriz. A tinham saturado sem habilidade, mas estava bem fechada.

-De varas?-comentei-.O que aconteceu?

Embora deixou escapar um grunhido, não parecia molesto pela necessidade de me contar isso

-Sem dúvida você escutou ao oficial, senhora, que leu as palavras do governador com respeito à atroz conduta dos bagunceiros.

-Duvido que as palavras do governador tenham escapado à atenção de alguiem-murmurei, atirando brandamente a pele com a ponta dos dedos-.De maneira que você esteve no Hillsborough. É isso o que me está dizendo?

-É claro que sim.-Suspirou, mas se relaxou um pouco, vendo que minhas mãos pinçavam sem fazer mal-. Em realidade vivo no Hillsborough. E se me tivesse ficado tranqüilamente em casa, como me rogava minha boa esposa...-Sorriu pela metade, com tristeza-. Sem dúvida teria podido escapar.

-Como diz o refrão inglês, a curiosidade matou ao gato.- Seu sorriso me tinha feito descobrir algo; pressionei brandamente com o polegar em uma zona arroxeadada da bochecha-.Alguém lhe golpeou aqui com certa força. Tem dentes quebrados?

Pareceu um pouco surpreso.

-Sim, senhora. Mas não é algo que você possa reparar.

Levantou-se o lábio superior, descobrindo um oco onde faltavam duas peças dentais. Um pré-molar tinha sido arrancado limpamente, mas o outro estava partido para a altura da raiz.

Brianna, que chegava nesse momento com as tabuletas, emitiu um leve som de asco. Os outros dentes do senhor Goodwin, essencialmente inteiros, tinham incrustações de sarro amarelo e as manchas pardas do

tabaco mascado.

-OH!, acredito que posso fazer algo-lhe assegurei, sem emprestar atenção a minha filha-.Dói ao morder, verdade? Não posso arrumá-lo, mas sim extrair os restos do dente quebrado e tratar a gengiva para evitar infecções. Quem o golpeou?

Apenas se encolheu de ombros, observando com um interesse algo apreensivo as tenazes reluzentes e o escalpelo de folha plaina que eu preparava.

-A verdade, senhora, é que não sei bem. Eu só me aventurei a ir à cidade para visitar os tribunais. vou cercar julgamento contra alguém em Virginia-explicou-, e me requer que presente alguns documentos para respaldar minha posição. Mas não pude realizar o trâmite, pois a rua, diante dos tribunais, estava repleta de homens, muitos dos quais tinham ido armados são paus, látégos e toscos instrumentos desse tipo. Sabia que meu amigo, o senhor Fanning, estava dentro, e comecei a me preocupar com ele.

-Fanning...Se refere você ao Edmund Fanning?

Estava escutando só pela metade, enquanto procurava a melhor maneira de realizar a extração, mas reconheci o nome. Farquard Campbell o tinha mencionado ao narrar ao Jamie os sangrentos detalhes dos distúrbios que seguiram a Lei do Selo, poucos anos atrás. Fanning tinha sido renomado chefe de correios da colônia, lucrativo posto que provavelmente lhe custou bastante dinheiro. E pagou um preço até major quando foi obrigado a renunciar pela força. Pelo visto, sua impopularidade tinha aumentado nos cinco anos transcorridos.

O senhor Goodwin apertou os lábios, até desenhar uma linha de desaprovação.

-Sim, senhora, desse cavalheiro se trata. E face às coisas escandalosas que a gente divulga sobre ele, comigo e com meus se comportou sempre como um bom amigo. Por isso, para ouvir que se expressavam sentimentos tão lamentáveis, essas ameaças contra sua vida, decidi ir em seu auxílio.

O senhor Goodwin não tinha tido muito êxito em sua galharda empresa.

-Tratei de me abrir caminho entre a multidão-disse, com a vista fixa em minha mão. Eu estava lhe acomodando o braço ao longo da tabuleta e dispondo debaixo a vendagem de linho-. Mas não pude fazer grande coisa. Logo que tinha chegado ao pé da escalinata quando de dentro me chegou um forte grito. A multidão retrocedeu, me arrastando consigo.

Tiraram o Edmund Fanning do edifício pela força e o arrastaram pelas escadas; sua cabeça golpeava cada um dos degraus.

-E que ruído!-exclamou, estremecido-.O ouvia por cima da gritaria.

-Céu Santo!-murmurei-. Mas não o mataram, verdade? Não soube que morrera ninguém no Hillsborough. Afrouxe o braço, por favor, e aspire fundo.

O senhor Goodwin aspirou fundo, sim, mas só para lançar um forte bufo. Seguiu-lhe uma exclamação muito mais grave: eu acabava de girar o braço, liberando o tendão apanhado e alinhando corretamente a articulação.

-Pois se não morreu, não foi por misericórdia dos desmandados-me disse-.Foi só porque decidiram que seria mais divertido arremeter contra o juiz maior. Então, deixaram ao Fanning inconsciente ali atirado para correr

ao interior do edifício. Outro amigo e eu nos apressamos a levantar o pobre homem. Quando tratávamos de levá-lo a um refúgio próximo, ouvimos gritos a nossas costas. Imediatamente nos atacou a multidão. Foi assim como me fizeram isto-se tocou o braço recém entalado-y isto.

Assinalou a cicatriz junto ao olho e o dente destruído. Logo me olhou com as grossas sobrancelhas contraídas.

-me crie, senhora: espero que alguns destes homens decidam revelar os nomes dos bagunceiros, a fim de que sejam justamente castigados por atos tão bárbaros. Mas se encontrasse aqui a quem me golpeou, não o entregaria à justiça do governador. É óbvio que não o faria!

Enquanto apertava lentamente os punhos, cravou-me um olhar fulminante, como se suspeitasse que eu tinha a criminosa escondido sob a mesa. Brianna se removeu, inquieta. Sem dúvida estava pensando, como eu, no Hobson e Fowles. Quanto ao Abel MacLennan, sem importar o que tivesse feito no Hillsborough, sentia-me inclinada a tomá-lo por espectador inocente.

depois de murmurar algumas palavras de simpatia sem me comprometer, tirei a garrafa de uísque que utilizava como desinfetante e tosca anestesia. Ao vê-lo, o senhor Goodwin pareceu reanimar-se notavelmente.

-Só um poquito disto para...né...fortalecer o espírito-sugeri, lhe enchendo uma taça. Assim lhe desinfetaria também o horrível interior da boca-.Retenha-o um momento antes de tragar; isso lhe intumescerá o dente.

Voltei-me para a Brianna, enquanto Goodwin sorvia obedientemente uma boa quantidade de licor, com as bochechas infladas como as rãs a ponto de cantar. Minha filha estava um pouco pálida, mas não soube se lhe tinha afetado o relato do paciente ou a visão de sua dentadura.

-Acredito que não vou necessitar te o resto da manhã, querida-dije, lhe dando uns tapinhas-. por que não vais ver se Yocasta estiver lista para as bodas da noite?

-Está segura, mamãe?

Até enquanto o perguntava, desatou-se o avental manchado de sangue e o reduziu a um novelo. Vendo que olhava para o alto do atalho, segui a direção de sua vista. Roger estava espreitando detrás de um arbusto, com os olhos fixos nela. Notei que lhe iluminava o rosto ao vê-la. Isso despertou uma cálida alegria. Eram um bom casal, sim.

-Agora, senhor Goodwin, você beba uma gota mais, para que possamos terminar com este pequeno assunto.

Me voltando para meu paciente com um sorriso, agarrei as tenazes.

Pelos velhos tempos

Roger esperava ao bordo do claro, observando a Brianna. De pé junto Claire, a moça triturava ervas, media líquidos e fazia enfaixa. A pesar do frio, estava arregaçada; no esforço de rasgar o robusto linho, os músculos de seus braços nus se enchiam e flexionavam sob a pele sardenta.

Não só ele o observou. Das pessoas que esperavam para ser atendidas pelos dois médicos, a metade também estava contemplando a Brianna; algumas (as mulheres, em sua maioria), com expressão vagamente intrigada; outras (homens todos eles) com encoberta admiração, tinta de especulações terrestres, que provocaram no Roger o impulso de sair ao claro e fazer valer imediatamente seus direitos sobre ela.

«Bom, que olhem. Enquanto ela não lhes devolva o olhar, não importa, verdade?»

Saiu de entre as árvores, apenas um pouco, e ela se girou imediatamente para olhá-lo. O gesto levemente carrancudo desapareceu e sua cara se iluminou. Lhe devolveu o sorriso, com um movimento de cabeça que a convidava a segui-lo, e pôs-se a andar pelo atalho, sem esperar.

Tinha abandonado o trabalho, e trazia algo na mão: um pacote pequeno, envolto em papel e maço com corda. Ele alargou uma mão para conduzi-la fora do atalho, para um bosquicillo onde a folhagem vermelha e amarelo dos arcos oferecia uma agradável sensação de intimidade.

- Me perdoe por te apartar de seu trabalho - disse, embora não o sentia.

- Não importa. Já queria escapar. Temo-me que não agüento isso do sangue e as tripas. - Ela o admitiu com uma careta melancólica.

- Me alegre - assegurou-lhe ele- . Não é isso o que pretendo de uma esposa.

- Pois te conviria - apontou ela, lhe jogando um olhar tristemente reflexivo- . Aqui, neste lugar, não te viria mal ter uma esposa capaz de te arrancar os dentes se lhe estragam e de te costurar os dedos se lhe os curtas machadando lenha.

O dia cinza parecia lhe haver afetado o ânimo... ou talvez era pelo trabalho que tinha estado fazendo. Ver o desfile de pacientes do Claire era deprimente para qualquer, salvo para a mesma Claire: toda uma série de deformidades, mutilações, feridas e enfermidades horríveis.

Quanto menos, o que pensava dizer distrairia a Brianna dos detalhes mais horripilantes do século XVIII. Lhe cobrindo a bochecha com uma mão, alisou uma das povoadas sobrancelhas vermelhas com o polegar gelado. Ela também tinha a cara fria, mas detrás da orelha, sob o cabelo, a pele estava morna... como seus outros lugares ocultos.

- Eu encontrei o que desejava - disse com firmeza- . Mas o que me diz de ti? Não teria preferido a um homem capaz de arrancar o couro cabeludo aos índios e prover o jantar com sua escopeta? Tampouco eu gosto de muito o sangue, sabe?

Nos olhos do Bree reapareceu uma faísca de humor, aliviando seu ar preocupado.

- Não, acredito que não necessito a um sanguinário. Assim chama minha mãe a papai, mas só quando está zangada com ele.

Roger riu.

- E como me chamará você quando te zangar? - provocou-a.

Ela o olhou, como avaliando a pergunta, e a faísca se fez mais intensa.

- OH, não se preocupe. Papai não quis me ensinar palavões em gaélico, mas do Marsali aprendi coisas muito feias em francês. Sabe o que significa um soulard? É um grand gueule?

- Oui, MA petite chou, embora nunca vi uma couve com um nariz tão vermelho. - Apontou-lhe com o dedo diretamente ao nariz; ela o esquivou, rendo.

- Maudit chien!

- Reserva algo para depois das bodas - aconselhou-lhe ele- . Pode te fazer falta.

Logo a agarrou da mão para levá-la para uma pedra onde estivesse cômoda, então voltou a reparar no pequeno pacote que ela trazia.

- O que é isso?

- Um presente de bodas.

Bree o alargou sustentando-o com dois dedos, enojada, como se fora um camundongo morto.

- Fios de seda para bordar - explicou-lhe ela- . Da senhora Buchanan. Entre suas sobranceiras tinha reaparecido a ruga e essa expressão... Preocupada? Não, era outra coisa, mas Roger foi incapaz de saber o que era.

- O que tem de mau a seda para bordar?

- Nada, mas sabe para que é? - Bree agarrou novamente o pacote e o guardou no bolso que tinha pacote sob a anágua. Olhava para baixo, colocando-as saias, mas ele notou que tinha os lábios apertados- . Disse que é para nossos panos mortuários.

A estranha versão que Brianna fazia desse término escocês, com seu acento bostôniano, fez que Roger demorasse um momento em decifrá-lo.

- Panos mo... Mortalhas, quer dizer?

- Sim. Ao parecer, meu dever de esposa é me sentar a fiar para minha mortalha, da manhã seguinte à bodas. - Disse-o entre dentes apertados- . Desse modo já estará tecida e bordada quando mora de parto. E se for rápida para os trabalhos, terei tempo de fazer também uma para ti; de outro modo terá que ser seu seguinte algema quem a termine.

Roger sentiu desejos de rir, mas era óbvio que ela estava afligida.

- A senhora Buchanan é uma idiota - disse ele, estreitando suas mãos- . Não deixe que se preocupe com suas tolices.

Brianna o olhou por debaixo de suas sobranceiras franzidas, dizendo com toda clareza:

- A senhora Buchanan é ignorante, estúpida e insensível. Mas não se equivoca.

- É óbvio que sim - assegurou ele, fingindo segurança, embora com um pouco de apreensão.

- Quantas algemas enterrou Frarquard Campbell? - inquiriu ela- . E Gideon Oliver? E Andrew MacNeil?

Nove, entre os três. MacNeil se casaria essa noite pela quarta vez, com uma moça do Weaver's Gorge, de dezoito anos.

- Mas Jenny Ban Campbell teve oito filhos e coveiro a dois maridos - contra-atacou, firme- . A própria senhora Buchanan segue viva e abanando o rabo, depois de ter tido cinco crios. Vi-os: todos cabezahuecas, mas sãs.

Isso provocou uma relutante contração de lábios, que o respirou a continuar:

- Não tem nada que temer, tesouro. Com o Jemmy não teve nenhuma dificuldade, não é verdade?

- Não? Pois se crie que isso é tão fácil, a próxima vez pode fazê-lo você - espetou-lhe ela. Quis liberar sua mão, mas ele a reteve sem encontrar resistência.

- Mas está disposta a que haja uma próxima vez, verdade? Apesar do que diga a senhora Buchanan. - Embora seu tom era deliberadamente ligeiro, estreitou-a contra si, ocultando a cara em sua cabeleira, para que não visse quão importante era essa pergunta para ele.

Bree, sem deixar-se enganar, apartou-se um pouco para trás. Seus olhos, azuis como a água, investigaram nos dele.

- Casaria-te comigo, apesar de ter que observar o celibato? - perguntou- . É o único método seguro. O azeite de atanasia não sempre dá bom resultado. Aí tem ao Marsali!

A existência da pequena Joan era testemunho eloqüente do inefectivo que resultava esse método anticoncepcional. Mesmo assim...

- Deve haver outros recursos - expressou ele- . Mas se quiser celibato... Pois bem, seja.

Ela se pôs-se a rir, porque a mão do Roger se esticou posesivamente contra seu traseiro, enquanto seus lábios tinham pronunciado a renúncia. Mas a risada se apagou e o azul de seus olhos se tornou mais escuro, mais turvo.

- Diz-o a sério, verdade?

- Sim - assegurou ele. E era certo, embora a idéia lhe pesava no peito como uma laje.

Com um suspiro, lhe acariciou a bochecha com uma mão, seguindo a linha do pescoço, o oco da base. Pressionou com o polegar contra o pulso palpitante, lhe deixando sentir seus próprios batimentos do coração.

Havia-o dito a sério, mas inclinou a cabeça para ela e lhe buscou a boca. Precisava unir-se a ela com tanta urgência que o faria de qualquer maneira possível: com as mãos, com o fôlego, a boca, os braços; sua coxa pressionou entre os do Bree, lhe separando as pernas. Ela apoiou uma mão contra seu peito, para rechaçá-lo, mas logo a esticou convulsivamente, aferrando a um tempo a camisa e a carne. Seus dedos se cravaram profundamente nos músculos do peito. E logo ficaram pegos, com a boca aberta, ofegantes, entrechocando dolorosamente os dentes no arrebatamento do desejo.

- Não posso... não devemos... - Ele se largou. Sua mente, entorpecida, jogou mão de palavras fragmentadas. Nesse instante a mão do Bree encontrou o caminho sob sua saia escocesa: um toque frio e firme em sua carne acalorada. Então perdeu por completo a faculdade da fala.

- Uma última vez, antes de renunciar - disse Bree- . Em lembrança dos

velhos tempos.

E caiu de joelhos entre as folhas molhadas, arrastando-o com ela.

Chovia outra vez; a cabeleira pulverizada-se o veteaba de umidade. Tinha os olhos fechados e a cara volta para a garoa; as gotas lhe golpearam a cara, rodando como lágrimas. Em realidade, não sabia se rir ou chorar.

Roger jazia a seu lado, médio cobrindo-a; seu peso era um consolo morno e sólido; sua saia escocesa protegia da chuva as pernas nuas e enredadas dos dois. Ela curvou uma mão contra sua nuca, lhe acariciando o cabelo molhado e lustroso.

Então ele se incorporou, com um grunhido de urso ferido. Uma rajada fria golpeou o corpo do Bree, úmido e quente ali onde tinham estado em contato.

- Perdoa - murmurou ele- . Sinto muito, sinto muito. Não deveria ter feito isso.

- Não importa - disse ela, incorporando-se.

Tinha os peitos inchados pelo leite, que tinha empapado a camisa e o corpinho em grandes manchas, lhe gelando a pele. Roger, ao notá-lo, recolheu o manto que ela tinha deixado cair e lhe cobriu brandamente os ombros.

- Me perdoe - repetiu, enquanto lhe apartava o cabelo emaranhado da cara.

- Não se preocupe. Ainda estou amamentando ao Jemmy; são só seis meses. Acredito que ainda não há perigo.

Mas se perguntava por quanto tempo mais. Ainda lhe atravessavam o corpo pequenas descargas de desejo, misturadas com o medo.

Precisava tocá-lo. Agarrou uma ponta de seu manto para pressionar a ferida que sangrava sob a mandíbula do Roger. Abstinência, quando seu contato, seu aroma, a lembrança dos últimos minutos a faziam desejar derrubá-lo entre as folhas para recomeçar? Quando a ternura brotava dela como o leite que ia a seus peitos sem que ninguém a convocasse?

Os peitos lhe doíam de desejo insatisfeito; sentiu a destilação do leite que lhe corria pelas costelas, sob o tecido. tocou-se um peito, pesado e cheio. Sua garantia de amparo... por um tempo.

Roger lhe apartou a mão de sua cara e se tocou d talho.

- Está bem - disse- . Já não sangra.

Sua expressão era muito estranha, ou talvez eram muitas. Normalmente sua cara era agradavelmente reservada, possivelmente algo severo. Agora suas facções pareciam incapazes de assentar-se; passava de uma inegável satisfação a uma consternação igualmente inegável.

- O que acontece, Roger?

O lhe jogou uma fugaz olhada e apartou a vista; às bochechas subiu um leve rubor.

- OH, bom - disse- . É que... em realidade... ainda não nos casamos.

- Certamente que não. As bodas será esta noite. E a propósito... - Bree o observou tentando não rir- . OH, querido. diria-se, senhor MacKenzie, que alguém o submeteu a sua vontade no meio do bosque.

- Muito graciosa, senhora MAC - replicou ele, assinalando seu próprio desalinho- . Você também parece ter liberado um estranho combate. Mas me referia a que estamos comprometidos há um ano... e isso é um vínculo legal, pelo menos em Escócia. Mas faz tempo que se cumpriu o período de um

ânus e um dia... e não estaremos formalmente casados até a noite.

Ela o olhou com os olhos entreabridos, enxugando-a chuva com o dorso da mão. Uma vez mais cedeu ao impulso de rir.

- Santo Céu, não me diga que isso te importa! O sorriu com certa relutância.

- Bom, não, mas fui criado por um pregador. Já sei que está bem, mas o velho calvinista escocês que levo dentro me sussurra que é pecaminoso fazê-lo com uma mulher que não é minha esposa.

- Ja! - exclamou ela- . Não me venha com essas do velho calvinista arde. O que é o que acontece?

- Não posso dizer que seu medo não esteja justificado - disse em voz baixa- . Até hoje não me tinha precavido de quão perigoso é o matrimônio para uma mulher. - Levantou a vista para lhe sorrir, embora a expressão preocupada não abandonou seus olhos verde musgo- . Quero-te, Bree, mais do que posso expressar. Mas estive pensando no que acabamos de fazer, no estupendo que foi, e tenho cansado na conta de que possivelmente... Não, com segurança... se continuo fazendo-o porei sua vida em perigo. E maldito se quero deixar de fazê-lo!

- Sim. - Aspirou tão fundo como ele e deixou escapar o ar em uma voluta branca- . Bom, suponho que é muito Urde para preocupar-se por isso. - Tocou-lhe o braço- . Quero-te, Roger.

E baixou a cabeça para beijá-lo, procurando consolo contra seus temores na força do braço que a rodeava, no calor desse corpo.

- OH, Bree! - murmurou ele contra seu cabelo- . Quero lhes manter a salvo, a ti e ao Jemmy, de algo que possa lhes ameaçar. É terrível pensar que eu mesmo poderia ser a ameaça, que poderia te matar com meu amor... mas é certo.

O coração do Roger pulsava sob seu ouvido, sólido e firme. Bree sentiu a tibieza que lhe voltava para as mãos, entrelaçadas contra os ossos de suas costas; o degelo foi mais fundo, até desenredar algumas fios gelados do medo que tinha dentro.

- Tudo está bem - disse por fim, por lhe oferecer o consolo que ele não conseguia lhe brindar- . Não acredito que haja problemas. Tenho bons quadris. Todo mundo me há isso dito. Quadris de vasilha, verdade?

Deslizou melancolicamente uma mão pela generosa curva de um quadril. Ele seguiu o percurso com sua própria mão, sorridente.

- Sabe o que me disse ontem à noite Ronnie Sinclair, depois de verte recolher um lenho do chão? Disse-me, com um suspiro: «Sabe como se escolhe uma boa moça, MacKenzie? Começa pelo fundo e vai ascendendo.» Ai!

Recebeu o cabeçada com um coice, rendo. Logo se inclinou para beijá-la com muita suavidade.

- Quer que tenhamos um bebê, verdade? - perguntou ela, brandamente- . Um bebê que seja teu sem lugar a dúvidas?

Ele manteve por um momento a cabeça inclinada, mas ao fim levantou a vista, lhe deixando ver a resposta em sua cara: um grande desejo misturado com preocupação.

- Não quisesse... - começou.

Mas lhe tampou a boca com uma mão para sossegá-lo.

- Sim. Compreendo.

E era certo... ou quase. Ambos eram filhos únicos; sabia da necessidade de vínculo, de afeto; mas a sua estava satisfeita. Tinha tido não um pai carinhoso, a não ser dois. Uma mãe que a amava além dos limites do espaço e o tempo. Os Murray do Lallybroch, como se alguém lhe tivesse agradável inesperadamente uma família. E sobre tudo seu filho: sua carne, seu sangue, um peso pequeno e crédulo que a atava com firmeza ao universo.

Roger, em troca, era órfão. Durante muito tempo tinha estado sozinho no mundo, depois de perder a seus pais antes de conhecê-los; morto seu velho tio, não tinha a ninguém que o amasse só por ser de seu próprio sangue. Só a ela. Era compreensível que ansiasse a certeza que ela sustentava nos braços ao amamentar a seu filho.

de repente Roger pigarreou.

- Nê... lhe pensava dar isso esta noite, mas talvez... bom... - Afundou a mão no bolso interior da jaqueta e lhe entregou um objeto brando, envolto em um tecido-. Deveria ser um presente de bodas, não?

Sorria, mas Bree detectou em seus olhos a vacilação. Ao apartar o tecido se encontrou com um par de olhos de botão negro que a olhavam. A boneca luzia um vestido de calicó verde; em sua cabeça estalava o cabelo de lã vermelha. Sentiu um nó na garganta e o peso do coração no peito.

- Me ocorreu que ao menino podia lhe gostar de... possivelmente para mordê-la.

Bree se moveu; a pressão do tecido empapado provocou uma ardência em seus peitos. Tinha medo, sim, mas havia coisas mais fortes que o medo.

- Haverá uma próxima vez - disse-lhe, apoiando uma mão em meu braço-. Não posso te dizer quando, mas a haverá.

Roger estreitou com força aquela mão, sem olhá-la.

- Obrigado, quadris de vasilha- disse por fim, muito fico.

A chuva aumentava; já era torrencial. Roger se apartou com o polegar o cabelo molhado dos olhos e se sacudiu como um cão, disseminando gotas de água da trama fechada de sua jaqueta e sua manta. O peitinho azul tinha uma mancha de barro; esfregou-a sem resultado algum.

- Cristo! Não posso me casar assim - disse-. Pareço um mendigo.

- Ainda está a tempo, sabe? - brincou ela-. Ainda poderia te jogar atrás.

- foi muito tarde desde dia em que te conheci - resmungou ele-. Além disso, seu pai me estriparia como a um porco se me ocorresse pensá-lo melhor.

- Ja! - exclamou ela. Mas o sorriso dissimulado pôs uma covinha em suas bochechas.

- Mulher! Não me diga que a idéia você gosta!

- Sim. Quer dizer... - Agora Bree ria; isso era o que ele procurava-, não quero que te estripe, mas eu gosto de saber que o faria. Todo pai deve ser protetor. - Tocou-o apenas, sorridente-. Como você, senhor MacKenzie.

Agarrou-a por um braço para conduzi-la para um lugar protegido da chuva, ao amparo de um grupo de discos, onde a pinaza formava uma capa

seca e fragrante sob os pés, protegida pelos largos ramos.

- Bom, venha a sentar um momento comigo, senhora MAC. Há uma pequenez, nada importante, que quero lhe dizer antes das bodas.

Fez-a sentar a seu lado, em um tronco podre e carregado de líquen, Logo pigarreou, procurando o fio do relato.

- Estando ainda no Inverness, antes de te seguir através das pedras, dediquei algum tempo a revisar os papéis do reverendo; ali encontrei uma carta que lhe tinha escrito seu pai. Refiro ao Frank Randall. Não importa muito... agora já não... mas me pareceu que... Bom, que não devia haver segredos entre nós antes de nos casar. Ontem à noite o contei a seu pai. Deixa que agora lhe conte isso a ti.

A mão do Bree cobria calidamente a sua, mas os dedos se foram esticando segundo ele falava; entre as sobrancelhas da moça cresceu um sulco profundo.

- Outra vez - pediu ela, ao terminar Roger- . Conta-me o outra vez.

Por dar gosta, ele repetiu a carta tal como a tinha memorizado, palavra por palavra. Tal como a tinha recitado ao Jamie Fraser a noite anterior.

- De maneira que essa lápide que está em Escócia, com o nome de papai, é falsa? - A estupefação lhe fez elevar um pouco a voz- . Papai... Frank... fez que o reverendo a pusesse ali, no cemitério da Santa Kilda, mas ele não está... quer dizer, não estará baixo ela?

- Sim, assim foi, e não, não estará - disse Roger, seguindo escrupulosamente d rastro à pergunta- . Frank Randall queria que a pedra fora uma espécie de reconhecimento, suponho: uma dívida que tinha com seu pai... seu outro pai, Jamie.

A cara da Brianna estava morada pelo frio, com a ponta do nariz e das orelhas tintas de vermelho; o calor do sexo se ia esfumando.

- Mas se não tinha segurança de que mamãe e eu a encontrássemos!

- Não sei se queria que a encontrassem - opinou Roger- . Talvez ele tampouco sabia. Mas se sentiu na obrigação de fazer esse gesto. Por outra parte - adicionou, recordando súbitamente algo- , não disse Claire que ele queria te levar a Inglaterra, justo antes de sua morte? Talvez pensava te levar ali e ocupar-se de que a encontrasse, para logo deixar que você e Claire decidierais o que fazer.

Ela se esteve quieta, resmungando aquilo.

- Ele sabia, pois - disse, lentamente- . Que ele... que Jamie Fraser tinha sobrevivido à batalha do Culloden. Sabia... e não disse nada?

- Não acredito que o possa reprovar - observou Roger, suave- . Não era puro egoísmo, compreende?

- Não? - Ainda estava horrorizada, mas não tinha chegado à irritação. Ele a viu dar voltas ao assunto, tratando de vê-lo em todos seus aspectos para saber o que pensar, o que sentir.

- Não. Pensa-o, tesouro - insistiu-a ele. A píceia estava fria contra suas costas; a casca do tronco cansado, úmida sob a mão- . Amava a sua mãe, sim, e não queria arriscar-se a perdê-la outra vez. Isso pode ser egoísmo, mas ao fim e ao cabo ela se casou primeiro com ele. Ninguém pode reprovar ao Frank que não queria cedê-la a outro homem. Mas isso não é tudo.

- Que mais? - A voz do Bree soava serena; seus olhos azuis olhavam de frente.

- Pois... o que teria passado se o houvesse dito? Ali estava você, uma criatura pequena. Recorda que nenhum deles teria pensado que você também podia cruzar através das pedras.

Bree seguia olhando-o com atenção, mas seus olhos haviam tornado a empanar-se.

- Mamãe teria tido que escolher - disse brandamente, sem deixar de olhá-lo- . Entre ficar conosco... ou reunir-se com ele. Com o Jamie.

- Te deixar atrás - completou Roger, com um gesto afirmativo- ou ficar e continuar com sua existência, sabendo que seu Jamie estava com vida, possivelmente a seu alcance... mas fora de seu alcance. Romper seus votos esta vez a propósito, e abandonar a sua filha. Ou viver desejando. Não acredito que isso fora muito bom para sua vida familiar.

- Compreendo. - Ela suspirou. O vapor de seu fôlego desapareceu no ar frio como um espectro.

- Talvez Frank teve medo de permitir que escolhesse - apontou Roger- , mas o certo é que lhe economizou (e também a ti) a dor de fazê-lo. Pelo menos então.

Os lábios da Brianna se franziram, projetaram-se, ficaram frouxos.

- Eu gostaria de saber o que teria decidido ela se ele o houvesse dito - murmurou, algo triste.

Lhe estreitou ligeiramente a mão.

- Teria ficado - disse com segundad- . Acaso não o decidiu uma vez? Jaime a obrigou a retornar para te manter a salvo, e ela se foi. teria ficado contigo enquanto a necessitasse, sabendo que era o que ele desejava. Inclusive quando voltou, tampouco o teria feito se você não tivesse insistido. Suponho que sabe bem.

Ela relaxou um pouco as facções, aceitando a idéia.

- Acredito que tem razão. Mas saber que ele estava com vida e não tratar de reunir-se com ele...

Roger se mordeu a cara interior da bochecha para não perguntar: «O que decidiria você, Brianna, se tivesse que escolher entre o pequeno e eu?» Que homem podia impor uma alternativa assim à mulher que amava, embora fora hipoteticamente? Seja pelo bem do Bree, seja pelo seu próprio... não o perguntaria.

- Mas ele pôs a lápide ali. Para que? - O sulco entre suas sobrancelhas seguia sendo profundo, mas já não reto; contraía-o uma crescente preocupação.

Roger não conhecia o Frank Randall, mas experimentava certa empatia com esse homem. E não era tão desinteressada. Até então não teria podido dizer por que necessitava que Bree soubesse o da carta justo agora, antes das bodas, mas seus próprios motivos foram aparecendo com mais clareza (e mais inquietantes).

- Acredito que foi por obrigação, como te hei dito. Obrigação não só com o Jaime ou sua mãe, mas também contigo. Se... - Fez uma pausa para lhe estreitar a mão com força- . Ouça, pensa no pequeno Jemmy. É tão meu como você e sempre o será. - Aspirou fundo- . Mas se eu estivesse no pele do outro homem...

- Se fosse Stephen Bonnet - esclareceu ela, com os lábios tensos, brancos de frio.

- Se eu fosse Bonnet - acordou ele, com um calafrio de rechaço à idéia- , e soubesse que um desconhecido está criando a meu filho, não quereria que o menino soubesse algum dia a verdade?

Os dedos do Bree se esticaram nos seus. Seus olhos se obscureceram.

- Não deve dizer-lhe Pelo amor de Deus, Roger, me prometa que não o dirá nunca!

Ele a olhou fixamente, atônito. As unhas da moça lhe cravavam dolorosamente na mão, mas não fez nada por liberar-se.

- Ao Bonnet? Não, mulher! Se alguma vez voltasse a vê-lo, não esbanjaria o tempo falando.

- Não refiro ao Bonnet. - Bree se estremeceu, sem que ele soubesse se tremia de frio ou de emoção- . Não te aproxime desse homem, Por Deus! Mas não: referia ao Jemmy. - Tragando saliva com dificuldade, aferrou-lhe as mãos- . Prometa-me isso Roger. Se me amar, me prometa que jamais dirá ao Jemmy o do Bonnet. Jamais. Até se me acontecesse algo...

- Não te acontecerá nada!

Ela o olhou com um pequeno sorriso irônico.

- O celibato tampouco é para mim. - Tragou saliva- . E se me acontecesse algo... Promete-o, Roger.

- Prometo-o, sim - disse ele, a contra gosto- . Se estiver segura...

- Estou segura, sim!

- Mas não te teria gostado de saber... o do Jamie?

Bree se mordeu o lábio. Seus dentes se afundaram ao ponto de deixar uma marca purpúrea na suave carne rosada.

- Jamie Fraser não é Stephen Bonnet.

- De acordo - reconheceu ele, seco- . Mas eu não referia ao Jemmy, para começar. Só quis dizer que, se eu fosse Bonnet, eu gostaria de sabê-lo Y...

- Ele sabe. - Brianna apartou abruptamente a mão e se levantou, lhe voltando as costas.

- Como que sabe? - Roger a alcançou com grande rapidez e a aferrou pelo ombro para girá-la para si. Vendo que ela fazia uma leve careta, afrouxou os dedos e aspirou fundo, tratando de manter a voz serena- . Que Bonnet sabe o do Jemmy?

- Pior ainda. - Bree apertou os lábios para impedir que tremessem; logo os abriu, apenas o necessário para deixar que escapasse a verdade- . Acredita que Jemmy é filho dele.

Então lhe falou dos dias que tinha passado sozinha no River Run, prisioneira de seu embaraço. Falou de lorde John Grei, o amigo de seu pai e dela mesma, a quem tinha podido revelar seus medos e seus conflitos.

- Temia que todos vós tivessem morrido. Todos: mamãe, papai, você. - Embora o capuz lhe tinha cansado para trás, não fez nada por reacomodarla. O cabelo vermelho pendia sobre seus ombros como chorreantes penetra de rato; tinha gotas de chuva aderidas às povoadas sobancelhas vermelhas- . Quão último papai me disse... Não, não o disse sequer; teve que escrevê-lo, porque eu não lhe dirigia a palavra. - Tragou saliva, passando uma mão sob o nariz para enxugar a gota que ali pendia- . Disse-me que... devia encontrar a maneira de... de perdôá-lo. Ao Bo... ao Bonnet.

- A maneira do que? - perguntou Roger.

- Ele sabia disso - disse Bree, e se interrompeu para olhá-lo, já dominados os sentimentos- . Já sabe o que lhe aconteceu... no Wentworth.

Com certa estupidez, ele fez um breve gesto afirmativo. Em realidade não tinha uma idéia clara do que tinham feito ao Jamie Fraser... nem desejos de saber mais. Tinha visto as cicatrizes em suas costas e sabia, por alguns comentários do Claíre, que eram só um vago aviso.

- Ele sabia disso. E sabia o que era necessário fazer. Disse-me isso. Se queria me sentir... íntegra outra vez, devia achar o modo de perdoar ao Stephen Bonnet. E o fiz.

- Fez-o. - A voz lhe saiu resmungona- . Encontrou-o, pois? Falou com ele?

Ela assentiu, enquanto se tirava o cabelo molhado da cara. Grei tinha vindo a lhe dizer que Bonnet estava preso e condenado. Enquanto aguardava ser transportado ao Wilmington para sua execução, retinham-no no depósito que a Coroa tinha no Cross Creek. Ali foi onde Brianna foi visitar o, levando consigo o que confiava que fora a absolvição: para o Bonnet, para si mesmo.

- Estava enorme. - Sua mão esboçou o vulto do embaraço avançado- . Disse-lhe que o bebê era filho dele. ia morrer; talvez o consolaria um pouco pensar que... deixava algo detrás de si.

Roger sentiu que o ciúmes lhe apertavam o coração, em um ataque tão abrupto que por um momento a dor lhe pareceu físico. «Que deixava algo atrás dele - pensou- . Algo dele. E eu? Se eu morrera amanhã... E bem poderia ser, moça! Aqui a vida é tão perigosa para mim como para ti. O que deixaria de mim atrás, me diga?»

Soube que não devia perguntá-lo. Tinha jurado não expressar jamais o pensamento de que Jemmy pudesse não ser dele. Se entre eles havia um verdadeiro matrimônio, Jem era seu fruto, quaisquer fossem as circunstâncias de seu nascimento. Entretanto, sentia que as palavras lhe escapavam, que ardiam como ácido.

- Mas estava segura de que o menino era dele?

Bree se deteve em seco para olhá-lo, com os olhos dilatados pelo horror.

- Não. Não, é obvio! Se estivesse segura lhe haveria isso dito. No peito do Roger a dor se acalmou um pouco.

- Vale. Mas lhe disse que era... Não lhe disse que havia dúvidas?

- ia morrer! Minha intenção não era lhe contar a história de minha vida, a não ser lhe oferecer algum consolo. O não tinha por que inteirar-se de sua existência, de nossa noite de bodas O... Vete ao diabo, Roger!

E lhe deu uma patada na tibia. O se cambaleou pela força do ataque, mas a sujeitou por um braço, lhe impedindo de fugir.

- Perdoa! - disse, antes de que ela pudesse golpeá-lo outra vez. Ou mordê-lo: parecia disposta- . Perdoa. Tem razão. Ele não tinha por que inteirar-se. E eu tampouco tenho por que te obrigar a recordar todo isso.

- claro que sim - disse lhe cravando um olhar sombrio- . Há dito que não deveria haver segredos entre nós. Mas, às vezes, quando revela um segredo há outro escondido detrás, certo?

- Sim. Mas não se trata... não é minha intenção...

antes de que ele pudesse dizer nada mais o interrompeu um ruído de

pegadas e conversação. Quatro homens saíram da bruma, falando em gaélico com ar despreocupado. Levavam redes e paus afiados; todos foram descalços e molhados até os joelhos. As fileiras de pescado fresco resplandeciam sob a luz chuvosa.

- Ao Smedraich! - Um homem os viu por debaixo da asa empapada de seu chapéu; imediatamente rompeu em um largo sorriso, enquanto percorria seu desalinho com um olhar ardiloso- . Mas se for você. Astuto! E a filha do Vermelho! Homem! Não podiam dominar-se até que obscurecesse?

- Sem dúvida é mais doce provar a fruta roubada que esperar a bênção de um sacerdote murcho.

- Ah, não - disse o terceiro, enxugando-a nariz, enquanto olhava a Brianna, que se tinha apertado o manto- . Ele só estava lhe cantando uma canção de bodas, verdade?

- Bem que conheço a letra dessa canção - assegurou seu companheiro, alargando o sorriso até exibir a falta de um molar- . Mas eu a canto com mais doçura!

A Brianna voltavam a lhe arder as bochechas; embora não falava o gaélico com tanta fluidez como Roger, não lhe escapava o sentido dessas brincadeiras grosseiras. Roger se plantou diante dela, protegendo-a com seu corpo, mas os homens não tinham má intenção. face às piscadas e aos sorrisos apreciativos, não fizeram mais comentários. O primeiro se tirou o chapéu para golpeá-lo contra sua coxa, lhe sacudindo a água. Logo foi ao grão.

- Alegra-me muito te haver encontrado, ao Oranaiche. Ontem à noite minha mãe te ouviu tocar junto ao fogo, e comentou com minha tia e minhas primas que sua música o fazia dançar o sangue nos pés. Agora todas querem que venha ao Spring Creek, a cantar no ceilidh. É que vai casar se minha prima menor, a única filha de meu tio, o dono do moinho farináceo.

- Será uma grande festa, sem dúvida! - interveio um dos mais jovens.

- Ah, umas bodas? - disse Roger, em gaélico lento e formal- . Haverá outro arenque, pois.

Os dois homens maiores estalaram em uma gargalhada; seus filhos, em troca, pareciam desconcertados.

- Ah, poderiam vocês esbofetear a estes guris com um arenque, e eles não saberiam o que é - disse o homem da boina, movendo a cabeça- . Os dois nasceram aqui.

- E onde vivia em Escócia, senhor?

O homem deu um coice, surpreso ante essa pergunta, que uma voz clara tinha formulado em gaélico. Durante um instante olhou fixamente a Brianna; ao responder, sua cara tinha trocado.

- No Skye - disse brandamente- . Skeabost, ao pé das Cuillins. Sou Angus MacLeod; Skye é a terra de meus pais e de meus avós. Mas meus filhos nasceram aqui.

Falava em voz baixa, mas seu tom apagou a hilaridade dos jovens, como se sobre eles tivesse cansado uma manta úmida. O homem do chapéu encurvado olhou a Brianna com interesse.

- E você, a nighean, nasceste em Escócia?

Ela moveu a cabeça. Ante a expressão interrogante dos homens, Roger respondeu:

- Eu sim. No Kyle do Lochalsh.

- Ah! - A satisfação se estendeu pelas facções murchas do MacLeod- . Por isso é que conhece todas as canções das Terras Altas e as Ilhas.

- Não todas - corrigiu ele, sorrindo- . Mas sim muitas... e quero aprender mais.

- Faz-o - disse o outro, cabeceando lentamente- . Faz-o, cantor, e ensênaselas a seus filhos. - Seu olhar se posou na Brianna, com um leve sorriso lhe curvando os lábios- . Que as cantem a meus filhos, e assim estes conhecerão o lugar de que vieram, embora jamais o vejam.

Um dos jovens se adiantou com ar tímido e ofereceu a Brianna um bolo de pescados.

- Para você - disse- . Um presente de bodas.

Roger viu que ela contraía ligeiramente uma comissura da boca. Seria humor ou histeria incipiente? Mas ela alargou a mão para agarrar a fileira lhe jorrem, com grave dignidade. Logo, recolhendo o bordo do manto com uma mão, fez a todos uma profunda reverência.

- Chaneil facal agam dhuibh ach taing- disse, com seu gaélico pausado, de acento estranho. «Não tenho palavras para lhes dizer, salvo obrigado.»

Os jovens se ruborizaram. Os maiores se mostraram profundamente agradados.

- É boa, a nighean - disse MacLeod- . Deixa que seu marido te ensine... e insígnia Gaidhlig a seus filhos varões. Que tenham muitos!

E se tirou a boina em uma extravagante reverência, apertando o barro com os dedos dos pés para não perder o equilíbrio.

- Muitos filhos varões, fortes e sãs! - acrescentou seu companheiro. Os dois moços assentiram, sorridentes, e murmuraram com acanhamento:

- Que você tenha muitos filhos varões, senhora!

Roger fez automaticamente os acertos para o ceiltdh, sem atrever-se a olhar a Brianna. Quando os homens partiram, lançando olhadas curiosas para trás, eles ficaram em silêncio, separados por um ou dois passos. Brianna mantinha a vista fixa no barro e a erva, cruzada de braços. No peito do Roger perdurava o ardor, embora um pouco alterado. Queria tocá-la, voltar a desculpar-se, mas pensava que com isso não obteria a não ser piorar as coisas.

Ao final foi ela quem deu o primeiro passo: lhe aproximou para apoiar a cabeça em seu peito; a frescura de sua cabeleira úmida lhe roçou a ferida do pescoço. Seus peitos estavam enormes, duros como pedras; puxavam contra ele, como apartando-o.

- Necessito ao Jemmy - disse ela, em voz fica- . Necessito a meu bebê.

As palavras se entupiram na garganta do Roger, apanhadas entre a desculpa e a irritação. Até então não tinha imaginado quão penoso seria pensar que Jemmy pertencia a outro, que não era filho dele, mas sim do Bonnet.

- Eu também o necessito - sussurrou ao fim.

E lhe deu um beijo fugaz na frente. Logo voltou a lhe agarrar a mão para cruzar a pradaria. A montanha, vamos, seguia amortalhada na bruma, invisível, embora dela descendiam gritos e murmúrios, fragmentos de diálogo e música, como ecos de algum Olimpo.

Metralha

No meio da manhã, a garoa tinha cessado; a fugaz visão de um céu azul que aparecia entre as nuvens me dava alguma esperança de que o anoitecer limparia. Pelo bem da Brianna não queria que se aguassem as cerimônias nupciais. Já que não se casava em uma igreja bonita, com arroz e cetim branco, ao menos queria que o lugar estivesse seco.

Esfreguei-me a mão direita, tratando de me tirar a cãibra que me tinham provocado as tenazes de extração dental. O molar rota do senhor Goodwin me tinha dado mais trabalho do que eu tinha esperado, mas me arrumei isso para arrancá-la, com raiz e tudo. Logo o enviei a sua casa com uma pequena garrafa de uísque e instruções de fazer buchos com ele cada hora para evitar a infecção. Tragá-lo era opcional.

Ao desperezarme, o bolso de minha saia se chocou contra minha perna, emitindo um tinido leve, mas lhe gratifiquem. O senhor Goodwin tinha pago em dinheiro; perguntei-me se bastaria para pagar um astrolábio, e para que queria Jaime ter um de esses. De repente, um leve pigarro interrompeu minhas especulações.

Girei em redondo. Ali estava Archi Hayes, com um ar algo zombador.

- OH! - exclamei- . Né... Posso lhe ser útil em algo, tenente?

- Pois, poderia ser, senhora Fraser. - Olhava-me com um leve sorriso- . Conforme diz Farquard Campbell, seus escravos estão convencidos de que pode fazer você que os mortos se levantem. Sim esse é o caso, um trocito de metal perdido não tem que ser grande costure para suas habilidades cirúrgicas, verdade?

Murray MacLeod, para ouvir isso, emitiu um forte bufo e se voltou para seus próprios pacientes.

- OH! - repeti.

E me esfreguei o nariz com um dedo, sobressaltada. Quatro dias antes, um dos escravos do Campbell tinha sofrido um ataque de epilepsia; por acaso, recuperou-se abruptamente no momento em que eu apoiava em seu peito uma mão exploratória. Foi inútil tratar de explicar o que tinha acontecido; minha fama se pulverizou como um incêndio nas ervas secas da montanha.

Voltei-me para o Hayes, me limpando as mãos no avental.

- Bem, me permitam ver essa parte de metal, e veremos o que se pode fazer.

Sem pigarrear, o tenente se tirou a boina, a jaqueta, o colete, o corbatón e a camisa, junto com a gorget de prata de seu cargo. depois de lhe entregar os objetos à ajuda de campo que o acompanhava, tomou assento em meu tamborete, sem que sua plácida dignidade se alterasse por efeito da nudez parcial.

Seu torso carecia de pêlo e tinha a cor pálida do soro, característico da pele que aconteceu anos sem expor-se ao sol, em marcado contraste com o

bronzeado curtido da cara, as mãos e os joelhos. Mas os contrastes foram ainda mais à frente.

Sobre a pele leitosa do bico da mamadeira esquerda tinha uma enorme mancha negro azulado, que o cobria das costelas até a clavícula. O mamilo da direita apresentava uma cor normal, entre rosado e pardusco, mas o da esquerda era muito branco. Ao vê-lo pisquei. Detras de mim se ouviu um suave: «Ao Dhial»

- A Dhia, tha e`tionnadadh dubh!- disse outra voz. «Por Deus, está-se pondo negro!»

Hayes, como se não ouvisse nada de todo isso, sentou-se para que eu realizasse meu exame. Uma inspeção mais detalhada revelou que a coloração escura não era uma pigmentação natural, a não ser uma série de manchas, provocadas pela presença de inumeráveis granulos escuros incrustados na pele. O mamilo tinha desaparecido por completo, sendo substituído por uma reluzente cicatriz branca, do tamanho de uma moeda.

- Pólvora - disse, deslizando a ponta dos dedos pela zona obscurecida-. Ainda tem você o projétil dentro?

O sítio por onde tinha penetrado estava à vista. Toquei o emplastro branco, tratando de imaginar a trajetória que a bala podia ter seguido.

- A metade - respondeu ele, tranqüilamente-. Fragmentou-se. O cirurgião que me extraiu isso me deu as partes. Mais adiante tratei de ajustar os fragmentos, mas só obtive meia bale, de maneira que o resto deve estar dentro.

- Que se fragmentou? Sente saudades que as partes não lhes atravessassem o coração ou os pulmões - comentei, me sentando em cuclillas para observar a ferida com mais atenção.

- Sim, ou pelo menos isso acredito, pois me entrou pelo peito, como vê, mas agora está aparecendo por minhas costas.

Para estupefação da multidão (e também minha) estava no certo. Não só pude apalpar um vulto pequeno, justo sob o bordo exterior da escápula esquerda, mas também também a vi: um inchaço escuro, que pressionava contra a pele branca e suave.

- Por todos os diabos! - disse.

O deixou escapar uma exclamação divertida, não sei se por minha surpresa ou por minha linguagem.

Por estranho que fora, o trocito de metralha não oferecia nenhuma dificuldade cirúrgica. depois de inundar um pano limpo em minha terrina de álcool destilado, limpei a zona com esmero e esterilizei um bisturi. Logo fiz um corte rápido. Hayes se manteve muito quieto. Era militar e escocês; tal como o demonstravam as marcas de seu peito, tinha suportado coisas muito piores.

Quando pressionei com dois dedos aos lados da incisão, os lábios do pequeno corte se avultaram: de repente apareceu uma parte banguela de metal escuro, como se algo me tirasse a língua. Foi possível sujeitá-lo com um par de fórceps e retirá-lo. Com uma pequena exclamação de triunfo, deixei cair o fragmento na mão de meu paciente e apliquei contra suas costas um pano empapado em álcool.

Ele deixou escapar um comprido suspiro; logo me sorriu por cima do ombro.

- O agradeço, senhora Fraser. Este pequeno me acompanha a muito tempo, mas não me causar pena me separar dele.

Cavou a palma manchada de sangue, observando com grande interesse o fragmento metálico que sustentava.

- Quando aconteceu isto? - perguntei com curiosidade.

- Faz vinte anos ou mais, senhora - disse. Tocou a mancha branca e insensível que, em outros tempos, tinha sido um dos sítios de seu corpo com mais sensibilidade- . Isto aconteceu no Culloden.

Disse-o como sem lhe dar importância mas o nome me arrepiou a pele dos braços. Vinte anos ou mais... vinte e cinco, provavelmente mais. E por então...

- Mas se não teria você mais de doze anos! - exclamei.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Onze. Cumpri os doze ao dia seguinte.

Calei o que teria podido lhe responder. Acreditava ter perdido a capacidade de me espantar ante as realidades do passado, mas ao parecer não era assim. Alguém tinha disparado a quemarropa contra um menino de onze anos. Não havia possibilidades de engano, não era um tiro desviado no calor do combate. O homem que o fez sabia que estava matando a um menino. E apesar disso tinha disparado.

A incisão media apenas dois ou três centímetros de longitude e não era profunda; não necessitaria sutura. depois de pressionar um pano limpo contra a ferida, pu-me diante dele para enfaixá-lo com uma tira de linho.

- É um milagre que sobrevivesse - disse.

- Em efeito - afirmou- . Estava tendido em terra, com a cara do Murchison sobre mim, Y...

- Murchison!

A exclamação me escapou. Vi um brilho de satisfação na expressão do Hayes. Então experimentei uma breve inquietação premonitória, recordando o que Jamie havia dito sobre o Hayes a noite anterior. «Pensa mais do que diz, esse pequeno Archie... e olhe que fala muito. Tome cuidado com ele, Sassenach.» Mas já era algo tarde para tomar cuidado; além disso me parecia difícil que tivesse importância, até se se tratava do mesmo Murchison.

- Vejo que conhece você seu nome - observou ele, cordialmente- . Na Inglaterra ouvi dizer que certo sargento Murchison, do vigesimosexto, foi enviado a Carolina do Norte. Mas quando chegamos ao Cross Creek a guarnição já não estava. Acredito que foi por um incêndio, verdade?

- Né... sim - confirmei, algo nervosa por essa referência. Alegrou-me que Bree se retirou; só duas pessoas conheciam a verdade do acontecido ao incendiar o depósito que a Coroa tinha no Cross Creek; uma das duas era ela. Quanto à outra... Não era provável que Stephen Bonnet se cruzasse com o tenente em um futuro próximo... inclusive se seguia com vida.

- E os homens da guarnição - insistiu Hayes- , Murchison e os outros, sabe onde foram?

- O sargento Murchison morreu, por desgraça - disse a minhas costas uma voz grave e fica.

Hayes olhou além de mim, sorrindo.

- Ao Sheumais ruaidh - disse- . Esperava que cedo ou tarde viesse você

a reunir-se com sua esposa. passei a manhã buscando-o.

O nome me sobressaltou tanto como ao Jarne. Uma expressão de surpresa lhe cruzou as feições; mas imediatamente desapareceu, sendo substituída pela cautela. Dos tempos do levantamento, ninguém o chamava Jamie o Vermelho.

- Assim me dão isso dito - respondeu secamente. Logo se sentou em meu segundo tamborete frente a Hayes- . Vejamos, pois. Do que se trata?

Hayes agarrou o esporran que pendurava entre seus joelhos, revolveu nele durante um instante e extraiu um papel dobrado, selado com cera vermelha e marcado com um escudo. Ao reconhecê-lo, me deteve o coração durante um segundo. Parecia difícil que o governador Tryon me enviasse um tardio cartão de aniversário.

depois de verificar cuidadosamente que o nome inscrito no fronte fora o do Jamie, o tenente a entregou. Para minha surpresa, meu marido seguiu sentado, com os olhos fixos na cara do Hayes, sem abri-la.

- O que o traz por aqui? - perguntou abruptamente.

- Ah!, o dever, sem dúvida - respondeu o militar, com as finas sobrancelhas arqueadas em inocente surpresa- . por que outro motivo atuamos os soldados?

- O dever - repetiu Jamie, golpeando-se ociosamente a perna com aquela missiva- . Pois bem. O dever poderia lhes levar do Charleston a Virginia, mas há maneiras mais rápidas de chegar até ali.

Hayes ia encolher se de ombros, mas desistiu de imediato, pois o gesto perturbou a zona que eu estava enfaixando.

- Tinha que trazer a proclama do governador Tryon.

- O governador não tem autoridade sobre você nem sobre seus homens.

- É certo - coincidiu ele- , mas por que não lhe fazer um favor, se estava em minha mão?

- Sim. E pediu a você que lhe fizesse esse favor ou foi idéia dela? - inquiriu Jamie.

- A ancianidad o pôs algo suspicaz, Sheumais ruaidh - observou Hayes.

- É assim como cheguei a velho - replicou meu marido, com um ligeiro sorriso. Logo fez uma pausa, observando a seu interlocutor- . Diz você que foi um homem chamado Murchison quem lhe disparou no campo do Drumossie?

Eu tinha terminado de enfaixá-lo. Hayes moveu o ombro, provando a dor.

- Mas se sabe perfeitamente, ao Sheumais ruaidh! Não recorda você esse dia, homem?

A cara do Jamie sofreu uma mudança sutil. Senti um leve estremecimento de inquietação. O certo era que ele quase não recordava o último dia dos clãs, a matança que tinha deixado a tantos homens sangrando sob a chuva; a ele, entre outros. Eu sabia que às vezes, em sonhos, vinham-lhe pequenas cenas daquele dia, fragmentos do pesadelo. Mas fora pelo trauma, pelas lesões ou por simples força de vontade, a batalha do Culloden estava perdida em sua memória, ao menos até agora. E não parecia provável que desejasse recuperá-la.

- Esse dia aconteceram muitas coisas - disse- . Não recordo tudo, não. Inclinando abruptamente a cabeça, afundou o polegar sob a dobra da carta. Abriu-a com tanta brutalidade que o selo de lacre se fez pedaços.

- Seu marido é homem modesto, senhora Fraser - disse-me Hayes, enquanto convocava a sua ajuda de campo com um gesto da mão- . Alguma vez lhe contou o que fez aquele dia?

- Nesse campo houve muitas amostras de valentia - murmurou Jamie, com a cabeça inclinada para o papel- . E muito do contrário.

Não parecia estar lendo. Tinha o olhar fixo, como se visse outra coisa além da carta que sustentava.

- Assim foi - reconheceu Hayes- . Mas quando um homem lhe salva a vida, vale a pena recordá-lo, verdade?

Jamie levantou bruscamente o olhar, sobressaltado.

- Não recorda você que golpeou ao Murchison na cabeça, no momento em que estava a ponto de me cravar ao chão com sua baioneta? Nem que logo me elevou para me levar fora do campo, a um pequeno poço próximo? Ali, na erva, jazia um dos chefes, e seus homens lhe estavam limpando a cabeça com aquela água. Mas estava muito quieto; compreendi que tinha morrido. Ali havia alguém que me atendeu. Queriam que ficasse, pois estava você ferido e sangrando, mas se negou. Desejou-me sorte em nome de San Miguel, e voltou para campo de batalha.

Hayes se acomodou a cadeia do gorget, colocando a pequena medialuna de prata sob o queixo. Sem o corbatón, seu pescoço parecia nu, indefeso.

- Parecia um homem selvagem, com o cabelo solto ao vento e o sangue lhe correndo pela cara. Para me carregar, havia você embainhado a espada, mas voltou a extrai-la ao empreender a volta. Não acreditei voltar a vê-lo; nunca vi a ninguém ir desse modo ao encontro da morte.

Moveu a cabeça, com os olhos entreabridos, como se não visse o homem sóbrio e confiável que tinha ante si, não ao Fraser, Fraser o da Crista, a não ser ao Jamie o Vermelho, o jovem guerreiro que não tinha retornado ao campo por valentia, mas sim porque desejava perder a vida: depois de me haver perdido , sentia-a como uma carga.

- Seriamente? - murmurou Jamie- . Havia-o... esquecido.

Percebi sua tensão, que vibrava sob minha mão como um cabo tenso. Tinha esquecido muitas coisas, sim, mas isso não. E eu tampouco.

Hayes inclinou a cabeça para que o assistente lhe sujeitasse o corbatón no pescoço. Logo se ergueu para me saudar.

- O agradeço, senhora. foi você muito gentil.

- Não tem importância - disse, com a boca seca- . foi um prazer.

Hayes ficou a jaqueta e sujeitou sua manta com um pequeno broche dourado: que lhe tinha dado seu pai antes do Culloden.

- Assim Murchison morreu - disse, como para seus adentros - . Comentaram-me... - Seus dedos lutaram durante um momento com o fechamento do broche - que havia dois irmãos com esse nome, parecidos como duas gotas de água.

- Em efeito - disse Jamie, olhando-o aos olhos. A cara do tenente só expressava um vago interesse.

- Ah, e sabe você, por ventura, qual deles foi...?

- Não, mas não importa. Ambos morreram.
- Ah - repetiu Hayes. deteve-se um momento, como se refletisse. Logo se inclinou formalmente ante o Jamie, com a boina apoiada contra o peito.
- Buidheachas dhut, ao Sheumais MAC Brian. E que San Miguel lhes defenda.

Saudou-me brevemente com a boina e, depois de plantar-lhe na cabeça, girou para partir. Sua ajuda de campo o seguiu em silêncio.

- O que recorda? - perguntei-lhe, seguindo com a vista ao Hayes, que pisava com cautela o estou acostumado a empapado de sangue.

- Quase nada - respondeu. Logo se levantou para me olhar, escuros os olhos como o céu encapotado de lá encima - . E isso ainda é muito.

Entregou-me o papel estragado. A chuva tinha deslocado a tinta em algumas linhas, mas ainda era legível. Em contraste com a proclama, continha duas frases, mas o ponto adicional para a despedida não diluía seu impacto.

New Bern, 20 de outubro

Coronel ame Fraser:

Considerando que a paz e a boa ordem deste Governo foram violados ultimamente, e que as pessoas e propriedades de muitos habitantes desta província foram danificadas por um grupo de pessoas que se autodenominan reguladores, ordeno-lhes, por entesouramento do

conselho de sua majestade, que convoquem a um recrutamento geral a tantos homens como consideram adequados para servir em um regimento de milicianos, e que me vocês informem na maior brevidade possível o número de voluntários que estão dispostos a emprestar serviço a seu rei e a seu país, quando os convocar, e também que número de efetivos pertencentes a seu regimento podem receber ordens de sair em caso de emergência, e em caso de que os insurgentes tentem novos atos violentos. Sua diligente e pontual obediência a estas ordens serábien recebida por seu obediente servidor,

William Tryon

Dobrei esmeradamente a carta manchada pela chuva, notando apenas que me tremiam as mãos. Jamie voltou a agarrá-la entre o polegar e o índice, como se fora um objeto repugnante. E a verdade é que o era. Olhou aos olhos, torcendo ironicamente a boca.

- Eu esperava contar com algo mais de tempo - disse.

O capataz

Enquanto Brianna ia a pelo Jemmy à loja da Yocasta, Roger assediou lentamente a colina para seu próprio acampamento. «Haverá uma próxima vez», havia dito ela. E ele retinha essas palavras, lhe dando voltas em sua mente como a um punhado de moedas no bolso. Não tinham sido meras palavras: havia nelas intenção, uma promessa nesse momento mais importante que quantas Bree lhe tinha feito na primeira noite de bodas.

O pensar em bodas lhe recordou, por fim, que havia outra em florações. Ao tornar uma olhada comprovou que, na verdade, Bree não tinha exagerado ao falar de seu aspecto. Demônios, e além disso a jaqueta era do Jamie!

Começou a sacudi-la pinaza e as manchas de barro, mas o interrompeu um «olá» do atalho, mais acima. Ao levantar a vista viu que Duncan Innes descendia cautelosamente a levantada pendente, com o corpo inclinado para compensar o braço que lhe faltava. Levava posta sua esplêndida jaqueta escarlate, com as voltas de cor azul e os botões dourados. Sua transformação, de pescador das Terras Altas a próspero latifundiário bem embelezado, era assombrosa; até sua atitude parecia ter trocado; lhe via muito mais seguro de si mesmo.

Acompanhava-o um cavaleiro entrado em anos, alto e magro, de aspecto muito pulcro, embora puído; as escassas mechas brancas, atadas para trás, descobriam uma frente alta, estendida pela calvície. A boca se afundou por falta de dentes, mas retinha sua curva humorística; os olhos eram azuis e brilhantes. O nariz largo e bicudo, a roupa negra, descolorida e gasta, davam-lhe o aspecto de um afável abutre.

- Ao Smeòraich- saudou Duncan, agradado- . Justamente a pessoa que desejava encontrar! Confio em que esteja preparado para seu enlace- acrescentou, contemplando com ire interrogante IA jaqueta manchada do jovem e seu cabelo cheio de folhagem.

- OH, sim! - Roger pigarreou, convertendo seu escovado em um breve tamborilar no peito, para afrouxar o escarro- . Que umidade para as bodas, verdade?

- Ditoso o cadáver sobre o que cai a chuva - acrescentou Duncan, rendo com certo nervosismo- . Oxalá não morramos de pleurisia antes de nos casar, né, moço? - E se acomodou sobre os ombros a fina jaqueta carmesim, tirando do punho uma imaginária bolinha de pó.

- Está muito elegante, Duncan - comentou Roger, com a esperança de distrair a atenção de seu maltratado estado- . Todo um noivo!

Seu interlocutor avermelhou um pouco depois do bigode cansado; a única mão retorceu os botões blasonados de sua jaqueta.

- OH, bom - disse, um pouco sobressaltado- . A senhorita Eu disse que não queria apresentar-se com um espantalho. - E tossiu, voltando-se

abruptamente para seu companheiro, como se ante essa palavra tivesse recordado sua presença- . Senhor Bug, este é Roger MAC, de quem lhe falei, o genro dele.

Olhou novamente ao Roger, assinalando com um gesto vago a seu companheiro, que se adiantou com a mão estendida e uma reverência rígida, mas cordial.

- Arch Bug, ao Smeóraich.

- A seu serviço, senhor Bug - saudou Roger cortesmente. Notou, com certo sobressalto, que à mão ossuda que estreitava a sua lhe faltavam os dois primeiros dedos.

- Hum - respondeu o outro.

Sua atitude indicava que correspondia sinceramente ao sentimento.

- Que amabilidade por parte do senhor Fraser, cavalheiro, e seguro de que não terá motivos para arrepender-se, claro que não, e o hei dito pessoalmente. Não posso lhe expressar a você que bênção foi, quando não sabíamos de onde viria nossa próxima comida, nem como conseguiríamos proteção. Devemos confiar em Cristo e em Nossa Senhora, disse ao Arch, isso lhe disse, e se tivermos que passar fome, faremo-lo em estado de graça. E Arch me respondeu...

Ante nós surgiu uma mulher pequena e gordinha, tão entrada em anos como seu marido e vestida com roupa igualmente gasta, mas bem cerzida. Como era tão baixa, Roger não a tinha visto, pois a ocultavam as volumosas abas da vetusta jaqueta de seu marido.

- A senhora Bug- sussurrou-lhe Duncan, sem que fizesse falta.

- ... e sem um penique com que contar, e eu pensando o que ia ser de nós, e então Sally McBride me diz que tinha sabido que Jamie Fraser necessitava um bom...

O senhor Bug sorriu sobre a cabeça de sua esposa. Ela se interrompeu em meio de uma frase, dilatados os olhos de espanto ao ver a jaqueta do Roger.

- Mas olhe isso! O que lhes aconteceu, filho? foi um acidente? diria-se que alguém lhes derrubou e arrastou pelos talões por cima do esterco!

Sem aguardar resposta, tirou um lenço limpo do volumoso bolso que pendurava de sua cintura. depois de lhe jogar uma generosa cuspidada, começou a limpar as manchas do peitilho.

- OH, não é necessário... Quer dizer... né... obrigado. - Roger, que se sentia como apanhado em uma espécie de maquinaria, olhou ao Duncan esperando que ele o resgatasse.

- Jamie Roy pediu ao senhor Bug que vá trabalhar como capataz na Colina.

Duncan aproveitou a pausa que a tarefa impunha à senhora Bug para oferecer uma explicação.

- Capataz? - Roger sentiu um pequeno impacto ante essa palavra, como se alguém lhe tivesse dado um golpe debaixo do esterno.

- Sim, para quando ele deva viajar ao estrangeiro ou esteja ocupado com outros assuntos. É certo que os campos e os arrendatários não se cuidam sozinhos.

Duncan falava com um ligeiro tom de melancolia; era um singelo pescador do Coigach, por isso freqüentemente as responsabilidades de

dirigir uma plantação grande lhe resultavam onerosas. Jogou uma olhada ao senhor Bug, com um brilho de cobiça, como se pensasse fugazmente em esconder a essa útil pessoa em seu bolso para levar-lhe ao River Run. Claro que também deveria levar-se a senhora Bug.

- E tão boa sorte nos veio como anel ao dedo, e apenas ontem dizia ao Arch que no máximo poderíamos conseguir trabalho no Edenton ou Cross Creek, ele como marinheiro, mas é uma vida tão perigosa, verdade? Todo o dia molhado até os ossos, e os vapores mortíferos que saem dos pântanos, e o ar tão carregado de miasmas que não se pode respirar; e eu talvez poderia trabalhar como lavadeira na cidade enquanto ele estivesse de viagem, embora eu não gostaria de nada, porque não nos separamos uma só noite desde que nos casamos, verdade, meu amor?

Elevou um olhar devoto a seu alto marido, que lhe sorriu com doçura. Ao Roger lhe ocorreu que o homem devia ser surdo. Ou que possivelmente logo que levavam uma semana casados.

- Tínhamos pensado provar no Edimburgo - disse o ancião. Sua dicção era lenta e elegante, com a suave cadência das Terras Altas. «De maneira que não é surdo... - disse-se Roger- ainda.»

- ... pois eu tinha lá um primo que estava relacionado com uma empresa bancária, e pensamos que talvez ele poderia falar com alguém...

- Mas eu era muito velho e não tinha suficiente preparação...

- ... e miúda sorte tivessem tido de contar com ele! Mas não, esses parvos não quiseram saber ruína do assunto, assim viemos a tentar, se pudermos...

Duncan procurou o olhar do Roger, dissimulando um sorriso sob o bigode, enquanto a história das aventuras dos Bug emanava nesse estilo sincopado. O jovem lhe devolveu o sorriso, embora no íntimo se esforçava por desprezar uma insistente sensação de desconforto.

Não obstante, só nesse momento Roger caiu na conta de que, inconscientemente, tinha suposto que ele seria a mão direita do Jamie nesses assuntos. Ou quanto menos, a esquerda.

Fergus ajudava ao Jamie no que podia, fazendo recados e levando informação, mas o fato de que lhe faltasse uma mão limitava sua capacidade física; tampouco podia ocupar-se de papéis e contas; Jenny Murray tinha ensinado a ler, a sua maneira, ao órfão francês adotado por seu irmão, mas nunca conseguiu lhe fazer entender os números.

De maneira que Jamie pensava que até um ancião médio estropiado estava em melhores condições que seu genro para atender os assuntos da Colina do Fraser. A idéia era inesperadamente amarga.

Ele sabia que seu sogro duvidava de sua capacidade, além da desconfiança natural que inspira em todo pai o homem que se deita com sua filha. Como Jamie carecia absolutamente de ouvido, não podia apreciar seus dons musicais. E embora Roger era trabalhador e de bom tamanho, resultava infelizmente certo que tinha muito poucos conhecimentos práticos sobre a criação de animais, a caça e o uso de armas mortíferas. E, além disso, carecia da grande experiência do senhor Bug no manejo de um imóvel grande. Era o primeiro em admitir todo isso.

Mas ele ia converter-se no genro do Jamie. Mas se o mesmo Duncan acabava de apresentá-lo assim! Embora se tivesse educado em outra época,

era um escocês das Terras Altas e sabia perfeitamente que o sangue e o parentesco estavam por cima de todas as coisas.

Pelo habitual, quando só havia uma filha, considerava-se que seu marido era o filho varão da casa; quanto a autoridade e respeito, só o chefe da família estava por cima dele... a menos que tivesse um grave defeito: se fosse alcoólico notório por exemplo, ou dissoluto até o criminoso. Ou fraco mental... Santo Céu!, seria isso o que Jamie pensava dele? Que era um idiota sem remédio?

- Sinta-se, jovem, que eu me ocuparei deste bonito desastre. - Era a senhora Bug quem interrompia suas lúgubres reflexões- . Mas você olhe como está, tudo enlameado e talher de manchas! Esteve brigando? OH, bom, espero que o outro tenha ficado pior. Não se fale mais.

antes de que ele pudesse protestar, já o tinha sentado em uma pedra e, depois de tirar um pente do bolso e lhe soltar o cabelo, ocupou-se de sua enredada juba com movimentos tão enérgicos que parecia que ia arrancar lhe tiras de couro cabeludo.

- Chamam-no Astuto, verdade?

- OH, sim, mas não é pela cor de seus formosos cabelos - interveio Duncan, muito sorridente ante a óbvia desconforto do jovem- . É por seu canto. Tem a voz tão doce como os rouxinóis.

- Canta? - exclamou a senhora Bug, cativada, deixando cair a mecha- . Era você quem cantava ontem à noite? Ceann-rára e Loch Ruadhainn? E além disso tocando o bodhran?

- Bom, talvez - murmurou ele com modéstia.

A ilimitada admiração da senhora, expressa longamente, era uma adulação que o fez envergonhar-se desse momentâneo ressentimento contra seu marido.

«depois de tudo - pensou, observando os muitos remendos de seu avental e as rugas de sua cara- , é óbvio que estes anciões aconteceram maus tempos. Talvez Jamie os contratou tanto por caridade como porque necessitava ajuda.»

Sentindo-se já algo melhor, agradeceu gentilmente à senhora Bug a assistência emprestada.

- Virão agora a nosso acampamento? - perguntou, olhando ao marido com ar inquisitivo- . Suponho que ainda não conhece você à senhora Fraser nem...

Interrompeu-o um ruído que parecia um alarme de bombeiros; embora longínqua, era óbvio que se estava aproximando. Como já estava familiarizado com esse estrépito não se surpreendeu ao ver que seu sogro aparecia por um dos caminhos que serpenteavam pela montanha, com o Jem nos braços, retorcendo-se e chiando como gato escaldado.

Jamie, que parecia levemente intimidado, entregou-lhe o menino. A falta de melhor inspiração, Roger colocou um de seus polegares naquela boca bem aberta, com o que o alvoroço cessou abruptamente. Todos se relaxaram.

- Que pequeno tão doce! - A senhora Bug ficou nas pontas dos pés para arrulhar ao Jem, enquanto seu avô, extremamente aliviado, voltava-se para saudar o senhor Bug e ao Duncan.

«Doce» não era o adjetivo que Roger teria escolhido. «Louco de atar» era

uma expressão mais adequada.

- Onde está Bree?

- Só Deus sabe e não quer dizê-lo - respondeu brevemente seu sogro- . Estive-a procurando por toda a montanha desde que o rorro despertou em meus braços e decidi que não era feliz em minha companhia. - depois de farejar com suspicacia a mão com que tinha sustentado a seu neto, a limpou nas abas da jaqueta.

- Parece que tampouco lhe satisfaz a minha. - Jem tinha começado a lhe roer o polegar; a baba lhe corria pelo queixo e gotejava sobre a boneca do Roger- . Não viu ao Marsali?

Sabia que a Brianna não gostava que outra mulher amamentasse ao Jemmy, mas estavam ante uma emergência. Jogou um olhar em redor, com a esperança de que houvesse por ali alguma mãe lactante que se compadecesse da criatura, se não dele.

- Vamos, me dêem a esse pobre pequenín - disse a senhora Bug, alargando os braços. Por isso ao Roger concernia, passou imediatamente de entremetida charlatana a anjo de luz- . Bom, bom, a leannan, já passou tudo.

Jemmy, que sabia reconhecer a autoridade a primeira vista calou imediatamente e contemplou à mulher com olhos dilatados por um enorme respeito. Ela se sentou com o menino no regaço e começou a atendê-lo, com a mesma eficiente firmeza com que tinha atendido a seu pai. Roger se disse que Jamie se equivocou do Bug ao escolher capataz.

Não obstante, Arch estava demonstrando tanto sua inteligência como suas aptidões com sensatas perguntas sobre o gado, as colheitas, os arrendatários, etcétera. «Mas se eu poderia fazer todo isso!», pensou Roger, que seguia o diálogo com atenção. «Em parte», corrigiu-se honestamente, assim que a conversação virou para os parasitas. Talvez Jamie estava justificado em procurar a alguém com mais conhecimentos... mas ele podia aprender, depois de tudo.

- E quem é este guri tão simpático, né? - A senhora Bug se pôs de pé, arrulhando ao Jemmy, já respetavelmente transformado. Seguindo com um dedo romo a linha daquela bochecha redonda, jogou uma olhada ao Roger- . Sim, sim, tem os olhos do pai, já se vê, não?

Ele avermelhou, esquecendo por completo aos parasitas. ;

- Sim? Eu diria que se parece muito mais a sua mãe.

A anciã franziu os lábios, estudando-o com olhos entreabridos. Logo sacudiu decididamente a cabeça, dando uns tapinhas ao cocuruto do Jem.

- O cabelo possivelmente não, mas o corpo se, é o seu, jovem. Esses bons ombros, bem largos! - depois de um breve gesto de aprovação dirigido ao Roger, beijou ao menino na frente- . E não me surpreenderia que, com o tempo, tivesse os olhos verdes. Recordem o que lhes digo, jovem: quando crescer será seu viva imagem. Verdade que sim, hombrecito? - acrescentou, hociqueando ao Jemmy- . Será uma moço grande e forte como seu papai, não é certo?

«É o tipo de coisas que se dizem sempre», recordou-se a si mesmo, tratando de apagar o absurdo arrebatamento de prazer que lhe causavam essas palavras. «As velhas sempre dizem que os crios se parecem com um ou a outro.» de repente descobriu que temia admitir sequer a possibilidade de

que Jemmy pudesse ser dele, de tanto como o desejava. disse-se com firmeza que não importava; fora ou não de seu sangue, é obvio que o amaria e cuidaria como a um filho. Mas sim que importava, e de que maneira!

antes de que pudesse dizer nada à mulher, o senhor Bug se voltou para ele, para inclui-lo cortesmente na conversação dos homens.

- MacKenzie? - disse- . É você dos MacKenzie de lorridon? Ou possivelmente do Kilmarnock?

- Roger MAC é meu parente, por parte de mãe - disse Jamie despreocupadamente- . Dos MacKenzie do Leoch, verdade?

- Ah, sim? - Arch Bug parecia impressionado- . Pois se que chegou longe, moço!

- OH, não mais que você, senhor, sem dúvida... ou qualquer dos que estão aqui. - Roger assinalou com um breve gesto montanha acima, de onde chegavam, flutuando no ar úmido, gritos gaélicos e música de gaitas de fole.

- Não, não, jovem! - A senhora Bug se incorporou à conversação, com o Jemmy apoiado contra o ombro- . Não é isso o que Arch quer dizer. É que está você muito longe dos outros.

- Do que outros? - Roger intercambiou um olhar com o Jamie, quem se encolheu de ombros, igualmente intrigado.

- os do Leoch - alcançou a dizer Arch, antes de que sua esposa agarrasse o fio do diálogo entre seus dentes.

- Inteiramo-nos no navio, sabem? Havia um grupo grande dos MacKenzie, todos das terras que estão ao sul do velho castelo. Quando seu senhor partiu com o primeiro grupo, aqueles ficaram, mas agora queriam ir reunir se com o que subtração do clã, para ver se podiam trocar sua sorte porque...

- O senhor? - interrompeu-a Jamie, áspero- . Não era Hamish MAC Callum?

Hamish, filho do Colum, traduziu Roger para seus adentros. E fez uma pausa. Quer dizer, Hamish MAC Dougal. Mas no mundo havia só cinco pessoas que soubessem. Agora, possivelmente só quatro.

A anciã assentiu enfaticamente.

- Sim, sim, assim o chamavam eles. Hamish MAC Callum MacKenzie, senhor do Leoch. O terceiro. Assim o disseram. Y...

Ao parecer, Jamie tinha encontrado a maneira de entender-se com a senhora Bug; por meio de implacáveis interrupções, conseguiu lhe extrair a história em menos tempo do que seu genro teria acreditado possível. O castelo do Leoch tinha sido destruído pelos ingleses na purgação das Terras Altas que seguiu ao Culloden. Jamie conhecia essa parte, mas depois, prisioneiro ele também, não tinha tido notícias do destino de quem vivia ali.

- E não tive valor para perguntar - acrescentou, com uma melancólica inclinação de cabeça.

Os Bug intercambiaram um olhar, suspirando ao uníssonos, com os olhos escurecidos pelo mesmo sotaque triste que apagava a voz do Jamie.

Era uma expressão a que Roger estava já muito habituado.

- Mas se Hamish MAC Callum ainda vive... - Jamie, que não tinha retirado a mão de seu ombro, o estreitou com força ao dizer isto- . É uma notícia que alegra o coração, não?

E sorriu com tão óbvia alegria, que Roger, inesperadamente, sentiu

brotar em sua cara um enorme sorriso a modo de resposta.

- Sim - disse, aliviado o peso em seu coração- . Sim, isso!

O fato de que não tivesse a menor ideia de quem era Hamish MAC Callum MacKenzie não tinha nenhuma importância; o homem era na verdade um parente, de seu mesmo sangue, e a ideia o regozijava.

- Sabem aonde foram? - inquiriu seu sogro- . Hamish e seus seguidores?

A Acadia... não, ao Canadá, responderam os Bug. Ou a Nova Escócia? A Maine? Não... a uma ilha, decidiram, depois de uma complexa consulta mútua. Ou possivelmente...

Jemmy os interrompeu com um uivo que indicava seu iminente falecimento por inanição. A senhora Bug deu um coice, como se alguém lhe tivesse parecido um pau.

- Devemos levar a este pobre pequeno com sua mamãe - disse em tom de recriminação, repartindo imparcialmente seu olhar fulminante entre os quatro homens, como se os acusasse coletivamente de uma conspiração para assassinar ao menino- . Onde está seu acampamento, senhor Fraser?

- Eu a guiarei, senhora - ofereceu-se precipitadamente Duncan- . Me acompanhe você.

Roger pôs-se a andar depois dos Bug, mas Jamie o reteve lhe pondo uma mão no braço.

- Não; deixa que Duncan os leve - disse, despedindo-se do casal com uma inclinação de cabeça- . Mais tarde falarei com o Arch. Agora tenho algo que te dizer, a chliamhuinn.

Roger sentiu que ficava algo tenso ante esse término formal. Tinha chegado o momento em que Jamie lhe diria que defeitos de caráter e formação o faziam inadequado para assumir a direção das coisas na Colina do Fraser?

Mas não: seu sogro estava tirando um papel enrugado de seu sporran. O entregou com uma leve careta de desgosto, como se lhe queimasse na mão. Roger o percorreu velozmente com os olhos; logo apartou a vista da breve mensagem do governador.

- Tropa. Quando?

Jamie encolheu um ombro.

- Ninguém sabe, mas antes do que qualquer quereria, suponho.- Dedicou ao jovem um sorriso deprimido e triste - . ouviste as conversações havidas em torno do fogo?

Roger assentiu com seriedade. Tinha escutado os diálogos entre uma canção e outra, durante as competições de tiro de pedra, entre os pequenos grupos que bebiam sob as árvores, no dia anterior. No tiro do tronco tinha começado uma briga a murros, rapidamente sufocada sem que se produziram danos; mas a ira pendia como uma fetidez no ar da congregação.

Jamie se passou uma mão pela cara e o cabelo. Logo se encolheu de ombros, suspirando.

- Tive sorte ao me encontrar hoje com o Arch Bug e sua esposa. Se se chegar à luta (e suponho que assim será, se não agora, mais adiante), Claire virá conosco. E eu não gostaria de deixar que Brianna as arrumasse sozinha. Mas se pode solucionar.

Roger sentiu que o abandonava o pequeno peso da dúvida; de repente

o via tudo claro.

- Sozinha. Isso significa que... desejas que te acompanhe? Para te ajudar a recrutar homens para a tropa?

Jamie o olhou com ar surpreso.

- É obvio. Quem, se não?

E rodeou os borde de sua manta aos ombros, curvado contra o vento que aumentava.

- Vamos, pois, capitão MacKenzie - disse, com uma nota irônica na voz - . Temos muito que fazer antes de suas bodas.

A semente da discórdia

Uma parte de minha mente estava no pólipó nasal de um escravo do Farquard Campbell; a outra, no governador Tryon. Dos dois era o pólipó quem me inspirava mais compaixão, e minhas intenções eram acabar com ele cauterizando-o com um ferro quente.

Parecia muito injusto, disse-me, carrancuda, enquanto esterilizava o bisturi e punha o mais pequeno de meus cauterizadores em uma terrina de brasas.

Seria esse o começo? Ou um deles? Terminava 1770; em cinco anos mais, as treze colônias estariam em guerra. Mas cada uma chegaria a esse ponto por um processo distinto. depois de ter vivido tanto tempo em Boston, sabia, pelos textos escolar do Bree, como tinha sido o processo em Massachusetts... ou como seria. Os impostos, a massacre de Boston, Harbor, Hancock, Adams, a Partida do Chá, todo isso. Mas na Carolina do Norte como tinha acontecido? Quer dizer, como aconteceria?

Bem podia estar produzindo-se já. O dissentimento fervia a fogo lento desde fazia vários anos, entre os plantadores da costa oriental e os curtidos moradores da zona ocidental. Os reguladores surgiam, em sua maioria, de entre estes últimos; os primeiros apoiavam de todo coração ao Tryon, quer dizer: à Coroa.

- Já está bem?

Tinha dado ao escravo um bom sorvo de uísque medicinal para lhe insuflar forças. Sorri-lhe como lhe dando fôlego e ele assentiu; parecia inseguro, mas resignado.

Eu nunca tinha ouvido falar dos reguladores, mas ali estavam, em que pese a tudo. E a essas alturas, com o que eu tinha visto, sabia quanto omitem os livros de História. Acaso as sementes da revolução se estavam semeando diretamente ante meus narizes?

Com um murmúrio tranqüilizador, envolvi-me a mão esquerda com um guardanapo de linho e, sujeitando com firmeza o queixo do escravo, coloquei o escalpelo por sua fossa nasal. Cortei o pólipó com um destro movimento da folha; o sangue emanou a fervuras, quente, através do pano que me rodeava a mão, mas ao parecer não havia muita dor. O escravo parecia surpreso, mas não inquieto. Apertei o pano com força contra o nariz do homem, para deter o sangue e logo o retirei. antes de que o sangue voltasse a emanar, pressionei o ferro quente, esperando havê-lo feito no ponto correto.

O escravo emitiu um som estrangulado, mas não se moveu, embora as lágrimas lhe corriam pelas bochechas, molhadas e quentes contra meus dedos. O aroma de carne chamuscada e sangue era o mesmo que surge dos andaimes. Meu estômago lançou um forte grunhido. Os olhos dilatados e avermelhados do escravo se encontraram com meus, atônitos. Vendo que minha boca se contraía, deixou escapar uma débil risita entre as lágrimas e os mucos.

Retirei o ferro, com o pano preparado. Não houve mais sangue. Então inclinei bem para trás a cabeça do homem, entortando os olhos para olhar dentro de seu nariz, e tive o gosto de detectar uma marca pequena e podada na parte alta da mucosa.

O homem não falava inglês; sorri-lhe, mas ao falar dirigi a sua companheira, uma jovem que não lhe tinha solto a mão durante toda essa dura prova.

- Reporá-se perfeitamente. Por favor, lhe diga que não se tire a crosta. Se se torcedor, se houver pus ou febre...

Fiz uma pausa; o resto da frase devia ser «... consulta imediatamente com seu médico», mas isso não era possível.

- Consulta com sua ama - disse em troca, a contra gosto- . Ou busca a uma curandeira que saiba de ervas.

Pelo pouco que sabia, a atual senhora Campbell era jovem e bastante confundida. Mesmo assim, em qualquer plantação, o ama devia saber como tratar uma febre. E se aquilo passava de uma simples infecção à septicemia... em qualquer caso ninguém poderia fazer muito por ele.

Despedi-me do escravo lhe dando uma palmada no ombro e chamei o seguinte paciente.

Uma infecção: isso era o que se estava gerando. Em geral tudo parecia tranqüilo; ao fim e ao cabo, a Coroa estava retirando todas suas tropas. Mas sem dúvida perduravam dezenas, centenas, milhares de diminutos gérmes de discórdia, conformando bolsas de conflito em todas as colônias. A regulação era só um deles.

Tinha a meus pés um pequeno cubo de álcool destilado para desinfetar os instrumentos. Afundei o cauterizador nele e logo voltei a pô-lo no fogo. O álcool se acendeu com um breve piffl, sem levantar chama.

Tive uma sensação desagradável, como se a nota escrita que nesses momentos queimava o sporran do Jamie fora uma chama similar, aplicada a uma entre um milhão de pequenas mechas. Algumas seriam sufocadas; outras se apagariam por si só. Mas umas quantas seguiriam ardendo, chamuscando um caminho destrutivo através de lares e famílias. O final seria uma cisão limpa, mas correria muita sangue antes de que o ferro quente das armas pudesse cauterizar a ferida aberta.

Acaso Jamie e eu jamais teríamos um pouco de paz?

- Ali está Duncan MacLeod. Possui trezentos acres perto do rio Yadkin, mas não há ninguém ali, salvo ele e seu irmão.

Jamie se esfregou a cara com uma manga para secar o brilho de umidade que lhe aderira e lhe impregnava até os ossos. depois de piscar para limpar a vista, sacudiu-se como os cães, pulverizando as gotas que lhe tinham condensado no cabelo. Logo prosseguiu, assinalando a voluta de fumaça que marcava a fogueira do MacLeod:

- Mas é parente do velho Rabbie Cochrane. Rabbie não veio à congregação; acredito que está doente de hidropisia. Mas tem onze filhos já maiores, disseminados pelas montanhas como grãos de milho. Roger, lhe dedique ao MacLeod todo o tempo que seja necessário; te assegure primeiro de que venha porque quer fazê-lo; logo lhe diz que mande aviso ao Rabbie.

lhe diga que nos reuniremos na Colina do Fraser dentro de quinze dias.

Vacilou, com uma mão no braço do Roger para impedir que partisse abruptamente. Com os olhos entreabridos ante o resplendor, sopeso as possibilidades. Tinham visitado juntos três acampamentos e contavam com a palavra de quatro homens, Quantos mais poderiam achar na congregação?

- Quando acabar com o Duncan vá aos currais de ovelhas. Ali estará certamente Angus Og. Conhece o Angus Og?

Roger assentiu, esperando que fora quem ele acreditava. Na última semana lhe tinham apresentado ao menos a quatro homens chamados Angus Og, mas um deles ia seguido por um cão e fedia a lã crua.

- Og Campbell, verdade? Curvado como um anzol e com um olho desviado?

- Esse é, sim. - Jamie fez um gesto de aprovação afrouxando a mão- . Está muito coxo para combater, mas se encarregará de que vão seus sobrinhos e divulgará a notícia entre os assentamentos próximos ao High Point. De maneira que temos ao Duncan, Angus... ah, sim: Joanie Findlay.

- Joanie?

Fraser sorriu de brinca a orelha.

- A velha Joan, chamam-na. Acampa perto de minha tia. Ela e Iain Mhor, seu irmão.

Roger assentiu, dubio.

- Bem. Mas é com ela com quem devo falar, verdade?

- À força - disse Jamie- . Iain Mhor não pode falar. Mas ela tem outros dois irmãos e dois filhos varões em idade de combater. Enviará-os.

Elevou o olhar ao céu. Ficavam talvez duas horas de boa luz.

- Com isso basta - decidiu, secando-a nariz com a manga- . Volta para a fogueira quando tiver terminado com a velha Joan, e comeremos algo antes de suas bodas, vale?

despediu-se do Roger com uma sobrancelha arqueada e um leve sorriso. Logo lhe voltou as costas, mas antes de que o jovem pudesse dar um passo girou outra vez.

- lhes diga em seguida que é o capitão MacKenzie - aconselhou-lhe- . Emprestarão-lhe mais atenção.

E se afastou a grandes passos, em busca dos candidatos mais recalcitrantes de sua lista.

A fogueira do MacLeod fumegava na bruma como uma chaminé. Roger se dirigiu para ali, repetindo os nomes pelo baixo: «Duncan MacLeod, Rabbie Cochrane, Angus Og Campbell, Joanie Findlay... Duncan MacLeod, Rabbie Cochrane...» Não havia nenhuma dificuldade; com três repetições o gravava tudo, já fora a letra de uma nova canção, os dados de um livro de texto ou as instruções sobre a psicologia de possíveis recrutas para a tropa.

Parecia-lhe razoável procurar ali a quão escoceses viviam apartados antes de que se dispersassem para suas granjas e suas cabanas. E o reconfortava o fato de que até o momento os homens abordados tivessem aceito o recrutamento sem mais que um olhar furioso e um pigarro de resignação.

Capitão MacKenzie... O título que Fraser lhe tinha outorgado tão despreocupadamente lhe provocava um sobressaltado orgulho.

Ao mesmo tempo, tinha que admitir que experimentava uma pequena ardência de entusiasmo. Talvez aquilo, no momento, fora só jogar à guerra. Mas a idéia de partir com um regimento de milicianos, com os mosquetes ao ombro e o aroma de pólvora nas mãos...

Faltavam só quatro anos, disse-se, para que os milicianos pisassem na erva do Lexington. Homens que, em um princípio, não eram mais soldados que aqueles com quem falava em meio da chuva, não mais que ele. Ser consciente disso lhe arrepiou a pele e lhe assentou no ventre com um estranho peso de importância.

Já se morava. Santo Céu!, morava-se de verdade.

MacLeod não apresentou nenhum problema; entretanto, demorou mais do que esperava em encontrar ao Angus Og Campbell, fundo entre ovelhas até o traseiro e irascível pela interrupção. O de «capitão MacKenzie» não causou muito efeito nesse velho cretino; mais sorte teve ao invocar ao «coronel Fraser», pronunciado com certo sotaque de ameaça. Angus Og se mordeu o comprido lábio superior com mal-humorada concentração; logo assentiu a contra gosto e voltou para suas negociações com um resmungão: «Farei-o saber, sim.»

Quando ascendeu novamente para o acampamento do Joan Findlay, a garoa tinha cessado e as nuvens começavam a abrir-se.

Levou-se a surpresa de descobrir que «a velha louvam» era uma mulher atrativa, de uns trinta e cinco anos, com penetrantes olhos de cor avelã que o observaram com interesse baixo as dobras de seu arisaid molhado.

- De maneira que a isso chegamos, né? - disse, depois da breve explicação de seu visitante-. Quase o esperava, depois de escutar o que aquele moço disse esta manhã.

Tocou-se reflexivamente os lábios com a manga da colher de madeira.

- Tenho uma tia que vive no Hillsborough, sabe você?, com uma habitação na Casa do Rei. Justo em frente está a casa do Edmund Fanning... quer dizer, estava. - Soltou uma gargalhada breve, sem humor-. Tem-me escrito. Diz que a multidão chegou agitada pela rua, blandiando paus como um turba de demônios. Arrancaram de seus alicerces a casa do Fanning e a arrastaram com cordas, frente aos olhos de minha tia. Assim agora devemos enviar a nossos homens para que tirem as castanhas do fogo pelo Fanning, verdade?

Roger se mostrou cauteloso; tinha ouvido muitas coisas sobre o Edmund Fanning, que distava de ser querido.

- Não saberia o que lhe dizer, senhora Findlay - manifestou-. Mas o governador..

Joan Findlay bufou de maneira expressiva.

- O governador! - exclamou, cuspiendo ao fogo-. Ora! Mas bem, os amigos do governador. Mas assim são as coisas e assim serão sempre: os pobres devem verter seu sangue pelo ouro do rico.

Voltou-se por volta de duas meninas que se materializaram detrás

dela, silenciosas como pequenos fantasmas envoltos em xales.

- Annie, vá procurar a seus irmãos. Você, Joanie, remove a panela. Cuida de arranhar bem o fundo, para que não se queime.

depois de entregar a colher a mais pequena, afastou-se, indicando ao Roger que a seguisse.

O acampamento era miserável: apenas uma manta de lã estirada entre duas matas para proporcionar algum casaco. Joan Findlay se agachou ante a cova assim formada e Roger a imitou, agachando-se para olhar por cima do ombro da mulher.

- A bhráthair, veio o capitão MacKenzie - disse ela, alargando uma mão para o homem que jazia em um jergón de erva seca, sob a manta.

Roger sentiu uma brusca impressão ao vê-lo, mas se dominou. Na Escócia de sua época se haveria dito que era espasmódico; que nome lhe dariam agora? Talvez nenhum; Fraser se tinha limitado a dizer que não podia falar.

Não, e tampouco mover-se devidamente. Seus membros ossudos estavam consumidos; seu corpo, contraído em ângulos impossíveis. Seus movimentos espasmódicos tinham movido o edredom que o cobria, amontoando-o entre suas pernas, com o que o torso ficava exposto; em suas resistências, tirou-se pela metade a camisa. A pele pálida dos ombros e as costelas resplandecia na sombra em frios tons azuis.

Joan Findlay lhe cobriu a bochecha com uma mão para lhe girar a cabeça, a fim de que pudesse olhar ao Roger.

- Meu irmão lain, senhor MacKenzie - apresentou com voz firme, como se o desafiasse a reagir.

A cara também estava distorcida, com a boca torcida e lhe babem, mas naquela ruína humana havia um belo par de olhos cor avelã, cheios de inteligência, que sustentaram o olhar do visitante. Roger, dominando firmemente seus sentimentos e suas próprias facções, alargou a mão para estreitar a garra do doente. A sensação foi terrível: ossos agudos e frágeis sob uma pele tão fria que bem teria podido ser a de um cadáver.

- lain Mhor - disse com suavidade- . ouvi falar de você. Jamie Fraser vos envia suas saudações.

As pálpebras descenderam em um delicado gesto de reconhecimento; logo voltaram a subir e contemplaram ao Roger com tranqüila inteligência.

- O capitão veio para recrutar milicianos - disse Joan, atrás do visitante- . O governador deu ordens. Parece que está cansado dos distúrbios e a desordem, conforme diz, e quer acabar com isso pela força.

Sua voz encerrava um forte tom de ironia.

Os olhos de lain Mhor se detiveram na cara de sua irmã. Sua boca se movia, lutando por recuperar a forma; o peito estreito se esticou com o esforço. dele emergiram umas poucas sílabas roucas, espessas de saliva. Logo caiu para trás, respirando com força, a vista fixa no Roger.

- Pergunta se lhe pagará ao que se recrute, capitão - traduziu Joan. Roger vacilou. Jamie tinha previsto essa pergunta, embora não havia uma resposta definitiva. Mas a franqueza o obrigou a responder.

- Não se. Ainda não se anunciou nada... mas talvez se faça.

O pagamento de um recrutamento dependia da resposta que tivesse a convocatória do governador; se a só ordem produzia tropas insuficientes, as

autoridades podiam considerar adequado oferecer um melhor incentivo aos milicianos que respondessem à chamada.

Nos olhos de Iain Mhor faiscou uma expressão desencantada, quase imediatamente substituída por outra de resignação. Qualquer ingresso teria sido bem recebido, mas em realidade não o esperavam.

- O que lhe vai fazer!

A voz do Joan expressava a mesma resignação. Roger a ouviu apartar-se para um lado, mas ainda seguia detento daqueles olhos avelã, de largas pestanas, que sustentavam seu olhar sem ceder, curiosos. Não estava seguro de poder retirar-se sem mais; queria oferecer ajuda, mas havia ajuda possível?

Alargou uma mão para a camisa aberta e o edredom enredado. Era pouco, mas melhor que nada.

- Permite-me?

Os olhos avelã se fecharam durante um instante e voltaram a abrir-se com aquiescência. O se dedicou a pô-lo tudo em seu sítio, Iain Mhor, embora consumido, era assombrosamente pesado e levantá-lo desde esse ângulo resultava difícil.

Mesmo assim não demorou mais que um momento; o homem ficou decentemente coberto e melhor abrigado. Roger sustentou novamente seu olhar; logo, com uma inclinação de cabeça e um sorriso turvado, retrocedeu até sair daquele ninho revestido de ervas, tão mudo como o mesmo Iain Mhor.

Os dois filhos varões do Joan Findlay já estavam ali, junto a sua mãe; eram robustos moços de dezesseis e dezessete anos, que observavam ao visitante com cautelosa curiosidade.

- Este é Hugh - indicou ela, estirando-se para apoiar uma mão em seu ombro. Logo fez o mesmo com o outro - : E este, Iain Og.

Roger inclinou cortesmente a cabeça.

- A seu serviço, cavalheiros.

Os moços intercambiaram um olhar; logo baixaram a vista, sufocando um grande sorriso.

- Bem, capitão MacKenzie. - A voz do Joan remarcou o título - . Se emprestar a meus filhos, promete-me você enviá-los a casa sãs e salvos?

Os olhos de cor avelã da mulher eram tão agudos e inteligentes como os de seu irmão..., e tampouco cediam. Ele reuniu forças para não apartar a vista.

- Até onde esteja meu poder, senhora... cuidarei de que estejam a salvo. A mulher elevou apenas o bordo da boca; sabia perfeitamente o que estava em seu poder e que não. Mesmo assim sorriu, deixando cair as mãos aos lados.

- o Irã.

Então ele se despediu. Enquanto se afastava, sua confiança lhe pesava no ombros.

Os presentes da avó Bacon

Uma vez atendido o último de meus pacientes, me desperecei com fruição. De uns quantos pacientes podia dizer, sem faltar à verdade, que os tinha salvado de infecções graves e até da morte. E tinha dado uma versão mais de meu próprio sermão da montanha, pregando o evangelho da nutrição e a higiene às multidões reunidas.

- Bem-aventurados quem come verduras, porque conservarão seus dentes - murmurei a um cedro.

Detive-me para arrancar algumas de seus fragrantes bagos e triturei uma com a unha do polegar, desfrutando de seu aroma limpo e penetrante.

- Bem-aventurados os que se lavam as mãos depois de limpar o traseiro - acrescentei, apontando com um dedo admoestador a um arrendajo azul- , pois eles não adoecerão.

O acampamento já estava à vista e, com ele, a deliciosa perspectiva de uma taça de chá quente.

- Bem-aventurados quem ferve a água - disse-lhe ao pássaro- , pois eles serão chamados salvadores da humanidade.

- Senhora Fraser! Senhora! - gorjeou uma vocecita junto a mim, interrompendo meus ensoñaciones.

Ao baixar a vista me encontrei com o Eglantine Bacon, de sete anos, e Pansy, sua irmã menor: um par de meninas ruivas, de cara redonda e sardenta.

- Ah, olá, querida. Como está? - perguntei, sonriêndole. Bastante bem, a julgar por seu aspecto; nos meninos, a enfermidade está acostumada ser visível a simples vista; as pequenas Bacon transbordavam saúde.

- Muito bem, senhora, muito obrigado. - Eglantine me fez uma breve reverencia, logo deu um tranco à cabeça do Pansy para que fizesse o mesmo..

Uma vez observadas as regras de cortesia (os Bacon eram gente de cidade, que tinham ensinado bons maneiras a suas meninas), Eglantine afundou a mão em seu bolso e entregou um grande pacote de tecido.

- A avó Bacon vos envia este presente - explicou orgulhosamente, enquanto eu desdobrava o tecido. Resultou ser uma touca enorme, decorada com encaixes e cintas de cor malva- . Este ano não pôde vir à congregação, mas disse que devíamos lhe trazer isto e lhe dar as obrigado pelo remédio que lhe enviou você para seu... reu-MA-tismo.

Pronunciou a palavra com cuidado, franzindo a cara ao concentrar-se; logo se relaxou, radiante de orgulho por havê-lo feito tudo corretamente.

- Muito obrigado! Que bonita! - Levantei a touca para admirá-la, enquanto me ocorriam umas quantas coisas sobre a avó Bacon.

Deu-me cara a cara sua opinião, de que era indecoroso, em uma mulher de minha idade, não usar boina nem lenço, algo censurável na esposa de um homem tão importante; mais ainda, tão somente «as busconas

dos andurriales e as mulheres de baixa condição» levavam o cabelo solto sobre os ombros. Eu me limitei a rir, sem lhe emprestar atenção, e lhe dava uma garrafa de uísque bastante bom, com instruções de beber um poquito com o café da manhã e depois do jantar.

A mulher, que não deixava dívidas impagadas, tinha decidido me pagar a sua maneira.

- Não vai você a ficar a Eglantine e Paruy me olhavam com ar crédulo. A abuelita nos disse que devia ficar a para que pudéssemos lhe dizer como ficava.

- Isso disse?

Ao parecer, não havia remédio. Encasquetei-me a touca, que me caía sobre a frente, quase até a ponte do nariz, e rodeava minhas bochechas de envoltórios postas fitos, me fazendo sentir como um esquilo que espiasse desde sua toca.

Eglantine e Pansy palmetearon em um paroxismo de prazer. Pareceu-me oir sufocados ruídos de diversão a minhas costas, mas não me girei.

- Digam a sua abuelita que lhe agradeço este encantador presente, de acordo?

Dava às meninas uns tapinhas na cabeça e caramelos de melaço, antes das enviar a reunir-se com sua mãe. No momento em que elevava uma mão para me tirar essa excrecência da cabeça, caí na conta de que a mãe estava ali: provavelmente tinha estado de um princípio, espreitando detrás de um placaminero.

- OH! - exclamei, convertendo meu gesto em um intento de reacomodar o brando meio doido. Levantei com um dedo a parte pendente, para ver melhor. Senhora Bacon! Não a tinha visto você.

- Olá, senhora Fraser.

A cara do Polly Bacon mostrava uma delicada cor rosada, sem dúvida provocado pelo frio. Tinha os lábios muito apertados, mas lhe dançavam os olhos sob o volante de sua muito correto touca.

- As meninas queriam lhe entregar isso - disse. Teve o tato de não olhá-la. mas minha sogra lhes enviou outro pequeno presente. Pareceu-me que seria melhor dar-lhe eu mesma.

Desatei a corda, e deixei cair em minha palma uma pequena quantidade de sementes diminutas, de cor parda escura.

- O que é? - perguntei ao Polly, intrigada.

- Não sei que nome tem em nosso idioma - respondeu ela. Os índios a chamam dauco. A avó Bacon é neta de uma curandeira catawba, sabia você? dela aprendeu a usar essas sementes.

- De verdade? - Agora compreendia que o desenho me resultasse familiar: devia ser a planta que Nayawenne me tinha mostrado uma vez, a planta das mulheres. Não obstante perguntei, para maior segurança: Para que serve?

Nas bochechas do Polly aumentou o rubor. antes de inclinar-se para mim percorreu o claro com a vista, para assegurar-se de que ninguém pudesse nos ouvir.

- Para impedir que alguém fique grávida. Tomadas uma cucharadita todos os dias, em um copo de água. Todos os dias, entende? Então a semente do homem não arraiga no ventre feminino.

Seus olhos se enfrentaram a meus; a seu brilho divertido se adicionava algo mais sério.

- A avó se deu conta de que é você mulher de conjuros. E sendo assim, freqüentemente terá que ajudar às mulheres que sofrem abortos, por não falar do que se padece ao perder a um menino que nasce vivo...

Encomendou-me lhe dizer que mais vale acautelar que curar.

- Lhe diga a sua sogra que o agradeço muito - manifestei com sinceridade.

À idade do Polly, a maioria das mulheres tinham cinco ou seis filhos e as via desgastadas pela sucessão de embarços inoportunos; ela, com apenas duas meninas, carecia desse aspecto. Obviamente, as sementes eram efetivas.

O sorriso estalou em sua cara.

- O direi. Ah!... disse algo mais. Que sua avó lhe disse que era magia de mulheres; assim não a mencione a nenhum homem.

Sim, era compreensível que o remédio da velha avó Bacon fora ofensivo para alguns homens. Seria Roger um de esses?

Depois de me despedir do Polly Bacon, levei meu cofre a nosso abrigo e guardei cuidadosamente nele aquele saquinho de sementes. Uma útilíssima aquisição para meu farmacopea, se Nayawenne e a avó Bacon estavam no certo. Além disso, era um presente muito oportuno, tendo em conta minha anterior conversação com o Bree.

Até era mais valioso que o pequeno montão de peles de coelho que tinha acumulado, embora estas fossem bem recebidas. Levantei a tampa de uma cesta vazia; guardaria-as ali para a viagem de volta.

- ... Stephen Bonnet.

O nome se cravou em meus ouvidos como uma picada de aranha, fazendo que deixasse cair ruidosamente a tampa do cesto. Imediatamente joguei um olhar a meu redor, mas não vi nem a Brianna nem ao Roger. Jamie estava de costas a mim, mas era ele quem tinha falado.

Tirei-me a touca e, depois de pendurá-la cuidadosamente de um ramo de cornejo, saí decidida para me reunir com ele .

Não sei do que estavam falando os homens, mas se interromperam à lombriga. O tenente Hayes partiu, depois de me agradecer uma vez mais a assistência cirúrgica. Sua cara redonda e branda não revelava nada.

- O que acontece Stephen Bonnet? - perguntei assim que ele esteve muito longe para me ouvir.

- Isso era o que eu lhe estava perguntando, Sassenach. Já está preparado o chá? - Jamie se aproximou do fogo, mas eu o detive lhe pondo uma mão no braço.

- por que? - inquirei.

Como não o soltasse, enfrentou-se para mim a contra gosto.

- Porque quero saber onde está - disse, sem alterar-se. Não se incomodou em fingir que não me entendia. Uma sensação de frio me bateu as asas no peito.

- Hayes sabe onde está? soube um pouco do Bonnet?

Ele moveu a cabeça, mudo. Estava-me dizendo a verdade. Quando afrouxei os dedos, aliviada, ele retirou o braço; fez-o sem aborrecimento, com uma objetividade tranqüila e decidida.

- Claro que é meu assunto! - apontei, respondendo ao gesto.

Falava em voz baixa, olhando a meu redor para me assegurar de que nem Bree nem Roger me ouvissem. Ele não estava à vista; ela estava de pé junto à fogueira, sumida em conversação com os Bug. Voltei-me novamente para o Jamie.

- Para que buscas a esse homem?

- Não é prudente saber de onde pode vir o perigo? - respondeu-me sem me olhar; com um sorriso e um movimento de cabeça saudou o Fergus, que se encontrava a minhas costas.

Retornou a sensação fria, penetrante, como se alguém me tivesse perfurado o pulmão com uma lasca de gelo.

- OH!, claro - disse, com toda a desenvoltura possível- . Quer saber onde está para evitar ir ali, não?

Um pouco parecido a um sorriso cruzou a cara.

- Exatamente para isso- disse.

Dada a escassez de população na Carolina do Norte, em geral, e o longe que estava a Colina do Fraser, em particular, as possibilidades de que tropeçássemos acidentalmente com o Stephen Bonnet eram mínimas. Havia um só motivo para que desejasse localizar ao Stephen Bonnet... e eu sabia perfeitamente.

- Jamie. - Voltei a lhe pôr uma mão no braço- . Deixa-o em paz. Por favor.

Ele me cobriu a mão com a sua, mas o gesto não me tranqüilizou.

- Não se preocupe, Sassenach. Passei-me a semana perguntando por toda a congregação. Não lhe viu em nenhum ponto da colônia.

- Melhor assim - disse. Mas não me escapava o fato de que ele tinha estado procurando o Bonnet com assiduidade, sem me dizer nada. E além disso não me prometia deixar de buscá-lo.

- Deixa-o em paz - repeti pelo baixo- . Já vamos ter muitos problemas. Não necessitamos mais.

Ele me tinha atraído para si para impedir interrupções; percebi seu poder no contato: seu braço sob minha mão, sua coxa roçando o meu.

- Há dito que é teu assunto. - Seus olhos estavam serenos; a luz de outono decolorava seu tom azul- . Eu sei que é meu. Apóia-me ou não?

Maldita seja! Ia a sério, só havia um motivo para procurar o Stephen Bonnet.

Girei sobre meus talões, arrastando-o comigo, de modo que ambos ficamos olhando ao fogo, muito juntos e com os braços entrelaçados.

Brianna, Marsali e os Bug escutavam encantados ao Fergus, quem estava relatando algo, com a cara acesa pelo frio e a risada, Jemmy nos olhava por cima do ombro de sua mãe, com os olhos redondos e cheios de curiosidade.

- Deve pensar neles - disse-lhe, com a voz grave e trêmula de paixão- . E em mim. Não crie que Stephen Bonnet já lhes tem feito bastante danifico?

- Sim, mais que bastante.

Estreitou-me contra si. Embora sentia seu calor através da roupa, sua

voz soou fria como a chuva. Fergus desviou um olhar para nós e, depois de me sorrir calidamente, continuou com seu relato.

- Deixei-o em paz - disse Jamie, muito fico- e isso conduziu ao mal. Posso permitir que siga livre, sabendo que classe de homem é, sabendo que eu o liberei para que siga pulverizando miséria? É como ter solto a um cão raivoso, Sassenach, e você não quereria que eu fizesse isso.

Sua mão estava dura; seus dedos, frios sobre meus.

- Uma vez o deixou ir, e a Coroa voltou a apanhá-lo. Se agora estiver livre não é por sua culpa.

- Talvez não seja culpa minha que esteja livre - afirmou- , mas tenho a obrigação de impedir que siga assim... até onde eu possa.

- Sua obrigação é sua família!

Agarrou-me o queixo e inclinou a cabeça, cravados seus olhos em meus.

- Crie acaso que lhes poria em perigo?

Mantive-me rígida, resistindo por um comprido instante; logo encurvei os ombros e deixei cair as pálpebras, em um gesto de capitulação. Aspirei funda, longamente, tremendo. Mas não cedi de tudo.

- Caçar é perigoso, Jamie - apontei brandamente- . E você sabe. Sua mão se relaxou, mas sem me soltar a cara; seu polegar seguiu o contorno de meus lábios.

- Sei - sussurrou- . Mas sou caçador velho, Claire. Não haverá perigo para eles, juro-o.

- Só para ti? E o que será de nós se você..?

Nesse momento vi a Brianna pela extremidade do olho. Olhava-nos e sorria com tenra aprovação, caso que estava ante uma cena de ternura entre seus pais.

- Não me acontecerá nada - disse firmemente.

E me estreitou contra si para sufocar a discussão com um beijo. Do fogo nos chegou um breve aplauso.

- Encoré!- gritou Fergus.

- Não - disse ao Jamie enquanto soltava. Embora falava em sussurros, meu tom era veemente- . Encoré não. Não quero ouvir nunca mais o nome do Stephen Bonnet.

- Tudo sairá bem - murmurou ele, me estreitando a mão- . Confia em mim, Sassenach.

Orgulho

Roger caminhava colina abaixo sem olhar atrás, entre a maleza e a erva pisada; mas seguiu pensando nos Findlay enquanto se afastava de seu acampamento.

Os dois moços eram ruivos e baixos, mas de ombros largos. As duas meninas menores, moreias, altas e magras, tinham os olhos cor avelã de sua mãe. Considerando a diferença de idade entre os varões e suas irmãs, Roger chegou à conclusão de que a senhora Findlay devia haver-se casado duas vezes. E parecia estar viúva outra vez.

Talvez devesse lhe mencionar a Brianna o caso do Joan Findlay como a melhor prova de que o matrimônio e os partos não eram necessariamente mortais para as mulheres. Ou possivelmente era melhor abandonar o tema por um tempo.

Não obstante, além do Joan e de seus filhos, perseguiam-no os olhos suaves e brilhantes do Iain Mhor. Que idade teria? Provavelmente fora menor que Joan, mas possivelmente não. Ela o tinha tratado com deferência, lhe apresentando ao Roger tal como as mulheres apresentam a qualquer visitante ao chefe da família. Por ende, não podia ser muito menor. Trinta anos ou mais, talvez?

<Santo Céu!-pensou-, como pode um homem sobreviver assim tanto tempo em uma época como esta?> jurou-se a si mesmo que procuraria a maneira de manter ao Iain Og e ao Hugh Findlay bem longe de todo perigo. E se se pagava pelo recrutamento, eles cobriam sua parte.

Enquanto isso... Vacilou. Acabava de passar junto ao acampamento da Yocasta Cameron, que bulia como uma pequena aldeia, com seu cacho de lojas, carretas e abrigos. Ante a perspectiva de suas bodas (agora, da dobro bodas), Yocasta havia trazido para quase todos seus escravos domésticos e também a uns quantos dos peões. além de ganho, tabaco e mercadorias gastas para comercializar, havia baús cheios de roupa, lençóis, baixelas, cavaletes, mesas, tonéis de cerveja e montanhas de comida, destinadas à celebração posterior. Essa manhã, Bree e ele tinham tomado o café da manhã com a senhora Camerún; a baixela de porcelana, com rosas pintadas, continha fatias de suculento presunto frito, atravessado com pregos de aroma, porridge de aveia com nata e açúcar; compota de frutas em conserva; pãozinhos tenros de milho lubrificadas de mel; café da Jamaica... Ao recordá-lo, o estômago lhe contraiu com um agradável grunhido.

O contraste entre essa abundância e a pobreza do acampamento dos Findlay não podia ser aceito com complacência. Com súbita decisão, deu a volta e iniciou a breve ascensão para a loja da Yocasta.

A senhora Cameron estava em casa, por assim dizê-lo; viu suas botas enlameadas junto à loja. Apesar de ser cega, ainda saía para visitar os amigos, acompanhada pelo Duncan ou Ulises, seu mordomo negro.

Não obstante, felizmente nesses momento parecia estar sozinha. Roger a viu através da lapela aberta da loja; encontrava-se reclinada em sua poltrona de cano, em evidente repouso. Fedra, sua criada, ocupava um tamborete junto à entrada, com uma agulha na emana e entortando os olhos sobre o tecido azul que lhe cobria o regaço.

Yocasta foi primeira em perceber sua presença; incorporou-se na poltrona assim que ele tocou a lapela, girando a cabeça para ali.

- Senhor Mackenzie. É realmente o Astuto, verdade?- disse a senhora Cameron, sorrindo nessa direção.

O Riu. Logo, obedecendo a seu gesto, inclinou a cabeça para entrar.

- O mesmo, mas como sabe você, senhora Cameron? Não hei dito uma palavra, muito menos cantei Acaso respiro de algum jeito melodiosa?

Brianna lhe tinha falado da assombrosa habilidade com que sua tia compensava a cegueira com os outros sentidos, mas mesmo assim lhe surpreendia tanta acuidade.

- Ouvi suas pegadas e logo senti o aroma de seu sangue- respondeu ela, sem lhe dar importância -. Essa ferida tornou a abrir-se, não? Vamos, sintase, filho Prefere você uma taça de chá ou um bom gole? Fedra, um pano, por favor.

Ele se levou involuntariamente os dedos ao corte que tinha no pescoço. Precipitado-los sucessos do dia tinham feito que o esquecesse por completo, mas a dama tinha razão: havia tornado a sangrar, deixando uma crosta seca sob a mandíbula e no pescoço de sua camisa.

Fedra já estava de pé, pondo uma bandeja com bolos e bolachas em cima de uma mesita, junto à poltrona da Yocasta. <Se não fora pela terra e a erva que estou pisando- disse-se Roger-, pareceria que está em seu salão do River Run.>

- Não é nada- disse com acanhamento.

Mas Yocasta agarrou o pano que lhe entregava sua criada e insistiu em lhe limpar a ferida com suas próprias mãos.

- Vá, manchou-lhe a camisa – lhe informou, apalpando com ire desaprobador o tecido rígido-. Poderemos lavá-la? Não sei se quererá ficar a empapada. É impossível que esteja seca para o anoitecer.

- Ah!, não, senhora. O agradeço mas tenho outra. Para as bodas, claro.

- Bem.

Fedra havia trazido um botecito com graxa medicinal; devia ser do Claire, pelo aroma de lavanda e hidraste. Yocasta agarrou um pouco de unguento com a unha do polegar e lubrificou cuidadosamente a ferida, pressionando os dedos contra o osso de sua mandíbula.

Quando teve terminado, passou-lhe ligeiramente a mão pela cara e a cabeça; depois de retirar do cabelo uma folha murcha. Surpreendeu-o lhe limpando a cara com o pano molhado. Logo, deixou-o cair para tomar a mão, lhe envolvendo os dedos com os seus.

- Preparado. Apresentável de novo! E agora que está você em condições de aparecer em público, senhor MacKenzie, veio a falar comigo ou só passava por aqui?

Fedra pôs a seu lado uma terrina de chá e um platito com bolo, mas

Yocasta não lhe soltou a mão esquerda. Isso lhe pareceu estranho, mas a atmosfera de intimidade lhe facilitou abordar o que queria lhe pedir.

Expressou-o com simplicidade; tinha escutado ao reverendo fazer essas chamadas à caridade em ocasiões anteriores e sabia que o melhor era permitir que a situação falasse por si mesmo, deixando a decisão final liberada à consciência do ouvinte. Yocasta escutava atentamente, com um pequeno sulco entre as sobrancelhas. Ao terminar de falar, pensou que a anciã se daria tempo para pensar, mas sua resposta foi imediata.

- Se conhecer o Joanie Findlay e também a seu irmão. Tem você razão; a tísica se levou a seu marido faz dois anos, Jamie Roy me falou ontem dela.

- Ah, de verdade?- Roger se sentiu algo parvo.

Yocasta fez um gesto afirmativo. Logo, reclinou-se um pouco, com os lábios cavados, pensando.

- Não é só questão de oferecer ajuda, sabe?- explicou-. Alegra-me poder fazê-lo. Mas Joan Findlay é uma mulher orgulhosa; não aceita caridades.

Sua voz encerrava uma leve nota de recriminação, como se Roger tivesse tido que sabê-lo.

E talvez assim era. Mas ele tinha atuado deixando-se levar pelo impulso, comovido pela pobreza dos Findlay. Não lhe tinha ocorrido que, ao carecer de quase tudo, para o Joan seria muito mais importante aferrar-se a sua única posse valiosa: seu orgulho.

- Compreendo – disse lentamente-. Mas deve haver uma maneira de ajudá-la sem que a ofenda.

Yocasta inclinou a cabeça a um lado, logo para o outro, em um gesto que lhe resultou peculiarmente familiar. É obvio: Bree o fazia algumas vezes quando refletia.

- Pode ser- disse-. No banquete de bodas, esta noite. Ali estarão os Findlay, e comerão bem. Ulises poderia lhes envolver um pouco de comida para a viagem de volta.

Sorriu brevemente; logo a expressão concentrada retornou a suas facções.

- O sacerdote- disse, com súbito ar de satisfação.

- Que sacerdote? refere-se você ao pai Donahue?

Uma sobrancelha grossa e brunida se arqueou para ele.

- Naturalmente. Há acaso algum outro na montanha?

Logo levantou a mão livre. Fedra, sempre alerta, foi a seu lado.

- Senhorita Eu?

- Busca algumas costure nos baús, moça- ordenou Yocasta, lhe tocando o braço- Mantas, boinas, calças de montar e camisas singelas... as moços de quadra podem prescindir de algumas.

- Meias- apontou Roger, pensando nos pés descalços e sujos das meninas.

- Meias- assentiu Yocasta-. Coisas singelas, mas de lã boa e bem remendadas. Ulises tem minha bolsa; lhe diga que te entregue dez xelins, que envolverá em um dos aventais. Logo fará um hatillo com tudo e o levará a pai Donahue. lhe diga que para o Joan Findlay, mas que não deve dizer de onde provém. Ele saberá o que fazer.

Com gesto satisfeito, retirou a mão do braço de sua criada e a despediu com um breve gesto.

- Anda, vete, te ocupe já disso.

Fedra assentiu com um murmúrio e saiu da loja, detendo-se só para sacudir o objeto azul que tinha estado costurando, e dobrá-la cuidadosamente sobre o tamborete. Roger viu que era um corselete para o vestido de bodas da Brianna, decorado com elegantes cintas entrecruzadas. Teve uma súbita visão dos brancos peitos da Brianna, aparecendo por um grande decote de cor anil escuro. Com certa dificuldade, retomou a conversação.

- Dizia você, senhora?

- Perguntava se com isso bastará.

Yocasta lhe sorria com uma expressão ligeiramente maliciosa, como se lhe tivesse estado lendo os pensamentos. Seus olhos eram azuis, como os do Jamie e os do Bree, mas não tão escuros. Estavam fixos nele... ou pelo menos se dirigiam a ele. Não podia lhe ver a cara, sem dúvida, mas dava a estranha impressão de que podia ver através dele.

- Se, senhora Cameron. foi você... muito bondosa. – Fez gesto de levantar-se, esperando que lhe soltasse a mão imediatamente. A anciã, em troca, apertou os dedos retendo-o.

- Ainda não. Tenho uma ou duas coisas que lhe dizer, jovem.

Ele voltou a instalar-se no assento, muito composto.

- Certamente, senhora Cameron.

- Não estava segura de si era melhor falar agora ou esperar a que parecesse, mas já que está você aqui, sozinho... - inclinou-se para ele, concentrada- Contou-lhe minha sobrinha que eu queria nomeá-la herdeira de minha propriedade?

- Sim, em efeito.

Imediatamente ficou em guarda. Brianna o havia dito, sim... deixando muito claro o que pensava dessa proposta. Roger se preparou para repetir suas objeções, com a esperança de poder fazê-lo com mais tato de que teria empregado ela. Depois de um pigarro, começou com cautela:

- Não duvido que minha esposa é muito consciente da honra que lhe faz você, senhora Cameron, mas...

- Sim?- sentiu saudades Yocasta, seca-. Ninguém o teria pensado, ouvindo-a falar. Mas sem dúvida você conhece o que pensa melhor que eu. De qualquer modo, devo lhe dizer que troquei que idéia.

- Sim? Bom, acredito que ela...

- Hei- dito ao Gerald Forbes que redija meu testamento, legando River Run e tudo que contém ao Jeremiah.

- A.. ? – O cérebro do Roger demorou um instante em reagir -. Como? Ao pequeno Jemmy?

Ela seguia inclinada fazia diante, como se o estudasse. Por fim se tornou para trás com um gesto afirmativo, sempre sem lhe soltar a mão. Roger compreendeu que, ao não poder vê-lo, esperava interpretar suas reações pelo contato físico. Pois bem, podia inteirar-se de tudo o que seus dedos lhe dissessem. A notícia o tinha deixado tão aturdido que não sabia como reagir. O que diria Bree quando se inteirasse?

- Sim – disse ela, com um cordial sorriso-. Verá você: me ocorreu que, quando uma mulher se casa, suas propriedades passam à mãos de seu marido. Não é que não haja forma de resolver isso, mas sempre é difícil. E

não quero recorrer aos advogados mais do indispensável. Em minha opinião, recorrer à lei é sempre um engano, não está de acordo, senhor MacKenzie?

Completamente estupefato, Roger caiu na conta de que o estava insultando deliberadamente. E não era só um insulto, mas também uma ameaça. Essa mulher pensava... Sim! Pensava que ele ia depois da suposta herança da Brianna, e lhe estava advertindo que não recorresse a artifícios legais para obtê-la.

- Mas isto é o mais... ! Pensam muito no orgulho do Joan Findlay!, Criem que eu não tenho? Como lhes atrevem a sugerir tal coisa, senhora Cameron?

- É você um jovem arrumado, Astuto- disse ela, retendo-o com força- apalpei sua cara. E leva o sobrenome MacKenzie, que é dos bons, sem dúvida. Mas nas Terras Altas abundam os MacKenzie verdade? Homens de honra e homens que não o têm. Jamie Roy o trata como a um parente, mas talvez é só porque está você comprometido com sua filha. Eu não acredito conhecer sua família.

A surpresa estava cedendo passo a uma nervosa necessidade de rir. Conhecer sua família? Provavelmente não. Como lhe explicar que ele era descendente direto, de sexta geração, do Dougal, irmão da própria Yocasta? Que não só era sobrinho do Jamie, mas também também dele, embora um pouco mais abaixo da árvore genealógica?

- Ninguém de quantos falaram comigo durante esta semana a conhece- acrescentou ela, com a cabeça inclinada a um lado, como o falcão que observa à presa.

Tinha-o acaso por um estelionatário que tinha enganado ao Jamie? Ou talvez supunha que ambos estavam envoltos em algum plano?

antes de que achasse alguma réplica digna, lhe deu um tapinha na mão, sem deixar de sorrir.

- Por isso pensei legar-lhe tudo ao pequeno. Será uma boa maneira de fazer as coisas, não lhe parece? Brianna poderá utilizar o dinheiro, certamente, até que o pequeno Jeremiah seja major de idade... , a menos que ao menino lhe aconteça algo.

Sua voz encerrava uma clara nota de advertência, embora seus lábios continuavam sorrindo, com os olhos inexpressivos ainda fixos nele.

- O que? Mas que diabos quer você dizer com isso?

Roger empurrou seu tamborete para trás, mas não lhe soltou a mão. Era muito forte, a pesos de seus anos.

- Gerald Forbes será meu testamento testamentario e há três fideicomisarios para administrar a propriedade. Mas se Jeremiah sofresse algum percalço, tudo irá à mãos de meu sobrinho Hamish. - Agora a mulher estava muito séria-. Você não verá nem um penique.

Ele retorceu seus dedos baixo os dela e apertou com força, até apinhar os nódulos ossudos. Que o interpretasse como quisesse! Yocasta afogou uma exclamação, mas Roger não a soltou.

- Está-me você dizendo que eu poderia fazer mal a esse menino?- Sua voz soou áspera a seus próprios ouvidos.

Ela, embora pálida, conservou sua dignidade, com os dedos apertados e o queixo erguido.

- Hei dito isso?

- Há dito muitas coisas.. e o que calou fala ainda mais alta. Como se

atreve você a me fazer essas insinuações?

Soltou-lhe a mão, quase arrojando-lhe ao regaço. Ela esfregou lentamente os dedos avermelhados, enquanto refletia com os lábios franzidos.

- Pois bem – disse ao fim -, ofereço-lhe minhas desculpas, senhor MacKenzie, se o ofendi em algo. Mesmo assim, pensei que seria melhor que soubesse minhas intenções.

- Melhor? Melhor para quem? – Ele estava já de pé, indo para a saída. conteve-se com dificuldade para não estelar contra o chão as bandejas de porcelana, carregadas de bolos e bolachas, a modo de despedida.

- Para o Jeremiah – respondeu ela a suas costas, sem alterar-se -. E para a Brianna. Possivelmente também para você mesmo, jovem.

Ele girou em redondo.

- Para mim? O que significa isso?

Ela se encolheu vagamente de ombros.

- Se não poder você amar ao menino por si mesmo, possivelmente possa tratá-lo bem por suas expectativas.

Roger seguia com a vista cravada nela e as palavras entupidas em sua garganta. Sentia a cara quente; o sangue lhe palpitava sordamente nos ouvidos.

- OH!, já sei o que acontece. É compreensível que um homem não tenha muito afeto ao menino que sua esposa teve com outro, mas se...

Então ele deu um passo adiante e a aferrou por um ombro. Yocasta deu um coice e piscou; as chamas das velas refulgiram ao refletir-se em seu broche.

- Senhora- pronunciou Roger, lhe falando muito fíco, frente a frente -: não quero seu dinheiro. Minha esposa não o quer. E meu filho não o terá. Meta-lhe pelo traseiro!

E a soltou para sair da loja, roçando ao passar ao Ulises, que o seguiu com a vista, desconcertado.

12

Virtude

A gente se movia entre as sombras crescentes da avançada tarde, indo de uma fogueira a outra para ver-se, igual a faziam todos os dias; mas hoje na montanha imperava uma sensação diferente.

Em parte era a doce tristeza da despedida; em parte era espera: as ânsias de voltar para casa, os prazeres e os perigos da viagem iminente; em parte, também, simples cansaço.

Mas o desejo de estar em casa era forte: meu lar espaçoso, a paz de meu luminoso consultório e meu leito de plumas, brando e limpo, com lençóis de linho que cheiravam a romeiro e milenrama.

Fechei por um momento os olhos, convocando uma melancólica visão desse refúgio deleitoso. Logo os abri à realidade: uma churrasqueira pegajosa, enegrecida pelos restos chamuscados das tortas de aveia; os sapatos empapados e os pés gelados; as roupas úmidas, ásperas de areia e

pó; uma jovem mãe rendida de cansaço, com os peitos doloridos e os mamilos gretados; uma noiva a ponto de casar-se; uma criada pálida com câibras menstruais; quatro homens escoceses ligeiramente ébrios (e um francês em estado similar) que vagavam pelo acampamento como outros tanto ursos e não seriam de nenhuma ajuda na hora de empacotar, essa noite. E no sob ventre, uma dor penetrante me trazia a ingrata notícia de que meu próprio fluxo mensal (que ultimamente era muito menos que mensal, por sorte) tinha decidido fazer companhia ao do Lizzie.

Chiando os dentes, arranquei de um ramo da maleza um pano frio e úmido. Logo percorri o caminho que levava para a sarjeta que servia de letrina às mulheres.

A minha volta, o primeiro que me saudou foi um fedor quente a metal queimado. Disse um pouco muito expressivo em francês, parte da útil fraseologia adquirida em L'Hôpital d'Ange, onde a linguagem soez estava acostumado a ser a melhor ferramenta médica da que se dispunha.

Marsali ficou boquiaberta. O pequeno Germain, me olhando com evidente admiração, repetiu a frase corretamente e com um belo acento parisiense.

- Sinto-o – me desculpei, olhando ao Marsali-. Alguém deixou que se consumisse a água na bule.

- Não importa, mãe Claire – disse ela com um suspiro, sacudindo ritmicamente a pequena Joanie, que começava a chorar outra vez-. Coisas piores lhe ensina seu pai de propósito. Há algum pano seco?

depois de me envolver a mão com uma dobra da saia, sujeitei a asa e retirei bruscamente a bule das chamas. O calor atravessou o tecido úmido como um relâmpago, me obrigando a soltá-la.

- Merde! – disse Germain, em um alegre eco.

- Sim, certamente – confirmei eu, me chupando a ampola de meu polegar. A bule vaiava entre as folhas molhadas. De um chute a fiz rodar até um atoleiro de barro.

- Merde, merde, merde, merde - cantou Germain, aproximando-se bastante à melodia do Rose, Rose>; infelizmente, as circunstâncias fizeram que essa amostra de precocidade musical passasse sem ser apreciada.

- Cala menino – disse.

Não calou, Jemmy começou a chiar ao uníssono com o Joan. Lizzie, que tinha sofrido uma recaída pela relutante partida do recruta Ogilvie, gemia sob um ramo. E se somou ao granizo: pequenos projéteis de gelo branco dançavam na terra e ricocheteavam sonoramente contra meu couro cabeludo.

O granizo durou pouco, mas ao amainar a corrente e o repico, ouviu-se pelo caminho um ruído crepitante de botas cobertas de barro. por ali vinha Jamie, com o pai Kenneth Donahue a reboque, talheres de granizo o cabelo e os ombros.

- trouxe para o pai a tomar o chá – disse, iluminando o claro com seu sorriso.

- Não, disso nada – repliquei, bastante ominosa. E se ele pensava que o do Stephen Bonnet estava esquecido, nisso também se equivocava.

Girando para o som de minha voz, deu um coice exagerado à lombriga com a touca.

- É você, Sassenach? – perguntou com fingido alarme, inclinando-se ostentadamente para olhar por debaixo do volante cansado do meio doido.

Por respeito à presença do sacerdote, abster-me de lhe dar um joelhada em algum sítio sensível. Ele pareceu não precaver-se; distraiu-o Germain, que agora dançava e cantava distintas versões de minha expressão francesa inicial, com a música do Row, Row, Row Your Boat”. O pai Donahue ia adquirindo um intenso tom rosado pelo esforço de fingir que não entendia o francês.

- Tailandeses toi, crétin- disse Jamie, afundando a mão em seu sporran. Disse-o com bastante cordialidade, mas seu tom foi o de quem espera ser obedecido imediatamente. Germain se interrompeu abruptamente, com a boca aberta; Jamie se apressou a meter nela um doce. O menino fechou a boca e, concentrado no assunto que o ocupava agora, esqueceu as canções.

Alarguei a mão para o hervidor, utilizando novamente parte do vó de minha saia como cabo. Jamie agarrou um pau resistente, com o que enganchou a asa da bule, apartando a de minha mão.

- Voilà- disse, oferecendo-me isso

- Merci- repliquei, com evidente falta de gratidão. Mesmo assim aceitei o pau e me encaminhei para o arroio mais próximo, levando ante mim a bule fumegante como se fora uma lança.

Ao chegar a um remanso semeado de pedras, deixei-a cair ruidosamente e, me arrancando a touca, joguei-a em um juncal; logo a pisei, deixando um grande rastro de barro no linho.

- Não hei dito que te sentasse mau, Sassenach- disse uma voz divertida a minhas costas.

Arqueei uma sobancelha fria para ali.

- Acaso vais dizer me que me sinta bem?

- Não. Dá-te o aspecto de um cogumelo venenoso. Está muito melhor sem ela- assegurou-me.

E me atraiu para si para me beijar.

- Não é que não valere a intenção- disse-lhe. O tom de minha voz o deteve um centímetro de minha boca -. Mas se balanças um cabelo mais, acredito que vou arrancar-te um trocito de lábio com os dentes.

Ele ergueu as costas como o homem que, depois de levantar tranqüilamente uma pedra, precave-se de que em realidade era um ninho de vespas. Com muchíssima lentidão, apartou as mãos de minha cintura.

-OH!- disse. E inclinou a cabeça a um lado, me estudando com os lábios cavados -. Parece algo nervosa, Sassenach.

Não havia dúvida de que era certo, mas para me ouvi-lo senti ao bordo das lágrimas. Pelo visto o impulso era visível, pois ele me agarrou a mão, com muita suavidade, e conduziu a uma rocha grande.

- Sente-se- disse -. Fecha os olhos, a nighean donn. Descansa um momento.

Sentei-me, com os olhos fechados e os ombros cansados. Chape-os lhe vos e os ruídos metálicos anunciaram que ele estava limpando e enchendo o hervidor.

- me perdoe- disse ao fim, abrindo os olhos.

Ele se voltou a me olhar, sorrindo pela metade.

-por que, Sassenach? Não é que tenha rechaçado meu leite; ao menos,

espero que ainda não tenhamos chegado a isso.

Nesse momento, fazer o amor era absolutamente o último de minha lista, mas lhe devolvi a meia sorriso.

- Não – disse, melancólica- . depois de passar duas semanas dormindo no chão, não rechaçaria o leito de ninguém.

Ante isso arqueou as sobrancelhas. Pus-se a rir; tinha-me pego despreparada.

- Não – repeti -. Só estou... exausta.

Algo me retorceu a parte baixa do ventre. Com uma careta, apertei as mãos contra a dor.

- Ah! – disse ele novamente – Exausta nesse sentido.

- Exausta nesse sentido – confirmei. Logo toquei o hervidor com o pé -. Será melhor que leve isso ao acampamento. Tenho que ferver água para uma infusão de casca de salgueiro. Requer muito tempo.

- Ao diabo com a casca de salgueiro – disse ele, extraíndo uma cigarreira de prata de debaixo da camisa -. Isto prova. Ao menos não precisa ferver-se previamente.

Desenrosquei o plugue para inalar. Uísque, e muito bom.

- Amo-te – disse sinceramente.

Ele riu.

- Eu também te amo, Sassenach - disse, tocando-me o pé com suavidade. Enchi-me a boca e deixei que corresse pela garganta.

-OoooooH! – suspirei, e bebi outro sorvo. Um irlandês me tinha assegurado, certa vez, que um uísque excelente podia levantar um morto, e eu não pensava rebater-lhe Que maravilha! – murmurei ao abrir novamente os olhos-. Onde o conseguiu?

Apesar do pouco que eu sabia do tema, podia afirmar que era de origem escocesa, envelhecido durante vinte anos; muito diferente do forte licor que Jamie destilava detrás da casa, na Colina.

- Através da Yocasta – respondi -. ia ser um presente de bodas para a Brianna e Roger, mas me pareceu que você o necessitava mais.

Tem razão – afirmei.

Seguimos juntos, em amistoso silêncio; eu bebia a sorvos, lentamente; o impulso de enlouquecer e massacrar a todos ia diminuindo gradualmente, junto com o conteúdo da cigarreira.

- passaram três meses desde seu último período – disse Jamie -. Supus que já não havia mais.

Sempre me desconcertava um pouco notar quão observador era dessas coisas.

- Não é um grifo que se fechamento sem mais, sabe? – disse, um pouco chateada-. Por desgraça. Mas bem, volta-se errático e ao fim cessa, mas não sabe quando.

-Ah!

inclinou-se para diante, com os braços cruzados sobre os joelhos, contemplando ociosamente os ramos e as folhas que flutuavam na corrente do arroio.

- Suponho que seria um alívio acabar com todos isso. Menos complicações, verdade?

Reprimi o impulso de extrair invejosas comparações sexuais sobre os

fluidos corporais.

- Talvez – disse -. Já te informarei, de acordo?

Sorriu vagamente, mas teve a prudência de não insistir; sabia perceber a irritação em minha voz.

Eu sorvi um poquito mais de uísque. de repente Jamie se estirou, dizendo:

- Né... Sassenach...

- O que acontece?- perguntei, surpreendida.

Ele agachou a cabeça com estranho acanhamento.

- Não sei se tiver feito mal ou não, Sassenach. Em todo caso te peço perdão.

- Claro – disse, algo vacilante. o que era o que lhe estava perdoando?-. O que tem feito?

- Bom, eu nada- disse, um pouco envergonhado-. Só fixe que você o faria.

- O que?- Tinha uma leve suspeita- Do que se trata? Se tiver prometido ao Farquard Campbell que eu visitaria essa velha horrível de sua mãe...

- OH, não!- assegurou-me-. Nada disso. Prometi ao Josiah Beardsley que hoje trataria de lhe extirpar as amídalas.

- Como?

Fulminei-o com o olhar. No dia anterior tinha conhecido ao jovem Josiah Beardsley, o pior caso de abscessos nas amídalas que eu tivesse visto em minha vida. O estado pustuloso de seu adenoides me impressionou até tal ponto que os descrevi detalladamente a tudo durante o jantar, fazendo que Lizzie ficasse verde e cedesse sua segunda batata ao Germain; então, tinha mencionado que a única padre possível era uma operação cirúrgica, mas não esperava que Jamie saísse para me buscar trabalho.

- por que? – perguntei.

Ele se balançou um pouco para trás, me olhando de abaixo.

- Necessito-o, Sassenach.

- Se? E para que?

Josiah logo que tinha quatorze anos; ao menos, isso acreditava. Em realidade, ele não sabia com certeza quando tinha nascido e seus pais estavam muito mortos para contá-lo. Era miúdo até para quatorze anos e estava muito desnutrido, com as pernas um pouco curvadas pelo raquitismo.

- Para arrendatário, é obvio.

- Pois eu diria que já tem mais candidatos dos que pode aceitar.

Era certo. Não tínhamos dinheiro absolutamente, embora as operações de intercâmbio feitas pelo Jamie durante a congregação cobriam parcialmente nossas dívidas com vários mercados do Cross Creek. Teníamos terras em abundância, a maior parte cobertas de bosques, mas carecíamos de médios para ajudar a quem queria instalar-se nelas e as cultivar. Ter aos Chisholm e aos McGillivray era já ir muito além de nossas possibilidades, para somar mais arrendatários.

Jamie se limitou a assentir com a cabeça, desprezando essas complicações.

- Sim, mas Josiah é um moço prometedor.

- Hum! – murmurei, dúvida. A verdade é que o menino parecia robusto, e

a isso se referia Jamie ao dizer que era prometedor; demonstrava-o o simples feito de que tivesse sobrevivido até então-. Pode ser. Mas há muitos outros como ele. O que tem ele de especial para que o necessite?

- Quatorze anos.

Olhei-o com uma sobrelance arqueada em um gesto de pergunta. Sua boca se torceu em um sorriso irônico.

- Todos os homens que tenham entre dezesseis e sessenta anos devem servir na tropa, Sassenach.

Jamie estirou os braços com um suspiro, flexionando os nós até que rangeram.

- O háas, pois? – perguntei-. Formar uma companhia de milicianos para ir?

- É preciso – respondeu simplesmente -. Tryon me tem pego pelos ovos e não quero comprovar se estiver disposto a espremer, compreende?

- Isso me temia.

Enquanto fizesse o que o governador lhe pedia... Bom, o governador era um político de êxito; sabia manter a boca fechada quando convinha. Mas se o desafiava, bastaria com uma singela carta enviada desde New Bern para privar à Colina de Frase de sua residentes Frase.

- Hum, de maneira que está pensando que, se retirar da Colina a todos os homens disponíveis... não pode deixar alguns?

- Para começar, não tenho tantos, Sassenach- assinalou-. Posso deixar ao Fergus, devido a seu manequedade. E ao senhor Wemyss para que cuide a casa. Ele é servo, até onde todos sabem, e só os homens livres têm obrigação de unir-se à tropa.

- E só os homens sãs. Isso exclui ao marido da Joanna Grant, que tem um pé de madeira.

- Sim, e ao velho Arch Bug, que passa amplamente dos setenta. São quatro homens e possivelmente oito meninos menores de dezesseis anos, para cuidar de trinta casas e mais de cento e cinquenta pessoas.

- Suponho que as mulheres podem arrumar-lhe por si só – disse -. depois de tudo estamos no inverno; não há colheitas que atender. E não acredito que os índios causem problemas nestes dias.

Ao me tirar a touca me tinha afrouxado a cinta; o cabelo escapava das tranças desfeitas para todos lados, e me pegava ao pescoço em mechas frisadas e úmidas. depois de me arrancar a cinta, tratei de me pentear com os dedos.

- De qualquer modo, por que dá tanta importância ao Josiah Beardsley? Não acredito que adicionar outro menino de quatorze anos possa trocar muito as coisas.

- Beardsley é caçador – explicou Jamie -, e dos bons. Trouxe para a congregação quase duzentos pesos em peles de lobo, veado e castor, e todos os caçou ele mesmo, sem ajuda, conforme disse. Eu mesmo não poderia superá-lo.

Passei uma mão através de meu cabelo úmido, cavando as mechas soltas.

- Está bem, compreendo isso, mas o que têm que ver as amídalas com o assunto?

Jamie me olhou com um sorriso. Logo se inclinou sobre meu ombreio

para recolher a cinta que eu tinha no regaço.

- Preparado – disse, voltando a sentar-se a meus pés -. Vamos agora às amídalas. Disse-lhe ao menino que devia tirar-lhe se não queria que sua garganta piorasse.

- E assim será.

Josiah Beardsley me tinha acreditado. O inverno anterior tinha estado ao bordo da morte, quando um abscesso na garganta esteve a ponto de asfixiá-lo antes de que arrebetasse, e não estava muito desejoso de arriscar-se a que se repetisse.

- É a única cirurgia ao norte do Cross Creek - assinalou Jamie -. Quem outro poderia fazê-lo?

- Bom, é certo – disse, vacilando-, mas...

- De modo que lhe fiz uma oferta – me interrompeu ele-, Uma parcela de terra onde, chegado o momento, Roger e eu lhe ajudaremos a construir uma cabana, e em troca ele me dará a metade das peles que consiga nos três invernos vindouros. Aceita... sempre que você lhe extirpe as amídalas como parte do trato.

- Mas por que hoje? Não posso extirpar amídalas aqui!- assinalei com um gesto o bosque empapado.

- por que não? – Jamie arqueou uma sobrancelha-. Não disse ontem à noite que era uma nimiedad, só uns quantos cortes com o mais pequeno de suas facas?

Esfreguei-me o nariz com um nódulo, em um gesto de exasperação.

- Olhe, embora não seja igual a amputar uma perna, isso não significa que seja singelo.

Em realidade, era uma operação relativamente fácil, cirurgicamente falando. O que podia provocar complicações era a possibilidade de uma infecção posterior; era necessária uma atenção cuidadosa que, embora pobre substituto dos antibióticos, era muito melhor que o abandono.

- Não é questão de lhe arrancar as amídalas e deixá-lo ir – expliquei -. Em troca, quando chegarmos à Colina...

- Não tem pensado retornar diretamente conosco – me interrompeu.

- por que?

- Não me há isso dito; só esclareceu que tinha algo que fazer. Virá à Colina a primeira semana de dezembro. Pode dormir no abrigo onde se guarda o feno.- acrescentou

- De maneira que ambos esperam que eu lhe corte as amídalas, ponha-lhe um par de pontos e o deixe ir tranqüilamente - perguntei, sardônica.

- Com o cão atuou muito bem – apontou ele, sorridente.

- Ah!, inteiraste-te.

- Pois sim. E com o moço que se cortou o pé com uma tocha, e pirralhos que tinham sarpullido de leite, e com a dor de dente da senhora Buchannan...e sua batalha com o Murray MacLeod pelos condutos biliares.

- tive muito que fazer esta manhã, sim.

- Toda a congregação está falando de ti, Sassenach. O certo é que, ao ver toda essa multidão clamando por ti, lembrei-me da Bíblia.

- Da Bíblia? – Devi pôr cara de incompreensão, pois seu sorriso se tornou mais larga.

- “ E toda a multidão queria tocá-lo” - citou Jamie -. “ Pois dele

emanava virtude e os curava a todos “ .

Ri melancolicamente, mas me interrompeu um pequeno hipido.

- Temo-me que, nestes momentos, fiquei-me sem virtude.

- Não se preocupe. Nesta cigarreira tem que sobre.

Isso me recordou que devia lhe oferecer uísque, mas ele o rechaçou com um gesto, com as sobrancelhas franzidas em reflexão.

- Operará-lhe as amídalas, uma vez que venha à Colina?

depois de refletir durante um momento, fiz um gesto afirmativo e traguei. Mesmo assim havia riscos; normalmente eu não realizava operações que pudessem evitar-se, mas o estado do Josiah era realmente horrível; se não se tomavam medidas, as infecções constantes podiam acabar matando-o.

Jamie assentiu, satisfeito.

- Bem, ocuparei-me disso.

Meus pés se descongelaram, até molhados como estavam, e começava a me sentir abrigada, dócil. Ainda sentia o ventre dolorido, mas isso já não me importava tanto.

- estive pensando algo, Sassenach – disse ele.

- O que?

- Falando da Bíblia...

- Hoje não pode te tirar as Escrituras da cabeça, verdade?

Um sorriso lhe curvou para cima.

- Pois não. É que estive pensando. Quando o Anjo do Senhor se apresenta a Sara e lhe diz que ao ano seguinte terá um menino, ela ri, dizendo que é uma estranha brincadeira, pois isso já não está nela como está nas demais mulheres.

- Em sua situação, quase todas as mulheres tomariam a brincadeira-assegurei-lhe-. Mas muitas vezes penso que Deus tem um senso de humor muito peculiar.

- Até onde sei- disse, pondo cuidado em não me olhar-, se não te chamar Maria e o Espírito Santo não teve intervenção alguma, há uma só maneira de ficar grávida. Equivoco-me?

- Até onde eu sei, se. – Cobri-me a boca com uma mão para sufocar o soluço.

- Se, E nesse caso... Bom... Isso significa que Sara ainda se deitava com o Abraham, não?

Seguia sem me olhar, mas as orelhas lhe haviam posto vermelhas. Compreendendo tardiamente o motivo dessa análise religiosa, estirei um pé para roçá-lo brandamente.

- Pensava que possivelmente deixaria de te desejar?

- Agora não me deseja – assinalou com lógica.

- Sinto-me como se tivesse o ventre cheio de cristais quebrados, estou médio empapada e coberta de barro até os joelhos, e a pessoa que te busca vai aparecer entre os arbustos em qualquer momento, com uma matilha de sabujos- disse, com certa aspereza-. Está-me convidando a gozar carnalmente contigo neste montão de folhagem molhada? Porque nesse caso...

- Não, não – se apressou a dizer- Agora não. Só queria dizer..., perguntava-me se...

As pontas de suas orelhas tinham chegado ao vermelho opaco. levantou-se bruscamente, sacudindo-as folhas murchas da saia com exagerada força.

- Se a estas alturas pretendesse me embaraçar, Jamie Fraser – lhe disse, medindo o tom -, assaria-te os cojones em brochette. Mas quanto a me deitar contigo...

Interrompeu o que estava fazendo para me olhar. Eu lhe sorri, lhe deixando ver o que pensava.

- Uma vez que tenha de novo um leito- disse -, prometo-te não rechaçá-lo.

- Ah... – Aspirou fundo, súbitamente feliz-. Então tudo está bem. É que... tinha minhas dúvidas, sabe?

A um súbito sussurro de folhagem seguiu a aparição do senhor Wemyss, cuja cara magra e ansiosa apareceu entre duas matas de groselhas.

- Ah!, é você, senhor- disse, com evidente alívio.

- Suponho que sim – confirmou Jamie, resignado-. Há algum problema, senhor Wemyss?

O homem demorou para responder, pois se tinha enredado com o arbusto.

- Devo me desculpar por incomodá-lo, senhor- disse, muito vermelho, atirando nervosamente de uma ramilla Espinosa que lhe tinha enredado no cabelo loiro, já escasso-. É que... Bom, ela disse que ia partir o com a tocha do cocuruto até a virilha, se ele não a deixava em paz; e ele disse que nenhuma mulher podia lhe falar nesse tom. E ela tem uma tocha, se...

Acostumado aos métodos de comunicação do senhor Wemyss, Jamie suspirou e, jogando mão da cigarreira, desarrolhou-a para lhe dar um bom gole fortalecedor. Ao baixar ao recipiente brocou ao Senhor Wemyss com o olhar.

- Quais?- interrompeu.

- OH!... né ... Não lhe hei dito? Rosamund Lindsay e Ronnie Sinclair.

- Estraguem.

Não era uma boa notícia. Jamie me devolveu a cigarreira com um suspiro.

- você vá a lhes dizer que vou para ali, senhor Wemyss- disse.

O magro rosto do senhor Wemyss expressou uma muito vivo apreensão ao imaginar-se frente a frente com a tocha do Rosamund Lindsay, mas major ainda era o respeito que lhe inspirava Jamie. depois de nos fazer uma rápida e pulcra reverência, arrojou-se torpemente às matas de groselha.

Um chiado como de ambulância anunciou a aparição do Marsali, com o Joan em braços. Esquivou cuidadosamente ao senhor Wemyss, lhe arrancando ao passar um ramo que lhe aderira à manga.

- Tem que vir, papai- disse, sem preâmbulos -. O pai Kenneth foi detido. As sobrançelas do Jamie se dispararam para cima.

- O que o prenderam? Justo agora? Quem?

- Neste momento, sim! Um homem gordo, horrível, que disse ser o delegado do condado. Chegou com dois homens; perguntaram quem era o sacerdote e, quando o pai Kenneth disse que era ele, agarraram-no pelos braços e o levaram sem mais, sem pedir permissão a ninguém.

O sangue alagava a cara de meu marido; seus dois dedos rígidos tamborilaram brevemente a coxa.

- O levaram que meu lar?- disse-. A Dhia!

Obviamente, era uma pergunta retórica. antes de que Marsali pudesse responder, chegou um ranger de pisadas da direção oposta. Brianna apareceu ante nossa vista, desde detrás de um pinheiro.

- O que!- ladrou ele.

Bree piscou, desconcertada.

- Nê... Geordie Chisholm diz que um dos soldados lhe roubou um presunto que tinha no fogo, que vás falar com o tenente Hayes.

- Sim – replicou o imediatamente- Depois. Enquanto isso vê com o Marsali a averiguar onde levaram a pai Kenneth. E você, senhor Wemyss...

Mas o senhor Wemyss tinha podido, ao fim, escapar do abraço insistente do arbusto. Um estrondo longínquo indicou que corria a cumprir com suas ordens.

Um Breve olhar à cara do Jamie convenceu às moças que se impunha uma veloz retirada. Em poucos segundos nos encontramos outra vez a sós. Ele aspirou fundo e, pouco a pouco, deixou escapar o fôlego entre os dentes.

Eu teria querido reir, mas não o fiz. Em troca me aproximei; a pesar do frio e a umidade senti o calor de sua pele através da manta escocesa.

- A mim, ao menos, só querem me tocar os doentes- disse, lhe oferecendo a cigarreira -. O que faz você quando a virtude te abandona?

Jogou-me um olhar, e um lento sorriso lhe estendeu pela cara. Ato seguido, sem emprestar atenção à cigarreira se inclinou para agarrar minha cara entre as mãos e me beijou com muita suavidade.

- Isto – disse.

Logo girou em redondo e pôs-se a andar colina abaixo. Presumivelmente ia outra vez pleno de virtude.

13

Feijões e andaime

Voltei com a bule a nosso acampamento, para encontrar o lugar momentaneamente deserto. depois de pendurar a bule cheia de água sobre o fogo, para que fervesse, detive-me refletir para onde seria melhor dirigir meus esforços.

Embora a situação do pai Kenneth podia ser a mais grave a longo prazo, dificilmente minha presença poderia trocar as coisas. Mas eu era médico e Rosamund Lindsay tinha uma tocha. Dava uns golpes com a mão a minha roupa e a meu cabelo úmido, para lhes impor um pouco de ordem, e parti colina abaixo para o arroio, abandonando a touca a sua sorte.

Ao parecer, Jamie tinha pensado o mesmo em relação às prioridades, pois o encontrei de pé junto ao fosso do andaime, em aprazível conversação com o Ronnie Sinclair, despreocupadamente apoiado na manga da tocha, da que tinha conseguido apropriar-se.

O fosso era amplo; um declive natural, formado no ribazo de argila por

alguma remota inundação e, nos anos seguintes, afundada graças a um judicioso trabalho a pá. Nesse mesmo momento, havia várias pessoas utilizando-o; os aromas a porco, aves, cordeiro e zarigüeya se mesclavam em uma nuvem de lenha de macieira e nozes duras; saboroso incenso que me fez a boca água.

A visão do fosso era menos apta para despertar o apetite. A lenha molhada despidia nuvens de fumaça branca, que ocultavam pela metade vários vultos tendidos sobre as piras de brasas.

- Digo-te que é veneno! – estava dizendo Ronnie Sinclair, acaloradamente, quando apareci atrás dele- Arruinará-os! Quando essa mulher termine, não servirão nem para os porcos.

- Pois são porcos, Ronnie – disse Jamie, com notável paciência, desviando o olhar para mim-. Se quer saber minha opinião, nada do que faça com um porco ao cozinhá-lo pode deixá-lo incomestível.

- É certo – apoiei, sorrindo ao Ronnie-. Toucinho defumado, costelas assadas, lombo ao forno, presunto assado, embutidos, pão de graxa, pudim negro... Alguém disse uma vez que do porco se pode aproveitar tudo, salvo o chiado.

- Pois sim, mas isto é um andaime, não? – aduziu Ronnie tercamente, sem emprestar atenção a meus débeis intentos de humor-. Qualquer sabe que o porco assado se amadurece com vinagre. Essa é a maneira adequada de fazê-lo! Ninguém põe cascalho nos embutidos, verdade? Nem ferve o toucinho com o lixo recolhimento no galinheiro. Cha!

Ao trocar o vento me chegou uma apetitosa baforada. A julgar pelo aroma, o molho do Rosamund parecia incluir tomates, cebolas, pimentos vermelhos e açúcar em quantidade suficiente para deixar uma grossa crosta negruzca na carne, além de um tentador aroma a caramelo no ar.

- Suponho que a carne, cozida dessa maneira, ficará muito succulenta – disse, sentindo que meu estômago começava a grunhir e fazer-se nós sob o sutiã passado os laços.

- Sim, e são porcos estupendos – acrescentou Jamie, para congregar-se com o Rosamund, que tinha levantado um olhar fulminante. Estava ennegrecida até os joelhos e suas mandíbulas quadradas mostravam sulcos de chuva, suor e fuligem-. São porcos selvagens ou domésticos, senhora?

- Selvagens – respondeu ela, endireitando-se com certo orgulho -. Engordados com castanhas, Não há nada como isso para dar sabor à carne!

Ronnie Sinclair expressou seu desprezo e sua brincadeira com um ruído muito escocês.

- Pois tão bom não deve ser o sabor, pois tem que escondê-lo sob um montão desse asqueroso molho, que dá à carne esse aspecto sanguinolento, como se estivesse crua!

Rosamund fez um comentário muito terrestre com respeito à suposta virilidade dos homens que se impressionam ao pensar no sangue.

- OH!, sem dúvida está muito bem cozida- replicou Jamie para acalmá-los -. Seguro que a senhora Lindsay esteve trabalhando pelo menos do amanhecer.

- Desde muito antes, senhor Fraser- replicou a dama, com certa satisfação sombria-. Se quiser um andaime decente, começa ao menos um dia antes e a atende durante toda a noite. Estou cuidando estes porcos

desde ontem pela tarde.

E aspirou uma grande baforada da fumaça que ascendia, com expressão beatífica.

- Ah, assim deve ser! Embora seja um desperdício oferecer este rico molho a escoceses cretinos.- Rosamund voltou a colocar o tecido impermeável, pondo-a em seu sítio com tenras palmadas-. Têm vocês a língua encurtida de tanto vinagre como jogam a suas provisões.

Jamie elevou a voz, afogando a indignada reposta do Ronnie a essa calúnia.

- foi Kenny quem caçou esses porcos para você, senhora? Os porcos selvagens são imprevisíveis; é perigoso espreitar a uma besta desse tamanho. Como os javalis que caçávamos em Escócia, verdade?

- Ja! Pois claro que não, senhor Fraser. A estes os matei eu mesma. Com essa tocha- añadio, assinalando com a cabeça o instrumento em questão. Logo olhou ao Ronnie com os olhos entreabridos de maneira sinistra-. Afundei-lhes o crânio de um só golpe.

- Sua intenção é vender a carne, verdade, senhora Lindsay?- disse Jamie-. Mau mercado é o que mata a seus clientes, não?

- Ainda não perdi a nenhum, senhor Fraser- acrescentou ela, apartando outro tecido impermeável para orvalhar um pernil fumegante com o molho de sua chaleira-. E nunca ouvi outra coisa que elogios de seu sabor. Claro que isso era em Boston, de onde provenho.

<Onde a gente tem bom critério>, implicava obviamente seu tom.

- A última vez que fui ao Charlotteville conheci um homem de Boston – comentou Ronnie-. Disse-me que tinha por costume comer feijões de café da manhã, e ostras de jantar, e que assim o tinha feito sempre desde que era uma cria. Sente saudades que não estalasse como uma bexiga de porco, se se enchia com essa porcaria!

- Feijões, feijões, são boas para seu coração- disse alegremente, aproveitando a oportunidade-. Quando mais as come, mais lhe pedorreas. Mas lhe pedorreas, melhor é a vida. Comamos feijões em cada comida!

Ronnie, ao igual à senhora Lindsay, ficou boquiaberto. Ante a gargalhada do Jamie, a expressão atônita da mulher se dissolveu em uma risada estrepitosa. Ao cabo de um momento, o outro se uniu a contra gosto, com um pequeno sorriso que lhe torcia a comissura da boca.

- Passei um tempo em Boston – disse brandamente, ao ceder um pouco a hilaridade-. Isso cheira de maravilha, senhora Lindsay!

Rosamund asintio com dignidade, gratificada.

- Pois claro que sim, senhora, embora eu seja quem o diga.- inclinou-se para meu, baixando um pouco sua estridente voz-. É obra de minha receita privada- disse, dando uma palmada à terrina de louça-. Tira reluzir o sabor, vê você?

Ronnie abriu a boca, mas só emitiu um pequeno chiado, resultado evidente da pressão que os dedos do Jamie aplicavam a seu biceps. A mulher, sem lhe emprestar atenção, encetou-se em uma amável discussão com meu marido, que concluiu com a reserva de uma peça inteira para a celebração de nossas bodas.

Para ouvir isso joguei uma olhada ao Jamie. Como parecia que o pai Kenneth estava caminho de Baltimore ou dos calabouços do Edenton,

parecia-me duvidoso que essa noite pudesse celebrar-se bodas alguma.

Por outra parte, tinha aprendido a não subestimar ao Jamie. Depois de um completo à senhora Lindsay, afastou-se do fosso levando-se ao Ronnie pela força; apenas se deteve para me pôr a tocha nas mãos.

- Cuida bem disso, Sassenach- disse-me, me dando um beijo breve. Logo me sorriu-. E me diga, onde aprendeste tanto sobre a história natural dos feijões?

- Em realidade é uma pequena canção. Brianna a aprendeu na escola quando tinha uns seis anos- respondi, lhe devolvendo o sorriso.

- lhe diga que a cante a seu marido. Assim ele a escreverá em seu librejo.

Rodeou com braço amistoso e firme os ombros do Ronnie Sinclair, que apresentava indícios de querer escapar para o andaime.

- me acompanhe, Ronnie- disse-. Devo falar com o tenente. Acredito que ele quer comprar um presunto à senhora Lindsay- acrescentou-. Mas gostará de escutar o que puder lhe contar sobre seu pai. Você e Gavin Hayes foram grandes amigos, verdade?

- Pois sim- O cenho do Ronnie se suavizou um pouco-. Sim, sim. Gavin era um homem feito. aquilo lástima.- Moveu a cabeça; obviamente, referia-se à morte do Gavin, acontecida anos atrás. Levantou um olhar para o Jamie, cavando os lábios-. Sabe o moço o que aconteceu?

Essa sim que era uma pergunta delicada. A verdade era que Gavin tinha sido enforcado por ladrão no Charleston.

- Sim, tive que dizer-lhe respondeu Jamie, em voz baixa-. Mas acredito que lhe faria bem conhecer coisas de seu pai em outros tempos. o conte o que significou para nós Ardsmuir.

Algo que não chegava a ser um sorriso se refletiu em sua cara. Vi na do Sinclair uma ternura similar.

A mão do Jamie se esticou no ombro de seu companheiro; logo caiu a um lado. Ambos ascenderam a colina cotovelo a cotovelo, esquecendo as sutilezas do andaime.

A névoa já se levantava nos terrenos baixos da montanha; em poucos minutos eles desapareceram da vista. Do bosque brumoso, mais acima, masculinas vozes escocesas descenderam para o fosso fumegante, cantando em amistoso uníssono:

Feijões, feijões, são boas para seu coração ...

Ao retornar ao acampamento, encontrei ali ao Roger, que tinha terminado com seus recados. Estava de pé perto do fogo, conversando com a Brianna; o via preocupado.

- Não te aflija- disse-lhe, estirando o braço junto a seu quadril para retirar o te ronronem cozido-. Jamie o arrumará de algum modo. foi a ocupar do assunto.

- De verâ?- Parecia um pouco sobressaltado-. Já sabe?

- Sim. Suponho que resolverá assim que encontre ao delegado.

Agarrei a bule trincada que utilizava quando acampávamos, pu-la na mesa e verti nela um pouco de água fervida, para esquentá-la. A jornada tinha sido larga; provavelmente a velada também o seria.

- O delegado?- Roger olhou a Brianna com estupefação tinta de alarme-. Não acredito que ela me tenha denunciado ao delegado, ou se?

- te denunciar? Quem!- perguntei, me somando ao coro de estupefatos. depois de pendurar novamente o hervidor em seu tripode, procurei a lata de chá-. O que estiveste fazendo, Roger?

Um leve rubor apareceu em seus altos maçãs do rosto, mas antes de que pudesse responder, Brianna lançou um bufido de risada.

- Dizendo a tia Yocasta até onde pode chegar.- Olhou ao Roger com os olhos encolhidos em triângulos de maliciosa diversão, imaginando a cena-. Homem, como me teria gostado de estar ali!

- O que lhe há dito, Roger?- inquiri com interesse.

Seu rubor se acentuou. Apartou a vista.

- Não quero repeti-lo- disse, breve-. Não é algo que deva dizer a uma mulher, menos ainda a uma anciã, e muito menos se estiver a ponto de ingressar em sua família. Perguntei ao Bree se não deveria ir pedir lhe desculpas antes das bodas.

- Não- replicou ela, imediatamente-. Que descaramento o seu! Tinha todo o direito a dizer o que disse.

- É que não lamento a substância de meu comentário, a não ser a forma- explicou ele, com um irônico indício de sorriso. Logo se voltou para mim-. Olhe, talvez deveria ir desculpar me, para não me sentir incômodo esta noite. Não quero arruinar as bodas do Bree.

- As bodas do Bree? Crie que vou casar me sozinha?- perguntou ela, enrugando as sobrelanceiras ruivas.

- OH, não!- admitiu ele, sorrindo um pouco. Tocou-lhe brandamente a bochecha-. Eu estarei a seu lado, não o duvide. Sempre que nos casemos, dá-me igual como seja a cerimônia. Em troca você querará que seja bonita, verdade? E não é questão de danificá-la; se o fizesse, sua tia me daria com um lenho na cabeça antes de que pudesse dizer; <Sim, quero.>

- Assim Jamie foi em busca do pai Kenneth- concluí-. Que Marsali não reconhecesse ao delegado que o levou complica as coisas.

Roger elevou as sobrelanceiras escuras antes das unir em um gesto preocupado.

- Não sei se...- voltou-se para mim-. Ouça, é possível que o tenha visto faz uns instantes.

- Ao pai Kenneth?- perguntei, com a faca suspensa sobre o bolo de frutas.

- Não, ao delegado.

- O que? Onde?- Bree girou pela metade sobre seus talões, passeando em redor um olhar flamígera, com o punho apertado. Agradei à sorte que o delegado não estivesse à vista. Que Brianna fora presa por agressão sim que danificaria as bodas.

- foi por ali.- Roger assinalava colina abaixo, para o arroio... e a loja do tenente Hayes.

Nesse momento apareceu Jamie, com aspecto de fadiga, preocupação e grande chateio. Pelo visto ainda não tinha encontrado ao sacerdote.

- Papai!- saudou-o Bree-. Roger crie ter visto o delegado que se levou a pai Kenneth.

- Sim? – Ele se reanimou imediatamente-. Onde?

Tinha fechado a mão, como preparando-se, e não pude menos que sorrir.

- Do que te ri?- perguntou ao dar-se conta.

- De nada- assegurei-lhe-. Anda, come um pouco de bolo.

E lhe entreguei uma parte, que ele se meteu imediatamente na boca, enquanto voltava a concentrar sua atenção no Roger.

- Onde?- inquiriu borrosamente.

- Não sei se era o homem que está procurando- esclareceu o jovem-. Era um hombrezito esfarrapado. Mas levava um prisioneiro algemado, um dos tios do Drunkard's Creek. Acredito que era MacLennan.

Jamie tossiu, engasgado, cuspiendo ao fogo trocitos de bolo mastigado.

- prendeu ao senhor MacLennan? E você o permitiu?- Bree olhava a seu companheiro, consternada. Nem ela nem Roger tinham estado presente quando Abel contou sua história, mas ambos o conheciam bem.

- Não podia fazer muito por impedi-lo- assinalou ele, brandamente-. O que fiz foi perguntar ao MacLennan se necessitava ajuda. Pensava ir em busca de seu pai ou do Farquard Campbell. Mas ele me olhou como se eu fora um fantasma. E quando voltei a perguntar moveu a cabeça, com um sorriso estranho. Por uma questão de princípios, não me pareceu correto golpear a um delegado. Mas se...

- Não é delegado- disse Jamie, com voz rouca e lacrimejando. Fez uma pausa para tossir outra vez.

- Um caçador de ladrões- expliquei ao Roger-. Algo assim como um caçador de recompensas.

O chá ainda não estava preparado, mas encontrei meia garrafa de cerveja, que entreguei ao Jamie.

- Aonde levarão ao Abel?- perguntei -. Não há dito que Hayes não queria prisioneiros?

Jamie sacudiu a cabeça. depois de uns goles baixou a garrafa. Já respirava um pouco melhor.

- Não os quer, não. O senhor Bobble, porque tem que ser ele, levará ao Abel ao magistrado mais próximo. E se Roger acabar de vê-lo...

Com as sobranceiras franzidas, girou para inspecionar a ladeira em redor, pensativo.

- Provavelmente seja Farquard- concluiu-. Sei que na congregação há três juizes de paz e três magistrados. De todos eles, o único que acampa neste lado é Campbell.

-Ah, que bem!- Suspirei aliviada. Farquard Campbell era um homem justo; atia-se estritamente à lei, mas não carecia de compaixão. Além disso tinha uma velha amizade com a Yocasta Cameron.

- Sim, pediremos a minha tia que fale com ele. Possivelmente seja melhor fazê-lo antes das bodas.- voltou-se para o Roger-. Quer ir, MacKenzie? Eu devo encontrar ao pai Kenneth, se quisermos que haja bodas.

Pela cara que pôs, o jovem também parecia haver-se engasgado com o bolo.

- Né... bom... – murmurou, incômodo-. Nestes momentos não acredito ser o melhor para levar uma mensagem à senhora Cameron.

Jamie o olhava com uma mescla de interesse e exasperação.

- por que?

Roger, intensamente ruborizado, relatou a parte essencial de sua conversação com a Yocasta; ao final baixou a voz até fazê-la quase inaudível. Mesmo assim o ouvimos com clareza. Jamie me olhou com a boca contraída. Logo seus ombros começaram a estremecer-se. Eu sentia que a risada me borbulhava sob as costelas, mas não era nada comparada com a hilaridade de meu marido. Ria quase em silêncio, mas tanto que lhe encheram os olhos de lágrimas.

-OH, Cristo!- ofegou ao fim, apertando-os flancos-. Acredito que me hei partido da risada.- E alargou a mão por volta de um dos panos tendidos, que usou para secá-la cara. Um momento depois, já mais reposto, disse-: Está bem. Nesse caso, vá a casa do Farquard. Se Abel estiver ali, lhe diga ao Campbell que eu respondo por ele. E traz o de volta

E o pôs em marcha com um breve gesto. Roger, pálido de mortificação mas cheio de dignidade, partiu imediatamente. Bree foi atrás dele, jogando um olhar de recriminação a seu pai, cujo único efeito foi lhe fazer reir em silêncio um pouco mais.

Eu afoguei meu próprio regozijo com um gole de chá fumegante, deliciosamente perfumado. Ofereci a taça a meu marido, mas ele a rechaçou com a mão, contentando-se com o resto da cerveja. Por fim comentou, baixando a garrafa:

- Minha tia sabe muito bem, por certo, o que se pode comprar com dinheiro e que não.

- E acaba de comprar para se, e para todos os do condado, uma boa opinião do pobre Roger, não é assim?- repliquei bastante seca.

- Pobre Roger- reconheceu Jamie, com a boca ainda contraída-. Pobre, mas virtuoso.- Levantou a garrafa de cerveja até esvaziá-la e a baixo com um leve suspiro de satisfação-. Embora, bem vista as coisas, também comprou um pouco de valor para o moço, verdade?

- <Meu filho>- citei brandamente, assentindo-. Crie que ele mesmo se precaveu antes de dizê-lo? O que na verdade quer ao Jemmy como a um filho?

Ele fez um gesto indefinido com os ombros, sem chegar a encolhê-los.

- Não sei. Mas é bom que essa idéia lhe tenha fixado na mente antes de que chegue o próximo bebê, que será seu sem lugar a dúvidas.

Recordei minha conversação com a Brianna essa manhã, mas decidi que era melhor não dizer nada, ao menos por agora. depois de tudo, isso incumbia ao Roger e ao Bree.

O suave calor que sentia na boca do estômago não era só por causa da infecção: Roger tinha jurado aceitar ao Jemmy como filho próprio, qualquer que fosse seu verdadeiro pai; era um homem de honra e essa era sua intenção. Mas a voz do coração fala mais alto que nenhum juramento pronunciado tão somente pelos lábios.

Na época em que eu retornei através das pedras, grávida, Frank me tinha jurado que me conservaria como esposa, que trataria ao menino como filho próprio, que me amaria como antes. Seus lábios e sua mente tinham feito o possível por cumprir com esses três votos, mas seu coração, a fim de contas, pronunciou um sozinho. Do momento em que recebeu a Brianna em seus braços, ela foi sua filha.

Mesmo assim, o que teria passado se tivéssemos tido outro filho? Essa possibilidade nunca existiu, mas se tivesse acontecido... Sequei lentamente a bule e a envolvi em um pano de cozinha, contemplando a visão dessa criatura mítica, a que Frank e eu teríamos podido ter, nunca tivemos e jamais teríamos. Depositei a bule envolta no cesto, com tanta suavidade como se fora um bebê dormido.

Quando me girei, Jamie seguia me olhando com uma expressão bastante estranha: tenra, mas melancólica.

- Alguma vez me ocorreu te dar as obrigado, Sassenach?- disse, com voz algo rouca.

- por que?- perguntei, intrigada.

Ele me agarrou a mão para que me aproximasse. Cheirava a cerveja e a lã molhada. Também, muito vagamente, à doçura do bolo de frutas com brandy.

- Por meus meninos- disse brandamente-. Pelos filhos que me deste.

-OH...!- Inclinei-me lentamente para diante, até posar a frente contra a sólida calidez de seu peito, e encerrei entre minhas mãos a parte baixa de suas costas, suspirando-. Foi... um prazer.

- Senhor Fraser, senhor Fraser!

Ao levantar a cabeça, encontrei-me com um menino que descendia correndo a levantada pendente, agitando os braços para não perder o equilíbrio, com a cara muito vermelha de frio e esforço.

- Uf!

Jamie alargou as mãos bem a tempo para sujeitá-lo no momento em que atravessava o último par de metros, já fora de controle. Logo o elevou em braços, sonriêndole. Reconheci-o; era o menor dos filhos do Farquard Campbell.

- Se, Rabbie, o que acontece? Você pai quer que vá a pelo senhor MacLennan?

Rabbie sacudiu a cabeça; suas mechas desiguais se elevaram como a pelagem de um cão pastor.

- Não, senhor- ofegou, procurando fôlego. No esforço por respirar e falar com mesmo tempo, trouxe uma baforada de ar que lhe inchou a garganta como a uma rã-. Não senhor. Meu papai diz que se inteirou de onde esta o sacerdote e que eu devo lhe mostrar o caminho, senhor. Virá você comigo?

As sobrancelhas do Jamie se elevaram em momentânea surpresa; depois de me jogar uma olhada, dedicou ao Rabbie um sorriso e um gesto de assentimento, agachando-se para depositá-lo no chão.

- Sim, moço, irei. Anda, guíame.

- Que delicadeza a do Farquard!- comentei ao Jamie pelo baixo, enquanto Rabbie brincava de correr diante, jogando de vez em quando um olhar por cima de seu ombro, para assegurar-se de que podíamos lhe seguir o passo. Ninguém repararia em um pequeno entre os enxames de meninos que andavam pela montanha. Em troca teria chamado a atenção de todos que Farquard Campbell viesse pessoalmente ou enviasse a um de seus filhos

adultos.

Jamie bufou um pouco; a bruma de seu fôlego foi um fio de vapor no fria glacial.

- Ao fim e ao cabo não é assunto do Facquard, pese ao grande avaliação que sente por minha tia. E suponho que, se me enviou ao pequeno, é porque conhece responsável e não quer escolher bandos me apoiando contra ele.- Jogo um olhar ao sol poente e logo me olhou , com melancolia-. Disse que acharia ao pai Kenneth antes do entardecer, mas mesmo assim... Não acredito que esta noite haja bodas, Sassenach.

Rabbie nos conduzia para cima, seguindo sem vacilar o labirinto de atalhos e erva pisoteada. A gente já se estava congregando em volta do fogo familiar, desejosa de jantar, e ninguém nos dedicou um olhar.

Por fim Rabbie se deteve o pé de um atalho bem marcado, que conduzia para cima e para a direita. Perguntei-me quem teria ao pai Kenneth sob custódia, e o que se propunha Jamie.

- Ali acima- disse Rabbie innecesariamente, assinalando o extremo de uma grande loja.

Ao vê-la, Jamie emitiu um som escocês do fundo de sua garganta.

- Ah! – disse muito fico-, de maneira que assim são as coisas.

- Não me diga como. me diga de quem.- Eu observava essa loja: grande, de lona parda encerada, pálida no crepúsculo. Obviamente pertencia a alguém endinheirado, mas não me resultava conhecido.

- O senhor Lillywhite, do Hillsborough- disse Jamie, franzindo as sobrancelhas em reflexão. Logo deu uns tapinhas na cabeça ao Rabbie Campbell e lhe entregou um penique tirado de seu sporran-. Obrigado, moço. Agora corre a sua casa, que é hora de jantar.

O menino agarrou a moeda e desapareceu sem comentários, feliz de ter completo com seu recado.

- Já, compreendo.

Contemple a loja com olho desconfiado. Isso explicava umas quantas coisas, mas não todas. O senhor Lillywhite era magistrado do Hillsborough. Eu não sabia mais dele, mas o tinha visto uma ou duas vezes durante a congregação: um homem alto, um pouco curvado, que se caracterizava por sua jaqueta verde garrafa com botões de prata. Nunca me tinham apresentado isso formalmente.

Os magistrados eram os responsáveis por designar aos delegados; isso explicava o vínculo com o <gordo horrível> que havia descrito Marsali e por que o pai Kenneth estava encarcerado ali. Mas ficava por saber se era o delegado ou Lillywhite quem tinha querido retirar o da circulação.

Jamie me apoiou uma mão no braço para me apartar do atalho, fazia o amparo de um pinheiro pequeno.

- Você não conhece senhor Lillywhite, verdade, Sassenach?

- Só de vista. O que quer por mim?

Ele me sorriu com um brilho travesso nos olhos, em que pese a estar preocupado pelo sacerdote.

- Está disposta?

- Suponho que sim, a menos que me ordene golpear na cabeça ao senhor Lillywhite e liberar o pai Kenneth pela força. Esse tipo de coisas está mais em sua linha que na minha.

Ele riu ante isso, jogando à loja um olhar que me pareceu ofegante.

- Nada eu gostaria mais- disse, confirmando esta impressão-. E não seria nada difícil- acrescentou, observando os flancos de lona, que ondulavam ao vento-. Olhe seu tamanho; ali dentro não pode haver mais de dois ou três homens, além disso do sacerdote. Poderia esperasse a que obscurecesse por completo e logo, com um ou dois moços...

- Sim, mas o que quer que eu faça agora?- interrompi-o. Parecia-me melhor pôr reserva a um fio de pensamentos claramente criminal.

Ele abandonou suas maquinações para me avaliar com olhos entreabridos.

- Não trouxeste algo de sua equipe médica?- perguntou, com ar dúbio-. Um frasco de beberagem, uma pequena faca?

- Frasco de beberagem, diz! Não... OH!, espera um momento. Sim, trouxe isto. Servira?

Urgando no bolso que me pendurava da cintura, tinha encontrado a pequena caixa de marfim em que guardava minhas agulhas de acupuntura, com ponta de ouro.

Ele assentiu, obviamente satisfeito, e tirou do sporran a cigarreira de prata.

- Servirão, sim- disse, me entregando o uísque-. Leva isto também, para impressionar. Sobe até a loja, Sassenach, e dava a quem está custodiando ao sacerdote que o homem está doente.

- O guarda?

- O padre- corrigiu-. A estas horas todos têm que saber que é curandeira e lhe reconhecerão ao verte. Dava que estiveste tratando ao pai Kenneth por uma enfermidade e que necessita imediatamente uma dose de seu remédio. Do contrário morrerá. Não acredito que queiram isso... e de ti não terão medo.

- Não acredito que tenham motivos- reconheci, algo cáustica-. Bem, não tenho que apunhalar ao delegado com minhas agulhas, verdade?

A idéia lhe fez sorrir de brinca a orelha, mas negou com a cabeça.

- Não. Só quero que averigüe por que o capturaram e o que pensam fazer com ele. Se fosse eu mesmo a perguntar, poria-os em guarda.

Isso significava que não tinha abandonado por completo a idéia de lançar um ataque comando contra a fortaleza do senhor Lillywhite, se as respostas resultavam insatisfatórias. Joguei uma olhada à loja e, aspirando fundo, acomodei-me o xale sobre os ombros.

- Está bem. E você o que fará enquanto isso?

- Vou pelos meninos - disse.

E depois de me apertar fugazmente a mão, para me desejar sorte, partiu costa abaixo.

Ainda estava me perguntando o que significaria essa críptica declaração (que meninos e para que?) Quando distingi a lapela aberta da loja; mas todas as especulações voaram de minha mente ante a aparição de um

cavalheiro que correspondia ao descrito pelo Marsali, <um gordo horrível>, com tanta exatidão que não me couberam dúvidas sobre sua identidade; seus ojillos de contas me observaram como se avaliasse minhas possibilidades comestíveis.

- Bons dias você tenha, senhora- disse, sem entusiasmo, como se me encontrasse pouco apetitosa; mas inclinou a cabeça com respeito formal.

- Bons dias – respondi alegremente, lhe fazendo uma breve reverencia. Alguma vez vai mal cortês, ao menos em um começo-. Você deve ser o delegado, verdade? Temo que não tive o prazer de lhe ser formalmente apresentada. Sou a senhora Fraser, a esposa do James Fraser, da Colina do Fraser.

- David Anstruther, delegado do condado do Orange. Um servidor, senhora.- inclinou-se outra vez, embora sem muitas amostras de prazer. Tampouco parecia havê-lo surpreso o nome do Jamie, já porque não lhe era familiar (coisa estranha) ou porque já esperava uma embaixada como essa.

Sendo assim, não tinha sentido me andar com rodeios.

- Tenho entendido que aloja aqui ao pai Donahue- disse cordialmente-. vim a vê-lo. Sou seu médico.

Não sei o que esperava, mas não era isso; ficou algo boquiaberto, deixando ver um grave caso de má oclusão, gengivite avançada e falta de um bicúspide. antes de que pudesse fechar a boca, da loja saiu um cavalheiro alto, de jaqueta verde garrafa.

- A senhora Fraser?- disse, arqueando uma sobrancelha. Logo se inclinou puntilhosamente-. Há dito você que desejava falar com o cavalheiro clerical detido?

- Detido?- Ante isso fingi grande surpresa-. Um sacerdote? Vá, o que pode ter feito?

O delegado e o magistrado intercambiaram um olhar. Logo este pigarreou.

- Talvez ignora você, senhora, que na colônia da Carolina do Norte só o clero da Igreja estabelecida (quer dizer, a Igreja Anglicana) pode celebrar legalmente seus ofícios.

- me valha Deus!- exclamei, afetando horrorizada surpresa até onde me era possível-. Não, não tinha a menor ideia. Mas que coisa tão estranha!

O senhor Lillywhite piscou um pouco, gesto que interpretei como indicação do que tinha conseguido criar uma impressão de educada surpresa. depois de me esclarecer a garganta, mostrei a cigarreira de prata e o estojo das agulhas.

- Bom, espero que as dificuldades resolvam logo. Mesmo assim, eu gostaria de ver um momento ao pai Donahue. Tal como hei dito, sou seu médico. Ele tem uma... indisposição...- deslizei para trás a cobertura do estojo para exhibir delicadamente as agulhas, permitindo que imaginassem algo adequadamente virulento- que requer tratamento regular. Poderia vê-lo por um instante, a fim de lhe administrar seu remédio? Não quereria que... né..., que acontecesse algo inconveniente por falta de atenção por minha parte, como compreenderão.

E sorri com todo meu encanto.

O delegado encolheu o pescoço dentro da jaqueta, assumindo um aspecto malévolamente anfíbio, mas o senhor Lillywhite pareceu mais

afetado por meu sorriso. Observou-me de pés a cabeça, vacilando.

- Bom, não estou seguro de que... – começou a dizer.

Nesse momento umas pegadas chapinharam no atalho, detrás de mi. Me girei, quase esperando ver o Jamie. Em troca me encontrei com o senhor Goodwin, meu paciente da manhã; tinha uma bochecha ainda torcida por meu tratamento, mas o tipóia permanecia intacto.

Ele também se surpreendeu à lombriga, mas me saudou com grande cordialidade, em uma nuvem de vapores alcoólicos. Pelo visto tinha tomado muito a sério meu conselho de desinfetar.

- Senhora Fraser! Confio que não tenha vindo para atender a meu amigo Lillywhite. Ao senhor Anstruther, em troca, não lhe viria mal uma boa purgação para limpar os humores biliosos, verdade, David? Ja, ja!

- Querido George- saudou o senhor Lillywhite, calidamente-, vejo que já conhece esta encantadora dama.

- OH!, é claro que sim, cavalheiro.- O senhor Goodwin voltou para mim um semblante muito sorridente-. Mas se apenas esta manhã a senhora Fraser me tem feito um grande serviço! Um grande serviço, sim. Olhem isto!

Blandiô seu braço entalado; notei com prazer que não parecia estar lhe causando nenhuma dor, embora provavelmente isso se devia à anestesia que se estava autoadministrando, antes que a minha obra.

- Curou-me o braço com apenas um toque aqui, um toque lá... e me extraiu um dente quebrado com tanta limpeza que apenas o notei. Uk! – Colocou um dedo para retirar a bochecha, deixando ver a parte de algodão ensangüentado no oco do dente e uma pulcra linha de pontos negros na gengiva.

- Estou realmente impressionado, senhora- Lillywhite, com cara de interesse, farejou o bafo de uísque e prego de aroma que surgia daquela boca. Vi que sua língua formava um vulto em sua bochecha, ao sondar cautelosamente um molar.

- Mas o que a traz por aqui, senhora Fraser?- O recém-chegado voltou para mim o raio de sua jovialidade-. Tão avançado o dia... Possivelmente me você faça a honra de compartilhar meu jantar ante a fogueira?

- OH!, muito obrigado, mas a verdade é que não posso- disse, com a mais encantada de meus sorrisos-. vim a ver outro paciente.. quer dizer..

- Quer ver o sacerdote- interrompeu Anstruther.

Ante isso Goodwin piscou, desconcertado só por um instante.

- Ao padre? Há um sacerdote aqui?

- Um papista- ampliou o senhor Lillywhite, curvando um pouco os lábios ante essa palavra impura-. Me fez saber que havia um sacerdote católico camuflado na reunião e que se propunha celebrar uma missa durante as festividades de esta noite. Certamente, enviei ao senhor Anstruther para que o prendesse.

- O pai Donahue é meu amigo- intervim, com toda a energia possível-. E não estava camuflado, a não ser convidado sem dissimulações, como hóspede da senhora Cameron. Além disso, é meu paciente e requer tratamento. vim a garantir que o receba.

Amigo dele? É você católica, senhora Fraser?

O senhor Goodwin parecia sobressaltado; obviamente, não lhe tinha ocorrido que sua dentista fora papista; levou-se a mão à bochecha torcida,

em um gesto de estranheza.

- Sou-o- manifestei, com a esperança de que ser católica não fora ilegal, segundo a concepção do Lillywhite.

Evidentemente não era assim. O senhor Goodwin deu uma cotovelada a seu amigo.

- OH!, vamos, Randall. Deixe que a senhora veja esse homem. Que dano pode fazer? E se em realidade é convidado da Yocasta Cameron...

O senhor Lillywhite franziu os lábios, refletindo um momento. Logo se fez a um lado e apartou a lapela de lona para que eu passasse.

- Não acredito que haja nenhum mal em que veja seu... amigo – manifestou lentamente-. Passe, pois, senhora.

A silhueta do pai Donahue se recortava frente à lona iluminada; estava sentado em um tamborete ante uma pequena mesa dobradiça na qual se viam umas poucas folhas de papel, um tinteiro e uma pluma. O mesmo poderiam ter sido instrumentos de tortura, a julgar por sua rígida atitude defensiva, evocativa de alguém que esperasse o martírio.

Desde atrás me chegou um ruído de pederneira e yesquera; logo, um vago resplendor que foi crescendo. Um menino negro (o servente do senhor Lillywhite, provavelmente), adiantou-se em silêncio para pôr um pequeno abajur de azeite sobre a mesa.

- Pai Kenneth. – Estreitei-lhe a mão com um amplo sorriso, em benefício de quem quer que pudesse estar espiando pela abertura-. Trouxe-lhe seu remédio. Como se sente?

Agitei as sobrançelas para lhe indicar que devia me seguir o jogo. Ele me olhou fixamente um momento, fascinando, mas logo pareceu entender e tossiu um pouco. Animado por meu gesto afirmativo, fez-o outra vez, já com mais entusiasmo.

- foi... muito amável, ao pensar em meu, senhora Fraser- ofegou entre mais tosse.

Desentupi a cigarreira e lhe servi uma generosa medida de uísque.

- Está você bem, pai?- perguntei em voz baixa, ao me inclinar para oferecer-lhe Sua cara...

- OH!, não é nada, querida senhora Fraser, nada absolutamente- assegurou-me, deixando aparecer seu tom irlandês na tensão do momento-. É que cometi o engano de resistir quando o delegado me prendeu. Não só isso, mas também, levado pela impressão, causei algum prejuízo aos cojones do pobre homem, que só cumpria com seu dever, Deus me perdoe.

O pai Kenneth dirigiu o olho ileso para cima em uma expressão piedosa, arruinada pela irredenta sorriso que se estendia abaixo. Não era muito alto e parecia major do que era, em virtude do desgaste que o imponiam os largos períodos passados a cavalo. Mesmo assim, não passava dos trinta e cinco anos, e sob seu gasto casaco negro, era enxuto e robusto como um látego. Começava a compreender a que se devia a beligerância do delegado.

- Além disso- acrescentou, tocando-se com cautela o olho negro-, o senhor Lillywhite me ofereceu a mais gentil das desculpas pelo dano sofrido.

O sacerdote agarrou o uísque que eu lhe tinha servido e o apurou, fechando os olhos em sonhadora bênção.

- Não poderia desfrutar de melhor remédio- disse ao abri-los de novo-. O agradeço muito, senhora Fraser. Estou tão reposto que poderia caminhar

sobre as águas.

Então recordou que devia tossir; esta vez o fez com delicadeza, com um punho apoiado na boca.

- por que o prenderam?- perguntei, baixando a voz.

Joguei outra olhada à entrada da loja, mas estava deserta; de fora chegava um murmúrio de vozes. Pelo visto Jamie tinha razão: não suspeitavam de mim.

- Por celebrar a Santa Missa- respondeu ele-. Ao menos, isso não dito, embora seja uma perversa mentira. Não celebrei nenhuma missa desde domingo passado, e isso foi na Virginia.

Agarrei a cigarreira para lhe servir outra medida generosa. Enquanto ele a bebia, esta vez com mais lentidão, franzi o sobrecenho, refletindo. O que se traziam entre mãos o senhor Lillywhite e companhia? Não podiam, sem dúvida, levar a julgamento do sacerdote pelo cargo de oficial missa. Certamente, não lhes custaria muito conseguir testemunhas falsas para provar que o tinha feito, mas o que ganhariam com isso?

Embora o catolicismo não era popular na Carolina do Norte, eu não via o benefício em prender um padre que, de qualquer modo, iria pela manhã. O pai Kenneth provinha de Baltimore e pensava retornar ali. Solo tinha concorrido à congregação por fazer um favor a Yocasta Cameron.

- OH!- exclamei. O sacerdote me olhou inquisitivamente por cima de sua taça-. É só uma idéia- disse, lhe indicando com um gesto que continuasse-. Por acaso sabem se o senhor Lillywhite tem alguma relação pessoal com a senhora Cameron?

Yocasta, mulher proeminente e enriquecida, tinha caráter forte; por ende não lhe faltariam inimigos. Não me explicava por que o senhor Lillywhite queria chatear a de uma maneira tão peculiar, mas mesmo assim...

- Conheço a senhora Cameron- disse o magistrado a minhas costas-. Entretanto, ai!, não posso dizer que tenha uma amizade íntima com essa dama.

Girei-me em redondo. Estava de pé à entrada da loja, seguido pelo delegado Anstruther e o senhor Goodwin. Jamie fechava a marcha me fazendo um imperceptível gestos com uma sobancelha.

O senhor Lillywhite se inclinou ante mi.

- Acabo de lhe explicar a seu marido, senhora, que por consideração à senhora Cameron tentei regularizar a situação do senhor Donahue, a fim de permitir sua presença na colônia. Entretanto, temo que minhas sugestões foram sumariamente rechaçadas.

O pai Kenneth deixou sua taça e ergueu as costas, resplandecente o olho são à luz do abajur.

- Querem que firme um juramento, senhor- disse ao Jamie, assinalando com um gesto o papel e a pluma que tinha ante si-. A efeitos de que não assino a crença na transustanciación.

- Seriamente?- A voz do Jamie não revelava mais que um interesse amável.

- Bom, pois não pode, verdade?- disse, olhando ao círculo de homens-. Os católicos... quer dizer, nós- esclareci, olhando ao senhor Goodwin- acreditam certamente na transustanciación. Não é assim?- perguntei, me

voltando para o padre, que assentiu com a cabeça, sorrindo apenas.

O senhor Goodwin parecia desconforme, mas resignado; o desconforto social tinha reduzido sua jovialidade alcoólica.

- Sinto muito, senhora Fraser, mas assim o manda a lei. Só com uma condição se permite aos clérigos não pertencentes à Igreja estabelecida permanecer legalmente na colônia, e é que assinem esse juramento. São muitos os que o fazem. Conhece reverendo Urmstone, o pregador metodista itinerante? Ele assinou o juramento, e também o senhor Calvert, que vive perto do Wadesboro.

O delegado parecia muito ufano. Contendo meu impulso de lhe pisar um pé, voltei-me para o senhor Lillywhite.

- Pois como o pai Donahue não pode assiná-lo, o que se propõem fazer com ele? Jogá-lo em uma masmorra? Não podem fazer isso: está doente!

Como obedecendo a um sinal, o pai Kenneth tossiu devidamente. O senhor Lillywhite me olhou com ar dubio, mas preferiu dirigir-se ao Jamie.

- Em justiça poderia encarcerar a este homem, mas por consideração a você e a sua tia, senhor Fraser, não o farei. Não obstante deverá abandonar amanhã a colônia. Farei-o escoltar até a Virginia, onde será posto em liberdade. Pode você confiar em que se cuidará de seu bem-estar durante a viagem.

E desviou uma fria olhar cinza para o delegado, que se ergueu em toda sua estatura, tratando de luzir digno de confiança, sem muito resultado.

- Compreendo.- Jamie falou em tom ligeiro, passeando o olhar de um a outro dos homens; por fim a posou no delegado-. Espero que assim seja, senhor... pois se chegasse a meu conhecimento que o bom pai sofreu algum dano, mi... desassossego seria maiúsculo.

Ele delegado o sustuvo o olhar, pétrea a cara, até que o senhor Lillywhite lhe dirigiu um gesto carrancudo.

- Dou-lhe minha palavra, senhor Fraser.

Jamie lhe fez uma leve reverencia.

- Não poderia pedir mais, senhor. Entretanto, se me permitir a presunção... não poderia o pai passar a noite cômodo entre seus amigos? Assim poderia despedir-se deles. E minha esposa, atender suas lesões. Eu me faria responsável por entregá-lo sem falta a suas mãos, amanhã pela manhã.

O senhor Lillywhite cavou os lábios, figiando estudar a proposta, mas era mau ator. Não sem interesse, precavi-me de que tinha previsto essa solicitude e já tinha decidido negar-se.

- Não senhor- disse, tratando de adotar um tom relutante-. Lamento não poder acessar a seu pedido. Mas se o sacerdote deseja escrever cartas a seus conhecidos... - Assinalou com a cabeça o montão de papéis-. Eu me encarregarei de que sejam prontamente entregues.

Meu marido também pigarreou, estirando-se um pouco.

- Pois bem- disse-, se tolerar meu atrevimento...

Fez uma pausa, como se estivesse um pouco envergonhado.

- Diga, senhor. - Lillywhite o olhava com curiosidade.

- Permitiria você que o bom pai me escutasse em confissão?- Jamie tinha parecido o olhar no poste da loja, evitando a minha com diligência.

- Em confissão?

O magistrado parecia atônito. O delegado, em troca, emitiu um ruído que alguém muito caridoso podia interpretar como risita zombadora.

- Tem algum peso na consciência?- perguntou rudamente-. Ou possivelmente uma premonição de morte iminente. né?

Disse-o com um sorriso maligno. O senhor Goodwin, com cara de escandalizado, murmurou um protesto. Jamie, desdenhando-os a ambos, centrou sua atenção no senhor Lillywhite.

- Sim, senhor. Faz algum tempo que não tive oportunidade de me confessar, compreende? E é muito possível que passe ainda mais antes de que volte a apresentá-la ocasião. Tal como estão as coisas...- Nesse momento cruzou um olhar comigo e assinalou a lapela da loja com um gesto breve, mas enfático-. Desculpaiam-nos um momento, cavalheiros?

Sem aguardar a resposta, agarrou-me pelo cotovelo para me empurrar veloz mente fora.

- Brianna e Marsali estão atalho acima, com os crios- vaiou-me ao ouvido, assim que estivemos fora da loja-. Quando Lillywhite e esse bode do delegado estejam bem longe vá a por eles.

E me deixou de pé no caminho, atônita, para entrar de novo na loja.

- Com seu perdão, cavalheiros- ouvi-lhe dizer-. Pareceu-me que... há coisas que um homem não deve dizer frente a sua esposa, compreendem?

Houve um murmúrio de compreensão masculina; também captei a palavra <confissão>, repetida pelo senhor Lillywhite em tom dúbio.

Depois de descender alguns passos pelo caminho, detiveram-se conferenciar.

O vulto do Anstruther se aproximou um pouco mas ao senhor Goodwin.

- Que coño é a transustanciación?- murmurou.

Vi que o senhor Goodwin erguia os ombros, estirando-se, mas imediatamente os elevou para as orelhas.

- Com toda franqueza, senhor, não estou seguro do que significa essa palavra- disse com certa gazmoñeria-; não obstante, percebo nela alguma forma de doutrina papista perniciosa. Talvez o senhor Lillywhite possa lhe oferecer uma definição mais completa. Randall?

- É obvio- disse o magistrado-. É o conceito de que, ao pronunciar o sacerdote determinadas palavras durante a celebração de sua missa, o pão e o vinho se transformam na substância mesma do corpo e o sangue de Nosso Salvador.

- O que?- Anstruther parecia confundido-. Como é possível fazer isso?

- Trocar o pão e o vinho em carne e sangue?- disse o senhor Goodwin, bastante desconcertado-. Mas isso é brujeria!

- Seria-o, se em realidade se produzira- objetou o senhor Lillywhite, um pouco mais humano-. A igreja sustenta, com muita razão, que não é assim.

- E estamos seguros disso?- O delegado parecia desconfiar-. Viu-os você fazê-lo?

- Pessoalmente, não. Mas tenho entendido que é assim.

- Pois bem, isso é canibalismo puro e duro, não?- A mole do delegado voltou a estirar-se, entusiasmada-. Isso sim que vai contra a lei! por que não deixamos que este tio faça seu truque de magia e os prendemos a todos? Acredito que poderíamos encerrar a um montão desses bodes de um só golpe.

- Não – disse, sem elevar a voz-. Temo que não, delegado. Tenho

instruções de não permitir que o sacerdote realize nenhuma cerimônia e que lhe impeça de receber visitantes.

- Ah, sim? E o que é o que está fazendo agora?- acusou Anstruther, assinalando para a loja às escuras, onde a voz do Jamie tinha começado a soar, vacilante. Provavelmente falava em latim.

- Isso é muito diferente- disse Lillywhite, irritado-. O senhor Frase é um cavalheiro. E a proibição de receber visitas é para evitar que o padre celebre matrimônios secretos, coisa que agora não pode nos preocupar.

- me benza, pai, pois pequei- disse Jamie, elevando súbitamente a voz.

O magistrado deu um coice, enquanto o pai Kenneth, murmurava uma interrogação.

- cometi pecados de luxúria e impureza, tanto de pensamentos como de fato- anunciou Jamie, em um volume que não me pareceu muito discreto.

- OH! Já vejo- repôs o pai Kenneth, levantando também a voz, como se estivesse interessado-. Agora bem, meu filho, esses pecados de impureza, de que forma se manifestaram, e em quantas ocasiões?

- Pois bem... Para começar, olhei a algumas mulheres com desejo luxurioso. Em quantas ocasiões... calculemos um centenar, pelo menos, pois aconteceu bastante tempo desde minha última confissão. Tem que saber com que mulheres aconteceu, pai, ou basta com que lhe diga o que pensei lhes fazer?

O senhor Lillywhite ficou notavelmente rígido.

- Acredito que não teremos tempo para tanto, querido Jamie- disse o padre-. Mas sim quer me falar de uma ou duas ocasiões, para que eu possa me formar uma idéia quanto ao... né... à gravidade do pecado.

- OH!, bem. Bom, a pior deve ter sido aquela vez, com a manteigueira.

- Manteigueira? Ah... dessas com uma manga que aparece?- O tom do pai Kenneth expressava uma triste compaixão pelas libidinosas possibilidades que isso sugeria.

- OH, não! Pai. Era um desses barris que ficam de lado, com uma pequena manivela para lhe dar voltas, sabe? Pois bem, ela estava lhe dando voltas com muito vigor, e tinha os cordões do sutiã desatados de modo que seus peitos se bamboleavam fazia aqui e para lá. E o tecido lhe pegava ao corpo com o suor do trabalho. Pois bem: o barril tinha a altura exata, e era curvado, compreende? E isso me fez pensar em tombá-la em cima e lhe levantar as saias Y...

Involuntariamente abri a boca em um gesto de horror. O sutiã que estava descrevendo era o mijo, e meus peitos, e minha manteigueira! Por não falar de minhas saias. Recordava vividamente aquela ocasião. Se se tinha iniciado com um pensamento impuro, certamente não ficou só nisso.

Um ruído lhe sussurrem e um murmúrio voltaram minha atenção aos homens que conversavam sobre o caminho. O senhor Lillywhite tinha pego de um braço ao delegado, que ainda se inclinava avidamente para a loja, erguendo as sobancelhas, e o arreganhava com um vaio, enquanto o obrigava apressadamente a afastar-se pelo caminho. O senhor Goodwin os seguiu, embora com ar relutante.

Por desgraça, o ruído que fizeram ao afastar-se afogou o resto do pecado que Jamie descrebia, mas também, felizmente, o sussurro de folhas e ramillas roda que anunciavam a aparição da Brianna e Marsali a minhas

costas, com o Jemmy e Joan em braços e Germain obstinado à costas de sua mãe, como um bonito.

- Já temia que não se fossem alguma vez- sussurrou Bree, espiando sobre meu ombro fazia o lugar por onde tinham desaparecido o magistrado e seus companheiros-. Fica alguém?

- Não. Vamos.

E alargue os braços para o Germain, que veio a eles de boa vontade.

- Ou nous allées, Grad-mère?- perguntou com voz sonolenta, enquanto beijocava afetuosamente meu pescoço.

- Chist. vamos ver o Grand-père e ao pai Kenneth- sussurrei-lhe-. Mas temos que ir muito calados.

- OH,! assim?- vaiou em um forte sussurro. E começou a cantar pelo sob uma canção francesa muito vulgar.

- Chist!- Plantei-lhe uma mão contra a boca, úmida e pegajosa pelo que tinha estado comendo- Não cante, tesouro. Não convém despertar aos bebês.

Assim que entramos, Jamie se interrompeu abruptamente. Logo lhe ouvi dizer, depressa:

-E pecados de ira, orgulho e inveja... ah! E também alguma mentira, pai. Amém.

Caiu de joelhos, recitando precipitadamente um ato de contrição em francês, e antes de que o pai Kenneth acabasse de dizer: <Ego te absolvo> já estava de pé, retirando ao Germain de meus braços.

Meus olhos se foram adaptando à escuridão; chegava a distinguir as silhuetas volumosas das moças e o alto contorno do Jamie, que plantou ao menino na mesa, ante o sacerdote, dizendo:

- Depressa, pois pai. Não temos muito tempo.

- Tampouco temos água- observou o padre-. A menos que as senhoras tenham recordado trazer um pouco...

Tinha pego o pederneira e a yesquera, com os que estava tratando de acender novamente o abajur. Bree e Marsali intercambiaram um olhar de horror. Logo sacudiram a cabeça ao unisono.

- Não lhes preocupem, pai- disse Jamie, tranqüilizador.

Vi-o alargar a mão para algo que estava sobre a mesa. ouviu-se o breve chiado de uma cortiça ao sair; logo, o aroma quente e doce do bom uísque encheu a loja, enquanto da mecha brotava uma chama vacilante, que se estabilizou em uma luz pequena e clara.

- Dadas as circunstâncias...- disse Jamie, oferecendo a cigarreira aberta ao sacerdote.

O pai Kenneth apertou os lábios, embora me pareceu que não era um gesto de irritação, mas sim de hilaridade contida.

- Os óleos batismais- explicou, desarrolhando o frasco antes de pô-lo na mesa-. Graças a quão virgem o levava em cima. O delegado se apropriou da caixa com os elementos para a missa. - Fez um rápido inventário dos objetos depositados na mesa, contando-os com os dedos-. Fogo, óleos, água... ou algo assim... e um menino. Muito bem. Suponho, senhora, que você e seu marido serão os padrinhos de este.

Isso ia dirigido a mim. Jamie tinha ido hospedar se junto à entrada da loja.

- De todos, pai- disse, sujeitando com firmeza ao Germain, que parecia

disposto a descer de um salto-. Não te mova, tesouro. É só um momento.

detrás de mim se ouviu o som de metal desenvainado contra pele azeitada. Ao me voltar vi o Jamie entre as sombras; montava guarda junto à porta com a adaga na mão. Um escrúpulo apreensivo me enroscou no ventre. Bree afogou uma exclamação a meu lado.

- Jamie, meu filho- disse o pai Kenneth, em tom de suave reprimenda.

- Continuem, pai, por favor- foi a tranqüila resposta. – decidi que meus netos recebam o batismo esta mesma noite. E ninguém poderá impedi-lo.

O padre aspirou fundo com um leve vaio. Logo moveu a cabeça.

- Em nome deste menino renunciam a Satanás e a todas suas obras?- perguntou, falando depressa.

Reagi bem a tempo para me unir ao Jamie na resposta dos padrinhos, recitando abnegadamente:

- Renunciamos a eles.

- Acreditam no único Deus o Pai o Filho e o Espírito Santo?

- Cabezotas - modulei com os lábios, para o Jamie. Ele alargou o sorriso, enquanto eu me apressava a acompanhar seu firme: <Acredito.>

Era uma pegada o que tinha ouvido fora, no caminho, ou só o vento do anoitecer, que fazia ranger a seu passado os ramos dos mastreie?

Terminadas as perguntas e respostas, o sacerdote me sorriu de brinca a orelha; a luz lhe pisquem do abajur lhe dava aspecto de gárgula. Seu olho são se fechou brevemente em uma piscada.

- Damos por sentado que responderão o mesmo pelos outros dois, verdade , senhora? E qual será o nome de pilha deste doce pequeno?

Sem quebrar o ritmo, tomou a cigarreira de uísque e sotaque cair uma cautelosa destilação de licor na cabeça do menino, repetindo:

- Eu te batizo, Germain Alexander Claudel MacKenzie Fraser, no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

O menino observava essa operação com profundo interesse; quando o líquido correu pela ponte de seu nariz, alargou a língua para provar as gotas, mas imediatamente fez uma careta.

- Puja1- disse com toda claridade-. Pipí de cavalo.

Marsali lhe espetou um breve estalo escandalizado, mas o padre se limitou a rir entre dentes. depois de baixar ao Germain da mesa, chamou o Bree com um gesto.

Ela sustentou ao Jemmy por cima da mesa, embalando-o em seus braços como se fora a vítima de um sacrifício. Embora estava atenta à cara do bebê, vi que torcia um pouco a cabeça, distraída por algo que acontecia fora. ouviam-se ruídos no atalho, sim. E vozes. Um grupo de homens que conversavam; as vozes eram amistosas, mas não estavam ébrios.

Já tensa, tratei de não olhar ao Jamie. Se entravam, o melhor seria agarrar ao Germain, engatinhar por debaixo do extremo oposto da lona e sair fugindo. No caso de, sujeitei-o pelo pescoço da camisa. Nesse momento senti um ligeiro toque: Bree tinha movido o corpo contra mim.

- Tudo está bem, mamãe – sussurrou-. São Roger e Fergus.

depois de um movimento com a cabeça para a escuridão, concentrou sua atenção no Jemmy.

Era certo; a pele de minhas têmporas se arrepiou de alívio. Agora reconhecia a voz imperiosa e algo nasal do Fergus, que recitava uma larga

oração, e uma grave ronrono escocês que devia ser o do Roger. Uma risita aguda, a do senhor Goodwin, flutuou na noite, seguida por algum comentário do senhor Lillywhite, com sua pronúncia aristocrática.

Essa vez sim olhei ao Jamie. Ainda tinha a adaga desenvainado, mas tinha deixado cair a mão a um lado e seus ombros estavam menos tensos. Sorriu-me outra vez, e nesta ocasião lhe devolvi o gesto.

Jemmy estava acordado, mas dormitado. Embora não apresentou objeções ao óleo, deu um coice ante o frio contato do uísque na frente, abrindo muito os olhos, e emitiu um agudo chiado de protesto.

Sua mãe lhe deu suaves golpes nas costas como se fora um bongo, distraíndo-o com um pequeno murmúrio ao ouvido. Ele se conformou chupando o polegar, fulminando aos reunidos com um olhar suspicaz. Para então, o pai Kenneth já estava vertendo uísque sobre o Joan, que dormia em braços do Marsali.

- Eu te batizo, Joan Laoghaire Claire Fraser – disse, seguindo as indicações da moça.

Olhei-a com surpresa. Sabia que se chamava Joan, como a irmã menor do Marsali, mas ignorava quais seriam seus outros nomes. De repente, os olhos inclinados da menina se abriram de par em par, junto com sua boca, que emitiu um alarido penetrante. Todo mundo deu um salto, como se entre nós tivesse estalado uma bomba.

- Vão em paz a servir ao Senhor! E vão às pressas!- disse o pai Kenneth, que já estava tampando diestramente a garrafa e a cigarreira, escondendo freneticamente todo rastro da cerimônia.

Atalho abaixo se ouviam vozes elevadas em intrigadas perguntas.

Marsali saiu da loja como o raio, com a mãe uivem bebê apertada contra o peito e Germain, em que pese a seus protestos, sujeitou pela mão. Bree se deteve apenas para beijar na frente ao pai Kenneth.

- Obrigado, pai- sussurrou.

E desapareceu em uma revoada de saias e anáguas.

Jamie me tinha pego pelo braço e estava me empurrando também para fora, mas se deteve durante segundo meio.

- Pai?- sussurrou para trás-, Pax vobiscum!

O padre já havia tornado a sentar-se detrás da mesa, com as mãos cruzadas e as acusadoras folhas em branco estendidas ante ele. Levantou a vista com um leve sorriso. Sua cara, à luz do candil, expressava uma paz perfeita, a pesar do olho negro.

- Et cum spiritu tuo, homem- disse, enquanto levantava três dedos em uma última bênção.

- por que tem feito isso?- O sussurro da Brianna flutuou até mim, cheio de irritação. Ela e Marsali foram uns poucos passos mais adiante.

- por que tenho feito o que? Deixa isso, Germain; vamos procurar a papai, quer?

- Beliscar ao Joanie. Vi-te! Pôde fazer que pilhassem a todos.

- É que era preciso!- Marsali parecia surpreendida ante a acusação-. E

em realidade não teria importado, porque o batismo já parecia. Não podiam obrigar ao pai Kenneth a que o desfizesse, verdade?- Riu como uma menina ante a idéia-. Germain, hei-te dito que deixe isso!

- Como que era preciso? Solta, Jem, que é meu cabelo! Ai! Solta, digo-te! Obviamente Jemmy estava já totalmente acordado, com desejos de explorar os arredores.

- Mas se a menina estava dormida!- disse Marsali, escandalizada-. Não despertou quando o pai Kenneth lhe verteu a água... quer dizer, o uísque... na cabeça. E já se sabe que é má sorte que um menino não chie um pouco quando lhe batiza; é assim como sabe que o pecado original o está abandonando. Ia eu a permitir que o diabol ficasse em minha pequena, mo mhaorine?

Bree deixou escapar um bufido de risada, já apagada sua irritação.

Os assuntos do dia estavam resolvidos e a gente se ia sentando para jantar, antes de iniciar as canções e a última ronda de visitas. O aroma de fumaça e a comida arrastava dedos tentadores no ar frio e escuro; o estômago me resmungava brandamente em resposta a sua convocatória. Ojala Lizzie se repôs o suficiente para começar a cozinhar.

- O que significa mo mharine?- perguntei ao Jamie-. É a primeira vez que o ouço.

- Significa “ meu patatita” , conforme acredito- respondeu ele-. É irlandês, não?. Ela o aprendeu que padre.

Suspirou, como se estivesse profundamente satisfeito com a ação dessa noite.

- Santa Bride benza ao pai Kennth. Por um momento temi que não poderíamos fazê-lo. É Roger o que está ali, com o pequeno Fergus?

- É ele, sim. E falando disso, meu doce patatita- acrescentei, lhe agarrando com firmeza do braço para que diminuísse o passo-, Como te ocorreu contar ao pai Kenneth esse assunto da manteigueira?

- Não me diga que te ofendeu, Sassenach!- exclamou, em tom de surpresa.

- É obvio que me ofendeu!- O sangue subiu às bochechas, cálida, embora não teria podido dizer se se devia à lembrança de sua confissão ou ao do episódio original.

- Bom, também confessei que tinha mentido, Sassenach- disse ele.

Não pude lhe ver o sorriso, mas a ouvia muito bem em sua voz. Suponho que ele também ouviu a minha.

- Tinha que pensar um pecado o bastante horrível para afugentar ao Lillywhite. E não podia confessar roubos nem fraudes. Pode que algum dia deva fazer negócios com esse homem.

- Ah!, e pensa que esses delitos poderiam lhe repugnar, enquanto que sua atitude para as mulheres de blusas molhadas lhe parecerá só um pequeno defeito.

- Baixa a voz, Sassenach- murmurou, me tocando a mão-. Que os meninos não lhe ouçam. Além disso- acrescentou, baixando tanto a voz que se viu obrigado a me sussurrar ao ouvido-, não me acontece com todas as mulheres. Só com as que têm um traseiro encantador, bem redondo.

E me soltou a mão para me apalpar o traseiro com familiaridade, com notável pontaria apesar da penumbra.

- Não me incomodaria em cruzar a rua por uma mulher fraca, embora estivesse completamente nua e jorrando. Quanto ao Lillywhite- resumiu, em um tom mais normal, mas sem retirar a mão-, embora seja protestante, Sassenach, não deixa de ser homem.

- Ignorava que esses dois fatores fossem incompatíveis- disse secamente a voz do Roger, surgindo da escuridão.

Jamie retirou imediatamente a mão, como se minha nádegas estivessem em chamas. Não era assim (não de tudo), mas não se podia negar que sua pederneira tinha disparado uma ou duas faíscas entre a isca, por úmida que estivesse. Não obstante, faltava muito para a hora de deitar-se.

Detive-me o tempo indispensável para administrar à anatomia do Jamie um breve e íntimo apertão, que lhe arrancou uma exclamação afogada. Logo girei para o Roger.

- O... o pai está bem?- perguntou este-. Disse-me Brianna que o tinham maltratado. Espero que não voltem a fazê-lo uma vez que se vá.

Ante isso Jamie ficou sério. Encolhendo-se levemente de ombros, acomodou-se a jaqueta.

- Acredito que não terá problemas, não. Fiz uma pequena recomendação ao delegado.

A ênfase carrancuda que pôs ao dizer “ pequena recomendação” o expressou com clareza. Teria sido mais efetivo um bom suborno, mas eu sabia perfeitamente que, nesses momentos, só tínhamos dois xelins, três peniques e nove céntimos. Era melhor economizar dinheiro e confiar nas ameaças. Pelo visto, ele pensava o mesmo.

- Falarei com minha tia- continuou- para que envie esta noite uma nota ao senhor Lillywhite, expressando sua opinião sobre o assunto. Isso protegerá melhor ao pai Kenneth que quanto eu possa dizer.

- Não acredito que se alegre ao inteirar-se de que se pospor as bodas- comentei. Yocasta Cameron, filha de um senhor das Terras Altas e viúva de um rico latifundiário, estava habituada a sair-se com a sua.

- Não, em efeito- disse Jamie, irônico-; para o Duncan, em troca, possivelmente seja um alívio.

Roger riu e ajustou seu passo ao nosso para descender pelo atalho; levava sob o braço ao Jimmy, como se fora uma bola de futebol.

- É certo. Pobre Duncan. Assim que as bodas se adiarão definitivamente, não?

Não pude ver o gesto carrancudo do Jamie, mas senti que sacudia a cabeça, dubio.

- Temo-me que sim. Não quiseram me devolver ao padre, embora lhes dava minha palavra de entregá-lo pela manhã. Poderíamos resgatá-lo pela força, mas mesmo assim...

- Duvido que isso servisse de algo- interrompi. E lhes contei o que tinha escutado enquanto esperava fora da loja.

- Não acredito que fiquem cruzados de braços e permitam ao pai Kenneth celebrar matrimônios- concluí-. Embora o ajudasse a escapar, buscariam-no por toda a montanha, esvaziando as lojas e provocando distúrbios.

Ao delegado Anstruther não lhe faltaria ajuda; embora Jamie e sua tia merecessem muita estima entre a comunidade escocesa, não se podia dizer o

mesmo dos católicos em geral e dos padres em particular.

- Instruções?- repetiu Jamie, atônito- . Está segura, Sassenach? Foi Lillywhite quem disse que tinha instruções?

- Foi ele.- Só então me precavi de quão peculiar era isso. Obviamente, o delegado recebia instruções do senhor Lillywhite, pois esse era seu dever, mas quem podia estar dando ordens ao magistrado?

- Aqui há outro magistrado e um par de juizes de paz, mas... – disse Roger lentamente.

levantou-se um vento suave, que fazia repicar como se fossem sabres os ramos nus de carvalhos e nogueiras. Mesmo assim, a voz do Jemmy era o bastante potente como para que Brianna o ouvisse. Captei a do Marsali, falando amigavelmente do jantar com o Germain e Fergus. Mas não se ouvia o tom mas grave e sensual do Bree, com sua entonação bostoniana.

. por que?- perguntou Jamie ao Roger, elevando a voz para fazer-se oir a pesar do vento.

- por que o que? Ouça, Jem, vê isto? quê-lo? Sim, é obvio. Assim está bem, pequeno, masca-o um momento.

Uma faísca de luz se refletiu em algo que Roger tinha na mão livre; logo o objeto desapareceu e os gritos do Jemmy cessaram bruscamente, substituídos por fortes ruídos de sucção.

- O que é isso? Não será um objeto pequeno que possa tragar, verdade?- perguntei, inquieta.

- OH não!, é uma cadeia de relógio. Não se preocupe- tranquilizava-me Roger-. Tenho o extremo bem sujeito. Se a traga, posso recuperá-la.

- Quem poderia ter motivos para impedir que te casasse?- perguntou Jamie, paciente, ignorando o perigo que corria o sistema digestivo de seu neto.

- Eu?- Roger parecia surpreso-. Não acredito que a ninguém importe que eu me case ou não, salvo a mim mesmo... e a ti, possivelmente- añadió, com um toque de humor-. Mas tem que querer que o menino tenha sobrenome, suponho. A propósito...- voltou-se para mi. O vento, que tinha liberada largas mechas de seu cabelo, convertia-o em uma selvagem silhueta negra-. Que nome lhe puseram, finalmente? No batismo, quero dizer.

- Jeremiah Alexander Ian Fraser MacKenzie- disse, tratando de recordá-lo corretamente-. É o que desejava?

- OH!, não me importava muito- disse ele.

Llovizneava outra vez; além de sentir as gotitas geladas na cara, vi as fossas que formavam na água do atoleiro, ali onde o tocava a luz do fogo.

- Eu queria que se chamasse Jeremiah- continuou-, mas disse ao Bree que escolhesse os outros nomes. Ela não podia decidir-se entre o John, pelo John Grei Y... e Ian, por sua primo.

Uma vez mais detectei uma leve vacilação, enquanto que o braço do Jamie ficava algo rígido sob minha mão. Ian, o sobrinho do Jamie, era um ponto gelido, afresco na mente de todos, graças à nota que dele tínhamos recebido no dia anterior. Isso devia ter decidido a Brianna, finalmente.

- Bom, se não ser por suas bodas com minha filha- insistiu Jamie, capitoso-, Por qual é? a da Yocasta com o Duncan? Ou a dos Bremerton?

- Pensa que alguém se proposto impedir as bodas de esta noite?- Roger aproveitou a oportunidade para falar de algo que não fora Ian Murray-. Não

crie que essa por aversão geral contra as práticas romanas?

- Poderia ser, mas não é por isso. Se não, por que esperaram até agora para prender o padre? Um momento, Sassenach; ajudarei-te.

Jamie me soltou a mão para rodear o atoleiro: logo me agarrou pela cintura para me cruzar por cima, com um revão de saias.

- Não.- Jamie continuou a conversação, voltando-se para o Roger-. Suponho que ao Lillywhite e Anstruther não gostam dos católicos, mas para que armar um alvoroço agora, se de qualquer modo o sacerdote se iria pela manhã? Acaso pensam que poderia corromper às boas gente da montanha antes do amanhecer, se não o detiveram?

Roger riu brevemente.

- Não, suponho que não. Há alguma outra coisa que o sacerdote devesse fazer esta noite, além das bodas e os batismos?

- Possivelmente umas quantas confissões- disse, beliscando ao Jamie no braço-. Nada mais, que eu saiba.

- Não se opuseram a que escutasse a minha. E não acredito que porque lhes importasse que um católico estivesse em pecado mortal. De qualquer maneira, a seu modo de ver estamos todos condenados. Mas sim soubessem que alguém necessita desesperadamente confessar-se e tivessem algo que ganhar....

- Se esse alguém estivesse disposto a pagar por ver o padre?- perguntei, cética-. Homem, estamos falando de escoceses! Se se tratasse de pagar uma boa quantidade de dinheiro por um sacerdote, qualquer católico escocês, fora adúltero ou assassino, limitaria-se a recitar um ato de contrição e a ficar em mãos de Deus.

Jamie lançou um bufido de risada; a bruma branca de seu fôlego se enroscou em sua cabeça como a fumaça de uma vela; o frio se estava acentuando.

- Acredito que sim- disse, seco -. E se Lillywhite tivesse alguma intenção de fazer negócios com as confissões, começa muito tarde para obter grandes lucros. Mas e se a idéia não fora impedir que alguém se confesse, a não ser assegurar-se de escutar o que disser?

Roger emitiu um grunhido satisfeito; ao parecer, a hipótese lhe parecia factível.

- Extorsão? Poderia ser, se- disse com aprovação.

“Leva-o no sangue”, pensei. Embora tivesse estudado em Oxford, não cabia dúvida de que era escocês. Sob seu braço se produziu uma violenta comoção, seguida por um alarido. Roger baixou a vista.

- OH!, deixaste cair sua guloseima? Onde está?

Com o Jemmy ao ombro como sim fora uma confusão de roupa lavada ficou em cuclillas para pinçar no chão, em busca da cadeia para o relógio, que Jemmy devia ter arrojado na escuridão.

- Extorsão? Parece-me um pouco desatinado- objetei, me esfregando o nariz, que tinha começado a me gotejar-. Se tiver entendido bem, eles, por exemplo, suspeitariam que Farquard Campbell cometeu algum crime espantoso e, se tivessem a certeza, poderiam extorqui-lo. É assim? Parece-me uma idéia muito matreira. Roger, se encontrar um alfinete, é meu.

- Lillywhite e Anstruther são ingleses, não?- apontou Jamie, com um delicado sarcasmo que fez rir ao Roger-. os dessa raça são matreiros e

traições por natureza, não Sassenach?

- Tolices!- disse, tolerante-. Além disso, eles não trataram de escutar sua confissão.

- Não tenho com o que pagar uma extorsão- assinalou ele, embora era perfeitamente óbvio que só discutia por entreter-se.

- Mesmo assim- comecei.

Mas me interrompeu Jemmy; cada vez mais inquieto, jogava-se de um lado a outro, lançando gritos intermitentes como um apito de vapor. Roger beliscou algo entre os dedos, com cautela, e se incorporou.

- encontrei seu alfinete- disse-. Mas não há sinais da cadeia.

- Alguém a verá pela manhã- respondi, elevando a voz para me fazer ouvir, pois a barafunda ia em aumento-. Será melhor que me dê ao menino.

Alarguei os braços para receber ao bebê; Roger me entregou isso com visível ar de alívio, que entendi ao captar uma baforada que vinha dos fraldas.

- Outra vez?- senti saudades.

O debíio interpretar isso como recriminação pessoal, pois fechou os olhos e começou a uivar como um alarme anti-aéreo.

- Mas onde se colocou Bree?- perguntei, tratando simultaneamente de embalá-lo e mantê-lo a uma higiênica distância-. Ai!

Parecia ter aproveitado a escuridão para desenvolver vários membros adicionais, todos os quais estavam agitando-se ou procurando algo que aferrar.

- Só foi a um pequeno recado- explicou Roger.

Seu vaguedad fez que Jamie girasse a cabeça imediatamente. Pelo visto farejava algo estranho. voltou-se para mim com uma sobrancelha arqueada. Estava eu no jogo?

- Não tenho nem idéia- assegurei-lhe-. Ouça, cruzarei até a fogueira do McAllister para pedir que me emprestem um fralda limpo. Veremo-nos em nosso acampamento.

Sem esperar resposta, sujeitei ao bebê com firmeza e me abri passo entre as matas, rumo ao acampamento mais próximo. Georgina McAllister, que tinha gêmeos recém-nascidos (eu tinha atendido o parto, quatro dias atrás), proveu-me encantada de um fralda limpo e um arbusto privado, depois da qual poder fazer meus acertos pessoais.

Alegrava-me de que tivéssemos podido concretizar os batismos (em realidade, era surpreendente que isso me fizesse sentir tão gratificada), mas devia reconhecer certa inquietação pelo fato de que se cancelou as bodas da Brianna. Embora não tinha feito maiores comentários, eu sabia que tanto ela como Roger desejavam ver benta sua união.

- Senhora?- Era a maior das meninas McAllister, que se tinha devotado para trocar ao Jemmy; entre dois dedos sustentava delicadamente um objeto comprido e viscoso-. encontrei este miçanga no fralda do bebê. Pode ser de seu marido?

- Virgem Santa!

O reaparecimento da cadeia me impressiono, mas um instante de racionalidade corrigiu meu primeiro alarme, ao pensar que Jemmy a tinha tragado. Qualquer objeto sólido teria demorado várias horas em percorrer o conduto digestivo, por muito ativo que fora o infante. Pelo visto, tinha

deixado cair seu brinquedo pelo peitilho de sua camisa, com o que foi parar a sua fralda.

- me dê isso, menina.

O senhor McAllister agarrou a cadeia com uma leve careta. Depois de tirar um grande lenço da cintura de suas calças, limpou-a com esmero, até fazer brilhar os elos de prata e um pequeno relógio redondo, com certo tipo de selo.

Enquanto observava com severidade esse relógio, resolvi mentalmente dar um bom repreensão ao Roger por permitir que Jemmy ficasse algo na boca. Graças a Deus não se desprende.

- Mas se esse é o pequeno relógio do senhor Caldwell!- Georgina se inclinou para diante, olhando por cima das cabeças de quão gêmeos estava amamentando.

- Seriamente?- Seu marido entreabriu os olhos para observar o objeto, enquanto se apalpava a camisa em busca dos óculos.

- Sim, estou segura. Vi-o no domingo, quando pregava. Foi então quando começaram minhas dores- explicou, voltando-se para mim- e tive que sair antes de que ele terminasse. Ao ver que me retirava, deveu pensar que estava abusando de nosso tempo, pois extraiu o relógio do bolso para lhe jogar uma olhada; vi o brilho desse adorno que pendura da cadeia.

- Isso é um selo, a nighean – informou seu marido, que se tinha plantado uns óculos em forma de meia lua na ponte da nariz e estava dando voltas ao pequeno emblema entre os dedos-. Mas tem razão: é do senhor Caldwell. Vê?

Um dedo calejado seguiu o contorno da figura: uma maçã, um livro aberto, um sino e uma árvore, sobre um peixe que tinha uma argola na boca.

- Isso é da Universidade do Glasgow. O senhor Caldwell é erudito – me disse, com os olhos azuis dilatados por um grande respeito - . Esteve ali para aprender a pregar, e que bem o faz! Perdeu-te um bonito final, Georgie – acrescentou, voltando-se para sua esposa.

- Hum... Pois por mim, o senhor Caldwell poderia ter arrebatado, pelo pouco que me importava nesses momentos – disse sua esposa de maneira de maneira franco, enquanto recolocava seu dobro carrega para procurar uma posição mais cômoda - . Tampouco me importava que a parteira fora a Índia ou inglesa... OH!, perdoe, senhora Fraser.. enquanto soubesse receber a um bebê e deter a hemorragia.

Murmurei alguma frase modesta, descartando as desculpas de Georgiana a favor de averiguar algo mais sobre os origens dessa cadeia.

- Dizem que o senhor Caldwell é pregador? – Certa suspeita se agitava no fundo de minha mente

- OH, sim! O melhor que eu tenha escutado – me assegurou o senhor McAllister - . E me crie que os escutei a todos! O senhor Urmstone é magnífico para os pecados, mas já está entrado em anos e se pôs um pouco rouco, de modo que deve estar bem diante se quer ouvi-lo. Mas isso é algo perigoso, sabem?, porque sempre começa com os pecados dos que estão diante.

- Este bebê está faminto, senhora- interveio a menina que tinha ao Jemmy em braços. Isso era evidente por seus alaridos e sua cara vermelha -

. Poderíamos lhe dar um poquito de parritch?

Joguei uma olhada ao caldeirão pendurado sobre o fogo; estava fervendo, de modo que a maior parte dos gérmenes teriam morrido. Entreguei à menina a colher de corno que levava no bolso, com a segurança de que estaria razoavelmente poda.

- Muitíssimas obrigado. Agora bem, este senhor Caldwell, é presbiteriano, por acaso?

O senhor McAllister pareceu surpreso; logo sorriu com toda a cara ante meu perceptividad.

- Pois sim, claro! O mencionaram, senhora Fraser?

- Acredito que meu genro tem certa relação com ele – disse, com um tintura de ironia.

Georgina comentou, rendo:

- Eu diria que seu neto o conhece, sem dúvida. – Assinalou com a cabeça a cadeia que seu marido tinha na mão -. Os pirralhos dessa idade são como as urracas. apoderam-se de quanto coisa brilhante vêm.

- É certo – disse lentamente, contemplando os elos de prata e o relógio que pendurava deles.

Isso dava outro aspecto ao assunto. Se Jemmy habia assaltado o bolso do senhor Caldwell, obviamente tinha sido antes de que Jamie planejasse o improvisado batismo. Mas Bree e Roger sabiam muito antes que o pai Kenneth tinha sido detido e que suas bodas ficava possivelmente cancelada; teriam tido tempo de sobra para fazer outros planos enquanto Jamie e eu nos ocupávamos do Rosamund, Ronnie e outras crises diversas. Tempo de sobra para que Roger fora a falar com o senhor Caldwell, o ministro presbiteriano... levando ao Jemmy consigo.

Jemmy estava devorando o porridge com o empecinamiento de uma piranha esfomeada; ainda não podíamos nos retirar. Melhor assim, pensei; que Brianna desse a seu pai a notícia de que havia bodas, depois de tudo, com sacerdote ou sem ele.

Estendi minhas saias para secar a prega molhada; a luz do fogo arrancou brilhos a meus dois anéis. dentro de meu borbulhava uma grande necessidade de rir, pensando no que diria Jamie quando se inteirasse; mas a conteve por não explicar aos McAllister o motivo de minha hilaridade.

- Posso me levar isso? – disse-lhe em troca ao chefe de família, assinalando com a cabeça a cadeia de relógio -. É possível que veja o senhor Caldwell, dentro de um momento.

Ditosa a noiva sobre a que brilha a lua

Tivemos sorte. Não voltou a chover e as nuvens enfraquecidas revelaram uma lua de prata, que se elevava luminosa sobre a costa do Black Mountain; era a luz adequada para umas íntimas bodas familiar.

Eu já conhecia o David Caldwell, embora só ao me vê-lo lembrei dele; era um cavalheiro miúdo, mas extremamente atrativo e muito pulcro no vestir, apesar de levar uma semana acampando a céu aberto. Jamie também o conhecia e respeitava.

Vi que Roger nos olhava; logo se voltou para o Bree. Possivelmente tinha um leve sorriso nas comissuras da boca, ou talvez era só efeito das sombras. Jamie exalou com força pelo nariz e recebeu outra cotovelada.

- No do batismo te saiu com a tua – sussurre.

Ele levantou um pouco o queixo. Brianna nos olhou, algo nervosa.

- Não hei dito uma palavra, verdade?

- É umas bodas cristã perfeitamente respeitável.

- Acaso disse que não o fora?

- Pois ponha cara de felicidade, homem! – vaiei.

depois de exalar uma vez mais, assumiu uma expressão benévola a que lhe faltava um grau para chegar à imbecilidade absoluta.

- Melhor? – perguntou, com os dentes apertados em um sorriso simpático.

Duncan Innes, que casualmente se voltou para nós, deu um coice e se girou depressa para murmurar algo a Yocasta, que estava de pé perto da fogueira, com seu reluzente cabelo branco e com uma atadura sobre os olhos doentes, para proteger os da luz. Ulises, que estava a seu lado, pôs-se a peruca em honra à ocasião; era o único que eu via dele, como se pendurasse na escuridão por cima do ombro da anciã. Quando se girou para nós divisei o leve brilho de seus olhos.

- Quem é esse, Grand-mère?

Germain, que como de costume tinha escapado da custódia paterna, apareceu perto de meus pés, assinalando curiosamente ao reverendo Caldwell.

- É um ministro da Igreja, querido. Tia Bree e tio Roger vão casar se.

- Ou qu'on vai “mimistro”?

Aspirei fundo, mas Jamie ganhou pela mão.

- É uma espécie de padre, mas não um padre como Deus manda.

- Padre mau? – Germain observou ao reverendo Caldwell com muito mais interesse.

- Não, não- intervim - . Não é nada mau. Só que... Pois verás, nós somos católicos e os católicos têm padres, mas tio Roger é presbiteriano.

- Ou seja, um herege – colaborou Jamie.

- Não é um herege, querido. Grand-père está brincando. Os presbiterianos som...

O menino não emprestava atenção a minhas explicações; tinha inclinado a cabeça para trás e observava ao Jamie com fascinação.

- por que Grand-père está fazendo caretas?
- Porque estamos muito contentes – explicou ele, com o semblante ainda fixo em um rictus de cordialidade.

- Ah! – Imediatamente Germain estirou sua cara, extraordinariamente móvel, em um tosco fac-símile da mesma expressão: um sorriso de fogo fátuo, com os dentes apertados e os olhos saltados-. Assim?

- Sim, querido – disse, com intenção -. Exatamente.

Marsali, ao nos ver, piscou e atirou da manga ao Fergus. Ele se voltou entreabrindo os olhos.

- Cara de contente, papai! – Germain assinalou seu gigantesco sorriso -. vê?

Fergus passeou o olhar entre sua vergôntea e Jamie. A boca lhe contraiu e pôs cara de incompreensão; mas, imediatamente, trocou-a por um enorme sorriso de insinceridade, cheia de dentes brancos. Marsali lhe deu um chute no tornozelo. Ele fez uma careta, mas o sorriso não vacilou.

Ao outro lado do fogo, Brianna e Roger mantinham um bate-papo de última hora com o reverendo Caldwell.

Ela apertou os lábios, mas lhe curvaram irreprimivelmente para cima. Tremiam-lhe os ombros de risada contida. Senti que Jamie se estremecia a meu lado.

O reverendo Caldwell se adiantou, marcando o livro com um dedo no sítio devido.

Pigarreando um pouco, abriu seu livro de orações.

- Amados fiéis: reunimo-nos aqui, em presença de Deus...

Senti que Jamie se relaxava um pouco para ouvir essas palavras. Provavelmente nunca tinha participado de uma cerimônia protestante, a menos que contássemos o improvisado batismo que o mesmo Roger tinha celebrado entre os mohawks. Fechando os olhos, elevei uma oração pelo jovem Ian, tal como fazia quando pensava nele.

- portanto, recordemos com reverência que Deus estabeleceu e santificou o matrimônio, pelo bem-estar e a sorte da humanidade.

Ao abrir os olhos vi que todas as olhadas se concentravam no Roger e Brianna, que permaneciam de pé frente a frente, com as mãos entrelaçadas. Formavam um bonito casal; ambos eram quase da mesma estatura; ela, luminosa; ele, moreno. Embora suas facções não se pareciam absolutamente, ambos tinham os ossos marcados e as curvas claras, legado compartilhado do clã MacKenzie.

Joguei uma olhada ao outro lado do fogo, procurando o mesmo parecido de ossos e carne na Yocasta: alta e distinguida, a cara cega absorta na voz do ministro. Vi que estendia a mão para posá-la no braço do Duncan. O reverendo Caldwell se ofereceu gentilmente a celebrar também suas bodas, mas Yocasta se negou, pois preferia esperasse para uma cerimônia católica.

- depois de tudo não temos pressa, verdade, querido meu? – tinha-lhe perguntado ao Duncan, dirigindo-se a ele com uma exibição de deferência que não engano a ninguém.

Mesmo assim me pareceu que Duncan parecia mais aliviado que decepcionado pelo adiamento de suas núpcias.

- Através de seus apóstolos, Ele ensinou a quem forme esta relação que fomentem a mútua estima e o amor...

Duncan havia talher a mão da Yocasta com a sua, em um surpreendente gesto de ternura. Esse não seria um matrimônio por amor, disse-me, mas sim por mútuo afeto.

- Encomendo-lhes a ambos ante o grande Deus: se algum de vós não pode unir-se legalmente em matrimônio, confesse-o agora. Pois tenham a segurança de que, sim duas pessoas se unem de outra maneira que a permitida pelo Verbo de Deus, Ele não tem que benzer essa união.

O reverendo Caldwell fez uma pausa, passeando um olhar de advertência entre o Roger e Brianna. Ele moveu apenas a cabeça, sem apartar os olhos da cara do Bree. Ela sorriu um pouco a modo de resposta. O reverendo pigarreou para continuar.

ao redor da fogueira tinha desaparecido o ar de muda hilaridade; já não se ouvia outra coisa que fica voz do reverendo e o crepitar das chamas.

- Roger Jeremiah, toma a esta mulher como esposa, e juras amá-la e protegê-la, com responsabilidade e serviço, com fé e ternura, conviver com ela e apreciá-la conforme o ordena Deus, no santo vínculo do matrimônio?

- Sim, juro-o- disse Roger, com voz grave e sensual.

Ouvi um fundo suspiro a minha direita; Marsali tinha apoiado a cabeça no ombro do Fergus, com expressão sonhadora. Ele se girou um pouco para beijá-la na frente. Logo sua cabeça moréia se recostou contra a brancura do lenço que cobria o cabelo de sua esposa.

- Sim, juro-o – disse Brianna com clareza, levantando o queixo para olhar ao Roger de frente, em resposta à pergunta do ministro.

O senhor Caldwell percorreu o círculo com um olhar benévolo; a luz do fogo faiscava em seus óculos.

- Quem entrega a esta mulher para desposá-la com este homem?

produziu-se uma muito breve pausa; logo senti que Jamie dava um leve coice, pego por surpresa. Apertei-lhe o braço; a luz do fogo cintilou em meu anel de ouro.

- OH!, eu, claro está – disse.

Brianna se voltou a lhe sorrir, com os olhos penumbrosos de amor.

Lhe devolveu o sorriso; logo piscou, pigarreando, e me espremeu a mão com força.

Eu também senti um nó na garganta para ouvir os votos, recordando meus dois bodas. E Yocasta, que se tinha casado três vezes? Que lembranças percebia nessas palavras?

- Eu, Roger Jeremiah, aceito-te, Brianna Ellen, como legítima algema...

A luz da lembrança brilhava em quase todas as caras reunidas em torno do fogo.

- Na abundância e na escassez...

- Na alegria e na dor...

- Na saúde e a enfermidade...

Lizzie estava em êxtase, com os olhos muito abertos ao mistério que se realizava diante dela. Quando chegaria seu turno de fazer tão assustadoras promessas ante suas testemunhas?

Jamie me agarrou a mão direita, enlaçando seus dedos com meus, e a prata de meu anel lançou um brilho vermelho à luz das chamas. Ao olhá-lo aos olhos vi neles a mesma promessa que nos mios:

- Enquanto ambos vivamos.

As chamas da declaração

Abaixo resplandecia a grande fogueira, entre estalos de lenha molhada que ressonavam como pistoletazos contra a montanha; mas eram disparos longínquos, quase despercebidos no bulício dos festejos.

em que pese a sua decisão de que não a casasse o reverendo Caldwell, Yocasta tinha servido generosamente um abundante festim de bodas, em honra do Roger e Brianna. A um lado do fogo, Roger tocava um violão emprestado, dando uma serenata ao Bree ante um círculo extasiado. Mais perto, Jamie conversava com alguns amigos, sentado junto ao Duncan e sua tia.

- Senhora?- Ulises se materializou a meu lado, de librea e bandeja em mão, tão resplandecente como se estivesse no salão do River Run em lugar de uma ladeira enlameada.

- Obrigado. – Aceitei uma taça cheia de algo que resultou ser brandy. E muito bom brandy. Bebi um sorvo, deixando que me impregnasse no nariz. Mas antes de que pudesse aspirar muito mais, tomei consciência de uma súbita pausa no animado festejo.

Jamie percorreu o círculo com os olhos, cruzando olhadas; logo se levantou para me oferecer o braço. Embora um pouco surpreendida, apressei-me a deixar a taça na bandeja do Ulises e; depois de me alisar o cabelo para trás, ajustei-me o lenço e fui ocupar meu sítio a seu lado.

- Thig a seo, a bhean uasa – disse, sonriêndome. “ Venham, senhora” . Logo elevou o queixo, convocando aos outros. Roger deixou seu violão imediatamente e alargou uma mão para o Bree.

- Thig a seo, a bhean – disse, muito sorridente.

Com uma expressão de surpresa, ela ficou de pé, com o Jemmy nos braços.

Jamie esperava, imóvel. Pouco a pouco os outros se levantaram, sacudindo-a pinaza e a areia de pregas e fondillos, entre risadas e sussurros intrigados. Também os bailarinos interromperam seus giros para ver do que se tratava; a música dos violinos morreu no revôo da curiosidade.

Jamie me guiou pelo caminho escuro, para as chamas que saltavam da grande fogueira; os outros nos seguiram entre um murmúrio de especulações. Ele se deteve esperar no bordo do claro principal. Umas figuras escuras se moveram entre as sombras e a silhueta de um homem se recortou ante o fogo, com os braços em alto.

- Aqui estão os Menzie! – anunciou o homem. E jogou no fogo o ramo que levava. elevaram-se vitores apenas audíveis entre aqueles de seu clã que estavam ao alcance de sua voz.

Outro ocupou seu lugar: MacBean, e outro mais : Ogilvie. Logo nos tocou o turno.

Jamie se adiantou ele sozinho para a luz das chamas.

- Reunimo-nos aqui para dar a bem-vinda a velhos amigos- disse em gaélico-. E para conhecer outros, com a esperança de que possam unir-se a

nós para forjar uma vida nova nesta nova terra. – Sua voz era grave e chegava longe; cessaram os últimos retalhos de conversação, enquanto a gente empurrava e se apinhava em torno da fogueira, em silêncio, estirando o pescoço para escutar -. Todos sofremos muitas privações no caminho até aqui.

Girou lentamente, percorrendo as caras que rodeavam o fogo. Ali estavam muitos dos homens do Ardsmuir: vi os irmãos Lindsay, feios como um trio de sapos; os olhos de raposa do Ronnie Sinclair e seu cabelo cor gengibre, levantando em chifres; as facções de moeda romana do Robin McGillivray. Todos olhavam das sombras, as caras cruzadas pelo fogo.

- Muitos dos nossos morreram em combate – disse, com voz apenas audível sobre o rumor do fogo -. Muitos pereceram queimados. Outros, por fome. Outros, no mar, por feridas ou enfermidades. – Fez uma pausa-. Muitos morreram de pena.

Olhou um momento mais à frente do círculo imaginado; pensei que talvez procurava o rosto do Abel McLennan. Então elevou sua taça e a mostrou em uma saudação.

- Slàinte! – murmuraram dez ou doze vozes, levantando-se como o vento.

- Slàinte! – repetiu ele. Logo inclinou a taça para que algo do brandy caísse nas chamas, onde vaiou e ardeu azul por um instante.

Baixou a taça e fez uma pausa, com a cabeça inclinada. Logo elevou o recipiente para o Archie Hayes; inescrutável sua cara redonda, o fogo cintilava em seu gorget de praia e no broche de seu pai.

- Embora choremos a perda de quem morreu, também devemos lhes render colete a todos vocês, os que lutaram e sofreram com igual valor... e sobreviveram.

- Slàinte! – surgiu a saudação, mais potente esta vez, com o trovejar de vozes masculinas.

Jamie fechou os olhos; quando voltou a abri-los olhava a Brianna, que estava de pé junto ao Lizzie e Marsali, com o Jemmy em braços. A grosseria e a força de suas facções contrastava com a inocência daquelas redondas caras infantis e a suavidade das jovens mães, embora em sua mesma delicadeza a luz do fogo destacava as nervuras de granito escocês de seus ossos.

- Rendemos tributo a nossas mulheres – disse, elevando a taça sucessivamente para a Brianna e Marsali e logo fazia mim. Um breve sorriso lhe tocou os lábios -. Pois elas são nossa fortaleza. E nossa vingança contra os inimigos será, ao final, a vingança do berço. Slàinte!

Entre os gritos da multidão, bebeu a taça de madeira até o sedimento e a jogou no fogo, onde ficou um momento, escura e redonda; logo estalou em uma labareda resplandecente.

- Thig a seo! – convocou, alargando a mão direita para meu -. Thig a seo, a Shorcha, Nighean Eanruig, neart mo chridhe. - “Vêem mim – dizia -, vêem mim, Claire, filha do Henry, força de meu coração.”

Quase sem sentir os pés nem a aqueles com os que tropeçava ao caminhar, dirigi-me para ele e estreitei sua mão, fria, mas forte entre meus dedos. Vi-o girar a cabeça. Procuraria o Bree? Mas não; alargou a outra emano para o Roger.

- Seja vi mo làmh, Roger an t'òranaiche, MAC Jeremiah MAC Choinnich!
- “ Ponha junto a minha mão, Roger, o cantor, filho do Jeremiah MacKenzie.”
Roger permaneceu imóvel, os olhos escuros fixos no Jamie; logo avançou para ele, como sonâmbulo. A multidão ainda estava excitada, mas os gritos se apagaram e a gente estirava o pescoço para escutar o que se dizia.

- me acompanhe ao combate- disse meu marido em gaélico, sem apartar os olhos do Roger com a mão esquerda estendida. Falava com lentidão e clareza, para fazer-se entender -. Sei um escudo para minha família... e para a tua, filho de minha casa.

De súbito a expressão do Roger pareceu dissolver-se, como um rosto visto na água quando se arroja uma pedra. Logo se solidificou uma vez mais e ele estreitou com força a mão oferecida.

Então Jamie se voltou para a multidão e iniciou a cerimônia. Era algo que eu lhe tinha visto fazer em Escócia, muitos anos atrás: a identificação e convite formal dos arrendatários por parte do senhor; freqüentemente se realizava no dia de pagamento trimestre ou depois da colheita. Aqui e lá as caras se acenderam ao reconhecê-la; muitos desses montanheses conheciam o costume, embora até essa noite não a tivessem visto no novo continente.

- Vêem mim, Geordie Chisholm, filho do Walter, filho do Connaught, o Vermelho!

- Aconpáñenme, ao Choinneich, Evan, Murdo, filhos do Alexander Lindsay, da Garganta!.

- A meu lado, Joseph Wemyss, filho do Donald, filho do Robert!

Sorri ao ver o confundido senhor Wemyss, extremamente agradado pelo fato de que lhe incluía publicamente, com a cabeça em alto e o cabelo loiro revolto pelo vento da grande fogueira.

- junto a mim, Josiah, o Caçador!

Estava Josiah Beardsley ali? Sim, em efeito; uma silhueta escura e ligeira saiu das sombras para ocupar um lugar no grupo que flanqueava ao Jamie. Procurei seu olhar e lhe sorri; ele apartou os olhos, pressuroso, mas um sorriso sobressaltado ficou nos lábios, como se a tivesse esquecido ali.

Quando a primeira parte da cerimônia concluiu, o grupo era impressionante: perto de quarenta homens, agrupados cotovelo a cotovelo e tão acesos pelo orgulho como pelo uísque. Vi que Roger intercambiava um largo olhar com a Brianna, que lhe sorria do outro lado do fogo, radiante. Ela inclinou a cabeça para sussurrar algo ao Jemmy, submerso em suas mantas e dormitado em seus braços, e lhe elevou uma manecita lassa para agitá-la para o Roger. Ele riu.

- ... Air mo mhionnan...

Em minha distração me tinha perdido a oração final do Jamie, da que só captei as últimas palavras. O que disse, fora o que fosse, deveu contar com a aprovação geral, pois houve um grave rumor de solene assentimento entre os homens que nos rodeavam. Logo, um instante de silêncio.

Ele me soltou a mão e se agachou para recolher um ramo do chão. depois de acendê-la no fogo, sustentou-a em alto e a jogou para cima, flamejando. O ramo deu várias voltas enquanto caía, diretamente ao coração do fogo.

- Aqui estão os Fraser da Colina! – bramou. E o claro estalou em um grande aclamo.

Enquanto ascendíamos novamente a costa para reatar os festejos

interrompidos, encontrei-me junto ao Roger, que cantarolava pelo sob uma toada alegre. Apoiei-lhe uma mão na manga e ele me olhou de acima, sorridente.

- Parabéns – lhe disse, lhe devolvendo o sorriso - . Bem-vindo à família, filho da casa.

Ele estirou o sorriso até fazê-la enorme.

- Obrigado – disse - . Mamãe.

Ao chegar a um plano caminhamos juntos sem falar. De repente disse, em tom muito diferente:

- foi... um pouco muito especial, verdade?

Não soube se o de especial se referia ao histórico ou ao pessoal. Em qualquer dos dois casos tinha razão, de modo que assenti.

- Mas não ouvi a última parte – disse - . E não sei o que significa earbsachd. sabe você?

- OH, sim!

Ali, entre as fogueiras, estávamos às escuras. Eu não via dele mais que uma sombra mais escura contra o negro das mantas e as árvores. Mas em sua voz havia uma nota estranha. Pigarreou.

- É um juramento... em certo modo. Ele, Jamie, fez-nos um juramento, a sua família, a seus arrendatários. Respaldo, amparo, esse tipo de coisas.

- Sim? – exclamei, um pouco sentida saudades - . E por que diz “ em certo modo” ?

- Pois... – Por um momento guardou silêncio, obviamente ordenando suas frases - . Mais que um simples juramento é uma palavra de honra-explicou, cuidadoso - . Diz-se que o earbsachd foi em outros tempos a característica distintiva dos MacCrimmon do Skye; basicamente, significava que a palavra dada uma vez se devia cumprir infalivelmente, qualquer que fosse o custo. Sim um MacCrimmon prometia fazer algo – se deteve para tomar fôlego -, cumpriria-o embora no intento devesse morrer na fogueira.

Agarrou-me pelo cotovelo, com surpreendente firmeza.

- Vamos – disse pelo baixo -. Me permita que te ajude. O estou acostumado a está escorregadio.

A noite de nossas bodas

Cantará para mim, Roger?

Estava de pé na entrada da loja que lhes tinham emprestado, olhando para fora.

-Sempre canto para ti, tesouro-disse ele.

Aproximou-se por detrás, apoiando-a de costas contra si, de modo que a cabeça da Brianna descansava em seu ombro, fresco e vivo o cabelo contra sua cara. Curvou um braço em volta de sua cintura e inclinou a cabeça para lhe acariciar com seu nariz a curva da orelha.

-De qualquer maneira que sa-susurró-. Não importa que você esteja ou não para me escutar. Sempre canto para ti.

Então ela girou entre seus braços, com um ronrono de sorte, e procurou sua boca, que tinha sabor de carne assada e veio com especiarias.

A chuva repicava contra a lona e o frio do outono avançado subia do chão, a seu redor. Aquela primeira vez, o ar cheirava a lúpulos e atoleiros, e o arco nupcial tinha um terrestre aroma a feno e burros de carga. Agora o ar vibrava de pinheiros e zimbros, especiado com a fumaça das fogueiras em brasas...e um sotaque vago e adocicado a fraldas sujos.

Entretanto, ela estava uma vez mais em seus braços, luz e sombras, escondida a cara, lustroso o corpo. Nnaquele tempo naquele tempo a tinha encontrado líquida e fundida, úmida do verão. Agora sua pele estava fria como o mármore, salvo onde ele a tocava...e mesmo assim o verão perdurava na palma de sua mão, ali onde entrava em contato com ela, doce e untuosa, carregada com os segredos de uma noite calorosa e escura. Tinha sido o adequado, disse-se, que esses votos se pronunciaram ao ar livre, como os primeiros: parte do vento e a terra, do fogo e a água.

-Amo-murmuró-te ela contra sua boca.

E Roger apanhou o lábio entre os dentes, muito comovido para responder ainda a essas palavras.

Nnaquele tempo, naquele tempo, como agora, houve palavras entre eles. Foram as mesmas. E ele as tinha pronunciado com tanta seriedade como agora. Não obstante era distinto.

A primeira vez, aquelas palavras tinham sido para ela sozinha. Embora o fez à vista de Deus, Ele foi discreto; manteve-se longe, voltando as costas à nudez de ambos.

Entretanto, agora as tinha pronunciado ante o fulgor de uma fogueira, ante o rosto de Deus e do mundo, sua gente e a dela. Seu coração pertencia ao Bree, junto com tudo que possuía. Mas já não se tratava dele e ela, do de um ou outra. Os votos estavam pronunciados, seu anel no dedo, o vínculo estabelecido e presenciado. Eram um só corpo.

-Necessito...-disse ela, e, sem terminar, tocou-se o peito-. Espera um momento, quer?

Claire lhe tinha dado a comida ao menino enquanto Brianna ia fazer sua proposta ao reverendo Caldwell. Cheio a arrebentar de porridge e compota de pêssego, logo que puderam despertá-lo para que mamasse um

pouco, antes de cair novamente na sonolência; Lizzie o levou, com a tripita redonda e tensa como um tambor. Isso era necessário para que eles tivessem intimidade; aturdido no estupor do glutão, era difícil que o pequeno despertasse antes do amanhecer. Mas o preço era o leite não consumido.

Brianna, pudorosamente de costas ao Roger e com um arisaïd sobre os ombros para proteger do frio, agarrou um peito na palma da mão e apertou uma taça sob o mamilo, para receber a destilação. ouvia-se o vaio do leite, diminuta campainha contra o metal.

Embora lhe dava pena afogar esse som que lhe resultava erótico, Roger agarrou o violão e aplicou o polegar às cordas, a mão aos trastes. Em vez de rasguear ou tocar acordes, pulsou arpejos, pequenas vozes que ecoassem à sua; o palpar de uma corda ia marcando a melodia.

Uma canção de amor, sem dúvida. Uma das mais antigas, em gaélico. Embora ela não conhecesse algumas palavras, provavelmente captaria o sentido.

Na noite de nossas bodas
Irei saltando a ti com presentes,
na noite de nossas bodas...

Fechou os olhos, vendo na memória o que a noite agora ocultava. Seus mamilos tinham a cor das ameixas amadurecidas e o tamanho das cerejas. Roger recordava vividamente a sensação dos ter na boca. Deles tinha mamado uma vez, fazia muito, antes de que chegasse Jemmy. Mas já não.

Terá cem salmões de prata...
cem peles de texugo...

Nunca lhe pedia que o fizesse, nunca o rechaçava...Não obstante, por sua maneira de aspirar quando lhe tocava os peitos era evidente que se estava contendo para não fazer uma careta.

Era só porque lhe doíam? Ou não confiava em que ele fora suave?
Afugentou o pensamento afogando-o em uma pequena cascata de notas líquidas como um salto de água.

“ Talvez não seja por ti- sussurrou a voz, negando-se tercamente a deixar-se distrair-. Talvez seja por ele, por algo que lhe fez”

“ Vete ao diabo” , pensou ele, sucintamente, marcando cada palavra com uma corda fortemente pulsada. Stephen Bonnet não teria capacidade em seu leito de bodas. Nem pensar.

Apoiou uma mão contra as cordas para as sossegar por um instante e, enquanto ela se tirava o arisaïd dos ombros, recomeçou em inglês. Uma canção especial, só para eles dois. Ignorava se alguém podia ouvi-lo, mas não tinha importância. Ela ficou de pé para tirá-la camisa, em tanto os dedos do Roger tocavam a tranqüila introdução do Yesterday, dos Beatles.

Ouviu-a rir uma vez; logo, suspirar. E o fio também sussurrou contra sua pele enquanto caía.

Lhe aproximou por atrás, nua; a suave melancolia da canção ia enchendo a escuridão. Acariciou-lhe o cabelo, balançando-se. morria por girar-se e apoderar-se dela, mas conteve o impulso, acentuando a espera.

Inclinando a cabeça para as cordas, cantou até que todo pensamento desapareceu dele, até que só ficaram seu corpo e o dela. Não teria podido dizer em que momento a mão do Bree cobriu a seu contrário os trastes. Então se levantou para voltar-se para ela, ainda loja de comestíveis de música e de amor, suave, forte e puro na escuridão.

Brianna jazia imóvel na penumbra, sentindo o trovejar de seu coração palpitando lentamente em seus ouvidos. O batimento do coração se repetia no pulso de seu pescoço, nas bonecas, os peitos, o ventre. Tinha perdido a noção de seus limites; pouco a pouco retornou a sensação de membros e dedos, cabeça e tronco, de espaço ocupado. Moveu o único dedo pego entre suas pernas; ao liberá-lo, o último dos impactos cosquilleantes lhe correu pelas coxas.

Aspirou fundo, lentamente, escutando.

Ele seguia respirando larga e regularmente; graças a Deus continuava dormindo. Ela tinha atuado com cautela, sem mover mais que a gema de um dedo, mas a sacudida final do clímax foi tal que seus quadris deram um salto, enquanto o ventre se estremecia e os talões se cravavam no jergón, com um forte sussurro de palha.

O esforço de mover-se era inconcebível, mas sua convulsão final tinha retirado o edredom dos ombros de seu companheiro; a pele de suas costas ficava à vista, nua e suave, escura em contraste com o tecido claro. O oco quente que a rodeava era abrigado e perfeito, mas não podia desfrutá-lo enquanto ele jazia exposto ao ar glacial da meia-noite. Bree detectou um brilho molhado na curva alta de seu maçã do rosto.

depois de evocar a noção de ossos e músculos, achou um neurônio em condições de funcionar e lhe ordenou que disparasse. Encantada uma vez mais, tendeu-se de flanco, de cara a ele, e o cobriu brandamente com o edredom até as orelhas. Ele se removeu um pouco, murmurando algo; lhe acariciou o cabelo negro, revoltado, e o viu sorrir apenas, entreabrindo os olhos com o olhar vácuo de quem só vê em sonhos. Logo voltaram a fechar-se; depois de um comprido suspiro, ele voltou a ficar dormido.

-Amo-te- sussurrou-lhe, cheia de ternura.

Uma brisa fria lhe arrepiou o pêlo do braço; então voltou a pô-lo sob os cobertores, ousando a mão ligeira no traseiro do Roger.

Seu contato não era nenhuma novidade, mas mesmo assim lhe apaixonava por sua perfeita redondez, seu pêlo encaracolado e áspero. Uma vaga lembrança de seu gozo solitário a insistiu a fazê-lo outra vez, a introduzir sua mão livre entre as pernas; mas a deteve o simples esgotamento; deixou os dedos lassos cobrindo a carne torcida; um deles, lânguido, seguiu o rastro viscoso.

Tinha albergado a esperança de que essa noite fora distinta. Sem o perigo constante de despertar ao Jemmy, sem pressas, levados pela emoção dos votos pronunciados, talvez...Mas foi como sempre.

Não era por falta de excitação. Pelo contrário: cada movimento, cada contato lhe imprimia nos nervos da pele, nos sulcos da boca e a memória, afogando-a com aromas, marcando-a a fogo com suas sensações. Mas por maravilhoso que fora o ato de amor, perdurava sempre uma estranha

sensação de distância, uma barreira que ela não podia atravessar.

Assim se encontrou uma vez mais revivendo, enquanto ele dormia, cada momento da paixão que acabavam de compartilhar...e na lembrança pôde, uma vez mais, ceder finalmente a ela.

Talvez era porque o amava muito; cuidava tanto de lhe dar agradar, que não sabia ocupar do dele. A satisfação que sentia ao o ter nos braços, perdido e gemendo, era muito maior que o simples gozo físico do clímax. Entretanto, baixo isso havia algo mais tenebroso: uma peculiar sensação de triunfo, como se tivesse ganho uma luta entre os dois, nunca declarada nem reconhecida.

Com um suspiro, apoiou a frente contra a curva do ombro do Roger, desfrutando de seu aroma: um almiscar forte e amargo.

Uma vez mais baixou a mão, com cuidado para não despertá-lo, e deslizou para dentro um dedo para comprovar se tudo estava bem. O trocito de esponja seguia em seu sítio, empapada em azeite de atanasia; sua presença frágil e aromática custodiava a entrada de seu ventre.

Aproximou-se um pouco mais. Ele, inconscientemente, girou o corpo pela metade para lhe dar capacidade, envolvendo-a imediatamente com seu reconfortante calor. Sua mão procurou provas, como um ave que voasse às cegas, lhe roçando o quadril e o ventre, em busca de um sítio onde descansar. Ela a agarrou entre as suas para acolhê-la sob seu queixo. Quando beijou um daqueles nódulos, grandes e ásperos, ele exalou um profundo suspiro e relaxou a mão.

Então se acomodou melhor contra o corpo do Roger, experimentando consolo e espera.

Eram os primeiros dias, disse-se. Tinham toda a vida por diante. Já chegaria, sem dúvida, o tempo de render-se.

A fogueira do vigia

De onde dormiam, através de um oco entre as rochas, podia ver a fogueira do vigia que ardia ante a loja do Hayes. A grande fogueira da congregação se reduziu a brasas, mas essa fogueira pequena ardia sem pausa, como uma estrela contra a noite fria. de vez em quando, uma silhueta escura, com saia escocesa, levantava-se para atendê-la; e, depois de recortar-se contra seu esplendor, voltava a esfumar-se na noite.

Tinha começado a respirar com mais lentidão, relaxando todos os músculos do corpo. Não porque tentasse dormir; o sonho estava longe e ele não tinha intenção de buscá-lo.

Tampouco era por enganar ao Claire, lhe fazendo acreditar que estava dormido. Tão perto de seu corpo e de sua mente como estava, ela saberia insone. Não: era só por lhe dar um sinal, um engano assumido que a liberasse de lhe emprestar atenção. Assim ela poderia dormir, sabendo-o ocupado dentro da cápsula de sua mente, sem exigências imediatas que ela devesse satisfazer.

Um golpe de vento trouxe de acima algumas nota musicais; gaita e violino. Os escravos da Yocasta, que não estavam dispostos a abandonar essa estranha celebração pela necessidade de dormir ou os imperativos do clima.

O fraco gemido de um bebê. Jemmy? Não: provinha de atrás. A pequena Joan, pois. E a voz do Marsali, grave e doce, cantando em francês.

-...Alouette, gentil Alouette...

Ali, um bonito som que ele estava esperando: pisadas ao outro lado das rochas que bordeaban seu santuário familiar. Rápidas e ligeiras, costa abaixo. Aguardou com os olhos abertos. Poucos momentos depois lhe chegou o fraco alto de um sentinela apostado perto da loja. Abaixo a luz do fogo não mostrou nenhuma silhueta, mas a lapela da loja se agitou, deixou passo e voltou a cair, invisível.

Tal como ele pensava, então: havia fortes sentimentos de hostilidade contra os responsáveis pela revolta. Não se interpretava como uma traição aos amigos, mas sim como a necessária ação de entregar aos criminosos para proteger a quem preferia respeitar a lei.

-J'ante plumerai a tête...

Lhe ocorreu perguntar-se por que freqüentemente as canções para meninos eram horripilantes. A mesma Brianna, que provinha de uma época supostamente mais aprazível, cantava ao pequeno Jem historia de mortes terríficas e trágicas perdas, tudo com uma expressão tão tenra como a Virgem. Esses versos que falavam da filha do mineiro, que se afogou entre seus patitos...

Perversamente, perguntou-se que coisas horríveis tinha incluído a Santa Mãe em seu repertório de canções de berço; a julgar pela Bíblia, a Terra Santa não tinha sido mais pacífica que a França ou Escócia.

Teria se feito o sinal da cruz como penitência pela idéia, mas Claire dormia sobre seu braço direito.

-Atuaram mau?- A voz do Claire surgiu brandamente sob seu queixo, sobressaltando-o.

-Quais?- Inclinou a cabeça para ela para beijar a densa suavidade de seus cachos. Seu cabelo cheirava a fumaça de lenha e a um aroma áspero e claro: o dos bagos de zimbro.

-Os homens do Hillsborough.

-Sim, acredito que sim.

-O que teria feito você?

Ele suspirou, encolhendo um só ombro.

-O que posso dizer? Se eu também tivesse sido enganado, sem esperanças de ressarcimento, talvez teria elevado a mão contra o responsável. Mas o que se fez lá...já o ouviste. Casas derrubadas e incendiadas, homens que foram tirados a força e deprimidos a golpes, só pelo cargo que desempenhavam...Não, Sassenach; não sei que teria feito eu, mas isso não.

Ela girou um pouco a cabeça, lhe deixando ver a curva alta de seu maçã do rosto, emoldurado de luz, e a contração do músculo que passava por diante de sua orelha: estava sorrindo.

-Isso pensava eu. Não imagino formando parte de uma turfa.

Lhe beijou a orelha para não responder diretamente. Por sua parte, era-lhe muito fácil imaginar-se assim. Isso o assustava. Conhecía muito bem a força que havia em algo assim.

Um escocês das Terras Altas era por si só um guerreiro; mas o mais capitalista dos homens não passava de ser um homem.

-E se não fora um homem quem te enganasse? Se fosse a Coroa ou a Corte? Não uma pessoa, a não ser uma instituição.

Ele compreendeu onde queria levá-lo. Rodeou seu braço em volta dela; o fôlego do Claire lhe esquentava os nódulos da mão, curvada sob seu queixo.

-Não é assim. Aqui não. Agora não.

Os bagunceiros tinham atacado como resposta a crimes cometidos por homens, por indivíduos; o preço desses crimes se podia pagar com sangue, mas não se pagava com uma guerra. Ainda não.

-No-confirmou ela-. Mas assim será.

-Agora não- repetiu ele.

Tinha a folha de papel bem oculta em seus alforjas, com sua detestável convocatória. Devia atender esse assunto quanto antes, mas por essa noite fingiria que não estava ali. Uma última noite de paz, com sua esposa nos braços e sua família perto.

Outra sombra junto ao fogo. Outra voz de alto lançada pelo sentinela. Um mais que cruzava a soleira dos traidores.

-E eles, fazem mau?- Claire assinalou a loja de abaixo com uma leve inclinação de cabeça-. Os que vão denunciar a seus conhecidos?

-Sim- disse ele, depois de um momento-. Eles também fazem mau.

A turfa pode mandar, mas são os indivíduos os que pagam o preço do fato. Parte desse preço era essa ruptura da lealdade, o enfrentamento entre vizinhos, onde o medo era um laço correição que se apertava até não deixar fôlego de misericórdia nem de perdão.

Estreitou ao Claire contra si, curvando a mão livre contra a parte

baixa de seu ventre. Ela suspirou com um sotaque de dor física e se acomodou também, aninhando o traseiro o tigela de suas coxas. Jamie sentiu que começava a fusão ao relaxar-se ela; era esse estranho mesclar-se de corpos.

Ao princípio ocorria só quando a possuía, e somente ao terminar. Depois, cada vez com mais frequência, até que o mero contato de sua mão foi a um tempo convite e realização, uma entrega inevitável, oferecida e aceita. de vez em quando resistia, só para comprovar que era possível, pois de repente temia perder-se a si mesmo.

Confiava em que era o correto. Dizia-o a Bíblia: “ Serão uma só carne” e “ O que Deus uniu, não o separe o homem” . Jamie tinha sobrevivido a uma separação, mas não poderia passar por outra e continuar vivendo.

Os sentinelas tinham posto um abrigo de lona perto da fogueira, para proteger-se da chuva. Mas a água levada pelo vento fazia que os ramos chispasssem, iluminando o tecido claro com uma piscada que palpitava como um coração.

Jamie não temia morrer com ela, por fogo ou de qualquer outra maneira; o que temia era viver sem ela.

Trocou o vento, levando consigo quase inaudíveis risadas da pequena loja onde dormiam (ou não) os recém casados. Ele sorriu para si para as ouvir. Só cabia esperar que sua filha encontrasse no matrimônio um gozo tão grande como o seu. Mas até o momento as coisas foram bem. Ao moço lhe iluminava a cara quando a via.

-O que fará?- perguntou Claire. Suas palavras quase se perderam no repico da chuva.

-O que seja preciso.

Não era resposta, mas não cabia outra.

Não havia mundo algum além desse pequeno espaço, disse-se Jamie. Escócia tinha desaparecido; as colônias estavam em marcha. Pelo que se morava, ele só tinha uma vaga idéia pelas coisas que Brianna lhe contava. A única realidade era a mulher que tinha nos braços, seus filhos e netos, seus arrendatários e serventes. Esses eram os dons que Deus lhe tinha entregue para que os albergasse e protegesse.

Estava-se excitando pelo mero hábito do contato íntimo; seu membro, ao erguer-se, ficou incômodamente apanhado. Desejava-a, desejava-a desde por volta de vários dias; embora tinha tido que adiar o impulso no agitação da congregação. A dor surda que sentia nos testículo era um eco do que ela devia sentir no ventre.

Alguma vez a havia poseído durante a regra, quando os dois se desejavam muito para esperar. Era sujo e perturbador, mas também excitante; deixava-o com uma vaga sensação de vergonha, não de tudo desagradável. Embora não fora um bom momento nem estivessem em bom lugar, a lembrança de outros momentos e outros lugares o obrigou a trocar de posição, apartando-se dela para não incomodá-la com a evidência física de seus pensamentos.

Não obstante, o que sentia agora não era lascívia, nem sequer a necessidade de companhia anímica. Queria cobri-la com seu corpo, possuí-la, pois desse modo podia fingir que ela estava a salvo.

Havia-se posto rígido, involuntariamente contraído por esses

pensamentos. Claire estirou uma mão para trás e a apoiou sobre sua perna; ali ficou durante um momento, para logo estendê-la brandamente mais acima, em uma busca dormitada. Lhe inclinou a cabeça para lhe aproximar os lábios ao ouvido. Disse o que pensava sem pensá-lo.

-Nada poderá te fazer danifico enquanto haja fôlego em meu corpo, a nighean donn. Nada.

-Sei- disse ela.

Seus membros se afrouxaram pouco a pouco; sua respiração se fez mais tranqüila e a suave redondez do ventre se avultou contra a palma do Jamie, enquanto se afundava no sonho. Sua mão permaneceu onde estava, cobrindo-o.

Jamie seguia tenso e acordado, muito depois de que a chuva tivesse apagado a fogueira do sentinela.

SEGUNDA PARTE

A chamada do chefe

18

Nada há como o lar

Gideon estirou a cabeça como uma víbora, dirigindo a à perna do cavaleiro que ia diante.

-Seja!- Jamie atirou da cabeça do grande baio antes de que pudesse morder-. Maldito filho de rameira- murmurou pelo baixo.

O comentário foi captado pelo Geordie Chisholm; como ignorava que se livrou por pouco dos dentes do Gideon, olhou por cima de seu ombro, sobressaltado. Jamie pediu desculpas com um sorriso e açulou ao cavalo para que deixasse atrás a mula do outro.

Passou junto à Brianna e Marsali, que foram no centro da coluna, ao trote lento; quando deixou atrás ao Claire e Roger, à cabeça do grupo, ia a tal velocidade que só pôde fazer um gesto com o chapéu para saudá-los.

-A mhic an dhiobhail- disse, inclinando-se para o pescoço do animal, enquanto se plantava novamente o chapéu-. É mais enérgico do que te convém, sem mencionar o que me convém . Vejamos quanto resiste a campo aberto, quer?

O que esse condenado precisava era terreno plano, onde Jamie pudesse fazê-lo galopar até lhe baixar as fumaças e trazer o de volta soprando. Posto que não havia um sítio plano em trinta quilômetros à redonda, teria que conformar-se com o que havia.

Recolheu as rédeas e, estalando a língua, cravou-lhe os talões nas costelas. O cavalo se lançou à carga colina acima, como se o tivessem disparado de um canhão.

Gideon estava bem alimentado; era um animal resistente e de ossos grandes; Jamie o tinha comprado justamente por isso. Além disso era indócil e tinha mau caráter, razão pela qual não havia flanco muito. Mesmo assim, o preço foi superior ao que Fraser podia pagar sem ter que fazer um esforço.

Depois de meia hora de esquivar ramos baixos, cruzar arroios e galopar costa acima por todas quão pendentes Jamie lhe assinalou, Gideon estava, se não precisamente amigável, ao menos o bastante exausto para deixar-se dirigir. Jamie estava empapado até as coxas, machucado, sangrando por cinco ou seis arranhões e ofegando quase tanto como o cavalo. Não obstante, ainda se mantinha na cadeira e conservava o mando.

Dirigindo a cabeça do cavalo para o sol poente, voltou a estalar a língua.

-Vamos- disse-. Voltemos para casa.

Embora se tinham esforçado muito, dada a forma escarpada da terra não haviam talher tanta distância para perder de tudo. Jamie apontou a cabeça do Gideon para cima e, um quarto de hora depois, chegaram a uma pequena colina de reconheceu.

Avançaram com cautela ao longo do topo, procurando um lugar seguro para descender por entre os matagais de álamos e píceas. Sabia que a partida não estava longe, mas possivelmente lhe levasse algum tempo encontrar-se com ela, e preferia fazê-lo antes de que chegassem à Colina. Embora Claire ou MacKenzie podiam guiá-la perfeitamente, reconhecia que ansiava retornar a casa à cabeça de sua gente.

-Vá, homem!, nem que fora Moisés- murmurou, movendo a cabeça em um gesto de brincadeira ante suas próprias pretensões.

O cavalo estava talher de espuma; quando chegaram a um trecho onde as árvores já não estavam tão juntas, Jamie se deteve descansar um momento, afrouxando as rédeas, mas preparado para desalentar qualquer capricho que essa besta louca pudesse estar concebendo.

A brisa provinha do oeste. Jamie levantou o queixo, desfrutando de seu contato frio na pele acalorada. O estou acostumado a caía em ondulantes cheire pardas e verdes, acesas aqui e lá em emplastos de cor, que iluminavam a bruma nos terrenos baixos como o resplendor da fumaça de uma fogueira. Ante aquele panorama sentiu que o invadia a paz; aspirou profundamente, relaxando o corpo.

Gideon também se relaxou, deixando escapar lentamente seu espírito de luta, como a água que se sai de um cubo quebrado. Jamie apoiou brandamente as mãos em seu pescoço e o animal permaneceu imóvel, com as orelhas para diante. “ Ah!” , pensou. E então caiu na conta de que se tratava de um Sítio.

Não tinha palavras para designar esses lugares, mas os reconhecia cada vez que encontrava algum. Poderia havê-los qualificado de sagrados, mas a sensação que o provocavam não tinha nada que ver com a Igreja nem com o santo. Eram, simplesmente, lugares que lhe correspondiam, e com isso bastava, embora preferia encontrá-los quando estava sozinho. Deixou descansar as rédeas sobre o pescoço do cavalo. Nenhuma besta louca como Gideon podia causar problemas em um lugar assim.

Quando era um menino, tinha aprendido a maneira de viver separado dentro de uma multidão, conservando a intimidade em sua mente quando seu corpo não podia tê-la. Mas como era montanhês, também tinha aprendido muito tempranamente o encanto da solidão e a virtude curativa dos sítios tranqüilos.

De súbito teve uma visão de sua mãe, um dos pequenos retratos vívidos que sua mente entesourava e apresentava inesperadamente, como reação só Deus sabia a que: um som, um aroma, algum capricho passageiro da memória.

Tinha estado instalando armadilhas para coelhos em uma colina; estava acalorado e suarento, com os dedos cravados pelas novelo espinhosas e a camisa pega à pele pelo barro e a umidade. Ao ver um bosquecillo, aproximou-se em busca de uma sombra. Ali estava sua mãe, sentada no chão junto a um diminuto manancial, sob a sombra esverdeada. Permanecia imóvel, coisa estranha nela, com as largas mãos cruzadas no regaço.

Não disse nada, mas lhe sorriu. Ele se aproximou sem lhe falar, repleto por uma grande sensação de paz e contente, e apoiou a cabeça contra seu ombro; ao sentir que seu braço o rodeava, soube que ocupava o centro de seu mundo. Então, tinha cinco ou seis anos.

A visão desapareceu tão súbitamente como tinha vindo, como uma truta resplandecente que se esfumasse na água escura. Não obstante, deixou detrás de si a mesma sensação de profunda paz, como se alguém o tivesse abraçado brevemente, como se uma mão suave lhe tocasse o cabelo.

Desmontou, com a necessidade de sentir a pinaza sob as botas, algum contato físico com esse lugar. A cautela lhe fez atar as rédeas a um pinheiro forte, embora Gideon parecia bastante sereno; o potro tinha baixado o testuz e procurava matas de pasto seco. Durante um instante, Jamie permaneceu imóvel; logo girou cuidadosamente para a direita, de cara ao norte.

Já não recordava quem lhe tinha ensinado isso: sua mãe, seu pai ou o velho John, o pai do Ian. Mas girou na direção do sol, murmurando aquela breve oração para cada um dos quatro pontos cardeais, e terminou de frente ao oeste, olhando ao sol poente. Formou uma taça com as mãos vazias e a luz as encheu, transbordando sua Palmas.

Que Deus me faça seguro cada passo,
Que Deus me abra cada caminho,
Que Deus me ponha em claro cada caminho,
E que Ele me leve entre suas próprias mãos.

Com um instinto mais antigo que a oração, tirou a cigarreira do cinturão para verter algumas gotas no chão.

A brisa lhe trouxe alguns sons dispersos: risadas e ruídos de animais que avançavam através da maleza. A caravana não estava longe: apenas ao outro lado de um pequeno terreno baixo, rodeando a passo lento a curva da colina oposta. Já era hora de reunir-se com isso para o último lance, até chegar à Colina.

Ainda vacilou um momento, resistindo a quebrar o feitiço do Sítio. Pela extremidade do olho detectou um movimento imperceptível; então se agachou ante um arbusto de acebo entreabrindo os olhos para olhar nas sombras cada vez mais intensas.

Ali estava, petrificado, confundindo-se perfeitamente com o fundo escurecido. Jamie não o teria visto, a não ser por esse pequeno movimento captado por seu olho de caçador. Era um gatinho diminuto, de pelagem cinza arrepiada como a semente amadurecida do algodoncillo; os olhos enormes, quase incolores na penumbra, permaneciam bem abertos e sem piscar.

-Ao Chait- sussurrou, alargando lentamente um dedo fazia ele-. O que faz aqui?

Um gato feroz, sem dúvida; nascido de uma mãe selvagem, que comprido tempo atrás teria escapado de alguma cabana de colonos, liberando-se da armadilha do doméstico. Quando lhe roçou a pelagem tênue do peito, o animal lhe cravou súbitamente os pequenos dentes no polegar.

-Ai!- Apartou a mão imediatamente para examinar a gota de sangue que brotava da pequena punção. Durante um momento fulminou ao gato com o olhar, mas o animal se limitou a sustentá-la, sem fazer gesto de fugir. depois de um instante, Jamie se decidiu. Sacudiu a mão, fazendo cair o sangue às folhas; seria, como o uísque, outra oferenda aos espíritos desse Sítio, que obviamente haviam resolvido lhe oferecer também um presente.

-Pois bem, seja- disse pelo baixo. ajoelhou-se para estender a mão, com a palma para cima. Com muita lentidão moveu um dedo, logo o seguinte, e o outro, e o último, e logo outra vez, com o movimento ondulante das algas na água. Os grandes olhos claros seguiam fixamente o movimento, como hipnotizados. Vendo que a ponta do diminuto rabo se contraía imperceptivelmente, Jamie sorriu.

Se era capaz de atrair às trutas, por que não a um gato?

Quando ao fim voltou a lhe tocar a pelagem, o animal não tentou escapar. Um dedo se deslizou por seu cabelo; outro, baixo as frite almofadinhas de uma garra. E se deixou agarrar brandamente com a mão, que o retirou do chão.

Jamie o reteve um momento contra o peito, acariciando-o com um dedo, seguindo a sedosa linha da mandíbula, as orelhas delicadas. O bichinho fechou os olhos e começou a ronronar, em êxtase, vibrando em sua palma como um trovão longínquo.

-OH!, assim virá comigo, né?

Como o gato não se fazia de rogar, abriu o pescoço da camisa para colocar dentro aquela coisa diminuta. O gatinho antes de acurrucarse contra sua pele pinçou entre suas costelas; seu ronrono se reduziu a uma vibração calada, mas agradável.

Gideon, agradado pelo descanso, começou a marcha. Um quarto de hora depois alcançaram aos outros. Mas a momentânea docilidade do potro se evaporou ante a tensão da ascensão final.

O cavalo era muito capaz de dominar esse caminho íngreme, certamente; o que não tolerava era ir detrás de outra arreios. Pouco importava que Jamie quisesse ou não chegar a sua casa à cabeça de sua gente: se Gideon tinha algo que dizer a respeito, não só iriam à cabeça, mas também vários corpos mais adiante.

Jamie se encontrou simpatizando bastante com o cavalo: ansioso por estar em casa, esforçando-se por chegar quanto antes, e irritado por tudo o que ameaçasse atrasando. Nesse momento, o principal impedimento contra o avanço era Claire; a inoportuna tinha detido sua égua frente a ele para recolher umas quantas ervas à beira do caminho. Como se não tivesse já a casa inteira cheia de novelo, da soleira até o telhado, e as alforjas avultadas por outra carga!

Gideon, captando imediatamente seu estado de ânimo, estirou o pescoço para morder à égua na garupa. O animal, entre relinchos e pinotes, saiu disparado caminho acima, com as rédeas pendurando. O macho tentou sair atrás dela, mas foi detido de um puxão nas rédeas.

O ruído fez que Claire se desse a volta, com os olhos dilatados pela surpresa. Olhou primeiro ao Jamie; logo, a sua égua que desaparecia caminho acima, e novamente a ele, desculpando-se com um encolhimento de ombros. Tinha as mãos cheias de folhas maltratadas e raízes muito sujas.

-Sinto muito. Disse. Mas ele viu a contração na comissura da boca, o rubor em sua pele e o sorriso que brilhava em seus olhos. Muito a seu pesar, a tensão de seus ombros se acalmou. Embora tinha intenção de arreganhá-la, as palavras não foram a sua boca.

-Vamos, te levante- disse em troca, resmungão-. Eu gostaria de jantar.

Ela montou, rendo-se em sua cara e apartando as saias para que não

incomodassem. Gideon, irascível ante essa carga adicional, girou bruscamente a cabeça para lançar uma dentada a algo que estivesse a seu alcance, mas Jamie o estava esperando: fustigou com o extremo da rédea o focinho do potro, que deu um coice para trás, soprando de surpresa.

-Assim aprenderá, pequeno bode.

Impregnando o chapéu, assegurou na arreios a seu discola algema, com as saias bem rodeadas sob as coxas e os braços rodeando sua cintura. O gatinho, bruscamente arrancado de sua sesta, cravou as unhas na cintura do Jamie com um uivo de alarme, embora seu grito se perdeu entre os chiados mais potentes do cavaleiro, que atirava com a cabeça do cavalo, entre juramentos enquanto lhe empurrava os quartos traseiros com a perna esquerda.

Gideon, nada fácil de vencer, executou um salto como uma espiral. de repente Jamie ouviu um pequeno “eeeh!” e percebeu uma sensação de vazio a suas costas: Claire tinha sido jogada na maleza como um saco de farinha.

-Vai tudo bem?- perguntou Roger, arqueando uma sobrancelha.

-Naturalmente- respondeu Jamie, tratando de recuperar o fôlego sem perder a dignidade-. E você, como está?

-Bem.

-Me alegro.- Jamie já estava desmontando. Arrojou as rédeas ao MacKenzie e, sem deter-se ver se as sujeitava, retornou correndo pelo atalho, gritando:

-Claire! Onde está?

-Aquil- anunciou ela alegremente. E emergiu de entre as sombras dos álamos, coxeando um pouco e com o cabelo cheio de folhas. Pelo resto parecia ileso-. E a ti, aconteceu-te algo?- perguntou-lhe, olhando-o com uma sobrancelha arqueada.

-Não, estou bem, mas vou matar a esse cavalo.- Abraçou-a para assegurar-se de que estava íntegra. Embora ofegava ao respirar, a sentia tranquilizadamente sólida. Lhe deu um beijo no nariz.

-Mas não o mate antes de que cheguemos a casa. Falta uma milha e não quero percorrê-la descalça.

De repente se ouviu uma voz:

-Né! Deixa isso, bastardo!

Jamie soltou ao Claire para voltar-se para olhar. Roger estava arrancando um punhado de novelo maltratadas do focinho do Gideon. Mais planta? Que mania era essa? Claire se inclinou para diante para as observar com interesse.

-O que é isso que tem aí, Roger?

-Para o Bree- disse ele, as submetendo a sua inspeção-. São as que convêm?

Aos olhos profanos do Jamie, pareciam amarelados caules de cenoura que tivessem ficado muito tempo plantados, mas Claire tocou a suja folhagem com um gesto de aprovação.

-OH, sim!- disse-. Que romântico!

Jamie, com muito tato, emitiu um leve ruído, sugerindo que era hora de continuar o caminho, posto que Bree e a lenta tribo dos Chisholms os alcançariam muito em breve.

-Está bem- disse Claire, lhe dando uma palmada no ombro-. Não bufe;

já vamos.

-Hummm!- resmungou ele, agachando-se para lhe oferecer uma mão como estribo. depois de subir a à arreios, jogou ao Gideon um olhar que dizia: “ Não tente nada estranho, maior bode” , e montou atrás dela-. Esperará aos outros para guiá-los você?- Sem esperar resposta, atirou das rédeas e pôs ao potro atalho acima.

Apaziguado pelo fato de estar muito por diante de outros, Gideon se dedicou à tarefa de subir sem pausa entre os matagais de espinillos e álamos brancos, castanhos e píceas.

Ao avançar, Jamie recuperou sua própria equanimidade; também lhe reconfortou o fortuito achado do chapéu perdido: pendia de um carvalho à beira do caminho, como se alguma mão bondosa o tivesse posto ali. Mas sua intranqüilidade mental continuava; não podia captar a serenidade, embora a montanha estava em paz, com o ar nebuloso de cor azul, perfumado de pinheiros e madeira verde.

De repente, com um súbito tombo na boca do estômago, caiu na conta de que o gatinho tinha desaparecido. Ardiam-lhe os arranhões na pele do peito e o abdômen, ali onde tinha subido por ele, em um frenético esforço por escapar, mas devia ter saído pelo pescoço da camisa, pêra ver-se arrojado de seu ombro na descabelada carreira custa abaixo. Jogou uma olhada a ambos os lados, escrutinando as sombras sob as matas e as árvores, mas sua esperança foi vã. A escuridão se acentuava e já estavam no caminho principal, o sítio onde ele e Gideon se desviaram pelo bosque.

-Vê com Deus- murmurou, fazendo o sinal da cruz-se brevemente.

-O que diz?- perguntou Claire, girando-se um pouco na cadeira de montar.

-Nada.- depois de tudo, embora pequeno, era um gato selvagem. Saberria arrumar-lhe sem dúvida.

Gideon roía o bocado, cabeceando. Jamie notou que, uma vez mais, o tensão de sua mão circulava pelas rédeas, e fez um esforço por afrouxá-la. Também afrouxou a que sujeitava a sua esposa, que de repente se encheu os pulmões de ar.

Fazia que os Bug se adiantassem, guiados pelo Fergus, para que Claire não devesse ocupar-se simultaneamente das tarefas da chegada e da hospitalidade. Só se precaveu de que Claire também estava tensa quando ela se relaxou súbitamente contra ele, lhe apoiando uma mão na perna.

-Não aconteceu nada- disse ela-. Cheiro a fumaça de chaminé.

Ele levantou a cabeça para farejar. Sua esposa tinha razão: na brisa flutuava o aroma penetrante das nozes queimadas. Não se tratava do fedor que recordava de às conflagrações, mas sim de um aroma caseiro, que prometia casaco e comida. Era de presumir que a senhora Bug o tinha obedecido ao pé da letra.

Ao rodear a última curva do caminho viram a alta chaminé de pedra, que se elevava por cima das árvores, com um grande penacho de fumaça frisando-se sobre as taças.

A casa estava em pé.

Saíram da castañeda ao amplo claro onde se levantava a casa, sólida e cuidada, com as janelas douradas pelos últimos raios do sol. Era uma casa modesta, caiada e com o telhado coberto com tablones, de linhas definidas e

sólida construção, imponente só se a comparava com as toscas cabanas que ocupavam a maioria dos colonos. A que fora sua primeira casa, escura e maciça, estava ainda ali, algo mais abaixo. E dessa chaminé também saía fumaça.

-Alguém acendeu o fogo para o Bree e Roger- comentou Claire, assinalando-a com a cabeça.

-Que bem!- Jamie rodeou sua cintura com um braço; ela, com um murmúrio de contente, moveu o traseiro contra seu regaço.

A porta se abriu de par em par. Ali estava a senhora Bug, redonda e desalinhada como uma bola de palha arrastada pelo vento. Jamie sorriu ao vê-la. depois de ajudar ao Claire, ele também desmontou.

-Tudo está bem, tudo está bem, e você senhor?- A mulher o tranqüilizou antes de que suas botas tocassem terra.

Levava uma taça de estanho em uma mão e um pano na outra. Não deixou de lustrá-la nem um instante, nem sequer ao apresentar a cara para aceitar o beijo do Jamie na bochecha murcha. Sem esperar resposta, ficou nas pontas dos pés para beijar ao Claire na bochecha, radiante.

-OH, que maravilha que esteja em casa, senhora!, você e o senhor, e já tenho o jantar preparado, de modo que não terá que incomodar-se nada, senhora, mas passem, passem e tirem-se essa roupa suja, que eu mandarei ao velho Arch ao porão a procurar um pouco de licor e logo...

Gideon, impaciente, empurrou-lhe o cotovelo com o focinho.

-Ah, sim!- disse ele, recordando suas obrigações-. Vêem, condenado animal.

Quando o cavalo e a égua estiveram desensillados, escovados e comendo, Claire já tinha conseguido escapar da senhora Bug; ao retornar do estábulo, Jamie viu que a porta da casa se abria de par em par e Claire, com cara de culpado, saía olhando para trás, como se temesse que a perseguissem.

Aonde ia? Sem vê-lo, partiu precipitadamente para a esquina oposta da casa, desaparecendo em uma revoada de saias. Ele a seguiu com curiosidade.

Claro, tinha visto sua consulta e agora, antes de que obscurecesse de tudo, queria ver seu pomar; ele a divisou um instante, recortada contra o céu, na costa que havia detrás da casa. A brisa noturna lhe trouxe o aroma acre da letrina distante, sugerindo que logo seria necessário ocupar-se dela. relaxou-se ao pensar nos novos arrendatários; escavar uma letrina nova seria a tarefa mais apropriada para os moços do Chisholm, os dois maiores.

Ele tinha cavado essa com o Ian, quando chegaram à Colina. Deus!, como sentia saudades ao guri...

-Ao Mhicheal bheanaichte- murmurou. “ San Miguel, proteja-o” Embora apreciava ao Mackenzie, se tivesse podido escolher não teria trocado ao Ian por esse homem. Mas como foi decisão do Ian, não havia nada mais que dizer a respeito.

separando-se de si a dor de havê-lo perdido, afrouxou-se as calças para urinar detrás de uma árvore. Se o visse, Claire faria algum desses comentários, supostamente engenhosos, sobre os cães e os lobos, que marcavam seu território quando retornavam a ele. “ Nada disso- replicou-lhe mentalmente-; para que subir a colina, para piorar as coisas na letrina?”

Mas, pensando-o bem, esse era seu território, e se lhe desejava muito mijar nele...Se acomodou as roupas, já mais tranqüilo.

Ao levantar a cabeça, viu-a baixar do pomar com o avental cheio de cenouras e nabos. Uma rajada de vento formou redemoinhos a seu redor as últimas folhas da castañeda, em uma dança faiscante de luz.

Levado por um súbito impulso, Jamie entrou entre as árvores, e começou a procurar algo. Normalmente só emprestava atenção a aquelas novelo que fossem comestíveis para cavalos ou seres humanos, ou que fossem suficientemente duras para fazer pranchas ou vigas ou um obstáculo para o passo. Não obstante, uma vez que começou a procurar com critério estético se surpreendeu ante a variedade que havia, assim recolheu um punhado de cada uma delas.

Bem a tempo: ela, perdida em seus pensamentos, vinha rodeando a esquina da casa. Passou ao meio metro dele, sem vê-lo.

-Sorcha- chamou Jamie, muito fico.

Ela se voltou, entreabrindo os olhos contra os raios do sol poente, mas os alargou, dourados, ante a surpresa de vê-lo.

-OH!- Claire contemplou os ramos e espigas, depois o olhou a ele. Tremeram-lhe os lábios, como se estivesse a ponto de chorar ou rir, sem decidir-se entre as duas coisas. Logo aceitou as novelo, pequenos e frios os dedos que roçaram sua mão-. OH, Jamie!, são preciosas.

ficou nas pontas dos pés para beijá-lo, quente e salobre. Ele queria mais, mas ela já ia pressurosa para a casa, com aquelas insignificantes novelo apertadas contra o peito como se fossem de ouro.

Jamie se sentiu agradavelmente tolo, e bobamente agradado consigo mesmo. Ainda tinha na boca o sabor do Claire.

-Sorcha- sussurrou.

Caiu então na conta de que assim a tinha chamado um momento antes. Isso sim que era estranho; não era estranho que ela se surpreendeu: era seu nome em gaélico, mas ele estranha vez o utilizava. Gostava de sua condição de estranha, de inglesa. Era seu Claire, seu Sassenach.

Entretanto, ao passar junto a ele, foi Sorcha. Não significava só “ clara” , mas também “ luz” .

Aspirou profundamente, satisfeito.

de repente se sentiu faminto, tanto de comida como dela, mas não se deu pressa por entrar. Algumas classes de fome são doces por si só; a esperança de satisfazê-la é tão grata como a saciedade.

Ruído de cascos e vozes; por fim chegava o resto. Sentiu a súbita urgência de conservar um momento mais sua aprazível solidão, mas já era muito tarde; em poucos segundos se viu rodeado pela confusão: gritaria de meninos entusiastas, chamadas de mães inquietas, a bem-vinda aos recém chegados, o agitação e a pressa ao descarregar, desenganchar as mulas e os cavalos, lhes dar água e penso...

Mas em meio dessa Babel se movia como se ainda estivesse sozinho, aprazível e em silêncio sob o sol poente. Estava em casa.

Na temprana queda da noite, a casa se erguia branca como um

espírito benévolo que custodiasse à Colina. A luz emanava por todas suas portas e janelas; do interior chegavam risadas.

Voltou-se para perceber um movimento na escuridão; era sua filha, que vinha do estábulo com um cubo de leite fresca na mão. Ela se deteve junto a ele, contemplando a casa.

-É bonito estar em casa, verdade?- disse brandamente.

-Sim- respondeu ele.

Olharam-se, sorridentes. Logo ela se inclinou para diante para observá-lo melhor, e o girou para pô-lo frente à luz da janela. Um par de rugas lhe franziu a pele entre as sobrancelhas.

-O que é isso?- perguntou, sacudindo sua jaqueta.

Uma lustrosa folha escarlate caiu flutuando até o chão. Ao vê-la ela elevou as sobrancelhas.

-Será melhor que vás lavar te, papai- disse-. estiveste onde a hera venenosa.

-me poderia haver isso dito, Sassenach.- Jamie jogou um olhar furioso à mesa onde eu tinha posto seu ramallete, em uma taça de água, perto da janela do dormitório. O vermelho manchado e intenso da hera venenosa refulgia até na penumbra da luz que lançava o fogo-. E além disso poderia te desfazer dela. Acaso quer te burlar de mim?

-Não, absolutamente- assegurei, sorridente, enquanto pendurava meu avental do cabide e desatava os cordões de meu vestido-. Mas se lhe houvesse isso dito quando me entregou isso, me teria tirado isso. É o único ramo que me deste em sua vida e, como não acredito que me dê de presente outro, tenho a intenção de conservá-lo.

Ele lançou um bufo e se sentou na cama para tirá-los meias três-quartos. Já quase se despiu; a luz do fogo resplandecia sobre seus ombros. arranhou-se a cara interior da boneca, embora eu lhe havia dito que era psicossomático, que não tinha sinais de sarpullido.

-Nunca voltaste para casa com prurido de hera venenosa- comentei-, embora seguro que, com todo o tempo que passa nos bosques e nos semeados, mais de uma vez a encontraste. Acredito que é imune a ela. Há pessoas assim, sabe?

-De verá?- Isso pareceu lhe interessar, embora não deixou de arranharse-. Como você e Brianna, que alguma vez adoecem?

-Algo assim, mas por diferentes motivos.

Tirei-me o vestido, bastante imundo depois de uma semana de viagem. Logo desatei o espartilho, com um suspiro de alívio. Continuando, fui ver se a caçarola de água que tinha posto sobre as brasas já estava quente; não pensava me deitar sem me haver tirado a sujeira da viagem, mas tampouco queria dar um espetáculo público ao fazê-lo.

A água rielaba de calor com diminutas borbulhas aderidas ao interior da panela. Introduzi um dedo, só para comprovar como estava: quente e deliciosa. depois de verter um pouco na bacia, deixei o resto ali para que se mantivera quente.

Inclinei-me para revolver nas alforjas que ele tinha subido e deixado

junto à porta. Na congregação alguém me tinha dado uma esponja das de verdade, importada das Índias, como pagamento por lhe extrair um dente infectado. Era perfeita para um banho rápido.

-E coisas como a malária, o que tem Lizzie...

-Não as tinha curado? Interrompeu Jamie, franzindo o sobrecenho.

Meneei a cabeça em um gesto de pena.

-Não, padecerá-a sempre. Só posso tratar de que os ataques não sejam tão graves nem tão freqüentes. Mas a leva no sangue, compreende?

Ele se tirou a cinta com que se atava o cabelo e sacudi as mechas avermelhadas, deixando a juba solta.

-Não tem sentido- objetou, se levantando para desabotoá-los calças-. Há-me dito que, se uma pessoa teve o sarampo e sobreviveu, não pode voltar a contrai-lo, porque permanece em seu sangue. Por isso eu não posso adoecer de varíola nem de sarampo, porque os tive quando menino e estão em meu sangue.

-Bom, não é exatamente igual- disse, sem maior convicção. depois de tão comprido trajeto não me sentia em condições de explicar as diferenças entre imunidade ativa, passiva ou adquirida, anticorpos e infecções parasitárias-. Falando de cavalgar...

-Quem fala de cavalgar?- disse Jamie, com cara de surpresa.

-Ninguém, mas eu estava pensando nisso.- Descartei com esse gesto detalhe sem importância-. O que pensa fazer com o Gideon?

-OH...!- ele deixou cair as calças ao chão e se desperezó, pensativo-. Não acredito poder me permitir o luxo de matar o de um disparo. E é um tipo vigoroso. Para começar, vou cortar o. Talvez isso o assente um pouco.

-Cortá-lo? Ah!, quer dizer castrá-lo. Sim, suponho que isso o faria mais obediente, embora me parece um pouco drástico.- Vacilei um momento, relutante-. Quer que o eu faça?

Ele me cravou um olhar de surpresa. Logo estalou em uma gargalhada.

-Não, Sassenach. Não acredito que cortar a um potro de dezoito palmos seja trabalho para uma mulher, embora seja cirurgiaã. Não se requer uma mão suave, não crie?- Alegrou-me ouvi-lo.

Deixei que a camisa se deslizará desde meus ombros até a cintura. O fogo tinha enfraquecido um pouco o ar glacial da habitação, mas ainda estava o bastante frio como para que me arrepiasse a pele dos peitos e os braços. Jamie se tirou o cinturão para tirar com cuidado tudo o que tinha pendurado dele. depois de pôr tudo no pequeno escritório, mostrou-me a cigarreira elevando uma sobrancelha com ar inquisitivo.

Assenti com entusiasmo. Ele se girou para procurar uma taça. Com tanta gente na casa com todas seus pertences, nossas alforjas tinham sido levadas acima e jogadas no interior de nosso quarto.

Jamie parecia uma esponja, refleti, vendo-o ir de um lado a outro completamente nu e despreocupado. Absorvia-o tudo, e parecia capaz de entender-se com tudo o que lhe tocasse em sorte, por estranho que fora a sua experiência.

Em geral, eu não me arrependia de nada. Tinha escolhido estar ali, e ali queria estar. Entretanto, de vez em quando surgiam pequenezes, como nossa conversação sobre a imunidade, que me faziam compreender quanto

tinha perdido do que tinha, pelo que era. Não podia negar que algumas de minhas debilidades tinham sido superadas. E às vezes ao pensá-lo sentia um vazio dentro de mim.

Jamie se agachou para rebuscar em uma das alforjas. Seu traseiro nu, voltado fazia mim com total inocência, ajudou-me a limpar o momentâneo desassossego. Realmente tinha formas grácis, arredondadas pelos músculos e gratamente coberta por um pêlo roxo-dourado que captava a luz do fogo e as velas. As colunas largas e claras das coxas emolduravam a sombra do escroto, escuro e apenas visível entre eles.

Por fim tinha encontrado uma taça, que encheu até a metade. Ao entregar me apartou isso os olhos do líquido escuro, surpreso ao descobrir que o estava observando.

-O que acontece?- perguntou-. Há algum problema, Sassenach?

-Não- disse. Mas minha voz deveu soar dúbia, pois ele contraiu as sobrancelhas-. Não- repeti com mais firmeza. E aceitei a taça com um sorriso, elevando-a apenas em um gesto de agradecimento-. Só estava pensando.

Um sorriso de resposta apareceu os lábios.

-Sim? Pois não convém que pense muito a estas horas da noite, Sassenach. Pode te provocar pesadelos.

-Atreveria-me a dizer que tem razão.- Bebi um sorvo e me surpreendi ao descobrir que era vinho; muito bom, além disso-. Onde o conseguiu?

-Do pai Kenneth. É vinho sacramental, sem consagrar, é obvio. Disse-me que os homens do delegado o levariam; É preferiu que eu me trouxesse isso.

Ao mencionar ao padre, uma leve sombra lhe cruzou a cara.

-Crie que sairá desta?- perguntei.

-Isso espero.- Ele se inquietou-. Adverti-lhe ao delegado que, se alguém maltratava ao pai, ele e seus homens teriam que responder por isso.

Assenti em silêncio, bebendo a sorvos. Se Jamie se inteirava de que o pai Donahue tinha sofrido algum dano, o delegado não deixaria de pagar por isso. A idéia me tranqüilizou um pouco. Não era o melhor momento para fazer inimigos. E o delegado do condado do Orange não era bom inimigo.

Ao levantar a vista me encontrei com os olhos do Jamie, fixos em mim, embora agora com profunda complacência.

-Ultimamente te está pondo formosa, Sassenach- observou, inclinando a cabeça a um lado.

-Diz-o por me adular- reprovei com um olhar frio, enquanto agarrava a esponja.

-Deve ter aumentado seis ou sete quilogramas da primavera- disse, me inspecionando com ar de aprovação-. foi um bom verão para a engorda, não?

Dava-me a volta para lhe arrojear a esponja à cabeça, e É a apanhou sorrindo.

-Nestas últimas semanas estiveste tão abrigada que não me tinha precavido dessas novas redondeces. Faz pelo menos um mês que não te vejo nua.

Seguia me avaliando como se eu fora um bom candidato para ganhar uma medalha na exposição de porcos.

-as desfrute, avermelhando de chateio-. Talvez não volte às ver em

algum tempo!

E recolhi bruscamente a parte superior da camisa, para cobrir meus peitos, inegavelmente engrossados. Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso por meu tom.

-Zangaste-te comigo, Sassenach?

-Claro que não, repus-. De onde tiraste essa idéia?

Ele sorriu, esfregando o peito com a esponja, enquanto me percorria com os olhos. Seus bicos da mamadeira, encolhidas pelo frio, recortavam-se rígidas e escuras entre o pêlo avermelhado e o brilho úmido de sua pele.

-Eu gosto de gorda, Sassenach- disse pelo baixo-. Gorda e succulenta como uma gallinita roliça. Eu gosto de muito assim.

Poderia ter tomado aquilo como um simples intento de cobrir uma patacoada, não ser pelo fato de que os homens nus vêm convenientemente equipados com detectores sexuais de mentiras. Era certo: gostava de muito.

-OH!- exclamei. E baixei a camisa com bastante lentidão-. Pois...

Ele levantou o queixo. Vacilei um momento, mas logo me levantei para deixar que a camisa caísse ao chão, onde se uniu a suas calças. Depois, agarrei a esponja que ele tinha na mão.

-Quero...né...terminar de me lavar, se me permitir isso- murmurei.

Voltei-lhe as costas, apoiando um pé no tamborete para me lavar; detrás de mim se ouviu um alentador ronrono de apreciação. Quando acabei e me dava a volta, Jamie seguia me observando, embora ainda se esfregava a boneca, levemente carrancudo.

-E você, lavaste-te?- perguntei-. Embora já não te incomode, se ainda fica na pele um pouco de azeite da hera venenosa, pode deixar restos no que toque...e eu não sou imune a ela.

-Esfreguei-me as mãos com sabão- assegurou-me, apoiando-me isso nos ombros a modo ilustrativo. Não era de sentir saudades que se arranhasse; suas mãos estavam ásperas e gretadas.

Inclinei a cabeça para lhe beijar os nódulos. Logo abri a cajita onde guardava minhas coisas pessoais, em busca do bálsamo para a pele, feito de azeite de noz, cera de abelhas e lanolina desencardida; era muito suavizante e tinha um verde aroma a essências de camomila, cânfora, milenrama e flores de saúco.

Agarrei um poquinho com a unha do polegar e o esfreguei entre minhas mãos; embora originalmente era quase sólido, liquidificava-se agradavelmente ao esquentar-se.

-Vêem- disse-lhe.

E pus uma de suas mãos entre as minhas, esfregando para que o unguento penetrasse nas gretas de seus nódulos, massageando sua Palmas calejadas.

-O ramalhete é encantador, Jamie- disse-lhe, assinalando com a cabeça o molho de novelo posto na taça-. Mas, como te ocorreu fazê-lo?

Removeu-se um pouco, obviamente incômodo.

-Pois...- Apartou a vista-. É que...quero dizer...Tinha uma tolice para te dar de presente, mas a perdi. Mas como te pareceu muito tenro que Roger agarrasse umas quantas ervas para a Brianna...- Interrompeu-se, murmurando pelo sob algo que soou a “ffrnn!”.

Senti um forte desejo de rir, mas o que fiz foi lhe agarrar a mão para

lhe dar um beijo leve em seus nódulos. Parecia sobressaltado, mas agradado. Com seu dedo polegar na palma de minha mão, acariciou o bordo de uma ampola ao meio cicatrizar, deixada por um hervidor quente.

-Ouça, Sassenach, você também necessita um pouco disto. me permita.

E se inclinou para colher com um dedo um pouco do unguento verde. Logo encerrou minha mão na sua, quente e ainda escorregadia pela mescla de azeite e cera de abelhas.

Fez uma pausa para me beijar ligeiramente. As chamas vaiavam no lar e a luz do fogo piscava nas paredes caiadas. Era como estar juntos e sós no fundo do mar.

-Roger não o fez por puro romantismo, sabe?- comentei-. Ou talvez sim. Depende de como queira olhá-lo.

Jamie pareceu intrigado. Nossos dedos se entreteceram, movendo-se apenas. Suspirei de prazer.

-Sim?

-Bree me perguntou sobre o controle de embarço. Disse-lhe que métodos existem agora; francamente não são muito bons, embora sim melhores que nada. Mas a anciã avó Bacon me deu algumas sementes; conforme diz, as índias as usam como anticoncepcionais, e supostamente são muito efetivas.

A cara do Jamie sofreu um trocou do mais cômico: de sonolento prazer a olhos de estupefação.

-Anti com o que? Ela... quer dizer que...essas vulgares sementes...?

-Pois sim. Ao menos acredito que podem ajudar a evitar o embarço.

-Hummm.

O movimento dos dedos se deteve; juntou as sobrancelhas em um gesto mais preocupado que de desaprovação, ou assim me pareceu. Logo continuou me massageando as mãos, as envolvendo em seu punho, muito maior, com um movimento decidido.

-Crie que...?- Mas se interrompeu.

-O que?

-Hummm... É que... Não te parece algo estranho, Sassenach, que uma jovem recém casado esteja pensando em algo assim?

-Não, não me parece isso- disse com bastante aspereza-. A meu modo de ver, é muito sensato. E eles não são tão recém casados. estiveram...Quer dizer, já têm um filho.

Ele dilatou as fossas nasais em mudo desacordo.

-Ê ela a que tem um filho- replicou-. A isso referia, Sassenach. Parece-me que, quando uma jovem se leva bem com seu marido, o primeiro que pensa não é precisamente como fazer para não lhe dar um filho. Está segura de que tudo está bem entre eles?

Fiz uma pausa para estudar a pergunta.

-Acredito que sim- disse ao fim, lentamente-. Não esqueça, Jamie, que Bree vem de uma época em que as mulheres podem decidir quando terão um filho e se querem o ter ou não, com bastante segurança- A boca larga se franziu em um gesto reflexivo. Notei que lutava com a idéia, totalmente contrária a sua própria experiência.

-De maneira que assim são as coisas?- perguntou ao fim-. A mulher pode decidir que sim ou que não, sem que o homem tenha arte nem parte?

Sua voz refletia assombro e desaprovação. Ri um pouco.

-Claro, como Mackenzie também é dessa época, não lhe resultará estranho.

-Ele mesmo recolheu as ervas- assinalei.

-Assim foi ele.- A ruga ficou entre suas sobrancelhas, mas afrouxou um pouco o cenho.

-Além disso, não é tão estranho que uma jovem pense algo assim. Marsali, antes de casar-se com o Fergus, também veio a me perguntar o mesmo.

-Seriamente?- Arqueou uma sobrancelha-. E você não o disse?

-Por seu posto que sim!

-Pois não lhe deu bom resultado, não?

Germain tinha nascido aproximadamente dez meses depois das bodas; Marsali voltou a ficar grávida aos poucos dias de desmamá-lo. Senti que o rubor subia às bochechas.

-Não há nada infalível, nem sequer os métodos modernos. Além disso, nada dá resultado se não se usa.

Em realidade, Marsali só se interessou pelos anticoncepcionais, não porque não queria ter filhos, mas sim porque temia que o embaraço perturbasse a intimidade de sua relação com o Fergus. “ Quando chegarmos à parte da franga, quero desfrutá-la” : essas tinham sido suas palavras naquela ocasião. Sorri ao as recordar.

Uma das mãos do Jamie seguia entrelaçada com a minha; a outra abandonou meus dedos para procurar outro lugar...muito levemente.

-OH!- disse. Começava a perder o fio de minhas idéias.

-Pílulas, disse- Sua cara estava muito perto; os olhos nublados pelos pensamentos-. É assim como se faz?

-Hum...OH...! Sim.

-Você não te trouxe nada disso- observou-. Ao retornar.

Aspirei profundamente e deixei escapar o ar. Sentia que começava a me dissolver.

-Não-disse, um pouco deprimida.

Ele fez uma pausa, posando a mão ligeira,

-por que?- perguntou em voz baixa.

-Bom...em realidade...pensei...É preciso tomar sempre. E não podia trazer tantas. Há algo definitivo, uma pequena operação. É bastante simples e te deixa permanentemente...estéril.

Jamie permanecia muito quieto, a vista encurvada.

-Pelo amor de Deus, Claire- rogou ao fim, em voz fica-, me diga que o fez.

Aspirei fundo e lhe estreitei a mão; meus dedos escorregaram um poquito.

-Se o tivesse feito, Jamie- disse com suavidade-, haveria-lhe isso dito.- Voltei a tragar saliva-. Você...o tivesse querido?

Ainda me estreitava uma mão. A outra se apartou para me tocar as costas e me estreitou muito brandamente contra ele. Senti sua pele quente contra a minha.

-Já tenho suficientes filhos- murmurou-. Mas só tenho uma vida. E essa é você, mo chridhe.

Elevei uma mão para lhe tocar a cara. Estava sulcada de cansaço, áspera de barba enchente.

Eu o tinha pensado, sim; estive muito perto de pedir a um cirurgião amigo que me esterilizasse. O sangue-frio e a mente clara assim o aconselhavam; não tinha sentido correr riscos. Entretanto...não havia segurança de que eu sobrevivesse à viagem, de que pudesse chegar à época e ao lugar corretos, de que voltasse a encontrá-lo. Menos possível ainda era conceber outra vez a minha idade.

Toquei-o apenas; ele deixou escapar um som grave e apoiou a cara contra meu cabelo, me estreitando com força. Nossos atos de amor eram sempre perigo e promessa: se nesses momentos ele tinha minha vida em suas mãos, eu tinha sua alma e sabia.

-Pensei..., pensei que jamais veria a Brianna. E não sabia o do Willie. Não era justo te privar da possibilidade de ter outro filho. Sem lhe dizer isso não.

“ É sangue de meu sangue- havia-lhe dito- , osso de meus ossos.” Era certo. E sempre seria assim, embora disso não surgissem filhos.

-Não quero mais filhos- sussurrou-. Quero a ti.

Envolvei-o com minha mão, escorregadia e com aroma a verdor, e dava um passo atrás para atraí-lo comigo para a cama. Logo que tive consciência para apagar a vela.

-Não se preocupe pelo Bree- disse-lhe, buscando-o para tocá-lo, enquanto se elevava sobre mim, negro contra a luz do fogo-. Roger recolheu as ervas para ela. Sabe o que ela quer.

Ele soltou um fundo suspiro, um fôlego de risada que se entupiu em sua garganta e acabou em um pequeno grunhido de prazer e satisfação, enquanto se deslizava entre minhas pernas, bem lubrificada e disposta.

-Eu também sei o que quero- disse, sufocando a voz em meu cabelo-. Amanhã te cortarei outro ramalhete.

Drogada pela fadiga, lânguida de amor e adormecida pela comodidade de uma cama branda e podada, dormi como um tronco.

Para o amanhecer comecei a sonhar; foram sonhos agradáveis, de contato e cor, sem forma. Umas mãos pequenas me tocavam o cabelo, apalpavam-me a cara. Girei-me de flanco, semiconsciente, sonhando que amamentava a um menino. Uns dedos suaves, diminutos, tocavam-me o peito. Levantei a mão para abranger a cabeça do menino. Mordeu-me.

Imediatamente me incorporei na cama com um grito. Uma silhueta cinza cruzou correndo o edredom e desapareceu pelos pés da cama. Chiei outra vez, mais forte ainda.

Jamie saltou do leito, rodou pelo chão e acabou de pé, com os punhos dispostos.

-O que?- interpelou, percorrendo o quarto com um olhar selvagem-. Quem? O que foi?

-Um rato!- disse, assinalando com um dedo trêmulo o ponto onde a silhueta cinza tinha desaparecido, no oco entre os pés da cama e a parede.

-Ah...!- Relaxou os ombros, esfregando-a cara e o cabelo com a mão,

piscando-. Um rato.

-Um rato em nossa cama- precisei, nada disposta a considerar o fato com o menor grau de calma-. E me mordeu!- Inspecionei com mais atenção o peito ferido: não havia sangue; só um par de diminutas perfurações que ardiam um pouco. Mas ao pensar na possibilidade de contrair a raiva me esfriou o sangue.

-Não se preocupe, Sassenach. Já me encarregarei dela.

Agarrou o atizador do lar e avançou decididamente para os pés da cama. Eu me pus de joelhos, lista para saltar em caso necessário. Jamie elevou o atizador e apartou a parte pendente da colcha.

Descarregou o atizador com grande força...mas o apartou a um lado, estrelando-o contra a parede.

-O que?- perguntei.

-O que?- repetiu ele, mas em tom de incredulidade. agachou-se um pouco mais, entortando os olhos na penumbra. Logo se pôs-se a rir. Deixando cair o atizador, ficou de cuclillas no chão para estirar lentamente o braço entre os pés da cama e o muro, emitindo entre dentes um pequeno gorjeio. parecia-se com o dos pássaros quando comem em algum matagal longínquo.

-Está lhe falando com o rato?- Comecei a engatinhar para ele, mas com um movimento de cabeça me indicou que retornasse, sem deixar de emitir aquele gorjeio.

-Aqui está seu rato, Sassenach- disse, depositando uma bola de cabelo cinza na colcha.

Dois enormes olhos, de cor verde clara, cravaram-se em mim sem piscar.

-me valha Deus!- disse-. De onde vieste?

-Esse é o presente que pensava te fazer, Sassenach- disse Jamie, com imensa satisfação-. Para que mantenha seu consultório livre de animálias.

-Serão das pequenas- observei, examinando meu novo presente-. Acredito que uma barata grande poderia levar-lhe a sua toca. E não quero nem pensar se se tratasse de um camundongo. É macho?

-Crescerá- assegurou-me Jamie-. Lhe olhe as patas.

O gato se pôs de barriga para cima e estava imitando a um inseto morto, com as patas no ar. Suas garras resultavam enormes em contraste com o corpo miúdo. Toquei as minúsculas almofadinhas, de rosa imaculado na espessura de suave pelagem cinza. O gatinho se retorceu em êxtase.

Alguém chamou discretamente à porta. Enquanto me cobria apressadamente o peito com o lençol, a porta se abriu, e vi aparecê-la cabeça do senhor Wemyss, com o cabelo rígido como palha de trigo.

-Né... tudo em ordem, senhor?- perguntou, com uma pálpebra míope-. Minha menina me despertou, dizendo que acreditava ter ouvido um grito. E logo ouvimos um golpe, como se...- Seus olhos, apartando-se apressadamente de mim, fixaram-se na marca que o atizador tinha deixado no muro caído.

-Sim, tudo está bem, Joseph- assegurou-lhe Jamie-. Era só um gatinho.

-Ah, sim?- O senhor Wemyss olhou para a cama entreabrindo os olhos. Sua cara fraca se dividiu em um sorriso ao ver o vulto de pelagem cinza-. Um bichano? Homem, será-nos útil na cozinha, sem dúvida.

-Sim. E falando de cozinhas, Joseph, seria possível que sua filha subisse uma tigela de nata para nossa hóspede?

O homem fez um gesto afirmativo e desapareceu, dedicando ao gatinho um último sorriso paternal.

Jamie se desperezou com um bocejo e se esfregou vigorosamente o cabelo, que estava mais revolto do habitual. Observei-o com apreciação puramente estética.

-Parece um mamute lanzudo- disse.

-Sim? E o que é um mamute, além de ser algo grande?

-uma espécie de elefante pré-histórico. Esses animais de tromba larga, sabe?

Ele entorto os olhos para olhar o corpo em toda sua longitude; logo me olhou com ar intrigado.

-Vá, obrigado pelo completo, Sassenach- disse-. De maneira que um mamute...

Projetou os braços para cima e voltou a esticar-se, arqueando despreocupadamente as costas; desse modo realçou qualquer parecido incidental que pudesse existir entre a anatomia matinal masculina e o adorno facial dos paquidermes.

-Não me referia precisamente a isso- ri-. Deixa de te exhibir. Lizzie entrará em qualquer momento. Ponha camisa ou volta para a cama.

Um ruído de pegadas no patamar fez que se mergulhara debaixo do edredom; o gatinho, assustado, brincou de correr pelo lençol. Mas quem trazia a tigela de nata resultou ser o senhor Wemyss em pessoa, para lhe evitar a sua filha a possível visão de um homem em seu estado natural.

Desenredei ao gatinho de meu cabelo, que se tinha refugiado ali, e o pus no chão, junto à terrina de nata. Provavelmente não tinha visto algo assim em sua vida, mas bastou com o aroma; poucos segundos depois tinha o focinho fundo até os bigodes e lambia com entusiasmo.

-Como ronrona!- comentou Jamie, aprovador-. Ouço-o daqui.

-É um encanto. De onde o tirou?- Me acurruqué contra o corpo do Jamie, desfrutando de seu calor; o fogo quase se apagou e o ambiente da habitação era gélido, e acre de cinzas.

-Encontrei-o no bosque.- depois de um grande bocejo, Jamie se relaxou, apoiando a cabeça em meu ombro para contemplar ao animal, que se tinha abandonado a um êxtase de gulodice-. Acreditava havê-lo perdido quando Gideon se desbocou. Suponho que se escondeu em uma das alforjas.

Jamie suspirou, me esquentando o ombro com seu fôlego.

-Uma semana, acredito- disse pelo baixo.

-Para que tenha que partir?

-Sim. É o tempo que necessito para deixar aqui ordenadas as coisas e falar com os homens da Colina. Logo, uma semana para cruzar o território entre a Linha do Tratado e Drunkar's Creek. Chamarei recrutamento e os trarei aqui para adestrá-los. Assim, no caso de que Tryon convoque a tropa...

Fiquei calada um instante, com uma mão envolvendo a do Jamie contra meu peito.

-Se a convoca irei com vós.

O me beijou a nuca.

-Quer vir?- perguntou-. Não acredito que seja necessário. Nem você nem

Bree recordam que tenha havido combates aqui por estas datas.

-Isso significa só que, de acontecer algo, não será uma grande batalha-repliquei-. Estas colônias são grandes, Jamie. E em duzentos anos passam muitas coisas. É lógico que não saibamos dos conflitos menores, sobre todos dos que aconteceram em um lugar diferente. Em Boston, em troca...

Apertei-lhe a mão com um suspiro.

-Sim, suponho que é certo- disse ele-. Mesmo assim não acredito que isto chegue a nada. Suponho que Tryon só quer assustar aos reguladores para que se comportem bem.

Isso era o mais provável. Mesmo assim eu recordava bem o velho dito: “O homem propõe e Deus dispõe.” Fora Deus ou William Tryon o que estava a cargo, só o céu sabia o que podia acontecer.

-É uma hipótese ou uma esperança?- perguntei-lhe.

Ele estirou as pernas com um suspiro e me rodeou a cintura.

-Ambas as coisas- admitiu-. Sobre tudo, uma esperança. Reza porque assim seja. Mas também é o que penso.

O gatinho, depois de esvaziar a tigela, sentou-se e retirou de seus bigodes os restos daquela deliciosa coisa branca; logo caminhou para a cama, com os laterais visivelmente avultados, e subiu de um salto. depois de acurrucarse contra mim, dormiu imediatamente.

Talvez não dormia de tudo, pois eu percebia a pequena vibração de seu ronrono através da colcha.

-Que nome poderia lhe pôr?- perguntei-me em voz alta, tocando o extremo da cauda suave, arrepiada-. Mancha? Pompom? Nuvem?

-O que nomeie tão tolos- murmurou Jamie, com preguiçosa tolerância-. Assim chamam os bichanos em Boston? Ou na Inglaterra?

-Não. Nunca tive gatos- admiti-. Frank lhes tinha alergia; faziam-no espirrar. me sugira então um bom nome escocês para gato. Diarmuid? MacGillvray?

Ele soprou de risada.

-Adso- disse. Chama-o Adso.

Ele apoiou comodamente o queixo em meu ombro, contemplando ao gatinho dormido.

-Minha mãe tinha ou gatinho que se chamava Adso- disse, sem que eu o esperasse-. Um bichano cinza, muito parecido a este.

-Seriamente?- Estranha vez falava de sua mãe, que tinha morrido quando ele tinha oito anos.

-Sim, era um bom caçador. E queria muito a minha mãe; aos meninos não nos fazia casa.- A lembrança o fez sorrir-. Possivelmente porque Jenny o vestia com roupa de bebê e lhe dava de comer bolachas. E eu o deixei cair no lago do moinho, para ver se sabia nadar. Sabia, mas não gostou.

-Eu não o reprovava- comentei, divertida-. Mas por que se chamava Adso? É o nome de algum santo?- Já estava habituada aos nomes peculiares dos Santos celtas, desde o Aodh a Dervorgilla. Mas nunca tinha ouvido falar de são Adso. Provavelmente fora o santo padroeiro dos ratos.

-Não, era um monge- corrigiu ele-. Minha mãe era muito culta. Estudou no Leoch, sabe?, junto com o Colum e Dougal; sabia ler grego e latim, um pouco de hebreu, francês e alemão. Certamente, no Lallybroch não tinha muitas oportunidades de ler, mas meu pai, com muito esforço, fazia trazer

livros desde o Edimburgo e Paris.

Alargou um braço por cima de meu corpo para tocar uma orelha sedosa, translúcida. O gatinho retorceu os bigodes, franzindo a cara como se fora a espirrar, mas não abriu os olhos. O ronrono continuou sem que tivesse minguido.

-Um de seus livros preferidos estava escrito por um austriaco, da cidade do Melk, e lhe gostou para o gatinho.

O gato, ao entreabrir uma pálpebra, deixou ver uma ranhura verde, em resposta para ouvir o nome. Logo voltou a fechar-se e o ronrono se reatou.

-Bom, se não lhe incomoda, suponho que a mim tampouco- disse, resignada-. Será Adso.

Mais vale mau conhecido

Uma semana depois, enquanto as mulheres nos dedicávamos à demolidora tarefa de lavar a roupa, a mula Clarence deixou ouvir seu clarinada, anunciando que se aproximavam visitas. Como cabia esperar, uma mula bago saía já de entre as árvores, seguida por uma gorda égua castanha a que levavam das rédeas. A mula agitou as orelhas, relinchando com entusiasmo em resposta à saudação do Clarence. me tampando os ouvidos com os dedos para bloquear esse alvoroço infernal, entreabri os olhos contra o fulgor do sol da tarde, tratando de distinguir ao cavaleiro montado na mula.

-Senhor Husband!- Corri a saudá-lo.

-você tenha bom dia, senhora Fraser!

Hermon Husband fez uma breve inclinação a modo de saudação. Logo desmontou com um grunhido que refletia muitas horas na cadeira. Quando se endireitou, seus lábios se moveram sem emitir som algum no marco da barba; era qualquer e não dizia palavrões, ao menos em voz alta.

-Está seu marido em casa, senhora Fraser?

-Acabo de ver que se dirigia ao estábulo. Irei buscá-lo- gritei, por cima do relinchar constante das mulas, e assinalei a casa com um gesto-. Eu me ocuparei de seus animais.

Ele me agradeceu isso com uma inclinação de cabeça e rodeou a casa, coxeando lentamente para a porta da cozinha. Notei que se movia com dor; logo que podia apoiar-se no pé esquerdo. Levaria muito tempo de viagem, provavelmente uma semana, quase sempre dormindo ao raso.

Desensillé a mula, retirando no processo dois alforjas gastas, meio cheias de panfletos mau impressos e grosseiramente ilustrados. Fixei-me na ilustração com interesse; era uma gravura em madeira de uns reguladores indignados, desafiando com expressão justiceira a um grupo de funcionários, entre os quais havia uma figura achaparrada que identifiquei sem dificuldade: David Anstruther; embora não se mencionava seu nome o artista tinha captado com notável facilidade o parecido do delegado com um sapo venenoso. Acaso Husband se dedicava agora a repartir essa sujeira se porta em porta?

Fui para o estábulo, uma cova de pouca profundidade que Jamie tinha fechado com uma grossa paliçada. Brianna dizia que era a sala de maternidade, posto que seus ocupantes habituais eram éguas, vacas ou cerdas a ponto de parir.

Perguntei-me que traria para o Hermon Husband por aqui...e se o estariam seguindo. Era dono de uma granja e um pequeno moinho, ambos a dois dias de caminho da Colina; costa pensar que só tivesse feito a viagem pelo prazer de nossa companhia.

Husband era um dos líderes da Regulação; mais de uma vez o tinham encarcerado pelos panfletos provocadores que imprimia e distribuía. Segundo minha notícias mais recentes, os quaisquer da zona o tinham excluído de suas reuniões, pois viam com maus olhos suas atividades, que

lhes pareciam uma incitação à violência. Não lhes faltava razão, a julgar pelo material que eu tinha lido.

A porta do estábulo estava aberta e deixava escapar um aroma agradavelmente fecundo a palha, esterco e calor animal, junto com uma corrente de palavras, também fecundas. Jamie, que não era qualquer, sim acreditava em palavras malsoantes e as estava usando profusamente, embora em gaélico, que tende mais a quão poético ao vulgar. As efusões desse momento se podiam traduzir, a grandes rasgos, como: “Oxalá lhe retorçam as vísceras como serpentes e as tripas lhe estalem através das paredes da pança! O que a maldição dos corvos caia sobre ti, feto de uma estirpe de moscas de estercolero!” Ou algo pelo estilo.

-Com quem está falando?- perguntei-lhe, aparecendo a cabeça pela porta-. E qual é a maldição dos corvos?

Pisquei na súbita penumbra; dele só vislumbrava uma sombra alta recortada contra os montões de feno claro acumulados contra a parede. Ele se voltou para me ouvir e caminhou para a luz da porta. Tinha estado acontecendo-os dedos pela cabeça; lhe tinham solto várias mechas de cabelo e tinha fibras de palha enganchadas neles.

-Tha negam na galladh torrach- disse, com um gesto feroz e um breve gesto para trás.

-Branca filha de p...! Essa condenada cerda tornou a fazê-lo!

A grande cerda branca, embora dotada de excelente graxa e assombrosa capacidade reprodutiva, era também uma besta ardilosa que não tolerava o cativeiro. Quando fui entrar, derrubou-me ao chão em sua fuga para os espaços abertos.

20

Lições de tiro

Brianna jogou uma olhada por cima de seu ombro, sentindo-se culpado. A casa tinha desaparecido sob um manto amarelo de folhas de castanho, mas o pranto de seu filho lhe ressonava nos ouvidos.

Ao ver que olhava para trás, Roger enrugou o gesto embora sua voz soou ligeira.

- Não lhe acontecerá nada. Já sabe que Lizzie e sua mãe o cuidarão bem.

- Lizzie o mimará até malcriá-lo - reconheceu ela.

Não gostava de abandoná-lo. Ainda tinha em sua cabeça, magnificados pela imaginação, os chiados de pânico do menino quando ela tentava desprender de sua camisa os dedos, para entregar-lhe a sua mãe; ainda via seu carita manchada de lágrimas, com expressão indignada ante a tração.

Mas ao mesmo tempo, experimentava uma urgente necessidade de escapar. Não via o momento de tirar-se essas manecitas pegajosas da pele e fugir na manhã, livre como um dos gansos que voavam grasnando para o sul pelos passos da montanha.

Disse-se, a contra gosto, que não sentiria tão culpado por havê-lo deixado se no fundo não o tivesse desejado tanto.

– Estou segura de que estará bem. – Dizia-o mais para tranquilizar-se que para o Roger-. É que...até agora nunca o tinha deixado durante tanto tempo.

– Faz um dia precioso, não crie?

A cara do Roger tinha perdido a expressão cautelosa. Ele também sorriu; seus olhos se suavizaram até um verde tão intenso e fresco como o musgo que formava densos leitos ao pé sombreado das árvores sob os quais passavam.

Estupendo – disse ele – Que bem sinta sair de casa! Verdade?

Ela olhou, mas aquilo parecia ser uma simples asseveração, sem motivos ulteriores. Em vez de responder, fez um gesto afirmativo, elevando a cara para a brisa que vagava entre as píceas e os abetos. Um redemoinho de ferrugentas folhas de álamo caiu sobre eles, adhiriéndose pasajeramente ao tecido das calças e às meédias de lã fina.

– Espera um momento.

Movida por um impulso, Bree se deteve para tirar o calçado de couro e as meédias, e os colocou sem olhares na mochila que levava a ombro. Logo permaneceu imóvel, com os olhos fechados em êxtase, movendo os largos dedos descalços sobre um emplastro de musgo úmido.

– Roger, o que deveria provar isto! É maravilhoso!

Ele arqueio uma sobrancelha, mas a obedeceu: deixou a arma (tinha-a pego ao sair e Bree o permitiu) e, descalçando-se e colocando-se detrás dela, deslizou cautelosamente pelo musgo um pé de comprimento ossos. Involuntariamente fechou os olhos, abrindo a boca em um “ Ah!” sem som.

Súbitamente, ela se girou para beijá-lo. Roger abriu os olhos pela surpresa, mas era rápido de reflexos: lhe rodeando a cintura com o braço, beijou-a. Na lonjura se ouviu um débil grito. Talvez era o pranto de um bebê, talvez só um corvo longínquo, mas a cabeça do Bree girou para o som, como a agulha de uma bússola que apontasse fielmente para o norte.

O momento se rompeu. Roger deu um passo atrás, soltando-a.

– Quer que retornemos? – perguntou, resignado.

Ela negou com a cabeça, com os dentes apertados.

– Não. Mas nos afastemos um pouco mais da casa, quer? Não convém incomodá-los com o ruído. Dos disparos, quero dizer.

Ele sorriu, enquanto Bree sentia que o sangue lhe ardia na cara. Não, não podia fingir que não se deu conta de que existia mais de um motivo para essa expedição privada.

– Claro, o dos disparos...–disse ele, agachando-se para recolher os meias três-quartos e os sapatos-. Vá.

Ela não quis calçar-se, mas aproveitou a oportunidade para agarrar a arma. Não é que não confiará nele, embora Roger admitia não ter disparado nunca uma arma aquela cone, mas sim gostava da sensação de levá-la.

– vais caminhar descalça? – Roger jogou um olhar inquisitivo a seus pés; logo, à montanha, onde um impreciso caminho serpenteava entre sarças e ramos quedas.

– Só durante um momento – lhe assegurou ela-.Quando era pequena ia sempre descalça. Papai...Frank...nos levava todos os verões à montanha:

às Brancas ou aos Adirondacks. Passada uma semana, a planta de meus pés parecia de couro. Teria podido caminhar sobre brasas sem sentir nada.

– Sim, também eu–disse ele, sorridente. E guardou seus sapatos. Logo assinalou com um gesto o vago atalho que se abria passo entre a maleza e as salientes graníticas meio coveiras–.Calro que caminhar à borda do Ness ou pelo guijarral do Firth era um pouco mais fácil que andar por aqui, apesar das pedras.

– É certo– reconheceu ela, olhando-se ceñudamente seus pés–.Te puseste a vacina antitetânica recentemente? Se por acaso pisa um pouco afiado e te corta?

Ele já ia escalando diante, apoiando o pé com cautela.

– antes de passar através das pedras me pus todas as vacine existentes–assegurou–. Tifo, cólera, dengue, de tudo. Seguro que o tétanos estava incluído.

– Dengue? Eu cria que me tinha vacinado de tudo, mas contra isso não. –Afundando os pois na fresca palhinha do pasto seco, deu vários passos para alcançá-lo–. Não acredito que aqui seja necessário.

O atalho rodeava a curva levantada de um ribazo coberto de erva amarelada, e desaparecia sob um maciço de discos escuros. Ele apartou as pesados ramos para deixá-la passar. Bree se agachou para a perfumada penumbra, sustentando o mosquete com cuidado em ambas as mãos.

– É que não sabia com certeza aonde teria que ir, compreende? –A voz do Roger chegou desde detrás dela, despreocupada, apagada pelo ar sombreado sob as árvores–. Se se tratasse das cidades costeiras ou as Índias Ocidentais, ali havia...há –se corrigiu automaticamente–muitas enfermidades africanas gastas pelos navios negreiros. Pareceu-me melhor estar preparado.

Ela aproveitou o escarpado do terreno para não responder, mas a horrorizava (e ao mesmo tempo lhe provocava um prazer vergonhoso) descobrir até onde estava disposto a chegar com tal de ir atrás dela.

O estou acostumado a estava talher pelo pardo matizado da pinaza; mas estava tão molhada que não rangia nem cravava os pés. Sentiu-a esponjosa, fresca e agradável baixo ela; por sua elasticidade, era como se a massa de agulhas murchas medisse ao menos trinta centímetros de profundidade.

–Ai! –Roger, menos afortunado, tinha escorregado ao pisar em um caqui podre; logo que conseguiu sujeitar-se a um arbusto de acebo, que o cravou com suas folhas espinhosas–. Mierda! –exclamou, chupando o polegar ferido–Menos mal que estou vacinado contra o tétanos!

Ela assentiu, rendo, mas de repente algo a preocupou: ela e Roger estavam protegidos contra enfermidades como a difteria e o tifo, mas Jemmy não.

Tragou saliva ao recordar o acontecido a noite anterior. Esse cavalo tinha mordido a seu pai no braço. Claire fez que se sentasse ante o fogo, sem camisa, para lhe limpar e lhe enfaixar a ferida. Como Jemmy aparecia a cabeça do berço, cheio de curiosidade, seu avô sonriando o pôs em seus joelhos.

–Arre, arre, cavalinho! – cantarolou, fazendo saltar ao pequeno–Ao passo!Ao trote!Ao galope!

Mas o que se gravou na mente do Bree não foi a encantadora cena dos dois ruivos festejando-se com risadas; foi a luz do fogo refulgindo na pele de seu filho, translúcida, perfeita, intacta,...e com um brilho prateado nas cicatrizes que cruzavam as costas de seu pai, vermelho escuro no corte sanguinolento do braço. Para os homens era uma época perigosa.

Não poderia proteger ao Jem de fazer-se danífico: sabia. Mas ao pensar que ele ou Roger podiam ficar doentes ou lesar-se, se o fazia um nó no estômago e um suor frio lhe percorria a cara.

– É este um bom sítio para praticar? –perguntou Roger.

Tinham chegado a um brejo, uma pradaria elevada, densa de ervas e rododendros. No lado oposto havia um grupo de álamos, cujos ramos pálidos tremulavam com uns quantos farrapos de folhas douradas e carmesins, vívidas contra o profundo azul do céu. Um arroio um pouco escondido gorgoteaba colina abaixo; um falcão de cauda vermelha voava em círculos. O estava bem alto, quente sobre seus ombros. E a pouca distância havia um agradável ribazo coberto de erva.

–Perfeito–disse Bree.

E baixou o mosquete que levava o ombro.

Era uma arma magnífica, que superava o metro e meio de longitude, mas tão bem equilibrada que podia sustentar-se descansando com o braço estendido sem que se movesse. Isso estava fazendo Brianna, a maneira de demonstração.

–Vê? – disse, recolhendo o braço e apoiando a culatra contra seu ombro, em um movimento fluido–. Esse esse o ponto de equilíbrio; tem que pôr a mão esquerda aqui; com a direita, agarra a culatra e a parientas contra seu ombro. Coloca-a bem, que não se mova. O retrocesso é muito forte.

Golpeou levemente a culatra de noqueira contra o ombro coberto de pele de veado; logo baixou a arma par dar-lhe ao Roger. Ele observou, irônico, que punha menos ternura e cautela quanto lhe entregava ao bebê. Por outra parte, até o que tinha podido ver, Jemmy era muitos mais indestrutível que o mosquete.

Bree lhe ensinava, ao princípio vacilante e relutante a corrigi-lo. Mas ele se mordida a língua e a imitava com esmero, seguindo a fácil sucessão de passos: abrir o cartucho com os dentes, cevar, carregar, martelar e verificar. Embora vexado por sua própria estupidez de novato, secretamente estava fascinado (e não pouco excitado) pela ferocidade que adquiriam os movimentos de sua esposa.

–trouxeste o lanche? –brincou ele–. Eu esperava que matássemos algo e nos comêssemos isso.

Sem lhe emprestar atenção, ela extraiu um puído lenço de cor clara para utilizar como branco. Sacudiu-o com ar crítico. Em outros tempos cheirava a jasmims e a erva; agora, a pólvora, couro e suor. Roger aspirou esse aroma, acariciando disimuladamente a madeira da culatra.

– Preparado? – perguntou ela, lhe dirigindo um sorriso.

– Sim, claro.

– Revisa sua pederneira e sua carga. Eu irei colocar o branco.

Vista desde atrás, com o cabelo avermelhado pacote com força, vestida com essa folgada camisa de caçador que a cobria dos ombros até as coxas, o parecido com seu pai se intensificava de um modo surpreendente. Mas era impossível confundi-los: com calças ou sem eles, Jamie Fraser nunca tinha tido esse traseiro.

Havia outro motivo para lhe pedir a Brianna que saísse a disparar com ele. Não cabia pensar que esse motivo permanecesse oculto: quando ele o sugeriu, Claire os tinha cuidadosos a ambos com um ar divertido e sapiente, que fez exclamar a Brianna, em tom de acusação: “ Mamãe!” .

depois dessa muito breve noite de bodas, na congregação, esta era primeira e única vez que estava a sós com a Brianna, livre das insaciáveis exigências de sua vergôntea.

Quando ela baixou o braço, viu um brilho do sol refletido em sua boneca: tinha posto seu bracelete, e ele o comprovou com um intenso prazer. O tinha agradável ao lhe pedir que se casasse com ele, fazia toda uma vida, nas glaciais brumas de uma noite, no Inverness. Era um simples aro de prata que tinha umas frases gravada em francês: Je t’amie, dizia; “ amo-te” . Um peu, beaucoup, passionnement, ps du tout: “ um pouco, muito, apaixonadamente, nada absolutamente” .

– Passionement– murmurou, enquanto imaginava sem nada em cima, salvo esse bracelete e seu anel de bodas.

Mas terei que começar com o primeiro. E agarrou um novo cartucho. Ao fim e ao cabo tinham tempo.

Uma vez segura de que Roger ia adquirindo bons hábitos para carregar a arma, embora ainda não tivesse velocidade, Brianna lhe permitiu apontar e, por fim, disparar. Continuando, baixou o mosquete e olhou a Brianna com um grande sorriso. Ela explorou em uma gargalhada.

– Parece um desses cômicos que se disfarçam de negros–disse, com a ponta do nariz avermelhado pela diversão–. Toma, te limpe um pouco, que agora vamos disparar desde mais longe.

Em troca da arma lhe deu um lenço limpo. Ele se limpou a fuligem da cara, enquanto Bree limpava o canhão e recarregava sem esforço. de repente ela levantou bruscamente a cabeça, cravando os olhos em um carvalho, ao outro lado da pradaria.

Roger não tinha ouvido nada, pois ainda estava ensurdecido pelo rugir do mosquete, mas ao voltar-se divisou um pequeno movimento: era um esquilo cinza, em equilíbrio sobre o ramo de um pinheiro, a nove ou dez metros do chão.

Sem a menor vacilação, Brianna apoiou a arma contra seu ombro e pareceu disparar, tudo a um tempo. O ramo que sustentava ao esquilo voou em uma chuva de lasca; o animal caiu a terra, ricocheteando no trajeto contra os elásticos ramos da confira.

Roger correu até a árvore, mas precisava dar-se pressa: o esquilo jazia morta, flácida como um trapo.

– Bom disparo– a felicitou, mostrando a peça a Brianna, que se aproximava de vê-la–. Mas não tem uma só marca. Deve havê-la matado com susto.

Ela sustentou seu olhar.

– Se tivesse querido lhe dar, Roger, o teria feito– assegurou, com um sotaque de recriminação–. E se o tivesse feito, agora teria na mão um punhado de purê de esquilo. Às peças desse tamanho não lhes aponta diretamente: aponta às patas e as derruba. – Parecia uma bondosa professora de maternal corrigindo a um aluno lento.

– Ah, sim? – Ele reprimiu uma leve irritação–. Isso lhe ensino isso seu pai?

Ela o olhou com ar estranho.

– Não. Ensino-me isso Ian.

A resposta foi um murmúrio que não dizia nada. Ian era um tema incômodo para a família. Todos amavam a esse primo da Brianna e o sentiam falta de. Mesmo assim, por delicadeza se abstinham de mencioná-lo ante o Roger.

Não tinha sido exatamente culpa dela que Ian Murray ficasse com os mohawk, mas tampouco se podia negar que ele tinha tido algo que ver com o assunto. Se não tivesse matado a esse índio...

Não era a primeira vez que Roger apartava as lembranças confusas daquela noite no Snaketown. Mesmo assim podia sentir as lembranças físicas: a quebra de onda de terror no ventre: o estremecimento do impacto nos músculos de seus braços ao cravar com toda sua força o extremos quebrado de uma vara na sombra que fazia aparecido ante ele, saindo da lhe uivem escuridão. Uma sombra muito sólida.

Recoda ao Murray com clareza, embora apenas o tinha visto; não era mais que um moço, desajeitado e alto, de cara feia, mas simpática.

Ao pensar em sua cara, viu-a como a última vez: recém marcada com uma tatuagem em forma de ponto, que cruzava as bochechas e a ponte do nariz. Estava bronzeado, mas a pele do couro cabeludo, recém barbeado, era de um tom claro e rosado, como o traseiro de um bebê.

– O que acontece?

A voz da Brianna o sobressaltou, fazendo que ao disparar o canhão saltasse para cima. O projétil se desviou ainda mais que os anteriores. Em doze disparos não pôde fazer um solo branco.

– O que acontece? – repetiu ela.

Roger aspirou fundo e se esfregou a cara com a manga, sem que lhe importasse manchar a de fuligem.

– Sua primo– disse abruptamente–. Lamento o que lhe passou, Bree.

A cara da moça se abrandou ao suavizar o cenho preocupado.

– OH! – disse. E se aproximou, lhe apoiando uma mão no braço, de modo que ele sentiu o calor de sua proximidade. Logo, com um profundo suspiro, apoiou a frente em seu ombro–. Bom– disse a fim–, eu também o lamento, mas não tem mais culpa que ou papai... ou o mesmo Ian. – Emitiu um pequeno bufo que talvez quis ser risada–. Se alguém tiver a culpa, essa é Lizzie... e a ela ninguém o reprova.

Ele sorriu com certa ironia.

– Sim, compreendo– disse, cobrindo com uma mão a suavidade de sua trança. Tem razão. Entretanto...matei a um homem, Bree.

Ela não se apartou nem fez gestos de surpresa; pelo contrário, ficou completamente imóvel. Ele também; era o último que pensava dizer.

– Não me havia isso dito– manifestou ela, por fim, levantando a cabeça

para olhá-lo. Parecia indecisa, como se vacilasse continuar falando do tema. A brisa lhe cruzou a cara com uma mecha de cabelos, sem que ela fizesse nada por apartá-los.

– Eu... bom, para falar a verdade, logo que pensei nisso.

Roger deixou cair a mão, e a imobilidade se quebrou. Bree deu um passo atrás.

– Sonha terrível, verdade? Mas... – Procurou trabalhosamente as palavras adequadas. Embora não tinha sido sua intenção, agora que tinha começado a falar, sentia a urgente necessidade de explicar-se.

– Foi de noite, durante um combate na aldeia. Escapei. Tinha uma parte de vara rota na mão. Quando alguém saiu da escuridão...

de repente encurvou os ombros, compreendendo que não havia maneira possível de explicá-lo. Baixou a vista ao mosquete que ainda tinha na mão.

– Ignorava que o tivesse matado– disse muito fco, a vista no pederneira–. Nem sequer lhe vi a cara. Incluso no sei quem era...embora sem dúvida o conhecia; Snaketown era uma aldeia pequena e eu conhecia todos os NE rononkwe.

De súbito se perguntou por que não lhe tinha ocorrido pensar quem era o morto. Obviamente, não o tinha feito porque preferia não havê-lo feito.

– NE rononkwe? – Ela repetiu as palavras com ar incerto.

– Os homens... os guerreiros... os valentes. Assim é como se chamam, Kahnyen'kehka.

Sentiu que Bree voltava a aproximar-se, mas sem sentir repulsa.

– Arrepende-te de havê-lo feito?

– Não– respondeu o imediatamente. Levanto a vista–. Quer dizer...sim, lamento que tenha acontecido. Mas não me arrependo de havê-lo feito.

Ele estava no Snaketown como escravo e não sentia nenhum afeto pelos mohawk, embora os havia bastante decentes. Nunca teve intenção de matar: só se defendeu. E nas mesmas circunstâncias voltaria fazê-lo.

Não obstante havia uma pequena chaga de culpa, pela facilidade com que tinha descartado essa morte. Os kahnyen'kehka cantavam e narravam histórias de seus mortos, mantendo a memória viva em volto das fogueiras, nomeando-os e relatando suas façanhas por muitas gerações. O mesmo faziam os escoceses de Terras Altas.

Mesmo assim, tinha a escura sensação de ter privado ao morto desconhecido, não só de sua vida, mas também de seu nome, ao tratar de apagá-lo com o esquecimento, de comportar-se como se essa morte não tivesse acontecido, só para livrar-se de tomar consciência dela. E isso estava mau, disse-se.

Bree permanecia quieta, mas não imóvel; seus olhos descansavam nele com um pouco parecido à compaixão. Mesmo assim, Roger desviou a vista para o mosquete cujo canhão aferrava. Seus dedos manchados de fuligem tinham deixado no metal negros ovalóides gordurentos. Ela alargou a mão para agarrar a arma e apagou as marcas com a aba de sua camisa.

Roger deixou que ficasse. Enquanto a observava, esfregou-se os dedos sujos nas calças.

– É que... não te parece que, se tiver que matar a alguém, deveria ser com um propósito?

Ela não respondeu, mas seus lábios se franziram um pouco. Logo voltaram a relaxar-se.

– Se isto disparas contra alguém, Roger, será com um propósito– disse em voz baixa.

Cravou-lhe os olhos azuis, apaixonados. O que ele tinha tomado por paixão era, em realidade, uma fera quietude, como pequenas chamas azuis em um lenho já consumido.

– E se tiver que matar a alguém, Roger, quero que o faça com intenção.

Uns vinte e cinco disparos depois, ele podia fazer branco nos tacos de maneira ao menos em um de cada seis intentos. Ela notou que começavam a lhe tremer os músculos do antebraço, cansados pelo esforço. Em adiante, falharia cada vez mais por pura fadiga. E não seria bom para ele.

Tampouco para ela. Começavam a doê-los peitos, lojas de comestíveis de leite. Logo terei que fazer algo com isso. Depois do último disparo se fez cargo do mosquete.

– vamos comer– disse, sorridente–. Estou esfomeada.

O esforço de disparar, recarregar e pôr os brancos os tinha mantido em calor, mas se aproximava o inverno e o ar estava frio. Muito frio, lamentou-se ela, para tender-se nus entre as samambaias secas. Mas o sol esquentava e ela havia tomando a previsão de pôr dois edredons velhos em sua mochila, junto com o almoço.

Roger guardava silêncio, mas era um silêncio cômodo. Enquanto ele cortava fatias de queijo duro, baixas as pestanas, ela admirou seus membros comprido; os dedos, pulcros e rápidos; a boca suave, e uma gota de suor que rodava pela curva bronzeada de seu maçã do rosto, diante da orelha.

Não sabia com certeza como interpretar o que havia lhe contando. De qualquer modo era bom que o houvesse dito, embora não gostava de pensar em sua estadia com os mohawk. Para ela tinham sido tempos tão maus como par Roger: sozinha, grávida, sem saber se ele ou seus pais voltariam jamais. Ao alargar a mão para aceitar uma parte de queijo, roçou-lhe os dedos e se inclinou para diante, para incitá-lo a beijá-la.

Ele o fez; logo se apartou. Seus olhos, livres da sombra que os acossava antes, eram de um verde suave e claro.

– Pizza– disse Roger.

Ela piscou, mas imediatamente pôs-se a rir. Era um de seus jogos: alternar-se para mencionar as coisas que sentiam saudades daquele outro tempo, o de antes...ou o de depois, segundo como se olhará.

– A Coca-cola– replicou imediatamente–. Acredito que poderia fazer pizza, mas de que serve a pizza sem a Coca-cola?

– A cerveja é perfeita para lhe acompanhá-la assegurou ele–. Mas de verdade crie que poderia fazer pizza?

– Não vejo por que não. – Ela mordiscou o queijo, pensativa–. Este não serviria– decidiu; continuando, fez uma pausa para mastigar e tragar, e logo bebeu um comprido gole de cidra–. Agora que o penso, isto iria muito bem com pizza. – Baixando a bota, lambeu de seus lábios o resto doce, levemente alcoólico–. Mas o queijo...possivelmente se pudesse tuser o de ovelha. Papai trouxe um pouco de Salem, a última vez que esteve ali. Pedirei-lhe que

consiga um pouco mais para ver como se funde.

Logo entreabriu os olhos para o sol brilhante e pálido, fazendo seus cálculos.

– Mamãe tem tomate seco em abundância. E toneladas de alho. Sei que também há manjerição. Quanto ao órgão, tenho minhas dúvidas, mas poderia prescindir dele. E a respeito da massa... –Desprezou o detalhe com um gesto da mão–. Farinha, água e graxa. Nenhum problema.

Roger, rendo, deu-lhe uma bolacha cheia de presunto e do picadinho da senhora Bug.

–” De como chegou a pizza às colônias” –disse, elevando a bota de cidra em um breve brinde–. A gente sempre se pergunta de onde saíram os grandes inventos da humanidade. Agora sabemos!

– Talvez sabemos, sim –disse ela brandamente, ao cabo de um instante. – Perguntaste-te alguma vez por que estamos aqui?

– É óbvio. – O verde de seus olhos era agora mais escuro. – Seu também, verdade?

Ela assentiu com a cabeça e deu uma dentada à bolacha; o picadinho estava doce pela cebola e também picante. Os três tinham pensado nisso, certamente. Ela, Roger e sua mãe. Sem dúvida alguma, esse passo através das pedras devia ter algum sentido. Entretanto... seus pais estranha vez falavam da guerra e as batalhas, mas pelo pouco que diziam (e pelo muito que tinha lido) sabia o casuais e sem sentido que revistam ser estas coisas.

Roger esmiuçou um resto de pão entre os dedos e arrojou as migalhas a um par de metros.

– Bom –disse–, se alguma vez o descobrir, não deixe de me dizer isso quer?

Bree sentia o pulsar do coração lhe fazendo cócegas nos peitos; pequenas descargas elétricas, que o baluarte do esterno já não podia conter, beliscavam-lhe os mamilos. Não se atreveu a pensar no Jem; bastaria uma insinuação para que seu leite emanasse a correntes.

Sem dar-se tempo a pensá-lo muito, tirou-se a camisa pela cabeça.

Roger tinha os olhos abertos, fixos nelas, suaves e brilhantes como o musgo sob as árvores. Ela desfez o nó da banda de linho e sentiu o toque frio do vento nos peitos nus. Sustentou-os com as mãos; a pesadez se iniciava, lhe façam cócegas.

– Vêem –disse em voz baixa, os olhos fixos nele–. Date pressa. Necessito-te.

Estavam meios vestidos, comodamente enredados sob o edredom esfarrapado, dormitados e pegajosos pelo leite seco. Ainda os rodeava o calor da paixão.

Estaria acordado Roger? Em vez de girar a cabeça ou abrir os olhos, para comprová-lo, ela tratou de lhe enviar uma mensagem: uma lenta e pessoal palpitação do coração, uma pergunta que navegasse de sangue a sangue. “ Está aí?” , disse, sem voz. Durante um momento não aconteceu nada. Sua respiração lenta e regular era um contraponto ao suspiro da brisa entre as árvores e a erva, como o fluxo que chega a uma costa arenosa. Logo, o dedo do Roger lhe roçou a palma, tão leve que poderia ter sido o contato de

uma aleta ou uma pluma.

“Estou aqui—dizia—.E você?”

A mão do Bree se fechou sobre a dele. E Roger se voltou para ela.

Nessa época do ano, a luz morria cedo. Embora ainda faltava um mês para o solstício de inverno, a meia tare o sol já roçava o pendente do Black Mountain. Quando giraram para o este, rumo ao lar, suas sombras se estiraram para frente até alcançar uma longitude impossível.

Bree levava o mosquete. Embora não tinham saído a caçar, se se apresentava a oportunidade não a desperdiçaria. O esquilo que tinha matado antes já estava poda e guardada em sua mochila, mas logo que alcançava para dar um pouco de sabor ao guisado de verduras. Não viria mal caçar umas quantas mais. Ou uma zarigüeya, pensou, sonhadora.

Um bando de codornas saiu de um arbusto próximo como um estalo de metralha. Ela deu um coice, com o coração na boca.

– Esses se comem, não? –Roger assinalava com a vista a última daquelas bolinhas cinzas e brancas. Ele também se sobressaltou, mas não tanto como ela; Bree o notou com chateio.

– Sim –disse, mal-humorada por haver-se deixado pilhar despreparada–. Mas não os dispare com o mosquete, usa uma arma para aves, com perdigones. É como uma escopeta.

– Já sei –replicou ele, seco.

Bree não tinha desejos de conversar; aquilo a tinha arrancado de seu humor apazível. Os peitos começavam a lhe pesar outra vez; era hora de ir a casa, a pelo Jemmy.

Suspirou profundamente. Roger riu pelo baixo.

– Hum? –perguntou ela, girando a cabeça.

Roger lhe rodeou a cintura com um braço.

– foi um dia precioso, verdade? –comentou ele, brandamente.

– Sim –confirmou ela sorrindo.

ia dizer algo mais, mas por cima do sussurro dos ramos lhe chegou outro ruído. apartou-se súbitamente.

– O que...?

Mas ela se levou um dedo aos lábios para sossegá-lo. Logo se correu para um grupo de carvalhos, chamando-o por gestos.

Era um bando de perus que escavavam tranqüilamente sob um carvalho grande, desenterrando vermes. O sol, já baixo, iluminava a iridiscência de seus peitos, fazendo que o negro desbotado das aves refulgisse em pequenos arco íris a cada movimento.

Bree já tinha a arma carregada, mas não o tinha cevado. Procurou provas o bote de pólvora que levava no cinturão e encheu a cazoleta, quase sem apartar a vista dos perus. Roger se escondeu a seu lado. Lhe deu uma cotovelada, lhe oferecendo a arma com uma sobancelha arqueada. As aves estavam apenas a vinte metros e até a mais pequenas tinham o tamanho de uma bola de futebol.

Ele vacilou, mas o desejo de tentá-lo era visível em seu olho. Bree lhe pôs firmemente a arma nas mãos e assinalou um oco no matagal. Roger trocou cautelosamente de posição, procurando uma linha visual limpa. Bree

abria e fechava as mãos; morria por corrigi-lo, por apertar o gatilho.

Viu que aspirava fundo e continha o fôlego. Logo ocorreram três coisas, em tão rápida sucessão que pareceram simultâneas. O mosquete se disparou com um enorme fum!, uma chuva de folhas secas brotou da terra, sob a árvore, e quinze perus enlouquecidos correram diretamente para eles, como uma equipe de futebol demente, entre histéricos gluglús.

O mosquete voou pelo ar. Brianna o apanhou e extraiu um cartucho da caixa que levava no cinturão. Enquanto, o último peru correu para o Roger, serpenteou para esquivá-lo e, ao vê-la, lançou-se em direção oposta. Pró fim passou como raio entre os dois, glugluteando alarma e imprecações.

Bree se deu a volta e apontou no momento em que o ave abandonava o chão. Por uma fração de segundo viu o vulto negro recortado contra o céu diáfano e disparou contra as plumas de sua cauda. O peru caiu a quarenta metros de distância e tocou terra com um golpe seco, audível.

Ela se esteve quieta um momento. Logo baixou lentamente o mosquete. Roger a olhava, boquiaberto, apartando-os arranhões sanguinolento com o tecido da confisca. Bree lhe sorriu levemente; tinha as mãos suarentas contra a culatra de madeira e o coração lhe palpitava com força, em uma reação tardia.

–Deus bendito! –exclamou ele, impressionado–. Isso não foi só questão de sorte verdade?

– Pois... em parte –disse ela, tratando de ser modesta. Mas fracassou. Um enorme sorriso lhe floresceu na cara–. Possivelmente a metade.

Ele foi cobrar a presa, enquanto Bree voltava a limpar a arma. Retornou com um ave de cinco quilogramas, que gotejava sangue como se fora um cantil agujerada.

–Que inseto! –Roger estirou o braço para que escorresse–. Não acredito ter visto nenhum antes, como não fora assado em uma bandeja, com enfeite de castanhas e batatas assadas. –Olhou-a com grande respeito–. Foi um disparo estupendo, Bree.

Ela avermelhou de prazer, contendo-se para não dizer: “ Mas se não ter sido nada” . Se conformou lhe dando as obrigados.

Continuaram a marcha para sua casa. Roger levava o ave lhe gotejem, um pouco separada do corpo.

– Você tampouco faz muito tempo que pratica o tiro –comentou, ainda impressionado–. Seis meses, talvez?

Ela não queria descender na avaliação da façanha; mesmo assim se ponho-se a rir e lhe disse a verdade, encolhendo-se de ombros.

– Mas bem seis anos. Provavelmente dez.

– Como?

– Papai... Frank... me ensina a disparar quando tinha onze ou doze anos. Aos treze deu de presente um calibre vinte e dois. Aos quinze já levava a disparar contra alvos da terracota. Durante os fins de semana de outono íamos caçar pombas e perdizes.

Roger a olhou com interesse.

– Supus que te teria ensinado Jamie. Não tinha nem idéia de que Frank Randall fora tão esportista.

– É que não o era –replicou ela, pausada–. OH!, sabia disparar, porque durante a Segunda guerra mundial estive no exército. Mas não praticava

muito. limitava-se a me ensinar e a olhar. Em realidade, nem sequer tinha armas.

– Que estranho!

– Também sinto saudades –continuou, tentando mostrar-se indiferente–, depois de que me contou o de sua carta e tudo é, na congregação.

O calvo um olhar agudo.

– O que é o estranho?

Bree aspirou fundo, sentindo que as bandas de linho lhe afundavam nos peitos.

– Que um homem que não sabia montar nem disparar se tomasse tantas moléstias para que sua filha soubesse fazer as duas coisas. E não porque estivesse de moda entre as meninas. –Tratou de rir–. Em Boston, ao menos.

Por um momento não se ouviu outra coisa que o sussurro dos pois entre as folhas secas.

– Jesus! –murmurou Roger, ao fim–. Procurou o Jamie Fraser. Dizia-o em sua carta.

– E achou a um Jamie Fraser. Isso também o dizia. O que não sabemos é se era o que correspondia. –Bree mantinha a vista fixa em suas botas, atenta às serpentes. No bosque havia serpentes cascavel e cabeça de cobre. de vez em quando as via tomando sol nas pedras ou em cima de troncos ensolarados.

Roger aspirou fundo, levantando a cabeça.

– Sim. E agora te está perguntando que mais pôde ter descoberto.

Ela assentiu sem olhá-lo.

– Talvez me descobriu –disse pelo baixo, com um nó na garganta–. Talvez sabia que eu cruzaria através das pedras. Em todo caso não me disse isso.

Ele se deteve e a agarrou de um braço para girá-la sobre ele.

– E talvez não sabia –disse com firmeza–. Possivelmente só pensou que o tentará, se alguma vez averiguava o do Fraser. E se por acaso o fazia... quis que estivesse a salvo. Eu acredito que isso é o que desejava, soubesse o que soubesse: que estivesse a salvo. –Esboçou um sorriso um pouco torcido–. Quão mesmo você quer para mim, verdade?

Ela soltou um fundo suspiro. Essas palavras a consolavam. Nunca tinha posto em dúvida que Frank Randall a tinha querido durante toda sua infância e sua adolescência. E não queria duvidar tampouco agora.

– Sim –disse, ficando nas pontas dos pés para lhe dar um beijo.

– Pois bem. –Lhe tocou brandamente o peito, ali onde a pele de veado mostrava já um pequeno emplastro molhado–. Jem tem que ter fome. Vamos. Já deveríamos estar em casa.

E continuaram baixando a montanha, por volta do dourado mar de folhas de castanho, contemplando as sombras abraçadas que os prediziam.

– Crie que...?–começou ela. Mas vacilou.

A cabeça de uma sombra se inclinou para a outra, atenta.

– Crie que Ian será feliz?

– Isso espero –respondeu Roger, rodeando o braço que a rodeava–. Se tiver uma esposa como a meu... estou seguro de que sim.

Vinte sobre vinte

Agora sujeita isto sobre o olho esquerdo e lê a linha mais pequena que possa ver com claridade.

Com ar de grande paciência, Roger aproximou a colher de madeira a seu olho direito e entreabriu o esquerdo, concentrando-se na folha de papel que eu tinha parecido na porta da cozinha. Ele estava de pé no vestíbulo da entrada, pois o corredor era o único lugar do interior da casa que media uns seis metros.

- Et seu Brute? –leu. Logo baixou a colher para me olhar, com uma sobrançelha levantada-. Nunca tinha visto nenhuma tabela tão culta.

- É que sempre pensado que as normais som bastante aborrecidas –lhe expliquei-. Agora o outro olho, por favor. Qual é a linha mais pequena que pode ler com facilidade?

Ele investiu a colher, entortando os olhos ante as cinco linhas escritas à mão, cujos tamanhos decresciam tão uniformemente como eu tinha sido capaz de fazê-lo. Logo leu lentamente a terceira.

- «No coma mais cebollas.» De quem é isto?

- Do Shakespeare, é obvio –respondi eu, tomando nota-. «No coma cebolas nem alho, pois devemos exalar um suave Essa aliento.» é a mais pequena que chega a ler?

Vi que a expressão do Jamie se alterou sutilmente. Ele e Brianna estavam de pé detrás do Roger, no alpendre, presenciando os procedimentos com grande interesse. Brianna se inclinava levemente para seu marido, com expressão algo ansiosa, como se assim o impulsioneasse a ver. A expressão de seu pai, em troca, delatava uma leve surpresa, um pouco de piedade... e um inegável brilho de satisfação. Pelo visto ele se podia ler a quinta linha sem dificuldade. «Lo honro», de Julho César: «Porque era valente, honro-o; porque era ambiciosa, o maté.»

Ele deveu perceber meu olhar, pois sua expressão se desvaneceu; imediatamente sua cara reassumiu ao acostumado bom humor inescrutável. Entreabri os olhos, para lhe dizer: «No me engañas», e ele apartou a vista. A comissura de seus lábios se contraiu levemente.

- Não os nada da seguinte? –Bree se tinha aproximado um pouco mais ao Roger, como atraída por osmose. Olhou atentamente o papel; logo, a seu marido, lhe dando ânimos. Obviamente ela também podia ver as duas últimas linhas sem dificuldade.

- Não –disse Roger, bastante seco.

A pedido do Bree tinha mimado que eu lhe examinasse os olhos, mas era evidente que isso não o fazia feliz. Descarregou a colher de madeira contra a palma de sua mão, impaciente por terminar.

- Algo mais?

- Só uns poucos exercícios –disse, tratando de acalmá-lo-. Vêem aqui. Há mais luz.-Apoiei-lhe uma mão no braço para levá-lo a meu consultório, enquanto olhava com dureza aos outros-. Brianna, por que não põe a mesa

para jantar? Não demoraremos muito.

Ela vacilou um instante, mas Jamie lhe disse algo em voz baixa. Roger estava de pé entre o caos de minha consulta, como um urso que ouvisse ladrar aos cães na distância: simultaneamente vexado e precavido.

- Não é necessário tudo isto –disse, enquanto eu fechava a porta-. Vejo bem. É só que ainda não tenho muita pontaria. Não me passa nada mau nos olhos.

Ainda assim não fez intento algum de escapar. Eu captei um tom dubio em sua voz.

- Isso acredito, sim –disse com ligeireza-. De qualquer modo, deixa que te veja. Só por curiosidade...

Obtive que se sentasse, embora a contra gosto, e a falta da pequena lanterna habitual, acendi uma vela. Passei-a por diante de sua cara, para cima, para baixo, à direita, à esquerda, lhe pedindo que não deixasse de olhá-la e observando as mudanças, enquanto seus olhos se moviam de um lado a outro. Como para esse exercício não se requeriam respostas, começou a relaxar-se um pouco; gradualmente afrouxou as mãos contra as coxas.

- Muito bem –disse, em tom grave e sedativo-. Sim, assim é... Pode olhar para cima, por favor? Sim... Agora para baixo, para o rincão da janela. Estraguem...sim. Agora me olhe outra vez. Vê este dedo? Bem, agora fecha o olho esquerdo e me diga se se mover. Estraguem...

Por fim apaguei a vela de um sopro e estirei as costas com um pequeno grunhido.

- Bem –disse ele, com leveza-. Qual é o veredicto, doutora? Devo ir fazer me um fortificação branco?

Agitou a mão para ventilar as volutas de fumaça da vela apagada, fingindo indiferença; tão somente o desmentiu uma ligeira tensão nos ombros. Ri.

- Não, ainda não necessita um cão guia de cegos, nem sequer óculos. Não obstante... há dito que nunca tinha visto uma tabela literária. Deduzo que as viu de outro tipo. Usava óculos quando foi menino?

Ele enrugou o sobrecenho, retrocedendo em sua mente.

- Sim - disse lentamente. A sua cara apareceu um sorriso-. Melhor dizendo, tive um par. Dois, três. Quando tinha sete ou oito anos, acredito. Eram uma moléstia e medaban dor de cabeça, de modo que tendia às esquecer no ônibus, ou entre as pedras do rio... Em realidade, não recordo as haver tido postas durante mais de uma hora em cada ocasião. Quando perdi o terceiro par, meu pai se deu por vencido. – encolheu-se de ombros-. Se tiver que ser franco, sempre pensei que não as necessitava.

- Bom, por agora não.

Ao captar o tom de minha voz me olhou com ar intrigado.

- Como?

- É um pouco míope do olho esquerdo, mas não tanto como para que te cause dificuldades. –Esfreguei-me a ponte do nariz, como se percebesse ali o beliscão dos óculos-. Me deixe adivinhar... Quando foi à escola jogava bem ao jôquei e ao futebol, mas não ao tênis.

Ele riu. Seus olhos se enrugaram nas comissuras.

- Tênis? Nas escolas primárias do Inverness? Haveríamos dito que era um jogo para maricas. Mas te compreendo. E tem razão: jogava bem ao

futebol, mas não servia para o tênis. por que?

- Porque não tem visão binocular –expliquei-. É provável que alguém o detectasse quando foi menino e que tratasse de lhe corrigir isso com lentes prismáticas. Mas aos sete ou oito anos já era tarde –me apressei a acrescentar, vendo que não compreendia-. Para que dê resultado é preciso fazê-lo antes dos cinco anos.

- Que não tenho... visão binocular? Mas não a temos todos? Quer dizer... os dois olhos me funcionam, verdade?

Parecia um pouco desconcertado. olhou-se a palma da mão, fechando um olho e logo o outro, como se esperasse encontrar alguma resposta em suas linhas.

- Seus olhos funcionam bem –lhe assegurei-. O problema é que não o fazem de uma vez. Em realidade é um transtorno bastante comum; muitos o sofrem sem sabê-lo. Em algumas pessoas, não se sabe por que, o cérebro nunca aprende a fundir as imagens que vêm dos dois olhos, para conformar uma imagem tridimensional.

- Não vejo em três dimensões? –agora me olhava com olhos muito entreabridos, como se esperasse lombriga súbitamente aplanada contra o muro.

- A verdade é que... não tenho equipe de oculista. –Indiquei com um gesto a vela apagada, a colher de madeira, as figuras desenhadas e um par de varinhas que tinha estado usando-. Nem estudos especializados. Mas estou quase segura, sim.

Expliquei-lhe o que sabia, e ele me escutava em silêncio. Sua vista parecia bastante normal quanto a acuidade. Mas como seu cérebro não fundia a informação de seus olhos, ele devia calcular a distância e a localização relativa dos objetos por simples comparação inconsciente dos distintos tamanhos, em vez de formar uma verdadeira imagem tridimensional. O qual significava que...

- Vê bem para realizar quase qualquer tarefa que deseje –lhe assegurei-. E é muito provável que aprenda a disparar bem. De fato, a maioria da gente fecha um olho para disparar. Mas poderia ter dificuldades para disparar contra brancos móveis. Embora veja aquilo aos que aponta, ao carecer de visão binocular talvez não possa determinar exatamente onde está, a fim de dar no branco.

- Compreendo –disse ele-. Com que se se trata de brigar, o melhor seria que eu limitasse aos pauladas. É assim?

- Segundo minha humilde experiência quanto a conflitos escoceses, a maioria das brigas não passam dos pauladas.

Isso lhe arrancou um pequeno grunhido de diversão, mas não disse mais. Permaneceu em silêncio, refletindo, enquanto eu recolhia a desordem própria de um dia de consulta.

Através da parede ouvia vozes apagadas; a súbitas choramingação do Jemmy, uma breve exclamação da Brianna, outra do Lizzie; logo, a voz grave do Jamie que evidentemente se ocupava do bebê enquanto Bree e Lizzie se ocupavam do jantar.

Roger também os ouviu; vi que sua cabeça girava para o som.

-Que mulher! –disse, com um sorriso-. Sabe caçar a presa e cozinhá-la. O qual é uma sorte, dadas as circunstâncias –e acrescentou-: Pelo visto, eu

não vou pôr muita carne em nossa mesa.

-Ora! –exclamei com energia, para impedir qualquer intento de autocompasição-. Eu nunca cacei nada e ponho comida nesta mesa todos os dias. Se crie que sua obrigação é matar algo, há frangos, gansos e porcos em abundância. E se consegue apanhar a essa condenada cerda branca antes de que arruíne por completo nossos alicerces, será o herói do lugar.

Isso o fez sorrir, embora com um sotaque de ironia.

- Espero recuperar meu autorespeto, com porcos ou sem eles –disse-. O pior do assunto será explicar-lhe a esses atiradores. Assinalou com a cabeça para a parede, onde a voz da Brianna se mesclava a do Jamie, em uma conversação apagada-. Tratarão-me com muita amabilidade, como se tivesse perdido um pé.

Rendo, terminei de limpar meu morteiro e me estirei para guardá-lo no armário.

- Bree só se preocupa com ti, por este assunto da Regulação. Mas Jamie pensa que não acontecerá nada. Há muito poucas possibilidades de que tenha que disparar contra alguém. Além disso, as aves de presa tampouco têm visão binocular –acrescentei-. Excetuando os mochos. Pode dizer ao Bree e ao Jamie que sua vista é como a de um falcão.

Ante isso riu francamente. Logo se levantou, sacudindo-os abas da jaqueta.

-Isso farei. –Abriu-me a porta que dava ao corredor, me esperando, mas quando cheguei me pôs uma mão no braço para me deter-. Este transtorno binocular... -disse, assinalando vagamente seus olhos- suponho que é de nascimento.

- Sim, quase com certeza.

Ele vacilou; obviamente, não sabia como expressar-se.

- E é... hereditário? Meu pai esteve nas Forças Aéreas; não pôde havê-lo padecido. Mas minha mãe usava óculos. Tinha-as penduradas do pescoço com uma cadeia; lembrança ter jogado com elas. Talvez herdei isto dela.

Franzi os lábios, tratando de recordar se tinha lido algo sobre transtornos oculares hereditários, mas não me veio nada concreto.

-Não sei –disse ao fim-. Poderia ser. Mas talvez não. Em realidade, não sei. se preocupa pelo Jemmy?

-OH...! –Um vago desencanto lhe cruzou as facções, embora o apagou quase imediatamente. Com um sorriso torpe, agüentou a porta para me permitir o passo-. Não é que me preocupe, não. Só pensava que... se for hereditário e o pequeno também o tivesse... então eu teria a certeza.

O corredor estava impregnado de saborosos aromas a guisado de esquilo e pão fresco. Embora estava faminta, estive-me quieta, olhando-o.

- Não é que o deseje –explicou Roger ao ver minha expressão-. Só que se fosse assim...-Apartou a vista, tragando saliva-. Ouça, não diga ao Bree o que me ocorreu, por favor.

Toquei-lhe apenas o braço.

-Acredito que o compreenderia. Que queira ter a certeza.

Ele jogou uma olhada à porta da cozinha, pela que surgia a voz da Brianna, cantando Clementine, para buliçoso leite do Jemmy.

- Compreenderia, talvez –disse ele-. Isso não significa que gostasse de inteirar-se.

Os homens não estava: Jamie, Roger, o senhor Chisholm e seus filhos, os irmãos MacLeod... Todos eles tinham desaparecido antes do amanhecer, sem deixar mais rastro que os desordenados restos de um café da manhã apressado e rastros de barro na soleira.

Fora trovejou uma porta ao abrir-se e a animação se apagou abruptamente, sendo substituído por uma correria de fuga e risitas sufocadas.

-Hummm! –disse a voz da senhora Bug, satisfeita por ter desalojado aos bagunceiros. A porta se fechou. Ruídos de madeira e metal anunciaram que no piso de abaixo se iniciavam as atividades do dia.

Quando baixei, poucos instantes depois, encontrei a essa boa senhora dedicada simultaneamente a torrar pão, ferver café, preparar o porridge e queixar-se, enquanto limpava o rastro deixado pelos homens. Não se queixava da desordem (o que outra coisa podia esperar-se deles?), mas sim pelo fato de que Jamie não a tivesse despertado para lhes preparar um bom café da manhã.

-E como as arrumará o senhor agora?-inquiriu, blandiindo o garfo em um gesto de recriminação-. Um homem bem desenvolvido como ele, andando por ali, sem ter no estômago mais que um pouco de leite e um pãozinho rançoso.

Passeando meus olhos legãosos pela mescla de mendrugos e pratos sujos, tive a sensação de que o senhor e seus companheiros tinham dado conta das provisões.

-Não acredito que vá morrer de fome –murmurei, recolhendo uma migalha com o dedo umedecido-. O café está preparado?

Dos meninos Chisholm e MacLeod, os maiores passavam a noite junto ao lar da cozinha, envoltos em mantas ou trapos. Já se tinham levantado e estavam fora, seus cobertores se encontravam amontoados depois do banco.

-Lavaste-lhes essas garras imundas, pequenos pagãos? –acusou a senhora Bug ao vê-los. Logo assinalou com a colher do porridge os bancos instalados ao longo da mesa-. Se estiverem podas venham a lhes sentar. E aí do que não se limpe os pés de barro!

Em poucos momentos, bancos e tamburetes ficaram cheios; as senhoras Chiísmo. MacLeod e Aberfeldy bocejavam e piscavam entre suas vergôntes, entre inclinações de cabeça e murmúrios de «Buenos días».

Com doze bocas abertas que alimentar, a senhora Bug se encontrava em seu próprio molho. Enquanto a via ir do lar à mesa, disse-me que em alguma vida anterior devia ter sido carbonífero.

-Viu ao Jamie antes de que partisse? –perguntei, quando fez uma pausa para voltar a encher as taças de café, com um grande embutido cru na outra mão.

-Não. –Sacudiu a cabeça, muito branca debaixo do lenço-. Não me inteirei que nada. Antes do amanhecer ouvi que meu velho se levantava, mas

supus que iria ao desculpado, por não me incomodar com o ruído da bacinilla. Mas não retornou. E quando despertei já se foram todos. Ah, não! Nada disso!

Pela extremidade do olho tinha detectado um movimento. Atirou um bom golpe com o embutido na cabeça de um dos MacLeod, que imediatamente retirou os dedos do frasco de geléia.

-Talvez tenham ido de caçada –sugeriu timidamente a senhora Aberfeldy.

-Fariam melhor em procurar sítios onde se possa edificar e madeira para as casas –disse a senhora MacLeod. Logo se separou da cara uma mecha de cabelo encanecido, sonriêndome com ironia-. Sem ânimo de criticar sua hospitalidade, senhora Fraser, preferiria não passar o inverno sob seus pés.

Como a essas horas da manhã não estava em meus melhores condicione, sorri cortesmente, murmurando algo incompreensível. Eu também preferia não ter cinco ou dez pessoas de mais na casa durante o inverno, mas não estava segura de que se pudesse evitar.

A carta do governador era bastante clara. Todos os homens fisicamente sãs dos territórios afastados deveriam ser recrutados como tropas de tropa, e apresentar-se no Salisbury por volta de meados de dezembro. Ficava muito pouco tempo para construir casas. Ainda assim, eu esperava que Jamie tivesse algum plano para aliviar a aglomeração. Adso, o gatinho, tinha instalado sua residência no armário de minha consulta, e a cena da cozinha ia adquirindo seu habitual parecido com as pinturas do Bosco.

Pelo menos, com tantos corpos amontoados, a cozinha tinha perdido o frio do amanhecer; o ambiente estava agora esquentado e ruidoso. Não obstante, dado o confuso da cena, passaram vários minutos antes de que eu notasse que as jovens mães pressente não eram três, a não ser quatro.

-De onde saíste? –perguntei, sobressaltada ao ver minha filha acurrucada em um rincão.

Bree piscou, dormitada, e trocou de posição ao Jemmy, que mamava com total concentração, alheio à multidão.

-Em metade da noite os Mueller chamaram a nossa porta –explicou ela, bocejando-. Eram oito, Não falavam bem nosso idioma, mas me pareceu lhes entender que papai os tinha chamado.

-Seriamente? –Agarrei uma parte de bolo de passas, me adiantando por muito pouco a um jovem Chisholm-. Ainda estão ali?

-Estraguem. Obrigado, mamãe. –Alargou a mão para a parte de bolo que eu lhe oferecia-. Sim. antes de que amanhecesse vinho papai e tirou o Roger da cama; ao parecer ainda não necessitava aos Mueller. Quando Roger se foi, um velho enorme se levantou do chão, dizendo: «Bitte, Maedle»y se deitou a meu lado. –Um delicado rubor lhe acendeu as bochechas-. E pensei que era melhor vir aqui.

-Ah! –exclamei, contendo um sorriso-, deve ter sido Gerhard.

O velho granjeiro, eminentemente prático, não entenderia por que devia tender seus vetustos ossos no duro chão de pranchas, se havia espaço disponível na cama.

-Isso suponho –disse ela confusamente, mastigando um bocado de bolo-. Acredito que é inofensivo, mas ainda assim...

-Sim, claro, para ti não representa nenhum perigo –coincidi com ela.

-Inofensivos ou não, têm que ter fome –deu a senhora Chisholm, sempre prática. E se agachou para recolher uma boneca, um fralda molhado e a um garotinho que se retorcia, e ainda dispunha de uma mão livre para o café-. Será melhor limpar isto, antes de que os alemães cheirem a comida e devam esmurrar a porta.

-Fica algo para eles? –perguntei, algo intranquã, tratando de recordar quantos presuntos havia no abrigo onde os defumávamos. Depois de duas semanas de hospitalidade, nossas provisões estavam diminuindo de maneira alarmante.

-É obvio –assegurou energicamente a senhora Bug, deixando cair as fatias de embutido na frigideira quente-. Assim que tenha terminado com este grupo, poderão lhes dizer que devam tomar seu café da manhã. Você, a muirinn... -Usou a espátula para dar um cabeçada a uma menina de oito ou nove anos-. Corre ao porão, enche seu avental de batatas e me traz isso. Aos alemães gosta das batatas.

-Posso ajudar...? –comecei, fracamente.

Mas a anciã sacudiu a cabeça, me afugentando com pequenos movimentos de vassoura.

-Nem pensar, senhora Fraser! –disse-. Terá você bastante que fazer e... Né, vocês, não entrassem em minha bonita cozinha com essas botas cheias de barro! Fora, as limpem antes de pôr um pé aqui!

Na soleira da porta estava Gerhard Mueller, desconcertado, seguido por seus filhos e sobrinhos varões. A senhora Bug, sem deixar-se intimidar pelo facho de que lhe tirasse trinta centímetros e não falasse nosso idioma, enrugou a cara e lhe cravou ferozmente a vassoura nas botas.

depois de dar uma cordial bem-vinda aos Mueller, aproveitei a oportunidade para escapar.

Tratando de evitar a multidão da casa, lavei-me fora, no poço. Logo fui aos abrigos para me ocupar de fazer inventário. A situação não era tão malote como temia; com uma administração prudente, havia bastante como para que nos durasse todo o inverno, embora talvez fora necessário constranger um pouco a mão generosa da senhora Bug.

Deixei a pesada vasilha cheia de headcheese junto à porta do abrigo, para não esquecer a quando retornasse à casa.

O celeiro estava cheio em suas três quartas partes, embora no exterior, no chão, podiam ver-se excrementos de camundongo em quantidades alarmantes. Adso, o gato, crescia com celeridade, mas nem tanto; seu tamanho era o de um rato normal. A farinha era lago escassa: só havia oito sacos. Talvez houvesse mais no moinho. Teria que lhe perguntar ao Jamie.

Fiz um repasse de nossas provisões. O mel. Detive-me franzindo os lábios. Tinha quase oitenta litros de mel desencardido e quatro grande vasilhas de favo, retirado de minhas colméias, à espera de que o convertêssemos em velas de cera. Todo isso se conservava na cova fechada com uma paliçada que servia de estábulo, a fim de proteger o dos ursos, mas não dos meninos aos que lhes tocava alimentar às vacas e as cerdas do estábulo. Até então eu não tinha visto dedos nem caras pringosas que os delatassem, mas não viria mal tomar algumas medidas preventivas.

Somando a carne, os cereais e a pequena granja, parecia que ninguém ia passar fome durante esse inverno. O que me preocupava agora era algo que não era grave, mas mesmo assim importante: a deficiência de vitaminas. Joguei um olhar ao bosquecillo de castanhos, cujos ramos estavam já completamente nus. Passariam quatro meses largos antes de que se visse alguma hortalça fresca, embora ainda ficavam muitos nabos e couves por recolher.

Enquanto caminhava de retorno a casa, tratei de calcular quantas provisões deveriam levar-se Jamie e seus milicianos, e quantas deixar para o consumo das mulheres e os meninos. Era impossível dizê-lo; isso dependeria, em parte, dos homens que pudesse recrutar e do que cada um levasse consigo. Mesmo assim, ao ter sido renomado coronel lhe corresponderia a responsabilidade de alimentar aos homens do regimento; os recursos ficariam reembolsados mais adiante, se acaso, por atribuição da assembléia.

Não era a primeira vez que lamentava profundamente não saber mais sobre o tema. Durante quanto tempo estaria em funcionamento essa assembléia?

Brianna estava fora, dando voltas e voltas ao redor do poço, com uma expressão pensativa lhe enrugando a frente.

-Tuberías? –disse, sem preliminares-. Fabricam-se tubos de metal nesta época? Os romanos os fazia, mas...

-Vi-os em Paris e no Edimburgo, utilizados para canalizar a chuva dos telhados –sugeri-. De modo que existem. Mas não estou segura de ter visto nenhum nas colônias. Se há os têm que ser terrivelmente caros. – Descontando as coisas mais singelas, como as ferraduras para cavalos, todas as coisas de ferro deviam ser importadas do Fran Bretanha, ao igual a todo o metálico, fora de cobre, bronze ou de chumbo.

-Hum, pelo menos sabem o que é. –Entreabriu os olhos, calculando a inclinação do chão entre o poço e a casa. Logo moveu a cabeça com um suspiro-. Acredito que poderia fazer uma bomba. Mas levar a água até o interior da casa é outra coisa. –de repente bocejou, piscando, com os olhos ligeiramente lacrimosos à luz do sol-. Estou tão cansada que não posso pensar. Jemmy chorou toda a noite. E quando ao fim ficou dormido, apareceram os Mueller. Acredito que não peguei olho.

-Lembrança essa sensação –disse, solidária, sorrindo.

-Fui muito pesada de bebê? –perguntou ela, me devolvendo o sorriso.

-Muito –lhe assegurei, girando para a casa-. E o teu, onde está?

- Com... –Brianna se deteve, me aferrando o braço-. O que...? No nome de Deus, o que é isso?

Ao olhar para lá, senti um espasmo no fundo do ventre.

-O que é resulta bastante evidente –disse, me aproximando-. O que me pergunto é que faz aqui.

Era uma cruz. Uma cruz bastante grande, feita com dois ramos de pinheiro seco, despojadas das ramitas menores e atadas entre si com uma corda. Estava firmemente plantada no bordo do pátio, perto de uma grande píceia azul que custodiava a casa, e alcançava uns dois metros de altura. Os ramos eram magros embora sólidas, e não se podia dizer que fora volumosa ou que incomodasse; entretanto, sua tranqüila presença parecia dominar o

pátio, tal como o tabernáculo domina o interior da igreja. Ao mesmo tempo, seu efeito não resultava reverente nem protetor. Pelo contrário: era sinistro.

-organizamos alguma reunião religiosa? –Brianna tratou de tomá-lo a brincadeira, pois a cruz a desassossejava tanto como a mim.

-Que eu saiba, não.

Era obra do Jamie; isso se notava na qualidade do artesanato. Os ramos tinham sido escolhidas por sua retidão e sua simetria; estavam cuidadosamente recortadas, com os extremos afiados. O pau que cruzava tinha um corte prolixo, que se ajustava bem ao vertical. A corda que os ligava se entrecruzava com esmero de marinheiro.

-Pode que papai tenha baseado sua própria religião –disse Brianna, pois ela também reconhecia o estilo.

De súbito apareceu a senhora Bug pela esquina da casa, com uma terrina cheia de comida para os frangos. Ao nos ver, deteve-se em seco e abriu imediatamente a boca. Preparei-me instintivamente para a investida; Bree, pelo baixo, emitiu uma risita zombadora.

-Ah, está aqui, senhora! Acabo de dizer ao Lizzie que é uma vergonha, uma verdadeira vergonha, todos esses pirralhos alvoroçando acima e abaixo, e deixando porcarias por toda a casa, e até na destilaria da senhora e Lizzie me diz, diz-me...

-Em minha consulta? O que? Onde? O que têm feito?

Já ia correndo para a casa, completamente esquecida da cruz. A senhora Bug me seguia me pisando os talões, sem deixar de tagarelar.

-Surpreendi a duas desses fantasias de diabo jogando aos boliches ali dentro, com esses bonitos frascos azuis que você tem e uma maçã. Mas pode ficar tranqüila, que lhes dei uns bons cabeçadas. Olhe que deixar restos de comida apodrecendo-se ali e...!

-Meu pão! –Tinha chegado até o vestibulo de diante. Ao abrir a porta, encontrei tudo limpo e reluzente... incluindo a encimera, onde eu tinha deixado meu último experimento com a penicilina. Agora estava completamente vazia; a superfície de carvalho tinha sido esfregada até perder o gentil.

-Era repugnante –disse a senhora Bug do vestibulo, a minhas costas, apertando os lábios com virtuosa pazguateria-. Repugnante! Todo talher de mofo, tudo azul e...

Aspirei fundo, apertando os punhos contra meu corpo, para não acogotarla. Fechei a porta, por não ver a encimera vazia, e me volvei para a diminuta escocesa.

-Senhora Bug –disse, fazendo um grande esforço por falar com calma-. Você sabe perfeitamente quanto avaliação sua ajuda, mas lhe pedi que não...

A porta principal se abriu de par em par, chocando-se contra a parede do lado.

-Condenada bruxa! Como te atreve a levantar a mão contra meus pequenos?

Encontrei-me cara a cara com a senhora Chisholm, avermelhada de fúria e armada com uma vassoura, com dois pequenuelos obstinados a suas saias com as bochechas vermelhas e manchadas de lágrimas recentes.

-Você e seus preciosos pequenos! –exclamou a anciã, indignada-. Se tanto se preocupa por eles, já poderia educá-los como Deus manda e lhes

ensinar a comportar-se bem, em vez de permitir que brinquem de correr por toda a casa como bárbaros, rompendo e arruinando-o tudo, do desvão até a entrada!

-Bom, senhora Bug, não acredito que os meninos quisessem...

Meu intento apaziguador se perdeu sob os chiados desses três Chisholm, como se fossem apitos de vapor; os da mãe eram os mais potentes.

-Quem é você para que meus meninos são ladrões, velha entremetida! – A mulher agitou a vassoura, movendo-se de lado a lado em um intento de fazer branco na senhora Bug. Eu me movi com ela, saltando daqui para lá, me interpondo entre as dois combatentes.

-Senhora Chisholm –disse, elevando uma mão apaziguadora-. Margaret. Ouça, estou segura de que....

-Que eu sou o que? –A senhora Bug pareceu expandir-se, como a massa ao fermentar-. Pois olhe, o que sou é uma mulher temerosa de Deus e uma alma cristã! E quem é você para falar com seus maiores e a seus superiores desse modo? Você e essa tribo de demônios que andam brincando de correr pelas colinas com farrapos, sem nem sequer uma bacinilla onde mijar!

-Senhora Bug! –exclamei, me voltando para ela-. Não deveria...

A senhora Chisholm não se incomodou em procurar uma réplica; limitou-se a investir, com a vassoura lista. Levantei os braços para evitar que acontecesse meu lado. Ao ver-se frustrada em seu intento de esmurrar à senhora Bug, o que fez foi lhe dirigir estocadas por cima de meu ombro, tratando de atravessá-la.

A anciã, que obviamente se sentia a salvo depois da barricada de minha pessoa, saltava como uma bola do PING-pong, com seu carita redonda arrebatada de triunfo e de fúria.

-Mendigos! –gritou a todo pulmão-. Funileiros! Ciganos!

-Senhora Chisholm!Senhora Bug! –supliquei.

Mas nenhuma das duas me emprestou atenção.

23

O bardo

Quando ao fim Roger chegou à porta de sua casa já tinha escurecido de tudo, mas as janelas refulgiam, acolhedoras, e a chaminé despedia uma chuva de faíscas, prometendo calor e comida. Estava cansado, com frio e faminto; experimentava uma profunda e agradecido avaliação por seu lar, substancialmente agudizado ao saber que pela manhã deveria abandoná-la.

- Brianna? –Entrou entreabrindo os olhos para procurar a sua esposa no resplendor.

- Por fim! Que tarde chega! Onde estiveste? –Ela saiu do pequeno quarto do fundo, com o bebê no quadril e uma pilha de tartán apertada contra o peito. Alargou a cabeça sobre a malha para lhe dar um beijo fugaz, lhe deixando um tentador gosto a geléia de ameixas.

- passei estas dez horas últimas a cavalo, subindo e descendo por vales e colinas –disse ele, lhe tirando o tecido das mãos para atirá-la sobre a cama- , em busca de uma mítica família holandesa. Vêem me dar um beijo decente, quer?

Ela, obediente, rodeou-lhe a cintura com o braço livre para lhe dar um comprido beijo, perfumado de ameixas. Roger se disse que, por faminto que estivesse, o jantar podia esperar um pouco. Mas o bebê, que pensava distinto, lançou um berro tal que Brianna se apartou apressadamente, fazendo uma careta.

- Segue sem lhe sair o dente? –perguntou Roger, observando o semblante vermelho e inchado de sua vergôntea, talher por um reluzente filme de muco, saliva e lágrimas.

- Como pudeste adivinhá-lo? –exclamou ela, cáustica- . Ouça, pode agarrá-lo um minuto?

depois de pôr ao Jemmy em braços de seu pai, estirou-se do sutiã; o linho verde estava úmido, enrugado e cheio de manchas claras: leite cuspidado. Descobriu um de seus peitos, e alargando os braços para o menino, sentou-se com ele na cadeira de amamentar, junto ao fogo.

- aconteceu-se o dia assim –lhe informou, movendo a cabeça. O bebê se retorcia e choramingava, golpeando com a mão nervosa o alimento que lhe oferecia- . Não quer mamar mais que uns poucos minutos e logo volta a vomitar. Choraminga se o levanta, mas muge se o deixa. –passou-se uma mão fatigada pelo cabelo- . Sinto-me como se tivesse passado o dia combatendo com lagartos.

- Hum!, má coisa. –Roger se esfregou a parte baixa das costas, tratando de fazê-lo com dissimulação. Logo assinalou a cama com o queixo- . Nê... para que é esse tartán?

- Ah!, tinha-o esquecido. É teu. –Apartando momentaneamente a atenção do menino, levantou a vista para o Roger. Pela primeira vez reparou em seu desalinho- . Trouxe-o papai. Quer que lhe ponha isso esta noite. A propósito: tem uma grande mancha de gradeio na cara. Tem-te cansado?

- Várias vezes.

Ele se aproximou do lavamanos, coxeando um pouco.

- Sim? Que má sorte! Chist, chist –sossegou ao menino, balançando-o- . Tem-te feito mal?

- Não, estou bem.

Ele se tirou a jaqueta e lhe deu as costas para verter água no recipiente. Logo se molhou a cara, atento aos chiados do Jemmy; para seus adentros calculava as possibilidades que tinha de fazer o amor com a Brianna antes da partida, que seria pela manhã. Continuando, secou-se com a toalha, jogando uma olhada dissimulada a seu redor, se por acaso houvesse algo para comer. Tanto a mesa como o lar estavam vazios, embora no ar pendia um forte aroma de vinagre.

- Sauerkraut? –adivinhou, farejando audivelmente- . Os Mueller?

- trouxeram dois grandes frascos. –Brianna fez um gesto para o rincão, onde se via um recipiente de pedra entre as sombras- . Esse é o nosso. comeste algo?

- Não. –Seu ventre retumbou audivelmente; ao parecer estava disposto a aceitar o sauerkraut frio, se não havia outra coisa. Mas na casa grande

devia haver comida. Reanimado por essa idéia, tirou-se as calças e deu começo à incômoda tarefa de tablear o tartán, a fim de fazer uma manta que pudesse sujeitar com o cinturão.

Jemmy, balançado por sua mãe, acalmou-se um pouco e só emitia intermitentes gemidos de mal-estar.

- O que era isso de uns míticos holandeses? –perguntou ela, sem deixar de balançá-lo.

- Jamie me enviou para o nordeste, em busca de uma família holandesa que, conforme lhe hão dito, instalou-se perto do Boiling Creek. Devia recrutar aos homens para a tropa e, no possível, fazer que me acompanhassem. –Jogou um olhar carrancudo ao pano preparado na cama. Só tinha usado uma manta como essa duas vezes- . É muito importante que me ponha isso?

Brianna, a suas costas, emitiu um breve bufo de risada.

- Algo terá que te pôr. Não pode ir à casa grande vestido só com a camisa. Não encontrou a esses holandeses, verdade?

- Nem sequer um tamanco.

Tinha chegado a algo que parecia ser Boiling Creek, subiu uma ribeira ao longo de vários quilômetros, esquivando (ou não) ramos baixos, sarças e matas de hamamelis, sem achar rastros de nada.

- Talvez tenham partido. Podem ter ido a Virginia ou a Pensilvania – disse Brianna, pormenorizada.

- Vale –suspirou ele- . Ria, se for preciso.

Vestir uma manta rodeada não era o mais digno que alguém podia fazer, dado que o método mais eficiente consistia em tombar-se sobre o tecido tableada e rodar como uma salsicha no assador. Jamie sabia fazer o de pé, mas, claro, o homem tinha prática.

Suas resistências, deliberadamente exagerados, foram recompensados pelas risadas da Brianna, que a sua vez pareceram ter um efeito sedativo sobre o bebê. Quando Roger deu os toques finais a suas pranchas e drapeados, mãe e filho estavam avermelhados, mas felizes. Ele lhes fez uma garbosa reverência. Bree aplaudiu com uma só mão contra o joelho.

- Estupendo –disse, percorrendo-o apreciativamente com o olhar- . Olhe a papai! Papai bonito!

Jemmy, que contemplava boquiaberto aquela visão de glória viril, floresceu em um sorriso largo e lento. Roger ainda estava faminto, dolorido e cansado, mas isso não parecia tão importante. Sonriendo de orelha a orelha, alargou os braços para o bebê.

- Tem que te trocar? Se o menino já estiver cheio e seco, levarei-o a casa. Assim terá um pouco de tempo para te arrumar.

- Insinúas que devo me polir, não? –Brianna o olhou severo, levantando o nariz largo e reto. Tinha parte do cabelo solto, em mechas e enredos, e seu vestido mostrava um aspecto lamentável.

- Está preciosa –assegurou ele, enquanto levantava o menino com destreza- . Cala, a bhalaich. Já desfrutaste muito de mamãe. E ela, por certo, desfrutou muito de ti. Agora vêm comigo.

- Não esqueça o violão! –clamou Bree.

Ele se deteve ante a porta, surpreso.

- O que?

- Papai quer que cante. Espera, que me deu uma lista.

- Uma lista? Do que? –Por isso Roger sabia, Jamie não emprestava a menor atenção à música. De fato, que Fraser não apreciava sua maior habilidade lhe chateava um pouco, embora estranha vez o admitisse.

- De canções, certamente. –Ela recitou a lista memorizada- . Quer que cante Ho ro! e Birnieboulzle. E The Great Silkie. Disse que entre uma e outra pode cantar outras coisas, mas quer essas. E logo deverá cantar coisas de guerra. Não é assim como me disse isso, mas já sabe a que me refiro: Killiecrankie, The Haughs of Cromdale e The Sherrifsmuir Fight. Só as mais antigas, certamente; diz que não cante as do quarenta e cinco, salvo Johnnie Monopolize. Essa não deve faltar, mas quase ao final. E...

Roger a olhou fixamente, desenredando o pé do Jemmy das dobras de sua manta.

- Eu pensava que seu pai não conhecia sequer o título das canções, por não falar de preferências.

Brianna, já de pé, tirou-se a larga forquilha que lhe sujeitava o cabelo, deixando que a cascata vermelha caísse sobre seus ombros e sua cara. Logo passou ambas as mãos pela massa avermelhada, jogando-a para trás.

- É certo que não tem preferências. Papai não tem o menor ouvido musical. Mamãe assegura que tem um bom sentido do ritmo, mas que não sabe distinguir uma nota de outra.

- Isso era o que eu pensava, mas por que...?

- Embora não empreste atenção à música, Roger, disposta atenção. – Cravou o pente no matagal de seu cabelo- . E se fixa. Sabe como reage a gente quando escuta essas canções, e o que sente.

- Seriamente? –murmurou ele. O fato de que Fraser reparasse no efeito de sua música, embora não pudesse apreciá-la pessoalmente, provocou-lhe um estranho prazer- . Assim quer que os abrande um pouco, não é isso?, que os entusiasme antes de que ele faça sua parte.

- Isso. –Ela assentiu com a cabeça, enquanto desatava os cordões de seu sutiã. Seus peitos saltaram, redondos e soltos sob a fina camisa de musselina.

Roger trocou de posição para acomodá-la manta. Ela captou esse leve movimento e o observou. Logo elevou lentamente as mãos para sustentá-los peitos, olhando-o com um pequeno sorriso. Por um momento ele teve a sensação de que tinha deixado de respirar.

Brianna foi primeira em romper o momento: deixando cair as mãos, foi pinçar no baú onde guardava sua roupa interior.

- Sabe exatamente o que se traz entre mãos? –perguntou, apagada a voz nas profundidades do baú- . Já tinha levantado essa cruz quando partiram?

- Sim. –Jemmy lançava pequenos bufidos, como uma locomotiva de brinquedo que puxasse costa acima. Roger o pôs debaixo de um braço, abrangendo a tripita com a mão- . É uma cruz ardente. Sabe do que se trata?

Ela emergiu do baú com uma camisa limpa nas mãos; parecia um pouco alterada.

- Uma cruz ardente? Não me diga que vai queimar uma cruz no pátio!

- Não exatamente. –Roger desprendeu o bordam com a mão livre e

provou a tensão do tambor com o dedo. Logo lhe explicou em poucas palavras a tradição da cruz ardente- . É algo estranho –concluiu, pondo o tambor fora do alcance do Jemmy- . Não acredito que se tornou a fazer nas Terras Altas depois da Sublevação. Mas seu pai me disse que a tinha visto uma vez. É algo muito especial ver aqui essa cerimônia.

Arrebatado por seu entusiasmo de historiador, demorou para dar-se conta que Brianna não estava tão entusiasmada.

- Pode ser –disse ela, intranquã- . Não sei. Dá-me calafrios.

- Né? –Roger lhe jogou uma olhada, surpreso- . por que?

Bree se encolheu de ombros, tirando-a camisa enrugada pela cabeça.

- Não sei. Possivelmente porque vi cruces ardentes... nos informativos da televisão. O KKK... ou é que não sabe? Pode que a televisão britânica não relatório... não informava dessas coisas.

- O Ku Klux Klan? –Aqueles fanáticos preconceituosos não lhe inspiravam tanto interesse como os peitos nus da Brianna, mas fez um esforço por concentrar-se na conversação- . OH! Claro que estou informado. De onde crie que tiraram a idéia?

- O que? Não me diga que...

- Certamente –afirmou ele, alegremente- . Dos imigrantes escoceses; em realidade, descendem deles. Por isso se deram o nome do Klan” . E agora que o penso –acrescentou- , esta noite poderia ser... o elo. A ocasião que traz o costume do velho mundo ao novo. Não seria grandioso?

- Grandioso –repetiu Bree, vagamente, sacudindo um vestido limpo de linho azul, com ar inquieto.

- Tudo se inicia em algum ponto, Bree- explicou ele, com mais suavidade- . Muito freqüentemente não sabemos onde nem como. Importa que esta vez saibamos? Além disso, o Ku Klux Klan não nascerá até dentro de cem anos, pelo menos. –Fez saltar ligeiramente ao Jemmy sobre o quadril- . Não o veremos nós, nem tampouco nosso pequeno Jeremiah; talvez nem sequer seu filho.

- Estupendo –replicou ela com secura- . E nosso bisneto poderia acabar sendo o Grande Dragão.

Ele se pôs-se a rir.

- Sim, é possível. Mas esta noite é seu pai.

Jogando com fogo

Não estava seguro do que esperava. Talvez um pouco parecido ao espetáculo da grande fogueira, durante a congregação. Os preparativos eram os mesmos: implicava grandes quantidades de comida e bebida. Em um extremo do pátio havia um enorme tonel de cerveja e outro mais pequeno, cheio de uísque; um porco descomunal girava lentamente em cima de um leito de brasas, despedindo nuvens de fumaça e aromas que faziam a boca água.

Ele sorriu ante as caras banhadas pelo fogo, lustrosas de graxa e acesas pela bebida. Logo seu tamboreó bordam. O estômago lhe ressonava com força, mas o ruído se perdeu sob o buliçoso estribilho do Killiecrankie:

Conheci diabo e ao Dundee
nas ladeiras do Killiecrankie!

Quando lhe trouxessem o jantar a teria ganho, sem dúvida. Llevab mais de uma hora cantando e tocando. A lua já se elevava sobre o Black Mountain. Aproveitou o estribilho para jogar mão da taça que tinham deixado sob seu tamborete; depois de umedecê-la garganta atacou a nova estrofe com mais solidez.

Briguei em terra, briguei no mar,
e em casa briguei com minha tia!
Conheci diabo e ao Dundee
nas ladeiras do Killiecrankie!

Cantava com um sorriso de profissional, cruzando um olhar aqui, concentrando-se em um rosto mais à frente e calculando mentalmente o efeito. estava entrando no que Bree chamava “ coisas de guerra” .

Sentia a cruz erguida a suas costas, quase oculta pela escuridão. Mas todos a tinham visto, entre murmúrios de interesse e especulação.

- Jamie Fraser, em um lateral, mantinha-se fora do círculo de luz. Roger logo que distinguia sua silhueta alta, escura, à sombra da grande píceia vermelha que se levantava perto da casa. passou-se toda a velada percorrendo metodicamente o grupo; aqui e lá se detinha intercambiar uma saudação cordial, dizer uma piada, escutar um problema ou um relato. Agora estava sozinho, esperando. Já quase tinha chegado o momento de fazer o que se propunha, fora o que fosse.

Roger lhes concedeu um momento para aplaudir e o aproveitou para refrescar-se. Logo se lançou com “ o Johnnie Monopolize” : rápida, ardente e divertida. Durante a congregação a tinha cantado várias vezes; sabia bem o efeito que causava.

Alguns daqueles homens tinham combatido no Prestonpans; embora derrotados no Culloden, ainda aclamavam às tropas do Johnnie Monopolize

e se regozijavam ante a oportunidade de reviver essa famosa vitória. Inclusive os escoceses que não tinham combatido ali, conheciam-na. Só importava que o passassem bem.

A multidão cantou médio a gritos o estribilho final, quase afogando sua voz.

Né, Johnnie Monopolize, segue andando?
Ainda soam seus tambores ?
Se está andando, eu esperaria,
para me aproximar das brasas pela manhã!

Com um último toque de tambor, fez uma reverência, entre grandes aplausos. O pré-aquecimento parecia. Era hora de apresentar o ato principal. Muito sorridente, levantou-se de seu tamborete e desapareceu entre as sombras, para os maltratados restos do enorme porco assado.

Bree estava ali, aguardando-o, com o Jemmy completamente acordado nos braços. Ela se estirou para lhe dar um beijo e lhe trocou o bordam pelo menino.

- estiveste estupendo! –disse- . Agüenta-o. vou trazer te comida e cerveja.

Geralmente, Jem preferia estar com sua mãe; mas estava tão aturdido pelas chamas e o ruído que não protestou pela mudança de mãos. limitou-se a acomodar-se contra o peito do Roger, chupando-se muito sério o polegar.

Seu pai suava pelo esforço, com o coração acelerado pela adrenalina da atuação; longe do fogo e da multidão, o ar lhe esfriou a cara avermelhada. O bebê era um peso quente e sólido no oco de seu braço. Tinha estado bem e sabia. Só cabia esperar que fora o que Fraser desejava.

Quando Bree reapareceu, trazendo uma taça e um prato cheio de comida, Jamie já tinha entrado no círculo de luz, ocupando o sítio abandonado pelo Roger ante a cruz.

Alto, largo de ombros, luzia sua melhor jaqueta cinza e uma saia de tartán azul claro; o cabelo solto e flamígero sobre os ombros, com uma pequena trança de guerreiro a um lado, adornada com uma só pluma. A luz do fogo cintilava no punho dourado de sua adaga e no broche que sujeitava sua manta, e sua atitude era séria, apaixonada. Era todo um espetáculo... e sabia.

Em poucos segundos a multidão se aquietou. Os homens faziam calar a seus companheiros mais faladores.

- Sabem bem por que estamos aqui, verdade? –perguntou ele, sem preâmbulos.

Levantou a mão para mostrar a enrugada citação do governador, bem visível a mancha vermelha do selo oficial à luz do fogo. Houve um rumor de assentimento; a multidão ainda estava alegre; sangue e uísque corriam livremente por suas veias.

- Nos convoca a cumprir com o dever. A honra nos obriga a apoiar a causa da lei... e do governador.

Roger viu que o velho Gerhard Mueller, inclinado para um lado para escutar o que um de seus genros lhe traduzia ao ouvido, assentia com ar de aprovação.

- Ja! –gritou- . Lang lebe governador!

Houve um murmúrio de risadas e um eco de gritos em inglês e gaélico. Jamie, sorridente, esperou a que se sossegasse o bulício. Logo girou lentamente, olhando cara a cara, reconhecendo a cada homem com um gesto da cabeça. Por fim se voltou com a mão para a cruz que se levantava atrás dele, nua e negra.

- Nas Terras Altas de Escócia, quando um chefe se dispunha à guerra –disse, em tom despreocupado e coloquial, mas de modo que se ouvisse em todo o pátio- , prendia fogo à cruz ardente e a conduzia pelas terras de seu clã, como sinal para que os homens de seu sobrenome agarrassem as armas e fossem ao sítio de reunião, preparados para a batalha.

uns quantos homens tinham visto aquilo ou, ao menos, sabiam do que estava falando.

- Mas estamos em uma terra nova. Somos amigos –sorriu ao Gerhard Mueller- , Ja, Freund,, vizinhos e compatriotas –um olhar aos irmãos Lindsay- , mas não somos clã. Embora me pôs ao mando, não sou seu chefe.

“ Não me venha com essas –pensou Roger- . De qualquer modo vais ser o muito em breve.” Deu um último gole de cerveja fria e deixou a taça e o prato. A comida podia esperar um pouco mais. Bree tinha pego ao bebê e ele tinha novamente seu bordam sob o braço. Preparou-o; lhe dirigiu um olhar sorridente, mas quase toda sua atenção estava fixa em seu pai.

Jamie se inclinou para retirar uma tocha da fogueira. Logo se ergueu com ela, iluminando os planos amplos e os ângulos marcados de sua cara.

- Que Deus seja testemunha de nossa boa disposição e fortaleza nossos braços. –Fez uma pausa para que os alemães pudessem segui-lo- . Que esta cruz ardente se eleve como testemunho de nossa honra, para invocar o amparo de Deus sobre nossas famílias... até que retornemos sãs e salvos.

Aproximou a tocha ao poste da cruz e ali a sustentou até que a casca seca se prendeu; uma chama pequena foi crescendo e cintilando na madeira escura. Roger sentiu que Brianna suspirava a seu lado, afrouxando em parte sua tensão.

Fraser se ergueu um momento, observando a chama até assegurar-se de que tinha aceso. Logo arrojou sua tocha à fogueira e se dirigiu novamente aos homens.

- Não podemos saber o que será de nós. Que Deus nos dê valor –disse simplesmente- . Que Deus nos dê sabedoria. Se for Sua vontade, que ele nos brinde paz. Partiremos pela manhã.

Então girou para afastar do fogo, procurando o Roger com o olhar. O jovem lhe fez um sinal de assentimento; depois de tragar para esclarecê-la voz, começou a cantar brandamente, na escuridão, a canção com que Jamie queria pôr fim à cerimônia: “ A flor de Escócia.”

OH, flor de Escócia,
quando voltaremos a verte?
os que brigamos e morremos
por sua pequena colina e seu vale...

Não era uma das canções que Bree chamava “ coisas de guerra” . Era algo solene e melancólico. Mas tampouco uma canção enfermo, em que pese

a tudo; expressava lembranças, orgulho e decisão. Nem sequer era legitimamente antiga (Roger conhecia homem que a tinha composto, em sua própria época), mas Jamie a tinha ouvido e, como conhecia a história do Stirling e Bannockburn, estava plenamente de acordo com esses sentimentos.

E se plantou ante ele,
o orgulhoso exército do Eduardo,
e o mandou de volta,
para que o pensasse melhor.

O grupo de escoceses deixou que cantasse ele sozinho a estrofe, mas ao chegar ao estribilho as vozes se elevaram, fica, logo mais audíveis:

E o enviou a casa...
Pensa-o outra vez!

Ele recordou algo que Bree lhe havia dito a noite anterior, na cama, durante os poucos instantes em que ambos estiveram ainda conscientes. Tinham estado conversando sobre gente da época, perguntando-se se algum dia conheceriam pessoalmente a pessoas como Jefferson ou Washington. Era uma perspectiva estimulante e absolutamente impossível. Ela mencionou ao John Adams, citando algo que, segundo os livros, Jefferson havia dito (antes bem, diria) durante a Revolução: “Sou guerreiro; que meu filho possa ser comerciante... e que seu filho possa ser poeta.”

Agora as colinas estão nuas
e as folhas de outono se amontoam,
quietas.

Sua terra, que agora perdeste,
nunca foi tão querida

Isso se enfrentou a ele,
o orgulhoso exército do Eduardo,
e o enviou a casa.
Pensa-o outra vez..

Já não era o exército do Eduardo, a não ser o do Jorge. Mas seguia sendo o mesmo exército orgulhoso. Viu um instante ao Claire, de pé entre as outras mulheres que formavam um grupo à parte no limite do círculo de luz. Sua expressão era remota; estava muito quieta, com o cabelo solto ao redor da cara, obscurecidos os olhos dourados por uma sombra interior e fixos no Jamie, que estava a seu lado, em silêncio.

O mesmo exército orgulhoso no qual ela tinha combatido um dia; o orgulhoso exército onde tinha morrido o pai do Roger. Sentiu um nó na garganta; teve que agarrar ar desde muito fundo para cantá-lo com ferocidade. “Serei guerreiro, para que meu filho possa ser mercador e seu filho, poeta.” Nem Adams nem Jefferson tinham combatido; Jefferson não teve nenhum filho varão. O poeta foi ele, e suas palavras ainda ressonavam

através dos anos e os exércitos em armas, ardendo no coração de quem estava dispostos a morrer por ela, pelo país que sobre elas se fundou.

“ Possivelmente seja por seu cabelo” , pensou Roger ironicamente, ao ver o brilho de luz avermelhada na cabeça do Jamie, que se movia para observar em silêncio aquilo que tinha iniciado. Algum tintura vikingo no sangue dava a aqueles homens altos e ferozes o dom de conduzir aos homens à guerra.

Os que lutaram e morreram
por sua colina e sua garganta...

Assim tinha sido e voltaria a ser. Pois os homens sempre combatiam pelo mesmo: o lar e a família. E embora agora Roger tirava o chapéu bardo de um chefe escocês exilado, trataria também de ser guerreiro quando chegasse o momento, pelo bem de seu filho e dos que viessem depois.

E o enviou a casa.
Pensa-o outra vez.
Pensa-o... outra vez.

O angélico de meu descanso

Embora era muito tarde, fizemos o amor por consentimento tácito; ambos precisávamos procurar refúgio e consolo na carne do outro. Solos em nossa quarto, com as venezianas bem fechadas para deixar fora os ruídos e as vozes do pátio (o pobre Roger seguia cantando, por exigência popular), pudemos descartar as pressas e as fadigas da jornada, ao menos por um momento.

Depois, ele me abraçou com força, obstinado a mim como se fora um talismã.

- Tudo sairá bem –disse em voz baixa, acariciando seu cabelo úmido; afundei os dedos onde se encontram o pescoço e os ombros; ali o músculo estava duro como lenha sob a pele.

- Sim, sei.

esteve-se quieto um momento, me deixando trabalhar. A tensão de seu pescoço e seus ombros se foi relaxando gradualmente; seu corpo se fez mais pesado sobre o meu. Ao sentir que eu aspirava fundo, deixou-se cair a um lado. Seu estômago ressonou audivelmente; ambos rimos.

- Não tiveste tempo para jantar? –perguntei.

- Não posso comer antes –respondeu-. Provoca-me câibras. E depois não houve tempo. Tem aqui algo comestível?

- Não –disse, com pena-. Tinha algumas maçãs, mas os Chisholm lhes jogaram mão. Perdoa. Devi te trazer algo.

Sim, eu sabia que Jamie estranha vez comia “antes” (antes de qualquer luta, confrontação ou situação socialmente tensa), mas não me tinha ocorrido que talvez depois não tivesse tempo de comer com todo mundo.

- Tinha outras coisas em que pensar, Sassenach –respondeu secamente-. Não se preocupe. Posso esperar ao café da manhã.

- Está seguro? –tirei um pé da cama, disposta a me levantar-. Fica muita comida. Se não quiser baixar, posso ir eu e...

Agarrou-me pelo braço para me colocar com firmeza sob os cobertores. Logo me adaptou à curva de seu corpo, me pondo um braço em cima para assegurar-se de que não me movesse dali.

- Não –disse com decisão-. Esta pode ser a última noite que passe em uma cama durante muito tempo e penso ficar nela... contigo.

- Está bem.

Me acurruqué sob seu queixo, obediente, me relaxando contra ele. Compreendia: ninguém subiria para nos buscar, a menos que se apresentasse uma emergência, mas bastaria que ele ou eu aparecêssemos abaixo para provocar um imediato turba de gente que necessitava isto ou aquilo, que desejava perguntar algo, dar conselho, pedir... Era muito melhor ficar ali, abrigados e em mútua paz.

Eu tinha apagado a vela e o fogo se estava consumindo. Estive a ponto de me levantar pôr mais lenha, mas decidi não fazê-lo. Que se reduzira a

brasas; de qualquer modo partiríamos para amanhecer.

Me desperecé, desfrutando a consciência do suave abraço do leito de plumas, dos lençóis limpa e suaves, com seu leve aroma a romeiro. Haveria posto suficientes mantas na bagagem?

A voz do Roger nos chegou através das venezianas, ainda potente, mas um pouco trincada pela fadiga.

- O Astuto deveria ir-se à cama –disse Jamie, com leve desaprovação- , se é que quer despedir-se de sua esposa como se deve.

- Mas se Bree e Jemmy se retiraram faz horas! –senti saudades.

- O pirralho, possivelmente, mas a moça segue ali. Faz um momento ouvi sua voz.

- De verdade? –aguei o ouvido, mas não distingui mais que um rumor de aplausos apagados, ao terminar a canção- . Suponho que quer acompanhá-lo tanto tempo como posso. Pela manhã estes homens estarão exaustos, por não falar da ressaca.

- Enquanto possam montar a cavalo, pouco me importa que vomitem entre a maleza de vez em quando –me assegurou Jamie.

Me acurruqué, me rodeando as mantas aos ombros. A voz grave e ressonante do Roger, entre risadas, negou-se com firmeza a seguir cantando. Doíam-me o pescoço e os ombros; também os pés, depois de caminhar até o manancial carregando ao Jemmy. Apesar de tudo, encontrei-me fastidiosamente desvelada, sem poder eliminar os ruídos do mundo externo, tal como os portinhas o eliminavam da vista.

- Recorda tudo o que fez hoje?

Era um pequeno jogo com o que estávamos acostumados a nos entreter de noite; cada um tratava de recordar, com luxo de detalhes, o que tinha feito, visto, ouvido e comido durante o dia, do momento de levantar-se até o de voltar para a cama. Mas essa noite ele não estava de humor para isso.

- Não recorro nada do que aconteceu antes de que fechássemos esta porta –disse, me apertando carinhosamente uma nádega- . Mas a partir de então acredito poder recordar um ou dois detalhes.

- Eu também o tenho razoavelmente afresco na mente –lhe assegurei.

Então deixamos de falar, nos assentando no sonho, enquanto abaixo cessavam os ruídos que eram substituídos pelo zumbir de roncos mistos. Ao menos, eu tratei de fazê-lo, mas não serve de nada: um momento depois estava mais acordada ainda, cheia de ansiedade contida, imaginando a total destruição de meu consultório; Brianna, Marsali ou os meninos, sucumbindo ante alguma súbita epidemia; a senhora Bug provocando rebeliões e derramamentos de sangue por toda a Colina.

Tombei-me para o outro lado, de cara ao Jamie.

- Está pensando tão alto que te ouço daqui –lhe disse- . Ou talvez contas ovelhas?

Abriu imediatamente os olhos, me dirigindo um sorriso melancólico.

- Contava porcos –me informou- . E com bom resultado, a não ser por essa besta branca que me aparecia de soslaio, sempre fora do alcance, como me provocando.

Ri com ele; logo, aproximei-me para apoiar a frente contra seu ombro, com um profundo suspiro.

- Temos que dormir, Jamie. Estou tão cansada que meus ossos parecem estar a ponto de fundir-se. E você estava em pé até antes que eu.

- Hum... - Rodeou-me com um braço para me estreitar contra seu ombro.

- Essa cruz... não acabará incendiando a casa? –perguntei um momento depois, tendo encontrado um motivo mais de preocupação.

- Não. –Sua voz soava algo sonolenta- . Faz tempo que se apagou.

O fogo do lar se reduziu a um leito de brasas resplandecentes. me tombando novamente para o lado oposto, fixei a vista nelas, tratando de esvaziar minha mente.

- Quando me casei com o Frank –lhe contei- , o sacerdote nos aconselhou que iniciássemos nossa vida conjugal rezando juntos o rosário na cama, todas as noites. Frank disse que não sabia bem se era um ato de devoção, uma maneira de conciliar o sonho ou só um método anticoncepcional permitido pela Igreja.

O peito do Jamie, a minhas costas, vibrou de risada calada.

- Pois se quer poderia provar, Sassenach- disse- . Mas terá que ser você quem leva a conta dos Ave-marias; está deitada sobre minha mão esquerda e já me intumesceram os dedos.

Movi-me um pouco para que pudesse retirar a mão.

- Rezar sim –disse- . Mas não isso, poderia ser outra oração. Conhece alguma boa para o momento de deitar-se?

- Montões –assegurou ele, movendo os dedos em alto para que o sangue voltasse para eles. Na penumbra da habitação, esse pausado movimento me recordou a maneira em que atraía às trutas, as incitando a sair de entre as pedras- . Deixa que faça memória.

A casa já estava em silêncio, descontando os habituais rangidos da madeira ao assentar-se.

Aqui tem uma –disse Jamie, por fim- . Tinha-a quase esquecida. Ensinou-me isso meu pai, não muito antes de morrer, dizendo que algum dia poderia me ser útil.

acomodou-se melhor, inclinando a cabeça para que o queixo descansasse sobre meu ombro, e começou a me falar com ouvido, com voz grave e cálida:

Benze, OH Deus, a lua que está por cima de mim.
Benze, OH Deus, a terra que está debaixo de mim.
Benze, OH Deus, a minha esposa e a meus filhos.
E me benza, OH Deus, a mim, que cuidei que eles.
Benze a minha esposa e a meus filhos,
E me benza, OH Deus, a mim, que cuidei que eles.

Tinha começado com certo acanhamento, vacilando de vez em quando em busca de uma palavra, mas isso já tinha desaparecido. Agora, falava com suave segurança, e não já para mim, embora sua mão morna descansava na curva de minha cintura.

Benze, OH Deus, aquilo em que sedimento o olhar.
Benze, OH Deus, aquilo em que ponho a esperança.

Benze, OH Deus, minha razão e meu objetivo.
Benze, OH benze-os, Deus da vida.
Benze, OH Deus, minha razão e meu objetivo.
Benze, OH benze-os, Deus da vida.

Sua mão acariciou a curva de meu quadril e subiu a me tocar o cabelo.

Benze a quem compartilha meu leito e meu amor.
Benze o manejo de minhas mãos.
Benze, OH benze, OH Deus, o combate em defesa
própria.

E benze, OH benze, o descanso angélico.
Benze, OH benze, OH Deus, o combate em defesa
própria.

E benze, OH benze, o descanso angélico.

Sua mão se ficou quieta sob meu queixo. Envolvi-a com a minha, suspirando muito fundo.

- OH!, gostou-me, sobre tudo o do descanso angélico. Quando Bree era pequena a deitávamos com uma oração aos anjos: “ Que Miguwl esteja a minha direita, Gabriel a minha esquerda, Uriel detrás de mim, Rafael diante... e sobre minha cabeça, a presença do Senhor.” - Ele me estreitou os dedos a modo de resposta.

Algo mais tarde, ao sentir que se levantava, voltei brevemente para a consciência.

- O que...? –perguntei, dormitada.

- Nada –sussurrou- . Só quero escrever uma nota. Dorme, a nighean donn. Ao despertar estarei a seu lado.

Colina do Fraser, 1 de
dezembro de 1770

Do Sr. James Fraser a
lorde John Grei,

Monte Josiah
Plantação de

Milord:

Escrevo-lhe com a esperança de que tudo continue bem em sua casa e para seus habitantes; em especial, minhas saudações a seu filho.

Todo marcha bem em minha casa e, até onde sei, no River Run também. As núpcias planejadas para minha filha e minha tia, sobre as quais lhe escrevi, sofreram a inesperada interferência das circunstâncias (principalmente uma circunstância chamada Randall Lylliwhite, nome que lhes menciono se por acaso algum dia passa a seu conhecimento). Mas meus netos receberam o batismo, por fortuna, e embora as bodas de minha tia foi adiada para outro momento, a união de minha filha com o senhor MacKenzie foi consagrada por cortesia do reverendo senhor Caldwell, digno cavalheiro, embora presbiteriano.

O jovem Jeremiah Alexander Ian Fraser MacKenzie (o nome Ian é, é

obvio, a variante escocesa do John, e se deve ao completo de minha filha a um amigo, além de sua primo) sobreviveu de bom ânimo tanto a seu batismo como à viagem de volta. Sua mãe me encomenda lhe dizer que seu xará possui agora não menos de quatro dentes, temível lucro que o torna extremamente perigoso para aquelas almas despreparadas que, enfeitadas por sua aparente inocência, põem inadvertidamente seus dígitos a seu pernicioso alcance. O menino remói como um crocodilo.

Durante o verão Deus tem feito prósperos nossos esforços, nos benzendo com abundância de cereais e feno silvestre, e de bestas para consumir. Os porcos sobem à presente a não menos de quarenta; duas vacas tiveram bezerros e comprei um cavalo novo. O caráter deste animal me provoca graves duvida, mas seu fôlego não.

Até aqui minhas boas novas.

Passo agora às más. fui renomado coronel de tropa, com ordens de recrutar e entregar a tantos homens como me é possível ao serviço do governador, por volta de meados de mês; este serviço está destinado a colaborar com a cessão de hostilidades locais.

Durante sua visita a Carolina do Norte, talvez ouvisse falar de um grupo de homens que se autodenominan “ reguladores” ... ou talvez não, posto que nessa ocasião outros assuntos ocuparam sua atenção (minha esposa sente prazer em receber bons informe sobre sua saúde e lhe envia um pacote de remédios, com instruções para sua administração, se por acaso ainda lhe atormentam os dores de cabeça)

Isto reguladores não são mais que chusma, menos disciplinados em sua maneira de atuar que os bagunceiros que, segundo nos há dito, enforcaram ao governador do Richardson em Efigie, Boston. Não digo que seus queixa não tenham fundamento, mas sim sua maneira das expressar faz difícil sua reparação por parte da Coroa; antes bem, pode provocar em ambas as partes maiores excessos, o qual não deixará de terminar em dano.

Em 24 de setembro houve no Hillsborough um estalo de violência, durante o qual se destruíram caprichosamente muitas propriedades e se recorreu à força –às vezes com justiça, às vezes não- , contra funcionários da Coroa. Um juiz foi infelizmente ferido. Muitos dos reguladores foram presos. Após não se ouviram mais que murmúrios ou pouco mais.

Tryon é um homem capaz, mas não é graneiro. Mesmo assim, talvez espera, mediante uma demonstração de força agora (quando é provável que não seja necessária) intimidar aos bagunceiros a fim de que mais adiante não seja necessário fazê-lo. É um militar.

Estes comentários me levam a verdadeiro objetivo desta missiva. Não espero conseqüências fatais da atual empresa, mas mesmo assim... Você também é militar, ao igual a eu. Conhece o imprevisível do mal e que catástrofes podem surgir dos começos mais corriqueiros.

Ninguém conhece os detalhes de seu próprio final, salvo que este tem que chegar. portanto, tomei todas as previsões possíveis para o bem-estar de minha família.

Enumero aqui a seus membros, posto que não os conhece todos: Claire Fraser, minha amada algema; minha filha Brianna e seu marido, Roger MacKenzie, e seu filho, Jeremiah MacKenzie. Minha outra filha Marsali e seu marido, Fergus Fraser, filho adotivo meu, que agora têm dois

pequenos, chamados Germain e Joan. A pequena Joan leva o nome da irmã do Marsali, conhecida como Joan MacKenzie, que à presente amora ainda em Escócia. Não disponho de tempo para familiarizá-lo com a história da situação, mas tenho bons motivos para considerar a esta jovem como uma filha mais, e me sinto igualmente obrigado a cuidar seu bem-estar e o de sua mãe, chamada Laoghaire MacKenzie.

Rogo-lhe, em nome de nossa larga amizade e pela consideração que lhe merecem minha esposa e minha filha, que se me acontecesse alguma desgraça nesta empresa, façam o que esteja a seu alcance para as pôr a salvo.

Parto para amanhecer de amanhã, que não está muito distante.

Seu muito humilde e obediente servidor,

James Alexander Malcom MacKenzie Fraser

Postcriptum: Meu agradecimento pela informação com que respondeu você a minha anterior averiguação sobre o Stephen Bonnet. Tomo nota do conselho que a acompanha com a maior apreciação e gratidão por sua amável intenção, embora, tal como suspeita, não me fará trocar de atitude.

Post-postcriptum: Farquard Campbell, do Greenoaks, perto do Cross Creek, tem em seu poder copia de minha vontade e testamento e dos documentos correspondentes a minha propriedade e assuntos, aqui e em Escócia.

O tempo nos ajudou , mantendo-se frio mas espaçoso. Com os Mueller e os homens das granjas dos arredores, partimos da Colina do Fraser um grupo de quase quarenta homens...e eu.

No terreno baixo do Wogan nos uniram seis mais, e três no Bellevue, mais os dois irmãos Findlay que provinham de um pequeno assentamento chamado Possum Gut. Todas as noites Jamie dirigia exercícios de prática militar, aunque de um tipo muito pouco ortodoxo.

- Não temos tempo para adestra-los como é devido –explicou ao Roger , a primeira noite- .Necessitam-se semanas de formação para que os homens não fujam quando começar o fogo.

O jovem se limitou a fazer um gesto de assentimento, embora me pareceu que por sua cara passava certa expressão de inquietação.

- É natural fugir do perigo, não? O objetivo de adestrar às tropas é as acostumar à voz do oficial, de modo que a escutem e obedeçam sem pensar no perigo.

- Sim, igual a adestra a um cavalo para que não se espante dos ruídos- interrompeu Roger.

- Assim é –lhe deu a razão Jamie, muito sério- .Mas há uma diferença; o cavalo deve estar convencido de que você sabe mais que ele, enquanto que o oficial só precisa gritar mais forte.

Roger se pôs-se a rir. Jamie prosseguiu com uma meia sorriso:

- Na França, quando me arrolei como soldado, me hacian partir de um lado a outro, de cima abaixo; desgastei um par de bota santes de que me dessem pólvora para a arma. Ao terminar o dia estava tão exausto que, se tivessem disparado um cañonazo junto a meu jergón, não me teria movido um cabelo.

Girou um pouco a cabeça; o sorriso desapareceu de sua cara.

- Mas não temos tempo para isso. A metade de nossos homens têm alguma experiência como soldados, teremos que confiar em que eles se mantenham firmes, se chegar o momento de combater, e dêem valor ao resto.

Olhou mais à frente do fogo, assinalando o panorama de árvores e montanhas que foram desaparecendo.

- Não é um grande campo de batalha, verdade? Devemos nos organizar para lutar onde haja um lugar para refugiar-se. Ensina-rem-lhes a combater como o fazem os montanhese de Escócia, a congregar-se ou disseminar-se a minha palavra e, se não, a arrumar-lhe como podem. Embora só a metade dos homens têm experiência como soldados, todos eles sabem caçar.

Levantou o queixo, assinalando para os recrutas, vários dos quais tinham caçado pequenas presas durante a jornada. Os irmãos Lindsay tinham disparado sobre as codornas que estávamos comendo.

Roger fez um gesto afirmativo e se agachou para retirar da fogueira uma bola de argila enegrecida, escondendo sua cara. Eu me levantei.

- Mas não é exatamente como caçar não? –Sentei-me junto ao Jamie

para lhe dar um pão-doce de milho quente- .Muito menos agora.

- O que quer dizer, Sassenach? –Jamie partiu o pão-doce, entrecerrando os olhos de

agradar ao inalar o aroma que dele emanava.

- Para começar, não sabe se chegarão a combater –assinalei-.Además,en todo caso não lhes enfrentarão com tropas treinadas; os reguladores têm tão pouca experiência como seus homens. Em terceiro lugar, a verdadeira intenção não é matá-los, a não ser assustá-los para que se retirem ou se rendam. E quarto- sorri ao Roger- , o objetivo da caça é matar algo, enquanto que o da guerra é retornar com vida.

Jamie se engasgou. Tentei lhe ajudar com uns tapinhas nas costas, mas ele me fulminou com o olhar. Tossiu algumas migalhas, tragou saliva e se levantou, agitando o plaid.

- me escute –disse, algo rouco- .Tem razão, Sassenach , mas também te equivoca. É verdade que não é como caçar, porque normalmente a presa não trata de te matar a ti.- voltou-se para o Roger, carrancudo, e lhe disse- : Disposta atenção. Claire se equivoca no resto. A guerra consiste em matar, e isso é tudo. Se não querer chegar a fazê-lo, se te conformar assustando, e sobre tudo se pensar em sua próprio pele...Vamos homem, estivesse mais morto quando anochezca o primeiro dia.

Jogou no fogo os restos de seu pão-doce e se afastou sem fazer ruído.

Durante um momento fiquei petrificada, até que o calor do pãozinho que tinha na mão me queimou os dedos. Deixei-o no tronco, com um *ai* apagado. Roger se moveu em seu assento.

- Tudo bem? –perguntou-me sem me olhar. Seus olhos seguiam fixos no lugar por onde Jamie tinha desaparecido.

- Bem.

Esfriei os dedos queimados contra a casca úmida do tronco. Uma vez aliviado o incômodo silêncio por esse pequeno diálogo, foi possível mencionar o assunto que nos ocupava.

- Embora Jamie tem certa experiência no tema –lhe disse- , acredito que isto foi uma reação exagerada.

- Você crie? –Roger não parecia nervoso nem preocupado por seus comentários.

- É obvio. Aconteça o que acontecer com os reguladores, sabemos perfeitamente que isto que isto não vai ser uma guerra declarada. O mais provável é que fique em nada!

- Tem razão.- O jovem seguia com a vista perdida na escuridão e os lábios franzidos, em atitude cavilosa- .Só que... não acredito que se referisse a isso.

Arqueei uma sobrancelha e ele me olhou com um sorriso irônico.

- Quando saiu de caceria comigo me perguntou que sábia eu do que se morava. O contei. Bree me há dito que também perguntou a ela e que lhe respondeu.

- O que se morava? Refere-te à revolução?

Roger assentiu, atento à parte de pão-doce que estava desmigando entre seus dedos largos e calejados.

- Contei-lhe o que sabia. As batalhas, a política. Não todos os detalhes, é obvio, mas sim o principal do que lembrança e o prolongado e sanguinário que será.- Durante um instante guardou silêncio; logo me olhou com um brilho verde nos olhos- .Suponho que é um intercâmbio justo. Tratando-se dele nunca se sabe, mas possivelmente o assustei e acaba de me devolver o favor.

Com um bufido de risada, levantei-me para sacudir os miolos e as cinzas de minha saia.

- O dia em que possa assustar ao Jamie Fraser com histórias da guerra, filho meu –disse- , esse dia se congelará o inferno.

Ele riu, sem perder a compostura.

- Pode que não o assustasse, mas ficou muito calado. Mas te direi algo.- Embora assumiu um ar mais sério, seus olhos seguiam brilhando- . A mim sim que me assustou.

Joguei uma olhada para os cavalos. Apesar de não ver o Jamie sabia que estava ali; o sutil movimento dos animais, seus leves bufos, diziam-me que alguém conhecido estava entre eles.

- -Ele não era um simples soldado –disse ao fim, em voz baixa- . Era oficial.

Voltei a me sentar no tronco e toquei o pão-doce. Logo que estava morno. Agarrei-o sem prová-lo.

- Eu fui enfermeira militar, sabe? Em um hospital da campanha, na França.

Ele inclinou com interesse sua cabeça moréia. O fogo projetava sombras intensas a sua cara, destacando o contraste das sobrancelhas densas e os ossos fortes com a curva suave da boca.

- Atendiá a soldados. Todos eles tinham medo.- Sorri com tristeza- .Os que tinham estado sob o fogo, porque recordavam; os que não, porque imaginavam. Mas os que não podiam dormir de noite eram os oficiais.

Deslizei distraidamente o polegar pela superfície desigual do pão-doce. Estava algo gordurenta.

- Eu estava com o Jamie depois do Preston, quando um de seus homens morreu em seus braços. Chorava. Isso o recorda. Se não recordar o do Culloden é porque não pode suportá-lo.

Baixei a vista à massa frita que tinha na mão, escavando as pontas queimadas com a unha do polegar.

- Assustou-o, sim. Não quer chorar por ti. Eu tampouco –acrescentei brandamente- .Embora agora não aconteça nada, quando chegar o momento...tome cuidado, há-me oído?

Houve um comprido silencio. Logo ele disse pelo baixo:

- Sim.- E se levantou. Suas pegadas se perderam rapidamente no silêncio da terra úmida.

O que ao Jamie assustava não era o que Roger lhe havia dito, a não ser o que ele mesmo sabia. Tudo bom oficial tem duas opções: deixar-se desmornar pela responsabilidade...ou endurecer-se como as pedras. Ele sabia.

Quanto a mim...eu também sabia umas quantas coisas. Estava casada com dois militares, ambos os oficiais. Tinha sido enfermeira e curadora nos campos de batalha de duas guerras.

Nos campos de batalha das duas guerras mundiais morreram milhares de soldados pelas feridas causadas; eu sabia. E sabia também que centenas de milhares morreram por infecções e enfermidades. Agora as coisas não seriam diferentes. Não nos próximos quatro anos.

E isso me assustava muito.

A noite seguinte acampamos nos bosques do Balsam Mountain, um ou dois quilômetros mais à frente do assentamento do Lucklow. Vários homens queriam continuar até a aldeia Brownsville, o ponto mais afastado de nossa viagem, antes de nos dirigir para o Salisbury. No Brownsville havia a possibilidade de nos encontrar com alguma taberna, correio o menos, um abrigo acolhedor onde pudéssemos dormir. Mas ao Jamie pareceu melhor esperar.

- Não quero assustar às pessoas –havia dito ao Roger- entrando com uma tropa de homens armados depois do anoitecer. É melhor aparecer quando tiver amanhecido, explicar ao que vamos e conceder aos homens um dia e uma noite para que se preparem.

Um espasmo de tosse lhe sacudiu os ombros.

Eu não gostava do aspecto do Jamie nem como soava sua voz. Tinha má cara; quando se aproximou da fogueira para encher sua tigela, percebi um som sibilante em sua respiração. A maioria dos homens se encontravam no mesmo estado; os narizes vermelhos e as tosses eram endêmicas. A fogueira viajava a cada instante, alcançada por algum cusparada.

- Ewald –chamou Jamie a um dos Muellers, com voz rouca. Fez uma pausa para pigarrear, com ruído de flanela rasgada- .Ewald, procura o Paul e tragam mais lenha para o fogo. A noite será fria.

Uma vez servido a última terrina, pu-me de costas ao fogo para tomar minha ração de guisado; um grato calor rodeou meu traseiro gelado.

- Está bem, senhora?- Jimmy Robertson, que tinha preparado a carne, perguntou-me, esperando um completo.

- Delicioso –lhe assegurei.

Em realidade, estava quente e eu tinha fome. Isso, somado ao feito de não ter tido que guisá-lo eu, deu a minhas palavras um tom de sinceridade tal que ele se foi satisfeito.

A mim também começava a me gotejar o nariz; esperava que simplesmente fora por causa da comida quente. Ao tragar, vi que não havia sinais de irritação na garganta, nem de congestão em meu peito. Ao Jamie tagarelavam os dentes; tinha terminado de comer e estava de pé a meu lado, esquentando-as nádegas junto ao fogo.

- Todo bien, Sassenach? –perguntou, rouco.

- Só rinite vasomotriz –repliquei, me tocando o nariz com o lenço.

- Onde? –Jogou um olhar suspicaz ao bosque- .Aqui? Não disse que viviam na África?

- O que? Ah, os rinocerontes. Sim, assim é. Só quis dizer que me gotejava o nariz, mas não tenho a gripe.

- Ah, não? Menos mal. Eu sim –acrescentou, e espirrou três vezes seguidas. Logo me entregou sua terrina vazia, para poder soá-la nariz com ambas as mãos, coisa que fez emitindo uma série de ruídos escandalosos. Fiz uma careta ao ver o avermelhadas e irritadas que estavam suas fossas nasais. Em meu alforja tinha um pouco de graxa de urso alcanforada, mas ele não me permitiria ficar o em público.

- Está seguro de que não deveríamos continuar? –perguntei- . Geordie diz que a aldeia não está longe e há uma...espécie de caminho.

Conhecia a resposta; ele não era dos que trocam de estratégia para sua comodidade pessoal. Desde perto, o assobio da respiração do Jamie tinha uma nota mais grave, lhe zumbam, que me afligia.

Ele sabia a que me referia, e sorriu, guardando o lenço empapado na manga.

- Sairei adiante, Sassenach –disse- . É só um pequeno resfriado. estive pior que agora em muitas ocasiões.

Relaxou o gesto. Dava-me a volta e vi dois homens que emergiam do bosque, sacudindo-a pinaza e trocitos de casca da roupa: Jack Parker e um dos novos, cujo eu nomeie ignorava ainda; a julgar por seu acento, seguro que tinha emigrado recentemente de algum lugar próximo ao Glasgow.

- Tudo em calma, senhor –disse Parker, tocando o chapéu em saudação- . Mas frio como a caridade.

- Sim. Do jantar não fui capaz de sentir minhas partes privadas –disse o do Glasgow, esfregando-se com uma careta enquanto se aproximava do fogo- . É como se tivessem desaparecido!

- Entendo-te –replicou Jamie- . Faz um momento fui mijar, mas não me encontrei isso.

Entre as gargalhadas, foi inspecionar os cavalos, com uma segunda tigela de guisado ao meio esvaziar na mão. Os outros já estavam preparando suas mantas e debatiam a conveniência de dormir com os pés ou a cabeça para o fogo.

- Se te aproximar muito lhe chamuscarão as reveste das botas – argumentou Evan Lindsay- . Veis?Las cunhas se derreteram e olhem o que passou.

Levantou um pé de grande tamanho, exibindo um calçado maltratado, pacote com uma corda tosca que o mantinha sujeito. Às vezes se costuravam as reveste e os saltos, mas o mais comum era as unir com pequenas cunhas de madeira ou couro pegadas com resina de pinheiro ou algum outro adesivo. a de pinheiro, em particular, era inflamável. Eu tinha visto estalar faíscas nos pés de quem os aproximava muito ao fogo: era alguma dessas cunhas, súbitamente presa pelo calor.

- É preferível a que te queime o cabelo –argumentou Ronnie Sinclair.

- Não acredito que os lindsay tenham que nos preocupar por isso. – Kenny sorriu a seu irmão maior, tirando-a boina de ponto que seus usaba, como dois irmãos, para cobri-la calva.

- Sim, sem duvidá-lo, a cabeça perto do fogo –disse Murdo- . Não convém que te congele o couro cabeludo.- Continuando, jogou um olhar invejoso ao Roger, quem se estava atando a densa juba negra com uma parte de couro- . MacKenzie não tem por que preocupar-se. É mais peludo que um urso!

Roger respondeu com um grande sorriso. Como os outros, tinha deixado de raspar-se assim que partimos da Colina; agora, passados oito dias, exibia um penugem espesso e escuro.

Jamie voltou a tempo para isso oir e riu também, mas a risada acabou em um espasmo de tosses.

Evan esperou a que passasse.

- O que opina você, MAC Dubh? Pés ou cabeça?

Jamie se limpou a boca com a manga e sorriu. Parecia um verdadeiro vikingo, tão peludo como outros, com o fogo arrancando brilhos vermelhos e dourados a sua barba recente e sua juba solta.

- Isso não me preocupa, moços –disse- . Eu dormirei abrigado em qualquer posição.- E me

assinalou com a cabeça.

Houve um rumor geral de risadas, às que acrescentaram alguns comentários ligeiramente soezes em escocês e gaélico, por parte dos homens da Colina.

- Igual a uma tropa de sujos babuínos –murmurei pelo baixo- . E eu durmo com o bonito chefe!

- Os babuínos são os macacos sem cauda?- perguntou ele, interrompendo seu diálogo com o Ewald sobre os cavalos.

- Sabe perfeitamente.

Olhei-o aos olhos e ele curvou a boca a um lado, sabiendo que eu lhe adivinhava o pensamento. O sorriso se alargou.

- Por certo –murmurou a meu ouvido- , leva postos essas calças infernais?

- Sim.

- tira-lhe isso

- O que? Aqui? –Olhei-o com olhos de fingida inocência- . Quer que me congele o traseiro? –Ele entreabriu apenas, com um brilho azul de gato.

- Não te congelará. Asseguro-lhe isso.

ficou detrás de mim; o calor ardente das chamas foi substituído pela fresca solidez de seu corpo. Não menos ardente, como descobri quando me rodeou a cintura com os braços para me atrair para si.

- Ah, encontraste-a –disse- .Que bem!

- Que coisa? Tinha perdido algo? –Roger se deteve. Vinha de onde estavam os cavalos, com um cilindro de mantas sob um braço e seu bodharm sob o outro.

- Pois.. só um par de calças velhas –respondeu Jamie. Às escondidas atrás de meu xale, deslizou uma mão sob a cinturilla de minha saia- . vais obsequiar nos com uma canção?

- Se alguém quiser, certamente.- O jovem sorriu, avermelhada a luz do fogo sobre suas facções- . Em realidade quero aprender uma; Evan prometeu me cantar uma peça romântica que lhe ensinou sua avó.

- OH!, acredito q a conheço –riu Jamie.

Roger arqueou uma sobrancelha; eu, assombrada também, torci um pouco o torso para olhar a meu marido.

- Claro que não poderia cantá-la –disse ele com suavidade- . Mas sei a letra. No cárcere do Ardsmuir, Evan a cantava muito freqüentemente. É um pouco grosseira –acrescentou, com esse tom vagamente afetado que revistam

adotar os montanhese do Escocia, justo antes de te dizer algo escandaloso.

Roger, reconhecendo-o, pôs-se a rir.

- Nesse caso será melhor que a escreba- disse- , para benefício das gerações futuras.

Os dedos do Jamie tinham estado trabalhando com habilidade. Nesse momento, as calças (que eram deles e, portanto, umas seis talhas mais das que me correspondiam) caíram silenciosamente ao chão. Uma corrente geada subiu sob minhas saias, chocando-se contra minhas partes inferiores recém despidas. Aspirei bruscamente.

- Faz frio, não? –Roger se encongió de ombros, estremecendo-se exageradamente por solidariedade.

- Pois sim –confirmei- . Para lhe congelar as Pelotas a um macaco de bronze, não?

Os dois estalaram em simultâneos ataques de tosse.

Com o sentinela em seu posto e os cavalos atendidos, retiramos a nosso lugar de descanso, a discreta distância do fogo. O calor da comida e o fogo se esfumaram, mas só me estremeci de verdade quando ele me tocou.

Teria querido me colocar imediatamente entre as mantas, mas Jamie me reteve. Sua intenção original parecia intacta, mas algo lhe distraiu. Ficou imóvel, embora sem deixar de me abraçar, com a cabeça erguida para escutar, a vista fixa na penumbra do bosque.

- O que acontece? –Movi-me um pouco, me apertando instintivamente contra ele, e seus braços me rodearam.

- Não sei. Mas percebo algo, Sassenach. –apartou-se um pouco, levantando a cabeça em inquieta busca, como o lobo que fareja o vento, mas não nos chegou mais mensagem que um distante repico de ramos nus- . Se não serem rinocerontes, algo há.- Um sussurro intranquilo me arrepiou os cabelos da nuca- . Espera um momento, querida.

O vento soprou súbitamente frio com a perda de sua presença, enquanto ele ia falar em voz baixa com dois dos homens. O que era o que percebia ali? Seu sentido do perigo me inspirava o major dos respeitos. Um momento depois se sentou em cuclillas a meu lado, enquanto eu me cobria entre as mantas.

- Não passa nada. Hei-lhes dito que esta noite poremos dois guardas e que cada um deve ter sua arma carregada e à mão. Mas acredito que tudo está bem.

Seguia olhando para o bosque, mas sua expressão era só pensativa.

- Tudo está bem –repetiu

- foi-se?

Girou a cabeça, com os lábios algo contraídos. Sua boca parecia suave, tenra e vulnerável entre sua barba incipiente.

- Não sei sequer se tiver havido algo ali, Sassenach –disse- . Pareceu-me sentir que me observavam, mas pôde ser um lobo de passagem, um mocho... ou nada mais que um spiorad em pena, vagando pelo bosque. De qualquer modo já se foi.

Sorriu-me; vi a piscada de luz que emoldurava sua cabeça e seus ombros, recortados contra o fogo. Mais à frente se ouvia a voz do Roger,

sobre o crepitar do fogo; estava aprendendo a melodia da canção, seguindo a voz de evan, rouca, mas segura. Quando Jamie se deslizou entre as mantas, a meu lado, girei para ele, buscando-o com as mãos frias para lhe devolver o favor que me tinha feito antes.

Tremíamos convulsivamente, cada um procurando com urgência o calor do outro. Achei-o e ele me girou, elevando as capas de tecido que nos separavam até ficar atrás de mim, me rodeando com um braço; pequenas partes de secreta nudez nos uniam calidamente sob as mantas. De cara ao bosque em penumbras, contemplei a luz do fogo que dançava entre as árvores, enquanto Jamie se movia atrás de mim (atrás, no meio, dentro), grande e quente, tão devagar que logo que fazia sussurrar os ramos sobre as que jazíamos.

A voz do Roger se elevou, doce e potente, e pouco a pouco deixamos de tremer.

Despertei muito mais tarde, sob um céu negro azulado, com a boca seca, e a respiração rouca do Jamie perto de meu ouvido. Tinha estado sonhando um desses sonhos sem sentido de incessante repetição, que ao despertar desaparecem mas deixam um desagradável sabor na boca e na mente. Necessitava água e devia esvaziar a bexiga, tudo de uma vez, de modo que me escorri com cuidado sob o braço do Jamie e saí das mantas. Ele se moveu, com uma leve queixa, soprando em sonhos, mas não despertou.

Detive-me para posar uma mão em sua frente. Estava fria, sem febre. Talvez fora só um forte resfriado, como ele dizia. Levantei-me, abandonando a contra gosto o quente santuário de nosso ninho, mas sabendo que não podia esperar à manhã.

As canções se sossegaram; a fogueira era agora mais pequena, mas seguia acesa, alimentada pelo sentinela. Era Murdo Lindsay. Levantei a mão em uma breve saudação. Murdo respondeu com uma inclinação de cabeça e continuou vigiando o bosque.

Os homens dormiam em um círculo, sepultados entre suas mantas. De repente, ao caminhar entre eles senti reparo. Afetada ainda pelo feitiço da noite e os sonhos, estremeci-me ante aquelas silhuetas caladas, tão quietas uma ao lado da outra. Assim tinham disposto os cadáveres no Amiens. E no Preston. Imóveis e amortalhados, um junto a outro, com as caras cobertas, anônimos. Estranha vez a guerra olhe a seus mortos à cara.

E por que despertava do abraço amoroso pensando na guerra e em fileiras adormecidos de cadáveres? Isso me perguntei enquanto passava por onde estavam aqueles corpos. A resposta era singela dado nosso destino: íamos para uma batalha, se não imediata, ao menos próxima.

Passei junto ao último dos homens dormidos como se caminhasse em meio de um sonho maligno, do que ainda não tinha despertado de tudo. Logo recolhi um cantil do chão, perto das alforjas, e bebi profundamente. O frio penetrante da água começou a dissipar meus pensamentos sombrios, arrastados por aquele sabor doce e limpo. Fiz uma pausa para me secar a boca.

Seria melhor levar um pouco ao Jamie; se não o tinha despertado minha ausência, despertaria minha volta. E ele também teria a boca seca, já

que não podia respirar pelo nariz. Pendurei-me a cantil ao ombro e entrei na proteção do bosque.

Pese ao frio intenso, ali havia muita paz. Jamie tinha razão: se algo tinha passado por ali horas antes, no bosque não havia já nada adverso.

Como se ao pensar nele o tivesse convocado, ouvi uma pegada cautelosa e o ofego lento e sibilante de sua respiração. Tossiu com um ruído estrangulado que eu não gostei absolutamente.

- Aqui estou –disse pelo baixo- . Como está seu peito?

A tosse se cortou em um súbito ofego de pânico e um ranger de folhas. Vi que Murdo, junto ao fogo, levantava-se de um salto, mosquete em mão; logo, uma silhueta escura passou como um raio a meu lado.

- Nê! –exclamei, mais surpreendida que assustada. A silhueta tropeçou. Instintivamente, ondeei a correia do cantil por cima de minha cabeça, e golpeei com ela as costas da silhueta, com um ruído oco. Quem quer que fosse (não se tratava do Jamie) caiu de joelhos , tossindo.

As estrelas giravam raudamente no alto, refulgindo por entre os ramos sem folhas. Meu atacante desapareceu, depois de ter expresso seu sobressalto com uma pequenina interjeição escocesa. A minha esquerda se ouviam gritos e ruídos de choque, mas toda minha atenção estava concentrada em recuperar o fôlego.

O intruso já tinha sido capturado e miserável até a luz do fogo.

Se não tivesse estado tossindo ao receber meu golpe, o mais provável é que tivesse conseguido escapar. Tal como aconteceram as coisas, agora tossia e ofegava tanto que logo que podia manter-se em pé; sua cara estava arroxeadada pelo esforço de fazer acontecer o ar. As veias da frente se sobressaíam como lombrigas. Ao respirar (ao menos, ao tentá-lo) emitia um arrepiante assobio.

- Que diabos faz você aqui? –interpelou Jamie, rouco. Logo fez uma pausa para tossir por solidariedade.

Pergunta-a era puramente retórica, pois era evidente que o menino não podia falar. Era Josiah Beardsley, meu possível paciente de amidalite. O que tivesse estado fazendo da congregação não parecia ter melhorado sua saúde, por certo.

Corri para o fogo, em busca da cafeteira que estava entre as brasas. Colhi-a com uma dobra de meu xale e a agitei. Bem: ficava um pouco. E como tinha estado fervendo do jantar, devia estar quente como o inferno.

- Sentem e lhe afrouxem as roupas; e me tragam água fria. –Abri-me passo através do círculo de homens que rodeava ao cativo, obrigando-os a apartar-se com a cafeteira quente.

Um momento depois punha um tigela de café em seus lábios, negro e viscoso, diluído tão somente com um pouco de água fria para que não lhe queimasse a boca.

- Exala lentamente contando até quatro, aspira contando até dois, exala de novo e bebe um sorvo –o instruí.

O branco dos olhos era visível ao redor da íris; pelas comissuras de sua boca aparecia a saliva. Apoiei-lhe uma mão firme no ombro, insistindo-o a respirar, a contar, a respirar... Um sorvo, uma inspiração, um sorvo, uma inspiração... E quando se acabou o café, sua cara tinha perdido esse alarmante matiz carmesim para aproximar-se mais à cor da pança do

pescado, com um par de marcas avermelhadas ali onde os homens o tinham golpeado. O ar seguia assobiando em seus pulmões, mas ao menos respirava, o qual era uma considerável melhoria.

Os homens o observavam com interesse, entre murmúrios, mas como fazia frio, era tarde e a emoção da captura tinha desaparecido, começavam a bocejar e entrecerrar os olhos. Depois de tudo, só era um guri, mirrado e além feio. A uma ordem do Jamie, voltaram para suas mantas sem protestar, deixando que seu chefe, Roger e eu atendêssemos ao inesperado hóspede.

Para ter quatorze anos era miúdo e estava fraco até a debilitação; quando lhe abri a camisa para auscultá-lo, teria podido lhe contar as costelas. Pelo resto, não tinha nenhum rasgo belo: o cabelo negro, muito curto, estava denso de pó, graxa e suor; em geral, seu aspecto era o de um macaco cheio de pulgas; grandes e negros, os olhos ressaltavam na cara consumida pela preocupação e a desconfiança.

depois de ter feito quanto estava a meu alcance, fiquei mais satisfeita com seu aspecto. A meu sinal, Jamie se agachou a meu lado.

- Bem, senhor Beardsley –disse com simpatia- ,viestes para lhes incorporar a nossa tropa?

- Né... não. –Josiah fez girar a taça de madeira entre as mãos, sem elevar a vista- . Eu... né... meus assuntos me trejeron para aqui, isso é tudo.

Sua voz soava tão rouca que fiz uma careta por empatia, imaginando a dor de sua garganta inflada.

- Compreendo. –Jamie manteve a voz grave e amistosa- . De maneira que viu nossa fogueira por acaso e te ocorreu dever buscar comida e refúgio.

- Sim, assim foi. –Tragou saliva com evidente dificuldade.

- Estraguem. Mas veio mais cedo, verdade? Estava no bosque quando obscureceu. por que esperou a que saísse a lua antes de te aproximar?

- Eu não... não estava...

- OH, claro que sim.- O tom do Jamie seguia sendo cordial, mas firme. Alargou a mão para agarrar ao Josiah pela percha da camisa, lhe obrigando a que o olhasse- .Ouça, menino, entre você e eu há um trato. É meu arrendatário, conforme acordamos. Isso significa que tem direito a meu amparo. Também significa que eu tenho direito ou seja a verdade.

Josiah lhe sustentou o olhar. Embora sua expressão havia medo e cautela, também se via nela o aprumo de uma pessoa muito major. Não fez esforço algum por apartar a vista. Seus olhos, negros e sagazes, tornaram-se profundamente calculadores. Esse menino (se na verdade o podia considerar assim, coisa que Jamie, obviamente, não acreditava) estava habituado a depender exclusivamente de si mesmo.

- Vos disse, senhor, que iria a sua casa por volta do ano novo, e isso é o que penso fazer. O que faça enquanto isso é meu assunto.

Jamie arqueou as sobrancelhas, mas o soltou com um lento gesto afirmativo.

- É certo. Mas admitirá que alguém tem direito a sentir curiosidade.

O menino abriu a boca para falar, mas trocou de idéia e escondeu novamente o nariz na taça de café. Jamie o tentou de novo.

- Podemos te oferecer ajuda para seus assuntos? Quer viajar um

trecho conosco, ao menos?

Josiah negou com a cabeça.

- Não. Tenho uma obrigação para com você, senhor, mas é melhor que atenda isso por mim mesmo.

Roger, que estava sentado detrás do Jamie, observava-o em silêncio. de repente se inclinou para diante, os olhos verdes fixos no menino.

- Esse teu assunto –disse- , tem algo que ver com essa marca que leva no polegar?

A taça caiu ao chão; o café, ao derramar-se, salpicou-me a cara e o sutiã. antes de que eu pudesse piscar para ver o que ocorria, o moço tinha abandonado suas mantas e cruzado a metade do claro. Por então Jamie já ia detrás dele. Ambos desapareceram no bosque, como uma raposa açoitada por seu sabujo. Roger e eu ficamos boquiabertos.

Pela segunda vez na noite, os homens abandonaram suas mantas e jogaram mão de suas armas. Eu começava a pensar que o governador ficaria muito agradado com seus milicianos; sem dúvida alguma, estavam preparados para ficar em ação em um momento.

- Que diabos...? –perguntei ao Roger, enquanto me limpava o café das sobancelhas.

- Acredito que não deveria ter mencionado o tema tão de repente – disse.

- O que? O que? O que passa agora? –bramou Murdo Lindsay, apontando seu mosquete às árvores.

- Atacam-nos? Onde estão esses bodes? –Kenny apareceu a meu lado, engatinhando; espiava por debaixo de seu gorro de ponto como um sapo sob um regador.

- Nada. Não acontece nada. Quer dizer... em realidade está tudo bem.

Os homens voltaram a deitar-se, enquanto Roger e eu nos olhávamos por cima da cafeteira.

- O que era? –perguntei, um pouco irritada.

- A marca? Estou quase seguro de que era uma letra L. A vi quando lhe deu a taça de café e ele a colheu com a mão.

Me contraiu o estômago. Sabia o que significava isso; tinha-o visto em outras ocasiões.

- Ladrão –disse Roger, sem deixar de me olhar- . Marcaram-no.

- Sim –exclamei, entristecida- . OH!, meu deus.

- Se a gente da Colina se inteirasse, não o aceitariam? –perguntou Roger.

- Duvido que algum se incomodasse. O problema é que tenha fugido quando o mencionou. Não só é um ladrão sentenciado: temo que possa ser um fugitivo. E na congregação, Jamie o convocou.

- Ah. –Roger se arranhou distraidamente os bigodes- . Earbsachd. Agora Jamie se sentirá comprometido com ele, verdade?

- Algo assim.

Roger era escocês e das Terras Altas, pelo menos tecnicamente. Mas tinha nascido muito depois de que desaparecessem os clãs; nem a história nem a herança podiam lhe haver ensinado a força desses antigos vínculos

entre senhor e arrendatário, entre o chefe e o integrante do clã. O mais provável é que o mesmo Josiah não tivesse idéia de quão importante era o earbsachd, prometido-o e aceito por ambas as partes. Jamie sim.

- Crie que Jamie poderá alcançá-lo? –perguntou ele.

- Suponho que já o tem feito. Se o tivesse perdido já estaria de volta.

Roger se levantou de meu lado para espiar entre as árvores, um pouco aflito.

- Está demorando muito. Se tiver pilhado ao guri, o que está fazendo com ele?

- Lhe tirando a verdade, suponho –disse- . Ao Jamie não gosta que lhe mintam.

Ele me olhou com certo sobressalto.

- Como o faz?

Encolhi-me de ombros

- Como pode. –Eu lhe tinha visto fazê-lo através da razão, a astúcia, o encanto, as ameaças e, em uma ocasião, por meio da força bruta. Rezei para que não tivesse que empregá-la, mais por seu bem que pelo do Josiah.

- Compreendo –murmurou Roger - . Pois bem...

A cafeteira estava vazia; agasalhada sob meu capote, baixei ao arroio para enchê-la outra vez. depois de pendurá-la novamente sobre o fogo, sentei-me a esperar.

- Deveria ir dormir –disse, depois de alguns minutos.

Roger se limitou a sorrir. Logo se limpou o nariz e se acurrucó melhor dentro da capa.

- Você também.

Roger avivou um pouco o fogo, acrescentando algumas partes de lenha. A cafeteira fumegava, mesclando o ruído dos roncoss fleumáticos dos homens com o vaio das gotas que caíam ocasionalmente ao fogo. Roger guardava silêncio, contemplando o movimento das chamas e o bosque, com os olhos entreabridos. Perguntei-me o que pensaria.

- Teme por ele? –perguntou fico, sem me olhar.

- Quando? Agora ou sempre? –Sorri sem muito humor- . Se temesse por ele não descansaria nunca.

Ele se voltou a me olhar com um vago sorriso.

- Agora está tranqüila, verdade?

Sorri novamente, esta vez de verdade.

- Não me estou passeando de um lado a outro –respon-di- . Nem me retorço as mãos.

- Talvez te servisse para as manter quentes.

Um dos homens se moveu em seus envoltórios, murmurando. Durante um momento deixamos de falar. A cafeteira fervia, deixando ouvir o suave rumor do líquido.

O que é o que o atrasava? Não podia demorar tanto em interrogar ao Josiah Beardsley; a essas horas já deveria ter obtido as respostas que queria ou deixado em liberdade ao moço. Pouco importava ao Jamie o que o guri tivesse roubado, a não ser pela promessa do earbsachd.

- Quer que vá a por ele? –perguntou Roger súbitamente, em voz baixa.

Dava um coice e me esfreguei a cara com uma mão, movendo a cabeça para me limpar.

- Não. É perigoso entrar em bosques desconhecidos na escuridão. E de qualquer modo não o encontraria. Se pela manhã não retornou... já haverá tempo.

Com o lento transcorrer dos segundos comecei a pensar que, em realidade, o amanhecer podia chegar antes que Jamie. Estava preocupada com ele, mas enquanto não esclarecesse, não havia nada que se pudesse fazer. Tratando de distrair a mente daquelas especulações nervosas, provei a contar as tosses dos homens que dormiam em torno do fogo.

A oitava foi a do Roger: uma tosse grave, frouxa, que lhe sacudiu os ombros. Perguntei-me se estaria preocupado pelo Bree e Jemmy. Ou possivelmente se perguntava se Bree estaria preocupada com ele. Eu poderia havê-lo tirado de dúvidas, mas de nada lhe teria servido.

Por fim comecei a dormir, me sobressaltando cada vez que cabeceava. A última vez despertou o breve contato de duas mãos em meus ombros. Roger me tendeu no chão, me amontoando a metade do xale sob a cabeça, a maneira de travesseiro, e me abrigoando os ombros com o resto. Vi-o um momento, recortado contra o fogo, negro e peludo em seu capote. Logo não soube mais.

Não sei durante quanto tempo dormi. Despertou súbitamente um espirro explosivo, a pouca distância. Jamie estava sentado a um par de metros, sujeitando a boneca do Josiah Beardsley com uma mão, a faca com a outra. deteve-se o tempo suficiente para espirrar duas vezes mais, depois de limpá-la nariz com a manga, impaciente, afundou a adaga entre as brasas.

Ao sentir o fedor do metal quente me incorporei de súbito. antes de que pudesse dizer ou fazer nada, algo se moveu pego a mim. Baixei a vista, estupefata, olhei uma e outra vez, convencida, em meu atordoamento, de que ainda estava sonhando.

Sob meu capote, acurrucado contra meu corpo, um menino dormia profundamente. Ao levantar o olhar, vi que Jamie pressionava o polegar do Josiah contra o petal abrasador de sua adaga enegrecida.

Ele viu meu gesto convulsivo pela extremidade do olho e me dirigiu um olhar carrancudo, enrugando os lábios calado mandando silêncio. Josiah tinha a cara contraída e os lábios estirados, descobrindo os dentes em um gesto de tortura, mas não fazia ruído algum. Ao outro lado do fogo, Kenny Lindsay observava, sentado e calado como uma rocha.

Ainda convencida de que sonhava (ao menos, isso esperava), apoiei uma mão no menino acurrucado contra mim. Ele se moveu outra vez. O contato da carne sólida sob os dedos despertou por completo. Quando fechei a mão sobre seu ombro, ele abriu os olhos de par em par, alarmado.

separou-se de um salto, levantando-se com estupidez. Então viu seu irmão (pois obviamente Josiah era seu gêmeo) e se deteve abruptamente, jogando um olhar enlouquecido em volto do claro: os homens disseminados, Jamie, Roger, eu mesma.

Josiah, sem emprestar atenção à dor da mão queimada, que devia ser espantoso, levantou-se para aproximar-se velozmente a seu irmão e lhe agarrou pelo braço.

Vi que Josiah lhe espremia o braço para tranquilizá-lo; então comecei a suspeitar o que era o que tinha roubado. Lhes dirigindo um sorriso, alarguei a mão para o Josiah.

- me deixe ver essa mão –sussurrei.

Depois de uma momentânea vacilação, ele me entregou a mão direita. Era um bom trabalho, tanto que por um momento me senti enjoada. A gema do polegar lhe tinha sido retirada com um corte limpo; a ferida aberta, cauterizada com metal ao vermelho. Um ovalóide negro, encostrado, substituíra a marca incriminatória.

Alguém se moveu brandamente detrás de mim: Roger me trazia a caixa de remédios. Deixou-a junto a meus pés.

Pela lesão não podia fazer muito, salvo aplicar um pouco de unguento de genciana e enfaixar o polegar com um pano limpo e seco. Jamie, já guardado a adaga, levantou-se sem ruído para ir revolver entre as alforjas. Quando acabei minha breve tarefa, ele estava de volta, com um pouco de comida envolta em um lenço e uma manta que nos sobrava atada em um cilindro. Também trazia as calças que me tinha tirado.

Entregou o objeto ao menino novo; a comida e a manta, ao Josiah. Logo estreitou com força o ombro do rapaz e pôs uma mão suave nas costas de seu irmão, para fazer que se girassem em direção ao bosque, assinalando as árvores com um gesto com a cabeça. Josiah assentiu. depois de me saudar tocando-a frente, muito branco a vendagem do polegar, sussurrou:

- Obrigado, senhora.

Os dois meninos desapareceram silenciosamente entre as árvores; os pés descalços do gêmeo apareciam, pálidos, sob a prega lhe ondulem das calças.

Surpreendi ao Roger olhando sobre o ombro do Jamie. O jovem assinalou para o este e cruzou um

dedo sobre os lábios, logo se encolheu de ombros com uma careta de resignação. Estava tão interessado como eu por saber o que tinha acontecido e por que. Mas tinha razão: a noite chegava a seu fim. Logo amanheceria; os homens, habituados a despertar com a primeira luz, começariam a flutuar para a superfície da consciência.

Jamie tinha deixado de tossir, mas estava emitindo uns gorgoteos horríveis, em um intento de limpar a gargante. Parecia um porco afogando-se no barro.

- Toma- sussurrei, lhe devolvendo o tigela- . Bebe e te deite. Deveria dormir um momento.

- Não vale a pena –disse, e apontou a cabeça para o este, onde os pinheiros se recortavam muitos negros contra o céu acinzentado- . Além disso, tenho que pensar que diabos vou fazer agora.

A morte vem de visita

Logo que pude conter minha impaciência enquanto os homens despertavam, comiam e levantavam o acampamento, com irritante parcimônia. Por fim, encontrei-me uma vez mais na arreios, cavalgando em uma manhã tão fria e limpa que o ar parecia fazer-se pedacinhos ao respirá-lo.

- Bem –disse sem preâmbulos, quando minha égua ficou à altura de seu cavalo- . Conta.

Ele se voltou a me olhar, sorrindo. Apesar daquela noite agitada, sentia-me cheia de energia; o sangue circulava muito perto de minha pele, florescendo em minhas bochechas.

- Não quer que esperemos ao pequeno Roger?

- O contarei má tarde, ou o fará você.

Açulei a minhas arreios para aproximá-la a do Jamie, com os joelhos envoltos no vapor que despedia o focinho do animal. Meu marido se esfregou a cara com uma mão, se sacudindo para desprender a fadiga.

- Bem –disse- . notaste que são irmãos, verdade?

- Notei-o, sim. De onde diabos saiu o outro?

- dali.

Assinalou para poente com o queixo. Entreabrindo os olhos distingui algo que parecia uma pequena casa, com um par de abrigos desvencilhados. Nesse momento uma pequena figura saiu da casa por volta de um deles.

- Estão a ponto de descobrir que ele desapareceu –disse Jamie, algo carrancudo- . Com um pouco de sorte pensarão que foi ao desculpado ou a ordenhar as cabras.

Não me incomodei em perguntar como sabia que ali tinham cabras.

- É o lar do Josiah e seu irmão?

- Em certo modo, Sassenach. Eram escravos.

- Eram? –repeti, cética. Parecia-me duvidosa que o período de escravidão dos irmãos tivesse expirado, casualmente, a noite anterior.

Jamie encongió um ombro e se limpou o nariz com a manga.

- A não ser que alguém os pilhe, sim.

- Você pilhou ao Josiah –assinalei- . O que te disse?

- A verdade.- Torceu um pouco a boca- . Ao menos isso acredito.

Tinha açoitado ao Josiah na escuridão, guiando-se por sua frenéticas ofega, até apanhá-lo em um terreno baixo rochoso. Envolveu ao menino gelado em sua manta, obrigou-o a sentar-se e, com judiciosa paciência e firmeza (reforçadas com sorvos de uísque de sua cigarreira), conseguiu lhe extrair a história.

- A família emigrou: pai, mãe e seis pirralhos. Somente os gêmeos sobreviveram à viagem; outros pereceram no mar por enfermidade. Aqui não tenían parentes; ao menos, ninguém que esperasse o navio, de modo que o

capitão os vendeu. Como o preço não havia talher o custo das passagens de toda a família, os meninos foram contratados para servir por trinta anos, para que seus jornais pagassem a dívida.

Contava-o com voz indiferente; eram coisas que aconteciam. Eu sabia, mas estava muito menos dispostas às aceitar sem comentários.

- Trinta anos! Mas se... Que idade tinham então?

- Dois ou três anos.

Fiquei atônita. Esse dado mitigava a tragédia básica, se o comprador dos meninos tivesse cuidado seu bem-estar. Mas recordei as costelas esqueléticas do Josiah e suas pernas curvadas. Não os tinha cuidado absolutamente. Claro que o mesmo acontecia com muitos meninos que viviam em seus próprios lares.

- Josiah não tem nem idéia dos quais eram seus pais, de onde vinham e como se chamavam –explicou Jamie, entre tosses e pigarros- . Sabe ou nome e o de seu irmão, que se chama Keziah, mas nada mais. Beardsley é o sobrenome do homem que os adquiriu. Quanto aos moços, não sabem se forem escoceses, ingleses ou irlandeses. Com esses nomes é provável que não sejam alemães nem poloneses, mas nem sequer isso é impossível.

- Hum.. Assim Josiah fugiu. Suponho que isso tem algo que ver com a marca de seu polegar.

Jamie assentiu, com a vista no chão, enquanto seu cavalo descidia cautelosamente o pendente.

- Roubou um queijo. Nisso foi sincero. –Alargou a boca em um gesto de momentânea diversão- . Roubou-o de uma granja do Brownsville, mas a criada o viu. Em realidade, a mulher disse que tinha sido o outro irmão, mas... Possivelmente não foi tão sincero como eu pensava. De qualquer maneira, um dos meninos agarrou o queijo, Beardsley os descrubió e chamou o delegado. Josiah aceitou a culpa... e o castigo.

Depois desse incidente, acontecido um par de anos antes, o menino tinha fugido da granja. Conforme contou ao Jamie, sua intenção era voltar para resgatar a seu irmão assim que achasse um lugar para viver. O oferecimento de meu marido lhe pareceu um dom do céu; então abandonou a congregação para retornar a pé.

- Imagine sua surpresa quando nos encontrou encarapitados na ladeira- comentou Jamie, e espirrou. limpou-se o nariz, com olhos lacrimosos- . Estava espreitando a pouca distância, sem saber se esperar a que fôssemos ou averiguar se íamos para a granja, pois nesse caso poderia aproveitar a distração para entrar às escondidas e levar-se a irmão.

- E você decidiu entrar com ele para ajudá-lo no roubo.

Também me gotejava o nariz pelo frio. Enquanto me soava, joguei uma olhada ao Jamie. Ainda tinha o nariz vermelho e a pele úmida devido à enfermidade, mas seus altos maçãs do rosto estavam acesos pelo sol da manhã e o via bastante corajoso, considerando que tinha passado toda a noite em um frio bosque.

- Foi divertido, não? –adivinhaei.

- Pois sim! Levava anos sem fazer algo assim. –O sorriso lhe enrugou os olhos, convertendo-os em triângulos azuis- . Foi como quando fazíamos incursões nas terras dos Grant, com o Dougal e seus homens, sendo eu um menino. Escorriamo-nos na escuridão e entrávamos no celeiro... meu deus,

se tive que me conter para não ficar com a vaca! Quer dizer, o teria feito, se tivessem tido vaca.

Ri com indulgência.

- É um perfeito bandido, Jamie.

- Bandido? –exclamou, um pouco ofendido- . Mas se for um homem muito honrado, Sassenach! Ao menos, quando posso permitir me corrigiu isso, jogando uma olhada para trás para assegurar-se de que ninguém pudesse nos ouvir.

- OH!. É totalmente honrado. mais do que te convém. Só que não sempre respeita as leis.

Esta observação pareceu desconcertá-lo um pouco, pois enrugou o sobrecenho, com um grunhido que tanto podia ser uma interjeição escocesas negativa como um intento de afrouxar o esgarço. Tossiu um pouco. Logo freou a suas arreios e, levantando-se nos estribos, agitou o chapéu para o Roger, que estava a certa distância, costa acima. O jovem respondeu a seu gesto e pôs a seu cavalo em direção a nós.

Eu detive minha égua junto ao Jamie e deixei cair as rédeas sobre seu pescoço.

- Farei que o pequeno Roger vá com os homens ao Brownsville – explicou Jamie, erguido em sua cadeira- enquanto eu visito os Beardsley. Vem comigo, Sassenach, ou vai com ele?

- Irei contigo –disse sem vacilar- . Quero ver como são esses Beardsley.

Sorridente, apartou-se o cabelo antes de voltar a impregnar o chapéu. Levava o cabelo solto para proteger do frio o pescoço e as orelhas; sua juba brilhava como cobre fundido sob o sol da manhã.

- Isso pensava. Mas cuidado com sua cara –acrescentou, em zombadora advertência- . Não vás ficar te boquiabertado a te pôr como um tomate se se mencionar ao servo ausente.

- Cuida você a tua –lhe repliquei, bastante chateada- . Tomata! Disse-te Josiah se lod maltratavam? –Talvez havia algo mais que o incidente do queijo depois da fuga do Josiah.

Ele moveu a cabeça.

- Não o perguntei, nem ele me disse isso. Mas pensa um pouco, Sassenach: abandonaria uma casa decente para viver sozinha nos bosques, dormir sobre folhagem fria e comer vermes e grilos até que aprendesse a caçar?

Açulando a seu cavalo subiu a costa ao encontro do Roger, enquanto eu estudava a conjectura. Retornou minutos depois. Eu pusé minhas arreios à altura da sua, com outra pergunta na mente.

- Mas se as coisas estavam tão mal para obrigá-lo a fugir, por que seu irmão não o acompanho?

Jamie me dirigiu um olhar de surpresa. Logo sorriu, algo carrancudo.

- Keziah é surdo, Sassenach.

Não era surdo de nascimento, conforme haviam dito ao Josiah; seu gêmeo tinha perdido o ouvido a consequência de uma lesão, quando tinha ao redor de cinco anos. portanto, sabia falar, mas só era capaz de ouvir ruídos muito fortes; ao não poder perceber o sussurro das folhas ou o ruído de pegadas, não podia caçar nem evitar a perseguição.

- Diz que Keziah entende o que lhe diz, e isso é indubitável.

Por então tínhamos chegado ao pé do pendente. Os cavalos se agruparam um instante em volta do Jamie, enquanto se decidiam os rumos e se estabeleciam os pontos de reunião. depois de intercambiar despedidas, Roger assobiou entre dentes, mostrando apenas um rastro de acanhamento, e agitou seu chapéu no ar em gesto de convocatória. Vi-o relaxar-se, girando-se pela metade na cadeira; logo olhou para o fronte.

- Não está seguro de que outros o sigam –comentou Jamie, com ar crítico. Logo se encolheu de ombros- . Já as arrumará. Ou não.

- As arrumará –assegurei, recordando a noite anterior.

- Alegra-me que o pense, Sassenacha. Vamos.- E estalou a língua, atirando as rédeas para que seu cavalo desse meia volta.

- Se não estar seguro de que as possa arrumar, por que deixa que vá sozinho? –perguntei a suas costas, ao entrar no bosquecillo que se interpunha entre nós e a granja, já invisível- .por que não manter ao grupo unido e conduzi-lo você mesmo ao Brownsville?

- Para começar, não aprenderá se não lhe dou oportunidade. Por outra parte... –Fez uma pausa, indo para mim- . Por outra parte não quero que todo o grupo vá a casa dos Beardsley. Poderiam inteirar-se de que desapareceu um servo. E todo o acampamento viu ontem à noite ao Josiah. Se te faltar um menino e se inteira de que um guri provocou um alvoroço no bosque próximo, pode tirar certas conclusões, não?

Segui-o através de um estreito desfiladeiro entre os pinheiros. O rocio cintilava como diamantes na casca e as agulhas. As gotas geladas que caíam dos ramos me arrepiavam a pele.

A menos que esse tal Beardsley seja velho ou aleijado, não deveria unir-se a ti? –objetei- .cedo ou tarde alguém mencionará ao Josiah diante dele.

Jamie sacudiu a cabeça.

- Em todo caso, o que lhe diriam? Os homens viram o guri que trouxemos e o viram fugir outra vez. Por isso eles sabem, pode ter tornado a escapar.

- Kenny Lindsay os viu ambos, quando voltou com eles. encolheu-se de ombros.

- Sim, falei com o Kenny enquanto selávamos os cavalos. Não dirá nada.

Tinha razão: Kenny era um de seus homens do Ardsmuir, dos que o obedeciam sem perguntar.

- Não –prosseguiu ele, guianado a suas arreios em volta de uma grande rocha- , Beardsley não é um aleijado; Josiah me disse que comercializa com os índios; leva mercadorias ao outro lado da Linha do Tratado, às aldeias cherokees.Lo que não sei é se estará em casa nestes momentos. Mas nesse caso...

Aspirou fundo e se deteve tossir, pelo comichão do ar frio nos pulmões.

- É outro dos motivos pelos que tenho feito que os homens se adiantem –continuou, algo ofegante- . Não nos reuniremos com eles até manhã, conforme acredito. Até então terão disposto de uma noite para beber e alternar no Brownsville; já não recordarão ao menino e será difícil que o mencionem em presença do Beardsley.

Pelo visto, contava com que os donos da granja fossem hospitalares e nos dessem albergue. Era uma expectativa razoável nessa zona boscosa. Decidi que se essa noite tossia outra vez, lubrificaria-lhe bem com graxa alcanforada, gostasse ou não; se fosse necessário, inclusive me sentaria sobre seu peito.

Quando saímos das árvores joguei um olhar dúbio à casa. Era mais pequena do que me tinha parecido e parecia uma ruína, mas eu tinha dormido em sítios piores e sem dúvida voltaria a fazê-lo.

O achaparrado celeiro tinha a porta totalmente aberto, mas não se viam sinais de vida. Todo o lugar parecia estar deserto, se não fora pela voluta de fumaça que saía da chaminé.

O dizer que Jamie era honrado, eu falava a sério, embora não fora toda a verdade. Era honrado, e também respeitava as leis... quando lhe mereciam respeito. que uma lei tivesse sido promulgada pela Coroa não era suficiente. Em troca, havia leis não escritas pelas que ele teria dado a vida.

Não obstante, embora a lei da propriedade tinha menos poder sobre os incursores escoceses que sobre outras pessoas, o certo era que ia pedir a hospitalidade de um homem ao que tinham despojado de algo de sua propriedade. Jamie não se opunha energicamente à servidão; pelo general teria respeitado o direito do senhor. O fato de que não o fizesse significava que percebia o predomínio de uma lei superior, já fora a amizade, a compaixão, o earbsachd ou outra.

Ele se tinha detido e me estava esperando.

- por que decidiu ajudar ao Josiah? –perguntem-lhe in rodeios, enquanto cruzávamos o maltratado milharal que se estendia diante da casa.

Jamie se tirou o chapéu e o enganchou à cadeira para atar o cabelo arrumando-se para o encontro.

- Pois... disse-lhe que, se estava decidido a seguir seu caminho, que o fizesse. Mas se queria vir à Colina, só ou com seu irmão, devíamos felpa resa marca de seu polegar para não provocar rumores. Do contrário os Bearsdley podiam inteirar-se e as conseqüências seriam nefastas.

Aspirou fundo e deixou escapar o ar; logo se voltou para mim, muito sério.

- O moço não vacilou nem um momento, embora sabia o que é ser marcado. E te direi, Sassenach: por amor ou por valor, o homem desesperado pode fazer algo uma vez. Mas quando já o tem feito e sabe o que vais sofrer, requer-se algo mais para fazê-lo de novo.

E, sem esperar respuesta, entrou no pátio espantando a um bando de pombas, muito erguido na arreios, com os ombros quadrados. Não havia sinais das cicatrizes que lhe marcavam as costas sob o capote, mas eu as conhecia de sobra.

De maneira que era isso. “ Igual a na água a cara reflete a cara, o coração do homem reflete ao

homem.” E a lei do valor era a que ele tinha respeitado sempre.

- Ah, da casa! –gritou Jamie, detendo-se no centro do pátio.

Era a etiqueta aceita para quem chegava a uma casa desconhecida. Embora a maioria dos montanhesees eram hospitalares, não faltavam quem

olhava aos forasteiros com cautela e tendiam a fazer as apresentações a ponta de pistola, enquanto o visitante não tivesse estabelecido sua boa fé.

Tendo isto em conta, mantive a prudente distancia detrás do Jamie, mas cuidei de me manter à vista, estendendo ostensivelmente minhas saias, a fim de exhibir minha condição feminina como prova de que nossas intenções eram pacíficas.

Jamie se dirigia para o estábulo, gritando a intervalos sem resultado aparente. Joguei uma olhada a meu redor, mas no pátio não havia rastros recentes, além das nossas. Junto ao tronco ao meio serrar se via um montão de esterco, mas não estava fresco; embora as bolas estavam úmidas de rocio, quase todas se desfeito em pó.

Ninguém tinha entrado nem saído dali, salvo a pé. O mais provável era que Beardsley estivessem ainda dentro, mas não se deixavam ver. Era cedo, sim, mas os granjeiros já deviam estar dedicados a suas tarefas. Ao fim e ao cabo, um momento antes eu tinha visto alguém ali.

Ao me voltar para a porta reparei em uma estranha série de entalhes cortados na madeira do marco. Eram pequenas, mas numerosas: percorriam uma das ombreiras com toda sua longitude e a outra, até a metade. Olhei mais atentamente; estavam dispostas em grupos, tal como os prisioneiros revistam levar a conta das semanas.

Jamie saiu do estábulo, seguido por uns quantos balidos. As cabras que ele tinha mencionado, sem dúvida. Perguntei-me se as ordenhar seria responsabilidade do Keziah. Nesse caso não demorariam para

descobrir sua ausência, se é que não a tinham descoberto ainda.

Jamie deu alguns passos para a casa e voltou a gritar, com as mãos ao redor da boca. Não houve resposta. depois de aguardar um momento, encolheu-se de ombros e subiu ao alpendre para bater na porta com o punho de sua faca. O ruído teria despertado a um morto, se havia algum na vencidad.

Jamie me olhou com uma sobrancelha arqueada. Os granjeiros não estavam acostumados a ausentar-se deixando a casa desatendida, sobre tudo se tinham ganho.

- Há alguém ali –disse ele, respondendo a meu pensamento- . As cabras estão recém ordenhas; ainda têm gotas nas tetas.

- Crie que terão saído a procurar... né... já sabe? – murmuré,acercándome

-Talvez.

apartou-se para espiar por uma janela. Quase todos seus cristais tinham desaparecido ou estavam quebrados. Uma parte de musselina puída, sujeita com tachinhas, cobria a abertura. Vi que Jamie a observava com ar carrancudo, com o dedén do artesão ante uma reparação mau feita.

de repente girou a cabeça.

- ouviste, Sassenach?

- Sim. Pensei que eram as cabras, mas...

O balido se ouviu outra vez, já inconfundivelmente dentro da casa. Jamie apoiou uma mão na porta, mas não cedeu.

- Ferrolho –disse brevemente

E voltou para a janela para soltar cuidadosamente uma esquina do tecido.

- Fiu! –exclamei, enrugando o nariz ante a baforada que surgia.

Estava habituada aos aromas das cabanas fechadas do inverno, onde os bafos de suor, roupa suja, pés molhados e bacinillas se mesclavam ao pão assado e os guisados, mas o aroma que emanava da residência dos Beardsley ia muito além do normal.

- Ou têm porcos dentro da casa –disse, jogando uma olhada ao estábulo- , ou há ali dez pessoas que não saíram da primavera.

- É um pouco forte –coincidiu ele. Aproximou a cara à janela, fazendo uma careta ante o fedor, e uivou: Thig a mach! Se não sair, Beardsley, vou entrar!

Espiei por cima de seu ombro, para ver o que resultados produzia essa ameaça. O quarto interior era amplo, mas estava tão lotado que a madeira manchada do chão logo que era visível entre o amontoamento de coisas.

A outra janela estava coberta por uma pele de lobo, que deixava o interior em sombras. Com tantas caixas, fardos e móveis amontoados, aquilo parecia uma versão empobrecida da cova do Alí Babá.

Outra vez chegou esse ruído da parte traseira da casa, um pouco mais forte; era uma mescla de rugido e chiado. Dava um passo atrás; o aroma acre, somado ao som, trouxe-me para a cabeça uma imagem de pelagem escura e violência súbita.

- Ursos –sugeri, médio a sério- . A gente se foi e dentro há um urso.

- Sim, Ricitos de Ouro –disse Jamie, seco- . Sem dúvida. Com ursos ou sem eles, aqui passa algo estranho. me traga as pistolas e a caixa de cartuchos que tenho na alforja.

antes de que eu pudesse abandonar o alpendre, dentro se ouviu um ruído de pés que se arrastavam. Girei imediatamente. Jamie tinha jogado mão de sua adaga, mas ao olhar para dentro afrouxou os dedos no punho. Vendo seu gesto de surpresa, inclinei-me sobre seu braço para olhar.

Uma mulher apareceu entre duas montanhas de mercadorias para olhar para fora com desconfiança, como um rato que espiasse de um cubo de lixo. Não tinha muito aspecto de rato: era bastante robusta e de cabelo ondulado, mas piscou à maneira calculadora dos insetos, avaliando a ameaça.

- Larguem-se –disse. Ao parecer, deduziu que não fomos a vanguarda de um exército invasor.

- bom dia você tenha, senhora –começou Jamie- . Sou James Fraser, de...

- Não me importa quem seja. Largue-se.

- Não o farei, é obvio –replicou ele com firmeza- . Devo falar com o homem da casa.

Pela cara gordinha cruzou uma estranha expressão: preocupação, cálculo e algo que podia ser diversão.

- De veraz? –Falava com um ligeiro ceceio- . E por ordem de quem?

Ao Jamie começavam a avermelhar-se o as orelhas, mas respondeu com bastante calma.

- Do governador, senhora. Sou o coronel James Fraser –ênfaticou- , e estou a cargo de recrutar uma tropa. Todos os homens fisicamente aptos, de entre dezesseis e sessenta anos, devem emprestar serviço. você terá a bondade de chamar o senhor Beardsley, por favor?

- De maneira que uma mi-li-recua? –disse ela, pausadamente- . por que? Contra quem vão brigar?

- Com um pouco de sorte, contra ninguém. Mas se chamou a recrutamento e devo responder. E também todos os homens fisicamente aptos que habitem dentro da Linha do Tratado.

Jamie esticou a mão contra o marco da porta e olhou à mulher de frente, com um sorriso cordial. Ela entreabriu os olhos e franziu os lábios, pensativa.

- Físicamente aptos –disse ao fim- . Bom, não têmemos nada de ezo. O ziervo tornou a fugir, mas até zi eztuviera aqui não zeria apto: zordo como uma taipa, e baztante mudo.- Assinalou a porta a modo de ilustração- . Mas zi quereiz perzeguirlo, podéiz quedaroiz com ele.

Ao parecer ninguém pensava correr detrás o Keziah. Aspirei fundo para dar um suspiro de alívio, mas o contive imediatamente.

Jamie não se daria por vencido com tanta facilidade.

- Está o senhor Beardsley em casa? –perguntou- . Quero vê-lo.

E provou a atirar do marco; a madeira seca se rompeu com um ruído de pistoletazo.

- Não eztá em condicionez de receber a ninguém –disse ela. A nota estranha aparecia outra vez em sua voz, cautelosa, mas ao mesmo tempo carregada de um pouco parecido ao entusiasmo.

- Está doente? –perguntei, aparecendo - .Talvez possa ajudar. Sou doutora.

Ela se adiantou um passo ou dois para me olhar, com o sobrecenho franzido sob uma densa massa de cabelo castanho. Era mais jovem do que eu tinha pensado; vista à luz, a safada não apresentava telarañas de velhice nem carnes frouxas.

- Doutora?

- Minha esposa é uma curadora de renome –explicou Jamie- . Os índios a chamam Corvo Branco.

- A mulher dos conjuros? –Ela abriu os olhos alarmada, e deu um passo atrás.

Algo me resultava estranho nessa mulher. Ao observá-la compreendi o que era. Pese ao fedor da casa, estava poda, com o cabelo suave e esponjoso; não era o normal na temporada fria; a maioria da gente não se banhava durante vários meses.

- Quem é você? –perguntei sem rodeios- . A senhora Beardsley? Ou talvez a senhorita Beardsley?

Não tinha mais de vinte e cinco anos, pensei, apesar do volumoso de sua figura. Observei-a com certo desagrado, mas ela me sustentou o olhar com bastante frieza.

- Zoy a zeñora Beardzley.

O alarme tinha desaparecido; franziu os lábios, projetando-os para fora com ar de cálculo. Jamie flexionou o braço e o marco da janela rangeu violentamente.

- Pazen, pois.

Ali estava outra vez esse tom estranho, entre o desafio e a ansiedade. Jamie franziu o sobrecenho ao captá-lo, mas deixou de sacudir o marco.

Ela saiu de entre as caixas para aproximar-se da porta. Vi-a em ação

menos de um segundo, mas bastou para notar que era agarre; arrastava um pé contra o chão.

ouviram-se golpes e grunhidos enquanto lutava com o cadeado; logo, um chiado e o golpe seco de este ao cair ao chão. A porta, curvada, entupiu-se no marco; Jamie empurrou com o ombro e a abriu de repente; as pranchas ficaram trêmulas pelo impacto. Quanto tempo levava sem abrir-se?

Muito, pelo visto. Jamie entrou soprando e tossindo; eu o segui, tratando de respirar pela boca. Mesmo assim o aroma teria podido deprimir a um furão. À fetidez da mercadoria acumulada se somava a de alguma letrina. Também cheirava a comida podre, mas havia algo mais. Contraí cautelosamente as fossas nasais, tratando de não inalar mais que umas poucas moléculas para sua análise.

- Quanto tempo leva doente o senhor Beardsley? –perguntei. Entre a fetidez geral, tinha reconhecido um claro aroma de enfermidade.

- Puez bastante.

Quando fechou a porta a nossas costas experimentei uma súbita claustrofobia. Dentro o ar estava denso, tanto pelo fedor como pela falta de luz. Senti um forte impulso de arrancar as coberturas de ambas as janelas para que entrasse um pouco de ar, mas apertei as mãos contra minha capa para não fazê-lo.

A senhora Beardsley ficou de lado para escorrer-se e Jamie foi atrás dela, passando baixo uns quantos postes para loja. Segui-os com cautela, tratando de não pensar que meu pé, de vez em quando, pisava em objetos desagradavelmente brandos. Maças podres? Ratos mortos? Caminhei me apertando o nariz e sem olhar para baixo.

A casa era de contrucción singela; uma habitação grande na parte frontal e outra detrás.

A habitação posterior contrastava de maneira chamativa com o asqueroso amontoado de em frente. Tudo estava impecável; a mesa de madeira e o lar de pedra, bem polidos; uns quantos utensillos reluziam em sua prateleira. Uma das janelas tinha o cristal intacto e sem cobrir; o sol da manhã atravessava a habitação, puro e radiante. Ali havia quietude e silêncio; isso aumentou a estranha sensação de ter entrado em uma espécie de santuário, com respeito ao caos do quarto dianteiro.

A impressão de paz se evaporou ao momento, ante um forte ruído que chegou de acima. Era o mesmo que tínhamos ouvido antes, mas o ouvia mais perto; um chiado desesperado, como o de um porco ao que torturassem. Jamie deu um coice e se dirigiu rapido para uma escalerilla que, do lado oposto da habitação, conduzia para um desvão.

- Eztá ali acima –disse a senhora Beardsley.

Não era necessário, pois Jamie já ia pela metade da escalerilla. O chiado se deixou ouvir outra vez, mais urgente. Decidi não ir procurar minha maleta sem ter investigado.

No momento em que agarrava a escalerilla, Jamie apareceu acima.

- Traz luz, Sassenach –disse brevemente. E sua cabeça desapareceu.

A mulher permanecia imóvel, com as mãos sepultadas no xale, sem fazer nada por procurar um candil. Tinha os lábios apertados e as bochechas manchadas de vermelho. Passei por seu lado para agarrar uma palmatória da prateleira e, depois de acendê-la no lar, subi

precipitadamente.

- Jamie? –Apareci a cabeça pelo desvão, sustentando a vela em alto.

- Aqui, Sassenach. –Ele estava de pé ao outro lado do quarto, onde as sombras eram mais densas. Passei sobre o batente da escalerilla para me reunir com ele, pisando com cautela.

Ali o fedor era muito mais forte. Ao ver um reflexo de algo na escuridão, aproximei a vela para olhá-lo.

Jamie aspirou bruscamente, tão espantado como eu, mas imediatamente dominou suas emoções.

- O senhor Beardsley, preumo –disse.

O homem era enorme; ao menos, tinha-o sido. A carne do braço pendia frouxa e branca; o enorme peito se afundava no centro, e o pescoço, que em outros tempos devia ter parecido o de um touro, estava consumido até mostrar as fibras. Um só olho brilhava, fenético, depois das mechas condensadas.

Esse olho se abriu de assombro. O homem emitiu novamente quel ruído, tratando de levantar a cabeça com insistência. Percebi o calafrio que percorria ao Jamie. Aquilo bastou para me arrepiar o cabelo da nuca, mas me dominei.

- Sujeita me o candil –diije, lhe pondo a palmatória na mão.

Deixei-me cair de joelhos; muito tarde, notei algo líquido através da saia. O homem jazia em sua própria imundície, desde para tempo, no estou acostumado a molhado e talher de substância viscosa. Estava nu; cobria-o só uma manta de linho. Ao retirá-la detectei chagas ulcerosas entre as manchas de excremento.

O que afetava ao senhor Beardsley era bastante óbvio; uma parte de sua cara lhe caía

grotescamente, com a pálpebra entrecerrado; tanto o braço como a perna jaziam lassos e mortos, com as articulações nodosas e extrañamente distorcidas pelo desaparecimento da massa muscular. Entre balidos resoplates, a língua aparecia pela comissura da boca, babando, em um vão intento de falar.

- Chist –lhe disse- . Não fale. Tudo irá bem.

Agarrei-lhe a boneca para avaliar o pulso; a carne se movia sobre os ossos, frouxa, sem a menor resposta a meu contato.

- Um ataque cerebral –disse brandamente ao Jamie- . Uma apoplexia, como diria você.

Apoiei uma mão no peito do Beardsley para lhe oferecer algum consolo.

- Não se preocupe –lhe disse- . viemos a ajudá-lo.

Falava em tom tranquilizador, mas me estava perguntando que ajuda poderíamos lhe dar. Higiene e casaco, pelo menos; nesse desvão fazia tão frio como no exterior; seu peito tinha a pele de galinha sob o pêlo abundante.

A escalerilla rangeu pesadamente; ao me voltar vi o contorno de uma cabeça esponjosa e dois grossos ombros, recortados contra a luz da cozinha.

- Quanto tempo leva assim? –perguntei com aspereza.

- Maz ou menoz... um mez –disse ela, depois de uma pausa. E adicionou à defensiva- : Não pude trazlardo. Ez muito pezado.

Isso era certo, sem dúvida.

- por que está aqui acima? –inquiriu Jamie- . Se não o moveu você, como pôde chegar até aqui?

Girou para iluminar o desvão com a luz da vela. Ali havia poucas coisas que pudessem atrair a um homem: um velho colchão de palha, umas quantas ferramentas disseminadas e velhos trastes domésticos. A luz brilhou contra a cara da senhora Beardsley, convertendo em gelo seus pálidos olhos azuis.

- Vinha... perzigiéndome –disse fracamente.

- O que? –Jamie se aproximou da escalerilla e a agarrou por um braço para ajudá-la (contra a vontade da mulher, pareceu-me) a subir o trecho restante- . Como é isso de que a estava perseguindo?

Ela curvou os ombros, redonda e feia como um frasco de bolachas entre seus grandes xales.

- Golpeou-me –disse simplesmente- . Zubí a escalerilla para fugir dele, mas me zigiú. Trate de ezconderme aqui, entre laz zombraz, e ele veio... mas entoncez... caiu. Y... já não pôde levantarze.

Voltou para encongerse de ombros.

- Hum, sim –disse Jamie, passando a vista de uma em outro- . Bem. Faça o favor de taer um pouco de água, senhora. Traga também outra vela e alguns trapos limpos –adicionou.

- Jamie, me aproxime a luz, quer?

ficou a meu lado, sustentando a vela para que iluminasse o corpo arruinado. Jogando ao Beardsley um tenebroso olhar, em que se mesclavam a piedade e o desagrado, moveu lentamente a cabeça.

- O castigo de Deus, não te parece, Sassenach?

- Não acredito que seja inteiramente de Deus –disse, baixando a voz para que não chegasse à cozinha. Alarguei a mão para agarrar a vela- . Olhe.

À sombra, perto da cabeça do Beardsley, havia um recipiente com água e um prato de pão, duro e azulado de mofo; ali o estou acostumado a estava talher de mendrugos de pão ao meio comer. Ela o tinha alimentado apenas o suficiente para mantê-lo com vida, embora na habitação de abaixo havia grandes quantidades de comida, assim como fardos de peles, jarras de azeite, mantas de lã empilhadas. Entretanto, o dono de todos esses bens jazia na escuridão, esfomeado e tremendo sob um sozinho lençol de linho.

- por que não o deixou morrer, sem mais? –perguntou-se Jamie em voz baixa, fixa a vista no pão mofado.

Ante isso Beardsley lançou uns gorgoteos e grunhidos; seu olho lacrimejou, em tanto umas borbulhas de muco apareciam no nariz. Arqueou o corpo, frustrado, mas logo se derrubou com um ruído

carnudo, que sacudiu as pranchas do desvão.

- Acredito que te entende. Verdade? –Tinha dirigido esta pergunta ao doente; pela maneira em que gorgoteó, babando, resultou óbvio que entendia; ao menos sabia que lhe estava falando.

- E se quer saber por que...

Assinalei com um gesto as pernas do Beardsley, movendo lentamente a vela sobre elas. Algumas das chagas se deviam ao feito de ter acontecido tanto tempo tendido e sem mover-se. Outras não. Uma das grandes coxas apresentava talhos paralelos, obviamente feitos com uma faca, já negros e coagulados. A pantorrilha estava decorada por uma linha regular de

ulcerações: feridas muito vermelhas, rezumantes e bordeadas de negro. Queimaduras que lhe tinham deixado ulcerar.

Ao ver aquilo, Jamie grunhiu pelo baixo e olhou para a escalerilla. De abaixo nos chegou o ruído de uma porta ao abrir-se; uma rajada fria subiu até o desvão, fazendo dançar a chama da vela. Quando a porta se fechou, chama-a voltou a estabilizar-se.

- Acredito que poderia lhe baixar. –Jamie elevou o candil para avaliar as vigas do teto- . Possivelmente, passando por esta viga uma corda grossa. O pode mover?

- Sim –disse. Mas não estava emprestando atenção. Ao me inclinar para as pernas do homem notei uma baforada de algo que levava muitíssimo tempo sem cheirar, um fedor maligno e sinistro.

Não me tinha encontrado isso muitas vezes, mas bastava com uma: o aroma penetrante da gangrena refrigerante é inesquecível. Não quis dizer nada que pudesse alarmar ao Beardsley, se é que podia me entender. Em troca lhe dava um tapinha tranquilizador e fui em busca da palmatória para ver melhor.

Ao entregármela, Jamie se inclinou para me murmurar ao ouvido:

- Pode fazer algo por ele, Sassenach?

- Não –respondi, também em voz baixa- . Quer dizer, pela apoplexia não. Posso lhe tratar as chagas e lhe dar algumas ervas contra a febre. Isso é tudo.

Contemplou um momento a figura encurvada nas sombras, já imóvel. Logo moveu a cabeça, fazendo o sinal da cruz-se, e baixou depressa em busca de uma corda.

Eu voltei lentamente onde o doente, que me recebeu com um denso “Haugggg” e um incansável tamborilar com uma só perna, como o aviso dos coelhos. Ajoelhei-me junto a seus pés, lhe falando em tom tranquilizador, de nada em particular, enquanto aproximava a luz para examinar-lhe Os dedos. Todos os dedos do pé morto estavam queimados; alguns só tinham ampolas; outros estavam consumidos quase até o osso. Os dois primeiros se haviam posto negros e um tintura esverdeado se estendia sobre a impigem.

Fiquei horrorizada, tanto pelo ato em si como pelo que podia ter conduzido a isso. Que diabo faríamos com esses duas miseráveis?

Obviamente não podíamos levar ao Beardsley conosco. E era igualmente óbvio que não podíamos deixá-lo ali, aos cuidados de sua esposa. Talvez pudéssemos levá-lo até o Brownsville;

no estábulo devia haver uma carreta. Mas mesmo assim, o que passaria depois?

Não havia nenhum hospital onde pudessem atendê-lo. Se algum lar do Brownsville o recebia por caridade, muito bem. Mas ao ver o estado do Beardsley passado um mês, era improvável que sua paralisia e sua fala melhorassem muito. Quem aceitaria atendê-lo dia e noite durante o resto de sua vida?

Claro que o resto de sua vida podia ser muito curto, segundo o êxito que eu tivesse ao tratar a gangrena. A preocupação diminuiu ao me concentrar no problema imediato. Teria que amputar; era a única possibilidade. Os dedos não ofereciam dificuldade, mas talvez não bastasse com eles. Se era mister cortar o pé ou parte dele, aumentava o risco de

shock e de infecção.

Sentiria algo? Às vezes as vítimas de ataques cerebrais retinham a sensação no membro afetado, embora não pudessem movê-lo; outras vezes havia movimento sem sensação ou nenhuma das duas coisas. Toquei cautamente um dedo engrenado, lhe observando a cara.

Não me olhou, não fez ruído algum. Isso respondia à pergunta; não tinha sensibilidade no pé. Em certo modo era um alívio; ao menos não sofreria a dor da amputação.

de trás de mim houve um leve roce. A senhora Beardsley estava ali. depois de pôr no chão um cubo de água e um montão de trapos, ficou a minhas costas enquanto eu começava a lavar a imundície.

- Pode curá-lo? –perguntou. Sua voz soava serena, remota, como se falasse de um desconhecido.

De repente, a cabeça do paciente se bamboleou para fixar em mim o olho aberto.

- Acredito que posso ajudar um pouco –disse com cautela, desejando que Jamie retornasse logo. Necessitava minha maleta, mas além disso a companhia dos Beardsley me punha nervosa.

Mais ainda quando o doente emitiu inadvertidamente uma pequena quantidade de urina. A mulher pôs-se a rir. Ele respondeu com um som que me arrepiou a pele dos braços. depois de retirar o líquido de sua coxa, continuei com minha tarefa, tratando de não emprestar atenção.

- você têm ou o senhor Beardsley algum parente perto? –perguntei, no tom mais coloquial possível- . Alguém que pudesse lhes dar uma mão?

- Ninguém –disse ela- . Eu vivia em Maryland. Ele me zaco da caça de meu pai. Para me trazer aqui. –Disse “ aqui” como se se referisse ao inferno; nesse momento havia certa similitude, por certo.

Abaixo se abriu a porta; uma rajada de ar frio anunciou a volta do Jamie. Ouvi o ruído quando pôs minha caixa na mesa e me levantei depressa, desejando escapar deles embora fora um momento.

- Ali está meu marido com os reemedios. Irei A... né... a trazer... hum...

Escorri-me junto à senhora Beardsley para voar escalerilla abaixo, suando a pesar do frio. Jamie estava junto à mesa, carrancudo, dando voltas à corda que tinha nas mãos. Para me ouvir levantou a vista, relaxando um pouco a cara.

- Como vai, Sassenach? –perguntou em voz baixa, assinalando o desvão com o queixo.

- Muito mal –sussurrei- . Tem dois dedos gangrenados; terei que amputar-lhe E ela diz que não têm familiares que possam ajudá-los.

- Hum. –Apertou os lábios, dedicando sua atenção a estilingue que improvisava.

Eu ia agarrar minha caixa para revisar os instrumentos, mas me detive o ver as pistolas do Jamie na mesa, junto com o corno de pólvora e o estojo de balas. Toquei-lhe o braço. “ Para que?” , modulei com os lábios assinalando-os com a cabeça.

Entre suas sobrancelhas se acentuou a ruga, mas antes de que pudesse responder, acima se ouviu um terrível alvoroço: derrubadas e golpes secos, acompanhados por um ruído gorgoteante.

Jamie deixou cair a corda e saiu disparado para a escalerilla, comigo lhe pisando os talões. Quando apareceu a cabeça acima deixou escapar um grito e se lançou para frente. Ao entrar no desvão, lhe seguindo, vi-lhe lutar com a senhora Beardsley.

Lhe deu uma cotovelada na cara, golpeando-o em pleno nariz. Isso tirou ao Jamie qualquer inibição que lhe impedisse de maltratar a uma mulher: girou-a em redondo e lhe aplicou um seco uppercut ao queixo, que a deixou cambaleante, com os olhos frágeis. Lancei-me para diante para resgatar a vela, enquanto a mulher caía sentada em um colchão de saias e anáguas.

- B cago... essa ed... bujed. -A voz do Jamie soava apagada pela manga que pressionava seu

cara, para estancar o sangue que surgia de seu nariz, mas sua sinceridade era inconfundível.

O senhor Beardsley se agitava como um peixe recém pescado, entre ruídos sibilantes e gorgoteos. Ao levantar a palmatória vi que tratava de tocar o pescoço com uma mão. Tinha um lenço de tecido, retorcido como uma corda; sua cara estava negra, com o único olho exagerado. Apressei-me a desatar o lenço; sua respiração se aliviou com um grande sopro de ar fétido.

- Se tivesse sido mais rápida o teria liquidado. -Jamie baixou o braço manchado de sangue, tocando-a nariz com delicadeza- . Cristo, acredito que me tem quebrado isso.

- por que? por que me impediram isso? -A senhora Beardsley ainda estava consciente, embora se cambaleava e tinha os olhos frágeis- . Deveria morrer, quero que mora, deve morrer.

- A nighean MA galladh, poderia havê-lo matado em qualquer momento deste último mês, se tivesse querido -assinalou ele, impaciente- . por que quiseste esperar a ter testemunhas?

Ela o olhou com olhos súbitamente claros e penetrantes.

- Não o queria morto -disse- . Queria que morrera. -Sorriu mostrando os restos de seus dentes quebrados- . Lentamente.

- OH, Meu deus! -Passei-me uma mão pela cara. Embora logo que mediava a manhã, tinha a sensação de que esse dia já durava várias semanas- . É minha culpa. Disse-lhe que acreditava poder ajudar e pensou que eu o salvaria, que possivelmente o curaria por completo.

Essa maldita reputação de curadora mágica!

- Beztia imunda! -gritou a senhora Beardsley, e se incorporou sobre os joelhos para agarrar um pãozinho duro e o jogou na cabeça- . Beztia imunda, hendionda, imunda, perverza...

Jamie a aferrou pelo cabelo antes de que se tornasse contra o corpo tendido. Logo a separou de um braço, lhe solucem e chiando insultos.

- Por todos os demônios -disse, por cima do alvoroço- . Me traga essa corda, Sassenach, antes de que os mate aos dois.

A tarefa de baixar ao senhor Beardsley do desvão deixou a ambos os

banhados em suor e manchados de imundícies, fedorentos e com os joelhos frouxos pelo esforço. A mulher se instalou em um tamborete do rincão, calada e malévola como um sapo, sem fazer nada por ajudar.

Jamie se enxugou a frente com uma manga manchada de sangue. Logo contemplou ao Beardsley, movendo a cabeça. Não pude reprovar-lhe até limpo e abrigado, depois de lhe haver dado algumas colheradas de papa quentes, o homem se encontrava em um estado lamentável. Examinei-o uma vez mais, com esmero, à luz da janela. Sobre os dedos dos pés não cabiam dúvidas: o fedor da gangrena era muito claro, assim como o tintura esverdeado que cobria a impigem.

Teria que amputar algo mais que os dedos. Apalpei cuidadosamente a zona em putrefação, me perguntando se seria melhor tentar uma amputação parcial, entre os metacarpos, ou cortar simplesmente à altura do tornozelo. Esta última operação seria mais rápida; em condições normais, teria tentado a amputação parcial, mais conservadora, mas neste caso não tinha sentido: era óbvio que o doente não voltaria a caminhar.

Mordisquei-me o lábio inferior, dúbia. Em realidade, todo aquilo podia ser inútil; o homem ardia em uma febre intermitente e as chagas das pernas e nádegas gotejavam pus. Que possibilidades tinha de recuperar-se da amputação sem morrer a consequência da infecção?

A esposa apareceu detrás de mim sem que eu a tivesse ouvido; para ser tão pesada se movia com notável suavidade.

- Que pienzaz fazer? –perguntou, com voz neutra e remota.

- Os dedos deste pé estão gangrenados –disse. Já não tinha sentido ocultar a situação ao paciente- . Terei que amputar-lhe

Em realidade não havia opção, embora o coração me deu um tombo ao pensar que teria que passar ali talvez semanas inteiras, atendendo ao Beardsley. Não podia entregá-lo aos “ tenros” cuidados de sua esposa.

Ela rodeou lentamente a mesa e se deteve perto dos pés. Sua cara não expressava nada, mas nas comissuras da boca titilava um pequeno sorriso que ia e vinha, como se não dependesse de sua vontade. depois de contemplar esses dedos enegrecidos por um comprido minuto, sacudiu a cabeça.

- Não –disse muito fico- . Deixa que ze apodreça.

Ao menos, isso resolveu a dúvida de se Beardsley entendia ou não: dilatou o olho aberto, lançando

um chiado de ira, e começou a debater-se em um esforço por alcançá-la, até tal ponto que quase cai ao chão. Jamie teve que lutar para manter essa mói na mesa. Quando ao fim o doente cedeu, ofegante e emitindo pequenos miados, ele endireitou as costas, também agitado, e cravou na senhora Beardsley um olhar de grande desgosto.

Ela encurvou os ombros e os rodeou com o xale, mas levantou o queixo em um gesto desafiante, sem retroceder nem apartar a vista.

- Zoy zu ezpoza –disse- . Não permitirei que o cortem. Ezo poria zu vida em perigo.

- Pois assim morrerá –disse, seca- . E será uma morte horrível. Você...

Não pude terminar: Jamie me espremeu o ombro com força.

- leve-lhe isso fora, Claire –me disse em voz baixa.

- Mas...

- Fora.- Esticou a mão em meu ombro, fazendo a pressão quase dolorosa- . Não entre até que eu te chame.

Estava carrancudo, mas em seus olhos havia algo que me fez sentir um vazio aquoso nas vísceras. Joguei uma olhada ao aparador, onde estavam suas pistolas, junto a minha caixa de remédios. Logo voltei a olhá-lo, horrorizada.

- Não pode –disse.

Ele olhou tristemente ao doente.

- Se um cão estivesse assim, não o pensaria duas vezes –disse- . Posso fazer menos por ele?

- Mas ele não é um cão!

- Não, em efeito.- Deixando cair a mão, rodeou a mesa para deter-se junto ao Beardsley.

- Se me entende fecha o olho, homem –murmurou. Houve um momento de silêncio. O olho avermelhado do doente se fixou na cara de Jamie, com inegável inteligência. A pálpebra se fechou lentamente; logo voltou a subir.

- Vete –me disse Jamie- . Que dita ele. Se quiser... ou se não... chamarei-te.

Tremiam-me os joelhos. Entrecruzei as mãos entre as dobras da saia.

- Não. –Olhei ao Beardsley, tragando saliva com dificuldade. Logo neguei com a cabeça- . Não. Eu... se você... necessita uma testemunha.

Ele vacilou um instante, mas acabou por assentir.

- Tem razão, sim. –Jogou uma olhada à mulher. Estava muito quieta, com as mãos apertadas sob o avental, nos olhando alternativamente aos três. Ele moveu brevemente a cabeça. Logo se voltou de novo para o homem, quadrando os ombros.

- Pisca uma vez para dizer que sim, dois para dizer que não –instruiu- . entendeste?

A pálpebra descendeu sem vacilar.

- Escuta, pois.- Jamie aspirou fundo e começou a falar com voz carente de emoção, sem apartar a vista da cara arruinada e a ferocidade desse olho aberto- . Sabe o que te aconteceu?

Uma piscada.

- Sabe que minha esposa é doutora, curadora?

O olho rodou para mim, voltou para o Jamie. Uma piscada.

- Diz que sofreste uma apoplexia e que o dano não tem remédio. Compreende?

Da boca torcida surgiu um bufido. Não era notícia. Uma piscada.

- Tem o pé podrido. Se não lhe cortarem isso, a gangrena te matará. Compreende?

Não houve resposta. Tinha farejado a gangrena; talvez suspeitava, mas só agora estava seguro de que provinha de sua própria carne. Uma lenta piscada.

Beardsley tinha tomado sua decisão muito antes, talvez inclusive antes de nossa chegada. depois de tudo, levava um mês nesse purgatório, suspenso na fria escuridão; tinha podido refletir, lutar a braço partido com suas perspectivas e fazer as pazes com a morte.

Compreendia?

OH, sim, muito bem.

Jamie se inclinou para a mesa, com uma mão no braço do Beardsley, sacerdote de mangas manchadas, oferecendo a absolvição e a salvação. A mulher seguia petrificada à luz da janela, como estúpido anjo denunciante.

As asseverações e as perguntas chegaram a seu fim.

- Quer que minha esposa te corte o pé e trate suas feridas?

Uma piscada, logo dois, exagerados, deliberados.

A respiração do Jamie era audível. O peso que sentia no peito convertia cada palavra em um suspiro.

- Pede-me que te tire a vida?

A pálpebra caiu... e não voltou a elevar-se.

Jamie também fechou os olhos, percorrido por um pequeno estremecimento. Logo sacudiu por um instante, como se saísse da água fria, e se dirigiu para o aparador onde tinha posto suas pistolas.

Apressei-me a me aproximar dele para lhe apoiar uma mão no braço. Ele não me olhou, atento à pistola que estava martelando. Estava muito pálido, mas suas mãos não tremiam.

- Vete -disse- . Leve-lhe isso fora.

Voltei-me para o Beardsley, mas ele já não era meu paciente. Agarrei à mulher do braço e a conduzi para a porta. Ela me acompanhou com passos mecânicos, sem olhar atrás.

O pátio iluminado pelo sol parecia irreal. A senhora Beardsley se liberou de mim para ir para o estábulo, apertando o passo. depois de jogar um olhar sobre o ombro para a casa, partiu em uma pesada carreira, até desaparecer pela entrada do estábulo como se a perseguissem os demônios.

Eu tinha captado sua sensação de pânico. Estive a ponto de correr atrás dela, mas não o fiz. Detive-me esperá-la no bordo do pátio. O coração me palpitava lentamente, retumbando em meus ouvidos.

Por fim se ouviu o disparo; foi um som seco, pouco audível, que não chamou a atenção entre o suave balido das cabrass no estábulo e o sussurro dos frangos que escavavam a terra, a pouca distância. “ No coração ou na cabeça” , pensei súbitamente. E me estremeci.

Era já muito passado o meio-dia; uma brisa geada atravessava o pátio, agitando o pó e as fibras de feno. Eu seguia esperando. Ele debia de haver-se detido a rezar uma breve oração pela alma do Beardsley. Passou um minuto, dois; ao fim se abriu a porta traseira. Jamie deu uns quantos passos para o exterior e se deteve vomitar.

Adiantei-me se por acaso me necessitasse, mas não era assim. Ergueu as costas, limpando-a boca, logo pôs-se a andar em direção oposta a mim, rumo ao bosque.

De repente me senti supérflua e extrañamente ofendida. Apenas uns momentos antes estava trabalhando, absorvida na prática da medicina; conectada à carne, a mente e o corpo; atenta aos sintomas, consciente do pulso e a respiração, dos signos vitais do moribundo. Aunque Beardsley não me era simpático absolutamente, tinha-me dedicado por completo à luta por lhe conservar a vida e aliviar seus sofrimentos. Ainda sentia nas mãos o

contato estranho de sua carne quente e frouxa.

Agora meu paciente estava morto. E eu tinha a sensação de que me tinham amputado uma pequena parte do corpo. Talvez era a impressão.

Joguei uma olhada à casa; minha cautela original tinha sido substituída por asco... e um pouco mais fundo. Terei que lavar o corpo, certamente, e arrumá-lo para o enterro. Era algo que eu tinha feito mais de uma vez sem grandes reparos, embora sem entusiasmo; entretanto, agora sentia uma enorme relutância a entrar novamente.

Era possível que seu espírito rondasse ainda a casa, sem haver-se precavido de sua liberdade?

- Não seja supersticiosa, Beauchamp –me disse com severidade- . Basta já disso.

Mesmo assim não dava um só passo para a casa. Fiquei no pátio, tensa como um colibri indeciso.

Se Beardsley já não necessitava minha ajuda e Jamie tampouco, ainda ficava alguém que podia requerê-la. Dava as costas à casa para caminhar para o estábulo.

Era só um abrigo grande, aberto, com um palheiro fragrante de feno, cheio de formas móveis. Detive-me a entrada até que meus olhos se adaptaram à penumbra. Ali estava a mulher, acurrucada em um montão de palha fresca. Cinco ou seis cabras se amontoavam ao redor, puxando entre si e lhe mordiscando as franjas do xale. Era pouco mais que uma sombra jibosa, mas surpreendi o breve brilho de um olho cauteloso entre as sombras.

- Já eztá? –Pergunta-a foi apenas audível por cima dos suaves balidos.

- Sim. –Vacilei, mas não parecia necessitar meu consolo. Já via melhor: ela tinha um cabrito

acurrucado no regaço e acariciava a cabecita sedosa- . Estão bem, senhora Beardsley?

- Não Zé –murmurou.

Aguardei, mas ela não se moveu. A aprazível companhia das cabras podia consolá-la tanto coo eu, de modo que a deixei, quase lhe invejando o quente refúgio do estábulo e seus alegres camaradas. Passaria algum tempo antes de que pudéssemos partir, assim que me dediquei a preparar os cavalos.

Em um lateral havia meio tronco oco, que servia como abrevadero, mas estava vazio.

Agradecida pelo tempo que me levaria essa tarefa, extrajé água do poço e enchi o tronco, cubo
depois de cubo.

Enquanto me secava as mãos na saia olhei a meu redor, procurando alguma ocupação útil, mas não ficava nenhuma

Ao levantar a vista, surpreendeu-me encontrar a porta traseira aberta. Estava segura de havê-la fechado. Estaria Jamie dentro? Ou a senhora Beardsley?

Estirei o pescoço para jogar uma olhada à cozinha, mantendo uma distância prudente, mas ao me aproximar ouvi o rítmico chuff de uma pá na

terra. Ao rodear a esquina oposta encontrei ao Jamie, cavando perto de um fresno que crescia no pátio, a pouca distância da casa. Ainda estava em mangas de camisa; o vento esmagava o linho manchado contra seu corpo, lhe agitando o cabelo vermelho contra a cara.

Quando o apartou com a boneca, impressionou-me ver que estava chorando. Chorava em silêncio, com certa selvageria, atacando a terra como se fora um inimigo. À lombriga pela extremidade do olho fez uma pausa para limpar-se rapidamente a cara, como se queria enxugar o suor da frente.

Respirava com dificuldade, até o ponto de que lhe ouvia distância. Aproximei-me para lhe oferecer em silêncio água e um lenço limpo. Não olhou aos olhos, mas bebeu, tossiu e bebeu de novo. Logo se soou o nariz com cautela. Tinha-a torcida, mas já não sangrava.

- Não passaremos a noite aqui, verdade? –arrisquei-me a perguntar, enquanto me sentava em um bloco de madeira, sob o fresno.

Ele sacudiu a cabeça.

- Não, Por Deus –disse com voz rouca. Estava avermelhado e com os olhos avermelhados, mas se controlava com firmeza- . Iremos assim que lhe tenhamos dado uma sepultura decente. Não me importa voltar a passar frio no bosque, mas não quero dormir aqui.

Eu estava plenamente de acordo, mas havia outro detalhe a ter em conta.

- Y... ela? –perguntei com delicadeza- . Está na casa? A porta traseira está aberta.

Jamie voltou a cravar a pá com um grunhido.

- Não, fui eu. Ao sair tinha esquecido deixá-la aberta... para que a alma possa escapar –explicou ao ver meu assombro.

O que me produziu um calafrio não foi o fato de que isso coincidissem com minha idéia anterior, a não ser o tom fleumático de sua explicação.

- Compreendo –disse, fracamente.

Durante um momento, Jamie continuou cavando; a pá se afundava profundamente na terra, que ali era margosa e rica em húmus. Por fim, sem quebrar o ritmo da tarefa, disse:

- Em uma ocasião, Brianna me contou algo que tinha lido. Não o recordo bem, mas se tratava de um assassinato. O morto era um homem perverso que tinha induzido a alguém a cometê-lo. E ao final, quando lhe perguntava ao narrador què se devia fazer, ele dizia: “ Deixem passar à justiça de Deus.”

- Crie que neste caso se tratou disso? De justiça?

Ele moveu a cabeça, mas não como uma negativa, mas sim de desconcerto. Logo continuou cavando. Observei-o por um momento, tranqüilizada por sua proximidade e pelo ritmo hipnótico de seus movimentos. depois de um momento, preparei-me para a tarefa que me aguardava.

- Será melhor que vá preparar o corpo e a limpar o desvão –disse a contra gosto- . Não podemos deixar a pobre mulher só com essa imundície, apesar do que tenha feito.

- Espera, Sassenach. –Jamie interrompeu a tarefa e, um pouco desconfiado, jogou uma olhada à casa- . Em um momento entrarei contigo. Mientras –assinalou o bosque com a cabeça- , poderia trazer algumas pedras

para o montículo?

Um montículo? Isso me surpreendeu o bastante; parecia um detalhe desnecessário para o defunto

senhor Beardsley. Embora no bosque haveria lobos. Também me ocorreu que Jamie estava inventando uma desculpa convincente para que eu atrasasse entrar de novo na moradia. E nesse caso, carregar rochas parecia uma alternativa muito desejável.

Felizmente não faltavam pedras adequadas. Meia hora depois, a idéia de entrar tinha começado a me parecer muito menos objetável. Mas como Jamie seguia dedicado a sua tarefa, eu continuei com a minha.

Por fim, já ofegante, deixei cair outra carga junto à sepultura, cada vez mais funda. As sombras se alargaram no pátio e o ar era tão frio que me tinham intumescido os dedos; melhor assim, dado que os tinha cheios de arranhões.

- Tem uma pinta terrível –comentei, separando-se de minha cara o cabelo desalinhado-. A senhora Beardsley não saiu ainda?

Ele fez um gesto negativo, mas demorou um instante em recuperar o fôlego para falar.

- Não –disse, tão rouco que apenas lhe ouvi-. Ainda está com as cabras. Suponho que ali não faz frio.

Observei-o com desassossego. Cavar tumbas é um trabalho duro.

- Acredito que já é bastante profunda –disse, inspecionando sua obra. Eu me teria conformado com um buraco superficial, mas Jamie não fazia nada ao descuido-. Deixa-o já, homem, e te troque essa camisa. Está empapado; agarrará um resfriado espantoso.

Sem incomodar-se em discutir, ele recolheu a pá para quadrar pulcramente as esquinas do fossa, de modo que não se desmoronassem. A sombra da casa caía sobre a sepultura aberta, larga e fria. Cobri-me os cotovelos com as mãos, tremendo em silêncio.

Jamie arrojou a pá a terra com um ruído metálico que me sobressaltou. Ao sair do fossa esteve imóvel um minuto, com os olhos fechados, cambaleando-se de fadiga. Logo os abriu para sorrir-me.

Terminemos com isto –disse.

Já fora porque a porta aberta tinha permitido a fuga do espírito do defunto, já porque Jamie estava a meu lado, entrem in vacilar. O fogo se apagou, deixando a cozinha fria e penumbrosa, mas dentro não se percebia nada maligno. Simplesmente... estava vazia.

Os restos mortais do senhor Beardsley descansavam apacivelmente sob uma das mantas com que comercializava. Mudo e quieto, vazio ele também.

A esposa tinha declinado assistir às formalidades e até a entrar na casa, enquanto o corpo de seu marido estivesse ali, de modo que varri o lar, acendi outra vez o fogo e o avivei até que cobrou vida. Enquanto, Jamie se ocupava de limpar o desvão.

Na morte, Beardsley parecia muito menos grotesco que em vida; já relaxados os membros disformes, tinha perdido o ar de luta frenética. Tinha a cara coberta com uma toalha de algodão, mas quando espiei baixo ela, vi

que não devia limpar nenhuma sangria: Jamie lhe tinha disparado limpamente no olho cego, sem que a bala arrebetasse o crânio. O olho não estava fechado; a ferida negra continuava aberta e fixa. Voltei a depositar a toalha contra essas facções, às que a morte havia devolvido a simetria.

Jamie se deteve silenciosamente a meu lado, me tocando o ombro.

- vá lavar lhe –disse isso, assinalando o pequeno hervidor que tinha pendurado no lar para esquentar água- . Eu me posso arrumar isso sozinha.

Ele se tirou a camisa empapada e a deixou cair dentro do lar.

Emprestei atenção aos ruídos caseiros que fazia ao lavar-se. de vez em quando tossia, mas sua respiração parecia mais tranqüila que quando estava fora, à fria intempérie.

- Ignorava que a apoplexia pudesse ser assim –cometó- . Creia que matava imediatamente.

- Às vezes sim –disse, algo distraída, me concentrando no que fazia- . Mas com muita freqüência acontece como neste caso.

- Sim? Nunca me ocorreu lhe perguntar ao Dougal ou ao Rupert. Ou ao Jenny. Se meu pai...

A frase se cortou abruptamente, como se a tivesse tragado.

Ah! De maneira que era isso. Tinha esquecido o que ele me contasse anos antes, pouco depois de nos casar. Seu pai tinha presenciado a flagelação do Jamie no Fort William; a impressão o

provocou uma apoplexia que o matou. Ao Jamie, ferido e doente, tinham-no tirado subrepticiamente do forte para enviá-lo ao exílio. Só semanas mais tarde soube da morte de seu pai; não tinha tido oportunidade de despedir-se dele, de sepultá-lo, nem de honrar sua tumba.

- Jenny deve sabê-lo –comentei- . E ela te haveria dito se...

Se Brian Fraser tinha padecido uma agonia tão lenta como esta, reduzido à impotência ante os olhos da família que tinha tratado de proteger, ela o teria contado? Se tinha atendido a seu pai na incontinência e a discapacidade, se tinha esperado dias, semanas, súbitamente privada de seu pai e de seu irmão, obrigada a enfrentar sozinha à morte que se aproximava momento a momento...

Mas Jenny Fraser era uma mulher muito forte, que amava profundamente ao Jamie. Talvez teria querido protegê-lo, tanto da culpa como do conhecimento.

Voltei-me para ele. Estava médio nu, mas asseado, com uma camisa limpa nas mãos. Olhava-me, mas notei que seus olhos foram mais à frente e se fixavam no cadáver com afligida fascinação.

- Ele lhe haveria dito isso –repeti, me esforçando por imprimir certeza a minha voz.

Jamie aspirou fundo, penosamente.

- Talvez.

- Estou segura –disse com mais firmeza.

Ele assentiu com a cabeça e suspirou outra vez, com mais soltura. Compreendi então que a morte do Beardsley não afetava só a essa casa. Mas só Jenny tinha a chave da única porta que se podia abrir para meu marido.

Agora compreendia por que o tinha visto chorar, por que tinha posto tanto esmero ao cavar a tumba. Não era por espanto nem por caridade, muito menos por consideração para o defunto, mas sim pelo Brian Fraser, o

pai ao que não tinha podido sepultar nem chorar.

Já vestido, Jamie rodeou a mesa para me ajudar a levantar o corpo, mas em lugar de introduzir as mãos por debaixo, alargou-as para agarrar as minhas.

- me jure, Claire –disse. Estava quase afônico; tive que me inclinar para ouvir- . Se algum dia me acontecer o que a meu pai... me jure que me fará o mesmo favor que eu lhe tenho feito a este miserável.

A pá tinha deixado ampolas novas em sua Palmas. Percebi a brandura estranha, móvel, cheia de fluido.

- Farei o que deva –sussurrei por fim- . Como você o tem feito.

Ele me estreitou as mãos e as soltou.

- Agora vamos enterrar o. Tudo terminou.

Brownsville

Era meia tarde quando Roger e seus milicianos chegaram ao Brownsville, depois de haver-se desviado do caminho e vagado várias horas pelas colinas até que dois cherokees com os que encontraram-se lhes indicaram o rumo.

Brownsville estava formado por cinco ou seis choças desmanteladas repartidas em uma colina, como um punhado de lixo jogado entre a maleza moribunda.

Mesmo assim era, obviamente, bom sítio para começar, embora só fora pelo bem dos homens que o acompanhavam: ao ver os tonéis tinham começado a vibrar como imagens de ferro perto de um ímã. O aroma da levedura da cerveja lhes saía ao encontro como uma bem-vinda. Pensando que tampouco iria mal uma jarra, agitou uma mão para ordenar o alto. Fazia um frio entumecedor e tinha passado muito tempo do café da manhã. Dificilmente lhes serviriam nada ali, além de pão ou um guisado, mas m entra fora possível comer algo quente e regá-lo com algum tipo de álcool, ninguém se queixaria.

Roger tinha desmontado e estava a ponto de chamar os outros quando uma mão apertou o braço.

- Attendez.- Fergus falava muito baixo, quase sem mover os lábios. De pé junto a ele, olhava algo que estava mais à frente- . Não te mova.

Roger não se moveu, nem tampouco os homens, ainda em seus cavalos. Estavam vendo quão mesmo Fergus, fora o que fosse.

- O que acontece? –perguntou, baixando também a voz.

- Alguém, dois tipos, estão-nos apontando com pistolas da janela.

- Ah.- Roger compreendeu que Jamie tinha tido muito bom critério ao não entrar no Brownsville na escuridão, a noite anterior. Estava visto que conhecia a natureza suspicaz dos lugares remotos.

Movendo-se com muita lentidão, levantou as mãos no ar e lhe fez um gesto com o queixo ao Fergus, que o imitou a contra gosto.

- Olá, aos da casa! –gritou, contoda a autoridade que se é possível quando se têm as mãos por cima da cabeça- . Sou o capitão Roger MacKenzie, com uma companhia de milicianos ao mando do coronel James Fraser, da Colina do Fraser.

O único efeito que provocou essa informação foi que um dos canhões se desviasse, apontando para o Roger, o que lhe fez compreender que a arma não tinha pontudo contra ele em um começo; a outra ainda assinalava sobre seu ombro direito, para o grupo de cavaleiros que se removiam em suas cadeiras, entre murmúrios inquietos.

Genial. E agora o que? Os homens esperavam que ele fizesse algo. Sempre com lentidão, baixou as mãos e tomou fôlego para gritar outra vez. antes de que pudesse falar, ouviu-se uma voz rouca detrás da pele de veado:

- Estou-te vendo, Morton, cretino!

Esta imprecação veio acompanhada de um visível movimento da

primeira pistola, que abandonou abruptamente ao Roger para dirigir-se para o mesmo branco que sua companheira: presumivelmente, Isaiah Morton, um dos milicianos do Granite Falls.

Entre os homens a cavalo houve um ruído de roce e gritos de sobressalto. de repente estalou o inferno, ao disparar-se simultaneamente as duas pistolas. Os cavalos se encabritaram, espantados.

Roger se tinha arrojado corpo a terra à primeira explosão, mas ao apagá-los ecos, levantou-se como por reflexo, tirando o barro dos olhos, e carregou de cabeça contra a porta.

Para sua própria surpresa, sua mente funcionava com toda clareza. Se Brianna necessitava vinte segundos para carregar e martelar uma arma, esses bodes não podiam fazê-lo muito mais depressa. portanto, ficavam uns dez segundos de graça, e tinha a intenção de aproveitá-los.

Golpeou a porta com o ombro, fazendo-a voar para dentro até se chocar com a parede. Roger entrou tropeçando na habitação e foi a estelar se contra o muro de em frente. Ali se deu um forte golpe no ombro contra a chaminé e ricocheteou, mas conseguiu manter-se em pé, embora cambaleando-se como se estivesse bêbado.

Na habitação havia várias pessoas que se voltaram para ele, boquiabertas. Quando sua visão se limpou o suficiente, pôde ver que só duas estavam armadas. Enchendo-os pulmões de ar, jogou-se contra o tipo que tinha mais perto, um homem mirrado, de barba espaçada, e o agarrou pela camisa, imitando a um professor muito temido que tinha tido na escola elementar.

- O que é o que te propõe, pequenajo? –bramo Roger, atirando dele até que ficou de puntillas.

- Senhor! Solte a meu irmão!

A vítima do Roger tinha deixado cair a arma e o corno do `olvora, cujo contido se pulverizou pelo chão. Mas o outro pistoleiro tinha conseguido recarregar sua arma e agora tentava apontar ao Roger. Resultava-lhe difícil por causa das três mulheres presentes na habitação, dois das quais lhe atiravam do braço, lhe falando de uma vez e lhe entorpecendo o caminho. A terceira se havia talher a cabeça com o avental e emitia rítmicos chiados de histeria.

Nesse momento, Fergis entrou na casa, com uma enorme pistola e apontou ao homem armado.

- Tenha a bondade de baixar isso, por favor –dijo, alzando a voz para fazer-se ouvir por cima da animação-. E você, senhora, pode jogar água sobre esta jovem? Ou possivelmente melhor esbofeteá-la? –Assinalou com o gancho à mulher histérica, cujos chiados lhe arrancaram uma leve careta.

Uma das mulheres se aproximou lentamente a que gritava, como se estivesse hipnotizada; depois de aferrá-la pelo ombro e sacudi-la, começou a lhe murmurar algo ao ouvido, sem apartar os olhos do Fergus. Os alaridos cessaram, sendo substituídos por soluços irregulares e convulsivos.

- E quem demônios é você? –O segundo homem, que tinha baixado a arma, olhava ao Fergus com ar confundido.

O francês fez um gesto despreocupado com o gancho de ferro, que parecia fascinar às mulheres.

- Isso não tem importância –disse com ar grandioso, elevando dois ou três centímetros mais seu aristocrático narigudo- . O que requieiro... quer dizer, o que requeremos –corrigiu, dirigindo ao Roger um gesto cortês- é saber quem são vocês.

Os habitantes da cabana se intercambiaram olhadas, como perguntando-se os quais eram. Depois de um momento de vacilação, o mais corpulento dos dois homens levantou agressivamente o queixo.

- Meu nome é Brown, senhor. Richard Brown. Lionel, meu irmão; Meg, minha esposa; Alicia, minha filha... –Essa era a moça que gritava, que já se tirou o avental da cabeça e seguia banhada em lágrimas- . E Thomasina, minha irmã.

- Para lhes servir, senhora, senhoritas.- Fergus dedicou às damas uma elegante reverência, sem deixar por isso de apontar com a pistola para a frente do Richard Brown- . Peço-lhes perdão por este transtorno.

A senhora Brown respondeu com uma inclinação de cabeça; tinha os olhos algo frágeis. A senhorita Thomasina Brown, alta e de aspecto severo, olhou alternativamente ao Roger e ao Fergus.

Fergus parecia agradado; tinha conseguido transformar uma confrontação armada em uma cena de salão parisino. A seguir olhou ao Roger e lhe cedeu o controle da situação com um claro gesto da cabeça.

- Bem.- Roger tinha a sensação de que sua folgada camisa de lã se converteu em uma camisa de força. Voltou a aspirar homdo, enchendo-os pulmões com esforço- . Pois como lhes dizia, sou... né... o capitão MacKenzie. O governador Tryon nos encomendou recrutar uma companhia de milicianos. viemos a lhes notificar que têm vocês a obrigação de contribuir com homens e provisões.

Richard Brown pareceu surpreender-se, seu irmão ficou carrancudo. antes de que pudessem apresentar nenhuma objeção, Fergus se aproximou do Roger, murmurando:

- Mon capitain, não conviria averiguar se tiverem matado ao senhor Morton, antes de aceitá-los em nossa companhia?

- OH, sim. –Roger cravou nos Brown seu olhar mais severo- . Senhor Fraser, quer ver o que passou com o senhor Morton? Eu esperarei aqui.

Sem perder de vista aos donos da casa, alargou uma mão para receber a pistola de seu companheiro.

- OH, o tal Morton está vivinho e abanando o rabo, capitão, só que não está aqui. há-se pirado como raposa com o rabo chamuscado, mas quando desapareceu se movia perfeitamente. –A voz nasal do do Glasgows falou da porta.

Um grupo de cabeças curiosas, entre elas a do Henry Gallagher, espiavam da porta. Também se viam várias armas desencapadas. Roger começou a respirar com mais facilidade.

Os Brown, tendo perdido todo o interesse pelo Roger, olhavam ao Gallagher completamente desconcertados.

- O que há dito? –sussurrou a senhora Brown a sua cunhada.

A outra dama moveu a cabeça, com os lábios apertados.

- Diz que o senhor Morton está são e salvo –traduziu Roger. E tossiu- . O qual é uma sorte para vocês –acrescentou, dirigindo-se aos homens da casa, com toda a ameaça que pôde pôr em sua voz. Logo se voltou para o

Gallegher, que se tinha reclinado contra o marco da porta, mosquete em mão, com cara de estar muito entretido.

- Todos estão bem, Henry?

Ele se encolheu de ombros.

- Estes sacos de esterco não furaram a ninguém, mas deixaram uma bonita perdigonada em seu alforja. Senhor –adicionou tardiamente.

- Na do uísque? –inquiriu, alarmado, Roger.

- O que vai! –Os olhos do Gallegher refletiram seu horror ante a possibilidade. Logo o tranqüilizou com um grande sorriso- . Na outra.

- Ah, bom. –O capitão fez um gesto com a mão- . Só eram minhas calças, verdade?

Essa reação arrancou risadas e exclamações de apoio entre os homens apinhados na porta. E respirou ao Roger para dirigir-se ao mais pequeno dos Brown.

- E o que têm vocês contra Isaiah Morton? –quis saber.

- desonrou a minha filha –replicou o homem imediatamente, já recuperada a compostura. E cravou no Roger um olhar fulminante. A barba lhe retorcia de cólera- . Hei-lhe dito que, se se atrevia a aparecer essa maldita cara em dez milhas à redonda, veria-o morto aos pés de minha menina. E malditos sejam meus olhos se essa porca víbora não teve o descaramento de cavalgar até minha porta! –O senhor Richard Brown se voltou para o do Glasgows- . Diz que os dois erramos o tiro?

Gallagher se encolheu de ombros como pedindo desculpas.

Sim. Sinto muito.

A mais jovem das senhoritas Brown escutava o diálogo algo boquiaberta.

- erraram? –perguntou. A esperança lhe iluminava os olhos avermelhados- . Isaiah vive ainda?

- Não por muito tempo –seguró seu tio, carrancudo.

Roger olhou ao Fergus, que se encolheu levemente de ombros. Tinha que decidir ele.

E o que podia lhes dizer? Morton era miliciano; portanto, tinha direito a seu amparo. Não devia entregar-lhe aos Brown, face ao que tivesse feito, se é que conseguiam apanhá-lo. Por outra parte, sua missão era recrutar aos dois irmãos e a todos os homens do Brownsville que fossem aptos, além de conseguir provisões para ao menos uma semana. Dadas as circunstâncias, não parecia que a proposta fora a ser bem recebida.

Tinha a irritante convicção de que Jamie não teria tido dúvidas de como resolver essa crise diplomática. Mas, pessoalmente, ele não tinha a mais mínima idéia do que fazer.

Ao menos dispunha de um plano para ganhar tempo. Baixando a pistola com um suspiro, procurou a taleguilla que pendia de sua cintura.

- Henry, traz a alforja onde tenho o uísque, quer? Senhor Brown, espero que me permita adquirir um pouco de comida e um tonel de sua cerveja para alimentar a meus homens.

Com um pouco de sorte, quando o tivessem bebido tudo, Jamie já teria

chegado.

Um terço de cabra

Não tinha terminado, depois de tudo. Obscureceu muito antes de que acabássemos na granja dos Beardsley: limpar, voltar a carregar as alforjas e selar novamente os cavalos. Estive a ponto de sugerir que jantássemos antes de partir (não habíamos comido nada do café da manhã), mas a atmosfera de lugar era tão perturbadora que nem Jamie nem eu tínhamos apetite.

- Esperaremos –disse ele, carregando as alforjas a lombos da égua. Logo jogou uma olhada à casa- . Sinto um vazio no estomago, mas com esta casa à vista não poderia provar bocado.

- Compreendo-te. –Eu também olhei com inquietação para trás, embora não havia nada que ver, salvo a casa quieta e vazia- . Não vejo a hora de me afastar daqui.

Os cavalos davam coices, inquietos, sacudindo as crinas em sua ansiedade de partir. Eu os compreendia. Joguei outro olhar para trás, sem poder me conter. Teria sido difícil imaginar algo tão desolador. E mais difícil ainda, imaginar-se vivendo sozinha ali.

Pelo visto, a senhora Beardsley também o tinha pensado e tinha chegado a uma conclusão similar, pois nesse momento emergiu do estábulo, com o cabrito nos braços, anunciando que viria conosco. Ao parecer também se levava as cabras. Entregou-me o cabrito e desapareceu novamente no estábulo.

- Não pode as abandonar aqui- murmurei ao Jamie, que protestava na penumbra, a minhas costas- . Terá que as ordenhar. Além disso não há tanta distância, ou sim?

- Sabe a que velocidade caminham as cabras, Sassenach?

- Nunca tive ocasião de lhes medir o tempo –repliquei, um pouco irritada, trocando de posição a minha pequena carga peluda- . Mas não acredito que sejam muito mais lentas que os cavalos, na escuridão.

Respondeu com um som gutural escocês, ao que o escarro dava mais expressividade que de costume. Logo tossiu.

- Que mal está! –observei- . Quando chegarmos te porei a graxa mentolada, moço.

Ele não pôs objeções, coisa que me alarmou, pois indicava uma grave depressão de sua vitalidade. Mas antes de que pudesse fazer mais investigações sobre sua estado de saúde me interrompeu a aparição da senhora Beardsley, que saía do estábulo seguida de seis cabras, atadas à mesma corda como uma banda de sentenciados jovialmente ébrios.

Jamie observou aquela procissão com ar dúbio.

- A mãe seguirá a sua cria e as otrs seguirão ao macho –me disse- . As cabras são animais sociáveis; nenhuma querará afastar-se por sua conta, muito menos de noite. Fora! –murmurou, separando-se de sua cara um focinho inquisitivo, enquanto se agachava a revisar a cilha- . Com porcos seria pior. Eles sim se agrupam a seu modo.

E se incorporou, dando uma palmada distraída a um testuz peludo.

Logo disse à senhora Beardsley, lhe mostrando o falso nó que tinha pacote à cadeira, perto de sua mão:

Se ocorrer algum percalço, soltem imediatamente, ou o cavalo fugiria com todos vós e esta criatura terminará enforcada.

Ela assentiu; era um vulto curvado a lombos da égua. Logo olhou para a casa.

- Debemoz irnoz antez de que zalga a lua –disse em voz baixa- . Ez entoncez quando aparece.

Pelas costas me correu um calafrio. Jamie, com um coice, voltou-se para a casa às escuras. A ninguém lhe tinha ocorrido fechar a porta, que permanecia aberta, como uma concha

ocular vazia.

- Quem? –perguntou, com um fio de voz.

- Mary Ann –respondeu- . Ela foi a última. –Não havia ênfase em sua voz; falava como sonâmbula.

- A última o que? –perguntei eu.

- A última ezpoza. –E agarrou as rédeas- . Quando zale a lua aparece de pé sob o zerbai.

Jamie girou a cabeça para mim. A escuridão não me permitiu ver sua expressão, mas não era necessário. Pigarreei.

- Não seria melhor... fechar a porta? –sugeri.

Presumivelmente, o espírito do senhor Beardsley já tinha captado a idéia. E embora sua viúva não tivesse nenhum interesse na casa e seu conteúdo, não parecia decente deixá-la a mercê dos mapaches e os esquilos. Por outra parte, eu não tinha nenhum desejo de me aproximar da casa deserta.

- Subida, Sassenach.

Jamie cruzou o pátio a grandes passos, fechou a porta com mais violência da necessária e retornou, a passo enérgico.

- Hop! –exclamou, montando detrás de mim. E partimos, com o resplendor da medial uma apenas visível por cima das árvores.

Sentia-me bastante a salvo ali, sobre a mole poderosa do cavalo, com o ruído das cabras a nosso redor e, detrás a presença tranqüilizadora do Jamie, que me rodeava a cintura com um braço. Mas não o suficiente para voltar a vista atrás. E ao mesmo tempo, o impulso de olhar era tão intenso que quase rebatia o medo que me inspirava a granja.

- Em realidade não é um serbai, não?- disse brandamente Jamie, detrás de mim.

- Não- confirmei- . É um fresno silvestre. Mas são muito parecidos.

Estreitei-lhe a mão cheia de ampolas, e ele me beijou na cabeça.

No alto do atalho me voltei a olhar, mas só se via um vago brilho no telhado erodido da casa. O fresno e o que baixo ele houvesse (ou não) permaneciam ocultos nas sombras.

Foi um grande alívio abandonar por fim as terras dos Beardsley. Quando os pinheiros tamparam tudo o terreno baixo, separei-me da mente os perturbadores acontecimentos do dia para pensar no que nos esperava no Brownsville.

- Confio em que Roger as tenha arrumado bem –disse, me apoiando contra o peito do Jamie, com um pequeno suspiro.

- Hum jum.

- Espero que tenha encontrado alguma estalagem –insisti, pensando que essa perspectiva podia provocar algo mais de entusiasmo- . Seria magnífico ter comida quente e uma cama limpa.

- Hum jum. –Esta vez tinha uma mescla de humor e cepticismo, sobre a possível existência de comida quente e camas podas nos territórios se separados da Carolina.

- Laas cabras parecem levá-lo muito bem –acrescentei. E aguardei com espera.

- Hum jum. –Dava-me a razão a contra gosto, embora duvidando sobre a duração dessa boa conduta por parte das cabras.

Enquanto eu formulava mentalmente outra observação, com a esperança de insisti-lo a repetir aquilo (o máximo tinham sido três vezes), Gideon justificou súbitamente a desconfiança do Jamie elevando-se de mãos com um forte bufo.

Choquei-me com o peito do Jamie e o golpe seco de minha cabeça contra sua clavícula me fez ver as estrelas. Ele me sujeitou me rodeando com o braço até me deixar sem ar enquanto atirava das rédeas com uma só mão, gritando.

Eu não tinha idéia do que estava dizendo; não sabia sequer se falava em inglês ou em gaélico. O cavalo relinchava, encabritado, e eu procurava algo ao que me agarrar: crinas, cadeira, rédeas... Um ramo me açoitou a cara, me cegando. Reinava o pandemônio; ouviam-se chiados, balidos e um ruído como de tecido rasgado. Logo, algo me golpeou com força, me lançando à escuridão.

Não me deprimi, mas faltou pouco. Fiquei escancarada em um matagal, me esforçando por respirar, incapaz de me mover e sem ver nada, além de umas quantas estrelas disseminadas no céu.

A certa distância se ouvia uma grande animação, no que preponderava um coro de cabras espavoridas,

interrompido de gritos que pareciam de mulher. Gritos de duas mulheres.

Movi a cabeça, confundida. de repente me pus de barriga para baixo e comecei a me arrastar: acabava de reconhecer, embora tarde, o que era aquilo. Com frequência tinha ouvido rugidos de jaguar, mas sempre de longe, a distancia segura. Mas este não estava nada longe. O ruído de tecido rasgado tinha sido o bufido de um grande felino, que estava muito perto.

Ao chocar com um grande tronco cansado me apressei a me esconder baixo ele, me introduzindo no oco tudo o que pude. Não era o melhor dos esconderijos, mas talvez impedisse que algo saltasse das árvores sobre mim.

Seguia ouvindo os gritos do Jamie, embora o tom de seus comentários tinha passado a ser uma espécie de rouca fúria. As cabras já não baliavam; era possível que o felino as houvesse matado a todas? Tampouco se ouvia a senhora Beardsley. Os cavalos, em troca, armavam um tremendo barulho com tanto relinchar e dar coices.

- Aqui –grasnei, decidida a não abandonar meu refúgio sem saber com certeza onde estava o jaguar... ou ao menos sem ter segurança de que não estava perto de mim. Os cavalos tinham deixado de relinchar, embora seguiam soprando e fazendo ruído com os cascos, para demonstrar que

nenhum deles tinha fugido nem cansado presa do visistante- . Aqui! –repeti, elevando um pouco a voz.

Mais rangidos a pouca distância. Jamie apareceu a tropeços na escuridão e se agachou para medir debaixo do tronco. Sua mão encontrou meu braço e o estreitou.

- Está bem, Sassenach?

- Não tive tempo de averiguá-lo, mas acredito que sim. –Saí do tronco com cuidado para ver se estava ferida. Cardeais aqui e lá, cotovelos esfolados e uma sensação de ardência na bochecha golpeada pelo ramo. Basicamente, tudo estava bem.

- Me alegre. Date pressa, que está ferido. –Ele me levantou e me ajudou a caminhar.

- Quem?

- O macho caibro, é obvio.

Para então minha vista se adaptou à escuridão. Pude distinguir as grandes silhuetas do Gideon e da égua sob um álamo; ambos agitavam crinas e caudas com nervosismo. A pouca distância havia um vulto mais pequeno, que parecia ser a senhora Beardsley, agachada junto a algo.

Cheirava a sangue e a fetidez de cabra. Pu-me em cuclillas, alargando a mão até encontrar cabelo áspero, quente. O macho caibro se sobressaltou com um forte “Beeeh!” , que me tranqüilizou um pouco. Possivelmente estivesse ferido, mas não moribundo. O corpo que tinha sob minhas mãos estava sólido e vital, com os músculos tensos.

- Onde está a fera? –perguntei, enquanto localizava a dureza dos chifres e continuava palapando apressadamente a coluna, as cortillas e os flancos. O animal apresentou suas objeções com selvagens sacudidas.

- foi –disse Jamie, que também se agachou. Apoiou uma mão na cabeça do macho- . seja seja a bhalaich. Tudo está bem. Seas,mo charaid.

Não encontrava nenhuma ferida aberta no corpo da cabra; entretanto cheirava a sangue: um bafo quente e metálico, que perturbava o limpo ar noturno do bosque. Os cavalos também o farejavam e se removiam na escuridão, inquietos.

- Estamos seguros de que se foi? –insisti, tratando de não pensar na sensação de ter uns olhos cravados na nuca- . Cheiro a sangue.

- Sim. A fera se levou a uma das fêmeas –me informou Jamie, enquanto se ajoelhava a meu lado para apoiar uma mão no pescoço do animal- . A senhora Beardsley soltou a este bravo moço, que se jogou de cabeça contra o felino. Não o vi tudo, mas acredito que a bestial e lançou um zarpazo. Ouvi-a chiar e bufar. E nesse momento o macho caibro também gritou. Pode que se quebrado uma pata.

Assim era. Com essa informação achei facilmente a fratura, no úmero da pata dianteira direita. A pele estava intacta, mas o osso, quebrado. Apalpei o leve deslocamento dos extremos. A cabra puxou, tratando de me cornear o braço. Seus olhos se moviam, frenéticos; as estranhas pupilas quadradas eram visíveis, mas incolores sob o fraco claro lunar.

- Pode curá-lo, Sassenach?

- Não sei.

O animal seguia lutando, mas seus movimentos se debilitavam perceptivelmente.

- Não sei –repeti. Meus dedos tinham encontrado finalmente o pulso; era muito veloz e débil. Tratei de imaginar os tratamentos possíveis, todos rudimentares- . É muito possível que mora, Jamie, embora lhe reduza a fratura. Não seria melhor sacrificá-lo? Convertido em carne será muito mais fácil de transportar.

Ele acariciou brandamente o pescoço da cabra.

- A um animal tão valente... Seria uma pena.

Para ouvi reso, a senhora Beardsley soltou uma risita nervosa, como de menina.

- Ze chama Hiram –disse- . Ez um bom moço.

- Hiram –repetiu ele, sem deixar de acariciá-lo- . Pois bem, Hiram. Courage, mon brave. Sairá adiante. Tem os ovos do tamanho de um melão.

- De caquis, mas bem –observei, pois tinha encontrado inadvertidamente os testículo em questão ao efetuar meu exame- . Embora perfeitamente respeitáveis, sem dúvida.

Aspirava o menos possível para não cheirá-lo. As glândulas almizcleras do Hiram estavam trabalhando horas extraordinárias. Até o penetrante aroma de sangue ficava em segundo plano.

- Disse-o em sentido figurado –me informou Jamie, com bastante secura- . O que vais necessitar, Sassenach?

Pelo visto a decisão estava tomada.

- Pois bem. –Tirei-me o cabelo da cara com o dorso da boneca- . Busca me um par de ramos retas, de uns trinta centímetros de longitude, sem ramillas laterais, e uma parte de corda. Logo me ajudará com ele – acrescentei, tratando de sujeitar a meu inquieto paciente- . Hiram parece te ter simpatia. Talvez te reconhece como espírito afim.

Jamie riu; foi um som grave e reconfortante junto a meu cotovelo. incorporou-se, depois de lhe arranhar uma vez mais as orelhas, e se afastou entre sussurros de folhagem. Momentos depois estava de retorno com o que lhe tinha pedido.

- Bem. –Apartei uma mão do pescoço do Hiram para agarrar os paus- . vou entalar o; desta maneira não poderá dobrar a pata e fazer-se mais danifico. Teremos que levá-lo nas costas.

me ajude a tender o de lado.

A senhora Beardsley rondava a meu lado, com um cabrito em braços. O pequeno emitiu um débil balido, como se despertasse súbitamente de um pesadelo, e Hiram respondeu com um forte “ beeh” .

- Tenho uma idéia –murmurou Jamie. E se levantou para agarrar o cabrito. Logo voltou a ajoelhar-se e o aproximou do macho. Imediatamente o hociqueó no flanco, com um balido. Uma língua larga e viscosa serpenteou sobre minha mão, lesma, procurando a cabeça do pequeno.

- Sei rápida, Sassenach –sugeriu Jamie.

Não necessitei mais incentivo. Em poucos minutos tive a pata estabilizada e as tabuletas acolchoadas com um dos muitos xales que a senhora Beardsley levava em cima. Hiram se tinha tranqüilizado e só emitia algum gemido ocasional. O cabrito, em troca, balia a todo pulmão.

- Onde está sua mãe? –perguntei. Mas não necessitava a resposta. Embora não fora muito entendida em cabras, sabia de maternidade: só a morte manteria a uma mãe longe do filho que estivesse Armando um

alvoroço semelhante. As outras cabras tinham retornado por curiosidade, por medo às sombras ou, simplesmente, por procurar companhia, mas a mãe não se adiantou.

- Pobrecilla... –disse tristemente a senhora Beardsley- . Uma cabra tão doce...

Hiram já tinha os ossos em seu sítio e o entalado bem firme. Emitiu um forte e belicoso “ beeeehhh!” e se levantou apoiando-se em três patas. Caiu imediatamente, mas sua reação animou a todos. Até a senhora Beardsley lançou uma exclamação de palcer ao vê-lo.

- Muito bem. –Jamie se incorporou com um profundo suspiro- . E agora...

- E agora o que? –inquiri.

- Agora devo decidir o que faremos. –Havia certo nervosismo em sua voz.

- Não continuaremos para o Brownsville?

- Poderíamos continuar. Se a senhora Beardsley conhecer bem o caminho e é capaz de achar o atalho à luz das estrelas.

voltou-se para ela, espectador, mas até nas sombras vi o gesto negativo da mulher.

Então caí na conta de que já não estávamos no caminho; em todo caso, era apenas um estreito caminho aberto pelos veados.

- Não podemos estar tão longe, verdade? –Olhei a meu redor, aguçando inutilmente a vista na escuridão, como se pudesse haver algún letreiro luminoso que indicasse a situação do atalho. Em realidade, não tinha nem idéia do rumo.

- Não –respondeu Jamie- . Quanto a mim, acredito que cedo ou tarde a encontraria. Mas não penso andar a tropicões pelo bosque, na escuridão e com tudo isto.

Percorreu o círculo com a vista, contando cabeças. Dois cavalos muito assustadiços, duas mulheres (uma delas bastante estranha e possível homicida) e seis cabras, dois das quais não podiam caminhar. Em realidade tinha razão.

Jogou os ombros para trás e os encongió um poquito, para acomodar uma camisa estreita.

- irei jogar uma olhada. Se encontro o caminho em seguida, melhor. Se não, acamparemos até manhã –disse- . À luz do dia será muito mais fácil encontrar o caminho. Tome cuidado, Sassenach.

E com um espirro final, desapareceu no bosque, me deixando a mim só ao cuidado do ferido e nossos acompanhantes.

- Acredita que voltará? –A senhora Beardsley se acuclilló a meu lado, com o xale bem apertado aos largos ombros. Falava em voz baixa, como se temesse que alguém pudesse nos ouvir.

- Quem? O jaguar? Não, não acredito. Para que? –Mesmo assim me percorreu um calafrio ao pensar no Jamie, solo na escuridão. Hiram soprou, com a paleta firmemente apoiada em minha coxa. Logo apoiou a cabeça em meu joelho e lançou um comprido suspiro.

- Como se sente? –perguntei, mais por manter a conversação que por verdadeiro interesse.

- Alegra-me haver zalido de eze lugar –disse simplesmente.

Decididamente, eu compartilhava seus sentimentos; ao menos nossa situação tinha melhorado com respeito à da granja, até com jaguar e tudo. Mas isso não significava que desejasse passar uma temporada ali.

- Conhece alguém no Brownsville? –perguntei-lhe. Não estava segura do tamanho da população, embora pelos comentários de alguns milicianos parecia ser uma aldeia importante.

- Não. –Durante um momento guardou silêncio. Tinha a cabeça inclinada para trás para poder contemplar as estrelas e a aprazível lua- . Ez que... nunca hei eztado no Brownsville –acrescentou, quase tímida.

Nem em nenhum outro lugar, ao parecer. Contou a história entre vacilações, mas quase com ânsias, ante o interesse, embora mínimo, por minha parte.

Resumindo, Beardsley a tinha comprado a seu pai para levá-la a sua casa, junto com outras mercadorias adquiridas em Baltimore. Uma vez ali a manteve essencialmente prisioneira; tinha proibido abandonar a granja e deixar-se ver por aqueles que pudessem acontecer por ali. Enquanto ele viajava pelas terras dos cherokees com sua mercadoria, deixava-a na casa para que fizesse todo o trabalho. Não contava com mais companhia que a de um servo surdo-mudo.

- Que coisa! –disse. Com todo o acontecido durante o dia tinha esquecido ao Josiah e a seu gêmeo. Perguntei-me se ela conheceria os dois ou só ao Keziah.

- Quanto faz que veio a Carolina do Norte? –perguntei.

- Doz añoz –respondeu em voz baixa- . Doz añoz, trez mezez e cinco díaz.

Recordei as marcas feitas na ombreira da porta. Quando começaria a levar a conta? Desde o começo? Estirei as costas; isso incomodou ao Hiram e o fez resmungar.

- Já vejo. A propósito, como te chama? –perguntei, caindo na conta de que não sabia seu nome.

- Franzez –disse. Mas o tentou outra vez, como se não gostasse desse som confuso- . Fran-cesss.- O final foi um vaio entre os dentes partidos. encolheu-se de ombros, rendo. Foi uma risada breve e tímida- . Fanny. Minha mãe me chamava Fanny.

Fanny –repeti para respirá-la- . É um nome muito bonito. Posso te chamar assim?

- Zería... um prazer –disse. Tomou ar, mas se deteve sem falar, como se fora muito tímida para expressar o que estava pensando. Morto seu marido, parecia totalmente passiva, privada da força que a tinha animado antes.

- Ah –exclamei ao compreender- . Claire. Tutéame, por favor.

- Claire. Que bonito!

- Bom, ao menos não tem nenhuma esse –disse sem pensar- . OH, perdoa.

Lhe subtraiu importância com um pequeno bufo. Respirada pela escuridão, a sensação de intimidade engendrada pelo tuteo... ou simplesmente pela necessidade de falar depois de tanto tempo, falou-me de sua mãe, que tinha morrido quando ela tinha doze anos; de seu pai, que pescava caranguejos, e da vida que levava em Baltimore, onde vadeava pela

costa durante o baixo mar, para recolher ostras e almejas, e contemplava os navios pesqueiros e os navios de guerra que passavam frente ao forte Howard.

- Era... aprazível –disse com melancolia- . Tão aberto... Zólo o céu e a água. –E voltou a inclinar a cabeça para trás, como se desejasse o trocito de céu visível entre os ramos que se entrecruzavam em cima de nós. Talvez as montanhas boscosas da Carolina do Norte eram refúgio e abraço para um escocês como Jamie, mas bem podiam resultar claustrofóbicas e estranhas para quem estivesse acostumado à costa marítima do Chesapeake.

- Pensa retornar lá? –perguntei.

- Retornar? –Parecia um pouco sobressaltada- . Pois... não o tinha pensado.

- Não? –Tinha encontrado uma árvore contra o qual me apoiar. Estirei-me um pouco para aliviar as costas- . Sem dúvida sabia que você... que o senhor Beardsley ia morrer. Não tinha nenhum plano?

Além de divertir-se torturando-o enquanto morria lentamente, claro. Caí na conta de que tinha começado a me sentir muito a gosto com essa mulher, só na escuridão com as cabras. Podia ter sido uma vítima do Beardsley... ou talvez o dizia só para que a ajudássemos. Conviria recorde os dedos queimados de seu marido e o horroroso estado do desvão. Endireitei-me um poquito; no caso de, apalpei a pequena faca que levava a cintura.

- Não. –Parecia um pouco aturdida. Não era de sentir saudades. Eu mesma estava aturdida, simplesmente pela emoção e a fadiga. Tanto que me perdi o que disse a seguir.

- O que há dito?

- Que... Mary Ann não me disse o que devia fazer... dezpuéz.

- Mary Ann –repeti, cautelosa- . Ela era... a primeira esposa do Beardsley, não?

Fanny se pôs-se a rir. O cabelo da nuca me arrepiou de uma maneira muito desagradável.

- OH, não. Mary Ann era a quarta.

- A... quarta –repeti, um pouco deprimida.

- Ez a única que ele enterrou sob o zerbai –me informou- . Foi um engano. Laz otraz eztán no bozque. Daria-lhe preguiça, zupongo. Não quizo caminhar tanto.

- Ah. –Não me ocorria melhor resposta.

- E ze o disse. Ela aparece sob o zerbai quando zale a lua. A primeira vez que a vi penzé que era uma mulher viva. Tive medo do que ele pudesse lhe fazer, zi a via zola ali, e zalí para adverti-la.

- Compreendo. –Algo em minha voz deveu expressar pouca credulidade, pois ela voltou a cabeça para mim. Agarrei a adaga com mais firmeza.

- Não me creez?

- claro que sim! –assegurei-lhe, tratando de me tirar a cabeça do Hiram do regaço. Me tinha dormido a perna esquerda pela pressão e não sentia o pé.

- Posso demoztrártelo –disse ela, com voz serena e segura- . Mary Ann me disse onde eztaban... laz otraz... e as encontrei. Posso enzeñarte laz tumbaz.

- Não é necessário –assegurei, flexionando os dedos do pé para restaurar a circulação. Se me aproximava, jogaria-lhe a cabra em cima e rodaria para um lado para fugir engatinhando enquanto chamava o Jamie. E onde diabos estava Jamie, a tudo isto?-. Assim... Fanny... Dizia-me que o senhor Beardsley... –tampouco sabia o nome dele, mas dadas as circunstâncias preferia manter minhas relações com sua memória em um plano formal- que seu marido assassinou a quatro mulheres. E ninguém se inteirou?

Claro que ninguém tinha por que inteirar-se. A granja do Beardsley estava muito isolada e não era estranho que as mulheres morreram: por acidente, de parto ou, simplesmente, por excesso de trabalho. Se alguém sabia que o homem tinha perdido a quatro algemas, era muito possível que a ninguém interessasse averiguar por que.

- Zi. –Pareceu-me que estava tranqüila; ao menos, de momento não parecia perigosa-. Me teria matado também, mas Mary Ann ze o impediu.

- Como?

Ela suspirou, acomodando-se no chão. De seu regaço surgiu um balido sonolento; então caí na conta de que o cabrito estava novamente ali. Afrouxei os dedos em volta da faca; seria-lhe difícil me atacar com uma cabra no regaço.

Conforme me contou, saía a conversar com a Mary Ann quando a lua estava alta. A fantasmal mulher aparecia sob o serbal só entre medial uma crescente e a meia minguante, nunca em lua nova nem em quarto crescente.

- Que detalhe! –murmurei. Mas ela não se precaveu. Estava absorta em seu relato.

Aquilo se prolongou durante vários meses. Mary Ann lhe disse quem era; também a informou sobre o destino sofrido por suas predecessoras e como tinha morrido ela mesma.

- A eztranguló. Vi-lhe no pescoço laz marcaz de zuz dedoz. Ela me advertiu que algum dia faria o mizmo comigo.

Apenas algumas semanas depois, Fanny teve a certeza de que tinha chegado o momento.

- Eztaba até acima de rum, zabez? Ziempre era pior quando bebia. E eza vez...

Trêmula de nervos, tinha deixado cair a bandeja com o jantar do Beardsley, salpicando o de comida. Ele se levantou de um salto, rugindo, e se jogou contra ela. Fanny se deu a volta e fugiu.

- Ele eztaba entre a porta e eu- disse-. Corri ao dezván. Penzé que, bêbado como eztaba, não poderia zubir a ezcalerilla. E não pôde.

Beardsley se tinha cambaleado e a escalerilla caiu ruidosamente. Enquanto ele lutava por devolvê-la a seu sítio, entre rezongos e maldições, alguém bateu na porta. O homem

inquiriu a gritos quem era, mas não houve resposta; só um golpe mais. Do bordo do desvão, Fanny viu sua cara avermelhada; ele a fulminou com o olhar. ouviu-se um terceiro golpe. Beardsley tinha a língua tão entorpecida pelo álcool que não podia falar com coerência; limitou-se a grunhir, com um dedo em alto em sinal de advertência; logo caminhou para a porta, cambaleando-se, e a abriu com violência. Ao olhar fora lançou um alarido.

- Eu nunca tinha ouvido algo azí –murmurou ela-. Nunca.

Beardsley girou em redondo e, em sua carreira, tropeçou com um tamborete e caiu de bruces, escancarado. Se levantou com muita dificuldade e foi para a escalerilla. Subia torpemente, saltando degraus, a tapas, entre exclamações e gritos.

- Gritava-me que o ajudasse, que o ajudasse. –Sua voz tinha uma nota estranha. Talvez era só estupefação pelo fato de que semelhante homem lhe tivesse pedido socorro. Mas me pareceu que esse tom delatava o profundo e secreto prazer que lhe provocava a lembrança.

Ele chegou ao batente da escalerilla, mas não pôde dar o passo final para o desvão. Sua cara passou repentinamente do vermelho ao branco; os olhos lhe voltaram para trás. Logo caiu de bruces às pranchas, inconsciente, com as pernas lhe pendurando absurdamente do bordo.

- Não podia baixá-lo; apenas pude arraztralo havia dentro. –Suspirou- . O rezto... já o zabez.

- Não de tudo. –Jamie falou da escuridão, perto de meu ombro, me sobressaltando. Hiram despertou com um grunhido de indignação.

- Quando tornaste? –interpelei.

- Faz o bastante. –Veio a ajoelhar-se a meu lado, com uma mão em meu braço- . E o que foi o que viu na porta? –perguntou à senhora Beardsley. Sua voz não expressava mais que um leve interesse, mas notei que sua mão estava tensa. Percorreu-me um calafrio. “ O que.”

- Nada –respondeu ela, simplesmente- . Não vi ninguém ali. Mas... desde eza porta ze via o zerbal. E havia zalido a meia lua.

depois disso houve um momento de silêncio. Por fim jamie se esfregou a cara com uma mão e suspirou.

- Sim. Bem. –levantou-se- . encontrei um sítio onde poderemos nos refugiar durante a noite. me ajude com a cabra, Sassenach.

Felizmente, o sítio que jamie tinha encontrado estava a pouca distância. Era uma espécie de fenda pouco profunda, em um ribazo arciloso médio desmoronado. Em outros tempos tinha deslocado algum arroio por ali; a água tinha desprendido uma boa parte do ribazo, deixando uma abertura. Não obstante, anos atrás algo tinha desviado o curso da água; as pedras arredondadas que tinham formado seu leito estavam disseminadas e meio fundas no chão margoso.

- Ocorre algo, Sassenach? –Jamie se tinha detido. Estava na ladeira, algo por cima de mim, com o Hiram sobre os ombros. De abaixo, recortado contra o chão, era uma figura grotesca e ameaçadora, alta e com chifres e uma giba monstruosa.

- Estou bem –lhe confirmei, quase sem fôlego- . É aqui?

- Sim. me ajude, Quer? –Parecia mais sufocado que eu. ajoelhou-se cuidadosamente, enquanto eu me apressava para lhe ajudar a depositar ao Hiram no chão. Ele ficou de joelhos, com uma mão em terra para sustentar-se.

- Espero que pela manhã não seja tão difícil encontrar o caminho – disse. Olhava-o com preocupação. O esgotamento lhe obrigava a inclinar a cabeça e o ar gorgoteava em seu peito com cada fôlego. Necessitava um sítio com fogo e comida, quanto antes.

Ele moveu a cabeça e pigarreou.

- Sei onde está. –Voltou a tossir- . Só que...

A tosse lhe sacudia com força; notei que esticava os ombros para agüentá-la. Quando cessou lhe apoiei brandamente uma mão nas costas; percorria-lhe um tremor constante; não era um calafrio, a não ser o estremecimento dos músculos forçados além dos limites de sua força.

- Não posso continuar, Claire –disse pelo baixo, como se se envergonhasse de admiti-lo- . Estou esgotado.

- lhe deite –lhe disse, também fico- . Eu me ocuparei de tudo.

Houve certo alvoroço e confusão, mas meia hora depois todos estávamos mais ou menos instalados, os cavalos maneados e uma pequena fogueira acesa. Ajoelhei-me para examinar a meu paciente principal, que estava tendido sobre o peito, com a pata entalada estendida para diante, com suas damas sões e salvas atrás dele, ao casaco do ribazo. Hiram emitia um belicoso “ Beh!” e me ameaçou com os chifres.

- Ingrato –murmurei ao apartrme.

A risada de jamie se quebrou em um espasmo de tosse que lhe sacudiu os ombros. Estava acurrucado a um lado da costa, com a cabeça apoiada na jaqueta dobrada.

- Quanto –lhe disse- , abre esse capote e te levante a cmisa. Agora mesmo.

Ele me olhou com os olhos entreabridos; logo jogou uma olhada à senhora Beardsley. Seu recato me fez dissimular um sorriso, mas lhe dava à mulher um heervidor pequeno e a enviei em busca de água e lenha; logo extraí a cabaça com o ungüento mentolado.

Agora que podia vê-lo bem, o aspecto do Jamie me alarmou um pouco. Estava pálido, com os lábios brancos e as fossas nasais circundadas de vermelho, ojeroso de fadiga. Parecia muito doente; ouvi-lo era ainda pior: seu fôlego assobiava no peito ao respirar.

- Bom, suponho que se Hiram não quis morrer diante de suas fêmeas, você tampouco morrerá diante de mim –disse com ar dúbio, enquanto colhia com o dedo um pouco de graxa fragrante.

- Não penso morrer –disse, bastante vexado- . Só estou um pouco cansado. Pela manhã serei o de sempre. OH, Deus, como isto ódio!

Tinha o peito bastante quente, mas não me pareceu que fora febre, era difícil determiná-lo, com os dedos tão frios.

Ele deu um coice e tratou de escapulir-se, com um agudo “ Auh” . O sujeitei com firmeza pelo pescoço e procedi a fazer minha vontade, apesar de seus protestos. Ao fim deixou de resistir e se entregou, entre risadas intermitentes, espirros e algum gemido ocasional, quando lhe tocava algum sítio onde houvesse cócegas. Às cabras pareceu muito entretido.

Em poucos minutos o tinha deixado ofegante no chão, com a pele do peito e o pescoço brilhantes de graxa e avermelhados pela fricção. No ar reinava um forte aroma a hortelã e cânfora. Pu-lhe uma flanela grossa no peito, baixei-lhe a camisa, agasalhei-o com a capa e lhe cobri até o queixo com uma manta.

- Bem –disse, satisfeita, enquanto me limpava as mãos com um pano- . Assim que tenha água quente tomaremos uma boa infusão de marrubio.

Abriu um olho suspicaz.

- Tomaremos?

- Bom, você. Eu prefiro me beber o pis do cavalo.

- Eu também.

- Infelizmente, que eu saiba, não tem efeitos medicinais.

Ele fechou o olho com um grunhido. Durante um momento respirou com dificuldade, como um fole quebrado. Logo levantou a cabeça alguns centímetros.

- Essa mulher tornou?

- Não. Suponho que encontrar o arroio na escuridão lhe levará algum tempo. –Vacilei- . Ouviu o que me contou?

Ele moveu a cabeça.

- Tudo não, mas sim bastante. o da Mary Ann e todo isso?

- Sim.

- O creíste, Sassenach?

Em vez de responder imediatamente, tomei algum tempo para me tirar a graxa das unhas.

- Nesse momento, sim –disse ao fim- . Agora... não estou tão segura.

Ele grunhiu outra vez, agora com aprovação.

- Não acredito que seja perigosa –disse- . Mas tenha sua pequena adaga à mão, Sassenach... e não lhe volte as costas. Alternaremos para montar guarda; desperta dentro de uma hora.

Fechou os olhos, tossindo, e dormiu profundamente.

As nuvens começavam a cobrir a lua e o vento frio agitava a erva do ribazo.

- Despertar dentro de uma hora –murmurei ao trocar de posição, em um esforço por obter uma mínima postura cômoda no chão rochoso- . Ja! Nem o sonho!

Levantei-lhe a cabeça para apoiá-la em meu regaço. Ele se queixou um pouco, mas não se moveu. Girei os ombros e me reclinei, procurando algum apoio contra a parede inclinada de nosso refúgio. face à advertência do Jamie, não parecia necessário vigiar à senhora Beardsley; depois de alimentar amavelmente o fogo, havia-se acurrucado entre as cabras. Como só era de carne e osso, estava esgotada pelos acontecimentos do dia e dormiu em seguida. Ouvi-a roncar apacivelmente ao outro lado da fogueira, entre os bufos de seus companheiros.

- E você, do que crie parecer? –acusei à pesada cabeça que descansava em meu regaço- . De borracha vulcanizada?

Quase sem querer lhe acariciei o cabelo. Em sua boca se desenhou um sorriso de surpreendente doçura. De repente, desapareceu como tinha vindo. Fiquei observando-o, atônita. Não. Estava profundamente dormido; sua respiração era rouca, mas estável; as largas pestanas de duas cores descansavam contra as bochechas. Com muita suavidade voltei a lhe acariciar o cabelo.

Tal como esperava: o sorriso piscou como o toque de uma chama e voltou a desaparecer. Suspirou profundamente, dobrou o pescoço para colocar-se melhor e se relaxou por completo.

- OH, Jamie!, Por Deus –lhe sussurrei. As lágrimas me ardiam nos olhos.

Fazia anos que não o via sorrir assim em sonhos. Em realidade, desde

aqueles primeiros dias de nosso matrimônio, no Lallybroch.

“ De pequeno o fazia sempre –me havia dito então sua irmã Jenny- .
Acredito que o faz quando está feliz.”

Dobrei os dedos no cabelo denso e suave da nuca, apalpando a curva sólida do crânio, o couro cabeludo quente, a fina linha de uma antiga cicatriz.

- Eu também –sussurrei.

Fetos de Satanás

A senhora MacLeod e seus dois filhos se alojaram em casa da esposa do Evan Lindsay quando os irmãos MacLeod partiram com a tropa junto com o Geordie Chisholm e seus dois filhos maiores. A congestão da casa grande se viu grandemente aliviada, mas não o suficiente, conforme pensava Brianna, tendo em conta que ainda estava ali a senhora Chisholm.

O problema não era ela em si, a não ser seus cinco filhos menores, todos varões, a quem a senhora Bug chamava coletivamente “ fetos de Satanás” . Os gêmeos de três anos causavam esse efeito, sim, disse-se Brianna, olhando ao Jemmy com certo temor, enquanto se imaginava o futuro.

No momento não dava amostras de ser um possível bagunceiro; estava médio dormido no tapete do estudo do Jamie, onde Brianna se retirou com a vaga esperança de encontrar quinze minutos de alguma solidão para escrever. O respeito ao Jamie bastava para manter aos pequenos vadios fora dessa habitação.

Na mesa, à mão, tinha o tinteiro do Jamie: uma cabaça oca, bem tampada com uma bolota grande, a seu lado, um frasco de terracota com plumas de peru bem afiadas. A maternidade lhe tinha ensinado a Brianna a aproveitar os momentos de tranqüilidade que o azar lhe oferecia; aproveitou esse para abrir o pequeno jornal no que registrava as notas que considerava íntimas.

Ontem à noite sonhei que fazia sabão. Pessoalmente nunca tenho feito sabão, mas ontem estive esfregando o chão e, quando me deitei, ainda me cheiravam as mãos. É um aroma horrível, entre ácido e a cinzas, com um espantoso fedor a graxa de porco, como a algo que leva morto muito tempo.

Estava vertendo água em um hervidor de cinza para fazer lejía. À medida que ia vertendo se ia convertendo em lejía. Do hervidor se elevavam grandes nuvens de fumaça venenosa; essa fumaça era amarela.

Papai me trouxe uma grande terrina de sebo para mesclar com a lejía; dentro havia dedos de bebê. Então não recordei ter pensado que aquilo fora estranho.

Brianna tinha estado tratando de passar por cima uma série de ruídos estrondosos no piso de acima, como se várias pessoas estivessem saltando em uma cama. O alvoroço cessou bruscamente, e foi substituído por um grito penetrante, ao que seguiu a sua vez um ruído de carne contra carne, como de uma forte bofetada, e vários alaridos mais de tons diversos.

Bree fez uma careta e fechou os olhos com força. Um momento depois baixavam atronadoramente a escada. Ela olhou a jemmy, que se tinha despertado com um sobressalto, mas não parecia assustado (Céu Santo, estava-se habituando) e deixou a pluma para levantar-se com um suspiro.

O senhor Bug era o encarregado de atender a granja e o gado e repelir

as ameaças físicas. O senhor Wemyss, de cortar lenha, conduzir aguay, em geral, manter em marcha o funcionamento da casa. Mas a gente era calado e o outro, tímido. Assim Jamie lhe tinha deixado formalmente o mando a sua filha. portanto, ela era corte de apelações e juiz de todos os conflitos. Quer dizer, a senhora.

A senhora abriu de par em par a porta do estudo, fulminando à multidão com o olhar e todos começaram a gritar ao mesmo tempo.

- Índios selvagens!

- O precioso cabelo de meu bebê!

- Ela começou!

- Atrever-se a pegar a meu filho!

- Estávamos jogando aos cortadores de cabeleiras, senhora...!

- Eeeehhh!

- ... e estes pequenos fetos têm feito um grande buraco em meu leito de plumas!

- Pois olhe o que tem feito ela, essa velha maldita!

- Olhe o que têm feito eles!

Pois senhora, é só...

- Aaaahhhhhh!

Brianna saiu ao corredor e fechou de uma portada. Como era uma porta maciça, o estrondo sossegou momentaneamente o olboroto. Por outra parte Jemmy pôs-se a chorar, mas ela não fez conta.

Aspirou fundo, disposta a vadear na animação,, mas logo o pensou melhor. Não podia lutar com eles em grupo. Dividir para conquistar: não havia outra maneira.

- Estou escrevendo –declarou, olhando-os um a um com os olhos entreabridos- . Algo importante.

A senhora Aberfeldy parecia impressionada. A Chisholm, ofendida; a Bug, atônita.

Ela se dirigiu uma a uma com um frio gesto da cabeça.

- Mais tarde falarei com cada uma de vocês, de acordo?

Abriu a puertay, depois de entrar, fechou-a muito brandamente contra as três caras atônitas. Logo apoiou as costas contra ela, com os olhos fechados, e deixou escapar o fôlego que continha.

Ao vê-la, Jemmy deixou de chorar para chupar o polegar.

- Espero que a senhora Chisholm não saiba nada de ervas –lhe sussurrou ela- . Seguro que sua avó tem venenos ali.

Agora Jemmy estava convexo de barriga para cima, com os pés em alto, mascando alegremente uma parte de bolacha que tinha encontrado vá uma ou seja onde. O jornal se cansado ao chão. Para ouvir que a senhora Chisholm saía da clínica, Bree se apressou a agarrar a pluma e um dos livros contáveis amontoados no escritório.

A porta se abriu quatro ou cinco centímetros. Houve um momento de silêncio, durante o qual ela inclinou a cabeça, franzindo o sobrecenho em um exagerado gesto de concentração, enquanto rabiscava com a pluma sem tinta na página que tinha ante si. A porta voltou a fechar-se.

- Zorra –disse ela, pelo baixo. Jemmy deixou ouvir um ruído interrogativo. Ela o olhou- . Não ouviste isso, entendido?

O pequeno emitiu uma exclamação de acordo, enquanto se metia os restos chupeteados da torrada na fossa nasal esquerda. Ela fez um gesto instintivo para tirar-lhe mas se conteve. Essa manhã não tinha paciência para mais conflitos. Pela tarde, tampouco.

Seu pai os teria posto a tuda em ordem em um segundo, mediante um exercício conjunto de encanto e autoridade masculina. A idéia lhe arranco um pequeno bufo de diversão. Vêm, diria a uma, e ela se acurrucaria a us pés, ronronando como Adso, o gato. Vê, diria a outra, e ela sairia para a cozinha para lhe assar um prato de pãozinhos de manteiga.

Pela centésima vez da partida dos homens, lamentou profundamente não havê-los acompanhado. Era fácil imaginar a mole de um cavalo movendo-se baixo ela, o ar limpo e frio nos pulmões e Roger, cavalgando para seu lado, com o sol arrancando reflexos a seu cabelo escuro, e a aventura invisível a que se enfrentariam juntos, algo mais adiante.

O sentia falta de com uma dor profunda e surda, como um moretón no osso. Quanto tempo podia durar sua ausência, se se chegava a produzir o combate? Apartou a idéia por não enfrentar-se a que seguia: se se combatia, existia alguma possibilidade de que ele voltasse doente, ferido... ou que não voltasse nunca mais.

- Não chegaremos a isso –disse com firmeza, em voz alta- . Retornarão dentro de uma ou duas semanas.

Uma rajada de chuva geada castigou a janela com um repico. Começava a fazer frio; para quando anoitecesse, estaria nevando. ateu-se o xale aos ombros, estremece, e jogou uma olhada ao Jem para comprovar que estava bem abrigado. Tinha o fralda molhado; uma de suas meias lhe tinha cansado, deixando nu o piececito rosado. Mas ele parecia não precaver-se, absorto na canção que dedicava a seus dedos, enquanto os movia ociosamente por cima de sua cabeça.

Ela o olhou com ar dubio, mas se o veí acontento. Além disso, o braseiro do rincão dava um pouco de calor, sim.

- Bem –disse. E suspirou. Tinha ao Jem; isso era tudo. O problema era encontrar a maneira de tratar com as Três Fúrias antes de que a voltassem louca ou se assassinassem mutuamente.

- Lógica –disse ao Jemmy, lhe apontando com a pluma- . Tem que haver uma solução lógica. É como esse problema no que tem que levar a borda oposta, em canoa, a um lobo, um cordeiro e uma alface. Deixa que o pense.

Jem tratava de meter o pé na boca cheia de miolos, em que pese a que parecia impossível.

- Deve te parecer com papai –lhe disse ela, tolerante.

Deixou a pluma em seu frasco para fechar o livro contável, mas se deteve, atraída pela escritura torcida das notas. Ao ver a letra do Jamie, caracteristicamente desordenada, ainda sentia uma leve emoção. Recordava a primeira vez que a tinha visto, em uma antiga escritura de

propriedade cuja tinta com o tempo se tornou de uma cor parda clara.

Esta tinta tinha sido parda em um começo, mas agora se obscureceu, a mescla de ferro e bÍlis alcançava seu típico tom negro azulado com a exposição ao ar, durante um ou dois dias.

Então viu que não se tratava de um livro contável, mas sim de um

registro diário das atividades da granja.

16 de julho: Recebido do pastor Gottfried seis leitões desmamados, em troca de duas garrafas de vinho moscato e uma tocha. Guardados no estábulo até que cresçam e possam comer forragem por si só.

17 de julho: Pela tarde uma das colméias começou a enxamear e entrou no estábulo. Felizmente minha esposa recapturó o enxame e o alojou em uma manteigueira vazia. Diz que Ronni Sinclair deve lhe fazer outra.

18 de julho: Carta de minha tia, pedindo conselho sobre serraria do Grindler' Creek. Respondi dizendo que irei inspecionar a situação antes de fim de mês. Carta enviada por meio do R.. Sinclair, que vai ao Cross Creek com uma carga de 22 tonéis, dos quais devo receber a metade de seu ganho como parte de pagamento de sua dívida por ferramentas de sapateiro. acordamos deduzir dessa quantidade o custo da manteigueira nova.

O fluxo de entradas era tranqüilizador, aprazível como os dias do verão que registravam. Bree sentiu que o nó de tensão começava a relaxar-se entre suas omoplatas; sua mente se afrouxava e estirava, disposta a procurar uma saída para suas dificuldades.

20 de julho: Cevada do semeado inferior alta até o joelho. Passada a meia-noite a vaca vermelha teve uma vitela sã. Tudo vai bem. Dia excelente.

21 de julho: Vou a casa dos Mueller. Intercambiei uma jarra de favo por bridas de couro em mal estado (mas se podem reparar). Retornei muito depois do obscurecer, por contemplar um bando de aves aquáticas que elevava vôo sobre o lago do Hollis's Gap. Detive-me pescar e cobreí dez boas trutas. Tomamos seis no jantar; o resto servirá para o café da manhã.

22 de julho: Meu neto tem sarpullido, embora minha esposa declara que não tem importância. A cerda branca se tornou a escapar de seu curral para o bosque. Não sei se perseguir a ou expressar meus pêsames à desafortunada fera que a encontre. Seu caráter se parece com o de minha filha nestes momentos, depois de estar várias noites quase sem dormir...

Brianna se inclinou para a página, com o sobrecenho franzido.

...pelos gritos do infante, que segundo minha esposa tem cólicas, mas passarão. Confio em que tenha razão. Enquanto isso, instalei a Brianna e ao menino na cabana velha, para alívio dos que habitamos a casa, se não de minha pobre filha. A cerda branca devorou a quatro leitões da última ninhada antes de que pudesse impedir-lhe

- Condenado cretino! –exclamou ela. Conhecia bem à cerda em questão e a comparação não lhe resultava adúladora. Jemmy, alarmado por seu tom, deixou de arrulhar e deixou cair a torrada, trêmulos os lábios- . Não, não, está bem, tesouro. –Ela foi agarrar o e balançá-lo brandamente- . Chist, tudo

está bem. Mami estava falando com o avô. Essa palavra tampouco a ouviste, de acordo? Shhh, shhhh...

Jemmy, já tranqüilizado, estirou-se desde seus braços para a bolacha descartada, com pequenos grunhidos de ansiedade. Ela se agachou para recolhê-lo, jogando ao objeto médio dissolvido um olhar de asco. A casca, além de estar rançosa, tinha uma ligeira capa de algo que parecia cabelo de gato.

- Aj! Não acredito que isto você goste. Ou sim?

Pelo visto, sim. Foi difícil persuadir o de que aceitasse em troca uma grande argola de touro (das que se usavam para conduzir aos machos pelo nariz, conforme recordou ela com certa ironia). Confirmada sua aceitação com uma breve dentada, o menino se colocou em seu regaço para chupetearla empecinadamente, com o que pôde reler a conclusão da nota ofensiva.

- Hummm...

tornou-se para trás, acomodando o peso do Jemmy para estar mais confortável. Ele já se mantinha erguido com facilidade, embora parecia incrível que esse macarrão de pescoço pudesse sustentar a cúpula redonda da cabeça. Bree jogou um olhar carrancudo ao registro contável.

- Tenho uma idéia –disse ao Jemmy-. Se traslado a nossa cabana a essa bru... digo, à senhora Chisholm, ela e seus pequenos monstruos deixarão de nos incomodar. Logo... hum... a senhora Aberfeldy e Ruthie poderiam hospedar-se com o Lizzie e seu pai, se levarmos ali a cama que está na habitação de seus avós. Os Bug recuperam sua intimidade e a senhora deixa de ser uma velha... né... E você e eu dormiremos na habitação dos avós, até que eles retornem.

Detestava a idéia de abandonar a cabana. Era seu lar, seu sítio, o de sua família. Ali podia entrar e fechar a porta, deixando atrás o furor da casa grande. Ali estavam todas suas coisas: o tear ao meio fazer, os pratos de estanho, a jarra de louça que tinha pintado... todos esses pequenos objetos com os que tinha convertido esse lugar em seu próprio lar.

Se a isso somava o sentimento de posse e paz, lhe abandoná-lo provocava uma incômoda sensação que tinha algo de supersticioso. A cabana era o lar que compartilhava com o Roger; ao abandoná-la, embora só fora temporariamente, parecia admitir que talvez ele não retornaria para seguir compartilhando-a.

Estreitou com mais força ao Jemmy, quem a ignorou concentrado em seu brinquedo, com os puñitos gordinhos jorrando baba ali onde agarravam a argola.

Não, não queria ceder sua cabana. Mas era uma solução lógica. A senhora Chisholm estaria de acordo? A cabana era uma construção muito mais tosca que a casa grande e carecia de suas comodidades.

Mesmo assim estava quase segura de que a mulher o aceitaria. Se existia alguém cujo lema fora: “ Melhor reinar no inferno que servir no paraísoSS, essa era ela. face às tribulações, sentiu vontades de rir.

depois de fechar o registro contável, tratou de voltar a colocá-lo sobre a pilha de onde o tinha pego, mas com uma só mão e estorvada por jemmy, não chegava. O livro se escorregou e caiu na mesa.

- Chifres –murmurou, estirando-se na cadeira para recolhê-lo.

desprenderam-se várias folhas soltas, que ela voltou a introduzir com a mão livre, tão ordenadamente como pôde.

Uma delas era uma carta; ainda tinha os restos do lacre pegos, com a impressão de uma medial uma sorridente. Ela se deteve: era o selo de lorde John Grei. Devia ser a carte que ele tinha enviado em setembro, com a descrição de sua caçada de veados no Pântano Tenebroso; seu pai a tinha lido várias vezes a sua família, pois lorde John era um correspondente cheio de humor. A ceceria em questão tinha estado infestada desse tipo de contratempos incômodos de suportar, mas pitorescos quando depois se relatam.

Sonriando ao recordá-lo, desdobrou a carta com o polegar, desejosa de relê-la, só para descobrir que se encontrava ante um pouco muito diferente.

13 de outubro, Anno

Domini 1770

Senhor

James Fraser

Colina do Fraser,

Carolina do Norte

Meu querido Jamie:

Esta manhã despertou o som da chuva que nos castiga há uma semana, e o suave cacarejo de vários frangos encarapitados na cabeceira de minha cama. depois de me levantar ante o fixo olhar de numerosos ojillos, fui averiguar a que se devia essa

circunstância. Me informou que o rio tinha crescido tanto, sob o ímpeto das chuvas recentes, que tinha escavado tanto o desculpado como o galinheiro. O conteúdo deste último foi resgatado pelo William (meu filho, ao que auizá recordarão) e dois dos escravos, que resgataram com vassouras às aves desalojadas quando arrastava a corrente. Não saberia dizer de quem foi a idéia de alojar em meus aposentos às indefesas vítimas plumíferas, mas tenho certas suspeitas a respeito.

Depois de recorrer ao uso de meu bacinilla (eu gostaria que os frangos compartilhassem este adminículo, mas sua incontidência é alarmante), vesti-me e me aventurei a sair para ver o que se podia salvar. Do galinheiro ficam algumas pranchas e o teto, mas ai!, meu desculpado se converteu em propriedade do rei Netuno... ou quem quer seja a deidade menor que preside sobre um tributário tão modesto como nosso rio.

Não obstante, rogo-lhe não sofra preocupações por nós, pois a casa está a certa distância do rio, construída sobre uma elevação do terreno, o qual nos põe a salvo das inundações mais incômodas. (O desculpado tinha sido cavado junto à casa velha e ainda não tentamos levantar uma nova estrutura, mais conveniente; este pequeno desastre, ao nos oferecer a necessária desculpa para reconstruir, pode resultar uma bênção dissimulada.)

Brianna pôs os olhos em branco ante esse trocadilho, pró mesmo assim sorriu. Jemmy deixou cair a argola e imediatamente começou a pedi-la choramingando. Ela se inclinou para recolhê-la, mas se deteve, atraída sua atenção pelo começo do parágrafo seguinte.

Em sua carta menciona ao senhor Stephen Bonnet e pergunta se tiver notícias ou conhecimento dele. Conheci-o pessoalmente, como recordará, mas por desgracia não guardo lembrança algum do encontro, nem tão sequer para recordar seu aspecto. Não obstante, como sabe você, conservo em minha cabeça um pequeno buraco como singular aviso dessa ocasião. (Pode informar a sua senhora algema que estou bem curado, sem mais sintomas de desconforto que alguma dor de cabeça ocasional. Além disso, a placa de prata com a que se há talher a abertura está sujeita a esfriamentos súbitos quando o clima é frio, o qual tende a fazer que meu olho esquerdo lacrimeje e a provocar uma grande descarrega de mucos, mas isto não tem importância.)

Posto que compartilho, portanto, seu interesse pelo senhor Bonnet e seus movimentos, faz tempo venho fazendo averiguações entre meus conhecidos da costa, dado que as descrições de suas maquinações me fazem acreditar que é mais provável encontrar ao homem ali. Entretanto, posto que o rio é navegável até o mar, me ocorreu que os capitães do rio e os vadios da água que, de vez em quando, honram minha mesa poderiam me trazer, em algum momento, notícias do homem.

Não me agrada a obrigação de informar que Bonnet ainda reside estre os viventes, mas tanto o dever como a amizade me impõem lhe comunicar os dados que obtive. São escassos; o miserável parece ter consciência de sua situação criminal, ao ponto de ter atuado com sutileza em seus movimentos até o presente.

Jemmy esperneava e chiava. Como em transe, Bree se agachou a recolher a argola, com os olhos ainda cravados na carta.

soube pouco dele, excetuando a informação de que em algum momento se retirou a França: boa notícia. Entretanto, faz duas semanas recebi a um hóspede, um tal capitão Liston (o de “capitão” não é mais que um título de scortesia; o homem assegura servir à Marinha Real, mas eu apostaria um tonel de meu melhor tabaco [do que o envio uma amostra acompanhando esta missiva, e se não o recebesse lhe agradeceria que me fizesse saber isso, pois não confio de tudo no escravo através de quem o envio] a que nunca cheirou sequer a tinta de um contrato, muito menos o fedor dos quilhas), quem me proporcionou uma história mais recente –e extremamente desagradável– desse homem Bonnet.

Contou Liston que, encontrando-se em liberdade no porto do Charleston, encontrou-se com alguns companheiros de vil aspecto, quem o convidou a acompanhá-los une briga de galos, no pátio interior de um estabelecimento chamado Taça do Diabo. Entre a chusma havia um homem notável pela elegância de sua vestimenta e a liberdade com que gastava seu dinheiro; Liston ouviu que o chamavam Bonnet, e o proprietário lhe informou que esse Bpnnet tinha fama de contrabandista nas Ribeiras

Exteriores, sendo apreciado entre os mercados das cidades costeiras da Carolina do Norte, embora muito menos entre as autoridades, que eram incapazes de ajustar contas com esse homem, devido a seu comércio e ao feito de que as cidades do Wilmington, Edenton e New Bern dependiam de seu tráfico.

Liston emprestou pouca atenção ao Bonnet (disse), até que surgiu uma briga sobre uma aposta. Houve intercâmbio de palavras acaloradas e só o derramamento de sangue teria podido salvar a honra. Os espectadores, sem reparos, começaram imediatamente a apostar sobre o resultado dessa luta humana, tal como o estavam fazendo sobre as aves de rixa.

Um dos combatentes era o tal Bonnet; o outro, um tal capitão Marsden, capitão do Exército a meia paga, a quem minha hóspede conhecia como bom espadachim. Este Marsden, considerando-se parte ofendida, amaldiçoou os olhos ao Bonnet e convidou à contrabandista a lhe dar satisfação no ato, oferecimento aceito imediatamente. As apostas se derrubaram marcadamente a favor do Marsden, pois sua reputação era muita, mas logo ficou em claro que tinha encontrado a seu igual ou superior no Bonnet. Em poucos momentos, este conseguiu desarmar a seu adversário e feri-lo tão gravemente na coxa que Marsden caiu de joelhos e se deu por vencido; indubitavelmente dadas as circunstâncias, não tinha opção.

Bonnet, sem aceitar a rendição, executou em troca um ato de tal crueldad que causou muito profundo impresse em quem o viu. Depois de comentar, com grande frieza, que não seriam seus próprios olhos os condenados, cruzou com a ponta de sua arma os olhos do vencido, retorcendo-a de maneira que não só deixou cego ao capitão: infligiu-lhe uma mutilação tal que o converteria em objeto de grande horror e compaixão de quem o visse.

Depois de deixar a seu adversário assim mutilado e desvanecido na areia ensangüentada do pátio, Bonnet limpou seu aço contra a camisa do Marsden, embainhou-o e partiu..., não sem antes apoderar-se da bolsa do capitão, que reclamou como pagamento de sua aposta original. Nenhum dos presente teve guelra para impedir-lhe tendo ante eles tão convincente exemplo de sua destreza.

Relato-lhe esta história tanto para familiarizá-lo com o último paradeiro conhecido do Bonnet para lhe advertir de seu caráter e sua destreza. Sei que já está familiarizado com o primeiro, tacho e chamo a atenção sobre a última, pelo interesse que me merece seu bem-estar. Certamente, não espero que uma palavra de meu bem-intencionado conselho ache alojamento em seu peito, repleto como tem que estar de animadversos sentimentos para o homem, tacho e imploro que tenha em conta, quanto menos, a menção que tem feito Liston das vinculações do Bonnet.

Em ocasião de meu próprio encontro com o homem, este era um criminoso condenado; não acredito que após tenha emprestado à Coroa serviços que merecessem o perdão oficial. Se se atrever a exhibir-se tão abertamente no Charleston, onde poucos anos atrás escapou à corda do verdugo, diria-se que não teme por sua segurança... e isto só pode significar que agora desfruta do amparo de amigos poderosos. Se busca destruir ao Bonnet, deve descobri-los e cuidar-se deles.

Continuarei minhas averiguações a respeito e lhe notificarei

imediatamente qualquer novo detalhe. Enquanto isso, conserve-se bem e dedique de vez em quando algum pensamento a seu bordado e estremecido amigo da Virginia. Fico, senhor, com meus melhores desejos para com sua esposa, filha e família,

Seu seguro servidor,

John

William Grei

Plantação Monte

Josiah, Virginia

Postscriptum: A sua petição pus à busca de um astrolábio, mas até agora não

soube que nada que se adeque a seus propósitos. Não obstante, este mês escreverei a Londres para que me mandem móveis diversos e será um prazer encarregar um ao Halliburton, da rua Green, cujos instrumentos são da melhor qualidade.

Com muita lentidão, Brianna voltou a sentar-se na cadeira. Logo lhe tampou as orelhas a seu filho com mãos suaves, mas firmes, e disse um palavrão muito mal lhe soem.

Órfão da tormenta

Reclinada contra o ribazo, com a cabeça do Jamie na saia, fiquei dormida. Tive sonhos lúgubres, como está acostumado a acontecer quando está incômoda e tem frio.

Despertei súbitamente; jazia em uma confusão de capotes e mantas, com os membros do Jamie pesadamente entrelaçados a meus; uma neve fina caía entre os pinheiros. Desorientada durante um momento, toquei ao Jaime, que se removeu, tossindo com força; seu ombro se estremeceu sob minha mão. Esse ruído devolveu aos fatos do dia anterior: Josiah e seu gêmeo, a granja dos Beardsley, os fantasmas da Fanny, o fedor dos excrementos e a gangrena, o aroma mais limpo da pólvora e a terra molhada. Os balidos das cabras ainda retumbavam desde meus sonhos.

Entre o sussurro da neve me chegou um grito débil. Incorporei-me abruptamente, jogando em um lado as mantas, em uma garoa de gelo em pó. Não era uma cabra.

Jamie, sobressaltado, rodou para sair de entre o matagal de capotes e mantas; ficou acucillado, com o cabelo revoltado; seus olhos voavam de um lado a outro, procurando a ameaça.

-O que acontece?- sussurrou, afônico. E alargou a mão para sua adaga embainhada, que tinha deixado no chão, a seu alcance. Eu levantei uma mão para impedir que se movesse.

-Não sei. Um ruído. Escuta!

Levantou a cabeça, alerta; vi que sua garganta se movia dolorosamente ao tragar. Eu não ouvia outra coisa que o faísco da neve, nem via mais que os pinheiros chorreantes. Mas Jamie ouvia algo...ou o via; sua cara trocou súbitamente.

-Ali-disse pela baixo, assinalando com a cabeça algo que estava detrás de mim.

Ao girar sobre meus joelhos me encontrei com algo que parecia um pequeno montão de trapos; estava a uns três metros, junto às cinzas da fogueira apagada. O pranto se ouviu outra vez, já inconfundível.

-Por todos os Santos do céu.- Quase sem consciência se ter falado, engatinhei para o vulto, recolhi-o velozmente e comecei a escavar entre as capas de roupa. Obviamente estava com vida, posto que eu o tinha ouvido gritar; mas jazia inerte, quase sem peso na curva de meu braço.

A diminuta cara e o crânio imberbe eram de uma cor branca azulada, com as facções fechadas e secas como a vagem de um fruto invernal. Ao apoiar a palma contra o nariz e a boca percebi um leve calor úmido contra a pele. Sobressaltada por meu contato, os lábios se abriram em um miado, em tanto os olhos oblíquos se apertavam, deixando fora esse mundo ameaçador.

-Deus bendito.- Jamie se fez o sinal da cruz brevemente. Sua voz era apenas mais que um sussurro fleumático; depois de um pigarro o tentou outra vez-. Onde está essa mulher?

Espantada pela aparição da criatura, eu não me tinha detido a pensar

em seus origenes; tampouco era um bom momento para fazê-lo. O bebê se contorsionou um pouco em seus envoltórios, mas as manecitas estavam geladas e tinha a pele azulada e purpúrea pelo frio.

-por agora deixa-a. Traz meu xale, quer, Jamie? O pobrecito está quase congelado.

Usei a mão livre para me desatar o sutiã; era um dos velhos, abertos pela parte dianteira, que eu usava por comodidade quando saíamos de viagem. Uma vez afrouxados o espartilho e a cinta da camisa, apertei à pequena criatura geada contra meus peitos nus, ainda quentes pelo sonho. Uma rajada me arrojou neve aguda contra a pele exposta do pescoço e os ombros. Atirei precipitadamente da camisa, cobrindo ao bebê, e encurvei os ombros, estremecida. Jamie me jogou o xale por cima; logo envolveu a ambos com os braços, nos estreitando com ferocidade, como para que o calor de seu próprio corpo entrasse pela força no menino.

Calor que era considerável: estava ardendo de febre.

-Santo Deus! Está bem?- Olhei-o; estava pálido e com os olhos avermelhados, mas bastante firme.

-Estou bem, sim. Onde está?- repetiu, com voz rouca-. A mulher.

Obviamente se tinha ido. As cabras estavam apertadas ao casaco do ribazo; vi aparecer os chifres do Hiram entre os lombos arrepiados de suas fêmeas. Seis pares de olhos amarelos nos observavam com interesse. Recordaram aos de meus sonhos.

O sítio onde se deitou a senhora Beardsley estava vazio; só ficavam um rastro de erva esmagada como testemunha de sua presença ali. Devia haver-se afastado um pouco para dar a luz, pois perto do fogo não ficavam rastros do nascimento.

-É dela?- perguntou Jamie. A congestão ainda era perceptível em sua voz, mas o som sibilante do peito se aliviou. Já era um alívio.

-Suponho que sim. De outro modo, de onde veio?

Repartia minha atenção entre o Jamie e o menino, que tinha começado a mover-se contra meu ventre, com pequenos movimentos de caranguejo, mas joguei um olhar ao redor de nosso improvisado acampamento. Os pinheiros se erguiam sob a neve lhe sussurrem, negros e silenciosos. Se Fanny Beardsley se entrou no bosque, não ficava na pinaza rastro alguma que delatasse seu passo.

-Não pode estar longe-disse-. Não se levou nenhum dos cavalos.

Gideon e Dona Cerdita seguiam juntos sob uma píceas, com as orelhas ceñudamente aplanadas pelo clima, rodeados pelas nuvens de vapor de seu fôlego. Ao nos ver levantados e em movimento, Gideon deu coices e relinchou, mostrando os grandes dentes amarelos em uma impaciente exigência de sustento.

-Sim, velho vadio, já vou.- Jamie deixou cair os braços e deu um passo atrás, passando-os nódulos pelo nariz-. Se queria se ir em segredo não podia levar um cavalo. O outro teria metida animação até despertar.- Depositou uma mão suave sobre o vulto escondido sob meu xale-. Tenho que ir lhes dar de comer. Está bem o menino, Sassenach?

-está-se descongelando, assegurei-lhe-. Mas deve ter fome.

O bebê começava a mover-se mais, retorcendo-se com movimentos frouxos, como uma lombriga geada; sua boca procurava às cegas. A

sensação foi chocante por sua familiaridade: meu mamilo saltou por reflexo e no peito vibrou a eletricidade, enquanto a boquita procurava e se agarrava a ele. Lancei um pequeno chiado de surpresa; Jamie arqueou uma sobrancelha.

-Né... tem fome- assegurei, colocando-me isso

-Já o vejo Sassenach.- Jogou uma olhada às cabras, que começavam a remover-se entre grunhidos sonolentos-. Não é o único esfomeado. Um momento, por favor.

Da granja do Beardsley havíamos trazido grandes sacos com feno seco; Jamie abriu um e pulverizou comida para os cavalos e as cabras. Logo se agachou para desenredar um dos capotes de entre o montão de cobertores úmidos e me pôs isso nos ombros. Finalmente rebuscou na mochila uma taça de madeira, com a que se aproximou resolutamente às cabras.

O bebê estava mamando com força, com meu mamilo bem fundo em sua boca. Isso me tranqüilizou quanto à saúde do menino, mas a sensação era perturbadora.

-Não é que me incomode, me acredite- disse-lhe, tratando de nos distrair a ambos-. Mas me temo que não sou sua mãe, compreende? Sinto muito.

E onde diabos estava a mãe? Girei pouco a pouco, percorrendo a paisagem com mais atenção, mas não via rastro alguma da Fanny Beardsley, muito menos o motivo de seu desaparecimento... ou seu silêncio.

Que diabo podia ter acontecido? Era possível (e evidente) que a senhora Beardsley tivesse oculto um embaraço avançado baixo essa montanha de graxa e casaco, mas por que?

-por que não nos disse isso, é o que me pergunto- murmurei para a cabecita do bebê.

Se o responsável pelo desaparecimento da Fanny Beardsley tinha sido uma ou várias pessoas, por que tinham deixado ao bebê? Ou por que o haviam devolvido?

Respirei fundo e forte para limpar o nariz; logo girei a cabeça, aspirando o ar em diferentes direções. Um parto é muito sujo e eu estava familiarizada com seus fortes aromas. A criatura que tinha em meus braços emanava todos esses aromas, mas não se detectava rastro algum de sangue ou líquido amniótico no ventre gelado.

-Muito bem- disse em voz alta, balançando-o, já que começava a perder a quietude-. Afastou-se da fogueira para dar a luz. foi sozinha, ou alguém a obrigou. Mas se quem a levou caiu na conta de que estava a ponto de dar a luz, por que se incomodou em te trazer de volta em vez de te conservar, te matar ou, simplesmente, te abandonar para que morrera? OH, perdoa, não tinha intenção de te alterar. Cala, tesouro, cala...

O bebê, que começava a sair de seu sorvete estupor, tinha tido tempo de pensar o que outra coisa faltava em seu mundo. depois de abandonar meu peito, frustrado, retorcia-se e chorava com alentadora potência. Então retornou Jamie, com uma fumegante taça de leite de cabra e um lenço moderadamente limpo. depois de retorcê-lo até improvisar uma teta, inundou-o no leite e inseriu o tecido lhe gotejem na boca aberta do bebê. Os choros cessaram imediatamente; ambos suspiramos de alívio.

-Ah, assim está melhor, não? Seja, a bhalaich, seja - murmurava ele,

deixando gotejar o leite.

Estudei aquela carita diminuta, ainda pálida e cerosa de graxa fetal; já não tinha a cor do giz; mamava com profunda concentração.

-Como pôde havê-lo abandonado?- perguntei-me em voz alta-. E por que?

Esse era o melhor argumento para explicar um seqüestro: o que outra coisa podia fazer que uma flamejante mãe abandonasse a seu filho? Por não falar de afastar-se a pé por um bosque às escuras, imediatamente depois de dar a luz, dolorida e torpe, com a carne ainda rasgada e sangrando... A só idéia me arrancou uma careta e meu ventre se esticou.

Jamie moveu a cabeça, atento a seu trabalho.

-Teria alguma razão, mas só Deus e os Santos têm que saber qual é. Mas não odiava ao menino; pôde havê-lo abandonado no bosque sem que ninguém se inteirasse.

Isso era certo; ela (ou alguma outra pessoa) tinha envolto ao bebê com cuidado, para logo deixá-lo tão perto do fogo como era possível. Queria que sobrevivesse... mas sem ela.

-Crie que se foi por própria vontade?

Ele assentiu.

-Aqui não estamos longe da Linha do Tratado. Puderam ser os índios, mas se alguém a levou, por que não nos capturaram também ?por que não mataram a todos?- perguntou, com lógica-. Além disso, os índios se teriam levado os cavalos. Não, acredito que se foi por seus próprios meios. por que o fez...

Moveu a cabeça e voltou a empapar o lenço.

Devíamos partir logo, antes de que a tormenta aumentasse. Mas não me parecia bem ir sem mais, sem tentar averiguar que sorte tinha deslocado Fanny Beardsley.

Toda a situação parecia irreal. Era como se a mulher tivesse desaparecido por arte de bruxaria, deixando em troca a esse pequeno substituto. Recordava-me extrañamente as lendas escocesas de meninos trocados, de bebês humanos substituídos por vergôntes de fadas. Mesmo assim não me ocorria para que queriam as fadas a Fanny Beardsley.

-E nos faltam muitos quilômetros antes de poder dormir- comentei ao Jamie com um suspiro.

-Né? Ah, não, falta só uma hora para chegar ao Brownsville- assegurou-me-. Dois, possivelmente- corrigiu, jogando uma olhada ao céu-. Agora que há luz sei onde estamos.

Outro súbito espasmo de tosse lhe sacudiu o corpo. Logo me entregou a taça e o lenço.

-Toma, Sassenach. Alimenta a esse pobre sgaogan enquanto eu atendo às bestas, sim?

Sgaogan. Um menino trocado. Assim que o halo estranho e sobrenatural daquilo também o tinha impressionado. A mulher assegurava que via fantasmas; era possível que algum deles tivesse vindo para levar-lhe Estremecida, estreitei ao bebê contra mim.

-Há alguma população próxima, além do Brownsville? Algum lugar aonde a senhora Beardsley pudesse ir?

Jamie negou com a cabeça; tinha uma ruga entre as sobrancelhas. A

neve se fundia ao tocar sua pele acalorada e lhe corria pela cara como se fossem lágrimas.

-Nenhuma que eu saiba. Aceita bem o leite de cabra?

-Como um cabrito- assegurei-lhe, e pus-se a rir.

Embora desconcertado, ele também sorriu. Nesse momento necessitava humor.

-Assim chamamos os norte-americanos aos meninos... ou os chamaremos no futuro- expliquei-. Cabritos.

O sorriso se alargou.

-Sim? Então é por isso pelo que Brianna e Mackenzie chamam assim ao pequeno Jem. Eu pensava que era só uma brincadeira entre os dois.

Apressou-se a ordenhar às outras cabras, enquanto eu seguia alimentando ao menino com essa destilação, e trouxe um cubo cheio a transbordar de leite quente para nosso café da manhã.

O menino tinha deixado de mamar para urinar copiosamente: bom signo de saúde geral, mas nada conveniente nesses momentos, pois tanto suas roupas como o peitinho de meu sutiã ficaram empapados.

Jamie revolveu precipitadamente as mochilas, procurando fraldas e roupa seca. Por sorte Dona Cerdita carregava a alforja onde eu tinha panos e tiras de algodão para limpar e enfaixar. Agarrou um montão e se fez cargo do bebê, enquanto eu iniciava a incômoda e fria tarefa de me trocar a camisa e o sutiã sem me tirar a saia, a anágua e o capote.

-P-te ponha o manto- disse, entre o tagarelo de meus dentes-, se não quiser morrer de pneumonia.

Ele sorriu, concentrado em seu trabalho, embora a ponta do nariz, muito vermelha, contrastava com sua cara pálida.

-Estou bem- grasnou. Logo pigarreou, impaciente, e repetiu com mais potencializa-: Bem.

de repente se deteve, abrindo muito os olhos pela surpresa.

-OH!, olhe- disse, mais fico-. É uma menina.

-Seriamente?- Ajoelhei a seu lado para olhar.

-Bastante feia- acrescentou, inspecionando-a com ar crítico-. Menos mal que terá uma dote decente.

-Não acredito que você fosse uma beleza quando nasceu- reprovei-. Não a limpavam como é devido, pobrecita. Mas o que significa isso da dote?

Ele se encolheu de ombros, enquanto as compunha para pôr diestramente um pano dobrado sob o minúsculo traseiro sem mover o xale que cobria à menina.

-Seu pai morreu e sua mãe desapareceu. Não tem irmãos com quem compartilhar. E na casa não encontrei nenhum testamento que dissesse quem devia receber a propriedade do Beardsley. Fica uma boa granja e bastante mercadoria, por não falar das cabras.- Olhou com um sorriso ao Hiram e a sua família-. Suponho que todo isso tem que ser dela.

-Suponho que sim. Assim que a menina terá uma boa posição, verdade?

-OH!, bom- resignou-se ele. E trocou de posição para protegê-la melhor do vento.

A menina parecia sã, embora bastante pequena; até com o ventre volumoso pelo leite, não era maior que uma boneca. Essa era a primeira dificuldade: miúda como era e sem graxa que a isolasse, morreria de

hipotermia em muito pouco tempo, a menos que pudéssemos mantê-la abrigada e alimentada.

-Não deixe que agarre frio.- Coloquei as mãos nas axilas para me esquentar isso antes de tocá-la.

-Não se preocupe, Sassenach. Só me falta lhe limpar o traserillo e... - Interrompeu-se, com a frente enrugada-. O que é isto, Sassenach? Uma lesão? É possível que essa estúpida a tenha deixado cair?

Aproximei-me para observar. Ele sustentava os pés do bebê com uma mão e um punhado de ataduras sujas na outra. Sobre as pequenas nádegas havia uma mancha azul escura, com aspecto de moretón.

Não era um moretón, mas sim explicava um pouco as coisas.

-Não está ferida. Assegurei-lhe, utilizando outro dos xales abandonados pela senhora Beardsley para proteger a cabecita imberbe-. É uma mancha mongólica.

-O que?

-Significa que a menina é negra- expliquei-. Africana, ao menos em parte.

Jamie piscou, sobressaltado; logo se inclinou para olhar debaixo do xale.

-Não, nada disso. É tão branca como você, Sassenach.

Era certo. A menina era tão branca que parecia não ter sangue.

-Os meninos negros não revistam ser negros quando nascem- expliquei-lhe-. Em realidade freqüentemente são muito claros. A pigmentação da pele começa a desenvolver-se algumas semanas depois. Mas com freqüência nascem com este leve amoratamiento da pele na base da coluna vertebral. chama-se mancha mongólica.

Ele se esfregou a cara com uma mão, piscando para desprender os flocos de neve que tratavam de posar-se o nas pestanas.

-Compreendo- murmurou-. Pois isso explica algo, não?

Em efeito. O defunto senhor Beardsley podia ter sido muitas coisas, mas não se podia dizer que fora negro. Essa criatura era filha de um negro. Fanny Beardsley sabia (ou temia) que a criatura a ponto de nascer desentupiria seu adultério; por isso tinha acreditado melhor abandoná-la e fugir antes de que se revelasse a verdade. Perguntei-me se esse misterioso pai tinha tido algo que ver com a sorte corrida pelo senhor Beardsley.

-Saberia ela com certeza que o pai era negro?- Jamie tocou o pequeno lábio inferior, que agora tinha um tintura rosado-. Ou talvez não chegou a ver a menina? depois de tudo, deve ter nascido na escuridão. Se ela tivesse visto que parecia branca, talvez teria preferido arriscar-se.

-Talvez. Mas não o fez. Quem pôde ser o pai?

Isolada como estava a granja dos Beardsley, não parecia que Fanny tivesse tido oportunidade de conhecer muitos homens, além de quão índios deviam comercializar. Perguntei-me se os bebês índios tinham manchas mongólicas.

Jamie jogou um triste olhar ao desolada paragem. Logo levantou a menina.

-Não sei, mas não acredito que seja difícil averiguá-lo, uma vez que tenhamos chegado ao Brownsville. Vamos, Sassenach.

Contra sua vontade, Jamie decidiu deixar ali as cabras, a fim de conseguir teto e sustento para a menina quanto antes.

-Aqui estarão bem durante um momento- disse, lhes pulverizando o resto do feno-. As fêmeas não abandonarão ao velho. E por agora você não te moverá daqui, verdade, a bhalaich?

Arranhou ao Hiram entre os chifres como despedida, e partimos, entre um coro de balidos de protesto, pois as cabras se habituaram a nossa companhia.

Bem agasalhada em meu grosso capote, com vários xales debaixo e a menina sujeita contra meu ventre em um tipóia improvisado, eu estava abrigada, face aos flocos que me roçavam a cara e se aderiam a minhas pestanas. Jamie tossia de vez em quando, mas em geral o via muito melhor que antes; a necessidade de atender a uma emergência havia devolvido a energia.

A menina parecia dormir, mas não se estava quieta; estirava-se e retorcia com os movimentos lânguidos do mundo aquático, não acostumada ainda à liberdade da vida fora do ventre materno.

-Parece como se estivesse grávida, Sassenach.

Olhei para trás. Jamie me observava com ar divertido sob a asa de seu chapéu, embora me pareceu ver algo mais em sua expressão: talvez certa nostalgia.

-Pois esta criatura me embaraça o bastante- repliquei, trocando ligeiramente de postura para permitir os movimentos de minha companheira.

A pressão desses pequenos joelhos, a cabeça e os cotovelos contra meu ventre era, na verdade, perturbadoramente parecida com as sensações do embaraço; pouco importava que estivesse fora e não dentro.

Como atraído pelo vulto coberto por meu manto, Jamie açulou ao Gideon para ficar a meu lado. O cavalo agitou a cabeça, desejoso de adiantar-se, mas Jamie o conteve com um suave “Seja!” de recriminação e o animal cedeu, bufando vapor.

-se preocupa por ela?- perguntou Jamie, assinalando com a cabeça o bosque que nos rodeava.

Não fazia falta perguntar a quem se referia. Assenti. Onde estaria Fanny Beardsley? Só no bosque? Arrastando-se para morrer como uma besta ferida? Ou possivelmente rumo a algum refúgio imaginário, caminhando às cegas entre a folhagem geada e a neve talvez para a baía do Chesapeake e as lembranças do céu aberto, as largas águas e a felicidade?

Jamie se estirou para apoiar uma mão na minha, posta sobre a menina que dormia. Percebi o frio de seus dedos sem luvas através do tecido que nos separava.

-Ela escolheu, Sassenach- disse-. E nos confiou à pequena. Ocuparemos de pô-la a salvo. É quanto podemos fazer por essa mulher.

Embora não podia girar a mão para estreitar a sua, assenti. Ele me apertou os dedos um momento e ficou atrás, enquanto eu olhava para nosso destino, piscando para me tirar das pestanas as gotas de neve fundida.

Quando Brownville apareceu a nossa vista, quase toda a preocupação

que sentia pela Fanny Beardsley tinha desaparecido ante a que me causava sua filha. A criatura tinha despertado e chorava, me golpeando o fígado com punhos diminutos em busca de comida.

Jamie tinha cheia o cantil com leite de cabra, mas me pareceu melhor chegar a algum refugio antes de alimentar novamente a recém-nascida. Se havia ali uma mãe que pudesse lhe oferecer seu leite, isso seria o melhor; se não, terei que esquentar o leite de cabra; dado o frio que imperava, o leite frio podia baixar perigosamente a temperatura da menina.

Dona Cerdita soprou, exalando uma grande baforada de vapor, e de repente acelerou o passo. Conhecia o aroma da civilização... e de outros cavalos. Levantou a cabeça com um penetrante relincho e Gideon a imitou. Quando cessou o bulício pude ouvir as respostas alentadoras de vários cavalos na distância.

-Estão aqui!- exalei, em um vaporoso arranque de alívio-. A tropa chegaram!

-Bom, era de esperar, Sassenach- replicou Jamie, enquanto afirmava a mão nas rédeas para evitar que Gideon se desmandasse-. Se o pequeno Roger não soubesse dar com uma aldeia no extremo de um caminho reto, sua inteligência seria tão duvidosa como sua vista.

Mas ele também sorria.

Depois de uma curva do caminho vi que Brownsville era uma verdadeira aldeia. Nossos cavalos avançaram a bom passo; tive que atirar com força das rédeas para que Dona Cerdita não trocasse, pois teria sacudido gravemente a minha passageira. Enquanto a obrigava a partir ao passo, embora resistia, uma silhueta se separou do pinheiro que lhe servia de refúgio e saiu ao caminho diante de nós, agitando a mão.

-Milord- saudou Fergus, enquanto Gideon se detinha a contra gosto-. Estão bem? Temia que tivessem tropeçado com alguma dificuldade.

-Och.- Jamie assinalou vagamente o vulto sob meu capote-. Em realidade não foi uma dificuldade, só...

Fergus observou o vulto com alguma estranheza.

-Quelle virilité, monsieur- disse ao Jamie, em tom de profundo respeito-. Minhas congratulações.- Meu marido lhe dedicou um olhar mordaz e a menina rompeu a chorar outra vez.

-Começemos pelo mais importante- disse-. Há aqui alguma mulher que tenha um bebê? Esta criatura necessita leite. Imediatamente.

Fergus assentiu, com os olhos dilatados pela curiosidade.

-ouis, milady. Vi dois, pelo menos.

-Bem. me conduza até elas.

Ele agarrou a Dona Cerdita por uma brida e partiu rumo ao assentamento.

-O que passou?- perguntou-lhe Jamie, pigarreando.

Em minha preocupação pelo bebê não me tinha detido a pensar no que significava a presença do Fergus ali. Jamie tinha razão: se tinha saído ao caminho com esse tempo não era só porque lhe interessasse nosso bem-estar.

-Né... Parece que temos uma pequena dificuldade, milord.- Descritos os acontecimentos de na tarde anterior, concluiu com um gaélico encolhimento de ombros e um bufo-... de modo que monsieur Morton se refugiou entre os

cavalos- disse, assinalando com a cabeça o estábulo improvisado-, enquanto outros desfrutavam de l'hospitalité do Brownsville.

Jamie parecia algo carrancudo; sem dúvida calculava o que lhe custaria a hospitalité para mais de quarenta homens.

-Estraguem. Quer dizer, os Brown não sabem que Morton está ali?

Fergus negou com a cabeça.

-Mas por que está ali?- perguntei, depois de ter sossegado momentaneamente ao bebê com meu próprio peito-. Deveria ter fugido ao Granite Falls, agradecido de estar com vida.

-Não quer ir, milady. Diz que não pode prescindir do dinheiro.

Justo antes de nossa partida se soube que o governador oferecia quarenta xelins por cabeça, como incentivo para que se arrolassem na tropa. Era uma soma considerável, sobre tudo para um colono novo que se enfrentava a um mau inverno.

Jamie se passou lentamente uma mão pela cara. Era um dilema, sim; a companhia miliciania necessitava homens e provisões do Brownsville, mas Jamie não podia recrutar aos Brown, que imediatamente tratariam de assassinar ao Morton. Tampouco podia permitir o luxo de pagar de seu bolso ao fugitivo. Parecia sentir a tentação de assassiná-lo com suas próprias mãos, mas supus que não era uma alternativa razoável.

-Não lhe poderia persuadir para que se casasse com a moça?- sugeri delicadamente.

-Pensei-o- disse Fergus-. Infelizmente, monsieur Morton já tem uma esposa no Granite Falls.- Moveu a cabeça, que começava a parecer uma colina nevada.

-Mas os Brown, por que não foram detrás o Morton?- perguntou Jamie, que parecia seguir seu próprio curso de pensamentos-. Se um inimigo vier a sua terra e os teus estão contigo, não o deixa escapar: persegue-o até matá-lo.

Fergus assentiu; obviamente estava familiarizado com essa variedade de lógica escocesa.

-Acredito que essa era a intenção, mas o petit Roger os distraiu.

Percebi uma clara nota de diversão em sua voz. Jamie também.

-O que tem feito?- perguntou, cauteloso.

-Lhes cantar-. O ar divertido se acentuou-. Aconteceu-se a maior parte da noite cantando e tocando seu tambor. Toda a aldeia veio a escutá-lo. Há seis homens em idade de arrolar-se na tropa e duas mulheres avec pulsei, milady, como já lhe hei dito.

Jamie tossiu, passou-se uma mão pelo nariz e disse:

-Bem. Ouça, a pequena deve comer e eu não posso me atrasar. Do contrário os Brown se precaverão de que Morton está aqui. vá dizer lhe que irei falar com ele assim que me seja possível.

Apontou o focinho de seu cavalo para o botequim, enquanto eu açulava a Dona Cerdita para que o seguisse.

-O que fará com os Brown?- perguntei.

-Deus!- murmurou Jamie, mais para seus adentros que para mim-. Como diabos quer que saiba?

E tossiu outra vez.

Missão cumprida

Nossa chegada com o bebê causou a sensação suficiente para distrair aos habitantes do Brownsville de seus assuntos privados, fossem cotidianos ou homicidas. Ao ver o Jamie, uma expressão de intenso alívio cruzou pela cara do Roger, embora foi imediatamente reprimida e substituída por uma branda atitude de segurança em si mesmo. Baixei a cabeça para dissimular um sorriso, enquanto olhava de soslaio ao Jamie, se por acaso tivesse notado essa rápida transformação. Ele evitou me olhar, sinal de que a tinha detectado.

-Bem feito- disse com ar indiferente. E saudou o Roger com uma palmada no ombro, antes de girar-se para receber as saudações dos outros homens e ser apresentado a nossos involuntários anfitriões.

Roger se limitou a assentir, como se não lhe desse importância, mas sua cara adquiriu um esplendor discreto, como se alguém tivesse aceso uma vela em seu interior.

A pequena senhorita Beardsley causou grande comoção; mandou-se chamar uma das mães lactantes, quem imediatamente pôs aos lhe uivem bebê ao peito, depois de me entregar em troca a seu próprio filho. Era um varão de três meses, de temperamento plácido; olhou-me com algum desconcerto, mas se limitou a dirigir para mim umas quantas borbulhas de saliva, sem que parecesse opor-se à situação.

Ato seguido houve alguma confusão, pois todos faziam perguntas e especulavam ao mesmo tempo. Mas Jamie pôs fim ao bulício relatando o acontecido na granja dos Beardsley, embora abreviado até o laconismo. Até a jovem de olhos irritados, a quem reconheci como a inamorata do Isaiah Morton, esqueceu sua dor para escutar, boquiaberta.

-Pobre pequenuela- disse, observando a recém-nascida-. Assim, ao parecer, não tem pais.

A senhorita Brown arrojou um olhar carrancudo a seu próprio pai; possivelmente pensava que a orfandade tinha suas vantagens.

-O que será dela?- perguntou a senhora Brown, mais prática.

-Ocuparemos-nos de que receba uma boa atenção, querida. Daremo-lhe um lar seguro.- Seu marido lhe apoiou uma mão tranquilizadora no braço, ao tempo que intercambiava um olhar com seu irmão.

Jamie também o viu; notei que contraía a boca para dizer algo, mas logo se encolheu ligeiramente de ombros e foi falar com o Henry Gallegher e Fergus; seus dois dedos rígidos golpeavam brandamente contra a perna.

A maior das senhoritas Brown se inclinou para mim, disposta a formular outra pergunta, mas o impediu uma súbita rajada de vento ártico que atravessou o grande salão, levantando as peles que cobriam as janelas e orvalhando o ambiente com uma perdigonada de gelo. A senhorita Brown lançou uma pequena exclamação e esqueceu sua curiosidade para correr a sujeitar as coberturas das janelas. Todo mundo abandonou o tema dos Beardsley e a imitou.

O senhor Richard Brown, embora um pouco carrancudo, concedeu-

nos outra noite de alojamento. Os milicianos se repartiram entre as casas e os celeiros da aldeia para jantar.

Jamie foi em busca de nossas mantas e provisões; além disso se ocupou de alimentar e albergar aos cavalos. Presumivelmente aproveitaria a oportunidade para dialogar em privado com o Isaiah Morton, se este espreitava ainda na tempestade de neve.

Perguntei-me que pensaria fazer com esse Romeo de montanha, mas não tive muito tempo para refletir. Como começava a anoitecer, vi-me tragada pelo torvelinho de atividade que se desenvolvia em torno do lar, enquanto as mulheres se enfrentavam ao novo desafio de preparar o jantar para quarenta hóspedes inesperados.

Julieta (quer dizer, a jovem senhorita Brown) permanecia em um rincão, carrancuda e sem ajudar. Entretanto se ocupou da pequena Beardsley; a menina dormia já desde fazia momento, mas ela continuava balançando-a e arrulhando-a.

Hiram tinha frio e estava cansado e faminto; como não precisava impressionar a seu harém ausente, deixou-se arranhar a cabeça e as orelhas, e alimentar com fibras de feno. Permitiu-me que entrasse em seu curral para inspecionar o entalado. Eu também estava exausta e faminta, pois não tinha comido nada em todo o dia, salvo um pouco de leite de cabra ao amanhecer. Entre o aroma do guisado e a piscada de luzes e sombras na escuridão, sentia-me enjoada e algo imaterial, como se flutuasse ao meio metro do chão.

-É um velho bom, verdade?- murmurei

depois de passar a tarde em estreito contato com bebês, todos eles em diversos estádios de umidade e pranto, a companhia desse bode irascível me resultava sedativo.

-vai morrer?

Levantei a vista, surpreendida; tinha esquecido a jovem senhorita Brown, abandonada entre as sombras de um rincão. Agora estava de pé junto ao lar, com a menina dos Beardsley em braços, e um olhar carrancudo cravado no Hiram, que tratava de morder o bordo de meu avental.

-Não- disse, enquanto lhe arrancava o tecido da boca-. Não acredito.

Como se chamava? Rebusquei em minha memória, comparando as caras e os nomes das apressadas apresentações. Alicia, isso era. Como não disse nada mais, para manter o diálogo assinalei a quão pequena ela tinha em braços.

-Como está a menina?

-Bem- disse, inquieta. Observou à cabra um segundo mais. de repente os olhos lhe encheram de lágrimas-. Eu preferiria estar morta- disse.

-De verá?- Isso me desconcertou-. Né... pois...

Esfreguei-me a cara com uma mão, tratando de reunir presença de ânimo para me enfrentar ao que acabava de ouvir. Onde estava essa besta que a moça tinha por mãe? Joguei uma olhada à porta, mas não vinha ninguém. Estávamos momentaneamente sozinhas: as mulheres ordenhavam às cabras ou preparavam o jantar; os homens atendiam aos animais.

Saí do curral do Hiram para lhe apoiar uma mão no braço.

-Escuta- disse-lhe em voz baixa-, Isaiah Morton não vale a pena. Sabia que está casado?

Ela abriu muito os olhos. Logo os entreabriu até quase fechá-los, em um súbito emanar de lágrimas. Não, obviamente não sabia.

As lágrimas corriam por suas bochechas até cair na cabeça do bebê. Estendi os braços e agarrei brandamente à criatura; logo, com a mão livre, conduzi-a para o banco.

-CO- como se há...? Quem...?- Gorgoteaba e sorvia pelo nariz, tratando de fazer perguntas e dominar-se, tudo de uma vez. Uma voz de homem gritou algo fora. Ela se secou freneticamente as bochechas com a manga.

-O que como sei? Morton o disse a um dos homens de meu marido. Sua mulher não sei quem é; só sei que vive no Granite Falls.

Dava uns tapinhas à minúsculas costas; a menina arrotou e voltou a relaxar-se, quente seu fôlego sob minha orelha. As mulheres a tinham lavado e lubrificado com azeite; cheirava quase como uma omelete recém feita. Eu mantinha um olho na porta e o outro na Alicia Brown, se por acaso houvesse outro ataque de histeria.

Ela soluçava. depois de um último soluço ficou em silêncio, com a vista cravada no chão.

-Eu desejaria estar morta- sussurrou outra vez, com tal desespero que fixei os olhos nela, sobressaltada. Estava encolhida, com o cabelo murcho sob a boina e os punhos cruzados protectoramente sobre o ventre.

-OH, Meu deus!- exclamei. Dada sua palidez, e as circunstâncias e o modo em que tratava à menina, não era difícil tirar conclusões-. Seus pais sabem?

Olhou-me, mas não se incomodou em perguntar como o tinha descoberto.

-Mamãe e minha tia sim.

Respirava pela boca, com sorbetones intermitentes.

-Me ocorreu que assim papai me permitiria me casar com ele.

Eu nunca tinha pensado que a extorsão fora uma base firme para o matrimônio, mas não parecia bom momento para dizê-lo.

-Hum- murmurei em troca-. E o senhor Morton, sabe?

Ela negou com a cabeça, desconsolada.

-Tem...? Sabe você se sua esposa tiver filhos?

-Não tenho nem idéia.- Agucei o ouvido. Percebia vozes de homem na distância, gastas pelo vento. Ela também. Apertou-me o braço com assombrosa força. Nos olhos pardos, com as pestanas arrepiadas, havia uma expressão de obrigação.

-Ontem à noite ouvi que o senhor MacKenzie conversava com os homens. Diziam que era curadora, senhora Fraser. A gente disse que era você mulher de conjuros. Quanto aos bebês, sabe como...?

-Vem alguém.- Separei-me dela, interrompendo-a antes de que pudesse terminar-. Ouça, agarra à menina. Tenho que... remover o guisado.

Pu-lhe à pequena nos braços, sem nenhuma cerimônia, e me levantei. Quando se abriu a porta, dando passo a uma rajada de vento e neve e a um numeroso grupo de homens, eu estava de pé ante o lar, com a colher na mão, os olhos fixos no caldeirão e minha mente borbulhando tão vigorosamente como seu conteúdo.

Embora ela não tivesse tido tempo para me pedir isso explicitamente, eu sabia o que estava a ponto de dizer. “Mulher de conjuros”, tinha-me

chamado. Queria que a ajudasse a desfazer-se da criatura, quase com certeza. Como?, perguntei-me. Que mulher podia pensar algo assim com um bebê palpitante nos braços, que ainda não levava um dia fora do ventre?

Era lógico que estivesse afligida e procurasse freneticamente a maneira de escapar. “Lhe demos um pouco de tempo para recuperar-se”, pensei, jogando uma olhada ao banco, onde as sombras a ocultavam. “Deveria falar com sua mãe, com sua tia...”

Jamie apareceu súbitamente a meu lado, esfregando-as mãos avermelhadas sobre o fogo; a neve se fundia nas dobras de sua roupa. O via extremamente alegre, a pesar do resfriado, as complicações amorosas do Isaiah Morton e a tormenta.

-Como isso marcha, Sassenach?- perguntou com voz rouca.

E sem aguardar resposta, tirou-me a colher e, me rodeando com um braço duro e frio me levantou em voo para me dar um quente beijo, quanto mais surpreendente pela neve que cobria sua barba ao meio crescer.

Ao emergir um pouco aturdida desse estimulante abraço, caí na conta de que a atitude geral dos homens era igualmente jubilosa. Entre os uivos e os bramidos habituais dos homens que se sentem eufóricos, ouviam-se palmadas nas costas, e ruído de botas e de casacos que se tiravam.

-O que acontece?- perguntei, surpreendida.

Para minha estupefação, no centro da reunião descobri ao Joseph Wemyss. Tinha a ponta do nariz avermelhado de frio e os homens lhe aplaudiam as costas para felicitá-lo, com o risco de jogá-lo no chão.

Jamie me dedicou um sorriso luminoso, brilhantes os dentes na congelada espessura da cara, e me pôs na mão uma folha de papel úmido, que ainda conservava fragmentos de lacre vermelho.

A tinta se correu ao molhar-se, mas pude ler o mais importante. Ao saber que o general Waddell estava em marcha, os reguladores tinham decidido que convinha dispersar-se. E por ordem do governado Tyron, a tropa devia retirar-se.

-OH, que bem!- exclamei.

E rodeei com os braços ao Jamie para lhe devolver o beijo, apesar da neve e o gelo.

ooo

Encantados com a notícia da retirada, os milicianos aproveitaram o mau tempo para celebrá-la. Os Brown, igualmente encantados por não ter que incorporar-se à tropa, somaram-se à celebração, a que contribuíram com três grandes tonéis da melhor cerveja da Thomasina e vinte e cinco litros de cidra alcoólica... na metade de seu preço.

Quando terminou o jantar, sentei-me na esquina de um banco, com a menina dos Beardsley nos braços, médio fundida pelo cansaço; só me mantinha vertical o fato de que não houvesse ainda um lugar onde deitar-se.

Alicia Brown não tinha tido mais oportunidades de falar comigo... e eu tampouco tive nenhuma de falar com sua mãe ou com sua tia. A moça, sentada junto ao curral do Hiram, alimentava-o metodicamente com cascas de pão restantes do jantar; na cara lhe tinham fixado umas linhas de sombria angústia.

A pedido geral, Roger cantava balidas francesas com voz suave e afinada. Diante de mim, flutuava a cara de uma jovem, com as sobrancelhas arqueadas em um gesto de pergunta. Disse algo que se perdeu no falatório das vozes; logo alargou brandamente os braços para agarrar à menina.

Claro. chamava-se Jemima. Era a jovem mãe que se ofereceu a amamentá-la. Levantei-me para lhe deixar o sítio no banco e ela a pôs imediatamente ao peito.

Os milicianos, felizes ante a perspectiva da iminente volta a casa, beberam-se quase tudo o que era potável no Brownsville e se esforçavam por consumir o que ficava. Mas a festa já começava a dissolver-se; alguns homens se retiravam, cambaleando-se, a seus frios leitos em celeiros e estábulos; outros se enrolavam em mantas junto ao fogo, agradecidos.

Vi que Jamie jogava a cabeça para trás em um enorme bocejo. levantou-se, tratando de sacudir o estupor da comida e a cerveja; então me viu junto ao lar. Obviamente estava tão cansado como eu, se não igualmente enjoado, mas sua profunda satisfação era evidente na tranqüilidade com que desperezou seus largos membros.

-vou ver como estão os cavalos- disse-me, com a voz enrouquecida pela gripe e o excesso de bate-papo-. Quer dar um passeio à luz da lua, Sassenach?

Já não nevava e a lua brilhava através de uma bruma de nuvens que se foram desvanecendo. O ar congelava os pulmões; ainda frio e inquieto pelo fantasma da tormenta recente, ajudou-me a me limpar a cabeça.

Com o deleite infantil de ser primeira em marcar essa neve virginal, caminhava com cuidado, levantando bem os pés para deixar rastros nítidos; logo me voltava para as admirar.

-Eu gosto de te observar, Sassenach. Sobre tudo em sociedade. Quando ri, seus dentes têm um brilho encantador- disse-me Jamie carinhosamente.

-Adulador- respondi-lhe. Mas me sentia lisonjeada, sobre tudo considerando que levava vários dias sem me lavar sequer a cara.

Era uma neve seca, que se comprimia sob os pés com um leve rangido. A respiração do Jamie seguia sendo rouca e trabalhosa, mas tinha desaparecido o matraqueio do peito e tinha a pele fria.

-Amanhã teremos bom tempo- disse ele, levantando a vista à lua brumosa-. Vê o anel?

Era difícil não vê-lo: um imenso círculo de luz difusa que circundava a lua, cobrindo a totalidade do céu oriental. Através do resplendor se viam vagamente as estrelas. No curso de uma hora a noite seria luminosa e clara.

-Sim. Isso significa que amanhã podemos ir a casa?

-Sim. Suponho que voltará a haver barro outra vez. nota-se a mudança no ar; agora faz frio, mas a neve se fundirá assim que quente o sol.

Talvez, mas no momento fazia bastante frio. O refúgio dos cavalos tinha sido reforçado com mais ramos de pinheiro e disco; parecia uma pequena colina desigual que se elevasse do chão, densamente coberta de neve. Mas já apareciam algumas manchas escuras, derretidas pelo fôlego dos cavalos que despediam volutas de vapor, apenas visíveis. Tudo estava em

silêncio, com uma evidente sensação de dormitada felicidade.

-Se Morton estiver aqui, tem que estar cômodo- comentei.

-Não acredito. Assim que chegou Wemyss com a nota mandei ao Fergus a lhe dizer que a tropa tinha sido dissolvida.

-Sim, mas se eu fosse Isaiah Morton, não sei se teria partido diretamente a casa em meio de uma cegadora tormenta de neve- disse, dúbia.

-Acredito que o teria feito, se tivesse a todos os Brown do Brownsville te buscando com uma arma.

Mas deteve seus passos e gritou um pouco para chamar o Isaiah, com voz rouca.

Como do improvisado estábulo não surgisse resposta alguma, voltou a me agarrar do braço para retornar à casa. A neve já não era virginal; tinha sido pisoteada e revolta por muitos pés, quando os milicianos se dispersaram para suas camas. Roger já não cantava, mas ainda se ouviam vozes dentro; não todo mundo estava disposto a retirar-se.

Sem muitas vontades de voltar imediatamente para essa atmosfera de fumaça e ruído, continuamos caminhando; rodeamos a casa e o estábulo, desfrutando da mútua cercania e do silêncio nevado. Ao retornar, vi que a porta do abrigo estava entreabrida e corredor ao vento. A mostrei ao Jamie.

Ele apareceu a cabeça dentro, para verificar que tudo estivesse em ordem; logo, em vez de fechar a porta, agarrou-me do braço para me arrastar ao interior do abrigo.

-antes de entrar, quero te fazer uma pergunta, Sassenach- disse.

Tinha deixado a porta completamente aberta, de modo que a luz da lua entrava em torrentes, iluminando os presuntos pendurados, os tonéis e as bolsas de tecido embreado que havia no abrigo. Embora dentro fazia frio, a ausência de vento me fez entrar em calor; joguei o capuz para trás.

-O que?- perguntei, com leve curiosidade.

-Quê-la, Sassenach?- perguntou ele, em voz baixa. Seu rosto era um ovalóide claro, esfumado pelas brumas de seu fôlego.

-A quem?- perguntei, sobressaltada.

Ele respondeu com um grunhido de diversão.

-À menina, é óbvio.

É óbvio.

-Se quero ficar com ela, diz?- perguntei, precavida-. Adotá-la?

A idéia não me tinha passado pela cabeça mas devia estar espreitando no subconsciente, pois a pergunta não me surpreendeu. Uma vez formulada, a idéia floresceu plenamente.

Tinha os peitos sensíveis da manhã, como se estivessem cheios; senti na memória o puxão exigente da pequena. Embora eu não pudesse amamentá-la, Brianna sim, ou Marsali. E se não, podia alimentar-se de leite de vaca ou de cabra.

de repente caí na conta de que me estava massageando brandamente um peito. Detive-me o momento, mas Jamie tinha visto o gesto e se aproximou para me abraçar. Reclinei a bochecha contra o tecido áspero e frio de sua camisa de caçador.

-Quê-la você?- perguntei, sem saber se temia sua resposta ou se a esperava com ansiedade.

Ele se encolheu de ombros.

-A casa é grande, Sassenach- disse-. Bastante grande.

Não era uma declaração ressonante; entretanto eu sabia que era um compromisso, por indiferente que soasse. Ele tinha recolhido ao Fergus em um bordel de Paris, três minutos depois de havê-lo conhecido. Se adotava à menina, trataria-a como a uma filha. Quanto a amá-la... Ninguém pode garantir o amor. Nem ele... nem eu.

Jamie tinha notado meu tom dubio.

-Vi-te com a pequena, Sassenach. Sempre é muito tenra, mas ao verte com a menina sob seu manto... te recordei grávida do Faith.

Contive o fôlego. Surpreendeu-me ouvi-lo pronunciar assim o nome de nossa primogênita, como se nada. Estranha vez falávamos dela; sua morte tinha ficado tão longe no passado que às vezes me parecia irreal; entretanto, a ferida de sua perda nos tinha deixado a ambos os tremendas cicatrizes.

Entretanto, Faith não era irreal absolutamente.

Estava a meu lado cada vez que tocava a um bebê. E essa criatura, essa órfã sem nome, tão pequena e frágil, com a pele tão transparente que se viam com clareza os fios azuis das veias... Sim, os ecos do Faith eram potentes. Mesmo assim, esta não era minha filha. Mas podia sê-lo; isso era o que Jamie dizia.

Era acaso um presente para nós? Ou mas bem uma responsabilidade?

-Crie que deveríamos ficar a perguntei-lhe com cautela-. Quer dizer... o que poderia lhe passar se não?

Jamie soprou um pouco e deixou cair o braço para apoiar-se contra a parede da casa. Logo se limpou o nariz, com a cabeça inclinada para o vago murmúrio de vozes que penetrava pelas frestas entre os lenhos.

-Cuidarão-a bem, Sassenach. Receberá uma herança, Recorda?

Esse aspecto do assunto não me tinha ocorrido.

-Está seguro?- duvidei-. É certo que os Beardsley desapareceram, mas como é ilegítima...

Ele negou com a cabeça.

-Não. É legítima.

-Mas não pode ser! Embora ninguém saiba ainda, salvo você e eu, seu pai...

-Para a lei, seu pai foi Aaron Beardsley- informou-me-. Segundo as leis inglesas, o menino nascido durante o vínculo matrimonial é filho e herdeiro legal do marido, até se se tem a certeza de que a mãe cometeu adultério. E essa mulher disse que Beardsley se casou com ela, não?

Notei que estava muito seguro sobre esse aspecto da lei inglesa. E compreendi (a tempo, graças a Deus, antes de dizer nada) por que estava tão seguro.

William, seu filho varão. Tinha sido concebido na Inglaterra e, por isso todo mundo ali sabia (excetuando a lorde John Grei), era supostamente o nono conde do Ellesmere. Por isso Jamie dizia, o condado era legalmente dele, fora ou não filho do oitavo conde. “A lei é muito estúpida”, pensei.

-Compreendo- disse lentamente-. Assim que a pequena sem nome herdará todas as posses do Beardsley, mesmo que tire o chapéu que não pode ser filha dela. É... reconfortante.

Ele olhou aos olhos durante um momento. Logo baixou a vista.

-Sim- disse em voz baixa-. Reconfortante.

Possivelmente houve em seu tom um sotaque de amargura, mas desapareceu com uma tosse e um pigarro.

-Já vê que não corre perigo de que a maltratem- disse, despreocupadamente-. A Corte dos Órfãos entregará a propriedade do Beardsley, com cabras e tudo, a quem quer que seja seu tutor, para ser usada em benefício dela.

-E de seus tutores- disse, recordando súbitamente o olhar que Richard Brown tinha intercambiado com seu irmão antes de dizer a sua esposa que a menina seria “bem cuidada”. Me esfreguei o nariz, que se tinha intumescido na ponta.

-Assim que os Brown aceitariam encantados.

-OH, sim- afirmou-. Conheciam o Beardsley e sabem bem o que ela vale. Em realidade, apartar a deles seria delicado. Mas se a quer, Sassenach, terá-a. Prometo-lhe isso.

Toda aquela conversaçoão me estava provocando uma sensação muito estranha, um pouco parecido ao pânico. Era como se uma mão invisível me estivesse empurrando para o bordo de um precipício. Ficava por ver se era um abismo perigoso ou, simplesmente, um lugar para apoiar o pé e ver um panorama mais amplo.

Vi na lembrança a suave cabeça do bebê e as orelhas, finas como papel de seda, pequenas e perfeitas como conchitas, suaves redemoinhos rosados que se esfumavam em azulados tinturas ultraterrenos. Por ganhar um pouco de tempo para organizar meus pensamentos, perguntei:

-por que disse que seria delicado apartar a dos Brown? Não têm nenhum direito sobre ela, verdade?

-Não, mas nenhum deles matou a seu pai.

-O que...? Ah.

Era uma armadilha que eu não tinha tido em conta: a possibilidade de que acusassem ao Jamie de matar ao Beardsley para apoderar-se da granja e os bens do comerciante, mediante a adoção da órfã. Traguei saliva; no fundo da garganta tinha um vago gosto a bÍlis.

-Mas ninguém sabe como morreu Aaron Beardsley, exceto nós-assinalei.

Jamie só tinha contado que o mercado tinha sofrido uma apoplexia, a consequência da qual morreu, omitindo que ele tinha sido o anjo liberador.

-Nós e a senhora Beardsley- disse, com uma leve ironia-. E se ela retornasse e me acusasse de assassinar a sua esposa? Negá-lo seria difícil. E eu teria a sua filha.

Não lhe perguntei que razões podia ter para fazer algo assim; por isso já tinha feito, era óbvio que Fanny Beardsley era capaz de algo.

-Não retornará- disse.

face às dúvidas que todo me inspirava, disso estava segura. Fanny Beardsley se foi para sempre.

-Até se o fizesse- prossegui, apartando minha visão da neve caindo em um bosque deserto e um vulto envolto junto à fogueira apagada-. Eu estive ali. Poderia declarar o que aconteceu.

-Se lhe permitissem isso- assinalou ele-. E não o farão. É uma mulher casada, Sassenach; não pode emprestar testemunho ante um tribunal,

embora não fosse minha mulher.

Isso me deteve em seco. Ao viver em sítios tão apartados, estranha vez me tropeçava com a mais revoltante das injustiças legais da época, mas conhecia algumas. Jamie tinha razão. De fato, por estar casada, eu não tinha nenhum direito legal. E o irônico era que Fanny Beardsley sim os tinha, posto que era viúva. Ela poderia atestar ante um tribunal, se assim o desejava.

-meu deus!- disse com muito sentimento.

Jamie riu pelo baixo. Logo tossiu.

Lancei um bufo e uma satisfatória explosão de vapor branco. Nesses momentos me teria gostado de ser um dragão; teria sido um grande prazer lançar chamas e enxofre contra várias pessoas, começando pela Fanny Beardsley. Em troca suspirei; meu inofensivo fôlego branco se desvaneceu na penumbra do abrigo.

-Agora compreendo por que disse que seria delicado- murmurei.

-Mas não impossível.- Acariciou-me a bochecha com uma mão grande e fria. Seus olhos procuraram meus, escuros e apaixonados-. Se quiser a essa menina, Claire, receberei-a. Já enfrentaremos ao que sobrevenha.

Se eu a queria. Senti o peso leve da menina dormida contra meu peito. Tinha esquecido a embriaguez da maternidade; tinha afastado a lembrança da exaltação, o esgotamento, o pânico, o deleite. Mas a proximidade do Germain, Jemmy e Joan me recordavam isso vividamente.

-Uma última pergunta- disse. Agarrei-lhe a mão e entrelacei seus dedos com meus-. O pai da pequena não era branco. Que conseqüências poderia ter isso para ela?

Eu sabia quais seriam as conseqüências na cidade de Boston de 1960, mas estávamos em um sítio muito diferente; embora em alguns aspectos esta sociedade era mais rígida e oficialmente menos esclarecida, em outros era, extrañamente, muito mais tolerante.

Jamie refletiu atentamente; os dedos rígidos da mão direita marcavam um silencioso ritmo de contemplação em um barril de porco salgado.

-Acredito que não haverá problemas- disse ao fim-. Não é possível que a façam pulseira. Até se se pudesse provar que seu pai foi um escravo (e não há prova alguma) todo menino recebe a condição de sua mãe. O menino nascido de mulher livre é livre; o menino nascido de pulseira é escravo. E essa horrível mulher não era pulseira.

-Oficialmente não, ao menos- disse, pensando nas marcas da porta-. Mas além da escravidão?

Jamie se ergueu com um suspiro.

-Acredito que não, aqui não. É possível que nisso Charleston tivesse importância, sobre tudo se ela alternasse em sociedade. Mas em lugares apartados...

Encolheu-se de ombros. Em realidade, como se encontravam a tão pouca distância da Linha do Tratado havia muitos meninos mestiços. Não era nada estranho que os habitantes se casassem com mulheres cherokees. No campo, os meninos nascidos de relações entre brancos e negros eram menos freqüente, mas na costa também abundavam. Embora a maioria fossem escravos, ali estavam.

E a pequena senhorita Beardsley não alternaria em sociedade se é que

a deixávamos com os Brown. Ali suas possíveis riquezas importariam muito mais que a cor de sua pele. Se vivia conosco talvez fora diferente, pois Jamie era um senhor e o seria sempre, quaisquer fossem seus ganhos.

-Essa não foi minha última pergunta- disse. Apoiei uma mão sobre a sua, fria contra minha bochecha-. A última é: por que me sugere isso?

-Né... pois me ocorreu...- Apartou a vista-. O que me disse quando retornamos a casa da congregação. Que poderia ter escolhido a esterilidade segura, mas não o fez por mim. Pensei...

Interrompeu-se outra vez para esfregar a ponte do nariz com um nódulo da mão livre. Logo aspirou fundo.

-Por mim- disse com firmeza, dirigindo-se ao ar como se fora um tribunal-. Não quero que tenha outro filho, Sassenach. Não me arriscaria a te perder- disse, com voz súbitamente rouca-. Nem por dez meninos. Tenho filhos, sobrinhos e netos. São suficientes.- Falava com suavidade, me olhando aos olhos-. Mas não tenho mais vida que você, Claire.

depois de tragar saliva audivelmente continuou, com os olhos fixos em meus.

-Entretanto... pensei que se desejava outro filho... talvez pudesse te dar um.

As lágrimas me empanaram os olhos. Fazia frio no abrigo e tínhamos os dedos rígidos. Girei minha mão na sua para estreitá-la com força. Enquanto ele falava minha mente imaginava possibilidades, dificuldades, bênçãos. Não precisava pensar mais, pois a decisão se tomou por si só. Uma criatura era uma tentação da carne e do espírito. Eu conhecia a bem-aventurança dessa ilimitada unidade, assim como a alegria agri-doce de ver que essa unidade se esfumava segundo o filho tirava o chapéu a si mesmo e procurava distância.

Mas tinha cruzado alguma linha sutil. Já porque tinha nascido com alguma cota secreta incorporada a minha carne, já porque sentia que agora devia lealdade total a outra pessoa, soube. Como mãe gozava a ligeireza do esforço realizado, da honra satisfeita. Da missão cumprida.

Recostei a frente contra seu peito.

-Não. Disse-lhe brandamente ao tecido escuro que lhe cobria o coração-. Mas te amo, Jamie.

Passamos um momento abraçados, escutando o rumor de vozes através da parede que separava a casa do abrigo, mas calados e contentes com essa paz. Estávamos muito exaustos para fazer o esforço de entrar e não queríamos abandonar a tranquilidade de nosso tosco refúgio.

-Logo terá que entrar- murmurei ao fim-. De outro modo cairemos aqui mesmo e pela manhã nos encontrassem com os presuntos.

Um vago zumbido de risada lhe correu pelo peito, mas antes de que pudesse responder uma sombra caiu sobre nós. Alguém estava de pé no vão da porta, bloqueando o claro de lua.

Jamie levantou bruscamente a cabeça e esticou as mãos contra meus ombros, mas logo deixou escapar o fôlego e afrouxou sua pressão; então pude dar um passo atrás e me voltar.

-Morton- disse meu marido, em tom de larga paciência-. No nome de Cristo, o que faz aqui?

Isaiah Morton não tinha pinta de audaz sedutor; claro que tudo é questão de gostos. Era algo mais baixo que eu, mas largo de ombros, com torso de tonel e pernas um pouco curvadas. Isso sim, tinha uns olhos muito bonitos e um bom arbusto de cabelo encaracolado, embora na penumbra do abrigo não pude distinguir sua cor. Calculei que teria uns vinte e dois anos.

-Meu coronel- disse em um sussurro-. Senhora.- Dedicou-me uma breve reverência-. Não era minha intenção assustá-la, senhora. Mas ouvi a voz do coronel e me pareceu melhor aproveitar a oportunidade, por assim dizê-lo.

-Por assim dizê-lo- repetiu.

-Sim, senhor. Não sabia como fazer para que Ally sáísse; estava rodeando a casa uma vez mais quando a escutei conversar com sua senhora.

Fez-me outra reverência, como por reflexo.

-Morton- repetiu Jamie brandamente, mas com um pouco de aço na voz-, por que não te foste? Não te disse Fergus que a tropa se desfeito?

-OH, sim que me disse isso, senhor.- Esta vez se inclinou ante o Jamie, algo nervoso-. Mas não podia partir sem ver o Ally, senhor.

Pigarreei. Meu marido, com um suspiro, fez-me um sinal afirmativa.

-Né... Temo que a senhorita Brown já sabe o de seu compromisso anterior- disse delicadamente.

-Né?- Isaiah pareceu não compreender. Jamie lançou uma exclamação irritada.

-Quer dizer: a moça se inteirou de que já tem esposa- disse, brusco-. E se seu pai não te mata de um balaço assim que te veja, é possível que ela lhe chame uma adaga no coração. E se nenhum dos dois tem êxito- prosseguiu, erguendo-se em toda sua ameaçadora estatura-, sinto-me inclinado a me ocupar disso eu mesmo, a emano poda. Que classe de homem se correia com uma moça e a deixa grávida, se não ter direito a lhe dar seu sobrenome?

Até com tão pouca luz foi evidente que Morton empalidecia.

-Grávida?

-Assim é- assegurei friamente.

-Assim é- repetiu Jamie-. E agora, pequeno bígamo, será melhor que vá antes de que...

Interrompeu-se abruptamente, pois Isaiah tirou de debaixo do capote uma pistola. Ao estar tão perto, vi que estava carregada e martelada.

-Sinto-o muitíssimo, senhor- disse em tom de desculpa. E se umedeceu os lábios, nos olhando a ambos-. Não queria lhe fazer nenhum dano, senhor, e muito menos a sua senhora. Mas verá, preciso ver o Ally.

Suas facções gordinhas se afirmaram um pouco, embora seus lábios pareciam inclinados a tremer. Mesmo assim apontava ao Jamie com decisão.

-Senhora- disse-me-, se fosse você tão amável, queria entrar na casa e fazer que Ally saia? Nós... o coronel e eu esperamos aqui.

Eu não tinha tido tempo de sentir medo. E ainda não o tinha, embora estava muda de estupefação. Jamie fechou os olhos um instante, como pedindo fortalece. Logo os abriu com um suspiro; seu fôlego foi uma nuvem branca no ar frio.

-Baixa isso, idiota- disse, quase com amabilidade-. Bem sabe que não vais disparar me. E eu também sei.

Isaiah apertou de uma vez os lábios e o dedo que apoiava no gatilho. Eu contive o fôlego. Jamie continuava olhando-o, com uma mescla de censura e piedade. Por fim o dedo se afrouxou e o canhão da pistola apontou para baixo, junto com os olhos do Isaiah.

-É que preciso ver o Ally, coronel- disse brandamente.

Aspirei fundo e olhei ao Jamie. depois de uma breve vacilação, ele assentiu.

-Está bem, Sassenach. Sei artilosa, né?

Fiz um gesto afirmativo e me volvei para entrar subrepticiamente na casa, enquanto Jamie murmurava algo em gaélico a minhas costas; o sentido geral era que esse homem tinha perdido a cabeça. Eu não podia assegurar o contrário, embora também tinha percebido a força de sua petição. Mas se por acaso algum dos Brown descobria o encontro, o preço seria muito caro... e não seria Morton o único que o pagaria.

depois de cruzar o salão, pisando com cuidado entre os corpos tendidos, joguei uma olhada à cama posta contra a parede. Richard Brown e sua esposa dormiam profundamente nela.

Só havia um sítio onde Alicia Brown podia estar; abri tão silenciosamente como pude a porta que conduzia à escada do desvão. Ao parecer, um dos homens tratava de que Hiram bebesse da jarra, e o estava obtendo.

Em contraste com a habitação de abaixo, no desvão fazia bastante frio. Isto se devia a que o ventanuco estava aberto; tinha entrado um montão de neve, junto com um vento glacial. Vi a Alicia Brown debaixo da janela, tendida no pequeno montículo de neve, completamente nua.

Aproximei-me para olhá-la. Jazia de costas, rígida e com os braços cruzados contra o peito, tremendo. Tinha os olhos fechados, franzidos em feroz concentração. Obviamente, os ruídos de abaixo não lhe tinham permitido ouvir minhas pegadas.

-No nome de Deus, o que faz?- perguntei cortesmente.

Ela abriu os olhos com um pequeno chiado, que afogou com a mão. Logo se sentou abruptamente, com a vista cravada em mim.

-Sei de muitas maneiras originais de provocar o aborto- disse, enquanto agarrava um edredom para tornar-lhe sobre os ombros-, mas morrer congelada não serve.

-Se m-morro não terei que ab-abortar- disse, com certa lógica. Mesmo assim se ateu o edredom aos ombros, com um toco castanholas de dentes.

-Tampouco é o melhor meio de suicidarse, sem ânimo de criticar. De qualquer modo, deixa-o para outro momento. O senhor Morton está no abrigo e se nega a partir para menos que você baixe a falar com ele. Será melhor que te levante e ponha algo.

Ela abriu muito os olhos e ficou de pé; tinha os músculos tão rígidos do frio que se cambaleou torpemente. Se alguém reparava nela, ao vê-la só daria por sentado que ia a letrina. nos ver juntas, em troca, podia provocar algum comentário.

Já só no desvão às escuras, rodeei-me o capote para esperar junto ao ventanuco os minutos necessários antes de baixar também. Ouvi o suave golpe da porta ao fechar-se, mas desde esse ângulo não via a Alicia. A julgar pela maneira em que tinha respondido a minha convocatória, não tinha

intenções de apunhalar ao Isaiah no coração, mas só Deus sabia o que pensavam fazer esses dois.

Movi-me abruptamente, arranco de minha abstração por um repentino movimento, ali abaixo. Silenciosas como renas em fuga, duas silhuetas na sombra corriam da mão através do campo nevado; os capotes os envolviam como nuvens. Vacilaram um momento junto ao refúgio dos cavalos; logo desapareceram no interior.

Inclinei-me sobre o batente, sem emprestar atenção aos cristais de neve em que apoiava as Palmas. No ar limpo me chegou claramente o ruído dos cavalos ao despertar: breves relinchos e tamborilar de cascos. O bulício de abaixo se fez mais leve; um claro e potente “B-né-né” subiu pelas pranchas do chão, como se Hiram percebesse o desassossego dos cavalos.

Onde estava Jamie? Apareci, com o vento me inflando o capuz e arrojando uma garoa de gelo contra minha bochecha.

Ali estava: uma silhueta alta e escura que cruzava a neve para o refúgio; mas caminhava com lentidão, levantando nuvens de gelo em pó. Que...? Então caí na conta de que seguia os rastros dos amantes, as pisoteando deliberadamente para apagar toda pista que pudesse contar tudo com claridade a quem queria rastreá-los.

de repente apareceu um buraco no refúgio: uma parte da parede levantada com ramos caiu a terra. Nuvens de vapor rodaram pelo ar. Logo emergiu um cavalo carregado com dois cavaleiros; partiu para o oeste, urgido do passo ao trote, logo ao trote comprido. A neve não era profunda: apenas oito, dez centímetros. Os cascos do animal deixaram um nítido rastro escuro caminho abaixo.

Do refúgio saiu um relincho penetrante, seguido por outro. De abaixo me chegaram exclamações de alarme, ruídos de pegadas e golpes secos: os homens abandonavam suas mantas e agarravam suas armas. Jamie tinha desaparecido.

De imediata os cavalos saíram violentamente do refúgio, depois de derrubar a parede, pisoteando os ramos quedas. A bufos, relinchos, patadas e trancos, lançaram-se ao caminho em um caos de crinas ao ar e olhos exagerados. O último saltou do refúgio para unir-se aos fugitivos, agitando a cauda para apartar a vara que açoitava sua garupa.

Jamie arrojou longe essa vara e voltou para interior, justo no instante em que as portas da casa se abriam de par em par, vertendo sobre a cena uma pálida luz de ouro.

Aproveitei a comoção para baixar correndo, sem que ninguém me visse. Todo mundo estava fora, até a senhora Brown, com gorro de dormir e tudo. Hiram se bamboleava; quando passei baliu de uma forma ébria, com forte aroma de cerveja, úmidos e protuberantes de cordialidade os olhos amarelos.

Fora, na estrada, homens ao meio vestir corriam de um lado a outro e agitavam os braços. Em meio dessa multidão distingui ao Jamie, que era o que mais gesticulava. Entre as perguntas e os comentários nervosos, ouvi alguns fragmentos: “... enfeitados”, “... jaguar?”, “... do demônio!” e coisas parecidas.

depois de algumas voltas e discussões incoerentes, decidiu-se por unanimidade que os cavalos retornariam por si só. Muitos deles estavam

maneados e não poderiam chegar muito longe; além disso, a neve se desprendia das árvores em véus de gelo formado redemoinhos; fazia frio, o vento introduzia seus dedos gelados por qualquer abertura da roupa.

-Ficariam fora em uma noite assim?- inquiriu Roger, muito razoável.

Decidiu-se que ninguém em seu são julgamento o faria. E como os cavalos são, se não pessoas cordas, ao menos bestas sensatas, o grupo voltou para interior da casa, entre rezongos e estremecimentos, já perdido o calor do entusiasmo.

Entre os últimos estava Jamie, que se voltou para a casa e me viu de pé no alpendre. Tinha o cabelo solto e a luz que saía pela porta lhe iluminava como uma tocha. Buscou-me os olhos e pôs os seus em branco, com um imperceptível encolhimento de ombros.

Levei-me os dedos aos lábios frios para lhe enviar um pequeno beijo gelado.

QUARTA PARTE

Não ouço mais música
que o bater dos tambores

33

Em casa por Natal

O que teria feito você?- perguntou Brianna. E se girou com cuidado na estreita cama do senhor Wemyss, para apoiar o queixo no ombro do Roger, e estar mais cômoda.

-O que teria feito com respeito ao que?- Sem frio pela primeira vez em várias semanas, satisfeito depois de uma boa comida da senhora Bug e de ter alcançado por fim o nirvana depois de uma hora de intimidade com sua esposa, Roger se sentia gratamente dormitado e alheio a tudo.

-Com respeito ao Isaiah Morton e Alicia Brown.

Ele bocejou até quase desconjuntá-la mandíbula e se acomodou melhor; o colchão de barbas de milho sussurrou sonoramente. O que acabavam de fazer devia haver-se ouvido em toda a casa, mas em realidade não lhe importava. Em sua honra, Bree se tinha lavado o cabelo, que caía em ondas sobre seu peito, com um brilho sedoso a luz mortiça do lar. Ainda não tinha anoitecido, mas as persianas fechadas brindavam a agradável ilusão de estar dentro de uma pequena cova.

-Não sei. Quão mesmo seu pai, suponho. O que outra coisa se podia fazer? Seu cabelo cheira de maravilha.- Alisou um cacho com seu dedo para admirar o brilho.

-Obrigado. usei isso que prepara mamãe, com azeite de noz e malmequer. Mas o que me diz da pobre algema que Morton tinha no Granite Falls?

-O que posso te dizer dela? Jamie não podia obrigá-lo a reunir-se com ela... até caso que ela queria recebê-lo- acrescentou, com lógica-. Quanto à moça, Alicia, estava mais que disposta. Seu pai não podia apregoar que

Morton ia fugir se com ela, a não ser que o quisesse morto. Se os Brown o tivessem descoberto ali, o teriam matado no ato para cravar sua pele na porta do celeiro.

Disse-o com segurança, pois recordava as pistolas com que o tinham recebido no Brownsville. afundou-se de novo no travesseiro.

-Acredito que, dadas as circunstâncias, o melhor foi brindar aos jovens amantes a oportunidade de ficar a salvo- disse-. E assim o fizeram.

Brianna suspirou, lhe arrepiando gratamente o pêlo do peito com seu fôlego. Logo levantou a cabeça olhando com interesse.

-O que acontece? Ainda tenho algo sujo?- Roger se tinha lavado, mas depressa, desejoso de comer e mais ainda de ir à cama.

-Não, mas eu gosto quando te põe a pele de galinha. Te arrepia todo o cabelo do peito. E os bicos da mamadeira, também.

Tocou ligeiramente com a unha um dos objetos em questão; para seu contente, outra quebra de onda de erizamiento cruzou o peito do Roger. Ele arqueou um poquito as costas e voltou a relaxar-se. Não: logo teria que baixar a atender as tarefas vespertinas; já tinha ouvido sair ao Jamie.

Era hora de trocar de tema. Aspirou fundo e levantou a cabeça do travesseiro, farejando com interesse o rico aroma que se filtrava da cozinha, entre as pranchas do chão.

-O que estão cozinhando?

-Ganso. Vários. Uma dúzia.

-Que manjar- disse, enquanto deslizava lentamente uma mão por suas costas; o fino pêlo dourado que a cobria era invisível, salvo quando as velas a iluminavam desde atrás, como nesse momento-. O que celebramos? Nossa volta?

Bree apartou a cabeça de seu peito e lhe cravou o que ele, em privado, denominava Um Olhar.

-O Natal- disse.

-O que?- Roger, atônito, tratou de calcular os dias, mas os acontecimentos dessas três semanas tinham apagado por completo seu calendário mental-. Quando?

-Amanhã, idiota- replicou ela, com exagerada paciência.

depois de lhe fazer algo impronunciavelmente erótico a seu bico da mamadeira, incorporou-se com um sussurro de cobertores, deixando-o privado da bendita calidez e exposto às gélidas correntes de ar.

-Não viu ao entrar os ramos verdes que há abaixo? Lizzie e eu mandamos aos pequenos monstros dos Chisholm em busca de ramos de pinheiro; levamos três dias fazendo grinaldas.

As palavras soavam um pouco apagadas, pois se estava pondo a camisa mas lhe pareceu que o tom não era de aborrecimento, mas sim de incredulidade. Oxalá.

-Ao entrar só vi a ti.

Era verdade, e ao parecer o melhor era a franqueza, pois ela tirou a cabeça pelo pescoço da camisa e lhe cravou um olhar intenso, que se transformou em lento sorriso ao ver a evidente sinceridade estampadas em suas facções.

Aproximou-se da cama para rodeá-lo com seus braços, lhe envolvendo a cabeça em uma nuvem de malmequeres e um linho suave como a

manteiga e... leite. Ah, claro. O menino teria que comer muito em breve. Resignado, apoiou os braços na curva desses quadris e descansou a cabeça entre seus peitos; esses breves momentos eram sua parca ração de tanta abundância.

-Perdoa- disse, afogando as palavras em seu calidez-. Tinha-o esquecido por completo. Deveria ter trazido algo para ti e para o Jem.

-Que por exemplo? Uma parte de pele do Isaiah Morton?

Entre risadas, endireitou-se para arrumar o cabelo. Tinha posto o bracelete que lhe tinha agradável outra Véspera de natal; ao levantar o braço, a luz do lar arrancou brilhos da prata.

-Sim. Para fazer com ele a coberta de um livro. Ou um par de botitas para o Jem.

O rodeio tinha sido larga; homens e animais desdenhavam o cansaço, desejosos de chegar a casa. Ele estava exausto; o melhor presente que poderiam lhe fazer seria voltar para a cama com ela, apertar-se a seu calor e deixar-se levar para as acolhedoras a Honduras do sonho profundo e as fantasias amorosas. Mas o dever o chamava. incorporou-se com uma piscada e um bocejo.

-Os gansos são então para o jantar de esta noite?- perguntou. Em algum lugar devia ter uma camisa limpa, mas, como os Chisholm ocupavam sua cabana, e Bree e Jem se alojaram provisoriamente no dormitório dos Wemyss, ele não sabia onde estavam suas coisas. De qualquer modo, não tinha sentido ficar algo limpo só para ir trabalhar ao estábulo e alimentar aos cavalos. barbearia-se e se trocaria antes de jantar.

-A senhora Bug está assando fora meio porco para a comida de amanhã. Ontem, eu cacei esses gansos e ela decidiu aproveitar e cozinhá-los também. Esperávamos que vós retornassem a tempo.

Ele a olhou ao detectar outra vez esse tom estranho em sua voz.

-Você não gosta do ganso?- perguntou-

Bree o olhou com expressão estranha.

-Nunca o provei. Ouça Roger...

-Sim?

-estive pensando... Queria te perguntar se sabia...

-Se souber o que?

Ele se movia com lentidão, ainda envolto em uma grata bruma de esgotamento e amor. Bree se tinha posto o vestido; já tinha o cabelo escovado e pulcramente recolhido em um grosso coque sobre a nuca; enquanto que só lhe tinha dado tempo a procurar suas meias três-quartos e suas calças. Sacudiu-os distraidamente e uma chuva de fragmentos de barro seco repicou no chão.

-Não faça isso! O que te passa?- Avermelhada por um súbito chateio, lhe arrebatou as calças e apareceu à janela para sacudi-los violentamente do batente. Logo os atirou e Roger teve que lançar-se para apanhá-los.

-Né! Que inseto te picou?

-Inseto? Suja-o tudo e me pergunta que inseto me picou?

-Perdoa, não me dava conta...

Ela grunhiu. Não foi um grunhido muito potente, mas sim ameaçador. Gravado por um reflexo masculino profundamente gravado, Roger colocou uma perna dentro das calças. Passasse o que acontecesse, preferia

enfrentar-se a isso com a roupa posta. Os subiu a puxões, falando depressa.

-Ouça, lamento ter esquecido o Natal. É que... Tinha coisas importantes que atender; perdi a conta. Já o arrumarei. Possivelmente quando formos ao Cross Creek para as bodas de sua tia...

-Ao diabo com o Natal!

-O que- Ele se deteve, com as calças ao meio abotoar. O crepúsculo de inverno obscurecia a habitação, mas inclusive à luz das velas pôde ver a cor que acendia a cara da Brianna.

-Ao diabo com o Natal, ao diabo com o Cross Creek! E você, joder, vete também ao diabo!- Ela sublinhou isto último lhe arrojando uma saboneteira que passou zumbindo junto a sua orelha esquerda e se estrelou contra a parede de detrás.

-Espera um minuto, joder!

-E não seja desbocado!

-Mas se você...

-Você e suas “ coisas importantes” !- A mão do Bree se fechou sobre a bacia de porcelana. Roger se preparou para esquivá-la, mas ela o pensou melhor e baixou a mão-. Passei-me um mês inteiro aqui, colocada até as orelhas em roupa suja, fraldas cagados, mulheres gritonas e meninos horríveis, enquanto você fazia “ suas coisas importante” ! E agora chega talher de barro e me suja isso tudo sem te precaver sequer de quão limpo o tinha deixado! Tem idéia do que custa esfregar chãos de pinheiro te arrastando de mãos e joelhos? E com sabão de lejía!

Agitou as mãos é um gesto de acusação, mas ele não teve tempo de ver se estavam cobertas de chagas, podres até as bonecas ou simplesmente avermelhadas.

-E nem sequer pergunta por seu filho, que já aprendeu a engatinhar! Eu lhe queria ensinar isso mas você só pensava em ir à cama! E nem te incomodaste em te raspar antes!

Roger tinha a sensação de ter cansado entre os sinais de multiplicação de um enorme ventilador que girasse a grande velocidade. arranhou-se a curta barba com ar culpado.

-Eu... né... supus que queria...

-E queria!- Ela descarregou o pé contra o chão, levantando uma pequena nuvem de pó, proveniente do barro seco desintegrado-. Isso não tem nada que ver contigo!

-De acordo.- Ele se agachou para recuperar a camisa, sem deixar de vigiá-la com um olho precavido-. De modo que... te zangaste porque não me precavi de que tinha esfregado o chão. É isso?

-Não!

-Não- repetiu ele. Aspirou fundo e o tentou outra vez-. Pois tem que ser porque me esqueci do Natal.

-Não!

-Zangaste-te porque quis te fazer o amor, em que pese a que você também queria fazê-lo?

-Nooo! por que não te cala?

Roger sentiu a forte tentação de acessar a essa petição, mas teimada necessidade de chegar ao fundo das coisas o obrigou a insistir.

-É que não compreendo por que...

-Já sei que não compreende! Ai está o problema!

Bree girou sobre seus pés descalços e foi revolver no arca posto junto à janela, entre grunhidos e bufos. Seu marido abriu a boca, fechou-a outra vez e ficou a camisa suja pela cabeça. sentia-se de uma vez irritado e culpado; má combinação. Terminou de vestir-se em um clima carregado de silêncio, enquanto analisava e rechaçava possíveis comentários e perguntas, dando-se conta de que todos podiam inflamar ainda mais a situação.

Ela tinha encontrado suas meias; depois de ficar as se ajustou as ligas com pequenos movimentos bruscos, e afundou os pés em um par de tamancos velhos.

Roger se aproximou dela por detrás, com lentidão, e lhe apoiou as mãos nos ombros. Como ela não se girou para lhe pisar um pé ou lhe cravar o joelho na entrepierna, arriscou-se a lhe dar um beijo ligeiro na nuca.

-foste dizer me algo sobre os gansos.

Bree aspirou fundo e deixou escapar o ar em um suspiro, apoiando-se ligeiramente nele. Sua cólera parecia haver desaparecido tão de súbito como se apresentou, o qual causou no Roger uma desconcertada gratidão. Rodeou-lhe a cintura com os braços para estreitá-la contra si.

-Ontem- disse ela- a senhora Abernathy queimou as bolachas do café da manhã.

-Sim?

-A senhora Bug a acusou de estar muito embevecida com os laços de sua filha para emprestar atenção ao que fazia. E acrescentou que a quem lhe ocorria pôr amoras nas bolachas de manteiga.

-O que têm de mau as amoras nas bolachas de manteiga?

-Não tenho nem idéia, mas a senhora Bug diz que não se deve mesclar. Logo Billy Macleod caiu pela escada. E não podíamos encontrar a sua mãe. ficou-se entupida na letrina e ...

-Como?

A senhora Macleod era baixa e bastante fornida, mas estava muito bem definida pela cara posterior: seu traseiro parecia um par de balas de canhão dentro de um saco. Era muito fácil imaginar o acidente em questão. Roger sentiu que a risada lhe borbulhava no peito e fez um viril esforço por sufocá-la, mas lhe brotou pelo nariz, em um doloroso bufo.

-Fazemos mal em rir. Lhe cravaram as lascas.- Apesar de se aborrecimento, Brianna também se estremecia contra ele, com a voz quebrada por tremores de regozijo.

-Santo céu. E logo?

-Billy chorava a gritos. Não tinha nada quebrado, mas sim um forte golpe na cabeça. A senhora Bug saiu da cozinha brandindo a vassoura, convencida de que nos atacavam os índios. A senhora Chisholm foi em busca da mãe do menino e começou a chiar da letrina e..., em meio de tudo, passam os gansos; então, a senhora Bug olhe para cima com os olhos saltados e grita: "Gansos!", em voz tão alta que todo mundo deixou de chiar. Logo correu em busca da escopeta de papai e me trouxe isso.

A narração a tinha acalmado um pouco. reclinou-se contra ele, com um bufo de risada.

-Eu estava tão furiosa que tinha vontades de matar a alguém. E os gansos eram um montão. Os ouvia grasnar por todo o céu.

Todo mundo correu a vê-los: os selvagens dos meninos Chisholm com dois de seus cães, médio selvagens também, brincavam de correr entre as árvores com exclamações e latidos de entusiasmo, em busca das presas quedas, enquanto Brianna disparava e voltava a carregar tão depressa como lhe era possível.

-Um dos cães cobrou um. Toby tratou de tirar-lhe e o cão lhe mordeu. E o menino corria por todo o pátio, gritando que lhe tinha arrancado o dedo. Estava talher de sangue, mas ninguém podia agarrá-lo para ver o que lhe passava. E mamãe ausente, e a senhora Chisholm abaixo, junto ao arroio, com os gêmeos...

Estava-se pondo tensa outra vez. Ele notou que voltava a subir a sangue à cabeça, lhe avermelhando o pescoço, e a estreitou pela cintura.

-Mas o cão lhe tinha arrancado o dedo ou não?

Brianna aspirou profundamente. Logo se voltou a olhá-lo; sua cara tinha perdido um pouco a cor.

-Não. Nem sequer estava ferido. O sangue pertencia ao ganso.

-Pois então o tem feito muito bem, não? A despesa enche, nem um dedo perdido... e a casa em pé.

Havia-o dito em brincadeira mas lhe surpreendeu que ela deixasse escapar um suspiro e parte de sua tensão.

-Sim- disse, com uma nota de inegável satisfação na voz-. Fiz-o bem. Estamos todos inteiros e bem alimentados. Com um mínimo derramamento de sangue.

-Bom, o que se diz sobre as omeletes e os ovos é certo, não?- Roger se inclinou para lhe dar um beijo, mas se lembrou da barba-. OH, perdoa. irei barbear me, quer?

-Não. Não te barbeie.- Ela se voltou para lhe passar a gema de um dedo pela mandíbula-. Em certo modo, eu gosto. Além disso pode deixá-lo para mais tarde, não?

-Posso, sim.

Então inclinou a cabeça para beijá-la com suavidade, mas profundamente. Com que isso era? Bree só queria lhe ouvir dizer que se desenvolvido bem, sem ajuda de ninguém. E na verdade o merecia. Ele estava seguro de que, durante sua ausência, não se tinha ficado sentada junto ao lar, arrulhando ao Jemmy, mas não imaginava os detalhes mais sangrentos.

Nesses momentos a pequena habitação resplandecia com uma suave luz dourada, que os tinha iluminado enquanto faziam o amor, lhe deixando lembranças de matizes vermelhos e marfileños do pêlo dourado que a cobria das sombras carmesins e purpúreas em seus lugares secretos, sua própria pele escura contra a palidez dela.

O estou acostumado a estava limpo (ou o tinha estado); as pranchas de pinheiro branco, bem esfregadas; nos rincões tinha colocado romeiro seco. Além disso, fazia a cama com lençóis limpa e tinha posto um edredom novo. Tudo para lhe dar a bem-vinda. E ele tinha entrado como uma tromba, transbordante de aventuras, esperando louvores pela façanha de retorna com vida, e sem ver nada de todo isso. Cego a tudo, em sua urgência de tê-la sob seu corpo e possui-la.

-Ouça- murmurou-lhe ao ouvido-, pode que seja bobo, mas te amo,

sabe?

Ela suspirou profundamente, seus peitos puxaram contra o torso nu do Roger, mornos ainda através da camisa e o vestido. Eram firmes; estavam-se enchendo de leite, mas ainda não estavam duros.

-É bobo, sim- disse com franqueza-, mas eu também te amo. E me alegra que tenha retornado.

Ele a soltou, rendo. Em cima da janela havia um ramo de zimbro, carregada de bagos glaucas. Alargou a mão para arrancar uma ramita, beijou-a e a pôs no decote do vestido, entre os peitos, como objeto de paz... e a maneira de desculpa.

-Feliz Natal. me diga agora o que aconteceu esses gansos.

Ela apoiou uma mão contra a ramita de zimbro, com uma meia sorriso que desapareceu em seguida.

-OH... não tem importância. Só que...

Roger seguiu a direção de seus olhos e viu a folha de papel apoiada contra a parede, depois do lavamanos. Era um desenho ao lápis-carvão: gansos silvestres contra um céu de tormenta, batendo as asas com força sobre as árvores agitadas pelo vento. Pareceu-lhe estupendo; ao contemplá-lo teve a mesma sensação estranha que tinha experiente para ouvi-los grasnar: mescla de alegria e dor.

-Feliz Natal- disse Brianna brandamente, a suas costas. E lhe envolveu um braço com a mão.

-Obrigado. É... Que bem desenha, Bree.

Era certo. inclinou-se para beijá-la com paixão; precisava fazer algo para aliviar os desejos que enfeitiçavam esse papel.

-Olhe o outro.- Ela se apartou um pouco, sem lhe soltar o braço, e assinalou o lavamanos.

Roger não tinha visto que eram dois.

Ela desenhava muito bem, sim. Tanto que lhe congelou o sangue no coração. O segundo desenho também era um lápis-carvão: os mesmos brancos, negros e cinzas nus. No primeiro ela tinha derrubado a selvageria do céu: as ânsias e o valor, o esforço que resiste com fê no vazio do ar e a tormenta. Em este tinha visto quietude.

Era um ganso morto que pendurava pelas patas, com as asas média desdobradas, o pescoço lasso e o pico entreaberto, como se até na morte procurasse o vôo e a potente reclamação de seus companheiros. Suas linhas eram delicadas; os detalhes da plumagem, o pico e os olhos vácuos, deliciosos. Ele nunca tinha visto nada tão belo nem tão desolador.

-Desenhei-o ontem à noite- explicou ela, em voz baixa-. Todo mundo estava na cama, mas eu não podia dormir.

Tinha pego um castiçal para rondar, inquieta, pela casa cheia de gente. Por fim saiu ao escuro frio dos abrigos, em busca de solidão, já que não de repouso. No abrigo de defumar, à luz das brasas, chamou-lhe a atenção a beleza dos gansos pendurados, a nitidez da plumagem branca e negra contra o muro coberto de fuligem.

-Uma vez segura de que Jemmy dormia profundamente, voltei com minha caixa de desenho. Desenhei até que meus dedos estavam tão frios, que não podiam sujeitar o lápis-carvão. Esse é o melhor.- E assinalou o desenho com olhos ausentes.

Pela primeira vez Roger reparou em suas olheiras. Imaginou à luz de uma vela, completamente só em meio da noite, desenhando gansos mortos. ia abraçar a, mas ela se afastou para a janela, onde as venezianas começavam a golpear-se.

O degelo tinha cessado. Seguia-lhe um vento gelado que despia as árvores de suas últimas folhas e arrojava bolotas e castanhas contra o telhado com um repico de perdigonada. Ele se aproximou para fechar as venezianas e as assegurar contra o forte vento.

Bree se incorporou. ia passar a seu lado, mas ele a rodeou com os braços para detê-la. Estreitou-a contra si, para que não lhe visse a cara.

-Gansos- disse ao fim, com a voz médio apagada contra o cabelo da Brianna-. Quando eu era pequeno meus vizinhos criavam gansos. Grandes e brancos, os vadios. Eram seis; andavam sempre juntos, grasnando com o pico em alto. Aterrorizavam aos cães, aos meninos e a tudo o que passasse pela rua.

-E a ti?- O fôlego quente do Bree era um comichão contra sua clavícula.

-OH, sim, constantemente. Quando jogávamos na rua saíam grasnando para nos picar e nos castigar com as asas. Eu não podia sair ao pátio traseiro, a jogar com um amigo, se a senhora Graham não nos acompanhava para afugentar a esses cretinos com um pau de vassoura. Uma manhã, quando veio o leiteiro, os gansos estavam ainda no jardim dianteiro e o atacaram. Ele correu para seu carro; tanto chiados espantaram ao cavalo, que pisoteou a duas das aves, as deixando plainas como omeletes. Os meninos da rua estávamos encantados.

Ela ria contra seu ombro, médio escandalizada, mas também divertida.

-E logo o que aconteceu?

-A senhora Graham os levou dentro e os depenou. Comemos bolo do ganso durante uma semana- respondeu ele, divertido. Logo ergueu as costas para lhe sorrir-. Isso é tosse o que sei sobre os gansos: que são uns verdadeiros cretinos, mas que estão muito saborosos.

E se agachou para recolher do chão a jaqueta manchada de barro.

-Bom, agora deixa que ajude a seu pai com a tarefa. Logo quero ver como engatinha meu filho.

Feitiços

Toquei com o dedo a superfície branca e brilhante; logo a esfreguei entre meus dedos apreciando-a.

-Não há absolutamente nada mais gorduroso que a graxa de ganso- passei, enquanto me limpava os dedos no avental para agarrar uma colher grande.

-É o melhor para a massa de bolos- acrescentou a senhora Bug e ficou nas pontas dos pés para observar celosamente, enquanto eu dividia a suave matéria branca entre duas grandes vasilhas: uma para a cozinha, a outra para minha clínica.

-Para a festa do Hogmanay faremos um rico bolo de venado- acrescentou, entreabrindo os olhos para estudar a perspectiva-. Depois façam com caldo de pescado. E um pouco de corn crowdie, farinha de aveia com leite ou água quente. E de sobremesa, um grande bolo de passas com geléia e nata montada.

-Estupendo- murmurei. Meus próprios planos para a graxa de ganso incluíam um bálsamo de zarzaparrilla para queimaduras e abrasões, um ungüento mentolado para os narizes tampados e as congestões de peito, e outro suavizante e perfumado para as queimaduras dos fraldas... possivelmente uma infusão de alfazema com suco de malva.

Olhei para baixo, procurando o Jemmy; embora tinha aprendido a engatinhar poucos dias antes, já era capaz de alcançar uma velocidade assombrosa, especialmente quando ninguém o olhava. Estava tranqüilamente sentado no rincão, roendo apaixonadamente o cavalo de madeira que Jamie lhe tinha esculpido como presente de Natal.

Católicos como eram a grande maioria dos escoceses das Terras Altas (e nominalmente cristãos, todos eles), o Natal era um data religiosa mais que uma grande ocasião festiva.

Mas Hogmanay era outra coisa. Só Deus sabia que raízes pagãs tinha a celebração escocesa do Ano Novo, mas eu tinha meus motivos para preparar com antecipação uma boa quantidade de remédios: os mesmos motivos pelos que Jamie estava nesses momentos no manancial do uísque, identificando que tonéis estavam o bastante envelhecidos como para não envenenar a ninguém.

Uma vez retirada a graxa de ganso, no fundo do recipiente ficou uma boa quantidade de caldo escuro, formado redemoinhos com trocitos de pele e fios de carne. Vi que a senhora Bug o observava com visões de molho lhe dançando no cérebro.

-A metade- disse-lhe severamente, jogando mão de um frasco grande.

Ela, sem discutir, limitou-se a encolher-se de ombros e voltou para seu tamborete, resignada.

-O que pensa você fazer com isso?- perguntou-me com curiosidade, enquanto eu cobria o pescoço do frasco com um quadrado de musselina, a fim de filtrar o caldo-. É certo que a graxa é uma maravilha para ungüentos. E sem dúvidas o caldo é benéfico para o corpo debilitado pela gota ou por

males de ventre. Mas se estraga.- Uma sobrelha superficial se arqueou a modo de advertência, se por acaso eu não sabia-. Se se deixar um ou dois dias, fica azul de mofo.

-Bom, isso é o que espero- disse, jogando caldo no quadrado de musselina-. Acabo de pôr uma fogaça de pão a embolorar; quero ver se também aparece no caldo.

Vi que pela mente da mulher cruzavam todo tipo de perguntas e respostas; e todas apoiadas no medo que essa minha loucura pela comida podre, ao expandir-se, pudesse abranger toda a produção da cozinha. Seus olhos jogaram uma olhada ao bolo; logo voltaram para mim, carregados de suspeita.

Ao apartar a cara para dissimular um sorriso, vi que Adso, o gatinho, subiu-se ao banco, erguido sobre as patas traseiras e com as garras plantadas na mesa; seus grandes olhos verdes seguiam com fascinação os movimentos da chaleira.

-Ah, quer um pouco?

Agarrei um platito da prateleira e verti nele um escuro atoleiro de caldo, cheio de saborosos fragmentos de carne e glóbulos de graxa.

-Isto corresponde a minha metade- assegurei-lhe à senhora Bug. Mas ela moveu vigorosamente a cabeça.

-De maneira nenhuma, senhora Fraser- disse-me-. Esse pequenín caçou aqui seis ratos nos dois últimos dias.- Sorriu afetuosamente ao Adso, que se tinha descido de um salto e estava lambendo o caldo a toda a velocidade que lhe permitia sua diminuta língua rosada-. Seu bichano pode comer tudo o que queira de meu lar.

-De verá? Estupendo. Também pode dever provar sorte com os que tenho na clínica.

Por então tínhamos uma praga de ratos, aos que o frio empurrava aos espaços interiores, onde brincavam de correr pelos zócalos depois do anoitecer. Até a pleno dia cruzavam súbitamente o chão ou saltavam dos armários abertos, provocando leves paradas cardíacas e ruptura de baixela.

-Mas não podemos criticar aos ratos- comentou a senhora Bug, me olhando fugazmente-. A fim de contas, vão aonde está a comida.

Quase todo o caldo tinha passado pela musselina, deixando uma grossa capa de restos flutuantes. Os rebañé para pô-los no platito do Adso, logo joguei outra chaleira de caldo.

-Sim que o fazem- disse sem me alterar-. E o sinto, mas o mofo é importante. É um remédio e...

-OH, sim, certamente!- apressou-se a assegurar-. Isso sei.

Em sua voz não havia sotaque de sarcasmo, coisa que me surpreendeu. Vacilava, mas ao fim afundou a mão no amplo bolso que pendurava depois da abertura de sua saia.

-Quando Arch e eu vivíamos no Auchterlonie havia um homem, um carline. chamava-se Johnnie Howlat. A gente lhe tinha medo, mas apesar de tudo ia a sua casa. Alguns, a pleno dia, para que os curasse com ervas e beberagens; outros, de noite, para comprar feitiços. Sabe você disso?

Eu sabia, sim, a que tipo de pessoa se referia. Alguns curandeiros das Terras Altas não se limitavam a preparar remédios (os “filtros” que ela mencionava), mas sim também praticavam a magia menor: vendiam filtros

de amor, poções para a fertilidade... e conjuros daninhos. Algo frio me correu pelas costas e desapareció, deixando detrás de si uma vaga sensação de inquietação, como o rastro baboso de um caracol.

Traguei saliva; via em minha lembrança o pequeno molho de novelo espinhosas, tão cuidadosamente atadas com fio branco e negro, posto sob meu travesseiro por uma moça ciumenta, chamada Laoghaire, que o tinha comprado a certa bruxa: Geillis Duncan, bruxa como eu.

Aonde queria chegar a senhora Bug? Eu não estava muito segura do que significava a palavra carline, embora a relacionava com bruxos ou um pouco parecido. Ela me observava com ar pensativo, bastante apagada sua vivacidade normal.

-Era um homenzinho sujo, esse Johnnie Howlat. Não tinha mulher e sua cabana cheirava a coisas horríveis. Ele também.- estremeceu-se de repente, embora tinha o fogo a suas costas-. Às vezes o via no bosque ou nos brejos, pinçando na terra. Quando encontrava animais mortos trazia as peles, ossos, patas e dentes, para fazer seus feitiços.

-Que desagradável- murmurei, com a vista fixa no frasco, enquanto raspava novamente o pano e voltava a jogar caldo-. E ainda assim a gente ia consultá-lo?

-Não havia ninguém mais- replicou ela, simplesmente.

Levantei a vista. Seus olhos escuros seguiam fixos em meus, sem piscar; movia lentamente a mão, como se tocasse algo dentro do bolso.

-Ao princípio eu não sabia- continuou-, mas Johnny tinha musgo do cemitério, pó de ossos, sangue de galinha e esse tipo de coisas. Mas você- observava-me com ar pensativo, imaculado o lenço branco à luz do fogo-, você é uma pessoa limpa.

-Obrigado- disse, entre divertida e emocionada. Em boca da senhora Bug, esse era um grande completo.

-Salvo pelo pão bolorento- acrescentou, apertando um pouco os lábios-. E essa taleguilla de pagãos que tem no armário. Mas é certo, não? Você é feiticeira, como Johnny.

Vacilei, sem saber o que dizer. Na memória tinha a lembrança do Cranesmuir, tão vívido como não o tinha visto em muitos anos. Quão último desejava era que a senhora Bug divulgasse o rumor de que eu era uma carline; já havia quem me denominava “mulher de conjuros”. Não temia que me acusassem de bruxa ante a lei; ali não, já não. Mas uma coisa era ter reputação de curandeira e outra, que a gente fosse para mim por essas outras coisas que ofereciam os feiticeiros.

-Não exatamente- disse, cautelosa-. Solo sei bastante sobre novelo. E de cirurgia. Mas em realidade não sei absolutamente nada de feitiços nem... encantamentos.

Ela assentiu com satisfação, como se eu tivesse confirmado suas suspeitas em vez das negar.

-Uma vez fui ver o. Ao Johnnie Howlat.

-Sim?- Sentei-me com o Jemmy nos joelhos-. Estava doente?

-Queria um filho.

Não soube o que dizer. Em silêncio, escutei a destilação do caldo que caía da musselina, enquanto ela jogava à frigideira o último resto e a levava a lar.

-Tive quatro abortos no curso de um ano- explicou, de costas a mim-. Quem me veja agora não acreditaria, mas por então era só pele e ossos, não tinha mais cor que o soro e minhas tetas se reduziram a nada.

Uma vez bem afirmada a frigideira entre as brasa, cobriu-a.

-De modo que agarrei o pouco dinheiro que tínhamos e fui a casa do Johnnie Howlat. Ele aceitou o dinheiro e encheu uma caçarola de água. Logo fez que sentasse a um lado da caçarola e ele ao outro; e assim passamos comprido tempo. Ele olhava a água; eu a ele. Ao cabo de um momento, agitou-se e se foi à parte traseira da cabana. Não pude ver que fazia, pois estava escuro, mas revolvia pinçava e dizia coisas pelo baixo; por fim me entregou um amuleto.

A senhora Bug se incorporou para aproximar-se de mim. Pôs uma mão na sedosa cabeça do Jemmy, com muita suavidade.

-Johnny me disse que isso me fecharia a boca do ventre e manteria ao bebê são e salvo dentro, até que chegasse o momento de nascer. Mas na água tinha visto uma coisa e devia me advertir. Se eu tinha um menino vivo, disse-me morreria meu marido. De modo que me daria o amuleto e a oração que o acompanhava. Era eu quem devia decidir. Não se podia atuar com mais justiça.

O dedo romo e desgastado seguiu a curva da bochecha infantil.

-Tive esse objeto no bolso durante um mês. Logo, guardei-o.

Alarguei uma mão para estreitar a sua. Não se ouvia outra coisa que o mordisco do bebê e o estalo dos ossos sobre as brasas. Ela permaneceu imóvel um momento; logo retirou a mão para colocá-la novamente no bolso. Extraiu um pequeno objeto que depositou na mesa, a meu lado.

-Nunca me decidi a atirá-lo- disse, contemplando-o serenamente-. depois de tudo, custou-me três peniques de prata. E é muito pequeno. Quando saímos de Escócia foi fácil trazê-lo comigo.

Era um trocito de pedra de cor rosa pálido, veteadado de cinza; estava muito gasto. Estava esculpido grosseiramente e tinha forma de mulher grávida. Era pouco mais que um ventre enorme, de peitos e nádegas inchados, cujas pernas curtas se afiavam até perder-se. Tinha visto outras similares em distintos museus. Perguntei-me se Johnny Howlat a teria esculpido pessoalmente. Ou talvez a teria encontrado em suas buscas pelo bosque e os brejos, resto de um tempo muito mais antigo.

Toquei-o com delicadeza. Pouco importava o que tivesse feito Johnnie Howlat, o que tivesse visto em sua caçarola de água: tinha tido a astúcia de reconhecer o amor que unia ao Arch e a Murdina Bug. O que era mais fácil para uma mulher: abandonar a esperança de ter filhos, considerando que fazia um nobre sacrifício por seu amado algemo, ou sofrer a amargura e a culpa do fracasso constante? Johnnie Howlat poderia parecer um feiticeiro, mas realmente era um curador.

-Pois nada- disse a senhora Bug, como a quem já não lhe importa-, que possivelmente você encontre alguma moça a que possa lhe ser útil. Seria uma pena não lhe tirar proveito, não crie?

Hogmanay

O ano terminou claro e frio, com uma lua pequena e brilhante que se elevou muito alta na abóbada cárdena do céu, banhando de luz os terrenos baixos e os caminhos da montanha. Era uma sorte, pois vinha gente desde todos os rincões da Colina (e alguns, desde mais longe ainda) para celebrar Hogmanay na Casa Grande.

Ombreia-os tinham espaçoso o estábulo novo e rastelado o chão para o baile. Sob a luz dos abajures, alimentadas com azeite de urso, dançavam-se jigas, reels, strathspeys e outras danças das quais eu ignorava o nome, mas que pareciam divertidas, acompanhadas pela música do lhe chiem violino do Evan Lindsay e a gritã flauta de madeira de seu irmão Murdo, compassados pelos batimentos do coração cardíacos que Kenny arrancava a seu bodhran.

Depois de uma ou duas horas de baile, começava a compreender por que a palavra reel se utilizava para indicar embriaguez; inclusive sem que se bebeu, a dança podia chegar a enjoar. Sob a influência do uísque, fazia que tudo o sangue da cabeça girasse como água em uma máquina de lavar roupa. Ao terminar uma delas, já cambaleante, fui apoiar me em um dos postes e fechei um olho, com a esperança de que cessassem as voltas em minha cabeça. Uma cotovelada em meu lado cego me fez abrir esse olho. Ali estava Jamie, com duas taças transbordantes de algo. Acalorada e sedenta como estava, só me importou que fora algo líquido. Felizmente era cidra, que bebi a grandes goles.

-Se a beber assim irá a rivalidade, Sassenach- disse ele, esvaziando a sua de maneira exatamente igual. Estava avermelhado e suarento de tanto dançar, mas seus olhos faiscavam ao me sorrir.

-Tolices!- disse. Com um pouco de cidra a modo de lastro, a habitação tinha deixado de girar e eu me sentia alegre, a pesar do calor-. Quantas pessoas crie que há aqui?

-Sessenta e oito, a última vez que contei- disse-me, enquanto se reclinava a meu lado, contemplando a multidão com expressão profundamente satisfeita-. Mas como entram e saem, não estou muito seguro. E não contei aos meninos- acrescentou.

Aos lados do estábulo, entre sombras, havia montões de feno fresco onde dormiam os meninos muito pequenos para manter-se acordados, envoltos e amontoados igual aos gatinhos. A piscada dos abajures arrancou um brilho de sedoso ouro avermelhado: Jemmy dormia profundamente em sua manta, felizmente arrulhado pelo bulício. Vi que Bree se separava do baile e lhe acariciava a bochecha. Roger, moreno e sorridente, alargou uma mão para ela, e Bree a aceitou rendo; ambos voltaram a perder-se no redemoinho.

A última ronda de danças chegou a seu fim e se produziu uma carreira geral fazia o tonel da cidra, presidido pelo senhor Wemyss, em um extremo do celeiro. Os bailarinos se apertaram como uma horda de vespas sedentas, de modo que de este só ficou à vista o cocuruto, quase branco o cabelo loiro ao fulgor dos abajures.

Procurei com o olhar ao Lizzie, para ver se estava desfrutando da festa. Evidentemente, sim: estava sentada em um montão de feno, rodeada por quatro ou cinco torpes adolescentes que se comportavam mais ou menos como os bailarinos ao redor da cidra.

-Quem é o grandalhão?- perguntei ao Jamie, assinalando o pequeno grupo-. Não sei quem é.

Ele o olhou, forçando a vista. Logo se tranqüilizou.

-Ah, é Jacob Schnell. veio de Salem com um amigo; acompanham aos Mueller.

-Vá!

Salem ficava longe, a mais de quarenta e cinco quilômetros. Perguntei-me se a única atração era a festa. Procurei o Tommy Mueller, a quem secretamente tinha escolhido como possível casal para o Lizzie, mas não o vi entre a multidão.

-Sabe algo desse Schnell?- perguntei, observando-o com ar crítico. Era um ou dois anos maior que os outros pretendentes do Lizzie, e bastante alto. Algo feio de facções, mas com cara de bom aspecto; de uma corpulência que anunciava o desenvolvimento de uma próspera pança na maturidade.

-Não o conheço pessoalmente, mas sim a seu tio. É uma família decente; acredito que o pai é sapateiro.

Ambos olhamos automaticamente os sapatos do jovem; não eram novos, mas sim de muito boa qualidade e com fivelas metálicas, grandes e quadradas, na moda alemã. O jovem Schnell parecia levar vantagem; aproximou-se muito ao Lizzie para lhe dizer algo; ela tinha os olhos cravados em sua cara, com uma leve enrugada de concentração entre as sobrancelhas loiras, tratando de entender o que ele dizia. Quando compreendeu, suas facções se relaxaram em risadas.

-Não acredito.- Jamie sacudiu a cabeça, algo carrancudo-. Sua família é luterana; não permitirão que o jovem se casa com uma católica... e ao Joseph partiria o coração que sua filha se fora a viver tão longe.

Em realidade, o pai do Lizzie estava profundamente apegado a ela; depois de havê-la perdido uma vez, não estaria disposto a perder a de vista quando a desse em matrimônio. Mesmo assim, Joseph Wemyss faria quase algo por lhe assegurar uma vida feliz.

-Talvez se iria com ela.

Jamie se entristeceu ao pensá-lo, mas assentiu a contra gosto.

-Suponho que sim, mas seria uma pena perdê-lo. Bom, suponho que Arch Bug poderia...

Interromperam-no uns gritos:

-MAC Dubh! MAC Dubh!

-você venha, ao Sheumais ruaidh, lhe demonstre como se faz!- chamou Evan do outro extremo do celeiro, agitando o arco em gesto autoritário.

Produziu-se uma pausa no baile, para que os músicos tivessem uma pausa e pudessem beber algo; enquanto isso, alguns dos homens provavam sua habilidade para a dança das espadas, que só se pode executar com acompanhamento de gaitas de fole ou de um só tambor.

-MAC Dubh, MAC Dubh!- convidavam Kenny e Murdo, fazendo gestos.

Mas Jamie os rechaçou entre risadas.

-Não. Faz tanto tempo que não faço isso...

-MAC Dubh! MAC Dubh! MAC Dubh!- Kenny batia seu bodhran, cantando ao compasso, e o grupo que o rodeava fez outro tanto-. MAC Dubh! MAC Dubh! MAC Dubh!

Ele me dirigiu um breve olhar de súplica, mas Ronnie Sinclair e Bobby Sutherland já vinham para nós com ar decidido. Apartei-me um passo, entre risadas, e eles o agarraram pelos braços, sufocando seus protestos com vozes alegres, enquanto o empurravam para o centro da pista.

Entre aplausos e gritos de aprovação, depositaram-no em um espaço espaçoso, onde a palha tinha sido calcada na terra úmida, a fim de formar uma superfície dura. Ao ver que não havia opção, Jamie ergueu as costas e endireitou sua saia. depois de intercambiar um olhar comigo, pondo os olhos em branco em zombador gesto de resignação, começou a tirá-la jaqueta, o colete e as botas, enquanto Ronnie cruzava as duas espadas a seus pés.

Kenny Lindsay começou a tocar brandamente seu bodhran, com pausas entre toque e toque, criando um som de leve suspense. A multidão murmurava e se removia, espectador. Jamie, em camisa, saia e meias três-quartos, fez uma complexa reverência que repetiu quatro vezes, girando no sentido do sol, para cada um dos airts. Logo ocupou seu lugar, de pé sobre as espadas cruzadas, e elevou as mãos com os dedos rígidos por cima da cabeça.

A pouca distância estalou um aplauso. Brianna se levou dois dedos à boca para emitir um ensurdecido assobio de aprovação, que provocou escandalizada surpresa entre quem a rodeava. Vi que Jamie a olhava com um leve sorriso; logo seus olhos procuraram outra minha vez. Em seus lábios perdurava o sorriso, mas em se expressão havia algo distinto, melancólico. O ritmo do bodhran se fez mais veloz.

A dança escocesa das espadas se podia executar por três motivos: por exibição e entretenimento, como ele estava a ponto de fazer; como competição e, como se tinha feito ao princípio, a maneira de presságio. Quando se dançava na véspera de uma batalha, a habilidade do bailarino anunciava o êxito ou o fracasso. Os jovens tinham dançado entre espadas cruzadas na noite prévia ao Prestonpans e Falkirk. Mas não antes do Culloden; na véspera desse combate final não houve fogueiras nem tempo para os bardos e as canções jaquetas. Não tinha importância; naquele tempo naquele tempo ninguém necessitava presságios.

Jamie fechou um momento os olhos e inclinou a cabeça. O ritmo do tambor se fez mais rápido.

Eu sabia por ele que a primeira vez que tinha dançado a dança da espada foi em competição; depois, em mais de uma ocasião, em vésperas de uma batalha: primeiro nas Terras Altas, logo na França. Os soldados veteranos lhe pediam que o fizesse, pois apreciavam sua habilidade como garantia de que sairiam vivos e vitoriosos. Posto que os Lindsay conheciam sua destreza, também devia ter dançado no Ardsmuir. Mas isso era no Velho Mundo e em sua antiga vida.

Sabia, sem necessidade de que Roger o dissesse, que os costumes antigos estavam trocando. Estávamos em um mundo novo; jamais se voltaria a dançar a dança das espadas com esse fim, procurando presságios e o favor dos antigos deuses da guerra e o sangue.

Abriu os olhos e endireitou bruscamente a cabeça. O tambor emitia

um súbito “ dunc!” , e um grito da multidão marcou o começo. Os pés do Jamie golpearam a terra calcada, ao norte e ao sul, para o este e o oeste, movendo-se depressa entre os aços. Golpeavam sem ruído, seguros no chão, e sua sombra dançava contra o muro de atrás, alta, com os largos braços levantados. Sua cara apontava ainda para mim, mas sem dúvida já não me via.

Dançava com toda a destreza do guerreiro que tinha sido e ainda era. Mas me pareceu que agora dançava só em altares da memória, para que seus espectadores não esquecessem. E o suor voava de sua frente com o esforço, e em seus olhos havia uma expressão de inexprimível lonjura.

A gente ainda o comentava quando nos reunimos na casa, justo antes de meia-noite.

A senhora Bug trouxe um cesto de maçãs e reuniu às moças solteiras em um rincão da cozinha. Entre muitas risitas e olhares furtivos para os meninos, cada uma cortou uma fruta, cuidando de que a pele formasse uma só peça. Logo as arrojavam para trás e se aproximavam para observar entre exclamações as letras que tinham formado cada parte de pele ao cair.

Como as exumações de maçã são normalmente circulares, abundavam os cs, os gs e as oes: boas notícias para o Charley Chisholm e o jovem Geordie Sutherland, e muitas discussões sobre se a Ou podia representar ao Angus Ou, pois Angus Og MacLeod era um moço sagaz e muito querido, enquanto que o único Owen era um ancião viúvo, que não passava do metro e meio de estatura e tinha um grande quisto sebáceo na cara.

Eu tinha subido para deitar ao Jemmy em seu berço, depravado e roncando; baixei a tempo para ver o Lizzie arrojar sua pele.

-Cl- fizeram coro duas das meninas Guthrie, quase entrechocando as cabeças ao inclinar-se para olhar.

-Não, não, é uma j!

Convocou-se à senhora Bug, a perita residente, quem se agachou para observar a banda vermelha com a cabeça inclinada, como faz o petirrojo ao avaliar a uma lombriga.

-É uma j, sem lugar a dúvidas- opinou ao incorporar-se.

E o grupo, com um estalo de risadas, voltou-se para unísono para o John Lowry, jovem granjeiro do Woolam’s Mill, quem as olhou totalmente desconcertado.

Um brilho vermelho me chamou a atenção para a porta que dava a corredor. Ali estava Brianna, me fazendo gestos. Corri a me reunir com ela.

-Roger está preparado para sair, mas não encontramos o sal. Na despensa não está- Tem-na em seu consultório?

-OH, sim, ali está!- exclamei, culpado-. Estive-a usando para secar raízes e esqueci devolvê-la a seu sítio.

Os convidados enchiam os alpendres e formavam uma fila no largo corredor, ulcerando até a cozinha e o estudo do Jamie, todos dedicados a conversar, beber e comer. Abri-me passo entre a multidão detrás da Brianna, intercambiando saudações e esquivando taças de cidra.

O consultório estava quase deserto; a gente tendia a evitá-lo, já fora

por superstição, associações penosas ou simples cautela, e eu tinha deixado a habitação às escuras e o fogo apagado, para não animá-los a entrar. Nesse momento ardia ali uma só vela. Roger, única pessoa presente, pinçava entre as diversas coisas que eu tinha deixado na encimera.

Quando entramos levantou a vista com um sorriso, ainda um pouco sufocado pela dança.

Como Roger era, sem discussão, o mais alto e bonito dos morenos disponíveis, o tinha eleito como “ primeiro pé” ; quer dizer, seria o primeiro que cruzaria a soleira, não só da Casa Grande, mas também dos lares dos arredores. Fergus e Marsali, assim como os outros que viviam perto, já tinham deslocado a suas casas, a fim de estar preparados para saudar seu “ primeiro pé” quando chegasse.

-Doze menos dez- declarou Brianna, aparecendo na consulta detrás de mim, com seu próprio capote no braço-. Acabo de consultar o relógio do senhor Guthrie.

-Há tempo de sobra. vais vir comigo?- Roger lhe sorriu ao ver o casaco.

-Está brincando? Faz anos que não saio depois de meia-noite.- Com idêntico sorriso, ela fez girar o capote ao redor de seus ombros-. Já tem tudo?

-Salvo o sal.- Roger assinalou o saco de lona que tinha deixado na encimera. O “ primeiro pé” devia chegar com presentes: um ovo, um feixe de lenha, um poquinho de sal... e um pouco de uísque; todo isso garantiria que na casa não faltassem as coisas imprescindíveis durante o ano em florações.

-Bem. Onde pus...? meu Deus!- Ao abrir a porta do armário em busca do sal, encontrei-me com uma par de olhos cintilantes que me fulminaram da escuridão-. Que susto!- Apoiei uma mão contra meu peito para impedir que meu coração saísse de um salto. Logo agitei fracamente a outra para o Roger, que tinha dado um salto ante meu grito, preparado para me defender., Não lhes preocupem. É só o gato.

Adso se tinha refugiado ali, com os restos de um camundongo recém caçado como companhia. Grunhiu-me, mas o apartei com chateio. O saquito de sal estava debaixo de suas peludas patas. Fechei o armário, deixando ao gato a sós com seu festim, e entreguei o sal ao Roger. Ao agarrá-la, ele deixou o objeto que tinha na mão.

-Onde conseguiu esta mujercilla tão antiga?- perguntou, assinalando o objeto, enquanto guardava o sal no saco.

Ao olhar para a encimera vi que se referia à figurinha de pedra rosa.

-Deu-me isso a senhora Bug- respondi-. Diz que é um amuleto para a fertilidade. E certamente tem aspecto de sê-lo. É muito antiga, não crie?

Isso pensava eu e o interesse do Roger confirmava essa impressão. Ele assentiu com a cabeça, sem deixar de olhá-la.

-Muito. As que vi em museus datam de milênios atrás.

Segui os contornos bulbosos com um dedo reverente. Brianna se aproximou para ver. Eu, sem pensá-lo, detive-a agarrando a de um braço.

-O que - exclamou ela, girando a cabeça para me sorrir-. Não devo tocá-la? Tão efetiva é?

-Não, é obvio que não.

Apartei a mão, rendo, mas me sentia coibida. Ao mesmo tempo cobreí consciência de que, em realidade, preferia que ela não a tocasse. Foi um

alívio ver que se limitava a inclinar-se para examiná-la, sem retirar a da encimera. Roger também a observava... melhor dizendo, tinha os olhos cravados na nuca da Brianna, com um estranho paixão. Era fácil imaginar que desejava que ela tocasse o objeto, com a mesma força que eu queria que não o fizesse.

“ Beauchamp- disse para meus adentros-, esta noite bebeste muito.” Ao mesmo tempo, levada por um impulso, agarrei a figura e me meti isso no bolso.

-Vamos! É hora de sair!- Já quebrado o estranho clima do momento, Brianna acudiu ao Roger.

-Tem razão. Vamos.

Ele jogou o saco ao ombro, sorriu-me e agarrou ao Bree do braço. Logo desapareceram; a porta se fechou detrás deles.

Apaguei a vela, disposta a segui-los, mas me detive. de repente sentia certa relutância a retornar ao caos da celebração. Sentia palpitar a casa inteira a meu redor e a luz entrava em torrentes por debaixo da porta, mas ali havia quietude. No meio do silêncio percebi o peso do pequeno ídolo em meu bolso, um vulto duro apertado contra minha perna.

E ali estava eu, na escuridão, alerta aos ruídos que fazia o gato ao mascar dentro do armário, ao poder da terra que se movia e agitava sob meus pés, enquanto o ano (ou algo) dispunha-se a trocar. A pouca distância havia uma buliçosa multidão, mas eu estava sozinha, enquanto aquele sentimento me percorria a pele e zumbia em meu sangue.

O curioso é que não me era estranho. Não se tratava de algo que viesse de fora de mim, mas sim de algo que eu já possuía e reconhecia embora não soubesse como chamá-lo. Mas a meia-noite se aproximava depressa. Ainda sentida saudades, abri a porta e saí à luz e ao clamor do corredor.

Um grito, ao outro lado do corredor, anunciou a chegada da hora mágica, segundo o relógio do senhor Guthrie; os homens saíram a trancos do estudo brincando entre si, com as caras espectadores voltas para a porta.

Não aconteceu nada. Acaso Roger teria decidido entrar pela porta de atrás, devido à multidão que havia na cozinha? Dava-me a volta para olhar para ali, mas não: na porta da cozinha se amontoavam muitas caras que me observavam espectadores.

Ainda não se tinham ouvido os golpes na porta. No corredor se produziu um pequeno revão de inquietação e uma pausa nas conversações. Era um desses incômodos silêncios nos que ninguém quer falar por medo s ser bruscamente interrompido.

Por fim se ouviram pisadas no alpendre e um rápido tamborilar: undos-tres. Jamie, como dono da casa, adiantou-se para abrir a porta e dar a bem-vinda ao “ primeiro pé” . Eu, que estava o bastante perto, vi sua expressão estupefata e me apressei a procurar o motivo.

No alpendre não vi o Roger e nem a Brianna, a não ser a duas silhuetas mais pequenas, fracas e esfarrapadas, mas definitivamente moréias. Os dois gêmeos Beardsley se adiantaram timidamente ante o gesto do Jamie.

-Feliz Ano Novo, senhor Fraser- disse Josiah, com um grasnido de rã. Logo se inclinou cortesmente ante mim, sem soltar o braço de seu irmão-. chegamos.

Em geral, todos estiveram de acordo em que dois morenos gêmeos eram um presságio muito afortunado, pois obviamente levariam o dobro de boa sorte que um solo “ primeiro pie” . Mesmo assim, Roger e Bree (que ao encontrar os gêmeos no pátio, vacilantes, tinham-nos enviado à porta) saíram para fazer o melhor papel possível nas outras casas da Colina. Bree foi severamente advertida de que não devia entrar em nenhuma casa antes de que Roger tivesse cruzado a soleira.

Bom augúrio ou não, a aparição dos Beardsley provocou muitos comentários. Todo mundo estava informado do falecimento do Aaron Beardsley (a versão oficial, quer dizer, que tinha morrido de apoplexia) e do misterioso desaparecimento de sua mulher, mas o advento dos gêmeos fez que tudo fora desenterrado e discutido outra vez. Ninguém se explicava o que terão estado fazendo os moços entre a expedição milicianiana e o Ano Novo. Josiah só disse, com seu rouco grasnido, “ estivemos vagando” ; seu irmão Keziah não disse absolutamente nada, com o qual todo mundo se viu obrigado a falar do comerciante e sua esposa até que o esgotamento provocou uma mudança de tema.

Os Beardsley ficaram imediatamente sob a custódia da senhora Bug que os levou a cozinha para que se lavassem, comessem e entrassem em calor.

Encontrei ao Jamie em seu estudo, reclinado na cadeira; tinha os olhos fechados e uma espécie de desenho na mesa, frente a ele. Não dormia. Para ouvir minhas pegadas abriu os olhos.

-Feliz Ano Novo- disse pelo baixo. E me inclinei para lhe dar um beijo.

-Feliz Ano Novo a ti também, a nighean donn.- Estava morno e cheirava um pouco a cerveja e a suor seco.

-Ainda quer sair?- perguntei-lhe, jogando uma olhada à janela. A lua se pôs muito antes e as estrelas ardiam no céu, pálidas e frite. O pátio estava negro e lúgubre.

-Não- disse francamente, enquanto se passava uma mão pela cara-. Quero me deitar.- Bocejou, tratando de alisar o cabelo. Logo acrescentou, generosamente:- Mas quero que você também venha.

-Nada eu gostaria mais. O que é isso?

Aproximei-me por detrás dele para observar o desenho; parecia uma espécie de plano, com cálculos matemáticos rabiscados nos márgenes. Ele se incorporou, algo mais espaçoso.

-Bom... é um presente do Roger para a Brianna, pelo Hogmanay.

-vai construir uma casa para ela? Mas se...

-Para ela não.- Olhou-me com um sorriso-. Para os Chisholm.

Roger, com uma astúcia digna do mesmo Jamie, tinha indagado entre os habitantes da Colina até obter um acordo entre o Ronnie Sinclair e Geordie Chisholm.

-E enquanto isso, Roger e Bree recuperarão sua cabana, Lizzie e seu pai não terão que dormir no consultório e tudo será mel sobre folhinhas?- perguntei, encantada-. Que acerto tão estupendo! O plano é tua obra?

-Sim. Geordie não é bom carpinteiro; não quero que a construção se

derrube sobre ele.

depois de analisar os desenhos com os olhos entreabridos, agarrou uma pluma do frasco, abriu o tinteiro e corrigiu uma cifra.

-Preparado- disse, deixando cair a pluma-. Com isto bastará. O pequeno Roger quer acostumar-lhe ao Bree esta noite, quando voltarem; prometi-lhe deixá-lo à vista.

-Ela estará encantada.- Apoiei-me no respaldo da cadeira para lhe massagear os ombros. Ele se inclinou para trás, quente o peso de sua nuca contra meu ventre, e fechou os olhos com um suspiro de prazer.

-Dói-te a cabeça?- perguntei pelo baixo, detectando a ruga vertical entre os olhos.

-um pouco. OH, sim, que maravilha!

Eu tinha elevado as mãos para lhe massagear brandamente as têmporas. A casa estava em silêncio, embora ainda me chegava um rumor de vozes na cozinha. Mais à frente, o som agudo e doce do violino do Evan flutuava no ar frio.

-Minha donzela de cabelo castanho- suspirei, cheia de lembranças-. eu adoro essa canção.

E soltei a cinta que sujeitava sua trança; desfiz-a entre os dedos, desfrutando de sua morna suavidade.

-É estranho que não tenha ouvido para a música- comentei por distraí-lo, enquanto penteava os arcos avermelhados de suas sobrancelhas, pressionando o bordo das conchas-. Não sei por que, mas a aptidão para as matemática está acostumada vir acompanhada do talento para a música. Bree tem ambas as coisas.

-Eu também, antes- disse ele, distraído.

-Você também o que?

-Tinha ambas as coisas.- inclinou-se para diante para estirar o pescoço, com os cotovelos apoiados na mesa-. Humm, Santo Céu. Por favor, sim.

-De verá?- Massageei-lhe o pescoço e os ombros, esfregando os músculos duros sob o pano-. vais dizer me que antes sabia cantar?

Era uma piada familiar: Jamie tinha boa voz para falar, mas seu ouvido era tão errático que qualquer canção, entoada por ele, dormia aos bebês por atordoamento, não porque os arrulhasse.

-Bom, possivelmente nem tanto.- Percebi o sorriso em sua voz, apagada pelo cabelo que lhe cobria a cara-. Mas podia distinguir uma melodia de outra e reconhecer se estava bem ou mau cantada. Agora é só ruído ou chiados.- E se encolheu de ombros, descartando o tema.

-O que aconteceu? E quando?

-Pois foi antes de te conhecer, Sassenach. Muito pouco antes, em realidade.- Elevou uma mão, buscando-a nuca-. Recordas que tinha estado na França? Enquanto retornava, com o Dougal MacKenzie e seus homens, apareceu Murtagh, vagando pelas Terras Altas com sua camisa...

Falava com ligeireza, mas meus dedos tinham achado a antiga cicatriz sob o cabelo. Não era a não ser um fio; a cicatriz se reduziu até ficar da grossura de um cabelo. Mas tinha sido uma ferida de vinte centímetros, aberta com uma tocha, e esteve a ponto de matá-lo. Passou quatro meses em uma abadia francesa, ao bordo da morte, e durante vários anos sofreu terríveis dores de cabeça.

-Foi por isso? Diz que, depois de receber essa ferida, já não voltou a perceber a música?

Ele encolheu brevemente os ombros.

-Não percebo mais música que o bater dos tambores- disse simplesmente-. Ainda fica o ritmo, mas a melodia há desaparecido.

Minhas mãos se detiveram em seus ombros. Ele se voltou a me olhar com um sorriso, como se tratasse de tomá-lo a brincadeira.

-Não se preocupe, Sassenach. Não é nada. Antes tampouco cantava bem. E Dougal não me matou, depois de tudo.

-Dougal? Crie que foi ele?

Surpreendeu-me a certeza de sua voz. Então eu tinha pensado que podia ter sido seu tio o que lançasse esse ataque homicida contra ele e que, surpreso por seus próprios homens antes de poder concluir sua obra, tinha fingido que acabava de encontrar o ferido. Mas não tinha provas para afirmá-lo.

-OH, sim. Ele também parecia surpreso, mas logo trocou de expressão-. OH, sim- repetiu com mais lentidão-. Não me tinha dado conta... Não entendeu o que disse ao morrer, verdade? Quero dizer Dougal.

Minhas mãos ainda descansavam em seus ombros; senti que o percorria um estremecimento involuntário, que se estendeu por meus braços, me arrepiando o pêlo até a nuca.

Voltei a ver o desvão da Casa Culloden, com tanta claridade como se a cena se desenvolvesse ante mim. Móveis desprezados, objetos tombados na luta... e no chão, encolhido a meus pés, Jamie lutava com o Dougal, que corcoveava e resistia, com um borbulho de sangue e ar na ferida que a adaga de seu sobrinho lhe tinha aberto no pescoço. Sua cara mudada pela perda do sangue vital, os olhos negros e ferozes, cravados no Jamie, enquanto sua boca se movia em gaélico silêncio, dizendo... algo. E Jamie, tão pálido como Dougal, olhava fixamente os lábios do moribundo para ler essa última mensagem.

-O que disse?

Ele apartou a cara, enquanto eu subia os polegares sob seu cabelo em busca dessa velha cicatriz.

“Embora seja filho de minha irmã... oxalá te tivesse matado aquele dia, na montanha. Do começo soube que seria você ou eu.”

Disse-o em voz baixa e serena. A mesma falta de emoção dessas palavras fez que o calafrio voltasse a passar, esta vez de mim a ele. É estudo estava em silêncio.

-Por isso disse que tinha feito as pazes com o Dougal- murmurei.

-Sim.- Reclinado na cadeira, elevou as mãos para me rodear calidamente as bonecas-. Ele tinha razão, sabe? Era ele ou eu. E assim teria sido, de um modo ou outro.

Com um suspiro, uma pequena carga de culpa se desprende de meu ser. Como Jamie tinha matado ao Dougal por me defender, eu sempre tinha pensado que essa morte pesava sobre mim. Mas ele tinha razão: havia muito entre eles; se esse conflito final não tivesse surto então, na véspera do Culloden, teria sido em outro momento.

Jamie me estreitou as bonecas e girou na cadeira, sem me soltar.

-Deixemos aos mortos com os mortos, Sassenach- murmurei-. O

passado se foi; o futuro ainda não chegou. E aqui estamos juntos, você e eu.

Mundos invisíveis

A casa estava em silêncio; era a oportunidade perfeita para realizar meus experimentos. Preparei uma bandeja com uma taça e uma bule, nata e açúcar, que levei comigo à consulta, junto com as amostras, e enquanto o chá repousava, agarrei um par de frasquitos do armário e saí da casa.

O dia era glacial, mas belo, com um céu pálido que prometia melhores temperaturas para quando avançasse a manhã. Nesse momento o frio era tal que me alegrei de ter posto meu xale. Na artesa dos cavalos a água tinha uma capa de frágil gelo, mas não estaria tão geada como para que os micróbios se morreram. Os largos fios de algas que recubriam as pranchas da artesa se moveram lentamente sob a água quando parti a fina capa de gelo e raspei o bordo viscoso com um de meus frascos.

Recolhi mais amostras de líquido da vertente e do atoleiro estagnado perto da letrina. Logo voltei apressadamente para a casa, para fazer minhas provas com boa luz.

O microscópio seguia junto à janela, onde eu o tinha instalado no dia anterior. Bastaram uns poucos segundos para depositar umas gotas nas platinas que tinha preparadas; logo me inclinei para olhar pelo ocular, arrebatada pela espera.

O ovóide de luz se avultou, diminuiu, desapareceu por completo. Fiz girar a porca com tanta lentidão como pude Y... ali estava! Estabilizado o espelho, a luz resolveu em um círculo perfeito, janela ao outro mundo.

Encantada, contemplei o furioso bater de cílios de um paramecio, que perseguia empecinadamente a uma presa invisível. Logo, um silencioso movimento do campo visual, enquanto a gota de água variava em suas microscópicas marés. Aguardei um momento mais, com a esperança de identificar a uma dessas velozes e elegantes euglenas, ou possivelmente alguma hidra. Mas não tive sorte: só misteriosos fragmentos verdinegros, manchas de refugos celulares e células de algas arrebatadas.

Movi a platina de um lado a outro sem achar nada de interesse. Não importava: tinha muitas outras coisas que observar. depois de esclarecer o retângulo de vidro com álcool, deixei-o secar. Logo inundeí uma varinha de vidro em um dos pequenos copos de precipitação alienados ante o microscópio e deixei cair uma gota de líquido no portaobjetos limpo.

Tinha tido que provar várias vezes antes de poder armar corretamente o microscópio. Não se parecia muito à versão moderna, sobre tudo se dividia em partes para guardá-lo na atrativa caixa do doutor Rawling. Mesmo assim as lentes eram identificáveis; com elas como ponto de partida, tinha conseguido ajustar à base as peças ópticas sem maior dificuldade. O mais difícil foi obter suficiente luz. Foi muito emocionante obter que funcionasse.

- O que faz, Sassenach? – perguntou-me Jamie da soleira da porta, com uma torrada na mão.

- Vejo coisas - respondi, ajustando o foco.

- Sim? Que tipo de coisas? – Entrou com um sorriso -. Espero que não

sejam fantasmas. Já estou farto de esses.

- Vêem olhar – lhe ofereci, me apartando do microscópio.

Um pouco intrigado, inclinou-se para o ocular, fechando o outro olho em um gesto de concentração. Entortou os olhos um momento. Logo lançou uma exclamação de tráfico surpresa.

- Vejo-as! Pequenas coisas com cauda que nadam por toda parte!

Ergueu as costas com um sorriso encantado. Em seguida voltou a inclinar-se. Experimentei uma cálida sensação de orgulho ante meu novo brinquedo.

- Não é uma maravilha?

- Uma maravilha, sim – confirmou ele, absorto -. Olhe como se esforçam esses pequenajos, puxando e retorcendo uns contra outros. E quantos há!

Observou uns segundos mais, entre exclamações. Logo moveu a cabeça, assombrado.

- Nunca tinha visto nada igual, Sassenach. Você me tinha falado dos gérmenes, sim, mas na vida pensei que fossem assim! Me imaginava com dientecitos, e não têm. E nunca pensei que teriam esses rabos tão bonitos nem que nadariam tão apertados.

- Bom, alguns microorganismos são assim – comentei, enquanto jogava uma olhada pelo ocular-. Não obstante, estas bestezuelas não são gérmenes, a não ser espermatozóides.

- O que? – Pôs cara de não compreender.

- Espermatozóides – repeti, paciente-. Células reprodutivas masculinas. Das que servem para fazer bebês, entende?

Pareceu-me que ia sufocar se. Ficou boquiaberto, com um atrativo matiz rosado no semblante.

- Semente? – grasnou.

- Pois... sim.

Observei-o atentamente enquanto vertia o chá fumegante em um copo de precipitação limpo. O dava como tônico, mas não lhe emprestou atenção. Mantinha a vista fixa no microscópio, como se algo pudesse saltar por ali e ficar retorcendo-se no chão, a nossos pés.

- Espermatozóides – murmurou para seus adentros -. Espermatozóides. – Agitou vigorosamente a cabeça e se voltou para mim, como se lhe tivesse ocorrido algo espantoso-. De quem são?

Seu tom expressava a mais sinistra suspicácia.

- Pois... teus, é obvio. – Pigarreei, um pouco sobressaltada -. De quem foram ser se não?

Como por reflexo, ele colocou uma mão entre as pernas para agarrar-se protectoramente.

- Como diabos os conseguiu?

- Como crie? – pronunciei, bastante fria -. Esta manhã, ao despertar, tinha-os em custódia.

Ele afrouxou a mão, mas um intenso rubor de mortificação lhe tingia as bochechas de escuro carmesim. bebeu-se de um gole de chá, apesar do quente que estava.

- Compreendo. – E tossiu.

Houve um instante de profundo silêncio.

- Não ... né... ignorava que pudessem manter-se com vida – disse ao fim

- . Né... fora, quero dizer.

- Pois não podem se é que os deixa secar em uma mancha do lençol – lhe expliquei com ligeireza -. Mas se impedir que se sequem – assinalei o pequeno copo abafado, com uma pequena quantidade de fluido blancuzco -, resistem umas quantas horas. E no hábitat adequado sobrevivem até uma semana depois de... né... ser liberados.

- No hábitat adequado – repetiu ele, pensativo -. Refere-te A...

- Em efeito – confirmei, com certa aspereza.

- Hum. – Nesse momento se lembrou da torrada que ainda tinha na mão e lhe deu uma dentada. Mastigava com ar meditativo -. A gente sabe isto? Agora, quero dizer.

- Se souber o que? Como são os espermatozóides? Sim, quase com segurança. O microscópio existe há mais de cem anos. E quando tem um microscópio em funcionamento, o primeiro que faz é observar tudo o que tem ao alcance de sua mão. Considerando que o inventor do microscópio foi um homem, eu diria que... Não te parece?

Ele me olhou e mastigou com decisão outro bocado.

- Eu não diria exatamente “ ao alcance da mão” , Sassenach – disse, com a boca enche-. Mas entendo o que quer dizer.

Como atraído por uma força irresistível, foi olhar outra vez pelo microscópio.

- Parecem muito enérgicos – aventurou, depois de uma breve inspeção.

- Pois assim devem ser – assegurei, contendo um sorriso ante o envergonhado orgulho que lhe produziam as proezas de suas gametas-. depois de tudo, o trajeto é largo. E ao final os espera um terrível combate. Só a gente obtém a honra, sabe?

Levantou a vista, sem compreender. Então caí na conta de que não sabia. Em Paris tinha estudada matemática, idiomas e filosofia grega e latina, mas não medicina. E embora os cientistas da época já conheciam espermatozóide como entidade individual, antes que como substância homogênea, me ocorreu que provavelmente não tinham a menor ideia de como se comportava.

- Dê onde acreditava que vinham os bebês? – inquiri, depois de lhe informar a respeito de óvulos, espermatozóides, zigotos e coisas parecidas, todo o qual o deixou obviamente vesgo.

Olhou-me com bastante frieza.

- Eu, granjeiro de toda a vida? Sei exatamente de onde vêm – me informou-. O que não sabia era... né... que havia tanto animação. Acreditava que... pois... que o homem plantava sua semente no ventre da mulher e que ali... pois... crescia. Como qualquer semente. Nabos, milho, melões e coisas assim. Ignorava que nadassem como girinos.

-Compreendo. – Esfreguei-me o nariz com um dedo, tratando de não rir-. Desde aí essa classificação agrícola das mulheres entre férteis ou estéreis.

- Hum. – Desprezou isso com um gesto. Ainda olhava, carrancudo, a platina lhe bulam-. Uma semana, há dito. portanto realmente sim é possível que o pequeno seja filho do Astuto.

A essa hora tão temprana demorei como segundo meio em saltar da teoria às aplicações práticas.

- Ah, refere ao Jemmy? Sim, é muito possível que seja filho do Roger. –

Ele e Bonnet tinham tido contato sexual com a Brianna com dois dias de diferença -. É o que te disse. E também a ela.

Ele assentiu com ar distraído. Logo se meteu o resto da torrada na boca. Enquanto mastigava se inclinou para olhar outra vez.

- me diga, são distintos? os de um homem se podem distinguir dos de outro?

- Né... pelo aspecto não. – Agarrei minha taça para beber um sorvo de chá, desfrutando de seu delicado perfume. – Mas sim que são diferentes; cada um é portador das características que cada homem passa a sua prole.

Não era prudente passar dali; já o tinha confundido muito ao lhe descrever a fertilização; lhe explicar o que eram gens e os cromossomos, podia ser excessivo.

- Mas as diferenças nem sequer se vêem com o microscópio.

Ele tragou seu bocado com um grunhido e endireitou as costas.

- E para que está olhando?

- Por curiosidade. – Assinalei a série de frascos e copos de precipitação alinhados na encimera. – Queria ver que resolução tinha o microscópio, que tipo de coisas se podiam ver com ele.

- Se? E agora o que? Quer dizer, para que o quer?

- Pois para diagnosticar com mais precisão. Se coxo uma amostra dos excrementos de uma pessoa, por exemplo, e vejo que tem parasitas intestinais, saberei melhor que remédio lhe dar.

- Sim, tem sentido. Bem, segue com o teu.

Deu-me um beijo fugaz e partiu para a porta, mas se voltou antes de sair.

- Ouça, os... hum.. espermatozóides – disse, com certo sobressalto.

- Sim?

- Não pode levá-los fora e lhes dar sepultura decente ou algo assim?

Escondi um sorriso em minha taça de chá.

Cuidarei-os bem – lhe prometi -. como sempre.

Ali estavam. Caules escuros, terminados em esporos em forma de bastoncillos, densos contra o fundo claro do campo visual do microscópio. Confirmação.

- Tenho-os.

Ergui-me para me esfregar lentamente a cintura, enquanto observava meus preparados. Junto ao microscópio havia três platinas, cada uma com uma mancha escura no centro e um código escrito na esquina, com um trocito de cera. Eram amostras de mofo, tiradas de pão de milho úmido, bolachas passadas e a casca de um bolo que sobrou do Hogmanay. Com diferença, o melhor cultivo era o do trocito de casca, por efeito da graxa de ganso, sem dúvida.

Das diferentes prova que tinha realizado, estas três eram as que continham maior proporção do Penicillium... ou do que parecia sê-lo. No pão molhado brotavam quantidade de mofos, além de várias cepas diferentes de penicillium, mas as amostras escolhidas por mim continham o mais

parecido às ilustrações de esporofitos que mostravam meus livros de texto de anos atrás, da outra vida.

Só terei que confiar em que não me falhasse a memória... e que as cepas de mofo ali pressente figurassem entre aquelas que produziam maior quantidade de penicilina; que eu não tivesse introduzido inadvertidamente alguma bactéria virulenta na mescla e que... Cabia esperar muitas coisas, mas chega um momento em que se abandona a esperança pela fé e se confia no destino antes que na caridade.

Na encimera se alinhavam várias terrinas de caldo, cada um talher com uma parte de musselina para evitar que algo caísse dentro. Alguns dos cultivos tinham prosperado; outros não. Um par de terrinas apresentavam grumos peludos de cor verde escura, que flutuavam sob a superfície como sinistras bestas marinhas. Havia alguns intrusos: musgo, bactérias ou talvez uma colônia de algas, mas o precioso *Penicillium* brilhava por sua ausência.

Alguns dos meninos tinha derrubado uma terrina; Adso derrubou outro, enlouquecido pelo aroma de caldo de ganso, e lambeu o conteúdo, com mofo e tudo, dando amostras de desfrutá-lo. Obviamente, em esse não havia nada tóxico. Joguei uma olhada ao gatinho, que dormitava no chão, acurrucado em um atoleiro de sol; era a imagem viva de um sonolento bem-estar.

Não obstante, três das terrinas restantes apresentavam na superfície um esponjoso veludo azul. Ao examinar uma amostra de um deles, confirmei que tinha obtido o que procurava. O mofo, por si mesmo, não era um antibiótico, mas sim a substância clara que segregava, como amparo contra o ataque das bactérias. Essa substância era a penicilina, e era o que eu desejava.

Assim o tinha explicado ao Jamie, que me observava de um tamborete, enquanto eu filtrava o caldo de outro cultivo em uma parte de gaze.

- Assim aí tem caldo mijado pelo mofo, não é assim?

- Se insistir em expressar o desse modo, sim. – Olhei-o severamente.

Logo recolhi a solução filtrada para distribuí-la em vários botes de barro.

Ele insistiu, satisfeito por havê-lo interpretado bem.

- E os pise em do mofo são o que curam a enfermidade, não? É razoável.

- Parece-te?

- Se usar outros tipos de mijadas como remédio, por que não? – disse-me assinalando o grande registro negro, que eu tinha deixado aberto na encimera detrás apontar a última série de experimentos. Ele se tinha entretido lendo algumas das páginas anteriores, escritas pelo doutor Daniel Rawlings, antigo proprietário do livro.

- É possível que Daniel Rawlings as usasse. Eu não. – Como tinha as mãos ocupadas, mostrei a página aberta com o queixo-. Para que as usava?

- “Electuario para o tratamento do escorbuto” - leu, seguindo com o dedo as pulcras linhas do Rawlings -. “ Duas cabeças de alho trituradas com seis rabanetes picantes, ao que se adiciona Bálsamo do Peru e dez gotas de mirra, composto este que se mescla com as águas de um menino varão, para ser convenientemente bebido. “

- Salvo pelo último, parece um condimento bastante exótico – comentei, divertida-. Com que ira melhor? Lebre escabechada? Guisado de vitela?

- Não, a vitela tem um sabor muito suave para combiná-la com o rabanete picante. Panela de cordeiro, possivelmente – replicou -. O cordeiro

suporta algo. – Sua língua percorreu distraidamente o lábio superior-. por que de um menino varão, Sassenach? encontrei a menção em outras receitas. No Aristóteles e também em outros filósofos antigos.

Comecei a limpar minhas platinas.

- É mais fácil de recolher a urina de um menino varão que a de uma menina; bastaria-te provando uma vez. Embora pareça mentira, a urina dos bebês varões é muito limpa, sem que chegue a ser completamente estéril. Possivelmente os antigos filósofos notaram que obtinham melhores resultados quando a incluíam em suas fórmulas, porque era mais limpa que a água potável que se recolhia dos aquedutos públicos, poços artesianos e sítios similares.

- Quando diz estéril não te refere a que não possa reproduzir-se, mas sim não contém gérmenes, verdade? – Jogou uma olhada receosa ao microscópio.

- Sim. Quer dizer... os gérmenes não podem reproduzir-se porque não há nenhum.

Uma vez limpa a mesa de trabalho, excetuando o microscópio e as terrinas de caldo de penicilina (ao menos, era de esperar que isso contiveram), iniciei os preparativos para a operação: baixei meu pequeno estojo de instrumentos cirúrgicos e extraí do armário uma grande garrafa de álcool de cereais.

O entreguei ao Jamie, junto com o pequeno aquecedor que me tinha fabricado: uma garrafa de prova vazia, por cuja cortiça passava uma mecha de linho retorcido e encerado.

- me encha isto, quer? Onde estão os meninos?

- Na cozinha, embebedando-se. – Verteu cuidadosamente o álcool, franzindo as sobrancelhas em um gesto de concentração. - Com que a urina das meninas não é poda? Ou só mais difícil de obter?

- Não, em realidade não é tão limpa como a dos varões.

Sobre um pano limpo estendido na encimera distribuí dois bisturis, um par de fórceps de extremo comprido e vários cauterios pequenos. Rebusquei no armário até desenterrar um punhado de plugues de algodão. Embora o pano de algodão era terrivelmente custoso, tinha tido a sorte de que a esposa do Faquard Campbell me trocará um saco de flocos crusos por um frasco de mel.

- poderia-se dizer que o... hum... o caminho para o exterior não é tão direto, de modo que a urina tende a recolher bactérias e refugos de entre as dobras da pele. – Olhei-o por cima de meu ombro, sorridente. – Mas isso não o autoriza a considerar-se superiores.

- Nem me sonhá-lo assegurou. - Já está preparada, Sassenach?

- Se. Vá a por eles. Ah, e traz a bacia!

Quando saiu me voltei para a janela que dava a Levante. Durante a véspera tinha nevado intensamente, mas agora tínhamos um bom dia, luminoso e frio. Não podia pedir nada melhor: necessitava toda a luz possível. Não era uma operação difícil; já a tinha praticado várias vezes, mas nunca em alguém que estivesse bem sentado e consciente. Isso sempre trocava as coisas.

Além disso levava vários anos sem fazê-lo. Fechei os olhos para recordar, visualizando os passos a seguir; os músculos de minha mão se

contraíam apenas, como eco de meus pensamentos, antecipando-se aos movimentos que deveria fazer.

- Que Deus me ajude – sussurrei, enquanto me fazia o sinal da cruz.

Pisadas em inseguras, risitas nervosas e a voz grave do Jamie no corredor. Voltei-me para saudar meus pacientes com um sorriso.

Um mês de boa alimentação, roupa poda e camas quentes tinham melhorado enormemente aos Beardsley, tanto em saúde como em aspecto. Ainda eram miúdos, fracotes e algo patizambos, mas os ocos da cara lhes tinham recheado um pouco, o cabelo escuro era mais suave e seus olhos tinham perdido em parte a expressão de apossada desconfiança.

Em realidade, ambos os pares de olhos escuros estavam nesses momentos algo frágeis. Lizzie teve que sujeitar ao Keziah por um braço para que não tropeçasse com um tamborete. Jamie, que tinha ao Josiah bem obstinado pelo ombro, guiou-o para mim. Logo baixou o molde para pudins que trazia sob o braço.

- Está bem? – Olhei-o ao fundo dos olhos, com um sorriso reconfortante, e a apertei o braço.

Ele tragou saliva com dificuldade. O sorriso com que me respondeu era horripilante; não estava tão ébrio como para não sentir medo. Fiz que se sentasse, sem parar de falar para tranquilizá-lo; depois de lhe rodear o pescoço com uma toalha, deposite a bacia sobre seus joelhos. Oxalá não a deixasse cair; era de porcelana e quão única servia para fazer pudins. Para minha surpresa, Lizzie lhe aproximou por detrás e lhe pôs as mãos nos ombros.

- Quer ficar, Lizzie? – perguntei, dúbia. – Acredito que podemos nos arrumar perfeitamente.

Jamie estava acostumado ao sangue e a todo tipo de açougues, mas Lizzie não devia ter visto nada, além das enfermidades típicas e um ou dois partos.

- OH, não, senhora. Ficarei. – Ela também tragou saliva, mas afirmou com valentia a pequena mandíbula. – Prometi ao Jo e ao Kezzie que os acompanharia desde o começo até o fim.

Olhei ao Jamie; ele se encolheu imperceptivelmente de ombros.

- Pois adiante.

Enchi duas taças com o caldo que continha penicilina e lhe dava uma a cada gêmeo, para que o bebessem. Era provável que os ácidos estomacais rebatessem a maior parte da penicilina, mas eu esperava que matasse as bactérias da garganta. depois da operação outra dose sobre a superfície em carne viva poderia evitar a infecção.

Não havia maneira de saber exatamente quanta penicilina havia no caldo; é possível que lhes tivesse dado dose enormes ou possivelmente fossem muito pequenas para causar algum efeito. Pelo menos estava razoavelmente segura de que a droga do caldo estava ativa.

Não havia médios para estabilizar o antibiótico nem para saber quanto tempo duraria suas propriedades, mas como estava fresco, a solução tinha que atuar. E era possível que o resto do caldo fora útil durante alguns dias mais.

Prepararia mais cultivos assim que tivesse terminado a operação; com um pouco de sorte poderia administrar a medicação aos gêmeos com

regularidade durante três ou quatro dias. E se a fortuna nos acompanhava, desse modo evitaria qualquer infecção.

- Ah, com que isso se pode beber, né? – Jamie me estava observando por cima do Josiah.

Uns anos antes eu lhe tinha injetado penicilina por causa de uma ferida de bala; obviamente, agora pensava que o tinha feito por puro sadismo. Sustentei seu olhar.

- pode-se, mas a penicilina injetável é muito mais efetiva, sobre tudo em casos de infecção declarada. Neste momento não tenho como injetá-la. E não a estou aplicando para curar uma infecção, a não ser para evitar a possibilidade. E agora, se já estivermos preparados...

Espera que Jamie sujeitasse a meu paciente, mas tanto Lizzie como Josiah insistiram em que não seria necessário. O moço se manteria imóvel, passasse o que acontecesse. Lizzie seguia lhe estreitando os ombros, até mais pálida que ele, com os nódulos recortados em branco.

- Preparado? – perguntei

O depressor de língua, feito com uma parte de madeira de fresno, lhe impedia de falar, mas emitia um grunhido que interpretei como assentimento.

Teria que ser rápida e fui. Se os preparativos tinham requerido horas inteiras, a operação só levou um minuto. Sujeitei com os fórceps uma amígdala vermelha e esponjosa, estirei-a para mim e realizei vários cortes rápidos, separando diestramente as capas de malha. Da boca do menino surgia um fio de sangue que corria por sua mandíbula, mas não era nada sério.

Retirei o grumo de carne e, depois de jogá-lo na bacia, sujeite a outra amígdala, com a que repeti o processo; o fato de trabalhar com a mão inclinada para trás me atrasou muito pouco.

Todo aquilo não durou mais de trinta segundos por cada lado. Quando retirei os instrumentos da boca do Josiah, ele me olhou com os olhos dilatados, atônito. Logo tossiu e se inclinou para diante para arrojar outra pequena parte de carne à bacia, acompanhado por certa quantidade de sangue muito vermelho.

O assim pelo nariz para lhe jogar a cabeça atrás. depois de lhe encher a boca de algodão a fim de que absorvesse o sangue e me permitisse ver, agarrei um pequeno cauterio e o apliquei aos copos sangüíneos maiores; os mais pequenos se fechariam por si só.

Os olhos lhe lacrimejavam ferozmente e suas mãos aferravam a bacia com rigidez mortal, mas não se moveu, nem emitido queixa alguma. Era o que eu esperava, depois de havê-lo visto quando Jamie lhe tirou a marca do polegar. Lizzie seguia lhe estreitando os ombros, com os olhos bem fechados. Ao lhe tocar Jamie o cotovelo, abriu-os súbitamente.

- Já esta, a muirninn. terminou. leve-lhe isso e faz que se deite, né?

Mas Josiah se negou. Tão mudo como seu irmão, sacudiu violentamente a cabeça e ocupou um tamborete. Ali ficou, embora pálido e cambaleante. Com os dentes delineados em sangue, dedicou a seu irmão um horrendo sorriso.

Lizzie rondava entre os dois gêmeos, vacilando entre um e outro. Jo lhe assinalou com firmeza ao Keziah, que tinha ocupado o tamborete dos

pacientes. Exterioirmente demonstrava fortaleza, com o queixo erguido. Lhe deu uns tapinhas à cabeça e foi estreitar os ombros do Keziah. O se voltou a olhá-la, com um sorriso de notável doçura, e lhe beijou a mão. Logo fechou os olhos e abriu a boca; parecia um pintinho pedindo vermes.

Essa operação foi algo mais complicada, pois suas amídalas e adenoides estavam muito engrossadas e danificadas pela infecção crônica. Saiu muito sangue; tanto a toalha como meu avental ficaram completamente manchados antes de que eu terminasse. depois de lhe cauterizar as feridas observei atentamente a meu paciente, que estava tão branco como a neve e com os olhos frágeis.

- Encontra-te bem? – perguntei-lhe.

Não podia me ouvir, mas minha expressão preocupada foi bastante clara. Torceu a boca no que pareceu um galhardo esforço por sorrir. Quis assentir com a cabeça, mas pôs os olhos em branco e se deslizou do tamborete a meus pés, com grande estrondo. Jamie apanhou a bacia no ar com bastante destreza.

Pensei que Lizzie também se deprimiria, pois havia sangue por toda parte. Na verdade se cambaleou um poquito, mas obedeceu minha ordem de sentar-se junto ao Josiah. Lhe estreito a mão com firmeza, enquanto Jamie e eu recolhíamos os fragmentos.

Jamie elevou ao Keziah, laço e ensangüentado como a vítima de um homicídio. Seu irmão se levantou, fixos os olhos ansiosos no corpo inconsciente de seu irmão.

- Tudo sairá bem – assegurou Jamie, em tom de absoluta confiança.- Como te hei dito, minha mulher é uma grande curadora.

E todos se voltaram a me olhar com um sorriso; Jamie, Lizzie e Josiah. Tive a impressão de que correspondia agradecer com uma reverência, mas me contente sorrindo também.

- Tudo sairá bem, sim – disse, imitando ao Jamie. – Agora vão descansar.

A pequena procissão abandonou o consultório de uma maneira mais silenciosa que a sua chegada, enquanto eu guardava meus instrumentos e limpava tudo.

Sentia-me muito feliz, iluminada pela serena satisfação que acompanha a um trabalho obtido. Levava muito tempo sem fazer algo assim; as exigências e limitações do século XVIII impediam qualquer operação cirúrgica, salvo aquelas que se praticavam em casos de emergência. Ao não contar com anestesia nem antibióticos, a cirurgia era muito difícil e perigosa.

Mas agora tinha ao menos penicilina. E tudo sairia bem, sim, disse-me, cantarolando para meus adentros enquanto apagava a chama do aquecedor. Tinha-o percebido na carne dos moços, ao tocá-los enquanto operava. Nenhum germe os ameaçaria, nenhuma infecção deveria arruinar o esmero de meu trabalho. Na prática da medicina, a sorte sempre contava, mas esse dia as probabilidades estavam de minha parte.

- Tudo sairá bem – repeti para o Adso, que lambia concentrado uma das terrinas vazias -. E tudo sairá bem. E todo tipo de coisas sairá bem.

O grande registro negro seguia aberto na encimera, ali onde Jamie o tinha deixado. Procurei as últimas páginas, onde tinha pontudo o desenvolvimento de meu experimento, e agarrei a pluma. depois do jantar

descreveria os detalhes da operação. No momento... Fiz uma pausa. Logo escrevi ao pé da página: “Eureca!”

A visita do correio

Em meados de fevereiro Fergus fez sua viagem bimensal ao Cross Creek, de onde retornou com sal, agulhas, anil, outros elementos imprescindíveis e uma bolsa cheia de correspondência. Chegou no meio da tarde, tão desejoso de reencontrar-se com o Marsali que apenas ficou o suficiente para beber um tigela de cerveja antes de ir-se. Brianna e eu ficamos classificando os pacotes e nos regozijando ante tanta riqueza.

Havia um montão de periódicos publicados no Wilmington e New Bern; também uns quantos da Filadelfia e Boston, que os amigos do norte enviavam a Yocasta Cameron e ela nos reenviava depois. Folheei-os; o mais recente datava de três meses atrás, mas não importava, nesse lugar, onde o material de leitura era literalmente mais escasso que o ouro, os periódicos eram como novelas.

Yocasta tinha enviado também, para a Brianna, dois números do livro Brigham para a dama, uma publicação periódica com desenhos da moda elegante de Londres e artigos de interesse para as mulheres que tivessem esses gostos.

- “Como limpar o encaixe de ouro” - leu Brianna ao azar, com uma sobrelha arqueada-. Isso é algo que todo mundo deveria saber, sem duvidá-lo.

- Olhe as páginas de atrás - lhe aconselhei-. Ali é onde publicam os artigos sobre como evitar o contágio de gonorréia e o que fazer com as hemorroides de seu marido.

A outra sobrelha subiu também; parecia-se com o Jamie quando lhe apresentava alguma proposta extremamente questionável.

- Se meu marido me contagiasse a gonorréia, teria que ocupar-se de seus hemorroides por si só. - Passou umas quantas páginas, arqueando as sobrelhas cada vez mais -. “Incentivo para Vênus. Uma lista de remédios infalíveis para a fadiga do membro viril. “

Apareci em olhar por cima de seu homem, arqueadas minhas próprias sobrelhas.

- Por certo, onde está Jemmy?

- Dormindo... ao menos isso acredito. - Jogou um olhar suspicaz ao teto. Como não se ouvisse nenhum ruído funesto, continuou lendo.

Voltei para a correspondência, deixando que continuasse com seu fascinante estudo.

Havia um pacote dirigido ao Jamie que parecia ser um livro; enviava-o uma livraria da Filadelfia, mas levava o selo de lorde John Grei: uma mancha de cera azul, caprichosamente marcada com uma medialuna sorridente e uma só estrela. A metade de nossa biblioteca provinha do John Grei, quem assegurava que nos enviava isso para sua própria satisfação, pois além do Jamie, não conhecia nas colônias a outra pessoa capaz de manter uma discussão decente sobre literatura.

Também havia várias cartas dirigidas a ele; inspecionei-as uma a uma,

com a esperança de ver a característica letra bicuda de sua irmã, mas não houve sorte. Uma era do Ian, que nos escrevia fielmente uma vez ao mês. Do Jenny, nada; não tínhamos tido notícias dela nos seis últimos meses, desde que Jamie lhe escrevesse, relutante, para lhe informar do destino de seu filho menor.

- Como é, Jenny Murray – murmurei pelo baixo-. Perdoa-o e acabemos de uma vez!

- Hum? – Brianna tinha deixado o periódico para examinar uma carta quadrada, com o sobreceño enrugado.

- Nada, nada. O que tem aí? – Deixei as que eu tinha estado classificando para me aproximar de ver.

- É do tenente Hayes, Para que terá escrito?

Uma pequena descarga de adrenalina me esticou o estômago. Deveu notar-se em minha despreparada cara, pois Brianna deixou a carta para me olhar, franzindo as sobrancelhas.

- O que aconteceres? – inquiriu.

- Nada.

Mas já era muito tarde. Ela me olhava com um punho parecido no quadril e uma sobrancelha arqueada.

- Que mal memore, mamãe! – disse, tolerante. E sem vacilação alguma, rompeu o selo.

- Está dirigida a seu pai – assinale, embora meu protesto carecia de força.

- Sim. A outra também – replico ela, com a cabeça inclinada sobre a folha.

- Qual? – Mas minta lhe perguntava, aproximei-me de ler junto a ela.

Tenente Archibald Hayes
Postmouth, Virginia
Senhor James Fraser
Colina de Frase, Carolina do Norte
18 de janeiro de 1771

Senhor:

Escrevo-lhe para lhe informar que à presente estamos no Portsmouth, onde provavelmente deveremos permanecer até a primavera. Se conhecer você a algum capitão de mar que esteja disposto a brindar passagem ao Perth para quarenta homens, com a promessa de ser recompensado pelo Exército, uma vez que chegemos a porto, muito lhe agradeceria que me fizesse saber isso a sua mais breve comodidade.

Enquanto isso, aplicamos a diversos trabalhos, a fim de poder nos manter durante os meses de inverno. Vários de meus homens conseguiram emprego na reparação de navios, que aqui é abundante. Por minha parte, desempenho-me como cozinheiro em um botequim local, mas procuro tempo para visitar regularmente a meus homens, nos diferentes alojamentos nos que estão distribuídos, com o propósito de me inteirar de seu estado.

Faz duas noites visitei uma dessas pensões. No curso da conversação um dos homens (o recruta Ogilvie, a quem você recordará) repetiu-me uma conversação que tinha ouvido casualmente no estaleiro. Como se referia a

certo Stephen Bonnet, em quem está você interessado, segundo lembrança, transmito-lhe aqui o que soube a respeito. Conforme os informe, Bonnet parece ser contrabandista, ocupação nada estranha nesta zona. Entretanto, parece traficar com mercadoria de maior qualidade e em maior quantidade que as habituais. Como conseqüência, a natureza de suas vinculações também parece ser fora do corrente. Isto implica que certos depósitos da costa da Carolina contêm periodicamente mercadorias de características que, pelo general, não se encontram ali, e que essas visitas coincidem com os avistamentos do Stephen Bonnet nos botequins e casas de jogo clandestino próximos.

O recruta Ogilvie guarda pouca memória dos nomes especificamente ouvidos, pois não tinha conhecimento de que se tivesse interesse no Bonnet; se me mencionou o assunto foi só como informação curiosa. Um dos homens mencionado era “Butler”, conforme diz, mas não pode assegurar que esse sobrenome tivesse alguma relação com o Bonnet. Outro nome era “Karen”, mas o recruta não sabe se corresponder a uma mulher ou a um navio.

O depósito que, segundo ele supõe, é o que se mencionou na conversação de referência (embora admita francamente não estar seguro disso) encontra-se por acaso a não muita distância do estaleiro. Quando ele me teve informado desses conhecimentos, ocupei-me de passar frente a esse edifício e fazer averiguações quanto a seus donos. O edifício é propriedade conjunta de dois sócios: um tal Ronald Priestly e um tal Phillip Wylie. No momento não possuo infamación alguma concernente a um ou outro, mas continuarei investigando segundo me permita isso o tempo de que disponho.

Tendo descoberto o mencionado, fiz um esforço por cercar conversação sobre o Bonnet nos botequins locais, pró com pouco êxito. diria-se que o nome é conhecido, mas que poucos desejam falar dele.

Seu muito seguro servidor,

Archibald Hayes, tenente
67º Regimento das Terras Altas

Ainda nos envolviam os ruídos normais da casa, mas Bree e eu parecíamos nos encontrar em uma pequena borbulha de silêncio, onde o tempo se deteve abruptamente.

Resistia a deixar a carta, pois isso faria que o tempo voltasse a correr. E então deveríamos fazer algo. Mas de uma vez não desejava só deixá-la, a não ser arojá-la ao fogo e fingir que nenhuma das duas a tinha visto.

Nesse momento Jemmy rompeu a chorar no piso alto; Brianna reagiu com um coice e foi para a porta. Tudo voltou para seu leito normal.

Deixei a carta no escritório, separada das outras, e continuei classificando o resto da correspondência, para que Jamie a atendesse depois, empilhei pulcramente os periódicos e as publicações e desatei o pacote. Tal como eu supunha, era um livro: A expedição do Humphrey Clinker, do Tobías Smollett. Enrole a corda para me guardar isso no bolso. Durante todo esse tempo, no fundo de minha mente ressonava um pequeno “Agora-o que, agora-o que!”, como um metrônomo.

Brianna retornou trazendo para o Jemmy, que estava avermelhado e com as marcas da sesta na cara; obviamente, seu estado de ânimo era o de quem acordada do sonho a uma aturdida irritação pelas molestas exigências da vida consciente. Sabia como se sentia.

Bree tomou assento e se abriu a camisa para lhe dar de mamar. Os prantos cessaram como por arte de magia. Experimentei um momento de intensa melancolia por não ser capaz de fazer por ela um pouco igualmente efetivo. A via pálida, mas inteira.

Terei que dizer algo.

- Sinto muito, querida – disse-. Tratei de impedir-lhe refiro ao Jamie. Sei que ele não queria que se inteirasse; não queria preocupar-se.

- Não importa. Já sabia.

Com uma só mão, retirou um dos livros de contabilidade da pilha que Jamie tinha sobre o escritório e o sacudiu pelo lombo para fazer cair uma carta dobrada.

- Olhe isso. Encontrei-a enquanto viajavam com a tropa.

Ao ler o relato que lorde John fazia do duelo entre o Bonnet e o capitão Marsden senti algo frio debaixo do esterno. Embora não me fazia iluda sobre o caráter do Bonnet, ignorava que fora tão hábil. Sempre preferi que os criminosos perigosos sejam ineptos.

- Pensei que era a resposta e lorde John a uma pergunta casual de papai, mas vejo que não. O que opina você? – pergunto Bree. Olhei-a com atenção.

- O que opina você? – A meu modo de ver, a pessoa mais importante em todo aquilo era Brianna.

- Sobre o que? – Ela apartou os olhos de meus para a carta, logo para a cabeça do menino.

- Pois... sobre o preço do chá na China, para começar – exclamei, com certa irritação -. Mas passemos agora ao tema do Stephen Bonnet, se não te incomodar.

Resultava estranho pronunciar esse nomeie em voz alta; todos o tínhamos evitado durante meses, por acordo tácito. Ela se mordeu o lábio inferior. Manteve a vista cravada no chão um instante. Depois moveu muito levemente a cabeça.

- Não quero ouvir falar desse homem. Nem pensar nele – disse, sem alterar-se -. E se voltasse a vê-lo, poderia... poderia... – estremeceu-se violentamente. Logo levantou os olhos para mim, com brusca ferocidade, exclamando -: O que lhe passa? como pôde fazer isto?

E descarregou o punho contra sua coxa. Jemmy, sobressaltado, soltou o peito e começou a chorar.

- Refere a seu pai, não ao Bonnet.

Ela assentiu, estreitando novamente ao Jemmy contra o peito, mas o menino tinha percebido sua agitação e se retorcia. Inclinei-me para agarrá-lo e me apoiei isso contra o ombro, consolando-o com tapinhas nas costas. As mãos do Bree, já vazias, cravaram-se em seus joelhos e enrugaram o tecido da saia.

- por que não deixa ao Bonnet em paz? – Teve que elevar a voz para fazer-se ouvir por cima do pranto do bebê. Os ossos de sua cara pareciam ter trocado de posição, pelo tensa que estava a pele sobre eles.

- Porque é homem... e, além disso, escocês das Terras Altas – disse -. Em seu vocabulário não figura a expressão “Vive e deixa viver” .

O leite gotejava do mamilo à camisa. Ela se cobriu o peito com uma mão e pressionou para detê-la.

- Mas o que pensa fazer se o encontra?

- Quando o encontrar – corrija a contra gosto -. Muito me temo que não deixará de buscá-lo. Quanto ao que fará então... pois bem... suponho que o matará.

Dito desse modo adquiria um tom despreocupado, mas na verdade não havia outra maneira de expressá-lo.

- Tratará de matá-lo, quererá dizer. – Ela olhou a carta de lorde John e tragou saliva -. E se ele...?

- Seu pai tem muita experiência quanto a matar – disse tristemente -. Para falar a verdade, é muito destro nisso... embora faz tempo que não o faz.

Isso não pareceu tranquilizá-la muito. Tampouco a mim.

- América é tão grande... – murmurou, movendo a cabeça -. por que não se comprido, simplesmente?

Excelente pergunta. Jemmy soprava, esfregando furiosamente a cara contra meu ombro, mas tinha deixado de gritar.

- Eu tinha a esperança de que Stephen Bonnet tivesse o bom tino de ir fazer contrabando na China ou nas Índias Ocidentais. Mas suponho que tem vinculações aqui e não quis as abandonar. – encolhi-me de ombros.

Brianna alargou os braços para o menino, que seguia retorcendo-se como uma enguia.

- depois de tudo, ele não sabe que lhe seguem a pista Sherlock Fraser e seu companheiro lorde John Watson.

Foi um bom intento, mas lhe tremiam os lábios ao dizê-lo e voltou a morder-lhe. Embora me doía lhe causar mais preocupações, já não tinha sentido evitar o tema.

- Não, mas é muito provável que se inteire logo – disse, a contra gosto -. Lorde John é muito discreto, mas o recruta Ogilvie não. Se Jamie continua fazendo perguntas (e muito me temo que assim será) não passará muito tempo sem que todo mundo saiba de seu interesse.

Ignorava se Jamie queria descobrir logo ao Bonnet e agarrá-lo despreparado... ou se seu plano consistia em provocar, mediante suas perguntas, que o homem saísse a cara descoberta. Possivelmente tinha a intenção de chamar deliberadamente a atenção do Bonnet para que ele viesse a nós. Essa última possibilidade me afrouxou os joelhos; tive que me sentar pesadamente no tamborete.

Brianna aspirou fundo, lentamente, e exalou o ar pelo nariz; logo ficou o bebê ao peito.

- Roger sabe? Está a par desta... desta maldita vingança?

- Acredito que não – respondi -. Em realidade, estou segura. Do contrário lhe haveria isso dito, verdade?

Sua expressão se abrandou um pouco, embora em seus olhos ficava uma sombra de dúvida.

- Detesto pensar que poderia me ocultar algo assim. Ao fim e ao cabo – acusou com voz mais seca -, você me ocultou isso.

Apertei os lábios ao receber o aguijonazo.

- Disse que não queria pensar no Stephen Bonnet – observei, apartando a vista das turbulentas emoções que se refletiam em sua cara -. É natural. Eu... não queríamos te obrigar a recordá-lo.

Com certa sensação de coisa inevitável, caí na conta de que me estava deixando arrastar pelo torvelinho das intenções do Jamie, sem consentimento por minha parte. Ergui-me no tamborete para lhe cravar um olhar enérgico.

- Ouça, tampouco me parece boa idéia procurar o Bonnet, fiz quanto pude para dissuadir a seu pai. Mais ainda – acrescentei melancolicamente-, acreditava havê-lo conseguido. Ao parecer, não é assim.

Uma expressão decidida endurecia a boca da Brianna. acomodou-se melhor na cadeira.

- Pois eu o dissuadirei, sim – assegurou.

Joguei-lhe um olhar reflexivo. Se existia alguém com tanta teima e tanta fortaleza para desviar ao Jamie do caminho eleito, essa era sua filha. Mesmo assim não havia nenhuma segurança.

- Pode tentá-lo – disse, com certa dúvida.

- Não tenho direito? – Desaparecido o horror inicial, suas facções estavam novamente sob controle, frite e duras -. Não sou eu quem devo dizer se quiser... o que quero?

- Sim – reconheci. Pelo general, todo pai tende a pensar que ele também tem direito. E também os maridos. Mas possivelmente fora preferível não dizer nada.

Entre nós se fez um silêncio momentâneo, quebrado só pelos ruídos do Jemmy e os grasnidos dos corvos. Quase por impulso formulei a pergunta que me aflorava na mente.

- O que é o que quer, Brianna? Quer que Stephen Bonnet mora?

Ela me olhou; logo desviou os olhos para a janela, enquanto dava tapinhas nas costas do Jem. Não piscava. Por fim fechou brevemente os olhos e, ao abri-los, olhou-me de frente.

- Não posso – disse, em voz baixa -. Temo que, se permitir que essa ideia entre em minha mente... já não poderei pensar em nada mais, de tanto como o desejo. E por nada do mundo permitirei que... ele... arruíne-me a vida desse modo.

- Sim – continuou, com voz muito fica -. Quero que mora. Mas ainda mais quero a papai e ao Roger vivos.

O momento dos sonhos

Tal como se tinha acordado na congregação, Roger foi cantar à bodas do sobrinho do Joel MacLeod e retornou a casa com um novo tesouro, ansioso por registrá-lo em papel antes de que pudesse escapar

depois de tirá-las botas cheias de barro na cozinha e aceitar da senhora Bug uma taça de chá e um bolo de uvas passas, subiu diretamente ao estudo. Ali estava Jamie, escrevendo cartas. Saudou-o com um murmúrio distraído, mas imediatamente voltou para sua composição com uma ruga entre as densas sobrancelhas, tida cãibras e torpe a mão que sustentava a pluma.

No estudo havia uma pequena livraria de três prateleiras, que continha toda a biblioteca da Colina. As obras sérias ocupavam a prateleira superior, a prateleira do meio estava dedicado a leituras mais ligeiras, enquanto que a última prateleira continha um exemplar do Dicionário do Dr. Sam Johnson, os registros do Jamie, vários cadernos de desenho da Brianna e um volume magro, encadernado em pele de carneiro, no que Roger registrava a letra das canções e poemas desconhecidos que aprendia em ceilidhs e à beira dos lares.

Ocupou um tamborete ao outro lado da mesa que Jamie utilizava como escritório e cortou uma pluma nova para o trabalho, com muito cuidado; queria que esses registros fossem bem legíveis. Não sabia exatamente para que podia servir essa coleção, mas tinha a avaliação instintiva do erudito gravado pela palavra escrita. Embora só fora para seu próprio uso e prazer, gostava de pensar que também podia deixar algo à posteridade; por isso se tomava a moléstia de escrever com clareza e documentar as circunstâncias nas que tinha adquirido cada canção.

Quando terminou, um quarto de hora depois, com a cabeça gratamente vazia, se desperezou para aliviar a dor dos ombros. Enquanto esperava a que a tinta se secasse para guardar o livro, retirou da última prateleira um dos cadernos da Brianna.

A ela, não lhe incomodaria que o visse; havia-lhe dito que podia fazê-lo quando quisesse. Mas ao mesmo tempo só lhe ensinava aqueles desenhos com os que estava agradada ou os que fazia especialmente para ele.

Passou as páginas do caderno, com essa mescla de curiosidade e respeito que se experimenta ao espiar nos mistérios, desejoso de captar pequenas visões de sua mente.

Em esse havia muitos esboços do bebê. deteve-se observar um, apanhado pela lembrança. Mostrava ao Jemmy dormido, de costas ao observador, com o corpo curvado em uma vírgula. A seu lado esta Adso, o gato, acurrucado de maneira similar, com o queixo apoiado no pé gordinho do Jemmy; seus olhos, ranhuras de comatosa bem-aventurança. Ele recordava essa cena.

Brianna desenhava ao Jemmy com frequência (em realidade, quase todos os dias), mas estranha vez de frente.

- É que os bebês não têm cara – lhe havia dito, observando criticamente a sua vergôntea, que roía com empecinamento uma correia de couro.

- Que não? E o que é isso que têm no centro da cabeça? – Lhe sorriu do chão, onde estava tendido com o menino e o gato, o qual facilitou que Brianna o olhasse com o nariz em alto.

- Estritamente falando, digo. Certamente que têm cara, mas todos são parecidos.

- Sábio é o pai que conhece seu filho, não? – brincou ele. Mas se arrependeu imediatamente ao ver a sombra que nublava os olhos do Bree. Passou com a celeridade de uma nuvem no verão, mas mesmo assim tinha existido. Ela afinou o lápis-carvão com a folha de seu canivete.

- Do ponto de vista plástico, não – explicou -. Não têm ossos visíveis. E são os ossos os que se utilizam para dar forma à cara; sem ossos não há muito que ver ali.

Com ossos ou sem eles, tência uma notável habilidade para captar os matizes de expressão. Roger sorriu ante um esboço: a cara do Jemmy tinha a expressão fechada e inconfundível de quem está concentrado na produção de um fralda realmente espantoso.

além dos apontamentos do Jemmy havia várias páginas que pareciam diagramas de engenharia. Como esses não lhe interessavam muito, guardou o caderno e tirou outro. Notou em seguida que não eram apontamentos. As páginas estavam cobertas com a escritura pulcra e angulosa da Brianna. Ele passou as páginas com curiosidade; não era um jornal propriamente dito, a não ser um registro de seus sonhos.

Ontem à noite sonhei que me barbeava as pernas.

Roger sorriu ante a intrascendencia do comentário, mas ao imaginá-las pantorrilhas da Brianna, largas e brilhantes, continuou lendo.

Usava a navalha de papai e sua nata de barbear; pensava que ele protestaria ao descobri-lo, mas isso não me preocupava. A nata de barbear vinha em uma lata branca com letras vermelhas, que dizia Old Spice na etiqueta. Não sei se existiu alguma vez uma nata de barbear assim, mas papai sempre cheirava ao Old Spice já defumo de cigarro. Ele não fumava, mas a gente com a que trabalhava sim, e suas jaquetas sempre cheiravam como o salão depois de uma festa.

Roger se encheu os pulmões, consciente pela metade dos aromas que recordava; pão recém assado, chá, cera para móveis e amônia. Ninguém fumava nas decorosas reuniões que se celebravam no salão da casa solariega; entretanto, as jaquetas de seu pai também cheiravam a fumaça. Passou a página, com inexprimível culpabilidade por essa intromissão, mas sem poder resistir ao impulso de penetrar na intimidade de seus sonhos, de conhecer as imagens que enchiam sua mente dormida.

As notas não tinham data, mas todas começavam com as mesmas palavras: “ Ontem à noite sonhei...”

Ontem à noite sonhei que chovia. Não é estranho, pois na realidade estava chovendo não amainou em dois dias. Essa manhã, quando foi asa letrina, tive que saltar por cima de um enorme atoleiro formado junto à porta e me afundei até os tornozelos no sítio brando que está junto às amoras.

Ontem à noite nos deitamos com a chuva castigando o telhado. Que grato era acurrucarse junto ao Roger, estar abrigada na cama depois de um

dia úmido e gelado! Pela chaminé entravam gotas de chuva que vaiavam no fogo. Contamo-nos anedotas de nossa juventude; possivelmente dali surgiu o sonho, de ter pensado no passado.

Não há muito que contar, salvo que eu olhava por uma janela de Boston; via passar os carros, que levantavam grandes cortina de água, e ouvia o sussurro de suas cobertas na rua molhada. Quando despertei ainda ouvia esse ruído com tanta claridade que fui olhar pela venda; quase esperava me encontrar com uma rua transitada, cheia de carros que sussurrassem na chuva. Foi uma surpresa ver piceas, castanhos, ervas silvestres e trepadeiras, e não ouvir mais que o suave repico das gotas que ricocheteavam e se estremeciam nas folhas.

Tudo estava tão verde, tão viçoso e crescido, que parecia uma selva ou um planeta estranho, algum lugar que eu não conhecia, no que nada podia reconhecer, embora o vejo todos os dias.

Passei-me o dia ouvindo o secreto sussurro das cobertas na chuva, algo por detrás de mim.

Culpado, mas fascinado, Roger voltou a página.

Ontem à noite sonhei que conduzia meu carro. Era meu Mustang azul. Ia depressa por uma rota lhe serpenteiem, através das montanhas; destas. Nunca conduzi por estas montanhas, embora sim pelas de Nova Iorque. Mas sabia que estava aqui na Colina.

Foi tão real! Ainda sinto o cabelo agitado pelo vento, o volante em minhas mãos, a vibração do motor e o rumor das rodas contra o pavimento. Mas essa sensação, assim como o carro, é impossível. Já não pode passar em nenhuma parte, salvo em minha cabeça. Não obstante está ali, incrustada nas células de minha memória, tão real como a letрина ali fora.

De qualquer modo, essa parte (a de conduzir) provém de uma lembrança conhecida. Mas o que tem que os sonhos, igualmente vividos e reais, de coisas que não conheço em meu eu acordado? Acaso alguns sonhos são lembranças de coisas que ainda não aconteceram?

Ontem à noite sonhei que fazia o amor com o Roger.

Tinha estado a ponto de fechar o livro, pois essa intromissão o havia sentir-se culpado. Naquele momento, o sentimento de culpa seguia presente, e era muito, mas não o suficiente para conter sua crescente curiosidade. Jogou uma olhada nervosa à porta, mas a casa parecia tranqüila; as mulheres transportavam na cozinha e não se via ninguém perto do estudo.

Ontem à noite sonhei que fazia o amor com o Roger.

Foi estupendo. Por uma vez não pensava, não era como se observasse desde fora, como sempre me passava. De fato, durante muito tempo não tive sequer consciência de meu mesma. Só existia essa... essa coisa excitante, selvagem. Eu era parte dela e Roger também, mas não havia ele ou eu: somente nós.

O curioso é que era Roger, mas ao pensar nele eu não lhe dava esse nome. Era como se tivesse outro, um nome secreto, o verdadeiro. E eu o conhecia.

(Sempre pensei que todos temos esse tipo de nome, algo que não é uma palavra. Eu sei quem sou eu. E quem quer que seja, não se chama “ Brianna” . Sou eu, simplesmente. “ Eu” funciona bem como substituto do que quero dizer, mas como escreve o nome secreto de outra pessoa?)

O fato é que conhecia o verdadeiro nome do Roger; ao parecer, por isso o nosso funcionava. E funcionava de verdade. Não o pensei, não me interessou. Tão somente ao final me disse. “Né, está acontecendo!”

Então aconteceu; tudo se dissolveu, tremendo e palpitando...

Ali tinha tachado o resto da linha; na margem havia uma pequena nota cruzada que dizia:

depois de todo nenhum dos autores que tenho lido pôde tampouco descrevê-lo!

em que pese a sua assombrada fascinação, Roger riu em voz alta. conteve-se imediatamente e jogou um olhar pressuroso a seu redor, para ver se ainda estava sozinho. Na cozinha se ouviam ruídos, mas nenhum no corredor. Seus olhos voltaram para a página como imagens de ferro a um ímã.

No sonho tinha os olhos fechados e esta tendida ali, ainda percorrida por pequenas descargas elétricas. Ao abrir os olhos vi que quem estava dentro de mim era Stephen Bonnet.

Foi uma impressão tão forte que despertou. Pensei que tinha gritado, pois tinha a garganta irritada, mas não era possível; Roger e o menino dormiam profundamente. Sentia-me acalorada até o ponto de suar, mas também tinha fritou e o coração me palpitava com força. Passou muito tempo antes de que todo se tranqüilizasse o suficiente para voltar a conciliar o sonho. Os pássaros cantavam.

Em realidade foi isso o que me permitiu que dormisse outra vez: os pássaros. Papai (agora que o penso também meu outro pai) disse-me que os arrendajos e os corvos lançam gritos de alarme quando alguém se aproxima, mas as aves cantoras deixam de cantar. portanto, se estiver em um bosque deve estar alerta a isso. Com tanto bulício como havia nas árvores que rodeiam a casa, compreendi que estava a salvo, que ali não havia ninguém.

Ao pé da página havia um pequeno espaço em branco. Roger passou página, com as Palmas suarentas e o pulsar do coração forte em seus ouvidos. A anotação se reatava na parte de acima. Até então a escritura tinha sido fluída, quase precipitada, com as letras aplanadas ao correr através da página. Ali estava formadas com mais esmero, redondas e erguidas, como se tivesse passado o primeiro impacto da experiência e ela voltasse a refletir, com teimada cautela.

Tratei de esquecê-lo, mas não resultou. Aquilo insistia em voltar para minha mente. Por fim saí a sós para trabalhar no abrigo das ervas. Quando vou ali, mamãe se ocupa do Jemmy, para que não estorve isso me assegurava que estaria a sós. Sentei-me em meio de todos esses ramalhetes pendurados, com os olhos fechados, e tratei de recordar todos os detalhes. Dos diferentes momentos, pensava: “Isso está bem” ou “Isso é tão somente um sonho” Porque Stephen Bonnet me assustava; sentia-me chateada ao pensar no final, mas em realidade queria recordar como era. O que sentia e como o fiz. Assim talvez possa repeti-lo com o Roger.

Mas ainda tenho esta sensação de que não poderei, a não ser que recorde o nome secreto do Roger.

Ali termina a anotação. Os sonhos continuavam na página seguinte, mas Roger não leu mais. depois de fechar o livro com muito cuidado, voltou a pô-lo na prateleira, detrás dos outros. Passou um momento de pé frente à

janela, esfregando inconscientemente as mãos suarentas contra as costuras de suas calças.

QUINTA PARTE

Melhor casados que no inferno

39

Na gruta de cupido

Crie que compartilharão o leito?

Jamie não tinha elevado a voz, mas tampouco fez nenhum esforço por baixá-la. Por sorte estávamos em um extremo da terraço, onde o casal nupcial não podia nos ouvir. Não obstante, várias cabeças se voltaram para nós.

Ninian Bell Hamilton nos olhava. Dediquei-lhe um sorriso ao ancião escocês, agitando meu leque fechado a modo de saudação, enquanto dava a meu marido uma cotovelada nas costelas.

- Bonita coisa para que um sobrinho respeitoso pense de sua tia! – disse-lhe pelo baixo.

Ele ficou fora de meu alcance e arqueou uma sobrancelha.

- O que tem que ver o respeito com isto? Já estarão casados. E os dois cumpriram de sobra a maioria de idade – acrescentou, com um grande sorriso dirigido ao Ninian, que se havia posto vermelho por tentar sufocar a risada. Eu ignorava a idade do Duncan Innes, mas lhe calculava uns cinqüenta e cinco anos. Quanto a Yocasta, a tia do Jamie, devia lhe levar pelo menos dez.

por cima das cabeças da multidão podia ver a cabeça da Yocasta, que aceitava graciosamente as saudações de amigos e vizinhos ao outro lado da terraço. Era uma mulher alta, e levava um vestido de lã de cor avermelhada; com uma elegante touca de encaixe branco a modo de coroa sobre a proeminente estrutura óssea dos Mackenzie, flanqueavam-na enormes floreiros de pedra com varas de ouro seca; Ulises, o mordomo negro, montava guarda junto a seu ombro, muito digno com sua peruca e seu librea verde. Era, inegavelmente, reina-a da Plantação River Run. Pu-me nas pontas dos pés, procurando a seu consorte.

Até que Duncan era algo mais baixo que Yocasta, também teria que ser visível de ali. Eu o tinha visto antes, vestido com os ornamentos das Terras Altas; seu aspecto era deslumbrante, embora muito tímido. Estirei o pescoço, me aferrando do braço do Jamie para não perder o equilíbrio. Ele me sujeitou pelo cotovelo.

- Que buscas, Sassenach?

- Ao Duncan. Não deveria estar com sua tia?

A simples vista, nade teria adivinhado que Yocasta era cega, que os grandes floreiros serviam para orientá-la e que Ulises estava ali para lhe sussurrar ao ouvido o nome de quem se aproximava. Vi que sua mão esquerda subia a tocar o ar vazio e se retirava. Não obstante sua cara não se alterou; saudou o juiz Henderson, com um sorriso e lhe disse algo.

- Pode ter fugido antes da noite de bodas? – sugeriu Ninian, levantando o queixo e as sobrancelhas em um esforço por olhar sobre a multidão, sem levantar-se-. A mim, em seu lugar, a perspectiva me poria algo nervoso. Sua tia é simpática, Fraser, mas se queria poderia lhe congelar os cojones ao rei do Japão.

Jamie contraiu a boca.

- Duncan poderia estar em apuros, por qualquer motivo – comentou -. Esta manhã foi quatro vezes ao desculpado.

Ante isso fui eu quem arqueou as sobrancelhas. Duncan padecia de constipação crônica. De fato eu havia lhe trazido um pacote de folhas de sena e raízes de cafeto, face aos grosseiros comentários do Jamie sobre o que se devia dar de presente nas bodas. O noivo devia estar mais nervoso do que eu pensava.

- Não acredito que suponha nenhuma surpresa para minha tia, que já teve três maridos – disse Jamie, respondendo a um murmúrio do Hamilton -. Para o Duncan, em troca, será a primeira vez. Isto assusta a qualquer. Recordo minha própria noite de bodas...

Olhou-me com um grande sorriso. Eu senti que o calor subia às bochechas. Eu também a recordava... muito vividamente.

- Não crie que faz muito calor aqui? – Desdobrei meu leque em um arco de encaixe cor marfim para agitá-lo contra minhas bochechas.

- Seriamente? – se estranhou ele, sempre sorridente -. Não me tinha precavido.

- Duncan sim – interveio Ninian. E franziu os lábios enrugados para conter a risada -. A última vez que o vi suava como um pudim cozido ao vapor.

Aquele dia de março era claro e luminoso; pela casa, a terraço, o prado e o jardim pululavam os convidados à bodas, luzindo seus ornamentos como mariposas fora de temporada. As núpcias da Yocasta seriam o acontecimento social do ano, no que à sociedade de Cape Fear concernia. Calculei não menos de duzentos convidados, que provinham de sítios tão distantes como Halifax e Edenton.

Ninian baixou a voz para dizer algo ao Jamie, em gaélico, ao tempo que me olhava de esguelha. Meu marido respondeu com um comentário de elegante fraseologia, mas contido extremamente grosseiro, e me sustentou meigamente o olhar, enquanto o cavalheiro maior se afogava de risada.

Em realidade, naquela época eu entendia o gaélico bastante bem, mas há ocasiões em que mais vale a discrição que o valor. Estendi meu leque para dissimular minha expressão. Em realidade se requeria alguma prática para conquistar a elegância do leque, mas resultava uma ferramenta social muito útil para quem, como eu, padecia a maldição de uma cara transparente. Não obstante, até os leques têm seus limites.

Voltei as costas a essa conversação, que ameaçava degenerando ainda mais, e inspecionei os arredores em busca do noivo ausente. Possivelmente Duncan estivesse realmente doente, e não só dos nervos. Nesse caso devia lhe jogar uma olhada.

- Fedra! Viu esta manhã ao senhor Innes?

A criada da Yocasta, que passava voando carregada de toalhas, deteve-se abruptamente.

- Não o vi do café da manhã, senhora – respondeu, movendo a cabeça, pulcramente coberta por uma touca.

- Que aspecto tinha? Comeu bem?

- Não, senhora, nem um bocado. – Fedra enrugou a suave frente, pois estava afeiçoada com o Duncan. – A cozinheira tratou de tentá-lo com um rico ovo revolto, mas ele se limitou a mover a cabeça. Estava muito pálido. Isso sim bebeu uma taça de ponche de rum – acrescentou, como se a idéia a animasse um pouco.

- Sim isso lhe assentará o estômago – comentou Ninian, que o tinha ouvido. – Não se preocupe, senhora Claire; Duncan estará bem. – Fez-me uma reverência e continuou para as mesas instaladas baixo os mastreie.

Brianna, radiante com seu vestido azul, como o céu primaveril, estava de pé junto a uma das estátuas de mármore que adornavam o prado, com o Jemmy sobre o quadril, enfrascada em sua conversação com o Gerald Forbes, o advogado. Ela também levava um leque, mas lhe estava dando um uso melhor que o habitual: Jemmy se tinha dado procuração dele e mascava a manga de marfim, com uma expressão de concentração na carita corada.

Claro que Brianna não necessitava tanto como eu dominar a técnica do leque, pois tinha herdado do Jamie a habilidade de esconder todos seus pensamentos depois de uma máscara de grata doçura. Nesse momento a levava posta; isso me deu uma idéia da opinião que lhe merecia o senhor Forbes. E Roger, onde estaria? Algo mais cedo o tinha visto com ela.

Quando quis perguntar ao Jamie o que opinava sobre essa epidemia de maridos desaparecidos, descobri que ele se contagiou. Jamie tinha desaparecido entre a multidão. Girei devagar, buscando-o com a vista pela terraço e os prados mas não havia sinais dele entre a multidão. Como o fulgor do sol me fazia entreabrir os olhos, usei uma mão a modo de viseira.

depois de tudo, meu marido não era dos que passam despercebidos. Como todo escocês com sangue de gigantes vikings nas veias, era tão alto que sua cabeça e seus ombros apareciam por cima da maioria; seu cabelo captava o sol como bronze gentil. Se por acaso fora pouco, esse dia se pôs seus melhores ornamentos: uma manta de tartân negro e carmesim, a jaqueta e o colete cinzas e os meias três-quartos mais vistosos que jamais levassem as pantorrilhas de um escocês. Deveria destacar como uma mancha de sangue sobre um algodão limpo.

Não o via, mas divisei uma cara familiar. Desci da terraço para me abrir passo entre os grupos de convidados.

- Senhor MacLenan!

Ele se voltou para mim com expressão de surpresa, mas imediatamente sorriu cordialmente.

- Senhora Fraser!

-Que prazer vê-lo! – dava-lhe a mão -. Como está você’

Lhe via muito melhor que a última vez; limpo e arrumado, com traje escuro e um chapéu singelo. Mesmo assim tinha as bochechas afundadas e uma sombra detrás dos olhos, que nem sequer desapareceu com o sorriso.

- Pois... bastante bem, senhora. Bastante bem.

- Não está...? onde vive agora? – Era mais delicado que perguntar: Como é que não está no cárcere? Como não era tolo, respondeu às duas perguntas.

- É que seu marido teve a amabilidade de escrever ao senhor Ninian –

assinalou com a cabeça a magra figura do Hamilton, que estava encetado em uma acalorada discussão – e lhe explicou minhas dificuldades. Este cavalheiro é grande amigo da Regulação.... e também do juiz Henderson.

Moveu a cabeça, com os lábios cavados em um gesto de desconcerto.

- Não saberia dizer como foi, mas o senhor Ninian foi recolher me ao cárcere e me levou a sua própria casa. E ali estou na atualidade. foi muito bondoso. – Falava com evidente sinceridade, mas também com certa abstração. Logo ficou em silêncio.

Eu continue passeando pelo prado e intercambiando saudações com os conhecidos por cima de meu leque. Alegrou-me ter visto novamente ao Abel e comprovar que estava bem, ao menos fisicamente, mas não podia negar que me provocava certo calafrio. Tinha a sensação de que pouco lhe importava onde residisse seu corpo: seu coração tinha ficado na tumba de sua esposa.

Perguntei-me para que teria o trazido Ninian. As bodas lhe fariam recordar a sua, como a todo mundo.

Embora o sol se elevou o suficiente para enfraquecer o ar, estremeci-me. O pesar do MacLenan me recordava muito aos dias posteriores ao Culloden, quando eu tinha retornado a meu próprio tempo, convencida de que Jamie tinha morrido. Conhecía muito bem essa inércia do coração, a sensação de caminhar como sonâmbulo através dos dias, o jazer na noite sem descanso, com os olhos abertos, em um vazio que não era a paz.

A voz da Yocasta flutuou da terraço, chamando o Ulises. Tinha perdido a três maridos e agora estava a ponto de tomar um quarto. Por cega que fora, em seus olhos não havia inércia. Significava isso que nenhum de seus maridos lhe tinham interessado muito? Ou só que era uma mulher muito forte, capaz de sobrepor uma e outra vez?

Eu também o tinha feito uma vez... pela Brianna. Mas Yocasta não tinha filhos, ao menos agora. Acaso os tinha tido em outros tempos? Tinha afastado a dor de um coração destroçado para viver por um filho?

Sacudi-me, tratando de dissipar esses pensamentos melancólicos. depois de tudo, a ocasião e o dia eram para celebrar. Os discos do bosquecillo estavam em flor; mirlos e cardeais em zelo revoavam entre eles como papel picado, enlouquecidos pelo cortejo.

- Pois claro!- dizia uma mulher com tom de autoridade. - mas se compartilharem a casa há meses!

- Sim, é certo – confirmou uma de suas companheiras, com ar de dúvida. – Per ninguém o diria ao vê-los. Mulher, se apenas se olharem! Quero dizer... Claro que ela não pode olhá-lo, cega como esta, mas qualquer diria...

Os pássaros não eram os únicos, pensei, divertida. Em toda a reunião reinava um efeito de seiva em ascensão. Na terraço se viam grupos de moças que fofocavam como galinhas, enquanto os homens se passeavam com ar de indiferença frente a elas, vistosos como perus reais com suas roupas de festa. Não seria surpreendente que dessa celebração resultassem uns quantos compromissos.. e mais de um embaraço. Havia sexo no ar; percebia-se sob as embriagadoras fragrâncias das flores primaveris e a comida.

Estava livre de melancolias, mas ainda sentia a forte necessidade de

encontrar ao Jamie.

Percorri todo o prado, por um lado e pelo outro, sem ver sinais dele entre a casona e o mole, onde os escravos com librea ainda recebiam aos últimos convidados, que chegavam pelo rio. Entre os que ainda faltavam (e levava muito atraso, por certo) encontrava-se o sacerdote que devia celebrar as bodas.

O pai LeClerc era jesuíta; viajava desde Nova Orleans a uma missão próxima ao Quebec quando Yocasta o seduziu com uma substancial doação à Companhia do Jesus, apartando-o do estrito atalho do dever. Embora o dinheiro não comprasse a felicidade, era um artigo bastante útil.

Ao jogar uma olhada em direção oposta, fiquei petrificada. Ronnie Campbell, a um lado, fez-me uma reverência; elevei meu leque a modo de resposta, mas estava muito distraída para lhe falar. Embora não tinha encontrado ao Jamie, acabava de ver o provável motivo de seu abrupto desaparecimento. Farquard Campbell, o pai do Ronnie, subia pelo prado do embarcadero, acompanhado por um cavalheiro que vestia as cores vermelha e cervo do exército de sua majestade; seu segundo companheiro luzia o uniforme da marinha: era o tenente Wolff.

Vê-lo foi uma desagradável surpresa. O tenente Wolff não era meu personagem favorito. Em realidade, não era querido por ninguém que o conhecesse.

Farquard Campbell me tinha visto e vinha para mim entre a multidão, com as forças armadas a reboque. Levantei meu leque e realizei os ajustes faciais necessários para uma conversação cortês.

O outro militar lhe jogou uma olhada, mas seguiu responsabilmente detrás do Farquard. Eu estava segura de não conhecê-lo. Da partida do último regimento escocês, durante o outono, era estranho ver uma jaqueta vermelha na colônia. Quem podia ser este?

Uma vez fixas as facções no que pretendia ser um simpático sorriso, inundei-me em uma reverência formal, estendendo minhas saias bordadas para as luzir melhor.

- Senhor Campbell... - Olhei com dissimulo detrás dele, mas felizmente o tenente Wolff tinha desaparecido em busca de sustento alcoólico.

- A seu serviço, senhora Fraser.- Farquard respondeu dobrando graciosamente os joelhos.

Ele também olhou sobre meu ombro, com leve gesto de intriga.

- Pareceu-me ver... Acreditava ter visto seu marido junto a você.

- OH, pois... acredito que terá ... que se ausentou. - Desviei delicadamente o leque para as árvores, onde se levantavam as letreiras, separadas da casa a uma distância prudente e por um biombo de pequenos pinheiros brancos.

- Ah, compreendo, sim - pigarreou Campbell. Logo indicou ao homem que o acompanhava. -Senhora Fraser, me permita lhe apresentar ao maior Donald MacDonald.

Era um cavalheiro de nariz aquilino, pelo resto bastante arrumado, de uns trinta e oito anos.

- A seu serviço, senhora. - MacDonald se inclinou com muita elegância.

- Posso lhe expressar o bem que lhe sinta essa cor?

- Pode - disse, me relaxando um pouco. - Obrigado.

- O major acaba de chegar ao Cross Creek. Assegurei-lhe que esta seria a melhor oportunidade para estabelecer relação com seus compatriotas e familiarizar-se com a zona. – Farquard assinalou a terraço com um gesto, que abrangia a um Quem é Quem da sociedade escocesa residente em Cape Fear.

- E por certo – disse o major, muito cortês-, não ouvi tantos sobrenomes escoceses desde minha última viagem ao Edimburgo. O senhor Campbell me há dito que seu marido é sobrinho da senhora Camero... ou a senhora Innes, deveria dizer.

- Se. A apresentaram já? – Olhei para o outro lado da terraço. Ainda não havia sinais do Duncan, muito menos do Roger ou Jamie. Demônio! Onde estavam todos Reunidos na letrina para uma conferência cúpula?

- Não, mas estou desejoso de lhe apresentar meus cumpridos. O defunto senhor Cameron era meio parente de meu pai, Robert MacDonald, do Stornoway. – Inclinou respetuosamente a peruca em direção à pequena construção de mármore branco que se levantava um extremo: o mausoléu que albergava os restos do Hector Cameron. – por acaso, seu marido têm alguma vinculação com os Fraser do Lovat?

Grunhi para meus adentros ao reconhecer a telaraña escocesa que estava tecendo e mantive um olho alerta durante todo o interrogatório, mas Jamie se evaporou.

Farquard Campbell, que não era mau jogador, por certo, parecia estar desfrutando com essa partida verbal; seus olhos brunos foram do major a mim, com expressão divertida. A diversão se converteu em surpresa ao terminar eu uma análise bastante confusa da linhagem do Jamie por via paterna, em resposta ao perito catecismo do major.

- O que o avô de seu marido era Simon, lorde Lovat? – exclamou. - A Velha Raposa?

Tinha elevado a voz com certa incredulidade.

- Pois... se – confirmei, algo intranquã. – Supus que você saberia.

- Homem! – disse Farquard. Sabia, sim, que Jamie era jacobita perdoado, mas ao parecer Yocasta não tinha mencionado sua estreita vinculação com a Velha Raposa, executado como traidor por seu papel na sublevação do Estuário. Nessa ocasião, a maioria dos Campbell tinham combatido pelo bando do governo.

- Se – disse MacDonald, sem emprestar atenção à reação do Campbell, com o sobrelenho um pouco franzido pela concentração. – Tenho a honra de conhecer um pouco ao atual lorde Lovat. Entendo que o título lhe foi devolvido, verdade?

E se dirigiu ao Campbell:

- Refiro ao Simon o Jovem, que armou um regimento para lutar contra os franceses em... o ano cinqüenta e oito? Não: no cinqüenta e sete, sim. Homem galhardo e excelente soldado. E deveria ser o sobrinho de seu marido? Não; seu tio.

- Meio tio – esclareci. O velho Simon se casou três vezes e não ocultava a seus bastardos, entre os quais se contava o pai do Jamie. Mas não havia necessidade de assinalá-lo.

MacDonald assentiu, com a cara iluminada pela satisfação de ter tudo em ordem. a do Farquard se relaxou um pouco ao saber que a reputação

familiar estava tão reabilitada.

- Papista, certamente – acrescentou MacDonald -, mas excelente soldado, apesar disso.

- E falando de soldados - interrompeu-o Campbell-, sabe você...?

Lancei um suspiro de alívio que fez ranger as ataduras de meu espartilho, pois o cavalheiro guiou brandamente à major à análise de algum acontecimento militar passado. Ao parecer MacDonald não estava em ativo, a não ser retirado e percebendo a metade do pagamento, como tantos outros. A menos que a Coroa requeresse de seus serviços, estava em liberdade de farejar pelas colônias em busca de ocupação. A paz era dura para os militares de carreira.

Farquard Campbell levava algum tempo falando sem que eu tivesse a menor ideia do que havia dito. Ao ver meu desconcerto sorriu com certa ironia.

- Devo ir apresentar meus respeitos a outras pessoas, senhora Fraser – disse. – Se me permitir isso, deixarei-a na excelente companhia do major.

O major, assim abandonado a minha presença, procurou algum tema de conversação adequado e caiu na pergunta mais comum entre as pessoas que acabam de conhecer-se.

- Você e seu marido, levam muito tempo na colônia, senhora?

- Não muito – respondi, bastante cautelosa -. Uns três anos. Em um lugar chamada Colina do Fraser.

- Ah, sim, ouvi-o mencionar.

Um músculo se contraiu em sua boca; perguntei-me, intranquã, o que lhe teriam comentado. O alambique do Jamie era um segredo a vozes nos territórios apartados e entre os colonos escoceses de Cape Fear(mais ainda, diante de nós, junto aos estábulos, havia vários tonéis de uísque sem envelhecer que constituíam o presente de bodas do Jamie), mas eu confiava em que não o fora tanto como para que um militar recém-chegado já tivesse sabido dele.

- me diga, senhora Fraser... – depois de uma breve vacilação se lançou de cabeça. - Há muita atividade dos reguladores em sua zona?

- OH... né... não, não muita.

Desviei um olhar, cautelosa para o mausoléu do Hector Cameron, onde Hermon Husband, com o traje cinza escuro dos quaisquer, destacava-se como um borrão contra o puro mármore branco.

- Agrada-me sabê-lo, senhora – disse MacDonald -. Estão vocês bem informados nesse lugar tão remoto?

- Não muito. Né... bonito dia verdade? Este ano tivemos muita sorte com o clima. teve você uma viagem cômoda? Vir desde o Charleston neste momento do ano... o barro...

- É claro que sim, senhora, sofremos algumas pequenas dificuldades, mas não mais que...

- Enquanto falava, o major me avaliava abertamente, apreciando o corte e a qualidade de meu vestido, as pérolas que levava no pescoço e nas orelhas (emprestadas pela Yocasta) e os anéis de meus dedos. Eu conhecia esse tipo de olhares; não havia nela rastro algum de libertinagem nem de sedução. Simplesmente, estava julgando minha posição social, assim como a prosperidade e influência de meu marido.

Isso não me ofendeu. depois de todo eu estava fazendo o mesmo com ele.

- me diga, senhora Fraser... – começou o major.

- Não me insulta só , senhor, a não ser a todos os homens honoráveis aqui presente!

A voz aguda do Ninian Bell Hamilton ressonou em uma pausa da conversação geral. Todas as cabeças do prado giraram para ele.

Estava frente a frente com o Robert Barlow, homem ao que me tinham apresentado um momento antes.

- Reguladores, chama-os você? Bagunceiros e presidiários! E você sugere que essa chusma tem sentido da honra?

- Não o sugiro! Afirmo-o como realidade, e como tal o defenderei!

O ancião cavalheiro, muito erguido, meço em busca de sua espada. Felizmente não ia armado, assim que lhe atirou um chute no traseiro. Pego por surpresa, Barlow perdeu o equilíbrio e caiu a quatro patas.

Eu procurava freneticamente ao Jamie... ou ao Roger... ou ao Duncan. Condenados homens! Onde se tinham metido?

Buchanan, um dos genros do Hamilton, avançava decididamente por entre a multidão, já com intenção de apartar a seu sogro do Barlow, já para assisti-lo em seu intento de assassinar ao homem.

- OH! Demônios – murmurei. – me sustente isto. – depois de plantar meu leque em mãos do maior MacDonald, recolhi minhas saias, dispostas a vadear no alvoroço assim que decidisse a quem golpearia primeiro (e onde) para obter o maior efeito.

- Quer você que os detenha?

O major, que desfrutava de do espetáculo, pareceu decepcionado ante a perspectiva, mas também resignado a cumprir com seu dever. Ante meu surpreso gesto de afirmação, desencapou a pistola, apontou-a ao céu e disparou ao ar.

O estalo foi o bastante ruidoso para sossegar momentaneamente a todos. Os combatentes ficaram petrificados. Em meio dessa pausa, Hermon Husband se abriu passo para o lugar da cena.

- Amigo Ninian – disse cordialmente -, amigo Buchanan, me permitam.

Asíu ao ancião escocês por ambos os braços para levantá-lo em voo, separando o do Barlow. Logo cravou no James Hunter um olhar de advertência. O homem emitiu um audível “ Hum” , mas se retirou alguns passos.

- Seu leque, senhora Fraser...

Arranco de minha avaliação do conflito, descobri que o maior MacDonald me oferecia isso cortesmente, muito agradado consigo mesmo.

- Obrigado. – Olhei-o com certo respeito. – me diga maior, sempre leva consigo uma pistola carregada?

- foi um descuido, senhora – respondeu meigamente -, mas possivelmente afortunado, verdade? Senhora Fraser, quem é esse indivíduo mau barbeado? Parece homem de guelra, em que pese a suas maneiras deficientes, é possível que agora ele seja quem se ateia a golpes?

Dava-me a volta. Hermon Husband estava frente a frente com o Barlow.

- Hermond Husband é qualquer – expliquei, em tom de leve recriminação. – Não , ele não recorrerá à violência. Só às palavras.

Muitíssimas palavras. Barlow tratava de interpor suas próprias opiniões, mas Husband, sem lhe emprestar atenção, emprestava seus argumentos com tanto entusiasmo que das comissuras de sua boca voavam gotas de saliva.

- Sobre o que discutem? – perguntou MacDonald, que presenciava o intercâmbio com interesse. - Sobre religião?

Eu não estava muito disposta a examinar em detalhe a retórica da Regulação, mas fiz o possível por brindar ao MacDonald uma superficial vista geral da situação.

- ... e portanto, o governador Tryon se viu obrigado a organizar a tropa para combater aos reguladores, mas eles se retiraram – concluí. – Ainda assim, não abandonaram suas exigências.

- Compreendo – disse MacDonald, interessado.- Farquard Campbell me falou desse movimento subversivo. Diz você que o governador ordenou uma tropa e poderia fazê-lo outra vez. Quem dirige suas tropas, senhora?

- Hum... acredito que o general Waddell, Hugh Waddell, está à frente de várias, companhias. Mas o corpo principal estava ao mando do governador em pessoa, que foi militar.

- Seriamente? – O major parecia muito interessado; em vez de embainhar a pistola, acariciava-a distraidamente -. Campbell me disse que seu marido recebeu uma grande extensão de terras em território despovoado. Por acaso, é íntimo do governador?

- Eu não diria tanto- respondi secamente. – Mas sim que conhece governador.

O rumo que tinha tomado a conversação me inquietava um pouco. Em termos estritos, era ilegal que os católicos recebessem da Coroa terras nas colônias. Eu ignorava se o maior MacDonald estava informado disso, mas obviamente devia imaginar que Jamie era católico, jogo de dados seus antecedentes familiares.

- você crie que seu marido poderia me apresentar, estimada senhora?– os pálidos olhos azuis brilhavam de especulação; súbitamente compreendi o que é o que tentava.

- Poderia ser – respondi, precavida. Não via motivos pelos que Jamie pudesse opor-se a lhe dar uma carta de apresentação para o Tryon. E na verdade eu estava em dívida com esse homem por ter evitado uma rixa a grande escala. – Terá você que discuti-lo com meu marido, mas será um prazer lhe falar por você.

- estarei-lhe eternamente agradecido, senhora. – depois de embainhar a pistola se inclinou para minha mão. Ao erguer as costas jogou uma olhada por cima de meu ombro. – Com sua permissão, senhora Fraser, já devo me retirar, mas confio conhecer muito em breve a seu marido.

O major se afastou para a terraço. Ao me voltar, vi que Hermon Husband se aproximava de grandes passos para mim, seguido pelo Hunter e alguns outros.

- Senhora Fraser, venho a lhe pedir que você expresse à senhora Innes meus bons augúrios e minhas desculpas, por favor – disse sem preâmbulo.- Devo me retirar.

- OH!, tão logo se vai? – vacilei.

- Será melhor assim. Yocasta Cameron foi uma grande amiga para mim

e para meus. Estaria pagando mal sua bondade se trouxesse a discórdia às celebrações de suas bodas. Não quero fazê-lo... e de uma vez a consciência não me permite guardar silêncio quando ouço opiniões tão perniciosas como as que se expressaram aqui.

Jogou ao grupo do Barlow um olhar de frio desprezo, que foi enfrentada de igual modo.

- Além disso – acrescentou, voltando as costas aos barlowistas-, há assuntos que requerem nossa atenção. – Vacilou obviamente, como se estivesse a ponto de me dizer algo mais, mas decidiu não fazê-lo. - O dirá você?

- Certamente, senhor Husband. E me crie que o sinto.

Dedicou-me um vago sorriso, tinta de melancolia, e moveu a cabeça sem dizer mais. Mas enquanto ele se afastava, seguido por seus companheiros, James Hunter se deteve me dizer em voz baixa:

- Os reguladores se estão congregando. Há um acampamento grande perto do Salisbury – disse-. Talvez convenha que seu marido saiba.

Saudou-me tocando a asa de seu chapéu e, sem aguardar resposta, afastou-se a grandes passos.

Do bordo da terraço podia observar toda a festa, que fluía em uma corrente de festividade da casa até o rio; seus redemoinhos eram evidentes para o olho entendido.

Enquanto observava, vinham a minha mente pensamentos sobre o que ali estava acontecendo.

- Homem, a senhora Fraser! – uma voz ligeira interrompeu meus pensamentos. Phillip Wylie estava junto a meu cotovelo.- O que está você pensando, querida minha? A vê indiscutivelmente... feral. – Falava em voz baixa; tinha-me pego a mão e despia seus dentes em um sorriso sugestivo.

- Não sou querida sua – lhe disse com certa acritud, retirando bruscamente a mão. – Quanto ao de feral, surpreende-me que ninguém lhe tenha mordido ainda no traseiro.

- OH!, não perco a esperança – me assegurou, faiscantes os olhos. E enquanto me fazia uma reverência conseguiu apoderar-se novamente de minha mão. - Posso aspirar à honra de dançar com você mais tarde, senhora Fraser?

- É obvio que não – respondi, atirando de minha mão -. Me solte.

- Seus desejos são ordens para mim. – soltou-me mas sem antes me plantar um beijo no dorso da mão. Contive o impulso de me limpar o sítio úmido na saia.

- Vete, menino – Agitei o leque para ele. – Fora, fora.

Phillip Wylie era um petimetre. Até então o tinha visto duas vezes, em ambas as ocasiões muito polido: calças de cetim, meias de seda e todos os jaezes que revistam ir com eles, incluídos a peruca e a cara empoeirada e um pequeno lunar em forma de medialuna negra, garbosamente pego junto a um olho.

Mas agora a podridão se estendeu. A peruca empoeirada era malva e o colete de cetim estava bordado com pisquei. Sim: eram leões e unicórnios

de fios de ouro e prata. As calças de cetim o rodeavam como uma luva bifurcada: a medialuna tinha cedido passo a uma estrela na comissura da boca. O senhor Wylie se converteu em um macarrão... com queijo.

- OH!, não tenho intenções de abandoná-la senhora Fraser- assegurou-me. – estive-a procurando por toda parte.

- Pois já me encontrou – disse, enquanto observava sua jaqueta de veludo rosa intenso.

- Ah!, este ano me sorriu a Fortuna. O tráfico com a Inglaterra está bastante recuperado, graças aos deuses, e eu tive minha parte nele, além de outras coisas. Deveria você me acompanhar para ver...

Nesse momento me resgatou a súbita aparição do Adlai Osborn, um endinheirado mercado de costa acima, quem lhe deu um tapinha no ombro. Aproveitando a distração, levantei meu leque e me escorri por um oco entre a multidão.

Um tigela fumegante de vinho especiado, posto sob meu nariz como convite, monopolizou minha atenção.

- você beba um pouco, senhora Fraser. – Era Lloyd Stanhope, com bonachona amabilidade. – Não lhe convém agarrar frio, querida senhora.

Não havia perigo, pois o dia era cada vez mais temperado, mas aceitei a taça, desfrutando do aroma a canela e mel que dele brotava.

Inclinei-me para um lado procurando o Jamie, mas não estava à vista. Um grupo de cavalheiros discutia os méritos comerciais do tabaco enquanto três jovencitas observavam através de seus leques, entre rubores e risitas agudas.

- ... inigualável – dizia Phillip Wylie a alguém. Os redemoinhos da conversação haviam o trazido de novo a meu lado. - Absolutamente inigualável! Pérolas negras, as chama. Nunca viu você nada igual, o asseguro. – Jogou uma olhada a seu redor, à lombriga alargou uma mão para me tocar o cotovelo. – Tenho entendido que você aconteceu algum tempo na França, senhora Fraser. Talvez as viu lá?

- Pérolas negras? – disse, me esforçando por apanhar os fios da conversação. – Pois sim, umas quantas. Lembrança que o arcebispo do Ruan tinha um pequeno pajem mouro que levava uma muito grande na orelha.

Stanhope ficou ridiculamente boquiaberto. Wylie me olhou por uma fração de segundo logo lançou uma gargalhada tão potente que os do tabaco e as jovencitas se interromperam em seco para nos olhar.

- Acabará por me matar, minha querida senhora - ofegou Wylie, enquanto Stanhope proferia sufocados bufos de regozijo.

Seu amigo extraiu um lenço de encaixe para tocar-se delicadamente as comissuras dos olhos, para não arruinar o pó com lágrimas de alegria.

- Na verdade, senhora Fraser, não viu meus tesouros? – agarrou-me pelo cotovelo para me propulsar fora da multidão, com assombrosa habilidade. – Venha, me permita que os mostre.

Guiou-me habilmente entre a multidão, além da casa, onde um atalho de pedras conduzia aos estábulos.

Eram cinco: duas éguas, um par de potros de dois anos e um semental. Os cinco eram negros como o carvão; sua pelagem refulgia sob o pálido sol da primavera, até lanzudos como estavam pelo cabelo do inverno.

- São deles? – perguntei-lhe sem olhá-lo, por não apartar os olhos dessa

encantadora visão. Como os conseguiu?

- São meus, sim – disse, varridas pelo simples orgulho as afetações de costume. – São frisiones. A mais antiga das raças; sua linhagem se remonta a vários séculos. Quanto a como os obtive... – inclinou-se sobre a perto, com a mão estendida, e agitou os dedos para os cavalos em um gesto de convite. – Os pirralho há vários anos. estes traje por convite da senhora Cameron. Quer comprar uma de minhas éguas e sugeriu que um ou dois de seus vizinhos também podiam estar interessados.

- Ah, estava aqui, Sassenach. – A voz do Jamie soou súbitamente em meu ouvido. – Estive-te procurando.

- De verâ? – voltei as costas ao curral. – E você, onde estiveste?

- OH!, aqui e lá – respondeu, sem que meu tom acusador o perturbasse. – Esplêndido cavalo, senhor Wylie, de verdade.

Saudou-o com uma inclinação de cabeça e me conduziu do braço para o prado antes de que o outro pudesse murmurar: “ A seu serviço, senhor” .

- O que faz aqui com o pequeno Phillip Wylie?- perguntou.

- Ver os cavalos – respondi, com uma mão contra o estômago, com a esperança de sossegar os ruídos ocasionados pela aparição da comida. - E você?

- Procurando o Duncan. – Guiou-me para sortear um atoleiro. – Não estava na letrina; tampouco na ferraria, nem nos estábulos ou as cozinhas. Agarrei um cavalo e cavalguei até os depósitos de tabaco, mas ali não havia rastro dele.

- Pode que o tenente Wolff o tenha assassinado – sugeri. – O rival desdenhado e todo isso.

- Wolff? – deteve-se com um gesto consternado. - Esse escupitajo está aqui?

- Em carne e osso- assegurei, assinalando o prado com o leque.

Wolff tinha ocupado um posto junto à mesa do refrigerio; sua silhueta baixa e fornida, com o uniforme azul e branco, resultava inconfundível.

- É possível que sua tia o haja convidado?

- Acredito que sim – respondeu, carrancudo mas resignado. – Suponho que não resistiu a tentação de esfregar-lhe nos narizes.

- É o que pensei. Faz só meia hora que chegou, mas se continua bebendo desse modo, quando se celebrar a cerimônia estará inconsciente.

Jamie descartou à tenente com um gesto depreciativo.

- Pois como se se conserva em álcool, se assim o quiser, enquanto não abra a boca mais que para beber. Mas onde se escondeu Duncan?

- E se se tivesse arrojado à água? – Disse-o em brincadeira, mas mesmo assim joguei um olhar ao rio. Um bote vinha para o embarcadero, com o remador de pé na proa para arrojara amarra ao escravo que o esperava. – Olhe: é por fim o sacerdote?

tratava-se de uma figura baixa e gordinha; com a batina negra recolhimento por cima dos joelhos peludos, subiu ignominiosamente ao mole, ajudado por um empurrão do barqueiro. Ulises já corria a saudá-lo.

- Bem – disse Jamie, em tom satisfeito. – Já temos um sacerdote e uma noiva. Dois de três; é um progresso.

- Ali está! – exclamei, me movendo tão súbitamente que pisei ao Jamie na ponta do pé. - OH!, perdoa.

- Não importa – me assegurou. Tinha seguido a direção de meu olhar e agora se erguia decididamente. – Irei a por ele. Sobe à casa, Sassenach, e não perca de vista a minha tia nem ao padre. Que não escapem até que as bodas se celebrou.

Jamie desceu pelo prado para os salgueiros, respondendo distraidamente às saudações de amigos e conhecidos. Em realidade, pensava menos nas iminentes núpcias do Duncan que em sua própria esposa.

Tinha consciência de que tinha sido bento com uma bela mulher, até em roupa de andar por casa. Deus Santo! Só de pensar em corpos sob as matas, sua mente lhe tinha devotado uma indecente visão do Claire com os peitos aparecendo pelo vestido; as folhas murchas e a erva seca tinham as mesmas cores que suas saias enrugadas e o pêlo encaracolado de seu... Afogou bruscamente o pensamento para dedicar uma reverência cordial à anciã senhora Alderdyce, a mãe do juiz.

- Um servidor, senhora.

- bom dia você tenha, jovem, bom dia. – a dama inclinou magistralmente a cabeça sem deter seu caminho, apoiada no braço de sua companheira, uma jovem sofrida e paciente, que respondeu à saudação do Jamie com um vago sorriso.

- Amo Jamie?

Uma das criadas rondava a seu lado com uma bandeja cheia de taças. Ele agarrou uma; depois de agradecer-lhe com um sorriso, bebeu a metade de seu conteúdo de um só gole.

Não podia evitá-lo: devia voltar em busca do Claire. O que o tinha assim era havê-la visto com seu vestido novo. Levava meses sem vê-la embelezada como corresponde a uma dama, com a cintura estreita envolta em seda e os peitos brancos, redondos e doces como pêras de inverno, aparecidos em um bom decote. de repente parecia uma mulher distinta, intimamente familiar, mas também estimulante pelo estranha.

Desde dia em que lhe tinha mostrado os espermatozóides, tinha incômoda consciência da acumulação que, de vez em quando, padecia nos testículo, impressão que se fortalecia em situações como esta. Sabia muito bem que não havia perigo de ruptura ou explosão, mas não podia a não ser pensar em todos os trancos que se estavam produzindo ali dentro.

Queria ver o Duncan bem casado; logo o homem teria que ocupar-se de seus próprios assuntos. Assim que caísse a noite... e se não encontrava melhor lugar que os matagais, nos matagais seria. Apartou um ramo de salgueiro e se agachou para passar.

- Duncan – começou.

Mas se interrompeu; o redemoinho de pensamentos carnavais desapareceu como água por um ralo. A jaqueta escarlate não pertencia ao Duncan Innes, a não ser a um desconhecido que girou em redondo, tão surpreso como ele. Luzia o uniforme do exército de sua majestade.

Na cara do homem se apagou a expressão de sobressalto, quase tão rápido como a de surpresa do Jamie. Devia ser MacDonald, o militar que Farquard Campbell lhe tinha mencionado. Ao parecer Farquard também tinha dado à major sua descrição, pois era evidente que o homem o

identificava.

- O coronel Fraser, presumo...

- Major MacDonald, - disse ele a sua vez, com uma inclinação de cabeça em que se mesclavam a cortesia e a cautela. - Um servidor, senhor.

O outro se inclinou, puntiloso.

- Posso lhe roubar um minuto de seu tempo, coronel? - Olhava por cima do ombro do Jamie. - Em privado?

Jamie notou que pronunciava seu cargo de miliciano com azeda diversão, mas assentiu brevemente dirigindo-se a casona. Como esse lugar lhe parecesse o melhor para evitar interrupções, Jamie conduziu à major pelo atalho de pedras que conduzia para os estábulos.

- Viu você os cavalos do Wylie? - perguntou o militar, enquanto rodeavam a casa; procuraria uma conversação qualquer até que estivessem fora do alcance de ouvidos alheios.

- Sim. O semental é um magnífico animal, verdade? - Por ato reflito os olhos do Jamie se desviaram para o cercado. Lucas mordiscava a erva junto à artesa, enquanto as duas éguas se olisqueaban amigavelmente perto do estábulo, lustrosos os largos lombos sob o sol pálido.

- Sim? Talvez. - o major olhou para lá com um olho médio fechado em dúvida acordo. - Parecem fortes. Bom peito. Mas todo esse cabelo... não serviriam para a cavalaria. Embora suponha que, bem barbeados e vestidos...

Jamie conteve o impulso de lhe perguntar se as mulheres também gostava de barbeadas.

- Há algum assunto que lhe preocupe, maior? - perguntou, mais abruptamente do que tinha calculado.

- Não é exatamente minha preocupação - replico afavelmente MacDonald. - Me há dito que lhe interessa o paradeiro de uma pessoa chamada Stephen Bonnet. Estou bem informado, senhor?

- Eu... sim. Sabe você onde está?

- Infelizmente, não. - O maior arqueamento uma sobrancelha ao ver sua reação. - Mas sei onde estive. Má pessoa, o tal Stephen, por isso parece - inquiriu, com ar algo jocoso.

- poderia-se expressar assim. matou a vários homens, e me roubou... e violou a minha filha- enumerou Jamie sem rodeios.

O major aspirou fundo, com a cara escurecida por uma súbita compreensão.

- Ah, compreendo.

Levantou apenas a mão, para tocá-lo no braço, mas a deixou cair a um lado. Deu uns passos mais, com a frente enrugada em um gesto de concentração.

- Compreendo - repetiu. De sua voz tinha desaparecido qualquer rastro de diversão. - Não sabia... Compreendo sim.

E voltou a cair no silêncio; seus passos se fizeram mais lentos ao aproximar-se do cercado dos cavalos.

- Suponho que pensa me dizer o que sabe desse homem- disse Jamie, cortês.

MacDonald pareceu reconhecer que, quaisquer fossem suas intenções, a de seu interlocutor era inteirar-se do que ele soubesse, seja por meio do

diálogo, seja por métodos mais diretos.

- Não o conheço pessoalmente- disse com suavidade. – O que sei é o que escutei durante uma reunião social em New Bern, o mês passado.

Foi uma tarde durante uma partida do Whist organizada pelo David Howell, armador endinheirado e membro do Conselho Real do governado. A seleta reunião se iniciou com um jantar excelente; logo passaram aos naipes já à conversação, bem marinhada com ponche de rum e brandy.

Ao avançar a noite, com a fumaça dos cigarros já denso no ar, a conversação se tornou mais franco; fizeram-se referências jocosas a recente fortuna de certo senhor Butler, com muitas especulações semiveladas quanto à fonte dessas riquezas. A um cavalheiro lhe ouviu dizer com inveja: “ Se a gente pudesse ter a um Stephen Bonnet no bolso ... “ Imediatamente foi sossegado pela cotovelada de um amigo cuja discrição não estava tão dissolvida pelo rum.

- O senhor Butler estava entre os presente? – perguntou Jamie, com aspereza. O nome não lhe era familiar, mas se os membros do Conselho Real conheciam... Na colônia, os círculos dos capitalistas eram reduzidos; sua tia ou Farquard Campbell podiam conhecer algum deles.

- Não, não estava ali.

Tinham chegado ao cercado. MacDonald apoiou os braços cruzados no corrimão, fixos os olhos no semental.

- Conforme acredito, residem no Edenton.

Igual a Phillip Wylie. Lucas, o semental, aproximou-se deles, dilatando com curiosidade as negras fossas nasais.

Edenton estava sobre o Estreito do Albemarle, de fácil acesso para os navios. O mais provável era que Bonnet tivesse retomado seu ofício de marinho... e também o de pirata e contrabandista.

- Você disse que Bonnet era má pessoa- comentou. - por que?

- Joga whist, coronel Fraser? – MacDonald lhe jogou um olhar inquisitivo. – Particularmente, o recomendo. Compartilha algumas qualidades com o xadrez quanto a descobrir a mente do adversário. E tem uma grande vantagem: que se pode jogar contra mais pessoas. – As linhas marcadas de sua cara se relaxaram em um momentâneo sorriso. – Outra vantagem, até maior, é que com ele te pode ganhar a vida, coisa que estranha vez acontece com o xadrez.

- Estou familiarizado com o jogo, senhor – replicou Jamie, com soma secura.

MacDonald era oficial, sem regimento nem tarefas ativas pelo que só recebia a metade do pagamento. Não era absolutamente estranho que esses homens completassem seu magro salário compilando dados que pudessem se vender ou permutar. No momento não tinha posto preço, mas isso não significava que não reclamasse mais adiante o pagamento da dívida. Jamie reconheceu a situação com um breve cabaçada. O major assentiu a sua vez satisfeito. Ao seu devido tempo lhe diria o que desejava.

- Pois bem, senhor: como suporão, senti curiosidade por averiguar quem era é Bonnet. E se na verdade era um ovo de ouro, que gansa o tinha posto.

Mas seus companheiros de jogo tinham recuperado a cautela. Não pôde saber nada mais do misterioso Bonnet. Salvo o efeito que causava em quem o conhecia.

- Conhece você o velho dito de que é tão revelador o que o homem diz como o que cala? Ou a maneira de dizê-lo? – continuou sem aguardar resposta. – Fomos oito jogadores. Três especulavam livremente, mas notei que sabiam tão pouco do senhor Bonnet como eu mesmo. Outros dois não pareciam interessados. Mas os dois restantes... – moveu a cabeça. – Estavam muito calados, senhor. Como se não queriam memorar ao diabo por medo de que aparecesse.

Seus olhos refulgiam de especulações.

- Conhece você pessoalmente a esse homem?

- Sim. Quais eram os dois cavalheiros que lhe conheciam?

- Walter Priestly e Hosea Wright – respondeu imediatamente o major. – Ambos, muito amigos do governador.

- Mercados?

- Entre outras coisas. Ambos têm depósitos: Wright, no Edenton e Plymouth; Priestly, no Charleston, Savannah, Wilmington e Edenton. Priestly tem também interesse comerciais em Boston – acrescentou MacDonald, como se acabasse de recordá-lo, – embora não sei bem no que consistem. Ah... e Wright é banqueiro.

Jamie assentiu. Caminhava com as mãos cruzadas sob as abas da jaqueta; ninguém podia ver a força com que apertava os dedos.

- Acredito ter ouvido falar do senhor Wright – disse. – Phillip Wylie mencionou que um cavalheiro assim chamado possui uma plantação perto da sua.

MacDonald assentiu. O extremo do nariz lhe tinha posto muito vermelho e em suas bochechas se destacavam pequenos copos sangüíneos quebrados, lembranças de anos passados em campanha.

- Sim, tem que ser Quatro Chaminés. – Olhou de soslaio ao Jamie, pinçando-se com a língua em um molar. – Pensa você matá-lo?

- Por supostos que não- replicou Jamie sem alterar-se. – A um homem com tantos contatos nas altas esferas?

O major o olhou com aspereza; logo soprou.

- Sim, claro.

Durante alguns instantes continuaram caminhando sem falar, cada um ocupado em seus pensamentos... e cada um consciente dos de seu companheiro.

A notícia dos contatos do Bonnet tinha dobro fio; por um lado agora seria mais fácil encontrar ao homem. Por outro, essas vinculações complicariam bastante as coisas quando chegasse o momento de matá-lo. Aquilo não deteria o Jamie (e o major o percebia com clareza), mas sem dúvida era algo que levava a refletir.

No momento não havia maneira de sossegar ao MacDonald. Jamie não tinha meios para suborná-lo. E de qualquer modo era pobre recurso, pois o homem que se deixa compara uma vez está sempre à venda. Dada a vida que levava, o major devia ter seus pontos débeis, mas haveria tempo para descobri-los? Essa idéia o levou a outra.

- Como soube você que eu procurava notícias do Stephen Bonnet? – perguntou bruscamente.

O militar se encolheu de ombros. Logo acomodou melhor o chapéu e a peruca.

- Soube-o por cinco ou seis fontes distintas, senhor, tanto em botequins como nas cortes dos magistrados. Temo-me que seu interesse é muito conhecido. – E acrescentou delicadamente, com um olhar de soslaio: - Embora não seu motivo.

Jamie lançou um fundo grunhido. Se em toda a costa se sabia que ele procurava o Bonnet... Bonnet também saberia. Isso podia ser ou não mau. Se Brianna se inteirava.... Logo que começava a analisar as possibilidades quando MacDonald voltou a falar.

- Sua filha... tem que ser a senhora MacKenzie, verdade?

- Importa isso?

Havia-o dito com frieza. O major esticou os lábios um momento.

- Não certamente. Só que... conversei um momento com a senhora Mackenzie e me pareceu muito... encantadora. A idéia de que...

Pigarreou. Logo se deteve para girar para o Jamie.

- Eu também tenho uma filha – disse de repente.

- Sim? – Jamie ignorava que MacDonald estivesse casado. Certamente não o estava. - Em Escócia?

- Na Inglaterra. Sua mãe é inglesa.

O frio tinha pintado nervuras de cor em sua bochecha curtida.

- Também conversei com sua esposa – comentou MacDonald.- Uma mulher encantadora e muito amável. É você um homem afortunado, senhor.

- Inclino-me a pensar que sim – respondeu Jamie.

O militar tossiu delicadamente.

- A senhora Fraser teve a amabilidade de sugerir que você poderia, possivelmente, me proporcionar uma carta de apresentação dirigida a sua excelência, o governador. À luz da recente ameaça de conflito, pensou que talvez um homem de minha experiência poderia oferecer algo assim que A..., você compreende...

Compreendia perfeitamente. E embora duvidava que Claire tivesse sugerido semelhante coisa, era um alívio inteirar-se de que o preço era tão barato.

- Farei-o imediatamente – assegurou. – me busque esta tarde, depois das bodas, e a entregarei.

MacDonald inclinou a cabeça, gratificado.

Quando chegaram ao atalho que conduzia às letrinas, o major se despediu com uma mão em alto. Ao afastar-se, passou junto ao Duncan Innes, que vinha em direção contrária, ojeroso e pálido como se tivesse as vísceras atadas.

- Encontra-te bem, Duncan? – perguntou Jamie, observando a seu amigo com certa preocupação. face ao afresco do dia, em sua frente brilhava um filme de suor, e suas bochechas estavam pálidas.

- Não – foi a resposta. – Não, sinto-me... Preciso falar contigo, MacDubh.

- É obvio, a charaid. – Alarmado pelo aspecto do Duncan, agarrou-o do braço para lhe emprestar apóio. - quer que procure a minha esposa? Necessita um gole?

- Não, MacDubh. É a ti a quem necessito. Um conselho, se tivesse a bondade.

- Claro, homem, claro. – Já mais curioso que alarmado, Jamie soltou o braço a seu amigo. – me diga do que se trata.

- De... da noite de bodas – resmungou Duncan. – Eu... quer dizer... tenho...

Ao ver que alguém saía ao atalho diante deles, rumo às letrinhas, interrompeu-se abruptamente.

- por aqui. – Jamie o guiou para o pomar, onde estariam a salvo entre os protetores muros de tijolo. “ a noite de bodas?” , pensou, a um tempo tranqüilizado e cheio de curiosidade. Sabia que Duncan nunca tinha tido esposa. E no Ardsmuir não falava de mulheres, como os outros. Por então ele o tinha atribuído ao pudor, mas possivelmente... Não: Duncan tinha mais de cinquenta anos. Sem dúvida lhe teria apresentado a oportunidade.

Só ficavam duas possibilidades: preferências estranhas ou enfermidade sexual. E ele podia jurar que ao Duncan não gostava dos varões. Seria algo embaraçoso, mas Claire poderia curá-lo, sem lugar a dúvidas. Mas oxalá não fora a praga francesa; essa sim que era cruel.

- Aqui, a charaid – disse, conduzindo ao Duncan ao maciço das cebolas.
– Aqui ninguém nos incomodará. me diga agora, que problema tem?

O segredo do Duncan

O pai LeClerk não falava inglês, excetuando um jubiloso "Tally-ho!" , que usava alternativamente como saudação, como interjeição de assombro ou para expressar aprovação. Como Yocasta ainda estava em seu toilette, fui eu quem o apresentou ao Ulises. Logo o acompanhei ao salão principal, fiz que lhe servissem um bom refrigerio e o sentei a conversar com os Sherston, estes eram protestantes e estavam assustados pela presença do jesuíta, mas tão desejosos de exibir seu francês que passaram por cima a desafortunada profissão do padre.

Depois dessa delicada manobra social, desculpei-me para sair a terraço, a fim de ver se Jamie tinha conseguido capturar ao Duncan. Nenhum dos dois estava à vista, mas Brianna vinha pelo prado, com o Jemmy em braços.

Acabava de ouvir as badaladas do relógio do salão, que davam o meio-dia. Era de esperar que Jamie tivesse ao Duncan bem sujeito. Talvez fora melhor encerá-lo para evitar que voltasse a desaparecer.

- Conhece os Sherston? – perguntou Brianna.

- Sim – foi minha precavida resposta. - Porquê O que têm feito?

Ela arqueou uma sobrancelha.

- Pediram-me que pinte o retrato da senhora Sherston. É um encargo. Ao parecer tia Yocasta lhes falou maravilhas de mim e lhes mostrou algumas costure que fiz a primavera passada, quando estive aqui. Agora querem um retrato.

- Seriamente? OH!, querida, que estupendo.

- Seria estupendo se tivessem dinheiro – observou ela, prática. - O que opina?

Eram uma boa pergunta. As roupas finas não sempre refletem o valor real. Eu não conhecia bem aos Sherston; não eram do Cross Creek, mas sim do Hillsborough.

- Bom, são bastante vulgares – disse, vacilando, - e terrivelmente esnobes, mas acredito que ele tem dinheiro. Se não me equivocar, é dono de uma cervejaria. por que não pergunta a Yocasta? Ela tem que saber.

- Bs-tante vul-gares – repetiu ela com um grande sorriso, imitando meu acento britânico. - quem é a esnobe?

- Eu não – me defendi com dignidade; - só observo atentamente os matizes sociais. Viu a seu pai ou ao Duncan?

- Ao Duncan não, mas papai está abaixo, junto às árvores, com o senhor Campbell.

E assinalou o lugar para me ajudar. O cabelo do Jamie e seu tartán carmesim refulgiam ferozmente ao pé do prado. Mas não havia sinais da jaqueta escarlata do Duncan.

- Que o diabo se leve a esse homem – murmurei. - Onde se colocou?

- Na letrina, e tem cansado dentro – sugeriu Bree.

Ajuntei-me o xale e fui reunir-me com o Jamie. Ali se estava servindo um almoço ao ar livre, para comodidade dos convidados; ao passar junto à

mesa de refrigério agarrei uma bolacha e uma fatia de presunto, com os que improvisei um sanduíche para acalmar minhas próprias pontadas de fome.

Ao parecer, Jamie acabava de dizer algo gracioso, pois Campbell emitiu esse ruído grave e lhe chiou que nele passava por risada, enquanto me saudava com uma inclinação de cabeça.

- Deixarei-o para que se você ocupe de seus assuntos – disse ao Jamie, recuperada a compostura. – Mas pode me chamar quando me necessitar. – Com uma mão a modo de viseira, olhou para a terraço. – Ah, retorna o filho pródigo. Em xelins ou em garrafas do Brandy?

Duncan cruzava a terraço, saudando com tímidos sorrisos a quem expressava seus bons desejos. Devo ter posto cara de estranheza, pois o senhor Campbell me fez uma reverência e grasnou, com ar divertido:

- Fiz uma pequena aposta com seu marido, senhora.

- Cinco a um pelo Duncan, esta noite – explicou Jamie. – Que ele e minha tia compartilharão a cama.

- Santo céu – exclamei, bastante chateada. - É que ninguém aqui falará de outra coisa? Todos vós teneis a mente como um esgoto.

Campbell, rendo, apartou-se para atender as urgências de um de seus netos pequenos.

- Não me diga que você não te estiveste perguntando o mesmo. – Jamie me deu uma suave cotovelada.

- É obvio que não – respondi, escandalizada. Era certo, mas só porque já sabia.

- OH!, é obvio- repetiu ele, torcendo a boca. - Mas se te vê a luxúria na cara, como os bigodes ao gato!

- O que quer dizer com isso? – interpelei.

Se por acaso fora certo, desdobrei o leque para me cobrir a parte inferior da cara, enquanto piscava sobre o encaixe, fingindo inocência. Ele emitiu uma interjeição de brincadeira, muito escocesa. depois de olhar a seu redor, inclinou-se para me sussurrar ao ouvido:

- Quero dizer que é assim como miras quando quer que vá a sua cama.

- O quente fôlego me agitou o cabelo da têmpora. - É assim?

Meu marido se esfregou o nariz, me observando com intensa especulação; seu olhar azul se atrasou no decote de meu vestido novo. Eu fiz bater as asas delicadamente o leque sobre a zona.

- Nê... poderíamos... – Avaliou os arredores, estudando as perspectivas de intimidade, mas sua vista voltou ineludivelmente ao leque, como se fora um imã.

- Não, não podemos – lhe informei, enquanto dedicava uma sorridente saudação às anciãs senhoritas MacNeil, que passaram tranqüilamente atrás dele. – Todos os rincões da casa estão cheios de gente. Os celeiros, estábulos e abrigos, também. E se tiver pensado em uma rendez-vous sob as matas do ribazo, esquece-o. Este vestido há flanco uma fortuna.

Uma fortuna em uísque ilegal, mas fortuna ao fim e ao cabo.

- Sei perfeitamente.

Percorreu-me lentamente com os olhos, da cabeleira recolhimento até as ponteiros dos sapatos novos. O vestido era de seda ambarina, com folhas de seda parda e dourada bordadas no sutiã e na prega. E a meu parecer, sentava-me como uma luva.

- Mas vale a pena – adicionou brandamente. E se inclinou para me beijar. Uma brisa geada agitou os ramos do carvalho que nos cobria. Aproximei-me mais a ele, procurando seu calor.

- meu deus! – disse, apoiando a frente nas dobras de sua camisa para inalar seu aroma de homem, misturado com o amido – se sua tia e Duncan não necessitam a cama possivelmente...

- Ah!, assim que você também o pensaste.

- Não, absolutamente. Por outra parte, o que te importa?

- Não me importa, é verdade – disse, impertérito. – Mas esta manhã, quatro homens me pediram opinião: se o fariam... ou se já o tinham feito. O qual é todo um completo para minha tia, não?

Era verdade. Yocasta MacKenzie devia estar bem entrada na sexta década, mas a idéia de que compartilhasse o leito com um homem não resultava absolutamente inconcebível. Eu conhecia muitas que tinham abandonado com gosto a vida sexual, logo que o fim da idade fértil o fez possível. Yocasta não era dessas. E ao mesmo tempo...

- Não o têm feito- informei. – Soube ontem, pela Fedra.

- Sei. Duncan acaba de me dizer isso

- De verá? – Isso me surpreendeu o bastante.

- Queria te perguntar algo, Sassenach- disse, olhando por cima do ombro para assegurar-se de que ninguém nos escutasse. - Pode procurar uma ocasião para falar a sós com minha tia?

- Neste manicômio? – Joguei uma olhada a terraço; um enxame de convidados rodeava ao Duncan. – Suponho que poderia pilhá-la em sua habitação, antes de que baixe para a cerimônia. subiu a descansar.

Não me teria ido mal me deitar também; doíam-me as pernas detrás passar horas inteiras de pé; além disso, os sapatos novos eram algo estreitos.

- Perfeito. – Saudou amavelmente a um conhecido que se aproximava, mas logo lhe voltou as costas para evitar interrupções.

- De acordo – disse. - por que?

- Pois... trata-se do Duncan. – Parecia de uma vez divertido e um pouco preocupado. – Há uma pequena dificuldade e ele não se atreve a tocar o tema com ela.

- Não me diga nada – adivinhei. – Esteve casado e acreditava que sua primeira esposa tinha morrido, mas acaba de vê-la aqui, comendo encurtidos.

- Não é tão grave – assegurou ele, sorridente. – E possivelmente não seja tão problemático como Duncan teme. Mas está muito preocupado e não se decide a falar com minha tia; lhe intimida um pouco, sabe?

- Entendo-o, mas o que é o que lhe tem tão preocupado?

- Bom – respondeu, ele, com lentidão - , te ocorreu te perguntar por que alguma vez se casou?

- Não. Só supus que a sublevação... OH, Deus mijo!... – interrompi-me. – Não me diga... Santo céu... gosta dos homens?

Tinha levantado involuntariamente a voz.

- Não! – exclamou ele, scandalizado. - Ia eu a permitir que minha tia se casasse com um sodomita?

- Pois não tinha por que sabê-lo – observei, divertida.

- me acredite que saberia – assegurou, carrancudo. – Vêem aqui.

Levantou um ramo pendente para que eu passasse e ao chegar a um pequeno espaço aberto entre os troncos, repetiu:

- Não. Que mente mais suja tem, Sassenach! Nada disso. – Jogou uma olhada atrás, mas estávamos a boa distância do prado e razoavelmente ocultos à vista. – Mas é... incapaz.

Escolheu ligeiramente um ombro, como se a idéia o incomodasse profundamente.

- O que? Impotente? – senti que me abria a boca e a fechei.

- Sim. Durante sua juventude esteve comprometido, mas sofreu um horrível acidente: um cavalo de tiro o derrubou na rua e o chutou no escroto. – Pareceu a ponto de tocar-se a modo de comprovação, mas se conteve. – curou-se, mas... já não era apto para os ritos nupciais, de modo que liberou a jovem de seu compromisso e ela se casou com outro.

- Pobre homem! – exclamei, com solidariedade. - Sempre teve má sorte!

- Mas está vivo – comentou Jamie. - Muitos outros morreram. Além disso – assinalou a extensão do River Run- , não acredito que, em sua situação atual, possa falar de má sorte. Excetuando essa pequena dificuldade, claro está.

Com a frente enrugada, repassei as possibilidades médicas. Se o acidente tivesse provocado um grave dano vascular, não havia muito que se pudesse fazer; eu não estava preparada para uma boa cirurgia reconstructiva. Mas se era só um coágulo...

- Diz que aconteceu quando era jovem? Hum, vai ser difícil, depois de tanto tempo. Mas posso jogar uma olhada e ver se...

Jamie me olhou com incredulidade.

- Uma olhada? Sassenach! Esse homem se muda quando lhe pergunta pela saúde de seus intestinos. Quase morreu que vergonha ao me contar isto. Se te entremeter em suas intimidades lhe dará uma apoplexia.

Irritada, coloquei depois de uma orelha a mecha de cabelo que tinha liberado uma ramilla de carvalho.

- Mas que esperas de mim? O que o cure com encantamentos?

- Não, é obvio – replicou, algo impaciente. – Não quero que faça nada pelo Duncan. Só que fale com minha tia.

- Mas... quer me dizer que ela não sabe? Estão comprometidos há meses! E conviveram a maior parte deste tempo!

- Pois ele não pensou que minha tia o quisesse por sua beleza viril, verdade? – observou Jamie. – Só parecia questão de negócios e conveniência. Como proprietário do River Run, ele poderia dirigir coisas que como capataz estava fora de seu alcance. Mesmo assim não teria acessado, mas ela o persuadiu.

- E não lhe ocorreu mencionar esse... impedimento?

- Pensou-o, sim. Mas minha tia não dava amostras de pensar no matrimônio mas sim como uma questão de negócios. Ela não mencionou o fato e ele era muito tímido para fazê-lo. De modo que não surgiu nunca.

- E suponho que agora surgiu. O que aconteceu? Acaso esta manhã sua tia lhe colocou uma mão sob a saia? Fez algum comentário soez sobre a noite de bodas?

- Ele não me há isso dito – replicou, seco. – Mas só esta manhã, quando

começou para ouvir as brincadeiras dos convidados, lhe ocorreu que possivelmente minha tia esperava... pois... – Encolheu um ombro e o deixou cair. – Não sabia o que fazer. E escutando a todos entrou o pânico.

- Compreendo. – Passei-me um nódulo pelo lábio superior, pensativa. – Pobre Duncan, não é de sentir saudades que esteja tão nervoso.

- Sim. – Jamie endireitou as costas com o ar de quem resolveu algo. – Pois bem, se tiver a bondade de falar com a Yocasta e esclarecer coisas...

- Eu? Quer que eu o diga?

- Olhe, não acredito que lhe importe muito – disse, zombador. – depois de tudo, a sua idade não acredito que...

- A sua idade? – bufei. – A última vez que se soube de seu avô Simon, já setuagenário avançado, ainda estava fazendo das suas.

- Mas minha tia é mulher – observou ele, bastante austero, - se por acaso não te precaveste.

- E você crie que isso troca as coisas?

- Você não?

- Pois sim, troca-as. – Reclinei-me contra uma árvore, com os braços cruzados sob o busto, e o olhei com as pestanas entreabridas. – Quando eu tenha cento um anos e você, noventa e seis, convidarei a meu leito... e então veremos quem se comporta à altura das circunstâncias, de acordo?

Observou-me com um brilho no azul escuro de seus olhos.

- Estou pensando te fazer o amor aqui mesmo, Sassenach – disse. – Como pagamento a conta, né?

- E eu estou pensando tomar a palavra – repliquei. Entretanto... Joguei uma olhada para a casa, que se via perfeitamente através dos ramos. As árvores começavam a brotar, mas aquelas ramillas tenras não eram absolutamente camuflagem suficiente. Girei no momento em que as mãos do Jamie descendiam para a curva de meus quadris.

A partir de então os fatos são algo confusos; as impressões predominantes são um apressado sussurro de tecidos, o aroma penetrante da erva pisoteada e o ranger das folhas murchas sob os pés.

Poucos segundos depois abri repentinamente os olhos.

- Não te detenha! – disse, incrédula. - Agora não, pelo amor de Deus!

Ele deu um passo atrás, com um grande sorriso malicioso, e deixou cair o bordo de sua saia. O esforço lhe tinha avermelhado a cara com um tom de bronze avermelhado; seu peito subia e baixava contra os volantes da camisa. passou-se a manga pela frente.

- Darei-te o resto quando tiver noventa e seis anos, sim?

- Não viverá até então! Vêem aqui!

- Falará com minha tia?

- Que suja extorsão! – ofeguei, gesticulando as dobras de sua saia. – Pagará-me isso, juro-lhe isso.

- Sem dúvida. claro que sim.

Rodeou-me a cintura com um braço para me elevar em voo. Logo se girou para ficar de costas à casa, me ocultando com seu corpo. Seus largos dedos recolheram diestramente a saia de meu vestido e as duas anáguas; logo com mas destreza ainda, deslizaram-se entre minhas pernas nuas.

- Cala – murmurou a meu ouvido, - se não quiser que a gente se inteire.

Com a curva de minha orelha entre os dentes, pôs mãos à obra como

bom trabalhador, sem emprestar atenção a minhas resistências intermitentes... e bastante débeis, é preciso admiti-lo.

Eu estava mais que lista e ele sabia o que estava fazendo. Não fez falta muito tempo. Cravei-lhe os dedos no braço, duro como o ferro contra minha cintura; durante um momento de vertiginosa infinitud me arqueei para trás e logo me derrubei contra ele, me retorcendo como a lombriga no anzol.

Jamie sufocou uma risada grave e me soltou a orelha.

levantou-se uma brisa fria que me agitava as dobras da saia. Do prado chegavam, no ar da primavera, aromas de fumaça e a comida, junto com o rumor das conversações e as risadas. Eu o ouvia apagado sob o tamborilar lento e forte de meu coração.

- Agora que o penso – comentou Jamie, me soltando, - Duncan conserva uma mão útil. – depositou-me brandamente sobre meus pés, sem me soltar o cotovelo, se por acaso me afrouxavam os joelhos. – Pode mencionar-lhe a minha tia, se for necessário.

A música tem seu encanto

Roger MacKenzie caminhava através da multidão; aqui e lá saudava algum conhecido, mas continuava avançando sem deter-se, para evitar qualquer intento de diálogo. Não estava de humor para conversar.

Brianna se tinha ausentado para amamentar ao menino; embora a sentia falta de, no momento preferia que estivesse fora da vista. Não gostava absolutamente de quão olhadas estava atraindo. Ao mesmo tempo se sentia muito orgulhoso de sua mulher. Estava preciosa com seu vestido novo; ao olhá-la experimentava um grato sentido de posse.

O fraco gemido de um violino, que provinha da casa, fez que erguesse as orelhas. Tinha que haver música para a festa, certamente. E, com sorte, umas quantas canções desconhecidas para ele.

Girou para a casa. Não havia trazido caderneta, mas sem dúvida Ulises teria algo para lhe dar.

Embora o violino tinha calado, ouviam-se sons de cordas e emplastros, alguém estava provando e afinando instrumentos no salão grande. Nesse momento só havia uns quantos convidados que conversavam com ar indiferente.

Roger passou junto ao Ulises; de pé frente ao lar, com peruca e imaculada librea verde, fiscalizava a duas criadas que preparavam uma gigantesca tina de ponche de rum. Seus olhos se desviaram automaticamente à porta; depois de registrar a presença e a identidade do Roger, voltaram para o seu.

Os músicos se agruparam no outro extremo da habitação, de onde jogavam olhadas sedentas ao lar, enquanto preparavam seus instrumentos. Ele se deteve junto ao violinista.

- O que ides interpretar hoje?- perguntou, sorridente- . “Ewie wi’the Crooked Horn”, talvez, ou “Shawn Bwee”?

- OH!, Senhor, nada rebuscado.- O diretor, um irlandês com aspecto de grilo, cujos olhos brilhantes contrastavam com suas costas encurvada, assinalou com um gesto de cordial desdém a seu matizado conjunto de músicos- .Estes não sabem mais que jigas e reels. De qualquer modo, é o que a gente quererá dançar –acrescentou, com ar prático- . depois de tudo, aqui não estamos nos grandes salões do Dublin, nem sequer no Edenton. Um bom violinista pode mantê-los contentes.

- E esse é você, suponho? –perguntou Roger com um sorriso.

- Esse sou eu– confirmou o cavalheiro, com uma elegante reverencia- . Seamus Hanlon, senhor. A seu serviço.

- É uma honra. Roger MacKenzie, da Colina do Fraser. –inclinou-se a sua vez, desfrutando dessa formalidade antiquada.

Hanlon o observou com sagacidade, apreciando a amplitude de seu peito.

- E que voz! Sem dúvida você é cantante, senhor MacKenzie.

Uma vibração enfermo interrompeu a resposta do Roger. Ao girar em redondo viu o chelista inflado sobre seu instrumento, como uma galinha

com um pintinho muito grande, para proteger o de um dano maior contra o cavaleiro que, pelo visto, tinha-o chutado despreocupadamente ao passar.

- você tenha cuidado, homem! –exclamou o chelista- . Torpe bêbado!

- Nê? –O intruso, homem corpulento que vestia o uniforme naval, olhou-o amenzadoramente- . Como shhe atreve... atreve-se... a hab...blarme ashí...

Tinha a cara anormalmente avermelhada e se bamboleava um pouco. Roger percebeu os vapores alcoólicos a dois metros de distância.

O oficial assinalou ao músico com um dedo, como se estivesse a ponto de falar.

- Cuidado, senhor Ou'Reilly –advertiu secamente Seamus Hanlon ao chelista- . Se estivéssemos perto do mar, haveria uma ronda de gancho esperando que você saísse. Tal como estão as coisas, não seria estranho que esse homem o ataque com algum passador.

Ou'Reilly cuspiu eloqüentemente ao chão.

- Conheço-o –disse, depreciativo- . Chama-se Wolf, “Lobo”, mas não é mais que um cão de má morte. Está mais bêbado que uma Cuba. dentro de uma hora já não se lembrará de mim.

Hanlon, caviloso, contemplou com os olhos entreabridos a porta pela que o tenente tinha desaparecido.

- Pode ser –reconheceu- . Mas eu também o conheço. E acredito que sua mente pode estar mais lúcida do que sua conduta dá a entender.

Refletiu durante um instante, golpeando-a palma da mão com o arco do violino. Logo se voltou para o Roger.

- Da Colina do Fraser, há dito você? É acaso parente da senhora Cameron? Da senhora Innes, deveria dizer –se corrigiu.

- Estou casado com a filha do Jaime Fraser –explicou Roger, paciente. Tinha descoberto que era a descrição mais eficaz, pois todo o condado parecia saber quem era Jaime Fraser. Desse modo evitava mais pergunta sobre seus próprios vínculos familiares.

- Diabo! –exclamou Seamus, visivelmente impressionado- . Vamos! Hum!

- E o que está fazendo aqui essa esponja? –inquiriu o chelista, ainda furioso, enquanto dava a seu instrumento uns golpecitos tranquilizadores- . Todo mundo sabe que tinha intenções de casar-se com a senhora Cameron para ficar com o River Run. Que descaramento, mostrar-se hoje por aqui!

- Talvez veio para demonstrar que não guarda rancores –sugeriu Roger- . Um gesto cortês. Que ganhou o melhor e todo isso, não?

Ante isso os músicos emitiram uma mescla de risitas burlonas e bufidos de hilaridade.

- Talvez –disse o flautista, movendo a cabeça- . Mas se você for amigo do Duncan Innes, lhe diga que durante o baile cuide suas costas.

- Sim, diga o repetiu Seamus Hanlon- . Você vá, jovem, e fale com ele. Mas retorne, por favor.

E chamou com um dedo ao lacaio que estava à espera. depois de agarrar uma taça da bandeja que lhe oferecia, elevou-a a maneira de saudação, sorrindo ao Roger.

- Pode que você possa me ensinar uma ou duas canções novas.

O amuleto Deasil

Sentada na poltrona de pele, frente ao lar, Brianna dava o peito ao Jemmy, enquanto sua tia avó se preparava para as bodas.

- O que lhe parece? –perguntou Fedra, lhe afundando penteie de prata em um pequeno pote de pomada- . Penteio-a para cima, com os cachos no cocuruto? –Sua voz soava esperançada, mas cautelosa. Não ocultava sua desaprovação pelo fato de que sua ama se negasse a usar peruca; se o permitia, esmeraria-se em criar um efeito similar com o cabelo natural da Yocasta.

- Tolices –disse a anciã- . Isto não é Edimburgo, filha, muito menos Londres. –respaldou-se no assento, com a cara em alto e os olhos fechados, desfrutando de do sol primaveril, que entrava em torrentes pelos cristais, fazia faiscar o pente de prata e convertia em sombras as mãos da pulseira, contra o nimbo de lustroso cabelo branco.

- Pode ser, mas tampouco é o Caribe selvagem, nem os páramos – contra-atacou Fedra- . Você é a senhora; é suas bodas e todo mundo a olhará. Quer me morrer de calor, com o cabelo solto sobre os ombros como as índias, para que todos criam que não conheço meu ofício?

- OH!, Deus não o permita. –A larga boca da Yocasta se contraiu com irritável humor- . Me penteie com simplicidade, por favor: para trás e recolhido com pentes de prender cabelos. Possivelmente minha sobrinha te permita exhibir sua habilidade em seus cachos.

Fedra jogou um olhar penetrante a Brianna, quem se limitou a negar com a cabeça, sorridente.

Brianna olhou com inveja o tamanho do grande leito da Yocasta. Entre as exigências da viagem, Jemmy e a aglomeração do River Run, levava mais de uma semana sem dormir com o Roger. E dificilmente pudesse fazê-lo antes de retornar à Colina.

Em realidade, dormir com ele não era o que mais lhe interessava, por agradável que fora. Os estirões do bebê em seu peito despertavam necessidades não maternais em outros sítios, cuja satisfação requeria do Roger e de alguma intimidade. A noite anterior tinham iniciado algo promissor na despensa, mas os interrompeu um dos escravos ao entrar em busca de queijo. No estábulo, possivelmente... Estendeu as pernas, curvando os dedos, e se perguntou se as moços de quadra dormiriam ali ou não.

- Está bem, porei-me os brilhantes, mas só para te agradar, a negam.

A voz humorística da Yocasta a arrancou de uma tentadora visão: um pesebre cheio de palha e o corpo nu do Roger, entrevido na penumbra.

- Com isso basta, com isso basta. –A anciã ficou de pé, afugentando a Fedra, que abandonou a habitação. Tamborilava com os dedos contra o penteadeira, enrugado o sobreceño, obviamente concentrada nos detalhes que devia atender. de repente se pressionou a frente com dois dedos, por cima dos olhos.

- Dói-te a cabeça, tia? –perguntou Brianna.

Yocasta baixou a mão e se voltou para ela com um sorriso irônico.

- OH!, não é nada. Cada vez que troca o tempo me alvoroça a cabeça. face ao sorriso, a moça viu as rugas de dor que apareciam nas dobras dos olhos.

- Jem está a ponto de terminar. Irei a por mamãe, quer? Ela pode te preparar uma infusão.

Sua tia descartou o oferecimento com um gesto da mão, desprezando a dor com óbvio esforço.

- Não é necessário, a muirninn. Não é tão grave. –E se esfregou as têmporas cuidando de não arruinar o penteado. O gesto desmentia suas palavras.

Jemmy se desprende com um leitoso “pop!” e deixou cair a cabeça para trás, com a diminuta orelha enrugada e de cor carmesim; o oco do braço onde tinha descansado ficou quente e suarento.

- Está cheio, verdade? –Yocasta sorriu, voltando para eles os olhos cegos.

- Como um tambor –lhe assegurou Brianna. Para assegurarlhe deu uns tapinhas nas costas, mas não se ouviu mais que o suave suspiro do sonho. Então se levantou, limpou-lhe o leite do queixo e o deitou de barriga para baixo no berço improvisado: uma gaveta do chiffonier da Yocasta, posto no chão e bem acolchoado com travesseiros e edredons.

- Quer que chame a Fedra para que te ajude a te vestir, moça?

- Não faz falta: posso me arrumar sozinha... se me ajudar com os cordões.

- Suponho que posso. Ouça, o menino não está muito perto do fogo? Olhe que podem saltar faíscas.

Brianna se contorsionó dentro do espartilho, recolhendo os peitos nos ocos festoneados que os sustentavam; logo ficou o vestido por acima.

- Não, não está muito perto do fogo –disse, paciente, mas o apartou um pouco do lar, no caso de.

- Obrigado por seguir a corrente a esta velha –disse Yocasta, em tom seco, para ouvir o roce da madeira.

- De nada, tia. –Brianna deixou traslucir na voz o afeto e a desculpa. Apoiou uma mão no ombro de sua tia avó e Yocasta a cobriu com a sua, estreitando-lhe com suavidade.

- Não é porque cria que descuida ao menino –disse- , mas quando viveste tanto como eu também é mais cautelosa, filha. Vi as coisas terríveis que lhe podem acontecer até bebê, sabe? –acrescentou com mais suavidade-. E preferiria me queimar viva eu mesma antes que nosso pequenín sofresse nenhum dano.

Suas mãos percorreram ligeiramente as costas da moça, procurando as ataduras sem dificuldade.

- Vejo que recuperaste a silhueta –disse com aprovação, ao roçar a cintura- . O que é isto? Tecido em relevo? De que cor é?

- Azul anil escuro. Com folhas de videira e pâmpanos em algodão grosso, em contraste com o azul claro da lã. –Guiou os dedos da Yocasta pelas vinhas que cobriam cada baleia do sutiã, do decote até a V da cintura, que descendia marcadamente por diante para destacar a esbelta silhueta que sua tia acabava de ponderar.

Aspirou fundo ao atê-los cordões; seu olhar voou do espelho a cabecita

de seu filho, pequena e redonda como um melão cantalupo e comovedora em sua perfeição. Não era a primeira vez que se perguntava que vida teria levado Yocasta. Devia ter tido filhos (ao menos isso pensava Jaime), mas nunca falava deles e a moça não se atrevia a perguntar. Possivelmente os tivesse perdido durante a infância, como tantas. Sentiu um nó no peito ao pensá-lo.

- Não se preocupe –disse sua tia. Seu semblante, refletido no espelho, adotou um decidido otimismo-. Seu pequeno nasceu para grandes costure. Não sofrerá nenhum dano, estou segura.

E se deu a volta, fazendo ranger a seda verde da bata sobre as anáguas. Bree se surpreendeu uma vez mais ante essa faculdade de adivinhar os sentimentos alheios, até sem ver as caras.

- Fedra! –chamou Yocasta-. Fedra! me traga o estojo... o negro.

A pulseira estava perto, como sempre. Um breve sussurro nas gavetas do armário e trouxe o estojo negro. Yocasta se sentou com ele ante seu secreter.

Era uma caixa estreita, velha e gasta, recubierta de couro e sem mais adornos que o fechamento de prata. A anciã guardava suas melhores jóias em um joalheiro muito mais grandioso, de madrea de cedro, com o interior recubierto de veludo. O que teria em esse?

aproximou-se de sua tia, que acabava de levantar a coberta. Dentro havia uma varinha de madeira torneada, da grossura de um dedo, com três anéis: uma simples banda de ouro, com um berilo engastado; outro com uma esmeralda grande, e o último com três diamantes rodeados de pedras mais pequenas, que captavam a luz e a refletiam em arco íris, fazendo-os dançar contra os muros e as vigas.

- Que preciosidade de anel! –exclamou Bree, involuntariamente.

- o de diamantes? É que Hector Cameron era rico, sim –comentou Yocasta, tocando distraidamente o anel maior. Seus largos dedos sem adornos rebuscaram diestramente entre as bagatelas amontoadas na caixa, junto aos anéis, até encontrar algo pequeno e opaco que entregou a Brianna.

Era um pequeno broche de metal em forma de coração, um pouco brunido, com um trabalho de bordado.

- É um amuleto deasil, a muirninn –explicou a anciã, com um gesto de satisfação-. Engancha-o nas saias do menino, do reverso.

- Um amuleto? –Brianna olhou ao Jemmy-. Que classe de amuleto?

- Contra as fadas. Que o pequeno o leve sempre grampeado a seu avental (sempre dado a volta, recorda), e nada proveniente do Povo Antigo poderá lhe fazer danífico.

A Brianna lhe pôs a pele de galinha dos antebraços ante o tom objetivo daquela voz.

- Sua mãe lhe deveria haver isso dito –prosseguiu Yocasta, com um sotaque de recriminação-. Claro que é uma Sassenach. E a seu pai não lhe ocorreria. Os homens não pensam nessas coisas –acrescentou, com certa amargura-. À mulher corresponde cuidar dos pequenos e proteger os de todo mal.

inclinou-se para o cesto da isca e, depois de procurar provas, extraiu uma larga ramilla de pinheiro, com a casca ainda aderida.

- Toma isto –ordenou-. Acende um extremo no lar e caminha três vezes ao redor do menino. Na direção do sol!

Brianna, intrigada, agarrou a varinha e a aproximou do fogo. Logo fez o que lhe indicava, cuidando de sustentar a varinha acesa longe do berço improvisado e de suas próprias saias. Yocasta golpeava ritmicamente o chão com o pé, cantando em voz baixa. Falava em gaélico, mas lentamente, de modo que a moça pôde reconhecer a maior parte das palavras.

Que a sabedoria da serpente seja tua,
que a sabedoria do corvo seja tua,
e a sabedoria da águia valente.

Que a voz do cisne seja tua,
que a voz do mel seja tua,
e a voz do Filho das estrelas.

Que o amparo da fada seja tua,
que o amparo dos elfos seja tua,
que o amparo do cão avermelhado seja tua.

Que a riqueza do mar seja tua,
que a riqueza da terra seja tua,
e a riqueza do Pai do Céu.

Que cada dia seja alegre para ti,
que não haja dias maus para ti,
uma vida gozosa e satisfeita.

Yocasta fez uma pausa, com uma ruga na frente, como alerta para perceber qualquer resposta do país das fadas. Claramente satisfeita, assinalou o lar.

- isso arroja ao fogo. Assim o menino estará protegido contra as queimaduras.

Brianna obedeceu. Fascinava-a descobrir que nada disso lhe parecia ridículo. Era estranho, mas muito satisfatório, pensar que desse modo protegia ao Jem de todo dano, até contra as fadas, nas que pessoalmente não acreditava. Ao menos, não tinha acreditado nelas antes de todo isso.

De abaixo lhe chegou um fio de música, o chiado de um violino e uma voz grave e amadurecida. Embora não chegava a distinguir as palavras, reconheceu o som.

Yocasta inclinou a cabeça para escutar, sorridente.

- Tem boa voz, seu marido.

Brianna também escutava. Percebeu muito fracamente o familiar ir e vir de “Meu amor está na América”. “Sempre canto para ti.” Os peitos brandos, já vazios de leite, arderam-lhe um pouco ante a lembrança.

- Tem bom ouvido, tia –comentou, apartando o pensamento com um sorriso.

- Está satisfeita com seu matrimônio? –perguntou Yocasta abruptamente- . Leva-te bem com o moço?

- Sim - respondeu ela, um pouco sobressaltada- . Muito bem, sim.

- Me alegre. –Sua tia avó escutava, imóvel e com a cabeça inclinada a

um lado- . Me alegre, sim –repetiu em voz baixa.

Levada por um impulso, Brianna lhe apoiou uma mão na cintura.

- E você, tia? –perguntou- . É... está satisfeita?

“Feliz” não parecia ser a palavra adequada, tendo à vista essa fileira de anéis no estojo. Tampouco podia falar de “levar-se bem”, se recordava ao Duncan, tímido e emudecido a noite anterior, nervoso e decomposto essa manhã.

- Satisfeita? –disse Yocasta, desconcertada- . Ah, de me casar! –Para alívio da Brianna, sua tia pôs-se a rir; as linhas de sua cara se elevaram em sincera diversão- . Pois sim, certamente! Mas se for a primeira vez que trocarei de apelido em cinquenta anos!

Com um pequeno bufido de diversão, a anciã se voltou para a janela e apoiou a palma contra o cristal.

- O dia é perfeito, moça –acrescentou- . por que não te põe o manto e sai a tomar um pouco de ire em companhia?

Estava no certo; o rio distante refulgia como prata entre um encaixe de ramos verdes. O ar interior, tão morno momentos antes, parecia agora súbitamente rançoso e gelado.

- Acredito que sim. –Brianna olhou para o berço- . Tenho que chamar a Fedra para que cuide do menino?

Yocasta o descartou com um gesto da mão.

- Anda, vete, vete. Eu cuidarei do pequenín. Não penso descer em um momento.

- Obrigado, tia.

Bree lhe deu um beijo na bochecha e se dispôs a sair. Logo, olhando a sua tia, deu um passo atrás, para o lar, e apartou discretamente o berço do fogo.

• • •

O ar fresco de fora cheirava a erva nova e a fumaça de andaime. Sentiu desejos de saltar pelos atalhos de pedra, com o sangue cantando nas veias. Da casa lhe chegavam compases de música e a voz do Roger. Daria um passeio rápido e logo entraria; talvez então Roger estivesse disposto a dar um descanso Y...

- Brianna!

Ouviu seu nome vaiado do pomar. Ao voltar-se, sobressaltada, descobriu a cabeça de seu pai, aparecida por uma esquina do muro, como um caracol avermelhado. Chamou-a com um gesto e desapareceu.

Ela jogou uma olhada sobre seu ombro, para assegurar-se de que ninguém a observasse, e entrou apressadamente. Seu pai estava agachado entre as cenouras recém brotadas, junto a uma criada negra que jazia escancarada em um montão de esterco, com a touca sobre a cara.

- Que demônios...? –começou ela. Logo captou uma penetrante baforada de álcool entre os aromas das novelo e o esterco esquentado pelo sol- . Ah.

E ficou em cucullas junto a seu pai, com as saias avultadas sobre o atalho.

- Foi minha culpa –explicou ele- , ao menos em parte. Deixei uma taça

médio vazia sob os salgueiros. –Assinalava uma taça para ponche, atirada no caminho, com uma gota de líquido pegajoso ainda aderida ao bordo- . Ela deve havê-la encontrado.

Bree levantou o volante da touca com um dedo cauteloso. Era Betty, uma das maiores; tinha os lábios frouxos e a mandíbula queda em um estupor alcoólico.

- Sim, não foi sua primeira meia taça –confirmou Jaime, ao vê-la- . Deve ter estado como uma Cuba. Não sei como pôde caminhar até aqui da casa, nessas condições.

- O que bebia? Ponche de rum? –perguntou Brianna.

- Brandy.

- Nesse caso ou foi você quem a empurrou ao outro lado.

Mostrou-lhe a taça, inclinando-a para que ele pudesse ver os sedimentos escuros do fundo. O ponche da Yocasta não se preparava só com rum, açúcar e manteiga, segundo o costume, mas também com passas de Corinto, e se terminava de especiar com um ferro quente. O resultado não era só uma mescla de cor parda escura, mas sim deixava um denso sedimento, composto de pequenos grãos de fuligem, provenientes do ferro, e restos chamuscados das passas.

Jaime agarrou a taça, carrancudo, e meteu nela o nariz para aspirar profundamente. Logo afundou um dedo no líquido e o levou a boca.

- O que é? –perguntou ela, ao ver sua mudança de expressão.

- Ponche. –Mas repassou várias vezes os dentes com a língua, para limpá-los- . Com láudano, conforme acredito.

- Láudano! Está seguro?

- Não –reconheceu ele, francamente- . Mas se isto não contém algo além das passas de Corinto, eu sou holandês.

- Acredito-te –disse, limpando-a ponta do nariz com o dorso da mão- . vou procurar a mamãe?

Jaime se agachou junto à mulher para examiná-la com atenção. depois de apalpar uma mão laça e escutar a respiração, moveu a cabeça.

- Não sei se está drogada ou só ébria, mas não parece moribunda.

- O que faremos com ela? Não podemos deixá-la tendida aqui.

- Não, é obvio.

Com muita suavidade, Jaime elevou à mulher. Um sapato gasto caiu ao caminho. Brianna o recolheu.

- Sabe onde dorme? –perguntou seu pai, manobrando cuidadosamente com sua carga estentórea para rodear um maciço de pepinos.

- Trabalha na casa; deve dormir na água-furtada.

Ele sacudiu a cabeça para tirar uma mecha de cabelo vermelho que o vento lhe tinha metido na boca.

- Pois bem, rodearemos os estábulos e trataremos de subir pela escada posterior sem que nos vejam. Vê diante, filha, e me faça um gesto quando o caminho esteja livre.

Quando se voltava para fazer o sinal a seu pai divisou ao mesmo senhor Wylie, que entrava nos estábulos acompanhando a uma dama. Um brilho de seda dourada... Um momento! Era sua mãe! Por um instante, Claire voltou sua cara pálida para ela, mas estava atenta ao que seu acompanhante dizia e não reparou na presença de sua filha.

Bree vacilou. Teria querido chamar a sua mãe, mas não podia fazê-lo sem chamar a atenção. Ao menos sabia onde encontrá-la. Uma vez que Betty estivesse a salvo em sua cama, poderia ir pedir-lhe ajuda.

Depois de uns momentos de alarme e livrar-se por pouco de ser vistos, conseguiram subir a Betty até o comprido apartamento de cobertura que compartilhava com as outras pulseiras da casa. Jaime, ofegante, deixou-a cair sem cerimônias em um dos camastros.

- Bom –disse, algo resmungão- . Já está a salvo. Se disser a algumas das outras pulseiras que se há sentido indisposta, suponho que o assunto não chegará a maiores.

- Obrigado, papai. –Ela se aproximou para lhe dar um beijo na bochecha- . É muito doce.

- OH!, sim –exclamou ele, resignado- . Tenho os ossos cheios de mel. – Mesmo assim não parecia aborrecido- . trouxeste esse sapato?

Tirou-lhe o outro e os pôs juntos, sob a cama. Logo cobriu com a tosca manta de lã os pés da mulher, embainhados em sujas meias brancas. Brianna verificou seu estado; até onde podia julgar, tudo estava bem; a mulher ainda roncava com uma regularidade tranqüilizadora. Enquanto se afastavam nas pontas dos pés para a escada posterior, deu ao Jaime a taça de prata.

- Toma. Sabia que esta é uma das taças do Duncan?

- Não. –Ele arqueou uma sobrancelha- . Como que é do Duncan?

- Tia Yocasta encarregou um jogo de seis taças, como presente de bodas. Ensinou-me isso ontem. Olhe. –Fez girar a taça na mão para lhe mostrar o monograma gravado- . O I do Innes, com um pequeno peixe que nada ao redor da letra; note no belo detalhe das escamas. É-te útil sabê-lo? – perguntou, ao ver que seu pai enrugava a frente, interessado.

- Possivelmente. –Ele tirou um lenço limpo para envolver o recipiente com cuidado e o guardou no bolso da jaqueta- . irei averiguar. Enquanto isso, pode procurar o Roger MAC?

- É obvio. Para que?

- Pois me ocorreu que se Betty bebeu parte do ponche e ficou tendida como um pescado na encimera, eu gostaria de encontrar ao que bebeu a primeira parte e ver se estiver no mesmo estado. Se o ponche estava drogado, é possível que estivesse destinado a outra pessoa, verdade? Você e Roger MAC poderiam procurar discretamente entre os arbustos, se por acaso houvesse algum corpo tendido.

Em sua pressa por levasse a Betty acima, ela não o tinha pensado.

- De acordo. Mas antes deveria procurar a Fedra ou ao Ulises para lhes dizer que Betty está indisposta.

- Sim. Se falas com a Fedra, poderia averiguar se a mulher consome ópio, além de beber, Embora me parece improvável –acrescentou com secura.

- Também a mim –repôs ela, no mesmo tom.

Compreendia por que. Podia dar o caso de que o ponche não estivesse drogado e que Betty tivesse tomado láudano por si mesmo, deliberadamente. Ela sabia que Yocasta tinha um pouco na despensa. Mas se o tinha

consumido, era só por divertir-se ou porque tinha intenção de suicidarse?

Era muito mais provável que Betty fora alcoólica, simplesmente, do tipo que bebe algo vagamente etílica; assim o sugeria o aroma de sua roupa. Mas nesse caso, por que arriscar-se a roubar láudano em meio de uma festa que assegurava bebidas em abundância?

A contra gosto, chegou à mesma conclusão que devia ter tirado seu pai: Betty tinha ingerido o láudano (se disso se tratava) por acidente. E nesse caso... para quem era a taça da que tinha bebido?

Jaime se voltou, franzindo os lábios em sinal de silêncio, e lhe indicou por gestos que não havia mouros na costa. Ela o seguiu a passo rápido. Quando chegaram ao caminho, sem ter sido vistos, deixou escapar um suspiro de alívio.

- O que fazia ali, papai? –perguntou.

Seu pai pôs cara de não entender.

- No pomar –explicou Brianna- . Como é que encontrou a Betty?

- Ah! –Ele a agarrou do braço para afastar a da casa. Partiram tranquilamente para o curral, como dois inocentes convidados que queriam contemplar os cavalos- . Acabava de trocar umas palavras com sua mãe no bosquecillo. Retornei atravessando o pomar. E ali estava a mulher, tendida de costas no montão de esterco.

- Esse é um detalhe que terá que tomar em conta, não te parece? deitou-se no pomar a propósito ou foi só por acidente que a encontrei ali?

Jaime moveu a cabeça.

- Não sei. Mas assim que Betty esteja sóbria quero falar com ela. Sabe onde está sua mãe agora?

- Sim, com o Phillip Wylie. Acredito que foram aos estábulos.

Seu pai dilatou um pouco as fossas nasais para ouvir esse nome; ela conteve um sorriso.

- Irei a por ela –disse Jaime- . Enquanto isso, você vê em busca de seu marido. E algo mais, moça... Que ninguém se inteire do que faz, né?

Ela assentiu com um gesto. Então Jaime girou sobre seus talões e se dirigiu para os estábulos, tamborilando brandamente a jaqueta com os dedos da mão direita, como estava acostumado a fazê-lo quando estava muito pensativo.

O vento frio se filtrou sob as saias e as anáguas do Bree, as cavando, e lhe provocou um calafrio. Entendia bem o que seu pai tinha querido sugerir.

Se não era um intento de suicídio nem um acidente, podia tratar-se de um intento de assassinato. Mas de quem?

Paqueras

depois de nosso interlúdio, Jaime me deu um comprido beijo e se afastou ruidosamente entre a maleza, em busca do Ninian Bell Hamilton, decidido a averiguar o que pensavam fazer os reguladores no acampamento que Hunter tinha mencionado. Deixei passar uns momentos em altares da decência e saí também, mas me detive no bordo do bosquecillo antes de aparecer à vista do público, para me assegurar de apresentar um aspecto decoroso.

Quando estava a ponto de sair de detrás das árvores me ocorreu revisar a parte posterior de minha saia, se por acaso houvesse ali mancha ou trocitos de casca. Quando estirava o pescoço para olhar para trás, choquei de frente com o Phillip Wylie.

- Senhora Fraser! - Agarrou-me pelos ombros para evitar que caísse de costas- . Está você bem, querida minha?

- Sim, é obvio. - Minhas bochechas ardiam com legítima justificação. Dava um passo atrás para me sacudir. por que tropeçava sempre com o Phillip Wylie? Acaso essa pequena peste me estava seguindo?- . você desculpe, por favor.

- Nada, nada - disse ele, cordialmente- . foi minha culpa. Sou muito torpe. Posso lhe trazer algo que lhe restaure o ânimo, querida minha? Um copo de cidra? Veio? Ponche de rum? Licor de maçãs? O... Não: brandy. Isso, me permita lhe trazer um pouco de brandy para repor do susto.

- Não, nada, obrigado! - Não pude menos que rir do absurdo. Ele sorriu de brincadeira a orelha; obviamente se considerava muito engenhoso.

- Bom, se já estiver reposta, querida senhora, deve me acompanhar. Insisto.

Tinha apanhado minha mão no oco de seu cotovelo e me rebocava decidido em direção aos estábulos, em que pese a meus protestos.

- Não levará mais que um momento - assegurou-me- . Passei-me o dia desejoso de lhe mostrar minha surpresa. Ficaré você absolutamente encantada, o asseguro.

Rendi-me fracamente. Parecia mais fácil ir ver novamente esses benditos cavalos que discutir com ele.

- Esse potro tem muito bom caráter - comentei com aprovação, comparando mentalmente os bons maneiras do Lucas com a rapace personalidade do Gideon. Como Jaime ainda não tinha tido tempo de castrá-lo, durante a viagem ao River Run o cavalo tinha mordido a quase todo mundo, animais e humanos por igual.

- É característico da raça - explicou Wylie, abrindo a porta dos estábulos- . São cavalos muito amistosos, embora seu caráter gentil não os priva de inteligência, o asseguro. por aqui, senhora Fraser.

Em contraste com o exterior fulgurante, no estábulo a escuridão era total, tanta que tropecei com um tijolo saliente do chão e caí para diante, com uma exclamação de sobressalto. O senhor Wylie me sujeitou por um braço.

- Está você bem, senhora Fraser? - perguntou, enquanto me ajudava a me endireitar.

- Sim - assegurei, um pouco sufocada. Em realidade me tinha torcido o tornozelo e me doía a ponta do pé; esses sapatos novos eram encantadores, mas ainda não estava habituada a eles- . Me permita esperar um momento, até que minha vista se adapte.

Ele esperou, mas sem me soltar o braço. Sujeitava solidamente minha mão no oco do cotovelo, para me brindar mais apóio.

- Recline-se contra mim - disse simplesmente.

Fiz-o. Por um instante permanecemos quietos; eu, com o pé dolorido em alto, como uma garça, à espera de que os dedos deixassem de palpar. Por uma vez o senhor Wylie parecia falto de ocorrências e saídas, possivelmente pelo aprazível da atmosfera.

- Aqui se está como dentro de um ventre, verdade? - comentei- . É tão quente e escuro... Quase me parece sentir o batimento do coração do coração.

Wylie riu pelo baixo.

- É o meu - disse. E se tocou o colete; sua mão foi uma sombra escura contra o cetim claro.

Meus olhos se adaptavam rapidamente à escuridão, mas ainda assim o lugar era muito penumbroso. A silhueta esbelta de um gato se deslizou junto a nós fazendo que baixasse o pé dolorido. Ainda não suportava o peso, mas ao menos podia apoiá-lo.

- Pode sustentar-se sem apoio um momento? - perguntou ele.

Sem esperar resposta, apartou-se para acender um abajur, a pouca distância. Então Wylie voltou a me agarrar do braço com a mão livre para me conduzir para o extremo oposto do estábulo.

Estavam no último pesebre. Phillip elevou o abajur, ao tempo que se voltava para me sorrir. A luz brilhou sobre uma pelagem que reluzia e ondulava como água a meia-noite, e se refletiu nos grandes olhos pardos da égua.

- OH, que beleza! - comentei. E logo, elevando um pouco a voz- : OH!

Uma cria aparecia por detrás de sua garupa, toda ela patas largas e joelhos avultados; a pequena garupa e as paletas inclinadas eram ecos arredondados da perfeição muscular de sua mãe. A cria piscou uma só vez, deslumbrada pela luz; logo se apressou a refugiar-se depois do corpo de sua mãe. Um momento depois apareceu cautelosamente o focinho. Seguiu um ojazo lhe pisquem... e o focinho desapareceu, só para reaparecer quase imediatamente, algo mais longe.

- Pois você olhe a essa pequena coquete! - exclamei, encantada.

Wylie riu.

- É coquete, sim - disse, com a voz cheia de orgulho- Não são magníficas?

- Sim que o são - confirmei, pensativa- . Mas não estou segura de que essa seja a palavra correta. Magnífico é o que se diria de um semental ou um cavalo de guerra. Estas são... são doces!

- Doces? - sentiu saudades ele, com um bufo de risada- . Doces!

- É obvio. Encantadoras. Deliciosas. De bom caráter.

- São todo isso, sim - confirmou ele- . E belas, além disso.

Não olhava aos cavalo, a não ser a mim, com um vago sorriso.

- Sim - murmurei, embora experimentava uma escura pontada de inquietação- . São muito belas.

Wylie estava muito perto; dava um passo a um lado e lhe voltei as costas, com o pretexto de observar aos cavalos. A cria hociqueó a úbere cheia de sua mãe, agitando a cauda com entusiasmo.

- Como se chamam? - perguntei.

Wylie se aproximou da barra do pesebre com ar de indiferença, mas as compôs para que seu braço me roçasse a manga ao pendurar a lanterna de um gancho instalado no muro.

- A égua é Tessa - disse- . E você já viu ao Lucas, o semental. Quanto a potra... - Agarrou-me da mão, sorridente- . Pensava chamá-la-a Belle Claire.

Por um segundo não me movi, estupefata ante a expressão que via em sua cara.

- O que? - disse, atônita. Devia estar equivocada. Tratei de retirar a mão, mas tinha vacilado por um segundo de mais. Seus dedos espremeram meus. Não teria intenções de...?

Sim.

- Encantadora - disse brandamente, aproximando-se- . Deliciosa. De bom caráter. Y... bela.

Beijou-me. Estava tão desconcertada que por um momento não me movi. Seu beijo foi breve e casto, branda a boca. Mas o que importava era o fato de que se atreveu.

- Senhor Wylie! - exclamei. Retrocedi precipitadamente um passo, mas me deteve o corrimão.

- Senhora Fraser - disse ele com voz fica, avançando a sua vez um passo- . Querida minha.

- Eu não sou seu ...

E me beijou outra vez. Já sem nenhum rastro algum de castidade. Ainda horrorizada, mas já livre de estupefação, empurrei-o com força. Ele se cambaleou e teve que me soltar a mão, mas se recuperou instantaneamente e me sujeitou por um braço, me deslizando a outra mão por detrás.

- Coquete - sussurrou. E baixou a cara para a minha.

Dava-lhe um chute. Por desgraça o fiz com o pé dolorido, o qual privou ao golpe de força.

- Basta! - vaiei- . Basta já!

- Enlouquece-me - sussurrou ele, me estreitando contra seu peito. E tentou me afundar a língua na orelha.

Eu pensava que tinha enlouquecido, mas rechaçava qualquer responsabilidade por esse estado. Consegui aferrá-lo pelo pescoço, mas esse maldito corbatón me interpôs; tratei de introduzir os dedos. Ele deu um coice para o flanco e me sujeitou a mão.

- Por favor - disse- , quero...

- Importa-me um rabanete o que você queira! - espetei-lhe-, Me solte imediatamente, maior... - procurei às cegas algum insulto adequado-cachorrinho!

Para minha surpresa, deteve-se em seco. Não podia empalidecer, pois já tinha a cara coberta de pós de arroz (seu sabor me tinha ficado nos lábios). Mas apertou a boca com expressão... doída.

- É isso o que pensa de mim? - perguntou em voz baixa.
- Pois sim, diabos! O que outra coisa posso pensar? perdeu você a cabeça, que se comporta desta maneira tão... desprezível? Que inseto lhe picou?

- Desprezível? - Parecia atônito para ouvir qualificar desse modo suas insinuações- . Mas se eu... quer dizer, você... Supus que... não lhe desgostaria...

- Não é possível - disse, com toda firmeza- . Não é possível que você tenha concebido uma idéia desse tipo. Nunca lhe dei o menor motivo para pensar algo assim!

Intencionalmente não, certamente. Mas me ocorreu a inquietante ideia de que talvez tínhamos distintas percepções de minha conduta.

- Que não? Sua cara ia trocando, nublando-se de cólera- . Me permita você que difira, senhora!

Com certa apreensão, caí na conta de que a paquera, no plano social do Phillip, dissimulava-se com um ar de brincadeira. O que lhe havia dito, Por Deus? Recordava difusamente ter analisado, com ele e seu amigo Stanhope, a Lei do Selo. Impostos, sim, e talvez cavalos... Teria sido suficiente para inflamar esse mal-entendido?

- “Seus olhos são como os lagos de peixes do Heshbon” - recitou, em voz baixa e azeda- . Não recorda você a noite em que o disse? O salmo do Salomón lhe parece “uma conversação cortês”?

- Céu Santo!... - Contra minha vontade, começava a me sentir algo culpado; na festa da Yocasta tínhamos mantido um breve diálogo desse tipo. E ele o recordava? O salmo do Salomón era bastante forte; possivelmente a simples referência... Mas me sacudi mentalmente e ergui as costas.

- Tolices - declarei- . Você o disse a modo de brincadeira provocadora e eu me limitei a lhe responder no mesmo tom. E agora devo...

- veio aqui comigo. A sós.

E deu um passo mais para mim, com decisão nos olhos. estava-se convencendo a si mesmo, esse petimetre teimado!

- Senhor Wylie - disse com firmeza, me apartando para um lado- , lamento profundamente que você tenha interpretado mal a situação, mas sou muito feliz com meu marido e você não me inspira nenhum interesse romântico. E agora, se me desculpar...

Passei esquivando-o e saí precipitadamente do estábulo, tão deprecia como os sapatos me permitiam isso. Cheguei às portas sem que me incomodasse, com o coração acelerado.

No contratempo recente só me tinha solto uma mecha de cabelos. Sujetei-o com cuidado e sacudi algumas fibras de palha aderidas a minhas saias. Felizmente não me tinha esmigalhado a roupa; uma vez assegurado o lenço, voltava a ficar decente.

- Está bem, Sassenach?

Saltei como um salmão no anzol e meu coração fez outro tanto. Girei em redondo, com a adrenalina me percorrendo o peito como uma corrente elétrica. Ali estava Jaime, de pé a meu lado, me observando com uma leve enruga no sobrecenho.

- O que estiveste fazendo, Sassenach?

Ainda tinha o coração na garganta, me sufocando, mas me obriguei a

pronunciar umas quantas palavras, com a esperança de que soassem despreocupadas.

- Nada. Quer dizer, devi ver aos cavalos. Ao cavalo. À égua. teve um potro.

- Sim, já sei - disse. Observava-me com ar estranho.

- Encontrou ao Ninian? O que te há dito? - Acomodei-me o cabelo na nuca, aproveitando a oportunidade para evitar seu olhar.

- Diz que é certo, embora nunca o duvidei. Há mais de um milhar de homens acampados perto do Salisbury. E todos os dias lhes somam mais, há dito. O velho estúpido está muito agradado!

Franziu o sobrecenho, tamborilando com os dois dedos rígidos contra a perna. Compreendi que estava muito preocupado. Se se convocava novamente à tropa, só ficariam as mulheres para ocupar-se da semente.

- Os homens desse acampamento, abandonaram suas terras?

Salisbury também estava ao pé da montanha. Era inconcebível que um agricultor abandonasse sua terra a essa altura do ano só para protestar contra o governo, por muito irritado que estivesse.

- Abandonaram-nas ou as perderam - disse ele brevemente. Seu cenho se acentuou ao me olhar - . falou com minha tia?

- Né... não - reconheci, me sentindo culpado - . Ainda não. Ia A... Mas há dito que havia outro problema. Que mais aconteceu?

Emitiu o ruído de uma bule ao ferver, o qual expressava nele uma estranha impaciência.

- Cristo, quase o tinha esquecido! Acredito que envenenaram a uma das pulseiras.

- O que? A quem? Como? - Deixei cair as mãos para olhá-lo com fixidez - . por que não me há isso dito?

- Mas se acabar de lhe dizer isso Não se preocupe; não corre perigo. Só está bêbada perdida. - Encolheu os ombros, irritado - O único inconveniente é que possivelmente não era a ela a quem queriam envenenar. Fiz que Roger MAC e Brianna saíssem a jogar uma olhada. Não vieram a me informar de nenhum cadáver, talvez me equivoque.

- Talvez? - Esfreguei-me a ponte do nariz, distraída de minhas preocupações por essa novidade - . É certo que o álcool é um veneno, embora ninguém pareça entendê-lo, mas existe uma diferença entre embriagar-se e ser envenenado intencionalmente. O que significa...?

- Sassenach - interrompeu-me.

- O que?

- No nome de Deus, o que estiveste fazendo? - estalou.

Olhei-o com desconcerto. Enquanto discutíamos tinha avermelhado progressivamente, mas eu o atribuí à frustração e a seus temores pelo do Ninian e os reguladores. Ao ver o perigoso brilho azul de seus olhos caí na conta de que em sua atitude havia algo mais pessoal. Inclinei a cabeça a um lado para olhá-lo com desconfiança.

- por que o pergunta?

Apertou os lábios sem responder. Em troca estendeu um índice para tocar, muito delicadamente, a comissura de minha boca. Logo me mostrou a gema, com um pequeno objeto negro aderido: o lunar em forma de estrelas do Phillip Wylie.

- Ah... - Senti um claro zumbido nos ouvidos- . Isso. Pois...

Sentia-me enjoada. Ante meus olhos dançavam pequenas manchas, todas em forma de estrela negra.

- Sim, isso - espetou-me ele- . Por Deus, mulher! Como se não bastassem os problemas do Duncan e as diabruras do Ninian... E por que não me disse que havia renhido com o Barlow?

- Não acredito que isso fora exatamente uma rixa - expliquei, me esforçando por recuperar a serenidade- . Além disso, o maior MacDonald lhe pôs fim, já que a ti não te encontrava por nenhuma parte. E se quiser que se lhe relatório de tudo, o major quer...

- Já sei o que quer. - Descartou ao MacDonald com um seco gesto da mão- . Estou até os narizes de maiores, reguladores e faxineiras bêbadas. E você, te beijando com esse petimetre no estábulo!

Como sentia subir o sangue detrás dos olhos, apertei os punhos para me dominar e não esbofeteá-lo.

- Não estava “me beijando” com ele absolutamente, e você sabe! Esse pequeno estúpido me insinuou, mas isso foi tudo.

- O que te insinuou? Quer dizer que te fez o amor? Isso é evidente!

- Nada disso!

- Não? Acaso lhe pediste que te emprestasse este lunar para que te trouxesse sorte?

Moveu o dedo sob meu nariz; eu o separei de um tapa. Muito tarde, recordei que “fazer o amor” não significava fornicar, a não ser enredar-se em uma paquera amorosa.

- Quero dizer - esclareci entre dentes- que me beijou. Provavelmente por brincar. Mas se poderia ser sua mãe!

- Até sua avó - assinalou ele, de maneira brutal- . De maneira que te beijo. E por que diabos o incitou, Sassenach?

Fiquei boquiaberta de indignação. Era tão insultante que me considerasse a avó do Phillip Wylie quanto me acusasse de havê-lo incitado.

- O que o incitei? Condenado idiota! Sabe perfeitamente que não o incitei!

- Sua própria filha te viu entrar ali com ele. Não tem vergonha? Com tudo o que tenho que me enfrentar aqui, quer que me veja obrigado a desafiá-lo a duelo?

Senti algum remorso ao pensar na Brianna, e outro major ainda pela possibilidade de que Jaime desafiasse ao Wylie. Mas desprezei ambas as idéias.

- Minha filha não é tola nem fofoqueira - disse, com imensa dignidade- . Ela não pensaria mal se eu fosse ver um cavalo. E por que teria ninguém que pensar mau?

Ele exalou um comprido suspiro, com os lábios cavados. Seu olhar era fulminante.

- por que? Pois possivelmente porque todo mundo te viu paquerar com ele no prado. Porque o viram te seguir como um cão depois de uma fêmea em zelo.

Deveu notar que minha expressão se alterava perigosamente, pois tossiu um pouco antes de continuar:

- mais de uma pessoa acreditou necessário me comentar isso Crie que

eu gosto de ser o bobo de todos, Sassenach?

- Mas... mas... - Afogava-me a fúria. Teria querido lhe pegar, mas vi que algumas cabeças se voltavam para nós com interesse- . Cadela em zelo? Como te atreve a me dizer algo assim? Cretino infame!

Teve a decência de mostrar-se um pouco envergonhado, embora seguia jogando faíscas.

- De acordo, não devi dizê-lo assim. Não era minha intenção... Mas o certo é que o acompanhou, Sassenach. Como se eu não tivesse suficientes problemas, minha própria esposa... E se tivesse ido falar com minha tia, como te pedi, não teria acontecido nada disto. Vê o que tem feito agora?

Eu tinha trocado de ideia com respeito à conveniência do duelo. Queria que Jaime e Phillip Wylie se matassem mutuamente, quanto antes, em público e com o máximo derramamento de sangue. Tampouco me importava que nos olhassem. Fiz um sério intento de castrá-lo a emano poda, mas ele me aferrou pelas bonecas.

- Por Deus! A gente nos olhe, Sassenach!

- Me... importa... um... rabanete! - vaiei, lutando por me liberar- . Me solte, que já lhes darei algo para olhar!

Não tinha afastado os olhos de sua cara, mas tinha consciência de muitas outras que se voltavam para nós do prado. Ele também.

- Pois bem, que olhem - disse.

Envolveu-me em seus braços para me estreitar com força e me beijou. Como não podia me liberar, deixei de lutar e me pus rígida, furiosa. À distância se ouviram risadas e soezes exclamações de fôlego. Ninian Hamilton gritou algo em gaélico que me alegrei de não entender.

Por fim apartou seus lábios de meus, sem me soltar, e inclinou lentamente a cabeça; sua bochecha se apoiou contra a minha, fresca e firme.

- Sinto muito - disse em voz baixa. Seu fôlego me fez cócegas na orelha- . Não quis te insultar. Seriamente. Quer que o mate e logo me suicide?

Relaxe-me um pouco. Tinha os quadris solidamente apertados a ele e, com apenas cinco capas de tecido, ali, o efeito era reconfortante.

- Hum, ainda não. - Sentia-me enjoada pela corrente de adrenalina. Aspirei fundo para me tranquilizar.

- vá jogar uma olhada a Betty, a faxineira, e oxalá possa lhe fazer dizer algo sensato z-disse, olhando o sol, que pendia por sobre as taças dos salgueiros que bordeaban o rio- . Mas de faz tarde. Será melhor que suba a falar primeiro com minha tia, se quisermos que haja bodas às quatro.

Aspirei fundo, tratando de me serenar. Ainda chapinhavam em mim muitas emoções inexpressadas, mas obviamente havia muito que fazer.

- Bem - disse- . irei falar com a Yocasta e logo jogarei uma olhada a Betty. Quanto ao Phillip Wylie...

- Quanto ao Phillip Wylie - interrompeu-me- , não volte a pensar nele, Sassenach. - A seus olhos apareceu certo paixão interior- . Mais tarde me ocuparei dele.

Parte pudendas

Deixei ao Jaime no vestibulo e subi ao quarto da Yocasta, saudando os amigos e conhecidos com que me cruzava. Estava desconcertada, irritada... e divertida a meu pesar. Dos dezesseis anos não tinha dedicado tanto tempo à assombrada contemplação do pênis, e ali estava agora, preocupada com três.

Deduzi que Duncan estava mais ou menos intacto. O mais provável era que sua impotência tivesse origenes psicológicos; possivelmente alguma experiência prematura tinha convencido ao Duncan de que essa parte de sua vida estava terminada.

Bati na porta da Yocasta e entrei.

Ali estava o pai LeClerc, sentado ante uma pequena mesa do rincão, liquidando uma variedade de comestíveis; na mesa havia também duas garrafas de vinho, uma das quais estava já vazia. O sacerdote levantou a vista para mim com um sorriso gordurento.

- Tally- ho, Madame! –saudou alegremente, brandindo uma pata de peru- . Tally- ho, tally- ho!

Por contraste, bonjour parecia quase repressivo, de modo que me contentei com uma reverência e um breve Cheerio!

Toquei a Yocasta no cotovelo e lhe perguntei se podíamos nos instalar no assento da janela, pois tinha que discutir com ela algo importante. Pareceu surpreender-se, mas aceitou. depois de desculpar-se com uma reverência ante o pai LeClerc, veio a sentar-se a meu lado.

- Sim, sobrinha? –perguntou- . O que é o que acontece?

- Pois é que –disse, aspirando fundo- tenho que te falar do Duncan. Verá...

Ficou atônita assim que comecei a falar, mas notei algo mais em sua atitude. Algo que parecia... alívio, pensei com surpresa. Em sua atitude havia preocupação, mas não parecia muito inquieta. Em realidade, sua expressão ia passando da surpresa ao contente de quem descobre uma explicação para algo que lhe afligia.

Talvez a tinha surpreso e até inquietado um pouco não despertar no Duncan nenhuma amostra de interesse fisico.

Agora sabia por que. Aspirou fundo e moveu lentamente a cabeça.

- meu deus!, pobre homem –disse- . Sofrer semelhante coisa e chegar a aceitá-lo, só para ver-se repentinamente obrigado a preocupar-se de novo por isso. por que o passado não nos deixa viver tranquilos?

Baixou a vista, piscando; comoveu-me ver que tinha os olhos úmidos. de repente apareceu a seu lado o pai LeClerc.

- Algum problema? –disse-me em francês- . Monsieur Duncan sofreu alguma ferida?

Yocasta não sabia de francês mais que Comment ça vai?, mas entendeu claramente o tom da pergunta e reconheceu o nome de seu prometido.

- Não o diga –me pediu.

- Não, não –a tranquilizei. Logo olhei ao padre, movendo os dedos em

sinal de que não tinha que o que preocupar-se- . Não, non. C'est rien. Não é nada.

Jogou-me um olhar dúbio, franzindo o sobrecenho. Logo, a Yocasta.

- Uma dificuldade no leito marital? –perguntou sem rodeios, em francês.

Minha cara deveu expressar consternação, pois fez um gesto discreto para baixo, contra o peitilho de seu hábito.

- ouvi a palavra “escroto”, Madame, e não acredito que você falasse de animais.

- Merde –disse pelo baixo.

Yocasta, que tinha levantado bruscamente a cabeça para ouvir a palavra “escroto”, voltou-se para mim. Tranquilei-a com uns tapinhas na mão, tratando de resolver o que faria.

- Temo que adivinhou que o que se bolo, em geral - desculpei-me ante minha tia- . Será melhor que o explique.

Ela se mordeu o lábio inferior, mas não pôs objeções. Expliquei-lhe o caso ao sacerdote, tão brevemente como pude.

- Oui, merde, Madame - disse- . Quelle tragédie! - fez o sinal da cruz se brevemente com o crucifixo; logo, tomou assento junto à Yocasta- . Por favor, Madame, lhe pergunte qual é seu desejo.

- Seu desejo?

- Oui. Deseja ainda casar-se com o Monsieur Duncan, até sabendo isto? Verá você, senhora: segundo as leis da Santa Mãe Igreja, esse impedimento é um obstáculo para a consumação do matrimônio. Ao conhecer estas condições, eu não deveria administrar o sacramento. Não obstante... Não obstante, o propósito dessa proibição é que o matrimônio seja uma união frutífera, se Deus assim o quiser. Neste caso não é possível que Deus assim o queira. portanto...

Quando traduzi a pergunta a Yocasta, sua cara empalideceu e se apoiou um pouco no respaldo do assento. Apenas um momento depois, deixou escapar um profundo suspiro.

- Bom, graças a Deus tive a sorte de contar com um jesuíta - disse secamente- . Qualquer deles poderia argumentar até persuadir à Batata de que se tirasse os calções. Nem pensar de algo tão nimio como conhecer as intenções do Senhor. Sim. lhe diga que ainda desejo me casar.

Transmiti isso ao pai LeClerc, quem franziu algo o sobrecenho, examinando a Yocasta com muita atenção. O sacerdote pigarreou antes de falar. dirigia-se para mim, mas com a vista fixa nela.

- Por favor, Madame, lhe diga isto. Embora é certo que a base para esta lei da Igreja é a procriação, o verdadeiro matrimônio entre homem e mulher, esta... união da carne, é importante por si mesmo. A linguagem do rito... “os duas serão uma só carne”, diz. E há razões para isso. É muito o que acontece entre duas pessoas que compartilham um leito e se gozam mutuamente. O matrimônio não se reduz a isso, mas na verdade importa.

Eu devi pôr cara de surpresa, pois sorriu apenas.

- Não sempre fui sacerdote, Madame - disse- . Em outros tempos estive casado. Sei o que significa renunciar para sempre a essa parte... carnal... da vida.

Assenti com a cabeça e, depois de tomar fôlego, traduzi o que havia dito. Yocasta escutou até o final, mas estava decidida.

- lhe diga que lhe agradeço o conselho - disse, com um imperceptível toque de irritação- . Eu também estive casada anteriormente, mais de uma vez. E com sua ajuda voltarei a me casar. Hoje.

Traduzi, mas ele já tinha compreendido, pela postura da Yocasta e seu tom de voz. Por um momento esfregou as contas entre os dedos. Logo assentiu.

- Oui, Madame - disse. E lhe estreitou a mão em um suave gesto de fôlego- . Tally-ho, Madame!

Se parecer pato...

Bem: isso parecia, pensei, enquanto subia a escada para o apartamento de cobertura. Na lista de assuntos urgentes seguia a pulseira Betty: teria sido realmente drogada? Jaime a tinha descoberto no pomar duas horas antes, mas talvez houvesse ainda sintomas visíveis.

A porta do dormitório das pulseiras estava entreabrida; ao abri-la, encontrei-me com o Ulises, cruzado de braços ante a cabeceira de um camastro. A seu lado, vi um homem miúdo e pulcro, de jaqueta e volumosa peruca, com um pequeno objeto na mão.

antes de que eu pudesse falar, apertou esse objeto contra o braço frouxo da criada e se ouviu um estalo seco. Uma vez retirado, ficou um retângulo de sangue contra a pele parda da criada. As gotas caíram na terrina que tinha sob o cotovelo.

- Um escarificador - explicou o homem ao Ulises- . Um grande adiantamento com respeito às lancetas e as navalhas. Comprei-o na Filadelfia.

- Não duvido que a senhora Cameron lhe estará muito agradecida por sua amável condescendência, doutor Fentiman - murmurou o mordomo.

Fentiman. Com que essa era a autoridade médica do Cross Creek. Para ouvir meu pigarro, Ulises levantou a cabeça, alerta.

- Senhora Fraser - disse, com uma reverência- . O doutor Fentiman acaba de...

- A senhora Fraser? - O médico me olhou com a mesma suspicácia com que eu o observava, mas se impuseram os bons maneiras e me fez uma reverência.

- A seu serviço, senhora.

Percebi aroma de genebra em seu fôlego e a vi nos capilares quebrados do nariz e as bochechas.

- Encantada. - Dava-lhe a mão a beijar.

- Sua bondade é elogiável, senhora Fraser - opinou o médico- . Mas não há necessidade de que se incomode. A senhora Cameron é uma velha e apreciada amiga; atender a sua pulseira é um prazer para mim - e sorriu benignamente.

A respiração da pulseira era profunda e estertórea, bastante regular. Morria por tomar o pulso. Inalei profundamente, tratando de não chamar a atenção.

Reconheci facilmente os miasmas alcoólicos que haviam descrito Jaime e Brianna, mas não teria podido dizer quanto delas provinha da Betty e quanto do Fentiman. Se na mescla havia láudano, teria que me aproximar mais para detectá-lo e fazê-lo deprecia, antes de que os voláteis óleos aromáticos se desvanecessem por completo.

- Que amável é você, doutor - disse, com um sorriso cínico- . Não duvido que a tia de meu marido lhe estará muito agradecida por seus esforços. Mas um cavalheiro como você... tem que ter coisas muito mais importantes que

requeiram sua atenção. Acredito que Ulises e eu podemos nos ocupar de atender à pulseira. Seus companheiros devem jogar o de menos, doutor.

Para minha surpresa, o médico não sucumbiu imediatamente a essas adulações. Soltou-me a mão, com um sorriso tão falsa como a minha.

- Absolutamente, querida minha. Asseguro-lhe que aqui não se requer atenção alguma, é um simples caso de abuso. Administrei-lhe um emético; assim que surta efeito será possível deixá-la aqui sem perigo. Retorna você a seus prazeres, minha senhora; não há necessidade de que se arrisque a sujar tão bonito vestido.

antes de que eu pudesse replicar, da cama nos chegou um forte ruído de arcadas. O doutor Fentiman girou imediatamente, agarrando a bacinilla de debaixo da cama. O vômito fedia a uma mescla de rum e brandy, mas me pareceu perceber também o fantasma do ópio.

- Que classe de emético utilizou? - perguntei, me inclinando para a mulher para lhe abrir um olho com o polegar. A íris olhava para cima, pardo e frágil, com a pupila reduzida a um ponto. Definitivamente: ópio.

- Senhora Fraser! - O médico me fulminou com um olhar de irritação- . Sirva-se retirar-se, por favor, e não entremeter-se! Estou extremamente ocupado e não tenho tempo para suas fantasias. Você, senhor, leve-lhe depois de agitar uma mão ante o Ulises, girou para a cama.

- Mas... maior...! - Ao ver que Ulises dava um passo inseguro para mim, calei o epíteto.

Furiosa, abandonei a habitação. Jaime me estava esperando ao pé da escada. À lombriga tomou imediatamente do braço para me conduzir ao pátio.

- Esse... esse... - Faltavam-me palavras.

- Verme oficioso? - sugeriu, para ajudar.

- Sim! Escutaste-o? Que descaramento o desse açougueiro, esse insignificante... escupitajo! Que não tem tempo para minhas fantasias! Como se atreve?

- Quer que subida e o apunhale? - perguntou, com a mão na adaga- . Posso estripá-lo, se quiser... ou só lhe romper a cara.

- Pois... não. - Dominei minha cólera com certa dificuldade- . Não acredito que deva fazer isso.

Pareceu-me ouvir o eco de uma conversação similar, referida ao Phillip Wylie. Jaime também o notou, pois curvou a boca com ironia.

- Diabos - disse, tristemente.

- Sim. - A contra gosto retirou a mão da adaga- . Parece que hoje não me permite derramar sangue, né?

- Você gostaria?

- Muitíssimo - assegurou- . E a ti também, por isso vejo.

Não podia discutir, pois me teria encantado estripar ao doutor Fentiman.

- Podem seus métodos matar a essa mulher? - perguntou-me Jaime.

- Em princípio não. Ah!, quanto ao do láudano, acredito que tinha razão.

Jaime assentiu, cavando pensativamente os lábios.

- Pois bem: o importante é falar com a Betty, uma vez que esteja em condições de expressar-se coherentemente. Não acredito que Fentiman vele

junto à cama de uma pulseira doente, ou sim?

- Não - admiti a contra gosto- . Até onde se vê, ela não corre perigo. Terei que vigiá-la, mas só se por acaso vomita e se afoga enquanto dorme. E duvido que ele fique a fazer isso, se é que lhe ocorre.

- Bem. - Jaime refletiu um momento; a brisa lhe levantava o cabelo do cocuruto- . pedi a Brianna e ao Roger que comprovem se algum convidado está roncando por algum rincão. Eu irei ver nas dependências dos escravos. Poderá te escapulir até o apartamento de cobertura quando se for Fentiman e falar com a Betty assim que desperte?

- Suponho que sim. - De qualquer modo pensava subir para me assegurar de que a mulher estava bem- . Mas não te demore muito. Já estão quase preparados para a cerimônia.

Olhamo-nos durante um instante.

E com uma reverência, girou sobre seus talões para cumprir com sua tarefa.

Azougue

Para alívio do Jamie, as bodas se realizou sem dificuldades. A cerimônia foi em francês e se celebrou no saloncito privado da Yocasta, no piso de acima; além dos noivos e o sacerdote, estavam pressentem ele e Claire como testemunhas, Brianna e seu jovem marido, e Jemmy, que dormiu durante a cerimônia.

Duncan estava pálido, mas inteiro, e a tia do Jaime pronunciou seus votos com voz firme. Brianna, que se tinha casado recentemente, contemplava-o espremendo o braço de seu marido, em tanto Roger MAC a olhava com olhos tenros. Jaime também se comoveu; enquanto o sacerdote entoava a bênção, ele se levou os dedos do Claire aos lábios para roçá-los com um beijo breve.

Concluídas as formalidades e assinados os contratos, todos baixaram para reunir-se com os convidados ante um opíparo banquete de bodas.

Jaime agarrou uma taça de vinho e se reclinou contra o muro sob a terraço, sentindo que suas costas descarregava as tensões do dia. Um problema menos.

Betty permanecia inconsciente, mas fora de perigo. E como não tinha aparecido nenhum outro envenenamento, era provável que tivesse ingerido a droga ela mesma.

O que em realidade queria Jaime era estar com sua esposa. Desejava-a a morrer.

Ela se encontrava no extremo da terraço. Lhe contraíram os dedos: assim que estivesse com ela a sós lhe recolheria a juba para cima com as mãos, só pelo prazer de deixá-la cair outra vez por suas costas.

Ela ria por algo que Lloyd Stanhope acabava de lhe dizer. Tinha uma taça na mão e estava ruborizada pelo vinho; ao vê-la sentiu uma pontada de desejo.

Deitar-se com ela podia ser algo, desde ternura até orgia, mas possuí-la quando estava algo ébria era sempre deleite especial. Então se preocupava menos dele, abandonada e alheia a tudo o que não fora seu próprio prazer; arranhava-lhe, mordida-lhe... e lhe implorava que fizesse o mesmo com ela. lhe encantava essa sensação de poder, a eleição entre unir-se a ela imediatamente, com luxúria selvagem, ou conter-se por um tempo para dirigi-la a seu desejo.

Viu-a utilizar com efetividade o leque: aparecia os olhos pelo bordo e se fingia espantada por algo que esse sodomita do Forbes havia dito. Misericórdia? Não, não a teria.

A aparição do George Lyon interrompeu seus pensamentos. O tinham apresentado, mas sabia pouco desse homem elegante e presunçoso.

- Senhor Fraser, permite-me uma palavra?

- Para servi-lo, senhor.

voltou-se para deixar a taça; esse ligeiro movimento foi suficiente para ajustar-se discretamente a manta.

- Caminhamos um pouco, senhor Lyon? –sugeriu. Se queria tratar

algum assunto íntimo, era melhor não fazê-lo ali, onde podia interrompê-los algum convidado.

Caminharam lentamente até o extremo da terraço, intercambiando frases comuns entre si e cortesias com outros hóspedes, até chegar ao pátio, onde vacilaram um instante.

- Falaram-me muito de você, senhor Fraser –começou seu companheiro, enquanto partiam para a alta torre do relógio que coroava os estábulos.

- Seriamente, senhor? Confio que não tudo fora desfavorável.

Ele também tinha ouvido algumas costure sobre o Lyon; comercializava com algo que a gente queria comprar ou vender... e não era escrúpulo quanto à origem de sua mercadoria.

Lyon se pôs-se a rir.

- É obvio que não, senhor Fraser. Além do ligeiro impedimento de seus vínculos familiares, não ouvi mais que calorosos elogios, tanto sobre seu caráter como seus lucros.

“ A Dhia” , pensou Jamie. Extorsão e adulação, tudo na primeira frase.

- Chisholm, McGillivray, Lindsay... - repetiu o homem, pensativo- .. Assim que a maioria de seus homens são escoceses das Terras Altas, não, senhor Fraser? Filhos de colonos? Ou possivelmente militares retirados como você?

- OH!, duvido que um militar se retire jamais de tudo, senhor – comentou Jamie- . Quem viveu sobre as armas fica marcado de por vida. Até ouvi comentar que os velhos soldados não morrem: só se esfumam.

Lyon riu com exagero, declarando que era um bom epigrama.

- Agrada-me lhe ouvir expressar esses sentimentos, senhor Fraser. Sua majestade sempre confiou na reciedumbre dos escoceses. Acaso você ou algum de seus vizinhos serve no regimento de sua primo?

Agora Lyon perguntava se Jaime não tinha tratado também de estabelecer seus créditos como leal soldado da Coroa arrolando-se em algum dos regimentos escoceses. A estupidez desse homem era incrível.

- Pois não. Infelizmente, não poderia emprestar esse serviço – respondeu ele- . Certa incapacidade provocada por uma campanha anterior, compreende você? –a pequena incapacidade de ter sido prisioneiro da Coroa durante vários anos, mas não mencionou essa parte.

Por então tinham chegado ao cercado e estavam comodamente apoiados na cerca.

- Que cavalos estranhos, verdade? –Jamie, que os observava com fascinação, interrompeu a disquisición do Lyon.

- Sim, é uma raça muito antiga –disse Lyon- . Tinha-os visto antes... na Holanda.

- Na Holanda. viajou você muito?

- Nem tanto, mas estive lá alguns anos e a casualidade quis que conhecesse um parente dele. Um mercado de vinhos, chamado Jared Fraser?

Jaime sentiu uma descarga de surpresa, a que seguiu uma cálida sensação de prazer ante a lembrança de sua primo.

- Seriamente? Sim, Jared é primo de meu pai. Confio em que você o encontrasse bem.

- Muito bem, sim.

Lyon se aproximou um pouco, e Jaime compreendeu que ia entrar em matéria. Esvaziou sua taça e a deixou, disposto a escutar.

- Tenho entendido que sua família tem também certo... talento para os licores, senhor Fraser.

- Afeição, talvez sim, senhor. Quanto a talento, não saberia lhe dizer.

- Não? Pois já vejo que você é muito modesto. Seu uísque é célebre por sua qualidade.

- Adula-me você. –Agora sabia o que se morava. Não seria a primeira vez que alguém lhe sugeriu uma associação: que ele proporcionasse o uísque e seus sócios se encarregariam de distribuí-lo no Cross Creek, no Wilmington e até no Charleston.

Ao parecer, Lyon tinha planos mais grandiosos. O mais envelhecido iria por navios águas acima, até Boston e Filadelfia, sugeriu. O afresco, em troca, podia ir às aldeias cherokees, ao outro lado da Linha do Tratado, em troca de couros e peles. Ele tinha sócios que lhe proporcionariam...

Jamie escutava com crescente desaprovação. Por fim o interrompeu.

- Sim. Agradeço seu interesse, senhor, mas temo que minha produção não alcança para o que você sugere. Produzo uísque só para consumo familiar, e uns poucos tonéis mais para a troca local. Nada mais.

Lyon grunhiu amigavelmente.

- Mas com seus conhecimentos e sua habilidade, senhor Fraser, você poderia incrementar sua produção. Se for questão de materiais... Posso falar com os cavaleiros que atuavam como sócios na empresa e...

- Não, senhor. Temo-me que não. Se me desculpar.

Fez-lhe uma abrupta reverência e girou sobre seus talões para retornar a terraço. Devia perguntar ao Farquard Campbell quem era esse homem. Se alguma vez se dedicava a esse comércio, faria-o pessoalmente, possivelmente com a ajuda do Fergus ou Roger MAC, talvez o velho Arch Bug e Joe Gemem... mas ninguém mais.

Voltou para grandes passos a terraço, pensativo, mas a aparição de sua esposa lhe apagou por completo o uísque da cabeça.

Claire se tinha separado do Stanhope e seus amigos; estava de pé ante a mesa do refrigerio, observando os aprimoramentos exibidos. Jaime viu que Gerald Forbes a observava com olhos acesos de especulação; imediatamente, interpôs-se entre sua esposa e o advogado. Sentiu que os olhos do homem se chocavam com suas costas e sorriu para seus adentros. “Esta é minha, velho”, disse-se

- Não sabe por onde começar, Sassenach? –Agarrou a taça vazia do Claire, enquanto aproveitava o movimento para aproximar-se contra suas costas.

Ela se apoiou contra ele, rendo, e se reclinou contra seu braço. Cheirava a pós de arroz e a pele quente, junto com o perfume dos pimpolhos de rosa que lhe adornavam o cabelo.

- Toma, Sassenach. –Depositou a taça vazia em uma bandeja que passava e a substituiu por outra enche.

OH!, não posso...- Começou ela, mas Jamie, para sossegá-la, agarrou outra taça e a elevou para ela, como em um brinde. As bochechas do Claire avermelharam.

- Pela beleza –disse ele, com um suave sorriso.

Sentia-me estupidamente, e não todo se devia ao vinho, embora era muito bom. Mas bem era a ausência de tensões, depois de todos os conflitos desse dia.

A aparição do Jamie foi algo prematura para meu programa, posto que eu ainda não tinha comido nada, mas não me opunha a reajustar minhas prioridades.

- Pela beleza –disse brandamente, e bebeu, sem apartar os olhos de mim.

- Pela intimidade –respondi, levantando minha própria taça.

Elevei lentamente as mãos para me tirar o encaixe ornamentado do cabelo e meus cachos caíram soltos por minhas costas. Ouvi que alguém afogava uma exclamação escandalizada. Jamie tinha os olhos cravados em mim como os de um falcão no coelho. Sustentei-lhe o olhar e bebi, tragando com lentidão.

Nesse momento, uma voz falou detrás dele, dos grandes ventanales iluminados pelas velas.

- Senhor Fraser.

Ambos demos um coice. Ao ver a figura recortada no vão da porta, Jamie afrouxou o corpo e deu um passo atrás, torcendo a boca em uma careta de ironia.

Phillip Wylie saiu para a luz das tochas. Seu enrojecimiento era tal que se via apesar dos pós.

- Meu amigo Stanhope tem proposto que esta noite organizemos uma ou duas mesas de whist –disse- . Quer jogar, senhor Fraser?

Jamie lhe cravou um olhar largo e frio, o pulso palpitava a um lado de seu pescoço, mas sua voz soou serena.

- Ao whist?

- Sim. –Wylie sorriu esmerando-se em não me olhar- . Hão-me dito que você tem boa mão para as cartas, senhor. Claro que nossas apostas são bastante elevadas. Talvez não considere...

- Será um prazer –replicou Jamie. Seu tom deixava perfeitamente em claro que o único prazer verdadeiro teria sido lhe fazer tragar os dentes.

- Ah!, estupendo. Espero... com ânsias a ocasião.

- A suas ordens, senhor. –Jamie se inclinou abruptamente. Logo deu meia volta e me agarrou do cotovelo para nos afastar da terraço.

Acompanhei-o em silêncio até que estivemos o bastante longe para que ninguém nos ouvisse.

- perdeste a cabeça? –perguntei cortesmente.

- Posso permitir que esse petimetre pisoteie minha honra e logo me insulte à cara? –Girou para mim, jogando faíscas pelos olhos.

- Não acredito que haja... - comecei, mas me interrompi. Era evidente que, se a intenção do Wylie não era insultá-lo diretamente, ao menos queria desafiá-lo. E para um escocês ambas as coisas eram quase o mesmo.

- Mas não tem por que aceitar!

- É obvio que sim –disse, rígido- . Tenho orgulho.

- Sim, e Phillip Wylie sabe perfeitamente! O orgulho precede à queda.

Alguma vez o ouviste dizer?

- Não tenho a menor intenção de cair –assegurou- . Dá-me seu anel de ouro?

- O que...? Meu anel?

Meus dedos foram involuntariamente à mão esquerda, à aliança do Frank. Ele me observava com atenção, os olhos fixos em meus.

- Necessito algo com o que apostar –explicou em voz baixa.

- Ao demônio! –Voltei-lhe as costas, olhando para o prado.

- Não o perderei –disse Jamie, detrás de mim. Apoiou-me uma mão no ombro- . E se o perdesse... o resgataria. Sei que o aprecia.

Torci o ombro para me sacudir sua mão e me afastei alguns passos. Ele não disse nada nem me tocou; limitava-se a esperar.

- o de oro –disse por fim, inexpressiva- . o de prata não?

Seu anel, esse não. Sua marca de propriedade, essa não.

- o de oro vale mais –explicou ele E acrescentou- : Em dinheiro.

- Isso sei.

Girei-me para me enfrentar a ele. As chamas das tochas, batendo as asas no vento, arrojavam uma luz móvel contra suas facções; assim era mais difícil ler nelas.

- Não seria melhor que te desse os dois? –Tinha as mãos frite e escorregadias de suor. O anel de ouro se desprende com facilidade; o de prata estava mais ajustado, mas o retorci até fazer que acontecesse o nódulo. Agarrei-lhe a mão para deixar cair nela os dois anéis, com um tinido.

Logo dava meia volta e me afastei.

Os campos de batalha de Vênus

Roger saiu do salão a terraço, serpenteando entre a multidão que se aglomerava em torno das mesas. Estava acalorado e suarento, o ar da noite foi como uma palmada refrescante. deteve-se no extremo da terraço, onde poderia desabotoar o colete sem chamar a atenção.

Ali estava Bree: saía da sala, voltando-se pela metade para dizer algo à mulher que levava detrás. Imediatamente o viu e lhe acendeu a cara.

- Por fim! Apenas te vi em todo o dia. Mas te escutava de vez em quando –acrescentou ela, assinalando com a cabeça as portas abertas do salão.

- Sim? E cantei bem? –perguntou ele como sem lhe dar importância.

Ela sorriu e lhe golpeou o peito com o leque fechado, imitando o gesto de uma consumada coquete... costure que não era.

- OH!, senhora MacKenzie –disse, em tom agudo e nasal- , que voz tão divina tem seu marido! Se eu tivesse sua sorte, tenha a segurança de que me passaria horas inteiras me embriagando com sua melodia...

Entre risadas, ele reconheceu à senhorita Martin, a dama de companhia da anciã senhorita Bledsoe.

- Sabe perfeitamente que canta bem –disse Brianna- . Não faz falta que eu lhe diga isso.

- Talvez não –admitiu ele- . Mas isso não significa que eu não goste de ouvi-lo.

- Seriamente? Não é suficiente com a adulação das multidões?

Roger não soube o que responder e optou por agarrar a da mão.

Brianna pediu a um dos escravos que lhe trouxesse uma garrafa de vinho e duas taças.

- Encontrou a algum convidado desvanecido entre os arbustos? – perguntou ela. depois de tragá-lo esclareceu- : Esta tarde, quando papai te pediu que saísse a investigar.

Ele lançou um breve bufido.

- Sabe no que se diferencia umas bodas escocesa de um velório escocês?

- Não, no que?

- No velório há um bêbado menos.

Ela se ponho-se a rir.

- Não –respondeu ele, enquanto a guiava diestramente para a direita do embarcadero, onde estavam os salgueiros- . Agora se vêem uns quantos pés aparecendo entre as matas, mas esta tarde ainda não tinham tido tempo de ficar patas acima.

- Você sim que domina a linguagem –comentou ela, apreciativa- . Eu fui falar com os escravos; todos pressente e em sua maioria, sóbrios. Um par de mulheres admitiram que Betty bebe nas festas.

- O qual é pouco dizer, a julgar pelos comentários de seu pai. Disse que estava como uma Cuba. E me parece que não se referia só à bebedeira.

- Hum... Mamãe disse que mais tarde já parecia estar bem, apesar de que o doutor Fentiman insistiu em sangrá-la. Esse médico me dá calafrios. Parece um duende ou algo assim. E tem as mãos mais frite e úmidas que eu haja meio doido em minha vida.

- Ainda não tive o prazer –disse Roger, divertido- . Vêem.

Apartou o véu pendente dos ramos de salgueiro, e Brianna procurou o banco de pedra a provas para deixar a bandeja.

Roger fechou os olhos com força e contou até trinta. Ao abri-los pôde distinguir a silhueta do Bree, e a linha horizontal do banco. Ali pôs as taças e serviu o vinho, fazendo tilintar o pescoço da garrafa contra as taças.

Logo alargou uma mão e a deslizou pelo braço do Bree, até que localizou a dela e pôde lhe entregar sem perigo a taça enche.

- Pela beleza –disse, elevando a sua.

- Pela intimidade –brindou ela. E bebeu. Ao cabo de um momento murmurou, sonhadora- : Ah, que rico...! Fazia tanto tempo que não provava vinho... Um ano? Não: quase dois. Desde antes de que nascesse Jemmy. Em realidade, desde... - Interrompeu-se abruptamente; logo continuou com mais lentidão- : Desde nossa primeira noite de bodas. No Wilmigton, recorda?

- Sim, lembrança.

Não era estranho que Bree recordasse agora aquela noite. Tinha começado assim, sob os ramos de um enorme castanho. A situação atual se parecia estranha e conmovedoramente a aquela: a escuridão, o segredo, o aroma da folhagem e a água próxima.

Mas aquela tinha sido uma noite calorosa, tão densa e úmida que a carne se fundia contra a carne. Agora o frio o fazia desejar o calor do Bree.

- Crie que dormirão juntos? –perguntou Brianna. Parecia um pouco sufocada, talvez por efeito do vinho.

- Quais? Ah, Yocasta e Duncan? por que não, se se casaram?

Roger esvaziou sua taça e a deixou com um tinido do cristal contra a pedra.

- foi umas belas bodas, verdade? –Ela se deixou tirar a taça sem resistência- . Tranqüila, mas muito bela.

- Muito bela, sim. –Beijou-a com suavidade, estreitando-a contra si, enquanto apalpava a atadura do vestido à costas, entrecruzada sob o fino xale de ponto.

- Não trouxe meu... quer dizer... - Ela se apartou um pouco, dúbia.

- Mas tomaste as sementes, não?

- Sim.

Mas ainda parecia duvidar. Ele chiou os dentes e a sujeitou melhor, para impedir que fugisse.

- Não importa –sussurrou, deslizando a boca por seu pescoço, até o pendente onde se unia com o músculo do ombro- . Não necessitamos... quer dizer... não vou deixar que...

O decote do vestido era profundo debaixo do lenço, como o indicava a moda; mais profundo ainda com os cordões desatados. Roger sentiu o peito brando e pesado no oco de sua mão, grande e redondo o mamilo, e se deixou levar pelo impulso de aproximar a boca.

Ela ficou rígida; logo se relaxou com um suspiro estranho. Roger sentiu na língua um sabor quente e doce; logo, um estranho palpar e um

gorro de... Tragou por reflexo, horrorizado... Horrorizado e excitadíssimo. Tinha-o feito sem pensar, sem intenção... Mas lhe sujeitou a cabeça com força.

Isso lhe deu valor para continuar; empurrou-a brandamente para trás, deitando-a no bordo do banco para poder ajoelhar-se ante ela. Lhe tinha ocorrido uma súbita idéia, provocada pela lembrança daquela anotação no caderno dos sonhos.

- Não se preocupe –lhe sussurrou- . Não ...arriscaremos a nada. Deixa que o faça... só por ti.

Ainda vacilando, lhe permitiu deslizar as mãos sob sua saia, subir pela curva sedosa da pantorrilha, embainhada na média, e a coxa nua, sob a curva aplanada das nádegas. Uma das canções do Seamus descrevia as façanhas de certo cavaleiro “ nos campos de batalha de Vênus” . As palavras se deslizaram por sua cabeça, e decidiu desempenhar-se com honra nessa palestra.

Embora ela não soubesse descrevê-lo, ele o faria conhecer. Bree se estremeceu entre suas mãos.

- Senhorita Bree?

Os dois deram um coice. Roger sentia o trovejar do sangue nos ouvidos...e nos testículo.

- Sim, o que acontece? É você, Fedra? O que acontece? É pelo Jemmy?

- Sim, senhora. –A voz da Fedra vinha do salgueiro mais próximo à casa- . O pobre menino despertou acalorado e inquieto; não quis o mingau nem o leite. E agora começou a tossir muito. Teresa queria que procurássemos o doutor Fentiman, mas lhe hei dito...

- O doutor Fentiman!

Brianna pôs-se a correr para a casa, seguida pela pulseira.

Roger ficou de pé e esperou um momento, com a mão contra os botões da braguilha. A tentação era forte; só demoraria um minuto. Possivelmente menos, nesse estado. Mas não: Bree podia necessitá-lo para que se entendesse com o Fentiman. A só idéia de que o doutor utilizasse seus sanguinários instrumentos na carne branda do Jemmy bastou para que se lançasse de cabeça entre os salgueiros, detrás das duas mulheres. Os campos de batalha de Vênus teriam que esperar.

Encontrou ao Bree com o Jemmy no boudoir da Yocasta, centro de um pequeno grupo de mulheres, que pareceram scandalizadas ao vê-lo aparecer. Apesar de tudo, abriu-se passo entre elas até reunir-se com a Brianna.

O pequeno tinha mau aspecto, sim. Roger sentiu um nó de medo na boca do estômago. Virgem Santa!, Como podia ter ocorrido algo assim em tão pouco tempo? Na festa, tinha estado tão buliçoso e simpático como de costume, mas agora jazia contra o ombro da Brianna, com as bochechas acesas e os olhos pesados, choramingando um pouco; de seu nariz brotava um fio de muco claro.

- Como vai?–Tocou-lhe uma bochecha com a mão. Por Deus, ardia!

- Doente –foi a seca resposta.

Jemmy começou a tossir; era um ruído espantoso: forte, mas médio

sufocado. O sangue se amontoou na carita já vermelha; os olhos azuis, redondos, dilataram-se no esforço de tomar fôlego entre um espasmo e outro.

- Maldição! –murmurou Roger- . O que fazemos?

- Água fria –disse com autoridade uma das mulheres- . Inundem por completo em um banheiro de água fria. E que bebe também.

- Você, moça, vê em busca do doutor Fentiman –disse a Fedra uma das mulheres- . Não me ouviste?

- Não! Ele não, não! –gritou Brianna e a seguir se dirigiu ao Roger- : Procura mamãe. Logo!

Roger baixou como uma tromba ao vestibulo, onde se encontrou com o Claire, que vinha apressadamente para ele. Alguém o havia dito.

- Jemmy? –perguntou ela.

Ante seu mudo gesto afirmativo, subiu a escada em um segundo, seguida pelos olhares atônitos da gente que enchia o vestibulo. Roger a alcançou acima, no corredor, a tempo para lhe abrir a porta, e se manteve atrás para não estorvar, maravilhado. Assim que Claire entrou na habitação, a atmosfera de preocupação lhe confinem com o pânico troco imediatamente. Embora a aflição perdurava, as mulheres se retiraram a seu passo sem vacilar, murmurando entre si. Claire se aproximou diretamente ao Jemmy e ao Bree, sem emprestar atenção a ninguém mais.

- Olá, tesouro. O que acontece? Encontramo-nos muito mal?

Enquanto falava em murmúrios com o bebê, desviou-lhe a cabeça a um lado e a outro, apalpando sob as bochechas gordinhas e detrás das orelhas.

- Pobrecito... Não importa, tesouro. Mamãe está aqui, a avó está aqui e todo se arrumará... Quanto tempo leva assim? bebeu algo? Sim, querido, sim... Traga com dificuldade?

Claire agarrou uma folha do grosso papel da Yocasta. Enrolou-a para formar um tubo, que usou para auscultar atentamente as costas e o peito do Jemmy.

- Sim, claro que é cruz –disse distraidamente, em resposta ao diagnóstico interrogante que oferecia uma das mulheres- . Mas isso é só tosse e dificuldade para respirar. O cruz pode apresentar-se sozinho, por assim dizê-lo, ou como sintoma cedo de outras enfermidades.

- Por exemplo? –Bree estreitava ao Jemmy com força.

- Pois... - Claire parecia escutar atentamente o que acontecia dentro do Jemmy, que tinha deixado de tossir e jazia contra o ombro de sua mãe, exausto, respirando com ofegos- . Hum... resfriado comum, gripe, asma, difteria... mas não é isso –acrescentou depressa, ao ver a cara da Brianna.

- Está segura?

- Sim –replicou Claire com firmeza- . Não acredito que seja difteria. Além disso, não houve casos por aqui. E como ainda lhe dá o peito, tem a imunidade...

interrompeu-se abruptamente, notando que as mulheres a olhavam. Logo tossiu deliberadamente, para incitar ao Jemmy com o exemplo. O menino gemeu um poquito e voltou a tossir. Roger sentia uma rocha em seu próprio peito.

- Não é grave –assegurou Claire ao incorporar-se- . Mas é preciso

começar já a tratá-lo. Baixemo-lo à cozinha. Fedra, pode me trazer um par de edredons velhos, por favor?

E se dirigiu para a porta, afugentando às mulheres a seu passo.

Guiado por um impulso, Roger alargou os braços para o bebê. Depois de um instante de vacilação, Brianna permitiu que o agarrasse. Jemmy não resistiu; pendia lasso e pesado, em terrível contraste com sua normal elasticidade de borracha. Sua bochecha queimava através da camisa. Baixou a escada com ele em braços e Bree a seu lado.

- Tem alguma infecção no ouvido, tesouro? –Claire lhe soprou em um ouvido; logo, em outro. O bebê piscou, entre roucas tosses, e se passou uma mão gordinha pela cara, mas sem amostras de dor.

Guiados pelas indicações do Claire, os escravos transportavam em um rincão da cozinha; trouxeram água fervendo e com os edredons unidos com alfinetes formaram uma loja.

Então, Brianna se meteu sob o edredom e alargou os braços para que entregassem ao Jemmy. Claire, que tinha mandado a uma pulseira a procurar sua caixa de remédios, revolveu nela até encontrar uma redoma cheia de um azeite amarelo e um frasco de cristais brancos.

antes de que pudesse fazer nada com eles, Joshua, uma das moços de quadra, baixou ruidosamente a escada, médio sufocado pela pressa.

- Senhora Claire! Senhora Claire!

Ao parecer, enquanto alguns cavalheiros disparavam suas pistolas em celebração do feliz acontecimento, um deles tinha sofrido certo percalço, embora Josh não sabia exatamente do que se tratava.

- Não está ferido gravemente –assegurou- , mas sangra muito. E o doutor Fentiman... possivelmente não esteja tão firme como conviria. Viria você, senhora?

- É obvio.

Em um abrir e fechar de olhos, ela pôs o frasco e a redoma em mãos do Roger.

- Tenho que ir. Agarra isto. Ponha um pouco na água quente; que respire o vapor até que deixe de tossir.

Rápida e pulcra, recolheu sua caixa e, depois de entregar-lhe ao Josh, desapareceu pela escada antes de que Roger pudesse lhe perguntar nada.

- Onde está mamãe? foi-se? –perguntou Bree.

- Sim. Há uma emergência. Mas tudo sairá bem –assegurou Roger- . Deu-me o que devemos jogar na água. Disse que lhe façamos respirar o vapor até que a tosse cesse.

sentou-se no chão, junto à bacia. A escuridão não era total ali abaixo. Quando seus olhos se habituaram pôde ver o bastante. Bree parecia preocupada mas não tão aterrada como antes. Ele também se sentia melhor; ao menos sabia o que devia fazer. E Claire não parecia tão preocupada como para não separar-se de seu neto.

A redoma continha azeite de pinheiro, penetrante e perfumado de resinas. Não sabia quanto usar, mas jogou à água uma quantidade generosa. Enquanto o fazia sentiu saudades da instintiva familiaridade do gesto.

- Ah! Assim era isso –disse de repente.

- O que?

- Isto. –Assinalou com aquele gesto abrigado santuário, que se enchia rapidamente de um vapor perfumado- . Lembrança ter estado em minha cama com uma manta na cabeça. Minha mãe pôs isto em água quente; cheirava igual. Por isso me pareceu familiar.

- Ah...! –A idéia pareceu tranquilizar ao Bree- . Você também teve croup quando foi pequeno?

- Suponho que sim. Não recordo nada. Somente o aroma.

A essas alturas o vapor tinha cheio a pequena loja, úmido e penetrante. Ele se encheu os pulmões. Logo deu uns tapinhas à perna da Brianna.

- Não se preocupe. Com isto se curará.

Roger tinha deixado cair a cortiça da cânfora. Buscou-o provas no chão e tampou com firmeza o frasco.

- Eu gostaria de saber o que tem feito sua mãe com os anéis – comentou por procurar algum tema de conversação que rompesse esse úmido silêncio.

- por que? –perguntou Brianna.

- Quando me entregou estas coisas não os deixava postos. –Tinham-lhe chamado a atenção, pois nunca a tinha visto sem esses anéis de ouro e prata.

- Está seguro? Nunca os tira, salvo para fazer algo muito horrível. – Bree deixou escapar uma risita nervosa, inesperada- . A última vez foi quando Jem deixou cair seu “ bobi” na bacinilla.

Roger riu, divertido. “ Bobi” se referia a qualquer objeto pequeno, mas assim chamavam agora à argola que ao Jem gostava de mascar. Era seu brinquedo favorito e não podia deitar-se sem ele.

- BA BA? –Jem levantou a cabeça, com os olhos entrecerrados. Ainda respirava com dificuldade, mas começava a demonstrar interesse por algo que não fora seu desconforto- . BA BA!

A escura intimidade da loja fez que Roger recordasse algo: havia ali a mesma sensação de paz e retiro que no banco dos salgueiros, embora fizesse muito mais calor. O algodão de sua camisa tinha perdido rigidez; sentia o fio de suor que lhe corria pelas costas, da nuca.

- Ouça –disse ao Bree- , não quer subir a te tirar o vestido novo? Aqui te danificará.

- Pois... - Ela se mordeu o lábio- . Não, não importa. Ficarei.

Roger se incorporou, médio agachado sob os edredons, e levantou o Jem, que tossia e gotejava em seu regaço.

- Vê –disse com firmeza- . Pode recolher seu b... já sabe o que. E não se preocupe. É óbvio que o vapor está sortindo efeito. Logo estará bem.

Ao fim ela consentiu. Roger ocupou o tamborete, com o Jemmy acurrucado no oco de seu braço. A pressão do assento lhe fez tomar consciência de certa congestão residual, originada no encontro sob os salgueiros. Trocou um pouco de posição para aliviar o desconforto.

- Bom, o dano é passageiro –murmurou a jemmy- . Qualquer moça lhe dirá isso.

Jemmy soprou e disse algo ininteligível, que começava com “ o BA...?” . Logo voltou a tossir, mas por pouco tempo. Ele acariciou a bochecha, que parecia algo menos afiebrada. Mas não era fácil apreciá-lo, com tanto calor

como fazia ali.

- BA BA? –perguntou uma vocecita de rã contra seu peito.

- Sim, já vem. Cala, cala.

- BA...

- Era ru-Bia, como um ha-dá...

- BA...!

- E calça-ba cento e dez! –Roger levantou abruptamente a voz, com o que provocou um sobressaltado silêncio, tão dentro como fora da loja, na cozinha. depois de um pigarro, retomou um tom de arrulho- . OH minha ama-da, OH minha ama-da, OH minha ama-da Clementine...

A canção parecia sortir efeito. Jemmy tinha posto as pálpebras a meia haste. Começou a chupar o polegar, mas não podia respirar pelo nariz. Roger apartou brandamente o dedo e lhe reteve o punho. Estava molhado e pegajoso; era muito pequeno, mas lhe percebia tranquilizadamente forte.

- golpeou-se... com uma asti-lla...

As pálpebras bateram as asas ligeiramente; logo abandonaram a luta. Jemmy suspirou, já completamente lasso. O calor emanava de sua pele em feitas ondas. Tinha diminutas gotas de umidade nas pestanas: lágrimas, suor, vapor ou as três coisas de uma vez.

- ... e perdi a meu Clementine. OH minha amada, OH minha amada...

enxugou-se a cara outra vez. Logo beijou aquele arbusto suave de cabelo úmido. “ Obrigado” , pensou com sinceridade, dirigindo-se a todos, de Deus para baixo.

- OH minha ama-da Clementine.

Estranhos na noite

Quando cheguei a minha cama, depois de examinar por última vez a todos meus pacientes, já era muito tarde. No primeiro patamar me detive olhar ao outro lado do corredor, onde Yocasta tinha suas habitações. Ali tudo era silêncio; as brincadeiras pesadas tinham terminado. Emprestei atenção, mas na escuridão não se ouvia mais que a forte respiração do Ulises, e continuei me arrastando para cima, com os joelhos e as costas doloridas, sentindo falta de minha própria cama... e a compreensão de meu marido.

No segundo patamar, uma janela aberta deixava ouvir gritos longínquos, risadas e algum disparo recreativo, gasto pelo vento da noite.

Com tantos hóspedes na casa, quão únicos gozavam o luxo de uma quarto privada eram os recém casados; outros nos tínhamos apinhado de qualquer modo nas habitações disponíveis. Avancei nas pontas dos pés entre aqueles corpos para ocupar meu espaço, ao pé de uma das grandes camas.

A pesar do arrulho hipnótico de tantos seres dormidos a mim ao redor, permanecia rígida e dolorida, contemplando os dedos de meus pés, que se recortavam contra a luz moribunda do lar.

Betty tinha passado do estupor a um sonho que parecia profundo e normal. Pela manhã, quando despertasse, poderíamos averiguar quem lhe tinha dado a taça... e, possivelmente, o que havia nela. Oxalá Jemmy também pudesse dormir plácidamente. Mas o que em realidade me preocupava era Jamie

Não lhe tinha visto entre os que jogavam às cartas nem entre os que conversavam. Tampouco tinha visto o Phillip Wylie na planta baixa da casa.

Esse não era o tipo de gente nem o estilo do Jamie, mas foi imaginar o entre eles o que me encolheu os pés de frio.

“ Não cometerá nenhuma estupidez” , disse-me enquanto me punha de lado para recolher os joelhos tanto como era possível nesse lotado espaço. Não as faria, é verdade, mas sua definição de estupidez não sempre coincidia com a minha.

Os hóspedes varões estavam alojados nos edifícios exteriores ou nos vestíbulos. Ao passar, havia visto anônimos adormecidos no chão, envoltos em seus capotes e roncando sonoramente junto ao fogo. Não procurei entre eles, mas Jamie devia estar ali; ao fim e ao cabo, sua jornada tinha sido tão larga como a minha.

Mas não era habitual que se retirasse sem vir a me dar as boa noite, quaisquer que fossem as circunstâncias. Claro que estava irritado comigo, e nossa rixa não estava resolvida, a não ser inflamada pelo convite dessa besta. Phillip Wylie. Fechei as mãos, esfregando com os polegares a leve calosidade que marcava o sítio onde normalmente estavam os anéis. Condenados escoceses!

Jemima Hatfield se removeu e murmurou a meu lado, perturbada por meu desassossego. Voltei a me tender de lado, a vista perdida no pé de

carvalho da cama.

Sim, ele seguia zangado pelos atrevimentos do Phillip Wylie. E eu também o teria estado, de não ser pelo cansaço. Como se atrevia...? Em realidade, não merecia a pena irritar-se, ao menos não no momento. Embora não era normal que Jamie me evitasse, zangado ou não.

O cansaço me venceu, fiquei dormida e comecei a sonhar.

Em meu sonho havia cavalos: lustrosos frisonos negros, de crinas flutuantes que ondulavam ao vento, enquanto os semeia corriam a meu lado. Via minhas próprias patas, estendidas para o salto; eu era uma égua branca. O estou acostumado a passava em um borrão verde sob meus cascos, até que me detive esperá-lo: um semental de peito amplo que me aproximou, quente e úmido seu fôlego contra meu pescoço. Fechou os dentes brancos contra minha nuca...

- Sou o Rei da Irlanda –disse.

Despertei lentamente, vibrando de pés a cabeça, e descobri que alguém me acariciava a planta desses mesmos pés.

Como seguia desconcertada pelas imagens de meus sonhos, não me alarmei; simplesmente, curvei os dedos e flexionei o tornozelo, desfrutando de do delicado polegar que avançava pelo arco

e subia pelo oco do tornozelo. de repente, com uma pequena sacudida, despertei por completo.

Quem quer que fosse percebeu minha volta à consciência, pois o contato se deteve momentaneamente. Retornou com mais firmeza; uma mão grande e morna executou com o polegar uma massagem contra a base dos dedos.

Por então eu estava acordada e um pouco sobressaltada, mas sem medo. Movi o pé, para desprender essa mão, mas os dedos me estreitaram isso ligeiramente a modo de resposta. Logo sua companheira me beliscou brandamente o dedo gordo.

O contato continuou pela planta do pé, me fazendo cócegas. Sacudi-me involuntariamente, contendo uma risita.

Aqueles dedos seguiram a curva da pantorrilha e procuraram refúgio na branda cara posterior do joelho. Ali tocaram um ritmo veloz contra a pele em tanto eu me contorsionaba de agitação. fizeram-se mais lentos até deter-se com firmeza na artéria onde a pele era tão fina que as veias se desenhavam em azul; percebi a corrente de sangue que passava por ali.

Ele trocou de posição, com um suspiro; logo uma mão me rodeou a redondez da coxa e se deslizou pouco a pouco para cima. A outra a seguiu, pressionando inexoravelmente para me separar as pernas.

O coração me palpitava nos ouvidos; sentia os peitos inchados e os mamilos possantes contra a musselina da camisa. Aspirei fundo... e percebi aroma de pós de arroz.

Meu coração se deteve por um momento, pois a idéia cobrou existência em minha mente: e se não era Jamie?

Permaneci muito quieta, tratando de não respirar, concentrada nessas mãos, que estavam fazendo algo delicado e indescritível. Eram mãos grandes; senti que os nódulos pressionavam contra a suave carne interior da

coxa. Mas Phillip Wylie também tinha as mãos grandes, muito para sua estatura. Tinha-o visto recolher um punhado de aveia para o Lucas, seu semental, e o focinho do cavalo cabia na palma.

Calos: essas mãos vagabundas (OH, bom Deus!) estavam calejadas. Mas também as do Wylie; sua Palmas de cavaleiro eram tão duras como as do Jamie.

Tinha que ser Jamie. Levantei um pouco a cabeça, para espiar na escuridão. É obvio que era Jamie! Nesse momento uma das mãos fez algo que me sobressaltou. Sacudi os membros com um grito afogado e meu cotovelo se cravou contra as costelas de minha vizinha, quem se incorporou imediatamente, com uma forte exclamação. As mãos se retiraram abruptamente, me espremendo os tornozelos em uma apressada despedida.

Alguém engatinhava pelo chão. Logo, um brilho de luz mortiça e uma rajada fria que entrou do corredor: a porta se abriu para voltar a fechar-se imediatamente.

- O que...? –murmurou Jemima a meu lado, em aturdida estupefação-. Quem anda?

Ao não receber resposta, murmurou algo e voltou a dormir. Eu não.

Passei comprido tempo insone, escutando os roncoss e sussurros de minhas companheiras, e o palpar de meu coração. Quando Jemima Hatfield se tombou inconscientemente contra mim, atirei-lhe uma cotovelada nas costelas.

- Juf? –murmurou ela, sobressaltada. E se incorporou pela metade, piscando, antes de afundar-se.

Eu não sabia o que sentir. Por uma parte estava excitada; contra minha vontade, mas definitivamente excitada. Quem quer que tivesse sido meu visitante noturno, sabia o que fazer com um corpo feminino.

Isso argumentava a favor do Jamie. Mesmo assim, eu não sabia que grau de experiência tinha Wylie nas artes do amor; No estábulo o tinha rechaçado sem lhe dar oportunidade de demonstrar suas habilidades nesse sentido.

Mas meu visitante de meia-noite não tinha aplicado nenhuma carícia que eu pudesse identificar como o repertório do Jamie. Se tivesse usado a boca, em troca... Não sabia se me sentir divertida ou indignada, seduzida ou violada. Mas estava enojadíssima disso, estava segura.

- Uf! –disse Jemima. Ao parecer eu não era a única prejudicada por minhas emoções.

- Hum? –murmurei, fingindo estar semidormida- . Glrgl. Bzg.

Na mescla havia também um sotaque de culpa. Se eu tivesse tido a segurança de que tinha sido Jamie, me teria zangado?

O pior era que não podia fazer absolutamente nada por averiguar quem tinha sido. Não podia perguntar ao Jamie se tinha vindo a me acariciar na escuridão, pois, se não tinha sido ele, assassinaria ao Phillip Wylie com suas próprias mãos.

Por fim abandonei a cama e me aproximei da porta. Com grande sigilo, abri-a para jogar um olhar ao corredor e caminhei em silêncio até a escada posterior, com intenção de sair a tomar ar.

No batente da escada me detive em seco. Ao pé dos degraus havia um homem: uma silhueta alta e negra contra os cristais dos ventanales. Eu não acreditava ter feito nenhum ruído, mas ele se voltou, levantou a cara para mim. Reconheci imediatamente ao Jamie.

- Baixa –disse com voz fica.

Joguei um olhar vacilante detrás de mim. Do quarto que acabava de abandonar surgia uma confusão de roncoss, mas ninguém se movia.

Voltei a olhá-lo. Ele não disse nada mais, mas levantou dois dedos em gesto de chamada. Seu aroma de fumaça e uísque enchia o oco da escada.

O sangue me palpitava nos ouvidos... e em outro sítio. Sentia-me avermelhada, com o cabelo úmido pego às tēmporas e ao pescoço; o ar frio se metia sob minha camisa, tocando o filme viscoso entre as coxas.

Descendi tratando de que os degraus não rangessem sob meus pés e me detive antes de baixar o último degrau. Graças a Deus, não tinha sangue

na roupa.

Não era a primeira vez que via ébrio ao Jamie, mas esta vez havia algo muito diferente. mantinha-se sólido como uma rocha, com as pernas separadas, delatando sua estado só por certa deliberação na maneira de mover-se.

- O que...? –sussurrei.

- Vêem aqui. –Sua voz soava grave, rouca, de insônia e de uísque.

Não tive tempo de responder nem de obedecer. Ele me agarrou do braço para me baixar do último degrau e me estreitou contra si para me beijar. Foi um beijo desconcertante, como se sua boca conhecesse a minha muito bem e pudesse me obrigar ao prazer, sem parar-se a pensar em meus desejos. Liberei minha boca o tempo suficiente para lhe ofegar ao ouvido:

- Aqui não!

Jamie levantou a cabeça, piscando como se despertasse de um pesadelo, com os olhos dilatados e cegos. Logo fez um gesto afirmativo, e se levantou, atirando de mim ao mesmo tempo.

junto à porta pendiam os capotes das criadas. depois de me envolver em um, elevou-me em vilo e atravessou a porta a golpes de ombro. Ao chegar ao atalho me deixou no chão; um momento depois avançávamos juntos por uma paisagem de sombras e vento, ainda entrelaçados, a tropeções, lutando.

Os estâbulos. Golpeou a porta e me arrastou consigo para a morna escuridão. Já dentro, empurrou-me com força contra a parede.

- Se não te possuir agora vou morrer –disse, sem fôlego, e sua boca procurou outra vez a minha. de repente se apartou. Cambaleei-me e tive que apoiar as mãos contra os tijolos do muro para não perder o equilíbrio.

- Estende as mãos –disse.

- O que?

- As mãos. as estenda.

Obedeci, totalmente desconcertada, e ele tomou a esquerda. Uma cálida pressão; a débil luz que penetrava pela porta brilhou sobre meu anel de ouro. Logo me cogó a direita para me pôr o de prata. A seguir me mordeu os nódulos com força. Um momento depois se emano estava em meu peito e o ar frio me roçava as coxas; senti o arranhão dos tijolos contra o traseiro nu.

- Olhe. –Seu fôlego me queimou o ouvido- . Olhe para baixo. Observa como te possuo. Olhe, maldita!

Apertou-me a nuca com uma mão, me inclinando a cabeça para que observasse na penumbra como me possuía. Arqueei as costas e logo me derrubei, mordendo a ombreira de sua jaqueta para não fazer ruído. Senti sua boca contra meu pescoço. Aferrei-me com força, enquanto ele se estremecia contra mim.

Enredados entre a palha, contemplamos a luz do dia que se filtrava pela porta entreabrida do estábulo. Ainda me retumbava o coração nos ouvidos e meu sangue fazia cócegas nas têmporas, as coxas e os dedos. Mas de algum modo me sentia alheia a essas sensações, como se as estivesse experimentando outra pessoa. Estava como fora da realidade... e um pouco

escandalizada.

O ritmo de sua respiração pareceu cortar-se durante um segundo, mas não se moveu. Duas exalações, três... e logo a vaga pressão de um dedo contra minha coluna.

- Assim ganhou –disse à costas do Jamie. Minha voz soava estranha, como se levasse muito tempo sem usá-la.

- Tal como te prometi –respondeu com suavidade, inclinando a cabeça para colocar as dobras da manta.

Levantei-me, um pouco enjoada, e procurei apoio no muro para sacudir a areia e a palha de meus pés. O contato dos toscos tijolos contra minhas costas era uma vívida lembrança; estendi os dedos contra eles, tratando de resistir a investida das sensações recordadas.

- Está bem, Sassenach? –Ao perceber meus movimentos girou bruscamente a cabeça para me olhar.

- Sim. Sim. Bem. Só que... Estou bem. E você?

O via pálido e desalinhado, com a barba enchente, gasto pelas tensões e com negras olheiras provocadas por uma larga noite de insônia.

- Eu... - Tragou saliva audivelmente. Logo ficou de pé ante mim- . Não me odeia? –perguntou abruptamente.

Pilhada por surpresa, pus-se a rir.

- Não. Parece-te que há motivos?

Ele torceu um pouco a boca e a esfregou com os nódulos.

- Possivelmente, mas me alegra que não os veja.

Agarrou-me as mãos para acariciar com o polegar o desenho entrelaçado do anel de prata. Tinha as mãos frias.

- por que poderia te odiar? Pelos anéis?

Em realidade me teria enfurecido se ele tivesse perdido qualquer dos dois, mas como não era assim...

- Pois poderíamos começar por isso –disse, cortante- . Fazia tempo que não me deixava levar por meu orgulho, mas não pude me conter. Esse pequeno Phillip Wylie pavoneando-se a nosso redor, te olhando os peitos com ar ufano e...

- Isso fazia? –Não me tinha precavido.

- Isso fazia. –Jamie voltou a irritar-se ao recordá-lo. Logo retomou o catálogo de seus próprios pecados- . Mas também leste de te haver miserável até aqui em camisa, para te montar como uma besta faminta...

Roçou-me o pescoço, onde ainda sentia a ardência de uma dentada.

- Pois na verdade essa parte me gostou.

- Seriamente? –piscou, com surpresa.

- Sim. Embora tema que tenho moretones no traseiro.

- OH!... –Baixou a vista, envergonhado- . Sinto muito. Quando terminei a partida de whist não podia pensar em outra coisa que em ir a por ti, Sassenach. Subi e baixeí essa escada dez ou doze vezes. Chegava até sua porta e retrocedia.

- De verdade? –Agradou-me ouvir isso, pois aumentava as possibilidades de que ele tivesse sido meu visitante noturno.

- Tratava de que viesse para mim, suponho. Pensei que a força de meu desejo podia despertar. E então veio... - Interrompeu-se. Seus olhos se haviam posto suaves e escuros- . Cristo, que bela estava ali, no alto da

escada, com a cabeleira solta e a sombra de seu corpo recortada contra a luz! –Moveu lentamente a cabeça- . Pensei que morreria se não te possuía.

Acariciei-lhe a cara; sua barba foi um suave ouriço contra minha palma.

- Não podia permitir que morrera –sussurrei, lhe pondo uma mecha de cabelo detrás da orelha.

Baixei a mão e Jamie se inclinou para recolher sua jaqueta, médio sepultada na palha. agachou-se sem perder o equilíbrio, mas o vi fazer uma careta de dor quando o sangue lhe chegou súbitamente à cabeça.

- Bebeu muito ontem à noite? –perguntei ao reconhecer os sintomas.

Ele se incorporou com um pequeno grunhido de diversão.

- Jarras, sim –foi sua melancólica resposta- . Nota-se?

Uma pessoa, muito menos experimentada que eu o teria detectado a oitocentos metros; até sem os sinais mais óbvias de sua intoxicação recente, seu aroma era o de uma destilaria.

- Pelo visto não te impediu de jogar bem às cartas –comentei, com tato- . Ou acaso Phillip Wylie estava tão afetado como você?

Pareceu surpreso e um pouco afrontado.

- Crie-me capaz de me embebedar enquanto jogo? depois de ter apostado seus anéis? Não, isso foi depois. MacDonald trouxe uma garrafa de champanha e outra de uísque para que celebrássemos nossos lucros.

- MacDonald? Donald MacDonald jogava contigo? Lucros, há dito? –Na tensão do momento só parecia importante que tivesse conservado meus anéis, mas essas jóias eram só sua aposta- . O que ganhou no Phillip Wylie? –perguntei, rendo- . Os botões bordados da jaqueta? As fivelas de prata de seus sapatos?

- Pois não –disse- . Seu cavalo.

Pô-me sua jaqueta sobre os ombros e me conduziu pelo corredor principal do estábulo. Joshua tinha entrado silenciosamente pela outra porta e estava trabalhando no extremo oposto. Parecia tão cansado como eu; tinha os olhos inchados e avermelhados.

- Como vai? –perguntou Jamie, assinalando o pesebre com o queixo.

Josh se animou um pouco ante a pergunta.

- OH!, muito bem –assegurou- . É um bom moço, o cavalo do senhor Wylie.

- É obvio que sim –coincidiu Jamie- . Só que agora é meu.

- De quem? –Josh ficou boquiaberto e com os olhos saltados.

- Meu. –Jamie se aproximou do corrimão para arranhar as orelhas do grande semental- .Seja –murmurou ao animal- . Ciamar a tha thu, a ghille mhoir?

Contemplei ao cavalo, que levantou a cabeça para nos dirigir um olhar simpático e se separando da cara o véu de suas crinas, voltou a concentrar-se em seu café da manhã.

- Um animal encantador, verdade? –Jamie admirava ao Lucas com ar de longínqua especulação.

- pois sim, mas... - Minha própria admiração estava tinta de consternação. face à irritação que Wylie me inspirava, senti pena ao pensar no que devia afetá-lo-a perda de seu magnifico frisón.

- Mas o que, sassenach?

- Pois... - Procurei torpemente as palavras. Nessas circunstâncias, não podia expressar compaixão pelo Phillip Wylie- . Pois... o que pensa fazer com ele?

- Não penso ficar o assegurou meu marido- . eu adoraria, mas tem razão: não serve para a Colina. Penso vendê-lo.

- Ah!, bem. -Sabê-lo era um alívio. Wylie queria comprar novamente ao Lucas, qualquer que fosse o preço. A idéia me reconfortou. E o dinheiro não nos viria mau.

Enquanto conversávamos, Joshua se tinha afastado. Nesse momento reapareceu com um saco de cereais ao ombro. Parecia alerta e um pouco alarmado.

- Senhora Claire? -disse- . Com sua permissão, senhora, acabo de me encontrar com a Teresa; diz que a Betty acontece algo mau. Pareceu-me que devia dizer-lhe

Sangre no apartamento de cobertura

O apartamento de cobertura parecia a cena de um crime brutal. Betty se debatia no chão, junto à cama, tombada com os joelhos recolhidos e os punhos cravados no abdômen; a musselina de sua camisa estava rasgada e empapada em sangue. Fentiman, também no chão, lutava com seu corpo espasmódico, quase tão ensangüentado como ela.

Antes que eu pudesse chegar, Betty deixou escapar uma tosse gorgoteante, expulsando mais sangue pela boca e o nariz. Logo se curvou para diante, arqueou-se para trás, voltou a dobrar-se... e ficou lassa.

Fentiman estava ajoelhado atrás dela, pálido e sem peruca. O lugar fedia a sangue, sedimentos e bÍlis; ele mesmo estava talher de todas essas substâncias. Levantou a vista para mim, sem dar sinais de me reconhecer, com os olhos dilatados e aturdidos pelo shock.

- Doutor Fentiman. -Falei em voz baixa- . Fez você quanto pôde -disse, lhe estreitando o ombro- . Não é culpa dela.

Acontecido-o no dia anterior não tinha importância. Ele era um colega e eu lhe devia a absolvição, se estava em meu poder dar-lhe

Ele se passou a língua pelos lábios secos e assentiu com a cabeça. Logo depositou brandamente o cadáver no chão. Um grave gemido me obrigou a girar, sem lhe soltar o braço. Em um rincão da habitação se amontoavam várias pulseiras, mudadas e com as mãos batendo as asas de inquietação contra a musselina de suas camisas. Na escada se ouviam vozes masculinas, apagadas e nervosas. Reconheci a do Jamie, grave e serena.

- Gussie? -disse o primeiro nome que me veio à memória.

A pulseira se adiantou; era uma jamaicana pálida e miúda, com um turbante de calicó azul.

- Sim, senhora? -Olhava aos olhos, evitando o corpo tendido no chão.

- vou levar a doutor Fentiman abaixo. Farei que alguns dos homens subam para... ocupar-se da Betty. Isto...

Assinalei a sujeira que cobria o chão. Ela assentiu; ainda estava impressionada, mas era um alívio ter algo que fazer.

- Esta Betty, mamãe dessa moça, Fedra -explicou Gussie, e tragou saliva- . Alguém... posso ir, senhora? Posso ir e dizer?

- Por favor. -Dava um passo atrás, lhe indicando por gestos que baixasse. Ela caminhou nas pontas dos pés junto ao cadáver e logo fugiu para a porta.

O doutor Fentiman começava a emergir do shock. Vi que seu instrumental, cansado na resistência, estava semeado por toda parte, em um esparramo de metal e cristais quebrados.

Mas antes de que pudesse recolhê-lo-se ouviu uma breve comoção na escada. Duncan entrou no quarto, com o Jamie lhe pisando os talões. Notei com algum interesse que ainda levava suas roupas de noivo, embora sem jaqueta nem colete. teria se deitado sequer?

Saudou-me com a cabeça, mas seus olhos foram imediatamente para a Betty. Piscou várias vezes, e logo aspirou fundo. Finalmente recolheu um

edredom para cobri-la com suavidade.

- me ajude com ela, MAC Dubh –disse.

Ao ver o que se propunha, Jamie elevou em braços a difunta. Seu companheiro se voltou para as mulheres.

- Não se preocupem –assegurou em voz baixa- . Eu me ocuparei dela.

Em sua voz havia uma estranha nota de autoridade. Compreendi que, apesar de sua natural modéstia, tinha aceito que era o amo.

Ao ver que Fentiman ia recolher um dos frascos, disse-lhe:

- Deixe. As mulheres se ocuparão disto. –E sem esperar resposta, colhi-o com firmeza pelo cotovelo para conduzi-lo escada abaixo.

Assim Betty era a mãe (ou tinha sido) da Fedra. A ela eu não a conhecia bem, mas a Fedra sim. A dor que senti pela moça me atou a garganta. De qualquer modo, nesses momentos não podia auxiliá-la; em troca ao doutor sim.

Mudo de espanto, seguiu-me sem resistência. Junto ao rio havia um banco de pedra, médio escondido sob um salgueiro chorão. Dificilmente haveria alguém ali a essas horas da manhã.

Não havia ninguém, mas sim duas taças de vinho, manchadas de vermelho, abandonados restos dos festejos. Perguntei-me por um momento se ali tinha tido lugar alguma entrevista romântica. Apartei a inoportuna pergunta junto com as taças e tomei assento, convidando ao doutor Fentiman com um gesto.

- sente-se melhor?

- Sim. Obrigado, senhora Fraser.

- Foi um verdadeiro golpe, não? –sugeri, empregando minhas melhores maneiras de cabeceira.

- Um verdadeiro golpe, sim –murmurou fechando os olhos- . Não devi...

- Você foi muito amável ao acudir imediatamente –disse ao fim- . Vejo que o tiraram que a cama. A piora foi súbito?

- Sim. Ontem à noite, depois de sangrá-la, teria jurado que essa mulher se recuperaria. O mordomo despertou justo antes do amanhecer. Quando subi, ela se queixava outra vez de dores no abdômen. Voltei a sangrá-la e lhe administrei um clíster, mas de nada serve.

- Um clíster? - . Eram enemas, remédio muito popular nessa época.

- Tintura de nicotiana –explicou- . Segundo minha experiência, surge muito bom efeito em casos de dispepsia.

Respondi com um murmúrio, sem me comprometer. A nicotiana era tabaco. Em solução forte, administrada por via retal, podia curar muito em breve um caso de parasitas intestinais, mas dificilmente faria algo pela indigestão. Mesmo assim, tampouco podia provocar uma hemorragia como aquela.

- Que extraordinária quantidade de sangue –comentei- . Nunca tinha visto nada parecido. –Inclinei-me para ele para lhe apoiar uma mão consoladora no braço- . Sei que você fez tudo o que se podia fazer –continuei- . Ontem à noite, quando você a viu, não sangrava pela boca, verdade?

Ele sacudiu a cabeça, curvado dentro do capote.

- Não. Mesmo assim me sinto culpado, seriamente.

- Assim são as coisas –comentei, melancólica- . Sempre fica a sensação de que se deveria ter feito algo mais.

Ele captou o profundo sentimento de minha voz e se voltou para mim, surpreso. Sua tensão cedeu um pouco e as manchas vermelhas de suas bochechas começaram a atenuar-se.

- É você... muito pormenorizada, senhora Fraser.

Sorri-lhe sem responder. Embora fora um médico ruim arrogante e colérico, tinha acudido, disposto a lutar por seu paciente com a melhor vontade. A meu modo de ver, isso o convertia em merecedor de solidariedade.

Passado um momento me cobriu uma mão com a sua. O aroma de sangue médio seca de suas roupas me fazia ver outra vez a cena do apartamento de cobertura. De que diabo tinha morrido essa mulher?

Fiz-lhe perguntas diplomáticas a fim de lhe extrair os detalhes que tivesse podido observar, mas não serve de nada, pois aquilo tinha acontecido a hora muito temprana, com a estadia às escuras.

- Confio que a senhora Cameron... quer dizer, a senhora Innes... não pense que trai sua hospitalidade –disse, intranquilo.

O doutor Fentiman considerava a possibilidade de que Yocasta o culpasse por não ter evitado a morte de sua pulseira e tratasse de cobrar uma compensação.

- Ela compreenderá que você tem feito todo o possível –assegurei- . Eu o direi, se você quiser.

- Minha querida senhora. –O médico, agradecido, espremeu-me a mão- . É você tão amável como encantadora.

- Parece-lhe, doutor?

Uma voz masculina tinha falado friamente detrás de mim. Ali estava Phillip Wylie, com uma expressão muito sardônica na cara.

- Não é “ amável” a palavra que me vem à mente, para falar a verdade. “ Lasciva” , possivelmente. “ Caprichosa” , certamente. Mas “ encantadora” , isso sim, reconheço-o.

Seus olhos me percorreram de pés a cabeça, com uma insolência absolutamente reprochável. Levantei-me, me rodeando a bata com grande dignidade.

- está-se ultrapassando, senhor Wylie –disse, com toda frieza possível. Ele riu, mas não como se aquilo lhe parecesse divertido.

- O que eu me ultrapasso? Não esqueceu você algum detalhe, senhora Fraser? O vestido, por exemplo? Não teme agarrar frio com essa vestimenta? Ou possivelmente os abraços do doutor são casaco suficiente?

Fentiman, tão espantado como eu pela aparição do Wylie, pôs-se de pé para interpor-se entre os dois, vermelho de fúria.

- Como se atreve, senhor! Como tem o atrevimento de apostrofar desse modo a uma dama! Se eu estivesse armado, senhor, exigiria-lhe satisfação neste mesmo instante, posso jurá-lo!

Ao ver o sangue que manchava as pernas e as calças do doutor Fentiman, o gesto carrancudo e irritado do Wylie perdeu certeza.

- Eu... aconteceu algo, senhor?

- Nada que seja de sua incumbência, o asseguro. –O médico se ergueu e me ofereceu o braço com um gesto grandioso- . Você venha, senhora

Fraser. Não tem por que ver-se exposta aos sarcasmos insultantes deste cachorrinho. me permita acompanhá-la até onde a espera seu marido.

Ao olhar por cima de meu ombro vi que Wylie seguia com a vista cravada em nós, e levantei a mão em um pequeno gesto de despedida. A luz chispou em meu anel de ouro. Notei que ele ficava ainda mais rígido.

- Oxalá cheguemos a tempo para o café da manhã –disse o doutor Fentiman, alegremente- . Acredito que recuperei o apetite.

Suspeita

Os convidados começaram a partir depois do café da manhã. Yocasta e Duncan, despediam-nos da terraço, enquanto a fila de carruagens e carretas descendia lentamente pelo meio-fio.

- Parece cansada, mamãe. –Ao Bree também lhe notava a fadiga; ela e Roger se deitaram muito tarde.

- Não me explico por que –Lhe respondi, contendo um bocejo- . Como amanheceu Jemmy?

- Resfriado, mas sem febre. comeu um pouco de porridge e...

Escutei-a assentindo automaticamente com a cabeça. Logo a acompanhei para examinar a jemmy, que alvoroçava alegremente, face aos mucos. O menino estava aos cuidados do Gussie; a moça tinha o mesmo semblante pálido e ojeroso que todos os presente, mas me pareceu que seu ar de mudo sofrimento se devia mais à tensão emocional que à ressaca.

Ao voltar para a casa com o doutor Fentiman, depois de pô-lo em mãos do Ulises para que o alimentasse e limpasse, tinha ido diretamente em busca da Fedra, sem me deter mais que para me lavar e me trocar de roupa, por não me apresentar diante dela manchada com o sangue de sua mãe.

Encontrei-a na despensa, aturdida pelo shock; estava sentada no tamborete que Ulises usava para lustrar a prata, com uma grande monopoliza de brandy intacta a seu lado. Acompanhava-a Teresa, outra das pulseiras; à lombriga soltou um breve suspiro de alívio e se aproximou de me saudar.

- Não está muito bem –murmurou, movendo a cabeça- . Não há dito uma palavra, não verteu uma lágrima.

A tez da Fedra tinha empalidecido, e seu olhar estava fixo na parede nua, que havia mais à frente do vão da porta.

- Sinto-o muito –lhe disse em voz baixa, ao tempo que apoiava uma mão em seu ombro- . O doutor Fentiman a atendeu e fez tudo o que pôde.

Não houve resposta. Respirava, mas isso era tudo.

Mordi-me a cara interior do lábio, em busca de algo ou alguém que pudesse consolá-la.

- O padre –me ocorreu súbitamente- . Você gostaria que o pai LeClerc... benzer a o corpo de sua mãe?

Um leve estremecimento percorreu o ombro sob minha mão. A bela cara imóvel girou para mim os olhos opacos.

- Do que servirá? –sussurrou.

- Pois... bom... - Procurei às cegas uma resposta, mas ela já havia tornado a fixar a vista em uma mancha da mesa.

Ao final, dava-lhe uma pequena dose de láudano para que dormisse e indiquei a Teresa que a deitasse no cama de armar onde dormia normalmente, no vestidor da Yocasta.

Abri a porta do vestidor para ver como estava, e me tranqüilizou ouvir

sua respiração lenta e profunda. Bree, que me tinha seguido, olhou por cima de meu ombro, e lhe indiquei com um gesto que tudo estava bem.

Brianna se deteve ante a porta do boudoir e girou súbitamente para mim para me abraçar com ferocidade. Na habitação iluminada, Jemmy a sentiu falta de e começou a chiar.

- Mamãe! MA! Ma-má!

Esgotada, dirigi-me para a escada que levava a segundo piso. O dormitório estava deserto, com os colchões ao ar e o lar limpo; as janelas tinham sido abertas para ventilar a habitação. O ambiente estava frio, mas em paz. Meu manto seguia pendurado no guarda-roupa. Deitei-me sobre a capa do colchão, coberta com o manto, e dormi imediatamente.

Despertei justo antes do ocaso, faminta e aliviada porque o aroma de sangue e flores tinha dado passo ao aroma do sabão e linho esquentado pelo corpo.

De repente, Jamie abriu a porta e me sorriu. Estava barbeado e penteado, com roupa limpa e claros os olhos; parecia ter apagado qualquer rastro da noite anterior.

- Por fim acordada. dormiste bem, Sassenach?

- Como os mortos –respondi, e ao dizê-lo senti um tombo em meu interior. Ele o viu refletido em minha cara e vinho a sentar-se a meu lado.

- O que acontece? tiveste algum mau sonho, Sassenach?

- Não acredito –respondi. Entretanto, minha mente parecia ter seguido funcionando nas sombras da inconsciência, tomando notas e extraindo deduções.

- Essa mulher, Betty... Já a sepultaram?

- Não. Lavaram o corpo e o puseram em um dos abrigos. Yocasta preferiu deixar o enterro para amanhã, por não afligir aos convidados. Alguns ficarão uma noite mais. –Observou-me com o sobrecenho franzido- . por que?

- Há algo mau. Refiro a sua morte.

- Mau... em que sentido? –Arqueou uma sobrancelha- . Foi uma morte horrível, sem dúvida, mas não refere a isso, verdade?

- Não. Acredito que alguém a matou.

- Quem? –perguntou ao fim- . Está segura, Sassenach?

- Não tenho nem idéia. E não posso estar do todo segura, mas... - Vacilei. Ele me estreitou uma mão, para me respirar- . Vi morrer a muchísima gente e por todo tipo de causas. Não posso expressar em palavras do que se trata, mas sei... acredito... que há algo mau –concluí, sem muita convicção.

- Compreendo –disse ele, pelo baixo- . Mas não tem maneira de assegurá-lo, verdade?

- Há uma maneira –disse.

O final de um dia agitado

O lugar onde tinham posto o cadáver estava muito longe da casa; era um pequeno abrigo para ferramentas, edificado junto ao pomar. Jamie me apoiou uma mão nas costas.

- Está bem, Sassenach? – sussurrou.

- Sim. – Agarrei-me de sua mão livre para me reconfortar.

Embora exteriormente Jamie parecesse tão inteiro como sempre tampouco estava tranqüilo. Por ser celta e católico, acreditava firmemente em um mundo invisível que se estendia além da dissolução do corpo. Nisso estava implícita a crença nos tannasgreach (os espíritos) e não desejava encontrar-se com eles. Não obstante, posto que eu estava decidida, ele se enfrentaria por mim com o outro mundo; estreitou-me a mão com força, sem soltá-la, e respondi de igual modo, agradecida por sua presença.

- Uma coisa é ver morrer a um homem golpes de tocha no campo de batalha – me havia dito antes, enquanto discutíamos- . Isso é parte da guerra, algo honorável, por cruel que pareça. Mas agarrar uma faca e trincar a sangue frio a uma pobre inocente como essa... - Olhou-me com os olhos sombrios, afligidos- . Está segura de que é necessário, Claire?

- Estou segura – havia dito eu, inspecionando o conteúdo do saco. Um grande cilindro de ataduras de algodão para absorver os fluidos, frascos pequenos para amostras de órgãos, o maior de meus serrotes para osso, um par de escalpelos... A coleção era sinistra, em realidade. Envolvi as grandes tesouras em uma toalha, e as pus na bolsa. Logo medi cuidadosamente minhas palavras.

- Olhe – disse ao fim, olhando-o aos olhos- . Aqui há algo mau, estou segura. E se alguém assassinou a Betty, temos a obrigação de averiguar o que aconteceu. Se alguém te assassinasse, não quereria que se fizesse todo o possível para demonstrá-lo? para... te vingar?

Calou durante um comprido instante; olhava-me com os olhos entreabridos, pensativo. Logo se relaxou.

- Sim, é certo – disse, e começou a envolver o serrote com tecido.

Não havia tornado a protestar nem a me perguntar se estava segura. limitou-se a dizer, com firmeza, que se eu estava decidida ele me acompanharia. Isso foi tudo.

- Não tem por que fazê-lo, Claire. – Jamie me apertou a mão- . Não por isso pensarei que é covarde.

- Mas eu sim – disse. Ele assentiu com a cabeça. Não havia mais que discutir; soltou-me a mão e se adiantou para abrir o portão.

Olhei a meu redor; logo, de novo à casa. Apesar de ser tão tarde ainda ardiam as velas no salão posterior, onde se prolongava uma partida de naipes. Os pisos superiores estavam às escuras, salvo a janela de yocasta.

- Sua tia vela até tarde – sussurrei ao Jamie.

Ele se voltou a olhar.

- Não, é Duncan – corrigiu- . Minha tia não necessita luz.

- Pode que lhe esteja lendo na cama – sugeri, tratando de aliviar a

solenidade de nossa missão.

Jamie respondeu com um pequeno bufido zombador, e o opressivo da atmosfera se aliviou um pouco. Elevou o fecho e empurrou o portão, deixando ver detrás um quadro completamente negro. Quando atravessasse a soleira, senti-me como Perséfone ao entrar no inferno. Jamie entreabriu a porta e me entregou o abajur.

Foi quase um alívio entrar ali, onde o ar estava imóvel. Tinham posto a difunta em uma tabela sobre dois cavaletes, já lavada e envolta em um sudário de musselina. A seu lado vi uma pequena fogaça de pão e uma taça de brandy; sobre o sudário, em cima do coração, um ramalhete de ervas secas, pulcramente atadas. Ao as ver Jamie se fez o sinal da cruz, me olhando com ar quase acusador.

- É má sorte tocar coisas de uma tumba.

- Só se as rouba –lhe assegurei em voz baixa, mas eu também me fiz o sinal da cruz antes de agarrar os objetos para pô-los em um rincão do abrigo- . Quando acabar os colocarei em seu sítio.

Com um de meus escalpelos, cortei cuidadosamente a costura do sudário. Havia trazido uma agulha forte e fio encerado para costurar a cavidade do corpo; com um pouco de sorte poderia reparar também o sudário, de modo que ninguém se precavesse do que tinha feito.

A cara estava quase irreconhecível; as bochechas redondas tinham ficado frouxas e afundadas; o suave brilho da negra pele estava reduzido a um cinza cinzento; os lábios e as orelhas tinham um tinteiro lívido. Isso me facilitou as coisas; obviamente, isso era só uma casca, não a mulher que eu tinha conhecido.

Jamie se limitou a sustentar o abajur em alto, para que eu pudesse trabalhar. A luz projetava sua sombra contra o muro do abrigo, gigantesca e fantasmagórica. Apartei a vista dela para concentrá-la em meu trabalho.

- Não tem por que olhar, Jamie –assinalei, enquanto me apartava um momento para me secar a frente com a boneca- . Na parede há um prego. Se quer sair um momento, pendura o abajur ali.

- Estou bem, Sassenach. O que é isso? –inclinou-se para diante, assinalando com cautela. Sua expressão intranquila tinha cedido passo a outra de interesse.

- A traquéia e os brônquios –expliquei, seguindo com o dedo os grãos anéis de cartilagem- , e uma parte de pulmão. Se se sentir bem, pode aproximar um pouco a luz?

E procedi a cortar o lóbulo superior do pulmão direito.

- me dê um pouco mais de algodão, quer?

Alguma mancha de sangue no sudário não preocuparia a ninguém, pelo espetacular que tinha sido seu falecimento, mas não queria despertar tanta suspeita como para que alguém olhasse dentro.

Ao me inclinar para agarrar o algodão apoiei uma mão em um flanco do cadáver, e o corpo emitiu uma queixa. Jamie deu um salto atrás, sobressaltado. Eu também tinha dado um coice, mas me repus imediatamente.

- Não é nada –disse, embora tinha o coração acelerado e o suor da cara me tinha esfriado súbitamente- . Só um pouco de gás apanhado. Os cadáveres revistam emitir ruídos estranhos.

- Sim. -Jamie tragou saliva- . Sim, vi-o freqüentemente. Mas te agarra por surpresa, verdade? -Sorriu pela metade, com a frente coberta por uma pátina de suor.

Como não dispunha de luvas, tinha as mãos ensangüentadas até a boneca; os órgãos e as membranas apresentavam uma desagradável viscosidade, produto da decomposição. Pus uma mão sob o coração para levantá-lo para a luz, procurando manchas na superfície ou rupturas visíveis nos grandes copos.

Continuando, desprendi o esôfago e o cortei ao longo. Logo dava a volta à malha. No extremo inferior se notava um pouco de irritação e um pouco de sangue, mas não havia sinais de ruptura nem de hemorragia. Inclinei-me para olhar dentro da cavidade faríngea, mas não havia luz suficiente para ver grande coisa. Então, dirigi meus exames para o outro extremo: deslizei uma mão sob o estômago para retirá-lo.

Imediatamente se agudizô a sensação de maldade que tinha experiente de um princípio. Se havia algo mau ali, esse era o lugar onde haveria mais possibilidades de achar as evidências.

No estômago não haveria comida; depois de tanto vômito, isso não era estranho. Não obstante, quando cortei a grossa parede muscular surgiu um penetrante aroma de ipecacuana, que se impôs ao fedor do cadáver.

- O que? -Ante minha exclamação Jamie se inclinou para diante, carrancudo.

- Ipecacuana. Esse médico ruim a medicou com ipecacuana... e o fez não faz muito! Cheira-a?

Embora com uma careta de asco, aspirou cautelosamente e assentiu.

- não é o que corresponde fazer quando há espasmos no estômago? Você deu ao Beckie MacLeod quando bebeu de seu líquido azul.

- É certo. -Beckie, de cinco anos, tinha bebido meio frasco de uma cocção que eu tinha preparado para envenenar ratos- . Mas o fiz imediatamente. Dar-lhe depois, quando o veneno ou o irritante já saiu que estômago, não tem sentido.

Podia Fentiman saber isso, com os conhecimentos médicos de sua época? Provavelmente havia tornado a medicá-la com ipecacuana porque não lhe ocorria outra coisa. Voltei para a grossa parede do estômago. Essa era a fonte da hemorragia, sim: a parede interior estava áspera e de cor vermelha escura, como carne picada. Havia ali uma pequena quantidade de líquido: linfa clara, que começava a separar-se do sangue coagulado.

- Crie que pôde ser a ipecacuana o que a matou?

- Agora não estou segura -murmurei, pinçando com cuidado.

Se Fentiman lhe tinha dado a Betty uma forte dose de ipecacuana, os vômitos violentos podiam ter causado uma ruptura interna, com a conseguinte hemorragia; mas não aparecia nenhuma evidência disso. Utilizei o escalpelo para abrir o estômago um pouco mais, apartar os borde e abrir o duodeno.

- Pode me dar um desses frascos vazios? E a garrafa de lavagem, por favor.

Jamie pendurou o abajur do prego e se ajoelhou para rebuscar em minha bolsa, enquanto eu pinçava no estômago. Nas retiradas havia material granuloso que formava um resíduo pálido. Ao raspá-lo, descobri

que se desprendia com facilidade, me deixando uma massa densa e arenosa na ponta dos dedos. Eu não sabia que era, mas no fundo de minha mente se ia formando uma suspeita desagradável. Tinha que lavar o estômago, recolher esse resíduo e levá-lo a casa, onde poderia examiná-lo, quando chegasse a manhã. Se era o que eu pensava...

Sem prévio aviso, a porta do abrigo se abriu de par em par e pude ver a cara do Phillip Wylie, pálido e espantado, no marco da porta.

Olhou-me, boquiaberto, e tragou saliva; o ruído me chegou com clareza. depois de percorrer a cena com a vista, seus olhos voltaram para minha cara convertidos em largos lagos de horror.

Eu também estava horrorizada. O que aconteceria se ele alvoroçava? Seria um escândalo terrível, embora eu pudesse explicar o que estava fazendo. E se não podia... Em uma ocasião tinha estado a ponto de que me queimassem por bruxaria; com uma bastava.

depois de tragar saliva, disse o primeiro que me veio à mente.

- boa noite.

passou-se a língua pelos lábios. Não se tinha posto seus pés de arroz, mas estava tão pálido como um recorte de musselina.

- Senhora... Fraser –disse- . Eu... né... o que é o que faz?

Em minha opinião, isso devia ser bastante óbvio; presumivelmente, sua pergunta se referia aos motivos pelos que o fazia. E eu não tinha intenções de aprofundar no tema.

- Isso não é de sua incumbência –disse secamente, recuperando um pouco o valor- . O que faz você aqui a estas horas da noite?

Pelo visto era uma boa pergunta; sua cara passou do horror à cautela. Sua cabeça se moveu como se queria olhar por cima do ombro, mas deteve o movimento antes de completá-lo. Mesmo assim, meus olhos seguiram a direção do gesto. detrás dele havia um homem alto, que agora se adiantava, pálido o rosto, sardônicos os olhos verdes. Stephen Bonnet.

- Por todos os Santos do inferno! –exclamei.

Jamie saiu de debaixo da mesa como uma cobra ao ataque, Phillip Wylie se separou da porta com um grito e o abajur caiu ao chão. Houve um forte aroma de azeite e brandy derramados, um suave vaio de chama ao acender-se, e o sudário cansado a meus pés começou a arder.

Jamie tinha desaparecido; fora se ouviam gritos e um ruído de pés que corriam sobre o pavimento. Pisoteei o tecido em chamas, com intenção de apagá-la.

Logo o pensei melhor. Tinha que sair dali. Recolhi minha bolsa e fugi na noite, com as mãos vermelhas e o punho ainda apertado em torno da evidência. Não sabia que acontecia nem o que poderia acontecer a seguir, mas tinha a certeza de não me haver equivocado. Betty tinha sido assassinada.

Ninguém tinha saído ainda da casa principal, mas os gritos e as chamas não demorariam para chamar a atenção. O aroma de queimado era forte; sem dúvida pensavam que o estábulo ardia ou estava a ponto de incendiar-se.

e se resgatavam do abrigo o profanado cadáver da Betty? Não saberiam

quem era o responsável, mas o descobrimento causaria uma terrível indignação, com os conseqüentes rumores e histeria pública.

de trás de mim estalou um gemido agudo; devido ao sobressalto, golpeei-me o cotovelo contra as pedras. Fedra tinha cruzado o portão, seguida pelo Gussie e outra pulseira. Corria através do pomar, gritando “Mamãe”, enquanto sua camisa branca refletia a luz das chamas que já abriam buracos no teto do abrigo.

Invadiu-me uma horrível sensação de culpa. Sua voz, tão parecida com a do Bree, fez que imaginasse o que haveria sentido minha filha se tivesse sido meu corpo o que se queimava no abrigo. Mas Fedra teria podido sentir coisas piores se eu não tivesse provocado o incêndio. Apesar dos nervos, procurei a bolsa que tinha deixado cair a meus pés.

Revolvi no saco até encontrar um frasco abafado, que normalmente usava para guardar sanguessugas, e a pequena garrafa de lavagem, com álcool diluído em água. Não via nada, mas senti que o sangue se quebrava, desprendendo-se em escamas, ao abrir os dedos duros para depositar cautelosamente no jarro o conteúdo de minha mão. Os dedos me tremiam tanto que não podia sujeitar a cortiça da garrafa; por fim o arranquei com os dentes e verti o álcool sobre a palma aberta, de modo que os restos desse resíduo granuloso caíssem ao recipiente.

Por então o alarme tinha chegado à casa; ouviam-se vozes que provinham dali. O que acontecia? onde estava Jamie? e Bonnet e Phillip Wylie? Meu marido não tinha mais arma que uma garrafa de água bendita, e os outros? Ao menos não se ouviram disparos... mas as adagas não fazem ruído.

Havia gente que corria de um lado a outro do pomar, sombras fugazes ao longo dos caminhos, a poucos passos de meu esconderijo. de repente uma das figuras gritou e recebeu a resposta de outra. Zumbiam-me os ouvidos.

“ Não seja idiota –me disse- . Está ao bordo do desmaio. Sente-se!”

Uma vez reposta, saí ao atalho escuro com a bolsa na mão. A primeira pessoa a que vi foi ao maior MacDonald; de pé no caminho, contemplava o incêndio do abrigo. Aferrei-o por um braço, lhe provocando um sobressalto.

- O que acontece? –disse-lhe, sem me incomodar em pedir desculpas.

- Onde está seu marido? –perguntou ele simultaneamente, procurando o Jamie com a vista.

- Não sei. –Infelizmente, era muito certo- . Eu também o estou procurando.

- Senhora Fraser! Está você bem, querida? –Lloyd Stanhope surgiu junto a mim.

- Ouvi que gritavam “ Fogo!” e pensei que podia haver algum ferido – expliquei com serenidade, mostrando a bolsa- . trouxe minha equipe médica. Sabe você se todos estiverem bem?

- Até onde posso... - começou MacDonald, mas imediatamente salto para trás, alarmado, me arrastando por um braço. A cobertura cedeu com um ruído profundo e as faíscas se elevaram a grande altura para cair logo entre a multidão reunida no pomar.

Todo mundo retrocedeu entre gritos afogados. Logo se fez uma dessas pausas breves e inexplicáveis, em que todos os membros de uma multidão

ficavam mudos ao mesmo tempo. O abrigo ainda ardia, com um ruído de papel enrugado, mas por cima dele se ouvia uma voz que gritava ao longe. Era uma voz de mulher, aguda e quebrada, mas potente e plena de fúria.

- A senhora Cameron! –exclamou Stanhope.

Mas o major já ia para a casa a tudo correr.

O ouro do francês

Encontramos a Yocasta no assento junto a sua janela; estava em camisola, maça de pés e mãos com tiras de lençol e completamente escarlate de ira. Duncan Innes, sem outra roupa que a camisa de dormir, jazia de bruces no chão, perto do lar.

Corri a me ajoelhar a seu lado para procurar o pulso.

- morreu? –O major olhava por cima de meu ombro, com mais curiosidade que simpatia.

- Não. Tire toda esta gente daqui, por favor.

A quarto estava lotada de hóspedes e serventes, que rodeavam a Yocasta entre especulações, comentários e protestos. O major piscou ante o peremptório de meu tom, mas não perdeu tempo em discutir a situação.

Meu exame superficial do Duncan só revelou um grande galo detrás de uma orelha. Ao parecer o tinham golpeado com um candelabro de prata, que jazia a seu lado no chão. Tinha muito má cor, mas seu pulso era firme e sua respiração, rítmica.

Yocasta foi muito mais efetiva. Uma vez liberada de suas ataduras, cruzou a tropicões a habitação, dividindo a multidão como se fora o Mar Vermelho.

- Duncan! Onde está meu marido? –inquiriu, girando a cabeça de lado a lado, ferozes os olhos cegos. A gente se apartava ante ela; em poucos segundos estive a meu lado.

- Quem está aqui? –sua mão descreveu um arco ante ela em busca de orientação.

- Sou eu... Claire. –Agarrei-lhe a mão para guiá-la até mim. Seus dedos estavam gelados e tremiam; as ligaduras lhe tinham deixado profundas marcas vermelhas nas bonecas- . Não se preocupe; acredito que Duncan está bem.

Estendeu uma mão para comprová-lo por si mesmo; eu lhe guiei os dedos até o pescoço e os apoiei na veia grande que via palpitir a um flanco. Ela se inclinou para diante, com uma pequena exclamação, e apalpou suas facções com ternura.

- Golpearam-no. Está ferido gravemente?

- Acredito que não –lhe assegurei- . Só tem um galo na cabeça.

- Está segura? Cheiro a sangue.

Foi uma desagradável surpresa descobrir que ainda ficavam bordem de sangue seca nas unhas, restos da autópsia improvisada.

- Acredito que sou eu –murmurei discretamente- ; a regra.

Na porta se produziu um pequeno revão. Ao me voltar descobri, com intenso alívio, que era Jamie. Sua expressão se endureceu ao ver o Duncan. Fincou um joelho meu lado.

- Está bem –disse, sem lhe dar tempo a perguntar- . Alguém lhe golpeou na cabeça e atou a sua tia.

- Sim? Quem? –Depois de jogar uma olhada a Yocasta, apoiou uma mão no peito do Duncan, para assegurar-se de que de verdade respirava.

- Não tenho a mais remota idéia –respondi secamente- . Do contrário já teria mandado aos homens atrás desses criminais.

- ninguém viu a esses vadios? –perguntou Yocasta.

- Acredito que não, tia –respondeu Jamie, com calma- . Com semelhante hervidero na casa ninguém sabe o que procurar.

O que tinha querido dizer? Acaso Bonnet tinha escapado? Pois sem dúvida era ele quem tinha invadido a quarto da Yocasta; era impossível que houvesse vários criminosos em operação ao mesmo tempo, em um lugar como aquele.

Jamie moveu apenas a cabeça. Ao ver o sangue sob minhas unhas, arqueou uma sobrancelha. tinha descoberto algo, tinha já a certeza? Assenti com a cabeça, percorrida por um ligeiro calafrio. “ Assassinação ”, modulei com os lábios.

O major fechou a porta com firmeza e se aproximou de nós.

- Levamo-lo a cama?

Duncan começava a mover-se; tossia um pouco, mas felizmente não vomitou. Jamie e o maior MacDonald o levantaram, e o tenderam na grande cama de dossel.

- Está reposta, tia? –perguntou Jamie.

Ela elevou uma sobrancelha em sardônica resposta.

- Com uma taça estarei melhor –disse, aceitando a taça que Ulises lhe punha nas mãos- . Mas sim, sobrinho, estou bastante bem. Duncan...?

Eu estava sentada na cama, junto a ele, com sua boneca entre os dedos. Senti-o subir para a superfície da consciência; suas pálpebras se estremeceram e esticou um pouco os dedos contra minha palma.

- Está reagindo –lhe assegurei.

- lhe dê brandy, Ulises –ordenou Yocasta.

- Ainda não –disse eu- . Engasgaria-se.

- Sente-se em condições de nos contar o que aconteceu, tia? – perguntou Jamie, com certa dureza na voz- . ou devemos esperar a que o faça Duncan?

Yocasta fechou um instante os olhos, suspirando. Tinha a habilidade de todos os MacKenzie para ocultar o que pensava, mas neste caso era evidente que pensava a toda velocidade. A ponta de sua língua foi tocar um ponto irritado na comissura da boca. Então compreendi que deviam havê-la amordaçado.

Fora se ouviam murmúrios no corredor; não todos os hóspedes se dispersaram. Captei frases apagadas:” ... completamente queimado, não ficaram a não ser os ossos” , “ ...roubado? Não sei...” , “ ...revisar os estábulos” , “ Sim, consumido por completo...” . Percorrida por um intenso calafrio, apertei com força a mão do Duncan, lutando contra um pânico que não compreendia. Minha expressão deveu ser estranha, pois Bree disse, suave:

- Mamãe? –Olhava-me com a frente enrugada de preocupação.

Jamie apoiou em meus ombros as mãos grandes e quentes. O maior MacDonald me olhou com curiosidade, mas imediatamente desviou a atenção para a Yocasta, que girou a cabeça nessa direção.

- O maior MacDonald, verdade?

- Para servi-la, senhora. –O homem lhe fez automaticamente uma

reverência, esquecendo que ela não podia vê-lo.

- Agradeço-lhe seus amáveis serviços, maior. Meu marido e eu estamos em dívida com você.

MacDonald respondeu com um murmúrio cortês.

- Não, não –insistiu ela, erguendo as costas- . Tomou-se você muitas moléstias por nós. Não devemos abusar mais de sua amabilidade. Ulises, acompanha à major ao salão e te ocupe de lhe servir um bom refrigerio.

O mordomo se inclinou e conduziu à major para a porta.

Meu pânico começava a desaparecer e pude centrar a atenção em meu paciente, que já tinha aberto os olhos, e olhava ao Jamie.

- MAC Dubh,o que aconteceu?

Jamie retirou uma mão de meu ombro para lhe estreitar o braço.

- Não se preocupe, a charaid. –Desviou um olhar significativo para a Yocasta- . Sua esposa vai contar nos o que foi o que aconteceu. Verdade, tia?

Yocasta franziu os lábios, mas logo suspirou, resignada à ingrata e necessária confidência.

- não há ninguém aqui que não seja da família?

Quando lhe asseguramos que assim era, começou.

Tinha despedido de sua donzela e estava a ponto de retirar-se, disse, quando a porta que dava ao corredor se abriu súbitamente, dando passo a dois homens, conforme lhe pareceu.

- Estou segura de que havia mais de um. Ouvi os passos e a respiração –disse, franzindo o sobrecenho para concentrar-se- . Possivelmente fossem três, mas não acredito. Só falava um. O outro devia ser alguém a quem conheço pois se manteve a distância, como se temesse que eu pudesse reconhecê-lo.

O homem que falava lhe era desconhecido. Ela estava segura de não ter ouvido antes aquela voz.

- Era irlandês –disse. A mão do Jamie se esticou contra meu ombro- . Expressava-se bem, mas não era um cavalheiro.

- Não, é claro que sim –murmurou Jamie.

Bree tinha dado um ligeiro coice ante a palavra “ irlandês” , embora só havia uma pequena ruga de concentração em sua frente.

- O homem era cortês, mas direto em suas exigências. Queria o ouro.

- Ouro? –foi Duncan quem falou, mas a pergunta era evidente em todas as caras- . Que ouro? Não há oro na casa, além de umas quantas libras esterlinas e algum dinheiro da Proclamação.

Yocasta apertou os lábios, mas já não havia remédio.

- O ouro do francês –disse abruptamente.

- O que? –Duncan, atônito, tocou-se o galo que tinha detrás da orelha, como se acreditasse que lhe tinha afetado ao ouvido.

- O ouro do francês –repetiu Yocasta, irritada- . que enviaram justo antes do Culloden.

- antes de... - começou Bree, com os olhos dilatados. Mas Jamie a interrompeu.

- O ouro do Luis –disse- . A isso refere, tia? O ouro dos Estuardo?

Yocasta deixou escapar um risada breve, sem nenhuma fumaças.

- Alguma vez foi.

E mandou ao Bree a procurar o estojo que no dia anterior lhe tinha

mostrado. Quando retornou, depositou-o em seu regaço. Yocasta esvaziou sua taça, deixou-a com um golpe seco e abriu o estojo. Dentro surgiu um brilho de ouro e diamantes. Ela retirou uma varinha de madeira com três anéis.

- Faz tempo tinha três filhas –começou- . Três mulheres. Clementina, Seonag e Morna. –Tocou um dos anéis: uma banda larga com três grandes diamantes- . Isto era para minhas meninas. Hector me deu isso ao nascer Morna, que era dela. Morna... sabem que significa “ amada” ?

Estendeu a outra mão, procurando provas, e tocou a bochecha do Bree, que a encerrou entre as suas.

- De cada um de meus matrimônios sobreviveu uma menina. –Os dedos da Yocasta tocavam delicadamente os anéis- . Clementina era filha do John Cameron, com quem me casei quando eu era pouco mais que uma criatura. Iluminei-a aos dezesseis anos. Seonag era filha do Hugh, o Negro: moréia como seu pai, mas com os olhos de meu irmão Colum. E logo Morna, a menor. Quando morreu tinha apenas dezesseis anos.

Sua expressão era triste, mas a linha de sua boca se suavizou ao pronunciar os nomes de suas três filhas desaparecidas.

- Este me deu isso Hector Cameron –disse Yocasta tocando a banda dos três diamantes- . E ele as matou a todas. Matou-as pelo ouro do francês.

A horrível surpresa me deixou sem fôlego, com um oco no estômago. Senti que Jamie ficava muito quieto a minhas costas; dilataram-se os olhos avermelhados do Duncan. Brianna, sem trocar de expressão, fechou os olhos durante um momento, mas reteve aquela mão larga e ossuda.

- O que foi delas, tia? –perguntou, sem elevar a voz- . Me conte.

Para minha surpresa, quando voltou a falar não se dirigiu a Brianna, a não ser ao Jamie.

- Você sabe o do ouro, verdade, a mhc mo pheathar? –disse.

- ouvi falar disso –respondeu com calma; depois se sentou a meu lado, mais perto de sua tia- . É um rumor que circulava pelas Terras Altas desde o do Culloden. dizia-se que Luis enviaria ouro para ajudar a sua primo naquela luta. Depois disseram que o ouro tinha chegado, mas ninguém o viu.

- Eu o vi. –A larga boca da Yocasta, tão parecida com a de seu sobrinho, alargou-se ainda mais- . Eu o vi, Trinta mil libras em lingotes de ouro. Eu estava com eles a noite em que o desembarcaram a remo do navio francês. Vinha em seis cofres, tão pesados que o bote só podia trazer os de dois em dois; do contrário se teria fundo. Cada cofre tinha a flor de lis esculpida na cobertura; cada um estava fechado com bandas de ferro e um cadeado; cada cadeado, selado com lacre vermelho, e o lacre luzia o selo do anel do rei Luis: a flor de lis.

Essas palavras fizeram correr um suspiro coletivo de sobressaltado respeito. Yocasta assentiu lentamente.

- Onde o desembarcaram, tia? –perguntou Jamie pelo baixo.

Ela movia a cabeça com lentidão, como assentindo para si mesmo, com os olhos cravados na cena que a lembrança lhe pintava.

- No Innismaraich. Uma pequena ilha frente a Coigach.

Olhei ao Jamie aos olhos: Innismaraich significava “ Ilha do Povo de Mar” ; quer dizer, a ilha das focas. Conhecíamos-la.

- Ali estavam os três homens aos que lhes confiou –disse Yocasta- . Um deles era Hector; outro meu irmão Dougal; o terceiro estava mascarado. Os três tinham máscara, mas eu conhecia o Hector e ao Dougal. Ao terceiro homem não o conhecia e nenhum deles pronunciou seu nome. Não obstante reconheci a seu servente; chamava-se Duncan Kerr.

Jamie se tinha posto algo rígido para ouvir o nome do Dougal; ante o do Duncan Kerr ficou petrificado.

- Havia também serventes? –perguntou.

- Dois –confirmou sua tia, com um sorriso amargo- . O mascarado trouxe para o Duncan Kerr, como hei dito; meu irmão dougal, a um homem do Leoch. Eu o conhecia de vista, mas não por seu nome. Hector contava comigo para que o ajudasse. Eu era uma mulher forte, como você, a leannan –acrescentou brandamente, estreitando a mão da Brianna- . Era forte e Hector confiava em mim como em ninguém. Eu também confiava nele..., por então.

O fantasma de um sorriso tocou de melancolia os lábios do Jamie. Olhou primeiro a Brianna e logo, de novo, a mim.

- Foi em março –disse Yocasta- . Uma noite glacial, mas clara como o gelo. De pé no escarpado, contemplei o mar e o atalho que a lua tendia sobre a água, como de ouro. A nave chegou navegando por esse caminho de ouro, como um rei a sua coroação, e pensei que era um sinal.

Girou a cabeça para o Jamie, torcendo abruptamente a boca.

- Na verdade me pareceu ouvir que ele ria –disse- . Brian, o negro. que me separou de minha irmã. Não teria sido estranho nele. Mas não estava ali.

Eu observava ao Jamie. Não se movia, mas o cabelo avermelhado de seus antebraços se arrepiou.

- Ignorava que tivesse conhecido a meu pai –disse, com voz algo dura- . Mas deixemos isso por agora, tia. Diz que foi em março.

Ela assentiu.

- Muito tarde. Deveu chegar dois meses antes, disse Hector. Houve atrasos...

Em realidade muitos atrasos. Em janeiro, depois da vitória do Falkirk, essa mostra do respaldo da França poderia ter sido decisiva. Mas em março o exército das Terras Altas se retirava para o norte, rechaçada no Derby sua invasão a Inglaterra. Os homens do Carlos Estuardo partiam para sua destruição ao Culloden.

Com os cofres em terra e a salvo, os novos custódios do ouro conferenciaram para decidir o que se faria com o tesouro. O exército estava em movimento e Estuardo com ele. Edimburgo tinha voltado para mãos dos ingleses. Não havia lugar seguro aonde levá-lo, mãos confiáveis nas que o pudesse entregar.

- Eles não confiavam em Ou'Sullivan nem nos outros que rodeavam ao príncipe –explicou Yocasta- . Irlandeses, italianos... Dougal disse que não se tomou tantas moléstias só para que o ouro fora roubado ou dilapidado por estrangeiros. Quer dizer: não queria perder o mérito de havê-lo obtido.

Por fim se dividiu o ouro; cada homem agarrou dois dos cofres e fez um juramento de sangue: guardar o segredo e conservar o tesouro com fidelidade em nome de seu monarca legítimo, o rei Jacobo.

- Também tomaram juramento aos dois serventes –disse Yocasta- .

Fizeram-lhes um corte; à luz das velas, as gotas de sangue eram mais vermelhos que o lacre dos cofres.

Os conspiradores, nervosos pela posse de tanta riqueza, partiram antes do amanhecer, com os cofres envoltos em mantas e farrapos.

- Quando baixávamos o último dos cofres, chegaram um par de viajantes. Foi isso o que salvou a vida ao hospedeiro, pois era um lugar solitário e a era a única testemunha de nossa presença ali. Acredito que Dougal e Hector não teriam pensado assim; mas o terceiro homem se propunha eliminá-lo; li-o em seus olhos, na posição de seu corpo enquanto esperava, ao pé da escada, com a mão na adaga. Ele viu que eu o observava e me sorriu sob a máscara.

- alguma vez se tirou a máscara? –inquiriu Jamie.

Yocasta negou com a cabeça.

- Não. de vez em quando, ao recordar aquela noite, perguntava-me se o reconheceria em caso de vê-lo novamente. Parecia-me que sim; era moreno e magro, mas forte como uma faca. Se visse outra vez esses olhos, sem dúvida. Mas agora... Não sei se poderia reconhecê-lo só pela voz.

- Mas está segura de que não era irlandês? –Duncan escutava absorto, incorporado sobre um cotovelo.

- Ah! Não, a dhuine. Por sua maneira de falar era escocês. Um cavalheiro das Terras Altas.

Jamie e seu amigo intercambiaram um olhar.

- um dos MacKenzie ou dos Cameron? –sugeriu Duncan, em voz fica.

- Ou um dos Grant, possivelmente –disse Jamie.

Eu entendi essas especulações. Entre os clãs das Terras Altas existia uma muito complexo série de associações e inimizades; eram muitos os que não teriam podido cooperar em uma empresa tão importante e secreta.

Os conspiradores se separaram, cada qual por seu caminho, com um terço do ouro do francês. Yocasta ignorava o que tinham feito com seus cofres Dougal e o desconhecido. Hector Cameron colocou os sua em um fossa aberto no chão de seu dormitório.

Sua intenção era deixá-lo ali até que o príncipe tivesse chegado a algum lugar seguro, onde pudesse receber o ouro e utilizá-lo para obter seus objetivos. Mas Carlos Estuardo já estava em fuga e durante muitos meses não acharia sítio onde descansar. E então se produziu o desastre.

- Hector abandonou a casa, o ouro e a mim para incorporar-se ao exército do príncipe. Retornou em dezessete de abril, ao ficar o sol. Ordenou-me que recolhesse as coisas de valor que tivesse à mão. A causa estava perdida, disse; devíamos fugir ou morrer com os Estuardo, mas Cameron era o bastante ardiloso para não levar em sua fuga os dois cofres do ouro francês.

- Retirou três barras de um cofre e me entregou isso para que os escondesse sob o assento do carro, enquanto ele e o palafrenero levavam o resto aos bosques; não vi onde os enterraram.

Em 18 de abril, a meio-dia, Hector Cameron subiu a sua carruagem com sua esposa, o palafrenero, sua filha Morna e três barras de ouro, e partiu a toda velocidade para o sul, rumo ao Edimburgo.

- Seonag estava casada com o Mestre do Garth, que tinha apoiado aos Estuardo: mataram-no no Culloden, embora então não sabíamos.

Clementina já tinha enviuvado e vivia no Rovo, com sua irmã. Eu sabia aonde nos dirigíamos, mas ignorava que tivesse tudo tão disposto.

Os Cameron foram descobertos dois dias depois, perto do Ochertyre.

- desprende-se uma roda da carruagem –disse Yocasta, com um suspiro-. Ainda a vejo girar sozinha caminho abaixo. quebrado-se o eixo. Não tivemos mais remedeio que acampar junto à estrada, enquanto Hector e a moço de quadra se apressavam a arrumá-lo.

As reparações requereram a maior parte do dia. O nervosismo do Hector piorou durante a tarefa e se contagiou ao resto do grupo.

- Por então eu ignorava o que tinha visto no Culloden –disse Yocasta-. Ele sabia que, se os ingleses o apanhavam tudo teria terminado. Se não o matavam no ato o enforcariam por traidor.

“ Quando puderam colocar novamente a roda no carro já começava a anoitecer; era primavera e obscurecia cedo. Quando chegávamos ao alto da colina, dois homens armados de mosquetes saíram à estrada de entre as sombras, diante de nós.

Eram soldados ingleses, homens do Cumberland. Ao vê-los, Hector se afundou em um rincão da carruagem, com a cabeça inclinada e coberta com um xale, fingindo ser uma velha profundamente dormida. Atenta às instruções que ele sussurrava, Yocasta apareceu pelo guichê, disposta a desempenhar o papel de dama respeitável que viajava com sua mãe e sua filha.

Os soldados não lhe deram tempo a pronunciar seu discurso. Um deles abriu violentamente a portinhola e a baixou a puxões. Morna, espavorida, saltou atrás dela e tentou apartá-la do soldado. Outro homem aferrou à menina e a arrastou para trás, interpondo-se entre a Yocasta e a carruagem.

- Em um minuto mais “ a avó” teria estado também em terra; então descobririam o ouro e tudo teria terminado para nós.

Um pistoletazo os surpreendeu a todos. Hector, aparecido na portinhola aberta, tinha disparado contra o soldado que sujeitava a Morna. Mas a luz do crepúsculo era escassa; possivelmente os cavalos se moveram, meneando a carruagem. O fato é que o disparo alcançou a Morna na cabeça.

- Corri para ela –disse Yocasta, com voz rouca-. Corri para ela, mas Hector desceu de um salto e me deteve. Os soldados estavam abobalhados. Ele me arrastou para o carro e gritou à moço de quadra: “ Adiante, adiante!” umedeceu-se os lábios com a língua e tragou saliva.

- “ morreu” , disse-me, uma e outra vez. “ morreu, não pode fazer nada. “ E me sujeitou com força para impedir que, arrojassem-me da carruagem.

“ Assim Hector salvou sua própria vida... e a minha, por isso valesse então –continuou, ainda remota-. E o ouro, certamente.

Seus dedos procuraram novamente o anel e o fizeram girar lentamente em sua varinha; as pedras cintilaram sob a luz do abajur.

- Certamente –murmurou Jamie.

Yocasta apartou os anéis e se levantou; a seguir se ajoelhou no assento junto à janela e apartou as cortinas. Pressionou as mãos contra o cristal sorvete da noite; uma branca bruma se estendeu em volto de seus dedos, como chama fria.

- Hector comprou esta plantação com o ouro que trouxemos –disse- . A terra, o moinho, os escravos. Se tiver que lhe fazer justiça –seu tom sugeria que não era essa sua inclinação- o que vale agora se deve em grande parte para seu próprio trabalho. Mas a comprou com esse ouro.

- e seu juramento? –perguntou Jamie, pelo baixo.

- Seu juramento? –Ela lançou uma risada breve- . Hector era prático. Os Estuado estavam acabados. Para que necessitavam o ouro, lá na Itália?

- Prático –repeti.

- Prático, sim –assentiu- . Minhas filhas tinham morrido e ele não encontrava motivos para esbanjar lágrimas nelas. Jamais as mencionou; tampouco me permitia falar delas. Tinha sido homem endinheirado e voltaria a sê-lo. Não lhe teria sido tão fácil, se alguém o tivesse sabido. –Lançou um forte suspiro, carregado de ira contida- . Atreveria-me a dizer que, neste país, ninguém sabe que uma vez fui mãe.

- Ainda o é –assinalou Brianna, brandamente- . Isso sei.

Seus olhos azuis procuraram meus, escuros de compreensão. Senti a ardência das lágrimas detrás do sorriso com a que lhe respondi. Sim, ela sabia e eu também. E Yocasta; as linhas de sua cara se relaxaram, a nostalgia substituiu à fúria e à lembrança do desespero. aproximou-se lentamente a Brianna e lhe pôs a mão livre na cabeça. Logo os dedos largos e sensíveis se deslizaram para baixo, sondando os maçãs do rosto fortes, os lábios largos e largos e o nariz reta.

- Sim, a leannan –disse com suavidade- . Você sabe o que quero dizer. Compreende agora por que quero que tudo isto seja teu... ou de alguém de seu sangue?

Jamie interveio com uma pose cilla antes de que Bree pudesse responder.

- Sim –disse, em tom prático- . E isso é o que lhe contou ao irlandês ontem à noite? Não tudo, sem dúvida, mas lhe há dito que não tem o ouro aqui?

Yocasta deixou cair as mãos e se voltou para ele.

- Sim. Disse-lhe que os cofres seguiam enterrados no bosque, lá em Escócia. Que fora a desenterrá-los e ficasse, se quera.

- e não aceitou sua palavra?

- Não era cavalheiro –repetiu- . Não sei como poderiam ter resultado as coisas; sempre tenho uma pequena adaga sob o travesseiro. Não teria tolerado que me pusesse impunemente as mãos em cima. Mas antes de que pudesse agarrar a adaga ouvi passos no vestidor.

Assinalou com um gesto a porta próxima ao lar; detrás estava seu vestidor, que unia seu dormitório com o que antes era do Hector Cameron e agora, presumivelmente, do Duncan.

Os intrusos também tinham ouvido os passos; o irlandês vaiou algo a seu amigo; logo se separou da Yocasta para o lar. Então o outro personagem se aproximou dela por detrás e lhe tampou a boca com uma mão.

- Só posso lhes dizer que o homem usava uma boina bem encasquetada e emprestava a licor, como se o tivesse vertido em cima em vez de bebê-lo. –Fez uma pequena careta de asco.

A porta se abriu, dando passo ao Duncan. Ao parecer, o irlandês saltou desde atrás da porta e o golpeou na cabeça.

- Não recordo nada –disse ele, melancólico- . Vim a lhe dar as boa noite a seña... a minha esposa. Lembrança que pus a mão no pomo da porta. Um momento depois estava tendido ali, com a cabeça partida. depois de tocar com cuidado o galo, olhou a Yocasta com ar preocupado- . Está bem, mo chridhe? Esses bodes não lhe maltrataram?

- Claro que estou bem –disse, procurando provas até encontrar a mão do Duncan- . Excetuando a inquietação de me acreditar viúva pela quarta vez. Logo o irlandês se aproximou de mim e a besta que me sujeitava me soltou.

O irlandês lhe tinha informado que não acreditava nem por um momento que o ouro tivesse ficado em Escócia. Tinha a segurança de que estava no River Run e, embora não se teria atrevido a maltratar a uma dama, não experimentava as mesmas inibições com respeito a seu marido.

- Disse que, se eu não lhes dizia onde estava, ele e seu companheiro começariam a cortar ao Duncan em trocitos, começando pelos dedos do pé para avançar para os ovos –disse Yocasta sem rodeios.

Duncan não tinha muito sangue na cara, mas a pouca que ali havia desapareceu para ouvir isso. Jamie apartou a vista dele, pigarreando.

- E você o creíste, suponho.

- Tinha uma boa faca; passou-me isso pela palma da mão, para me demonstrar que falava a sério.

- Pois bem, e logo...

- E logo os disse que o ouro estava enterrado sob o abrigo do pomar. – A seu rosto voltou brevemente a expressão satisfeita- . Pensei que ao encontrar o cadáver se desconcentrassem um pouco. Para quando tivessem reunido valor para cavar, eu podia ter achado uma maneira de escapar ou de dar o alarme... e assim foi.

depois de atá-la e amordaçá-la apressadamente, os homens saíram rumo ao abrigo, com a ameaça de retornar para reatar as operações se descobriam que tinha mentido. Mas não se esmeraram muito com a mordança; ela não demorou para arrancar-lhe e gritar pedindo auxílio.

- Suponho que, ao ver o cadáver, a impressão lhes fez atirar o abajur, com o que incendiaram o abrigo. –Assentiu com lúgubre satisfação- . Pouco aprecio a pagar. Só lamento que não se queimaram também.

- Não crie que tenham podido iniciar o incêndio a propósito? –sugeriu Duncan- . para cobrir os sinais da escavação?

Yocasta descartou a idéia com um encolhimento de ombros.

- Com que fim? Ali não havia nada que pudessem encontrar, embora cavassem até a China.

Ao parecer, não havia nada mais que dizer ou fazer. Ulises entrou trazendo outro candelabro e uma bandeja com brandy e várias taças. O maior MacDonald reapareceu para informar que não tinham achado rastros dos malfetores. depois de examinar ao Duncan e a Yocasta, deixei-os com o Bree e Ulises para que os deitassem.

Jamie e eu descendemos em silêncio. Ao pé da escada me volvei para ele. Estava pálido e gasto pela fadiga.

- Retornarão, verdade? –disse-lhe em voz baixa.

Ele assentiu com a cabeça. Logo me agarrou pelo cotovelo para me conduzir para a escada da cozinha.

Conversa com bolo

Nessa época do ano ainda se utilizava a cozinha do porão. Jamie se deteve para um cortês diálogo com a cozinheira; com o que conseguiu, não só um bolo recém assado, mas também também uma grande jarra de café fumegante. Assim que se teve despedido, arrancou-me do tamborete no que eu me tinha deixado cair, e partimos outra vez, no vento frio da noite moribunda.

Caminhávamos serenamente, emano à mão, e às lembranças do dia anterior se sobrepunham os inquietantes aromas do sangue e o incêndio. Com cada passo, sentia-me como se estivesse a ponto de empurrar as portas de vaivém de algum hospital; logo me envolveriam o zumbir das luzes fluorescentes e o discreto aroma de remédio e cera para chãos.

- Falta de sonho –murmurei para meus adentros.

- Já haverá tempo para dormir, Sassenach –disse Jamie- . Antes temos uma ou duas coisas que fazer. –Trocou de mão o bolo envolto para me agarrar pelo cotovelo e impedir que a fadiga me fizesse cair de bruces.

Eu só tinha querido dizer que era a falta de sonho a que me causava a sensação de estar novamente em um hospital. Durante muitos anos, em minhas funções de interna, residente e mãe, tinha trabalhado longamente sem dormir; assim se aprende a funcionar bem pese ao cansaço absoluto.

A sensação de lúcido desapego me acompanhou mesmo que nos desviamos para os estábulos. Ele havia dito que tínhamos algo que fazer. Não acreditava que tivesse intenções de repetir as façanhas do dia anterior. Mas se pensava em um tipo de orgia mais tranqüila, com café e bolo, resultava estranho celebrá-la no estábulo e não na sala.

A porta lateral estava sem tranca; os aromas quentes do feno e os animais dormidos saíram ao encontro.

- Quem é? –disse uma voz fica e grave, das sombras interiores. Roger. Claro: não lhe tinha visto entre os que invadiram o quarto da Yocasta.

- Fraser –respondeu Jamie, também em voz baixa. depois de me fazer entrar consigo, fechou a porta.

A silhueta do Roger, que estava envolto em um capote, recortava-se contra o resplendor de um abajur, para o final da fila de pesebres.

- Como está, ao Smeóraich? –Jamie entregou a jarra de café. Roger afundou uma pistola na cintura das calças e a agarrou. Sem comentários, retirou a cortiça e bebeu.

- OH, Deus! –disse com um suspiro- . Isto é o melhor que provei em vários meses.

- Não de tudo. –Um pouco divertido, Jamie agarrou a jarra para lhe entregar o bolo envolto- . Como está esse?

- Ao princípio colocou bastante bulha, mas há um momento se aquietou. Talvez se tenha dormido. –Roger assinalou o pesebre com a cabeça. Jamie desprendeu o abajur de seu gancho e a sustentou em alto por cima do portão trancado. Por debaixo de seu braço vi uma silhueta acurrucada e médio escondida na palha, no fundo do pesebre.

- Senhor Wylie? –chamou Jamie, sempre em voz baixa- . Dorme você?
A silhueta se agitou entre sussurros de feno.

- Não, senhor –foi a resposta, friamente amarga. A silhueta se desdobrou lentamente e Phillip Wylie ficou de pé, sacudindo-a palha da roupa.

Realmente eu o tinha visto em melhores momentos. Era evidente que tinha recebido um golpe no nariz, pois tinha um sulco de sangue seca no lábio superior e uma mancha pardusca no colete de seda bordada.

em que pese a isso, sua atitude se mantinha incólume em uma indignação glacial.

- Terá que responder por isso, Fraser! Por Deus que sim!

- Com muito prazer, senhor –respondeu Jamie, impertêrrito- . Mas não antes de obter algumas respostas de você. –Tirou o fecho ao pesebre e abriu- . Saia, senhor Wylie.

O homem saiu com a cabeça em alto. Passou a um palmo de mim, com o olhar fixo para diante, fingindo não lombriga.

Aceitou rigidamente a jarra de café que lhe ofereceram, mas uns quantos sorvos pareceram lhe devolver notavelmente a compostura.

- O agradeço, senhor. –Devolveu a jarra com uma reverência- . Bom, posso perguntar quais são os motivos desta inqualificável conduta?

- Pode, senhor –respondeu Jamie, erguendo-se a sua vez- . Quero descobrir no que consiste sua associação com certo Stephen Bonnet e o que sabe você de seu atual paradeiro.

A cara do Wylie ficou quase comicamente em branco.

- Quem?

- Stephen Bonnet.

Wylie cravou no Jamie um olhar fulminante, com as sobrancelhas escuras muito franzidas.

- Não conheço nenhum cavalheiro com esse nome, senhor Fraser; portanto, não tenho idéia alguma de seus movimentos. Até se o tivesse, duvido muito que me sentisse obrigado a lhe informar.

- Não? –Jamie bebeu um sorvo de café, pensativo; logo me entregou a jarra- . O que me diz você das obrigações de um convidado para com seu anfitrião, senhor Wylie?

As sobrancelhas escuras se elevaram em um gesto de estupefação.

- A que se refere, senhor?

- Vejo que você não está informado, senhor, de que ontem à noite a senhora Innes e seu marido sofreram um ataque e um intento de roubo.

Wylie ficou boquiaberto. A menos que fora muito bom ator, sua surpresa era autêntica.

- Não sabia. Quem...? –O desconcerto desapareceu e deu passo à ira- . Você acredita que eu estive envolto nesta... esta...?

- Desprezível empresa? –sugeriu Roger, que parecia divertir-se- . Sim, acredito que sim. um pouco de bolo para acompanhar o café, senhor?

E lhe alargou uma parte. Wylie o olhou fixamente um momento; logo se levantou de um salto e o fez cair de um golpe.

- Maior canalha! –Girou para o Jaime com os punhos apertados- . Atreve-se a insinuar que sou um ladrão?

Jamie se tornou um pouco para trás, com o queixo em alto.

- Em efeito –disse serenamente- . Você tratou de me roubar a minha esposa ante meus próprios narizes. portanto, que escrúpulo poderia ter para com os bens de minha tia?

A cara do Wylie se ruborizou, e a seguir se lançou contra Jamie. Os dois rodaram com um revoou de braços e pernas. Roger se lançou para a refrega, mas eu o sujeitei pelo capote.

Jamie tinha a seu favor a habilidade e a corpulência, mas Wylie não era noviço na arte dos punhos; além disso, impulsionava-o uma ira desatada.

Ferozmente irritada contra os dois, adiantei-me um passo e verti sobre eles o conteúdo da jarra.

- Já estou farta disto!

- Pois eu não! –exclamou Wylie, acalorado- . Ele me insultou em minha honra! Exijo...!

- OH, ao diabo com sua maldita honra! E com o teu também! –bramei.

Jaime se contentou com um ressonante bufido. Empurrei com o pé um dos tamboretas cansados, com a vista ainda cravada nele.

- Sente-sel!

Ele levantou o banquinho e se sentou com imensa dignidade.

Wylie não parecia tão disposto a me emprestar atenção e continuava com os comentários sobre sua honra. Atirei-lhe um chute na tíbia. Esta vez calçava botas fortes. Ele lançou um chiado e saltou sobre o outro pé, sujeitando-a pantorrilha afetada.

- Não convém chateá-la quando está irritada –disse Jamie a seu competidor, me jogando um olhar cauteloso- . É perigosa, sabe você?

Wylie me olhou, muito carrancudo, fez um esforço por tragá-lo que estava a ponto de dizer e se sentou lentamente no outro banquinho.

- Eu gostaria de saber o que acontece aqui, por favor –disse, com deliciosa cortesia.

- Pois eu opino o mesmo, senhor –disse Jamie.

- Roubo, assassinato e só o céu sabe que mais –enumerei com firmeza- . E queremos chegar ao fundo do assunto.

- Assassinato? - repetiram Roger e Wylie ao mesmo tempo. Ambos pareciam sobressaltados.

- Quem foi assassinado? –inquiriu o prisioneiro, nos olhando alternativamente ao Jamie e a mim.

- Uma pulseira –informou Jamie- . Minha esposa suspeitou que havia doo em sua morte. Precisávamos descobrir a verdade. Esse foi o motivo de nossa presença no abrigo, ontem à noite.

- Presença. –Ante a lembrança do que me tinha visto fazer no abrigo pareceu chateado- . Sim... compreendo. –E me olhou pela extremidade do olho.

- Com que a mataram? –Roger entrou no círculo de luz e se sentou no cubo investido, a meus pés- . O que a matou?

- Alguém lhe deu de comer cristal moído –respondi- . Encontrei uma boa quantidade em seu estômago.

Enquanto o dizia, emprestei muita atenção ao Philip Wylie, mas sua cara tinha a mesma expressão estupefata que Jamie e Roger.

- Cristal. –Jamie foi o primeiro em recuperar-se- . Quanto demora algo

assim em matar, Sassenach?

Esfreguei-me o sobrecenho com dois dedos. O atordoamento da hora temprana foram dando passo a uma palpitante dor de cabeça.

- Não sei. Chega ao estômago em poucos minutos, mas poderia demorar bastante em provocar uma grande hemorragia. E se algo dificultasse os processos digestivos (a bebida, por exemplo), poderia demorar ainda mais. Também se ela tivesse comido em quantidade ao ingerir o cristal.

- É a mulher que você e Bree encontraram no pomar? –Roger se voltou para o Jamie.

- Sim. –Ele manteve os olhos fixos em mim- . Estava inconsciente por efeitos da bebida. Mais tarde, quando a viu, Sassenach, havia já sinais disso?

Neguei com a cabeça.

- Talvez o cristal já estava fazendo efeito, mas ela estava inconsciente. Uma coisa: Fentiman disse que se despertou em metade da noite, queixando de sofrer retortijões. É seguro que por então já estava afetada. Mas não posso dizer com certeza se lhe subministrou o cristal moído antes de que você e Bree a encontrassem ou se despertou de seu estupor ao anoitecer e alguém o deu então.

- Mas por que? Quem podia lhe desejar a morte? –perguntou Jamie.

- É uma boa pergunta –assentiu Wylie- . Entretanto, posso lhes assegurar que to não fui.

Jamie o estudou longamente.

- Pode ser, sim –disse- . Mas se não... A que foi você ontem à noite ao abrigo? O que podia levá-lo ali, como não fora contemplar o rosto de sua vítima?

- Minha vítima! –Wylie ficou rígido de ira renovada- . Não era eu o que estava no abrigo, ensangüentado até os cotovelos com as vísceras dessa mulher e lhe arrancando trocitos! –Girou a cabeça para mim- . Minha vítima! Profanar um cadáver é um crime capital, senhora Fraser. E me chegaram rumores... OH, sim que me chegaram rumores sobre você! Eu digo que foi você quem matou à mulher, a fim de obter...

Suas palavras terminaram em um gorgoteo, pois Jamie aferrou o peitilho de sua camisa e a retorceu em torno do pescoço. Logo o golpeou com força no estômago. O jovem se dobrou em dois, tossindo e vomitando.

- Estou seguro de que não pensa fazer acusações tão infundadas contra minha esposa, verdade... senhor? –disse Jamie ao Wylie, com excessiva cortesia.

Não me surpreendeu que Phillip negasse com a cabeça; pelo visto, ainda não tinha recuperado a fala.

- Bem –disse, apartando para trás uma mecha de cabelo- . Se todo isso está acordado... Onde estávamos?

- No assassinato da Betty –apontou Roger- . Não sabemos quem, não sabemos quando e não sabemos por que. Não obstante, como base para a discussão, sugeriria partir do suposto de que nenhum dos presente teve nada que ver com isso.

- Muito bem. –Jamie desprezou o assassinato com um gesto brusco, enquanto se sentava- . O que tem que o Stephen Bonnet?

O semblante do Roger se escureceu para ouvir isso.

- Sim, o que tem que ele? Está envolto neste assunto?

- Possivelmente no assassinato não, mas ontem à noite minha tia e seu marido foram atacados em seu quarto por dois vilões, um dos quais era irlandês.

- Repito –disse Wylie friamente- que não conheço nenhum cavalheiro com esse nome, seja irlandês ou hotentote.

- Stephen Bonnet não é um cavalheiro –disse Roger. As palavras eram muitos suaves, mas seu tom fez que Wylie levantasse a vista para ele.

- Não conheço esse homem –disse com firmeza. Provou a tragar saliva e, como lhe resultasse suportável, respirou mais fundo- . por que supõem vocês que esse tal Bonnet é o irlandês que cometeu essa tropelia contra o matrimônio Innes? Acaso deixou seu cartão de visita?

Surpreendi-me mesma com uma gargalhada. Jamie me jogou uma olhada e logo se voltou para o Wylie.

- Não –disse- . Eu sim conheço um pouco ao Stephen Bonnet, que é um traidor, degenerado e ladrão. E o homem estava com você, senhor, quando encontrou a minha esposa e a mim no abrigo.

- Sim –confirmei- . Eu também o vi, de pé detrás de você. E que fazia você ali, a fim de contas? –de repente me tinha ocorrido a pergunta.

Os olhos do prisioneiro se alargaram ante a acusação do Jamie.

- Não o conheço –repetiu em voz baixa- . Tive a sensação de que me seguiam, mas ao olhar para trás não vi ninguém, de modo que não emprestei muita atenção. Quando vi... o que havia no abrigo... fiquei tão impressionado que só pude atender ao que tinha ante meus olhos.

Era perfeitamente compreensível. Wylie encolheu os ombros e os deixou cair.

- Se na verdade esse tal Bonnet me seguia, terei que considerar sua palavra, senhor. Mas lhes asseguro que não estava ali em minha companhia nem com meu conhecimento.

- Logo virão os moços de quadra. –Jamie aspirou fundo, encolhendo pela metade os ombros. Logo olhou ao Wylie- . Pois bem, senhor. Aceito sua palavra de cavalheiro

- Seriamente? Adula-me você.

- Mesmo assim –continuou Jamie, desdenhando deliberadamente o sarcasmo- , eu gostaria de saber a que ia você a esse abrigo ontem à noite.

Wylie se tinha levantado pela metade. Ante essa pergunta voltou a sentar-se com lentidão e piscou uma ou duas vezes, como se pensasse. Por fim suspirou.

- Fui a pelo Lucas –disse simplesmente- . Eu estava ali a noite em que nasceu. Criei-o, ensinei-lhe a tolerar a cadeira, adestrei-o. –Tragou saliva uma vez; detestei o estremecimento dos volantes que lhe adornavam o pescoço- . Vim ao estábulo para passar alguns instantes a sós com ele... para me despedir.

Pela primeira vez a cara do Jamie perdeu a sombra de desgosto que exibia ao olhá-lo.

- Compreendo, sim –disse em voz baixa- . E logo?

Wylie endireitou as costas.

- Ao sair do estábulo me pareceu ouvir vozes perto do muro do pomar.

E quando me aproximei para ver o que acontecia vi luz no abrigo. Abri a porta. E você sabe melhor que eu o que aconteceu logo, senhor Fraser.

Jamie se esfregou a cara com força. Logo assentiu energicamente.

- Sei, sim. Lancei-me detrás o Bonnet e você me interpôs.

- Você me atacou –corrigiu Wylie, frio, enquanto se acomodava a jaqueta destroçada- . Eu me defendi. E estava em meu direito de fazê-lo. Logo você e seu genro me sujeitaram, trouxeram-me pela força aqui e me retiveram cativo durante a metade da noite.

Roger pigarreou. Jamie também, embora sua intenção era mais azeda.

- Pois sim –disse- , não discutiremos isso. –Com um suspiro, despediu-se de seu prisioneiro com um gesto- . Sabe você por ventura em que direção fugiu Bonnet?

- OH, sim!, embora por então ignorava seu nome, claro. Suponho que a estas horas estará completamente fora de seu alcance. –Havia uma nota estranha em sua voz, um pouco parecido à satisfação. Jamie girou bruscamente.

- O que quer você dizer?

- Lucas. –Wylie assinalou com a cabeça o penumbroso corredor do estábulo- . Seu pesebre é o último. Conheço bem sua voz e o ruído de seus movimentos. Esta manhã não o ouvi. Bonnet, se dele se tratava, fugiu para os estábulos.

antes de que ele tivesse terminado de falar, Jamie tinha o abajur na mão e partia a grandes passos pelo corredor.

A luz amarela se derrubava sobre a palha vazia.

Guardamos silêncio durante um comprido instante. Logo Phillip Wylie se estirou com um suspiro.

- Se já não for meu, senhor Fraser, tampouco será dele. –Seus olhos se posaram logo em mim com escura ironia- . Mas lhe desejo que desfrute de sua esposa.

afastou-se com as meias quedas e os saltos vermelhos piscando os olhos à luz do amanhecer.

Fora rompia o alvorecer, serena e encantadora. Só o rio parecia mover-se; a luz arrancava brilhos de prata a seu corrente, além das árvores.

Roger se foi para a casa, bocejando, mas Jamie e eu nos demoramos junto a cercado. Em poucos minutos a gente começaria a despertar; haveria mais perguntas, especulações, bate-papo. No momento, nenhum dos dois queria mais conversação.

Por fim. Jamie me rodeou os ombros com um braço e, com ar decidido, voltou as costas à casa.

- Não compreendo por que não pensei neste sítio quando procurava um lugar íntimo –disse.

Estávamos no abrigo das carruagens. Entre as sombras, vi uma carreta e o faetón da Yocasta, um veículo descoberto que parecia um grande trenó sobre duas rodas. Jamie me elevou pela cintura para me depositar dentro e subiu detrás de mim. Sobre as almofadas havia uma manta de búfalo que estendeu no fundo do faetón. Ali havia espaço suficiente para duas pessoas acurrucadas, sempre que não lhes incomodasse estar muito

juntas.

- Vêem, Sassenach –disse, deixando cair de joelhos- . O que venha depois... pode esperar.

Eu estava completamente de acordo. Embora na soleira da inconsciência, não pude menos que perguntar, dormitada:

- Sua tia... a crie? O que contou do ouro e todo isso?

- Certamente que sim –murmurou a meu ouvido- . Ao menos até onde posso comprovar o que há dito.

55

Deduções

Quando finalmente a sede e a fome nos obrigaram a abandonar nosso refúgio, passamos frente ao pátio dos escravos, que desviaram prudentemente a vista, ainda ocupados em retirar os restos da festa. No extremo do prado vi a Fedra, que vinha do mausoléu com os braços carregados de pratos e taças abandonados entre as matas.

Ao nos ver se deteve, dizendo:

- OH!, a senhorita Eu o busca, amo Jamie. –Falava sem expressão, como se as palavras tivessem pouco sentido para ela.

- Ah, sim? –Jamie se esfregou a cara com uma mão- . Bem, subirei a vê-la.

Ela se dava a volta já para afastar-se quando Jamie lhe tocou um ombro.

- Lamento sua perda, moça –disse em voz baixa.

Os olhos da Fedra se encheram de lágrimas, mas não disse nada. Ainda um pouco desorientada, ouvi que Jamie dizia algo.

- ... ir lavar te e descansar um pouco, Sassenach?

- O que? OH, não! Irei contigo.

de repente ansiava acabar com tudo esse assunto e voltar para casa. Já tinha tido suficiente vida social por uma temporada.

Encontramos a Yocasta, ao Duncan, ao Roger e a Brianna reunidos na sala da Yocasta, devorando um café da manhã tardio, mas substancial. Brianna dirigiu um olhar penetrante à roupa arruinada do Jamie, mas continuou sorvendo seu chá sem dizer nada. Ela e Yocasta estavam em bata; Roger e Duncan, embora vestidos, pareciam gastos e sujos. Nenhum dos dois se barbeou; Duncan tinha um grande moretón azul no flanco da cara, ali onde se golpeou com a pedra do lar; pelo resto os via bem.

Por fim, saciados e um pouco mais repostos, respaldamo-nos nos assentos e, com toda firmeza, declarei iniciada a sessão.

- Tudo isto começa com a Betty, não lhes parece?

- Pode que sim, pode que não, mas suponho que é um ponto de partida tão útil como qualquer outro, Sassenach –respondeu ele.

Brianna terminou de lubrificar de manteiga uma fina torrada.

- Continue, Miss Marple –me disse com ar divertido, antes de dar a dentada.

- Bem. Vejamos: quando vi a Betty me pareceu que estava drogada,

mas como o doutor Fentiman me impediu de examiná-la, não pude me assegurar. Mesmo assim, estamos seguros de que bebeu ponche com alguma droga, verdade?

- Sim –disse Jamie- . Na taça percebi o sabor de algo que não era licor.

- E eu interroguei às pulseiras da casa depois de falar com papai-acrescentou Brianna- . Duas das mulheres admitiram que Betty bebia os restos das taças, mas ambas asseguraram que só estava achispada quando ajudou a servir o ponche de rum na sala.

- E nesses momentos eu estava ali, com o Seamus Hanlon e seus músicos- confirmou Roger, estreitando o joelho do Bree- . Vi que Ulises preparava pessoalmente o ponche. Era o primeiro que preparava esse dia, Ulises?

Todas as cabeças giraram para o mordomo, que permanecia depois da cadeira da Yocasta, inescrutável. Sua pulcra peruca e seu librea engomada eram uma recriminação silenciosa ao ar generalizado de desalinho e esgotamento.

- Não, o segundo –especificou- . O primeiro se bebeu no café da manhã. –A casa e os serventes estavam a seu cargo; era óbvio que os acontecimentos recentes lhe desejavam muito uma mortificante recriminação pessoal.

- Bem. –Roger se esfregou a barba enchente- . Por minha parte, não reparei na Betty, mas se ela tivesse estado bêbada nesses momentos, eu não teria deixado de me precaver. E tampouco Ulises, suponho.

Olhou por cima do ombro em busca de confirmação e o mordomo assentiu a contra gosto.

- O tenente Wolff sim estava bêbado –continuou- . Todo mundo comentou que era muito cedo para que estivesse nesse estado.

Yocasta soltou uma exclamação grosseira, e Duncan baixou a cabeça para dissimular um sorriso. Jamie resumiu:

- O facho é que a segunda ronda de ponche se serve justo depois do meio-dia. Apenas uma hora mais tarde encontrei a essa mulher tendida de costas no esterco, emprestando a bebida e com uma taça de ponche a seu lado. Não digo que seja impossível, mas terei que apressar-se muito para embriagar-se desse modo em tão pouco tempo, sobre tudo bebendo só restos.

- É de supor, pois, que em realidade estava drogada –disse- . A substância mais provável seria o láudano. Havia láudano na casa?

Yocasta compreendeu que a pergunta lhe estava dirigida a ela e se ergueu na cadeira. Parecia muito reposta do acontecido a noite anterior.

- OH, sim!, mas isso não significa nada –objetou- . Qualquer pôde ter trazido um pouco; não é tão difícil de obter, se se pode pagar. Sei de duas mulheres, entre os convidados pressente, que o consomem com regularidade. Atreveria-me a dizer que elas deveram trazer um pouco.

Me teria encantado saber quais eram essas viciadas no ópio e como sabia Yocasta, mas descartei esse ponto para passar ao seguinte.

- Então, qualquer que fosse a procedência do láudano, ao parecer acabou dentro da Betty. –Voltei-me para o Jamie- . Disse que, quando a encontrou assim, te ocorreu que podia ter bebido uma droga ou um veneno destinado a outra pessoa.

- Sim, pois não sei por que alguém quereria indispor a uma pulseira.
- Não sei por que, mas alguém a matou –interrompeu Brianna- . Não vejo como pôde ingerir cristal moído que ia destinado a outra pessoa.
- Não me coloque pressa! Estou tratando de ser lógica. –Dirigi um olhar carrancudo ao Bree, quem fez um ruído tão grosseiro como o da Yocasta- . Não, não acredito que pudesse ingeri-lo por acidente, mas não sei quando tomaria. Quase com segurança, foi depois de que Fentiman a examinasse pela primeira vez.

Se Betty tivesse ingerido o cristal antes, os eméticos e purgantes do Fentiman lhe teriam provocado uma grande hemorragia, como em realidade aconteceu quando ele voltou a atender suas moléstias internas, para o amanhecer.

- Acredito que tem razão –disse a Brianna- , mas só por ser ordenada; quando saiu a percorrer os jardins, Roger, encontrou a algum convidado que parecesse dorgado?

Ele negou com a cabeça, carrancudo, como se o sol o incomodasse. Possivelmente lhe doía a cabeça.

- Não –disse- . Havia uns vinte indivíduos que começavam a cambalear-se um pouco, mas todos pareciam legitimamente ébrios.

- E o tenente Wolff? –perguntou Duncan, para surpresa de todos. Ao ver que todos o olhávamos, ruborizou-se. Mas insistiu- :A smeòraich disse que o homem estava completamente bêbado quando passou pela sala. Pôde beber a metade do láudano ou o que fora e dar o resto à pulseira?

- Não sei –observei- . Pelo menos é possível. Viu alguém à tenente, já mais avançado o dia?

- Sim –disse Ulises, fazendo que todos girassem outra vez para ele- . Entrou na casa durante o jantar e me pediu que lhe conseguisse imediatamente uma barco. foi pela água, ainda muito ébrio, mas lúcido.

- Não esquecem algo? –Yocasta tinha seguido os argumentos com atenção. Inclínada para diante, estirou a mão para a mesa, tocando até localizar o que procurava: uma pequena taça de prata- . Você, sobrinho, mostrou-me a taça da que Betty bebeu –disse ao Jamie, mostrando-lhe Era como esta, verdade?

tratava-se de uma flamejante peça de praça esterlina. O desenho gravado era apenas visível. I maiúsculo e o pececillo que nadava em torno dela quase se perdiam no brilho do metal.

- Sim, era como essa, tia –confirmou Jamie- . Brianna diz que é parte de um jogo.

- Sim. O dei de presente ao Duncan a manhã de nossas bodas. –Ela deixou a taça, mas manteve os largos dedos cruzados acima- . Ele e eu usamos duas delas durante o café da manhã, mas as outras quatro ficaram aqui acima. –Moveu a mão para trás, assinalando o pequeno aparador instalado contra a parede. Contei: as seis taças de prata estavam nesse momento na mesa, cheias do oporto que Yocasta preferia para o café da manhã. Mas não havia maneira de saber qual delas tinha contido o licor drogado. Ela perguntou:

- O dia das bodas, Ulises, levou alguma destas taças ao salão?

- Não, senhora. –O mordomo pareceu horrorizar-se ante a sugestão- . Certamente que não.

Ela girou os olhos cegos para o Jamie; logo para mim.

- Já vêem –disse simplesmente- . Era a taça do Duncan.

Seu marido pareceu sobressaltar-se; logo ficou intranquilo ao compreender as implicações do que ela havia dito.

- Não. –Moveu a cabeça- . Não pode ser.

- Alguém te ofereceu uma taça esse dia, a cariem? –perguntou Jamie, inclinando-se atentamente.

Todo mundo! É obvio. Ao fim e ao cabo era o noivo. Mas o transtorno digestivo ocasionado pelos nervos lhe tinha impedido de aceitar esses oferecimentos. Tampouco recordava se alguma dessas taças que lhe serviram era de prata.

- Estava distraído, MAC dubh; não me teria precavido se alguém me tivesse devotado uma serpente viva.

Ulises agarrou um guardanapo da bandeja para oferecer-lhe sem chamar a atenção. Duncan a aceitou às cegas e se enxugou a cara.

- Acreditam vocês que alguém tratava de fazer mal ao Duncan? –O tom estupefato do Roger podia não ser estritamente adulator, mas ele pareceu não tomá-lo a mau.

- Mas por que? –disse desconcertado- . Quem pode me odiar?

Jamie riu pelo baixo; a tensão se afrouxou um pouco em volto da mesa. Era certo: embora Duncan era inteligente e hábil, seu caráter modesto fazia impossível que tivesse ofendido a ninguém; muito menos podia ter provocado esse frenesi homicida.

- Bom, a cariem –Observou meu marido, com tato- , poderia não ser pessoal, compreende? –E me olhou com uma careta irônica.

mais de uma vez tinham atentado contra ele, por motivos que não se relacionavam com o que ele tivesse feito, a não ser com o que era. Certamente, ocasionalmente também tinham tratado de matá-lo por coisas que tinha feito.

Yocasta parecia estar pensando o mesmo.

- Por certo –disse- . estive refletindo. Recorda, sobrinho, o que aconteceu na Congregação?

Jamie, com uma sobrançelha arqueada, levantou sua taça de chá.

- Ali aconteceram muitas coisas, tia. Mas suponho que refere ao que aconteceu o pai Kenneth.

- Sim. –Ela levantou de maneira automática uma mão e Ulises pôs nela outra taça enche- . Não me contou que Lillywhite havia dito algo com respeito a impedir que o sacerdote celebrasse cerimônias?

- Em efeito. Crie que se referia a suas bodas com o Duncan? O que essa era a cerimônia que devia impedir?

- Espera um momento –disse- . Diz que alguém queria impedir as bodas de sua tia com o Duncan? E depois de obter seu propósito na Congregação, não lhe ocorreu outra maneira de impedi-lo agora, pelo qual tentou matar ao Duncan? –Minha voz refletia estupefação.

- Não sou eu o que o diz –esclareceu Jamie, observando a Yocasta com interesse- , mas é o que sugere minha tia.

- Assim é –confirmou ela, serena. depois de acabar seu chá, deixou a taça com um suspiro- . Não quero me dar ares, sobrinho, mas o fato é que fui cortejada por uns quantos, desde que Hector morreu. River Run é um

imóvel rico e eu, uma anciã.

Houve um instante de silêncio enquanto o assimilávamos. A cara do Duncan refletiu inquietação e horror.

- Mas... gaguejou- , mas se foi assim, MAC Dubh, por que esperar?

- Esperar?

- Sim. –Olhou em volto da mesa, procurando quem o entendesse- .

Olhe, se alguém quis impedir as bodas na Congregação, tudo está bem. Mas após aconteceram quatro meses e ninguém levantou uma mão contra mim. Quase sempre cavalgo sozinho; teria sido muito fácil me tender uma emboscada no caminho e me pôr uma bala na cabeça.

- por que esperar quase até o momento das bodas e em presença de centenares de pessoas, diz. Pois sim, tem razão, Duncan –admitiu Jamie.

Roger tinha escutado todo isso com os cotovelos apoiados nos joelhos e o queixo nas mãos. Para ouvir isso se ergueu.

- Me ocorre um motivo –disse- . O sacerdote.

Todo mundo o olhou com as sobancelhas arqueadas.

- O sacerdote estava aqui –explicou- . Se tudo isto foi pelo River Run, não se trata só de tirar ao Duncan de no meio. depois de matá-lo, nosso assassino estaria como ao começo: Yocasta não se casou com o Duncan, mas tampouco ele. Mas se todo esta preparado para celebrar uma cerimônia privada, com o sacerdote aqui... resulta simples. Mata ao Duncan, de um modo que possa passar por suicídio ou acidente; logo invade as habitações da Yocasta e obriga ao padre a consagrar o matrimônio a ponta de pistola. Como os serventes e os convidados estão pendentes do Duncan, ninguém intervém nem se opõe. O leito está à mão... Assinalou a grande cama de dossel, visível pela porta que comunicava com a quarto- . Leva a Yocasta ali e consuma o matrimônio pela força. E o indivíduo já é seu tio.

- Chegado a esse ponto viu que Yocasta tinha ficado boquiaberta e Duncan, estupefato; só então caiu na conta de que essa não era só uma interessante proposição acadêmica.

- Né... quero dizer –pigarreou- . Há quem o tem feito.

Jamie também pigarreou. Era certo. Seu próprio avô, homem de más intenções, tinha iniciado sua ascensão na sociedade ao desposar pela força (e possuir imediatamente) à anciã lady Lovat, rica e viúva.

- O que? –Brianna olhou ao Roger, obviamente horrorizada- . Mas que coisa tão...! Não poderiam sair-se com a sua!

- Não vejo a dificuldade –observei, me sacudindo os miolos do peito- . Obviamente esta operação não foi realizada por um só homem. Quem quer que seja o aspirante a noivo... vocês Recordem que não sabemos se existir, mas suponhamos que sim. Quem quer que seja, se existir, tem cúmplices, sem dúvida. Randall Lillywhite, para começar.

- Que não estava aqui –me recordou Jamie.

- Hum, isso é certo –admiti- . Mesmo assim, o princípio é válido.

- Sim –insistiu Roger- . E se ele existir, o principal suspeito é o tenente Wolff, não? Todo mundo sabe que tentou mais de uma vez casar-se com a Yocasta. E ele sim que estava aqui.

- Mas bêbado como uma Cuba –acrescentou Jamie, duvidando- . Ou não. Como já disse, ao Seamus e a seus moços surpreendeu que alguém pudesse estar tão ébrio a hora tão temprana. E se tivesse sido uma

patranha? Se fingia estar bêbado perdido, ninguém lhe emprestaria atenção nem o consideraria suspeito mais tarde; enquanto isso, ele podia envenenar uma taça de ponche, entregar-lhe a Betty com instruções de oferecê-la ao Duncan, escapular-se e rondar por aí, preparado para correr escada acima assim que se soubesse que Duncan se derrubou. Talvez Betty ofereceu a taça, Duncan a rechaçou e... Ali estava a mulher, com uma taça cheia de ponche de rum na mão. –encolheu-se de ombros- . Quem poderia lhe reprovar que se fora ao pomar para desfrutá-la?

Yocasta e Ulises bufaram simultaneamente, deixando bastante em claro o que pensavam do reprochável dessa ação. Depois de um breve pigarro, Roger continuou com sua análise.

- Bem, de acordo. Mas a dose não matou a Betty, já fora porque o assassino calculou mau ou... - lhe ocorreu outra idéia brilhante- . Possivelmente sua intenção era deixá-lo inconsciente e logo jogá-lo no rio. Isso teria sido até melhor. Não sabe nadar, verdade? –perguntou, voltando-se para ele.

Duncan moveu a cabeça, como aturdido, e levantou mecanicamente sua única mão para massagear o coto do braço ausente.

- Sim. Uma bonita morte no rio teria passado por acidente, sem problemas. –Roger se esfregou as mãos, muito agradado- . Mas tudo saiu mau, porque não foi Duncan quem bebeu o ponche com a droga, a não ser a criada. E por isso a mataram.

- por que? –Yocasta parecia tão aturdida como seu flamejante marido.

- Porque ela podia identificar ao homem que lhe tinha dado a taça – interveio Jamie, pensativo e ajeitado em sua cadeira- . E o teria feito assim que alguém a interrogasse. Isso tem sentido, sim. Certamente, o assassino não podia desfazer-se dela por meios violentos; corria o risco de que o vissem o subir ou descer do apartamento de cobertura.

Roger fez um gesto de aprovação ante seu rápido entendimento.

- Fica por resolver o problema de como lhe subministrou o cristal moído. Ulises, sabe se a Betty deram algo de comer ou de beber? –perguntei.

- O doutor Fentiman ordenou que lhe dessem um syllabub –disse Ulises lentamente- e um pouco de porridge, se estava o bastante acordada para tragar. Eu preparei o syllabub e o enviei por meio do Mariah. Quanto ao porridge, o encarreguei à cozinheira, mas não sei se Betty o comeu nem quem pôde levá-lo.

- Hum... - Yocasta frució os lábios- . Bastaria com um momento, não? Distrai à moça, joga o cristal...

- Ou possivelmente alguém subiu ao apartamento de cobertura com o pretexto de ver como estava e lhe deu algo para beber, com o cristal dentro – sugeri- . Um syllabub era o veículo perfeito. Alguém pôde perfeitamente subir sem que o vissem.

- Muito bem, inspetor Lestrade –disse Brianna ao Roger, sotto voce- . Mas não há provas, verdade?

- É certo –disse Yocasta- . Não há provas. Recorda que Betty te oferecesse uma taça de ponche, a dhuine?

Duncan se mascou furiosamente o bigode, concentrando-se, mas logo sacudiu a cabeça.

- É possível... a bhean. Mas é possível que não.

- Pois bem...

Todo mundo guardou silêncio um momento, enquanto Ulises caminhava silenciosamente ao redor da mesa, retirando as coisas. Por fim Jamie lançou um profundo suspiro e se incorporou.

- Bom: hei aqui o que aconteceu ontem à noite. Todos estamos de acordo em que o irlandês que entrou em seu quarto, tia, era Stephen Bonnet?

A Brianna tremeu a mão e sua taça de chá caiu sobre a mesa.

- Quem? –perguntou com voz rouca- . Stephen Bonnet... aqui?

- Sim –confirmou Jamie, relutante- . Vi-o.

- E foi ele quem veio a pelo ouro... ou um deles? –Brianna agarrou uma das taças de oporto para bebê-la como se fora água. Ulises, embora piscando, apressou-se a enchê-la com o vinho do botellón.

- Isso parecia. –Roger alargou a mão para um pão-doce, evitando cautelosamente os olhos da Brianna.

- Como pôde descobrir o do ouro, tia? –Jamie se respaldou em sua cadeira, com os olhos entrecerrados para concentrar-se.

Yocasta lançou um bufo e alargou a mão. Ulises, acostumado a suas necessidades, pôs nela uma torrada com manteiga.

- Um deles deveu dizer-lhe a alguém: Hector Cameron, meu irmão Dougal ou o terceiro homem. E apostaria a que não foram Hector nem Dougal. Mas há algo que posso lhes dizer. O segundo homem que entrou em minha habitação, que emprestava a bebida. Disse que não falou, verdade? Pois parece bastante óbvio: era alguém que eu conheço, cuja voz teria podido reconhecer.

- O tenente Wolff? –sugeriu Roger.

Jamie assentiu; entre suas sobranceiras se formou uma ruga.

- Que melhor que a Marinha para achar a um pirata quando o necessita?

- E quem necessita de um pirata? –murmurou Brianna. O oporto lhe havia devolvido a compostura, mas ainda estava pálida.

- Sim –disse Jamie, sem lhe emprestar atenção- . Não é pouca empresa, dez mil libras em ouro. requereria-se mais de um homem para carregar com semelhante soma. Luis da França e Carlos Estuardo sabiam; por isso enviaram a seis indivíduos para que carregassem com os trinta mil.

Se alguém se inteirou de sua existência, não era estranho que tivesse contratado a ajuda do Stephen Bonnet, que não só tinha os meios para transportar o ouro, mas também também contatos para vendê-lo.

- O tenente partiu em um bote durante o jantar –disse lentamente- . Suponhamos que foi águas abaixo para encontrar-se com o Bonnet. Logo voltaram juntos e aguardaram a oportunidade para entrar na casa e tentaram aterrorizar a Yocasta, a fim de que lhes dissesse onde estava o ouro.

Jamie assentiu.

- Poderia ser. Sim. Faz anos que o tenente faz negócios aqui. É possível, tia, que visse algo e suspeitasse que esse ouro estava aqui? Disse que Hector tinha três barras; fica algo disso?

Yocasta apertou os lábios, mas depois de um momento assentiu a contra gosto.

- teimava em ter uma parte em seu escritório como pisapapeles. Sim, Wolff pôde havê-lo visto, mas como pôde saber o que era?

- Pode que no momento não soubesse –sugeriu Brianna- , mas mais tarde soube o do ouro francês e somou dois mais dois.

Ante isso houve um murmúrio de assentimento. Como teoria funcionava bem; o que eu não via era a maneira de prová-lo, e assim o disse. Jamie se encolheu de ombros.

- Não acredito que o importante seja prová-lo, a não ser saber o que pode acontecer agora. –E olhou diretamente ao Duncan- . Retornarão, a cariem –disse serenamente- . Sabe, verdade?

- Sei, sim. –Duncan parecia desventurado, mas decidido, e alargou uma mão para agarrar a da Yocasta; era o primeiro gesto desse tipo que eu o via fazer- . Encontrarão-nos preparados, MAC Dubh.

Jamie assentiu lentamente.

- Devo partir, Duncan. Semeia-a não pode esperar. Mas porei sobre aviso a todos meus conhecidos para que vigiem à tenente Wolff.

Yocasta guardava silêncio, imóvel sua mão na do Duncan, mas para ouvir isso ergueu as costas.

- E o irlandês? –perguntou. Com a outra mão se esfregava brandamente o joelho, pressionando-a com o canto da mão.

Jamie intercambiou um olhar com o Duncan; logo, outra comigo.

- Retornará –disse, com voz carregada de sombria certeza.

Eu estava olhando a Brianna quando o disse. Seu rosto permaneceu sereno, mas vi o medo que se movia em seus olhos. Stephen Bonnet (pensei-o com um tombo no coração) já tinha retornado.

Ao dia seguinte partimos para as montanhas. Quando logo que tínhamos percorrido uns oito quilômetros, ouvi ruído de cascos no caminho, detrás de nós. Era o maior MacDonald; o deleite que expressava seu rosto me disse tudo o que precisava saber.

- Por todos os diabos! –exclamei.

A nota trazia o selo do Tryon.

- Esta manhã estive no Greenoaks –explicou o major, enquanto Jamie rompia o selo- . Posto que vinha para aqui, ofereci-me para trazê-lo.

Já conhecia o conteúdo da nota. Farquard Cambell devia havê-la aberto.

Observei a expressão do Jaime enquanto lia; não trocou. Ao terminar de me lê-la entregou a nota.

19 de março

de 1771

Aos oficiais Comandantes da Tropa

Senhores:

No dia de ontem determinei, com o consentimento do Conselho de sua majestade, partir com um corpo de regimentos milicianos para os assentamentos dos insurgentes, a fim de reduzi-los à obediência, pois com

seus atos e declarações rebeldes desafiaram ao governo e interrompido o curso da justiça, obstruindo, desordenando e fechando as Cortes da lei. Posto que alguns de seus regimentos podem desempenhar uma parte na honra de emprestar ao país este importante serviço, requeiro-lhes que vocês escolham a trinta homens, que se incorporarão ao Corpo de minhas forças nesta empresa.

Não existe intenção de mobilizar estas tropas antes do vigésimo dia do próximo mês, antes do qual lhes informará da data em que devem reunir a seus homens, o tempo da marcha e o caminho a seguir.

recomenda-se como dever cristão, que incumbe a todos os plantadores que permaneçam em seus lares, que cuidem e auxiliem às famílias daqueles homens que emprestarão este serviço, a fim de que nem suas famílias nem suas plantações se prejudiquem enquanto eles estão aplicados a um serviço que concerne ao interesse de todos.

Para os gastos ordenados nesta expedição estenderei garantias impressas à ordem dos portadores, garantia que se tornarão negociáveis até que o tesouro possa as pagar com os recursos contingentes, em caso de que não haja no tesouro dinheiro suficiente para responder aos serviços necessários desta expedição.

Seu seguro servidor,

William Tryon

Saberiam já Hermon Husband e James Hunter, quando abandonaram River Run? Supus que sim. E o major, certamente, ia agora a New Bern para oferecer seus serviços ao governador.

- Por todos os diabos –amaldiçoei com ênfase.

O maior MacDonald piscou, e Jamie me jogou uma olhada.

- Bom –disse-. Fica quase um mês. Justo o tempo que necessito para semear a cevada.

SEXTA PARTE

A guerra da Regulação

56

...e combater contra eles,
dizendo que tinham suficientes homens
para matá-los, "podemos matá-los!"

Declaração do Waightstill Avery, testemunha
Carolina do Norte
Comando do Mecklenburg

Waightstill Avery testemunhou e disse que, nos dia seis de março, ao redor das nove ou dez da manhã, o declarante se encontrava na atual residência de certo Hudgins, quem vive no extremo inferior da Ilha Larga.

E que o declarante viu trinta ou quarenta dessas pessoas que se autodenominam "reguladores", e que foi então detido e feito prisioneiro por um deles (quem disse chamar-se John Mc Quiston) no nome de todos eles. E que pouco depois um tal James Graham (ou Grimes) falou com declarante com estas palavras: "Você é agora prisioneiro e não deve ir a lugar algum sem alguém que o vigie", ao qual acrescentou imediatamente que "Enquanto não se além de seu vigilante não sofrerá dano algum".

Este declarante foi logo conduzido, sob a custódia de dois homens, até o acampamento regular (conforme o denominaram) distante uma milha, aonde horas depois acudiram muitas mais pessoas da mesma denominação e outras, cuja totalidade este declarante supõe e calcula em duzentos e trinta indivíduos.

Que por eles mesmos o declarante conheceu os nomes de cinco de seus capitães ou líderes, por então presente, ou seja: Thomas Hamilton e outro do mesmo sobrenome, James Hunter, Joshua Teague, certo Gillespie e o mencionaod James Grimes (ou Graham). Que o declarante ouviu muitos daqueles cujos nomes desconhece pronunciar-se em términos oprobiosos contra o governador, os juizes da Corte Superior, contra a Casa de Assembléia e outro altos funcionários. Enquanto a multidão circundante pronunciava palavras ainda mais oprobiosas, o mencionado Thomas Hamilton se ergueu no centro e pronunciou frases do seguinte tenor, enquanto a multidão assentia e afirmava a verdade do dito:

"Que direito tem Maurice Moore a ser juiz, ele não é juiz, não foi renomado pelo rei, como tampouco Henderson, nenhum deles tem corte. A Assembléia tem feito uma lei de desmandos, e a gente está mais enfurecida que nunca, foi o melhor que se pôde fazer pelo país, pois agora nos veremos obrigados a matar a todos os escrivães e advogados, e os mataremos e que me leve o diabo se não os executa. Se não tivessem feito essa lei poderíamos ter deixado a alguns com vida. Uma lei de desmandos! Nunca houve semelhante lei na Inglaterra nem em país algum salvo a França, trouxeram-

na da França e trarão também a Inquisição.”

Muitos deles diziam que o governador era amigo dos advogados e que a Assembléia tinha arruinado aos reguladores a fazer leis por dinheiro. Encerraram ao Husband no cárcere, para que não pudesse ver seus pícaros procedimentos, e logo o governador e a Assembléia fizeram as leis que os advogados queriam. O governador é amigo dos advogados, os advogados o dirigem tudo, nomeiam a juizes de paz débeis e ignorantes para seu próprio benefício.

Não deveria ter advogados na província, diziam entre maldições. Fanning foi proscrito em vinte e dois de março e qualquer regular que o visse a partir de então devia matá-lo antes de retornar, se o encontravam no Salisbury. Alguns desejavam encontrar ao juiz Moore do Salisbury, para açoitá-lo, e outros, para matá-lo. Certo Robert Thomson disse que Maurice Moore era perjuro e lhe aplicou nomes aprobiosos, como bandido, vadio, vilão, canalha, etcétera, e os outros assentiam.

Quando chegou a notícias de que o capitão Rutherford, à cabeça de sua companhia, desfilava pelas ruas do Salisbury, este declarante ouviu que vários deles insistiam pertinazmente para que todo o corpo de reguladores ali presente partisse ao Salisbury com suas armas e combater contra eles, dizendo que tinham homens suficientes para matá-los, “Podemos matá-los, já ensinaremos a não opor-se a nós”.

Disposta juramento e assina o antecedente, o oitavo dia de março de 1771, ante mim que dou fé.

(Assinado) Waightstill Avery

(Testemunha) William Harris, Juiz de

Paz

Do William Tryon ao general Thomas Gage, Carolina do Norte
New Bern, 19 de março de 1771

Senhor:

No dia de ontem, o Conselho de sua majestade desta província decidiu recrutar um corpo de forças entre os regimentos e companhias de milicianos, a fim de partir para os assentamentos de insurgentes, quem por seus atos e declarações de rebeldia desafiaram a este governo.

Posto que neste país temos poucas máquinas e implementos militares, devo requerer sua ajuda para me procurar os artigos (cañon, projéteis, estandartes, tambores, etcétera) enumerados abaixo.

Minha intenção é iniciar a marcha nesta cidade, ao redor do dia vinte do mês próximo, e reunir à tropa enquanto parta através dos condados, Descida recrutar a mil e quinhentos homens, embora pelo espírito que agora se manifesta a favor do governo, esse número poderia incrementar-se notavelmente.

Fico a suas ordens, com grande respeito e estima.
Seu seguro servidor.

William Tryon

Colina do Fraser
15 de abril de 1771

Roger, tendido na cama, escutava o zumbido de um mosquito que tinha conseguido passar entre o couro que cobria a janela da cabana. O berço do Jem estava coberto por um tul de gaze, mas ele e Brianna careciam desse amparo. O mosquito parecia circular por cima da cama; ocasionalmente descendia em picado para provocá-lo com diminutas canções junto a seu ouvido, antes de remontar-se outra vez na escuridão.

Tinha passado todo o dia ajudando a preparar a Colina para a partida dos homens; cada vez que fechava os olhos, detrás de suas pálpebras passavam imagens fragmentadas da tarefa.

Corria abril, com bastante calor, e o pomar do Claire estava transbordante de brotos. "Quem faz um jardim trabalho com Deus". Essas palavras estavam escritas em um velho relógio de sol, na casa solariega do Inverness onde tinha crescido. Irônico, se se tinha em conta que o reverendo não tinha tempo nem talento para a jardinagem; aquilo era uma selva de grama sem cortar e vetustos roseiras asilvestrados. Mentalmente deu as boas noites à sombra do reverendo.

"boa noite, papai. Que Deus te benza."

Muito tempo atrás tinha perdido o hábito de dar assim as boas noites a uma breve lista de parentes e amigos, ressaca de uma infância em que as orações noturnas terminavam com a habitual contagem: "Deus benza a abuelita, ao avô Guy que está no Céu, e a meu grande amigo Peter; e ao Lillian, a cadela, e ao gato do lojista..."

Llevava anos sem fazê-lo, mas a lembrança da paz que lhe brindava esse pequeno rito o induziu a redigir uma lista nova. Parecia melhor que contar ovelhas. E mais que dormir desejava aquela paz que recordava.

"boa noite, pequenín –pensou, girando a cabeça para o berço- Deus te benza." E a Brianna.

Girou a cabeça para outro lado e abriu os olhos para ver o ovalóide escuro de sua cara dormida no travesseiro. Tratando de não fazer ruído, tendeu-se sobre o flanco para observá-la. A habitação estava tão escura que só podia ver as tênues marcas dos lábios e as sobrancelhas.

Com o suave calor de sua respiração na cara, perguntou-se o que estaria sonhando Brianna nesses momentos.

Ela e o menino também partiriam pela manhã; a bagagem de ambos estava preparado, junto a seu próprio hatillo, junto à porta. O senhor Wemyss os levaria de carro ao Hillsborough estava em pleno centro do território dos reguladores, e ele tinha dúvidas quanto a essa viagem. Mas Brianna tinha desdenhado a idéia de que ela ou Jem pudessem estar em perigo. Provavelmente estava no certo; entretanto, ele tinha a suspeita de que, até com perigo, teria atuado igual.

Ela cantarolava para seus adentros; Loch Lomond, nada menos. "OH!, vê pelo caminho alto, que eu irei pelo baixo, e chegarei ao Loch Lomond

antes que você...”

-Ouviste-me? –perguntou-lhe Roger, sujeitando-a por um braço, enquanto ela dobrava o último vestido do Jemmy.

-Se querido –murmurou Bree, pestanejando com zombadora submissão. Isso o irritou ao ponto de agarrá-la pela boneca para olhar a de frente.

-Falo a sério –disse. Olhou-a aos olhos e lhe apertou a boneca com mais força. de repente imaginou seus ossos sob a pele: maçãs do rosto largos e altos, crânio curvo e largos dentes brancos; era muito fácil imaginar esses dentes expostos até a raiz em um rictus ósseo permanente.

Então a tinha estreitado contra si com súbita violência, para beijá-la com tanta força que sentiu seus dentes contra os próprios, sem lhe importar que algum dos dois pudesse sair machucado.

Bree levava posta a regata; ele não se incomodou em tirar-lhe simplesmente a arrojou de costas na cama e recolheu o objeto por cima de suas coxas. Ela elevou as mãos, mas Roger não se deixou tocar; começou por lhe imobilizar os braços, logo a afundou no colchão com o peso de seu corpo para procurar consolo na magra capa de carne que separava seus ossos dos próprios.

Fizeram-no em silêncio, conscientes pela metade de que o menino dormia a pouca distância. Não obstante, em algum momento o corpo da Brianna tinha respondido, de uma maneira profunda e surpreendente, que ia além das palavras.

-Digo-o a sério –tinha repetido momentos depois, em voz baixa, falando com o matagal de cabelos vermelhos.

-Sei –disse ela-. Eu também o digo a sério.

-Era isso o que queria? –Sussurrou-o muito fco para não despertá-la. O calor de seu corpo atravessava as mantas; estava profundamente dormida.

Se isso era o que desejava, o que era, exatamente? Tinha respondido à brutalidade de sua posse? Ou acaso tinha respondido à força do que se escondia detrás, a sua necessidade de mantê-la a salvo?

E se era a brutalidade... Apertou um punho ao pensar no Stephen Bonnet. Nunca lhe tinha contado o acontecido entre ela e Bonnet. Perguntar o era inconcebível, e mais ainda suspeitar que algo nesse encontro pudesse havê-la excitado. Não obstante, ela se excitava visivelmente nas estranhas ocasiões em que lago o impulsionava a possuí-la abruptamente.

Estava muito tenso outra vez. O mosquito passou zumbindo e lhe atirou um tapa... muito tarde. Incapaz de estar-se quieto, levantou-se silenciosamente para fazer uma rápida série de flexões, a fim de relaxar os músculos.

Por fim se levantou, com os músculos trêmulos de passageiro esgotamento, e se aproximou da janela para desencravar o couro. Assim, nu, deixou que o ar úmido da noite corresse sobre ele.

Em um lateral da casa grande, no lado oposto do claro, brilhava uma luz mais potente. Um abajur; duas silhuetas caminhavam juntas; uma, alta; a outra, mais miúda. O homem disse algo em um rumor interrogativo; reconheceu a voz do Jaime, mas não chegou a distinguir as palavras.

-Não –respondeu a do Claire, mais ligeira e clara ao aproximar-se- Suja que estou depois de plantar? vou lavar me antes de entrar. Você vá deitar te.

A silhueta maior vacilou por um momento; logo lhe entregou o abajur.

Roger viu a cara do Claire um momento, sorridente e volta para cima. Jaime se inclinou para beijá-la e logo retrocedeu.

-Date pressa, pois –disse. Roger percebeu o correspondente sorriso em sua voz- .Não durmo bem se não tiver a meu lado, Sassenach.

-Pensa dormir em seguida? –Ela fez uma pausa, com um sotaque de brincadeira provocadora na voz.

-Não, em seguida não. –A figura do Jaime se fundiu nas sombras, mas a brisa levou sua voz para a cabana- .Mas tampouco posso fazer nada se não tiver a meu lado, não?

Claire riu brandamente.

-Começa sem mim –disse, girando para o poço -. Já te alcançarei.

Roger aguardou junto à janela até vê-la retornar, balançando o abajur ao caminhar depressa. Ela entrou.

Roger olhou para o bosque; sua pele já estava fresca e o cabelo do peito lhe arrepiou. Ao esfregá-lo, distraído, tocou o sítio dolorido da dentada. Era uma marca escura à luz da lua; seguiria ali quando chegasse a manhã?

Depois, voltou para a cama. Ao passar junto ao berço se deteve para aproximar uma mão, procurando a respiração do bebê através do tul, morna e tranqüilizadora contra sua pele.

Jem se tinha destampado; Roger levantou o tul para agasalhá-lo a provas e lhe rodeou as mantas com firmeza. Havia algo brando... sim, o boneco de trapo; o bebê o tinha apertado contra o peito. Roger lhe pôs a mão nas costas durante um instante, para sentir o sedativo ir e vir de sua respiração.

-boa noite, pequenín –sussurrou por fim, tocando o pequeno e brando traseiro -. Deus te benza e te proteja.

58

feliz aniversário

1 de maio de 1771

Acampamento do Mai Union

Despertei ao amanhecer. Tínhamos chegado ao acampamento a noite anterior, depois de uma viagem montanha abaixo e através do vale, até chegar ao sítio de reunião: a plantação do coronel Bryan. Fizemo-lo a tempo; Tryon ainda não tinha chegado com suas tropas desde New Bern, nem tampouco os destacamentos do Craven e Carteret, que trariam consigo as peças de artilharia e os canhões giratórios. esperava-se que Tryon e suas tropas chegassem esse dia.

A senhora Bryan me tinha proposto que me alojasse em sua casa, junto com outras algemas que tinham acompanhado aos oficiais, mas Jaime insistia em dormir no campo, com seus homens, e eu preferi dormir com ele.

Olhei de soslaio, cuidando de não me mover se por acaso ainda dormia. Não era assim, mas estava muito quieto, completamente depravado. Só tinha levantado a mão direita e parecia examiná-la com atenção: era uma mão calejada e maltratada pelo trabalho. A pele estava muito bronzeada e curtida, e coberta de cabelo dourado. Eu lhe encontrava uma beleza notável.

-feliz aniversário –disse em voz baixa- Está fazendo inventário?

-Sim, algo assim. Mas suponho que me faltam algumas horas. Nasci às

seis e meia. Só na hora do jantar terei vivido meio século inteiro.

-OH!, não acredito que me vá desprender nada –respondeu, pensativo-. Quanto ao funcionamento... pois bem...

-Tudo parece estar em perfeita ordem –lhe assegurei.

-Bem –disse ele- Como soube o que estava fazendo... inventário?

-Eu o faço sempre, em todos meus aniversários... Mas bem é um olhar para trás, para refletir sobre o ano que acaba de passar. Suponho que todos o fazemos, só para ver se formos a mesma pessoa que no dia anterior.

-Eu estou razoavelmente seguro de me sê-lo assegurou-. Não vejo mudanças notáveis. E você?

Levantei a cabeça para observá-lo cuidadosamente. Em realidade, era bastante difícil avaliá-lo com objetividade; estava de uma vez tão habituada a suas facções e tão afeiçoada com elas que tendia a reparar nos detalhes queridos. Também respondia ao menor mudança em sua expressão. Mas na verdade não o examinava como a um tudo integrado.

-Não –disse ao fim, apoiando de novo o queixo com um suspiro satisfeito-. Segue sendo você.

Grunhiu com ar divertido, mas não se moveu. Um dos cozinheiros passou a pouca distância, a tombos e amaldiçoando ao tropeçar com algo. O acampamento ainda se estava organizando; algumas das companhias eram pulcras e organizadas. Muitas outras não; havia lojas torcidas e peças de equipe pulverizadas pela pradaria, em uma mixórdia quase militar.

-Crie que o governador possa fazer algo com estas tropas? –perguntei, dúvida.

-OH!, sim. Tryon é militar e sabe o que deve fazer... pelo menos para começar. Não é muito difícil fazer que os homens partam em fila e escavem letrinas, sabe? Fazer que combatam é outra coisa.

-E poderá fazê-lo?

-Pode que sim, pode que não. A questão é: será necessário?

Essa era a questão, sim. Os reguladores tinham dez mil homens, que partiam em bloco para New Bern. O general Gage se embarcou em Nova Iorque com um regimento de oficiais para submeter à colônia. A tropa do condado do Orange, elevada em rebelião, tinha matado a seus oficiais. Entre os homens do condado do Wake, a metade tinha desertado. Hermon Husband, prisioneiro a bordo de um navio, ia rumo a Londres para responder às acusações de traição. Hillsborough estava em poder dos reguladores, que se preparavam para incendiar a cidade e passar ao Edmund Fanning e a todos seus associados pelas armas.

- Alguma vez pensa...? –começou Jaime, mas não acabou.

- Se pensar no que?

- Bom, me ocorreu que já vivi mais tempo que meu pai. E isso é algo que não esperava. É que... bom, resulta-me estranho. Perguntava-me se você também pensava nisso.

- Sim. Estava acostumado a fazê-lo quando era mais jovem.

- Eu imaginava como seria ter trinta anos, quarenta, mas agora o que?

- Invente-te. Olha a outras pessoas. Prova-te outras vidas para ver como lhe sintam. Agarra o que pode usar e busca dentro de ti mesmo o que não pode achar em outra parte. E sempre te pergunta se o está fazendo bem.

- Sim, isso é –repetiu muito baixo.

O acampamento começava a entrar em atividade, entre ruídos metálicos, golpes secos e o rouco som de vozes dormitadas.

- Esta é uma manhã que meu pai nunca viu –disse Jaime, em voz baixa-. O mundo e cada dia vivido nele é um presente, mo chridhe, sem que importe o que traga o amanhã.

59

Máquinas militares

“Jornal da expedição contra os insurgentes”

Escrito pelo William Tryor, governador

Quinta-feira, 2 de maio

Os destacamentos do Craven e Carteret partiram de New Bern com os dois canhões de campanha, seis canhões giratórios montados sobre cureñas, dezesseis carretas e quatro carros, todos carregados de bagagem, munições e as provisões necessárias para os diversos destacamentos que se incorporariam a eles no trajeto ao domicílio do coronel Bryan em 1 de maio. Hoje se uniram as tropas dos dois distritos.

Sexta-feira, 3 de maio, Union Camp

Às 12 em ponto, o governador passou revista aos destacamentos na pradaria do Smiths Ferry, sobre a borda ocidental do rio Neuse.

Sábado, 4 de maio

A totalidade partiu até o Johnston Court House. Nove milhas.

Domingo, 5 de maio

Parte até a casa do maior Theophilus Hunter, no condado do Wake. Treze milhas.

Segunda-feira, 6 de maio

O exército se deteve e o governador passou revista ao regimento do Wake em uma reunião geral. O senhor Hinton, coronel do regimento, informou ao governador que só tinha vinte e dois homens na companhia que lhe tinha ordenado recrutar, devido ao descontentamento imperante entre os habitantes do condado.

O governador observou um descontente general no regimento do Wake ao passar frente à primeira fila do batalhão, vendo que não mais de um homem de cada cinco tinham armas, e posto que, ante sua convocatória a oferecer-se como voluntários para o serviço, negavam-se a obedecer, ordenou que o exército rodeasse ao batalhão; efetuado isto, ordenou que três de seus coronéis recrutassem a quarenta dos homens mais arrumados e ativos, manobra que causou não pouco pânico no regimento, que à maturação consistia em quatrocentos homens.

Durante o recrutamento, os oficiais do exército atuaram para persuadir aos homens de que se arrolassem; em menos de duas horas elevaram a companhia do Wake a cinqüenta homens. Ao chegar a noite o regimento do Wake foi despedido, muito envergonhado tanto de sua desgraça como de sua

própria conduta, que o tinha ocasionado. O exército retornou ao acampamento.

Quarta-feira, 8 de maio

O destacamento do coronel Hinton foi deixado atrás, com vistas a impedir que os descontentamentos desse condado formem um corpo que se una aos reguladores dos condados adjacentes.

Essa manhã um destacamento partiu à moradia do Turner Tomlinson, notório regulador, e o trouxe prisioneiro ao acampamento, onde foi celosamente encerrado, Confessou ser regulador, mas não fez revelações.

O exército partiu e acampou perto do Booth, em New Hope Creek.

Sexta-feira, 10 de maio

Fizemos alto e ordenamos que as carretas fossem reabastecidas, os cavalos ferrados e reparado tudo o que fizesse falta. passou-se revista no Hillsborough a dois companhias da tropa do Orange.

Esta tarde se fugiu o prisioneiro Tomlinson. Os destacamentos enviados atrás dele não tiveram êxito.

Domingo, 12 de maio

Partimos e vadeamos o rio Haw para acampar na ribeira oeste. esperava-se que os reguladores se opor ao passo dos realistas por esse rio, tal como era sua intenção, mas ao não suspeitar que o exército sairia do Hillsborough antes da segunda-feira, este súbito movimento do exército os derrotou nessa parte de seu plano.

Hoje recebemos informe que o general Waddell foi obrigado pelos reguladores a cruzar novamente o rio Yadkin com as tropas a seu mando.

Ofício Divino, com Sermão, celebrado pelo reverendo senhor McCartney, Texto: "Se não ter espada, vende seu objeto e compra uma."

No dia de hoje vinte cavaleiros voluntários se incorporaram ao exercito, principalmente nos condados do Granville e Bute. conformou-se com eles uma tropa de cavalaria ligeira, ao mando do maior MacDonald. Partida-las dos flancos capturaram a um regulador, tendido em emboscada com sua arma. O delegado retirou de sua casa parte de um tonel de rum, posto ali para uso dos reguladores. Também alguns porcos que deviam ser atribuídos a sua família.

Segunda-feira, 13 de maio

Parte até Ou'Neal. Às doze em ponto chegou um cavaleiro enviado pelo general Waddell com uma mensagem verbal, pois não se atreveu a trazer uma carta por medo a ser interceptado. A mensagem informava que, na quinta-feira 9 de noite, os reguladores rodearam seu acampamento em um números de dois mil e, da maneira mais atrevida e insolente, requereram que o general se retirasse com suas tropas ao outro lado do rio Yadkin, que estava a duas milhas de distância. Ele recusou obedecer, informando que o governador lhe tinha dado ordens de avançar. Ante isso aumentou a insolência dos reguladores, que tentaram intimidar a seus homens com muitos gritos índios.

O general, vendo que seus homens não passavam de trezentos, que não

estavam dispostos a combater, e que muitos de seus sentinelas se passavam aos reguladores, viu-se obrigado a cumprir com o pedido; pela manhã cedo voltou a cruzar o rio Yadkin, com seu canhão e sua bagagem. Os reguladores acordaram dispersar-se e retornar a seus domicílios.

Imediatamente se celebrou um conselho de guerra para deliberar sobre a informação gasta pelo cavaleiro: compunham-no o Honorável John Rutherford, Lewis DeRosset, Robert Palmer e Sam Cornell, do Conselho de sua majestade, e os coronéis e oficiais de campo do exército. Ali resolveu que o exército devia trocar seu rumo, partir da moradia do capitão Holt pela rota que conduz do Hillsborough ao Salisbury, cruzar os rios Alamance, o pequeno e o grande, com toda a prontidão possível, e partir sem perda de tempo a reunir-se com o general Waddell. Por ende o exército ficou em marcha e, antes de obscurecer, acampou na borda esquerda do pequeno Alamance. ordenou-se que um forte destacamento se adiantasse para apoderar-se dos ribazos ocidentais do Grande Alamance, a fim de impedir que partidas inimizadas ocupassem esse importante posto.

Este entardecer recebemos informação de que os reguladores enviavam exploradores a todos seus assentamentos para congregar-se na Sandy Creek, perto do domicílio do Hunter.

Partimos e nos unimos ao destacamento em ribeira oeste do Grande Alamance, onde foi escolhido um bom sítio para acampar. Ali o exército fez alto até que pudessem se trazer mais provisões desde o Hillsborough, para cujo fim se esvaziaram várias carretas que foram enviadas do acampamento para o Hillsborough.

Tendo chegado este entardecer a informação de que os rebeldes pensam atacar o acampamento durante a noite, fizeram-se os necessários preparativos para um combate. ordenou-se a um terço do exército permanecer sob as armas toda a noite; ao resto, deitar-se com elas à mão. Não se deu aviso de alarme.

Terça-feira, 14 de maio

Fizemos alto e se ordenou aos homens não sair do acampamento.

O exército esteve em armas toda a noite, como ontem. Não houve alarme.

Quarta-feira, 15 de maio

ao redor das seis da tarde, o governador recebeu uma carta dos insurgentes, que apresentou ao conselho de guerra, onde se determinou que o exército devia encontrar-se com os rebeldes a primeira hora da manhã seguinte que o governador lhes enviaria uma carta lhes oferecendo as condições e, em caso de negativa, atacaria-se.

Os homens passaram a noite em armas. Não se deu o alarme, embora os rebeldes se encontram a cinco milhas do acampamento.

Do "Livro do Sonhos":

Hillsborough, 15 de maio

"Ontem à noite dormi cedo e despertei antes do amanhecer, dentro de uma nuvem cinza. Durante todo o dia me hei sentido como se caminhasse dentro da bruma; falam-me e não ouço; vejo que as bocas se movem e

assento, sorrio e logo vou. O ar está quente e muito úmido; tudo cheira a metal quente. Dói-me a cabeça e a cozinheira está fazendo muito ruído com as caçarolas.

“Hei pasado todo o dia tratando de recordar o que sonhei, mas não posso. Só cinza e uma sensação de medo. Nunca estive perto de uma batalha, mas tenho a sensação de que o que sonho é fumaça de canhões.”

Jaime retornou do conselho de guerra bem passada a hora do almoço e informou brevemente aos homens quais eram as intenções do Tryon. A reação geral foi de aprovação, que não de franco entusiasmo.

-Melhor nos mover agora –disse Ewald Mueller- . Se esperarmos mais, criamos musgo.

Essa opinião foi recebida com risadas e gestos de assentimento. O humor da companhia se animou notavelmente ante a perspectiva de entrar em ação pela manhã.

Jaime fez um rápido percurso de inspeção, respondendo perguntas e acalmando inquietações; logo veio a reunir-se comigo ante nossa pequena fogueira. Observei-os com atenção; face às tensões da situação imediata, havia nele um ar de satisfação contida que despertou imediatamente minhas suspeitas.

- O que tem feito? –perguntei-lhe, enquanto entregava uma grande parte de pão e uma tigela de guisado.

-retive ao Cornell por um bom momento depois do conselho, para lhe perguntar pelo Stephen Bonnet. –Arrancou uma parte de pão com os dentes e o trouxe sem logo que mastigá-lo- Cristo, estou faminto! Não comi nada em todo o dia; passei-o me arrastando entre os espinheiros, como as serpentes.

- Não acredito que Samuel Cornell estivesse arrastando-se entre os espinheiros.

- Não, isso foi depois. Estivemos procurando as linhas dos rebeldes – explicou- . Não estão muito longe, sabe? Embora falar de linhas é lhes conceder o benefício de uma considerável dúvida. Não tinha visto chusma como essa desde aquela vez na França, quando tomamos uma aldeia onde se alojavam uma banda de contrabandistas de vinho. A metade deles estavam com prostitutas, e todos bêbados; para prendê-los foi preciso levantá-los do chão. Estes não são muito melhores, por isso pude ver, embora não há tantas rameiras –acrescentou para ser justo.

- averiguaste algo sobre o Bonnet?

Ele assentiu.

- Cornell não o conhece pessoalmente, mas ouviu comentários. Parece que o tio trabalha ao redor dos Bancos Exteriores por um tempo e logo desaparece durante três ou quatro meses. Reaparece um dia qualquer, nos botequins do Edenton ou Roanoke, com os bolsos repletos de ouro.

- Isso significa que traz mercadorias da Europa e as vende. –Três ou quatro meses era o tempo que demorava um navio em chegar a Inglaterra e retornar- Contrabando?

Jaime assentiu com a cabeça.

- É o que Cornell pensa. E a que não sabe onde desembarca a mercadoria? No mole do Wylie. Ao menos assim se rumorea.

- O que? Quer dizer que Phillip Wylie está associado com ele? –Foi uma inquietante surpresa escutar isso. Mas Jaime moveu a cabeça.

- Não poderia assegurá-lo. Mas o mole está junto à plantação do Phillip Wylie, sem dúvida alguma. E esse afemine estava com o Bonnet a noite em

que veio ao River Run, embora depois o tenha negado –acrescentou. Logo agitou uma mão, descartando momentaneamente ao Phillip Wylie- .Mas Cornell diz que Bonnet tornou a desaparecer; este último mês não o viu, de modo que minha tia e Duncan parecem estar a salvo, no momento. Uma preocupação menos para mim... e me alegro; já tenho suficientes. –Disse-o sem ironia, percorrendo com o olhar o acampamento que nos rodeava-.Hermon Husband está aqui –acrescentou.

Apartei a vista da tigela que estava enchendo de guisado.

- falaste com ele?

-Não pude me aproximar. Está com os reguladores, recorda? Vi-o de longe; eu estava em uma pequena colina, olhando através do arroio. Estava rodeada de uma grande massa de homens, mas sua vestimenta é inconfundível.

- O que fará? –Entreguei-lhe a tigela enche- . Não acredito que combata... nem que lhes permita combater.

Inclinava-me por considerar que a presença do Husband era um sinal de esperança. Ele era o mais parecido a um líder que havia entre os reguladores; estava segura de que o escutariam.

Jaime, em troca, parecia preocupado.

- Não sei, Sassenach. Não acredito que empunhe pessoalmente as armas, não, mas quanto a outros...

Deixou a frase sem terminar enquanto refletia. Logo sua cara expressou uma repentina decisão. Devolveu-me a tigela e, girando sobre seus talões, cruzou o acampamento. Vi-o tocar ao Roger no ombro e levá-lo à parte.

Ambos conversaram alguns momentos; logo Jaime extraiu de sua jaqueta algo branco e o entregou. Roger o olhou um momento. Logo fez um gesto afirmativo e o escondeu sob sua própria jaqueta.

Jaime o deixou com uma palmada no ombro e voltou a cruzar o acampamento, embora se deteve trocar um par de comentários risonhos e grosseiros com os irmãos Lindsay. Retornou aliviado e sorridente.

- indiquei ao Roger MAC que vá em busca do Husband a primeira hora da manhã –explicou, atacando a tigela de guisado com renovado apetite-.Pedi-lhe que o traga, se puder, para que fale com o Tryon cara a cara. Se ele não consegue convencer ao Tryon (e não acredito que possa), talvez este possa convencê-lo a ele de que a coisa vai a sério. Se Hermon vir que haverá derramamento de sangue, talvez possa convencer a seus homens de que deponham as armas.

- De verdade o crie?

- Não sei –disse simplesmente- .Mas nada se perde provando, não é certo?

Fiz um gesto afirmativo e me inclinei para jogar mais troncos no fogo. Essa noite ninguém se deitaria cedo.

Às gente agora elevadas em armas,
Que se autodenominan reguladores:

Em resposta a sua petição, devo lhes informar de que sempre estive atento aos verdadeiros interesses deste país e ao de todos os indivíduos que nele residem. Lamento a fatal necessidade a que agora me obrigaram, ao retirar-se da misericórdia da Coroa e das leis, de lhes requerer que deponham as armas, entreguem aos cabeças proscritos e se submetam às leis de seu país, e logo confiem na indulgência e a compaixão do governo. Ao aceitar estes términos no curso de uma hora a partir da entrega deste despacho, evitarão um derramamento de sangue, pois neste momento se encontram vocês em estado de guerra e rebelião contra seu rei, seu país e suas leis.

W. Tryon

Quando despertei, Jamie se tinha ido; sua manta estava dobrada a meu lado e Gideon não estava sob o carvalho ao que Jamie o tinha pacote a noite anterior.

- O coronel foi a reunir-se com o conselho de guerra do governador – me disse Kenny Lindsay, com um enorme bocejo- . Chá ou café, senhora?

- Chá, por favor.

Talvez era o curso dos acontecimentos atuais os que me faziam pensar na festa do Chá de Boston. Não recordava quando devia ter lugar essa revolta e os fatos subseqüentes, mas tinha a escura sensação de que convinha aproveitar qualquer oportunidade de tomar chá enquanto ainda pudesse consegui-lo, com a esperança de saturar minhas malhas.

Reposta com o chá, agarrei um par de cântaros e me encaminhei para o arroio. Esperava que não fizesse falta, mas não estaria de mais ter água fervida à mão, no caso de.

Quando voltei para acampamento o encontrei já acordado e com todos os homens em estado de alerta, embora com os olhos avermelhados. Entretanto não parecia haver preparativos para uma batalha imediata; só a volta do Jamie despertou um movimento de interesse geral. Gideon serpenteou entre as fogueiras com surpreendente delicadeza.

- Como estão as coisas, MAC Dubh? –perguntou Kenny, levantando-se para saudá-lo- . Alguma novidade?

Ele negou com a cabeça. Vestia com esmero próximo à severidade: o cabelo recolhido para trás, adaga e pistolas à cintura, espada ao flanco. Preparado para a batalha; ao me pensá-lo correu um calafrio pela coluna.

- O governador enviou sua carta aos reguladores. Quatro delegados levaram uma cópia cada um. Devem lê-la a cada grupo com que se cruzem. É preciso esperar e ver o que acontece.

Segui seu olhar por volta da terceira fogueira. Roger devia ter partido com a primeira luz, antes de que o acampamento despertasse.

Depois de esvaziar os cubos no hervidor, recolhi-os para fazer outra viagem ao arroio, mas Gideon ergueu as orelhas e levantou súbitamente o testuz, com um forte relincho. Imediatamente Jamie o taloneou para pô-lo diante de mim e baixou a mão à espada. O enorme peito e a cruz do cavalo me bloqueavam a vista, me impedindo de ver quem vinha, mas notei que a mão do Jamie se relaxava no punho da espada. Devia ser um amigo.

Para ouvir a saudação de uma voz familiar, olhei por debaixo dos beicudos do Gideon: o governador Tryon vinha cruzando a pequena pradaria, acompanhado por dois ajudantes de campo. depois de deter seu cavalo, saudou o Jamie tocando o chapéu. À lombriga à sombra do Gideon, o tirou em um gesto de cortesia, inclinando-se na cadeira.

- A suas ordens, senhora Fraser. –Jogou uma olhada aos cubos que eu carregava e se voltou por volta de um dos ajudantes- . Senhor Vickers, você tenha a amabilidade de ajudar à senhora Fraser.

Muito agradecida, entreguei os cubos ao senhor Vickers, mas em vez de ir com ele me limitei a lhe indicar aonde devia levá-los. Tryon me olhou com uma sobrancelha arqueada, mas eu respondi com um suave sorriso e me mantive em meus treze. Não me moveria dali.

Teve a inteligência de entendê-lo e, em vez de pôr objeções a minha presença, me soslayó.

- Suas tropas estão em ordem, coronel Fraser?

- Sim, senhor.

O governador arqueou as duas sobrancelhas, com visível cepticismo.

- Convoque-os, senhor. Quero inspecionar sua preparação.

Jamie fez uma pausa para agarrar as rédeas. Logo avaliou a arreios do Tryon, entreabrindo os olhos contra o sol nascente.

- Bom cavalo o seu, senhor. É tranqüilo?

- É obvio. –O governador franziu o sobrecenho- . por que?

Jamie jogou a cabeça para trás para emitir um te ululem grito das montanhas escocesas, daqueles que devem ouvir-se grande distancia. O cavalo do Tryon atirou das rédeas e pôs os olhos em branco. Da maleza brotaram milicianos chiando como demônios; uma negra nuvem de corvos estalou nas árvores, elevando bulliciosamente o vôo, como se fossem a baforada de fumaça de um canhão. O cavalo se elevou de mãos, desmontando ao Tryon, que ficou atirado na erva, e fugiu através da pradaria.

Dava vários passos para trás para me pôr fora do passo.

O governador se incorporou, purpúreo e ofegante, só para descobrir que era o centro de um arco de sorridentes milicianos que lhe apontavam com suas armas. Ele cravou um olhar flamígera no canhão do rifle que tinha ante a cara e o apartou com uma mão, fazendo ruídos de esquilo zangado. Jamie pigarreou de uma maneira muito significativa, com o que os homens se esfumaram silenciosamente pelo bosquecillo.

O senhor Vickers reapareceu saindo do bosque, com cara de sobressalto e um cubo de água em cada mão.

- O que aconteceu? –ia aproximar se do Tyron, mas eu o detive com uma mão. Era melhor dar ao governador um momento para recuperar tanto

seu fôlego como sua dignidade.

- Nada importante –disse, recuperando meus cântaros antes de que pudesse derrubá-los- . Né... sabe quantos milicianos congregou aqui?

- Mil e sessenta e oito, senhora –disse, completamente sentido saudades- . Sem contar as tropas do general Waddell, é obvio. Mas o que?

- E têm canhões?

- OH!, sim vários, senhora. Temos dois destacamentos com artilharia. Dois de seis, dez canhões giratórios e dois morteiros de oito libras.

- Ao outro lado do arroio há dois mil homens, senhor, mas estão quase desarmados. Muitos não têm mais que uma faca. –A voz do Jamie chegou de detrás, atraindo a atenção do Vickers.

- Isso me hão dito, senhor Fraser –disse Tryon secamente- , embora me agrada saber que sua informação corrobora a minha. Senhor Vickers, você terá a bondade de ir em busca de meu cavalo?

- Suponho que seus agentes também lhe hão dito que os reguladores não têm nenhum líder real.

- Pelo contrário, senhor Fraser. Tenho a impressão de que Hermon Husband é e foi durante bastante tempo um dos principais agitadores deste movimento. Outro nome que vi freqüentemente é o do James Hunter, assinando cartas de protesto e as intermináveis solicite que chegam a New Bern. E há outros: Hamilton, Gillespie...

- Em algumas circunstâncias, senhor, estaria disposto a discutir com você se a pluma for mais capitalista que a espada..., mas não ao bordo de um campo de batalha, como estamos agora. A audácia na redação de panfletos não faz a um homem apto para dirigir tropas. E Husband é qualquer.

- Isso me hão dito –conveio Tryon. Assinalou para o arroio distante, com uma sobrancelha elevada em desafio- . Entretanto está aqui.

- Está aqui –confirmou Jamie.

Fez uma pausa, avaliando o humor do Tryon antes de continuar. O governador estava muito tenso, mas a batalha não era ainda iminente e sua tensão estava bem controlada. Ainda podia escutar.

Esse homem comeu em minha casa, senhor –disse Jamie, com cautela- . E eu comi na sua. Nunca ocultou suas opiniões nem seu caráter. Se estiver hoje aqui, não duvido que veio com a mente atormentada.

Respirou fundo. Estava pisando terreno perigoso.

- Fiz que um de meus homens cruzasse o arroio em busca do Husband, senhor, para lhe rogar que se entreviu comigo. Possivelmente possa persuadi-lo para que se use seu considerável influencia sobre esses homens, esses cidadãos –assinalou brevemente o arroio e os invisíveis seguidores que acampavam mais à frente- , lhes fazendo abandonar esse desastroso curso de ação, que só pode acabar em tragédia.

Olhou ao Tryon diretamente aos olhos.

- Posso lhe pedir, senhor... posso lhe rogar...? Se Husband viesse, falaria você mesmo com ele?

Tryon guardou silêncio, sem conscientiza de estar dando voltas e voltas ao poeirento tricornio entre as mãos.

- São cidadãos desta colônia –disse ao fim, movendo a cabeça em direção ao arroio- . Lamentaria que sofressem algum dano. Seus queixa não

carecem de fundamento; reconheci-o assim, publicamente!, e tomei medidas para que os indenize.

Jogou uma olhada ao Jamie, para ver se aceitava essa asseveração. Ele esperou em silêncio. Tryon aspirou fundo e se golpeou uma coxa com o chapéu.

- Não obstante, sou governador desta colônia. Não posso permitir que se perturbe a paz, que se desobedeça a lei, que os desmandos e o derramamento de sangue fiquem impunes. –Olhou-me com tristeza- . E não o farei.

Logo sua atenção voltou para o Jamie.

- Acredito que não virá, senhor. Eles fixaram seu curso e eu o meu. Mesmo assim... - Vacilou por um momento, mas logo moveu a cabeça, decidido- . Não, se realmente vier, você raciocine com ele, por favor. Se acessar a conseguir que seus homens retornem pacificamente a casa, só então me traga isso para que acordemos as condições. Mas não posso procurar essa possibilidade.

Jamie sustentou o olhar ao governador um momento. Logo aceitou o inevitável.

- Quanto tempo? –perguntou em voz baixa.

Tryon jogou uma olhada ao sol; faltava muito pouco para a meia manhã. Roger tinha partido duas horas antes. Quanto podia demorar para encontrar ao Hermon Husband e retornar?

- As companhias estão preparadas para o combate –opinou Tryon. E jogou um olhar ao bosquecillo, com uma leve contração na boca. Logo cravou um olhar carrancudo ao Jamie- . Não falta muito. Esteja preparado, senhor Fraser.

E ficando o chapéu, agarrou as rédeas e montou seu cavalo. afastou-se sem olhar atrás, seguido por seus ajudantes.

62

Suspeitos

Artículo12: Nenhum oficial nem soldado poderá ir além dos limites do acampamento que estejam dentro da distância do grande guarda.

Artículo63: Os oficiais ao mando devem interrogar a todas aquelas pessoas que lhes pareçam suspeitas; e aqueles que não possam dar uma explicação convincente de sua presença serão confinados, logo depois do qual apresentará um relatório ao Quartel Geral.

acampamento” :

Ordens dadas por sua excelência o governador Tryon

“ Deveres e regras do

Aos provincianos da Carolina

do Norte

Roger se tocou o bolso das calças, onde tinha guardado a insígnia que o identificava como miliciano: um botão de quatro centímetros de diâmetro, com o bordo perfurado e estampada com um tosco “ CF” , que significava “ Companhia do Fraser” ; costuradas na jaqueta ou no chapéu, essas insígnias, assim como os distintivos de pano, eram o único uniforme para a maior parte da infantaria do governador e o único meio de distinguir a um miliciano de um regular.

- E como sabe um contra quem deve disparar? –tinha perguntado ironicamente dois dias antes, quando Jamie lhe entregou aquilo- . Se te aproximar o suficiente para ver a insígnia antes de disparar, não disparará primeiro o outro tio?

Por minha parte não esperaria –disse Jamie- . Se alguém correr para ti com um revólver, dispara e roga que tudo saia bem. Cada companhia seguirá seu próprio caminho, de modo que não é provável que veja nenhum outro miliciano, pelo menos ao princípio. Se alguém vier para nós, provavelmente será o inimigo.

Logo curvou um pouco para cima a boca, assinalando com um gesto a todos os homens que os rodeavam, ocupados com o jantar.

- Conhece bem a todos los que estão aqui? Não díspares contra nenhum deles e irá bem, de acordo?

Com um sorriso melancólico, Roger descendeu cuidadosamente por uma costa coberta de diminutas novelo com flores amarelas. Na intimidade havia resolvido não disparar contra ninguém, quaisquer que fossem as circunstâncias ou a possibilidade de dar no branco. Tinha escutado suficientes relatos de reguladores: Abel MacLennan, Hermon Husband. Até tendo em conta o estilo naturalmente hiperbólico do Husband, seus panfletos ardiam com ineludible sentido de justiça. Como ia Roger a matar ou mutilar a um homem só por protestar contra uns abusos e uma corrupção tão flagrantes que deviam ofender a qualquer pessoa justa?

Para ouvir vozes se deteve um momento; logo se escondeu sem fazer ruído depois do tronco de um álamo grande. Um momento depois apareceram três homens, conversando entre si com ar despreocupado. Os três levavam armas e caixas de munições, mas não davam a impressão de ser carrancudos soldados em vésperas de uma batalha, a não ser três amigos que tivessem saído a caçar coelhos.

Enquanto Roger observava desde seu esconderijo, um homem se deteve com a mão em alto; seus camaradas ficaram rígidos como cães de caça, com o nariz apontado para um grupo de árvores, a uns sessenta metros de distância.

Até sabendo que havia algo ali, Roger demorou um momento em distinguir ao pequeno veado, muito quieto contra um grupo de árvores jovens; o véu de luz salpicada que penetrava por entre as folhas primaveris o dissimulava quase completamente à vista.

O primeiro homem desprende sigilosamente a arma do ombro e jogou mão de um cartucho, mas um de seus companheiros o deteve lhe pondo uma mão no braço.

- Espera, Abram –disse, em voz baixa mas clara- . Não te convém disparar tão perto do arroio. Já ouviste o que disse o coronel: os reguladores estão reunidos na ribeira, perto desse ponto. –Assinalou com a cabeça o denso bosquecillo de alisos e salgueiros que marcava o bordo do arroio invisível, a cem metros escassos- . Não vás provocar os justamente agora.

Abram assentiu a contra gosto e voltou a pendurar o rifle do ombro.

- Sim, suponho que sim. Criem que será hoje?

- Não vejo como. –O terceiro homem tirou da manga um lenço amarelo para enxugá-la cara; o clima era caloroso e úmido- . Tryon tem os canhões instalados do amanhecer; o tio não vai permitir que ninguém lhe salte em cima. Poderia esperar aos homens do Waddell, mas talvez pense que não os necessita.

Abram soprou com leve desprezo.

- Para esmagar a essa chusma? Viu-os? Em minha vida vi piores soldados.

O homem do lenço sorriu cinicamente.

- Bom, mesmo assim, Abie, viu a esses milicianos de terra adentro? Isso sim que é chusma. E falando dos reguladores, são muitos, chusma ou não. Dois a um, diz o capitão Neale.

Abram grunhiu, jogando um último olhar ao bosque e ao arroio.

- Chusma –repetiu, mais crédulo. E lhes voltou as costas- . Vai!, vamos jogar uma olhada mais acima.

Os caçadores estavam no mesmo bando que ele; não levavam distintivo, mas sim as insígnias de miliciano no peito e no chapéu, brilhos chapeados sob o sol da manhã. Mesmo assim Roger se manteve à sombra até que os homens tiveram desaparecido. Estava razoavelmente seguro de que Jamie o tinha enviado a essa missão sem mais autoridade que a sua; era melhor que não lhe pedissem explicações.

A atitude dos milicianos para com a Regulação era, no melhor dos casos, desdenhosa. No pior (entre os oficiais superiores) de fria vingança.

- Esmaguemos os de uma vez por todas –havia dito Caswell a noite anterior, enquanto tomava seu café junto ao fogo. Era dono de uma plantação na parte oriental da colônia e não simpatizava absolutamente com as queixa dos reguladores.

Roger voltou a dar uma palmada a seu bolso, pensativo. Não, era melhor deixar a insígnia ali. Se o detinham poderia mostrá-la. E não acreditava que ninguém lhe disparasse pelas costas sem lhe dar ao menos um grito de advertência.

Com a aprovação do Jamie tinha deixado seu mosquete no acampamento, não trazia mais arma que a faca, elemento normal para qualquer homem. Pelo resto, toda sua equipe era um grande lenço branco, dobrado dentro de sua jaqueta.

- Se alguém te ameaçar, seja onde for, agita-o e grita “ Trégua!” - tinha-lhe indicado Jamie- . Logo lhes diga que vão me buscar. E não diga nada mais até que eu chegue. Se ninguém lhe impedir isso, ponha sob o amparo do Husband e traz-o contigo.

Ao imaginar-se trazendo para o Hermon Husband do outro lado do arroio, com o lenço ondulando por cima de sua cabeça no extremo de um pau, como se fora um guia turístico no aeroporto, sentiu desejos de uivar de

risada. Mas Jamie não tinha sorrido sequer, de modo que ele aceitou o tecido com ar solene e o guardou cuidadosamente. Jogou uma olhada entre as folhas que penduravam, mas o arroio passava faiscando ao sol, sem mais ruído que o sussurro da água contra a pedra e a argila. Não havia ninguém à vista e o rumor da água afogava qualquer ruído que pudesse provir desde além das árvores, ao outro lado. Embora os milicianos não lhe disparassem pelas costas, não estava tão seguro de que os reguladores não fueram a lhe disparar de frente, em caso de vê-lo cruzar do lado do governo.

Mesmo assim não podia passar o dia escondido entre as árvores. Saiu ao ribazo e caminhou águas abaixo, para o ponto que tinham indicado os caçadores, tratando de distinguir entre as árvores qualquer sinal de vida. Perto desse ponto, o cruzamento era melhor: pouca profundidade e fundo rochoso. Mesmo assim, se os reguladores estavam “congregados” nas cercanias, guardavam absoluto silêncio.

Teria sido difícil imaginar uma cena mais aprazível; entretanto o coração o martilheou súbitamente nos ouvidos. Voltava a experimentar essa estranha sensação de que havia alguém muito perto. Olhou em todas direções, mas nada se movia, salvo a corrente da água e as folhas dos salgueiros.

- É você, papai? –disse pelo baixo. E imediatamente se sentiu tolo. Mesmo assim, a sensação de que havia alguém ali seguia presente, embora era uma sensação positiva.

Por fim, com um encolhimento de ombros, agachou-se para tirá-los sapatos e as meias. Sem dúvida era pelas circunstâncias. Claro que ninguém podia comparar o fato de vadear um arroio em busca de um qualquer bagunceiro com o de pilotar um Spitfire através do Canal para bombardear a Alemanha. Mas toda missão é uma missão, disse-se.

Voltou a olhar a seu redor, mas só havia girinos que se retorciam no fundo. Com um sorriso um pouco torcido, colocou o pé na água, com o que os girinos fugiram freneticamente.

- Aqui estamos –disse a um pato silvestre.

Não se ouvia nada entre as árvores de um lado ou do outro, nada, salvo o alegre bulício dos pássaros. Só quando se sentou em uma rocha morna pelo sol para secá-los pés e voltar a calçar-se, só então ouviu por fim alguma sinal de que essa borda estivesse povoada por seres humanos.

- Anda e me diga o que quer, bom-bom.

- Não sei, preciosa. Quanto me custará?

- Oohh, mas escuta-o! Verdade que não é momento para contar os peniques?

- Não se preocupem, senhoras. Se for necessário faremos uma coleta.

- Ah, com que assim o fazem vocês? Pois seja, senhor, mas tenham em conta que, nesta paróquia, a coleta vai antes dos cânticos.

Ao escutar esta amistosa negociação, Roger deduziu que as vozes em questão pertenciam a três homens e a duas mulheres, e todos pareciam seguros de que, quaisquer que fossem os acertos financeiros, três penetrariam em duas sem dificuldades nem conseqüências molestas.

Recolheu seus sapatos e se escabullô silenciosamente, deixando aos invisíveis sentinelas (se acaso o eram) dedicados a seus cálculos. Pelo visto, o exército da Regulação não estava tão organizado como as tropas do

governo.

O qual era pouco dizer, conforme pensou algo depois. Como não sabia com certeza onde estava o corpo principal do exército, tinha percorrido uns quatrocentos metros pelo ribazo, sem ver nem ouvir ninguém, salvo às duas prostitutas e a seus clientes. Com a crescente sensação de estar fora da realidade, cruzou sem rumo pequenos pinares e bordeó pradarias cobertas de ervas, sem mais companhia que os pássaros em pleno cortejo e pequenas mariposas alaranjadas e amarelas.

- Esta é maneira de liberar uma guerra? –murmurou, enquanto se abria passo entre matas de amora.

de repente, ao rodear um meandro do arroio, viu os reguladores propriamente ditos: um grupo de mulheres que lavavam a roupa na corrente, junto a um montão de rochas.

Voltou a esconder-se na maleza antes de que o vissem e se separou do arroio, já com mais ânimo. Se havia mulheres ali, os homens não deviam estar longe.

Assim era. uns quantos metros mais à frente ouviu os ruídos de um acampamento: vozes despreocupadas, risadas, ressonar de colheres e caçarolas, o golpe seco da tocha ao partir lenha. Ao rodear um arbusto de espinillo esteve a ponto de ser derrubado por uma panda de jovens que passaram correndo, entre gritos e chiados.

Passaram junto ao Roger sem olhá-lo duas vezes; ele continuou a marcha, já sem tanta cautela. Ninguém lhe deu o alto; não havia sentinelas. Na verdade, as caras desconhecidas não pareciam ser ali novidade nem ameaça. Alguns o olharam sem lhe dar importância e continuaram com suas conversações, sem ver nada estranho em sua aparição.

- Procuo o Hermon Husband –disse sem rodeios a um homem que assava um esquilo nas chamas de uma fogueira. Por um momento o interpelado pareceu não entender- . O qualquer.

- Ah!, sim. –As facções do homem se esclareceram- . Está por ali... nessa direção, acredito.

“ por ali” resultou ser um bom trecho. Roger atravessou outros três acampamentos dispersos antes de chegar ao que parecia ser o corpo principal do exército... se lhe podia dignificar com esse término. O ambiente parecia cada vez mais sério. Mesmo assim, aquilo estava muito longe de ser o quartel geral de um comando estratégico.

Aqui a situação era muito diferente que nas ordenadas forças da tropa, mas ainda menos preparada para hostilidades imediatas. Não obstante, ao avançar um pouco mais, perguntando o caminho ante cada fogueira pela que acontecia, começou a perceber algo diferente na atmosfera: uma urgência crescente, quase desesperada. Os jogos bruscos dos acampamentos mais afastados tinham desaparecido; ali os homens discutiam em grupos fechados, com as cabeças juntas, ou permaneciam a sós, carrancudos, carregando as armas e afiando as facas.

Conforme se aproximava, o nome do Hermon Husband era reconhecido por todos e os índices assinalavam o rumo com mais segurança. Seu sobrenome parecia quase um ímã que o atraía mais e mais ao centro de uma massa cada vez mais densa; compunham-na homens e moços, todos armados. O ruído ia em aumento; as vozes lhe golpeavam os ouvidos como

martelos na forja.

Por fim encontrou ao Husband; estava de pé em uma pedra, como um grande lobo cinza encurralado, rodeado por trinta ou quarenta homens que clamavam em furiosa agitação. Abundavam as cotoveladas e os pisões, sem considerar a quem foram dirigidos. Obviamente exigiam uma resposta, mas lhes era impossível fazer uma pausa para escutá-la.

Husband, em mangas de camisa e vermelha a cara, falava com gritos com um ou dois dos que estavam mais perto, mas Roger não pôde ouvir uma palavra por cima do bulício generalizado. abriu-se passo através dos círculos exteriores, mas o apertado da multidão o deteve perto do centro. Ao menos ali pôde distinguir umas quantas palavras.

- É preciso! Bem sabe, Hermon, que não há opção! –gritou um homem mirrado, de chapéu maltratado.

- Sempre há opção! –uivou Husband a sua vez- . chegou o momento de escolher! E Deus nos diz que o façamos com prudência!

- Sim, com os canhões apontados contra nós?

- Não, não, terá que avançar. Terá que avançar ou tudo estará perdido!

- Perdido? até agora o perdemos tudo! Devemos...

- O governador nos deixou sem alternativa. É preciso...

- É preciso...

- É preciso!

As palavras soltas se perdiam em um rugido geral de ira e frustração. Ao ver que nada obteria se aguardava ter público, Roger se abriu aconchego implacavelmente entre dois granjeiros e sujeitou ao Husband pela manga da camisa.

- Senhor Husband, devo falar com você! –gritou-lhe ao ouvido.

O qualquer o olhou com olhos frágeis. Fez gesto de livrar-se, mas logo piscou ao reconhecê-lo. Sua cara quadrada estava vermelha por cima da barba enchente; o cabelo áspero e cinza, sem atar, arrepiava-se como puas de puercoespín. Sacudiu a cabeça com os olhos fechados; ao abri-los olhou ao Roger como se tratasse inutilmente de dissipar uma visão impossível.

Aferrou ao Roger por um braço e, com um gesto feroz para a multidão, desceu de um salto de sua pedra para procurar refúgio em uma maltratada cabana que se incitava, como ébria, à sombra de alguns arces. Roger foi atrás dele, depois de arrojar um olhar fulminante aos mais próximos, a fim de desalentar a perseguição.

Mesmo assim uns quantos os seguiram, com muito agitar de braços e gritos acalorados, mas Roger lhes fechou a porta na cara e jogou o ferrolho; logo apoiou as costas contra a porta, para maior segurança. Husband se deteve no centro, ofegante; logo agarrou uma chaleira para beber a grandes goles a água de um cubo posto no lar; era o único objeto que ainda ficava na cabana.

- O que lhes traz por aqui, amigo MacKenzie? –perguntou com característica suavidade- . Acaso vêm a lhes unir à causa da Regulação?

- Não, claro que não- assegurou-lhe Roger. Jogou um olhar cauteloso à janela, temendo que a multidão tentasse entrar por ali, mas não se ouviam ruídos de ataque imediato contra o edifício, embora fora o rumor de vozes continuava com a discussão- . vim a lhe perguntar se estaria disposto a cruzar o arroio comigo para falar com o Jamie Fraser. Sob bandeira de

trégua, sua segurança estaria garantida.

Husband também jogou uma olhada à janela.

- Temo que o tempo de falar já passou- disse, com uma irônica torção de lábios.

Roger era da mesma opinião, mas insistiu, decidido a cumprir com seu encargo.

- No que ao governador concerne, não é assim. Não tem nenhum desejo de massacrar a seus próprios cidadãos; se se pudesse persuadir à multidão de que se dispersasse pacificamente...

- Parece-lhes uma perspectiva provável? -Husband assinalou a janela com um gesto cínico.

- Não -reconheceu Roger- . Mesmo assim, se você viesse... se eles vissem que existe alguma possibilidade de...

- Se houvesse uma possibilidade de reconciliação e indenização, teriam devido oferecê-la muito antes -ou interrompeu Husband- . Assim demonstra o governador sua sinceridade? Vem com tropas e canhões para enviar uma carta que...?

- De indenização não -disse o jovem sem rodeios- . Refiro-me à possibilidade de salvar a vida a esta gente.

- chegamos a isso? -perguntou em voz baixa, olhando o de frente.

Roger aspirou fundo e fez um gesto afirmativo.

- Não há muito tempo. O senhor Fraser me encomendou lhe dizer, se não ir você a falar pessoalmente com ele, que há duas companhias de artilheiros desdobradas contra vocês e oito mil milicianos, todos bem armados. Tudo está preparado. E o governador não esperará muito tempo; no máximo até o próximo amanhecer.

- Aqui há uns dois mil homens da Regulação -disse Husband, como para seus adentros- . Dois mil! Não acredita que ver tantos lhe faria trocar de opinião? O que tanta gente abandone o lar para ir em protesto...?

- O governador opina que se elevaram em rebelião e, portanto, esteve que guerra -interrompeu Roger. Jogou uma olhada à janela, onde o pergaminho azeitado pendia em farrapos- . E depois de havê-los visto, reconheço que sua opinião tem bases razoáveis.

- Não é rebelião -assegurou Husband, teimoso. E tirou do bolso uma gasta cinta de seda negra para atar o cabelo para trás, com as costas muita erguida- . Mas nossas queixa legítimas foram deixadas de lado por completo! Não temos mais opção que ir em massa a apresentar nossas demandas ante o senhor Tryon, para lhe fazer ver a justiça de nossas objeções.

- Faz um momento me pareceu ouvi-lo falar de alternativas -assinalou o jovem, seco- . E se tiver chegado o momento de escolher, como disse você, parece-me que a maior parte dos reguladores escolheram a violência, a julgar pelos comentários que escutei ao vir.

- Possivelmente -disse Husband, relutante- . Não obstante não somos... não são um exército vingador nenhuma turfa...

- Têm algum líder designado, alguém que possa falar oficialmente por eles? -Roger voltou a interrompê-lo, impaciente por transmitir sua mensagem e afastar-se dali- . Você mesmo? O senhor Hunter, possivelmente?

- Em realidade não têm nenhum líder -disse Husband depois de uma

larga pausa- . Jim Hunter é bastante audaz, mas não tem dotes de mando. Perguntei-lhe; diz que cada homem deve atuar por si mesmo.

- Você tem esse dom. Pode liderá-los.

Husband pareceu escandalizar-se.

- Eu não.

- Mas se os guiou até aqui...

- Eles acudiram! Não pedi a ninguém que...

- Você está aqui. Eles o seguiram. Você falou com eles e o escutaram.

Vieram seguindo-o. Escutarão-o, sem dúvida.

Fora da cabana o ruído ia em aumento; a multidão se impacientava. Se não era ainda uma turfa, estava muito perto. E o que fariam se descobriam quem era o que estava ali e a que tinha vindo?

Husband o observou um instante; logo lhe agarrou as duas mãos.

- Rezemos juntos, amigo –disse em voz baixa.

- Mas eu...

- Não faz falta que você diga nada. Sei que é papista, mas não temos por costume rezar em voz alta. Basta com que permaneça em silêncio e peça, no fundo de seu coração, que descenda a sabedoria... não só sobre mim, mas também sobre todos os presente.

Roger se mordeu a língua para não corrigi-lo; nesse momento sua própria filiação religiosa não tinha importância, embora sim a do Husband, pelo visto. limitou-se a conter a impaciência e estreitou as mãos do qualquer, lhe oferecendo o apoio que estava a seu alcance.

Husband estava imóvel, com a cabeça um pouco inclinada. Um punho esmurrou a débil porta da cabana.

- Hermon! Está bem?

- Sal, Hermon! Não há tempo para isto! Caldwell já retornou que ver o governador...

- Uma hora, Hermon! Deu-nos só uma hora!

Derrubariam a porta, sem dúvida. Mas não: os golpes diminuíram até reduzir-se a toques impaciente; logo, a algum murro isolado. O palpitar do coração do Roger se foi acalmando gradualmente até reduzir-se a um ritmo sereno e parecido; a ansiedade se esfumava em seu sangue.

Fechou os olhos em um intento de fixar seus pensamentos, tal como Husband lhe tinha pedido. Procurou provas em sua mente alguma oração adequada, mas só lhe vinham à memória fragmentos confusos do Livro de Culto Comum.

“ nos socorra, OH, Senhor!...”

“ nos escute...”

“ nos ajude, OH, Senhor!” , sussurrou a voz de seu pai... seu outro pai, o reverendo, que falava no fundo de sua mente. “ nos ajude, OH, Senhor!, a recordar com quanta freqüência obramos mau, não por falta de amor, mas sim por falta de reflexão, e quão engenhosas som as armadilhas que nos fazem tropeçar.”

Cada palavra passou por sua mente, fugaz como a folha em chamas que se eleva no vento da fogueira, para desaparecer feita cinzas antes de que ele pudesse agarrá-la. Por fim renunciou; limitou-se a estreitar as mãos do Husband, atento a sua respiração, que era uma nota grave e áspera.

“ Por favor” , pensou em silêncio, sem saber o que pedia. Também

essas palavras se evaporaram sem deixar nada.

Nada aconteceu. Fora ainda se ouviam vozes, mas não pareciam ter mais importância que a reclamação dos pássaros. O ar da habitação estava em calma, mas fresco e vivaz, como se pelos rincões circulasse uma corrente sem chegar a tocar o centro, onde estavam eles. Roger sentiu que sua própria respiração se tranqüilizava e seu coração se fazia ainda mais lento.

Não recordava ter aberto os olhos, mas os deixava abertos. Ao baixar a vista reparou em suas próprias mãos, que ainda estreitavam as do Husband, mais pequenas. Invadiu-o um respeito sobressaltado ao apreciar a beleza de seus próprios dedos, os ossos curvados da boneca e os nódulos, o encanto de uma fina cicatriz vermelha que cruzava a articulação do polegar.

Husband deixou escapar o fôlego em um fundo suspiro e retirou as mãos. Roger se sentiu momentaneamente abandonado, mas logo a paz do ambiente voltou a posar-se nele.

- O agradeço, amigo Roger –disse o qualquer, em voz baixa- . Não esperava receber tal graça, mas bem-vinda seja.

Ele assentiu sem dizer nada. Viu que Husband desprendia sua jaqueta e a punha; em sua cara se viam agora linhas de serena decisão. Sem vacilar, o qualquer tirou o ferrolho da porta e abriu.

A multidão reunida fora retrocedeu; a expressão de surpresa cedeu a aconteço imediatamente à ansiedade e a irritação. O qualquer, sem emprestar atenção à tempestade de perguntas e exortações, partiu diretamente até um cavalo amarrado a um arvorezinha, detrás da cabana; desatou-o e subiu à cadeira. Só então olhou de acima a seus companheiros da Regulação.

- vocês voltem para casa! –disse em voz alta- . Devemos abandonar este sítio; que cada homem retorne a seu lar.

Este anúncio foi recebido com um atônito silêncio; logo houve exclamações de indignação e desconcerto.

- Que lar? –inquiriu um jovem, de escassa barba avermelhada- . Possivelmente você tenha lar aonde voltar! Eu não!

Husband permanecia sólido na cadeira, sem deixar-se comover pela gritaria.

- Voltem para casa! –gritou outra vez- . Os precatório. Aqui não fica nada, salvo a violência.

- Sim, e bem que a faremos! –uivou um homem corpulento, mostrando o mosquete em alto entre um coro de vitores.

Roger tinha seguido ao Husband, ignorado pela maioria dos reguladores. deteve-se certa distância, enquanto o qualquer se afastava com lentidão, inclinando-se da arreios para responder com gritos e gestos aos homens que corriam a seu lado. Alguém o aferrou pela manga; ele atirou das rédeas e se inclinou para escutar um discurso obviamente apaixonado. Mas ao fim ergueu as costas, sacudiu a cabeça e se plantou o chapéu.

- Não posso ficar e permitir que se derrame sangue por minha presença. Se permanecerem aqui, amigos, haverá homicídio. Partam! Ainda podem partir. Imploro-lhes que o façam!

Já não gritava, mas o bulício se acalmou o suficiente como para que sua voz corresse. Ao levantar a cara, enrugada pela preocupação, viu o Roger de pé à sombra de um disco. A serenidade da paz o tinha abandonado, mas

em seus olhos perdurava a decisão.

- Vou! –anunciou- . O rogo! Retornem todos a casa!

Com súbita determinação, voltou garupas e pôs a seu cavalo ao trote. uns quantos homens correram atrás dele, mas logo se detiveram, desconcertados e ressentidos, murmurando entre si e movendo a cabeça com ar de confusão.

O ruído voltou a crescer; todos discutiam ao mesmo tempo, insistindo e negando. Roger se afastou discretamente para o bosquecillo de arces. O mais prudente seria empreender a volta quanto antes, agora que Husband tinha partido.

Uma mão o aferrou por um ombro, obrigando-o a girar.

- Quem diabos é você? O que há dito ao Hermon para que se fora?

Era um tio carrancudo, de puído colete de pele, com os punhos apertados.

- Disse-lhe que o governador não quer que ninguém sofra dano, se se pode evitar –respondeu Roger, tratando de que seu tom fora apaziguador.

- Envia-te o governador? –perguntou um homem de barba negra, olhando com cepticismo sua roupa singela- . vieste a oferecer umas condições diferentes das do Caldwell?

- Não. –Roger ainda estava sob o efeito de seu encontro com o qualquer; sentia-se protegido das correntes de cólera e histeria incipiente que se formavam redemoinhos em torno da cabana, mas essa paz se ia esfumando com celeridade. A seus interrogadores se somaram outros, atraídos pela confrontação- . Não –repetiu, em voz mais alta- . vim para lhe advertir ao Husband... e a todos vós. O governador quer...

Interrompeu-o um coro de gritos grosseiros: o que Tryon quisesse não tinha nenhum interesse para os presente. Então se encolheu de ombros e deu um passo atrás.

- Façam o que lhes pareça, então- disse, com toda a serenidade possível- . O senhor Husband lhes deu o melhor dos conselhos. E eu o apóio.

Girou para afastar-se, mas um par de mãos descenderam sobre seus ombros, obrigando-o uma vez mais a enfrentar-se ao círculo de interrogadores.

- Espera um momento, tio –disse o homem do colete de couro- . faleste com o Tryon, verdade?

- Não –admitiu Roger- . Enviou-me... - Devia utilizar o nome do Jamie Fraser? Não: igual podia lhe economizar problemas como provocar-lhe vim a pedir ao Hermon Husband que cruzasse o arroio comigo para que visse com seus próprios olhos qual é a situação. Ele preferiu aceitar meu relatório da situação. Já viram vocês qual foi sua reação.

- Isso o diz você! –Um homem fornido, de costeletas avermelhadas, elevou o teimoso queixo- . E por que terá que aceitar seu relatório da situação?

A calma que Roger trazia da cabana não o tinha abandonado de tudo; recolheu os restos para falar com serenidade.

- Não posso obrigá-lo a escutar, senhor. Mas quem tenha ouvidos, escutem isto.

Olhou-os à cara, um a um. Embora a contra gosto, deixaram de alvoroçar, até que ele se viu no centro de um círculo que lhe emprestava

relutante atenção.

- As tropas do governador estão listas e bem armadas. –Sua voz soava estranha, serena mas um pouco apagada, como se fora outro o que falasse com certa distância- . Não vi pessoalmente ao governador, mas me há dito quais são seus propósitos: não quer que se derrame sangue, mas está decidido a levar a cabo as ações que considere necessárias para dispersar esta assembléia. Não obstante, se retornarem pacificamente a seus lares, está disposto a mostrar-se clemente.

fez-se um momento de silêncio. Rompeu-o um pigarro. Um escupitajo de muco, com nervuras pardas de tabaco, aterrissou no barro, junto à bota do Roger.

- Isso vai para o governador e sua clemência –disse o do escupitajo, conciso.

- E isto vai para ti, estúpido! –acrescentou um de seus companheiros, lançando um bofetão ao Roger.

Ele esquivou o golpe e baixou o ombro para carregar contra o atacante, que se cambaleou, perdendo terreno. Mas atrás havia mais deles. Roger se deteve, com os punhos apertados, preparado para defender-se se era necessário.

- Não lhe façam mal, moços –ordenou o homem do colete de couro- . Ao menos por agora. –aproximou-se do jovem, sem ficar ao alcance de seus punhos, e o observou com desconfiança- . Tenha visto ou não a cara do Tryon, suponho que viu suas tropas, verdade?

- Em efeito. –O coração do Roger pulsava depressa e o sangue lhe cantava nas têmporas.

- Sabe quantos homens tem Tryon?

- Algo mais de mil –respondeu, observando com atenção a cara do homem. Não houve surpresa: já sabia- . Mas são milicianos adestrados e têm artilharia. É verdade que vocês não têm nada disso, senhor?

- Pensa o que queira –respondeu secamente- . Mas pode lhe dizer ao Tryon que lhe dobramos em número. Além disso, adestrados ou não –sua boca se torceu com ironia- , todos estamos armados, cada homem com seu mosquete.

Inclinou a cabeça para trás, com os olhos entronizados, para avaliar a luz.

- Uma hora, não? –perguntou, um pouco mais suave- . Acredito que será antes. –E olhou ao Roger aos olhos- . Volte a cruzar o arroio, senhor. lhe diga ao governador Tryon que temos intenção de lhe dizer o nosso e nos sair com a nossa. Se ele nos escutar e acessa a nossas exigências, bem. Se não...

Tocou a culatra da pistola que levava a cintura. Em sua cara se assentaram linhas sombrias.

Roger percorreu com a vista o círculo de caras silenciosas. Algumas expressavam incerteza, mas em sua maioria estavam sombrias ou desafiantes. Sem dizer uma palavra girou para afastar-se.

O livro do cirurgião, Tomo I

Artigo nº 28: Os cirurgiões devem levar um livro no que registrarão a todos os homens que se submetam a sua atenção, incluindo seu nome, a companhia a que pertencem, a data em que entram em seu cuidado e a data em que lhe dão o alta.

“ Deveres e regras do acampamento”

Estremeci-me ao sentir que uma brisa fria me tocava a bochecha, embora o dia era muito quente. Tive a absurda idéia de que era o roce de uma asa, como se o Anjo da Morte tivesse passado silenciosamente a meu lado, atento a sua lúgubre tarefa.

- Tolices –disse em voz alta. Evan Lindsay me ouviu; vi-o girar momentaneamente a cabeça, mas imediatamente apartou o olhar. Como todos, vigiava o este.

Ainda não tinha chegado nenhum mensageiro, mas viria. Eu não o duvidava. Algo tinha acontecido em algum lugar.

Todo mundo esperava, imóvel em seu sítio. Levada por uma entristecedora necessidade de me mover, girei abruptamente; minhas mãos se flexionaram como pedindo fazer algo. A água estava fervida e lista, coberta com uma parte de linho limpo. Tinha posto a caixa de remédios sobre um toco; retirei a cobertura para revisar outra vez seu conteúdo, embora segura de que tudo estava em ordem.

Toquei um a um os frascos cintilantes; seus nomes eram uma sedativo letania.

Atropina, beladona, láudano, paregórico, azeite de lavanda, azeite de zimbro, hortelã... E a garrafa parda, de forma achaparrada, que continha o álcool. Tinha um barril pequeno cheio na carreta.

Um movimento atraiu minha atenção; era Jamie; caminhava tranqüilamente sob as árvores, inclinando-se aqui para dizer uma palavra ao ouvido de alguém, tocava mais à frente um ombro, como um mago que desse vida às estátuas.

Permaneci imóvel, por não distrai-lo, face ao muito que desejava atrair sua atenção. Ele se movia com facilidade, brincando despreocupadamente; entretanto eu podia perceber sua tensão.

A pouca distância soou um ruído de cascos e o estrépito de uns cavalos que avançavam pela maleza. Todo mundo se deu a volta, espectador e com os mosquetes na mão. Uma exclamação afogada e um murmúrio geral saudaram o primeiro cavaleiro que surgiu à vista, agachando a cabeça vermelha sob os ramos dos arcos.

- Cristo! –disse Jamie- . Que diabos faz esta aqui?

As risadas dos homens que a conheciam romperam a tensão como gretas no gelo, Jamie relaxou um pouco os ombros, mas saiu a seu encontro com expressão bastante carrancuda.

Quando Brianna desmontou a seu lado, eu também estava ali.

- O que...? –comecei.

Mas Jamie já estava cara a cara com sua filha, os olhos entreabridos, a mão em seu braço, falando em voz baixa, em uma veloz corrente de gaélico.

Brianna lhe replicou algo que não entendi, também em gaélico, e ele se tornou para trás. Ela moveu secamente a cabeça, como satisfeita com o impacto de sua declaração, e girou sobre seus talões. Então, à lombriga, um largo sorriso lhe transformou a cara.

- Mamãe! –Abraçou-me.

- Olá, querida. De onde vem? –depois de lhe dar um beijo na bochecha dava um passo atrás; apesar de todo me alegrava vê-la.

- Do Hillsborough –respondeu-. Ontem à noite, alguém que foi jantar a casa dos Sherston disse que a tropa estava acampada aqui. Por esse vim. Traje algo de comer –assinalou as avultadas alforjas de seu cavalo- e algumas ervas do pomar dos Sherston; me ocorreu que podiam te ser úteis.

- Nê? OH!, sim. Que bem! –Sentia a presença carrancuda do Jamie a minhas costas, mas não me voltei a olhá-lo-. Eeh... não é que não me alegre de verte, querida, mas é possível que aqui se livre uma batalha dentro de muito pouco e...

- Já sei. –Ainda estava muita sufocada e sua cor se acentuou para me ouvir. Levantou um pouco a voz-. Não importa. Não vim a combater. Nesse caso me teria posta calças de montar.

Jogou uma olhada por cima de meu ombro; detrás de mim se ouviu um forte bufido, seguido por algumas risadas afogadas dos irmãos Lindsay. Ela baixou a cabeça para dissimular um sorriso; eu não pude menos que sorrir também.

- Ficarei contigo –disse em voz mais baixa-. Se houver depois feridos que atender, posso ajudar.

Vacilei, mas não podia negar que, se se chegava ao enfrentamento, teria feridos que atender e um par de mãos mais seria muito útil. Brianna não era enfermeira, mas sabia de gérmenes e antisepsia, coisa muito mais útil, em certo modo, que os conhecimentos de anatomia e fisiologia.

Ela tinha erguido as costas para procurar entre os homens que esperavam à sombra dos arcos.

- Onde está Roger? –perguntou em voz baixa, mas serena.

- Está bem –lhe assegurei, com a esperança de que fora verdade-. Esta manhã Jamie lhe mandou cruzar o arroio com uma bandeira de trégua, para trazer para o Hermon Husband a falar com o governador.

- E ainda está lá? –Tinha subido involuntariamente a voz, mas voltou a baixá-la, controlando-se-. Com o inimigo? Se se pode chamar assim.

- Retornará. –Jamie apareceu junto a mim; olhava a sua filha sem muita alegria, mas obviamente resignado a sua presença-. Não se preocupe, moça. Sob a bandeira branca ninguém lhe fará nada.

- Do que lhe servirá a bandeira se trégua se ainda estiver ali quando começarem os disparos?

Retornará –repetiu ele, embora em tom mais suave. Logo lhe tocou a cara e alisou uma mecha de cabelos-. Prometo-lhe isso, moça. Não lhe acontecerá nada.

Bree pareceu encontrar algo tranqüilizador na cara de seu pai, pois sua expressão apreensiva se aliviou um pouco. Assentiu com a cabeça, em

muda aceitação. depois de lhe dar um beijo na frente, Jamie se voltou para falar com o Rob Byrnes.

Por um momento ela o seguiu com a vista; logo desatou os cordões de seu chapéu e vinho a sentar-se a meu lado, em uma pedra.

- Há algo que possa fazer agora? –perguntou, assinalando com a cabeça minha caixa de remédios- . Quer que te traga algo?

Neguei com a cabeça.

- Não, tenho todo o necessário. Não há mais que esperar. –Fiz uma careta- . É o pior.

Ela respondeu com um relutante murmúrio de assentimento e fez um esforço por relaxar-se. Logo avaliou a equipe preparada, com uma ruga entre as sobrancelhas: fogo aceso, água fervendo, mesa dobradiça, a caixa grande com o instrumental e um pacote mais pequeno, que continha minha equipe de emergências.

- O que há aí? –perguntou, tocando o saco de lona com a ponteira da bota.

- Álcool e ataduras, um escalpelo, fórceps, serrote de amputação, torniquetes. Se se puder me trarão os feridos até aqui ou a outro dos cirurgiões. Mas se devo atender a algum no campo... a alguém que esteja muito mal para caminhar ou ser transladado, posso agarrar isto e ir imediatamente.

Notei que passeava o olhar pelo claro, posando-a aqui em um homem, lá em outro. Adivinhei o que estava pensando: como era possível? Como podia uma ver um grupo tão compacto e ordenado, uma cabeça inclinada para escutar ao amigo, um braço estendido para o cantil, sorrisos e sobrecenhos enrugados, olhos luminosos e músculos tensos... e logo visualizar a ruptura, a abrasão, a fratura... e a morte.

De repente, ouviu-se o ruído de um cavalo que se aproximava a toda pressa. Quando o mensageiro apareceu, eu já estava de pé, como o resto do acampamento. Era um dos jovens ajudantes do Tryon, pálido pelo nervosismo contido.

- Estejam em alerta –disse, médio desprendendo-se da cadeira, sem fôlego.

- E o que você crie que estivemos fazendo do amanhecer? –inquiriu Jamie, impaciente- . Por todos os Santos, homem, o que acontece?

Muito pouco, ao parecer, mas esse pouco era importante. Um ministro dos reguladores tinha ido parlamentar com o governador.

- Um ministro? –interrompeu Jamie- . Um qualquer?

- Não sei, senhor –disse o ajudante, vexado pela interrupção- . Mas os quaisquer não tem claro; isso sabe qualquer. Não: era um ministro chamado Caldwell, o reverendo David Caldwell.

Qualquer que fosse sua filiação religiosa, Tryon não se deixou comover pela súplica do embaixador. Não podia nem queria tratar com o povo, e não havia mais que dizer. Se os reguladores se dispersavam, ele prometia estudar qualquer queixa justa que o fora apresentada da maneira correta. Mas deviam dispersar-se no curso de uma hora.

- Não poderia nem quereria em uma gaveta –cantarolei pelo baixo, médio desequilibrada pela espera- . Não poderia nem quereria com um leão.

Jamie se tinha tirado o chapéu e o sol brilhava em seu cabelo

avermelhado. Bree soltou uma risita contida, tanto por estranheza como por diversão.

- Não poderia nem querer com o povo –adicionou a sua vez- . Não poderia nem querer... fazer o macho?

- Pode, sim –disse, sotto voce- . E muito me temo que o fará.

Pela centésima vez na manhã joguei uma olhada para o grupo de salgueiros pelo que Roger tinha desaparecido, rumo a sua missão.

- Uma hora –repetiu Jamie, como resposta à mensagem do ajudante. E olhou na mesma direção- . Quanto fica para isso?

- Meia hora, possivelmente. –O moço pareceu de repente muito mais jovem do que era. Tragou saliva e ficou o chapéu- . Devo partir, senhor. você esteja atento ao canhão. Boa sorte!

- O mesmo a você, senhor.

Como se tivesse sido um sinal, o acampamento saltou em um torvelinho de atividade, até antes de que o ajudante tivesse desaparecido entre as árvores. voltaram-se a revisar armas que já estavam cevadas e carregadas, soltaram-se fivelas para as voltar para prender, poliram-se as insígnias; alguns sacudiam o pó dos chapéus e lhes prendiam os distintivos, ajustavam-se os meias três-quartos e as ligas, sacudiam os cantis enche, para assegurar-se de que seu conteúdo não se evaporou na última meia hora.

Era contagioso. Descobri-me deslizando os dedos pelas fileiras de frascos, uma vez mais; os nomes que murmurava se rabiscavam em minha mente, como se fossem as palavras de alguém que rezasse o rosário, perdendo o sentido no ardor do petição: “ Romero, atropina, lavanda, azeite de prego...”

Bree se destacava por sua imobilidade em meio de tanto alvoroço. Sentada em sua pedra, sem mais movimento que o de suas saias agitadas por alguma brisa, mantinha a vista fixa nas árvores longínquas. Ouvi que dizia algo pelo baixo.

- O que há dito? –perguntei, me voltando.

- Que não figura nos livros. –Apontou com o queixo para o campo, as árvores, os homens que nos rodeavam- . Não figura nos livros de história. Tenho lido o da massacre de Boston. Li-o lá, nos livros, e aqui, no periódico. Mas nunca soube disto lá. Não tenho lido uma só palavra sobre o governador Tryon, Carolina do Norte ou um lugar chamado Alamance. De modo que não acontecerá nada. –Falava com ferocidade, aplicando toda sua vontade- . Se aqui houve uma grande batalha, alguém deveria ter escrito sobre ela. Ninguém o fez, de modo que não acontecerá nada. Nada!

- Oxalá tenha razão –disse. E me aliviou em parte o frio das costas. Talvez era certo. Pelo menos não seria uma batalha importante. Faltavam apenas quatro anos para que estalasse a Revolução; até as pequenas escaramuças que precederam ao conflito eram bem conhecidas.

A massacre de Boston se produziu pouco mais de um ano antes: um combate guia de ruas, o choque de uma turfa com um pelotão de soldados nervosos. Insultos a gritos, algumas pedradas; um disparo não autorizado, uma descarga provocada pelo pânico e cinco homens mortos. Um dos periódicos de Boston informou da notícia, acompanhada por um apaixonado editorial; eu o tinha visto no salão da Yocasta; um de seus amigos lhe tinha

enviado um exemplar.

E duzentos anos depois, esse breve incidente seria imortalizado nos textos escolar, como evidência do crescente descontente dos colonos. Joguei uma olhada aos homens que nos rodeavam, dispostos a brigar. Se ali, livrava-se uma grande batalha, se um governador real sufocava o que era, em essência, uma rebelião de contribuintes, sem dúvida teria valido a pena registrá-lo!

Mesmo assim, era pura teoria. E eu tinha incômoda consciência de que nem a guerra nem os livros de história tomavam muito em conta o que teria devido ocorrer.

Jamie estava de pé junto ao Gideon. Tinha-o pacote a uma árvore, pois entraria em combate a pé, com seus homens. Vi-o retirar as pistolas da alforja, guardar na taleguilla de seu cinturão as munições de reserva. Tinha a cabeça inclinada, absorto nos detalhes da tarefa.

de repente experimentei um impulso horrível e repentino. Precisava tocá-lo, lhe dizer algo. Tratei de me persuadir de que Bree tinha razão; não era nada; provavelmente não haveria um só disparo. Entretanto havia três mil homens armados nos ribazos do Alamance, e entre eles zumbia a idéia do derramamento de sangue.

Deixei a Brianna sentada em sua rocha, fixos os olhos no bosque, e corri para ele.

- Jamie –disse, lhe pondo uma mão no braço. Ele apoiou uma mão sobre a minha.

- A nighean donn –disse, com um pequeno sorriso- . vieste a me desejar sorte?

- Não podia deixar ir dizer... algo. Suponho que bastará com “ Boa sorte” . –Vacilei; as palavras me entupiam na garganta, pela súbita urgência de dizer muito mais do que o tempo permitia. Ao final disse só as coisas importantes- : Jamie... te amo. te cuide!

Ele dizia que não recordava o do Culloden. Perguntei-me se a amnésia se estendia às horas prévias à batalha, a nossa despedida. Ao olhá-lo aos olhos soube que não era assim.

- Com “ Boa sorte” basta –disse- . “ Amo-te” é muito melhor.

Logo levantou a mão para me tocar o cabelo e a cara, me olhando aos olhos para reter minha imagem desse momento, no caso de fora a última.

- Talvez chegue um dia em que você e eu nos separemos outra vez – disse pelo baixo. Seus dedos me roçaram os lábios, ligeiros como o roce de uma folha ao cair. Sorria apenas- . Mas não será hoje.

Tenham em conta que, durante a marcha, o disparo de três canhões será o sinal para formar a linha de batalha; cinco, o sinal de ataque.

Roger se afastou devagar do acampamento dos reguladores. Gritaram-lhe uns quantos insultos e ameaças sem muita convicção, mas quando se encontrou entre as árvores a multidão já tinha perdido interesse nele, encetada novamente em sua agitada controvérsia.

Logo que esteve fora da vista se deteve. Tinha a respiração agitada e se sentia enjoado. No centro desse círculo de caras hostis não havia sentido nada, absolutamente nada. Agora, longe e a salvo, tremiam-lhe os músculos das pernas e lhe doíam os punhos de tanto apertá-los. Desdobrou os dedos rígidos, flexionou-os e tratou de dominar sua respiração.

Talvez depois de todo aquilo não era tão distinto ao vôo noturno sobre o Canal e os canhões anti-aéreos.

A seu redor, soprava uma leve brisa, que lhe separou do pescoço o cabelo úmido, com um fôlego de bem-vindo frescor. Tinha completamente empapada a camisa e a jaqueta; o gravata-borboleta molhado parecia estar a ponto de estrangulá-lo. tirou-se a jaqueta e atirou da gravata com dedos trêmulos. Logo, com os olhos fechados e o objeto pendurando da mão, respirou a grandes baforadas, até que cedeu a sensação de náusea.

Convocou a sua mente a última imagem da Brianna, no vão da porta, com jemmy nos braços. Viu suas pestanas, molhadas de lágrimas, e os olhos redondos e solenes do bebê, e percebeu um grave eco da sensação que tinha experiente na cabana, com o Husband: uma visão de beleza, uma convicção de gozo que serenava a mente e aliviava a alma. Retornaria com eles; era o único que importava.

Ao cabo de um momento abriu os olhos, recolheu sua jaqueta e ficou em marcha; enquanto avançava lentamente para o arroio começou a sentir-se mais sereno no físico, já que não no mental.

Não ia acompanhado do Husband, mas tinha obtido o que o mesmo Jamie tivesse podido fazer. Era possível que a turfa (não eram um exército, face ao que Tryon pensasse deles) desmembrasse-se e voltasse para casa, privado agora até da escassa liderança que Husband tinha representado. Oxalá.

Mas talvez não se dispersassem. Dessa turfa ardente podia surgir outro homem apto para tomar o mando. de repente recordou uma frase ouvida no alvoroço, frente à cabana. “vieste a oferecer umas condições diferentes das do Caldwell?” Isso lhe tinha perguntado o homem da barba negra. E momento antes, enquanto rezava com o Husband, tinha ouvido vagamente que alguém gritava: “Não há tempo para isto! Caldwell já retornou que ver o governador...” > E outra voz, em tom desesperado: “Uma hora, Hermon! Deu-nos só uma hora!

- Homem, claro! –disse em voz alta. David Caldwell, o ministro presbiteriano que o tinha casado. Devia ser ele. Pelo visto, o homem tinha ido falar com o Tryon em nome dos reguladores... e retornou rechaçado, com uma advertência.

Uma hora, não mais. Uma hora para dispersar-se, para retirar-se pacificamente? Ou uma hora para responder a algum ultimato?

Levantou a vista. O sol estava quase no cenit; era logo que passado o meio-dia. depois de ficá-la jaqueta guardou o corbatón no bolso, junto à bandeira de trégua que não tinha utilizado. Qualquer que fosse o significado dessa hora de trégua, tinha que ficar em marcha.

O dia continuava espaçoso e caloroso; o aroma da erva e a folhagem vibrava de seiva em ascensão. Mas agora a sensação depressa e a lembrança dos reguladores, zumbindo como vespas, lhe impediam de apreciar as belezas naturais. Mesmo assim, algum rastro de paz perdurava nele enquanto apertava o passo para o arroio, um vago eco do que tinha experiente na cabana.

Essa estranha sensação de respeito sobressaltado seguia acompanhando-o, oculto mas acessível, como uma pedra polida no bolso. Fez-a girar na mente, sem emprestar muita atenção às sarças e os matagais que atravessava em seu caminho.

Um ramo pendente lhe roçou a cara; alargou uma mão para apartá-la, um pouco surpreso pelo fresco brilho das folhas, a estranha delicadeza de seus borde, trincados como facas, mas leves como o papel. Era um eco leve, mas perceptível, pelo que tinha visto antes, essa penetrante beleza. de repente se perguntou se Claire a veria. Percebia o toque da beleza nos corpos que tinha sob as mãos? Era possivelmente a causa de que fora curadora, o que lhe permitia curar?

Husband tinha compartilhado sua percepção, sem dúvida. E isso o tinha confirmado em seus princípios de qualquer. Por isso abandonou o campo, impossibilitado de exercer a violência ou de tolerá-la.

E seus próprios princípios? Não pareciam ter sofrido mudanças; se antes não tinha intenções de disparar contra ninguém, menos as teria agora.

“E os princípios do Jamie Fraser?” , disse-se. Frequentemente, levado por sua simpatia pessoal e pela curiosidade do historiador, perguntava-se o que movia ao Fraser. Com respeito a este conflito, Roger tinha tomado sua própria decisão... ou possivelmente a decisão se tomou sozinha. Não podia, a consciência, fazer mal a ninguém, embora em caso de necessidade se acreditava capaz de defender sua própria vida. Mas Jamie...

Estava seguro de que simpatizava com os reguladores. Também parecia provável que seu sogro não tivesse nenhum sentido de lealdade pessoal com a Coroa, com juramento ou sem ele. Não, à Coroa não, mas possivelmente ao William Tryon?

Tampouco ali havia lealdade pessoal, mas sim uma obrigação, decididamente. Tryon o tinha convocado e Jamie Fraser acudia. Dadas as condições imperantes, não tinha muita alternativa. Mas uma vez ali, combateria?

E como não fazê-lo? Devia ficar à cabeça de seus homens e, se se chegava ao combate, então teria que combater, quaisquer que fossem seus sentimentos pessoais sobre o tema.

Tratou de imaginar-se pontudo e disparando um mosquete contra um homem contra quem não tinha nada. Era compreensível que Jamie tivesse tratado de obter a ajuda do Husband para acabar com o conflito antes de que começasse.

Mesmo assim, Clareie lhe havia dito uma vez que, em sua juventude, Jamie tinha combatido na França como mercenário. Presumivelmente,

naquele tempo naquele tempo teria matado a homens contra quem não tinha nada. Como...?

Ao abrir-se passo entre os salgueiros ouviu as vozes antes de ver ninguém. Um grupo de mulheres, das que acompanham a todo exército, trabalhavam ao outro lado do arroio. Passeou entre elas um olhar indiferente, mas de repente deu um coice, surpreso Por que? O que era?

Ali. Não teria podido dizer como identificou; não havia nela nada que a distinguisse. Entretanto sobressaía entre as demais como se alguém tivesse remarcado seus contornos em tinta negra, para destacá-la contra o fundo do arroio e a folhagem tenra.

- Morag –sussurrou. E seu coração pulsou com mais força, com um pequeno estremecimento de gozo. Ela vivia.

Saiu dos salgueiros antes de que lhe ocorresse perguntar-se que fazia e por que o fazia. Por então já era muito tarde: estava no ribazo, caminhando abertamente para elas.

Várias das mulheres lhe jogaram uma olhada; algumas ficaram imóveis, vigilantes. Mas ia sozinho e estava desarmado. Elas eram mais de vinte e seus homens estavam perto.

Ela ficou muito quieta, inundada na água até os joelhos, com as saias recolhidas. Tinha-o identificado, obviamente, mas não dava sinais de conhecê-lo.

As outras mulheres retrocederam um pouco, desconfiadas. Ela se ergueu entre as libélulas, com um vestido molhado entre as mãos; algumas mechas de cabelo castanho apareciam de sua touca. Roger saiu da água e se ergueu ante ela, molhado até os joelhos.

- Senhora MacKenzie –saudou em voz baixa- . Me alegro de encontrá-la.

- Senhor MacKenzie –disse a sua vez, com uma pequena inclinação de cabeça.

A mente do Roger seguia a toda marcha, perguntando-se o que fazer. Devia adverti-la, mas como? Não podia fazê-lo diante de todas essas mulheres.

Por um momento se sentiu indefeso e torpe; logo, inspirado, agachou-se para recolher uma braçada de roupa lhe jorrem que se formava redemoinhos na água, junto às pernas da mulher, e subiu ao ribazo. Morag o seguiu com repentina pressa.

- O que faz? –acusou- . Ouça, me devolva essa roupa!

Roger levou a roupa molhada para as árvores; logo a deixou cair em um arbusto, com cuidado de que não tocasse o pó. Morag vinha lhe pisando os talões, avermelhada de indignação.

- Como lhe ocorre? Olhe que roubar roupa! –acusou, acalorada- . Me devolva isso!

- Não a roubei –lhe assegurou ele- . Só queria falar com você a sós um momento.

- Sim? –Ela o olhou com suspicácia- . Do que?

- Quero saber se estiver bem. e seu filho... Jemmy? –Pronunciar esse nome lhe provocou um estranho calafrio; por uma fração de segundo viu a imagem da Brianna no vão da porta, com seu filho nos braços, superpuesta à lembrança do Morag com seu bebê, na penumbra da adega, disposta a

matar ou morrer por conservá-lo.

- Ah –murmurou ela. A desconfiança desapareceu em parte, substituída por um relutante reconhecimento de seu direito a perguntar- . Estamos bem... os dois. E também meu marido –acrescentou intencionalmente.

- Alegra-me sabê-lo –assegurou ele- . Alegra-me muito. –Procurou algo mais que dizer; sentia-se incômodo- . Eu... às vezes a lembrança; perguntava-me se... se tudo estava bem. E agora, ao vê-la... bom, me ocorreu perguntar. Nada mais.

- OH!, sim. Compreendo, sim. Pois muito obrigado, senhor MacKenzie. –Disse-o olhando-o diretamente aos olhos, sérios os seus- . Sei o que você fez por nós. Não o esquecerei; todas as noites o menciono em minhas orações.

- OH!... –Roger teve a sensação de que um peso leve o tinha golpeado no peito- . Né... obrigado.

perguntou-se mais de uma vez se ela o recordaria. Se recordava o beijo que lhe tinha dado naquela adega, procurando a faísca de seu calidez como escudo contra o frio da solidão. Pigarreou, ruborizado pela lembrança.

- Vive perto daqui?

Ela sacudiu a cabeça; algum pensamento, alguma lembrança lhe fez apertar os lábios.

- Antes sim, mas... Não vem ao caso. –Súbitamente lhe voltou as costas para retirar a roupa molhada do arbusto; sacudia objeto por gosta muito antes de pregá-la- . Agradeço-lhe seu interesse, senhor MacKenzie.

Obviamente, dava por terminada a conversação. Ele se secou as mãos nas calças e trocou de posição. Não queria afastar-se. Devia lhe dizer... mas detrás havê-la reencontrado sentia uma estranha relutância a separar-se dela detrás havê-la posto sobreaviso; borbulhava de curiosidade. Curiosidade e uma peculiar sensação de vínculo.

Possivelmente não fora tão peculiar; essa mujercita moréia era de sua família, a única pessoa de seu próprio sangue que tinha encontrado depois da morte de seus pais. E ao mesmo tempo era muito peculiar, sim; compreendeu-o até enquanto alargava a mão para curvá-la em volta do braço do Morag. depois de tudo, ela era sua antepassada direta, uma avó de várias gerações atrás.

A mulher ficou rígida e tratou de largar-se, mas ele a reteve. Embora tinha a pele fria pela água, Roger sentiu o palpar de seu pulso sob os dedos.

- Espere –disse- . Por favor. Um momento. Eu... devo lhe dizer... algumas costure.

- Não, nada disso. Preferiria que não me dissesse nada. –Ela atirou com mais força e se liberou.

- Seu marido, onde está? –O cérebro do Roger começava a relacionar tardiamente algumas ideia. Se ela não vivia perto, era o que ele tinha pensado ao vê-la: uma das mulheres que acompanhavam aos exércitos. Mas teria apostado a vida a que não era prostituta; portanto seguia a seu marido, e isso significava que...

- Está muito perto! –Ela retrocedeu um passo.

Roger se interpôs entre ela e o arbusto com a penetrada; para recuperar suas anáguas e suas meias teria que acontecer seu lado. de

repente caiu na conta de que Morag lhe tinha um pouco de medo; então girou precipitadamente para arrebatando alguns objetos ao azar.

- Perdoe. Sua penetrada... Aqui tem.

Ela as agarrou como por reflexo. Algo caiu ao chão: um vestido de bebê. Ambos se agacharam para recolhê-lo e chocaram as frentes com um golpe sólido.

- OH! OH! Pela Maria e Santa Bride! –Morag se esfregou a cabeça, sem soltar os objetos molhados que estreitava contra o seio, com uma só mão.

- Cristo! Está você bem? Morag... senhora MacKenzie... está bem? Sinto-o muito! –Roger a tocou no ombro, olhando-a com olhos lagrimeantes de dor. agachou-se para recolher o pequeno vestido que tinha cansado entre ambos e fez um vão esforço por lhe limpar as manchas de barro.

- Estou bem, sim. –depois de enxugá-los olhos e sorver pelo nariz, tocou apenas o ponto dolorido da frente- . Tenho a cabeça dura, como dizia minha mãe. E você? Está bem?

- Bem, sim. –Roger também se tocou a frente. de repente cobrava consciência de que a curva do osso sob sua mão se repetia com exatidão na cara que tinha ante si. a dela era mais pequena, mais ligeira... mas a mesma- . Eu também tenho a cabeça dura. –Sorriu-lhe de brinca a orelha, ridiculamente feliz- . É coisa de família.

E lhe entregou o objeto manchado de barro.

- Sinto-o muito –se desculpou outra vez, não só pelo vestido sujo- . Seu marido. Perguntei-lhe por ele porque... está com os reguladores, verdade?

- É obvio. Você não?

- Não –respondeu- . vim com a tropa. –Assinalou com uma mão a fumaça do acampamento do Tryon, a boa distância.

Os olhos do Morag voltaram a expressar cautela, mas não medo. Ele estava sozinho.

- Isso é o que desejava lhe dizer –explicou ele- . lhes advertir, a você e a seu marido. Esta vez o governador vai a sério; trouxe tropas organizadas e canhões. Muitas tropas, todas armadas.

inclinou-se para ela para lhe entregar o resto das meias molhadas. Ela alargou uma mão, mas manteve os olhos cravados nos dele, à espera.

- Está decidido a esmagar esta rebelião por qualquer meio. deu ordens de matar, se houvesse resistência. Compreende você? Diga-lhe a seu marido. Devem partir ambos antes de... antes de que aconteça nada.

Ela empalideceu; sua mão foi cobrir o ventre como por reflexo. A água da roupa tinha empapado o vestido de musselina; agora se notava o pequeno abultamento escondido ali, redondo e suave como um melão sob o tecido úmido. Roger recebeu a descarga desse medo, como se as meias molhadas conduzissem a eletricidade.

“ Antes sim” , tinha respondido ela a sua pergunta de se viviam perto. Talvez só queria dizer que se mudaram a outro lugar, mas... Entre sua penetrada havia roupa de bebê, tinha a seu filho com ela. Seu marido devia estar nesse hervidero de homens.

Um homem só podia agarrar sua pistola e unir-se a uma turfa, sem mais motivos que o aborrecimento ou uma bebedeira; um homem casado e com um filho não o faria. Isso indicava um descontentamento grave, um

problema sério. E se tinha levado a sua esposa e a seu filho à guerra era porque não tinha um lugar seguro onde deixá-los.

Provavelmente Morag e seu marido se ficaram sem lar; seu medo era perfeitamente compreensível. Se matavam ou mutilavam a seu marido, como faria ela para manter ao Jemmy e ao bebê que tinha em seu ventre? Não tinha ali família que pudesse ajudá-la.

Em realidade, tinha família, só que o ignorava. Lhe aferrou a mão para atraí-la para si, afligido pela necessidade de protegê-los, a ela e a seus filhos. Uma vez os tinha salvado; podia fazê-lo novamente.

- Morag –disse- . Me escute. Se algo lhe acontecesse, o que fosse, vá para mim. Se necessitar algo, algo. Eu cuidarei de você.

Ela não fez esforço algum por largar-se. Roger sentiu o irresistível impulso de criar algum contato físico entre ambos, esta vez tanto por ela como por si mesmo. inclinou-se para diante para beijá-la com muita suavidade.

Logo abriu os olhos e levantou a cabeça. tirou o chapéu olhando por cima de seu ombro, para a cara incrédula de seu tatarabuelo.

- Com exceção de se de minha mulher.

William Buccleigh MacKenzie saiu dos arbustos com uma expressão sinistra na cara. Era alto e muito largo de ombros. Qualquer outro detalhe pessoal parecia carecer de importância, considerando que também tinha uma faca. Ainda estava embainhado, mas a mão do homem descansava sobre o punho de uma maneira muito significativa.

- Não quis lhe faltar ao respeito –disse, erguendo lentamente as costas. Qualquer movimento brusco parecia imprudente- . Ofereço-lhe minhas desculpas.

- Não? E que diabos quis fazer, pois? –MacKenzie apoiou uma mão possessiva no ombro de sua mulher, fulminando ao Roger com o olhar.

- Conheci sua esposa... e também a você... faz um ou dois anos, a bordo do Gloriana. Ao reconhecê-lame ocorreu perguntar como estava a família. Isso é tudo.

- Não queria me fazer danifico, William. –Morag tocou a mão de seu marido e a dolorosa pressão afrouxou- . O que diz é certo. Não o reconhece? É o que me encontrou com o Jemmy na adega, quando nos escondemos ali; trouxe-nos água e comida.

- Você me pediu que cuidasse deles –adicionou Roger, intencionalmente- . Durante a briga, aquela noite em que os marinheiros jogaram nos doentes ao mar.

- Sim? –As facções do MacKenzie se relaxaram um pouco- . Com que era você? Na escuridão não lhe vi a cara.

- Eu tampouco vi a sua.

Agora a via com clareza; face ao incômodo das circunstâncias, não pôde menos que estudá-la com interesse. De modo que esse era o filho não reconhecido do Dougal MacKenzie, antigo chefe de guerra dos MacKenzie do Leoch. Lhe notava. Sua cara era uma versão mais robusta, mais quadrada, mais loira, mas ao olhar melhor Roger identificou sem dificuldade os maçãs do rosto largos, a frente larga que Jamie Fraser tinha herdado do clã materno. Isso e a estatura: William superava o metro oitenta.

O homem se girou um pouco para ouvir um ruído na espessura. Dois

homens saíram das matas, cautelosos e sujos pela vida na intempérie. Um deles trazia um mosquete; o outro só um tosco pau, feito com um ramo queda.

- Quem é, Buck? –perguntou o do mosquete, observando ao Roger com alguma desconfiança.

- Isso é o que quero averiguar. –O momentâneo abrandamento tinha desaparecido, deixando um gesto carrancudo na cara do MacKenzie. Apartou a sua esposa com um leve empurrão- . Vê com as outras mulheres, Morag. Eu me ocuparei deste tio.

- Mas William... - Ela os olhou a ambos- . Mas se não ter feito nada...

- Parece-te que não é nada, tomar-se atrevimentos contigo à vista de todos, como se fosse uma qualquer? –William lhe cravou um olhar sombrio.

- Eu... não, quero dizer.. isso foi... ele foi bondoso conosco, não deveríamos...

- Vete, hei dito!

Morag abriu a boca para protestar, mas se encolheu de medo ao lhe ver fazer um súbito movimento para ela, com o punho apertado. Sem um instante de decisão consciente, Roger elevou o punho da cintura e o estrelou contra a mandíbula do MacKenzie.

William, pego por surpresa, cambaleou-se e caiu de joelhos, movendo a cabeça como boi desnucado. O grito afogado do Morag se perdeu entre as exclamações dos outros homens. antes de que pudesse enfrentar-se a eles, Roger ouviu um ruído detrás dele: era o frio estalo de uma pistola martelada.

Houve um breve “pst!” de pólvora acesa; logo a arma se disparou com um rugido e uma baforada de fumaça negra. Todos deram um coice e se cambalearam pelo ruído. Roger se encontrou lutando confusamente com um dos outros; ambos tossiam, médio ensurdecidos. Enquanto se largava de seu atacante viu que Morag, de joelhos entre as folhas, limpava a cara a seu marido com um objeto molhado. William a apartou com rudeza e se levantou para jogar-se para o Roger, com os olhos saltados e a cara arroxeadada de fúria.

Roger girou sobre seus talões, escorregando entre as folhas, e se desprende do homem do mosquete para refugiar-se entre as matas. Um momento depois cruzava a espessura, rompendo ramos, arranhando-a cara e os braços. detrás dele se ouviam fortes estalos e uma respiração ofegante. Uma mão de ferro o sujeitou pelo ombro.

Agarrou essa mão e a retorceu com força. ouviu-se um rangido de articulação e osso. O dono daquela mão se apartou com um chiado, enquanto Roger se jogava de cabeça por uma abertura entre a maleza.

Caiu sobre um ombro, meio acurrucado, e rodou sobre si; depois de romper um pequeno arbusto, deslizou-se como por um tobogã por um íngreme ribazo de argila, até cair à água com um chapinho.

esforçou-se por afirmar os pés, entre tosses e tapas, sacudindo o cabelo e a água dos olhos, só para ver o William MacKenzie de pé no alto do ribazo. Ao ver seu inimigo em tanta desvantagem, ele também se lançou com um grito.

Um pouco parecido a uma bala de canhão se estrelou contra o peito do Roger e o fez cair novamente à água. Não podia respirar, não via nada, mas lutou contra o enredo de roupas, membros e barro revolto, tratando

inutilmente de fazer pé; os pulmões lhe estalavam por falta de ar.

Apareceu a cabeça por cima da superfície, boqueando como um peixe para tragar ar. Ouviu o assobio de seu próprio fôlego e também o do MacKenzie. O outro se apartou e fez pé algo mais à frente, ofegando como uma locomotiva. Roger se agachou, palpitante, com as mãos apoiadas nas coxas e os braços trêmulos pelo esforço. Logo se endireitou, apartando o cabelo molhado que lhe pegava à cara.

- Olhe –comentou, ofegando.

Não disse mais, pois MacKenzie, que ainda respirava também com dificuldade, avançava para ele com a água à cintura. Tardiamente, Roger recordou algo mais. Esse homem era filho do Dougal MacKenzie. Mas também o filho do Geillis Duncan, a bruxa.

Em algum lugar, além dos salgueiros, ouviu-se um forte estrondo. A batalha tinha começado.

65

Alamance

Depois, o governador enviou sua carta ao capitão Malcom, um de seus ajudantes, e ao delegado do Orange; nela requeria a quão rebeldes depuseram as armas, entregassem a seus cabeças e demais. O capitão Malcom e o delegado retornaram ao redor das dez e meia, com a informação de que o delegado lhes tinha lido a carta quatro vezes a diferentes divisões de rebeldes, quem rechaçou com desdém os términos oferecidos, dizendo que não queriam tempo para as analisar; e com clamores rebeldes chamaram à batalha.

“Jornal da expedição contra os insurgentes”,

W. Tryon

Estejam alertas se por acaso vêem o MacKenzie. –Jamie tocou ao Geordie Chisholm no ombro. O outro girou a cabeça, aceitando a mensagem com um ligeiro gesto.

Avançou para o primeiro posto apartando a maleza com tanta violência como se fora um inimigo. Se estavam alerta veriam o MacKenzie a tempo e não lhe disparariam por engano. Ao menos isso se disse, sabendo perfeitamente que em meio dos inimigos e no calor da batalha, uma dispara ante algo que se mova.

Logo, para seu alívio, não houve mais tempo para pensar, pois saíram a campo aberto e os homens se disseminaram correndo, agachados e serpenteando pela erva, em grupos de três e quatro, como ele lhes tinha ensinado: tinha que haver um soldado com experiência em cada grupo. Em algum lugar, detrás deles, o primeiro cañonazo surgiu como um trovão em um céu ensolarado.

Então viu os primeiros reguladores; um grupo vinha pela direita,

correndo ao campo raso. Ainda não tinham visto seus homens.

antes de que os divisassem, ele uivou:” Casteal an DUIN!” E carregou contra eles com o mosquete em alto, como sinal para os que o seguiam. O ar se partiu em alaridos. Os reguladores, agarrados por surpresa, detiveram-se amontoados, gesticulando as armas e incomodando-se entre eles.

- Thugham! Thugham! –A mim, a mim. Já estava o bastante perto. Cravou um joelho em terra, agachou-se sobre o mosquete, apontou e disparou sobre a cabeça dos homens apinhados.

detrás dele se ouviu o grunhido de seus homens que assumiam a formação de fogo, o estalo do pederneira e, por fim, o ruído ensurdecido da descarga. Um ou dois dos reguladores se agacharam para responder ao fogo. Os outros correram em busca de refúgio, para uma pequena elevação coberta de erva.

- A draigha! Esquerda! Nach links! lhes cortem o passo! –ouviu-se gritar a si mesmo. Mas o tinha feito sem pensá-lo; já ia correndo.

O pequeno grupo de reguladores se desfez; uns quantos correram para o arroio; os outros, juntos como ovelhas, galopavam para o amparo da elevação. Chegaram a tempo e desapareceram depois da curva da colina. Jamie chamou a suas tropas com um assobio, capaz de ouvir-se sobre o trovejar dos canhões. Já se ouviam disparos de mosquete à esquerda. Partiu nessa direção crédulo em que os outros o seguiriam.

Foi um engano; ali a terra era pantanosa; estava cheia de fossas lamacentas e barro aderente. Lançou um grito e agitou o braço, lhes indicando retroceder para o sítio mais alto. Que o inimigo viesse para eles cruzando o pântano, se é que podia.

O terreno alto estava talher de densas malezas, mas pelo menos estava seco. Ele agitou a mão bem aberta para que os homens se disseminassem para refugiar-se.

Avançou lentamente para poente, alerta. Ali o matagal se compunha de zumaque e escaramujo, matagais de sarças que chegavam até a cintura e grupos de pinheiros que se elevavam por cima da cabeça. A visibilidade era escassa, mas poderia ouvir qualquer que se aproximasse muito antes de vê-lo... ou de ser visto.

Nenhum de seus homens estava à vista. Já refugiado em um grupo de discos, emitiu uma reclamação aguda, como o da codorna. Outros gritos similares surgiram desde atrás; nenhum de diante. Bem: agora cada um sabia, mais ou menos, onde estavam outros. Avançou com cautela, abrindo-se passo entre a maleza.

Ao sentir um tamborilar de pegadas se apertou contra os ramos de um disco, com os leques de escuras agulhas balançando-se sobre ele e o mosquete preparado para apontar por uma abertura das matas. Quem quer que fosse vinha depressa. Entre o ranger de ramillas pisadas e o ruído de uma respiração dificultosa, um jovem surgiu entre o matagal, ofegante. Não tinha pistola, mas em sua mão cintilava uma faca de esfolar.

Nada mais veracreditou conhecer esse moço. antes de que seu dedo pudesse relaxar-se contra o gatilho, sua memória pôs nome a essa cara.

- Hugh! –exclamou, em voz baixa mas penetrante- . Hugh Fowles!

O jovem deixou escapar um chiado de sobressalto e se deu a volta. Ao ver o Jamie com sua pistola, entre a cortina de agulhas, ficou petrificado

como um coelho.

Uma determinação movida pelo pânico se refletiu em sua cara: imediatamente se lançou para o Jamie, gritando. Fraser, sobressaltado, teve apenas tempo de levantar o mosquete para deter a adaga com seu canhão, empurrando-o para cima e para trás; a folha escorregou no canhão com um chiado metálico e lhe roçou os nódulos. Quando o jovem Hugh levantou o braço para apunhalá-lo, lhe atirou um chute no joelho e se apartou, e o moço, perdido o equilíbrio, caiu para um lado; a faca saiu disparado, dando voltas no ar.

Jamie chutou outra vez ao moço fazendo-o cair. A faca ficou parecido no chão.

- Quer te estar aquieto? –disse, bastante irritado- . É que não me reconhece?

Não teria podido dizer se Fowles o reconhecia ou não, nem sequer se o tinha escutado. Com a cara branca e os olhos fixos, debatia-se em um ataque de pânico, ofegante, tratando de levantar-se e de liberar sua faca ao mesmo tempo.

- por que não...? –começou Jamie. Imediatamente deu um coice, pois Fowles tinha renunciado à faca e se lançava para diante com um grunhido de esforço.

O peso do moço o arrojou para trás. Suas mãos o arranharam em busca do pescoço. Ele deixou cair o mosquete, pôs o ombro contra a mão do menino e o deteve com um brutal murro no ventre. Hugh Fowles se derrubou feito uma bola no chão, retorcendo-se como uma centopéia ferida.

Mais ruído de pegadas que corriam. Logo que teve tempo de levantar o mosquete antes de que as matas se abrissem uma vez mais. Era Joe Hobson, o sogro do Fowles, com o mosquete preparado.

- Detenha! –Jamie, escondido depois da arma, apontou a boca para o peito do homem.

- O que lhe tem feito? –Seus olhos foram do Jamie ao genro e voltaram.

- Nada definitivo. Baixa a arma, quer?

Hobson não se moveu. Estava sujo e com a barba enchente, mas seu olhar era vivaz e alerta.

- Não quero te fazer danifico. Baixa isso!

- Não nos deixaremos capturar –disse Hobson.

- Já estão capturados, estúpido. Mas não se preocupe, que nem você nem o moço sofrerão dano algum. está-se mais seguro no cárcere que aqui, homem!

Um estrondo sibilante confirmou essa afirmação: algo voou por entre as árvores, um par de metros mais acima, rompendo os ramos a seu passo. “Bala de cadeia”, pensou Jamie automaticamente, enquanto se agachava por reflexo, com as vísceras crispadas.

Hobson deu um coice de terror e girou o canhão de seu mosquete para o Jamie. Imediatamente saltou outra vez, com os olhos dilatados pela surpresa: uma mancha vermelha floresceu lentamente em seu peito. Ele se olhou com ar desconcertado; o canhão de sua pistola descendeu como caule murcho. Logo deixou cair a arma, sentou-se bruscamente e, apoiando as costas contra uma árvore cansada, morreu.

Jamie girou sobre seus talões, ainda agachado. Geordie Chisholm

estava atrás dele, com a cara médio enegrecida pela fumaça de seu disparo.

ouviu-se novamente o trovejar da artilharia e um segundo projétil atravessou a ramagem, até cair a pouca distancia com um golpe seco, que Jamie percebeu através das reveste. Então se arrojou de barriga para baixo para arrastar-se para o Hugh Fowles, que se tinha incorporado sobre mãos e joelhos e estava vomitando.

Ele o aferrou do braço e atirou com força, sem emprestar atenção ao atoleiro de vômito.

- Vêem! –Agarrado pela cintura e um ombro, arrastou-o para o refúgio do bosquecillo- . Geordie! Geordie, me ajude!

Ali estava Chisholm. Entre ambos puseram ao Fowles de pé e, médio em velo, médio a rastros, levaram-no com eles, tropeçando em sua carreira.

À esquerda alguém surgiu entre os arbustos. Jamie levava a arma na mão esquerda; elevou-a por reflexo e disparou. Cruzou a tropicões sua própria fumaça, enquanto o homem contra quem tinha disparado punha-se a correr sem tino, chocando-se com as árvores.

Fowles já podia manter-se em pé; Jamie lhe soltou o braço, deixando que Geordie carregasse com ele, e cravou um joelho em terra. Procurou às cegas a pólvora e o projétil, rasgou o cartucho com os dentes e a verteu dentro, introduziu a carga a fundo, encheu a cazoleta, verificou o pederneira... Ao levantar o canhão mostrou os dentes, consciente pela metade do que fazia. Três homens se aproximavam para eles. Apontou ao primeiro. Com um último resto de consciência, disparou por cima de suas cabeças e o mosquete recuou em suas mãos. Os homens se detiveram; ele baixou a arma, desenvainó a adaga e carregou contra eles, entre uivos.

As palavras lhe queimavam a garganta, já irritada pela fumaça.

- Corram!

viu-se como de longe. E pensou que estava fazendo quão mesmo com o Hugh Fowles. E lhe tinha parecido uma estupidez.

- Corram!

Os homens se dispersaram como perdizes em vôo. Como teria podido fazer um lobo, ele se lançou depois do mais lento. O homem ao que perseguia olhou para trás e, com um alarido de terror, chocou-se contra uma árvore. Jamie se jogou sobre sua presa; ao aterrissar contra suas costas sentiu o rangido elástico das costelas sob seus joelhos. Agarrou-o dos cabelos e atirou para lhe levantar a cabeça. Teve que conter-se para não cortar o pescoço nu que tinha ante si, estirado e indefeso. Podia sentir o impacto da folha na carne, o calor do sangue ao brotar. E o desejava.

Tragou o ar a grandes baforadas, ofegante. Com muita lentidão apartou a faca do pulso acelerado.

- É meu prisioneiro –disse.

O homem o olhou sem compreender. Chorava; as lágrimas riscavam sulcos no pó de sua cara. Tentou falar entre soluços, mas nessa posição não podia agarrar fôlego para formar as palavras. Jamie caiu na conta de que tinha falado em gaélico: o homem não compreendia.

Afrouxou lentamente o punho e se obrigou a lhe soltar a cabeça. Procurou provas as palavras inglesas, sepultadas sob a sede de sangue que palpitava em seu cérebro.

- É... meu... prisioneiro –balbuciou por fim, ofegando entre uma

palavra e outra.

- Sim, sim! Como quero, mas não me mate, por favor, não me mate. –O homem se acurrucaba debaixo dele.

apartou-se lentamente de seu prisioneiro para ajoelhar-se junto ao corpo tendido. de repente sentiu uma ternura para esse homem. Alargou a mão para tocá-lo, mas ao sentimento lhe seguiu uma sensação de horror, igualmente repentina, que desapareceu com a mesma prontidão.

- te levante. –Tremiam-lhe as mãos. Teve que fazer três intentos para embainhar a adaga.

- Ciamar a tha thu, MAC Dubh? –Ronnie Sinclair estava a seu lado e lhe perguntava se estava bem.

Assentiu com a cabeça e deu um passo atrás, enquanto Sinclair ajudava ao homem a levantar-se e o obrigava a que desse a volta a sua jaqueta. Os outros foram chegando: Geordie, os Lindsay, Gallegher se amontoavam em torno dele, como imagens de ferro atraídas por uma parte de ímã.

Os outros também tinham feito prisioneiros: seis em total. Entre eles estava Fowles, pálido e miserável.

Jamie já sentia a mente limpa, embora seu corpo seguisse lasso e pesado.

- Pergunta se tiverem visto o MacKenzie –disse ao Kenny Lindsay em gaélico, fazendo um pequeno gesto aos prisioneiros.

Entre os que conheciam o Roger MacKenzie, ninguém o tinha visto. Jamie fez um gesto afirmativo e se limpou com a manga os restos de suor.

- Haja ou não retornado são e salvo, o que vós tinham que fazer, têm-no feito muito bem, moços. Agora, vamos.

66

Um sacrifício necessário

Aquela mesma noite enterraram aos mortos com honras militares. Três proscritos capturados na batalha foram enforcados diante do exército. Isso brindou grande satisfação aos homens e, nesse momento, foi um sacrifício necessário para apaziguar as falações das tropas, quem solicitava que se fizesse imediatamente justiça pública contra alguns proscritos agarrados durante a ação, pela que se arriscaram a tantos perigos e sofrido tanta perda de vidas e sangue.

“Jornal da expedição contra os insurgentes”,

W. Tryon

Roger atirou com força da soga que lhe rodeava as bonecas, mas só pôde afundar um pouco mais na pele esse tosco esparto. Sentia o ardor da pele raspada e uma umidade que podia ser sangue, mas tinha as mãos tão intumescidas que não estava seguro.

Estava tendido onde Buccleigh e seus amigos o tinham arrojado depois

de atar o de pés e mãos, à sombra de um tronco cansado e empapado pela água do rio. Tinham-no amordaçado com a bandeira de trégua tão pega à garganta que quase o afogava, e seu próprio corbatón em torno da boca.

A pouca distância ainda se ouviam disparos; já não eram descargas, a não ser uns quantos estalos desiguais. O ar emprestava a fumaça de pólvora; de vez em quando algo chegava assobiando entre as árvores, como um falatório sem sentido, com um tremendo rasgar de ramos e folhas. Bale em cadeia? Balas de canhão?

Uma delas tinha cansado um momento antes no ribazo, onde se afundou com uma pequena explosão de barro, interrompendo momentaneamente a briga. Um dos amigos do Buccleigh lançou um grito e pôs-se a correr, chapinhando, para o amparo das árvores; o outro, em troca, seguiu dando golpes e tapas, sem emprestar atenção aos disparos e os gritos, até que ele e Buccleigh conseguiram lhe afundar a cabeça sob a água e sujeitá-lo ali.

Por fim conseguiu incorporar-se sobre os joelhos, dobrado como um verme, mas sem atrever-se a levantar a cabeça, por medo de que a voasse algum disparo. Esfregou a cara com força contra a casca do tronco que estava médio desprendida, em um intento de arrancar a banda de tecido atado em torno de sua cabeça. Deu resultado. entupiu-se no coto de um ramo e, ao dar um puxão para cima, pôde baixar o corbatón por debaixo de seu queixo. Entre grunhidos de esforço, empurrou o lenço para fora, enganchou-o no mesmo ramo e retrocedeu; o trapo molhado saiu de sua garganta, como se fora um tragasables mas ao reverso.

Ao fim podia respirar. E agora? Os disparos continuavam. A sua esquerda ouviu o ruído de vários homens que se abriam passo entre as matas, sem que os obstáculos os detiveram.

Vários pés corriam para ele; agachou-se do tronco, bem a tempo para evitar que o esmagasse um corpo que passou catapultado sobre ele. Seu novo companheiro engatinhou até apertar-se contra o lenho; só então reparou em sua presença.

- Você! –Era Barba Negra, do acampamento do Husband. Aferrou-o pelo peitilho da camisa para aproximar-lhe Tudo isto é tua culpa! Bode!

- Solta, louco!

Só então o tipo notou que ele estava pacote e o soltou, estupefato. Roger, perdido o equilíbrio, caiu de lado e se raspou dolorosamente a cara contra a casca do tronco. Os olhos de Barba Negra, exagerados de assombro, entreabriram-se gozosamente.

- Homem, com que lhe capturaram! Pois sim que estamos de sorte! Quem te prendeu, idiota?

- É meu. –Uma voz grave, de acento escocês, anunciou a volta do William Buccleigh MacKenzie- . Como é isso de que tudo é culpa dele? A que te refere?

- A isto! –Barba Negra estirou um braço para assinalar os arredores e a batalha moribunda.

- Este condenado pico de ouro veio esta manhã ao acampamento e se levou ao Hermon Husband para lhe falar em privado. Não sei que diabos lhe disse, mas, quando acabou, Husband montou a cavalo, disse a todos que voltássemos para casa e partiu!

Barba Negra cravou no Roger um olhar fulminante e, jogando a mão atrás, esbofeteou-o com força.

- O que lhe disse, bode?

Sem guardar resposta se voltou para o Buccleigh, que os olhava a ambos com profundo interesse.

- Se Hermon se ficou conosco talvez teríamos podido resistir –clamou-. Mas que se fora desse modo nos escavou o chão sob os pés. Ninguém sabia o que fazer. E quando menos o esperava, tryon nos grita que nos rendamos. Não era algo que se pudesse fazer, certamente, mas tampouco estávamos o que se diz preparados para combater...

Ao dizer isso, vendo que Roger o observava, lhe apagou a voz ao recordar que esse homem o tinha visto fugir apavorado.

Ao outro lado do tronco se fez o silêncio; os disparos tinham cessado. Roger caiu na conta de que a batalha estava terminada e completamente perdida. O mais provável era que os milicianos invadissem muito em breve esse lugar.

- O que disse ao Husband é o que lhes digo a vós –manifestou-. O governador está decidido a esmagar esta rebelião e, por isso se vê, acaba de fazê-lo. Se lhes interessa salvar o pele... - Barba Negra, com um uivo de ira, agarrou-o pelos ombros e tentou estelar o a cabeça contra o tronco. Roger se retorceu como uma enguia, tornando-se para trás, com o que conseguiu largar-se; logo o golpeou com a frente em pleno nariz. Sentiu um satisfatório rangido de osso e cartilagem e o calor úmido do sangue contra a cara.

Era a primeira vez que aplicava a alguém “o beijo do Glasgow”, mas ao parecer surgia espontaneamente. O impacto lhe tinha deixado a boneca dolorida, mas já não importava. Só desejava que Buccleigh se aproximasse o suficiente para lhe fazer o mesmo.

O outro o olhou com uma mescla de diversão e cauteloso respeito.

- Ah, com que é homem de talento, né? Traidor, ladrão de algemas e, além disso, grande lutador, tudo no mesmo pacote, não?

Barba Negra se levantou, afogando-se no sangue do nariz rota, mas Roger não lhe emprestou atenção. Já lhe tinha espaçoso a vista e não a separava do Buccleigh; sabia qual desses dois representava a pior ameaça.

- O homem que está seguro de sua esposa não teme que algum outro a roube –disse, logo que moderada a ira pela cautela-. Eu estou seguro de minha esposa e não necessito a tua, amadain.

Buccleigh estava bronzado pelo sol e muito avermelhado pela luta, mas a suas bochechas subiu um vermelho mais escuro. Mesmo assim manteve a compostura.

- Ah!, está casado –disse, com um pequeno sorriso-. Bastante feia tem que ser sua esposa para que devas fareje a minha. Ou acaso te jogou que sua cama porque não sabia servi-la decentemente?

A pressão da corda nas bonecas recordou ao Roger que não estava em situação de intercambiar palavras fortes.

- A menos que queira deixar viúva a essa tua esposa, é hora de que vá, não? –disse. Apontou com a cabeça para o lado oposto do tronco onde ao breve silêncio seguia um rumor de vozes distantes.

- A batalha terminou e sua causa está perdida. Não sei se pensam tomar prisioneiros...

- tomaram a vários. –Buckleigh o olhou franzindo o sobrecenho obviamente indeciso.

- é melhor que vá enquanto possa –sugeri- . Sua esposa estará preocupada.

Mencionar outra vez ao Morag foi um engano. A cara do Buckleigh se obscureceu ainda mais, mas antes de que pudesse dizer nada o interrompeu a aparição da nomeada em pessoa, em companhia do homem que, momento antes tinha ajudado a amarrá-lo.

- Will! OH, Willie, está a salvo, graças a deus! Tem alguma ferida? – estava pálida e preocupada; trazia em braços a um menino pequeno.

- não se preocupe, Morag –respondeu buckleigh, resmungão- . Não sofri nenhum dano.

Deu-lhe umas palmadas afetuosas na mão e um tímido beijo na frente. Seu companheiro, sem emprestar atenção a esse tenro reencontro, açulou ao Roger com a ponteira da bota, muito interessado.

- O que faremos com isto, Buck?

Buckleigh apartou momentaneamente a atenção de sua esposa. Morag, ao ver o Roger no chão, sufocou um grito e se levou uma mão à boca.

- O que tem feito, Willie? –exclamou- . Solta-o, pela Santa Bride!

- Nada disso. É um sujo traidor. –Buckleigh apertou os lábios em uma linha carrancuda, obviamente aborrecido pelo fato de que sua esposa se fixasse no prisioneiro.

- Não, não pode ser! –Com o menino apertado contra o seio, Morag se inclinou para observar ao Roger. Ao ver o estado de suas mãos se voltou para seu marido com uma exclamação indignada- . Hill! Como pudeste tratar assim a este homem, depois do que fez por sua esposa e por seu filho?

- te largue, Morag –disse, expressando os desejos do Roger em uma linguagem menos galante- . Nem você nem o menino têm nada que fazer aqui. leve-lhe isso

Por então Barba Negra se recuperou um pouco. De pé junto ao William, olhava ao Roger com gesto carrancudo, sem soltar o nariz torcida.

- lhe cortemos o pescoço e acabemos de uma vez. –Sublinhou sua opinião com um chute às costelas do Roger.

Morag deu um grito feroz e chutou ao agressor na tibia.

- Deixe-o em paz!

Barba Negra, pego por surpresa, retrocedeu com um alarido. O outro companheiro do Buckleigh parecia encontrar todo isso mais que divertido, mas sufocou sua hilaridade ao ver que o ciumento voltava para ele um olhar horrível.

Morag estava de joelhos, com uma pequena adaga entre as mãos, tratando de cortar as ataduras do Roger com uma só mão. Por muito que ele agradecesse sua intenção, teria sido melhor que não tentasse ajudá-lo. O marido a agarrou por um braço para levantar a de um puxão. O pequeno, sobressaltado, rompeu em chiados.

- Deixa-o, Morag! –bramou Buckleigh- . Vete, vete já!

- Vete, sim! –interveio Barba Negra, jogando faíscas- . Ninguém te pediu ajuda, pequena entremetida!

- Que modo é esse de lhe falar com minha esposa! –Buckleigh girou sobre seus talões e lhe atirou um rápido golpe no estômago.

O homem caiu sentado, abrindo e fechando comicamente a boca. Roger sentiu certa pena por Barba Negra; ao parecer, não tinha mais sorte que ele mesmo com os dois MacKenzie.

O outro homem, que observava a cena com fascinação, aproveitou a oportunidade para intervir, enquanto Morag tratava de acalmar o pranto de seu bebê.

- Não sei o que pensa fazer, Buck, mas será melhor que o façamos e nos larguemos de uma vez. –Assinalou o arroio, intranquilo. A julgar pelo rumor de vozes, dali vinham vários homens. Os ouvia falar com firmeza; por ende, não podiam ser reguladores em fuga. Milicianos em busca de prisioneiros? Essa era a sincera esperança do Roger.

- Sim. –Buckleigh jogou uma olhada nessa direção e pôs uma mão no ombro de sua mulher.

- Vete, Morag. Não quero que corra perigo.

Ao perceber o sotaque de súplica em sua voz ela abrandou a expressão.

- Irei. Mas você, William Buckleigh, jurará-me não tocar nem um cabelo a este homem.

William se exagerou um pouco e apertou os punhos, mas Morag se manteve em seus treze, miúda e feroz.

- Jura-o! –disse- . Pois pela Santa Bride que não compartilharei o leito de um assassino!

Em óbvio conflito, Buckleigh olhou ao carrancudo Barba Negra; logo a seu outro amigo. O grupo de milicianos se estava aproximando. Por fim olhou a sua esposa à cara.

- Está bem, Morag –grunhiu. Logo lhe deu um pequeno tranco- . Agora vete!

- Não. –Lhe agarrou a mão. O pequeno Jemmy, superado o susto, havia-se acurrucado contra o ombro de sua mãe. Morag apoiou em seu cabecita a mão de seu pai- . Jura-o sobre a cabeça de seu filho, Will: que não fará mal a este homem nem ordenará que o matem.

Por um momento Buckleigh ficou rígido e o sangue voltou a amontoar-se em sua cara. depois de um momento de tensão fez um só gesto afirmativo.

- juro-o –disse em voz baixa. E deixou cair a mão.

Morag, tranqüilizada, afastou-se depressa.

Roger deixou escapar o fôlego que continha. William o olhava, com os verdes olhos entreabridos em reflexão, alheio a crescente agitação de seu amigo.

- Vamos, Buck! Não há tempo que perder. Dizem que Tryon pensava enforcar aos prisioneiros. E não tenho nenhum interesse em cair!

- De verdade? –murmurou Buckleigh, olhando a seu cativo aos olhos.

Por um momento Roger acreditou ver algo familiar nessas profundidades. Pelas costas lhe correu um calafrio de inquietação.

- Tem razão –disse ao William, assinalando ao outro com a cabeça- . Vete. Não te denunciarei... por respeito a sua esposa.

Buckleigh franziu um pouco os lábios, pensativo.

- não –disse ao fim- , não acredito que me denuncie. –agachou-se para recolher a suja e molhada ex-bandeira de parlamento- . Vete, Johnny. Cuida

do Morag. Vemo-nos logo.

- Mas Buck...

- Vete! Não corro perigo. –Com um vago sorriso, sem apartar os olhos do Roger, Buccleigh afundou a mão na taleguilla e extraiu um trocito de metal prateado, opaco. Com um pequeno coice, Roger reconheceu sua própria insígnia militar, com as toscas FC gravadas no disco de estanho.

William a fez saltar na mão.

- Tenho uma idéia com respeito a este mútuo amigo –disse a Barba Negra, que de repente renovava seu interesse pelos procedimentos- . Acompanha-me?

Barba Negra olhou ao Roger; logo, ao MacKenzie. Um lento sorriso começou a crescer sob seu nariz bulboso e avermelhado. Nas costas do Roger, o calafrio de intranqüilidade se transformou súbitamente em uma verdadeira descarga de medo.

- Socorro! –bramou- . Socorro, tropa! Auxílio!

Rodou e se retorceu, tratando de evitá-los, mas Barba Negra o agarrou pelos ombros, atirando dele para trás. detrás das árvores se ouviram vozes e um ruído de pés que punham-se a correr.

- Não, senhor –disse William Buccleigh, ajoelhado frente a ele. Sujeitou a mandíbula do Roger com mão de ferro, estrangulando seus chiados, e lhe espremeu as bochechas para obrigá-lo a abrir a boca- . Não acredito que você fale, por certo.

Com um ligeiro sorriso, voltou a colocar o trapo empapado pela garganta do Roger e ou sujeitou com o corbatón destroçado.

Logo se incorporou, com a insígnia de miliciano bem sujeita entre os dedos. Quando as matas se abriram, ele se voltou por volta dos recém chegados com um braço elevado em cordial saúdo.

67

Conseqüências

Sendo já as duas e meia, dispersado por completo o inimigo e com o exército a cinco milhas do acampamento, considerou-se prudente retornar a ele sem perda de tempo. ordenou-se que levassem carretas vazias para carregar aos mortos e feridos de seu bando, e inclusive a vários feridos rebeldes, quem reconheceu que, se tivessem ganho a batalha, não teriam dado quartel a não ser a quem se tivesse unido aos reguladores. Até a estes lhes brindou boa atenção e lhes enfaixaram as feridas.

“Jornal da expedição contra os insurgentes” ,

W. Tryon

Uma bala de mosquete lhe tinha destroçado o cotovelo ao David Wingate. Abri a articulação com uma incisão semicircular na cara exterior, pela que extrai a bala deformada e várias lascas de osso; mas a cartilagem estava muita prejudicada e os tendões do biceps, cortados por completo; tinha à vista o brilho prateado de um extremo, bem escondido na carne

escura do músculo.

Mordi-me o lábio inferior, estudando as possibilidades. Se deixava as coisas como estavam, o braço ficaria definitivamente inutilizado. Se conseguia ligar o tendão talhado e alinhar os extremos da articulação, talvez recuperasse parte do movimento.

Passeei a vista pelo acampamento, que agora parecia um estacionamento de ambulâncias, semeado de corpos, equipes e vendagens ensangüentadas. A maioria desses corpos se moviam, graças a Deus, embora só fora para amaldiçoar ou queixar-se. Um dos homens, gasto por seus amigos, tinha chegado morto; jazia à sombra de uma árvore, envolto em sua manta.

Em geral, quão feridas eu tinha visto eram leves, embora havia dois homens com o corpo atravessado pelos tiros. Por eles não podia fazer nada, salvo mantê-los abrigados e esperar o melhor.

Jamie não estava. depois de trazer para seus homens de volta, foi com lindsay para lhe entregar os prisioneiros ao governador... e perguntar no trajeto se havia notícias do Roger.

Os homens seguiam chegando, em grupos de um ou dois, e Bree os olhava com o coração nos olhos. Se alguém me necessitava, ela me chamaria. Decidi que tinha tempo para tentá-lo. Havia pouco que perder, além do maior sofrimento para o senhor Wingate. Perguntaria-lhe se estava disposto.

Embora suarento e pálido como a cera, mantinha-se erguido. Autorizou-me com um gesto da cabeça. Quando voltei a lhe dar a garrafa de uísque, a levou a boca com a mão livre como se contivera o elixir da vida. Chamei um homem para que lhe mantivera o braço imóvel enquanto eu operava e cortei velozmente a pele por cima da articulação do cotovelo, em forma de T investida, para deixar ao descoberto a parte inferior do bíceps, fazendo-o mais acessível. Logo pincei com o mais comprido de meus fórceps até que apareceu o robusto fio chapeado do tendão talhado e atirei dele quanto pude; quando encontrei um sítio onde aplicar a sutura, dediquei-me ao delicado trabalho de reunir os extremos cortados.

Então perdi contato com quanto me rodeava, concentrada toda minha atenção na tarefa. Tinha uma boa agulha de cirurgia e suturas de seda fervida; os pontos surgiram pequenos e pulcros: um nítido ziguezague negro que sujeitava com firmeza a malha escorregadia e brilhante. Por fim a pior parte ficou terminada e o tempo voltou a avançar. Foi possível dizer umas palavras reconfortantes ao David, que tinha suportado todo aquilo com galhardia; quando lhe disse que tinha terminado, ele fez um débil intento de sorrir, embora tinha os dentes apertados e as bochechas molhadas de lágrimas. Quando lhe lavei as feridas com álcool diluído uivou, como todos; não podiam evitá-lo, pobrecitos. Mas logo caiu para trás, tremendo, enquanto eu suturava as incisões e lhe enfaixava as feridas.

Mas isso não requeria grande habilidade nem atenção; gradualmente cobrei consciência de que alguns homens, detrás de mim, analisavam a batalha recente, cheios de elogios para com o governador Tryon.

- Você o viu? –perguntava um deles, com inquietação- . É verdade que hizó o que dizem?

- Que me arranquem as tripas e as fritem para o café da manhã se não

ser certo –replicou seu companheiro, sentencioso- . Vi-o com meus próprios olhos, sim. aproximou-se de cavalo até uns cem metros desses porcos e lhes ordenou, cara a cara, que se rendessem. Durante um minuto não houve resposta; eles meio se olhavam entre si, para ver quem falava. Por fim alguém grita que nem pensar, que não vão render se. Então o governador, carrancudo para assustar a uma tormenta, faz que seu cavalo se eleve de mãos e levanta sua espada, e logo a baixa com um grito: “ Fogo contra eles!”

- E dispararam vocês ao momento?

- Não –interveio outra voz, mais educada e em tom bastante seco- . Parece-te mau? Uma coisa é cobrar quarenta xelins por te unir à tropa; outra muito distinta disparar a sangue frio contra seus próprios conhecidos. Olhei ao outro lado e a quem vejo ali? À primo de minha esposa, sonriêndome de orelha a orelha! Olhe, não digo que esse vadio seja nosso parente favorito, mas posso ir a casa e lhe dizer a meu Rally que acabo de furar a sua primo Millard?

- Preferível isso a que o primo Millard faça o mesmo contigo –disse a primeira voz, com um sorriso audível. O terceiro homem riu.

- É verdade –reconheceu- . Mas não esperamos a que as coisas chegassem a isso. Ao ver que seus homens vacilavam, o governador ficou vermelho como o muco do peru. levantou-se sobre os estribos com a espada em alto e bramou, nos olhando a todos: “ Disparem, bodes! Disparem contra eles ou contra mim!”

O narrador pôs tanto entusiasmo em sua representação que arrancou um murmúrio de admiração entre quem o escutava.

- Esse sim que é um soldado! –disse uma voz, seguida por um rumor geral de acordo.

- então disparamos –disse o narrador, com leve encolhimento de ombros perceptível na voz- . Uma vez que começamos, não fez falta muito tempo. O primo Millard é muito veloz correndo, por isso pudemos ver. O cretino escapou.

Ante isso houve mais risadas. Sorri ao David e lhe dava umas palmadas no ombro. Ele também escutava; a conversação o distraía.

- Não, senhor –assegurou outro- . Acredito que Tryon quer assegurá-la vitória. Dizem que vai enforcar aos líderes da Regulação no campo de batalha.

- O que? –Para ouvir isso girei em redondo, com as ataduras ainda na mão.

Os homens me olharam com uma piscada de surpresa.

- Sim, senhora –disse um deles, atirando com estupidez a asa do chapéu- . Disse-me isso um tio da brigada do Lillington, que ia desfrutar de do espetáculo.

- Desfrutar –murmurou outro dos homens, fazendo o sinal da cruz-se.

- Será uma pena que enforcem ao qualquer –opinou outro, sombrio- . O velho Husband é um demônio imprimindo panfletos, mas não é um criminoso, nem tampouco James Hunter ou Ninian Hamilton.

Voltei para meu trabalho, em um intenso esforço por apagar a imagem do que, nesse momento, estaria acontecendo no campo de batalha.

Provavelmente o governador pensasse que se requeria um gesto drástico para selar sua vitória, intimidar aos superviventes e esmagar de

uma vez para sempre a mecha, por comprido tempo ardente, desse movimento perigoso.

Houve uma comoção e um ruído de cascos. Levantei a vista. junto a mim, Bree elevou bruscamente a cabeça, com o corpo tenso... era Jamie quem retornava, com o Murdo Lindsay à garupa. Os dois desmontaram. Enquanto Murdo se ocupava do Gideon, ele me aproximou imediatamente.

Pela expressão preocupada de sua cara compreendi que não tinha notícias do Roger; ele me jogou uma olhada e viu na minha a resposta a sua própria pergunta. Seus ombros se encurvaram um pouco, desalentados, mas logo voltaram a quadrar-se.

- irei revisar o campo de batalha –disse em voz baixa- . Já tenho feito circular a voz entre todas as companhias. Se o levarem a algum outro acampamento, alguém virá a nos dar aviso.

- Vou contigo. –Brianna se tirou o avental sujo e o reduziu a uma bola. Jamie assentiu.

- Sim, moça, é obvio. Mas aguarda um momento. Trarei para o Josh para que ajude a sua mãe.

- Irei a preparar os cavalos.

Segui-a com a vista enquanto se afastava cruzando o claro, recolhendo-as saias com dedos tensos. E senti que o contrapeso do medo se desprendia. Caiu como uma pedra em meu estômago.

68

Execução de ordens

Roger despertou lentamente. Não tinha idéia de onde estava nem de como tinha chegado ali, mas havia vozes, muitíssimas vozes. Percebia a juntura em que sua cabeça ia estalar pela pressão: uma banda ardente no batente de seu crânio.

Um defeito de sua vista o privava de perspectiva e o fazia ver as coisas em fragmentos: um cacho longínquo de cabeças que flutuavam como um molho de globos, um braço ondulante com um estandarte carmesim, como se o tivessem amputado de seu corpo. Vários pares de pernas que deviam estar perto... Estava acaso sentado no chão? Em efeito. Uma mosca passou zumbindo junto a sua orelha e aterrissou em seu lábio superior. Por reflito ele tentou lhe dar um tapa; só então caiu na conta de que estava acordado... e ainda pacote.

..Piscou com força e aspirou profundamente, tratando de aferrar-se a algum fio de realidade, de voltar em si. “ Enfoca –pensou- . Sujeita lhe.” Pôde captar uma palavra aqui e lá; prendeu-as com alfinetes para analisar seu significado.

- Exemplo.
- Governador.
- Corda.
- Mijar.
- Reguladores.
- Guisado.
- Enforcar.

- Hillsborough.

- Água.

“Água.” Essa tinha sentido. Ele sabia o que era a água. Queria água. Necessitava-a. Tinha a garganta seca, como se tivesse a boca cheia de... Em realidade estava cheia de algo; em um intento inconsciente de tragar, moveu a língua e lhe provocou uma arcada.

- Governador.

A palavra repetida justo em cima dele fez que levantasse a vista. Fixou a visão flutuante em uma cara. Magra, moréia, carrancuda de paixão.

- Está você seguro? –disse a cara. E ele se perguntou difusamente: “Seguro do que?” Ele não estava seguro de nada, salvo de sentir-se muito mal.

- Sim senhor –disse outra voz. E outra cara nadou até ficar à vista junto à primeira. Essa lhe pareceu conhecida; a bordeaba uma densa barba negra- . Vi-o no acampamento do Hermon Husband, falando com ele. Pergunte entre os prisioneiros, senhor. Já verá que o confirmam.

A primeira cabeça assentiu, girou a um lado e acima, para dirigir-se a alguém mais alto. Os olhos do Roger subiram, procurando. Então se sacudiu com uma exclamação afogada ao ver os olhos verdes que o olhavam de acima, indiferentes.

- É James MacQuiston –disse o homem de olhos verdes, com um gesto de confirmação- . Do Hudgin’s Ferry.

- Viram-no na batalha?

A imagem do primeiro homem já era bem clara: um tio de aspecto militar, de uns trinta e oito anos, vestido de uniforme. E outra coisa começava a esclarecer-se... James MacQuiston. Ele tinha ouvido nomear ao MacQuiston... O que...?

- Matou a um homem de minha companhia –disse Olhos Verdes, com voz rouca de ira- . Disparou-lhe a sangue frio quando jazia em terra, ferido.

O governador... Esse devia ser o governador... Tryon! Esse era seu nome! O governador assentiu, com uma ruga profundamente gravada em sua frente.

- Levem-no também, pois –disse, lhes voltando as costas- . por agora bastará com três.

Um as mãos aferraram ao Roger pelos ombros até pôr o de pé. tirou o chapéu caminhando pela metade, sustentado por dois homens vestidos de uniforme. Puxou contra eles, tratando de girar em busca de Olhos Verdes... Chifres! Como se chamava esse homem? Mas o obrigaram a partir, a tropicões, rumo a uma pequena elevação coroada por um imenso carvalho branco.

Muito homens rodeava essa elevação, mas se retiraram para abrir passo ao Roger e a seus guardiães.

“MacQuiston”, pensou, com o nome súbitamente claro na memória. Era um líder secundário da Regulação, um bagunceiro do Hudgin’s Ferry.

por que diabos Olhos Verdes...? Buccleigh! Era Buccleigh. Ao alívio de recordar o nome seguiu imediatamente o espanto de compreender que Buccleigh o tinha feito passar pelo MacQuiston. por que...?

Não teve tempo sequer de formulá-la pergunta. As últimas filas se abriram ante ele. Então viu os cavalos debaixo da árvore e os nós corrediços

que pendiam de seus ramos, sobre as cadeiras vazias.

Sujeitaram aos cavalos pela cabeça enquanto montavam aos homens. Sentiu o roce das folhas nas bochechas e as ramitas que lhe enredavam no cabelo; por instinto agachou a cabeça para proteger os olhos.

Ao outro lado do claro viu uma silhueta de mulher, médio escondida entre a multidão, com a inconfundível curva de um menino no braço.

jogou-se em um lado, com as costas arqueada, e sentiu que se escorregava. Não tinha mãos com que proteger-se. Outras mãos o sujeitaram e o devolveram a seu sítio; uma delas o golpeou com força na cara. Ele sacudiu a cabeça, com os olhos aquosos. Através do borrão de lágrimas viu que a mulher entregava sua carga a alguém e, com as saias recolhidas, punha-se a correr.

Ao outro lado do claro a criatura começava a chiar por sua mãe. A multidão tinha ficado em silêncio e os gritos do bebê se ouviam com força. O soldado moreno, montado em seu cavalo, sustentava a espada em alto. Pareceu dizer algo, mas Roger não ouviu nada: o sangue lhe rugia nos ouvidos.

Os ossos de suas mãos emitiram um estalo seco; uma linha de calor líquido lhe correu com o passar do braço: um músculo esmigalhado. A espada descendeu com um dê-lhe o de sol contra a folha. As nádegas do Roger se deslizaram por cima da garupa do animal e suas pernas ficaram pendurando, indefesas. Um puxão dilacerador...

E girava, sufocando-se, lutando por respirar. Seus dedos arranharam a corda afundada na carne. Por fim tinha as mãos livres, mas já era muito tarde: não havia sensação nelas, não podia as dirigir.

Ficou balançando-se e esperneando. De entre a multidão surgiu um longínquo rumor. Chutou, corcoveou, procurando com os pés no ar vazio, rasgando o pescoço. Esticou o peito, arqueou as costas. Só via negrume e pequenos relâmpagos que piscavam nas comissuras de seus olhos.

Então o teimoso impulso o abandonou. Sentiu que seu corpo se estirava, frouxo, procurando a terra, abraçado por um vento frio.

69

Horrível emergência

Jamie e Bree estavam quase preparados para partir. Vários dos homens se ofereceram a formar parte da partida de busca, até fatigados e sujos de fumaça como estavam. Bree se mordeu o lábio e aceitou com gratidão.

“O pequeno Josh” estava um pouco intimidado por seu novo posto de assistente de cirurgia; mas a fim de contas era moço de quadra e, como tal, estava habituado a atender a cavalos doentes.

Enquanto me lavava as mãos para saturar um corte no couro cabeludo, detectei certo distúrbio no bordo da pradaria, a minhas costas. Jamie também girou a cabeça. Imediatamente cruzou apressadamente o claro, com as sobranceiras arqueadas.

- O que acontece? –perguntei.

Uma jovem vinha para nós, em um estado lamentável e trotando com uma feia claudicação. Embora era miúda e tinha perdido um sapato, ainda corria apoiada no Murdo Lindsay, que parecia discutir com ela em plena marcha.

- Fraser –a ouvi ofegar- . Fraser!

Soltou ao Murdo para abrir-se passo entre os homens que esperavam; ao passar seus olhos foram percorrendo as caras.

- James... Fraser... Preciso... É você? –Ofegava, sem fôlego.

Jamie se adiantou para agarrá-la por um braço.

- Eu sou Jamie Fraser, moça. Busca-me ?

Ela assentiu com a cabeça; não tinha fôlego para falar. Agitou os braços, assinalando o arroio com gestos desmesurados.

- Ro... er –pronunciou- . Roger. MacKen... zie.

antes de que a última sílaba brotasse de sua boca, Brianna estava a seu lado.

- Onde está? Está ferido? –Aferrou-a por um braço.

A garota sacudiu afirmativamente a cabeça.

- Ahorc... O... estão... enforcando! O gober... nador!

Bree a soltou para correr para os cavalos. Jamie já estava ali. agachou-se sem dizer uma palavra, com as mãos cruzadas formando um estribo. Brianna pôs ali o pé e se jogou na arreios. antes de que Jamie tivesse chegado a seu cavalo, ela já estava em marcha. Mesmo assim Gideon alcançou à égua em segundos e ambas as monturas desapareceram entre os salgueiros.

Deixei a agulha e a sutura nas mãos sobressaltadas do Josh, agarrei o saco com minha equipe de emergência e corri para meu próprio cavalo.

Alcansei-os momentos depois. Como não sabíamos exatamente onde tinha Tryon seu tribunal de guerra, perdemos um tempo valioso, pois Jamie se viu obrigado a deter-se várias vezes para pedir indicações. Estas eram sempre confusas e contraditórias.

Caía a tarde. Estávamos rodeados por nuvens de pequenos mosquitos, mas Jamie não fazia nada por apartá-los. Tinha os ombros rígidos como pedra, dispostos a suportar a carga.

Tanto isso como meus próprios temores me disseram que Roger devia ter morrido.

O terreno se abriu, aplanado em uma larga pradaria. Jamie açulou ao Gideon para pô-lo ao galope e os outros cavalos o seguiram. Nossas sombras voavam como morcegos pela erva; o ruído de nossos cascos se perdia entre as vozes da multidão que enchia o campo.

Em uma elevação, no lado oposto da pradaria, elevava-se um enorme carvalho branco. Meu cavalo trocou súbitamente de direção, esquivando a um grupo de homens. Então as vi: três figuras esquemáticas que se balançavam, quebradas, na densa sombra da árvore.

Foi um mau enforcamento. A falta de tropas oficiais, Tryon não contava com a horrível e necessária habilidade de um verdugo. Fazia montar a cavalo

aos três condenados, com as cordas passadas pelos ramos da árvore; a um sinal se retiraram os cavalos para deixá-los pendurando.

Um deles tinha tido a sorte de morrer por fratura de pescoço. Vi o ângulo marcado da cabeça, a flacidez dos membros amarrados. Não era Roger.

Os outros se estrangularam lentamente. Tinham utilizado a corda que tinham à mão; era nova, sem estirar. Roger era mais alto que os outros e as pontas de seus pés tocavam o pó. Tinha conseguido soltá-las mãos e colocar os dedos sob a corda. Por um momento não pude lhe olhar a cara. Em troca desviei a vista para a da Brianna: estava mudada, totalmente imóvel, fixo cada osso, cada tendão, como na morte.

a do Jamie estava igual, mas se os olhos da Brianna tinham ficado aturdidos pela impressão, os do Jamie ardiam como buracos queimados no crânio. deteve-se um momento ante o Roger, logo se fez o sinal da cruz e disse algo em gaélico, em voz muito baixa.

- Eu o sustentarei –disse, entregando sua adaga a Brianna, sem olhá-la- . Você curta a corda, moça.

Deu um passo adiante para sujeitar o cadáver pelo meio e o levantou um pouco, para subtrair pressão a soga.

Roger gemeu. Jamie ficou paralisado, com os braços fechados em torno dele. Seus olhos voaram para mim, dilatados pelo espanto. Foi um som muito leve. Só a reação do Jamie me convenceu de que na verdade o tinha percebido. E também Brianna. Deu um salto para a corda e a cortou em silencioso frenesi.

No momento em que o corpo caía, lancei-me adiante para lhe sujeitar a cabeça entre as mãos, enquanto Jamie o baixava a terra. Estava frio, mas firme. Assim devia ser se estava vivo.

- Uma tabela –disse sem fôlego- . Uma tabela, uma porta, algo sobre o qual colocá-lo. Não devemos lhe mover o pescoço; pode o ter partido.

Jamie ficou em marcha; partiu com movimentos rígidos, mas foi apertando o passo mais e mais, enquanto deixava atrás aos grupos de familiares enfermos e aos curiosos.

Roger não parecia respirar; não havia movimentos visíveis no peito, nos lábios nem nas fossas nasais. Procurei inutilmente o pulso na boneca livre; teria sido inútil pinçar na massa torcida do pescoço. Por fim achei um pulso abdominal que pulsava fracamente, justo debaixo do esterno.

O nó corrediço estava profundamente fundo na carne; procurei freneticamente o canivete que levava no bolso. A soga era nova, de esparto cru. As fibras peludas estavam manchadas pelo sangue seca. Examinei-o vagamente, naquela remota parte de meu cérebro que ainda tinha tempo para coisas tais enquanto minhas mãos trabalhavam. As sogas novas se estiram. Os verdugos profissionais usam as suas, já estiradas e azeitadas. O esparto cru me cravou dolorosamente os dedos ao atirar e cortar.

Saltou o último fio; atirei para retirar a soga. Não me atrevia a mover a cabeça; se havia fratura nas vértebras cervicais, corria perigo de matá-lo ou deixá-lo incapacitado.

Sujeitei a mandíbula e tratei de lhe colocar os dedos na boca para liberar a de mucos e obstruções. De nada serve. A língua torcida não tinha saído, mas estorvava. Mesmo assim, o ar requer menos espaço que os dedos.

Apertei-lhe o nariz com força, aspirei duas ou três vezes tão fundo como pude e logo soprei, com a boca pega à sua.

O peito não se movia. Aspirei fundo e voltei para sopro, com a mão livre contra seu peito. Nada. Soprei outra vez. Nenhum movimento. Outra vez. Algo, mas não o suficiente. Outro sopro. O ar escapava pelos borde de minha boca. Soprei. Era como tentar inflar uma pedra. Soprei outra vez.

Vozes confusas por cima de minha cabeça. Brianna, que gritava. Jamie, junto a meu cotovelo.

- Aqui está a tabela –disse com calma- . O que devemos fazer?

- Agarra-o pelos quadris. Bree, você pelos ombros. Levantem quando eu lhes diga isso, não antes.

Movemo-lo depressa; minhas mãos sustentavam a cabeça como se fora o Santo Grial. Arranquei-me a anágua para enrolá-la, a fim de que servisse de apoio a seu pescoço. Ao movê-lo não tinha percebido nenhum rangido, mas necessitava toda a sorte disponível para outras coisas. Por teima ou puro milagre, não tinha morrido. Mas tinha passado perto de uma hora suspenso pelo pescoço; a tumefação das malhas da garganta obteria em muito pouco tempo o que a corda não tinha podido fazer.

Ignorava se dispunha de uns poucos minutos ou de uma hora, mas o processo era inevitável e só havia uma coisa que se pudesse fazer. Por essa massa de malhas esmagadas e maltratados só passavam umas quantas moléculas de ar; um pouco mais de tumefação o fecharia de tudo. Se pela boca ou o nariz não chegava ar aos pulmões, era urgente proporcionar outro canal.

Voltei-me em busca do Jamie, mas foi Brianna quem se ajoelhou a meu lado.

Uma traqueotomia? Era rápida e não requeria grande habilidade, mas resultaria difícil mantê-la aberta... e talvez não fora suficiente para aliviar a obstrução. Tinha uma mão no esterno do Roger, com o suave pulsar do coração seguro sob os dedos. Era bastante firme... possivelmente.

- Bem –disse a Brianna, tratando de me mostrar serena- . Necessitarei um pouco de ajuda.

- Sim –respondeu... e graças a Deus, ela sim parecia serena- . O que devo fazer?

Em essência não era nada difícil: Simplesmente, sustentar a cabeça do Roger bem para trás e sujeitá-la com firmeza enquanto eu lhe cortava o penetro. ajoelhou-se junto à cabeça de seu marido e fez o que eu lhe indicava. Tomei um momento, com as mãos em seu pescoço e os olhos fechados, para procurar o fraco palpitar da artéria e a massa da tireóide, um pouco mais suave. Oprimi para cima: movia-se, sim. Massageei o istmo da tireóide para tirar a de no meio, empurrando-a com força para a cabeça, e com a outra mão pressionei a folha do escalpelo contra a quarta cartilagem traqueal.

Ali tinha forma de Ou; detrás dele estava o esôfago, brando e vulnerável; não devia aprofundar muito. Senti que a pele e a fascia se separavam, fibrosas, resistentes; logo, um suave estalo ao entrar a folha. produziu-se um súbito gorgoteo e um assobio úmido: o ruído do ar aspirado através do sangue. O peito do Roger se moveu. Só então me dava conta de que ainda tinha os olhos fechados.

Tudo está bem

Abriu os olhos. Não pôde reconhecer o que estava olhando e se esforçou por entender. Palpitava-lhe a cabeça; também tinha outras dez ou doze pulsações menores, cada uma delas um fulgurante estalo de dor. Voltou a fechar os olhos, procurando o consolo da escuridão. Recordava difusamente um esforço terrível, os músculos das costelas rasgados pela luta em procura de ar. Em algum lugar de sua memória havia água, água que lhe enchia o nariz e inflava os vazios de sua roupa... Se estaria afogando? A idéia disparou uma chispada de alarme por sua mente.

Deu um coice e agitou os braços, tratando de chegar à superfície. A dor lhe atravessou o peito até lhe queimar a garganta; tratou de tossir e não pôde, tratou de aspirar e não achou ar. Golpeou contra algo duro...

Algo o sujeitou para mantê-lo quieto. Sobre ele apareceu uma cara. Brianna? O nome flutuou em sua mente como um globo de forte cor. Então seus olhos se centraram um pouco, trazendo para a vista uma cara mais dura, mais feroz. Jamie. O nome flutuava diante dele, mas de algum modo o tranquilizava.

Pressão, calidez... Uma mão lhe estreitava o braço; outra o ombro. Com força. Piscou, com a vista nublada; gradualmente se foi esclarecendo. Não sentia movimento algum de ire na boca nem no nariz; tinha a garganta fechada e ainda lhe ardia o peito, mas respirava; os músculos das costelas lhe doíam sordamente ao mover-se. Não se tinha afogado, não; doía muito.

- Está vivo -disse Jamie- . Está vivo. Está inteiro. Tudo está bem.

Examinou as palavras com uma sensação de desapego, lhe dando voltas na mente.

“ Está vivo. Está inteiro. Tudo está bem.”

Invadiu-lhe uma vaga sensação de consolo. Ao parecer, isso era tudo o que precisava saber no momento. Qualquer outra coisa podia esperar.

Uma débil faísca

- Senhora Claire? - Era Robin MacGillivray, que rondava a entrada da loja. Ao vê-lo, Claire se levantou imediatamente.

-Lá vou. - Já estava de pé, com a equipe na mão e em marcha para a porta, antes de que Brianna tivesse podido falar.

-Mamãe!

Não foi mais que um sussurro, mas o tom de pânico fez que Claire se voltasse como se tivesse pisado em uma placa giratória. Os olhos ambarinos se fixaram no Bree um momento; logo se desviaram para o Roger e retornaram a sua filha.

–Vigia sua respiração –disse–. Mantén o tubo limpo. lhe dê aguamiel, se estiver consciente e pode tragar um pouco. E toca-o. Não pode girar a cabeça para verte; precisa saber que está aqui.

–Mas... –Brianna se interrompeu, com a boca muito seca para falar.

–Precisam-me –aduziu Claire, com muita suavidade. Girou com um sussurro de saias para o Robin e desapareceu no crepúsculo.

–E eu não? –Os lábios da Brianna se moveram, mas não soube se tinha falado em voz alta ou não. Não importava; Claire se tinha ido. Estava sozinha.

sentiu-se enjoada; então caiu na conta de que estava contendo o fôlego. Deixou escapar o ar e voltou a aspirar, profunda, lentamente. disse-se, com firmeza, que sua mãe não se teria ido se houvesse perigo imediato ou se ficasse algum recurso médico por lhe aplicar. Haveria algo que ela mesma pudesse fazer?

“Toca-o. lhe fale. lhe faça saber que está com ele”. Isso lhe havia dito Claire durante os desagradáveis momentos que seguiram a essa traqueotomia improvisada.

Brianna retornou junto ao Roger, procurando em vão algum lugar onde pudesse tocá-lo sem perigo. Tinha as mãos inchadas como luvas infladas, arroxeadas e manchadas de púrpura e vermelho, quase negros os dedos esmagados; as marcas da corda eram em suas mãos tão profundas que a horrorizavam, como se pudesse ver a brancura do osso. Pareciam irreais, como uma maquiagem má para um filme de terror.

Por grotescas que parecessem, piores eram as da cara, também arroxeadas e tumefactas, com um horrendo colarinho de sanguessugas aderidas sob a mandíbula; mas ali a deformidade era mais sutil, como se algum sinistro desconhecido fingisse ser Roger.

Também suas mãos estavam pródigamente decoradas com isso parasitas. Todas as sanguessugas da zona deviam estar aderidas a ele. Por ordem do Claire, Josh tinha deslocado a pedir emprestadas as dos outros cirurgiões; logo ele e os dois moços Findlay baixaram a toda pressa a chapinhar pelos ribazos do arroio, à busca de mais.

“Vigia sua respiração.” Isso era algo que podia fazer. Apoiou-lhe uma mão leve sobre o coração, tão aliviada de encontrá-lo quente ao tato que lançou um grande suspiro. Sua respiração era tão superficial que ela retirou a mão, como se a pressão de sua palma contra o peito bastasse para detê-la. Mas estava respirando, sim; ouvia-se o ténue assobio do ar através do tubo inserido em sua garganta. Claire tinha confiscado a pipa do senhor Caswell, importada da Inglaterra; o canhão de marfim foi implacavelmente partido e lavado com álcool; ainda tinha manchas de alcatrão, mas parecia funcionar bem.

Na mão direita, dois dos dedos estavam fraturados e todas as unhas, ensangüentadas, rotas ou arrancos. Seu estado parecia tão precário que não se atrevia a tocá-lo, como se o sobressalto pudesse empurrá-lo através de algum limite invisível entre a vida e a morte. Mesmo assim compreendia a intenção de sua mãe; esse mesmo contato podia retê-lo, impedir que cruzasse esse limite e se perdesse na escuridão.

Espremeu-lhe a coxa com firmeza, tranqüilizado pelo contato sólido do comprido músculo sob a manta que lhe cobria a parte inferior do corpo. Ele

deixou escapar uma pequena exclamação, ficou tenso e voltou a relaxar-se.

–Ouve-me? –perguntou ela, com voz muito fica, inclinando-se para diante–. Aqui estou, Roger. Sou eu, Bree. Não se preocupe, não está sozinho. Sua própria voz lhe soava estranha; muito alta, rígida, torpe.

Acariciou-lhe o braço, o estreitou um poquito. Como se percebesse o contato, ele entreabriu um olho. Bree acreditou ver, como uma faísca em suas profundidades, a consciência de que ela estava a seu lado.

–Emparelhe uma versão masculina de Medusa.

Havia dito o primeiro que lhe veio à mente. Uma sobrelanceira escura se elevou apenas.

–Pelas sanguessugas –explicou ela. Tocou uma das que tinha no pescoço e o parasita se contraiu perezosamente, já médio enche–. Uma barba de serpentes. Incomodam-lhe?

Imediatamente recordou o que lhe havia dito sua mãe. Mas ele moveu os lábios, formando com óbvio esforço um silente “não”.

–Não fale. –Bree jogou uma olhada à outra cama, um pouco coibida, mas o ferido que a ocupava estava quieto, com os olhos fechados. Então se inclinou para dar um rápido beijo ao Roger. Foi apenas um roce de lábios. Ele contraiu a boca, como se queria sorrir.

Brianna teria querido lhe gritar: “O que aconteceu? Que demônios fez?” Mas ele não podia responder.

de repente a sobressaltou a fúria. Não gritou, atenta ao ir e vir da gente, mas o aferrou por um ombro, que parecia estar razoavelmente ileso.

–Por todos os Santos do Céu, como fez isto? –sussurrou-lhe ao ouvido.

Roger moveu lentamente os olhos para fixá-los nela e fez uma pequena careta, que Bree não soube interpretar. Logo o ombro começou a vibrar sob sua mão. Observou-o alguns segundos, completamente perplexa. Logo caiu na conta de que ele se estava rendo. Ria!

Gerald Forbes era um advogado de êxito, e normalmente o parecia. Até com sua equipe de campanha e a fuligem da pólvora lhe manchando a cara, conservava um ar de sólida segurança que ia muito bem como capitão de tropa. Embora esse aspecto não o tinha abandonado, lhe via intranquilo; de pé à entrada da loja, enrolava e estirava a asa do chapéu.

Ao princípio supus que era só o desassossego que afeta a tantos em presença da enfermidade, ou possivelmente desgosto pelas circunstâncias que tinha sofrido Roger. Mas evidentemente se tratava de outra coisa; logo que saudou com um gesto a Brianna, que estava sentada junto à cama de seu marido.

–Minha solidariedade em sua desgraça, senhora –disse. Logo se voltou imediatamente para o Jamie–. Senhor Fraser, permite-me uma palavra? Você também, senhora –acrescentou, inclinando-se gravemente para mim.

Na loja do Forbes, Isaiah Morton jazia de flanco, mortalmente pálido e

suado. Ainda respirava, mas devagar e com um horrível ruído como a gargarejos. Não estava consciente, o qual era uma pequena vantagem. depois de efetuar um superficial exame, sentei-me sobre os talões, me limpando o suor da cara com a prega do avental.

–Um disparo lhe atravessou o pulmão –disse.

Os dois homens assentiram, como se já soubessem.

–Dispararam-lhe pelas costas –acrescentou Jamie, em tom sombrio. E jogou uma olhada ao Forbes, que assentiu sem apartar a vista do ferido.

–Não –disse em voz baixa, em resposta a uma pergunta não formulada–. Não atuou como um covarde. E a avançada foi poda; não havia outras companhias detrás de nós.

–Nem reguladores? Franco-atiradores? Tampouco emboscadas? –perguntou Jamie.

Mas Forbes negou com a cabeça antes de que tivesse terminado com essas perguntas.

–Perseguimos a vários reguladores até o arroio, mas ali nos detivemos e os deixamos escapar. –Forbes seguia enrolando e desenrolando mecanicamente a asa do chapéu, uma e outra vez–. Não tive estômago para matá-los.

Jamie assentiu em silêncio.

–Dispararam-lhe duas vezes pelas costas –esclareci. A segunda bala só lhe tinha roçado o braço, mas a direção do sulco estava bem à vista.

Jamie fechou os olhos por um instante e voltou a abri-los.

–Os Brown –disse Jamie, com resignação.

Gerald Forbes levantou a vista, surpreso.

–Brown? Isso foi o que ele disse.

–Falou?–. Meu marido se sentou em cuclillas junto ao ferido.

–Foi quando o trouxeram. –Forbes se ajoelhou junto ao Jamie, deixando por fim o maltratado chapéu–. Perguntou por você, Fraser. E logo disse: “Avisem ao Ally. Avisem ao Ally Brown.” Disse-o várias vezes, antes de...

Assinalou com um gesto mudo ao Morton, cujos olhos semicerrados mostravam os olhos em branco da agonia.

–Seriamente crie que foram eles? –perguntei, também em voz baixa. O pulso dava tombos e se estremecia sob meu polegar, lutando.

–Fiz mal em deixá-los escapar –disse para seus adentros. referia-se ao Morton e a Alicia Brown.

–Não teria podido detê-los. –Quis tocá-lo com a mão livre para reconfortá-lo, mas não pude, pois estava pega ao pulso do Morton.

Gerald Forbes me olhava, intrigado.

–O senhor Morton... se fugiu com a filha de um homem chamado Brown expliquei delicadamente–. E os Brown não ficaram conforme.

–OH!, compreendo. –Forbes baixou a vista para o ferido–. Os Brown... Sabe você a que companhia pertencem, Fraser?

–À minha –respondeu Jamie–. Quer dizer, pertenciam. Desde que terminou a batalha não tornei a vê-los. –voltou-se para mim–. Se pode fazer algo por ele, Sassenach?

–Não. Pensei que se iria em momentos, mas ainda resiste. A bala não deve haver meio doido nenhuma artéria principal. Mesmo assim...

Jamie suspirou profundamente.

–Bem. Ficará com ele até que...?

–Sim, certamente. Pode voltar para nossa loja e ver se ali tudo está sob controle? Se Roger... enfim... se alguém me necessitar, vêm por mim.

Ele assentiu uma vez mais e se foi. Gerald Forbes se aproximou para apoiar uma mão no ombro do Morton.

–Sua esposa... me encarregarei de que receba ajuda. O dirá você, se reagir?

–Sim, é obvio –repeti. Mas minha vacilação fez que ele levantasse a vista, arqueando as sobrancelhas.

–Ê que... hum... ele tem duas algemas –expliquei-. Quando se fugiu com a Alicia Brown já estava casado. Desde aí as dificuldades com a família da moça.

–Compreendo –disse, piscando-. E a... né... a primeira senhora Morton, sabe você como se chama?

–Não, temo-me que...

–Jessie.

A palavra foi pouco mais que um suspiro, mas bem poderia ter sido um disparo, pelo efeito que teve na conversação.

–O que? –Devo ter apertado a boneca do Morton, pois ele fez uma leve careta.

–Jessie –suspirou outra vez– Jeze... bel. Jesie Hatfield. Água?

–Ag...!OH, sim! –Soltei-lhe a boneca para agarrar imediatamente a jarra de água.

–Jezebel Hatfield e Alicia Brown –disse Forbes cuidadosamente, como se apontasse os nomes em sua ordenada memore de advogado-. Correto? E onde vivem essas mulheres?

–Jessie... no Granite Falls. Ally está... no Greenboro.

Logo que respirava, ofegando entre uma palavra e outra. Mesmo assim não percebi gorgoteo de sangue em sua garganta; tampouco emanava pela boca ou o nariz. Ainda se ouvia o som do ar que entrava pela ferida das costas; em uma súbita inspiração, movi-o um pouco para diante e atirei da camisa destroçada para cima.

–Senhor Forbes, você tem uma folha de papel?

–Né... sim... Quer dizer... –De forma automática, Forbes tinha fundo a mão na jaqueta para tirar uma folha dobrada. A arrebatei e, depois de desdobrá-la, verti água sobre ela e a peguei contra o pequeno buraco aberto sob o omoplata. A tinta, mesclada com sangue, correu em pequenos fios escuros sobre a pele amarelada, mas o ruído de sucção cessou abruptamente.

Na mão com que sustentava o papel percebi o pulsar do coração. Ainda era débil, mas mais firme. Sim, era mais firme.

–Que me crucifiquem –disse, lhe inclinando para olhá-lo à cara-. Não vais morrer, verdade?

–Não, senhora –disse. Ainda respirava em curtos ofegos, mas mais fundo-. Ally. O bebê... mês próximo. Disse-lhe... que estaria... ali.

–Faremos o possível para que assim seja –lhe assegurei. Logo levantei a vista para o advogado-. Senhor Forbes, seria melhor levar a senhor Morton a minha loja. você pode trazer para um par de homens para que o transladem?

–OH! É obvio, senhora Fraser. Imediatamente.

Mas demorou para ficar em movimento. Vi que desviava a vista para a folha de papel molhado pega à costas do Morton. A observei. Só pude ler umas quantas palavras imprecisas entre meus dedos, mas bastaram para me indicar que Jamie estava equivocado ao referir-se ao Forbes como sodomita. “Minha adorada Valência”, começava a carta. Eu só sabia de uma mulher chamada Valência em toda a zona do Cross Creek; em realidade, em toda a Carolina do Norte. E essa era a esposa do Farquard Campbell.

–Lamento muitíssimo o que aconteceu com seu papel –lhe disse. Sem deixar de lhe sustentar o olhar, esfreguei cuidadosamente a palma da mão sobre a folha, com o que todas as palavras escritas nela se converteram em um borrão de sangue e tinta–. Temo que está totalmente arruinado.

Ele aspirou profundamente e se plantou o chapéu na cabeça.

–Não tem importância, senhora Fraser. Nenhuma importância. irei trazer alguns homens.

A noite trouxe alívio contra o calor e as moscas. De todos meus pacientes só ficavam Isaiah Morton e Roger; os outros feridos graves tinham sido reclamados pelos cirurgiões de suas próprias companhias ou transladados à loja do governador, que os faria atender por seu médico pessoal. Os feridos leves haviam tornado com seus companheiros, para exibir suas cicatrizes ou acalmar os dores com cerveja.

Para ouvir um bater de tambores na distância, fiquei imóvel, escutando. Tocavam uma cadência solene, que se interrompeu abruptamente. Houve um momento de silêncio; logo, o trovejar de um canhão.

Os irmãos Lindsay estavam perto; eles também tinham levantado a vista para ouvir os tambores.

–O que é isso? –perguntei-lhes, elevando a voz–. O que acontece?

–Trazem para os mortos, senhora Fraser –explicou Evan–. Não se preocupe. –Honras militares para os mortos em combate. Perguntei-me se enterrariam no mesmo lugar aos dois líderes enforcados ou se lhes atribuiria uma tumba à parte, menos honorável, no caso de que os parentes não os reclamassem. Tryon não era dos que deixam sequer a um inimigo para festim das moscas.

Ao tocar ao Isaiah Morton percebia o ardor da bala alojada em seu pulmão, mas também o ardor, ainda mais forte, de sua feroz vontade de viver apesar dela. Quando tocava ao Roger percebia o mesmo calor... mas era uma faísca débil. Enquanto escutava o assobio de sua respiração, imaginava lenha queimada, com diminutas brasas ainda acesas, mas trêmulo e ao bordo da extinção abrupta.

“Isca”, pensei absurdamente. Isso é o que faz quando o fogo ameaça apagar-se. Sopra sobre a faísca, mas também necessita isca, algo onde a faísca possa prender, algo que a alimente para que cresça.

Um ranger de rodas me arrancou da contemplação de um juncal. Era uma carreta pequena, atirada por um só cavalo e com um só condutor.

–Senhora Fraser? É você?

Demorei um momento em reconhecer a voz.

–Senhor MacLellan? –perguntei, estupefata.

Ele se deteve meu lado e se tocou o chapéu com a mão.

–O que faz você aqui? –perguntei em voz baixa, embora não havia ninguém que pudesse me ouvir.

–Vim em busca do Joe –respondeu, assinalando com um leve movimento de cabeça para a parte traseira do carro.

Não deveria me haver surpreendido, depois de ter acontecido o dia vendo morte e destruição. Além disso, minha relação com o Joe Hobson era muito superficial. Mas ignorava que tivesse morrido; me arrepiou a pele dos antebraços.

Sem dizer mais, caminhei para a parte posterior da carreta. Senti a pequena sacudida e a vibração da madeira: Abel tinha posto o freio e descia para reunir-se comigo.

O corpo não estava amortalhado, embora alguém lhe havia talher a cara com um lenço grande, não de tudo sujo.

–Esteve você no combate? –perguntei ao Abel, sem olhá-lo. Devia ter acompanhado aos reguladores, mas não cheirava a pólvora.

–Não –disse brandamente por detrás de meu ombro–. Não tinha intenção de brigar. Vim com o Joe Hobson, o senhor Hamilton e os outros, mas quando se morava o combate me afastei. Caminhei até o moinho, ao outro lado da cidade. E ao ficar o sol, como não havia sinais do Joe... retornei –concluiu simplesmente.

–E agora? –perguntei–. Quer que lhe ajudemos a enterrá-lo? Meu marido...

–OH, não! –interrompeu–. O levarei a casa, senhora Fraser. Mesmo assim lhe agradeço a amabilidade. Mas se pudesse me dar um pouco de água... ou um pouco de comida para a viagem...

–É obvio. Esper, que vou procurar provisões.

Enquanto retornava depressa à loja calculei a distância entre o Alamance e Drunkard's Spring. Quatro dias, cinco, seis? E o sol tão ardente, e as moscas... Mas como sabia o que é um escocês quando toma uma decisão, fui discutir.

Detive-me um momento para examinar aos dois homens; os dois respiravam. Tinha substituído o papel molhado que cobria a ferida do Morton por uma parte de linho azeitado, pego nos borde com mel, que constitui um excelente selo.

Brianna seguia junto ao Roger. Havia trazido um pente de madeira e lhe estava penteando o cabelo revoltado; retirava com suavidade os abrojos e as ramillas, desfazia os enredos, tudo com lenta paciência. Enquanto isso cantarolava algo pelo baixo: "Frère Jacques, Frère Jacques..."

O nó que tinha na garganta me impediu de falar. Corri fora outra vez, com o pacote sob o braço. Uma figura saiu da escuridão frente a mim e estivemos a ponto de chocar. Detive-me em seco, com o pacote apertado contra meu ombro, e lancei uma exclamação afogada.

–você perdoe, senhora Fraser. Supus que me tinha visto.

Era o governador. Deu outro passo para a luz que emanava da loja.

–Seu genro –disse, olhando para a loja–. Está...?

–Está com vida –disse uma voz baixa e grave, detrás dele.

Tryon girou em redondo com uma exclamação sufocada. Eu levantei bruscamente a cabeça. Uma sombra se moveu e tomou forma. Era Jamie,

que saía lentamente da noite.

–Senhor Fraser. –O governador, embora sobressaltado, afirmou a mandíbula e apertou os punhos nos flancos–. vim a apresentar minhas desculpas pelo dano feito a seu genro. Foi um engano extremamente lamentável.

–Extremamente lamentável –repetiu Jamie, com entonação algo irônica–. E lhe incomodaria me dizer, senhor, como se produziu esse... engano?

Deu um passo adiante e Tryon, automaticamente, retrocedeu a mesma distância. Notei que se acalorava e que apertava os dentes.

–Foi um equívoco –disse entre dentes–. Lhe identificou erroneamente como líder proscrito da Regulação.

–Quem o identificou? –A voz do Jamie soava cortês.

Nas bochechas do governador apareceram umas pequenas manchas acesas.

–Não sei. Várias pessoas. Eu não tinha motivos para duvidar da identificação.

–Já vejo. E Roger MacKenzie não disse nada em sua própria defesa? Não revelou quem era?

Os dentes do Tryon se cravaram brevemente no lábio superior.

–Né... não.

–Porque estava pacote e amordaçado, homem! –intervim–. Não lhe permitiu falar, verdade, maior... né...?

A luz da loja se refletiu no medalhão do Tryon, uma medialuna de prata que pendia de sua garganta. A mão do Jamie se elevou tão lentamente que Tryon não percebeu ameaça alguma. Com toda suavidade, fixou-se em volto do pescoço do governador, justo por cima do medalhão.

–nos deixe sozinhos, Claire –disse. Sua voz não parecia muito ameaçador, a não ser fleumática. Nos olhos do Tryon se acendeu um relâmpago de pânico. Deu um coice para trás e o medalhão cintilou.

–Não se atreva a me pôr as mãos em cima, senhor! –O pânico cedeu imediatamente, substituído por fúria.

–OH!, claro que sim. Igual a você pôs as mãos em cima de meu filho.

–Foi um engano! E vim para retificá-lo até onde me seja possível. –Tryon não cedia terreno, dente apertados e olhar fulminante.

Jamie lançou uma exclamação depreciativa.

–Um engano. Simplesmente isso é para você que um homem inocente perca a vida? Você mata e mutila por ganhar glória, sem que lhe importe a destruição que deixa atrás; só lhe interessa ampliar as crônicas de suas façanhas. Como anotará isto nos despachos que envie a Inglaterra, senhor? Dirá que apontou os canhões contra seus próprios cidadãos, quem não tinha mais arma que paus e facas? Ou dirá que sufocou a rebelião e preservou a ordem? Dirá que, em sua pressa por vingar-se, matou a um homem inocente? Dirá que cometeu “um engano”? Ou que castigou a maldade e exerceu justiça em nome do rei?

Tryon dominou o gênio, embora trêmulo e com os dentes apertados. antes de falar aspirou profundamente pelo nariz.

–Senhor Fraser: direi-lhe algo que só uns poucos sabem. Ainda não é de conhecimento público. Nomearam-me governador da colônia de Nova Iorque. A nomeação chegou faz mais de um mês. Em julho partirei para me fazer

carrego do novo posto. Em meu lugar se nomeou ao Josiah Martin. –Olhou a ambos–. Já vêem vocês: não tinha nada que ganhar nem que perder com tudo isto. Não precisava glorificar minhas façanhas, como você há dito. Fiz o que tenho feito por cumprir com meu dever. Não quis deixar esta colônia em estado de desordem e rebelião.

Aspirou profundamente e deu um passo atrás, obrigando-se a abrir os punhos que mantinha apertados.

–Você tem experiência em questões de guerra e de dever, senhor Fraser. E se for honesto, reconhecerá que freqüentemente se cometem enganos em ambos os planos. Não pode ser de outra maneira.

Sustentava o olhar do Jamie. Ambos guardaram silêncio. O pranto distante de um bebê me apartou-se essa confrontação. Voltei-me bruscamente. Nesse momento Brianna saiu da loja, detrás de mim, com uma revoada de saias agitadas.

–Jem –disse–.!Esse é Jemmy!

Era ele. Do outro lado do acampamento se aproximava um barulho de vozes, que resolveram na silhueta redonda e cheia de volantes do Phoebe Sherston; parecia assustada, mas decidida. Seguiam-na dois escravos: um homem que carregava duas enormes cestas e uma mulher, em cujos braços se retorcia um vulto que armava um terrível alvoroço.

Brianna foi para o vulto e Jemmy emergiu de entre as mantas. Mãe e filho desapareceram entre as sombras das árvores. Seguiu uma pequena confusão, enquanto a senhora Sherston explicava desarticuladamente à multidão de curiosos que se afligiu tanto... para ouvir os informe de batalha, tão terrível... e pensou que possivelmente... e então... e como o menino não deixava de chiar...

Jamie e o governador, arrancados de seu enfrentamento cara a cara, também se tinham retirado para as árvores. Tinha-os à vista: duas sombras rígidas; uma alta e a outra mais baixa, de pé, muito juntas. Mas esse tete-À-tete tinha perdido o elemento de perigo; notei que Jamie inclinava a cabeça para seu interlocutor, atento.

–... trouxe comida –me estava dizendo Phoebe Sherston–. Pão fresco, manteiga, um pouco de geléia de framboesas, frango frio e...

–Comida! –exclamei, recordando abruptamente o pacote que levava sob o braço–você Perdoe!

E me escapuli com um brilhante sorriso, deixando-a boquiaberta diante da loja.

Abel MacLennan aguardava pacientemente ali onde eu o tinha deixado. Descartou minhas desculpas com um gesto e me deu as obrigado pela comida e a jarra de cerveja.

–Há algo mais que...? –mas me interrompi. Que mais podia fazer por ele?

Entretanto, ao parecer havia algo.

–O jovem Hugh Fowles –disse–. Dizem que o fizeram prisioneiro. você crie que... seu marido poderia falar por ele? Tal como o fez por mim?

–Suponho que sim. O direi... Senhor MacLennan –disse, movida por um impulso–, aonde irá você? depois de ter levado ao Joe Hobson a sua casa, claro.

–Pois –disse–, não penso ir a nenhuma parte. Lá estão as mulheres,

não? Com o Joe morto e Hugh prisioneiro, já não há um homem com elas. Ficarei.

Logo me fez uma reverência e ficou o chapéu. Estreitei-lhe a mão, o qual foi uma surpresa para ele. Logo subiu à carreta, estalou a língua para açular ao cavalo e elevou uma mão em gero de despedida que eu imitei.

Quando retornei à loja, as coisas estavam mais ou menos tranqüilas. O governador e a senhora Sherston se foram; também os escravos. Isaiah Morton dormia, gemendo de vez em quando, mas sem febre. Roger jazia imóvel como uma figura sepulcral, negras de moretones a cara e as mãos; o débil assobio do tubo por onde respirava era um contraponto da canção com que Brianna balançava ao Jemmy.

O garotinho tinha a cara lassa e a boquilha aberta no absoluto abandono do sonho. Com súbita inspiração alarguei os braços; Bree, embora surpreendida, permitiu-me agarrá-lo. Com muito cuidado pus o cuerpecito frouxo e pesado contra o peito do Roger. Bree fez um pequeno movimento, para sujeitar ao bebê e impedir que se escorregasse, mas Roger levantou um braço, rígido e lento, e o cruzou sobre o menino dormido.

“Isca”, pensei, satisfeita.

Acampamento do Grande Alamance

Sexta-feira, 17 de maio de 1771

Gesto: Granville

Contra-senha: Oxford

O governador, impressionado com o mais afetuoso sentido de gratidão, agradece tanto aos oficiais como aos soldados do exército o vigorosos e generoso apoio que lhe emprestaram ontem na batalha perto do Alamance. A seu valor e firme conduta se deveu, sob a Providência de Deus Todo-poderoso, assinalada-a vitória obtida sobre os obstinados e caprichosos rebeldes. Sua excelência se conduze com os leais pelos bravos homens que caíram e sofreram na ação, mas ao refletir que o destino da Constituição dependia do êxito da jornada, e os importantes serviços assim emprestados a seu rei e a ou país, considera que esta perda (até se à presente causa aflição a seus parentes e amigos) é um monumento de perdurável glorifica e honra para eles e suas famílias.

Os defuntos serão sepultados às cinco desta tarde, frente ao parque de artilharia. O ofício fúnebre se celebrará com honras militares aos mortos. depois da cerimônia haverá orações e ação de obrigado pela assinalada vitória que a Divina Providência quis outorgar ontem ao exército contra os insurgentes.

SÉTIMA PARTE

Alarmes de luta e fuga

Com sua branca palidez

A senhora Sherston, com inesperada generosidade, ofereceu-nos sua hospitalidade. Instalei-me em seu grande casa do Hillsborough com a Brianna, Jemmy e meus dois pacientes; Jamie dividia seu tempo entre o Hillsborough e o acampamento dos milicianos, que se manteria no Alamance Creek até que Tryon estivesse convencido de que a Regulação estava definitivamente esmagada.

Era incapaz de alcançar com os fórceps a bala alojada no pulmão do Morton, mas não parecia lhe incomodar muito e a ferida começava a fechar de modo satisfatório.

Embora não tinha nenhuma certeza sobre a eficácia de minha pequena provisão de penicilina, parecia dar resultado; a ferida estava um pouco avermelhada e drenava um pouco, mas não havia infecção e a febre era muito pouca. além da penicilina, a presença repentina da Alicia Brown, muito avultada em seu embaraço, poucos dias depois da batalha supôs um muito importante impulso para a recuperação do Morton.

Roger era outra questão. Dormia muito, e isso teria devido ser bom sinal. Mas seu sonho, embora pesado, não era tranqüilo; havia nele algo inquietante, como se procurasse a inconsciência com um desejo feroz e, uma vez alcançada, aferrasse-se a ela com teima; isso me preocupava mais do que estava disposta a admitir.

Brianna, que tinha seu próprio tipo de empecinamiento, era a encarregada de despertá-lo cada poucas horas, para alimentá-lo e limpar o tubo da incisão. Durante esses procedimentos ele cravava a vista na distância medeia, olhando sombriamente um nada, e apenas se dava por informado dos comentários que lhe dirigiam.

Uma vez terminada a padre, fechava novamente os olhos e se recostava contra o travesseiro, com as mãos enfaixadas sobre o peito, como uma figura sepulcral, sem deixar ouvir mais sons que o suave assobiar do tubo inserido em seu pescoço.

Dois dias depois da batalha do Alamance, Jamie chegou a casa dos Sherston justo antes de jantar.

–Hoje mantive uma pequena conversação com o governador –disse–. Estava muito ocupado e não queria pensar no que aconteceu depois da batalha, mas eu não estava disposto a deixar as coisas assim.

–Não, acredito que fora um grande competidor –murmurei–. William Tryon nem sequer é escocês, muito menos um Fraser.

–Pois não. –Se desperezó com fruição–. Cristo, estou morto de fome! Há algo de comer?

–Presunto assado e bolo de batata-doce –lhe disse–. E o que disse o governador uma vez devidamente intimidado?

–OH!, várias coisas. Para começar, insisti em que me informasse em que

circunstâncias capturaram ao Roger MAC: quem o entregou e o que disse. Quero chegar ao fundo disto.

–Recordou algo quando lhe pressionou?

–Sim, algo mais. Tryon diz que quem levou cativo ao Roger MAC foram três homens; um deles tinha a insígnia da companhia Fraser; ele supôs que era um de meus, certamente. Assim diz –acrescentou com ironia.

–Sem dúvida era a insígnia do Roger –disse–. O resto de sua companhia retornou contigo. Todos, menos os Brown, e não podem ter sido eles.

Ele assentiu, desprezando a conclusão com um breve gesto.

–Sim, mas por que? Ele diz que Roger MAC estava pacote e amordaçado. Uma maneira nada honorável de tratar a um prisioneiro de guerra, fiz-lhe notar.

–E o que respondeu?

–Disse que isto não era guerra, a não ser insurreição, e que estava justificado tomar medidas sumárias. Mas capturar e enforcar a um homem sem lhe permitir dizer uma palavra em sua defesa... SE Roger MAC tivesse morrido pendurado dessa corda, Claire, juro-te que Tryon já estaria com o pescoço quebrado e comido pelos corvos.

–Não morreu nem morrerá. –Ao menos isso esperava eu, mas o disse com toda a firmeza possível.

–Pois bem. Disse que o homem identificou ao Roger MAC como James MacQuiston, um dos cabeças da Regulação. estive perguntando por esse MacQuiston –acrescentou. Enquanto falava se acalmou um pouco–. Te surpreenderia saber, Sassenach, que ninguém viu pessoalmente a esse homem?

Surpreenderia-me e o disse. Ele assentiu; o rubor ia abandonando suas bochechas.

–A mim também, mas assim é. Suas palavras aparecem publicadas nos velhos periódicos, à vista de todos, mas ninguém o viu nunca. Nem o velho Ninian, nem Hermon Husband... nenhum dos reguladores com os que pude falar, embora agora quase todos se escondem, claro –acrescentou–. Até localizei ao impressor que publicou um dos discursos do MacQuiston. Diz que o original foi deixado uma manhã na soleira, com uma fôrma de queijo e dois certificados de dinheiro da proclamação para pagar a impressão.

–Pois isso sim que é interessante –disse–. De modo que “James MacQuiston” bem pode ser um nome suposto.

–É muito provável.

Ao analisar as implicações dessa idéia, súbitamente me ocorreu uma possibilidade.

–Crie que o homem que identificou assim ao Roger possa ter sido o mesmo MacQuiston?

Jamie arqueou as sobrancelhas e fez um lento gesto afirmativo.

–E para proteger quis fazer que enforcassem ao Roger MAC em seu lugar? Ter morrido é um excelente amparo contra a detenção. Sim, é uma boa idéia... embora um pouco perversa –acrescentou juiciosamente.

–Oh!, só um pouco.

Parecia menos furioso com o perverso e fictício MacQuiston que com o governador; claro que sobre a atuação do Tryon não havia dúvidas.

–Recordava o governador como eram esses homens que levaram ao

Roger? –perguntei.

–Só de um. que tinha a insígnia. Foi o que mais falou. Diz que era um tipo loiro, muito alto e fornido. Pareceu-lhe que tinha os olhos verdes. Não reparou muito em seu aspecto, certamente, pois nesse momento tinha a mente muito ocupada. Mas ao menos recordava isso.

–Por todos os Santos do céu! –exclamei. Tinha tido uma idéia súbita–. Alto, loiro e de olhos verdes. Crie que pode ter sido Stephen Bonnet?

–Jesus! –exclamou ele–. Não me tinha ocorrido.

Tampouco a mim. O que sabia do Bonnet não parecia coincidir com a imagem dos reguladores, quase sempre homens pobres e se desesperados como Joe Hobson, Hugh Fowles e Abel MacLennan. Uns poucos eram idealistas indignados, como Husband e Hamilton. Stephen Bonnet podia ter sido, alguma vez, pobre e desesperado, mas eu tinha a razoável certeza de que não lhe teria ocorrido procurar compensação do governo por meio do protesto. Pela força sim. Matar a um juiz ou a um delegado para vingar alguma injustiça, muito possivelmente. Mas... Não, era ridículo. Se de algo estava segura com respeito ao Stephen Bonnet era de que o homem não pagava impostos.

–Não. –Jamie moveu a cabeça; ao parecer tinha chegado à mesma conclusão–. Neste assunto não há dinheiro que ganhar. Até o Tryon teve que solicitar recursos ao conde Hillsborough para costear sua tropa. E os reguladores... –Desprezou com um gesto a idéia de que eles pagassem a alguém por nada–. Embora não sei muito do Stephen Bonnet, acredito que só iria à batalha se lhe oferecessem ouro.

–Certo. Não parece possível que Bonnet pudesse ser James MacQuiston, verdade?

Pela primeira vez ele relaxou a cara, rendo.

–Não, Sassenach. Disso sim estou seguro. Stephen Bonnet não sabe ler nem escrever, além de seu nome.

–Como sabe?

–Disse-me isso Samuel Cornell. Não conhece pessoalmente ao Bonnet, mas diz que certa vez Walter Priestly veio a lhe pedir um empréstimo de dinheiro, com urgência. Isso sentiu saudades, pois o homem tem fortuna, mas Priestly lhe explicou que tinha um embarque ao chegar e devia pagá-lo em ouro; conforme disse, que o trazia não aceitava recibos de mercadoria em depósito, dinheiro da proclamação nem letras de mudança. Para ele só servia o ouro.

–Sim, isso soa ao Bonnet. E falando de ouro... É possível que Bonnet estivesse no Alamance por acaso? Caminho do River Run, talvez?

Ele refletiu um momento, mas finalmente negou com a cabeça.

–Não foi uma batalha importante, Sassenach, dessas em que pode verte envolto e miserável sem te dar conta. Os exércitos estiveram frente a frente durante mais de dois dias; as linhas de sentinelas tinham mais buracos que uma rede de pesca; qualquer poderia ter abandonado o lugar ou dado um rodeio para evitá-lo. E Alamance não está perto do River Run. Não: quem quer que tenha sido o que quis matar ao Roger, estava ali por conta própria.

depois do jantar subi com o Jamie para ver como estava Roger. Jamie

esperou a que eu avaliasse seu pulso e sua respiração. Logo, a meu sinal, sentou-se junto à cama.

–Sabe quem eram os homens que lhe denunciaram? –perguntou sem preâmbulos.

Roger assentiu com lentidão e mostrou um dedo em alto.

–Um deles. Quantos eram?

Três dedos. Concordava com as lembranças do Tryon.

–Eram reguladores?

Um gesto afirmativo. Jamie me olhou. Logo, outra vez ao Roger.

–Não era Stephen Bonnet?

Ele se incorporou bruscamente, boquiaberto, e deu um tapa ao tubo em um vão intento por falar. Logo sacudiu violentamente a cabeça.

Eu o aferrei pelo ombro e sujeitei o tubo, que a violência de seus movimentos havia medeio tirado da incisão. Roger pareceu não dar-se conta; seus olhos estavam cravados nos do Jamie e sua boca se movia com urgência, formulando mudas perguntas.

–Não, não. SE não o viu é porque não estive ali. –Jamie o colheu com firmeza pelo outro ombro para me ajudar a deitá-lo-. É que Tryon há dito que te traiu um homem alto e loiro, provavelmente de olhos verdes. Pensamos que possivelmente...

Ante isso Roger se relaxou. Negou outra vez com a cabeça e Jamie insistiu:

–Mas conhece homem. Tinha-o visto antes?

Ele apartou o olhar, fez um gesto afirmativo e se encolheu de ombros. Parecia de uma vez irritado e indefeso. Ao notar que sua respiração se acelerava, sibilante no tubo de âmbar, pigarreei significativamente, com o sobreceño franzido. Roger estava fora de perigo, no momento, mas isso não significava que estivesse bem.

Jamie não me emprestou atenção. antes de subir, tinha pego a caixa de desenho do Bree. Pô-la no regaço do Roger, com uma folha de papel em cima, e lhe ofereceu um dos lápis-carvões.

–Quer provar outra vez?

Tinha tratado várias vezes de que Roger se comunicasse por escrito, mas suas mãos estavam muito torcidas para sujeitar uma pluma. Ele apertou os lábios um momento, mas fechou torpemente a mão em torno do lápis-carvão.

Enrugou a frente, para concentrar-se, e começou a rabiscar algo lentamente. Jamie o observava com atenção, sustentando o papel com as duas mãos para que não se escorregasse.

A barra de carvão se partiu em dois e seus fragmentos caíram ao chão. Enquanto eu ia recolher os, Jamie se inclinou sobre a folha manchada. Havia uma escancarada W, logo uma M, um espaço e um torpe MAC.

–William? –Olhou ao Roger, pedindo verificação. Nos maçãs do rosto do doente brilhava o suor, mas assentiu muito brevemente.

–William MAC –disse, espiando sobre o ombro do Jamie-. Foi um escocês.... ou ao menos alguém de sobrenome escocês?

Roger apertou um punho e se golpeou o peito, uma e outra vez, modulando uma palavra com os lábios. Por uma vez fui mais rápida que Jamie.

–MacKenzie? –perguntei.

Minha recompensa foi um veloz brilho de olhos verdes e um gesto afirmativo.

–MacKenzie. William MacKenzie. –Jamie, com o sobrecenho enrugado, revisava obviamente sua lista mental de nomes e caras, mas nenhuma coincidia.

Eu observava ao Roger. Sua cara também começava a parecer mais normal. Pareceu-me ver algo estranho em sua expressão. Em seus olhos li dor física, impotência e frustração por sua incapacidade de revelar ao Jamie o que desejava saber, mas também algo mais. Ira, sem dúvida, e também um pouco parecido ao desconcerto.

–Conhece algum William MacKenzie? –perguntei ao Jamie.

–Sim, a quatro ou cinco. Em Escócia. Aqui, nenhum. E tampouco...

À palavra “Escócia” Roger levantou abruptamente uma mão. Jamie se interrompeu, atento à cara do Roger como um cão pointer.

–Escócia –repetiu–. Algo sobre Escócia? O homem é imigrante novo?

Roger sacudiu violentamente a cabeça, mas imediatamente se deteve com uma careta de dor. Durante um momento, fechou os olhos com força; ao abri-los alargou uma mão insistente para as partes de lápis-carvão que eu tinha na mão.

Teve que tentá-lo várias vezes; ao terminar jazia contra o travesseiro, exausto. O resultado de seu esforço era impreciso e escancarado, mas li o nome com clareza.

“Dougal”, dizia. A expressão interessada do Jamie se agudizou até converter-se em um pouco parecido à cautela.

–Dougal –repetiu cuidadosamente. Também conhecia vários Dougal, alguns dos quais residiam na Carolina do Norte–. Dougal Chisholm? Dougal Ou’Neill?

Roger moveu a cabeça; o tubo assobiou com sua exalação. Logo levantou a mão para assinalar enfaticamente ao Jamie com os dedos entalados. Como a única resposta fora um olhar de incompreensão, procurou provas a parte de lápis-carvão, mas este rodou pela caixa de desenho até cair ao chão.

Tinha os dedos sujos de pó de carvão. Com uma careta de dor, apertou a gema do anular contra a página e, mediante o recurso de utilizar todos os dedos por turnos, produziu um fantasmal gancho de ferro, que disparou uma pequena descarga elétrica da base de minha coluna.

“Geillie”, dizia.

Jamie olhou esse nome um momento. Logo se fez o sinal da cruz, estremecido.

–O filho que Dougal teve com o Geillis Duncan –disse Jamie, girando para ele com a incredulidade escrita na cara–. Acredito que o chamaram William. Refere a ele? Está seguro?

Um breve assentimento. Roger fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, um dedo entalado se elevou, vacilante, para assinalar seu próprio olho: um verde claro e intenso, da cor do musgo.

A revelação da identidade do William Buccleigh MacKenzie não alterou o desejo do Jamie por achar a esse homem, mas sim sua intenção de matá-lo

assim que o achasse.

Brianna, chamada a meu quarto para uma consulta, entrou com seu avental de pintura, trazendo um forte aroma de terebintina e azeite de linho.

–Sim –disse–. ouvi falar dele. William Buccleigh MacKenzie. O menino trocado.

–O que? –As sobrancelhas do Jamie subiram para a linha do cabelo.

–Assim o chamava eu –disse–. Quando vi a árvore genealógica do Roger e caí na conta de quem devia ser William Buccleigh MacKenzie. Dougal entregou o menino ao William e Sarah MacKenzie, recorda? E eles lhe puseram o nome do filho que tinham perdido dois meses antes.

–Roger mencionou que tinha visto o William MacKenzie e a sua esposa a bordo do Gloriana, na viagem entre Escócia e Carolina do Norte –explicou Bree–. Mas demorou para compreender quem era e não teve oportunidade de falar com ele. De modo que esse William está aqui. Mas por que diabo quis matar ao Roger... e por que dessa maneira?

–É o filho de uma bruxa –especificou Jamie, como se com isso bastasse.

–Também me acreditavam bruxa –lhe recordei com certa aspereza.

Isso provocou um olhar de soslaio e uma curva de sua boca.

–É certo –disse–. Pois bem, suponho que será necessário esperar enquanto investigo. E saber o nome é útil. Mandarei reflexo ao Duncan e ao Farquard. Mas o que farei quando o encontrar? Embora seja filho de uma bruxa, não posso matar a alguém de meu próprio sangue. depois do Dougal... –Se conteve a tempo e dissimulou com uma tosse–. Quero dizer, depois de tudo, é o filho do Dougal. minha primo...

Compreendi o que tinha querido dizer. Quatro pessoas sabiam o acontecido aquela noite, no apartamento de cobertura do Culloden House, em vésperas daquela longínqua batalha. Uma delas tinha morrido; outra desapareceu no tumulto da Sublevação e era muito provável que também tivesse morrido. Só ficava eu como testemunha do sangue do Dougal e a mão que a tinha derramado. Pouco importava que crímenes tivesse cometido William Buccleigh MacKenzie, a memória de seu pai impediria que Jamie o matasse.

–Pensava matá-lo? antes de averiguar quem era?

–Roger MAC é seu marido, filho varão de minha casa –disse, muito sério–. Devo vingá-lo, é obvio.

–Bem –disse–. Quando achar ao William Buccleigh MacKenzie, quero me inteirar.

Brianna estendeu um emplastro de betume de pintura verde e o mesclou ao grande manchón cinza claro que tinha criado. Logo vacilou um momento, inclinando a paleta por volta de um e outro lado à luz da janela, para apreciar a cor formada, e acrescentou um toque de cobalto ao outro lado do manchón, produzindo uma variedade de tons sutis que foram do cinza azulado ao esverdeado, tão tênues que se requeria os olhos de um entendido para distingui-los do branco.

Com um dos pincéis curtos e grossos, aplicou isso cinzas ao tecido, trabalhando a curva da mandíbula com diminutas pinceladas superpuestas. Sim, assim estava bem: pálido como a porcelana, mas com uma sombra

vívda debaixo... um pouco de uma vez delicado e terrestre.

Pintava com uma profunda concentração que a isolava de quanto a rodeava, absorta na dobro visão do artista, comparando a imagem em evolução com a que tinha inmutavelmente gravada na memória. Não porque tivesse sido a primeira vez que via um morto. Seu pai, Frank, tinha sido velado com o ataúde aberto. E também tinha ido aos velórios de velhos amigos da família. Mas as cores que aplicavam os artistas embalsamadores eram toscos, quase brutais em comparação com os de um cadáver fresco. O contraste a tinha deixado estupefata.

Do corredor lhe chegaram vozes desconhecidas, mas se dirigiam ao salão. Já tranqüila, agarrou novamente o pincel grosso.

Invocou novamente sua imagem mental: o morto no Alamance sob a árvore, perto do improvisado hospital de campanha de sua mãe. Não lhe tinha ocorrido perguntar pelo nome do defunto. Acaso era falta de sensibilidade? Provavelmente; o fato era que toda sua sensibilidade tinha estado, por então, dedicada a outra coisa... e ainda era assim. Não obstante, fechou os olhos para rezar uma rápida oração pela alma de seu involuntário modelo.

Ao abrir os olhos viu que a luz se perdia. Então rasqueteó a paleta e começou a limpar os pincéis; lentamente, a contra gosto, saía de seu trabalho para retornar ao mundo.

Ao Jem já teriam dado o jantar e seu banho, mas se negava a deitar-se se ela não o amamentava e o balançava até dormi-lo. Daria-lhe de mamar, deitaria-o e logo iria à cozinha a por seu jantar atrasado. Não tinha comido com os outros para aproveitar a luz vespertina. Depois subiria para ver o Roger.

Nesse momento Phoebe Sherston apareceu a touca pela porta.

–Ah, querida, estava aqui! Não baixaria um momento ao salão? O matrimônio Wilbur morre por te conhecer.

–Né... pois sim, é obvio –disse Brianna, com toda a gentileza que pôde. Logo assinalou com um gesto o avental manchado de pintura–. me Dê um momento para me trocar.

Obviamente, a senhora Sherston queria exhibir a seu dócil artista com disfarce e tudo.

–Não, não te incomode por isso. Esta reunião é muito singela. A ninguém importará.

–Bem, mas necessito um minuto para deitar ao Jem.

A proprietária da casa fez uma careta com a boca; não entendia por que suas pulseiras não podiam fazer-se carregado desse menino. Mas Brianna já lhe tinha expresso sua opinião a respeito e teve a prudência de não insistir.

Brianna encontrou a seus pais no salão, com os Wilbur, que resultaram ser um amável casal entrada em anos. Ao aparecer ela fizeram os devidos dramalhões, insistiram cortesmente em ver o retrato; expressaram profunda admiração tanto pelo tema como pela pintora e, em geral, comportaram-se com tanta amabilidade que ela se foi tranqüilizando.

Quando estava a ponto de desculpar-se, o senhor Wilbur aproveitou uma pausa na conversação para voltar-se para ela com um sorriso benévolo.

–Tenho entendido que corresponde felicitá-la por sua boa sorte, senhora MacKenzie.

–Né? Ah... obrigado –disse ela, sem saber por que a felicitavam. Olhou a sua mãe, procurando alguma pista.

Claire fez uma pequena careta e se voltou para o Jamie. Ele tossiu.

–O governador Tryon outorgou a seu marido cinco mil acres de terra – disse em tom sereno, quase desanimado.

–De verdade? –Bree ficou momentaneamente desconcertada–. O que...? por que?

–Como compensação –disse sua mãe, seca, olhando a seu marido.

Então Brianna compreendeu: ninguém cometeria a estupidez de mencionar abertamente o enforcamento accidental do Roger, mas era um episódio muito sensacional como para não ter circulado por toda a sociedade do Hillsborough. de repente caiu na conta de que talvez não fora por pura amabilidade que a senhora Sherston tinha convidado a seus pais e ao Roger. A notoriedade de ter como hóspede ao próprio enforcado concentraria a atenção do Hillsborough nos Sherston, de uma maneira muito lhe gratifiquem. Era até melhor que fazer-se pintar um retrato nada convencional.

–Confio que seu marido esteja muito melhor, querida. –A senhora Wilbur, com muito tato, cobriu o buraco na conversação–. Nos causar pena muito saber o de suas lesões.

–Sim, está muito melhor, obrigado –disse ela, com o sorriso mais breve que a cortesia autorizava. Logo se voltou novamente para seu pai–. Sabe Roger? O da outorga de terras?

Ele apartou a vista, pigarreando.

–Não. Supus que quereria dizer-lhe você.

A primeira reação da moça foi de gratidão: teria algo para lhe dizer a seu marido. Era muito incômodo, isso de falar com alguém que não podia te responder. Ela passava todo o dia acumulando temas de conversação, pequenas idéias ou acontecimentos que pudesse converter em relatos quando o visse. Mas a provisão de contos se acabava muito logo e a deixava sentada junto ao leito, à busca de temas inócuos.

Sua segunda reação foi chateio. Não podia seu pai dizer-lhe em privado, em vez de expor os assuntos familiares ante completos desconhecidos? Logo captou o sutil intercâmbio de olhares entre seus pais; então caiu na conta de que Claire acabava de fazer essa mesma pergunta ao Jamie, embora em silêncio, e ele tinha respondido com um muito breve desvio da vista para o senhor Wilbur e a proprietária da casa, antes de baixar as largas pestanas avermelhadas.

“É melhor dizer a verdade ante testemunhas respeitáveis –dizia sua expressão–, antes de que as intrigas se disseminem por conta própria.”

Não lhe importava muito sua própria reputação, mas conhecia as realidades sociais o bastante bem para compreender que um escândalo podia prejudicar muito a seu pai. Por exemplo: se começava a rondar por aí um falso relatório que, em realidade, Roger tinha sido um dos cabeças da Regulação, a lealdade do mesmo Jamie cairia sob suspeita.

Seu pai ocupava uma posição proeminente, mas não tão segura para resistir os efeitos corrosivos do rumor e a suspeita. Ela e Roger o tinham discutido mais de uma vez na intimidade; as linhas de fratura já estavam ali, bastante óbvias para quem soubesse o que se morava; as tensões que se

aprofundariam até abrir o abismo e separar da Inglaterra às colônias.

SE a tensão crescia muito às pressas ou se tornava muito grande, se os fios entre a Colina do Fraser e o resto da colônia se desgastavam muito... podiam romper-se; os extremos pegajosos se fechariam em um grosso casulo em volta de sua família, deixando-os suspensos por um fio, sós e presa daqueles que lhes chupariam o sangue.

“Esta noite está morbosa”, disse-se, agriamente divertida ante as imagens escolhidas por sua mente. Provavelmente era o efeito de pintar a morte.

Nem os Wilbur nem os Sherston pareceram reparar em seu estado de ânimo. Sua mãe, em troca, jogou-lhe um olhar largo e reflexivo, embora não disse nada. depois de intercambiar com os visitantes algumas frases gentis, Bree se desculpou.

No quarto do Roger havia luz. Brianna foi para ali, esquecendo a comida ante um apetite maior por seu contato.

Uma pulseira cabeceava no rincão, com as mãos frouxas no regaço, sobre o trabalho de ponto. Ao abri-la porta deu um coice e piscou com ar culpado.

Imediatamente Bree olhou para a cama, mas tudo estava bem: aí estava o vaio da respiração do Roger. Despediu-se da mulher com um gesto. Roger jazia de costas, com os olhos fechados e o lençol bem estirado sobre os ângulos marcados de seu corpo. “Está muito magro –se disse ela–. Como pôde emagrecer tanto em tão pouco tempo?” Embora não podia tragar mais que umas quantas colheradas de sopa e o caldo de penicilina que preparava Claire, não era possível que se consumisse tanto em só dois ou três dias.

Logo caiu na conta de que devia ter emagrecido antes, pelas tensões da campanha; também seus pais tinham perdido peso. O horrível inchaço de suas facções tinha dissimulado o proeminente de seus ossos.

Aspirou fundo ao precaver-se de que a janela desse quarto também estava fechada; o suor lhe corria pela parte baixa das costas, escorrendo-se desagradavelmente pela fenda entre as nádegas.

O ruído do marco corrediço despertou ao Roger, que girou a cabeça no travesseiro. Ao vê-la sorriu apenas.

–Como está? –perguntou ela em voz baixa.

Ele encolheu um pouco um ombro, mas modulou com os lábios um silente “Bem”.

–Faz um calor espantoso, verdade?

Bree assinalou a janela; o ar que entrava era quente, mas ao menos se movia. Com um gesto afirmativo, ele se atirou do pescoço da camisa com uma mão enfaixada. Ela captou a insinuação e o desatou para abrir-lhe até onde pôde, lhe expondo o peito à brisa.

Na mesinha havia uma tigela coberta com um caldo de carne frio, condimentado com penicilina; a um lado, uma taça de chá adoçado com mel. Agarrou a colher e fez gesto inquisitivo. Ele fez uma leve careta, mas assinalou o caldo. Bree se sentou no tamborete, com a tigela na mão.

Embora devia estar atenta a sua boca para guiar a colher, sentiu que seus olhos a observavam. Teria querido olhá-los, mas quase tinha medo do que podia encontrar nessas Honduras verdes: seria o Roger que ela conhecia ou o desconhecido silencioso, o enforcado?

–Ah!, quase o esquecia. –interrompeu-se em meio de uma descrição dos Wilbur. Não o tinha esquecido, mas tampouco queria lhe soltar a notícia sem razão–. Esta tarde papai falou com o governador. Tryon te outorgará umas terras. Cinco mil acres.

Enquanto o dizia captou o absurdo daquilo: cinco mil acres de páramo em troca de uma vida quase destruída.

Ele franziu o sobrecenho, em algo que parecia desconcerto; logo moveu a cabeça e se recostou novamente contra o travesseiro, com os olhos fechados. Levantou as mãos e as deixou cair, como se aquilo fora muito para pensá-lo. Talvez tinha razão.

Bree o contemplou em silêncio durante um momento, mas ele já não voltou a abrir os olhos. Havia profundas rugas ali onde se uniam as sobrancelhas. Movida pela necessidade de tocá-lo, de franquear essa barreira de silêncio, riscou a sombra do cardeal que obscurecia o maçã do rosto, roçando apenas a pele.

Roger abriu os olhos e os fixou em sua cara, impassível a expressão. Bree, consciente de sua expressão preocupada, esforçou-se por sorrir.

–Não parece morto –disse.

Isso rompeu a fachada impassível; as sobrancelhas se curvaram para cima e aos olhos apareceu uma tênue faísca de humor.

–Roger.... –A falta de palavras se moveu para ele, impulsiva. Ele ficou algo rígido, encolhendo instintivamente os ombros para proteger o frágil tubo da garganta. Bree lhe rodeou os ombros com um braço; pôs muita cautela, mas necessitava desesperadamente Te senti-lo amo –sussurrou. E lhe estreitou o braço, insistindo-o a lhe acreditar.

Beijou-o. Seus lábios estavam quentes e secos; apesar da familiaridade, experimentou certa impressão. Não havia ar que se movesse contra a bochecha, nem fôlego quente que a tocasse. Era como beijar uma máscara. Desde profundidades secretas dos pulmões, uma corrente úmida vaiava no tubo de âmbar e roçava o pescoço do Bree, como a exalação de uma caverna. Lhe arrepiou a pele dos braços. Deu um passo atrás, com a esperança de que nem a impressão nem o rechaço de lhe refletissem no rosto.

Ele tinha fechado os olhos com força e tinha os dentes apertados; a sombra se movia em sua mandíbula.

–Que... descanse –conseguiu dizer, com voz trêmula–. Até... até manhã.

Passaram dez dias antes de que o retrato do Penelope Sherston ficasse terminado a seu gosto. Para então, tanto Isaiah Morton como Roger estavam a bastante reposições para viajar. Dado o iminente naciemento da vergôntea Morton e o perigo que corria seu pai se se aproximava do Granite Falls ou ao Brownsville, Jamie fez acertos para que ele e Alicia se alojassem em casa do cervezero dos Sherston; Isaiah lhe serviria de carreteiro assim que sua saúde o permitisse.

Morton tinha revivido espetacularmente com a chegada da Alicia; no curso de uma semana, pôde baixar a escada e sentar-se na cozinha, a contemplar como cão devoto enquanto ela trabalhava. Caminho à cama se deteve para fazer algum comentário sobre o retrato da senhora Sherston.

–Verdade que é igual a ela? Basta ver esse quadro para saber quem é.

Posto que a senhora Sherston tinha querido que a pintassem no papel do Salomé, ou não estava muito segura de que isso fora um completo, mas ela se ruborizou coquetamente e o agradeceu.

Em realidade Bree fazia um trabalho estupendo; retratou-a com realismo, embora favorecendo-a. O único aspecto em que tinha cedido à tentação era um detalhe sem importância: a cabeça atalho do Juan o Batista tinha um notável parecido com as facções taciturnas do governador Tryon. Mas com tanto sangue era difícil que alguém se precavesse.

Estávamos preparados para retornar a casa e todos refletíamos um inquieto entusiasmo e alívio. Todos, salvo Roger.

O jovem estava indiscutivelmente melhor, em termos puramente físicos. Voltava a mover as mãos, com exceção dos dedos fraturados, e o moretón da cara e o corpo tinha desaparecido quase completamente. O melhor de tudo era que a tumefação da garganta tinha cedido ao ponto de lhe permitir respirar pela boca e o nariz. Pude lhe retirar o tubo do pescoço e suturar a incisão.

Em termos psicológicos, eu não estava muito segura de sua recuperação. depois de lhe suturar o pescoço o ajudei a incorporar-se, limpei-lhe a cara e lhe dava um pouco de água mesclada com brandy, para que fizesse de reconstituente. depois de observá-lo atentamente enquanto bebia, apoiei os dedos em seu pescoço, apalpando com cuidado, e lhe pedi que tragasse outra vez. Avaliei com os olhos fechados o movimento da laringe, os anéis da traquéia e o grau de dano sofrido.

Ao abrir os olhos me encontrei com os seus a cinco centímetros, ainda muito abertos. Neles havia uma pergunta fria e nua como um ténpano.

–Não sei– repeti, apartando lentamente os dedos–. Quer... provar?

Ele negou com a cabeça e se levantou para aproximar-se da janela, de costas a mim, com os braços apoiados no marco. Um vago, inquieta lembrança se agitou em minha mente.

Aquilo não tinha acontecido a pleno dia a não ser em uma noite de lua, em Paris. Ao despertar do sonho tinha visto o Jamie de pé e nu, emoldurado pela janela; as cicatrizes de suas costas eram prata pálida e seu corpo reluzia de suor frio. Roger também estava suando, embora pelo calor; a camisa lhe pegava ao corpo. E suas linhas eram as mesmas: o aspecto de um homem que se tensa para enfrentar-se ao medo, que escolheu confrontar sozinho a seus demônios.

Da rua subiam algumas vozes; era Jamie, que retornava do acampamento com o Jemmy sentado ante ele, na arreios. Tinha tomado o costume de levar a menino consigo em suas saídas diárias, para que sua mãe pudesse trabalhar sem distrações.

Bree saiu para agarrar ao menino e sua voz subiu flutuando, entre risadas. Roger parecia esculpido em madeira. Lhe chamá-los era impossível, mas poderia ter golpeado o marco da janela ou fazer algum ruído para saudá-los com a mão. Mas não se moveu.

depois de um momento me levantei para sair sem fazer ruído, com um nó na garganta.

Quando Bree se levou ao Jemmy para lhe dar um banho, Jamie me contou que Tryon tinha liberado a quase todos os homens capturados durante a batalha.

–Entre eles, ao Hugh Fowles. –Deixou a um lado a jaqueta e se afrouxou o pescoço da camisa, com a cara levantada para a brisa da janela–. Eu pedi por ele... e Tryon me escutou.

–Era o menos que podia fazer –lhe disse, irritada.

Ele fez um ruído grave do fundo da garganta. Fez-me pensar no Roger, cuja laringe já não era capaz dessa peculiar expressão escocesa. A aflição deveu notar-se em minha cara, pois Jamie me tocou um braço, arqueando as sobrancelhas.

–suturei o pescoço do Roger –disse–. Já pode respirar... mas não sei se poderá falar outra vez.

Jamie fez outro de seus ruídos, esse profundo e colérico.

–Também falei com o Tryon sobre o que prometeu para o Roger MAC. Deu-me o documento da cessão de terras: cinco mil acres contíguos a meus. Seu último ato oficial como governador... virtualmente.

–O que quer dizer com isso?

–Disse que liberou a quase todos os prisioneiros? –separou-se de mim, inquieto–. A todos, menos a doze, cabeças proscritos da Regulação aos que retêm no cárcere. Ao menos, isso diz. –A ironia de sua voz era tão densa como o ar poeirento–. vai apresentá-los a julgamento dentro de um mês, com cargos de rebelião.

–E se os declaram culpados...

–Ao menos eles poderão falar antes de que os enforcem.

deteve-se diante do retrato, com o sobrececho franzido. Mas não soube se o via.

–Não ficarei presenciando isso. Hei- dito ao Tryon que devemos partir para nos ocupar de nossas colheitas e dos animais. me apoiando nessa base, deu que baixa à companhia de milicianos.

–Quando partiremos?

–Amanhã. –Tinha emprestado atenção ao retrato, sim: assinalou com sombria aprovação à cabeça boquiaberta na bandeja–. Só há um motivo para atrasar-se e acredito que agora não tem muito sentido.

–Qual?

–O filho do Dougal –respondeu, dando as costas ao retrato–. Nestes dez dias procurei ao William Buccleigh MacKenzie de ponta a ponta do condado. achei a alguns que o conheceram, mas ninguém o viu desde o Alamance. Há quem diz que abandonou definitivamente a colônia. São muitos os reguladores que fugiram. Husband, conforme dizem, levou-se a sua família a Maryland. Mas quanto ao William MacKenzie, desapareceu como uma serpente na guarida de um rato. E sua família com ele.

Nossa viagem de volta à Colina do Fraser foi muito mais rápido que o trajeto ao Alamance, em que pese a ir sempre custa acima. A companhia de milicianos se desfeito nada mais receber a baixa do governador; seus membros se dispersavam depressa para retornar a suas casas e a seus campos.

Por isso nosso grupo era muito mais reduzido: apenas duas carretas. Alguns homens que viviam perto da Colina decidiram viajar conosco: os dois moços Findlay, por exemplo, posto que no trajeto passaríamos frente à casa do sua mãe.

Joguei uma olhada dissimulada aos irmãos, que estavam ajudando a descarregar a carreta para instalar o acampamento noturno. Bons moços, embora calados. Respeitavam ao Jamie e pareciam lhe ter um respeito quase religioso, mas durante essa breve campanha tinham formado uma peculiar aliança com o Roger. Essa estranha fidelidade continuou inclusive ao debandá-la companhia.

Os dois tinham ido ao Hillsborough para visitá-lo. Levavam-lhe três maçãs tempranas, verdes e disformes, obviamente roubadas de alguma pomar alheio. Ele as tinha agradecido com um largo sorriso; antes de que eu pudesse impedir-lhe agarrou uma e lhe deu uma heróica dentada. Levava uma semana sem tragar mais que sopa; esteve a ponto de morrer engasgado, mas a tragou, asfxiado e ofegante. E os três sorriram de brinca a orelha, olhando-se sem dizer nada, com lágrimas nos olhos.

Durante a viagem, os Findlay estavam acostumados a estar perto do Roger, sempre vigilantes e preparados para saltar em sua ajuda quando as feridas das mãos lhe impediam de fazer algo. Jamie me tinha falado do Iain Mhor, o tio dos moços; obviamente, tinham muita experiência quanto a adivinhar as necessidades não expressas.

Roger se tinha recuperado com celeridade, posto que era jovem e forte; além disso, as fraturas não eram graves. Mas duas semanas era pouco para que os ossos quebrados se soldassem; eu teria preferido mantê-lo enfaixado por uma semana mais. Entretanto, como era óbvio que a restrição o irritava, o dia antes da partida lhe tinha tirado os entalados dos dedos, contra meu parecer e lhe advertindo que devia cuidar-se muito.

–|Ni te ocorra! –disse-lhe, ao ver que ia retirar da carreta um pesado saco de provisões.

Ele me olhou com uma sobrancelha em alto; logo se encolheu tranqüilamente de ombros e deu um passo atrás, para que Hugh Findlay carregasse com o saco. Assinalou as pedras que Iain Findlay trazia para rodear a fogueira; logo, ao bosque próximo. Podia recolher lenha?

–Ê obvio que não –respondi com firmeza.

Ele fez o sinal de beber e arqueou as sobrancelhas. Ir a por água?

–Não. Bastaria com que te escorregasse um cântaro e...

–Pode escrever, Sassenach? –perguntou Jamie, que se tinha detido junto à carreta e observava a cena.

–Escrever? Escrever o que? –perguntei, surpreendida.

Mas ele já tinha passado junto a mim para revolver em busca de seu maltratado portátil.

–Cartas de amor? –sugeriu, com um grande sorriso–. Ou sonetos, possivelmente? –Arrojou- o escritório dobradiça ao Roger, que o recebeu limpamente nos braços, apesar de meu chiado de protesto–. Mas talvez, antes de compor um poema épico em honra ao William Tryon, possa me relatar como foi que nosso mútuo parente tratou de te matar, não?

O jovem lhe dedicou um sorriso torcido e fez um lento gesto afirmativo.

Começou a escrever enquanto se montava o acampamento; fez uma pausa para jantar e logo retomou a tarefa. Com apenas me olhá-lo doíam as articulações dos dedos.

–Ai! Basta já disso!

Apartei a vista da frigideira que estava esfregando com um punhado de juncos e areia. Brianna estava entretida em um combate mortal com seu filho, que se arqueava para trás contra seu braço, retorcendo-se e dando patadas, em um dessas enloquecedoras rabietas ante as que até os pais mais abnegados pensam no infanticídio.

–O que te passa? –interpelou Bree, irritada. E lutou com o Jemmy até obter que se sentasse pela metade; ao parecer tratava de lhe trocar o fralda para deitá-lo.

–Tal vê não esteja cansado ainda –sugeri–. Mas já comeu, verdade’

–Sim. E pode que ele não esteja cansado, mas eu sim.

Era certo. Tinha caminhado junto à carreta a maior parte do dia, a fim de aliviar o esforço dos cavalos nas costas, cada vez mais levantadas. Também eu.

–Deixa-o aqui e vete a te lavar, quer? –propos.

O menino, erguido sobre as mãos e os joelhos, oscilava para diante e para trás, entre horríveis relinchos. Agarrei uma grande colher de madeira e a movi tentadoramente ante ele. Ao vê-la deixou de chiar e se sentou em cuclillas, suspicaz.

Adicionei à ceva uma taça de lata e a pus no chão, perto dele. Isso foi suficiente; rodou sobre o traseiro, agarrou a colher com ambas as mãos e iniciou o intento de enterrar a taça a golpes bree dirigiu um olhar de profunda gratidão e desapareceu no bosque, pelo pendente que conduzia ao pequeno arroio.

Jamie alargou um braço por cima de meu ombro para me pôr uma taça na mão e se sentou a meu lado.

—Slainte, mo nighean donn –disse com um suave sorriso, levantando sua própria taça em um brinde.

–Hum. –Fechei os olhos, inalando os fragrantos vapores–. É correto dizer slainte quando não é uísque o que bebe? –O conteúdo da taça era vinho.

–Não vejo por que não –respondeu ele, com lógica–. Ao fim e ao cabo é só um desejo de boa saúde.

–Certo, mas acredito que dizer “saúde” é um desejo mais prático que figurativo, ao menos com certo tipo de uísque; quer dizer expressas a esperança de que a pessoa com quem brinda sobreviva à experiência de bebê-lo.

Seus olhos se enrugaram em uma risada divertida.

–Ainda não matei a ninguém com o destilo, Sassenach.

–Não me referia ao teu. –Fiz uma pausa para beber outro pouco–. Ah, que rico! Pensava nesses três milicianos do regimento do coronel Ashe.

Um sentinela tinha descoberto a esses três homens bêbados perdidos, depois de ter consumido uma garrafa de algo que acontecia uísque, conseguiu Deus sabe onde. Como a companhia do Ashe não contava com cirurgião e nós acampávamos ao lado, chamaram-me em meio da noite para que os atendesse o melhor possível. Os três sobreviveram, mas a gente tinha perdido a vista de um olho e outro ficou com certo grau de lesão cerebral.

Jamie se encolheu de ombros. A embriaguez era uma dessas coisas da vida. E o mau licor, o mesmo.

–Thig a seo, a chuisle! –clamou. Jemmy, perdido o interesse pela taça e a colher, engatinhava para a cafeteira que tínhamos deixado entre as pedras da fogueira, para que se mantivera quente. O menino não emprestou atenção à ordem, mas foi posto fora de perigo pelo Tom Findlay, quem o enlaçou com um braço pela cintura para entregar-lhe a seu avô, apesar de seus pataleos.

–lhe sente-se ordenou Jamie com firmeza.

Sem lhe dar tempo a reagir, plantou-o no chão e lhe entregou sua bola de trapo. O menino o agarrou; seu olhar pícaro foi de seu avô à fogueira.

–isso arroja ao fogo, a chuisle, e te darei uma surra –lhe informo Jamie, afetuoso.

Jem contraiu a frente e fez uma eloqüente panela, mas não arrojou a bola às chamas.

–A chuisle? –repeti, tratando de imitar Essa pronúncia é nova. O que significa?

–Pois... –Ele se esfregou a ponte do nariz com um dedo-. Significa “meu sangue”.

–Isso não se diz mo fuil?

–Sim, mas esse é o sangue que brota quando te machuca. A chuisle é algo assim como... “OH, você, em cujas veias corre meu próprio sangue”. Em geral o diz só aos meninos de sua família.

–Que encantador. –Deixei minha taça vazia no chão para me recostar contra seu ombro. Ainda estava cansada, mas a magia do vinho tinha gentil os rudes borde do esgotamento, me deixando agradavelmente atordoada-. O diria ao Germain? Ou ao Joan? Ou acaso a chuisle tem um sentido muito literal?

–Como apelativo para o Germain preferiria um petit enmerdeur – respondeu, com um leve bufo de diversão-. Ao Joan.... Sim, à pequena Joan diria a chuisle. É sangue do coração, compreende? Não só do corpo.

Jemmy tinha deixado cair sua bola de trapo e contemplava encantado as vaga-lumes que começavam a titilar inteire a erva, ao cair a escuridão. Já com o estômago cheio e um agradável descanso, todo mundo começava a sentir o efeito sedativo da noite.

Junto ao fogo se ouviu um forte sussurro de matas. por ali emergiu Brianna, molhada, mas muito mais animada. deteve-se junto ao Roger para lhe apoiar uma mão nas costas e jogou uma olhada ao que estava escrevendo. Então ele levantou a vista e, encolhendo os ombros em um gesto resignado, reuniu as páginas já escritas de sua obra e as entregou. Ela se ajoelhou a um lado para ler, com o sobreceño franzido pelo esforço de distinguir as letras à luz do fogo.

–Foi boa idéia fazer que Roger escrevesse –comentei-. Não vejo o

momento de saber o que aconteceu.

–O mesmo digo –concordou Jamie–. Mas agora que William Buccleigh desapareceu, pode ser mais importante saber o que é o que acontecerá.

–Assim não te interessa descobrir se sua primo é ou não capaz de assassinar a sangue frio? –perguntei.

Ele emitiu um grunhido surdo que podia passar por risada.

–Ê um MacKenzie, Sassenach. Um MacKenzie do Leoch.

Os Fraser eram duros como pedras, haviam-me dito. O mesmo Jamie descrevia com estas palavras aos MacKenzie do Leoch: “Encantados como cotovias do campo... e ardilosos como raposas”.

–O que?

A exclamação da Brianna desviou minha atenção para o outro lado da fogueira. Olhava ao Roger com as páginas na mão e uma expressão onde se mesclava o regozijo e a consternação. A cara do Roger estava volta para ela, mas levantou uma mão para sossegá-la e olhou para os homens que bebiam sob a árvore, para assegurar-se de que ninguém a tivesse ouvido.

Vi um reflexo de luz nos ossos de sua cara. Logo sua expressão trocou em um instante da cautela ao horror. levantou-se precipitadamente, com a boca aberta.

–Não! –bramou.

Foi um grito terrível, potente e áspero, mas com um sotaque horrivelmente estrangulado, como se o tivesse arrojado com um punho fundo na garganta. Petrificou a todos quantos o ouviram... incluído Jemmy, que tinha abandonado às vaga-lumes para reatar sigilosamente sua investigação da cafeteira. Levantou a vista para seu pai, detendo a mão a quinze centímetros do metal quente. Logo enrugou a cara e rompeu a chorar, assustado.

Roger alargou os braços por cima da fogueira para levantá-lo. O garotinho chiou e esperneou, tratando de escapar desse terrorífico desconhecido. Bree se apressou a fazer-se carregado dele, estreitando-o contra o seio, com a cara contra seu ombro. Tinha empalidecido pela impressão.

Roger também parecia fortemente impressionado. levou-se uma mão cautelosa ao pescoço, como se não estivesse seguro de tocar sua própria carne. Ainda tinha uma marca escura baixo o mandíbula, deixada pela corda; era visível até à luz vacilante do fogo, junto com a linha mais pequena e pulcra de minha própria incisão.

Passada a surpresa inicial causada por seu grito, os homens se levantaram para aproximar-se.

–Diga algo mais –o insistiu Hugh Findlay.

–Sim, senhor, tente-o-se somou Iain, radiante a cara redonda–. Diga... diga “Três tigres comem trigo em um trigal”.

A sugestão foi sossegada com um vaio. Seguiu uma chuva de propostas entusiastas. Roger começava a se desesperar-se e apertava os dentes. Jamie e eu nos tínhamos levantado; percebi que meu marido se dispunha a intervir de algum modo.

Então Brianna se abriu passo; Jemmy, acoplado a seu quadril, observava a cena com intensa confiança. Ela estreitou a mão do Roger e lhe dedicou um sorriso que logo que tremia um poquito.

–Pode dizer meu nome? –perguntou.

O sorriso do Roger se parecia com a sua. Chegou-me o ruído áspero do ar em sua garganta, ao tomar fôlego. Nesta oportunidade falou com muita suavidade, mas todos guardavam silêncio. Foi um sussurro penoso e denso. A primeira sílaba golpeou com força para brotar entre as cordas vocais danificadas; a última foi apenas audível. Mas disse:

-Brrria... na.

E ela rompeu a chorar.

76

Dinheiro sangrento

Colina do Fraser

Junho de 1771

Tinha-me sentado frente a Jamie em seu estudo para lhe fazer companhia; eu ralava raízes de sanguinária enquanto ele lutava com as contas do trimestre. Ambas eram tarefas lentas e tediosas, mas assim podíamos compartilhar a luz de uma mesma vela e desfrutar da mútua companhia.

-Olhe isto!- exclamou Jamie-. Um tonel de brandy a doze xelins; duas peças de musselina a três com dez cada uma; loja de ferragens... Para que demônios necessita Roger produtos de uma loja de ferragens? Acaso pensa tocar melodias com uma enxada? Loja de ferragens, dez com seis!

-Acredito que isso foi por uma grade de arado- disse, pacificadora-. Não é para nós. Roger a comprou para o Geordie Chisholm.

Jamie contemplou penosamente as cifras e se passou uma mão pelo cabelo.

-Sim- disse-. Só que Geordie não terá nem um penique até que se enfaixam as colheitas do ano próximo. De modo que serei eu quem deve pagar agora esses dez com seis xelins, verdade?

Deixei cair em um frasco o extremo da raiz que terminava de ralar. A sanguinária tem o nome bem posto; o suco de sua raiz é vermelho, acre e pringoso. No regaço tinha uma terrina cheia de raladas úmidas e rezumantes; pelo aspecto de minhas mãos, haveria-se dito que acabava de estripar a uns quantos animalejos.

-Tenho o cordial preparado de cerejas, seis dúzias de garrafas- ofereci-lhe. Como se ele não soubesse! Durante toda uma semana a casa inteira tinha cheirado a xarope para a tosse-. Fergus pode as vender em Salem.

Jamie assentiu com ar distraído.

-Sim, conto com isso para comprar sementes de milho. Tem algo mais que se possa enviar a Salem? Velas? Mel?

-Acredito que posso prescindir de quarenta e cinco litros de mel- disse, com cautela-. É possivelmente de dez dúzias... bom, de uma grossa de velas.

-Acreditava que esta tinha sido um bom ano para suas colméias- observou.

Era certo. Minha primeira colméia se expandiu; agora tinha nove em torno de meu pomar. delas tinha extraído quase duzentos e vinte e cinco

litros de mel e cera suficiente para trinta dúzias de velas. Por outra parte, tinha pensado dar outro uso a esses produtos.

-Necessito um pouco de mel para a clínica- expliquei-. É um bom elemento antibacteriano para as feridas.

-De acordo, fica com o mel. Posso vender o sabão?

Assenti, agradada. Depois de muitos e precavidos experimentos, tinha obtido por fim produzir um sabão que não cheirava a porco morto encharcado em leijá nem eliminava a capa superior da epiderme. Mas em vez de soro requeria azeite de girassol ou de oliva, ambos muito custosos.

Tinha uma troca planejada com as mulheres cherokees: o que me sobrava de mel por seu azeite de girassol, para fazer mais sabão e xampu. Ambos se venderiam a preços excelentes em qualquer parte. Ao menos isso pensava eu, mas não estava segura de que Jamie acessasse a pôr dinheiro nessa empresa, que demoraria meses em frutificar, se podia obter lucros imediatas vendendo o mel. Não obstante, se o fazia ver que podíamos ganhar muito mais com o sabão que com o mel sem elaborar, não teria dificuldades em me sair com a minha.

antes de que pudesse expor as perspectivas se ouviram pisadas em ligeiras no corredor e uns suaves golpes na porta.

-Passe- ordenou Jamie, erguendo as costas.

O senhor Wemyss apareceu a cabeça, mas imediatamente vacilou, um pouco alarmado pelas sanguinárias manchas de minhas mãos. Jamie o convidou com um cordial movimento de pluma.

-Sim, Joseph?

-Posso lhe falar de um tema privado, senhor?

Apartei a cadeira, mas quando ia recolher minhas coisas ele me deteve com um gesto.

-OH!, não, senhora. Eu gostaria que você também estivesse presente, se não lhe incomodasse. trata-se do Lizzie; a opinião de uma mulher me seria muito valiosa.

-É obvio.- Voltei a me sentar, já com curiosidade.

-Do Lizzie? encontraste marido para nossa pequena, Joseph?- Jamie deixou a pluma no tinteiro.

-Acredito que sim, senhor Frase. Esta manhã veio Robin McGillivray para pedir a mão de minha Elizabeth para seu moço Manfred.

Arqueei as sobrancelhas um pouco mais. Até o que eu sabia, Manfred McGillivray não tinha visto o Lizzie mais de cinco ou seis vezes, nas que logo que tinham trocado umas poucas frases de cortesia.

Quando o senhor Wemyss descreveu a situação, as coisas ficaram algo mais claras. Jamie tinha prometido uma dote para o Lizzie, consistente em uma parcela de boa terra; seu pai, já livre de seu contrato de servidão, tinha direito também a cinquenta acres, que ela herdaria. A parcela dos Wemyss confinava com a dos McGillivray; unidas, constituíam uma granja muito respeitável. Pelo visto, agora que Ute McGillivray tinha a suas três filhas casadas ou convenientemente comprometidas, o matrimônio do Manfred era o passo seguinte de seu plano magistral. depois de examinar a todas as moças casaderas de trinta quilômetros à redonda, decidiu-se pelo Lizzie e enviado ao Robin para que iniciasse as negociações.

-Bom, os McGillivray são uma família decente- disse Jamie, judicioso.

Enquanto refletia, afundou um dedo em minha terrina de sanguinária ralada e riscou uma linha de marcas vermelhas em seu secante-. Não têm muita terra, mas ao Robin vai bastante bem e o pequeno Manfred é muito trabalhador, por isso me hão dito.

Robin era armeiro e tinha uma pequena loja no Cross Creek. Manfred fazia sua aprendizagem com outro armeiro do Hillsborough; então já cobrava jornal.

-Levaria-a a viver ao Hillsborough?- perguntei. Isso podia influir muito no Joseph Wemyss. Embora era capaz de algo por assegurar um futuro a sua filha, amava profundamente ao Lizzie e perdê-la-a partiria o coração.

-Diz Robin que não, que planeja exercer seu ofício no Woolam's Creek, sempre que puder pagar uma loja pequena. Viveriam na granja.- Jogou uma olhada de reajo ao Jamie e logo apartou a vista; o sangue subiu sob sua branca tez.

Meu marido inclinou a cabeça e vi que contraía a boca. De modo que era ali onde entrava ele nas negociações. Woolam's creek era um pequeno assentamento que se estava desenvolvendo ao pé da Colina do Fraser. Embora o moinho e as terras que se estendiam ao outro lado do arroio eram propriedade dos Woolam, uma família de quaisquer, para o lado da colina todo pertencia ao Jamie.

Até o momento tinha proporcionado terras, provisões e ferramentas ao Ronnie Sinclair, Theo Frye e Bob Ou'Neill, para uma oficina de tonelero, uma ferraria (ainda em construção) e um pequeno armazém de produtos vários; segundo as condições, nós participaríamos eventualmente das lucros, mas no momento, não haveria ganhos.

Se Jamie e eu tínhamos planos para o futuro, o mesmo podia dizer-se do Ute McGillivray. Certamente, ela sabia que Jamie faria quanto pudesse pelo Lizzie, pois sentia uma estima especial por ela e seu pai. E certamente, isso era o que Joseph Wemyss pedia agora com muita delicadeza: poderia Jamie proporcionar ao Manfred um lugar no Woolam's Creek, como parte do acordo?

Ele me olhou pela extremidade do olho. Eu encolhi imperceptivelmente um ombro; perguntava-me se Ute McGillivray, em seus cálculos, teria tido em conta a fragilidade física do Lizzie. Havia muitas jovencitas mais fortes que ela e melhor dotadas para a maternidade. Mesmo assim, no caso de que morrera de parto, deixaria mais ricos aos McGillivray, tanto pelas terras de seu dote como pela propriedade do Woolam's Creek. E não era tão difícil conseguir outra esposa.

-Suponho que se poderia fazer algo- respondeu Jamie, cauteloso. Vi que seu olhar ia para o livro de contas, com suas deprimentes colunas de cifras.

-Já me arrumarei isso- disse-. Mas o que diz a menina? Aceita ao Manfred?

O senhor Wemyss pareceu duvidar um pouco.

-Diz que sim. É um bom moço, embora sua mãe... Boa mulher, muito boa- acrescentou imediatamente-, só que um pouco... né... Mesmo assim...

Voltou-se para mim, enrugada a estreita frente.

-Para falar a verdade, senhora, não estou seguro de que Lizzie saiba o que quer. Sabe que é uma boa partida e que estaria perto de mim.- Sua expressão se abrandou ao dizê-lo. Logo voltou a ficar firme-. Mas eu não

gostaria que aceitasse só por me agradar.

-Compreendo- disse-. Quer você que fale com ela?

-OH, senhora!, estaria-lhe muito agradecido.- levantou-se quase de um salto, aliviado pelo alívio. depois de estreitar fervorosamente a mão ao Jamie, inclinou-se várias vezes ante mim e saiu por fim, com muitas reverências e murmúrios de gratidão.

A porta se fechou atrás dele, e Jamie moveu a cabeça, suspirando.

A única vela, a ponto de consumir-se, arrojava sombras movediças pela habitação. Levantei-me para ir para a prateleira em busca de outra. Para minha surpresa, Jamie se aproximou também; e, procurando detrás das velas novas e médio consumidas, extraiu das sombras um achaparrado relógio-candelabro.

Pô-lo no escritório e utilizou uma das velas para acendê-la. A mecha já estava enegrecida: a vela tinha sido utilizada anteriormente, embora não estava muito consumida. A um olhar do Jamie fui silenciosamente a fechar a porta.

-Crie que chegou o momento?- perguntei em voz fica, me detendo seu lado.

Ele moveu a cabeça sem responder. Logo, com um suspiro, voltou para mim o livro de contas. Ali pude ver o estado de nossos assuntos, apresentado em branco e negro: fatal, no que a efetivo se referia. Além da armeria para o Manfred McGillivray e a modesta dote do Lizzie, devíamos confrontar os gastos normais da criação e a manutenção do gado, mais um ambicioso plano para subministrar grades de arado a todos os arrendatários, muitos dos quais ainda estavam lavrando à mão.

E além de nossos próprios gastos, carregávamos com uma onerosa obrigação: a maldita Laoghaire MacKenzie Frasier, aliás Mau Raio a Parta.

Não era exatamente uma ex-mulher, mas tampouco deixava de sê-lo. Convencido de que minha ausência era definitiva (se é que não tinha morrido), Jamie se tinha casado com ela por insistência de sua irmã Jenny. Em pouco tempo foi óbvio que esse matrimônio era um engano; ao reaparecer eu se pediu a anulação, para alívio de todos os envoltos.

Jamie, generoso até o excesso, tinha acordado lhe pagar uma importante pensão anual e atribuir uma dote a cada uma das filhas do Laoghaire. a do Marsali se ia pagando pouco a pouco em terras e uísque; quanto ao Joan, não havia notícias de bodas iminente. Mas logo terei que pagar o dinheiro com o que a mãe mantinha em Escócia seu próprio estilo de vida, qualquer que fosse... e não o tínhamos.

Jamie refletia melancolicamente, com os olhos entreabridos. Não me incomodei em lhe sugerir que Laoghaire podia solicitar uma licença de mendicante e sair a pedir esmola pela paróquia. Apesar da opinião que lhe merecesse essa mulher, ele se considerava responsável e não havia mais que dizer.

Provavelmente não aceitaria tampouco pagar a dívida em tonéis de pescado em salmoura e sabão de leija. Assim só ficavam duas alternativas: pedir um empréstimo a Yocasta, coisa muito desagradável, ou vender outra

coisa. Vários cavalos, por exemplo. uns quantos porcos. Ou uma jóia.

A vela ardia com força; a cera que rodeava a mecha já se fundiu. Já se podia ver através do claro atoleiro de cera derretida: três gemas, escuras contra o cinza dourado da vela, que não chegava a ocultar do todo seus vívidos matizes. Uma esmeralda, um topázio e um diamante negro.

Jamie os olhava sem tocá-los, com as densas sobrancelhas unidas em concentração.

Não seria fácil vender uma daquelas pedras nas colônias da Carolina do Norte; provavelmente seria necessário viajar ao Charleston ou ao Richmond. Mas se podia fazer, e desse modo conseguiríamos dinheiro suficiente para pagar ao Laoghaire sua libra de carne e cobrir os gastos crescentes. Mas as gemas tinham um valor que foram mais à frente do dinheiro: eram a moeda que permitia viajar através das pedras; protegiam a vida do viajante.

As poucas coisas que sabíamos desse perigoso trânsito se apoiavam, em sua major parte, nos escritos do Geillis Duncan ou no que ela me havia dito; sustentava que as gemas brindavam ao viajante, não só amparo contra o caos nesse inefável espaço entre os estratos do tempo, mas também também em alguma possibilidade de conduzir, de escolher o momento no que surgiria.

Levada por um impulso, retornei à prateleira e, me pondo nas pontas dos pés, procurei provas o pacote de couro escondido entre as sombras. Pesava na mão. Desembrulhei-o com cuidado e depusitei a pedra ovalada no escritório, junto à vela. Era uma opala grande, cujo ardente coração se traslucia na matriz opaca, graças ao esculpido que cobria a superfície: uma espiral, primitivo desenho da serpente que devora sua própria cauda.

A opala era propriedade de outro viajante, o misterioso índio chamado Dente de Lontra Marinha. Um índio que alguma vez falou inglês e cujo crânio mostrava obturações de prata na dentadura. Ele tinha chamada “passagem de volta” a essa gema. Ao parecer, não só Geillis Duncan acreditava que as pedras preciosas tinham algum poder nesse horrível lugar... intermédio.

-Cinco, disse a bruxa. Apontou Jamie, pensativo-. Disse que se necessitavam cinco pedras?

-Isso pensava ela.- Embora a noite era cálida, me arrepiou a pele ao pensar no Geillis Duncan, nas gemas... e no índio que tinha conhecido em uma ladeira escura, com a cara grafite de negro em sinal de morte, justo antes de encontrar a opala e o crânio sepultado com ele. seria seu crânio o que tínhamos enterrado, com obturações de prata e tudo?

-Deviam ser gemas polidas ou esculpidas?

-Não sei. Disse que as esculpidas eram melhores, mas não sei por que... nem tampouco se tinha razão.

Esse era sempre o problema: sabíamos tão pouco...

Ele emitiu um pequeno bufido e se esfreguei a ponte do nariz com um nódulo.

-Pois bem: temos estas três e o rubi de meu pai. São quatro pedras esculpidas e polidas. E logo, este pequeno “bobi” - referia-se à opala- e a de seu amuleto, que estão em bruto.

O caso era que as pedras esculpidas ou polidas valiam muito mais, em

efetivo, que a opala ou a safira em bruto. Entretanto, podíamos nos arriscar a perder uma pedra que possivelmente representasse, algum dia, a diferença entre a vida e a morte para o Bree ou Roger?

-Não é provável- disse, em resposta a seu pensamento mais que a suas palavras-. Bree ficará, ao menos até que Jemmy seja maior, possivelmente para sempre.

depois de tudo, quem podia renunciar a um filho, à possibilidade de conhecer seus netos? Não obstante eu o tinha feito. Esfreguei distraidamente meu anel de ouro.

-Sim, mas o moço...

-Não. Ele não abandonaria ao Bree e ao Jemmy.- Disse-o com firmeza, mas em meu coração havia uma faísca de dúvida.

-Ainda não- disse Jamie, em voz baixa.

Aspirei fundo, mas não disse nada. Sabia muito bem a que se referia. Roger, envolto em seu silêncio, parecia afastar-se cada dia mais. Ele ainda sorria, jogava com o Jemmy e se mostrava sempre atento com a Brianna, mas a sombra de seus olhos não cedia jamais. Quando não o requeria para alguma tarefa, desaparecia durante horas inteiras, às vezes todo o dia. Caminhava pelas montanhas e retornava depois do obscurecer, exausto, sujo de pó... e silencioso.

-Não dorme com ela, verdade? Desde que aconteceu aquilo.

-Algumas vezes. perguntei. Mas acredito que ultimamente já não.

Bree fazia o impossível por aproximá-lo, por arrancar o das profundidades dessa crescente depressão. Mas tanto para o Jamie como para mim era óbvio que nossa filha estava perdendo a batalha e sabia. A notava cada vez mais calada e ojerosa.

-Se ele... retornasse... haveria cura para sua voz? Lá, em seu próprio tempo?- Jamie deslizou um dedo sobre a opala, seguindo a espiral com os olhos.

Eu suspirei outra vez.

-Não sei. Lhe poderia ajudar... possivelmente com uma operação ou com terapia de foniatria. Até que ponto melhoraria, ninguém pode sabê-lo. O fato é que... poderia recuperar sem ajuda boa parte de sua voz, se se esforçasse. Mas não o fará.

Jamie assentiu com a cabeça. Quaisquer que fossem as possibilidades de padre médica, o certo era que, se fracassava o matrimônio, não ficaria nada que retivera o Roger ali. E se então decidia retornar...

Jamie se incorporou na cadeira para apagar a vela.

-Ainda não- disse na escuridão, com a voz firme-. Faltam algumas semanas antes de que terei que enviar o dinheiro a Escócia; já se verá se podemos fazer outra coisa. por agora conservaremos as pedras.

Um pacote enviado de Londres

O pacote chegou em agosto, graças ao Jethro Wainwright, um dos poucos vendedores itinerantes o bastante empreendedores para subir pelos

levantados e serpeantes caminhos que conduziam à Colina. Avermelhado e ofegante pela ascensão e o esforço de descarregar a sua burra, o senhor Wainwright me entregou o envio com uma inclinação de cabeça e, a meu convite, dirigiu-se agradecido à cozinha, enquanto seu asno mascava a erva do pátio.

Era um pacote pequeno, uma espécie de caixa bastante pesada, envolta em oleado, cuidadosamente costurado e pacote com barbante para maior segurança. A etiqueta dizia, simplesmente: “Ao senhor James Fraser, cavalheiro, Colina do Fraser, Carolina.”

-O que crie que é?- perguntei-lhe à burra. Era uma pergunta retórica, mas a amigável besta levantou a cabeça e zurrou em resposta.

O ruído despertou os correspondentes gritos de curiosidade e bem-vinda entre o Clarence e os cavalos; em poucos segundos apareceram Jamie e Roger por um lateral do celeiro, Brianna do silo e o senhor Bug.

-O que é?- Brianna ficou nas pontas dos pés para olhar por cima do ombro de seu pai, que tinha pego o pacote-. Não vem do Lallybroch, verdade?

-Não, não é a letra do Ian... nem a de minha irmã- replicou Jamie, depois de uma vacilação muito breve-. Mas viajou muito...- Olhou o dorso do pacote e sacudiu a cabeça-. Tinha um selo, mas desapareceu.

-Hum.- O senhor Bug moveu a cabeça contemplando o pacote com ar dubio-. Não é um azadón.

-Não, não é uma cabeça de azadón- confirmou Jamie, sopesando o pacote-. Tampouco um livro, muito menos uma mão de papel. E não recordei ter encarregado outra coisa. Poderiam ser sementes, Sassenach? O senhor Stanhope prometeu te enviar algumas do jardim de seu amigo, verdade?

-OH, poderia ser!- Era uma possibilidade estimulante; o senhor Crossley, amigo do Stanhope, tinha um grande jardim ornamental, com muitas espécies exóticas e importadas.

Roger e Brianna intercambiaram um olhar. Para eles, as sementes eram muito menos interessantes que o papel ou os livros. Mesmo assim, qualquer carta ou pacote era algo tão novidadeiro que ninguém queria abri-lo enquanto não se desfrutou de todas as especulações possíveis sobre seu conteúdo.

Ao final não o abrimos até depois de jantar. Jamie apartou o prato vazio, agarrou o pacote com a devida cerimônia, sacudiu-o uma vez mais e me entregou isso.

-Esse nó requer a mão de um cirurgião, Sassenach- disse com um grande sorriso.

depois de beliscar a corda durante vários minutos consegui desatar o nó e enrolei o barbante com esmero, para um uso futuro.

Então Jamie cortou cuidadosamente a costura com a ponta da faca e extraiu, entre exclamações de assombro, uma pequena caixa de madeira. Seu desenho era simples, mas elegante; era feita de madeira escura polida, com as dobradiças e o fechamento de bronze.

Jamie levantou delicadamente o fechamento com um dedo e apartou a tampa para trás. Dentro havia um pequeno saco de veludo vermelho escuro. Desatou a corda que o franzia, e extraiu lentamente um... objeto.

Era um disco dourado e plano, de uns dez centímetros de diâmetro.

Boquiaberta de assombro, notei que tinha o bordo um pouco levantado, como um prato, e que estava decorado com símbolos diminutos. Na parte central do disco se via uma estranha peça de filigrana, feita de um metal prateado. tratava-se de um pequeno dial aberto, parecido à esfera de um relógio, mas com três braços que uniam seu bordo exterior ao centro do disco dourado.

O pequeno círculo de prata estava também decorado com ocultos impressos, possivelmente muito pequenos para a vista, e unido a uma peça em forma de lira que descansava no ventre de uma enguia de prata, larga e plaina, cujo lombo se ajustava perfeitamente ao bordo interior do disco dourado. Em cima havia uma barra de ouro, afiada nos extremos como uma agulha de bússola muito grossa, que estava atravessada por um eixo que passava pelo centro do disco e que lhe permitia girar. Ao longo dessa barra se lia, em letra clara: “ James Fraser.”

-É um astrolábio- informou Jamie.

Em sua cara inferior, o objeto apresentava uma superfície plaina, com vários círculos concêntricos gravados, a sua vez subdivididos por centenas de marcas e símbolos diminutos. Esse lado tinha uma peça giratória, como a agulha da outra cara, mas de forma retangular e com os extremos curvados para cima, aplanados e recortados de modo que os entalhes formavam um par de miras.

Bree alargou um dedo para tocar com respeito a reluzente superfície.

-meu deus!- disse-. Isso é ouro de verdade?

-Em efeito.- Jamie depositou cuidadosamente o objeto em sua palma estendida-. E o que eu gostaria de saber é por que?

-por que um astrolábio e por que de ouro?- perguntei.

-por que de ouro- respondeu, franzindo o sobrecenho-. Faz tempo que desejava ter um instrumento assim e não podia encontrar nenhum entre o Albani e Charleston. Lorde John Grei me prometeu que faria que me enviassem um de Londres; suponho que é este. Mas por que é de...

A atenção de todos estava ainda fixa no astrolábio, mas ele a desviou para a caixa em que tinha vindo. Como cabia esperar, no fundo havia uma nota, bem dobrada e selada com lacre azul. A insígnia não era a habitual meia lua sorridente com estrelas de lorde John, a não ser um escudo desconhecido: mostrava um peixe com um aro na boca.

Jamie franziu o sobrecenho ao vê-lo; logo rompeu o selo e a abriu.

Senhor James Fraser, Cavalheiro
Colina do Fraser
Colônia Real da Carolina do Norte

Meu estimado senhor:

Tenho a honra de lhe enviar o objeto anexo com os cumpridos de meu pai, lorde John Grei. Em ocasião de minha partida para Londres, deu-me instruções de conseguir o melhor instrumento possível; sabedor da alta estima que lhe merece a amizade de você, cuidei-me que assim fora. Espero que mereça sua aprovação.

Seu seguro servidor,
William Ransome, lorde Ellesmere,

Capitão do 9º Regimento

-William Ransome?- Brianna se tinha levantado para ler por cima do Jamie. Olhou-me com as sobrancelhas franzidas-. Diz que lorde John é seu pai, mas o filho de lorde John não é ainda um menino?

-Tem quinze anos.- A voz do Jamie encerrava uma nota estranha.

-... não é Grei- dizia Brianna.

-Não.- Jamie seguia olhando a nota que tinha na mão e parecia algo distraído. Sacudiu por um instante a cabeça, para desprender-se de algum pensamento, e voltou para assunto que o ocupava-. Não- repetiu com mais firmeza, deixando a nota-. O moço é enteado do John; seu pai era o conde do Ellesmere; o menino é o nono desse título. Ransom é o sobrenome do Ellesmere.

Mantive o olhar fixo na mesa e na caixa vazia, temerosa de que minha cara transparente revelasse algo mais, embora só fora o fato de que havia algo que revelar.

Em realidade, William Ransom não era filho do oitavo conde do Ellesmere, mas sim do James Fraser; percebi a tensão com que Jamie me tocou a perna por debaixo da mesa, embora sua cara expressava agora uma leve exasperação.

-Pelo visto lhe compraram uma nomeação ao moço- disse, dobrando pulcramente a carta para guardá-la novamente na caixa-. De modo que foi a Londres e ali comprou isto por indicação do John. Suponho que, para um moço de sua criação, “ bom” significa necessariamente chapado em ouro.

Jamie examinou o astrolábio, fazendo girar com o índice a enguia de prata.

-É magnífico, sim- reconheceu, quase relutante.

-Muito bonito.- O senhor Bug fez um gesto de aprovação-. Para topografia?

-Assim é.

-Para topografia?- perguntou Brianna-. Isto é para medir as terras?

-Entre outras coisas.- Jamie fez girar o astrolábio e empurrou brandamente a barra plaina, fazendo girar as olhar recortadas-. Isto... se usa como teodolito. Sabe o que é isso?

Brianna assentiu, interessada.

-Claro. Conheço distintas formas de topografia, mas pelo general usávamos...

-Disse que sabia medir terras, recordo-o.- Jamie observou a sua filha com aprovação-. Por isso queria isto, embora pensava em algo menos vistoso. De estanho teria sido mais útil. Mesmo assim, enquanto não tenha que pagá-lo...

-me deixe ver.- Brianna estendeu uma mão para agarrar o objeto e moveu o dial interior, absorta.

-Sabe usar o astrolábio?- perguntei-lhe, dúbia.

-Eu sim- assegurou seu pai, com certa presunção-. Aprendi na França.- E se levantou-. Vamos fora, moça. Ensinarei-te a calcular a hora.

-Sim, exatamente aí.- Jamie se inclinou atentamente sobre o ombro do Bree, assinalando um ponto do dial exterior. Ela ajustou cuidadosamente o interior e moveu ligeiramente o marcador.

-As cinco e trinta!- exclamou, ruborizada de prazer.

-E trinta e cinco- corrigiu Jamie.

-Esta é a primeira vez que sei a hora exata desde que abandonei a casa dos Sherston.- Bree não emprestava atenção ao instrumento que tinha nas mãos. Vi-a procurar os olhos do Roger, sorridente. Um momento depois ele respondeu com seu sorriso torcido. Quanto tempo teria passado para ele?

Bree devolveu cuidadosamente o astrolábio ao Jamie, quem imediatamente começou a esfregá-lo com as abas da camisa para lhe tirar as impressões digitais.

-O que outra coisa pode fazer com isso, papai?

-OH!, muitas coisas. Pode saber qual é sua posição, tanto em terra como no mar, calcular a hora, localizar determinada estrela no céu...

-Muito útil- observei-, mas não tanto como um relógio. Mas suponho que seu maior interesse não era saber a hora.

-Não.- Ele guardou meigamente o astrolábio em seu saco de veludo-. Devo medir corretamente a terra das duas concessões, quanto antes.

-por que?- Bree já se ia, mas para ouvir isso se voltou com uma sobrancelha em alto.

-Porque fica pouco tempo- explicou Jamie-. Vós dois sabem o que se mora.- Jamie olhou ao Bree e ao Roger-. Embora o rei caia, a terra perdurará. E para conservar estas terras através de todo isso é necessário medi-la e registrá-la devidamente. Quando há distúrbios, quando a gente deve abandonar sua terra ou deixar-se desapropriar... recuperá-la é um trabalho infernal, mas se pode, sempre que ter uma boa escritura para provar que alguma vez te pertenceu.

Lallybroch... o salvamos graças à escritura. E o jovem Simon, o filho do Lovat... ele também brigou por sua terra depois do Culloden, e ao fim recuperou a maior parte. Mas só porque tinha papéis para demonstrar que tinha sido dela. Por isso.

Abriu o estojo para depositar em seu interior, com suavidade, o saco de veludo.

-Quero ter papéis. E qualquer que seja o Jorge que com o tempo governe, esta terra será nossa. E tua- acrescentou brandamente, elevando os olhos para a Brianna-. E depois, de seus filhos.

78

Que não é pouco

Brianna tinha subido até a casa grande para agarrar emprestado um livro. Depois de deixar ao Jemmy na cozinha com a senhora Bug, dirigiu-se ao estudo de seu pai.

Fergus havia trazido três livros mais de sua última viagem ao Wilmington: uma série de ensaios do Michel do Montaigne (não lhe serviriam, pois estavam em francês), um maltratado exemplar do Moll

Flanders, pelo Daniel Defoe, e um volume muito magro, de coberta branda, escrito pelo B. Franklin: Médios e maneiras de obter a Virtude. Não há muito que pensar, disse-se, retirando Moll Flanders. O livro estava muito desgastado, mas parecia completo.

Um súbito estrondo na consulta de sua mãe a arrancou da contemplação do livro. Por instinto procurou o Jem com o olhar, mas não estava ali, claro. depois de deixar precipitadamente o volume em seu lugar, saiu do estudo correndo, só para encontrar-se com sua mãe, que ia da cozinha.

Chegou à porta da clínica apenas um segundo antes.

-Jem!

A porta do grande armário estava entreabrida; no ar pendia um forte aroma de mel. No estou acostumado a havia uma vasilha rota, em meio de um atoleiro dourado e pringoso. Jemmy se tinha sentado no centre, generosamente lubrificado, com os olhos azuis absolutamente redondos e a boca aberta em um gesto de surpresa culpado.

O sangue subiu à cabeça do Bree. Levantou-o por um braço, pringoso e tudo.

-Jeremiah Alexander MacKenzie!- disse, em tom zangado-. É um menino muito mau!

depois de inspecioná-lo apressadamente se por acaso estivesse machucado ou sangrando, deu-lhe um açoite no traseiro, o bastante forte como para que lhe ardesse a palma da mão.

O chiado resultante lhe provocou um sentimento de culpa. Mas, ao ver o resto do açougue que lhe rodeava, teve que dominar o impulso de surrá-lo outra vez.

Molhos inteiros de romeiro seco, tomilho e milenrama tinham sido arrancados do secador e pareciam pedaços. Uma das estrofia onde estavam as gazes pendurava desprendida da estanteria, e o tecido estava completamente rasgado. Pelo estou acostumado a rodavam garrafas e jarras; algumas tinham perdido as cortiças e se derramaram pós e líquidos multicoloridos. Um grande saco de linho, cheio de sal grossa, estava meio vazio; em qualquer parte havia punhados de seus cristais jogados com abandono.

Pior ainda: o amuleto de sua mãe jazia no chão, com a taleguilla rota, esmagada e vazia. Ao redor, viam-se trocitos de novelo seca, alguns ossos diminutos e outros restos.

-Sinto-o muito, mamãe. escapou-se. Não estava atenta. Devi ter mais cuidado...

Claire um pouco aturdida pelo tumulto, olhou a seu redor para fazer um rápido inventário. Logo se inclinou para levantar o Jemmy, sem fixar-se no mel.

-Bom, a esta idade o tocam tudo- disse ao Bree, mais divertida que zangada-. Não se preocupe, querida; é só desordem. Graças ao céu não chegou às facas. E os venenos também estão bem acima.

Brianna sentiu que seu coração voltava a diminuir o passo. Sentia a mão quente, palpitante de sangue.

-Mas seu amuleto...- assinalou.

Pela cara de sua mãe passou uma sombra ao ver aquela profanação.

-OH!- Claire aspirou fundo, deu uns tapinhas ao Jemmy nas costas e o deixou no chão.

-Sinto muito- repetiu Brianna, impotente.

Sua mãe, fazendo um esforço visível, subtraiu importância ao assunto com um gesto; logo se agachou para recolher os fragmentos do chão.

-Sempre me perguntei o que haveria dentro- comentou, enquanto recolhia com cuidado os ossos diminutos-. Do que crie que seja isto? De musaraña?

-Não sei.- Brianna se sentou em cuclillas a seu lado para subir as coisas-. Suponho que seriam de camundongo ou morcego.

Sua mãe a olhou, surpreendida.

-Pois sim que é preparada. Olhe isto.- Beliscou do chão um objeto pequeno e pardo, como de papel, e o ensinou. Ao inclinar-se para olhar melhor, Brianna viu algo que parecia uma folha seca e enrugada, mas em realidade era uma parte da asa de um morcego diminuto.

-” Pata de sapo, olho de tritón, / asa de morcego, língua de galgo” - citou Claire, enquanto depositava o punhado de ossos na encimera-. O que queria dizer com isso?

-Quem?

-Nayawenne, a mulher que me deu a taleguilla.

Jemmy, esquecidas as regañinas, deu procuração se de um grampeia cirúrgica a que lhe estava dando voltas, como se estudasse suas possibilidades comestíveis. Brianna se perguntou se devia tirar-lhe mas como não tinha fio e sua mãe sempre esterilizava seus instrumentos metálicos em água fervendo, decidiu deixar-lhe no momento.

O menino ficou com o Claire enquanto ela ia à cozinha a por água quente e alguns trapos com os que limpar o mel. A senhora Bug roncava brandamente em uma poltrona, profundamente dormida, com as mãos cruzadas sobre o arredondado ventre e o lenço comodamente torcido para uma orelha. Retornou nas pontas dos pés, com o cubo de água e um montão de trapos. A maior parte do lixo estava já recolhimento; sua mãe se arrastava a quatro patas, olhando por debaixo dos móveis.

-perdeste algo?- Jogou uma olhada ao última prateleira do armário, mas não faltava mais que a vasilha de mel. As outras garrafas já estavam tampadas e em seu sítio; tudo estava mais ou menos como de costume.

-Sim.- Claire se agachou um pouco mais para olhar debaixo do armário-. Uma pedra. Mais ou menos deste tamanho.- Mostrou o índice e o polegar curvados, indicando em diâmetro de uma moeda pequena-. De cor azul cinzenta, translúcida em alguns pontos. É uma safira em bruto.

-Estava no armário? Talvez a senhora Bug a trocou de lugar.

Claire se sentou sobre os talões.

-Não, não toca nada aqui dentro. Além disso, não estava no armário, a não ser ali.- Assinalava a mesa onde tinha posto a taleguilla vazia do amuleto, junto aos ossos e os restos de novelo.

Fizeram uma rápida inspeção da estadia, seguida por outra mais minuciosa, sem descobrir sinais da pedra. Claire se passou uma mão pelo cabelo, olhando ao Jemmy com ar pensativo.

-Olhe, ódio dizer isto, mas não crie que...?

-Não chateie!- A preocupação da Brianna tinha crescido até converter-se

em leve alarma. agachou-se diante do Jemmy-. Tinha trocitos de folhas secas pegos com mel ao redor da cara, mas suponho que era só romeiro ou tomilho...

Ofendido por esse atento escrutínio, ele tratou de golpeá-la com o grampo, mas lhe sujeitou a boneca com mão de ferro e lhe tirou o instrumento.

-Não se pega a mamãe- disse automaticamente. Isso não se faz. Jem... te comeste a pedra da abuelita?

-Não- disse ele, também automaticamente. E se apoderou novamente do grampo-. Meu!

Lhe farejou a cara, com o que o pequeno se inclinou para trás em ângulo alarmante. Não estava segura. Mas não parecia romeiro.

-Vêem cheirá-lo- disse a sua mãe-. Eu não estou segura.

Claire se agachou para fazê-lo e Jemmy chiou de risonho alarme, disposto a um divertido jogo de “Lhe como”. Mas se levou uma desilusão; sua avó se limitou a inalar profundamente.

-Gengibre silvestre- disse, com decisão. Logo agarrou um pano molhado para limpar as manchas de mel, face aos crescentes uivos de protesto-. Olhe.

Assinalava a pele já limpa ao redor da boca. Brianna as viu com clareza: duas ou três ampolas diminutas.

-Jeremiah- disse severamente, tratando de olhá-lo aos olhos-. Responde a mamãe. Comeste-te a pedra da abuelita?

Jemmy desviou a cara e se retorceu para escapar. Em um gesto de amparo, pôs as mãos atrás.

-Não pega- disse-. Não s'faz!

-Não te surrarei- tranqüilizou-o ela, aferrando um pé já em fuga-. Mas quero saber. Tragaste-te uma rocha assim de grande?

Mostrou o tamanho entre o polegar e o índice. Jemmy lançou uma risita.

-Bonito- disse. Essa era a palavra que preferia agora. Aplicava-a sem distinção a qualquer objeto que gostasse.

Brianna fechou os olhos com um suspiro de exasperação. Logo olhou a sua mãe.

-Temo que sim. Fará-lhe mal?

-Não acredito.- Claire observou a seu neto com ar pensativo.

Logo foi abrir um dos armários altos e extraiu um grande frasco de cristal marrom.

-Azeite de castor- explicou, enquanto revolia uma gaveta em busca de uma colher-. Não é tão rico como o mel, mas sim muito efetivo.

O azeite de castor, por efetivo que fora, requeria tempo. Brianna e Claire aproveitaram a espera para limpar a clínica, sem apartar a vista do Jemmy, a quem puseram a jogar com seu cesto de peças de madeira. Logo se dedicaram a preparar remédios. Como o dia era temperado e agradável, deixaram a janela aberta, embora isso as obrigasse a matar moscas, sacudi-los mosquitos e retirar algum besouro entusiasta das soluções borbulhantes.

-Cuidado, tesouro!- Brianna se apressou a varrer com a mão uma

abelha que se posou sobre os brinquedos do menino, antes de que Jemmy pudesse agarrá-la-. Inseto mau. Ai!

-Cheiram seu mel- explicou Claire, afugentando a outra-. Será melhor que lhes devolva um pouco.- Pôs uma terrina de aguamiel no batente; em poucos segundos as abelhas se arracimaban em seu bordo para beber golosamente.

-Olhe que são obstinadas...- comentou Brianna.

-Pois com a obstinação pode chegar muito longe- murmurou Claire, distraída, enquanto removia a solução posta a esquentar sobre o abajur de álcool-. Acredito que isto já está. O que pensa você?

-Disso sabe muito mais que eu.- Mas a moça se inclinou a farejar-. Acredito que sim; cheira bastante forte.

Claire retirou a terrina da chama e filtrou o líquido esverdeado por uma gaze.

-Sempre teve vocação pela medicina?- perguntou Brianna, com curiosidade.

Claire negou com a cabeça, enquanto esmiuçava com uma faca um punhado de casca de disco.

-Quando era jovencita não me passava pela cabeça. Então, como a maioria das garotas, pensava me casar, ter filhos, atender a meu lar... Ouça, crie que Lizzie está bem? Ontem à noite me pareceu vê-la um pouco amarela, mas talvez fora a luz das velas.

-Eu a vejo bem. Mas não sei se estiver realmente apaixonada pelo Manfred.

A noite anterior tinham celebrado o compromisso do Lizzie e Manfred MacGillivray com um jantar opípara, a que assistiu toda a família do noivo. A senhora Bug, que queria muito ao Lizzie, esmerou-se como nunca; não era de sentir saudades que agora dormisse.

-Não- disse Claire, francamente-. Mas enquanto não esteja apaixonada por outro, acredito que não importa. Ele é um bom moço e bastante bonito. E Lizzie simpatizou com sua sogra; isso também é bom, dadas as circunstâncias.

-Talvez simpatize mais com a senhora MacGillivray que com o Manfred. Era muito pequena quando perdeu a sua mãe; e desfruta de ter outra vez um pouco parecido.- Brianna olhou ao Claire pela extremidade do olho. Recordava muito bem a sensação de não ter a sua mãe... e a bem-aventurança de voltar a encontrá-la.

Claire esfregou entre as mãos a casca esmiuçada, deixando-a cair em um frasco pequeno cheio de álcool.

-Sim. Mesmo assim me parece melhor que Lizzie e Manfred esperem um pouco até conhecer-se melhor., acordou-se de que as bodas se celebraria o verão seguinte, quando Manfred já tivesse sua oficina instalada no Wollam's Creek-. Espero que isto resulte.

-O que?

-A casca de disco.- Claire tampou o frasco e o guardou no armário-. O registro do doutor Rawlings diz que se pode utilizar como substituto da casca de quina. Como quinina, já entende. E é muito mais fácil de conseguir, além de muito mais troca.

-Estupendo. Espero que funcione.- A malária do Lizzie estava latente

desde por volta de vários meses, mas sempre existia o perigo de que se manifestasse.

Enquanto amassava um punhado de salvia no morteiro retornou ao tema anterior, que perdurava em sua mente.

-Diz que quando foi menina não pensava ser médico. Mas depois não parecia pensar em outra coisa.

Tinha lembranças dispersas, mas muito vívidos, da época em que sua mãe estudava medicina: o aroma de hospital que trazia no cabelo e na roupa, o contato fresco e suave da bata cirúrgica que às vezes trazia posta quando ia lhe dar as boas noites, se chegava tarde do trabalho.

-Bom- disse Claire-. Quando sabe quem é e para que nasceste, sempre encontra a maneira de fazê-lo. Não só as mulheres. Seu pai... refiro ao Frank... Ele era muito bom historiador. A matéria gostava e tinha o dom da disciplina e a concentração. Assim chegou a ter êxito, mas em realidade não era sua... sua vocação. Ele mesmo me disse isso: poderia haver-se dedicado a outra coisa sem que lhe importasse muito. Mas há pessoas às que lhes importa muitíssimo, e nesses casos... Para mim a medicina era muito importante. Ao princípio não sabia, mas com o correr do tempo me dava conta de que estava feita para isso. E uma vez que soube...

-Sim, mas... não sempre pode te dedicar à carreira para a que nasceste, verdade?- perguntou Bree, pensando na garganta lesada do Roger.

-Pois não, às vezes a vida obriga a algumas costure- murmurou sua mãe-. E no caso da gente comum, freqüentemente a vida que levam é a vida que encontraram. Ali tem ao Marsali, por exemplo. Não acredito que tenha pensado nunca fazer algo distinto. Sua mãe se dedicava à casa e a criação dos filhos; ela não vê motivos para não fazer o mesmo. Entretanto... teve uma grande paixão, Fergus, e bastou isso para arrancá-la do caminho trilhado que teria seguido sua vida.

-Para arrojá-la a outra igual?

-Sim, só que na América em vez de Escócia. E tem ao Fergus.

-Como você tem ao Jamie?

Claire levantou a vista, surpreendida. Bree estranha vez o chamava pelo nome de pilha.

-Sim. Jamie é parte de mim. Igual a você. Mas nem você nem ele me enchem por completo. Sou o que sou: médica, enfermeira, curadora, bruxa... como a gente queira dizê-lo; o nome não importa. Nasci para isso e o serei até que mora. Se lhes perdesse, a ti ou ao Jamie, já não voltaria a me sentir completa, mas ainda ficaria isso.- Continuou em voz tão suave que Brianna teve que esforçar-se para ouvi-la-. Por um tempo, depois de... retornar... antes de que você nascesse... isso era tudo o que tinha. Só o conhecimento.

De fora lhes chegou um ruído de botas; logo, a voz do Jamie, dirigida em cordial comentário ao frango que lhe tinha cruzado no caminho.

Amar ao Roger, amar ao Jemmy, não era suficiente para ela? Sem dúvida alguma, devia sê-lo. Mas teve ao horrível e oca sensação de que talvez não o era. antes de que o pensamento pudesse expressar-se em palavras, apressou-se a perguntar.

-E papai?

-O que tem que ele?

-Sabe... é dos que sabem quem é? O que crie?

-OH, sim. Sabe- asseverou Claire-. É um homem. Que não é pouco.

79

Solidões

Brianna fechou o livro com uma mescla de alívio e mau pressentimento. Jamie lhe tinha sugerido que ensinasse as primeiras letras a algumas meninas da Colina, e ela não se opôs. Durante um par de horas a cabana se enchia de vozes alegres.

Mesmo assim ela não era professora por natureza; ao terminar cada lição sentia sempre alívio. Mas o mau pressentimento a seguia, lhe pisando os talões. Quase todas as meninas vinham sozinhas ou aos cuidados de uma irmã maior. Anne e Kate Henderson, que viviam a três quilômetros, acudiam acompanhadas pelo Obadiah, seu irmão maior.

Bree não sabia com certeza como nem quando tinha começado aquilo. Talvez o primeiro dia, quando ele a olhou aos olhos com um leve sorriso e lhe sustentou o olhar por um segundo de mais, antes de deixar a suas irmãs com um tapinha na cabeça.

Bree detestava ter que sair à porta ao terminar cada lição. As garotinhas se disseminavam em uma revoada de vestidos e risitas. E Obadiah estava ali, esperando, já reclinado contra uma árvore, já sentado no brocal do poço; uma vez o tinha encontrado descansando no banco, frente à porta.

Essa constante incerteza de não saber onde estaria a punha dos nervos, quase tanto como seu semisonrisa e a careta ufana e zombadora com que se despedia, quase com uma piscada, como se soubesse dela algo secreto e vergonhoso, algo que, no momento, preferia reservar-se.

Obadiah não lhe dizia nada; não o fazia gestos indecorosos. Como protestar porque a olhava? Era ridículo. Ridículo, também, que um pouco tão simples lhe fizesse subir o coração à garganta quando abria a porta.

Reuniu coragem para deixar sair às meninas. Quando se disseminaram olhou ao redor. Ele não estava ali: nem junto ao poço, nem sob a árvore, nem no banco... não estava.

Anne e Kate já foram pelo centro do claro, com o Janie Cameron, as três da mão.

-Annie!- chamou Bree-. Onde está seu irmão?

-foi a Salem, senhorita- respondeu-. Hoje jantaremos em casa do Jane!

A tensão desapareceu lentamente de seu pescoço e seus ombros. Jemmy dormia, arrulhado por a recitação nasal do alfabeto. Podia aproveitar sua sesta para ir ao sibil a por um pouco de leite de manteiga.

O sibil estava fresco e escuro; o ruído da água que corria pelo canal de pedra era sedativo. adorava estar ali, admirar as folhagens de algas aderidas à pedra, à deriva na corrente.

Saiu devagar do sibil, com o cântaro de leite e de manteiga em uma mão e uma parte de queijo na outra. Faria uma omelete francesa de queijo para o almoço; preparava-se rápido e ao Jemmy adorava. Ainda sorria quando, ao apartar a vista do atalho, encontrou-se com o Obadiah Henderson, sentado em seu banco.

-O que faz aqui?- Sua voz soou seca-. As meninas disseram que tinha ido a Salem.

-E assim foi.- Ele ficou de pé para aproximar-se, com essa semisonrisa insinuante nos lábios-. Já retornei.

-Pois as meninas já se foram- disse, com toda a frieza possível-. Estão em casa dos Cameron.

Embora o coração lhe palpitava com força, passou junto a ele com intenção de deixar o cântaro no alpendre. Quando se agachou, lhe apoiou uma mão na parte baixa das costas. Por um momento ficou petrificada. Ele não retirou a mão nem tentou acariciar nem apertá-la, mas esse peso era como uma serpente morta contra suas costas. Bree se girou em redondo e deu um passo atrás.

-Trouxe-te algo- disse Obadiah-. De Salem.- Ainda tinha o mesmo sorriso nos lábios.

-Não o quero- disse ela-. Quer dizer... obrigado, mas não. Não devesse fazê-lo. A meu marido não gostaria.

-Não tem por que inteirar-se.- Ele se aproximou um passo; ela retrocedeu. O sorriso se fez mais larga.

-Dizem que seu marido não passa muito tempo em casa, ultimamente- comentou com voz fica-. Deve te sentir sozinha.

Aproximou-lhe uma manaza ao rosto. Nesse momento se ouviu um ruído estranho, carnudo. A cara do moço ficou em branco e seus olhos se dilataram de repente.

Ela o olhou um instante, sem a menor ideia do que tinha acontecido, até que Obadiah baixou os olhos exagerados à mão estendida. Então Bree viu a pequena faca parecida na carne do antebraço e a mancha vermelha que ia crescendo na camisa, ao redor.

-Vete daqui- disse Jamie em voz baixa, mas clara. Saía das árvores, olhando ao Henderson sem nenhuma cordialidade. Chegou em três passos compridos e arrancou a faca parecida no braço do moço-. Vete e não volte jamais.

O moço se foi, aferrando o braço ferido, a tropeções. Logo correu para o caminho e desapareceu entre as árvores. O pátio ficou em silêncio.

-Tinha que fazer isso?- foi o primeiro que ela conseguiu dizer. Estava aturdida, como se ela mesma tivesse recebido algum golpe.

-Teria preferido que esperasse?- Seu pai a agarrou por um braço para obrigá-la a sentar-se no alpendre.

-Não, mas... não poderia... lhe haver dito algo, nada mais?

Sentia os lábios intumescidos e nos márgenes de seu campo visual flutuavam pequenos brilhos de luz. Compreendeu remotamente que estava a ponto de deprimir-se. Então se inclinou para diante, com a cabeça entre os joelhos e a cara sepultada no seguro refúgio do avental.

-Mas se o fiz. Hei-lhe dito que se fora.- O alpendre rangeu quando Jamie se sentou a seu lado.

-Já sabe a que me refiro.- Sua voz soava estranha, sufocada pelas dobras do avental-. O que queria fazer? te exhibir? Que segurança tinha de cravar uma faca a essa distância? E o que era isso? Um canivete?

-Sim. Quão único tinha no bolso. E em realidade não queria cravar-lhe admitiu Jamie-. Quis jogá-lo contra o muro da cabana, para lhe dar um

golpe desde atrás quando ele desviasse a cabeça para o ruído. Mas se moveu.

Bree fechou os olhos e respirou profundamente pelo nariz para assentar o estômago.

-Sente-se bem, a muirinn?- perguntou ele, com voz fica. Apoiou-lhe brandamente uma mão nas costas, algo mais acima que Obadiah. Era agradável: grande, morna e consoladora.

-Estou bem, sim- assegurou ela, abrindo os olhos-. Perfeitamente.

Então ele se relaxou um pouco; seus olhos se aquietaram, mas sem apartar-se dela.

-Bem, me diga: esta não foi a primeira vez, verdade? Quanto tempo leva este caipira te rondando?

-Desde a primeira semana- disse.

Ele alargou os olhos.

-Tanto? E por que não o há dito a seu marido?- inquiriu ele, incrédulo.

-Ê que... verã, eu não acreditava... quer dizer... Não era assunto dele.

Como seu pai se enchesse os pulmões de ar, sem dúvida para algum comentário mordaz sobre o Roger, apressou-se a defendê-lo.

-Ê que... é que... em realidade ele não fez nada concreto. Só olhar. E... sorrir. Ia eu a lhe dizer ao Roger que ele me olhava? Não quis que tomasse por débil ou indefesa.- Não obstante tinha sido ambas as coisas e sabia-. Não queria... lhe pedir que me defendesse.

-Para que demônios crie que estamos os homens?- perguntou Jamie em tom de total desconcerto-. Quer ter o de mascote? Como falderillo? Como um pássaro enjaulado?

-Não compreende!

-Ah, não?- Seu bufo era, talvez, uma risada sardônica-. Levo trinta anos casado; você menos de dois. O que é o que não compreendo?

-Não é... Você e mamãe não são como Roger e eu!- estalou.

-Claro que não- disse, sem alterar-se-. Sua mãe tem em conta meu amor próprio, e eu, o seu. Acaso crie que ela é uma covarde, incapaz de defender-se sozinha?

-Eu... não.- Brianna tragou saliva, perigosamente perto das lágrimas, mas decidida a não as deixar escapar-. Mas é diferente, papai. Somos de outro lugar, de outra época.

-Sei muito bem- replicou ele; sua boca se curvou em uma semisonrisa irônica e sua voz se fez mais suave-. Mas não acredito que os homens e as mulheres tenham trocado muito.

-Talvez não.- Ela tragou saliva para afirmar a voz-. Mas talvez Roger sim que tenha trocado. Desde o Alamance.

Jamie tomou fôlego para falar, mas o deixou escapar lentamente sem dizer nada. Tinha retirado a mão, e ela sentiu sua falta.

-Sim- disse ao fim, em voz baixa-. Pode ser.

Brianna ouviu um golpe surdo no interior da cabana; logo, outro. Jem tinha despertado e estava arrojando os brinquedos do berço. Em um momento começaria a chamá-la para que o tirasse. levantou-se com brutalidade.

-Jem está acordado. Devo entrar.

O menino estava de pé, obstinado ao flanco de seu berço e impaciente

por escapar. Assim que ela se inclinou para levantá-lo, jogou-se em seus braços.

“ Deve te sentir sozinha” , havia dito Obadiah Henderson. E estava no certo.

80

Merengue em seu ponto

Satisfeito depois da comida, Jamie se apoiou no respaldo com um suspiro. Quando ia levantar se, a senhora Bug se levantou súbitamente da mesa, agitando um dedo admonitório.

-Não, não, senhor! Não vá, que tenho o merengue recém feito e isso não pode esperar!

-Acredito que vou arrebentar, senhora Bug, mas ao menos morrerei feliz- informou-lhe Jamie-. Venha... mas devo ir a por algo enquanto você o serve.

Com assombrosa agilidade, considerando que acabava de consumir meio quilograma de salsichas especiadas com maçãs fritas e batatas, abandonou a cadeira e desapareceu pelo corredor rumo a seu estudo.

-Quero medengue!- Jemmy golpeou a mesa com a mão, cantando a todo pulmão-: Dêem-me-gue! Dêem-me-gue!

Roger olhou ao Bree com uma semisonrisa; alegrou-me notar que ela a captava e a devolvia.

Jamie chegou justo quando o merengue para sua aparição. Ao passar junto ao Roger alargou uma mão e depositou frente a ele um livro contável envolto em tecido, coroadado pelo pequeno estojo de madeira que continha o astrolábio.

-Acredito que o bom tempo se manterá por um par de meses mais- disse como quem não quer a coisa.

-Sim?- A palavra saiu afogada e apenas audível, mas bastou para que Jemmy interrompesse seus gorjeios para olhar a seu pai, boquiaberto. Perguntei-me se era o primeiro que Roger havia dito em todo o dia.

-Pois sim. Fergus baixará à costa antes da primeira nevada. Seria bom que pudesse levar os informe de topografia para apresentá-los em New Bern, não crie?

E cravou a colher no merengue com ar decidido, sem levantar a vista. Só encheu o silêncio o choque das colheres contra os pratos de madeira. Por fim falou Roger, que não havia meio doido a sua.

-Posso... fazer isso.

Possivelmente só se tratava do esforço que requeria o passado do ar por sua garganta lesada, mas na última palavra houve uma ênfase que arrancou uma careta a Brianna. Foi muito leve, mas eu a vi... e também Roger, que baixou a vista a seu prato.

-Vele- disse Jamie, em tom ainda mais despreocupado-. Ensinarei-te como se faz. Pode partir dentro de uma semana.

Ontem à noite sonhei que Roger partia. Faz já uma semana que sonho com sua viagem, desde que papai o propôs.

Em meu sonho Roger punha suas coisas em uma bolsa grande, enquanto eu esfregava o chão. Ele não deixava de me estorvar e eu tirava a bolsa de no meio uma e outra vez, para poder esfregar outra parte.

Quero e não quero que se vá. Ouço todas as coisas que não diz; ressonam em minha cabeça. Não deixo de pensar que, quando se tiver ido, haverá silêncio.

Passou abruptamente do sonho ao despertar. Sabia que ele se foi, mas levantou a cabeça para comprová-lo. A mochila já não estava junto à porta, nem tampouco o hatillo de comida.

A noite anterior tinham feito o amor antes de dormir. Ao princípio ela pensou que não aconteceria, mas quando se aproximou para rodeá-lo com seus braços, ele a estreitou com força, beijou-a longamente e, por fim, levou-a a cama.

Em sua ansiedade por lhe assegurar seu amor com o corpo, de lhe dar algo de si para que se levasse, esqueceu-se por completo de si mesmo; o clímax a surpreendeu. Deslizou uma mão para baixo, entre as pernas, recordando a sensação de ver-se repentinamente envolta em uma grande onda, indefesa, varrida para a praia. Oxalá Roger se deu conta. Não havia dito nada; nem sequer abriu os olhos.

Na escuridão prévia ao amanhecer, deu-lhe um beijo de despedida, sempre calado. Ou não foi assim? Brianna se levou uma mão à boca, súbitamente insegura; mas na carne suave e fresca de seus lábios não havia pista alguma.

Tinha-lhe dado um beijo ao despedir-se? Ou era só um sonho?

81

Matador de ursos

Agosto de 1771

O relincho dos cavalos no cercado anunciava visitas. A curiosidade fez que abandonasse meu último experimento para me aproximar da janela. No pátio não havia homens nem cavalos, mas os animais seguiam soprando como quando viam alguém desconhecido. portanto o visitante vinha a pé e se dirigiu para a porta da cozinha.

Esta hipótese foi quase instantaneamente respaldada por um guincho que veio da parte traseira. Apareci a cabeça ao corredor, bem a tempo para ver a senhora Bug, que saía da cozinha correndo entre alaridos de pânico.

Passou como uma bala, sem lombriga, e saiu pela porta principal, deixando-a aberta. Isso me permitiu vê-la cruzar o pátio e desaparecer no

bosque, sem deixar de gritar a todo pulmão. Quando olhei para o lado oposto, foi quase um desencanto ver um índio na porta da cozinha, com cara de surpresa.

- Osiyo –disse cautelosamente.

Respondeu a minha saudação com um sorriso brilhante e disse algo do que não entendi nada. Encolhi-me de ombros, impotente, mas sorri a minha vez. Assim passamos vários segundos, nos saudando com a cabeça e intercambiando sorrisos, até que o cavalheiro colocou a mão pelo pescoço de sua camisa interior e extraiu um cordão de couro com uma fileira de negras unhas curvas: as garras de um ou mais ursos.

Exibiu-as as fazendo repicar um pouco, enquanto olhava de um lado a outro, com as sobrelhas arqueadas, como se procurasse a alguém sob a mesa ou dentro dos armários.

- Ah! –exclamei- . Você procura a meu marido. –Imitei o gesto de quem aponta um rifle- . O Mortos de ursos?

Minha inteligência foi recompensada com um dê-lhe o de dentes sãs.

- Acredito que voltará em qualquer momento –disse- . Quer beber algo?

Seguiu-me de boa vontade. Quando Jamie entrou, estávamos sentados à mesa, compartilhando o chá e intercambiando cabaçadas e sorrisos. Meu marido vinha acompanhado, não só da senhora Bug, que não se separava de suas abas e olhava com suspicácia ao visitante, mas também do Peter Bewlie.

Peter apresentou a nossa hóspede como Tsatsa'wi, irmão de sua esposa a Índia. Vivia a uns cinqüenta quilômetros além da Linha do Tratado, mas estava passando uma temporada com os Bewlie.

- Ontem à noite, enquanto fumávamos um cachimbo depois de jantar – explicou Peter- , Tsatsa'wi disse a minha esposa que na aldeia tinham um problema. E ela me contou isso , porque ele não fala nosso idioma nem eu o seu, só algumas palavras soltas e frases de cortesia. Como lhes dizia, ele se referiu a um urso malvado que os acossa há meses.

- Eu diria que Tsatsa'wi está bem equipado para as ver-se com essa besta –comentou Jamie, assinalando com a cabeça o colar de unhas.

- Sim –afirmou Peter- . É muito bom caçador, mas parece que o urso em questão não é um urso qualquer. E por isso lhe hei dito: “ vamos dizer se o ao MAC Dubh; talvez queira ir liquidar a essa besta.”

- Pois estes dias não posso ir, mas talvez quando tivermos recolhido o feno... Sabe o que acontece com esse urso problemático, Peter?

- Pois sim –disse o homem, alegremente- . É um fantasma.

Jamie não pareceu muito impressionado; simplesmente, esfregava-se o queixo com ar dubio.

- Hum. me diga o que tem feito.

O urso tinha dado a conhecer sua presença um ano atrás, embora durante um tempo ninguém o viu. Houve algumas depredações normais: desapareciam as fileiras de pescado ou de espigas de milho postas a secar frente às casas; alguém roubava a carne de vos abrigos... Ao princípio os habitantes da população pensaram que se tratava de um urso um pouco mais ardiloso do normal: em geral aos ursos importa muito pouco que os vejam.

- Vinha só de noite, compreendem vocês? –explicou Peter- . E não fazia

muito ruído. Pela manhã, ao sair, a gente descobria que lhe tinham roubado as reservas sem um ruído que despertasse. Pelos rastros souberam de um princípio que se tratava de um urso.

A gente da aldeia, muito acostumada a vos ursos, tinha tomado as precauções de costume: transladar as provisões a zonas mais protegidas e soltar os cães de noite. como resultado disto, vários cães desapareceram, novamente sem ruído algum.

Ao parecer os cães se voltaram mais precavidos ou a fome do urso aumentou. A primeira vítima foi um homem; apareceu morto no bosque. Logo, faz já seis meses, o animal se levou a um menino.

A vítima era um bebê, arrebatado com berço e tudo da borda do rio, enquanto sua mãe lavava roupa para o entardecer. Não houve ruídos nem mais rastros que um grande rastro de garra desenhada no barro.

Nos meses seguintes houve outras quatro mortes. Dois meninos que recolhiam morangos silvestres, já avançada a tarde. Um dos cadáveres apareceu com o pescoço partido, mas pelo resto intacto. O outro desapareceu; as marcas indicavam que o tinham miserável bosque dentro. Uma mulher foi parcialmente devorada em seu próprio milharal, também para o entardecer. A última vítima foi um homem que tinha saído a caçar ao urso.

- dele não encontraram nada, salvo o arco e alguns farrapos de roupa ensangüentada –disse Peter.

- De modo que eles mesmos o caçaram? –perguntei- . Quer dizer, ao menos o tentaram.

- OH!, sim, senhora Claire. Assim foi como ao fim descobriram o que era.

Uma pequena partida de caçadores saiu em busca do urso, armada de arcos, lanças e os dois mosquetes que a aldeia se vangloriava de possuir. Buscaram-no durante quatro dias; acharam alguns rastros, mas não eram recentes, e nenhum sinal do urso em si.

- Tsatsa'wi ia com eles –disse Peter, levantando um dedo para seu cunhado- . Uma noite ele montava guarda com outro, enquanto o resto dormia. Contou que, muito depois de sair a lua, afastou-se um pouco para urinar. Retornou bem a tempo para ver que a besta se levava a seu amigo, morto, com o pescoço triturado entre seus fauces.

Tsatsa'wi seguia o relato com atenção. Ao chegar a esse ponto fez um gesto que parecia ser o equivalente cherokee do sinal da cruz: um gesto rápido e sério para repelir o mal. Logo começou a falar; suas mãos se moviam para representar os fatos seguintes.

Naturalmente, tinha gritado para alertar a seus camaradas restantes; depois correu para o urso para assustá-lo, com a esperança de fazer que soltasse a seu amigo, embora era evidente que já estava morto.

Os caçadores foram acompanhados de dois cães, que também se arrojam contra o urso, entre latidos. A fera soltou a sua presa, mas em vez de fugir carregou contra Tsatsa'wi. Ele se jogou em um lado, enquanto o urso se detinha o tempo suficiente para varrer de um zarpazo a um dos cães. Logo desapareceu na escuridão do bosque, açoitado pelo outro cão, uma chuva de flechas e um par de balas de mosquete; nada o tocou.

Buscaram-no com tochas, mas foi impossível encontrá-lo. O segundo

cão voltou com ar envergonhado e os caçadores, completamente desanimados, retornaram à fogueira e passaram o resto da noite acordados; pela manhã voltaram para a aldeia.

- Mas por que acreditam que é um fantasma? –Brianna se inclinou para diante; seu horror inicial tinha dado passo ao interesse.

Peter a olhou com uma sobrancelha arqueada.

- Ah!, é que não o há dito. Ou talvez sim, mas de um modo que eu não compreendi. A besta era muito maior que um urso normal e completamente branca. Diz que, quando se voltou a olhá-lo, seus olhos resplandeciam, vermelhos como as chamas. Imediatamente supuseram que era um fantasma; por isso não os surpreendeu muito que as flechas não o tocassem.

Tsatsa'wi voltou a interrompê-lo; assinalou primeiro ao Jamie, logo deu uns golpecitos a seu colar de unhas e por fim, para minha surpresa, apontou o dedo para mim.

- Eu? –disse- . O que tenho que ver com isso?

O cherokee deveu perceber meu tom de surpresa, pois se inclinou sobre a mesa e me agarrou uma mão para acariciá-la, não em gesto de afeto, mas sim para apalpar a pele. Jamie comentou, divertido:

- É muito branca, Sassenach. Talvez o urso tome por um espírito afim.

Sorria de brinca a orelha, mas Tsatsa'wi assentiu com muita seriedade. Logo me soltou a mão e emitiu uma espécie de grasnido, como o de um corvo.

- OH! –exclamei, bastante intranquã. Não recordava como se dizia em cherokee, mas ao parecer os habitantes dessa aldeia não só tinham ouvido falar do Matador de Ursos, mas também também do Corvo Branco. Para eles qualquer animal branco era significativo... e freqüentemente sinistro.

Foi assim que uma semana depois, com o feno já colhido e quatro meias cabeças de gado de veado apacivelmente penduradas no abrigo de defumar, partimos para a Linha do Tratado.

Integramos a partida Brianna e Jemmy, os dois gêmeos Beardsley, Peter Bewlie, que devia nos guiar até a aldeia, Jamie e eu. A mulher do Peter se adiantou com a Tsatsa'wi. Em um princípio Brianna não queria vir, mais por medo de levar ao Jemmy a território selvagem que por não participar da caçada. Jamie insistiu, assegurando que sua pontaria seria muito valiosa. Como ainda não queria desmamar ao menino, viu-se obrigada a levá-lo consigo.

Quanto aos Beardsley, ao que Jamie queria consigo era ao Josiah.

- O moço já matou ao menos dois ursos –me disse- . Vi as peles na congregação. E se seu irmão quer vir, não vejo nenhum inconveniente.

- Tampouco eu –coincidi- . Mas por que quer que venha bree? Você e Josiah não são suficientes para lhes enfrentar com o urso?

- Possivelmente –replicou ele, deslizando um trapo azeitado pelo canhão de seu rifle- . Mas se duas cabeças são melhor que uma, três serão ainda melhor, não? Sobre tudo se a terceira dispara como essa moça.

- Sim? –disse, cética- . E que mais?

Ele me olhou com um grande sorriso.

- Acaso crie que tenho outros motivos, Sassenach?

- Não, não acredito: sei.

Ele inclinou a cabeça para a arma, rendo. Mas depois de um momento de limpar e esfregar disse, sem levantar a vista:

- Vale... não me pareceu má idéia que a moça faça amigos entre os cherokees. Se por acaso algum dia necessita um sítio aonde ir.

Não me enganou com esse tom despreocupado.

- Algum dia. Quando comece a Revolução, quer dizer?

- Sim, ou... quando você e eu morramos. Seja quando for – acrescentou, enquanto olhava com um só olho com o passar do canhão, para comprovar o alinhamento.

Normalmente obtinha não pensar nesse recorte do periódico, com a notícia de que certo James Fraser e sua esposa, da Colina do Fraser, tinham morrido em um incêndio. Outras vezes o recordava, mas relegava a possibilidade ao fundo de minha consciência, por não pensar nela. de vez em quando, não obstante, despertava em meio da noite, tremendo e aterrorizada, nos rincões de minha mente.

- O recorte dizia “ sem filhos superviventes” - assinalei, decidida a vencer o medo- . Crie que Bree e Roger se irão... para algum lugar...antes de que aconteça?

A viver com os cherokees, possivelmente. Ou às pedras.

- É possível. –Estava sério, com a vista fixa em seu trabalho. Nenhum dos dois estava disposto a admitir a outra possibilidade. Em todo caso não fazia falta.

Apesar de sua relutância inicial, Brianna parecia estar desfrutando de da viagem. Também os Beardsley o passavam bem. A extirpação das adenoides e as amídalas infectadas não tinham curado a keziah de sua surdez, mas estava muito melhor. Podia ouvir tudo o que lhe dizia em voz bem alta, embora parecia entender com facilidade quanto seu irmão lhe dissesse, embora fora em voz muito baixa. Perguntei-me o que pensaria dos cherokees... e os índios dele e seu irmão. Peter dizia que essa tribo considerava os gêmeos como seres benditos e afortunados. Tsatsa'wi ficou encantado quando soube que os Beardsley participariam da caçada.

Josiah também parecia divertir-se, até onde uma podia apreciar, pois era muito reservado. Mas conforme nos aproximávamos da aldeia acreditei notá-lo algo nervoso.

Também notei que Jamie estava um pouco inquieto, mas em seu caso suspeitava os motivos. Não lhe incomodava absolutamente colaborar em uma caçada e lhe alegrava ter a oportunidade de visitar os cherokees. Mas possivelmente lhe incomodava que se proclamasse desse modo sua reputação de Matador de Ursos.

Esta hipótese ficou demonstrada na terceira noite da viagem. Acampamos a uns quinze quilômetros da aldeia; chegaríamos sem dificuldade por volta de meio-dia.

Enquanto cavalgávamos notei que tratava de decidir algo; quando nos sentamos para jantar, em torno de uma grande fogueira, quadrou súbitamente os ombros e se levantou para aproximar-se do Peter Bewlie, que contemplava o fogo com ar sonhador.

- Há algo que devo dizer, Peter. Sobre esse ousado fantasma que vamos procurar.

Peter levantou a vista, sobressaltado. Mas sorriu e lhe fez um oco a seu lado.

- Sim, MAC Dubh?

- Pois verã, o certo é que eu não sei muito de ursos. Em Escócia se acabaram faz anos.

Peter arqueou as sobrancelhas.

- Mas se disse que tinha matado a um grande urso sem mais arma que uma adaga!

- E assim foi. Mas eu não cacei a essa besta. Ela me seguiu, de modo que não tive alternativa. Não estou muito seguro de que eu vá ser de muita ajuda para descobrir ao urso fantasma. Certamente é um animal muito ardiloso, não?, se levar meses inteiros entrando e saindo dessa aldeia, sem que ninguém o tenha visto mais que um momento.

- Mais ardiloso que o urso normal –acrescentou Brianna, contraindo um pouco a boca. Jamie lhe cravou um olhar penetrante, que desviou para mim ao ver que me engasgava com a cerveja.

- O que? –inquiriu, irritado.

- Nada –ofeguei- . Absolutamente nada.

Ao nos dar as costas, aborrecido, Jamie descobriu que Josiah Beardsley também estava fazendo caretas de risada contida.

- O que! –ladrou-lhe- . Estas duas são umas loucas –nos assinalou agitando o polegar para trás- , mas o que passa contigo?

Imediatamente o menino apagou o sorriso e tratou de parecer sério, mas lhe contraíam as comissuras da boca e um forte rubor lhe acendia as bochechas enxutas, visível até à luz do fogo. Jamie entreabriu os olhos. Ao Josiah lhe escapou um ruído sufocado, que podia ser uma risada. Com a vista cravada no Jamie, cobriu-se a boca com uma mão.

- E bem? –perguntou meu marido, cortês.

Keziah, ao notar que acontecia algo, pegou-se a seu gêmeo para lhe emprestar apóio. Josiah fez um breve movimento para ele, mas sem apartar a vista do Jamie. Ainda estava vermelho, mas parecia haver-se controlado.

Bom, será melhor que o diga, senhor.

- Sim, será melhor.

O menino respirou fundo, resignado.

- Não sempre era um urso. Às vezes era eu.

Jamie o olhou fixamente um momento. Então foi sua boca a que começou a contrair-se.

- Ah, sim?

- não sempre –explicou Josiah. Mas quando suas vagabundagens o levavam perto de alguma das aldeias índias (“ Só se tinha fome” , apressou-se a acrescentar) espreitava do bosque, para aproximar-se depois do obscurecer e fazer-se com algo comestível. Permanecia na zona alguns dias, comendo das provisões da aldeia até ter recuperado as forças e continuava com suas caçadas. Quando tinha reunido umas quantas peles retornava à cova.

Brianna, já sem rir, tinha escutado a confissão do Josiah com a frente enrugada.

- Mas você não... quer dizer, sem dúvida alguma não foi você quem se levou a bebê com a tabela que lhe servia de berço. E tampouco matou à

mulher que apareceu meio comida, verdade?

- OH!, não. Para que? Não acreditará você que comi isso eu, verdade? – Sorriu ao dizê-lo- . Às vezes tive tanta fome que teria podido fazê-lo, se tivesse encontrado a algum morto, sempre que fora recente –acrescentou, judicioso- . Mas não tanto como para matar deliberadamente a alguém.

- Não nunca pensei que lhe tivesse comido –disse isso Brianna secamente- . Só me ocorreu que, se alguém os tivesse matado, por qualquer motivo, o urso poderia ter mordiscado os cadáveres.

Peter assentiu com ar pensativo. Parecia interessado, mas essas confissões não lhe impressionavam.

- Sim, é o que faria um urso –disse- . Não são exigentes para comer. Não fazem ascos à carniça.

Jamie fez um gesto afirmativo, mas não desviou sua atenção do Josiah.

- Isso me hão dito, sim. Mas Tsatsa'wi disse que tinha visto o urso quando se levava a seu amigo. De modo que arbusto às pessoas, não?

- Bom, a esse o matou –disse Josiah. Mas seu tom tinha um tom estranho; Jamie o olhou com mais atenção, arqueando uma sobrancelha. Josiah moveu lentamente os lábios, como se tratasse de tomar uma decisão. Logo jogou uma olhada ao Kezzie, que lhe sorriu.

Por fim o menino se voltou para o Jamie com um suspiro.

- Não pensava dizer nada sobre esta parte –confessou francamente- . Mas você foi honesto conosco, senhor, e não me parece bem que vá atrás desse animal sem saber que mais poderia haver ali.

- Que mais? –Jamie baixou lentamente a parte de pão que estava a ponto de morder- . Que mais poderia haver ali?

- Pois..., tenha em conta que o vi uma só vez –advertiu Josiah.

- E onde estava então?

Perto da aldeia a que nos dirigíamos. Não era a primeira vez que Josiah andava por ali. Seu objetivo era uma casa no extremo da aldeia; ali havia fileiras de milho postas a secar sob os beirais. Pensava que poderia agarrar uma e escapar com bastante facilidade, sempre que não despertasse aos cães da aldeia.

- Se acordadas a um os tem a todos uivando detrás de ti –disse, movendo a cabeça- . E só faltavam um par de horas para que amanhecesse. De modo que me escorri lentamente, atento se por acaso algum desses pícaros dormia enroscado junto à casa que estava vigiando. Enquanto espreitava no bosque tinha visto sair dela uma silhueta. Como nenhum dos cães se alterou, era razoável pensar que essa pessoa vivia ali. O homem se deteve para urinar; logo, para alarme do Josiah, carregou-se ao ombro um arco e um carcaj e se dirigiu diretamente para o bosque onde ele estava oculto.

- Não acreditava que ele viesse a por mim, mas subi a uma árvore, muito rápido e sem fazer nenhum ruído –disse, sem gabar-se.

O homem devia ser um caçador que saía cedo, rumo a um arroio longínquo onde veados e mapaches foram beber quando amanhecia.

Josiah continha o fôlego, escondido em sua árvore, apenas um par de metros por cima de sua cabeça. O homem desapareceu em seguida entre os densos matagais. Quando o moço estava a ponto de descender, ouviu uma

súbita exclamação de surpresa, seguida pelo ruído de uma breve resistência que concluiu com um horrível ruído a golpe.

Josiah caminhou brandamente pelo bosque em direção aos ruídos susurrantes que se ouviam. Ao olhar cautelosamente entre os ramos de um cedro distinguiu uma silhueta humana tendida no chão; outra se inclinava sobre ela, lutando para lhe tirar um objeto.

- O homem estava morto –explicou Josiah, tranqüilamente –Suponho que aquele homenzinho lhe afundou a cabeça com uma pedra ou um pau.

- Homenzinho? –Peter tinha escutado o relato com muita atenção- . Como era? Viu-lhe a cara?

- Não, só vi sua sombra que se movia. –Entrecerró os olhos para fazer um cálculo mental- . Acredito que era mais baixo que eu; mais ou menos assim. –Alargou uma mão, indicando algo menos de um metro e médio.

Mas o assassino se viu interrompido quando saqueava o cadáver, Josiah não notou nada até que ouviu o súbito ranger de um pau partido e o farejar inquisitivo do urso que busca algo.

- Como correu aquele ser para ouvi-lo! –comentou- . Passou a meu lado como uma flecha, tão perto como está você de mim. Foi então a única vez que pude vê-lo.

- Bom, não nos tenha em incerteza –disse, vendo que se detinha beber um gole de cerveja- . Como era?

- Pois... Eu tivesse jurado que era o mesmo diabo, senhora. Embora eu imaginava ao diabo maior –acrescentou, dando outro sorvo.

Naturalmente, este comentário provocou alguma confusão. Ao pedir mais elucidação tirou o chapéu que Josiah se referia a sua cor: o misterioso “ menor” era negro.

- Só quando fui a essa sua congregação inteirei de que alguns tios normais são negros –explicou- . Não sabia que houvesse gente assim.

Para não chamar a atenção desse ser, o moço se ficou imóvel; foi assim como ouviu o urso que dava conta do desafortunado aldeão.

- É como diz o senhor Peter –disse, assinalando ao Bewlie com um gesto- . Os ursos não são muito exigentes. A esse não o vi, de modo que não sei se era branco ou não; mas que se comeu a esse índio, vá que se o comeu.

A lembrança não parecia perturbá-lo. Em troca vi que Brianna contraía as fossas nasais ao escutá-lo. Jamie intercambiou um olhar com o Peter.

- Bom –disse ao fim- . Parece que não todas as maldades cometidas na aldeia de seu cunhado se podem atribuir ao urso fantasma, não? Também estava Josiah roubando comida e esses pequenos demônios negros matando às pessoas. O que diz você, Peter? É possível que um urso se afeioe à carne humana, uma vez que a provou, e logo saia a caçar gente?

Peter assentiu lentamente, com a cara enrugada, concentrado.

- É possível, MAC Dubh –reconheceu- . E se houver um negro bode rondando pelo bosque, quem sabe agora a quantos matou o urso e a quantos o diabo negro? Mas o urso carrega com a culpa de tudo.

- Mas quem é esse pequeno demônio negro? –Perguntou Bree. Os homens se olharam entre si. Logo se encolheram de ombros, quase ao unísono.

- Deve ser um escravo fugitivo, não? –disse ao Jaime- . Um negro livre

em seu são julgamento não teria por que andar sozinho por território selvagem.

- Pode que não esteja em seu são julgamento –insinuou Bree- . Escravo ou livre, se lhe der de matar às pessoas...

Jamie pigarreou.

- Suponho que sua mulher não falou de demônios negros, verdade, Peter?

- Não, não acredito, MAC Dubh. Quão único recorde, nesse sentido, é o do Homem Negro de Poente.

- E o que é isso? –perguntou Josiah, interessado. Peter se arranhou a barba.

- Pois... não deveria dizer-lhe a ninguém, mas os chamanes dizem que em cada um dos quatro rumos vive um espírito. E cada espírito tem uma cor distinta, de modo que, quando cantam suas orações e coisas pelo estilo, chamam o Homem Vermelho de Levante, por exemplo, para que ajude à pessoa pela que cantam, porque o vermelho é a cor do triunfo e o êxito. O norte é azul: o Homem Azul vai a pela derrota e as dificuldades; a ele o convoca para que dê dores de cabeça a seu inimigo, compreendem? O Homem Branco do Sul é paz e felicidade; lhe canta pelas mulheres grávidas e coisas assim.

Jamie parecia a um tempo surpreso e interessado.

- parece-se muito aos quatro airts, os quatro pontos cardeais de Escócia, verdade, Peter?

- Pois sim –reconheceu Bewlie- . Não é estranho que os cherokees tenham as mesmas idéias que os escoceses das montanhas?

- OH!, nem tanto. –Jamie assinalou com um gesto o bosque escuro, mais à frente do pequeno círculo de luz que irradiava a fogueira- . Eles levam o mesmo tipo de vida que nós, não? São caçadores e habitantes da montanha. Podem ter visto as mesmas coisas que nós.

Peter assentiu lentamente, mas toda essa filosofia impacientava ao Josiah.

- Então, é ou não o Homem Negro de Poente? –inquiriu.

Os dois giraram a cabeça para ele.

- O Poente é o lar dos mortos –disse Jamie com voz fica.

Peter assentiu, muito sério.

- E o Homem Negro de Poente é a morte mesma –acrescentou- . Ao menos, isso dizem os cherokees.

Josiah murmurou que essa idéia não gostava de muito. A Brianna, ainda menos.

- Não acredito que o espírito de poente vá pelos bosques rompendo a cabeça às pessoas –declarou com firmeza- . O que Josiah viu era uma pessoa. Um negro. Ergo, trata-se de um negro livre ou de um escravo fugitivo. E dadas as circunstâncias, voto por escravo fugitivo.

Não me pareceu que o assunto desse para um processo democrático, mas lhe dava a razão.

- Tenho outra idéia –disse, percorrendo aos pressente com o olhar- . E se fosse esse homenzinho negro o que devorou às pessoas que apareceu meio comida? Não há canibais entre os escravos africanos?

Jamie pareceu divertido pela idéia.

- Bom, suponho que na África haverá algum que outro canibal – reconheceu-. Mas não soube que nenhum entre os escravos. Não acredito que fossem muito adequados como serventes domésticos, verdade? Poderiam te morder o culo apenas lhes voltasse as costas.

Esse comentário nos fez rir e alívio um pouco a tensão. Todos iniciamos os preparativos para nos deitar.

Jamie, depois de intercambiar um olhar com a Brianna, anunciou que ambos fariam o primeiro turno de guarda; Josiah e eu, o seguinte; Peter e Kezzie, o último. Até então não tínhamos montado guarda, mas ninguém protestou pela decisão.

Peter e os gêmeos Beardsley dormiram em poucos segundos; ouvia-os roncar ao outro lado do fogo. Eu também começava a me adormecer, arrulhada pelas vozes fica do Jamie e Bree.

- se preocupa seu marido, a nighiean? –perguntou ele, brandamente.

- Estou preocupada com ele desde que o enforcaram –disse-. Agora também tenho medo.

- Hoje não corre mais perigo que ontem, moça... nem que qualquer outra noite desde que partiu.

- É certo –respondeu ela, seca-. Mas o que a semana passada nós não soubéssemos de ursos fantasmas nem de assassinos negros, não significa que não estivessem por ali.

- É justamente o que queria dizer –observou ele-. Seu medo não reduzirá o perigo, compreende?

- Sim, mas crie que me preocuparei menos por isso?

- Não, não acredito.

Houve um breve silêncio. Logo Brianna voltou a falar:

- Não deixo de pensar. O que farei se acontecer algo... se ele não retornar? Durante o dia estou bem, mas de noite não posso deixar de pensar...

- OH!, bom –murmurou ele. Vi-lhe levantar a vista às estrelas-. Quantas noites há em vinte anos, a nighiean? Quantas horas? Pois esse é o tempo que passei me perguntando se minha esposa ainda vivia, como estariam ela e meu filho. Para isso está Deus. Preocupar-se não serve de nada; orar sim... às vezes –acrescentou com franqueza.

- Sim- reconheceu ela, algo insegura-. Mas se...

- E se ela não tivesse retornado –a interrompeu Jamie, com firmeza-, se você não tivesse vindo... se eu jamais tivesse sabido... ou se tivesse tido a certeza de que as duas tinham morrido... Nesse caso eu teria contínuo vivendo, a nighiean, e fazendo o que devia fazer. E o mesmo fará você.

Roger, suarento, abriu-se passo por um denso bosquecillo de eucaliptos e carvalhos. Tinha vontades de legar ao arroio, e não só pela água, que sim a

necessitava, pois, embora de noite começava a fazer frio, os dias seguiam sendo calorosos e antes do meio-dia lhe tinha terminado a água que ficava no cantil. Mas mais que a água precisava sentir o ar livre. Ali abaixo, ao pé da montanha, os bosquecillos de discos e louros eram tão densos que logo que permitiam ver o céu; onde o sol conseguia abrir-se passo, a erva crescia até o joelho.

levou-se ao Clarence, a mula, mais apta que os cavalos para a marcha arruda dos territórios selvagens, mas alguns lugares eram muito árdios inclusive para ele. Deixou-o amarrado em terras mais altas, com seu cilindro de mantas e seus alforjas, e continuou abrindo-se passo entre a maleza para chegar até o seguinte ponto que devia medir.

Fazia calor. tirou-se a jaqueta e a atou à cintura; logo se enxugou a cara com a manga da camisa e continuou a marcha; o astrolábio se bamboleava, pendurado de seu pescoço por uma correia. Do alto de uma montanha podia ver as covas brumosas e os ravinas boscosos, com certo prazer sobressaltado ao pensar ao pensar que todo isso era dele.

Queria terminar de uma vez com essa selva e voltar para terras mais altas. Embora um se sentisse miúdo ante as árvores gigantescas da selva virgem, podia-se respirar baixo eles. Era incompreensível que um lugar assim pudesse alterar-se... mas assim seria. Ele sabia bem. Mas se já o tinha visto! Tinha conduzido seu carro por uma estrada asfaltada, construída em meio de um lugar que alguma vez tinha sido como esse. Sabia que podia trocar. E enquanto lutava por atravessar os matagais de zumaque e amora, era consciente de que aquele lugar podia tragar-lhe sem vacilar um segundo.

Mesmo assim havia algo sedativo na tremenda escala da espessura. Entre as árvores gigantescas e a vida selvagem que pululava ali encontrava um pouco de paz: em paz o deixavam as palavras que lhe amontoavam na cabeça, a preocupação nos olhos da Brianna, a crítica nos do Jamie; uma crítica suspensa, que pendia ali como a espada do Damocles. Deixavam-no em paz os olhares de compaixão ou curiosidade, o esforço constante e penoso de falar, a lembrança do canto.

Durante os primeiros dias de medir o terreno não havia dito uma palavra; era um imenso alívio não ter que fazê-lo. Mas agora começava a falar de novo; desgostava-lhe o som maltratado e rouco das palavras, mas não lhe afligia tanto, pois não havia ninguém que o escutasse.

Por fim ouviu o gorgoteo da água sobre as pedras e, ao sair de um bosquecillo de salgueiros tenros, encontrou o arroio a seus pés, com o sol faiscando na água. depois de beber e molhá-la cara, escolheu os pontos da ribeira de onde faria suas medições. Extraiu o livro do registro, tinta e a pluma do zurrón que levava a ombro, e tirou o astrolábio da camisa.

Enquanto realizava suas medições e tomava nota no livro, cantou pelo baixo, sem reparar na quebrada distorção dos sons.

Muito em breve descobri por que meu nome parecia importante para a Tsatsa'wi: a aldeia se chamava Kalanun'yi, Cidade do Corvo. Quando chegamos não vi nenhum, mas ouvi o grasnido rouco de uma entre as árvores.

Os habitantes da aldeia nos saudaram com entusiasmo, serviram-nos uma abundante comida e nos atenderam durante um dia e uma noite. A tarde do segundo dia nos convidaram a participar de uma invocação à deidade cherokee da caça, para lhe pedir que favorecesse a expedição contra o urso fantasma.

Até que conheci o Jackson Jolly eu ignorava que entre os chamanes índios havia tanta diferença de talento como entre o clero cristão. naquela época, eu já tinha conhecido a vários das duas classes, mas os mistérios da linguagem me tinham impedido de descobrir que a vocação de chamán não implicava necessariamente magnetismo pessoal, poder espiritual nem dom de predicación.

Ao ver as facções endurecidas de quem se apinhava na casa do sogro do Peter Bewlie, compreendi que Jackson Jolly, pese ao encanto pessoal ou os vínculos com o mundo espiritual que pudesse ter, carecia infelizmente do dom da palavra.

O chamán ocupou seu posto ante o lar, vestido com uma manta de flanela vermelha similar a um xale e com uma máscara que representava a cara de um pássaro; já então notei certa expressão resignada em algum dos pressente. Quando começou a falar, em voz alta e monótona, a mulher que estava a meu lado trocou pesadamente de posição e suspirou. Jolly era um chamán sincero, indubitavelmente, mas também muito aborrecido.

O cântico para a caçada do urso era bastante monótono; incluía intermináveis repetições de “ Hei! Hayuya, hayuya’haniwa, hayuya’haniwa...” . Logo, ligeiras variações sobre o mesmo tema; cada verso terminava com um estimulante “ Yoho!” , que te agarrava por surpresa.

Entretanto, a congregação exibiu mais entusiasmo durante essa canção. Por fim compreendi que o problema não estava no chamán, provavelmente. O urso fantasma assolava a aldeia desde fazia vários meses; já deviam ter passado por essa cerimônia em concreto várias vezes, sem êxito algum. Não se tratava de que Jackson Jolly fora mau pregador, mas sim de que seus fiéis sofriam certa perda de fé

Ao terminar o cântico, Jolly plantou ferozmente o pé no lar, para acentuar algo que dizia; logo extraiu de sua saca uma varinha de salvia e, depois de lhe prender fogo, começou a caminhar pela habitação, defumando aos pressente. A multidão lhe abriu aconchego cortemente, lhe permitindo dar várias voltas em volta do Jamie e os gêmeos Beardsley, enquanto cantava e os perfumava com volutas de fumaça fragrante.

Terminada esta fase da cerimônia, o chamán retornou a seu posto junto ao fogo e começou a cantar outra vez. Começava a me doer as costas. Ao fim Jolly pôs fim a seus procedimentos com um grito; logo se retirou um trecho para tirá-la máscara e secar o suor da frente, muito agradado consigo mesmo. Então o chefe da aldeia se adiantou para parlamentar; a gente começou a mover-se, inquieta.

Me desperecê tão discretamente como pude, enquanto me perguntava o que haveria para jantar. Distraída com essas reflexões, ao princípio não me precavi de que os movimentos se feito mais pronunciados. Logo a mulher que estava a meu lado se ergueu bruscamente, dizendo algo em voz alta e autoritária, e inclinou a cabeça a um lado para escutar.

O chefe calou imediatamente; a meu redor a gente olhava para cima,

com o corpo rígido e os olhos dilatados. Eu também o ouvi: o ar se encheu de um sussurro de asas.

- Que diabo é isso? –sussurrou-me Brianna.

Eu não tinha nem idéia, mas o ruído se fazia cada vez mais forte. O ar começava a vibrar em uma espécie de trovão constante, comprido.

- Tsiskwa! –gritou um homem da multidão.

E de súbito se produziu uma correria para a porta.

Ao sair pensei primeiro que se tratava de uma repentina tormenta. O céu estava escuro, trovejava e uma luz estranha, opaca, piscava sobre todas as coisas. Mas não se percebia umidade alguma no ar.

- Pássaros, Meu deus, são pássaros!

Logo que ouvi a voz da Brianna detrás de mim, entre o coro de assombro que me rodeava. Todos estavam de pé na rua, olhando para cima.

Era terrorífico, sim. Eu nunca tinha visto nada parecido; a julgar por sua reação, tampouco a maioria dos cherokees. Era como se a terra se estremecesse. O ar tremia, vibrando ante o bater de asas como um tambor castigado por mãos frenéticas.

A paralisia da multidão não durou muito. Aqui e lá se ouviam gritos. De súbito a gente pôs-se a correr; todos entravam depressa em suas casas e voltavam a sair armados de arcos. Em poucos segundos, uma perfeita descarga de flechas se elevou por entre as nuvem de pássaros; os corpos emplumados choviam do céu, lassos e ensangüentados, atravessados pelos dardos.

Mas não eram corpos quão único caía do céu. Uma succulenta deposição me golpeou o ombro. Era toda uma chuva de partículas, nociva precipitação lançada pelo ensurdecido bando, que levantava pequenas baforadas de pó na rua. Retrocedi para me refugiar sob os beirais de uma casa, com a Brianna e Jemmy.

Desde esse refúgio, sobressaltados, vimos que os aldeãos puxavam entre si, disparando a toda pressa; uma flecha seguia a outra. Jamie, Peter Bewlie e Josiah tinham deslocado a por seus rifles e disparavam entre a multidão, sem incomodar-se sequer em apontar. Não era necessário, pois ninguém podia falhar. Os meninos, manchados pelos excrementos, escorriam-se por entre as pernas para recolher as aves quedas e as amontoavam nas soleiras das casas.

Aquilo deveu durar uma meia hora. Passamo-la acurrucados sob os beirais, médio ensurdecidos pelo ruído e hipnotizados pela incessante torrente que passava pelo alto. Por fim passou o grande bando; atrasado-los, separados dos borde, também desapareceram por sobre a montanha.

A aldeia suspirou ao unísono. Vi que a gente se esfregava as orelhas, tratando de tirar o bater das asas. Em meio da multidão, Jackson Jolly sorria de brinca a orelha, generosamente talher de excrementos e plumas, fulgurantes os olhos. Disse algo com os braços estendidos e os que estavam perto murmuraram uma resposta.

- Estamos benditos –me traduziu a irmã da Tsatsa'wi; parecia profundamente impressionada. Assinalou com um gesto ao Jamie e aos gêmeos Beardsley-. O Antigo Branco nos enviou um grande sinal. Acharão ao urso, sem dúvida.

Os caçadores partiram para dia seguinte, antes do amanhecer. Brianna, em que pese a sua relutância a separar-se do Jemmy, subiu à arreios com ligeireza. Quanto ao menino, estava muito entretido em revolver o conteúdo dos cestos para emprestar atenção à partida de sua mãe.

As mulheres dedicaram o dia a depenar, assar, defumar e preservar as pombas com cinza de lenha. Por minha parte ajudei às cozinhar, matizando a tarefa com entretidos diálogos e permuta proveitosos. Tinha levado comigo cem litros de mel e algumas ervas e sementes importadas da Europa. As negociações foram rápidas; ao cair a noite tinha trocado minha mercadoria por quantidades de ginseng, calambuco e algo muito pouco freqüente: uma chaga. Segundo me havia dito, este enorme cogumelo verrugoso, que cresce em abedules vetustos, tinha fama de curar o câncer, a tuberculosis e as úlceras. Parecia-me um elemento útil para qualquer médico.

Quanto ao mel, tinha-a trocado por cem litros de azeite de girassol, envasilhado em grandes sacos de pele; estavam amontoados sob os beirais da casa onde nos hospedávamos, empilhados como balas de canhão. Cada vez que saía me detinha olhá-los com satisfação, imaginando todo o sabão suave e fragrante que poderia fazer com esse azeite. Com um pouco de sorte poderia vendê-lo a bom preço e obter o dinheiro que terei que lhe mandar ao Laoghaire “ mau raio a parta” .

O seguinte dia o passamos nos hortas com minha anfitriã, outra das irmãs da Tsatsa’wi, chamada Sungi, mulher alta e de rosto doce, que aparentava uns trinta anos. Sabia umas quantas palavras de inglês, mas por sorte algumas de seus amigas o falavam melhor..., pois meu vocabulário cherokee se limitava a “ olá” , “ bom” e “ mais” .

Sungi pôs ao Jemmy a cargo de suas duas meninas; obviamente lhes advertiu que tivessem muito cuidado, pois assinalou várias vezes o bosque.

- Bom Matador de Ursos vir –disse- . Este urso não ousa. Não falar nós.

- OH, ah! –disse, assentindo com ar inteligente.

Outra das mulheres colaborou ampliando a idéia; explicou que todo urso razoável emprestava atenção à invocação do chamán, que convocava ao espírito do urso, a fim de que caçadores e animais se encontrassem adequadamente. Dado a cor desse urso, sua teima e sua conduta maligna, resultava evidente que não era um urso de verdade, a não ser algum espírito maligno que tinha decidido manifestar-se como tal.

- Ah! –exclamei, com um pouco mais de compreensão- . Jackson mencionou ao “ Antigo Branco” ; se referiria ao urso? –Entretanto, Peter havia dito que o branco era uma das cores favoráveis.

Outras das índias (quem me havia dito seu nome inglês, Anna), riu um pouco escandalizada.

- Não, não! Antigo Branco, o fogo.

Outras damas entrevistaram com gorjeios. Finalmente compreendi que o fogo, embora obviamente poderoso e merecedor de um trato intensamente respeitoso, era uma entidade benéfica. dali que a conduta do urso parecesse tão atroz: aos animais brancos normalmente os tratava com respeito e os considerava portadores de mensagens do outro mundo (nesse ponto uma ou duas delas me olharam de esguelha), mas esse urso não se comportava de

maneira compreensível.

Dado o que eu sabia sobre a ajuda que o animal tinha recebido do Josiah Beardsley e o “pequeno diabo negro”, eu o compreendia muito bem. Por não implicar ao Josiah, mencionei que tinha escutado certos relatos, sem especificar onde, segundo os quais existia um homem negro que vivia no bosque e fazia costure más. Sabiam elas algo disso?

- OH, sim! –asseguraram-me. Mas eu não tinha por que me preocupar. Existia um pequeno grupo de homens negros que viviam “por ali”; assinalaram o outro lado da aldeia e os canaviais invisíveis ao outro lado do rio. Era possível que essas pessoas fossem demônios, sobre todos considerando que vinham do oeste.

E era possível que não fossem. Alguns caçadores da aldeia os tinham seguido cautelosamente durante vários dias para ver o que faziam. Os caçadores informavam que esses homens negros viviam na miséria, vestidos com farrapos e sem casas decentes. Um demônio que se respeitasse não podia viver assim.

Não obstante, eram tão poucos e tão pobres que não valia a pena atacá-los; além disso, os caçadores disseram que só havia três mulheres, as três muito feias. E que depois de tudo, sim podiam ser demônios. De modo que decidiram deixá-los momentaneamente em paz. Os homens negros nunca se aproximavam da aldeia, acrescentou uma das índias, enrugando o nariz; os cães os farejariam.

Ao mediar a tarde os caçadores retornaram.

- Quatro zarigüeyas, dezoito coelhos e nove esquilos –informou Jamie, enquanto se limpava a cara e as mãos com um pano molhado-. Também encontramos muitas aves, mas com tanta pomba não nos incomodamos nas caçar, salvo um bonito falcão que George Gist queria pelas plumas. –Vinha castigado pelo vento e com o nariz avermelhado pelo sol, mas muito animado-. E Brianna, bendita seja, matou um bom alce ao outro lado do rio. Um tiro no peito, mas o derrubou... e ela mesma lhe cortou o pescoço, embora não é nada fácil fazê-lo quando a besta ainda esperneia.

- OH!, que bem –disse, um pouco desfalecida ao imaginar um esperneio de pezuñas afiadas e chifres letais muito perto de minha filha.

- Não se preocupe, Sassenach –disse ele-. Ensinei-lhe a fazê-lo como se deve. aproximou-se de detrás.

- Viram algum urso, por acaso, ou estavam muito ocupados?

Ele me olhou com um olho entreabrido por cima da toalha com que se estava secando a cara, mas respondeu com afabilidade.

- Descobrimos muitos sinais de sua presença. Josiah tem boa vista para isso. Não só o esterco, mas também também uma árvore com cabelo enganchado na casca. Ele diz que cada urso tem um par de árvores preferidas e vai arranhar se ali uma e outra vez, de modo que, se queríamos matar a um em especial, podíamos acampar perto e esperar.

- E neste caso essa estratégia não servia?

- Acredito que teria servido –respondeu ele, muito sorridente-, mas não era o urso que procurávamos. Os cabelos aderidos à árvore não eram brancos, a não ser pardos.

Mesmo assim a expedição não tinha sido um fracasso. Os caçadores completaram um grande semicírculo em volta da aldeia e entraram no

bosque, onde exploraram até chegar ao rio. E na terra branda da zona baixa, perto do canavial, encontraram rastros de pegadas.

- Josiah disse que eram diferentes das que tinha deixado o urso cujo cabelo vimos. E Tsatsa'wi acredita que eram como as do urso branco que matou a seu amigo.

A conclusão lógica, em que coincidiam todos os peritos presente, era que o urso fantasma tinha sua toca no canavial. Esses cañares eram lugares densos, sombreados e frescos no calor do verão, povoados de aves e pequenas presas.

- Nesses lugares não pode entrar a cavalo, verdade? –perguntei.

- Não, e tampouco se pode avançar muito a pé, porque são muito densos. Mas não temos intenção de entrar em busca do urso.

O plano consistia em prender fogo ao canavial, para que o urso saísse pelo lado oposto ao plano, onde o poderia matar com facilidade. Mas o fogo faria sair também a muitos outros animais, por isso se tinha avisado aos habitantes de outra aldeia, distante uns trinta quilômetros, para que seus caçadores participassem. Com um pouco de sorte poderiam reunir provisões para todo o inverno, e o maior número de caçadores impediria que o maligno urso fantasma pudesse escapar.

- Muito eficiente –comentei, divertida- . Espero que não façam sair também aos escravos.

- O que?

- Diabos negros ou algo assim. –contei-lhe o que tinha sabido do assentamento de escravos fugitivos.

- Pois não acredito que sejam diabos –disse secamente- . Mas me parece que não correm perigo. Têm que viver ao outro lado do canavial, na borda oposta. Mesmo assim perguntarei. Há tempo. Os caçadores do Kanu'ornamento'yi demorarão três ou quatro dias em chegar.

Os dias seguintes foram agradáveis, embora reinava uma sensação espectador que culminou com a chegada do Kanu'ornamento'yi.

depois das devidas cerimônias e um grande festim de bem-vinda, consistente em higaditos de pomba defumados com maçã frita, a grande partida de caça saiu ao amanhecer, equipada com tochas de pinheiro e braseiros, além de aros, mosquetes e rifles. Depois de despedi-los com um café da manhã adequado, os que não participávamos da caçada retiramos às cabanas, para nos entreter com a cesteria, a costura e a conversação.

Pensava aproveitar a conversação do dia para perguntar pelos componentes do amuleto que Nayawenne fazia para mim. Claro que, por ser ela uma curandeira tuscarora, talvez as crenças subjacentes não fossem as mesmas, mas o do morcego despertava curiosidade.

- Sobre os morcegos há um conto –começou Sungi.

- Os animais e os pássaros decidiram jogar um partido de bola –disse Anna, traduzindo com facilidade o que narrava Sungi- . Por então os morcegos caminhavam em quatro patas, como os outros animais. Mas quando chegou o momento de começar a jogar, os outros animais lhes disseram que não podiam, pois eram muito pequenos e sairiam esmagados. Os morcegos se desgostaram.

Sungi franziu o sobrecenho com cara de morcego aborrecido.

- Então os morcegos se aproximaram dos pássaros e lhes ofereceram jogar em seu bando. Os pássaros aceitaram o oferecimento; com folhas e palitos fizeram asas para os morcegos. As aves ganharam o jogo e os morcegos ficaram tão contentes com suas asas que...

Sungi se interrompeu abruptamente e levantou a cabeça para farejar. Todas as mulheres que nos rodeavam fizeram o mesmo. Nossa anfitriã se levantou depressa para aparecer à porta, com a mão apoiada no marco.

O aroma de fumaça que flutuava no ar desde fazia uma hora se acentuou muito. Levantei-me para seguir ao Sungi, com as outras mulheres.

O céu tinha começado a cobrir-se de nubarrões, mas a nuvem de fumaça era ainda mais escura: um borrão negro que se amontoava sobre as árvores distantes. O vento cavalgava os bordos da tormenta próxima; frente a nós passaram torvelinhos de folhas secas, com um ruído de pés pequenos e precipitados.

Sungi disse algo que não entendi, mas seu sentido era óbvio. Uma das mais jovens se umedeceu um dedo com saliva e o levantou, mas era desnecessário: eu sentia o vento contra a cara o bastante forte para me levantar o cabelo dos ombros. Soprava diretamente para a aldeia.

Imediatamente as mulheres ficaram em movimento: correram pela rua para suas casas, chamando os meninos; aqui e lá se detinham para recolher na saia a carne posta a secar ou arrancar dos beirais uma réstia de cebolas, alguma cabaça.

Eu não sabia com certeza onde estava Jemmy; uma das meninas índias o tinha levado a jogar, mas na confusão não tinha visto qual era. Levantei-me as saias para correr rua abaixo, aparecendo em interior de cada casa sem que ninguém me convidasse.

Encontrei ao Jemmy na quinta casa, profundamente dormido com outros meninos de distintas idades, todos acurrucados como cachorrinhos em uma manta de búfalo. Despertei com toda a suavidade possível, enquanto desenredava ao Jemmy.

Quando saímos à rua, o aroma de fumaça se acentuou muito. A evacuação estava em plena marcha; a gente (mulheres em sua maioria) abandonava apressadamente as moradias, empurrando para diante aos meninos e carregado com hatillos com seus pertences.

Os caçadores se levaram a maioria dos cavalos. Quando cheguei ao curral de sarças só ficavam três. Um dos anciões da aldeia estava montado em um e tinha pelas bridas ao Judas e ao outro animal, preparado para levar-lhe. O meu estava selado, com as alforjas e um freio de corda. O ancião, à lombriga, disse algo com um grande sorriso e assinalou ao Judas.

- Obrigado! –exclamei.

O homem se inclinou para agarrar diestramente ao Jemmy, a fim de que eu pudesse montar e me fazer cargo das rédeas; logo me entregou ao menino com muito cuidado.

Os cavalos estavam inquietos. Sabiam tão bem como nós o que era um incêndio e a idéia gostavam ainda menos. Sujeitei com firmeza o freio com uma mão e ao Jemmy com a outra.

- Bem, besta –disse ao Judas, fingindo autoridade-. Vamos já!

O cavalo estava muito de acordo com essa proposição: encaminhou-se

para a abertura da perto como se fora a linha de chegada de uma carreira, com o que enganchou minhas saias nos espinhos do cercado. Compu-me isso para reprimi-lo apenas o suficiente para que o ancião e seus dois cavalos saíssem do curral e ficassem a nossa altura.

O homem me gritou algo e assinalou para a montanha, na direção oposta ao fogo. O vento lhe cruzava o comprido corto cinza contra a cara, afogando suas palavras. O apartou, mas em vez de incomodar-se em repetir, limitou-se a pôr suas arreios na direção que tinha indicado.

Açulei ao Judas com o joelho para que o seguisse, mas o mantive a rédea curta. Joguei um olhar vacilante para a aldeia, onde a gente continuava saindo das casas, todos com o rumo que tinha indicado o ancião.

Bree deveria buscar ao Jemmy assim que notasse que a aldeia estava em perigo. Demorei-me para esperá-la, face à crescente agitação do Judas.

O vento já açoitava as árvores, arrancando baforadas de folhas verdes, vermelhas e amarelas que aconteciam, raudas, ou convertiam minha saia e o pele do cavalo em uma colcha de retalhos outonais. Todo o céu se pôs cárdeno; ouvi os primeiros rugidos do trovão sob o assobio do vento e o sussurro do fogo. Até através da fumaça, percebia-se o aroma da chuva iminente, e isso me deu uma súbita esperança. O que a situação requeria era justamente um bom chuveirada; quanto antes, melhor.

Encontrei a Brianna e ao Jamie no meio do povo, nos buscando ansiosamente com a vista. Jemmy lançou um chiado de gozo ao ver sua mãe e se jogou em seus braços, com o que esteve a ponto de cair sob os cascos nervosos dos cavalos.

- Caçaram o urso? –perguntei ao Jamie.

- Não! –gritou ele, para fazer-se ouvir por cima do ruído do vento- . Vamos, Sassenach!

Bree já ia para o bosque, onde o último dos índios já desaparecia entre as árvores. Mas ao ficar livre do Jemmy eu tinha pensado em outra coisa.

- Um minuto! –gritei, enquanto desmontava.

Arrojei as rédeas ao Jamie, que se inclinou para as apanhar. Gritou-me algo que não cheguei a entender.

Estávamos ante a casa do Sungi e eu tinha visto os odres de azeite de girassol empilhados sob os beirais. Arrisquei-me a jogar uma olhada em direção ao canavial. O fogo se estava aproximando. Mesmo assim estava quase segura de que os cavalos nos permitiriam nos distanciar do incêndio. E não pensava deixar a mercê do fogo as lucros de todo um ano de mel.

Sem emprestar atenção aos bramidos furiosos do Jamie, corri ao interior da casa para escavar como um ganso entre as cestas disseminadas, esperando, contra toda esperança, que Sungi não houvesse... Por sorte, não. Com um punhado de tiras de couro na mão, saí correndo. Ajoelhada entre o pó e a fumaça formados redemoinhas, atei um cabo ao pescoço de cada odre e os atei de dois em dois, rodeando as ataduras tanto como pude. Logo, carregada com uma dessas incômodas juntas, voltei me cambaleando para os cavalos.

Jamie, à lombriga, agarrou os dois pares de rédeas com uma só mão e se inclinou para agarrar a correia improvisada que unia os odres; carregou-os sobre a cruz do Gideon, deixando pender um saco a cada lado.

- Vamos! –gritou.

- Um mais!

Judas soprava e punha os olhos em branco, mostrando os dentes em um gesto de medo, mas Jamie o reteve com força, enquanto eu cruzava o segundo par de odres sobre a cadeira. Logo montei.

Assim que Jamie afrouxou o punho de ferro com que sujeitava o freio, Judas arrancou. Eu tinha a corda nas mãos, mas compreendi que não serviria de nada; limitei-me a me aferrar à cadeira como se nisso me fora a vida; com os odres de azeite ricocheteando contra minhas pernas, voamos para a segurança das terras elevadas.

A tormenta estava muito mais perto; o vento tinha cessado, mas o trovão ressonava com forte estrondo, fazendo que Judas cravasse os cascos e saltasse como uma lebre a campo aberto. Detestava os trovões. Ao recordar o que tinha acontecido a última vez que o montei durante uma tormenta de chuva, inclinei-me contra seu lombo, obstinada como um dificuldades e muito decidida a não me deixar cair em sua carreira louca.

de repente nos encontramos no bosque; os ramos desfolhados se lançavam como látigos contra mim. Apertei-me mais ao pescoço do animal, com os olhos fechados para evitar que fossem arrancados. Judas tinha diminuído a marcha, por necessidade, mas ainda estava apavorado.

Quando voltou a trovejar, ele perdeu pé nas folhas escorregadias e escorregou de flanco, estrelando-se contra um grupo de arvorezinhas. A elástica madeira nos salvou de danos maiores. levantou-se com muita dificuldade e continuamos avançando. Abri um olho com cautela; Judas parecia ter encontrado um atalho; era uma linha difusa que serpenteava por entre o denso matagal, para diante.

Mais à frente, as árvores voltaram a fechar-se; já não vi mais que uma claustrofóbica série de troncos e ramos entrelaçados, aos que se entreteciam restos amarelados de madressilva silvestre e brilhos de trepadeiras escarlates. O denso da maleza fez que o cavalo diminuísse a marcha ainda mais; por fim pude tomar fôlego e me perguntar onde estaria Jamie.

Estalou novamente o trovão; depois de sua esteira ouvi um relincho agudo detrás de mim. É obvio: se Judas detestava os trovões, Gideon detestava seguir a outro cavalo. Viria muito perto, esforçando-se por nos alcançar.

Judas avançou alguns passos mais e se deteve em seco, ofegando. Sem esperar a que um novo trovão o pusesse em marcha outra vez, apressei-me a desmontar e ateí a corda a uma árvore pequena.

Bem a tempo. Estalou o trovão, tão forte que o senti na pele. Judas se elevou de mãos com um alarido, atirando da corda, mas eu a tinha enrolado ao tronco. Afastei a tropeções de seu pânico. Jamie me agarrou desde atrás e disse algo, mas os trovões afogaram sua voz.

Aferrei a ele, tremendo pela adrenalina da reação tardia. A chuva já era intensa, frescas as gotas contra minha cara. Ele me beijou na frente; logo me conduziu para um enorme disco, cujos leques de agulhas quebravam a chuva, formando abaixo uma cova fragrante, quase seca.

Quando a adrenalina que me circulava pelo corpo começou a esgotar-se, dispus de um momento para olhar em redor; então caí na conta de que não fomos os únicos habitantes desse refúgio.

- Olhe –disse, assinalando para as sombras.

Os rastros eram leves, mas óbvios; alguém tinha deixado ali, depois de comer, um pulcro punhado de ossos pequenos. Os animais não eram tão ordenados; tampouco amontoavam a pinaza para formar uma cômoda travesseiro.

Jamie fez uma careta para ouvir os trovões, mas assentiu.

- Sim, é um posto de assassino, mas não acredito que o tenham usado ultimamente.

- Um posto do que?

- De assassino –repetiu ele. Um relâmpago, a suas costas, acendeu uma lâmina vivida que deixou sua silhueta impressa em minha retina- . Assim chamam os sentinelas; são os guerreiros que montam guarda fora da aldeia, para deter quem quer que chegue sem avisar. Vê?

- No momento não vejo nada. –Alarguei uma mão, a provas, e ao tocar a manga de sua jaqueta procurei o refúgio de seu braço. Fechei os olhos com a esperança de recuperar a visão, mas seguia vendo o fulgor contra as pálpebras apertadas.

Os trovões pareciam afastar-se um pouco; ao menos já não eram tão freqüentes. Pisquei; via outra vez. Quando Jamie se apartou, fazendo gestos, descobri que estávamos de pé em uma espécie de cornija, com a face da montanha em levantado pendente a nossas costas. Mais acima, oculto à vista por uma fileira de coníferas, abria-se um estreito claro; obviamente tinha sido feito pelo homem, pois essa era a única classe de claro que havia nessas montanhas. Mas entre os ramos se apreciava uma vista deslumbrante do pequeno vale em que se elevava a Cidade do Corvo.

A chuva tinha amainado, mas desde esse ponto se podia ver que as nuvens não formavam uma só tormenta, a não ser várias. O canavial ainda fumegava; era uma coroa baixa e plaina, de cor cinza muito clara contra o céu entrevado. Até à altura em que estávamos, o aroma de queimado irritava o nariz, extrañamente misturado ao da chuva. Aqui e lá se viam línguas ígneas que ainda ardiam entre os canos, mas era evidente que o fogo se extinguiu em sua major parte; o seguinte chuvarada o sufocaria por completo. Também vi que a gente voltava para a aldeia, em pequenos grupos que saíam do bosque com vultos e meninos a rastros.

- Tudo bem, Sassenach? –A mão do Jamie se apoiou em meu pescoço, cálida, e seus dedos esfregaram com suavidade o perfil tenso de meus ombros.

- Sim. Parece-te que não haverá perigo ao baixar? –Do caminho só sabia que era estreita e levantada; agora estaria lamacenta e escorregadia pela folhagem molhada.

- Não –disse- , mas não acredito que...

interrompeu-se abruptamente para observar o céu, com o sobrececho enrugado. Logo olhou para trás; eu logo que podia ver o contorno dos cavalos, que estavam muito juntos ao casaco da árvore onde eu tinha pacote ao Judas.

- ia dizer que não me parecia muito seguro ficar aqui –disse ao fim- . Mas essa tormenta avança depressa; já vê os relâmpagos que cruzam a montanha, e os trovões...

Com melodramática oportunidade, um marcado retumbar de trovões rodou pelo vale. Um dos cavalos lançou um agudo relincho de protesto e

atirou do freio, fazendo repicar a folhagem. Jamie olhou para trás com expressão sombria.

- Suas arreios odeia os trovões, Sassenach.

- Já o tinha notado –disse, acurrucândome contra seu calor.

- Sim. O mais provável é que se parta o pescoço, e lhe parta isso para ti, se quando estão baixando...

Um novo trovão afogou suas palavras, mas compreendi o que tentava dizer.

- Esperaremos –disse firme.

E me abraçou desde atrás, apoiando o queixo em meu cocuruto com um suspiro. Assim esperamos juntos, ao casaco do disco, a que chegasse a tormenta.

83

Rápido como a pólvora

Roger despertou pela metade, com o aroma de fumaça lhe queimando a garganta. Tossiu e voltou a afundar-se no sonho; depois de um almoço leve à borda do rio se tendeu à sombra de um salgueiro, para descansar uma hora.

de repente, incorporou-se piscando, alarmado por um chiado distante. O grito se repetiu, longínquo mas potente. A mula!

Fumaça... cheirava a fumaça, sim. Médio sufocado, tratou de conter a tosse. Cada vez que tossia era como se lhe rasgasse a malha cicatrizada da garganta.

- Lá vou! –sussurrou em direção ao Clarence.

Tinha deixado a mula maneada em um prado, ao bordo do canavial, mas não estava muito longe.

- Outra vez –murmurou, aplicando seu peso a um grupo de canos tenros para abrir-se passo- -. Grita outra vez... demônio.

O céu estava escuro. Ao ficar em marcha a provas, recém arrancado de seu sonho, sua única idéia da direção era Clarence.

O que acontecia? O aroma de fumaça era notavelmente mais potente; conforme se liberava do atordoamento causado pelo sonho e o pânico, caiu na conta de que algo ia mau. Os pássaros, que a meio-dia estavam acostumados a estar dormitados, estavam agitados; revoavam por cima de sua cabeça. O ar, inquieto, sacudia as folhas rasgadas do cañar. Roger sentiu um roce quente na cara; não era o calor úmido, aderente e envolvente do lamacento canavial, a não ser algo seco e quente, que lhe provocou um paradoxal calafrio. Céu Santo, aquilo se estava incendiando! A fumaça lhe subiu ao peito, aferrou aos pulmões; queimava, lhe impedia de respirar a fundo.

- Clarence –ofegou, tão alto como pôde.

Não serve de nada; logo que podia ouvir sua própria voz sobre a crescente agitação dos canos. Quanto à mula, já não a ouvia. Era possível

que esse teimoso animal já estivesse reduzido a cinzas? Não; o mais provável era que tivesse esmigalhado os trapos que o maneaban para galopar para um lugar seguro.

A fumaça o tinha invadido tudo em nuvens cada vez mais densas, que se arrastavam perto do chão e surgia, sufocante, entre as matas. Agora lhe era possível ouvir o incêndio: era um cacarejo suave, como de alguém que riera pelo baixo, com a garganta cheia de cicatrizes.

Os salgueiros. Sua mente se aferrou à idéia dos salgueiros; à distância distinguiu uns quantos, apenas visíveis sobre os canos ondulantes. Os salgueiros crescem perto da água; ali estava o rio.

Quando chegou à água, capoteó até o centro do arroio e ali se deixou cair de joelhos, com a cara bem perto da água.

Ali o ar corria, refrescado pela água; bebeu-o a grandes goles, ao ponto de tossir outra vez, o corpo lhe sacudiu em uma série de espasmos desgarrantes. Encomendou sua alma a Deus e fugiu, sufocado e a tropeções, com os calhaus deslizando-se sob seus pés; fugiu durante tanto tempo como suas pernas trêmulas quisessem levá-lo, até que a fumaça o aferrou pelo pescoço para lhe encher a cabeça, o nariz e o peito, e o sufocou. A banda de cicatrizes era uma mão que espremia, privando-o do ar e da vida; deixava só trevas detrás de seus olhos, iluminados pela vermelha piscada do fogo.

Lutava. Lutava contra o laço correção, contra as ataduras de suas bonecas, e lutava sobre tudo com o vazio negro que lhe esmagava o peito e lhe fechava a garganta. Lutava por um último e precioso gole de ar. Corcoveou com as forças que ficavam. E logo rodou pelo chão, com os braços livres.

Uma mão, ao agitar-se, golpeou contra algo. Era brando e lançou um chiado de surpresa.

Imediatamente sentiu umas mãos nos ombros e as pernas. sentou-se, com a visão fraturada e o peito palpitante pelo esforço de respirar. Algo o golpeou com força na metade das costas. engasgou-se, tossiu, tragou ar suficiente para seguir tossindo, no fundo chamuscado de si mesmo, e um enorme coágulo de escarro negro saiu de seu peito, quente e viscoso como uma ostra podre sobre a língua.

Cuspiu-o com uma arcada; a bÍlis subiu, ardente, pelo canal espremido de sua garganta. Voltou a cuspir e se incorporou, ofegante.

Não teve consciência de ninguém, absorto como estava no milagre do ar e o fôlego. Havia vozes a seu redor, caras difusas na escuridão; tudo cheirava a queimado.

A água lhe tocou a boca. Levantou a vista, piscando, e lacrimejou pelo esforço de olhar. Sentia os olhos chamuscados; luzes e sombras se rabiscavam. Piscou com força; as lágrimas quentes foram um bálsamo para o ardor dos olhos e refrescaram sua pele ao correr pelas bochechas. Alguém lhe sustentava uma taça contra os lábios: uma mulher, com a cara enegrecida pela fuligem. Não, não era fuligem. Entreabriu os olhos, sem deixar de piscar. Era negra. Uma pulseira?

Bebeu apenas um sorvo de água, levantou as mãos para agarrar a taça. Isso lhe surpreendeu: esperava sentir a dor nos dedos quebrados, na

carne intumescida... mas suas mãos estavam sãs e úteis. Procurou automaticamente o oco do pescoço, esperando a dor e o assobio do âmbur. Incrivelmente, tocou carne sólida. Respirou; o ar assobiava em seu nariz e descia por sua garganta.

Estava sentado em uma choça desancada. Dentro havia várias pessoas e outras mais espiavam da porta. Em sua maioria eram negros, todos vestidos com farrapos, e nenhum parecia sequer remotamente amistoso.

A mulher que lhe tinha dada água parecia assustada. Ele tratou de lhe sorrir, mas tossiu outra vez. Ela o olhou por debaixo do trapo puído que levava sobre as sobrancelhas. A parte branca de seus olhos era de cor escarlate; tinha os lábios inchados e bordeados de vermelho. Os seus deviam estar igual. O ar ainda estava denso de fumaça; ao longe se ouvia o estalar dos canos, partidas pelo calor, e o rumor agonizante do incêndio. A pouca distância um pássaro lançou um grito de alarme e calou abruptamente.

Perto da porta se estava desenvolvendo uma conversação em sussurros sibilantes. Os homens que dialogavam... não: discutiam... lhe jogavam uma olhada de vez em quando; suas caras eram máscaras de medo e desconfiança. Fora começava a chover; não pôde sentir o aroma da chuva, mas sim o ar fresco na cara, e ouviu o tamborilar das gotas na coberta, às árvores.

esforçou-se por reconhecer as palavras, mas só ouvia um balbuceio. Esses homens não falavam inglês, nem francês, nem gaélico. No mercado do Wilmigton tinha ouvido uns tordos recém gastos que tagarelavam com o mesmo murmúrio rouco e secreto. Alguma língua africana... ou mais de uma.

Tinha a pele cheia de ampolas, quente e dolorida em vários pontos; o ambiente da choça era tão caloroso que o suor lhe corria pela cara, misturado com as lágrimas. Mas de repente sentiu um calafrio na base da coluna: não estava em uma plantação; nessa zona das montanhas não havia nenhuma. As poucas terras isoladas que existiam ali eram muito pobres para ter escravos, muito menos nesse número. Algumas tribos de índios tinham escravos, mas não eram negros.

Só cabia uma resposta possível e sua conduta a confirmava: eram escravos fugitivos, seus captores... seus salvadores? Escravos fugitivos que viviam ali em segredo.

A liberdade dessa gente, possivelmente a vida mesma, dependia do segredo. E ali estava ele, como uma ameaça vivente. O teriam salvado do fogo? Nesse caso estavam arrependidos, a julgar pelos olhares que lhe jogavam os homens reunidos junto à porta.

Um dos que discutiam se separou do grupo para sentar-se em cuclillas ante ele, depois de apartar a mulher. Seus estreitos olhos negros o percorreram da cara ao peito. Logo, de novo olharam para cima.

- Quem você?

Não parecia que o belicoso interrogador queria saber seu nome. Antes bem, que propósitos tinha. Pela mente do Roger passaram raudamente várias possibilidades. Qual seria a melhor para conservar a vida?

O metal do astrolábio lhe tinha queimado no incêndio, levantando rápidas ampolas que, ao estalar, pegaram o metal à pele com seu líquido viscoso. Agora, ao mover-se, o objeto se desprende por seu próprio peso,

arrancando as partes de pele; no centro do peito tinha agora um emplastro em carne viva.

Afundou dois dedos pelo pescoço da camisa e atirou brandamente da cinta.

- To-pó-gra-fo –grasnou; as sílabas passaram a viva força por entre a fuligem e as cicatrizes de sua garganta.

Seu interrogador olhou com fixidez o disco de ouro, dilatados os olhos. Os homens que estavam à porta puxaram entre si para aproximar-se de ver.

Um deles lhe arrebatou o astrolábio. Ele deixou que o passasse pela cabeça, sem fazer esforço algum por retê-lo, e aproveitou o interesse dos homens por aquele vistoso objeto para juntar lentamente os pés. que tinha o astrolábio elevou a voz para dizer algo que parecia um nome. Ante a porta houve um movimento; alguém se abria passo entre os pressente.

A mulher que entrou tinha o mesmo aspecto que os outros; vestia um roupa folgada esfarrapado, molhado pela chuva, e um trapo quadrado pacote em torno da cabeça lhe ocultava o cabelo. A única diferença era que seus membros fracos tinham a cor parda sardenta e curtida da pessoa branca. Manteve os olhos fixos no Roger enquanto se aproximava do centro da cabana. Só o peso do astrolábio que trazia na mão apartou seu olhar dele.

adiantou-se um homem torto, alto e de ossos grandes, que assinalou o astrolábio com um dedo e disse algo que soou a pergunta. Ela moveu lentamente a cabeça, seguindo com um dedo as marcas do disco, com intrigada fascinação. Logo lhe deu volta.

Roger viu que esticava os ombros ao ver as letras gravadas. Em seu peito surgiu uma faísca de esperança. Ela reconhecia esse nome.

- Você não erez Jamez Frazer –disse.

Podia ter qualquer idade entre vinte e sessenta anos, embora não havia cãs no cabelo castanho claro das têmporas. As rugas da cara pareciam dever-se à fome e as privações mais que aos anos. Roger a sorriu deliberadamente; ela estirou a boca por reflexo, em uma careta vacilante; mesmo assim bastou para que ele visse as incisivas partidas em ângulo. Com os olhos entreabridos chegou a distinguir a fina cicatriz que atravessava uma sobrelanceira. Era muito mais magra do que Claire lhe havia descrito, mas isso era compreensível.

- Não sou... James Fraser –confirmou com voz rouca- . Mas você é... Fanny Beardsley...verdade?

Apesar dos dentes não estava seguro, mas a expressão de horror que cruzou pela cara da mulher foi uma sólida confirmação. Os homens também conheciam esse nome. O caolho se adiantou imediatamente para lhe estreitar o ombro; os outros se aproximaram com ar ameaçador.

- James Fraser é... o pai de minha mulher- esclareceu ele- . Quer notícias... da criatura?

Da cara da Fanny desapareceu a expressão de suspeita. Embora não se movia, a seus olhos subiu um anseio tal que Roger teve que resistir o impulso de retroceder.

- Fã? –O homem alto se aproximou dela; seu único olho ia e vinha com suspicácia entre a mulher e Roger.

Ela disse algo, quase em um sussurro, e levantou uma mão para cobrir a do homem, que seguia apoiada em seu ombro. A cara de seu

companheiro ficou súbitamente em branco, como se alguém lhe tivesse passado um rascunho. Ela se voltou para olhar o de frente e lhe falou em voz baixa, com tom premente.

Na choça a atmosfera tinha trocado; ainda estava carregada, mas à ameaça geral se mesclava agora um ar de confusão. Os homens agrupados perto da porta se olharam entre si; logo, carrancudos, ao casal que discutia em sussurros. Roger permanecia imóvel, reunindo forças. Se se via obrigado a correr, não poderia fazê-lo a muita velocidade nem chegar muito longe.

A discussão cessou abruptamente. O homem alto se voltou e fez um gesto brusco para a porta, dizendo algo; os outros grunhiram de surpresa e desaprovação, mas se retiraram lentamente.

Apenas a porta desancada se fechou atrás deles, a mulher o agarrou pela manga.

- me diga -lhe exigiu.

- Um... momento. -Ele voltou a tossir e se limpou a saliva com o dorso da mão-. Você me... tira... daqui. Logo... te direi... tudo que sei.

- diga-me isso

Os dedos da mulher lhe cravaram no braço. Ele sacudiu a cabeça, entre tosses. O homem alto apartou a Fanny para aferrá-lo pela camisa.

- lhe diga, homem, ou te estripo!

- Não -disse com teima-. Me tirem... daqui. Logo lhes contarei.

O homem vacilou. Seu único olho voltou para a mulher.

- Segura que sabe?

- Sabe, sim.

- Era... menina. -Roger lhe sustentou o olhar com fixidez, resistindo a necessidade de piscar-. Isso... tem que sabê-lo.

- Vive?

- me tire... daqui.

Não era alta nem corpulenta, mas sua urgência parecia encher a choça e parecia fazê-la vibrar. Durante um comprido minuto seguiu com os olhos ardentes cravados nele e os punhos apertados. Logo girou sobre os talões para lhe dizer algo violento ao homem, nessa estranha língua africana.

Ele tratou de discutir, mas foi inútil; a corrente de palavras o golpeava como a água de uma mangueira de incêndios. Por fim levantou as mãos em frustrada rendição e arrancou o trapo que cobria a cabeça da mulher. depois de desatar os nós com compridos dedos velozes, sacudiu-o para formar uma atadura, sempre resmungando pelo baixo.

Quão último Roger viu, antes de que o homem lhe enfaixasse os olhos com o trapo, foi a cara da Fanny Beardsley, as pequenas tranças gordurentas que lhe rodeavam os ombros e seus olhos ainda fixos nele, ardentes como brasas.

* * *

Não saíram sem ouvir protestos; durante um trecho, rodeou-os um cor de vozes furiosas e mãos que lhes atiravam das roupas e as extremidades. Roger caminhava, com a mão apoiada no ombro da Fanny Beardsley para guiar-se. O assentamento parecia pequeno; ao menos passou muito pouco tempo antes de que as árvores se fechassem em torno deles. O homem e a mulher intercambiavam ocasionalmente algum comentário, mas logo ficaram

em silêncio. Embora a atadura estava muito apertada para ver nada, um pouco de luz se filtrava por debaixo; assim podia calcular as mudanças de hora. Quando saíram da choça mediava a tarde; quando ao fim se detiveram, a luz tinha desaparecido quase por completo.

Tiraram-lhe a atadura e ele piscou; o súbito da luz compensava o escasso. O anoitecer estava avançando. encontravam-se em um terreno baixo, já meio coberta pela escuridão. Fanny Beardsley se enfrentou a ele; sob o dossel do enorme castanho parecia mais miúda, mas tão apaixonada como na choça. Ele tinha tido tempo de sobra para pensar. Devia lhe dizer onde estava sua filha ou fingir que o ignorava? Se o dizia, faria ela algum tento por recuperá-la? E nesse caso, quais podiam ser as conseqüências para a menina, os escravos fugitivos... e inclusive para o Jamie e Claire Fraser?

Nenhum dos dois havia dito nada sobre quão feitos tinham acontecido na granja dos Beardsley, além de explicar que ele tinha morrido de uma apoplexia. Mas Roger os conhecia o suficiente para tirar deduções da expressão afligida do Claire e a impassível do Jamie. Mas se ele não sabia o acontecido, Fanny sim... e bem podia ser algo que os Fraser preferissem manter oculto. Se a senhora Beardsley reaparecia no Brownsville para reclamar a sua filha, haveria algumas pergunta que responder... e talvez a ninguém beneficiava que as respondesse.

Mas o céu ardente banhava sua cara de fogo. Frente à fome desses olhos em chamas ele não pôde menos que dizer a verdade.

- Sua filha... está bem –começou com firmeza.

Ela estrangulou uma pequena exclamação, no fundo de sua garganta. Quando terminou de escutar o que Roger sabia, as lágrimas lhe corriam pela cara, abrindo sulcos na fuligem e o pó que a cobriam, mas seus olhos se mantinham bem abertos, fixos nele, como se ao piscar pudesse perder alguma palavra vital.

O homem permanecia algo mais atrás, cauteloso e vigilante, com a atenção concentrada na mulher, mas de vez em quando jogava um olhar ao Roger. Por fim ficou junto a sua companheira, com o único olho tão brilhante como os dela.

- Ela ter o dinheiro? –perguntou.

- Sim, herdou... toda a propriedade... do Aaron... Beardsley –lhe assegurou Roger, com a garganta irritada de tanto falar- . O senhor... Fraser... se ocupou... disso.

Ele tinha acompanhado ao Jamie a Corte de Órfãos, para que emprestasse testemunho sobre a identidade da menina. Richard Brown e sua esposa receberam a custódia da criatura... e seus bens. Tinham-lhe dado o nome da Alicia, vá ou seja por que sentimentos profundos ou por que indignação.

- Não importa que ela negra?

Viu que o olho do escravo se desviava para a Fanny Beardsley e se apartava imediatamente. A mulher ouviu em sua voz o sotaque de incerteza e girou para ele como uma víbora ao ataque.

- tua Ez! –disse- . Não pôde ser dele, não, não!

- Sim, isso você dizer –replicou ele, ressentido- . Dão dinheiro a menina negra?

Ela golpeou um pé contra o chão e o esbofeteou. O homem lhe apartou a cara, mas não fez outro intento de escapar de sua fúria.

- Creez acazo que a teria abandonado zi houvesse zido branca? –gritou Fanny, esmurrando-o nos braços e no peito- . Zi tive que deixá-la foi por tua culpa, tua! Você e eze maldito pele negro!

Foi Roger quem lhe sujeitou as bonecas e as reteve apesar de suas resistências. Deixou-a chiar até ficar rouca. Por fim ela se derrubou em lágrimas.

O escravo, que tinha presenciado todo isso com uma mescla de vergonha e cólera, fez um gesto de estender os braços para ela. Foi um movimento imperceptível, mas bastou para que ela se jogasse em seus braços, a soluçar contra seu peito. Ele a abraçou com estupidez, balançando-a sobre os talões descalços. Lhe via envergonhado, mas já nem iracundo.

Roger pigarreou com uma careta de dor. O escravo levantou a vista para ele.

- Vete, homem –disse brandamente. Logo, antes de que Roger pudesse mover-se, acrescentou- : Espera... Verdade, homem, a menina boa vida?

- Está... bem...cuidada. –Mas queria lhes oferecer algo mais- . É... bonita –acrescentou por fim. Já quase tinha perdido a voz; não era mais que um sussurro- . Uma menina... bonita.

A cara do homem trocou, apanhada entre o sobressalto, a consternação e e prazer.

- OH! –disse- . Isso por sua mamãe, seguro.

E deu uns tapinhas muito suaves nas costas a Fanny Beardsley. Ela tinha deixado de soluçar, mas mantinha a cara apertada a seu peito, quieta e silenciosa. Já tinha escurecido quase por completo; a intensa penumbra apagava quase toda a cor; a pele da mulher parecia igual a de seu companheiro.

O homem só vestia uma camisa empapada e tão rota que sua pele escura aparecia através dos farrapos, mas levava um cinturão de corda de que pendia um saco de tecido basta. Rebuscou ali com uma só mão e tirou o astrolábio para devolver-lhe ao Roger.

- Não lhe vais ficar isso perguntou ele.

O escravo sacudiu a cabeça.

- Não, para que? –acrescentou, com um gesto irônico na boca- , talvez ninguém deve buscar você, mas sim procurar coisa.

Roger agarrou o pesado disco e se passou a cinta pela cabeça.

- Ninguém... virá –disse.

Girou em redondo e se afastou, sem ter idéia de onde estava nem para onde ia.

Os cavalos se apaziguaram um pouco, mas ainda estavam intranquilos. Jamie se abriu passo entre as coníferas até o pequeno claro.

- Pois se vocês não gostam de -lhe ouvi dizer- , para que vieram?

Gideon lançou um suave relincho de prazer ao vê-lo. Quando ia aproximar me para ajudá-lo, um movimento fugaz atraiu minha vista para baixo.

Apareci para vê-lo. Parecia um cavalo, embora vinha de uma direção diferente da que tinham tomado refugiados.

- É Clarence! -gritei.

- Quem? -chegou-me a voz do Jamie do outro lado do saliente.

- Clarence! A mula do Roger!

Vinha ao trote pelos milharais em aro, com as orelhas para diante e obviamente feliz de reincorporar-se à sociedade. Estava selada, mas sem cavaleiro.

- tem quebrado a manea para fugir. -Jamie estava junto a meu ombro e contemplava a pequena silhueta do mulo- . Vê?

Em meu alarme eu não o tinha notado, mas em uma das patas dianteiras tinha um trapo que ondulava na carreira.

- Suponho que isso é melhor. -Suavam-me as mãos. Sequei-me as Palmas contra as mangas, por não apartar a vista- . Quer dizer... se estava maneado é porque Roger não ia montado nele; não é que se cansado e possa estar lesado.

- Ah!, não. -Jamie parecia preocupado, mas não dava amostras de alarme- . Só terá que andar muito.

De repente estalou um relâmpago; o trovão que lhe pisava nos talões foi tão forte e súbito que dava um coice e estive a ponto de perder o equilíbrio. Jamie me aferrou de um braço para impedir que caísse e me separou do bordo. Os cavalos alvoroçavam no extremo oposto do precipício. Ele se voltou nessa direção, mas de repente se deteve, com a mão ainda em meu braço.

- O que? -Segui a direção de seu olhar; só via a face do ravina, uns três metros mais abaixo, festoneada de pequenas novelo.

Soltou-me o braço e, sem responder, caminhou para o ravina, onde havia uma velha árvore queimada. Com muita delicadeza, alargou a mão para extrair algo da casca morta. Aproximei-me de olhar; na palma de sua mão mostrava vários cabelos largos e ásperos. Cabelos brancos.

A chuva começava outra vez sua tarefa de empapar quanto estivesse à vista. Os cavalos lançaram um penetrante par de relinchos; não gostavam absolutamente ver-se abandonados assim.

Joguei uma olhada ao tronco da árvore; havia cabelos por toda parte, enganchados nas gretas da casca. Pareceu-me ouvir a voz do Josiah: “ Os ursos têm árvores especiais para arranhar-se. Cada urso volta para mesmo, uma e outra vez.” E traguei saliva com dificuldade.

- Se os cavalos estão assustados -disse Jamie, muito pensativo- , talvez não seja tão somente pelos trovões.

Talvez não, mas tampouco ajudavam. No fundo da costa estalou um relâmpago e o trovão ressonou com ele. Outro dueto chegou lhe pisando os talões, e outro, como se uma bateria anti-aérea estivesse disparando sob nossos pés. Os cavalos estavam histéricos e eu me sentia a ponto de imitá-

los.

Ao sair da aldeia me tinha posto o capote, mas já tinha o capuz e o cabelo pegos ao crânio; a chuva me castigava a cabeça como uma corrente de pregos. Jamie também tinha o cabelo pego. Através do aguaceiro me fez uma careta e um gesto que indicava: “Espera aqui”, mas sacudi a cabeça e fui atrás dele.

Os cavalos estavam se desesperados, com as crinas empapadas e os olhos exagerados. Ao ver isso Jamie apertou os lábios e jogou uma olhada ao sítio onde tínhamos visto a árvore onde arranhar-se, invisível de ali. Houve outro relâmpago e o trovão estremeceu a rocha; os dois cavalos puxaram, relinchando. Isso decidiu ao Jamie, que aferrou as rédeas do Judas para imobilizá-lo. Pelo visto íamos descer da montanha, por escorregadio que estivesse o caminho.

Subi à cadeira em uma confusão de saias molhadas e, bem obstinada, tentei gritar palavras reconfortantes ao ouvido do Judas, que dançava pela ansiedade de iniciar a marcha. Estávamos perigosamente perto das coníferas do bordo; inclinei-me quanto pude para o lado oposto, tratando de que se apartasse dali.

O ar cheirava a enxofre; olhei a meu redor, alarmada. As árvores, as rochas, a terra mesma estavam banhados de luz azul. Pela superfície do ravina, a poucos metros de distância, viaavam diminutas serpentes de eletricidade branca, brilhante.

Girei-me para chamar o Jamie e o vi montado no Gideon; tinha a boca aberta e me gritava algo, mas todas as palavras se perderam na reverberação do ar.

As crinas do Gideon começaram a arrepiar-se como por arte de magia. O cabelo do Jamie se elevou desde seus ombros, atravessado por cabos de azul crepitante. Cavalo e cavaleiro refulgiam em uma luz infernal que delineava cada músculo da cara e os membros. Uma rajada me percorreu a pele. Um momento depois Jamie se jogava de suas arreios contra mim. Os dois voamos para o vazio.

O raio caiu antes de que chegássemos ao chão.

Quando voltei em mim, cheirava a carne queimada e o ozônio ardia na garganta. Sentia-me como se houvessem me tornado do reverso e tivesse todos os órgãos à vista.

Ainda chovia. Permaneci imóvel durante um momento, enquanto a chuva me corria pela cara e me empapava o cabelo; os neurônios de meu sistema nervoso voltavam lentamente para funcionar. Um dedo se contraiu por si só. Tratei de fazê-lo deliberadamente e o consegui. Flexionei os dedos; não se moviam bem. Mas alguns minutos depois tinha posto em funcionamento os circuitos necessários para me incorporar.

Jamie estava escancarado de costas a pouca distância, como um boneco de trapo, em um matagal de zumaque. Aproximei-me engatinhando e descobri que tinha o olhos abertos. À lombriga piscou; no flanco de sua boca se contraiu um músculo, em um intento de sorriso.

Não se via sangue e seus membros, embora torcidos de qualquer modo estavam retos. A chuva lhe estava acumulando nas conchas dos olhos. Ele piscou violentamente e girou a cabeça para deixar escorrer a água. Apoiei uma mão em seu estômago; sob minhas mãos percebi o grande pulso

abdominal, lento, mas firme.

Não sei quanto tempo estivemos inconscientes, mas a tormenta tinha passado também. Os relâmpagos cintilavam além das montanhas, recortando os picos em marcado relevo.

- Está bem, Sassenach?

- Estupenda –assegurei. Ainda me sentia agradavelmente remota- . E você?

- Ainda não sinto os dedos dos pés- disse- ; pelo resto, estou bem. Mas os cavalos...

Olhou para cima e notei que tragava saliva.

Os cavalos guardavam silêncio.

Tínhamos cansado uns seis metros por debaixo do saliente da montanha, entre abetos e calambucos. Eu podia me mover, sim, mas não tinha intenção de fazê-lo. Fiquei sentada, fazendo inventário, enquanto Jamie se sacudia e iniciava a ascensão até a cornija do “ assassino” .

Os cavalos deviam ter morrido. por que nós não? Ao perceber o aroma de carne queimada me percorreu um pequeno calafrio. Teríamos sobrevivido só porque estávamos condenados a morrer dentro de quatro anos? Quando nos chegasse o turno, jazeríamos entre as ruínas incendiadas de nossa casa, convertidos em cascas de carne chamuscada e fedorento?

“ Queimada até os ossos” , sussurrou a voz de minha memória. As lágrimas se mesclaram em minha cara com a chuva, mas eram lágrimas longínquas: pelos cavalos, por minha mãe; por mim, ainda não.

Jamie retornou, empapado até os ossos e sem fôlego. Notei que tinha perdido os dois sapatos.

- Judas morreu –disse, sentando-se a meu lado. Estreitou-me com força a mão fria; a sua também tinha perdido o calor.

- Pobrecito –disse. As lágrimas correram mais depressa, arroios mornos que se mesclavam com a chuva geada- . Ele sabia, verdade? Sempre detestou os trovões e os relâmpagos, sempre.

Jamie, com um murmúrio consolador, rodeou-me os ombros com um braço para que apoiasse a cabeça contra seu peito.

- E Gideon? –perguntei ao fim, levantando a cabeça.

- Está vivo –disse- .Tem uma queimadura com o passar do ombro e a pata dianteira, e as crinas lhe chamuscaram por completo.

- Crie que poderá baixar se o leva pela brida? Tenho...tenho um bom bálsamo para as queimaduras.

- Sim, acredito que sim.

Estendeu-me a mão como apoio para que me levantasse. Ao girar para sacudir as saias enrugadas vi algo.

- Olhe –disse, com a voz reduzida a um sussurro- . Jamie, olhe.

A três metros de distância, costa acima, erguia-se um grande abeto do Canadá; a parte superior da taça tinha desaparecido limpamente; a metade dos ramos restantes fumegava, reduzidas a carvão. Entre um ramo e o coto do tronco se via uma massa enorme e arredondada, colocada ali como uma cunha. A metade era negra, pois as malhas se carbonizaram, mas o cabelo da outra metade se erguia em molhadas puas brancas, com a cor cremosa do trillium.

Jamie ficou olhando o cadáver do urso, com a boca entreaberta. Logo

a fechou lentamente e moveu a cabeça. Quando girou para mim perdeu a vista entre as montanhas distantes, onde os relâmpagos, em sua retirada, ainda estalavam silenciosamente.

85

O fogo do lar

Os pés lhe estavam congelando sob o único edredom. Ainda estava dormitada, mas não poderia voltar a conciliar o sonho se não procurava mais casaco. levantou-se com muita dificuldade, com os olhos reduzidos a ranhuras, e caminhou descalça pelo estou acostumado a gelado para ver como estava Jemmy. Dormia bem fundo em sua pequena cama de plumas, com o edredom subido até as orejitas rosadas.

Revolveu em busca de um segundo edredom e o estendeu sobre a cama. Grunhiu de chateio ao ver que a taça de água estava vazia. Sentiu desejos de voltar para a cama e afundar-se em um sonho profundo e abrigado, mas com a garganta seca não poderia.

Junto à soleira havia um cubo com água de poço. Entre caretas e bocejos, abriu o ferrolho com muita suavidade e saiu; o ar frio lhe retorceu a anágua em volta das pernas. Médio agachada, procurou provas na escuridão. O cubo não estava. Onde...?

Pelo rabilo do olho detectou um movimento fugaz que a fez voltar-se em redondo. Por um momento pensou que era Obadiah Henderson, sentado no banco junto a sua porta. Ao ver que a sombra se levantava, seu coração se apertou como um punho. Mas o reconheceu imediatamente. encontrou-se nos braços do Roger antes de que sua mente pudesse ordenar os detalhes a consciência.

- É você –dijo.Lloraba- . voltaste para casa!

- voltei para casa, sim –lhe sussurrou ao ouvido- . Está bem? E Jem?

- Estamos bem, os dois. E você? –Sorveu as lágrimas pelo nariz- . O que fazia aqui fora, Céu Santo? por que não chamaste?

- Estou bem, sim. Não quis te assustar. Pensava dormir aqui e chamar pela manhã. por que chora?

Só então bree caiu na conta de que, se ele falava em sussurros, não era por não despertar ao Jem; sua voz era só um murmúrio quebrado e sem fôlego. Mas tinha pronunciado as palavras com clareza, sem esforço, sem a dolorosa vacilação de antes.

- Pode falar –lhe disse, limpando-se apressadamente os olhos com o dorso da boneca- . Melhor, quero dizer.

Apoiou os dedos na cicatriz morna e desigual; logo tocou a incisão que lhe tinha salvado a vida, uma linha branca e nítida entre os cabelos da barba.

- Ainda te dói quando falas?

- Dói –respondeu ele, nesse grasnido débil e rouco- . Mas posso falar. Farei-o...Brianna.

Eu tinha muito que objetar ao fogo do lar: das lascas sob as unhas e o breu nas mãos, às ampolas, as queimaduras e a enfurecedora indocilidade do elemento. Entretanto devia reconhecer duas coisas a seu favor: era inegavelmente quente, e iluminava o amor com uma luz de beleza tão tênue que se podiam esquecer todas as vacilações da nudez.

Nossas sombras mescladas corriam juntas na parede: aqui um braço, lá a curva de umas costas, como parte de uma besta ondulante. A cabeça do Jamie se elevou à parte: um grande animal de juba que se erguia por cima de mim, arqueando as costas ao extremo.

Estendi a mão através dessa extensão de pele reluzente e músculo estremecido, roçando o pêlo faiscante dos braços e o peito, até sepultá-la na tibieza de seu cabelo e guiá-lo, ofegante, ao oco escuro de meu seio. Mantive os olhos semicerrados; também as pernas, pois resistia a renunciar a seu corpo, à ilusão de unidade...se acaso era uma ilusão. Quantas vezes mais poderia retê-lo assim, até no feitiço de luz do fogo?

Soltei-lhe os ombros para tocar com ternura os robustos redemoinhos de seu cabelo. Ele girou a cabeça para me beijar o peito; logo, com um suspiro, deslizou-se para um flanco.

- O que faz, tesouro? –perguntei-lhe.

- Asseguro-me de que minha roupa não se queime.

Entre uma coisa e outra, não tinha emprestado muita atenção enquanto ele ia arrojando meus objetos, mas todas pareciam estar longe das chamas; a saia formava um pequeno montículo junto à cama; o sutiã e a anágua tinham cansado em rincões opostos. A banda que utilizava como sustento não estava à vista.

- É formosa –me sussurrou.

- Se você o disser...

- Não me crie? Menti-te alguma vez?

- Não é isso. Se você o diz tem que ser verdade, porque você faz que o seja.

- Pensa o mesmo de mim, Sassenach? –perguntou súbitamente.

Parecia tímido. Olhei-o com surpresa.

- Se pensar o que? O que é formoso? –Minha boca se curvou involuntariamente. Ele sorriu a sua vez.

- Tanto como isso... não, mas ao menos se pode suportar minha cara.

Segui com um dedo a tênue linha branca que lhe cruzava as costelas, velho rastro de uma espada. A outra cicatriz, mais larga e grossa, da baioneta que lhe tinha esmigalhado uma coxa ao longo. O braço que me sujeitava, bronzeado e curtido, com o pêlo branqueado por largas jornadas de sol e trabalho. Perto de minha mão, seu pênis se curvava entre as coxas, já suave, pequeno e tenro, em seu ninho de pêlo avermelhado.

- Para mim é formoso, Jamie –disse ao fim, brandamente-. Tão formoso que me rompe o coração.

- Mas sou velho –objetou, sorridente-. Já tenho cãs na cabeça; minha barba se há posto cinza.

- Chapeada –corrigi.

- Cinza –insistiu ele, com firmeza-. E, em cima, escassa. E mesmo

assim...- Seus olhos se abrandaram ao me olhar- . Mesmo assim ardo quando me aproximo de ti, Sassenach; acredito que assim será até que ambos fiquemos reduzidos a cinzas.

- É uma expressão poética? –perguntei com cautela- . Ou o diz literalmente?

- OH!, não. Não referia a... Não. –Rodeou seu braço em torno de mim, com a cabeça inclinada para a minha- . Não penso nisso. Se deve ser...

- Não será.

Uma breve risada me agitou o cabelo.

- Parece muito segura, Sassenach.

- O futuro se pode alterar. Eu o faço em cada momento.

- Seriamente?

Apartei-me um pouco para olhá-lo.

- Seriamente. Aí tem ao Mairi MacNeill. A semana passada, se eu não tivesse estado ali, teria morrido junto com seus gêmeos. Mas eu estava ali, e não morreram.

Pus uma mão detrás de minha nuca para observar o reflexo das chamas, que ondulava como água nas vigas do teto.

- Às vezes penso... São muitos aos que não posso salvar, mas a alguns sim. Se alguém sobreviver graças a mim e depois tem filhos, e estes lhe dão netos, e assim sucessivamente... Pois quando chegar minha época haverá no mundo trinta ou quarenta pessoas que, de outro modo, não teriam estado ali, verdade? E todas elas terão feito costure em sua vida. Não te parece que isso é trocar o futuro?

- Sim –murmurou ele. Agarrou-me a mão livre para seguir, com um comprido dedo, as linhas da palma- . Sim, mas é o futuro de elos o que troca, Sassenach, e possivelmente assim estava decretado. –Atirou brandamente dos dedos. Um nódulo rangeu como os lenhos que crepitavam no lar- . Os médicos salvaram a muita gente no curso dos anos, sem dúvida.

- É obvio, e não só os médicos. –Incorporei-me, impelida pela potência de meu argumento- . É que não importa, não te dá conta? Você. Você mesmo salvaste vistas em alguma ocasião. Fergus, Ian? Os dois andam pelo mundo, fazendo coisas, procriando e todo isso. Você trocou seu futuro, verdade?

- Sim, talvez. Mas não podia fazer outra coisa, ou sim?

Essa declaração tão simples me deixou muda. Passamos um momento em silêncio, contemplando o jogo da luz contra o muro caiado. Por fim, ele se moveu a meu lado e voltou a falar.

- Não o digo por procurar compaixão –esclareceu- , mas de vez em quando me doem um pouco os ossos, sabe?

Alargou a mão estropiada sem me olhar e a fez girar à luz, de modo que a sombra dos dedos torcidos formasse uma aranha no muro.

de vez em quando. Eu sabia, claro que sim. Conhecia os limite do corpo... e seus milagres. Tinha-o visto sentar-se ao terminar a jornada, com o esgotamento escrito em cada linha de seu corpo.

- Sei –disse com suavidade.

- Mas contigo não –disse, me cobrindo a mão- . Sabe que minhas dores só desaparecem quando estou em seu leito, Sassenach? Quando te possuo, quando estou em seus braços, minhas feridas se curam e minhas cicatrizes ficam no esquecimento.

- As minhas também.

Durante um momento me acariciou o cabelo em silêncio. Estava revolto e emaranhado devido a nossos esforços anteriores; ele alisou um cacho e outro, penteando-os um a um com os dedos.

- Sua cabeleira é como uma grande nuvem de tormenta, Sassenach – murmurou já dormitado-. Todo escuridão e luz ao mesmo tempo. Não há dois cabelos da mesma cor.

Era certo; a mecha que tinha entre os dedos mostrava fios blanquíssimas e outras chapeadas ou loiras; nervuras escuras, quase como a pelagem das martas, e vários restos do castanho claro de minha juventude. Afundou os dedos sob a massa; senti que sua mão se curvava contra minha nuca como contra um cálice.

- Vi minha mãe em seu ataúde –disse por fim-. As mulheres lhe tinham trancado o cabelo para que tivesse um aspecto decoroso, mas meu pai não o permitiu. Queria vê-la por última vez tal como era para ele. Foi pessoalmente ao ataúde, desfez-lhe as tranças e estendeu a cabeleira com as mãos, cobrindo o travesseiro.

Fez uma pausa; seu polegar ficou imóvel.

- Eu estava ali, quieto no rincão. Quando todos saíram para receber ao padre me aproximei sigilosamente. Era a primeira vez que via uma pessoa morta.

Deixei que meus dedos se fechassem sobre seu antebraço. Uma manhã minha mãe me deu um beijo na frente; logo voltou a me colocar a forquilha que me tinha desprendido de meu cabelo cacheado e saiu. Jamais voltei a vê-la. Velaram-na com o ataúde fechado.

- Era...ela?

- Não. –Contemplava o fogo com os olhos entreabridos-. Não de tudo. Lhe parecia, mas nada mais. Como se alguém a tivesse esculpido em madeira de abedul. Mas seu cabelo... isso ainda tinha vida. Isso ainda era...ela.

Ouvi-o tragar saliva e pigarrear um pouco.

- A cabeleira lhe cruzava o peito, cobrindo ao menino que jazia com ela. Pensei que não gostaria de sufocar-se desse modo. E retirei as júbas vermelhas para deixá-lo à vista. Meu hermanito, acurrucado em seus braços, com a cabeça em seu seio, abrigado e em sombras sob a cortina de cabelo. E em seguida pensei que não, que estaria mais contente se o deixava assim. E voltei a alisar a cabeleira de minha mãe para lhe cobrir a cabeça.

Seu peito se elevou sob minha bochecha. Deslizou lentamente as mãos por meu cabelo.

- Não tinha uma só câ, Sassenach. Nenhuma.

Ellen Fraser tinha morrido de parto para os trinta e oito anos. Minha mãe, aos trinta e dois. E eu... eu tinha a riqueza de todos esses anos largos que elas tinham perdido. E mais ainda.

- Para mim é um gozo ver como lhe tocam os anos, Sassenach – sussurrou-, pois significa que vive.

Em garde

Por um momento acreditou que não poderia levantar a mão até o fecho.

Os braços lhe penduravam como se levasse pesos de chumbo, e os músculos do antebraço saltavam e tremiam pelo esgotamento. Teve que fazer dois intentos, e até então só pôde agarrá-lo torpemente entre o índice e o major; o polegar não podia fechá-lo.

Brianna deveu ouvir seus tapas, pois a porta se abriu de súbito; sua mão caiu sem forças. Logo que viu um brilho de cabelo revoltado e uma cara sorridente, com uma bochecha manchada de fuligem; imediatamente tinha os braços de sua mulher ao redor do corpo e sua boca sobre a sua própria. Estava em casa.

-tornaste! –disse Bree, soltando-o.

-Sim.. –E bem que se alegrava. A cabana cheirava a comida quente e a sabão de lejia.

-Papai, papai! –Jemmy saltava de entusiasmo, obstinado a um banquinho para não perder o equilíbrio-. P...piiii!

-Olá, olá –disse Roger, alargando uma mão para baixo para dar uns tapinhas à cabeça esponjosa do pequeno-. Quem é o menino de papai?

-Eu! Eu! –E sorriu com uma enorme expansão de gengivas rosadas, mostrando todos seus dientecillos brancos.

-Temos uma surpresa para ti. Olhe isto! –Foi rapidamente para a mesa e fincou um joelho no chão, a um passo do Jemmy. Logo lhe aproximou as mãos-. Vêem com mamãe, bonito. Vêem aqui, bebê, vêem com mamãe.

Jemmy se balançou precariamente, soltou uma mão e, alargando os braços para sua mãe, deu dois passos de bêbado até cair contra ela, chiando. Brianna o apanhou e o pôs em direção ao Roger.

-Vêem com papai –o respirou-. Anda, vêem com papai.

-Vamos, amiguito, vêem aqui.

Jemmy se aferrou um momento, inclinado para diante; logo soltou a mão de sua mãe e se cambaleou para o Roger, em três passos cada vez mais velozes, e se deixou cair de cabeça no abraço salvador de seu pai.

-Assim eu gosto! Agora o tocará tudo, verdade?

-Como se agora não tocasse nada! –exclamou Brianna, pondo os olhos em branco.

-E o que outra coisa têm feito hoje? –perguntou Roger, sentando-se à mesa.

-O que outra coisa? –Ela dilatou os olhos; logo os entreabriu-. Não te parece que aprender a caminhar é suficiente para um dia?

-É obvio; é estupendo, maravilhoso –se apressou ele a reconhecer-. Dizia-o só por cercar conversação.

-Pois bem, esfregamos o chão, embora a diferença não se note... – Baixou a vista com certo desgosto às toscas pranchas manchadas-. preparamos a massa do pão, só que não levou, de modo que jantará com bolachas.

-eu adoro as bolachas –assegurou ele imediatamente.

-Sem dúvida. -Bree arqueou uma vermelha sobrancelha-. E para a fome não há bolacha dura.

Roger riu. Lhe estava passando o frio, e embora pouco lhe faltava para cair do tamborete, de puro cansado, encontrava-se bem. E faminto. Seu estômago grunho, espectador.

-Uma bolacha com manteiga seria bom começo -disse-. Que mais? Cheiro algo rico. -Farejou para o caldeirão borbulhante, esperançado-. Guisado?

-Não: penetrada. -Bree cravou um olhar fulminante no caldeirão-. A terceira do dia. Não é muito o que entra nessa porcaria, mas não pude levar a roupa suja ao caldeirão grande da casa, porque tinha que esfregar o chão e fiar. Se lavas fora tiver que ficar a atender o fogo e remover, de modo que não pode fazer quase nada mais nesse tempo.

O olhar da Brianna se centrou no Roger, como se reparasse nele pela primeira vez.

-E você, senhor MAC Kenzie, o que esteve fazendo? diria-se que vem da guerra.

Tocou-lhe brandamente a cara; na frente lhe estava formando um galo; Roger sentiu uma pequena pontada de dor ante o contato.

-Algo assim. Jaime me esteve ensinando os rudimentos da esgrima.

Riu com acanhamento ao ver que ela arqueava as sobrancelhas.

-Com espadas de madeira, suponho.

Várias espadas de madeira. Já tinham quebrado três, embora as armas improvisadas não eram ramillas, por certo.

-E te deu uma estocada na cabeça? -A voz da Brianna soou dura.

-Né... não, não exatamente.

-O que significa “não exatamente”?

-Olhe... ensinava-me um pouco chamado corps Á corps, que ao parecer significa, em francês: “envolve a espada de seu adversário à tua e, enquanto ele trata de liberá-la, dá-lhe um joelhada nos cojones e um golpe na cabeça”.

Brianna deixou escapar uma risada scandalizada.

-Ou seja que lhe...?

-Não, mas faltou pouco. -Roger fez uma careta de recordá-lo-. Na coxa tenho um moretón do tamanho de minha mão.

-Está lesado em algum outro lugar? -Brianna franziu o sobrecenho, preocupada.

-Não. -Lhe sorriu, sem retirar as mãos do regaço-. Cansado. Dolorido. Esfomeado.

O cenho se apagou e o sorriso da moça reacendeu se, embora entre suas sobrancelhas ficou uma pequena ruga. depois de tirar do aparador uma bandeja de madeira, ficou em cuclillas junto ao lar.

-Codornas -disse com satisfação, enquanto utilizava o atizador para retirar vários vultos enegrecidos das cinzas-. Trouxe-as papai esta manhã. Disse-me que não as depenasse, que as pusesse ao fogo envoltas em barro; por isso tivemos que fazer uma segunda penetrada.

As codornas pareciam simplesmente pedras chamuscadas, mas pelas gretas do barro surgiam volutas tentadoras. Roger sentiu desejos de agarrar uma e comer-lhe imediatamente, com barro queimado e tudo. O que fez foi

medir sob o guardanapo que cobria o prato; ali descobriu as criticadas bolachas. Com os dedos estirados, conseguiu arrancar uma boa parte e o colocou silenciosamente na boca. Jemmy, ao ver o pão, alargou a mão entre prementes ruídos de exigência. Roger rompeu cuidadosamente um trocisco mais e o deu, mas no trajeto esteve a ponto de que lhe caísse. Tinha perdido a metade da unha do polegar que lhe gotejava, muito vermelha.

Jemmy cravou a vista no polegar ferido. Logo se meteu o seu na boca para chupá-lo ruidosamente. Em realidade parecia boa idéia. Esse dedo ardia com uma dor surda e sentia todos os dedos frios e rígidos. Depois de jogar uma olhada às costas da Brianna, meteu-se o polegar na boca. Sentiu-o estranho, grosso, duro e com o sabor metálico do sangue e a sujeira fria. Mas de repente encontrou o oco; língua e paladar se fecharam em volta do dedo ferido, em uma pressão cálida e sedativo.

Jemmy lhe deu um golpe na coxa, seu sinal acostumado para pedir “aúpa”; ele o agarrou pela parte traseira do fralda e o subiu até seu joelho com a mão livre. O pequeno se revolveu um pouco até sentir-se confortável; logo se relaxou em súbita paz, com a parte de pão espremido em uma mão, enquanto se chupava silenciosamente o dedo.

Roger se relaxou pouco a pouco, com um cotovelo apoiado na mesa e o outro braço sustentando a seu filho. O denso fôlego do menino, sua pesada respiração contra as costelas, eram um tranqüilizador acompanhamento para os ruídos caseiros que Brianna fazia ao servir o jantar. Para sua surpresa o polegar deixou de lhe doer; mesmo assim o deixou onde estava, muito exausto para pôr em tecido de julgamento essa estranha sensação de comodidade.

Seus músculos também se relaxavam gradualmente ao abandonar o estado de alerta nervoso em que se mantiveram durante várias horas. Em seu ouvido interior ainda ressonavam as enérgicas indicações: “Usa o antebraço, homem... A boneca, a boneca! Não aparte a mão assim, mantenha perto do corpo. Isso não é um pau, homem! É uma espada! Usa a ponta.”

A cabeça lhe bamboleou no pescoço. Com uma piscada, voltou abruptamente do claro das espadas de madeira a cálida penumbra da cabana. Brianna amaldiçoava pelo baixo ante o aparador, golpeando os vultos de argila enegrecida com a manga de uma adaga, em um intento de parti-los.

“Cuida o movimento dos pés. Atrás, atrás! Sim, agora vêm para mim. Não, não te estire tanto...”

“Não apanhe a folha com a tua; arroja a fora. Golpeia, golpeia para apartá-la! Vêm mim, investe! Mantenha perto, perto... sim, bem... já!”

Lhe deslizou o cotovelo e sua mão caiu. Ele se ergueu com uma sacudida; sujeitando ao menino dormido. Piscou, com a vista imprecisa pela luz do fogo.

Brianna também deu um coice de culpabilidade e fechou sua caderneta de apontamentos. Uma vez de pé o escondeu depois de um prato contra a cara posterior do armário.

-A comida está lista –disse apressadamente-. Vou a por... o leite.

Roger trocou de posição ao Jemmy. O menino dormia profundamente, com o polegar bem sujeito na boca.

o do Roger estava molhado de saliva; sentiu um rubor de abafado. O

teria desenhado assim Bree? Não seria a primeira vez que o desenhava em posições que ele considerava comprometedoras. Ou talvez estava registrando seus sonhos?

Depositou brandamente ao Jemmy em seu berço, sacudiu as migalhas úmidas da colcha e se esfregou os nódulos arroxeados. Da despensa chegavam ruídos de chapinho. aproximou-se sigilosamente ao aparador para extrair o livro de seu esconderijo. Não eram sonhos, a não ser desenhos. Apenas umas poucas linhas rápidas, a essência do esboço. Um homem morto de cansaço, ainda alerta: com a cabeça em uma mão, o pescoço dobrado de esgotamento e o braço livre rodeando um pouco entesourado e indefeso. Tinha-o titulado Em garde, com sua letra inclinada e angulosa.

Fechou o livro e voltou a pô-lo em seu sítio. Bree estava de pé na porta da despensa, com a jarra de leite na mão.

-Vêem comer –lhe disse brandamente-. Precisa repor forças.

88

Roger compra uma espada

Cross Creek

Novembro de 1771

Não era a primeira vez que dirigia uma espada do século XVIII; nem o peso nem a longitude o agarraram por surpresa. A cazoleta estava um pouco torcida, mas nem tanto que impedisse o ajuste da mão no punho.

-Está um pouco maltratada –lhe havia dito Fraser, com um olho entrecerrado para olhar a espada ao longo, antes de entregar-lhe mas a folha está bem equilibrada. Prova-a, a ver se te entende com ela.

Estavam no Cross Creek, na transitada ruela da ferraria; uns quantos transeuntes se detiveram observá-los e lhes oferecer comentários úteis.

-Quanto pede Moore por essa parte de lata? –perguntou alguém, despectivamente-. mais de dois xelins seria um roubo a mão armada.

-É uma boa espada –assegurou Moore-. Era de meu tio, que serve em Forte Stanwyck. Esse aço matou a mais de um francês e não tem racho.

-Que não tem racho! –exclamou o depreciativo-. Mas se estiver tão torcida que, se queria trespassar a um homem, acabaria te cortando a orelha!

As gargalhadas da multidão afogaram a réplica do ferreiro. Roger baixou a ponta da espada e a elevou lentamente. Como diabos se prova uma espada? Terei que fazê-la ondular de um lado a outro? Cravá-la em algo?

-Ah!, se o que o jovem quer é uma espada, Malachy McCabe tem uma melhor, que ficou depois do serviço. Acredito que se desfaria dela por três xelins, no máximo. –O sapateiro do outro lado da rua assinalou a espada com ar sagaz, e os lábios franzidos.

-Esta não é uma peça elegante –acrescentou um ex-soldado de idade amadurecida, com a cabeça inclinada a um lado-. Mas serve, posso assegurá-lo.

Roger estendeu o braço, que saía a defender a qualidade de sua mercadoria. O ferreiro saltou a um lado com um grito de sobressalto, entre

os uivos da multidão

Uma vez forte e nasal, a costas do Roger, interrompeu suas desculpas.

-Aqui, senhor! me permita lhe oferecer um adversário mais digno de seu aço que um ferreiro desarmado!

Roger, ao girar sobre seus talões, encontrou-se frente a frente com o doutor Fentiman, que desenvainaba uma folha larga e fina, colocada dentro de sua fortificação de passeio. O doutor, a quem Roger dobrava em tamanho, blandiô seu estoque com afável ferocidade. Obviamente o impulsionava um almoço oneroso; a ponta de seu nariz refulgia como uma lâmpada de Natal.

-Medimos nossa habilidade, senhor? -Fentiman agitou a espada de um lado a outro, fazendo cantar a estreita folha no ar-. A primeiro sangue, sim? O que diz você?

Roger olhou ao Jaime, que se tinha apoiado contra a parede e parecia divertido. A resposta foi um encolhimento de ombros e uma sobrancelha arqueada.

“Prova-a, a ver se te entende com ela”, havia dito seu sogro. Pois bem, um duelo com esse mosquito bêbado era uma boa maneira de prová-la. Roger levantou a espada e cravou no doutor um olhar ameaçador.

-Em garde -disse.

O grupo de curiosos lançou um rugido de aprovação.

-Gardez vous -replicou imediatamente o médico.

E investiu. Roger girou sobre um talão e Fentiman passou como uma bala, com o estoque apontando como uma lança. Moore, o ferreiro, saltou a um lado bem a tempo para evitar pela segunda vez que o trespassassem, entre sucessivas maldições.

-Acaso me escolheu como branco? -gritou agitando o punho.

Sem preocupar-se por isso, o doutor recuperou o equilíbrio e carregou novamente para o Roger, lançando chiados agudos para respirar-se. Possivelmente o doutor não fora um mau espadachim quando estava sóbrio, mas em seu estado atual resultava fácil desviar suas estocadas frenéticas e seus loucos arrebatamentos... sempre que a gente emprestasse atenção.

Em seguida Roger soube que lhe seria possível pôr fim ao duelo em qualquer momento, com apenas parar o fino estoque do doutor com o fio de seu próprio aço, quanto mais pesado. Mas começava a desfrutar daquilo, de modo que pôs cuidado em parar os golpes com a parte plaina da folha.

Gradualmente tudo foi desaparecendo de sua vista, salvo a ponta cintilante do estoque; os gritos da multidão se reduziram a um zumbido de abelha; o pó da ruela e o muro da ferraria eram apenas visíveis. Roçou a parede com o cotovelo, retrocedeu e se moveu em círculos para ganhar espaço, tudo de uma maneira inconsciente.

O estoque golpeou contra sua folha, travou-se e se liberou com um chiado metálico. Tangidos, estalos e o assobiar do ar vazio, e o ritmo ressonante que vibrava nas bonecas com cada golpe da espada do médico.

Vigia o toque, segue-o, aparta-o. Não sabia o que estava fazendo, mas o fazia. O suor lhe corria até os olhos; sacudiu a cabeça para apartá-lo e esteve a ponto de receber uma investida na coxa, mas a deteve muito perto e desviou o estoque para trás.

O doutor se cambaleou, perdido o equilíbrio. No ar poeirento soaram gritos feraleis:

-Agora! lhe dê! Atravessa-o!

Roger viu o colete bordado do doutor, descoberto, cheio de mariposas de seda, e sufocou o impulso visceral de investir contra ele. Impressionado pela intensidade do apressado, deu um passo atrás. Fentiman, ao perceber sua debilidade, saltou para diante com um uivo, o aço pontudo. Roger deu meio passo a um lado e o médico passou veloz, roçando em sua trajetória o esporão de um cavalo de tiro.

O animal emitiu um grito de indignação, e imediatamente espadachim e espada voaram pelo ar, até estelar se contra a fachada da oficina do sapateiro. Fentiman caiu a terra como uma mosca esmagada, rodeado de fôrmas e sapatos esparramados.

Roger se manteve quieto, ofegante e acalorado pela luta. Jaime lhe retirou brandamente os dedos do punho da espada. O sangue lhe fazia cócegas por toda parte. Logo que ouvia as risadas, os convites a beber um gole; tampouco percebia as palmadas de felicitação que choviam contra suas costas.

-Um enema, um enema, que lhe ponham um enema! –gritava uma banda de aprendizes depois do doutor, ao que se levavam para lhe aplicar os primeiros auxílios no botequim mais próximo. O proprietário do cavalo se trabalhava em excesso solícitamente sobre o grande baio, embora este parecia mais desconcertado que ferido.

-Suponho que o doutor ganhou. depois de tudo foi ele o que extraiu o primeiro sangue.

Roger só soube que tinha falado para ouvir sua própria voz, extrañamente tranqüila.

-Basta-te com isso? –Jamie o olhava interrogativamente; ainda sustentava a espada na palma da mão.

-Sim –disse-. Com isso basta.

-Bem. Pode servir –acrescentou Jamie despreocupadamente. E lhe voltou as costas para pagar ao ferreiro.

OITAVA PARTE

Vamos de caçada

As luas do Júpiter

Finais de novembro de 1771

Pela quarta vez em vários minutos, Roger se teve que recordar que do ponto de vista médico não era possível morrer de frustração sexual. tendeu-se de costas, com cuidado para que o colchão não fizesse ruído, e cravou a vista no teto. Não serve de nada; pelos borde do couro engordurado que cobria a janela, o sol do amanhecer caía a correntes sobre a cama, e pela extremidade do olho podia ver as pernas douradas de sua esposa, iluminadas como por um refletor.

Fechou os olhos, mas isso não serve de nada; em seguida começou a ver imagens da noite anterior; Brianna, à luz tênue das brasas, faiscantes as chamas de seu cabelo entre as sombras, e um súbito brilho na curva de um peito nu, ao deslizar a camisola pelos ombros.

Por tarde que fora, por cansado que estivesse, desejava-a desesperadamente. Mas outra personita a tinha necessitado ainda mais. Entreabriu um olho e se incorporou um pouco, só para olhar por cima dos cachos revoltos da Brianna, o berço ainda em sombras pega à parede. Não havia sinais de movimento.

Havia entre os dois um velho acordo. Como ele estava acostumado a despertar ao menor ruído, enquanto que ela se encontrava aturdida e torpe, era Roger quem lhe levantava quando soava a sereia do berço. Elevava ao vulto empapado e lhe uivem e atendia as necessidades imediatas da higiene. Quando o entregava a sua mãe, Brianna já estava o bastante espabilada para tirar a camisola e acomodar ao menino no refúgio de seu corpo.

Roger se tinha ficado dormido enquanto Bree ainda o estava reconfortando, mas despertou quando ela se deu a volta na estreita cama, lhe roçando a coxa com suas nádegas. Ao sentir a pressão do traseiro, logo que pôde conter-se para não atacá-la da retaguarda. Detiveram-lhe pequenos ruídos de sucção ao outro lado do Bree: Jem ainda estava na cama.

Permaneceu imóvel, escutando, rezando para que ela se mantivera acordada o tempo suficiente para devolver ao pequeno vadio a seu berço; às vezes mãe e filho dormiam juntos; nesses casos, pela manhã despertava uma desconcertante mescla de aromas: a mulher desejável e a pis de bebê. Aquela noite tinha sido ele quem se ficou dormido apesar das moléstias, esgotado detrás ter acontecido o dia derrubando árvores na montanha.

Inalou profundamente. Não: o menino estava em seu berço. Na cama não havia mais aromas que o da Brianna, um terrestre aroma de mulher, uma vaga e doce nuvem de suor e untuosa disposição.

Alargou uma mão sigilosa para lhe acariciar docemente a nádega mais próxima. Era fresca, suave e redonda como uma cabaça.

Ela emitiu um suave murmúrio e se desperezou lujuriosamente, arqueando as costas; o modo em que subiu o traseiro convenceu ao Roger de que o mais prudente era pôr o edredom a um lado, lançar-se em cima de l e alcançar seu objetivo nos dez segundos escassos que se requeriam.

Chegou até o passo de arregar o edredom. No momento em que separava a cabeça do travesseiro, uma figura redonda e clara surgiu lentamente pelo bordo do berço, como uma das luas do Júpiter. Um par de olhos azuis o observou com clínica objetividade.

-Mirtos! -disse ele.

-OH, erda! -disse Jemmy, em alegre mímica. E ficou de pé para saltar obstinado ao bordo do berço, enquanto cantava -:Erda, erda, erda!

Brianna despertou sobressaltada, piscando através de cachos enredados.

-O que? O que acontece?

-Né... algo me picou. -Roger devolveu discretamente a seu sítio o bordo do edredom-. por aqui deve haver uma vespa.

Bree se apartou o cabelo da cara e bebeu da taça que tinha na mesa; sempre despertava sedenta.

Um lento sorriso se desenhou em sua boca larga e suave ao olhá-lo.

-Sim? Pois miúdo aguijonazo tem. Quer que telo esfregue? -E deixou a taça para rodar graciosamente sobre um cotovelo, com a mão estendida.

-É uma sádica -disse Roger, chiando os dentes-. Não há dúvida. Deve havê-lo herdado de seu pai.

Ela se incorporou, rendo, para ficá-la camisa pela cabeça.

-Mamãe! Erda, mamãe! -dizia-lhe Jemmy, radiante, enquanto ela o levantava com um grunhido de esforço.

-Patife -lhe disse ela, afetuosa-. Esta manhã não é precisamente o favorito de papai. É muito inoportuno. -Enrugou o nariz-. E que mal cheira.

-Depende da perspectiva, suponho. -Roger ficou de lado para observá-la-. Desde seu ponto de vista foi perfeitamente oportuno.

-Sim. -Brianna o olhou com uma sobrancelha arqueada-. Desde aí a palavra nova, não?

-Pois não é a primeira vez que a escuta -observou Roger, seco. E se sentou para tirar as pernas da cama, esfregando-a cara e o cabelo com uma mão.

-Bom, agora teremos que encontrar a maneira de passar do abstrato ao concreto verdade? -Pôs ao Jemmy de pé no chão e se ajoelhou frente a ele. depois de lhe dar um beijo no nariz, tirou-lhe o alfinete de segurança dos fraldas-. OH, puaj! Não te parece que aos dezoito meses vai sendo hora de aprender a usar a bacinilla?

-A quem o pergunta, a mim ou a ele?

-Uf!... Dá igual. Ao que tenha uma opinião para me dar.

Jemmy, obviamente, não a tinha. Animosamente estóico, ignorava o decidido assalto que sua mãe efetuava contra suas partes íntimas, utilizando um pano molhado em água fria. Brianna o agarrou em braços para sentar-se com ele na cadeira de balanço, junto ao lar.

-Quer um lanche? -ofereceu-lhe, abrindo o decote de sua camisa com ar

lhe convidem.

-Sim, por favor –exclamou Roger, sinceramente.

Bree se pôs-se a rir, não sem solidariedade, enquanto acomodava ao Jemmy em seu regaço para que mamasse.

-te toca o seguinte turno –assegurou ao Roger-. Quer porridge de aveia ou papa fritas?

-Não há outra coisa na carta? -Maldita seja! Tinha estado a ponto de consegui-lo. Tinha que voltar a começar.

-Pois claro que sim. Torradas com geléia de morangos. Queijo. E ovos, mas terá que ir ao galinheiro para buscá-los; na despensa não fica nenhum.

Ao Roger custava concentrar-se no tema do café da manhã ao ter diante a Brianna, à luz tênue da cabana, com as largas coxas estendidas sob a camisola e as calças colocadas sob a cadeira. Ela pareceu detectar sua falta de interesse culinário, pois contemplou com um sorriso sua própria nudez.

-Está muito bonito, Roger –disse pelo baixo. Sua mão livre foi posar se na cara interior de uma coxa.

-Você também. –A voz de seu marido soou sensual. Estava mais que bonita.

Ela deu um tapinha nas costas do Jemmy.

-Quer visitar tia Lizzie depois do café da manhã, tesouro? –perguntou-lhe sem olhá-lo. Seus olhos estavam fixos nos do Roger; sua boca larga, curvada em um lento sorriso.

Ele não se acreditou capaz de esperar até depois do café da manhã sem tocá-la sequer. O xale estava nos pés da cama; o pôs na cintura, por respeito à decência, e foi ajoelhar se junto à cadeira de balanço.

-Amo-te –lhe sussurrou ao ouvido. Ela girou a cabeça para beijá-lo; foi um fugaz contato de lábios suaves.

-Eu também te amo –disse.

No momento em que ele se decidia a se aprofundar na matéria, um forte murro sacudiu as pranchas da porta, acompanhado pela voz de seu sogro.

-Roger! Está aí? te levante agora mesmo!

Brianna deixou no chão ao Jemmy; para ouvir a voz de seu avô, o menino lançou um chiado enlevado e correu a golpear a porta fechada.

Date pressa! –A luz alagou a cabana ao correr o corpo da janela, deixando ver a larga cara do Jamie Fraser, avermelhada pelo entusiasmo e o sol da manhã-. Te mova, homem. Não é hora de andar por aí com o traseiro ao ar. MAC Leod diz que há bestas atrás da colina.- Enviou um beijo ao Jemmy-. A ghille ruaidh, a cariem! Ciamar a tha thu?

Roger se esqueceu do sexo e o pudor. ficou a camisa pela cabeça, com movimentos bruscos.

-Que classe de bestas? Veados, eleve?

-Não sei, mas se trata de carne!

Com uma última e ofegante olhar ao corpo de sua esposa, Roger agarrou suas meias três-quartos.

Ao meio dia, entre grunhidos e ofegos, os homens penetraram na zona verde escura das coníferas. Ninguém dizia nada; mesmo que se detinham um instante para agarrar fôlego, a quietude do bosque proibia tudo bate-papo desnecessário.

Ao redor a espessura parecia serena... e deserta. Possivelmente porque chegavam muito tarde, quando os animais já tinham contínuo sua marcha, possivelmente porque MAC Leod havia visto mau. Ao sair ao outro lado da colina, os homens se encontraram a pleno sol. O ar era escasso e frio. Ao chegar a um sítio ao casaco do vento, o grupo se deteve em muda apreciação.

Jamie se adiantou até o bordo de uma saliente rochosa, com o acréscimo acobreado lançando reflexos ao sol, e girou de um lado a outro, olhando para baixo entre as árvores, com os olhos entreabridos. Roger viu que dilatava as fossas nasais e sorria para seus adentros. Talvez farejava a presa.

Fraser moveu a cabeça. Logo se voltou para o Fergus para lhe dizer algo em voz baixa e subiu pela cornija até desaparecer.

-Esperemos –disse Fergus a seus companheiros, lacônico.

Os homens se sentaram a conversar sobre voz baixa, fedorentos. Se na frescura do bosque não se notava, ali acima, ao sol, era evidente o fedor a suor recente, que se impunha às capas mais profundas de sujeira e aromas físicos.

Roger se disse que talvez não era um olfato animal extraordinário o que fazia tão difícil aproximar-se da presa a pé, a não ser a fetidez dos seres humanos. Ele não cheirava desse modo, ou sim? Por curiosidade inclinou a cabeça para respirar dentro do decote aberto de sua camisa. Sentia que um fio de suor lhe corria pelo dorso do pescoço, sob o cabelo. Secou-o com o bordo da camisa; antes de retornar a sua casa se daria um banho, embora o arroio estivesse talher de gelo.

A importância da ducha e os desodorantes não era por uma simples questão estética, refletiu. Ao fim e ao cabo, alguém se habitua a quase qualquer fetidez habitual. O que não tinha compreendido na segurança do meio moderno, relativamente inodoro, era as conseqüências mais íntimas do aroma.

Às vezes uma baforada ao azar despertava sem prévio aviso suas reações mais primitivas, fazendo que se sentisse como um sujo mandril.

Um toque no cotovelo o sobressaltou. deu-se a volta, com um braço estendido em rápida defesa. Jamie o esquivou limpamente e lhe sorriu. Logo assinalou com a cabeça o bordo da cornija.

-Encontrei-os –disse.

Jamie fez um gesto com a mão e Fergus acudiu imediatamente. O

francês apenas lhe chegava ao ombro, mas não parecia ridículo. Com sua única mão a modo de tela, olhou para onde Fraser assinalava. Roger se aproximou por detrás deles para olhar costa abaixo. Uma grossa linha de altas árvores nuas marcava o curso de um arroio. Fraser, ao vê-lo, assinalou para baixo com o queixo.

-Junto ao arroio. Vê-o? –disse.

Ao princípio Roger não viu nada. Logo divisou algo: um arbusto, ao final do pendente, movia-se de forma distinta à provocada pelo vento ao agitar os ramos próximos. Era uma sacudida brusca, como se algo atirasse dele para alimentar-se.

-O que é isso?

A súbita aparição de um vulto escuro foi suficiente para lhe revelar que o animal era grande, muito grande.

-Não sei. É maior que o veado. Um wapiti, possivelmente. –Fraser olhava com atenção, entreabrindo os olhos para protegê-los do vento.

-Um alce americano, possivelmente? –Fergus franziu o sobrecenho sob a mão que dava sombra aos olhos-. Alguma vez vi nenhum, mas são muito grandes, não?

-Não. –Roger sacudiu a cabeça-. Quer dizer, sim, mas isso é distinto. cacei alces americanos... com os mohawks. E não se movem assim.

-É verdade. Não são nem veados, nem eleve... E há mais de um. Vêem-no?

Roger entreabriu muito os olhos; mas ao ver o que Fraser fazia, imitou-o: balançava-se de um pé ao outro, deixando que seus olhos vagassem pela paisagem. Aqui e lá, entre os cinzas e pardos descoloridos entre manchas de folhagem perene, havia um deslocamento, um nó no desenho da natureza: movimentos estranhos que não causava o vento. Embora cada besta era invisível em si, sua presença se detectava pelas sacudidas dos arbustos próximos.

-Eu tinha razão! Tinha razão, verdade, MAC Dubh? –gabou-se MAC Leod, passando de um a outro a cara radiante de triunfo-. Não vos disse que tinha visto bestas?

-Cristo, há todo um rebanho –sussurrou Evan Lindsay, como eco de seu pensamento. A cara do montanhês refulgia de espera. voltou-se para o Jaime-. Como faremos, MAC Dubh?

-É difícil saber; estão em terreno aberto. Não podemos encurralá-los em nenhuma parte. –chupou-se um dedo para apreciar a brisa; logo assinalou-. O vento vem do oeste; descendamos pelo regato até o pé do pendente. Logo Roger e eu passaremos ao flanco, perto dessa grande saliente rochosa. Vêem-na?

Lindsay assentiu lentamente; o dente torcido mordiscava o lábio.

-Estão perto do arroio. Dêem um rodeio; lhes mantenha longe até chegar perto desse grande cedro. Vêem-no? Logo lhes dissemine: dois a cada lado do arroio. Evan é o melhor atirador, que esteja preparado. Roger MAC e eu nos aproximaremos do rebanho pir atrás para impulsioná-los para vós.

Fergus assentiu.

-Compreendo –disse, estudando o terreno, lá abaixo-. E se nos vêem se lançarão por aquele pequeno desfiladeiro, onde ficarão apanhados. Muito bem. Allons-e!

Ao ver que Jamie carregava e martelava sua arma, Roger fazia o mesmo, com uma mescla de entusiasmo e maus presságios ante o acre aroma da pólvora. Dado o tamanho das bestas que seguiam, até ele tinha possibilidades de dar no branco.

Na maleza, para diante, ouviu-se um pequeno estalo e um pouco de cabelo vermelho apareceu na vista. Para ali foi, com a mão fechada em volta da culatra, morna e sólida a madeira em sua palma, com o canhão apontando para cima por cima do ombro.

Enquanto rodeava sigilosamente um arbusto de zumaque, Roger sentiu que algo cedia súbitamente sob seu pé e se tornou para trás para não perder o equilíbrio. Ao ver o que tinha pisado sentiu um forte impulso de rir, apesar da imediata desilusão.

-Jamie! –chamou, sem preocupar-se já pelo sigilo ou o silêncio. O cabelo brilhante do Fraser apareceu por entre uma cortina de louro, seguido por seu dono.

-Não sou um grande rastreador –disse Roger, assinalando para baixo-, mas pisei em tantas coisas destas que sei as reconhecer. –Raspou o flanco de seu sapato contra um tronco cansado-. Olhe o que é o que estivemos espreitando!

Jamie se deteve em seco. Logo se aproximou para agachar-se junto ao manchón pardo e corrugado. depois de tocá-lo com a ponta de um dedo, levantou a vista para o Roger com uma mescla de diversão e desconcerto.

-Que me crucifiquem! –disse. Sempre em cucullas, inspecionou a espessura com o sobrecenho enrugado. Logo murmurou-: Mas o que fazem aqui?

Por fim se incorporou para olhar para o arroio, onde o sol, já em descida, lançava reflexos cegadores entre os ramos.

-Não tem nenhum sentido –disse, entreabrindo os olhos-. Só há três vacas na Colina e esta manhã vi ordenhar a dois. A terceira é a do Bobby MAC Leod. E acredito que ele saberia reconhecer a sua própria vaca. Além disso...

Girou lentamente sobre os talões para jogar uma olhada à levantado pendente que acabavam de baixar. Não fazia falta dizer nada. Para descender por ali, qualquer vaca teria necessitado um pára-quedas.

-Há mais de uma, muitas mais –apontou Roger-. Você mesmo as viu.

-É certo, mas de onde vêm? –Jamie enrugou a frente, intrigado-. Os índios não criam ganho, muito menos nesta temporada. Se tinham alguma besta, a estas horas já está carneada e defumada. E em cinqüenta quilômetros à redonda não há nenhuma granja da que possam vir.

-E se fosse um rebanho selvagem? –sugeriu Roger-. Podem haver escapado faz muito tempo e estiveram vagando por ali.

Aos olhos do Jamie apareceu um ar calculador, como eco do gorgoteo esperançado que emitia o estômago do Roger.

-Nesse caso serão presas fáceis –disse seu sogro.

Meia hora depois emergiram no ribazo do arroio que tinham visto de acima.

-por que não me ocorreria trazer cordas? –murmurou Jamie, enquanto

se abria passo entre os salgueiros tenros da ribeira, ao rodear o vau-. Uma coisa é a carne, mas leite e queijo...

O murmúrio se apagou ao abandonar o arroio para seguir um rastro na folhagem; entrava novamente no bosque.

Os dois homens se separaram sem dizer nada, a passo fíco. Roger aguçava quando podia o ouvido no silêncio do bosque. Deviam estar perto; adeus pouco experimentada do moço tinha detectado o recente dos sinais. Estava refrescando; teriam que procurar os outros e acampar quanto antes, pois o crepúsculo era curto. Uma boa fogueira iria bem; melhor ainda se tinham algo para assar nela.

Agora foram descendendo para um pequeno terreno baixo, onde a terra, ao esfriar-se, despedia volutas de bruma outonal. Jaime se tinha adiantado um pouco e caminhava com tanta firmeza como o escarpado do chão lhe permitia; pelo visto o caminho ainda era visível para ele, face à densa vegetação.

-Roger.- Jamie assinalou algo com a cabeça-. Olhe.

Apartou um ramo grande e Espinosa, pondo ao descoberto o tronco de um sicómoro grande. Parte da casca se desprende, deixando uma mancha blancuzca e lhe gotejem na casca cinza.

-As vacas se esfregam assim? -Roger contemplou a mancha com cara de dúvida, extraindo uma mecha de cabelo escuro e lanzudo, apanhado na áspera casca.

-Sim, às vezes -replicou Jamie-. Mas que me leve o diabo se alguma vez vi essa pelagem em uma vaca. por que crie que...?

Algo se moveu junto ao cotovelo do Roger. Ao voltar-se, o moço se encontrou com uma monstruosa cabeça bruna que espiava por cima de seu ombro. Roger gritou e retrocedeu. Sua arma se disparou com uma forte explosão. Continuando, sentiu algo que acontecia seu lado a toda velocidade e um golpe seco. encontrou-se de bruces sobre o tronco de uma árvore, sem fôlego. Jamie estava de joelhos na folhagem, procurando freneticamente a arma do Roger.

-Vamos! -disse-lhe-. Te levante, Roger! Por Deus, são bisões!

Um momento depois estava de pé e seguia ao Jamie, que saltava como um veado entre as matas. O bosque já não estava em silêncio; por diante se ouviam ruídos de ramos que se rompiam e graves bufos. Alcançou ao Jamie na costa; subiram-na trabalhosamente. Ali estavam: oito ou nove bestas enormes e lanzudas, que corriam em grupo fechado, troando a colina.

Jamie cravou um joelho em terra, apontou e disparou, sem efeito visível.

Não havia tempo para deter-se recarregar; era preciso manter o rebanho à vista. Um meandro de arroio cintilou entre as árvores, mais abaixo e à direita. Roger se lançou costa abaixo, em um arrebatamento de entusiasmo. Ouviu que Jamie lhe seguia lançando a gritos exortações gaélicas.

Uma exclamação diferente fez que Roger se detivera para olhar para trás. Fraser se tinha detido, com a cara petrificada de espanto. antes de que o jovem pudesse dizer nada, o espanto mudou a fúria. Jamie aferrou o mosquete pelo cañon e, mostrando os dentes, golpeou o chão com a culatra. Apenas se deteve antes de levantar a arma para golpear outra vez, e outra;

seus ombros se sacudiam com o esforço.

-Que diabos...?

Então a viu. Umas ondas marrons, duras, grossas e escamosas se retorciam entre as matas de ervas. A cabeça da serpente estava esmagada e seu sangue manchava o mosquete do Jamie, mas o corpo ainda se retorcia como um verme.

-Basta! Está morta. Ouve-me? Basta, hei dito? –Sujeitou ao Fraser por um braço, mas seu sogro se liberou para dar uma coronhada mais. Por fim se deteve.

-Deus Santo! O que aconteceu? Picou-te?

-Sim, na perna. Pisei-a.

-Vêem te sentar e vejamos isso.

Jamie deu uns passos vacilantes e se deixou cair em um tronco cansado. Logo procurou o bordo do meia três-quartos com dedos trêmulos, mas Roger os apartou para descalçá-lo. As marcas das presas eram muito claras: uma dobro punção vermelho escuro na pantorrilha.

-É venenosa. Tenho que cortar.- Roger desenvainó sua adaga.

Mordendo-os lábios em um gesto de concentração, oprimiu a ponta da faca contra a pele, justo por cima de uma dessas punções. Então Fraser agarrou a mão do Roger com a sua e empurrou com um grunhido cruel. A ponta se afundou súbitamente, dois ou três centímetros. Quando o sangue emanou ao redor da folha, os dedos que apertavam se retiraram.

-Outra vez. Com força. E date pressa, homem, pelo amor de Deus. –A voz do Jamie era firme.

O jovem se preparou para utilizar a força necessária e cortou com celeridade: duas marcas em cruz sobre as punções, tal como indicavam as guias de primeiros auxílios. Logo deixou cair a faca e aproximou a boca às feridas. Chupou com toda a força possível, enchendo-a boca de um sabor a metal quente. Sugava e cuspiam em silencioso frenesi, salpicando de sangue as folhas amarelas.

Algo o aferrou pelo cabelo da nuca e devorou com força, obrigando-o a deter-se. Levantou a cabeça, ofegando.

Basta já, ouve-me? –disse Jamie com suavidade-. vais deixar me seco. –E moveu timidamente o pé descalço, fazendo uma careta ao ver-se a perna. Roger se sentou sobre os talões e aspirou uma baforada de ar.

Fiz mais... desastre... que a serpente.

A boca lhe encheu de saliva; tossiu e voltou a cuspir. Fraser, em silêncio, ofereceu-lhe a cigarreira de uísque; ele se enxaguou a boca com um sorvo e, depois de cuspi-lo, bebeu a fundo.

-Está bem? –limpou-se o queixo com o dorso da mão; ainda tinha sabor a ferro. Assinalou com a cabeça a perna macerada.

-Resisto. –Jamie estava ainda pálido, mas uma comissura de sua boca se desviou para cima-. vá ver se os outros estão à vista.

Não os via; do alto da saliente rochosa só se divisava muito ramos nus que se agitavam de um lado a outro. Rouco de tanto gritar contra o vento, Roger baixou de novo a costa.

-Não há sinais de ninguém.Pode caminhar? –Roger se inclinou para seu sogro.

-Posso, mas pouco.

Roger sentiu a primeira pontada de intranquilidade. Fazia quanto sabia; nas guias de primeiros auxílios, o passo seguinte era sempre “imobilizar o membro e levar a paciente a um hospital quanto antes”. Os cortes e a sucção eram para retirar o veneno da ferida, mas ao parecer tinha ficado uma boa quantidade, que se disseminava lentamente pelo corpo do Jamie. Não tinha tido tempo de extrai-lo tudo... se é que tinha extraído algo. E o m's parecido a um hospital, Claire e suas ervas, estava a uma jornada de distância.

-Dói muito? –perguntou, sobressaltado.

-Sim.

Obscurecia a toda velocidade. Era evidente que essa noite não iriam a nenhuma parte; nas montanhas era impossível orientar-se na escuridão, inclusive se Fraser tivesse podido caminhar. Ficava um pouco de pão de milho; quanto à água, não era difícil de conseguir; entre o sussurro das árvores ouvia o gorgoteio de um arroio algo mais abaixo. Mas antes convinha recolher lenha, enquanto houvesse luz.

-Seria melhor acender uma fogueira. –Jamie falou de repente, sobressaltando ao Roger com esse eco de seus pensamentos. Abriu os olhos para olhar uma mão e a fez girar, como se não a conhecesse.

-Noto espetadas nos dedos –comentou com interesse. Logo se tocou a cara com uma mão-. Aqui também. Me dormiram os lábios. Sabe se isso é o habitual?

-Não sei. Suponho que sim, se te bebestes o uísque.- Era uma piada patética, mas foi um alívio que o aceitasse com uma débil risada.

-Não. –Jamie tocou a cigarreira que tinha a um lado-. Pareceu-me que mais tarde podia me fazer falta.

-É verdade. Fique aqui; não deve te mover. vou procurar um pouco de lenha. Os outros verão a luz do fogo.

-Traz também a serpente –lhe disse Jamie, quando já se afastava-. O justo é justo. Que nos sirva de jantar!

Roger sorriu de brinca a orelha, apesar de sua preocupação, e inclinou o descida da costa com um gesto tranquilizador.

Enquanto se inclinava para arrancar um grosso nó de um tronco brando e podre, perguntou-se quais eram as possibilidades. Fraser era corpulento e muito saudável. Sobreviveria, sem dúvida.

Mas havia quem morria por mordidas de serpente, e ocorria com certa frequência.

Não podia deixar de olhar para a costa, cada poucos minutos; sentia uma pequena pontada de alarme cada vez que Fraser ficava fora de sua vista. E se se derrubava antes de sua volta?

Mas se tranquilizou um pouco ao recordar algo. Não, tudo estava bem. Jamie não morreria essa noite, nem pela mordida da serpente nem por frio. Não era possível; estava destinado a morrer em um incêndio dentro de alguns anos. Por uma vez, a fatalidade futura representava tranquilidade no presente. Respirou fundo e deixou escapar o ar com alívio. Logo reuniu valor para aproximar-se da serpente.

Embora estava morta, teve que fazer um esforço de vontade para recolhê-la. Era tão grossa como sua boneca e media perto de um metro vinte. Jamie a esfolou enquanto ele acendia o fogo. Pela extremidade do olho viu

que seu sogro estava extrañamente torpe; o intumescimento de suas mãos devia ter piorado. Mesmo assim trabalhava com empecinamento: cortou a serpente e, com dedos trêmulos, trespassou as partes de pálida carne crua em uma ramilla ao meio cortar.

Terminada a tarefa, Jamie estendeu o pau para a fogueira, mas esteve a ponto de que lhe caísse. Roger conseguiu sujeitá-lo e, através da ramilla, percebeu o tremor que lhe sacudia a mão e o braço.

-Está bem? –disse. E lhe tocou a frente.

Fraser se tornou para trás, em ofendida surpresa.

-Sim –disse. Mas logo fez uma pausa-. Em realidade... sinto-me algo estranho –admitiu.

-Te deite um momento, quer? –sugeriu, tratando de mostrar-se despreocupado-. Se puder, dorme. Já despertarei quando a comida esteja preparada.

A carne da serpente gotejava, lhe vaiem. Pese ao leve desgosto que lhe provocava a idéia de comer-lhe Roger sentiu que o estômago lhe ressonava.

Obscureceu por completo antes de que a carne estivesse cozida. Roger foi procurar água; logo amontoou braçadas de ferva secas e lenha no fogo, até que as chamas crepitarão mais altas que ele; se os outros homens se encontravam em um rádio de um quilômetro e médio não deixariam das ver.

Fraser se incorporou dificultosamente para comer.

-Os índios faziam algo contra as mordidas de serpente?

-Sim –respondeu Roger, cauteloso-. Tinham raízes e ervas que mesclavam com esterco ou cereais quentes para fazer cataplasmas.

-E resultava? –Fraser sustentava uma parte de carne na mão queda, como se estivesse muito exausto para levar-lhe à boca.

-Vi-o fazer só duas vezes. Em uma ocasião pareceu dar resultado. Não houve inchaço nem dor; ao anoitecer de mesmo dia a menina estava bem. Na outra ocasião... não resultou. E em sua época, o que fariam?

-Te aplicar uma injeção de um pouco chamado soro antiofidico.

-Uma injeção? –Jamie não parecia entusiasmado-. Claire me fez isso uma vez. Eu não gostei de nada.

-Mas serve?

Seu sogro respondeu sozinho com um grunhido.

em que pese a sua preocupação, Roger devorou sua ração e também o que Jamie deixou da sua. Fraser se tinha tirado a camisa de caçador, a pesar do frio, e permanecia sentado, com os olhos fechados, oscilando um pouco. Roger se sentou em cuclillas a seu lado para lhe tocar o braço. Deus Santo, estava ardendo!

Mas abriu os olhos com um leve sorriso. O jovem lhe ofereceu uma taça de água, que ele aceitou com mão torpe. Por debaixo do joelho, sua perna estava grotescamente tumefacta, quase até o dobro de seu tamanho normal.

Roger se perguntou, inquieto, se podia estar equivocado em sua convicção de que o passado não se pode trocar; nesse caso, o momento e a maneira em que Fraser morreria estava fixada; seria dentro de uns quatro anos. Sem essa certeza, o aspecto do Jamie era muito preocupem-se. E até que ponto estava convencido, ao fim e ao cabo?

-Poderia estar equivocado. –Jamie tinha deixado a taça e o olhava com

serenos olhos azuis.

-Sobre o que? –perguntou ele, sobressaltado para ouvir seus pensamentos expressos em voz alta. Acaso tinha falado em murmúrios sem dar-se conta?

-Sobre a mudança. Você dizia que não era possível trocar a história. E se te equivoca?

Roger foi atíçar o fogo.

-Não me equivoco –assegurou, tanto para si como para o Fraser-. Pensa, homem. Você e Claire trataram de deter o Carlos Estuardo, de trocar o que fez... e não puderam. Não se pode.

-Isso não é de tudo certo –objetou Fraser.

-por que não?

-É certo que não pudemos evitar a sublevação... mas isso não dependia só de nós e dele: havia muita outra gente relacionada. Os chefes que o seguiam, esses malditos irlandeses que o adulavam... e até o Luis. Ele e seu ouro. –Agitou uma mão para descartar o tema-. Mas isso não tem nada que ver. Diz que Claire e eu não pudemos detê-los. E é certo: não pudemos deter o começo. Mas poderíamos ter impedido o final.

-Refere ao Culloden? –Roger, com a vista cravada no fogo, recordou vagamente aquele dia longínquo em que Claire lhes tinha contado, a ele e a Brianna, a história das pedras... e do Jamie Fraser. Sim: ela tinha falado de uma última oportunidade para impedir a matança final dos clãs...

-Se matavam ao Carlos Estuardo...

-Sim. Se o tivéssemos feito... mas nem ela nem eu pudemos nos decidir. –Tinha os olhos quase fechados, mas moveu a cabeça, inquieto, obviamente incômodo-. Muitas vezes me perguntei se foi por decência... ou por covardia.

-Ou possivelmente por outra coisa –apontou Roger, abruptamente-. Não se sabe. Se Claire tivesse tratado de envenená-lo, arrumado a que teria acontecido algo: talvez se teria cansado o prato, o teria comido o cão ou teria morrido outro em seu lugar. As coisas não teriam trocado!

Fraser abriu lentamente os olhos.

-Assim que você pensa que tudo está predeterminado, né? O que o homem não tem livre-arbítrio? –esfregou-se a boca com o dorso da mão-. E quando decidiu retornar em busca da Brianna, e logo outra vez a por ela e o pequeno, não foi por livre decisão? Estava destinado a fazê-lo?

-Eu... –Roger se interrompeu, com os punhos apertados contra as coxas. de repente, por cima do aroma de lenha queimada, parecia elevar-se o das águas do quilha do Gloriana. Logo se relaxou com uma breve risada-. Mau momento para ficar filosófico, não te parece?

-Pois sim –aceitou Fraser, em voz baixa-. Só que talvez não tenha outro. –E prosseguiu antes de que Roger pudesse responder-: Se não haver livre-arbítrio... tampouco pecou nem redenção verdade?

-Jesus! –murmurou Roger, apartando o cabelo da frente-. Saio com Olho de Águia e acabo sentado sob uma árvore com o Agustín da Hipona! Jamie não fez conta, absorto no seu.

-Claire e eu escolhemos não matar. Não quisemos derramar o sangue de um homem. Mas o sangue do Culloden não cai assim sobre nós? Não quisemos cometer o pecado, e mesmo assim o pecado veio por nós?

-É obvio que não. -Roger ficou de pé, nervoso, e foi atizar o fogo-. O que aconteceu no Culloden não foi sua culpa. Como podia sê-lo? Todos os que tomaram parte nisso, Murria, Cumberland, todos os chefes... Não foi obra de um só homem!

-Crie que tudo está determinado? Estamos condenados ou salvos do momento de nascer, sem que nada possa trocá-lo? E é filho de um pregador!

-Fraser riu entre dentes.

-Sim -afirmou Roger. sentia-se de uma vez torpe e inexplicavelmente zangado-. Quer dizer, não, não é isso o que acredito. Só que... pois... se algo já aconteceu que uma maneira, como poderia acontecer de outra?

-Só você crie que aconteceu -apontou Fraser.

-Não acredito. Sei!

Hum. Sim, porque vem do outro lado do assunto; tem-no atrás. E se acaso você não pode trocar algo, mas eu sim, porque para mim ainda está para diante?

Roger se esfregou com força a cara.

-Isso não tie... -Mas se interrompeu. Como dizer que não tinha sentido? Às vezes pensava que nada no mundo tinha já sentido-.

Possivelmente -reconheceu, cansado-. Deus sabe; eu não.

-Sim. Pois bem, suponho que o averiguaremos muito em breve.

Roger o olhou com aspereza ao perceber uma nota estranha em sua voz.

-O que quer dizer com isso?

-Você crie saber que morri dentro de três anos -disse Fraser, com clama-. Se morrer esta noite será porque está equivocado, não? O que crie que aconteceu não terá acontecido; por ende, o passado se pode trocar, sim?

-Não vais morrer! -espetou-lhe Roger.

-Alegra-me ouvi-lo. Mas agora eu gostaria de beber um poquinho desse uísque. Tira a cortiça, quer? Com estes dedos não poderei sujeitá-lo.

Entregou a cigarreira a seu sogro para que bebesse.

-Te deite -resmungou, quando Jamie teve terminado-. Vou a por mais lenha.

Não podia estar-se quieto; embora tinha um montão de lenha à mão, vagou pela escuridão, sempre à vista do fogo.

Tinha passado muitas noites como essa. Noites nas que tinha lutado com as alternativas, muito inquieto para tender-se em um cômodo leito de folhagem, tão atormentado que não podia dormir.

As opções eram claras, mas nada fáceis de escolher. Por uma parte, Brianna e tudo o que a acompanhava; o amor e o perigo, a dúvida e o medo. Por outra. A seguridd de saber quem e o que era ele, certeza a que tinha renunciado pela mulher que era sua esposa... e o menino que podia ser seu filho.

Tinha escolhido. Por si mesmo, sem que nada o obrigasse. Assim como tinha escolhido beijar ao Morag. Torceu a boca ao pensá-lo, pois então não tinha idéia alguma das conseqüências dessa pequena ação.

Do bosque, detrás dele, surgiu um ruído; lhe arrepiou o cabelo da nuca antes de reconhecê-lo; não era risada, como tinha acreditado no princípio, a não ser o grito longínquo de um jaguar.

Levantou-se para rodear silenciosamente a fogueira, olhando para as

sombras. Fraser estava tendido na escuridão, muito quieto. As manchas lhe tinham estendido à cara. Roger notou que suas facções tinham um aspecto congestionado; pálpebras e lábios estavam algo tumefactos. À luz vacilante resultava impossível saber se respirava ainda.

Ajoelhou-se para sacudi-lo com força.

-Ouça! Está vivo? -Quis dizê-lo em tom de brincadeira, mas o medo era evidente em sua voz.

Fraser não se moveu. Logo abriu lentamente um olho.

-Sim -murmurou-. Mas não é um prazer.

Roger não voltou a deixá-lo. Limpou-lhe a cara com um pano molhado e lhe ofereceu mais uísque, que ele rechaçou. Logo tomou assento junto à silhueta tendida, atento a cada fôlego.

Jamie trocou de posição e o movimento lhe arrancou uma queixa. Roger o acalmou lhe apoiando uma mão no ombro.

‘Não vá’, pensou; as palavras não sortes eram uma bola dura em sua garganta. “Fica conosco. Fica comigo.”

Passou comprido tempo ali, com a mão apoiada no ombro do Fraser. Tinha a absurda idéia de que isso equivalia a sujeitá-lo, a mantê-lo ancorado à terra. Se o sujeitava até o amanhecer todo estaria bem; se retirava a mão todo teria terminado. O fogo se ia consumindo, mas ele adiava a necessidade de atendê-lo para não soltar ao Jamie.

-MacKenzie? -Foi só um murmúrio, mas ele se inclinou imediatamente.

-Sim. Aqui estou. Quer água? Uma gota de uísque?

Alargou a mão para a taça, derramando água em seu nervosismo. Fraser bebeu dois goles e a apartou com um gesto.

-Não sei se estiver no certo ou não -disse. Sua voz soava rouca, mas clara-. Mas se te equivoca e morro, pequeno Roger, há coisas que devo te dizer. Não quero deixá-lo para quando for muito tarde.

-Aqui estou -repetiu ele, sem saber o que outra coisa dizer.

-Bonnet. Devo te dizer o que tenho em marcha.

-Sim? -Pela primeira vez o jovem sentia algo mais que preocupação por seu sogro.

-Há um homem chamado Lyon; Duncan Innes te dirá como encontrá-lo. Trabalhava na costa; compra a quão contrabandistas operam nos bancos exteriores. Durante as bodas me buscou para me propor um negócio com o uísque.

O plano era bastante simples. Jamie queria enviar aviso a esse tal Lyon para lhe informar de que estava disposto a comercializar com ele, sempre que se reunisse com ele trazendo para o Stephen Bonnet, como prova de que tinha um homem com a reputação e a habilidade necessária para dirigir o transporte ao longo da costa.

-A reputação necessária -replicou Roger, pelo baixo-. Tem-na, sim.

-Não o aceitará com tanta facilidade; quererá impor suas condições, mas acabará por acessar. lhe diga que tem suficiente uísque como para que valha a pena. lhe dê um tonel de dois anos para que prove, se for preciso. Quando vir o que a gente está disposta a pagar por isso, aceitará com gosto. O lugar...

Interrompeu-se, com a frente enrugada, e respirou um par de vezes

antes de continuar.

-Eu pensava que fora no Wylie's Landing, mas se deve ir você, escolha um lugar de seu agrado. Leva aos Lindsay para que lhe cubram as costas, se quiserem. Se não, procura a outro, mas não vá sozinho. E vê disposto a matá-lo ao primeiro disparo.

Roger assentiu, tragando saliva com dificuldade.

-Não deixe que te aproxime tanto como para te alcançar com a espada -disse-. aprendeste, mas não o suficiente para te enfrentar ao Bonnet.

-E você sim? -disse Roger, sem poder conter-se.

-OH!, sim -disse seu sogro, em voz baixa-. Se sobreviver. -Logo, com um ataque de tosse, levantou a mão para descartar momentaneamente ao Bonnet-. Quanto ao resto... vigia ao Sinclair. É um homem para utilizar, pois sabe tudo o que acontece no distrito, mas jamais lhe dê as costas.

Fez uma pausa para pensar, carrancudo.

-Pode confiar no Duncan Innes e no Farquard Campbell -disse-. E no Fergus. Fergus te ajudará, se puder. Quanto ao resto... -Voltou a trocar de posição, com outra careta-. Te cuide do Obadiah Henderson! te porá a prova. Muitos o farão; deixa-os... mas ao Henderson não. te enfrente a ele à primeira oportunidade; não terá outra.

A voz do Fraser se apagou, já afônica. Teria perdido a consciência? O ombro no que Roger apoiava a mão estava lasso, inerte. Não se atreveu a mover-se.

de repente Fraser contraiu uma mão. Tinha os dedos inchados como embutidos e a pele, vermelha e brilhante. Roger a cobriu com a mão livre e sentiu que os dedos se moviam, tratando de agarrá-la.

-Lhe diga a Brianna que estou orgulhoso dela -sussurrou Jamie-. Que minha espada seja para o pequeno.

O jovem assentiu com a cabeça, sem poder falar. Logo caiu na conta d que Jamie não podia vê-lo e pigarreou.

-Sim. O direi.

Esperou um momento, mas Fraser não disse nada mais. O fogo estava quase consumido, mas a mão que sustentava queimava como as brasas. Uma rajada de ar passou como uma navalhada, lhe agitando o cabelo contra a bochecha, e arrancou do fogo uma súbita chuva de faíscas.

Aguardou tanto como lhe pareceu prudente, enquanto a fria noite se escorria em solitários minutos. Logo se inclinou para fazer-se ouvir.

-E ao Claire? -perguntou em voz baixa-. Quer que lhe diga algo?

Temeu ter esperado em excesso, pois Fraser permaneceu imóvel vários minutos mais. Logo a manaza se agitou, fechando pela metade os dedos inchados; foi o fantasma de um gesto, para agarrar o tempo que lhe escapava.

-Lhe diga... que ia a sério.

91

Economia doméstica

- Não vi nada igual em minha vida.- Inclinei-me um pouco mais para olhar-. É muito estranho.

- Isso que te aconteceu meia vida como curandeira- murmurou Jamie,

vexado- . Não me diga que em sua época não há serpentes.

- No centro de Boston não, não muitas.

Apoiei cautelosamente uma mão no tornozelo. A pele estava torcida, quente e seca. E vermelha. A cara, as orelhas e o pescoço também tinham a cor de um tomate amadurecido; só tinha escapado a pele clara do peito, mas até ali tinha pontos vermelhos.

- Parece assado a fogo lento- comentei com fascinação, esfregando o sarpullido- . Nunca tinha visto algo tão vermelho.

- Não acredito que esteja em condições de criticar, Sassenach- comentou ele, cravando os olhos em meus dedos, manchados de amarelo e azul.

- OH, maldita seja...!- Levantei-me de um salto e, depois de cobri-lo apressadamente com os edredons, corri para a porta. Distraída pela dramática chegada do Jamie, tinha deixado sem atenção, no pátio, uma tina cheia de roupa em tintura... e com pouca água. Se se consumia de tudo e a roupa se queimava...

Assim que saí me golpeou na cara um forte fedor a urina e a anil. em que pese a tudo respirei com profundo alívio ao ver ali ao Marsali, vermelha pelo esforço de levantar da tina uma massa lhe jorrem, utilizando a grande forquilha de madeira. Apressei-me a ajudá-la, agarrando uma a uma os objetos fumegantes do montão para as tender a secar nas matas de amora.

- Graças a Deus. Disse, agitando no ar os dedos escaldados para refrescá-los- . Tinha medo de ter arruinado tudo.

- Pois... possivelmente fiquem um pouco escuras.- Marsali se passou uma mão pela cara para retirar os finos fios loiros que tinham escapado do lenço- . Mas se o tempo segue bom pode as deixar ao sol para que se decolorem. Anda, vamos tirar a tina antes de que se chamusque!

As crostas de anil começavam a rachar-se e enegrecer no fundo do recipiente: Quando o retiramos do fogo nos rodeou uma nuvem de homo acre.

- Não aconteceu nada- disse Marsali, entre tosses e abanicándose com a mão- . Deixa, mamãe Claire, que irei a por água para que se encharque. Você tem que cuidar de papai, verdade? baixe assim que me inteirei. Está muito mal?

- OH!, obrigado, querida. Acredito que se reporá- assegurei-lhe, dissimulando meus próprios temores- . Encontra-se muito mal e o vê ainda pior. Em toda minha vida não tinha visto nada assim. Mas se a ferida não se infecta...

- Ah!, sairá adiante- disse Marsali, confiada- . Fergus diz que quando os encontraram, a ele e ao Roger MAC, parecia morto, mas quando cruzaram a segunda colina já estava fazendo umas brincadeiras terríveis sobre a serpente.

Por minha parte, depois de ter visto o estado de sua perna ferida, não era tão otimista, mas sorri para tranqüilizá-la.

- Sim, acredito que ficará bem. vou preparar um cataplasma de cebola e a limpar um pouco a ferida. vá ver o enquanto vou procurar as cebolas, quer?

Por sorte havia cebolas de sobra. Arranquei seis das grandes e as levei a cozinha para as cortar em rodela.

- Deixe, a leannan, eu me encarregarei disso.- A senhora Bug me tirou a faca da mão e cortou energicamente as cebolas- . É para um cataplasma? Sim, isso. Com um bom cataplasma de cebola se cura algo.- Mas jogou para a consulta um olhar cheia de preocupação.

- Posso ajudar, mamãe?- Bree vinha do corredor, também preocupada- . Papai parece um espanto. Está bem?

Apartei-me o cabelo da cara com o dorso da mão; os olhos me jorravam pelas cebolas.

- Acredito que sim.- Sorvi pelo nariz enquanto me secava os olhos- . E Roger?

- Roger está bem.

Percebi a pequena nota de orgulho em sua voz; Jamie lhe havia dito que seu marido lhe tinha salvado a vida.

- Dorme- acrescentou- . Necessita algo, mamãe?

- Sim. Pode me buscar algumas cresas? Necessito-as para a perna do Jamie.- Joguei uma olhada carrancuda ao luminoso dia outonal- . Temo-me que a geada matou a todas as moscas; faz dias que não vejo nenhuma. Mas pode procurar no curral; põem seus ovos no esterco quente.

Pus as rodela de cebola em uma terrina de cabaça e verti sobre elas um pouco de água quente. Enquanto se coziam voltei para a clínica. No centro da habitação havia uma robusta mesa de pinheiro, que oficiava de uma vez de maca, poltrona de dentista, encimera para preparar drogas ou mesa auxiliar no comilão, segundo as exigências médicas e o número de convidados para jantar. Nesse momento sustentava a silhueta supina do Jamie, apenas visível sob o montão de edredons e mantas. Marsali estava a um lado, com a cabeça inclinada para ele, e lhe dava uma taça de água.

- Seriamente está bem, papai?- disse.

- Pois claro que sim.- Na voz do Jamie percebi uma intensa fadiga, mas uma mão enorme saiu de entre os edredons para lhe tocar a bochecha- . Fergus fez um trabalho estupendo. Manteve ao grupo unido ao longo de toda a noite, pela manhã nos encontrou e nos trouxe para todos sãos e salvos através da montanha. Tem um bom sentido da orientação.

Marsali manteve a cabeça inclinada, mas sua bochecha se curvou em um sorriso.

- Isso lhe disse. Mas não se perdoa por ter permitido que as bestas escapassem. Diz que teria bastado uma só para alimentar a toda a Colina durante o inverno.

Jamie desprezou o assunto com um grunhido.

- Bom, já nos arrumaremos.

Era óbvio que lhe custava falar, mas não quis afastar ao Marsali. A presença de sua filha podia distrair o de sua miséria.

Abri o armário sem fazer ruído, em busca da grande terrina coberta onde guardava as sanguessugas. Tinha dez ou doze das grandes. Retirei três para as pôr em uma tigela de água limpa, que pus a enfraquecer junto ao braseiro.

Enquanto dispunha as outras coisas necessárias, escutava os murmúrios coloquiais a minhas costas: Germain, a pequena Joan, um puercoespín nas árvores, perto da cabana do Marsali e Fergus.

Gaze para a compressa de algodão, a garrafa de álcool e água

esterilizada, os recipientes de pedra que continham hidrastis, equinácea e cânfora. E a garrafa com o caldo de penicilina. Ao olhar a etiqueta amaldiçoei para meus adentros: tinha quase um mês; entre a caçada do urso e as tarefas do outono, nas últimas semanas não tinha tido tempo para fazer um cultivo fresco.

Teria que usar esse. Com os lábios apertados, esmiucei as ervas secas entre as mãos, as deixando cair na taça de madeira de haja.

- As abacaxis cortadas que encontra no estou acostumado a são frescas?- perguntou Jamie. O puercoespín parecia lhe interessar um pouco mais que o novo dente do Joan.

- Sim, verde e fresco. Estou segura de que anda por ali acima, o condenado, mas essa árvore é imensa e de abaixo não o vê. Lhe disparar é impossível.

A pontaria do Marsali era medíocre, mas como Fergus não podia disparar o mosquete com uma só mão, era ela quem caçava para alimentar a família.

- Hum...- Jamie pigarreou com esforço e ela se apressou a lhe dar mais água- . Esfrega um pau com charque de porco e ponha no chão, não muito longe do tronco. Logo, que Fergus se sente a vigiar. Aos puercoespines adoram o sal e a graxa; quando as cheiram se arriscam a descer na escuridão. Uma vez em terra, não precisa esbanjar balas. Basta golpeando-os na cabeça. Fergus pode fazê-lo perfeitamente.

Ao abrir o cofre de meus instrumentos médicos franzi o cenho ante a bandeja que continha os serrotes e os escalpelos. Escolhi um bisturi pequeno, de folha curva; senti a manga fria sob os dedos. Teria que limpar a ferida, retirando a malha morta, os farrapos de pele e os trocitos de folhas, tecido e pó, pois os homens lhe haviam talher a perna com barro e uma vendagem feita com um sujo lenço de pescoço. Logo poderia molhar as superfícies expostas com solução de penicilina. Oxalá servisse de algo.

- Seria estupendo- disse Marsali, com certa melancolia- . Nunca cacei esse tipo de animais, mas Ian me há dito que estão ricos; são muito gordos. Além disso, as puas servem para costurar e para muitas outras coisas.

Mordi-me os lábios ao ver os outros instrumentos. O maior era um serrote dobradiça para amputações de urgência, e a idéia de utilizá-lo agora fez brotar um suor frio sob meus braços.

- A carne é graxa- disse Jamie- , mas rica...

Interrompeu-se abruptamente para trocar de posição com uma queixa afogada.

Em meus braços e em minhas mãos sentia já cada passado do processo de amputação: a tensão de cortar a pele e o músculo, o chiar do osso, a chicotada dos tendões, os copos escorregadios, pegajoso, sangrantes, que se escorriam dentro da carne atalho como... serpentes.

- Necessita carne graxa. Está muito magra, a muirninn- disse Jamie pelo baixo, a minhas costas- . Muito magra para estar gerando.

Dava-me a volta, amaldiçoando outra vez para meus adentros. Tinha-me parecido, mas tinha a esperança de me equivocar. Três bebês em quatro anos! E com um marido maneta, que não podia fazer o trabalho rude do imóvel e não queria ocupar-se do que sim podia fazer, como cuidar dos bebês e fermentar o malte, porque eram “ coisas de mulheres” .

Marsali lançou uma mescla de risada e soluço.

- Como sabe? Não o hei dito sequer ao Fergus.
- Pois deveria... embora ele já sabe.
- Há-lhe isso dito?
- Não... mas durante a caçada me pareceu que seus transtornos não eram uma simples indigestão. Agora, ao verte, soube que era isto.

As sanguessugas começavam a mover-se, estirando lentamente os corpos como bandas elásticas animadas. Apartei o edredom que cobria a perna do Jamie e pressionei brandamente aqueles parasitas contra a carne tumefacta, ao redor da ferida.

Analisei a situação, com a frente crispada e me mordendo os lábios. Não sabia que classe de serpente o tinha mordido, mas era óbvio que tinha uma potente toxina hemolítica. Jamie tinha o corpo coberto de capilares arrebatados e sangrantes, tão externos como internos; perto da ferida eram maiores.

O pé e o tornozelo da perna mordida estavam ainda quentes e avermelhados; melhor dizendo, vermelhos. Esse era bom sinal, pois significava que a circulação profunda permanecia intacta. O problema era melhorar a circulação perto da ferida, o suficiente para evitar a morte maciça das malhas. Mas essas nervuras vermelhas me tinham muito preocupada; podiam ser só parte do processo hemorrágico, mas mais provavelmente eram os primeiros signos da septicemia: envenenamento do sangue.

Olhei-o entreabrindo os olhos. Estava talher de edredons, tão doente que logo que podia mover-se, mas mesmo assim as linhas de seu corpo eram elegantes e prometiam força. A idéia de me mutilá-lo era insuportável... mas o faria, se era preciso. Deixar aleijado ao Jamie, privar o de um membro... Ao pensá-lo me contraía o estômago e me suavam as mãos manchadas de azul.

Aceitaria-o ele mesmo?

Agarrei a taça de água do Jamie e me bebi isso inteira. Não pensava perguntar-lhe Ele tinha direito a escolher, mas era meu e eu tinha decidido. Não renunciaria a ele, sem que importasse o que fora preciso fazer para conservá-lo.

- De verá se sente bem, papai?- Marsali me tinha estado observando. Seus olhos foram do Jamie a mim, assustados. Apressei a reacomodar minhas facções em uma expressão de confiança.

Jamie também me estava observando. Torceu o gesto para cima.

- Pois sim, isso acreditava eu. Mas agora não estou tão seguro.
- O que acontece? Sente-se pior?- perguntei, ansiosa.
- Não, sinto-me bem- assegurou-me, embora era uma mentira descarada- . Solo que quando me machuco, sempre que não há perigo, arreganha-me como uma arpia. Mas quando estou desesperadamente mal fica tenra como o leite. E esta vez não me há dito costure feias, nenhuma palavra de recriminação, desde que cheguei a casa, Sassenach. Significa isso que vou morrer?

Tinha uma sobrancelha arqueada em gesto de ironia, mas em seus olhos detectei um sotaque de autêntica preocupação. Agarrei fôlego e lhe apoiei as mãos nos ombros.

- Condenado estúpido! Olhe que pisar em uma serpente! Não podia

olhar onde punha o pé?

- Não, pois ia costa abaixo, seguindo a mil toneladas de carne- replicou ele, sorridente.

Senti uma pequena relaxação muscular sob a mão. Tive que reprimir o impulso de lhe devolver o sorriso. Em troca lhe cravei um olhar fulminante.

- Pois me deste um susto de mil demônios!

- E crie que eu não me assustei?

- Não está autorizado- assinaliei com firmeza- . Só podemos nos assustar de um em um. E este é meu turno.

Isso o fez rir, mas à risada seguiu um ataque de tosse e um forte calafrio.

- me traga uma pedra quente para seus pés- ordenei ao Marsali, enquanto o agasalhava apressadamente com os edredons- . E também uma bule cheia de água fervendo.

Ela voou para a cozinha. Eu joguei uma olhada à janela, me perguntando se Brianna teria tido sorte em sua busca de cresas. Eram insuperáveis para limpar feridas supurantes sem causar danos nas malhas sões.

Enquanto pensava isso levantei o bordo do edredom para jogar uma olhada a meus outros assistentes invertebrados. Lancei um pequeno suspiro de alívio. As sanguessugas operavam depressa; já tinham começado a inchar-se com o sangue acumulado nas malhas da perna, proveniente dos capilares quebrados. Sem essa pressão, talvez recuperasse uma circulação saudável, a tempo para manter vivos os músculos e a pele.

Vi sua mão obstinada ao bordo da mesa; seus calafrios piavam a minhas coxas, pressionados contra a madeira. Agarrei-lhe a cabeça entre as mãos; suas bochechas queimavam.

- Não vais morrer!- vaiei- . De maneira nenhuma! Não lhe permitirei isso!- E lhe aproximei a taça de penicilina aos lábios para que bebesse.

Marsali havia trazido a bule cheia de água fervendo. Verti a maior parte nas ervas que tinha preparadas e, enquanto repousavam, servi-lhe uma taça de água fresca para lhe tirar o sabor da penicilina. Ele trágou novamente, com os olhos ainda fechados, e se recostou contra o travesseiro.

- O que é isso?- perguntou- . Tem sabor de ferro.

- Água. Tudo te tem sabor de ferro; sangram-lhe as gengivas.- Dava- a jarra vazia ao Marsali para que trouxesse mais- . Lhe ponha mel- disse- . Uma parte de mel por cada quatro de água.

- O que precisa é chá de carne- disse ela, observando-o com a frente crispada- . Isso haveria dito minha mamãe. E minha avó. Quando alguém perdeu muito sangue não há como o chá de carne.

Me ocorreu que Marsali devia estar gravemente preocupada, pois estranha vez mencionava a sua mãe diante de mim, graças a seu natural sentido do tato. Não obstante, por uma vez a maldita Laoghaire estava no certo; o chá de carne teria sido excelente... se tivéssemos tido carne fresca. E não tínhamos.

- Água com mel- disse brevemente. E a joguei da habitação.

Enquanto ia em busca de reforços para as sanguessugas, detive-me olhar pela janela, para ver o que tinha conseguido Brianna.

Estava no curral, descalça e com as saias recolhidas por cima do

joelho, sacudindo o esterco de um pé.

Isso significava que até o momento não tinha tido sorte. À lombriga na janela agitou a mão. Logo, assinalou a tocha e o limite do bosque. Fiz-lhe um gesto de assentimento; possivelmente um tronco podre oferecesse alguma possibilidade.

Jemmy estava no chão, a pouca distância, com as andaderas a perto do curral. Já não as necessitava para manter-se em pé, por certo, mas serviam para impedir que escapasse enquanto sua mãe estava atarefada.

Um ruído me fez girar em redondo; Jamie voltava lentamente para seu ninho de edredons, com o aspecto de um grande preguiçoso carmesim, com meu serrote para amputações em uma mão.

- Que diabos faz?

Deitou-se devagar, entre caretas de dor e respirando em compridos ofegos. Logo apertou contra o peito o serrote dobrado.

Levantou o instrumento um par de centímetros.

- Não- disse categoricamente- . Sei o que pensa, Sassenach, e não lhe permitirei isso.

- Sabe que não o faria se não fora absolutamente necessário.

- Não- disse uma vez mais, me olhando com sua familiar obstinação.

- Não sabe o que poderia acontecer...

- Sei melhor que você o que está acontecendo com minha perna, Sassenach- interrompeu-me. Fez uma pausa para respirar um pouco mais- . Não me importa.

- Pode que a ti não, mas a mim sim.

- Não vou morrer- assegurou- . E não quero viver com meia perna. Horroriza-me.

- Pois tampouco eu gosto de muito pensá-lo. Mas e se for preciso escolher entre sua perna e sua vida?

- Não é preciso.

- Poderia sê-lo!

- Não será assim.

- De acordo- disse, com os dentes apertados- . Me dê essa intriga para que o guarde.

- Quero sua palavra. Pode que a febre me faça perder a consciência. E não quero que me corte a perna se não estar em condições de impedi-lo.

- Se chegar a esse estado não terei alternativa!

- Talvez você não- replicou sem alterar-se- , mas eu sim. Decidi-o. me dê sua palavra, Sassenach.

- Me indigna que seja tão impossivelmente...!

Um alarido fora me impediu de continuar. Voltava-me para a janela, a tempo para que Marsali deixava cair dois cubos cheios ao chão. A água lhe empapou a saia e os sapatos sem que ela prestasse atenção. Ao seguir a direção de seu olhar afoguei um grito.

Tinha cruzado a perto do curral sem problemas, rompendo os paus como se fossem fósforos, e agora estava entre as aboboreiras que cresciam junto à casa, mascando as trepadeiras. Era enorme, bruno e lanzudo. E Jemmy, a três metros escassos, olhava-o com os olhos muito redondos e a boca aberta.

Marsali lançou outro chiado. Jemmy, contagiado por seu terror,

começou a gritar chamando a sua mãe. Com a sensação de me mover a câmara lenta tirei o serrote ao Jamie e saí ao pátio. Enquanto baixava os degraus da entrada, Brianna saiu do bosque. Corria em silêncio, com a tocha na mão e a cara tensa, decidida.

Elevou a tocha para trás em plena carreira e a descarregou em arco ao dar o último passo. Golpeou com todas suas forças, justo detrás das orelhas da enorme besta. Uma fina garoa de sangue foi salpicar as cabaças. O animal, com um bramido, baixou o testuz para lançar-se à carga.

Bree se fez a um lado para esquivá-lo. Logo se lançou para o Jemmy. De joelhos junto a ele, atirou das correias que o sujeitavam a perto. Pela extremidade do olho vi que Marsali agarrava das sarças uma anágua recém tinta.

Eu tinha desdobrado o serrote durante minha carreira. Com dois golpes cortei as correias do Jemmy e o levantei para cruzar novamente o pátio. Marsali tinha arrojado a anágua sobre a cabeça do bisão, que sacudia o testuz e se balançava de um lado a outro, desconcertado; o sangue parecia negra contra o verde amarelado do tingido recente.

Deu um passo e outro. Cravei os dedos em sua lã para sujeitá-lo. Os tremores que lhe percorriam me sacudiram como um terremoto. Como em um sonho, segura do que fazia, deslizei uma mão sob os beiçudos babeantes; seu fôlego quente se meteu dentro de minha manga. O grande pulso pulsava no ângulo da mandíbula; visualizei-o em minha mente: o grande coração carnudo e o sangue que bombeava, cálida em minha mão, fria contra a bochecha, que se apertava à anágua empapada.

Passei o serrote através do pescoço, cortando com força. Nas mãos, nos antebraços, senti a tensão de cortar a pele e o músculo, o chiar do osso, a chicotada dos tendões, os copos escorregadios, pegajosos, sangrantes, que se escorriam até perder-se.

O animal se voltou bruscamente e caiu com um golpe surdo.

Quando voltei em mim estava sentada em metade do pátio, com uma mão ainda obstinada a seu cabelo; me tinha intumescido uma perna sob o peso da cabeça do bisão e tinha as saias pegadas às coxas, fedorentos e empapadas de sangue.

Alguém disse algo. Ao levantar a vista vi o Jamie a gatas nos degraus da entrada, boquiaberto e completamente nu. Marsali, sentada no chão, com as pernas estiradas para diante, abria e fechava a boca sem dizer nada.

Brianna se inclinou para mim, com o Jemmy em braços.

- Está bem, mamãe?- perguntou Bree.

Então caí na conta de que já me tinha perguntado isso várias vezes. Baixou uma mão para apoiá-la brandamente em minha cabeça.

- Não sei- disse- . Acredito que sim.

Retirei trabalhosamente a perna e me pus de pé, me apoiando nela. Percorriam-na os mesmos tremores que tinham sacudido ao bisão; também a mim. Mas foram cessando. Agarrou fôlego e baixou a vista para a enorme cabeça de gado. Assim, tendida de lado, chegava-lhe quase à cintura. Marsali se reuniu conosco, movendo a cabeça com sobressalto.

- Santa Mãe de Deus, como faremos para carnear todo isso?- disse.

- Pois...- Passei-me uma mão trêmula pelo cabelo- . Suponho que nos arrumaremos isso.

Com uma pequena ajuda de meus amigos

Apoiei a frente contra o frio cristal da janela de minha consulta, piscando ante a cena do pátio. As píceas se destacavam negras contra o resplendor moribundo, ao igual à força levantada no centro do pátio e os horripilantes restos que pendiam dela. Perto das sarças se acendeu uma fogueira. As silhuetas dos que ali estavam corriam por toda parte, como se entrassem e saíssem entre as sombras e as chamas. Uns davam conta da cabeça de gado pendurada, com ajuda de facas e plainas; outros se retiravam a passo lento, com grandes partes de carne e cubos de graxa.

Apesar da escuridão, distingi a silhueta alta e clara da Brianna entre a horda de demônios que atacavam o bisão. “ Mantendo a ordem” , disse-me.

Assim que começaram a aparecer os homens, que vinham de suas casas ao meio vestir, sem barbear e com os olhos brilhantes de entusiasmo, ordenou serenamente que se cortassem madeiros para construir um armação capaz de içar e sustentar uma tonelada de carne. Em um princípio os homens, desgostados por não ter participado da matança, não lhe emprestaram muita atenção. Mas Brianna era alta, chamativa, falava com energia... e lhe sobrava empecinamiento.

- Quem tem feito esse corte?- interpelou, olhando de frente a Geordie Chisholm e a seus filhos, que se aproximavam da cabeça de gado com as facas na mão.

depois de assinalar a profunda machadada na nuca, passou uma mão lenta pela manga, mostrando o sangue que a manchava.

- E esse?- Um pé descalço assinalou delicadamente o pescoço talhado e o atoleiro de sangue que se coagulava no pátio.

Da janela vi que mais de uma cara se voltava para a casa, compreendendo ao fim que Brianna era a filha do Senhor, feito que os prudentes tinham muito em conta.

Mas foi Roger quem trocou a direção da maré, com um olhar frio que pôs aos irmãos Lindsay atrás dele, tocha em mão.

- Ela o matou- disse, com seu grasnido rouco- . Façam o que manda.

E quadrou os ombros; sua expressão dizia às claras que não haveria mais controvérsia. Ao ver isto Fergus, com um encolhimento de ombros, agachou-se para agarrar a besta pelo rabo.

- Onde quer você que a ponhamos, madame?- perguntou cortesmente.

Todos os homens puseram-se a rir; logo, com olhadas tímidas e gestos de resignação, somaram-se a contra gosto ao trabalho, seguindo suas indicações.

Brianna tinha dirigido a seu marido um olhar de surpresa; logo, de gratidão. Finalmente se fez cargo de tudo o trabalho, com resultados notáveis. Logo que entardecia e o bisão já estava quase despiezado; sua carne, distribuída entre todas as famílias da Colina.

Joguei uma olhada à mesa, onde Jamie seguia envolto em mantas. Teria querido que o levassem acima, a sua cama, mas ele insistiu em ficar abaixo, onde poderia ouvir o que acontecia.

- Quase terminaram que carnear- disse-lhe- . Brianna fez um trabalho estupendo.

- Seriamente?- Tinha os olhos entreabertos, mas fixos com esse olhar febril, esse atordoamento empapado em sonhos em que as sombras se retorcem no ar ondulante do fogo.

Já ficava muito pouco do bisão, salvo um montão de ossos despojados. Chegou-me um vago aroma de carne assada, a lenha queimada e a café. Imediatamente abri a janela de par em par, dando passo a esses apetitosos aromas.

- Tem fome, Jamie?- perguntei. Por minha parte estava faminta, embora não o tinha notado até cheirar a comida.

- Não- disse ele, sonolento- . Não quero nada.

- Deveria tomar um pouco de sopa, se puder, antes de dormir.

Voltei-me para lhe apartar o cabelo da cara. O rubor se esfumou um pouco, ao parecer; era difícil assegurá-lo à luz incerta do fogo e a vela. Tínhamo-lhe dado aguamiel e chá de ervas em quantidade, de modo que já não tinha os olhos afundados pela desidratação, mas os ossos dos maçãs do rosto e as mandíbulas lhe sobressaíam. Levava mais de quarenta e oito horas sem comer e a febre estava consumindo uma enorme quantidade de energia, com o que esgotava suas malhas.

- Necessita mais água quente, senhora?- Lizzie apareceu no vão da porta, com o Jemmy nos braços.

- Não, Lizzie, obrigado. Tenho suficiente.

Abriu-se a porta da casa, deixando entrar uma forte rajada que avivou as brasas do braseiro. Escutei ruído de pés descalços nas pranchas do corredor.

Eu já tinha escutado com antecedência a expressão “ de sangue até as sobrancelhas” , mas semelhante coisa não se via freqüentemente, salvo no campo de batalha. As sobrancelhas da Brianna não eram visíveis, pois eram o bastante vermelhas para confundir-se com o sangue que lhe cobria a cara. Jemmy, depois de olhá-la bem, curvou a boca para baixo em expressão de dúvida inquietação, ao bordo de um grito.

- Sou eu, carinho- tranqüilizou-o ela.

E alargou uma mão para o menino, mas se deteve antes de tocá-lo. Jemmy não rompeu a chorar, mas escondeu a cara contra o ombro do Lizzie.

Brianna passou por cima de uma vez o rechaço de seu filho e o fato de que estava deixando por todos lados pisa de barro e sangue a partes iguais.

- Olhe- disse, alargando para mim o punho.

Abriu os dedos em um gesto reverencial, para me mostrar seu tesouro: um punhado de diminutos vermes brancos se retorcia entre eles. Ao vê-los o coração me deu um tombo de entusiasmo.

- São dos bons?- perguntou ela, ofegante.

- Acredito que sim. me deixe ver.

Apressei-me a pôr as folhas molhadas da infusão em um prato pequeno, para oferecer aos vermes um refúgio temporário. Brianna os colocou brandamente ali e pôs o prato na encimera, junto ao microscópio, como se contivera pó de ouro em vez de cresas. Agarrei um dos vermes com o bordo de uma unha para pô-lo em um portaobjeto. Fiz gestos ao Bree para que me aproximasse outra vela.

- Só uma boca e uma tripa- murmurei, inclinando o espelho para que refletisse a luz. Era muito tênue para trabalhar com o microscópio, mas talvez alcançasse neste caso- . Pequenos glutão.

Contive o fôlego para olhar pelo frágil ocular, forçando a vista. As larvas da moscarda azul têm uma só linha visível no corpo; as larvas da mosca borriquera, dois. As linhas são tênues, invisíveis a simples vista, mas muito importantes. As cresas da moscarda azul comem carniça e só carniça: carne morta e em putrefação. Em troca, as larvas da mosca borriquera se cravam na carne viva, para consumir o músculo e o sangue do hóspede. Não era algo que eu queria inserir em uma ferida recente!

Fechei um olho para que o outro se adaptasse às sombras móveis do ocular. O cilindro escuro do corpo se retorcia para todos lados ao mesmo tempo. Uma linha estava claramente à vista. Havia outra? Olhei até que me lacrimejou o olho. Mas não vi nenhuma outra. Então deixei escapar o fôlego que tinha contido até então, e me relaxei.

- Parabéns, papai- disse Brianna, aproximando-se do Jamie.

- Sim?- disse Jamie- . por que?

- Pelas cresas. São tua obra- explicou. E abriu a outra emano para mostrar uma parte de metal disforme. Era uma bala de rifle esmagada- . As cresas estavam em uma ferida que o bisão tinha nos quartos traseiros. Isto apareceu no buraco, detrás delas.

Pus-se a rir, tanto de alívio como por diversão.

- Jamie! Disparou-lhe no culo?

- Não acreditava lhe haver dado- disse- . Só tentava desviar o rebanho para o Fergus.

- Talvez deva conservá-la como amuleto- disse Brianna; falava em tom ligeiro, mas havia um sulco entre seus invisíveis retrocede- . Ou para mordê-lo enquanto mamãe te cura a perna.

- Muito tarde- disse, com um débil sorriso.

Só então viu ela a pequena correia de couro que ele tinha na mesinha, perto da cabeça, marcada com as profundas marcas de seus dentes. Olhou-me com espanto. Eu encolhi um ombro: tinha passado mais de uma hora lhe limpando a ferida da perna; não tinha sido fácil para nenhum dos dois.

Esclareci-me garganta e voltei para as cresas. Pela extremidade do olho vi que Bree posava o dorso da mão contra a bochecha do Jamie. Ele girou a cabeça para lhe beijar os nódulos, sem emprestar atenção ao sangue.

- Não se preocupe, moça- disse-lhe. Sua voz era débil, mas firme- . Estou bem.

Deixei cair as cresas em uma tigela de água esterilizada e as removi rápido antes das pôr novamente no leito de folhas úmidas.

- Não doerá- disse, tanto para tranquilizar ao Jamie como a mim mesma.

- Já sim- replicou ele, com um cinismo impróprio nele- . Já sei disso.

- Em realidade, tem razão- manifestou uma voz suave e rouca a minhas costas.

Roger já se lavou; tinha o cabelo molhado contra o pescoço da camisa e levava roupa limpa.

- Como está?- perguntou em voz baixa.

- Sairei adiante.

- Me alegre.

Para minha surpresa, Roger lhe estreitou o ombro em um breve gesto de consolo. Era a primeira vez que o via fazer isso; uma vez mais me perguntei o que teria acontecido entre ambos na montanha.

- Marsali vai trazer te um pouco de caldo de carne- disse-me. E enrugou a frente ao me observar- . Conviria que você também bebesse um pouco.

- Boa idéia.- Fechei os olhos um instante, e respirei fundo.

Só ao me sentar caí na conta de que estava em pé desde primeira hora da manhã.

- Bom, o tempo e a maré não esperam pelas cresas- disse, enquanto fazia um esforço por me levantar outra vez- . Será melhor que ponhamos mãos à obra.

Jamie lançou um breve bufo e se estirou; logo, a contra gosto, relaxou o corpo para preparar-se. Observou-me com resignação enquanto eu preparava o prato de cresas e os fórceps; por fim alargou a mão para a correia.

- Não necessita isso- assegurou Roger; aproximou outro tamborete para sentar-se- . O que te há dito é certo: esses insetos não fazem mal.

Jamie voltou a soprar. O jovem lhe sorriu de brinca a orelha.

- Isso sim: picam que é uma alegria, mas só se pensar nelas. Se lhe as estorvas da mente, não são nada.

- Que grande consolo me dá, MacKenzie.

Não poderia ter sido mais fácil; simplesmente retirei o emplastro de cebolas e preendi as cresas, uma a uma, nos talhos ulcerados da pantorrilha. Roger se aproximou por detrás de mim para observar.

- Quase parece uma perna- disse, surpreso- . Não o esperava.

Sorri sem olhá-lo, muito concentrada em minha delicada tarefa.

- As sanguessugas são muito efetivas- disse- . Fez uma porcaria com a faca, pró também foi útil; deixou buracos tão grandes que o pus e o fluido puderam drenar; isso ajudou.

Era certo; embora a perna ainda estava quente e muito arroxeadada, a tumefação tinha cedido notavelmente. Voltavam a ser visíveis a larga morna e o delicado arco do pé e o tornozelo. Eu não me fazia iluda: ainda havia perigo de infecção, gangrena e crostas, mas mesmo assim meu coração estava mais aliviado. Era, reconocivelmente, a perna do Jamie.

Pesquei outro verme por detrás da cabeça, cuidando de não esmagá-lo com o fórceps e retirei o bordo da pele com a magra sonda que tinha na outra mão, para inserir aquela diminuta lombriga nesse oco entre a pele.

- Preparado- disse um momento depois. E repus o cataplasma. Cebolas e alhos fervidos, envoltos em musselina e empapados em caldo de penicilina; assim a ferida se manteria úmida e seguiria drenando. Se a renovávamos cada hora, era de esperar que o calor do emplastro facilitasse também a circulação da perna. Logo, uma vendagem com mel, para evitar qualquer outra invasão bacteriana.

A simples concentração me tinha mantido as mãos firmes. Agora tudo parecia e só ficava esperar. O pires de folhas molhadas repicou contra a encimera.

Não acreditava me haver sentido tão cansada em toda minha vida.

Decisões

Entre o Roger e o senhor Bug levaram ao Jamie a nosso dormitório. Eu teria preferido não mover essa perna com um traslado, mas ele insistiu.

- Não quero que durma no chão aqui embaixo, Sassenach- disse ante meus protestos, sonriêndome- . Deve estar em sua cama. E como não quererá me deixar sozinho, isso significa que eu também devo estar ali, não?

Teria querido discutir, mas em realidade estava tão cansada que não me teria ficado muito se ele tivesse exigido que ambos dormíssemos no celeiro.

Não obstante, minhas dúvidas retornaram assim que o tivemos instalado.

- Moverei-te a perna- aduzi, enquanto pendurava meu vestido em um dos cabides- . Será melhor que loja um jergón aqui, junto ao fogo, e...

- Nada disso- disse ele, decidido- . Dormirá comigo.

- Seria capaz de discutir até no leito de morte- protestei, chateada- . Não faz falta que esteja sempre ao leme, sabe?

Ele abriu os olhos para me cravar um tenebroso olhar azul.

- Sassenach- disse brandamente.

- O que?

- Eu gostaria que me tocasse... sem me fazer danifico. Só uma vez antes de dormir. Incomodaria-te muito?

Fiquei terrivelmente desconcertada ao cair na conta de que ele tinha razão. Apanhada na emergência, preocupada com seu estado, durante todo o dia só lhe tinha feito costure dolorosas e violentas. Marsali, Brianna, Roger, Jemmy... todos o haviam meio doido com doçura, lhe oferecendo solidariedade e consolo. Eu... eu estava tão aterrorizada pelo que podia acontecer, por isso podia lombriga obrigada a lhe fazer, que não me tinha concedido um oco para a ternura. Apartei a vista um momento, piscando até que as lágrimas retrocederam. Então me levantei para me aproximar da cama e o beijei com muito carinho.

- Quero que durma a meu lado, Sassenach- sussurrou.

- Está bem.- Sorri-lhe.

Ajoelhei-me para sufocar o fogo e apaguei a vela. Depois deitei a seu lado, com suavidade, para não sacudir a cama. Ele estava de flanco, de costas a mim. Imittei a curva de seu corpo com o meu, cuidando de não tocá-lo.

Sua respiração era artificial, mas estável; mantinha os ombros relaxados. Precisava descansar mais que nenhuma outra coisa. Mas ao mesmo tempo morria por tocá-lo. Queria comprovar que estava ali, vivo a meu lado..., precisava saber como estava.

Tinha febre? A incipiente infecção da perna, tinha progredido, apesar da penicilina, pulverizando o veneno através do sangue?

Movi a cabeça com cautela, até ter a cara a dois centímetros de suas costas, e aspirei lenta, profundamente. Sentia seu calor contra a cara, mas o tecido da camisa não me permitia calcular sua temperatura.

Não havia aroma de pus. Era muito logo para perceber o da gangrena, até se a podridão estivesse começando, invisível sob as vendagens. Mas acreditava perceber um sotaque estranho sob sua pele, algo que nunca antes tinha percebido. Necrose das malhas? Algum subproduto do veneno ofídico? Deixei escapar o ar pelo nariz e inalei de novo, mais fundo.

- Empresto muito?- perguntou ele.

- Ai!- No coice me tinha mordido a língua. Ele se estremeceu apenas, por algo que tomei como risada contida.

- Parece um porco procurando trufas, Sassenach, de tanto como fareja aí detrás.

- Vá, vá- exclamei, um pouco ofendida. Toquei o ponto dolorido de minha língua- . Bom, ao menos está acordado. Como te encontra?

- Como um montão de tripas mofadas.

- Muito pitoresco. Poderia ser um pouco mais concreto?- Apoiei-lhe uma mão no flanco e ele deixou escapar o fôlego; soou como um pequeno gemido.

- Como um montão de tripas mofadas- repetiu, e se deteve para respirar com força- ... com cresas.

- Seria capaz de brincar em seu leito de morte, verdade?- Inclusive ao dizê-lo senti um estremecimento de preocupação.

- Pois o tentarei, Sassenach- murmurou, sonolento- . Mas nestas circunstâncias não se pode esperar muito de mim.

- Dói-te?

- Não. Só estou... cansado.- Na verdade falava como se estivesse muito exausto para procurar a palavra correta e tivesse escolhido essa por simples abandono.

- Não sente saudades. Deitarei-me a dormir em outro sítio, para que possa descansar.

ia apartar os cobertores, mas ele levantou uma mão para me impedir isso

- Não. Não me deixe.- Baixou o ombro para mim e fez um esforço para levantar a cabeça do travesseiro. Intranqüilizou-me ainda mais notar que estava muito fraco para dá-la volta por si só.

- Não te deixarei. Mas talvez seja melhor que durma na poltrona. Não quero...

- Tenho frio- disse brandamente- . Tenho muito frio.

Oprimi apenas os dedos sob seu esterno, procurando o grande pulso abdominal. O batimento do coração era rápido e mais superficial do que correspondia. Não estava afiebrado. Não só tinha frio, mas também estava gelado ao tato. Isso me alarmou.

Já perdida a cautela, me acurruqué contra ele, apertando os peitos contra suas costas, com a bochecha apoiada contra sua omoplata. Concentrei-me em gerar calor e irradiá-lo a sua pele através da minha. Com muita suavidade procurei o bordo de sua camisa e atirei dela para cima; logo curve as mãos para as ajustar a redondez de suas nádegas. esticaram-se um pouco, surpreendidas, mas voltaram a relaxar-se.

- Claire- disse ele, pelo baixo- , me toque.

Não ouvia o pulsar de seu coração, mas sim o meu: um som denso e surdo no ouvido apoiado no travesseiro.

Deslizei a mão pelo pendente de seu ventre e descendi com mais lentidão, abrindo com os dedos o matagal áspero e frisado, até abranger suas formas arredondadas. O pouco calor que havia nele estava tudo ali. Acariciei-o com o polegar e senti que se movia. Jamie exalou o fôlego em um comprido suspiro e seu corpo pareceu fazer-se mais pesado, afundar-se no colchão ao relaxar-se.

Sentia-me muito estranha, já sem medo, mas com todos os sentidos sobrenaturalmente agudizados e de uma vez... em paz. Já não tinha consciência de mais ruídos que a respiração do Jamie e o palpar de seu coração, que enchiam a escuridão.

Um momento depois comecei a me mover; quer dizer: movíamos-nos juntos. Uma mão se estirou entre os dois, subiu entre suas pernas; a ponta de meus dedos, justo detrás de seu testículo. Minha outra mão o rodeou, movendo-se com o mesmo ritmo que me flexionava as coxas e levantava meus quadris para puxar contra ele desde atrás.

Poderia havê-lo feito eternamente; talvez era assim. Não tinha noção do passado do tempo: só de uma paz sonhadora e desse ritmo lento e parecido, enquanto nos movíamos na escuridão. Em algum momento, em algum lugar, percebi um palpar firme: primeiro, em uma mão; logo, em ambas. fundia-se com o batimento do coração de seu coração.

Ele suspirou larga, profundamente, e eu senti que o ar brotava de meus próprios pulmões. Ficamos em silêncio. E juntos nos deslizamos para a inconsciência.

Despertei com uma sensação de paz absoluta. Imóvel, sem pensar, escutei o palpar do sangue em minhas veias. Por fim recordei, e, bruscamente, dava-me a volta na cama. Seus olhos estavam fechados; sua pele tinha a cor do marfim antigo. Farejei com pressa. A habitação estava fétida pelo aroma de cebolas, mel e suor febril, mas sem o fedor da morte súbita.

Golpeei-o com uma mão no centro do peito. Ele deu um coice, sobressaltado, e abriu os olhos.

- Cretino!- disse, tão aliviada ao sentir o movimento de seu peito que me tremeu a voz- . Queria morrer, não?

Piscou ao me olhar. Tinha os olhos inchados, ainda nublados pela febre.

- Não fazia falta muito esforço, Sassenach- disse em voz baixa, rouca pelo sonho- . Não morrer era mais difícil.

À luz da manhã entendi claramente o que o esgotamento e os efeitos posteriores do golpe emocional me tinham impedido de notar a noite anterior. Seu empecinamento em dormir em sua própria cama. As persianas abertas, para ouvir as vozes de sua família e seus arrendatários. E eu, a seu lado. Muito cuidadosamente, sem me dizer uma palavra, tinha decidido como e onde queria morrer.

- Quando lhe trouxemos acima pensou que estava a ponto de morrer, verdade?- perguntei.

- Pois não sabia com certeza- reconheceu lentamente- , mas me sentia

muito mal.- Fechou os olhos, como se o cansaço lhe impedisse de mantê-los abertos- . E sigo assim- acrescentou, com certo desapego- mas não tem por que preocupar-se. tomei uma decisão.

- Que diabos quer dizer com isso?

Ele respirou fundo um par de vezes; logo girou a cabeça para me olhar.

- Quero dizer que ontem à noite pude ter morrido.

Era muito certo, mas ele se referia a outra coisa. Expressava-o como se fora algo consciente.

- O que significa isso de que tomaste uma decisão? decidiste não morrer, depois de tudo?- Tratei de falar com ligeireza, mas não me saiu muito bem. Recordava muito bem essa estranha sensação de quietude atemporal que nos tinha rodeado.

- Foi muito estranho- disse- . E ao mesmo tempo não foi absolutamente.

- Seria melhor que me explicasse o que aconteceu.

- Em realidade não sei, Sassenach. Quer dizer, sim, mas não sei como expressá-lo.

Ainda parecia cansado, mas manteve os olhos abertos e fixos em minha cara, vividamente azuis à luz da manhã.

- Quando Arch e Roger MAC me trouxeram, encontrava-me muito mal, sim- disse- . Terrivelmente decomposto. A perna e a cabeça palpitavam a cada pulsado do coração, a tal ponto que esperava o seguinte com medo. E a escutar os espaços entre um e outro. Embora não o pareça- disse, vagamente surpreso- , há muito tempo entre um e outro pulsado do coração.

Disse que, nesses intervalos, tinha começado a desejar que o batimento do coração seguinte não chegasse. E pouco a pouco caiu na conta de que seu coração se fazia mais lento... e a dor, mais remoto, como se fora independente dele. Sua pele se esfriava; a febre desaparecia do corpo, deixando na mente uma estranha claridade.

- Agora vem o que não posso explicar, Sassenach. Mas... vi.

- O que viu?- mas já sabia que não me poderia dizer isso Como todos os médicos, havia visto doentes que decidiam morrer. E às vezes olhavam assim, com os olhos muito fixos em algo, ao longe.

Ele vacilou, esforçando-se por achar palavras. Me ocorreu algo e me apressei a ajudá-lo.

- Conheci uma anciã que morreu no hospital onde eu trabalhava; com ela estavam todos seus filhos, já adultos. Foi muito aprazível.

Baixei a vista a meus dedos entrelaçados com os seus, ainda vermelhos e inchados.

Morreu. Eu a vi morta; seu pulso se deteve e não respirava. Todos seus filhos choravam junto à cama. E de repente abriu os olhos. Não olhava a ninguém, mas via algo. Logo disse, com toda claridade: “ Oooh!” Assim, com emoção, como uma menina que acabasse de ver algo maravilhoso. E fechou os olhos outra vez.- Pisquei para afastar as lágrimas- . Foi... assim?

Assentiu sem dizer nada. Sua mão se esticou na minha.

- Mais ou menos- murmurou.

Encontrou-se extrañamente suspenso, em um lugar que não podia descrever absolutamente; sentia-se completamente em paz... e via com toda nitidez.

- Ante mim parecia haver... não era exatamente uma porta, a não ser uma espécie de passagem. Eu podia atravessá-lo, se queria. E queria, sim- adicionou, me olhando de soslaio com um sorriso tímido.

Também sabia o que deixava atrás. E compreendeu que nesse momento podia escolher: ir para diante... ou retroceder.

- Foi então quando me pediu que te tocasse?

- Só você podia me trazer de volta- disse simplesmente- . Eu não tinha forças.

Senti um grande nó na garganta; não podia falar, mas lhe estreitei a mão.

- por que?- disse ao fim- . por que... decidiu ficar ?

- Porque me necessita- disse muito fco.

- Não foi porque me ama?

Levantou a vista com a sombra de um sorriso.

- Sassenach... te amo agora e te amarei sempre. Embora more, embora você morra, estejamos juntos ou separados. Sabe.- Tocou-me a cara- . Eu sei de ti e você sabe de mim.

Logo inclinou a cabeça; o cabelo vermelho lhe caiu sobre a bochecha.

- Não me referia só a ti, Sassenach. Ainda tenho coisas que fazer. Por um momento pensei que talvez não era assim, que lhes poderiam arrumar isso Com o Roger MAC, o velho Arch, Joseph e os Beardsley... Mas se mora uma guerra e ...- Fez uma leve careta- . Para minha desgraça, sou chefe. Deus me tem feito o que sou. Deu-me esse dever... e devo fazê-lo, qualquer que seja o preço.

- O preço- repeti, intranquã.

Em sua voz percebia algo mais duro que a resignação. Ele jogou um olhar quase indiferente para os pés da cama.

- Essa perna não está muito pior- disse com ligeireza- , mas tampouco melhora. Acredito que terá que cortá-la.

Sentada em minha consulta, olhava pela janela, tratando de encontrar outra maneira. Tinha que haver outro recurso.

Jamie tinha razão; as linhas vermelhas continuavam ali. Não tinham avançado mais, mas ali estavam, feias e ameaçadores. A penicilina oral e tópica parecia ter causado algum efeito na infecção, mas não o suficiente. As cresas faziam um bom trabalho com os abscessos pequenos, mas não podiam lutar contra a bacteriemia subjacente que lhe estava envenenando o sangue.

Joguei uma olhada à garrafa de vidro pardo. Isso podia ajudá-lo a resistir um pouco mais, mas só ficava um terço; não era suficiente. E administrada por via oral não causaria efeito suficiente para erradicar a mortífera bactéria, qualquer fosse, que se estava multiplicando em seu sangue.

O serrote de amputação estava ainda na encimera. Eu lhe tinha dado minha palavra ao Jamie... e ele me havia isso devolvido.

Apertei os punhos com inexprimível frustração, quase mais potente que minha desesperança. por que, por que, por que não tinha iniciado

imediatamente outro cultivo de penicilina? Como podia ter sido tão irrefletida, descuidada e idiota?

por que não tinha insistido em ir ao Charleston ou ao Wilmington, em busca de algum soprador que pudesse me fazer o êmbolo e o cilindro de uma seringa hipodérmica? Logo teria podido improvisar algo que servisse de agulha. Tanta dificuldade, tanto experimento para obter essa preciosa substância... e agora que a necessitava com desespero...

Um movimento vacilante no vão da porta fez que me voltasse, tratando de dominar as facções.

Era um dos Beardsley. Cada vez era mais difícil distingui-los, agora que Lizzie os fazia o mesmo corte de cabelo. Certamente, uma vez que falavam resultava singelo.

- Senhora?- Era Kezzie.

- Sim?- Minha voz devia soar seca, mas não importava; Kezzie não distinguia matizes.

Trazia um saco de tecido que se movia e trocava de forma.

- Para O Senhor- disse, com sua voz alta, algo inexperiente, me oferecendo a bolsa- . Velho Aaron... dizia que isto funciona. Remói-te serpente grande, buscas uma pequena, curtas a cabeça, bebe o sangue.- E me entregou o saco, que eu aceitei com muita cautela.

- Obrigado- disse fracamente- . Já... verei. Obrigado.

Keziah me fez uma reverência e saiu, radiante, me deixando em custódia o que parecia ser uma serpente de cascavel pequena, mas muito irritada. Procurei freneticamente algum lugar onde pô-la. Por fim, agarrei o frasco de sal e, sempre sustentando a bolsa com o braço estirado, usei a outra emano para esvaziar o sal na encimera. Logo colocava o saco dentro do frasco e me apressei a lhe pôr a tampa.

Brianna apareceu a cabeça pela porta.

- Mamãe? Como amanheceu papai?

- Nada bem.- Minha cara deveu revelar a gravidade de seu estado, pois se aproximou de mim, carrancuda.

- Está muito mal?- perguntou pelo baixo.

Assenti sem poder falar. Ela deixou escapar o fôlego em um fundo suspiro.

- Posso ajudar?

- Por acaso, na Faculdade de Engenharia não lhe ensinaram a fazer uma seringa hipodérmica?

- por que não o disse antes?- perguntou, com calma- . Se não poder fazer uma seringa, ao menos poderei idear algo que cumpra a mesma função. De quanto tempo dispomos?

- De umas quantas horas, ao menos. Se não melhorar com os cataplasmas, teria que cortar ou amputar esta noite.

- Amputar!- Seu rosto ficou exangue- . Não pode fazer isso!

- Posso... mas Por Deus que não quero.- Minhas mãos se fecharam com força, negando sua habilidade.

- Pois me deixe pensar.- Ainda estava pálida, mas a impressão ia passando conforme se concentrava- . Me diga, onde está a senhora Bug? Pensava lhe deixar ao Jemmy, mas...

- foi-se? Não estará no galinheiro?

- Não. passei por ali ao vir. Não a vi em nenhuma parte... e o fogo da cozinha está quase apagado.

Isso era mais que estranho; a senhora Bug tinha vindo a preparar o café da manhã, como sempre. por que se tinha ido outra vez?

- Mas onde está Jemmy?- perguntei, buscando-o com o olhar.

- Lizzie o levou acima para que veja papai. Pedirei-lhe que o cuide um momento.

- Bem. Ah, espera!

Minha exclamação fez que se voltasse da porta, com as sobrancelhas arqueadas a modo de pergunta.

- Poderia te levar isso fora, querida?- Assinalei com desgosto o grande frasco de vidro- . Deixa-o bem longe.

- Como não. O que é?

A pequena serpente de cascavel tinha saído de sua bolsa e estava enroscada em um nó. Ao ver que Brianna estendia a mão para o frasco, investiu contra o vidro. Ela deu um salto atrás, lançando um chiado.

- Ifrinn!

Apesar da tensão e a angústia, pus-se a rir.

- De onde tirou isso? E para que é?- perguntou ela, já reposta da surpresa inicial. inclinou-se com cautela para dar uns golpecitos contra o vidro. A serpente, que parecia irascível em extremo, atacou com um ruído audível e ela voltou a retirar bruscamente a mão.

- Trouxe-a Kezzie. supõe-se que Jamie sanará se beber seu sangue-expliquei.

Ela alargou um dedo cauteloso para seguir o curso de uma gota amarelada que se deslizava pelo vidro. Duas gotas, em realidade.

- Olhe isso! tratou que me morder através do cristal! Essa serpente está furiosa. Não acredito que a idéia goste de muito.

- Vale, não importa- disse, me aproximando- . Não acredito que ao Jamie gostasse tampouco da idéia. Nestes momentos não quer saber nada de serpentes.

- Hum...- Ela seguia observando à pequena serpente, com uma ruga entre as sobrancelhas vermelhas- . Há-te dito Kezzie onde a encontrou?

- Não me ocorreu perguntar. por que?

- O caso é que as serpentes estão muito bem feitas- disse, com ar sonhador- . As mandíbulas se desarticulam, o qual lhes permite tragar presas maiores que elas. E as presas se repliegan contra o paladar quando não estão em uso.

- Sim?- Olhei-a com certa desconfiança, mas ela não me fez conta.

- As presas são ocas- continuou, tocando o sítio em que o veneno tinha penetrado no tecido, deixando uma pequena mancha amarelada- . Estão conectados a um saco de veneno localizado na bochecha; desse modo, quando a serpente remói, os músculos da bochecha espremem o saco para fazer sair o veneno, que passa com o passar da presa para penetrar na presa. Tal como se fosse uma agulha. Pensava provar com uma pua de puercoespín afiada, mas isto funcionaria muito melhor. foi desenhado para isso.

- Compreendo- disse, com uma pequena quebra de onda de esperança- . Mas necessitaria algo que servisse de depósito...

- Antes que nada necessito uma serpente maior- disse, girando para a porta- . Vou a pelo Jo ou Kezzie; vejamos se essa saiu que alguma toca e se houver outras ali.

E partiu prontamente a executar sua missão, levando o frasco, enquanto eu me dedicava a estudar o problema do antibiótico, já renovadas as esperanças. Se se podia injetar a solução, teria que filtrá-la e desencardi-la tanto como fora possível.

Me teria gostado de fervê-la, mas não me atrevia. Ignorava se as altas temperaturas podiam destruir ou desativar a penicilina... se é que ficava ali um pouco de penicilina ativa. A quebra de onda de esperança que me tinha causado a idéia da Brianna se atenuou um pouco. De nada serviria contar com um aparelho hipodérmico se não tinha nada útil que injetar.

Abri a porta do armário, levantei a tampa de minha arca de remédios e fui ao estudo do Jamie a por papel, tinta e pluma. A penicilina era, com diferença, o mais efetivo dos antibióticos disponíveis, mas não o único. Comecei a fazer uma lista das ervas que tinha à mão e, sob cada nome, todas as aplicações que lhe conhecia, tivesse-as usado ou não. Toda erva utilizada para estados sépticos era uma possibilidade. Para ouvir passos na cozinha chamei à senhora Bug, pois queria lhe pedir que me trouxesse uma bule de água fervendo.

Ela apareceu no vão da porta; nos braços trazia um cesto grande. antes de que eu pudesse dizer nada, aproximou-se para plantar o cesto na encimera. detrás dela entrou seu marido com outro cesto e um pequeno barril pequeno aberto, de que surgia um penetrante aroma alcoólico. Rodeava-os um aroma algo rançoso, como o fedor longínquo de um lixeiro.

- Ouvi-lhe dizer a você que não tinha suficiente mofo à mão- começou, ansiosa, mas com os olhos brilhantes- , de modo que hei dito ao Arch: devemos percorrer as casa próximas e ver o que conseguimos para a senhora Fraser. depois de tudo, o pão fica mau tão logo com esta umidade... e Deus sabe quão deixada é a senhora Chisholm.

Eu olhava fixamente os resultados dessa excursão matinal pelas despensas e depósitos de lixo da Colina. Cascas de pão, bolachas estragadas, cabaças médio podres, porções de bolo com marcas de dentes ainda visíveis na massa... uma variedade de refugos pegajosos e fragmentos em putrefação, todos talheres de partes mofadas, em azul veludo e verde musgo. O barril pequeno estava médio cheio de milho podre; na turva líquida resultante flutuavam ilhas de mofos azuis.

- Os porcos do Evan Lindsay- explicou o senhor Bug, em um estranho arrebatamento de loquacidade. Os dois Bugs me sorriram de brinca a orelha, sujados por seus esforços.

- Obrigado- disse. Sentia-me sufocada, e não só pelo aroma. Os miasmas do licor de milho me fizeram lacrimejar.

Justo depois de obscurecer subi ao piso alto, levando minha bandeja de poções e implementos; sentia uma mescla de excitação e medo.

Jamie estava recostado contra os travesseiros e rodeado de gente.

- Bem- disse, com uma despreocupação bastante bem fingida- ,

suponho que estamos preparados.

- Estamos preparados para provar algo novo- disse, sorridente, em um intento de me mostrar confiada-. Se alguém quer rezar, faça-o, por favor.

Todos se precipitaram a limpar a mesinha. Depositei ali a bandeja; Brianna, que tinha subido comigo, adiantou-se com seu invento, sustentando-o cuidadosamente com ambas as mãos.

- O que é isso, no nome de Cristo?- Jamie observou o objeto com o sobrecenho franzido; logo, a mim.

- É uma espécie de serpente de cascavel feita em casa- explicou-lhe Brianna.

Houve um murmúrio de interesse e todo mundo estirou o pescoço para ver. Mas a atenção se desviou quase imediatamente, quando apartei o edredom para lhe desembrulhar a perna, entre um coro de murmúrios espantados e exclamações compassivas.

A carne da perna estava muito vermelha até o joelho, à exceção das partes negras e as que supuravam. Momentaneamente tínhamos retirado as cresas, por medo de que o calor as matasse; nesses momentos estavam em minha consulta, felizmente atarefadas com as partes mais horríveis do gasto pelos Bug. Se conseguia salvar a perna poderiam ajudar com a limpeza posterior.

Eu tinha revisado cuidadosamente os refugos sob o microscópio, para pôr em uma tigela tudo o que pudesse identificar como portador do *Penicillium*. Sobre essa miscelânea coleta verti o licor de milho fermentado e deixei repousar a mescla durante todo o dia. Com sorte, se havia um pouco de penicilina crua no lixo, haveria-se dissolvido no líquido alcoólico.

Enquanto isso tinha preparado uma infusão bem forte com aquelas ervas que tinham reputação de ser úteis para o tratamento interno dos estados supurativos. Enchi uma taça com essa solução, extremamente aromática, e a entreguei ao Roger, desviando cautelosamente o nariz.

- Dásela a beber- disse. E adicionei com intenção, cravando no Jamie um olhar firme- : Toda.

Ele farejou a taça que lhe oferecia e me devolveu o olhar, mas bebeu, fazendo caretas exageradas para entreter aos pressente. Assim animado o humor geral, passei ao grande acontecimento: agarrei de mãos do Bree a hipodérmica improvisada.

Os gêmeos Beardsley se adiantaram para olhar, cheios de orgulho. A pedido do Bree tinham saído imediatamente; mediada a tarde retornaram com uma magnífica serpente de cascavel, de quase um metro de longitude.

depois de retirar os sacos de veneno e as presas, encomendei à senhora Bug a tarefa de enxaguá-los repetidas vezes com álcool, para erradicar qualquer rastro de veneno. Bree agarrou a seda engordurada que servia de envoltório ao astrolábio; com uma parte dela costurou um pequeno tubo que se franzia por um extremo com uma prisão fortificada, da mesma forma que os moedeiros. Logo cortou uma parte grossa de uma pluma de peru e, depois de abrandá-lo em água quente, utilizou-o para unir à presa o extremo franzido do tubo. selaram-se as uniões de tubo, pluma e presa com cera de abelha; também se estendeu cera ao longo da costura, para evitar filtrações.

Deslizei os dedos pela perna para selecionar um bom sítio, livre de

copos sangüíneos importantes; depois de limpá-lo com álcool puro, cravei a presa nele, tão a fundo como pude.

- Já.- Fiz um sinal a Brianna, que esperava a meu lado com a garrafa de álcool de milho filtrado. Com os dentes cravados no lábio inferior, ela verteu com cuidado, até encher o tubo de seda que eu sustentava. Uma vez dobrado o extremo aberto, pressionei firmemente com o polegar e o índice, para expulsar o líquido pela presa às malhas da perna.

Trabalhei ao longo da perna. Bree voltava a encher a seringa a cada injeção.

A habitação estava em silêncio, mas cada vez que eu escolhia outro lugar todos continham o fôlego, deixavam-no escapar em um suspiro depois da punção e logo, sem dar-se conta, inclinavam-se para a cama, enquanto eu injetava o álcool ardente nas malhas infectadas.

Não fez falta muito tempo. Ao terminar cobri todas as feridas com mel e esfreguei a pantorrilha e o pé com azeite de gualteria.

Então todos se retiraram, depois de dar ao Jamie um beijo na bochecha ou uma palmada no homem, lhe desejando boa sorte com vozes grunhonas. Ele respondia às despedidas com um sorriso, um gesto, alguma brincadeira.

Quando a porta se fechou atrás do último, deixou-se cair contra o travesseiro e fechou os olhos, exalando todo o fôlego em um comprido suspiro. Dediquei-me a ordenar minha bandeja: pus a seringa a encharcar em álcool, arrolhei os frascos e dobrei as ataduras. Logo sentei a seu lado; ele me alargou uma mão sem abrir os olhos.

Sua pele estava quente e seca. Acariciei-lhe brandamente os nódulos com o polegar; de abaixo chegavam os rumores da casa, discretos, mas cheios de vida.

- Funcionará- disse em voz baixa, ao cabo de um minuto- . Estou segura.

- Sei- disse ele.

Respirou muito fundo e, por fim, rompeu em soluços.

Sangue novo

Roger despertou bruscamente de um descanso negro e sem sonhos. Reconheceu o contato da Brianna, que lhe tocava o braço.

- Né?- incorporou-se súbitamente, com uma rouca exclamação de pergunta.

- Lamento ter que despertar.

Brianna sorria, mas em sua frente se desenhava visivelmente uma ruga de preocupação. Ele a abraçou por reflexo e se deixou cair de novo contra o travesseiro.

- Hum.- a estreitar era uma âncora que o sujeitava à realidade.

- Está bem?- perguntou ela, em voz baixa.

- Estou bem.- depois de um fundo suspiro, deu-lhe um beijo na frente e se relaxou, piscando- . Que horas são?

- Um pouco passado do meio-dia. Não queria despertar, mas veio um homem e não sei o que fazer com ele.

Uma comissura de sua larga boca se curvou brevemente, com a mesma ironia que seu pai. Logo alargou a mão para a jarra. O ruído da água ao cair entrou pelos ouvidos do Roger como a chuva em chão ressecado. Esvaziou em três sorvos a taça que lhe oferecia e a alargou novamente.

- Mais, por favor. Um homem?

- Diz chamar-se Thomas Christie. Quer falar com papai; diz que esteve no Ardsmuir.

- Sim?- Enquanto ordenava seus pensamentos, Roger bebeu a segunda taça com mais lentidão- . Vale. lhe diga que estarei ali em um minuto.

Ele se vestiu com lentidão; sua mente ainda estava gratamente entorpecida. Mas ao agachar-se para resgatar suas meias três-quartos cansados debaixo da cama, algo entre os lençóis revoltas lhe chamou a atenção, justo sob o bordo do travesseiro. Alargou lentamente uma mão para agarrá-lo. Era “a mujercita” : o pequeno amuleto de fertilidade; polida a antiga pedra rosada, assombrosamente pesado na mão.

depois de olhá-la fixamente um momento, inclinou-se para escondê-la novamente sob o travesseiro.

Brianna tinha deixado ao visitante no estudo do Jamie. Roger se deteve um instante, para verificar que todas as partes de seu corpo estivessem apresentáveis e em seu sítio. Dadas as circunstâncias, esse tal Christie não podia pretender muito.

Três caras se voltaram para ele. Bree não lhe havia dito que Christie vinha com acompanhantes. De qualquer modo era óbvio que Thomas Christie era o major; o jovem moreno, de uns vinte anos, devia ser seu filho.

- O senhor Christie?- Ofereceu a mão ao cavalheiro- . Sou Roger MacKenzie, o genro do Jamie Fraser. Acredito que já conhecem minha esposa.

Christie, um pouco surpreso, olhou por detrás do Roger, como se esperasse que Jamie se materializasse atrás dele.

- Temo que nestes momentos meu sogro não está... disponível. Posso

lhe ser útil em algo?

O homem assentiu lentamente e lhe estreitou a mão com firmeza. Roger ficou estupefato ao sentir algo familiar, mas ao mesmo tempo completamente inesperado: a característica pressão contra o nódulo da saudação maçônica. Levava anos sem experimentá-lo; mais por reflexo que por raciocínio, respondeu com a contra-senha, confiando em que fora a correta. Pelo visto foi satisfatória, pois a expressão severo do Christie se afrouxou um pouco.

- Talvez, senhor MacKenzie, talvez.- O homem lhe cravou um olhar penetrante- . Procuro terras onde me estabelecer com minha família... e me hão dito que o senhor Fraser poderia estar em situação de me facilitar isso

- Poderia ser- respondeu Roger, cauteloso.

Perguntava-se se Christie o tinha tentado se por acaso ou se tinha motivos para esperar que seu sinal fora reconhecido. Presumivelmente sabia que Jamie Fraser reconheceria o signo e tinha suposto que seu filho também. Jamie Fraser, franco-maçom? Nunca lhe tinha passado a idéia pela cabeça. E Jamie nunca o tinha mencionado.

- Sinta-se, por favor- disse repentinamente.

O filho do Christie e a jovencita, que tanto podia ser sua irmã como sua esposa, levantaram-se o entrar ele e permaneciam de pé depois do cabeça de família. Roger lhes ofereceu uns tamboretas e tomou assento depois do escritório do Jamie. Imediatamente agarrou uma pluma do copo de cristal azul, com a esperança de que isso lhe desse um aspecto mais profissional. Que perguntas eram as que correspondia fazer a um possível arrendatário?

- Bem, senhor Christie, vejamos.- Sorriu-lhe, consciente da barba sem barbear nas mandíbulas- . Diz-me minha esposa que você conheceu meu sogro em Escócia.

- Na prisão do Ardsmuir- respondeu o cavalheiro, cravando no Roger um olhar agudo, como se o desafiasse a extrair suas conclusões.

Roger voltou a pigarrear; sua garganta, embora cicatrizada, ainda tendia a bloquear-se quando estava recém levantado. Mas Christie pareceu tomar aquilo por comentário adverso e se esticou um pouco.

- Jamie Fraser também esteve detento ali- disse- . Suponho que você sabe.

- claro que sim- confirmou Roger- . Tenho entendido que vários dos homens assentados aqui, na Colina, vieram que o Ardsmuir.

- Quais?- interpelou Christie.

- Né... os Lindsay, quer dizer: Kenny, Murdo e Evan- enumerou Roger- . Geordie Chisholm e Roger MacLeod. Acredito que... sim, estou seguro: Alex MacNeill também esteve no Ardsmuir.

Christie tinha seguido essa lista com estreita atenção.

- Conheço-os- disse, com ar de satisfação- . MacNeill pode responder por mim, se for necessário.

Embora Roger nunca tinha visto o Jamie entrevistar a um possível arrendatário, de vez em quando o ouvia falar com o Claire dos que escolhia. Sobre essa base, fez-lhe algumas pergunta sobre seu passado mais recente, tratando de esquivar a cortesia com uma atitude de autoridade.

Christie disse que tinha sido transladado com os outros prisioneiros,

mas teve a sorte de que sua servidão fora adquirida pelo dono de uma plantação da Carolina do Sul, quem, ao descobrir que tinha algum estudo, fez-o preceptor de seus seis filhos; além disso cobrava às famílias vizinhas pelo privilégio de que lhe enviassem também a seus filhos. Uma vez que expirou o prazo de sua servidão, Christie acessou a ficar em troca de um salário.

- Seriamente?- perguntou Roger. Seu interesse pelo homem tinha aumentado notavelmente. Com que professor de escola! Para o Bree seria um gozo renunciar a seu indesejado posto. E esse homem parecia mais que capaz de lutar com escolares intransigentes- . E o que lhe traz por aqui, senhor Christie? Estamos algo longe da Carolina do Sul.

- Minha esposa morreu- disse, mal-humorado- . De gripe. E também o senhor Everett, meu empregador. Seu herdeiro não necessitava de meus serviços e eu não quis ficar ali sem emprego.- Cravou no Roger um olhar penetrante, por debaixo das sobrancelhas hirsutas- . Você há dito que o senhor Fraser não está. Quando retornará?

- Não saberia dizer-lhe Em realidade não podia saber quanto duraria a incapacidade do Jamie. Embora se recuperava sem mais problemas, possivelmente devesse guardar cama durante um tempo. E não queria se despedir do Christie nem obrigá-lo a esperar. O ano estava avançado e não ficava muito tempo, se esse homem e sua família foram passar o inverno ali.

Os dois homens eram fornidos e fortes, a julgar por seu aspecto. Acompanhava-os uma mulher que podia cuidar de suas necessidades domésticas. E a parte da irmandade maçônica, Christie tinha pertencido ao grupo do Jamie no Ardsmuir. Ele sempre fazia um esforço especial para procurar sítio a esses homens.

Tomada a decisão, Roger tirou uma folha de papel em branco e desentupiu o tinteiro. Logo voltou a pigarrear.

- Muito bem, senhor Christie. Acredito que podemos chegar a algum... acordo.

Foi uma grata surpresa ver entrar na Brianna, com uma bandeja de bolachas e cerveja. Deixou-a no escritório, com o olhar pudorosamente baixa, mas ele captou um brilho de diversão entre as pestanas e lhe roçou a boneca, sorridente, para dar-se por informado. O gesto lhe fez pensar na saudação do Christie. Brianna saberia algo dos antecedentes do Jamie, nesse aspecto? Provavelmente não; de outro modo o teria mencionado.

- Brianna, apresento a nossos novos arrendatários- disse- . O senhor Thomas Christie e...

- Allan, meu filho- completou o cavalheiro- , e Malva, minha filha.

O moço saudou com uma calada inclinação de cabeça, sem apartar os olhos do refrigerio. A menina mantinha as mãos recatadamente cruzadas no regaço e logo que levantou a vista. Outro ponto a favor do Christie, pensou Roger, distraído: as meninas casaderas eram poucas.

Bree saudou cada um com uma inclinação de cabeça e olhou à moça com interesse especial. Um forte alarido na cozinha a fez sair a toda pressa, murmurando uma desculpa.

- Meu filho- murmurou Roger, a modo de desculpa. E ofereceu um jarro de cerveja- . Aceita você um refrigerio, senhor Christie?

Os contratos de arrendatários se guardavam na gaveta esquerda do

escritório; ele os tinha visto e conhecia as noções gerais. Para começar, acordariam cinqüenta acres (dois hectares) com possibilidades de arrendar mais segundo fora necessário; o pagamento se efetuariá segundo a situação individual. Uma breve discussão, acompanhada por cerveja e bolachas, e ambos chegaram a um acordo que parecia adequado.

Roger pôs ponto final ao contrato com um gesto garboso; logo assinou como representante do James Fraser e passou o documento ao Christie, para que o assinasse. Sentia uma profunda e grata satisfação. Um bom arrendatário, disposto a pagar a metade de sua renda oficiando de professor de escola durante cinco meses ao ano.

de repente caiu na conta de que Jamie teria dado um passo mais. além de oferecer sua hospitalidade aos Christie, lhes teria conseguido um lugar onde hospedar-se até que tivessem teto próprio. Mas não na casa grande enquanto Jamie estivesse doente e Claire, ocupada em atendê-lo. depois de refletir um momento, aproximou-se da porta para chamar o Lizzie.

- Temos um novo arrendatário com família, a muirninn- fixo, sorridente- . O senhor Thomas Christie e seus filhos. Pode pedir a seu pai que os acompanhe à cabana do Evan Lindsay? Está perto das terras que vão ocupar. E acredito que Evan e sua esposa têm sítio para hospedá-los por um tempo, até que possam instalar-se.

- OH!, sim, senhor Roger.- Lizzie, ansiosa e bem disposta, fez uma breve reverência ao Christie, que respondeu com uma pequena inclinação. Logo olhou ao Roger, arqueando as sobrancelhas finas em seu carita de camundongo- . O senhor está informado?

Roger sentiu que um leve rubor subia às bochechas.

- Tudo está em ordem- assegurou- . O direi assim que se sintam melhor.

- O senhor Fraser está doente? Quanto o lamento.- A voz suave, desconhecida, surgiu desde atrás, sobressaltando-o.

Ao voltar tirou o chapéu que Malva o olhava, interrogante. Não tinha reparado muito nela, mas nesse momento lhe impressionou a beleza de seus olhos.

- Mordeu-o uma serpente- disse, abrupto- , mas já está fora de perigo.

Alargou uma mão ao Christie; esta vez esperava o gesto secreto.

- Bem-vindo à Colina do Fraser- disse- . Confio em que você e sua família sejam felizes aqui.

Jamie estava sentado na cama, celosamente atendido por devotas mulheres e, portanto, desesperado. Sua cara se relaxou um pouco ao ver outro homem. Então despediu com um gesto a suas donzelas. Claire ficou, ocupada com seus frascos e seus instrumentos.

Roger ia sentar-se ao pé da cama, mas Claire lhe jogou dali, lhe assinalando energicamente o tamborete.

- me diga, Roger MAC, atendeste essa ferida que a mula tinha na pata?

- Curei-a eu- informou Claire- . Está cicatrizando bem. Roger esteve muito ocupado em atender aos novos arrendatários.

- Ah, sim?- Fraser arqueou as sobrancelhas, interessado.

- Pois sim, um homem chamado Tom Christie e sua família. Diz que

esteve no Ardsmuir contigo.

Por um instante Fraser o olhou fixamente, inexpressivo. Logo assentiu, recuperando como por arte de magia sua expressão de agradável interesse, e o tempo normal reatou sua marcha.

- Sim, conheço bem ao Tom Christie. Onde esteve nestes vinte anos?

O jovem lhe informou o que o homem lhe tinha contado de suas aventuras e que condições tinham estabelecido.

- Isso está muito bem, aprovou Jamie, o inteirar-se de que Christie estava disposto a officiar de professor- . Lhe diga que pode usar os livros que temos aqui.

A conversação passou a assuntos mais mundanos. Poucos minutos depois Roger se levantou para retirar-se. Tudo parecia estar perfeitamente bem, mas sentia um escuro desassossego. Acaso se tinha imaginado esse instante? Ao voltar-se para fechar a porta viu que Jamie tinha os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito. Se não dormir, assim evitava efetivamente qualquer conversação. Claire o observava, com os olhos de falcão reflexivamente entreabridos. Ela também se deu conta.

Assim não eram imaginações delas. Que diabo passava com o Tom Christie?

A meia luz estival

Ao dia seguinte, Roger fechou a porta atrás dele e se deteve um momento no alpendre, para respirar o ar frio da avançada amanhã. Jogou uma olhada em redor, apontando mentalmente suas tarefas do dia.

Tinha a estranha sensação de ter abandonado seu trabalho, não dias, a não ser meses ou anos atrás. Se fechava os olhos um instante, tinha a impressão de que quando voltasse a abri-los-se encontraria em uma rua de Oxford e a perspectiva de uma aprazível manhã de trabalho entre os volúmenes poeirentos da Bodleian.

Golpeou-se uma coxa com a mão para tirar-se essa idéia. Hoje não. Não estava em Oxford, a não ser na Colina. Devia cortar umas árvores e recolher feno; não o feno semeado, a não ser o que crescia silvestre nas colinas, em pequenas partes de terra. Com uma jarra de cerveja e os sanduíches envoltos dentro de seu saco, foi em busca da foice e a tocha.

Ao caminhar começou a espabilar-se. Os músculos entraram em calor; quando chegou ao primeiro dos prados altos começava a sentir-se normal, solidamente encravado no mundo físico da montanha e o bosque. O futuro tinha voltado para mundo dos sonhos e as lembranças. Uma vez mais estava presente e dava razão de si.

- Melhor assim- murmurou para seus adentros- . Não é questão de cortar um pé.

E deixou cair a tocha sob uma árvore para agachar-se a cortar a erva.

Não era a tarefa sedativo e monótona da ceifa habitual. Em que a grande ceifa de surripio dobro ia deixando agradáveis fileiras de erva seca no campo. Este trabalho era de uma vez mais rude, mas mais fácil; requeria agarrar cada arbusto com uma mão e cortar os caules perto da raiz, para logo jogar o punhado de feno silvestre no saco de tecido embreado que levava consigo. Não se requeria muita força, mas sim atenção, mais que o inconsciente esforço muscular de segar o feno semeado.

Era um trabalho sedativo; muito em breve sua mente começou a divagar para outras coisas. As que Jamie lhe havia dito na negra ladeiras, sob as estrelas.

Algumas já as conhecia; que Alex MacNeill e Nelson McIver não se levavam bem e por que; que um dos filhos do Patrick Neary parecia que roubava e o que fazer a respeito; que terras vender, quando e a quem. De outras não tinha idéia. Apertou os lábios ao pensar no Stephen Bonnet.

E o que se devia fazer com o Claire.

.Se morrer, ela deve ir-se- havia dito súbitamente Jamie- . Que se vá. Se o pequeno pode passar, todos têm que voltar. Mas sobre tudo ela. Faz que vá às pedras.

- por que?- perguntou Roger, em voz baixa- . por que deve partir? Passar pelas pedras é perigoso.

- Para ela é perigoso estar aqui sem mim.- durante um momento, o olhar do Fraser se perdeu. recostou-se para trás, com os olhos semicerrados.

Repentinamente voltou a abri-los- . Ela é uma Antiga. Se o descobrirem a matarão.

Logo fechou outra vez os olhos. Não voltou a falar até que os outros os encontraram, ao raiar o dia.

“ É uma Antiga.” Por desgraça, Fraser o havia dito em inglês. Em gaélico o significado teria sido mais claro. Se houvesse dito ban- sidhe, Roger teria sabido se se referia ao reino das fadas ou a uma mulher sábia, mas humana.

Sem dúvida não podia... mas talvez sim. Até na época do Roger, os escoceses levavam no sangue a crença nos outros” , embora não o admitissem de tudo. E agora? Fraser acreditava abertamente nos fantasmas, por não falar de anjos e Santos. Para a cínica mente presbiteriana do Roger, não havia muita diferença entre acender velas a Santa Genoveva e deixar fora uma chaleira de leite para as fadas.

Por outra parte, embora não gostasse de reconhecê-lo, ele jamais haveria meio doido o leite destinado aos Outros nem meio doido um amuleto pendurado sobre uma porta... e não só por respeito à pessoa que os tivesse posto ali.

Talvez Fraser não estava desencaminhado. Por risível que fora a idéia de que ele e Brianna, e até a mesma Claire, fossem sidheanach, tudo tinha mais de uma cara. Eles eram diferentes, sim. Não todo mundo podia viajar através das pedras; menos ainda eram os que o faziam. E havia outros. Geillis Duncan. O viajante desconhecido que lhe tinha mencionado ao Claire. O cavaleiro cuja cabeça atalho tinha aparecido no páramo, com as obturações de prata intactas. Ao pensar nele lhe arrepiou a pele dos braços.

Jamie tinha dado sepultura à cabeça, com o devido respeito e uma breve prece, em uma colina próxima à casa; foi o primeiro habitante do pequeno cemitério da Colina. Por insistência do Claire tinha marcado a pequena sepultura com uma parte de granito em bruto, sem inscrição alguma, mas com nervuras de serpentinas verde.

E se Fraser estava no certo? “ Se o pequeno pode passar, têm que voltar todos.”

E se não voltavam... algum dia jazeriam todos no claro ensolarado: ele, Brianna, Jemmy, e cada um sob sua parte de granito. A única diferença era que cada um teria seu nome. Mas que datas esculpiriam? O perguntou de súbito, enquanto se limpava o suor da mandíbula. Quanto ao Jemmy não haveria dificuldade, mas o resto...

Ali estava o problema, certamente; ao menos um deles: “ Se o pequeno pode passar.” Se a teoria do Claire era correta, se a faculdade de passar através das pedras era um rasgo genético, como a cor dos olhos ou o tipo de sangue... Jemmy teria cinqüenta por cento de probabilidades, se era filho do Bonnet; se era do Roger, três de quatro ou possivelmente a certeza.

Segou grosseiramente um arbusto de erva, sem incomodar-se em sujeitá-la, e as espiguillas voaram como metralha. Então recordou a pequena figura rosada sob o travesseiro. Respirou fundo. E se dava resultado, se nascia outro menino que fora de seu próprio sangue sem lugar a dúvidas? Três probabilidades de quatro... ou possivelmente outra pedra, um dia, no cemitério familiar.

O saco estava quase cheio e ali não havia mais erva que valesse a pena

cortar. O carregou ao ombro para descender a colina até o bordo do milharal mais elevado.

Ao chegar ao milharal, Roger divisou a silhueta pequena e fibrosa do Kenny Lindsay, que se aproximava entre as árvores.

- Madain mhath, ao Smeòraich!- gritou- . É certo que temos gente nova?

Roger tinha deixado de surpreender-se ante a velocidade com que circulavam as notícias na montanha. Ofereceu ao Lindsay sua jarra de cerveja e lhe deu detalhes sobre a nova família.

- chama-se Christie, não?- perguntou Kenny.

- Sim. Thomas Christie, com seus filhos, varão e mulher. Deve conhecê-lo; esteve no Ardsmuir.

- Sim? Ah.

Ali estava outra vez, esse leve estremecimento ante o nome.

- Christie- repetiu Kenny. A ponta de sua língua apareceu um instante, como se degustasse o som- . Hum. Sim. Vale.

- O que acontece Christie?- inquiriu Roger, cada vez mais intranquilo.

- O que acontece?- O outro pareceu sobressaltado- . Nada, homem. O que poderia passar. Ou sim?

- Não. Quero dizer... Me pareceu que te sobressaltava um pouco ao escutar esse nome. Me ocorreu que podia ser ladrão, alcoólico ou algo assim.

Pela cara do Kenny passou o entendimento, como o sol por uma pradaria.

- Ah, pois sim, agora compreendo. Não, não, Christie é um tio bastante decente, até onde eu sei.

- Até onde você sabe? Mas não estiveram juntos no Ardsmuir? Isso há dito ele.

- Pois sim, é certo- acordou Lindsay.

Entretanto, ainda parecia duvidar. Mas de nada serve insistir, salvo para que se encolhesse de ombros.

- Vem um momento a casa, ao Smeòraich?- Kenny assinalou com a cabeça os pinheiros que se elevavam ao outro lado da pradaria.

Roger assentiu, sorridente.

- Obrigado, Kenny.

Acompanhou ao Lindsay a atender seus animais; o homem tinha duas cabras leiteiras e uma cerda.

- Boa cerda- comentou Roger cortesmente, enquanto Kenny jogava na artesa milho para que comesse.

- Má como as víboras. E assim de rápida, também- disse Lindsay, olhando a de reajo- . Ontem esteve a ponto de me arrancar a mão. Queria levá-la a que o porco do MAC Dubh a servisse, mas não quis.

- Quando uma fêmea não está de humor, não há nada a fazer- comentou Roger.

Kenny moveu a cabeça.

- Pode ser, sim. Mas há maneiras das abrandar, não? É um truque que me ensinou meu irmão Evan.

Depois de dedicar ao Roger um sorriso desdentado, assinalou com a cabeça um barril de que emanava o aroma doce do cereal em fermentação.

- Sim?- disse Roger, rendo- . Pois espero que resulte.

- Resultará, sim- assegurou Lindsay, crédulo- . Esta é um demônio para o malte fermentado. O problema é que, se lhe der o suficiente como para que esteja disposta, não pode caminhar muito bem. Teremos que lhe trazer para o macho, quando MAC Dubh se reponha.

- Está em zelo? Amanhã trarei para o macho- prometeu Roger, imprudentemente.

- Se for tão amável, ao Smeòraich.- depois de uma pausa acrescentou, como sem lhe dar importância- : Espero que MAC Dubh se levante logo. esteve em condições de receber ao Tom Christie?

- Não o viu, não... mas eu o hei dito.

- Ah, sim? Que bem, não?

Roger entrecerró os olhos, mas o observo apartou a vista. Seu desassossego persistia. Presa de um súbito impulso, Roger alargou o braço em cima do feno para lhe agarrar a mão; gesto que o sobressaltou grandemente. A estreitou e lhe tocou o nódulo.

Kenny ficou boquiaberto e lhe pisquem no raio de sol que entrava pela porta. Por fim deixou o cubo vazia, limpou-se cuidadosamente a mão na saia esfarrapada e a ofereceu ao Roger com ar formal.

Quando a soltou, a situação entre ambos seguia sendo cordial, mas se tinha alterado muito sutilmente.

- Christie também- observou Roger.

- Pois sim. Todos nós.

- Todos os do Ardsmuir? E... Jamie?- A idéia o deixava estupefato.

Kenny assentiu outra vez, enquanto se inclinava para recolher o cubo.

- Pois sim. Iniciou-o MAC Dubh. Não sabia?

De nada servia andar-se com rodeios. Sacudiu a cabeça para descartar o tema. Quando visse o Jamie o mencionaria... sempre que seu sogro estivesse em condições de responder perguntas. Cravou no granjeiro um olhar direto.

- Pois bem, quanto ao Christie, passa algo mau com ele?

A reticência do Lindsay tinha desaparecido.

- OH!, não. Surpreendeu-me um pouco vê-lo aqui. Não se levava muito bem com o MAC Dubh, isso é tudo. Se tivesse outro sítio aonde ir, não acredito que tivesse vindo à Colina Fraser.

- por que?

- Nada importante- disse, encurvando os ombros- . É que Christie é protestante, compreende?

- Compreendo, sim- replicou Roger, muito seco- . Mas o puseram com os prisioneiros jacobitas. E isso causou problemas no Ardsmuir. É isso o que me quer dizer?

Era muito provável. Em sua própria época não havia muito afeto entre os católicos e os severos escoceses que descendiam do John Knox e os seus. Nada gosta tanto a esse povo como um pouco de enfrentamento religioso. E no fundo, nisso tinha consistido a causa dos jacobitas. Agarra a uns quantos calvinistas irredutíveis, convencidos de que, se não ajustarem bem a manta, a Batata descera pela chaminé para lhes morder os pés. Arroja os em um cárcere, cara a cara com homens que rezam em voz alta à Virgem Maria... Sim, já me imaginava. Jogo de dados os mesmos números, deixariam os distúrbios futbolísticos reduzidos a nada.

- E como chegou Christie ao Ardsmuir?

Kenny pareceu surpreso.

- Pois porque era jacobita. Prenderam-no com outros depois do Culloden. Foi julgado e enviado a prisão.

- Um jacobita protestante?- Não era impossível, nem sequer difícil. A política tinha criado associações até mais estranhas. Mas sim se saía do comum.

O granjeiro, com um suspiro, jogou uma olhada ao horizonte, onde o sol descendia entre os pinheiros.

- Anda, vamos dentro, MacKenzie. Já que Tom Christie veio à Colina, será melhor que alguém lhe conte isso tudo. Se me der pressa chegará a tempo para jantar.

Uma vez gastos os tamboretas e servida o leite de manteiga fresca, Kenny Lindsay cumpriu com sua palavra e iniciou o relato. Conforme disse, Christie era escocês das Terras Baixas; sem dúvida MacKenzie já se deu conta disso. Do Edimburgo. Nos tempos da Sublevação tinha uma boa loja na cidade, recém herdada de seu pai. Tom Christie estava decidido a conquistar uma boa posição.

Com essa ideia na mente, quando o exército do príncipe Tearlach ocupou a cidade, ficou sua melhor roupa e foi ver ou Sullivan, o irlandês a cargo do comissariado do exército.

- Ninguém sabe o que aconteceu eles, mas Christie saiu dali com um contrato para prover as provisões do exército das Terras Altas e um convite ao baile dessa noite, no Holyrood.

Kenny bebeu um comprido gole de leite doce. Ao deixar a taça, com o bigode untuoso de branco, fez um gesto sapiente.

- Sabíamos como eram esses bailes de palácio. MAC Dubh nos falava sempre disso. A Grande Galeria, com os retratos de todos os reis de Escócia, e as chaminés de azulejos holandeses, onde se poderia ter assado um boi. O príncipe e todos quão grandes foram ver o, vestidos de seda e encaixe. E que comida, bom Deus! De que comida nos falava!

Os olhos do Kenny se fizeram redondos e sonhadores ao recordar as descrições escutadas com o estômago vazio. Distraidamente tirou a língua para lambê-la leite do lábio superior. Logo se sacudiu para voltar para o presente.

- Pois bem- disse, despreocupadamente- . Quando o exército abandonou Edimburgo, Christie foi também com eles, não sei se para cuidar seu investimento ou para manter-se à vista do príncipe.

Roger notou que nessa lista de possibilidades não figurava a ideia de que o homem tivesse atuado por motivos patrióticos. Já fora por prudência ou ambição, Christie se tinha ficado com o exército... muito tempo. Abandonou-o no Nairn, na véspera do Culloden, para iniciar a volta ao Edimburgo, no boléia de uma carreta do comissariato.

- Se em vez da carreta tivesse montado um dos cavalos, talvez teria chegado- comentou Lindsay, cínico- . Mas não: topou com todo um saco do Campbells. Tropas do governo, entende?

Roger assentiu.

- Dizem que tratou de fazer-se passar por mascate, mas nessa mesma estrada tinha comprado uma carrada de cereal em um afinca, e o granjeiro

jurou e perjuro que Christie tinha estado em seu pátio apenas três dias antes, com um distintivo branco no peito. E isso foi tudo. O levaram. Christie foi parar primeiro à prisão do Berwick; logo, por motivos que só a Coroa sabia, ao Ardsmuir, aonde chegou um ano antes que Jamie Fraser.

- ele e eu chegamos ao mesmo tempo.- Kenny olhou de sua tigela vazia e agarrou a jarra- . Era um cárcere velho, médio ruído, que levava vários anos em desuso. Quando a coroa decidiu reabri-la trouxeram homens daqui e lá; em total seríamos uns cento e cinquenta. A maioria, jacobitas sentenciados. Algum ladrão e um ou dois assassinos.

Para proteger-se ou por consolo, formaram-se pequenos grupos que estavam em constante conflito. Chocavam como calhaus no fluxo, machucando-se mutuamente de vez em quando, enquanto esmagavam a qualquer pobre diabo que ficasse entre ambos.

- Tudo se reduz a comida e casaco, entende?- explicou Kenny, imparcial- . Em lugares assim não pensa em outra coisa.

Entre os grupos havia um pequeno núcleo de calvinistas teimados, com o Thomas Christie à cabeça. Compartilhavam a comida e as mantas, defendiam-se mutuamente, comportavam-se com uma santurroneria que tirava de gonzo aos católicos.

- Se um de nós estivesse queimando-se, esses não haveriam nem mijado sobre ti para te apagar.- Lindsay moveu a cabeça- . Não roubavam comida, não, mas se plantavam em um rincão a rezar em voz alta, e lhe dê com os agiotas, os idólatras e todo isso! E cuidavam de que nós soubéssemos aos quais se referiam! E então chegou MAC Dubh.

- Algo assim como o Segundo Advento, não?- disse Roger, médio para seus adentros. Surpreendeu-lhe que o granjeiro pusesse-se a rir.

- Só se te refere a que alguns já conhecíamos o Sheumais ruaidh. Não, homem. Trouxeram-no em navio. Sabe que Jamie Roy detesta os navios, verdade?

- ouvi algo disso- respondeu Roger, seco.

- Não sei que ouviste, mas é verdade- assegurou-lhe Kenny, muito sorridente- . Entrou na cela cambaleando-se, verde como uma moça; vomitou no rincão e se arrastou até debaixo de um banco. Ali ficou um ou dois dias.

Passada a crise, Fraser guardou um tempo silêncio, até saber quem era quem e o que era o que. Entretanto, era cavalheiro por natureza, senhor e grande guerreiro, homem muito respeitado entre os escoceses das Terras Altas. Todos o tratavam com deferência natural; pediam-lhe opinião, procuravam seu julgamento e os fracos se amparavam em sua presença.

- Isso foi como um mazazo para o Tom Christie- disse Kenny, movendo sabiamente a cabeça- . Tinha chegado a pensar que era a rã maior do lago, entende?

- Entendo, sim. E não gostou de ter um competidor, né?

- Talvez não teria sido tão grave se a metade de sua pequena banda não tivesse começado a escapar de suas rezas para escutar o que MAC Dubh contava. Mas o pior foi o do novo alcaide.

Bogle, o alcaide originário, tinha sido substituído pelo coronel Harry Quarry , homem relativamente jovem, mas militar experiente, que tinha combatido no Falkirk e no Culloden. A diferença de seu predecessor, tinha

certo respeito por quão prisioneiros tinha sob seu mando. E posto que conhecia a reputação do Jamie Fraser, tratava-o como a um inimigo derrotado, mas honorável.

- Pouco depois de assumir o cargo no Ardsmuir, Quarry fez que lhe levassem ao MAC Dubh ante sua presença. Não sei o que aconteceu entre eles, mas logo se converteu em um costume: uma vez por semana os guardas o levavam para que se barbeasse e se lavasse; logo subia para jantar algo com o Quarry e lhe falava do que fizesse falta.

- E ao Tom Christie tampouco gostou disso- adivinhou Roger.

Começava a formar uma ampla imagem do Christie: ambicioso, inteligente... e invejoso. Era hábil por si mesmo, mas a diferença do Fraser, não tinha nascido em bom berço nem era hábil para a guerra, vantagens que bem podiam resentir a um comerciante com aspirações sociais, até antes da catástrofe do Culloden.

Kenny moveu a cabeça e a jogou para trás para esvaziar sua taça. Logo, com um suspiro de satisfação, assinalou a jarra com um movimento de sobranceiras. Seu visitante disse:

- Não, já basta, obrigado. Mas os maçons... como aconteceu? Diz que teve que ver com o Christie?

- Pois verá...- continuou Kenny- . Ao Christie não gostou de nada que MAC Dubh fora o grande; ele acreditava que esse lugar lhe correspondia por direito.- Cravou um olhar ardiloso e avaliador no Roger- . Acredito que não sabia o que costuma ser chefe em um lugar assim. Descobriu-o mais adiante. Mas isso não tem nada que ver.- Agitou uma mão, descartando o irrelevante- . O caso é que Christie também era chefe, só que não tão bom como MAC Dubh. Mas havia quem o escutava, e não só entre os chupacirios.

- De verdade?

- Houve mais problemas- esclareceu- . Pequenezes, sim, mas o barruntabas.

Mudanças e cismas, os pequenos enguiços e fraturas que resultam quando duas massas terráqueas se encontram e se empurram, até que entre elas se levantam montanhas ou uma é subsumida pela outra, em uma ruptura de rocha e terra.

- Dávamo-nos conta de que MAC Dubh estava pensativo, mas ele não está acostumado a dizer a ninguém o que pensa, verdade?

“ A quase ninguém” , pensou o jovem súbitamente, recordava a voz do Fraser, tão baixa que apenas se ouvia sobre o gemido do vento outonal. “ me disse isso.” O pensamento foi um pequeno calor repentino em seu peito, mas o apartou por não distrair-se.

- Uma noite MAC Dubh voltou para nós bastante tarde, mas em vez de deitar-se a descansar nos chamou. A mim e a meus irmãos, ao Gavin Hayes, Ronie Sinclair... e Tom Christie.

Fraser tinha despertado silenciosamente aos seis homens para levá-los até uma das poucas janelas da cela, onde a luz do céu noturno lhe iluminava o rosto. Os homens se reuniram a seu redor, com os olhos inchados e os dores da jornada, sem saber o que significaria aquilo. Do último enfrentamento (uma rixa entre dois homens por um insulto sem importância), Christie e Fraser se mantinham afastados.

Ao princípio, Fraser não disse uma palavra; limitou-se a sorrir, e

alargou a mão para o Tom Christie. O outro vacilou um momento, suspicaz... mas não havia alternativa.

- Qualquer haveria dito que MAC Dubh tinha um raio na mão, pela impressão que recebeu Christie. Não sei como se inteirou MAC Dubh de que Christie era maçom, mas assim foi. Terei que ver sua cara quando compreendeu que Jamie Roy também o era! Foi obra do Quarry- explicou, ao ver a pergunta na expressão do Roger- . Ele era um professor.

Um professor maçom, chefe de uma pequena loja maçônica militar, composta pelos oficiais da guarnição. Como um dos membros acabava de morrer, faltava-lhes um homem para completar os sete requeridos. depois de estudar a situação e explorá-la em algumas conversações cautelosas, convidou ao Fraser a unir-se os depois de tudo, um cavalheiro era sempre um cavalheiro, jacobita ou não.

Não era uma situação muito ortodoxa, disse-se Roger, mas esse Quarry parecia dos que adaptam os regulamentos a sua conveniência. Também Fraser.

- De modo que Quarry o iniciou. Em um mês passou de aprendiz a artesão e um mês mais tarde era professor. Foi então quando nos decidiu dizer isso E essa mesma noite fundamos uma nova loja maçônica, nós sete: a segunda loja maçônica do Ardsmuir.

Roger lançou um bufo de risada ao imaginá-lo.

- Vós seis... e Christie.- Tom Christie, o protestante. E o homem, honorável em sua rigidez, não teve mais remedeio que respeitar seu juramento maçônico e aceitar como irmãos ao Fraser e a seus católicos.

- Para começar. Mas aos três meses todos os das celas eram aprendizes. E a partir de então não houve tantos distúrbios.

- Não acredito que ao Jamie tenha prejudicado pertencer à loja maçônica dos oficiais- observou Roger.

- Pois... suponho que não- respondeu Lindsay, vagamente.

Logo apartou o tamborete para levantar-se. O relato tinha terminado, já era de noite e terei que acender uma vela. Não deu um só passo para a palmatória de terracota que estava sobre o lar, mas Roger notou pela primeira vez que não cheirava a comida no fogo.

- É hora de ir a por meu jantar- disse, levantando-se- . Quer me acompanhar?

O homem se animou visivelmente.

- Com gosto, ao Smeòraich. me dê um minuto para ordenhar as cabras e estarei contigo.

À manhã seguinte, depois de um delicioso café da manhã, encontrei ao Jamie acordado.

- Como está?- perguntei, enquanto deixava a bandeja que lhe tinha levado para lhe apoiar uma mão na frente. Ainda tinha febre, mas não tanta como no dia anterior.

- Preferiria estar morto. Assim ao menos a gente deixaria de me perguntar como me encontro- respondeu, resmungão.

Interpretei seu estado de ânimo como sinal de que voltava para a

saúde.

- O que me trouxeste para tomar o café da manhã?- ficou de lado para retirar o guardanapo que cobria a bandeja. Ao ver a tigela de pão com leite me olhou para me acusar da mais profunda traição. antes de que pudesse adicionar outra queixa me sentei no tamborete, a seu lado, e lhe perguntei sem rodeios:

- O que acontece Tom Christie?

Ele piscou, pego por surpresa.

- por que? Há algo de mau nele?

- Não sei. Não o vi.

- Pois eu tampouco o vi em mais de vinte anos- disse, agarrando a colher para remover suspicazmente o pão com leite- . Se neste tempo lhe brotou uma segunda cabeça, para mim é toda uma novidade.

- Ja!- exclamei, tolerante- . É possível, só possível, que tenha enganado ao Roger. Mas eu te conheço.

Ante isso levantou a vista e sorriu de flanco.

- Sim? Sbías que eu não gosto de muito o pão com leite?

- Se pretende me extorquir para que te traga uma chuleta, esquece-o- aconselhei-lhe- . o do Tom Christie pode esperar, se for preciso.

- me traga parritch com mel e lhe contarei isso.

Ao me voltar lhe descobri sorrindo de orelha a orelha.

- Trato feito.- Voltei para meu tamborete.

Ele refletiu um momento, mas compreendi que só procurava a maneira de começar.

- Roger me contou o da loja maçônica maçônica do Ardsmuir- disse, para ajudá-lo.- Ontem à noite.

Olhou-me com surpresa.

- E ele como o soube? O há dito Christie?

- Não, foi Kenny Lindsay. Mas ao parecer, Christie lhe fez um sinal maçônico a sua chegada. Em realidade, eu acreditava que aos católicos não nos permitia ser maçons.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- É que a Batata não esteve na prisão do Ardsmuir e eu sim. Mas ignorava que estivesse proibido. Assim Roger também é maçom, né?

- Assim parece. E talvez agora não esteja proibido. Isso virá depois.- Descartei o tema com um gesto da mão- . Mas voltando para o Christie, há algo mais, verdade?

Ele apartou a vista.

- Sim- disse em voz baixa- . Lembra-te de certo sargento Murchison, Sassenach?

- Vividamente.- Tinha visto o sargento uma só vez, no Cross Creek, mais de dois anos antes. Mas o nome me parecia familiar em relação com um pouco mais recente. Então recordei onde o tinha ouvido.

- Mencionou-o Archie Hayes. Eram dois. Gêmeos. Um deles foi o que disparou contra Archie no Culloden, não foi assim?

- Sim. Era o que cabia esperar desses dois, que disparassem contra um menino a sangue frio. Nunca conheci a um casal tão cruel.- Contraíu a boca, mas sem humor- . Se algo bom tiver feito Stephen Bonnet em sua vida é matar a um desses dois vadios.

- E o outro?- perguntei.
- Ao outro o matei eu.
- por que?- perguntei, vagamente surpreendida ante a serenidade de minha própria voz.

Então, apartou a vista.

- Por cem razões e por nenhuma- disse em voz baixa. esfregou-se a boneca com ar distraído, como se ainda sentisse o peso dos grilhões- . Poderia te contar exemplos de sua crueldade, Sassenach, e todos seriam certos. enfureciam-se com os fracos, roubavam, golpeavam... e eram dos que desfrutavam da crueldade gratuita. Em uma prisão não havia recursos contra essa gente. Mas não o digo para me justificar. Não há justificação.

Aos prisioneiros do Ardsmuir os submetia a trabalhos forçados: cortar lenha, picar pedras, as conduzir. Trabalhavam em pequenos grupos, cada um sob a custódia de um soldado inglês armado de mosquete e clava.

- Era verão. Conhece o verão das Terras Altas, Sassenach? A meia luz?

Assenti. A meia luz estival da noite das montanhas escocesas, a princípios do verão. Tão perto do pólo norte, no solstício do verão o sol apenas fica; desaparece sob o horizonte, mas até a meia-noite o céu se mantém claro e leitoso. O alcaide da prisão aproveitava de vez em quando essa luz para fazer que os prisioneiros trabalhassem até muito entrada a noite.

- Não nos incomodava tanto- disse Jamie. Tinha os olhos abertos, mas fixos no que via, na meia luz estival de sua memória- . Era melhor estar fora que dentro. Mesmo assim, de noite estávamos tão esgotados que logo que podíamos pôr um pé diante do outro.

Ao terminar a jornada, tanto os guardas como os homens estavam intumescidos pelo esgotamento. reunia-se aos distintos grupos de prisioneiros e os formava em coluna para que partissem de retorno ao cárcere, arrastando os pés pelos brejos, a tropeções e cambaleantes, bêbados pela necessidade de deitar-se e dormir.

- Ainda estávamos junto à pedreira. Devíamos carregar na carreta as ferramentas e os últimos blocos; logo, seguir a outros. Lembrança que levantei um bloco grande e dava um passo atrás, ofegando pelo esforço. detrás de mim se ouviu um ruído. Ao me voltar, vi o sargento Murchison. Era Billy, mas isso não soube até depois.

O sargento era só uma forma achaparrada na meia luz, invisível a cara contra o céu, cujo matiz era o de uma concha de ostra.

- de vez em quando me pergunto se o teria feito, de lhe haver visto a cara.- Os dedos de sua mão esquerda acariciaram distraidamente a boneca; compreendi que ainda sentia o peso dos ferros.

O sargento tinha levantado a clava para lhe dar um forte golpe nas costelas; logo a usou para assinalar uma maça abandonada no chão e lhe voltou as costas.

- Não o pensei nem um momento- disse Jamie, com voz fica- . Em dois passos caí contra ele e lhe apertei o pescoço com a cadeia de meus grilhões. Não teve tempo de fazer um só ruído.

A estrada estava a três metros escassos do bordo do precipício, com uma queda a pico de doze metros; abaixo, trinta metros de água negra e serena, baixo esse vácuo céu branco.

- Atei-o a um dos blocos e o arrojéi. Logo voltei para a estrada. Ali estavam os dois homens de meu grupo, como estátuas, me observando à meia luz. Não disseram nada; eu tampouco. Subi e me fiz cargo das rédeas; eles subiram à parte traseira. Alcançamos à coluna e continuamos juntos, sem dizer uma palavra. Ninguém sentiu falta de ao sargento Murchison até a noite seguinte, pois se pensou que estava de licença na aldeia. Não acredito que o encontrem jamais.

Então pareceu tomar consciência do que estava fazendo e apartou a mão da boneca.

- E os dois homens?- perguntei pelo baixo.

- Tom Christie e Duncan Innes.

Suspirou profundamente. Logo estirou os braços, movendo os ombros para acomodá-la camisa, embora era folgada. Por fim levantou a mão para girar a de um lado a outro.

- Que estranho- disse, observando a boneca à luz.

- Que coisa?

- As marcas. desapareceram.

- As marcas... dos grilhões?

Assentiu.

- Tive-as durante anos. Pelos roce, compreende? Não sabia que tivessem desaparecido.

- Quando te encontrei no Edimburgo, Jamie, já não as tinha.

Desapareceram faz muito tempo.

Olhou-se os braços e moveu a cabeça, como se lhe custasse acreditá-lo.

- Sim- disse pelo baixo- . Bom, também Tom Christie.

NOVENA PARTE

Um assunto perigoso

96

Aurum

A casa estava em silêncio e era muito tarde para que a gente da Colina viesse de visita. Todos estavam atarefados em dar de comer às bestas, conduzir lenha e água, e acender o fogo para o jantar.

Agarrei do armário pluma, tinta e o grande registro de casos. Logo, apontei uma cuidadosa descrição do tumor que o pequeno Geordie Chisholm tinha na orelha, que requeria observação, e acrescentei quão medidas tinha tomado recentemente à mão esquerda do Tom Christie.

O homem sofria de artrite nas duas mãos e tinha os dedos um pouco encolhidos, mas detrás havê-lo observado atentamente durante o jantar, estava quase segura de que o de sua mão esquerda não era artrite, a não ser contractura do Dupuytren: uma estranha retração dos dedos anelares e mindinho para a palma da mão, produzida pelo encurtamento da aponeurosis palmar.

Em realidade, não tinha que havê-lo duvidado, mas as mãos do Christie Estavam tão calejadas pelos anos de trabalho que não chegava a apalpar o nódulo característico na base do anular, Tinha notado que o dedo tinha um aspecto estranho ao lhe suturar um talho na mão. Após o controlava cada vez que podia persuadir o de que me permitisse examiná-lo, coisa que não acontecia freqüentemente.

face às apreensões do Jaime, os Christie eram até o momento os arrendatários perfeitos; levavam uma vida tranqüila e apartada, salvo pelas classes do Thomas, que parecia ser um professor estrito, mas efetivo.

Estive lhe dando voltas à maneira de descrever a contractura do Depuytren sem lhe dar esse nome, posto que o barão Depuytren ainda não tinha nascido. Mas uma imagem vale mais que mil palavras, e eu me acreditava capaz de realizar um desenho linear mais ou menos real. Enquanto o tentava, perguntei-me como obter que Thomas Christie me permitisse lhe operar a mão.

Era um procedimento bastante rápido e simples, salvo pela falta de anestesia e o fato de que Chistie fora abstinência e presbiteriano estrito.

Bocejei, abandonando momentaneamente o problema e retrocedi umas quantas páginas. Queria admirar o pulcro desenho que tinha feito da mordida ofídica e a hipodérmica da Brianna.

Para minha surpresa, a perna tinha curado bem; houve bastante desprendimento de malhas, mas as cresas se ocuparam disso com muita efetividade; só ficaram duas pequenas depressões na pele, ali onde a víbora

tinha parecido as presas, e a fina cicatriz da incisão que eu fiz para limpar as malhas e colocar os vermes. Jaime ainda mancava um pouco, mas isso podia desaparecer com o tempo.

Cantarolando de pura satisfação, retrocedi umas poucas páginas mais e joguei uma olhada às últimas notas apontadas pelo Daniel Rawlings.

Josephus Howard... sendo sua doença principal uma fistula do reto, junto com um caso avançado de hemorroides. Tratado com um cozimento de hera terrestre, mesclada com ilumine de potássio e uma pequena quantidade de mel, fervida junto com suco de malmequer.

Uma nota posterior da mesma página, datada um mês mais tarde, referia-se à eficácia deste composto, com ilustrações do estado do paciente antes e depois do tratamento. Observei o desenho; Rawlings não era melhor desenhista que eu, mas tinha conseguido captar notavelmente a moléstia intrínseca do transtorno.

Acrescentei uma nota à margem, apontando que convinha recomendar uma dieta rica em hortaliças fibrosas como apoio ao tratamento, útil também para acautelar a constipação.

Jaime já estava em seu estudo. Em um momento me reuniria com ele.

Quase o passei por cima. Estava pontudo ao dorso do desenho da fistula, obviamente tinha sido acrescentado como comentário casual às atividades do dia.

falei com o senhor Hector Cameron, do River Run, quem me roga vá examinar os olhos de sua esposa, cuja vista está gravemente afetada. A plantação está a grande distancia, mas enviará um cavalo.

Incorporei-me para passar a página, fascinada. Queria ver se na verdade o doutor tinha examinado a Yocasta. Certa vez, com alguma dificuldade, tinha-a persuadido de que me permitisse lhe examinar os olhos, e tinha curiosidade por conhecer as conclusões do Rawlings. A falta de oftalmoscópio não havia maneira de saber com certeza a causa de sua cegueira, mas eu tinha uma forte suspeita. E ao menos podia eliminar causas tais como as cataratas e a diabetes.

Perguntei-me se Rawlings teria visto algo que eu tivesse passado por cima ou se seu estado teria piorado notavelmente após.

Sangrei ao ferreiro (uma pinta), purguei a sua esposa com azeite de sena e administrei ao agto três gostas do mesmo (grátis), depois de ter observado um pulular de vermes nos sedimentos do animal.

Isso me fez sorrir; por toscos que fossem seus métodos, Daniel Rawlings era bom médico. Perguntei-me uma vez mais o que teria sido dele e se alguma vez poderia conhecê-lo. Não seria assim; não concebia que um médico não retornasse a reclamar instrumentos tão bons como os seus, se estava em situação de fazê-lo.

Acicateado por minha curiosidade, Jaime fazia algumas averiguações, mas sem resultados. Daniel Rawlings tinha partido para a Virginia, deixando atrás sua caixa de instrumentos, para desaparecer sem deixar rastro.

Outra página, outro paciente; sangrados, purgações, ampolas abertas a lanceta... Rawlings tinha tido muito que fazer no Cross Creek, mas teria chegado ao River Run?

Sim, ali estava, uma semana e várias páginas depois.

Cheguei ao River Run depois de uma viagem espantosa. Parti para amanhecer com o servente negro do senhor Cameron, que me trouxe um cavalo. Não cheguei a lugar seguro até muito depois do obscurecer, exausto e esfomeado. O senhor Cameron me recebeu cordialmente com brandy.

Depois de ter feito o gasto de procurar um médico, Hector Cameron deveu querer aproveitá-lo, pois fez que Rawlings examinasse a todos os escravos e serventes, e também a ele mesmo.

Setenta e três anos de idade, estatura meia, largo de ombros, mas um pouco curvado. Mãos tão deformadas pelo reumatismo que não pode dirigir nenhum elemento mais sutil que uma colher. Pelo resto está bem conservado e muito vigoroso para sua idade. queixa-se de despertar de noite, micções dolorosas, Inclino-me por suspeitar uma doença luxurioso da bexiga antes que cálculos ou enfermidade crônica das partes viris interiores, pois o transtorno é recorrente, mas se prolonga muito tempo em cada ocasião, sendo a duração média de cada ataque de duas semanas, acompanhado por irritação do órgão masculino. Febre leve, sensibilidade ao apalpar a zona baixa do abdômen e urina negra, de aroma forte, todo o qual apóia minha opinião.

Como na casa há uma boa quantidade de arândanos secos, receitei uma infusão, de cujo suco tem que beber três taças ao dia. Também recomendei uma infusão de galio, a beber pela manhã e de noite, por seus efeitos refrescantes e se por acaso houvesse areia fina presente na bexiga, o qual poderia agravar esse transtorno.

Descobri-me fazendo gestos de aprovação. Não sempre estava de acordo com o Rawlings, quanto a diagnóstico ou tratamento, mas neste caso parecia ter dado no branco. Mas o que teria passado com a Yocasta? Ali estava, na página seguinte.

Yocasta Cameron, sessenta e quatro anos de idade, trigrávida, bem alimentada e em bom estado general de saúde, de aspecto muito juvenil.

Não há sinais de enfermidade orgânica nem dano externo dos olhos. O branco está claro; as pestanas, livres de substância alguma; não há tumor visível. As pupilas respondem normalmente se se passar uma luz ante elas e quando a vela. Ao aproximar um candil pelo flanco, o humor vítreo do olho se ilumina sem mostrar defeitos interiores. Noto um leve enturbiamiento que indica uma catarata incipiente na lente do olho direito, mas isto não basta para explicar a perda gradual da vista.

.- Hum- disse em voz alta. As observações do Rawling coincidiam com as minhas. A ontinuación apontava o tempo em que se produziu a perda da vista (aproximadamente dois anos) e o processo, que não tinha sido abrupto, a não ser um encolhimento paulatino do campo visual.

Provavelmente o período tinha sido mais largo; às vezes a perda era tão gradual que a gente não se precavia até que a vista chegava a estar em grave perigo.

...fragmentos de visão cortados como fatias de queijo. Até o que subtração da faculdade é só útil a meia luz, pois a paciente exhibe grande irritação e dor quando se expõe o olho a forte luz do sol.

Vi outros dois casos deste transtorno, sempre em pessoas de certa idade, embora não tão avançado. Minha opinião é que logo a vista desaparecerá por completo, sem que seja possível melhorá-la. Por sorte o

senhor Cameron tem um servente negro que sabe ler e o pôs a disposição de sua esposa, para que a acompanhe e lhe advirta da presença de obstáculos, além de lhe ler e lhe dar conta de quanto a rodeia.

Agora a luz tinha desaparecido e Yocasta estava completamente cega. Com que se tratava de uma doença progressiva; isso não me dizia muito, pois quase todas o eram. Em que data a teria visto Rawlings?

Podia ser qualquer entre muitas enfermidades: degeneração macular, tumor do nervo óptico, lesão como parasitas, retinitis pigmentosa, arteritis temporário..., mas minha suspeita preliminar era que se tratava de um glaucoma. Recordei que Fedra, enquanto molhava panos com chá frio, havia dito que sua senhora sofria “outra vez” de dores de cabeça, como se se tratasse de algo freqüente. E Duncan me tinha pedido que lhe fizesse um travesseiro de alfazema para lhe aliviar as enxaquecas.

Mas essas dores de cabeça podiam não ter relação alguma com a vista. Por então eu não tinha perguntado como eram; talvez se tratasse de simples tensão nervosa, em vez da banda de pressão que está acostumado a acompanhar ao glaucoma. depois de tudo, uma arteritis também teria provocado dores de cabeça freqüentes. O te frustrarem era que o glaucoma, por si só, não tinha sintomas previsíveis, salvo a cegueira final. devia-se a uma falha na drenagem do fluido ocular, de modo que a pressão interna do olho aumentava até provocar lesões, sem que o paciente nem seu médico recebessem advertência alguma. Mas havia outros casos de cegueira assintomáticos.

Enquanto contemplava essas possibilidades caí na conta de que Rawlings tinha contínuo com suas notas no dorso da página... mas em latim.

Par padeé, um pouco surpreendida. notava-se que aquilo era continuação da passagem anterior; a escritura a pluma apresenta um característico obscurecimento e descoloração das palavras, conforme se vai renovando a tinta ao molhar a pluma. Os matizes de cada anotação tendiam a ser diferentes ao trocar de tinta. Não: isso tinha sido escrito ao mesmo tempo que a página precedente.

Mas por que o passo repentino ao latim? Obviamente, Rawling sabia um pouco dessa língua, o qual revelava que tinha recebido certa instrução formal, embora não na ciência médica. Mas normalmente não o utilizava para suas notas clínicas, além de alguma frase ou palavra ocasional, requerida para a descrição de uma doença. Ali, em troca, havia uma página e meia escritas em latim.

Folhee o livro para trás para verificar minha impressão. Havia um pouco de latim aqui e lá, mas com pouca freqüência e sempre de igual modo: como continuação de um parágrafo começado em inglês. Era muito estranho. Voltei para a parte referida ao River Run, com intenção de decifrá-la.

depois de uma ou duas frases abandonei o esforço e fui em busca do Jaime. Estava em seu estudo escrevendo cartas.

O tinteiro estava à mão, bem cheio, e no escritório havia uma pluma de peru nova. No secante, uma página quase em branco, com três palavras negras e solitárias na cabeceira. Bastou-me lhe ver a cara para saber o que diziam: “Minha querida irmã.”

O levantou a vista com um sorriso irônico e se encolheu de ombros.
O que posso lhe dizer?
Não sei.

Não posso seguir lhe dizendo que o lamento. –Fez girar lentamente o canhão entre o polegar e o dedo médio-. O hei dito em todas as cartas. Se estivesse disposta a me perdoar...

Nesse caso Jenny teria respondido ao menos a uma das cartas que ele enviava fielmente ao Lallybroch, mês a mês.

Ian te perdoou. E os meninos também.- Esporadicamente chegavam missivas do cunhado do Jaime, junto com ocasionais nota do Jovem Jaime e, de vez em quando, umas linhas do Maggie, Kitty, Michael ou Janet. Mas o silêncio do Jenny era tão ensurdecedor que afogava qualquer outra comunicação.

Certamente, seria pior que... –Deixou morrer a frase, com a vista perdida no papel. Em realidade, nada podia ser pior que esse distanciamento.

Ela tinha compartilhado seu coração e sua alma desde dia em que nasceu... até o momento em que, por culpa dele, perdeu ao menor de seus filhos. Ao menos assim o via Jenny.

Doía-me ver que ele ainda carregava com a culpa do desaparecimento do Ian... e sentia algum ressentimento contra Jenny. Embora compreendia o fundo de sua perda e me solidarizava com sua dor, Ian não tinha morrido, até onde sabíamos. Só ela podia absolver ao Jaime; sem dúvida sabia.

Por um tempo tínhamos suposto que a carta do Jenny se perdeu no caminho, simplesmente. Mas depois de tanto tempo eu já não tinha esperanças. Jaime Sim.

- Me ocorreu que devia lhe enviar isto.- Procuro entre os papéis até encontrar uma folha pequena, manchada e suja; o bordo banguela revelava que tinha sido arranco de um livro.

Era uma mensagem do Ian, única prova concreta de que o moço ainda estava são e salvo. Tínhamo-la recebido em novembro, durante a congregação, através do John Quinze Myers, montanhês que percorria o páramo.

A nota, escrita em torpe latim a maneira de brincadeira, assegurava que Ian estava bem e que era feliz. casou-se com uma moça “à maneira mohawk”; esperava ser pai na primavera. Isso era tudo. A primavera tinha passado sem mais notícias. Ian não tinha morrido, mas era quase igual. As possibilidades de que voltássemos a vê-lo eram remotas e Jaime sabia. Jaime tocou brandamente o miserável papel. Tinha-lhe contado ao Jenny o que dizia a nota, mas sem lhe enviar o original, e eu sabia por que: era seu único vínculo material com o Ian; desprender-se dele era, de algum modo, entregá-lo definitivamente aos mohawks.

“Ave! –dizia a nota-. Ian salutatur avunculus Jacobus.” Ian saúda seu tio James.

Para o Jaime era mais que um sobrinho. Ian era especial, um filho adotivo, como Fergus. Mas a diferença do Fergus, levava seu mesmo sangue e, em certo modo, substituíam ao filho varão que tinha perdido. Esse outro filho tampouco tinha morrido, mas jamais poderia reclamá-lo.

- Sim –disse, com um nó na garganta-. Acredito que deveria enviá-la.

Deveria estar em poder do Jenny, até se...

de repente a nota me fez recordar o registro de casos. Agarrei-o, com a esperança de distrair ao Jaime.

- Hum, falando de latim... aqui tenho um fragmento estranho. Poderia lhe jogar uma olhada?

- É obvio.- Deixou a um lado a nota do Ian para receber o livro; moveu-o de modo tal que o último raio de sol caísse sobre a página. Logo franziu ligeiramente o sobrecenho.

- Caramba, este homem sabe tão pouca gramática latina como você, Sassenach.

- Mil obrigado. Não todos podemos ser eruditos sabe? –Aproximei-me um pouco mais para olhar sobre seu ombro.

- “Uma raridade...”- disse Jaime, traduzindo com lentidão, enquanto passava o dedo pela página- . “Estou acordado...” Não, acredito que quis dizer “Despertaram ruídos na quarto contígua. Estou acreditando”... ou seja, acreditei... “que meu paciente ia urinar, e me estou levantando para segui-lo”. por que, pergunto-me?

- O paciente –informei ao Jaime- , que era Hector Cameron, tinha um transtorno na bexiga. Provavelmente Rawlings queria vê-lo urinar para ver no que consistia a dificuldade, se havia dor, sangue na urina, esse tipo de coisas.

- Homo procediente... o homem procede... por que diz “o homem”em vez de usar seu nome?

- Escribia em latim para guardar o segredo –disse, impaciente por escutar o que seguia- . Suponho que, se Cameron via seu nome no livro, sentiria curiosidade. Mas o que passou?

- “O homem sai...”Da casa ou só de seu quarto? Da casa, tem que ser. “...e eu o sigo. Caminha a passo firme, com celeridade...”E por que não? Ah, aqui está. “Me desconcerto. Dou-lhe... dei-lhe doze grãos de láudano.”

- Doze grãos? Está seguro de que isso é o que diz? –Inclinei-me sobre seu braço para olhar. Ele assinalou a anotação, inscrita claramente a branco e negro- Mas é uma dose suficiente para tombar a um cavalo!

- Sim, “...doze grãos de láudano para ajudar ao sonho”, diz. Agora se explica que ao doutor lhe intrigasse ver o Cameron brincando de correr pelo prado em plena noite.

Dava-lhe uma cotovelada.

- Segue!

- Hum, Pois bem, diz que foi a letrina, sem dúvida esperando encontrar ali ao Cameron, mas não havia ninguém e não havia aroma A... né... não parecia que alguém tivesse estado ali recentemente.

- Não precisa falar com delicadeza só por mim- observei.

- Sei –disse ele, muito sorridente- . Mas minha própria sensibilidade não calejou ainda, em que pese a meu comprido contato contigo, Sassenach.

- Esquece sua sensibilidade, por favor –disse, golpeando o chão com um pé- . Onde estava Cameron?

Ele percorreu a página com a vista, formando as palavras com os lábios.

- Ele não sabe. Vagou por ali até que o mordomo saiu de seu buraco, tomando-o por um merodeador, e o ameaçou com uma garrafa de uísque.

- Que arma mais formidável! –comentei, sorridente, imaginando ao Ulises em gorro de dormir, esse blandiindo implemento destrutivo- . Como se diz em latim “garrafa de uísque”?

- Ele diz aqua vitae; sem dúvida é o mais aproximado que encontrou. Mas deve ter sido uísque, pois diz que o mordomo lhe deu uma medida para lhe curar o susto.

- Com que não achou ao Cameron?

- Sim, ao separar-se do Ulises. Estava roncando em seu branco leito. À manhã seguinte perguntou, mas Cameron não recordava haver-se levantado de noite.- Voltou a página com um dedo- É possível que o láudano lhe impedisse de recordar?

- Pode ser, sim – disse, com as sobrancelhas franzidas- . É muito possível. Mas me parece incrível que tenha podido andar por aí com tanto láudano no corpo... a menos que... –Arqueei uma sobrancelha ao recordar os comentários que Yocasta fazia durante nossa discussão, no River Run- . Há alguma possibilidade de que seu tio Hector consumisse ópio ou algo pelo estilo? Se estava habituado a tomá-lo em grandes quantidades teria desenvolvido tolerância.

- Nunca ouvi nada disso. Mas não havia motivos para que me dissessem isso.

E a verdade. Se Hector Cameron tinha meios para permitir o consumo de narcóticos importados, era assunto exclusivamente dele. Mesmo assim, alguém o teria mencionado.

A mente do Jaime circulava por outros caminhos.

- Para que sair da casa em plena noite se só queria urinar, Sassenach? –perguntou- . Sei que Cameron tinha uma bacinilla. Eu mesmo a usei. Tinha seu nome e o escudo dos Cameron pintados no fundo.

- Excelente pergunta. –Cravei a vista na página cheia de ganchos de ferro crípticos- . Se o homem sofria grandes dores ou dificuldade para urinar, como quando se expulsa um cálculo renal, pôde ter saído para não despertar aos da casa.

- Não soube que meu tio fora consumidor de ópio, mas tampouco que tivesse muita consideração por sua esposa ou seus serventes.

- Sem dúvida por isso sua tia se leva tão bem com o Duncan.

- Ecce homo- murmurou Jaime, pensativo- Um homo francês, possivelmente?

- O que? –Olhei-o com fixidez.

- Não te ocorreu, Sassenach, que o homem a quem o doutor seguiu pôde não ser Cameron?

- até agora não, não me tinha ocorrido. – Inclinei-me para estudar a página- . Mas por que devia ser outro, francês além disso?

Jaime assinalou o bordo da página; ali havia uns pequenos desenhos que me pareceram ganchos de ferro. Um deles era uma flor de lis.

- Ecce homo –repetiu, tocando-o- . O doutor não estava seguro do homem ao que seguia; por isso não o chama por seu nome. Se Cameron estava drogado, foi outro o que saiu essa noite da casa; entretanto ele não menciona que houvesse ninguém mais ali.

- Mas poderia não mencioná-lo porque não o comprovou –argüi- . Às vezes adiciona notas pessoais, mas quase todas são estritamente

descrições de casos, suas observações sobre os pacientes e os tratamentos aplicados. Mesmo assim... –Franzi as sobranças- . Uma flor de lis rabiscada na margem não tem por que significar nada, muito menos que houvesse um francês ali.

Além do Fergus, não havia na Carolina do Norte muita gente dessa nacionalidade. A flor de lis podia ser um simples gancho de ferro feito ao azar; entretanto não havia outros no livro. Quando Rawlings incluía desenhos, estes eram esmerados e vinham ao caso; utilizava-os como avisos ou como guia par qualquer médico que o seguisse.

Sobre a flor de lis havia uma figura que parecia um triângulo, com um pequeno círculo no vértice e uma base curva; abaixo, uma seqüência de letras. Au et aq.

- Au... ou –disse lentamente- . Aurum.

- Ouro? –Jamie levantou a vista para mim, surpreso. Assenti.

- s a abreviatura científica de ouro, sim. “Aurum et aqua”, ouro e água.

Suponho que se refere a goldwasser, pequenas escamas de ouro suspensas em uma solução aquosa. É um remédio para a artrite. E o curioso é que está acostumado a resultar, embora ninguém sabe por que.

- Custoso –observou Jaime- . Mas suponho que Cameron podia pagá-lo.

- Aqui diz que Cameron sofria de artrite.- Franzi o sobrececho ante a página e seus crípticas nota à margem- . Possivelmente pensava lhe aconselhar o uso de goldwasser para esse transtorno. Mas não entendo a flor de lis nem isto outro. –Assinalei-o- . Não é o símbolo de nenhum tratamento médico que eu conheça.

Para minha surpresa, Jaime se pôs-se a rir.

- Certamente, Sassenach. É uma bússola maçônica.

- De verdade? –Levantei a vista, piscando- . Cameron era maçom?

Com um encolhimento de ombros, passou-se uma mão pelo cabelo.

- Rawlings também deveu sê-lo –disse; em que pese a sua óbvia relutância a falar do tema, não podia deixar de estabelecer relações lógicas- . Do contrário não teria sabido disto.- Um comprido dedo tocou o signo da bússola.

Eu não sabia o que dizer a seguir, assim alarguei a mão livre para o registro e, para minha surpresa, ele me deteve isso.

- deixe-me isso um pouco mais, Sassenach –disse- . Há algo muito estranho nesta idéia de um maçom francês vagando pelo River Run, em meio da noite. Eu gostaria de saber que mais diz o doutor Rawlings quando escreve em latim.

97

Questões de sangue

Houve um brilho pardo ante a porta e Adso saiu disprado da encimera, como se alguém tivesse gritado: “Pescado!”. Era segunda de suas paixões: Lizzie, que voltava do abrigo com uma terrina de nata em uma mão, um prato com manteiga na outra e uma grande jarra de leite contra o seio, precariamente sustentada pelas bonecas cruzadas. O gato se enroscou a seus tornozelos como uma corda peluda.

- Nada disso, señorito –lhe disse, alargando a mão para resgatar a jarra de leite.

- Ai, obrigado senhora.- Lizzie relaxou os ombros com um pequeno suspiro- . É que não queria fazer duas viagens.

Estronudó e quis limpá-la nariz com o antebraço, com o que pôs em perigo a manteiga. Eu tirei um lenço do bolso e o peguei ao nariz.

- Encontra-te bem, Lizzie? –Sem esperar resposta, agarrei-a por um braço para rebocá-la até a consulta.

- Estou bem, senhora, de verdade –protestou.

Estava pálida. Lizzie sempre estava pálida, mas esse dia sua pele tinha um matiz estranho que me inquietou. Tinha passado quase um ano desde seu último ataque de malária e, em geral, a via bem, mas...

- Vêem aqui. –Levei-a para um par de tamboretos altos- . Sente-se um momento.

Com óbvia relutância, mas sem atrever-se a protestar, sentou-se com os recipientes em equilíbrio sobre os joelhos. depois de jogar uma olhada ao olhar fixo e predatório do Adso, guardei-os no armário.

Pulso normal. A respiração... bem; não era sibilante nem entrecortada. As glândulas linfáticas da mandíbula estavam inchadas, mas isso não era estranho: a malária as tinha deixado permanentemente dilatadas.

Levantei-lhe uma pálpebra com o polegar para observar o círculo cinza, ansioso. Levianamente estava bem, embora um pouco avermelhado. Mas uma vez mais havia algo estranho em seus olhos, embora me fora impossível determinar o que. Talvez um tinteiro amarelo na parte branca? Agarrei-a pelo queixo para lhe girar a cara para o flanco, sem que resistisse.

- Olá. Tudo bem? –Roger se deteve no vão da porta, com um ar muito grande e muito morto pendurando da mão.

- Um peru! –exclamei, com uma cálida nota de admiração. O peru eu gostava, sim, mas Jaime e Bree tinham matado cinco durante a semana anterior, com o que nossos jantares adquiriam um sotaque de monotonia.

- Disparou-lhe você mesmo? –perguntei, enquanto me aproximava abnegadamente para admirá-lo.

- Não. –Roger tinha a cara avermelhada pelo sol, o entusiasmo ou ambas as coisas- . Golpeei-o na asa com uma pedra –explicou, orgulhoso- . Logo o persegui e lhe parti o pescoço.

- Estupendo. –Meu entusiasmo era um pouco mais autêntico. Quando o limpássemos não teríamos que tirar munições da carne.

passou-se o ar à mão esquerda para me estender a mão direita, envolta em um pano ensangüentado.

- Enquanto lutava com este sofri um pequeno acidente. Poderia...?

Retirei o pano e franzi os lábios ao ver o que havia debaixo. O peru, em sua luta por salvar a vida, tinha-lhe aberto três talhos trincados no dorso da mão. O sangue estava quase coagulado, mas da punção mais fresca surgiam gotas frescas que corriam pelo dedo até cair ao chão.

- OH!, será um segundo. Vêem te sentar. O limiaré Y... Lizzie! Espera um momento!

A moça, que tinha aproveitado a distração para escapar para a porta, deteve-se como se tivesse recebido um balaço nas costas.

- Mas se estiver bem, senhora –rogou- . De verdade, estou boa.

Em realidade só a tinha detido para que se levasse a manteiga e a nata guardos no armário. Para o leite já era muito tarde; Adso estava erguido

sobre as patas traseiras, com a cabeça e os ombros dentro da jarra, da qual surgiam pequenos lhe chape isso O ruído era um eco ao que fazia o sangue do Roger ao cair no chão. E isso me deu uma idéia.

- Me ocorre algo. Volta a te sentar Lizzie. Só quero uma gota de seu sangue.

Lizzie não acostumava desobedecer as ordens de ninguém. Desde muito má vontade, voltou a sentar-se no tamborete junto ao Roger.

- Para que quer sangue? –perguntou com interesse- . Pode tirar da minha toda a que queira. –E levantou sua mão ferida com um grande sorriso.

- É muito generoso –disse, enquanto preparava uma parte de linho e um punhado de portaobjetos- . Mas você não tiveste malária.

- Que eu saiba, não. –Roger observava meus preparativos com profundo interesse.

Lizzie emitiu uma risada desolada.

- Se a tivesse tido saberia, senhor.

- Suponho que sim. –O lhe jogou um olhar compassivo- . É horrível, conforme dizem.

- De verdade. Todos os ossos lhe doem como se os tivesse quebrados por dentro. É como se tivesse fogo nos olhos. de repente te brota o suor a mares e logo vem o frio, como para que lhe partam os dentes de tanto tocar castanholas... –Encolheu o corpo em um estremecimento- . Mas eu acreditava que me tinha passado.

- Isso espero –disse. Com uma parte de pano e álcool destilado, limpei a fundo a gema de seu dedo médio.

Cravei rapidamente a lanceta em sua pele; logo agarrei um portaobjeto e apertei a gema. depois de jogar generosas gotas de sangue em cada uma das três placas de vidro, envolvi-lhe o dedo com o pano e a soltei.

Apressei-me a estirar as gotas com outro portaobjetos limpo e pus os três a secar.

- Isso é tudo, Lizzie –lhe disse, sorridente- . Preparar isto me levará algum tempo.

depois de sacudir o avental, saiu da habitação.

- Dículpame por te fazer esperar –roguei ao Roger, enquanto retirava do armário três pequenos recipientes de terracota.

Não se preocupe. –Observava-me com fascinação.

depois de verificar que as manchas de sangue estivessem secas, deslizei cada placa em um recipiente. Já podia dedicar minha atenção a limpar e enfaixar sua mão ferida, um procedimento singelo.

- Não é tão mau como eu pensava –murmurei, lhe limpando o sangue coagulado nos nódulos- . sangrou o bastante. Isso é bom.

- Se você o disser... –Não fez nenhuma careta, mas manteve a cara volta para a janela.

- Assim se limpam as feridas –expliquei, enquanto aplicava um pouco de álcool- . Não precisarei aprofundar tanto para as desinfetar.

Ele inalou com um forte vaio. Logo, para distrair-se, assinalou com a cabeça os portaobjetos postos a encharcar.

- Falando de sangue, o que pensa fazer com a da senhorita ratita?

- É um experimento. Não sei se funcionará, mas fabriquei algumas

tinturas a base de novelo. Se alguma delas se fixa ao sangue, poderei ver bem as células vermelhas sob o microscópio... e o que contêm.

- O que contêm? - perguntou-me, interessado.

- Plasmodium vivax –respondi-. O protozoo que causa a malária.

- E se pode ver? Eu acreditava que os gérmenes eram muito pequenos, até para o microscópio.

- É pior que Jaime. –Terminei de limpar com a esponja, enxaguar e secar o dorso da mão; na gaze limpa apareciam pequenos emplastos vermelhos-. Falando de sangue –acrescentei como sem interesse-, sabe, por acaso, a que grupo sangüíneo pertence?

Ante isso arqueou uma sobrancelha escura. Ao fim e ao cabo, eu não tinha querido insinuar-lhe subrepticamente; só procurava uma maneira de abordar o tema.

- Sim –disse lentamente-. Sou zero positivo.

- Que interessante –disse. Substituí a parte de gaze por um limpo e comecei a aplicar a vendagem.

- Em que medida é interessante? –perguntou ele.

- Moderadamente.

Retirei os portaobjetos, que jorravam tintura rosada e azul. Pus uma a secar contra a jarra de leite; logo intercambiei os outros dois, colocando o rosado na tintura azul e viceversa.

- Há três grupos sangüíneos principais –disse, enquanto soprava brandamente contra o portaobjeto posto a secar-. Mais, em realidade, mas esses três são os que todo mundo conhece. Dizemos que uma pessoa é de tipo sangüíneo A, B ou O. Como qualquer outra característica, determina-se geneticamente. E como os seres humanos são heterossexuais, em geral, herda de cada um de seus pais a metade dos gens que correspondem a qualquer característica.

- Lembrança vagamente ter estudado isso na escola –disse Roger, cortante-. Mas suponho que agora tem certa importância pessoal, não?

- Não sei. Poderia ser.

O portaobjeto rosado parecia seco; apoiei-o brandamente sob o microscópio e me inclinei para graduar o espelho. Enquanto fazia girar a rodinha de enfoque, olhando pelo ocular, continuei:

- O caso é que esses grupos sangüíneos se relacionam com os anticorpos, uns objetos pequenos, de forma estranha, que as células sangüíneas têm na superfície. Quer dizer: a gente de tipo A tem em suas células uma classe de anticorpos; a gente de tipo B, outra diferente, e a de tipo O não tem nenhum.

de repente apareceram os glóbulos vermelhos, levemente coloridos, como fantasmas redondos e avermelhados. Aqui e lá, uma mancha de rosado mais escuro assinalava o que podia ser um pouco de refugos celulares ou, possivelmente, um glóbulo branco, maior. Mas não havia muito mais. Enquanto retirava de seus banhos os outros portaobjetos, prossegui:

- Se um dos pais dá ao filho o gen do sangue tipo O, e o outro lhe dá o do tipo A, o sangue do menino aparecerá como tipo A, pois o que o exame revela são os anticorpos. Mesmo assim, o menino terá também o gen do tipo O.

Agitei brandamente um dos vidros no ar para secá-lo.

- Meu tipo sanguíneo é 0. Agora bem: sei que o sangue de meu pai era tipo 0. A fim de que tenha aparecido esse tipo, é necessário que seus dois gens tenham sido 0. portanto, o gen A proveio de minha mãe.

Vendo que em suas facções aparecia a familiar expressão de vacuidade, deixei o portaobjeto em um suspiro. Bree, depois de desenhar uns esporos de penicilina por meu encargo, tinha deixado junto ao microscópio seu bloco de papel e seu lápis de grafite. Procurei uma folha em limpo.

- Olhe –disse. E desenhei rapidamente um gráfico.

Henry
00 = Tipo 0

Julia
A? = A ou AB

Claire
0A = Tipo A

- Compreende? –Assinalei com a barra de grafite- . Não sei com certeza o tipo de minha mãe, mas não importa; para que eu tenha o tipo sanguíneo A, ela tem que me haver passado esse gen, pois meu pai não o tinha.

O seguinte portaobjeto estava quase seco; pu-lo em seu sítio e me inclinei para olhar pelo ocular.

- Os tipos sanguíneos, esses anticorpos, podem-se ver pelo microscópio? –Roger, estava a minhas costas, muito perto.

- Não –disse, sem levantar a vista- . Este não tem tanta resolução. Mas se podem ver outras coisas. Ao menos, isso espero.

Movi a rodinha uma fração de centímetro e as células surgiram à vista. Ali estavam os glóbulos vermelhos, grumos rosados em forma de disco; aqui e lá, dentro de algumas destas células. O coração me palpitava de entusiasmo.

- Vêem ver! –exclamei com deleite. E fiz a um lado.

Roger se inclinou, intrigado.

- O que é o que vejo? –perguntou, entortando os olhos.

Plasmodium vivax –respondi, orgulhosa- . Malária. Esses pequenos grumos escuros que estão dentro das células.

Eu ia e vinha, recolhendo os refugos de minhas operações. Quando me agachei para recolher o pano ensangüentado com que ele se envolto a mão, perguntou:

- E sabe o tipo sanguíneo do Bree, certamente.

- Tipo B –disse, com a vista na caixa de ataduras- . Bastante estranho, sobre tudo entre as pessoas brancas. encontra-se principalmente em populações pequenas e bastante isoladas.

- Populações pequenas e isoladas. Os montanhese de Escócia, por exemplo?

Elevei o visto.

- Possivelmente.

Ele assentiu em silêncio; era óbvio que refletia. Logo agarrou o lápis e desenhou lentamente um novo gráfico no bloco de papel.

Claire
A0 = Tipo 0

Jaime
B? = B ou AB

Brianna
0B = Tipo B

- Assim é –assenti a seu olhar interrogativo- . Exatamente.
Ele respondeu com um sorriso irônico. Logo baixou a vista para estudar os gráficos.

- Isso significa que pode averiguá-lo? –perguntou ao fim, sem me olhar- . Com certeza?

- Não. –Com um pequeno suspiro, deixei cair o pano no cesto da roupa suja- . Quer dizer, não posso dizer com certeza se Jemmy for teu, mas possivelmente pudesse dizer com certeza se não o for.

Sua tez tinha perdido o rubor.

- Como é isso?

Bree é tipo B, mas eu sou tipo Isso A. significa que terá um gen B meu gen 0; pode ter dado ao Jemmy qualquer dos dois. Você só pôde lhe dar um gen tipo 0, pois não tem outro.

Assinalei com a cabeça uma série de tubos que estavam perto da janela; o soro que continham resplandecia com um matiz de ouro pardusco ante o sol da tarde avançada.

Pois bem, se Bree lhe deu um gen 0 e você, seu pai, deste-lhe outro gen 0, seu sangue será tipo 0; não terá anticorpos e não reagirá ao soro preparado com meu sangue, com a da Brianna ou a do Jaime. Se Brianna lhe deu seu gen B e você lhe deu 0, aparecerá como tipo B: seu sangue reagirá ante meu soro, mas não ante o do Bree. Em qualquer desses casos o pai poderia ser você... ou qualquer outro de tipo sangüíneo 0. Não obstante, se...

Recolhi o lápis que Roger tinha deixado e, enquanto falava, escrevi lentamente, ilustrando as possibilidades.

Brianna
0B = Tipo B

Roger
00 = Tipo 0

Jemmy
0B ou 00 = Tipo B ou Tipo 0

Mas... –Dava uns toques com o lápis contra o papel- . Se Jemmy resultasse tipo A ou tipo AB, isso significaria que seu pai não era homocigótico do tipo 0. Homocigótico significa que os dois gens são do mesmo tipo, como você.

Apontei as alternativas à esquerda do gráfico anterior.

X	Brianna	Roger
A0/AA/AB/BB/B0/00	B0 = Tipo B	00 = Tipo 0
Jemmy	Jemmy	
AB = Tipo AB	B0 = Tipo B	
A0 = Tipo A	00 = Tipo 0	
0B/B0 = Tipo B		
BB = Tipo B		
00 = Tipo 0		

Vi que a vista do Roger se desviava por um instante para essa X e me perguntei por que o tinha escrito assim. depois de tudo, o outro possível pai não eram um desconhecido qualquer.

- Tenha em conta que o tipo O é muito comum –disse, em tom de desculpa.

- Assim se for tipo O ou tipo B, pode ser meu, mas não teremos a certeza. Em troca, se for tipo A ou AB, teremos a segurança de que não é meu.

- É uma análise muito tosco –disse, tragando saliva- . Não posso... quer dizer, sempre cabe a possibilidade de um engano.

O assentiu sem levantar a vista.

- O há dito ao Bree? –perguntou em voz baixa.

- É obvio. Disse que não queria sabê-lo, mas que o fizesse se você o pedia.

Inclinei-me para o microscópio, de costas a ele, para lhe dar um momento de intimidade.

- ...Quatro, cinco, seis ... –Contava as células infectadas pelo baixo, tratando de soslayar a presença do Roger e a súbita lembrança que tinha surto ao lhe dizer qual era o tipo sanguíneo do Bree.

Aos sete anos tinham extirpado as amídalas. Eu não esqueceria a cara do médico ante o gráfico que tinha na mão, com o tipo sanguíneo da menina e o de seus pais. Frank era tipo A, como eu. E dois pais tipo A não poderiam, em nenhuma circunstância, ter um filho tipo B. O médico olhou a ambos, com a cara contrariada pelo sobressalto... e me olhou com olhos cheios de fria especulação.

Frank, bendita sua alma, também viu essa expressão e disse, com desenvoltura “Minha esposa era viúva; eu adotei ao Bree ao pouco de nascer.” Imediatamente a cara do médico se fundiu em desculpas, enquanto meu marido me estreitava a mão com força atrás das dobras de minha saia. Apertei a mão ao recordá-lo, para lhe devolver o gesto... e o portaobjeto se inclinou de repente, me deixando ante os olhos um vidro impreciso.

Roger se levantou minhas costas. Voltei-me para ele. Sorria, com olhos suaves e escuros como o musgo.

- O sangue não importa –disse em voz baixa- . É meu filho.

- Sim.- Me fez um nó na garganta- . Sei.

Moço preparado

Essa noite soprava um vento frio do este. de repente, uma rajada inflou o couro engordurado que cobria a janela, desprendendo-o por um lado; a forte corrente de ar disseminou os papéis da mesa e inclinou a chama da vela em um ângulo alarmante.

Roger se apressou a pôr a vela fora de perigo e apertou o couro com a palma da mão, enquanto jogava uma olhada sobre o ombro, se por acaso o ruído tivesse despertado a sua esposa e a seu filho. No lar, as brasas despediram uma súbita língua de fogo. Brianna se moveu ante o roce frio em sua bochecha.

Mas se limitou a acurrucarse um pouco mais sob os edredons. O camastro onde Jemmy dormia agora estava amparado pela cama grande; desde esse rincão não se ouvia nada.

Roger revolveu em um pequeno recipiente de haste, cheio de tolices úteis, até encontrar uma tachinha. Cravou-a em seu sítio com o canto da mão, com o que a corrente se reduziu a uma pequena filtração, e logo se agachou para recolher os papéis cansados.

Deixarão que retorne a vaca do Telfer?
Ou não farão nada por mim?

Repetiu mentalmente os versos; ainda os ouvia em voz cascata do Kimmie Clellan.

Era uma canção chamada “ Jaime Telfer of the Fair Dodhead” , uma daquelas balidas antigas, compostas por dezenas de versos e com dezenas de variações regionais, todas as quais se referiam aos esforços do fronteiro Telfer por vingar um ataque contra sua casa, convocando a ajuda de parentes amigos. Roger conhecia três dessas variações, mas Clellan sabia outra, que incluía todo um argumento secundário sobre o Willie, o primo do Telfer.

Kimmie havia dito que só cantava para passar o momento ou para entreter aos anfitriões cujo fogo compartilhava. Recordava todas as canções de sua juventude em Escócia e gostava das interpretar tantas vezes como a gente quisesse, enquanto lhe mantiveram a gargante bem molhada.

O resto dos presentes na casa grande desfrutaram de duas ou três peças de seu repertório; quarta asa começaram a bocejar e piscar; por fim, com os olhos frágeis, murmuraram uma desculpa e se retiraram em massa à cama, enquanto Roger seguia proporcionando Uísque ao velho e o insistia a repetir a canção uma vez mais, para gravá-la letra na memória.

Mas a memória era imprevisível. Era muito mais seguro confiar as coisas importantes ao papel. A pluma raspava brandamente, captando as palavras uma a uma para as cravar como vaga-lumes na página.

Mas eu arriarei a vaca do Telfer

Mau que em que pese a todo escocês...

A vela emitiu um breve chiado ao chegar a um enguiço da mecha. O resplendor vacilou sobre a folha e as letras se esfumaram abruptamente nas sombras, enquanto a chama se reduzia a uma anã azul, como a súbita morte de um sol em miniatura.

-” Mas Willie foi golpeado na cabeça” - murmurou para si-. “ Mas Willie foi golpeado na cabeça, e a espada lhe atravessasse o joelho.”

Brianna se moveu na cama, fazendo ranger as barbas das espiga de milho, e levantou a cabeça com um murmúrio inquisitivo.

-Não se preocupe- sussurrou ele, jogando um olhar inquieto ao camastro do rincão-. Apagou-se a vela. Segue dormindo.

“ Mas Willie foi golpeado na cabeça...”

-Ngm.- Um suspiro e o ruído da cabeça que voltava a cair contra o travesseiro de plumas.

Como um relógio, Jemmy apareceu a seu desde seu próprio ninho de mantas. antes de que Roger pudesse mover-se, Brianna já tinha saído do leito como um míssil teleguiado para arrancar ao menino de seus edredons, atirando de suas roupas com uma só mão.

-Bacinilla!- espetou ao Roger, procurando às cegas com o pé descalço.

Impelido à obediência foto instantânea pela urgência de seu tom, Roger se jogou no chão e moveu o braço em um arco pelo negro vazio, sob a cama.

“ Willie foi golpeado na cabeça... e no joelho, pantorrilha?”

-Aqui está!

Tinha achado o recipiente de terracota. Enviou-o pelo chão para o Bree.

Ela plantou ali ao Jemmy, já nu, enquanto ela murmurava frases alentadoras.

-Bom, tesouro, sim, assim é...

“ willie foi matado na... Não, golpeado.”

-Não quer caca?- E o sacudia brandamente por um ombro.

-Querer caca?- sentiu saudades Roger. Essa curiosa expressão se separou de sua mente os restos do verso-. O que significa isso de “ querer caca” ?

Sua opinião pessoal, apoiada em sua experiência de pai, era que os meninos produzem sua própria caca; mais ainda, nascem em estado de caca e em adiante melhoram muito lentamente. Assim o disse, provocando um olhar mortal por parte da Brianna.

-O que?- exclamou ela, em tom cortante-. Como que nascem em estado de caca?

Tinha uma mão no ombro do Jemmy, para mantê-lo em equilíbrio; a outra lhe rodeava a tripa; o índice desaparecia nas sombras de abaixo, para controlar sua pontaria.

-Caca- explicou Roger-. Parece-me que está claro.

Ela abriu a boca para replicar, mas Jemmy se cambaleou de um modo alarmante, com a cabeça queda sobre o peito.

-Não, não!- exclamou ela, sujeitando-o-. Acordada, bonito! Faz caca!

Essa frase insidiosa se instalou na mente do Roger e substituiu alegremente a metade do verso esfumado.

“ Willie foi sentado a fazer sua caca, e a espada atravessou a bacinilla”

Sacudiu a cabeça para desprender-lhe mas já era muito tarde: as verdadeiras palavras tinham fugido. Já resignado, agachou-se junto à Brianna para ajudá-la.

-Acordada, amigo. Tem que trabalhar.- Levantou o Jemmy o queixo com um dedo e lhe soprou na orelha.

Brianna bocejou, lhe pisquem e carrancuda à luz da vela.

-Bom, se você não gosta de “ fazer caca” , como o dizem em Escócia?- interpelou, irritada.

-Pois... acredito recordar que um amigo perguntava a seu pequeno se queria fazer popó- comentou.

Brianna respondeu com um ruído grosseiro, mas Jemmy moveu as pálpebras.

-Popó- disse com ar sonhador, como se gostasse do som.

-O que mais você goste- resignou-se Brianna, ainda chateada-. Faz caca, faz popó, mas termina com isso, que mami quer dormir.

-Não deveria lhe tirar esse dedo do... hum?- Roger assinalou com a cabeça a parte em questão-. vais provocar lhe algum complexo.

-Com gosto.- Bree se apressou a retirar a mão, com o que o pequeno objeto saltou para cima, apontando diretamente ao Roger sobre o bordo da bacinilla.

-Né, um mom...!- Alcançou a levantar uma mão como escudo, bem a tempo.

-Popó- disse Jemmy, sonriendo com dormitado prazer.

-Moço preparado!- disse Roger, sinceramente.

Uma momentânea surpresa interrompeu o aplauso da Brianna.

Ele também ficou surpreso. Havia-o dito automaticamente e, para ouvir as palavras, por um momento sua voz lhe pareceu alheia. Muito familiar, mas alheia. Era como quando apontava a canção do Clellan, ouvindo a voz do ancião até enquanto formava as palavras com seus próprios lábios.

-Sim, isso, preparado- repetiu com mais suavidade, dando uns tapinhas na cabeça sedosa.

Enquanto Bree deitava ao Jemmy, entre beijos e murmúrios admirativos, ele levou a bacinilla fora para esvaziá-la. Completo esse básico ato higiênico, foi lavar se as mãos no poço antes de voltar para a cama.

-terminaste que trabalhar?- perguntou Bree, sonolenta. E se deu a volta para lhe plantar o traseiro contra o ventre, sem mais cerimônias.

-Por esta noite sim.- Rodeou-a com seus braços e a beijou detrás da orelha.

O sonho estendeu uma manta de torpor até suas orelhas e abriu os pulcros armários de sua mente, dando saída para todos os pensamentos e impressões do dia, que se disseminaram em coloridos montões.

resistiu durante alguns minutos à inconsciência para pinçar entre essas riquezas pulverizadas, com a vaga esperança de achar uma parte da canção do Telfer. Mas o que surgiu de entre os escombros não foi a história do malfadado Willie, a não ser uma voz. Nem a sua nem a do velho Kimmie Clellan.

“ Moço preparado!” , disse, com cálida voz de contralto, tinta de risada. Roger deu um coice.

-O que há dito?- murmurou Brianna.

-Anda... sei preparado- murmurou ele, repetindo as palavras que se formavam em sua memória-. Isso era o que ela dizia.

-Quem?- Brianna girou a cabeça.

-Minha mãe.- Lhe pôs a mão livre na cintura-. Perguntaste-me o que dizíamos em Escócia. Tinha-o esquecido, mas isso era o que ela estava acostumada me dizer. “ Anda, sei preparado.” Ou: “ Precisa ser preparado?”

-de vez em quando falas de seu pai, mas nunca te ouvi mencionar a sua mãe.

-É que não recordo grande coisa dela.

-Que idade tinha quando morreu?- A mão da Brianna foi posar se na sua.

-Pois... quatro anos, acredito. Quase cinco.

-Hum...- Com esse murmúrio compassivo, estreitou-lhe a mão.

-O que.

-É que... estava pensando... se eu morrera agora... Jemmy é tão pequeno que não recordaria nada absolutamente- sussurrou, com as palavras médio apagadas pelo travesseiro.

-claro que sim- contradisse-a ele automaticamente; queria reconfortá-la, até sabendo que tinha razão.

-Você não a recorda, e foi muito major quando a perdeu.

-Mas sim a lembrança- corrigiu ele, cravando a gema do polegar no ponto onde o pescoço se unia ao ombro-. Só que vagos fragmentos. Há umas poucas coisas que recordo com clareza, como o camafeu que estava acostumado a lhe pendurar do pescoço, com suas iniciais desenhadas com diminutas pedras vermelhas. Eram granadas.

É possível que esse camafeu lhe tivesse salvado a vida ao fracassar em seu primeiro intento de cruzar através das pedras.

-Isso é uma coisa, Roger.- A voz do Bree tinha um sotaque de aspereza-. Mas dela, lembra-te? O que saberia Jemmy de mim... ou de ti mesmo... se de nós ficasse só...?- Olhou ao redor em busca de algum objeto adequado-. Seu bodhran e minha navalha?

-Ele saberia muito de nós, e não só pelas coisas que deixássemos, embora lhe servissem de ajuda.

-Como?

-Pois... -Ela havia tornado a relaxar os ombros-. Você estudou um pouco de história, verdade? Sabe o muito que se pode deduzir dos objetos domésticos, tais como pratos e brinquedos.

-Hum...- Ela parecia duvidar, mas talvez só queria que a convencesse.

-E Jem saberia muito de ti através de seus desenhos- assinalou.

-Acredito que isso é verdade- reconheceu ela, lentamente-. Eu gostaria de saber se Jem será músico... ou desenhista.

-É assim como nos conhecerá melhor- disse em troca, reatando a suave massagem-. Quando se estudar a si mesmo.

-Há algo que me intriga. Quando descobriu o do Jaime, quando ambos começamos para buscá-lo... deveu te perguntar como seria. Quando o achou, resultou ser o que imaginava pelo que já sabia dele ou pelo que sabia de ti mesma?

-Não sei- disse-. Não soube então e sigo sem sabê-lo.

-O que significa isso?

-Quando ouve falar de alguém antes de conhecê-lo, a pessoa não é

exatamente como lhe haviam dito nem como imaginava, certamente. Mas tampouco esquece o que tinha imaginado; isso permanece em sua mente e, em certo modo, funde-se com o que descobre ao conhecê-la.- Inclinou a cabeça para diante, pensativa-. Além disso, mesmo que ouve algo de alguém a quem já conhece, isso também afeta sua maneira de vê-lo, não é assim?

-Né? Hum, suponho que sim. Refere-te... a seu outro pai? Ao Frank?

-Suponho que sim.- Ela se moveu sob suas mãos em um encolhimento de ombros-. O que me diz de seus pais, Roger? Seria por isso que o reverendo guardou todas aquelas caixas com suas coisas?, para que mais adiante, ao as ver, soubesse mais deles e as adicionar a suas próprias lembranças?

-Sim, suponho que sim- murmurou ele, inseguro-. De qualquer modo não tenho nenhuma lembrança de meu verdadeiro pai; só me viu uma vez, e por então eu tinha menos de um ano.

-Mas recorda a sua mãe, não? um pouco, ao menos?

A verdade era que nunca tinha feito o intento consciente de recordar a sua mãe. Ao pensá-lo experimentou uma repentina e desacostumada vergonha.

-Ela morreu na guerra, não?- Bree tinha retomado a massagem que ele suspendesse, lhe acariciando a coxa endurecida.

-Sim... nos bombardeios alemães.

-Em Escócia? Eu acreditava que...

-Não. Em Londres.

Não queria falar disso. Nunca tinha falado disso. Entretanto esta noite... sentia um eco da breve angustia do Bree ao pensar que seu filho podia não recordá-la.

-Minha avó materna era inglesa- disse lentamente-. Viúva. Quando mataram a meu pai fomos viver com ela a Londres.

Respirou profundamente. Bree, ao senti-lo, apertou com firmeza as costas contra seu peito.

-Mamãe... minha mãe... era miúda, como a avó. Quer dizer... me pareciam grandes, mas lembrança... lembrança que ficava nas pontas dos pés para retirar coisas da prateleira.

-Como era? Parece-te em algo a ela?

-um pouco- disse ele, lentamente-. Tinha o cabelo escuro, como eu.

A habitação ficou em silêncio, salvo pelo murmúrio do fogo e o suave crepitar dos lenhos. A noite era fria, mas serena; pela manhã haveria névoa; Roger, ao sair, havia sentido a umidade que emanava das árvores, acumulando-se na terra. Mas o interior da casa estava morno e seco.

-Eu estava com ela- disse Roger em voz baixa.

Estava de costas, com a vista perdida nas vigas, apenas visíveis para seus olhos adaptados à escuridão.

-O que? Com quem?- A pausa do sonho era perceptível na voz do Bree, mas a curiosidade a espabilou um instante.

-Com minha mãe. E minha avó. Quando... a bomba.

Ela girou abruptamente a cabeça, consciente de sua tensão, mas Roger seguiu com a vista cravada nas vigas escuras, sem piscar.

-me quer contar isso A mão da Brianna encontrou a sua e a estreitou. Ele não estava seguro de querer fazê-lo, mas assentiu.

-Suponho que lhe devo isso. Reconheceu-. Era de noite. Soaram os alarmes anti-aéreos. Eu sabia o que significavam, mas sempre morria de medo. Não havia tempo de vestir-se. Mamãe me arrancou da cama e me pôs o casaco sobre o pijama. Logo corremos escada abaixo, para o refúgio mais próximo.

Para eles, o refúgio mais próximo era a estação do metro, ao outro lado da rua.

-Era estimulante.- Viu a gente apinhada, ouviu os gritos dos guardas sobre o ruído da multidão-. Tudo vibrava: o chão, as paredes, o ar mesmo.

Fazendo trovejar os pés nos degraus de madeira, correntes de refugiados se equilibravam para as vísceras da terra: ao primeira plataforma, ao de mais abaixo e ao seguinte, como se cavassem para um lugar seguro. Havia pânico, mas pânico ordenado.

-As bombas podiam atravessar quinze metros de terra, mas as plataformas mais abaixo eram seguras.

Ao chegar ao pé do primeiro lance, correndo empurrando uns com outros por um breve túnel de azulejos brancos, até o batente da escada seguinte. Ali havia um espaço amplo; a multidão se formou redemoinhos nele, cheia pela pressão de quão refugiados provinham do outro túnel, e se reduziu um pouco, pois só uma pequena parte podia apinhar-se no lance seguinte.

-Havia um muro que rodeava o batente da escada. A avó temia que me esmagassem contra ela, pois a gente descia no turba da rua, empurrando desde atrás.

Nas pontas dos pés, com o peito apertado contra o cimento, alcançava a olhar por cima do muro. Abaixo, as luzes de emergência formavam linhas seguidas ao longo dos muros e pintavam franjas na multidão.

-A pouca distância se ouviu um grande golpe. Vi que as luzes tremiam. Logo se ouviu um ruído como de algo que se rasgasse ali acima. Todo mundo levantou a vista e começou a gritar.

A greta aberta no teto não parecia muito alarmante: apenas uma linha negra que serpenteava como uma víbora em um quebra-cabeças, seguindo as linhas dos azulejos. Mas se alargou súbitamente e deixou entrar uma corrente de pó e pedras.

-Ela me soltou- disse, em um sussurro estrangulado-. Soltou-me a mão.

Piscou com força, tratando de controlar sua respiração, enquanto recompunha os fragmentos destroçados dessa noite. Confusão, frenesi, dor... mas o que tinha acontecido em realidade? Não guardava a não ser uma impressão de caos. Mas tinha sobrevivido a todo isso; devia saber o que tinha acontecido. Só tinha que decidir-se a revivê-lo.

Roger fechou os olhos e deixou que acontecesse.

-Ao princípio não o recordava- murmurou ao fim-. Quer dizer, sim, mas recordava somente o que me tinham contado.

Não tinha lembrança algum de que o tivessem levado através do túnel, inconsciente, nem das semanas que tinha passado depois do resgate, transladado com outros órfãos de refúgio em refúgio, de lar em lar, emudecido pelo terror e o desconcerto.

-Sabia meu nome e minha direção, certamente, mas nessas circunstâncias não servia de muito. Meu pai já tinha morrido. Mesmo assim, quando as organizações de socorro localizaram ao irmão de minha avó o reverendo, já tinham conseguido averiguar o que aconteceu no refúgio.

“ Foi um milagre que eu não morrera com todos os que pereceram nessa escada”, disseram. Disseram que minha mãe devia me haver perdido no meio do pânico, que a multidão devia me haver miserável escada abaixo. Foi assim como acabei no nível inferior, onde o teto resistiu.

-Mas agora recorda o que aconteceu?- perguntou em voz baixa.

-Recordava, sim, que ela me tinha solto a mão. Por isso pensei que o resto também era verdade. Mas não foi assim. Ela me soltou a mão.

As palavras surgiam agora com mais facilidade; a opressão da garganta e o peito tinha desaparecido.

-Soltou-me a mão... e logo me levantou. Essa mulher miúda... levantou-me para me arrojear por cima do muro, para a multidão que enchia a plataforma de abaixo. Acredito que me desvaneci pela queda... mas lembrança o rugido com que cedeu o teto. Dos que estavam nessa escada não sobreviveu ninguém.

-Está bem- sussurrou-lhe, com voz rachada; a luz do fogo arrebeitava em manchones estrelados através das lágrimas-. Não esqueceremos. Nem Jem nem eu. Aconteça o que acontecer, não esqueceremos.

99

Irmão

A neve começava a fundir-se. Eu estava indecisa entre o prazer que me causava o degelo e o palpitar da primavera na terra..., e a preocupação pela perda da barreira glacial que nos protegia, ao menos temporalmente, do mundo exterior.

Jamie não tinha trocado de idéia. Dedicou toda uma velada a redigir cuidadosamente uma carta ao Milford Lyon. Dizia que já estava preparado para estudar a venda de seus produtos (leia-se uísque ilegal), tal como o senhor Lyon lhe tinha proposto; agradava-lhe dizer que já dispunha de uma quantidade considerável. Entretanto, preocupava-lhe a possibilidade de que sua mercadoria sofresse algum percalço na entrega (quer dizer, que fora interceptada pelas autoridades alfandegárias ou escamoteada no trajeto), pelo qual desejava alguma segurança de que seria transportada por um cavaleiro de reconhecida capacidade para essas operações.

O senhor Priestly, seu bom amigo do Edenton (a quem, certamente, não tinha visto nunca em sua vida), assim como o senhor Samuel Cornell, com quem tinha tido a honra de trabalhar no Conselho de Guerra do governador, asseguravam-lhe que o mais capaz para tais empresas era certo Stephen Bonnet, cuja reputação era inigualável. Se o senhor Lyon estivesse disposto a acordar uma entrevista com dito senhor Bonnet, a fim de que Jamie se formasse uma impressão própria quanto a fiabilidade do negócio proposto, nesse caso...

-Crie que aceitará?- perguntei.

-Se conhecer o Stephen Bonnet ou pode localizá-lo, sim, fará-o. Priestly e Cornell são nomes que têm um efeito mágico.

-E se localizar ao Bonnet...

-irei reunir me com ele.

A carta ao Lyon foi despachada através do Fergus, e eu tratei de não seguir pensando nela. Mesmo assim o assunto continuava espreitando nos rincões de minha mente. O dia em que, ao retornar de atender um parto, encontrei um montão de cartas no escritório do Jamie, o coração me pôs na garganta.

Graças a Deus não havia resposta do Milford Lyon. De qualquer modo tivesse ficado rapidamente eclipsada, pois entre o montão de correspondência havia uma carta dirigida ao Jamie, com a forte letra negra de sua irmã.

Logo que pude me conter para não abri-la imediatamente, se por acaso continha alguma recriminação hiriente, a fim de arrojá-la diretamente ao fogo antes de que Jamie pudesse vê-la. Prevaleceu a honra: consegui me conter até que retornou-se Salem. Uma vez informado do que tinha chegado, lavou-se apressadamente a cara e as mãos antes de ir a seu estudo. depois de fechar cautelosamente a porta, rompeu o selo.

Jenny Fraser Murray escrevia com mão hábil; sua letra era redonda e elegante; as linhas, retas e facilmente legíveis.

16 de setembro de 1771

Irmão:

Bem. Depois de ter pego a pluma para escrever esta única palavra, fiquei-me contemplando-a até que a vela se consumou dois ou três centímetros, sem idéia alguma de como continuar. Continuar assim seria esbanjar a cera de abelha, mas se apagar a vela e vou à cama terei arruinado uma folha de papel sem utilidade alguma. Por ende, a economia me obriga a continuar.

Poderia te encher de recriminações. Assim utilizaria a página, além de preservar o que meu marido gosta de qualificar como as maldições mais horríveis que tenha tido o privilégio de escutar em sua larga vida. Isso seria proveitoso, pois em seu momento tomei grandes moléstias para as compor e eu não gostaria que esses esforços se perdessem. Mesmo assim, acredito que o papel disponível não é suficiente para todas elas.

Além disso penso que talvez não convém te arreganhar nem te condenar, depois de tudo, pois poderia interpretá-lo como justo castigo e, desse modo, considerar que já expiaste seu crime, com o que deixaria de te castigar a ti mesmo. A penitência seria muito simples. Se tiver tecido seu próprio cilício, prefiro que continue usando-o, e oxalá te esfole a alma como a perda de meu filho esfolia a minha.

em que pese a tudo, suponho que se escrevo é para te perdoar. Sei que algum propósito tinha ao agarrar a pluma e, embora o perdão me parece com a presente uma empresa muito duvidosa, suponho que a idéia me fará mais cômoda com a prática.

Suponho que te perguntará o que me conduziu a realizar este ato, de modo que lhe direi isso.

na segunda-feira passada saí cedo para visitar o Maggie; teve outro bebê, de modo que tornaste a ser tio; trata-se de uma preciosa menina chamada Angélica. Ao entardecer empreendi a volta, mas depois de percorrer um trecho minha mula pisou na entrada à toca de uma toupeira e caiu. Tanto a arreios como eu nos levantamos algo coxas; era óbvio que não poderia montar à besta e que não chegaria muito longe se continuava a pé.

Encontrava-me na estrada Auldearn, depois de ter subido a costa desde o Balriggan. Normalmente não procuro nenhum contato com o Laogharie Mackenzie (pois reassumiu esse nome, depois de ter expresso eu no distrito meu desgosto por vê-la utilizar o do Fraser, ao que não tinha direito), mas se aproximava a noite, ameaçava chuva e sua casa era o único lugar onde podia encontrar teto e comida. De modo que desensillei a mula e, deixando que se procurasse seu jantar à beira do caminho, parti coxeando em busca da minha.

Desci por detrás da casa, mais à frente do estábulo, e cheguei a pérgola que você construiu. A estas alturas as trepadeiras cresceram tanto que não se via nada, mas soube que havia alguém ali, pois se ouviam vozes.

Então começou a chover. Era só uma garoa, mas o tamborilo contra as folhas deveu afogar minha voz, pois ninguém respondeu a minha chamada. Aproximei-me um pouco mais, e quando estava a ponto de chamar uma vez mais, ouvi os ruídos de uma estranha hochmagandy dentro da pérgola.

-Hochmagandy?- Olhei ao Jaime com as sobrancelhas arqueadas em gesto de pergunta.

-Fornicação- esclareceu ele, lacônico.

Pareceu-me que o melhor era ficar quieta. Por isso alcançava a oir, a que se abria de pernas era Laoghaire, mas não tinha nem idéia de quem podia ser seu companheiro. Como tinha o tornozelo mais inchado que uma bexiga, não podia caminhar muito mais. De modo que me vi obrigada a esperar sob a chuva, escutando toda essa inonesté.

Se o te cortejarem tivesse sido um homem de distrito, eu o teria sabido, mas não tinha notícias de que aceitasse cuidados de ninguém, embora vários o tivessem tentado; depois de tudo, ela é a proprietária do Balrigger e vive como uma grande senhora com o dinheiro que você lhe envia.

Escutar aquilo me encheu de indignação, mas mais ainda me surpreendeu descobrir a causa daquilo. Que minha fúria era por ti, por irracional que resulte, dadas as circunstâncias. Mesmo assim, depois de ter descoberto semelhante emoção em meu peito, vi-me obrigada a reconhecer que meus sentimentos por ti não tinham perecido de tudo, na verdade.

Aqui se interrompia o texto, como se Jenny tivesse tido que atender algum assunto doméstico. Na página seguinte se reatava com outra data.

18 de setembro de 1771

de vez em quando sonho com o jovem Ian...

-O que?- exclamei-. Que jovem Ian nem jovem Ian! Com quem estava Laoghaire?

-Já eu gostaria de sabê-lo- murmurou Jamie.

de vez em quando sonho com o jovem Ian. Frequentemente, esses sonhos adquirem a forma da vida cotidiana; vejo-o aqui, no Lallybroch; mas ocasionalmente sonho com sua vida entre os selvagens... se é que de verdade ainda vive.

Agora compreendo que, ao fim de contas, tudo se reduz ao mesmo com o que comecei, essa única palavra: "Irmão." É meu irmão, tal como o jovem Ian é meu filho. Se ter perdido a meu filho amargura os sonhos, te haver perdido me amargura os dias, Jamie.

Passei-me a manhã escrevendo cartas e me perguntando se terminaria

esta, ou a jogaria no fogo. Mas as contas já parecem, tenho escrito a todo mundo e as nuvens se foram, de modo que o sol brilha através da janela e sobre mim cai a sombra das rosas de nossa mãe.

Muitas vezes, ao longo destes anos, ouvi ouvir a voz de minha mãe. Mas neste caso não preciso escutá-la para saber o que me diria. Por isso não arrojarei isto ao fogo.

Recorda, verdade?, o dia em que rompi a jarrita do leite ao lhe arrojar isso à cabeça, um dia em que me estava chateando. Sei que o recorda, pois uma vez o mencionou ao Claire. Eu vacilava em admitir o delito e você assumiu a culpa, mas pai sabia a verdade e castigou a ambos.

Agora sou dez vezes avó e tenho o cabelo cinza, mas ainda me ardem as bochechas de vergonha e me encolhe o estômago quando recordo aquilo: pai fez que nos ajoelhássemos juntos para nos dar uns açoites.

Você chiava e grunhia como um cachorrinho enquanto te pegava; eu logo que podia respirar e não me atrevia a te olhar. Logo me tocou o turno, mas estava tão alterada pelas emoções que logo que senti os golpes. Sem dúvida, ao ler isto dirá, indignado, que foi só porque pai me tratou com mais suavidade, por ser uma menina. É possível que sim e é possível que não; reconheço que Ian é mais tenro com suas filhas.

Esse dia jurei que não voltaria a ser covarde.

E agora vejo que é covardia continuar te culpando pelo do Ian. Sempre soube o que significa amar a um homem, seja marido ou irmão, amante ou filho. E é perigoso.

Os homens irão onde lhes agrade e farão o que devam; não corresponde à mulher lhes pedir que fiquem, nem lhes fazer recriminações por ser o que são... ou por não retornar.

Sabia quando enviei ao Ian a França, sabia quando te vi partir para o Leoch, com a esperança de que não se esquecesse do Lallibroch nem de mim. Sabia quando o jovem Jamie nadou para a ilha das focas, quando Michael se embarcou para Paris. E deveria havê-lo sabido, também, quando o pequeno Ian se foi contigo.

Mas sempre tive sorte, pois meus homens voltaram para mim sempre. Já estivessem mutilados ou queimados, coxos, desfeitos ou em farrapos, sempre retornaram. Cheguei a supor que era meu direito. E isso foi um engano.

Da sublevação vi muitas viúvas. Não sei por que supus que estava isenta desses sofrimentos, que devia ser quão única não perdesse a nenhum de seus homens e só a um de seus pequenos. Justamente por ter perdido ao Caitlin amei tanto ao Ian, pois sabia que era meu último filho.

Ainda o considerava meu menino, em vez de reconhecer que era um homem. E sendo assim as coisas, sei muito bem que, até se você tivesse podido retê-lo, não o teria feito, pois você mesmo é outra dessas condenadas criaturas.

Agora cheguei quase ao final desta página e me parece um esbanjamento começar outra.

Mãe te amou sempre, Jamie. Quando compreendeu que ia morrer me mandou chamar e me encomendou cuidar de ti. Como se eu pudesse deixar de fazê-lo jamais.

Seu muito afetuoso e amante irmana,
Janet Floresce Arabella Fraser Murray

Jamie reteve o papel um momento; logo o baixou com muita suavidade e apoiou a cabeça entre as mãos, de modo que eu não podia lhe ver a cara. Tinha os dedos enredados no cabelo e se massageava a frente, movendo lentamente a cabeça. Sua respiração se ouvia um pouco entrecortada.

Por fim deixou cair as mãos para me olhar, piscando, intensamente avermelhado e com lágrimas nos olhos. Sua expressão era muito estranho; nela se mesclavam o desconcerto, a fúria e a risada, que era apenas mais visível.

-OH!, Deus- disse. secou-se os olhos com o dorso da mão-. OH!, Cristo, como diabos o consegue?

-O que?- Tirei um lenço limpo do sutiã para dar-lhe

-Fazer que me sinta como se fora em menino de oito anos. Em cima, idiota.

A carta do Jenny me encheu de alegria e aliviou grandemente o coração do Jamie. Ao mesmo tempo, seguia sentindo uma grande curiosidade com respeito ao incidente que ela tinha começado a descrever. Sabia que a do Jamie era até maior, mas ele se cuidava muito de dizê-lo.

Uma semana depois chegou uma carta de seu cunhado Ian; essa não mencionava absolutamente a aventura do Jenny perto do Balriggan, nem o descobrimento feito em ãa pérpola.

-Não poderia escrever para lhes perguntar?- insinuei delicadamente-. Ao Ian ou ao Jenny?

-Não poderia- respondeu ele, com firmeza-. depois de tudo não é meu assunto, verdade? Se essa mulher foi alguma vez minha esposa, hoje não o é. E se quer ter um amante, é assunto dele.

No que me tinha contado de seu breve matrimônio com o Laoghair MacKenzie nada insinuava que sentisse atração física por ela. Havia-a desposado por solidão, ou ao menos isso me havia dito. E eu lhe acreditava. Era homem de honra e eu compreendia sua solidão, pois tinha padecido a própria. Em geral eu conseguia esquecer que tinha compartilhado o leito do

Laoghaire, breve e insatisfatoriamente, conforme dizia ele. Mas não esquecia que ela tinha sido e ainda era uma mulher bastante atrativa. O qual me induzia a lamentar que Jenny Murray não tivesse encontrado outra inspiração para trocar de sentimentos com respeito a seu irmão.

Jamie passou o resto do dia calado e abstraído, embora voltou a mostrar-se sociável quando, depois do jantar, Fergus e Marsali vieram com os meninos a nos fazer uma visita. Enquanto ele ensinava ao Germain a jogar às damas, Fergus repetia para o Roger a letra de uma balada que tinha aprendido nos becos de Paris. As mulheres nos sentamos junto ao lar para costurar roupa de bebê, tecer escarpines e, em honra do embaraço do Marsali e o compromisso do Lizzie, nos entreter mutuamente com arrepiantes anedotas do parto.

Já era tarde quando nos deitamos. Jamie estava recostado contra o travesseiro, com as mãos cruzadas detrás da nuca. Para frio, o bastante como para que os cristais da janela se empanassem com nosso fôlego, mas ele não se pôs camisa de dormir. Enquanto me escovava o cabelo pude admirar o espetáculo.

Embora se tinha reposto bem da mordida de serpente, ainda estava mais magro que de costume; isso permitia ver o arco elegante da clavícula e os músculos largos do braço, osso a osso. A pele do peito estava bronzeada ali onde estava acostumado a deixar a camisa aberta.

-A luz da vela te favorece, Sassenach- disse, sorrindo.

-O mesmo pensava eu de ti- disse, enquanto deixava a escova para me levantar.

-Deixemo-la acesa, pois. -Ele alargou uma mão para me impedir que a apagasse. Sua mão rodeou minha cintura, me atraindo-. Vêem a cama e deixa que te olhe. Eu gosto de como se move a luz em seus olhos, como o uísque quando o verte sobre o haggis e logo lhe prende fogo.

-Que poético- murmurei.

Mas não fiz remilgos quando ele me abriu espaço e me tirou a camisa. A habitação estava o bastante fria como para que me encolhessem os mamilos, mas a pele de seu peito era um calor delicioso contra meus peitos. Ele me estreitou com um suspiro de prazer...

Muito mais tarde despertei na escuridão, ao sentir outra vez suas mãos sobre mim. Como ainda estava gratamente dormitada, permaneci inerte, deixando que fizesse sua vontade. Minha mente estava apenas sujeita à realidade; demorei um pouco em notar que havia algo desconjurado, e mais ainda em limpar a mente.

Ele estava curvado pela metade sobre mim, com a cara médio iluminada pelo resplendor do lar. Tinha os olhos fechados e o sobrecenho um pouco franzido; respirava pelos lábios entreabertos. movia-se quase mecanicamente. Perguntei-me, atônita, se era possível que o estivesse fazendo em sonhos.

Acariciava-me de um modo estranho, monótono, como quem realiza uma tarefa repetitiva. O contato era mais que íntimo, mas também impessoal.

de repente, sem abrir os olhos, retirou o edredom que me cobria e me separou as pernas com uma brutalidade nada habitual nele. Fechei instintivamente as pernas e me escapuli. Então me plantou as mãos nos ombros e me apartou as coxas com o joelho para me possuir com rudeza.

Meu agudo chiado de protesto fez que abrisse os olhos. Olhou-me. Suas pupilas estavam apenas a dois ou três centímetros das minhas, desfocadas. Logo cobraram abrupta consciência. Ficou petrificado.

-Quem diabos te crie que sou?- disse, em voz baixa e furiosa.

Ele se separou de mim para lançar-se fora da cama; os cobertores caíram ao chão enquanto desprendia sua roupa do perchero. Alcançou a porta em dois passos e saiu dando uma portada.

Esfreguei-me a cara com as mãos, tratando de espabilarme. Acaso era eu a que sonhava?

Não. Era ele. Médio dormido (ou de tudo) tinha-me tomado pela maldita Laoghaire. Nenhuma outra coisa podia explicar o que me houvesse meio doido com essa desagradável impaciência, tinta de cólera. Obviamente era impossível voltar a conciliar o sonho. Passei alguns minutos contemplando as sombras entre as vigas, mas ao fim me levantei para me vestir.

O pátio estava triste e frio sob a lua. Nada se movia e o vento não era mais que um suspiro entre os pinheiros. Mas a certa distância se ouvia um ruído débil e regular. Caminhei cuidadosamente para ele, na escuridão.

A porta do celeiro estava aberta.

Apoiei-me no marco, cruzada de braços, enquanto ele ia de um lado a outro amontoando o feno sob o claro de lua, para descarregar os nervos. meus ainda me palpitavam nas têmporas, mas começaram a ceder enquanto o observava.

Ele sabia que eu estava ali; notei-o pela forma em que mantinha a cabeça volta para outro lado. Por fim cravou a forquilha no montão e foi sentar se em um banco feito com o meio tronco, a cabeça entre as mãos e os dedos esfregando violentamente o cabelo.

Quando me olhou sua expressão estava a meio caminho entre o desconcerto e uma relutante diversão.

-Não entendo.
-O que?- fui sentar me perto dele, com as pernas encolhidas sob o corpo.
-Nada, Sassenach- respondeu secamente, me olhando de soslaio.
-Tão mal estão as coisas?- A maneira de prova, deslizei-lhe uma mão pelas costas.

Ele soltou um profundo suspiro.

-Quando tinha vinte e três anos, não compreendia que ao olhar a uma mulher me derretessem os ossos e ao mesmo tempo me sentisse capaz de dobrar o ferro com as mãos. Aos vinte e cinco, não compreendia como se podia adorar a uma mulher e querer violá-la, tudo de uma vez.
-A uma só mulher?- perguntei.

E obtive o que procurava: curve-a em sua boca e um olhar que me atravessou o coração.

-Uma sozinha- confirmou. Estreitou-me com força a mão que eu tinha posado sobre seu joelho, como se temesse que eu a arrebatasse-. Só uma. E isso é o que não entendo tampouco agora. Amo-te, a nighean donn. Amei-te do momento em que te vi e te amarei até que se acabe o tempo.

Percorreu-me uma quebra de onda de calor mas, antes de que pudesse responder, ele se voltou a me olhar, com uma consternação tal que resultou quase cômica.

-E se as coisas são assim, Claire, por que quero abordar o primeiro navio que zarpe para Escócia, para procurar um homem a quem não conheço e matá-lo, só por deitar-se com uma mulher sobre a qual não tenho nenhum direito e a que alguma vez pude suportar durante mais de três minutos?

Descarregou o punho contra o tronco e a madeira vibrou sob minhas nádegas.

-Não o entendo, não!

Contive o impulso de lhe dizer: “Acaso crie que eu sim?” Em troca me limitei a lhe acariciar muito brandamente os nódulos com o polegar. Não era tanto uma carícia como um gesto de consolo, e assim o interpretou ele. Ao fim suspirou profundamente e se levantou.

-Sou um parvo- disse.

-Talvez. Mas não irá a Escócia, verdade?

Em vez de responder, levantou-se para passear-se de um lado a outro, chutando com mau humor os grumos de barro seco. Não era possível que estivesse pensando... Custou-me manter a boca fechada, mas aguardei com paciência até que ele se deteve frente a mim.

-De acordo- disse, como se fora uma declaração de princípios-. Não sei

por que me irrita que Laoghaire procure a companhia de outro... Não, isso não é verdade: sei muito bem. E não é por ciúmes nem... Bom, sim, mas isso não é o principal.

Olhou-me como se me desafiasse a contradizê-lo, mas eu não abria a boca. Então respirou profundamente, com a cabeça baixa.

-Bem, devo ser sincero.- Apertou os lábios um momento. Logo estalou, me olhando-. por que? O que encontra nele?

-Quem em quem? Laoghaire no homem que...?

-É que ela detestava o sexo!- interrompeu-me-. Talvez eu cria ser melhor do que sou... ou você me adula... -Cravou-me um olhar que tratava de ser fulminante, mas acabou em desconcerto-. Sou... sou...?

Eu não sabia se esperava que eu respondesse: “ Sim que o é!” ou “ Não, nada disso!” . Contentei-me com um sorriso que dizia ambas as coisas.

-Bem, bem- reconheceu, a contra gosto-. Nunca acreditei que fora por minha culpa. E antes de nos casar eu gostava o bastante. Eu pensava que possivelmente lhe desgostavam os homens em geral ou o ato em si. E nesse caso... pois não era tão grave, porque não era minha culpa, embora me sentia na obrigação de arrumar isso...

Perdeu-se em seus pensamentos, com o cenho enrugado. Logo reatou, suspirando:

-Mas talvez me equivocava. Possivelmente fora culpa minha, sim. E isso é o que agora me atormenta.

Eu não sabia bem o que lhe dizer, mas era óbvio que devia dizer algo.

-Acredito que não era tua culpa- assegurei-. Era um problema dela. Embora talvez prejuízo. Ao fim e ao cabo tratou de me matar.

-O que?- deu-se a volta, estupefato.

-Não sabia? Ah...- Tratei de recordar se o tinha contado. Não, provavelmente não. Entre uma coisa e outra, então não me pareceu importante. Pensava que não voltaria a vê-la. E depois..., depois perdeu toda importância. Expliquei-lhe brevemente que aquele dia, no Cranesmuir, Laoghaire fazia que me reunisse com o Geillie Duncan, sabendo perfeitamente que a foram prender por bruxaria, com a esperança de que me prendessem também, como logo aconteceu.

-Essa cadela maldita!- exclamou, mais atônito que outra coisa-. Não, não sabia uma palavra disso. Sassenacha!, crie que me teria casado com ela, se o tivesse sabido?

-Então, só tinha dezesseis anos- aduzi; dadas as circunstâncias, podia ser tolerante e perdoar-. Talvez não esperava que nos julgassem nem que o tribunal queria nos queimar vivas. Possivelmente só pensou que, se me acusavam de bruxa, você perderia interesse em mim.

Ao menos ao lhe revelar esse engano tinha conseguido distrai-lo.

Sua única resposta foi um bufido. Durante um momento se passeou de um lado a outro, inquieto, fazendo ranger a palha pulverizada. Por fim se deteve com um enorme suspiro e apoiou uma mão no banco, a cabeça em meu ombro.

-Perdoa- sussurrou.

Abracei-o para estreitá-lo com força contra mim, até que voltou a suspirar e os nós de seus ombros se relaxaram. Então o soltei. Ele ficou de pé e me ofereceu a mão.

Fechamos a porta do celeiro para voltar para casa, da mão e em silêncio.

100

Baleia morta

Por volta de finais de março, os caminhos que descendiam da montanha já estavam transitáveis. Como ainda não havia notícias do Milford Lyon, depois de alguma discussão se decidiu que Jamie e eu, com a Brianna, Roger e Marsali, viajaríamos ao Wilmington, enquanto Fergus levava os informe das medições topográficas a New Bern, para arquivá-los e registrá-los formalmente.

As moças e eu compraríamos as provisões que nos tinham esgotado durante o inverno, enquanto Roger e Jamie faziam discretas averiguações sobre o Milford Lyon... e Stephen Bonnet. Fergus se reuniria conosco assim que tivesse terminado com o dos relatórios topográficos.

Uma vez localizado o senhor Bonnet, Jamie e Roger iriam ao lugar onde realizava seus negócios e se alternariam para matá-lo a tiros ou atravessá-lo com a espada, depois do qual retornariam às montanhas.

O calor aumentava grandemente conforme descendíamos para a costa. Conseguimos alojamento em uma estalagem pequena e podada, um pouco afastada do mole. Era relativamente troça e cômoda, embora algo pequena e escura.

-por que não têm mais janelas?- grunhiu Brianna, depois de tropeçar com o Germain na escuridão do patamar.

-Imposto às janelas- informou-lhe Roger.

-O que? A Coroa cobra impostos às janelas?

-Sim. Às pessoas deveria lhe preocupar mais isso que os selos ou o chá, verdade? Mas ao parecer estão acostumados.

As moças, os meninos e eu dedicamos vários dias a fazer compras, enquanto Roger e Jamie mesclavam os negócios com o prazer em diversos botequins. Já tinham terminado com a maioria de seus recados e Jamie obtinha um pequeno, mas útil ingresso adicional mediante o jogo de naipes e as apostas nas carreiras de cavalos, mas do Stephen Bonnet só tinham sabido que não o via pelo Wilmington desde fazia alguns meses.

Mais avançada a semana, começou a chover até o ponto de ter que passar dois dias encerrados. Marsali ficava levantada até entrada a noite, escutando as rajadas e rezando o rosário ou jogando às cartas com o Jamie, para distrair-se.

-Fergus disse que viria de New Bern em um navio grande? O Octopus? Soa a navio de bom tamanho, verdade, papai?

-OH!, sim. Mas acredito que os paquetes também são muito seguros. Não, não descarte essa, moça. Tira o três de espadas.

-Como sabe que tenho o três de espadas?- inquiriu ela, com um gesto suspicaz-. E isso dos paquetes não é verdade. Sabe tanto como eu. Anteontem vimos os restos de um no fundo da rua Elm.

-Sei que tem o três de espadas porque eu não o tenho- disse-lhe Jamie, apoiando sua mão de cartas contra o peito-. E as outras espadas já estão todas na mesa. Além disso, Fergus poderia vir por terra, não em navio.

Uma rajada sacudiu as venezianas.

-Outro motivo para não ter janelas- comentou Roger, enquanto olhava a mão do Marsali por cima de seu ombro-. Jamie tem razão: te descarte o três de espadas.

-Ouça, segue você. Eu devo atender ao Joanie.- levantou-se súbitamente e, depois de pôr as cartas nas mãos do Roger, correu à pequena habitação vizinha, que compartilhava com seus filhos. Eu não tinha ouvido chorar ao Joanie. Acima se ouviu um golpe forte e lhe chiou: um ramo que cruzava o telhado. Todos levantamos a vista. Por debaixo do alarido do vento se ouvia o rumor oco do fluxo, que fervia sobre as restingas inundadas, castigando a costa.

Pela manhã tinha espaçoso e desde mar chegava uma brisa fresca, que cheirava a lavanda marítima, a pinheiros... e trazia o forte fedor de uma besta marítima apodrecendo-se ao sol. O mole ainda mostrava uma deprimente ausência de mastros. Não havia navios grandes ancorados ali, nem sequer um queche ou um paquete, embora o porto do Wilmington fervia de botes, balsas, canoas e pirettas.

Uma delas detectou a nosso pequeno grupo, desconsolado no mole, e se lançou para nós. Os remadores elevaram a voz para nos perguntar se necessitávamos transporte. Ao inclinar-se Roger para rechaçar cortesmente

o oferecimento, a brisa do porto lhe arrebatou o chapéu, que foi posar se na espuma das águas parduscas, girando como uma folha.

A embarcação se desviou imediatamente para o chapéu flutuante e um dos remadores o trespassou com a ponta do remo, para levantá-lo em um gesto triunfal. Mas quando a piretta se aproximava do mole, a expressão jubilosa de barqueiro se transformou em estupefação.

-MacKenziel- exclamou-. Que me agarram em um palito de dentes se não ser ele!

-Duff! Duff, velho amigo!- depois de agachar-se para recolher seu chapéu, Roger ofereceu a mão a seu conhecido.

Duff subiu agilmente ao mole e estreitou ao Roger em um abraço viril. Outros observavam cortesmente esse encontro.

-Conhece-o?- perguntei a Brianna, que examinava ao velho amigo de seu marido com ar dúbio.

-Acredito que esteve embarcado com o Roger- replicou.

-Mas que pintas tem, homem!- exclamou o remador, dando um passo atrás. passou-se alegremente a manga pelo nariz-. Jaqueta de grande senhor, e que botões! E o chapéu! Mas se for tão posto que até a mierda te escorregaria!

Roger, rendo, agachou-se para recolher o chapéu empapado. depois de golpeá-lo contra a coxa para desprender uma fibra de alga, entregou distraidamente ao Bree, que continuava observando ao senhor Duff com bastante desconfiança.

-Minha mulher- apresentou-a. Logo nos abrangeu em um gesto-. E sua família. O senhor James Fraser, a senhora Fraser... e a irmã de minha mulher, que também é dos MacKenzie.

-Um servidor, senhor... senhoras.- Duff se inclinou ante o Jamie, apoiando um dedo no horrível objeto que tinha na cabeça, breve amostra de respeito. Logo olhou a Brianna e um largo sorriso lhe estirou os lábios-. Ah, assim que te casaste com ela; tiraste-a que suas calcinhas, já vejo.- Com uma cotovelada familiar às costelas do Roger, reduziu a voz a um rouco sussurro-. Teve que pagar ao pai por ela... ou ele te pagou para que lhe levasse isso?- E emitiu um ruído lhe chiem que interpretei como risada.

Jamie e Bree lhe cravaram olhadas identicamente frite ao longo dos retas narizes, mas antes de que Roger pudesse responder o outro barqueiro gritou algo incompreensível da embarcação.

-OH!, sim, sim, agüenta a água, homem-. O senhor Duff sossegou a seu sócio com um gesto da mão-. Isso é uma piada- explicou-me em tom de confiança-. Entre marinheiros, sabe você? “Agüenta a água”, compreende? Porque se não agüentar a água terminará no fundo do porto, não?- E repetiu aqueles chiados, estremecido de regozijo.

-Muito gracioso- assegurei-lhe-. Mas ele disse algo sobre uma baleia, não?

-OH, claro! Não é para isso para o que baixastes à costa?

Todo mundo o olhou sem entender.

-Não- disse Marsali, muito conciente de seu encargo para emprestar atenção a outra coisa, nem sequer a uma baleia-. Não, senhor, viemos a ver se houver notícias do Octopus. Sabe você algo dele?

-Não, senhora. Mas diante dos bancos, o tempo esteve traiçoeiro durante todo o mês...- Ao ver que a moça empalidecia se apressou a acrescentar-: Muitos navios devem haver-se desviado, compreende? Podem ter procurado outro porto ou estarão frente à costa, esperando céus mais claros para chegar a este. O que tivemos que fazer nós ao chegar no Gloriana, recorda MacKenzie?

-Sim, é certo- assentiu Roger. Mas seus olhos se tornaram precavidos ante a menção desse navio. Olhou um instante a Brianna e logo, ao Duff-. Vejo que te separaste que capitão Bonnet- disse, baixando um pouco a voz.

-Stephen Bonnet?- repetiu meu marido, olhando-o com interesse-. Conhece você a esse cavalheiro?

-Conheço-o, sim, senhor- disse Duff, fazendo o sinal da cruz-se.

Ao ver isso Jamie assentiu lentamente.

-Já vejo, já vejo. Conhece você por acaso, o paradeiro atual do senhor Bonnet?

-Pois bem, quanto a isso...

Duff o olhou especulativamente, apreciando os detalhes de sua vestimenta e seu aspecto. Obviamente se perguntava quanto podia valer a resposta a essa pergunta. Mas sua sócia, ali abaixo, impacientava-se cada vez mais.

Marsali também.

-Onde podem ter ido, senhor? Se tiverem procurado outro porto?- perguntou.

-Bonnet?- Jamie arqueou as sobrancelhas, com uma expressão de uma vez alentadora e ameaçadora.

-vão ver a baleia ou não vão ver a baleia?- chiou o cavalheiro do bote, impaciente por procurar empresas mais rentáveis.

Duff parecia não saber a quem responder primeiro. Seus ojillos parpadeantes foram e vinham entre o Jamie, Marsali e seu sócio, cada vez mais vociferante. Adiantei-me para romper a pausa.

-Que baleia é essa?

Obrigado a concentrar-se nessa pergunta, mais direta, Duff pareceu aliviado.

-Pois a baleia morta, senhora! Uma muito grande que o mar lançou à

ilha. Eu supus que todos tinham vindo a vê-la.

Então caí na conta de que o movimento de embarcações não era de tudo casual. Algumas canoas e barças grandes se dirigiam, na verdade, para a boca de Cape Fear, mas a maior parte dos botes mais pequenos foram e vinham; já desapareciam na bruma distante ou retornavam dela, trazendo pequenos grupos de passageiros. A sombrinhas de linho brotavam como cogumelos nos botes; entre a gente do mole havia muitos habitantes da cidade, que olhavam ao outro lado com ar de espera.

-Dois xelins por passagem completa- sugeriu Duff, para congar-se-. Ida e volta.

Roger, Brianna e Marsali se mostraram interessados. Jamie, inquieto. -Nisso?- perguntou, jogando um olhar cético a piretta que cabeceava abaixo.

O sócio do Duff, um cavalheiro de raça e idioma indetermináveis, pareceu ofender-se ante essa crítica implícita a sua embarcação, mas Duff nos tranqüilizou:

-OH!, mas se hoje o mar está muito tranqüilo, senhor, muito tranqüila. Será como estar sentado em um botequim. Não? Muito adequado para conversar- E piscou com afável inocência.

Jamie inalou profundamente e jogou outra olhada a piretta. Por um lado odiava os botes. Pelo outro, por ir detrás o Stephen Bonnet faria coisas muito mais se desesperadas que abordar uma embarcação. Só ficava por ver se na verdade o senhor Duff tinha informação que nos servisse ou se só procurava passageiros. Tragou saliva, procurando valor.

Duff, sem esperar, fortaleceu sua posição dizendo ao Marsali, astutamente:

-Na ilha há um farol, senhora. De acima se pode olhar mar dentro, a grande distancia, e ver se houver algum navio ancorado frente aos bancos.

Ela baixou imediatamente a mão a sua bolsa. Com um suspiro resignado, Jamie afundou a mãos em seu sporran.

-Será melhor procurar outro bote mais, para que não nos afoguemos todos de uma vez.

À medida que entrávamos na água, o mar não estava tão sereno, mas o subir e descer do fluxo nos embalava apacivelmente.

Joguei uma olhada à costas do Jamie, mas mantinha a cabeça inclinada. Ao remar, seus ombros se moviam em um ritmos fácil e potente.

Resignado ao inevitável, ocupou-se energicamente da situação. depois de chamar um segundo bote, fez que Bree, Marsali e os meninos subissem a ele. A seguir anunciou que ele e Roger agarrariam os remos da piretta, a fim de que Duff pudesse despreocuparse e recordar melhor qualquer dado interessante referente ao Stephen Bonnet.

Duff e Peter se instalaram em um extremo da embarcação. me indicou que me sentasse no outro extremo, frente a eles.

-Para que vigie um pouco as coisas, Sassenach.- Jamie me pôs na mão a culatra de sua pistola. Logo, ajudou-me a descender ao bote e se embarcou a sua vez, cautelosamente.

Roger, sentado diante de mim, remava com rítmicas flexões dos largos ombros, claramente habituado ao exercício. Jamie, frente a ele, dirigia os remos com bastante elegância, mas sem tanta segurança.

-OH!, sim que poderia me acostumar a isto. O que diz você, Peter?- Duff levantou o largo nariz para a brisa, com os olhos semicerrados, para saborear a novidade de que outro dirigisse os remos.

Peter, que parecia ser uma exótica mescla de índio e africano, respondeu com um grunhido.

-Stephen Bonnet?- inquiriu Jamie, cordialmente, enquanto atirava dos remos.

-Ah!, sim.- Ao parecer, Duff teria preferido adiar indefinidamente o tema, mas um olhar à cara do Jamie o resignou ao inevitável-. O que deseja você saber?- perguntou, encurvando os ombros em um gesto de cautela.

-Para começar, onde está.

-Não tenho nem idéia- respondeu ele, pressuroso e já mais satisfeito.

-Pois bem, onde viu você a esse cretino por última vez?- perguntou Jamie, paciente.

Logo deu uma cotovelada a seu sócio.

-Estava em um botequim do Roanoke, comendo bolo de pescado.

-É você muito observador, senhor Duff- comentou Jamie-. E seu sentido do tempo?

-Né? Sim, já entendo, homem. Quando foi... Fará dois meses, pouco mais ou menos.

-E se você estava tão perto para ver o que o homem comia- observou Jamie, tranqüilamente-, suponho que devia estar compartilhando sua mesa, verdade? Do que falava?

Duff pareceu um pouco sobressaltado.

-Pois... principalmente, do culo da taberneira.

-Não acredito que esse tema de conversação possa ocupar toda uma comida, por escultural que fora a moça- interveio Roger.

-Homem! Não imagina o muito que se pode dizer sobre o traseiro de uma mulher- assegurou-lhe o marinheiro-. Sem ânimo de ofendê-la-

acrescentou pressuroso, inclinando o chapéu para mim.

-Não me ofendeu- assegurei-lhe cordialmente.

-Sabe você nadar, senhor Duff?- perguntou Jamie, em tom de leve curiosidade.

-O que?- O escocês piscou, sobressaltado-. Eu... né... pois...

-Não, não sabe- informou Roger, alegremente-. Disse-me isso.

O outro lhe arrojou um olhar de traída indignação por cima da cabeça do Jamie.

-Vá lealdade!- exclamou, escandalizado-. Bom companheiro é você! Olhe que me entregar desse modo...! Que falta de vergonha!

-Bonnet- repetiu Jamie, ainda em tom cortês, mas cortante.

-Mas se lhes digo a verdade: não tenho a menor ideia de onde possa estar esse homem. Quando o vi no Roanoke estava fazendo alguns acertos para trazer certos... certa marcância. Se isso lhe servir de algo...- acrescentou, grosseiro.

-Que mercadoria? Aonde a trazia? Para levá-la aonde?

-Por isso entendi, caixas de chá- respondeu Duff, cauteloso-. Quanto ao resto, não sei.

-Que resto?

-Vamos, homem, todo navio que navega por esta água leva diferentes tolices. Você tem que sabê-lo.

-Trouxeram chá. De onde? De um navio?

-Sim, o Sparrow- prosseguiu Duff, sem apartar a vista dele-. Ancorou frente aos bancos e fomos em botes para trazer a carga, através da enseada do Joad. Desembarcamos no mole do Wylie e ali entregamos tudo a um tipo.

-O que... tipo?

Duff demorou para responder. Em seus ojillos afundados faiscou um olhar especulativo.

-Que não te ocorra, Duff- disse Roger em voz baixa, mas firme-. daqui posso te alcançar com um remo, entende-o?

-Sim?- O outro os olhou a ambos, pensativo, logo, a mim-. Sim, suponho que poderiam. Mas até caso que saiba nadar, MacKenzie, e que o senhor Fraser possa manter-se a flutuação... não acredito que a senhora possa, verdade? Com tantas falddas e anáguas...- Moveu a cabeça, com os lábios franzidos em um gesto caviloso-. Iria ao fundo como uma pedra.

-Claire?- disse Jamie.

Percebi a nota tensa em sua voz. Com um suspiro, extraí a pistola que escondia sob a jaqueta, cruzada em meu regaço.

-Bem- disse-. Contra qual disparo?

Peter abriu repentinamente os olhos, tanto que mostrou um anel branco em volto das íris negras. Olhou a pistola, logo ao Duff e, finalmente, ao Jamie.

-Dá chá a um homem Butla- disse-. Trabalha p' s'or Lyon.- Logo assinalou a seu companheiro-. Mata ele- propô-me.

Assim, quebrado o gelo, nossos passageiros demoraram muito pouco em nos revelar o resto do que sabiam.

Tal como Duff tinha insinuado, o contrabando era tão comum na zona que constituía uma prática comercial generalizada; a maioria dos mercados e todos os barqueiros do Wilmington participavam dela, ali e em quase toda a costa da Carolina, a fim de evitar os asfixiantes impostos da mercadoria que se importava por via oficial. Stephen Bonnet não só era um dos contrabandistas mais efetivos, mas também se tinha convertido em todo um especialista.

-Traz mercadorias por encargo- disse Duff-. E por quantidade, como quem diz.

-Que quantidade?- inquiriu Jamie.

Duff calculou com os lábios franzidos.

-Nesse botequim do Roanoke fomos seis. Seis, com botes pequenos, dos que podem percorrer as enseadas. E cada um carregou tudo o que pôde. Em total deveram ser umas cinquenta gavetas de chá.

-E com que freqüência traz essas cargas? Cada dois meses?- Roger se tinha deprimido um pouco. Eu não; cravei em nosso barqueiro um olhar duro por cima da pistola, para fazer saber.

-Muito mais freqüentemente- respondeu ele, me observando com desconfiança-. Não poderia assegurá-lo, mas a gente ouça comentários, entende? Por isso dizem outros barqueiros, calculo que em plena temporada traz uma carga cada duas semanas. Desembarca-a em algum ponto da costa entre a Virginia e Charleston.

Isso arrancou ao Roger um grunhido de surpresa.

-E a marinha?- perguntou Jamie-. A quem pagamento?

Era uma boa pergunta. Os botes pequenos podiam fugir a vigilância da marinha, mas a operação do Bonnet requeria trazer mercadoria em grandes quantidades, em navios de grande tamanho. Seria difícil ocultar algo a tal escala... e a resposta óbvia era que ele não se incomodava em ocultá-lo.

Duff se encolheu de ombros.

-Homem! Não sei.

-Mas vós não trabalhastes para o Bonnet desde fevereiro?- assinalei-. por que?

Os marinheiros intercambiaram um olhar.

-Tem fome, come pejesapo- disse-me Peter-. Tem massa, come algo mejó.

-O que?

-O homem é perigoso, Sassenach- traduziu Jamie, secamente-. Eles preferem não tratar com ele, salvo em caso de necessidade.

-Terá que vê-lo- disse Duff, entusiasmado pelo tema-. Pode tratar com ele, como não... sempre que seu interesse corra parecido com o seu. Mas possivelmente ele dita repentinamente que o seu corre para outro rumo...

Peter se passou um dedo solene pelo pescoço fibroso.

-E não te avisa- continuou seu companheiro-. Se fizer um momento todo era charutos e havanês, de repente te encontra de costas no chão, tragando sangue... e até dá obrigado por poder tragá-la.

-Assim é colérico, não?- disse Jamie.

Duff, Peter e Roger moveram simultaneamente a cabeça.

-Mais frio que o gelo- disse Roger, com um sotaque de tensão na voz.

-Mata-te sem que lhe mova um cabelo- assegurou Duff.

-Você curta como a aquela baleia- acrescentou Peter, assinalando a ilha.

A corrente nos tinha aproximado muito mais e já tínhamos o animal à vista. As aves marinhas chiavam por cima do cadáver, lançando-se em picamultitud, com lenços e taleguillas contra o nariz.

Nesse momento trocou o vento; um fétido sopro de podridão nos envolveu como uma onda ao romper na praia. Em poucos minutos a quilha da piretta tocou terra. Duff e Peter saltaram para rebocar o casco praia acima; logo me ajudaram a descender, muito galantes: pelo visto não me odiavam pelo da pistola.

Monstros e heróis

Os meninos, muito iludidos ao ver a baleia, atiravam de suas relutantes mães como se fossem cometas. Eu as acompanhei, embora mantive a distância prudente do enorme cadáver. Enquanto isso, Jamie e Roger se levaram ao Duff à parte para conversar sobre privado, memorasse Peter cedia à sonolência no fundo do bote.

Pese ao fedor, alguns dos visitantes mais intrépidos estavam de pé sobre o cadáver e saudavam alegremente aos que tinham ficado na praia.

Ao olhar praia abaixo, vi que Duff, cada vez mais inquieto, passeava a vista entre a baleia e o bote. Obviamente estava desejoso de voltar para seu negócio antes de que a atração desaparecesse por completo.

Por fim conseguiu escapar e correu a seu piretta, como açoitado pelos fantasmas. Jamie e Roger se aproximaram de mim, ero os meninos não estavam dispostos a abandonar a baleia. Brianna se ofereceu nobremente a vigiá-los a ambos, a fim de que Marsali pudesse subir ao farol próximo, se por acaso o Octopus estivesse à vista.

- O que lhe há dito ao pobre senhor Duff?- perguntei ao Jamie- . O via muito preocupado.

- Sim? Pois não tem por que.- Olhou para a água, onde a embarcação do Duff retornava velozmente ao mole- . Não tenho feito mais que lhe oferecer um pequeno negócio.

- Sabe onde está Lyon- interveio Roger. Parecia inquieto, mas emocionado.

- E o senhor Lyon sabe onde está Bonnet, ou ao menos sabe como lhe fazer chegar uma mensagem. Subamos um pouco mais, quer?- Jamie assinalou a escada da torre.

No alto do farol o ar era mais fresco, mas eu não podia emprestar muita atenção ao panorama.

- E bem? - perguntei, não muito segura de querer escutar a resposta.

- encomendei ao Duff que leve uma mensagem ao senhor Lyon. Se todos estivermos de acordo, dentro de uma semana nos encontraremos com o senhor Bonnet no embarcadero do Wylie.

. . .

- Navegou com nosso Stephen, verdade? Durante quanto tempo? Dois meses, três?

- Quase três - respondeu Roger.

“Nosso Stephen” ? O que pretendia Jamie com essa frase tão doméstica?

Ele assentiu, sem deixar de contemplar o ir e vir do mar; a brisa liberava fios de cabelo de suas ataduras e as fazia dançar como chamas, pálidas à luz do dia.

Então o conhece o suficiente.

O jovem apoiou seu peso contra o corrimão. Era sólida, mas estava

molhada e pegajosa pela garoa médio seca, ali onde lhe tinha alcançado a espuma das rochas.

- O suficiente - repetiu- . O suficiente como para que?

Jamie o olhou à cara, com os olhos entreabridos par protegê-los do vento, mas brilhantes como navalhas.

- O suficiente para saber que é um homem, nada mais.

- E o que outra coisa poderia ser? - Roger percebeu o fio em sua própria voz.

Jamie voltou a contemplar o mar, sombreando-os olhos com uma mão, pois estava de cara ao sol poente.

- Um monstro - disse brandamente- - Menos que um homem...ou mais.

Roger abriu a boca para replicar, mas descobriu que não podia. Pois era um monstro o que escurecia de medo seu próprio coração.

- O que pensavam dele os marinheiros? - Claire se inclinou por cima do corrimão para olhá-lo, desde esotro lado do Jamie; o vento se apoderou de sua cabeleira e a sacudi em uma nuvem voadora; tempestuosa como o céu distante.

- No Gloriana? - Ele respirou fundo; uma baforada de baleia morta foi mesclar se com o aroma fecundo das restingas- .Respeitavam-no. Alguns o temiam. - “ Eu por exemplo” - . Tinha fama de ser um capitão duro, mas bom. Competente. Os homens estavam dispostos a embarcar-se com ele, porque sempre chegava a porto são e salvo e suas viagens sempre rendiam boas lucros.

- Era cruel? - perguntou Claire, com uma tênue enruga nas sobrelancelhas.

- Todos os capitães são cruéis de vez em quando, Sassenach- disse Jamie, com um ligeiro timbre de impaciência- . É necessário.

Ela levantou a vista para olhá-lo e Roger viu que sua expressão trocava. A lembrança lhe abrandou os olhos; uma idéia irônica esticou a comissura de sua boca. Logo apoiou uma mão no braço do Jamie e seus nódulos empalideceram ao apertar.

- Nunca tem feito outra coisa que o que devia - disse, em tão baixa que Roger apenas a ouviu. Não importava; obviamente, essas palavras não estavam destinadas a ele. Logo elevou um pouco o tom- . Há uma diferença entre crueldade e necessidade.

- Sim - disse Jamie, quase para seus adentros- . E uma linha muito magra, possivelmente, entre um monstro e um herói.

A batalha no embarcadero do Wylie

O estreito estava sereno e plano; com a superfície logo que frisada por diminutas ondas levantadas pelo vento. Menos mal, pensou Roger ao olhar a seu sogro. Ao menos Jamie tinha os olhos abertos, fixos na costa com uma sorte de apaixonada desespero, como se a visão da terra firme, ainda inalcançável, pudesse lhe oferecer algum consolo.

Roger não se enjoava, mas se sentia quase tão decomposto como ele.

- Ali está. - Duff se reclinou sobre os remos, assinalando o mole com a cabeça.

O embarcadero do Wylie parecia uma miragem; flutuava em uma capa de névoa, por cima da água, entre uma densa maleza. Rodeavam-no pantanales, achaparradas bosques costeiros e largas extensões de água. Comparado com os verdes recintos das montanhas, aquilo parecia incômodamente desprotegido. Ao mesmo tempo, estava isolado, a vários quilômetros de qualquer signo de presença humana.

Em parte, isso era uma falsa impressão; Roger sabia que a plantação estava a um quilômetro e meio de embarcadero. Este consistia em um simples mole de madeira sobre pilote, junto ao qual se levantava uma série de abrigos desmantelados. Além dos abrigos, uma perto de paus delimitava um pequeno curral; de vez em quando, Wylie devia transportar seu gado por água.

Jamie tocou a caixa de cartuchos que pendia de seu cinturão para verificar que ainda estivesse seca. Seus olhos avaliaram o céu. Então Roger caiu na conta de que, se chovia, possivelmente não poderiam confiar nas pistolas. A pólvora negra se empena com a umidade e, se esta era excessiva, não acenderia. Quão último desejava era enfrentar-se ao Stephen Bonnet com uma arma inútil.

Suavam-lhe as Palmas das mãos; as esfregou contra as calças sem incomodar-se em dissimular. Levava uma adaga à cintura, junto com o par de pistolas; a espada estava no fundo do bote; sólida dentro de sua vagem. Ao pensar na carta do John Grei, nos olhos do capitão Marsden, sentiu um sabor amargo e metálico no fundo da garganta.

A uma indicação do Jamie, a piretta se aproximou lentamente ao embarcadero; todos a bordo estavam alerta a qualquer sinal de vida.

- Não vive ninguém aqui? - perguntou Fraser em voz baixa, inclinando para o ombro do Duff para inspecionar os abrigos. - Não há escravos?

- Não - grunhiu o remador. - Nestes tempos Wylie não utiliza o embarcadero tão freqüentemente, pois construiu um caminho novo desde sua casa; vai para o interior e sai à estrada principal ao Edenton.

Jamie o olhou com ar cínico.

- E como Wylie não o usa, há outros que o aproveitam, não?

Roger viu que o mole estava bem situado para o contrabando: da terra não se via, mas o acesso era fácil do estreito. O que a primeira vista tinha tomado por ilha, a sua direita, era na verdade um labirinto de bancos de areia, que separavam da parte maior o canal que conduzia ao embarcadero

do Wylie. Havia pelo menos quatro canais menores que entravam nos bancos de areia; dois deles teriam dado capacidade a um queche de bom tamanho.

Duff riu entre dentes.

- Homem!, há um pequeno caminho de conchas que leva a casa. Se alguém vier por ali saberão com tempo.

Peter se removeu, inquieto, assinalando os bancos de areia com a cabeça.

- Maré - murmurou.

- OH!, sim, não terão que esperar muito... ou sim. Tudo depende. - O escocês sorriu de brinca a orelha, como se isso lhe parecesse muito gracioso.

- por que? - grunho Jamie, que não lhe encontrava graça. Agora que a salvação estava à mão se sentia algo melhor, mas obviamente não estava de humor para piadas.

- A maré está subindo. - Duff deixou de remar o tempo suficiente para tirá-la horrível boina e enjaguar-se a frente meio calva- . Durante a maré baixa o canal não têm profundidade suficiente para um queche. dentro de horas ou um pouco mais poderão entrar. Se estiverem ali fora, esperando, virão enseguidaza para liquidar o assunto e partir antes de que troque a maré. Peri se ainda não chegaram, talvez devam esperar a pleamar do entardecer. É perigoso navegar pelos canais durante a noite. Bonnet não é dos que se assustam por um pouco de escuridão, mas se não levar pressa é possível que se atrase até a manhã seguinte. Sim, é possível que devam esperar o bastante

A piretta se deslizou junto ao mole; Duff projetou um remo contra um desses pilote incrustados de ignorantes, para fazê-la girar diestramente. Jamie subiu ao embarcadero com precipitação, desejoso de chegar a terra firme. Roger o seguiu, carregado com as espadas e o pequeno hatillo que continha os cantis e a reserva de pólvora. ajoelhou-se no mole, contados os sentidos alerta para perceber o menor sinal de movimento humano, mas só se ouviam os gorjeios líquidos dos mirlos no pântano e o grito das gaivotas no estreito.

depois de revolver dentro de seu saco, Jamie extraiu uma taleguilla, e a jogou no Duff sem dizer nada. Era um pagamento simbólico. O barqueiro cobraria o resto quando retornasse para buscá-los, dentro de dois dias.

Se tinha êxito, ele mesmo lhe pagaria o resto do dinheiro acordado; se não, faria-o Claire.

Ambos permaneceram juntos no mole, em silêncio, enquanto a piretta se afastava pouco a pouco. O nó que Roger tinha no estômago se apertava mais e mais.

de vez em quando se perguntava a quantos homens teria matado Fraser... se acaso os contava, se sabia. Não era o mesmo, certamente, matar a um homem em combate ou em defesa própria, que lhe tender uma emboscada e planejar seu assassinato a sangue frio. Mesmo assim Fraser devia lhe resultar mais fácil.

Jamie seguia com a vista no bote que se afastava, imóvel como a pedra. Viu-o tragar saliva com dificuldade. Não, para ele tampouco era fácil.

De algum modo, isso era um consolo.

Exploraram brevemente todos os abrigos. Umas ou duas das construções pareciam ter sido utilizadas como moradia. instalaram-se no maior dos abrigos, que se levantava no mesmo mole, e se acomodaram para esperar.

O plano era muito singelo: disparar contra Bonnet assim que aparecesse. A menos que chovesse, em cujo caso terei que empregar espadas ou facas. Dito desse modo o procedimento parecia singelo, mas a imaginação do Roger não podia deixá-lo assim.

- Caminha, se quiser - disse Jamie, depois de ter acontecido um quarto de hora vendo os movimentos nervosos de seu genro- . Quando vier, ouviremo-lo.

- Hum... E se não vir sozinho?

- Pois nada. Se vier com seus homens teremos que apartar o deles. Levarei-me isso a um dos abrigos pequenos, com o pretexto de conversar sobre privado, e ali o despacharei. Você impede que ninguém me siga. Só necessitarei um minuto.

- Sim? Logo vem tranqüilamente a informar a seus homens que acaba de matar a seu capitão. E então?

- Já teria morto. Parece-te que possa inspirar em seus homens tanta lealdade como para que queiram vingá-lo?

- Pois... não - reconheceu Roger, lentamente.

- averigüei muitos sobre o senhor Bonnet - observou Jamie, enquanto deixava a pistola- . Tem sócios, mas não amigos. Não navega sempre com a mesma tripulação. Bonnet escolhe a seus tripulantes ao azar, não porque lhe sejam simpáticos, mas sim por sua habilidade e força. Por isso não acredito que lhe tenham muito afeto.

Roger reconheceu o acertado da observação. No Gloriana reinava a ordem, mas não havia sentido de camaraderia, nem sequer entre os oficiais. E o que Jamie dizia era verdade: quanto tinham descoberto revelava que Bonnet escolhia a seus assistentes conforme os necessitasse; se levava companhia a essa entrevista, dificilmente fossem tripulantes leais, a não ser marinheiros escolhidos nos moles ao azar.

- De acordo. Mas se... quando o matarmos, qualquer homem que esteja com o...

- ...necessitará outro emprego - interrompeu-o Jamie- . Não: sempre que não disparemos contra eles nem lhes demos motivos para sentir-se ameaçados, não acredito que se preocupem muito pela sorte de seu capitão. Mesmo assim...

Recolheu sua espada com o sobreceño franzido e a deslizou dentro da vagem, para comprovar que não estava entupida.

- Se por acaso essa fora a situação, levarei-me ao Bonnet à parte, como hei dito. me dê um minuto para me ocupar dele; logo busca alguma desculpa para vir por mim. Mas não te detenha: atravessa diretamente os abrigos e vê para os bosques. Ali nos reuniremos.

Roger o olhou com ar cético e pigarreou uma e outra vez. Por fim agarrou uma de suas pistolas.

- Bom. Só uma coisa mais: do Bonnet me encarrego eu.

Fraser lhe cravou um olhar penetrante. Ele a sustentou, atento ao pulso que começava a martillear dentro de seus ouvidos. Seu sogro ia falar,

mas calou. Olhava-o com ar pensativo. E ele podia ouvir os argumentos; pulsavam em seu ouvido interior, junto com o pulso, tão audíveis como se Jamie os houvesse dito em voz alta: “ Nunca mataste a ninguém. Nem sequer sabe o que é uma batalha. Não tem pontaria. Com a espada apenas te defende. Pior ainda: tem medo a esse homem. E se o tenta e enguiços...”

- Sei - disse, sustentando aquela funda olhar azul- . É meu. Eu me ocuparei dele. Brianna é tua filha, sei... mas é minha esposa.

- Está em seu direito - disse Jamie formalmente- . Mas não vacile, não o desafie. Mata-o à primeira oportunidade. - Fez uma pausa- . Mas se cai...tenha a segurança de que eu te vingarei.

- Estupendo - disse- . E se cair você, serei eu quem te vingue. Trato feito?

Fraser se limitou a olhá-lo durante um comprido instante, sem rir. Nesse momento Roger compreendeu por que seus homens o seguiam onde fora e faziam o que ele ordenasse.

- Um estranho trato - disse ao cabo de um momento- . Obrigado.

Não tinham relógio, mas tampouco o necessitavam. Até com o encapotado e o sol invisível, era possível sentir o passar dos minutos, o movimento gradual da terra, conforme foram trocando os ritmos do dia. O chapinho da água contra os pilotes trocou de tom, pois a maré crescente retumbava no espaço aberto sob o mole.

A pleamar chegou e passou; o retumbo sob o mole se tornou oco ao descender a água. Nos ouvidos do Roger, o pulso ia afrouxando, junto com os nós de suas tripas.

de repente algo golpeou o mole. Jamie se levantou imediatamente, com duas pistolas no cinturão e outra na mão. Inclinou a cabeça para o Roger e saiu.

O moço ajustou suas pistolas no cinturão e, depois de tocar o punho da faca para assegurar-se, foi atrás dele. Por um momento viu o bote. Um segundo depois estava no abrigo mais pequeno, à direita. Jamie tinha desaparecido; devia estar em seu próprio posto, à esquerda.

O bote se movia lentamente ao toucinho do mole, ainda sem amarras. Só alcançava a ver um fragmento da popa; o resto estava fora da vista. De qualquer modo não poderia disparar até que Bonnet aparecesse no mole.

Um cilindro de corda caiu contra as pranchas; ouviu o golpe e logo a pegada de alguém que subia ao corrimão para amarrá-la. Fechou os olhos, tratando de ouvir por cima do trovejar de seu coração. Pisadas. Lentas, mas não furtivas. aproximavam-se dele.

A porta estava entreabrida. aproximou-se silenciosamente ao bordo, alerta, esperando. Uma sombra atravessou a porta. O homem entrou.

Roger investiu desde detrás da porta e se jogou contra ele, tombando-o contra a parede com um golpe seco. O homem lançou um grito de surpresa ante o impacto; o som dessa voz o deteve, justo quando rodeava com as mãos um pescoço nada masculino.

- Mierda! - disse- . Quer dizer...né...lhe rogo que me perdoe, senhora.

Tinha-a apertada contra a parede, com todo seu corpo contra ela. O resto de sua pessoa tampouco tinha nada de masculino. Com as bochechas

acesas deu um passo atrás, ofegante.

Ela se sacudiu como um cão, acomodou-se a roupa e se tocou timidamente a nuca, ali onde se golpeou contra o tabique.

- Me perdoe - disse- . Sentia-se de uma vez horrorizado e completamente estúpido- . Não foi minha intenção... Está você ferida?

A moça era tão alta como Brianna, mas de textura mais sólida, cabelo castanho escuro e cara bonita, de ossos largos e olhos profundos. Sorriu abertamente e disse algo incompreensível, com forte aroma de cebola. Logo o olhou de arriava abaixo com bastante ousadia e, obviamente agradada, subiu os peitos com as mãos em um gesto de inconfundível convite.

Né... Não, temo-me que está equivocada... Não, não toque isso. Não!. Non! Nein!

Lutou com suas mãos, que pareciam decididas a lhe desabotoar o cinturão.

Não, estou casado. Quer parar?

Desde não ser pelo aroma, Roger teria pensado que era uma alucinação, mas assim, a tão curta distância, as cebolas era o de menos. Embora a simples vista não estava suja, despedia a fetidez arraigada de quem ababa de fazer um comprido viaje por mar. Ele o reconheceu imediatamente. E também um inconfundível fedor a porcos, que emanava de suas saias.

Excusez- moi, mademoiselle. - A voz do Jamie surgiu de detrás; sobressaltada. Olhou ao Roger- . Quem é?

Como diabos quer que saiba? - Em um esforço por recuperar a compostura, Roger se sacudiu a roupa- . Supus que era Boneta ou algum de seus homens, mas obviamente não é assim.

Obviamente. - Fraser parecia disposto a procurar o lado humorístico da situação- . Qui êtes- vous, mademoiselle? - perguntou à moça.

Ela o olhou com a frente enrugada, sem entender, e disse algo é esse estranho idioma. Ante isso Jamie arqueou as duas sobrancelhas.

- O que é o que fala? - perguntou Roger.

- Não tenho nem idéia. - À expressão divertida do Jamie se mesclava certa cautela. voltou-se para a porta com a pistola preparada- . Vigia-a, quer? Não veio sozinha.

Isso era óbvio: no mole se ouviam vozes. Um homem e outra mulher. Roger intercambiou com seu sogro um olhar de estupefação. Não: a voz não era a do Bonnet nem a do Lyon. E por todos os Santos, o que faziam essas mulheres ali?

Mas ao aproximá-las vozes, a moça gritou algo nessa língua estranha. Embora não parecia uma advertência, Jamie se apertou junto à porta, com a pistola preparada e a outra emano na adaga.

A estreita abertura se obscureceu quase por completo. Uma cabeça escura e despenteada apareceu no abrigo. Jamie se adiantou um passo para cravar a pistola sob o queixo de um homem muito corpulento e muito surpreso. Logo o aferrou pelo pescoço da camisa e deu um passo atrás, arrastando-o para o interior.

Quase imediatamente o seguiu uma mulher; sua textura alta e robusta, suas facções bonitas, identificaram-na imediatamente: devia ser a mãe da moça. Ela era loira; o homem em trocou (possivelmente o pai da

jovem?), tão moreno como o urso ao que se parecia.

- Começo a me sentir muito tolo - disse Fraser a seu genro, e apartou cautelosamente a pistola- . Wer seid Ihr? - perguntou.

- Não acredito que sejam alemães - disse Roger. Logo assinalo com o pulga a jovem, que observava ao Jamie como se avaliasse seu potencial para um bom exercício entre a palha- . Ela não responde ao francês nem ao alemão, embora talvez tenha fingido.

O homem os observava a ambos com o sobrececho franzido, com se tratasse de entender o que lhe diziam. Mas para ouvir o vocábulo “ francês” pareceu iluminar-se.

- Commente ça vai? - disse, com o acento mais execrável que Roger tivesse ouvido em sua vida.

Parlez- vous français? - perguntou Jamie, sem deixar de vigiá-lo.

O gigante, com um sorriso, mostrou o polegar e o índice separados por dois ou três centímetros.

- Um peu.

O homem sabia umas dez ou doze palavras de francês, o suficiente para apresentar-se; Mijaíl Chemodurov, sua esposa Iva e Karina, sua filha.

- Rushki - disse, plantando uma mão no peito carnudo.

- Russos? - Roger os olhava, estupefato. Jamie, em troca, parecia fascinado.

- Nunca tinha visto um russo- disse- . Mas, pelos pregos de Cristo! O que fazem aqui?

Essa pergunta foi transmitida com certa dificuldade ao senhor Chemodurov.

- Eles cochons - disse- . Pour o Monsieur Wylie. - Olhava ao Jamie com ire espectador- . Monsieur Wylie?

Dado o penetrante aroma que despediam os três russos, não foi surpresa que mencionassem aos porcos. Menos óbvia era a relação entre os porquerizos russos e Phillip Wylie. Mas antes de que pudessem formular a pergunta se ouviu fora um forte golpe e um ruído lhe chiem, como se algum objeto de madeira, de bom tamanho, tivesse golpeado o mole. A isto seguiu imediatamente um coro de bramidos e chiados, porcinos em sua maioria; não obstante, alguns eram humano...e femininos.

Chemodurov se moveu com assombros celeridade, mas Jamie e Roger saíram do abrigo lhe pisando os talões. O jovem logo que teve tempo de ver que agora eram duas as embarcações amarradas ao mole: além da pequena barco do russo, um bote aberto, de menor tamanho. Vários homens desembarcam do bote, arrepiados do cinturão as pistolas e a adaga.

- Não te mova, tio - disse o homem que sustentava o mosquete.

Chemodurov vadeava sem vacilação entre os invasores, chapinhando com essas mãos que pareciam presuntos. Um dos homens tinha cansado à água, empurrando do mole; o russo tinha a outro em seu poder e o estava estrangulando com brutal eficiência, sem emprestar atenção a gritos, ameaças nem golpes.

Os gritos enchiam o ar; Iva e Karina tinham deslocado para sua embarcação, em cuja coberta apareceram dois dos invasores, cada um aferrando uma versão um pouco mais pequena da Karina. Um dos homens apontou uma pistola para as russas. Deveu apertar o gatilho, pois Roger viu

uma faísca e uma pequena baforada de fumaça, mas o tiro falhou. As mulheres, sem vacilar, carregaram contra ele entre alaridos. O homem, apavorado, deixou cair a arma e a menina que sujeitava para jogar-se na água.

Um golpe seco, horrível, apartou a atenção do Roger dessa cena secundária. Um dos homens, baixo e quadrado, tinha golpeado ao Chemodurov na cabeça com a culatra de uma pistola. O russo, com uma piscada, afrouxou um pouco sua pressão sobre a vítima. Seu atacante fez uma careta, logo sujeitou a arma com mais força e o golpeou outra vez. Então Mijail pôs os olhos em branco e caiu ao mole, que se sacudiu pelo impacto.

Roger procurava com a vista ao Stephen Bonnet em meio da refrega, mas ali não se viam rastros do digno capitão do Gloriana.

Não teve tempo de decidir se o descobrimento era um desencanto ou um alívio. Nesse momento o homem que tinha golpeado ao Chemodurov se voltou para a ele. Então reconheceu ao David Anstruther, o delegado do condado do Orange. O outro entreabriu os olhos ao identificá-lo, mas não pareceu surpreso de vê-lo.

A briga, se acaso merecia esse nome, chegava a seu fim. As quatro russas e tinham sido rodeadas e levadas a trancos ao maior dos abrigos; também arrastaram até ali ao cansado Chemodurov.

Chegado esse momento, um homem alto e elegante se encarapitou do bote. Até sem a peruca nem a jaqueta verde garrafa, Roger reconheceu sem dificuldade ao senhor Lillywhite, sem nenhuma pressa, observou o desenvolvimento dos acontecimentos. Roger viu que apertava melindrosamente a boca ao ver o rastro de sangue. Lillywhite fez um gesto ao homem que sujeitava ao Roger. Por fim a pressão da arma afrouxou um pouco, lhe permitindo respirar profundamente.

- O senhor MacKenzie, verdade? - perguntou o magistrado, cordialmente-. E onde está o senhor Fraser?

- No Wilmington - disse, imitando a cordialidade do Lillywhite-. Você também se afastou muito de seu território, verdade senhor?

Não tire o sarro, senhor - deu o magistrado, cortante.

- Não me passaria pela cabeça - assegurou-lhe Roger, sem perder de vista ao tipo do mosquete, que parecia disposto a reatar suas pressões-. Mas se tivermos que formular essa classe de perguntas, onde está Stephen Bonnet?

Lillywhite lançou uma risada breve.

- No Wilmington.

Anstruther apareceu junto ao cotovelo do magistrado, gordo e suarento. Dedicou ao Roger uma inclinação de cabeça e um feio sorriso.

- MacKenzie. Encantado de vê-lo outra vez. Onde está seu sogro? E o mais importante: onde está o uísque?

Lillywhite o olhou com o sobrececho franzido.

- Não o encontrastes? revisastes os abrigos?

- Revisamo-los, sim. Ali não há mais que lixo. - balançou-se sobre a ponta dos pés, ameaçador-. Venha, MacKenzie, onde o tem escondido?

Eu não escondi nada - replicou Roger, com equanimidade-. Não há uísque.

Começava a relaxar-se um pouco. Qualquer que fosse o paradeiro do Stephen Bonnet, ao menos não estava ali. Sem dúvida não gostariam de descobrir que o do uísque tinha sido uma estratégia, mas...

O delegado lhe golpeou na boca do estômago. Ele se dobrou em dois e lhe obscureceu a visão.

Nos márgenes de seu campo visual apareceram manchas luminosas. Agarrou fôlego, ofegante. Estava sentado no mole, com as pernas estendidas para diante, e o delegado o aferrava pelo cabelo.

- Faz outro intento - aconselhou-lhe Anstruther, sacudindo-o energicamente pela cabeça. A dor foi mais irritante que penoso: ele lançou um sólido murro à coxa do delegado. O homem lançou um chiado e o soltou para saltar para trás.

- Procurou você na outra embarcação? - inquiriu Lillywhite, sem emprestar atenção ao sofrimento do delegado.

Anstruther cravou no Roger um olhar fulminante, enquanto se esfregava a coxa, mas sacudiu a cabeça a maneira de resposta.

- Ali não havia mais que porcos e as moças. E de onde diabos saíram esses? - perguntou.

- Da Rússia. - Roger tossiu; a dor lhe fez apertar os dentes.

- Da Rússia? O que têm eles que ver neste assunto?

- Nada, que eu saiba. Chegaram depois que eu.

O magistrado lançou um grunhido; parecia aborrecido. Refletiu um momento, carrancudo, e logo decidiu provar outro enfoque.

- Fraser tinha um acordo com o Milford Lyon. Eu assumi a parte do senhor Lyon nesse acordo. É absolutamente correto que você me entregue o Uísque - disse, tratando de infundir um tom de cortesia comercial a sua voz.

- O senhor Fraser fez outros acertos- explicou Roger, com igual cortesia- . Enviou-me para que informasse disso ao senhor Lyon.

Isso pareceu desconcertar ao Lillywhite; olhava ao jovem com fixidez, projetando e colocando os lábios franzidos, como se avaliasse sua sinceridade.

- Como chegou você aqui? - interpelou Lillywhite, abruptamente- . Se não ter viajado nesse bote...

- vim por terra desde o Edenton. - Benzeu mentalmente ao Duff por essa informação, enquanto assinalava despreocupadamente por cima de seu ombro. - por ali há um caminho de conchas.

Os dois o olhavam fixamente, mas ele lhes sustentou o olhar sem intimidar-se.

- Algo cheira mau, e não é o pântano. - Anstruther farejou audivelmente a modo de exemplo.

Lillywhite, sem lhe emprestar atenção, seguia observando ao Roger com os olhos entreabridos.

- Terei que importuná-lo por um momento mais, senhor MacKenzie - disse. E girou para o delegado. - Ponha-o com os russos...se é que o são.

Anstruther aceitou essa missão com presteza. Os russos se apinharam em um rincão do abrigo, onde as mulheres atendiam solícitamente ao pai e marido ferido, mas todos levantaram a vista ao entrar Roger, com um falatório de saudações e perguntas incompreensíveis. Ele sorriu até onde pôde e apoiou a orelha contra o tabique, a fim de escutar o que Lillywhite e

companhia se traziam entre mãos.

Em um princípio tinha albergado a esperança de que aceitassem sua explicação e se fossem; ainda era possível que o fizessem, mas agora lhe ocorria outra possibilidade, muito mais inquietante.

Pela conduta dos homens era óbvio que vinham com intenção de apoderar do uísque pela força. E o fato do Lillywhite tivesse permanecido oculto...Certamente, não podia permitir que tirassem o chapéu suas vinculações com piratas e contrabandistas.

Tal como estavam as coisas, posto que não havia uísque, Roger não podia denunciar nenhum delito por parte do Lillywhite; embora a lei não permitia o contrabando, tais acertos eram tão comuns na costa que o mero rumor não prejudicaria sua reputação dentro de seu condado. Por outra parte, Roger estava sozinho; ao menos, isso pensava Lillywhite.

Obviamente o magistrado tinha algum vínculo com o Stephen Bonnet...e isso podia sair a luz se Roger e Fraser começavam a fazer perguntas. A operação em que Lillywhite estava envolto, era tão perigosa como para que pensasse matar ao Roger a fim de evitar que se soubesse? Ele tinha a inquietante sensação de que esses dois podiam chegar a essa conclusão.

Fora se ouviam muitos golpes, gradualmente substituídos por vozes longínquas, enquanto se inspecionavam novamente os abrigos e se estendia a busca ao pântano próximo.

No teto de lata ressonou um leve tamborilo; começava chover. Estupendo: se lhes molhava a pólvora não poderiam lhe disparar; teriam que degolá-lo. Passou de desejar que Jamie não aparecesse antes de tempo a rogar que não o fizesse muito tarde. Quanto ao que poderia fazer se parecia...

As espadas. Estariam ainda onde as tinham deixado, no rincão do abrigo?

Os russos levantaram a vista, com uma mescla de cautela e preocupação. Ele sorriu, lhes indicando por pequenos gestos que não se entremetessem. Se, ali estavam as espadas.

Chemadurov, que estava consciente, disse algo com voz fanhosa. Imediatamente Karina se levantou para aproximar-se do Roger e lhe tocou brandamente no braço. depois de agarrar uma das espadas que ele carregava, a desenvainó com um assobio ressonante; todos deram um coice, entre risadas nervosas ela fechou as mãos em volta do pomo e elevou a arma por cima de seu ombro, como um rebatedor de beisebol. A seguir ficou em guarda junto à porta, com cenho feroz.

Os russos lançaram grandes exclamações de entusiasta respaldo. Uma das meninas menores quis agarrar a outra espada, mas ele sorriu, dizendo que muito obrigado mas preferia conservá-la.

Para surpresa dela, a menina negou com a cabeça e acrescentou algo em russo. Roger arqueou as sobrancelhas, sem compreender. Então a jovencita lhe atirou do braço para levá-lo consigo até o rincão.

Durante o breve cativeiro, tinham estado muito ocupadas em retirar tudo o lixo e formar um colchão cômodo para o ferido. Assim tinham descoberto a trampilla que se abria no chão, destinada a permitir que os expulso passassem sob o mole com a maré baixa e descarregassem

diretamente dentro do abrigo, em vez de fazê-lo no embarcadero.

A maré estava em descida; havia quase dois metros de altura com respeito à superfície da água. Roger se tirou a roupa até ficar em calças e, desprendendo-se do bordo do oco da trampilla, deixou-se cair de pé, por não mergulhar-se em algo que podia ser um baixio perigoso.

Mas a profundidade superava sua estatura; afundou-se em uma chuva de borbulhas chapeadas até que seus pés tocaram o fundo arenoso; então se impulsionou para cima e rompeu a superfície com uma corrente de ar. depois de fazer um gesto tranquilizador ao círculo de caras russas que o olhavam pela abertura, bracejou para o extremo oposto ao mole.

Lillywhite se deu a volta, acariciando nervosamente o punho de sua espada. Do teto do abrigo, Jamie observava sua maneira de mover-se e de tocar a arma. O fato de que levasse espada nessas circunstâncias denunciava tanto a familiaridade com a afeição a essa arma.

Anstruther estava fora de sua vista, apoiado contra o muro do abrigo, sob a saliente do teto. Mas o delegado não lhe preocupava. Era só um valentão de braço curto.

- Devemos matá-los a todos. É a única maneira de estar seguros.

Lillywhite emitiu um grunhido de duvidoso assentimento.

- Pode ser, mas e os homens? Não convém pôr nosso destino em mãos de testemunhas que possam falar. Teríamos podido liquidar ao Fraser e ao MacKenzie sem problemas, onde não nos visse, mas a tantos...Possivelmente seja melhor deixar a esses russos; são estrangeiros e não parecem saber uma palavra de inglês.

- E como chegaram aqui, eu gostaria de saber? Alguém sabe que estão aqui e virá a por eles, sem dúvida. Já viram muito. E se você quer seguir usando este lugar...

A chuva seguia sendo ligeira, mas caía sem pausa. Jamie girou a cabeça para limpá-los olhos contra um ombro. Estava tendido de barriga para baixo, braço e pernas estendidos como uma rã para não deslizar-se pelo pendente da coberta. No momento não se atrevia a mover-se. Mas a chuva sussurrava no estreito, abrindo covinhas na água, e arrancava um ruído ressonante ao metal do teto. Se aumentava um pouco mais cobriria qualquer ruído que ele fizesse.

- ...enviar aos homens de volta com o bote. Nós iremos pelo caminho, depois...

Continuavam falando em voz baixa, mas Jamie compreendeu que já tinha tomado a decisão; Lillywhite só precisava convencer-se de que era necessário e de que não lhes levaria muito tempo. Mas primeiro se despediriam dos homens; o magistrado tinha razão em temer a presença de testemunhas.

Jogou uma olhada ao abrigo maior, onde estava Roger MAC e os russos. Havia pouca distância entre um edifício e outro: pouco mais ou menos um metro entre teto e teto. Só um abrigo se interpunha entre o maior e ele. Pois bem...

Aproveitaria a partida dos homens para avançar pelos tetos, crédulo em que a sorte e a chuva impedissem ao Lillywhite e Anstruther levantar a

cabeça. apostaria-se por cima da coberta do abrigo e, quando entrassem para fazer o seu, cairia sobre o magistrado de acima; oxalá pudesse lhe partir o pescoço ou, ao menos, incapacitá-lo imediatamente. Podia contar com que Roger MAC corresse para ajudá-lo a dominasse ao delegado.

No mole não havia ninguém. Lillywhite e o delegado haviam trazido para quatro homens, todos os quais estavam na areia branda, ao sul do embarcadero, pinçando entre a erva, que lhes chegava à cintura. Jamie inalou profundamente e recolheu os pés. Mas ao girar em redondo captou um movimento pela extremidade do olho e ficou petrificado.

Do bosque saíam vários homens. Por um momento pensou que era outra obra do Lillywhite, mas logo caiu na conta de que tudo eram negros. Todos menos um.

“ Eles cochons” , haviam dito os russos. “ Pour o Monsieur Wylie.” E ali vinha Monsieur Wylie, com seus escravos, para receber seus cerdos !

voltou a tender-se de bruces e se arrastou pelo metal molhado, rumo à parte traseira do abrigo. Ficava por ver se Wylie se mostraria mais disposto a ajudá-lo que atravessá-lo com sua própria espada. Mas sem dúvida o homem queria proteger a seus russos.

A água estava fria, mas não tanto como para intumescê-lo, e a maré não era ainda muito forte. Tragou um pouco de ar e continuou bracejando, alerta. Agora estava no lado norte do mole, escondido na sombra intensa que arrojava a embarcação dos russos.

Não se ouviam vozes por ali. O sussurro da chuva no estreito cobriria qualquer ruído que ele fizesse. Preparado, pois. Com os pulmões cheios de ar, lançou-se para a luz chuvosa, mais à frente do mole.

Nadou desesperadamente, tratando de não chapinhar; a cada instante esperava que uma bala de mosquete lhe cravasse entre os omoplatas. meteu-se entre as ervas, que lhe açoitaram o braço e a perna; então girou pela metade, ofegante, com a ardência do sal nos cortes. Um momento depois engatinhava pela maleza do pântano, com as totoras ondulando sobre sua cabeça e a chuva lhe castigando as costas.

Por fim se deteve, com o peito palpitante por falta de ar. E agora que diabos podia fazer? Ter fugido do abrigo esta muito bem, mas não tinha nenhum plano. Procurar o Jamie, supostamente, se é que o conseguia sem que voltassem a apanhá-lo.

Como se o pensamento tivesse atraído a atenção, ouviu o chapinho de alguém que caminhava a passo lento pelo pântano, a pouca distância. Estava procurando. Ficou imóvel, com a esperança de que a chuva dissimulasse o ruído de sua forte respiração.

de repente alguém apartou frente a ele, a um palmo de sua cara. No outro extremo, um negro o olhava boquiaberto, com os olhos dilatados pelo assombro.

- Você não zarigüeya! - disse, em tom de profunda acusação.
- Não - reconheceu Roger, brandamente. tocou-se o peito com mão trêmula, para assegurar-se de que seu coração seguisse ali dentro- . Sinto muito.

Em sua casa, Phillip Wylie era muito diferente de quando estava em sociedade. Para apanhar aos porcos se embelezou com calças folgadas e avental de granjeiro; molhado pela chuva e sem rastros de peruca, pintura, pós nem lunares postiços, conservava sua magra elegância, mas o via muito mais normal e razoavelmente apto. Também um pouco mais inteligente, embora tendia a ficar boquiaberto e insistia em interromper o relato do Jamie com perguntas e exclamações.

- Lillywhite? Randall Lillywhite? Mas, como pôde...?

- Concentre-se, homem - disse Jamie, impaciente- . Mais tarde o explicarei melhor, mas ele e esse delegado vão trincar aos russos como se fossem presuntos de Natal. Temos que nos ocupar disso agora mesmo.

Wylie lhe cravou um olhar fulminante; logo jogou uma olhada suspicaz ao Roger.

- Ele tem razão - grasnou o jovem.

Apertou os lábios em uma linha fina e exalou com força o fôlego pelo nariz. Logo olhou a seus escravos como se os contasse; eram seis, todos armados de varas fortes. Um ou dois levavam facas de cano ao cinturão. Ele assentiu com a cabeça, como se tivesse tomado uma decisão.

Vamos.

Para evitar o delator rangido das conchas, atravessaram o pântano a passo lento, mas sem pausa.

- por que porcos? - ouviu que perguntava Jamie, com curiosidade.

- Não são porcos - explicou Wylie- . Javalis russos, para caça esportiva. Todo mundo diz que, de todos os animais de caça, o javali russo é o adversário mais feroz e mais ardiloso. Proponho-me soltá-los nos bosques de minha propriedade, para que se reproduzam.

Ao aproximar o embarcadero, Roger divisou um fugaz movimento: a embarcação mais pequena se retirava.

- renunciaram para nos buscar, a mim e ao uísque, e despedem dos homens. - Jamie se passou uma mão pela cara para enxaguá-la chuva- . O que decide você, Wylie? Não há tempo que perder. Os russos estão no abrigo principal, no mole.

Uma vez decidido, Wylie não se andava com rodeios.

- Vamos lá! - disse.

E agitou uma mão para chamar a seus escravos. Todos correram para o mole. O grupo girou para o caminho de conchas, indo pelo muro com um ruído de avalanche. Parecia que todo um exército inimigo se aproximasse.

Uma cara sobressaltada apareceu entre os abrigos e se retirou imediatamente. Jamie lançou um de seus selvagens gritos montanhês. Wylie deu um coice, mas logo lhe uniu com um uivo:

- Saíam daí bodes!

Os negros, assim respirados, começaram a gritar também e se lançaram para o mole, agitando as varas com entusiasmo.

Foi quase uma desilusão chegar ao mole e não encontrar a ninguém, salvo aos russos cativos, que estiveram a ponto de decapitar ao Phillip Wylie ao lhe ver abrir a porta de sua prisão sem anunciar-se. fez-se uma breve inspeção do russo e a restinga lhe circuncidem, mas não encontraram rastros do Lillywhite nem do Anstruther.

- Seguro se vão nadando - disse um dos negros, ao retornar. E assinalo com a cabeça o matagal dos bancos de areia- . Caçamo-los?

- Não se foram a nado - disse Wylie, pelo baixo. Fez um gesto para a pequena praia vazia, junto ao embarcadero- . Levaram-se meu bote, os vadios.

Aborrecido, começou a dar ordens para o desembarque dos javalis russos. Chemodurov e sua família já foram para a casa da plantação.

Um dos escravos saiu do abrigo com uma braçada de armas, o qual recordou ao Wylie seus deveres de anfitrião.

- Agradeço-lhe a ajuda que me emprestou para proteger minha propriedade, senhor - disse ao Jamie, com uma reverência bastante rígida- . Permite-me lhes oferecer minha hospitalidade, a você e ao senhor MacKenzie?

- Sou eu que lhe está agradecido, senhor, por nos ajudar a proteger nossa vida - replicou Fraser, com igual rigidez- . E avaliação o oferecimento mas...

- Será um grande prazer - interrompeu-o Roger - . Muito obrigado.

E surpreendeu ao Wylie com um firme apertão de mãos. Logo agarrou a seu sogro pelo cotovelo e o levou para o caminho de conchas, antes de que pudesse protestar

- Mas se não terem por que lhe beijar o culo - disse, em resposta aos rezongos do Jamie, enquanto entravam no bosque- . Que seu mordomo nos dê uma toalha limpa e algo de almoçar; logo iremos, antes de que ele termine com seus javalis. Não tomei o café da manhã e você tampouco. E se for preciso voltar para o Edenton a pé, não penso fazê-lo com o estômago vazio.

A idéia da comida pareceu devolver um pouco a equanimidade do Jamie. De mútuo acordo, deixaram para mais adiante a análise dos últimos acontecimentos...e as especulações sobre o paradeiro do Stephen Bonnet.

- Javalis russos, nada menos! - exclamou Jamie quando se detiveram o casaco do bosque. sacudiu-se como os cães- . Não acredito que esse homem tenha visto um javali em toda sua vida! Qualquer diria que pode matar-se sem tanto gosto.

- Quanto crie que pode lhe haver flanco? mais do que você e eu ganharemos em dez anos, provavelmente. Só para que uns quantos porcos viajem...Quanto? Seis mil milhas? - Roger moveu a cabeça, estupefato.

Roger tinha visto um fugazmente, enquanto os escravos o tocavam pelo mole.

- Se que forem grandes - disse- . E quando tiverem engordado um pouco, suponho que serão todo um espetáculo. Mas não sei se isto gostarão, comparado com a Rússia.

Assinalou com um gesto o bosque úmido e enmalezado.

- Bom, não lhes faltarão bolotas nem raízes - observou Jamie - . E algum negro de vez em quando, como sobremesa. Suponho que estarão muito bem.

Roger se pôs-se a rir. Jamie grunho, divertido.

- Crie que brinco, né? É que você tampouco calçaste javalis.

Não. Talvez o senhor Wylie nos convide a vir...

Estalou-lhe a nuca. Todo o resto o desapareceu.

Em algum momento recuperou a consciência. Consciência de uma dor tão grande que o desmaio resultava imensamente preferível. obrigou-se a espalhar-se e levantou a cabeça, embora o esforço fez estalar foguetes dentro de seus olhos e o pôs ao bordo do vômito. apoiou-se nos cotovelos, com os dentes apertados. Ao cabo de um momento sua vista se limpou, embora as coisas eram ainda difusas.

Demorou um momento em compreender o que acontecia. Os homens estavam uns três metros mais à frente, onde a maleza e as árvores lhe impediam de ver a luta. Não obstante captou um murmúrio, “ A Dhia!”, entre os ofegos e os grunhidos. Então sentiu uma aguda pontada de alívio: Jamie estava com vida.

Sua espada estava a poucos passos, meio coberta de areia e folhagem. Também uma das pistolas, mas não se incomodou em tocá-la; embora a pólvora estivesse seca, não poderia sujeitar a arma com firmeza. Falhou várias vezes, mas uma vez que teve a mão bem metida na cazoleta da espada se sentiu um pouco melhor; já não a deixaria cair.

Sentia-se como o javali: o estou acostumado a desconhecido se movia traiçoeiramente sob seus pés. de repente pisou em algo brando, que rodava, e caiu sobre um cotovelo.

Ao girar torpemente sobre si, embaraçado pelas costas, descobriu que tinha pisado na perna do Anstruther. O delegado jazia de costas, com a coca aberta e expressão surpreendida. No pescoço tinha um grande corte; em redor a areia tinha absorvido muito sangue, avermelhada e fedorento.

Retrocedeu, e a surpresa fez que ficasse de pede sem pensá-lo. Lillywhite estava de costas a ele, com a camisa de linho molhada e pega à pele. Arremeteu em uma estocada, grunhindo; logo lançou um golpe de plano, parou...

Jamie mostrava os dentes em uma semisonrisa maníaca no esforço de seguir a arma de seu adversário. Mas tinha visto seu genro.

- Roger! - gritou, curto de fôlego- . Roger, a cariem!

Lillywhite, em vez de voltar-se para olhar, investiu, fez fintas, parou e arremeteu.

- Não...sou...tão tolo - ofegou.

Sem dúvida pensava que Jamie lhe mentia para induzi-lo a olhar para trás. A visão do jovem se rabiscava novamente nas bordas. aferrou-se de uma árvore, tratando de manter-se em pé.

- Né - disse com voz rouca. Elevou a espada, a ponta tremia- . Né!

Lillywhite deu um passo atrás e girou em redondo, com os olhos dilatados pela surpresa. Roger investiu às cegas, sem apontar, mas com toda a força que lhe subtraía no corpo.

A espada penetrou no magistrado pelo olho. depois de roçar o oco, o metal se cravou em algo e ficou aderido ali. Tratou de soltar a espada, mas sua mão estava agarrada na cazoleta. Lillywhite ficou rígido.

Já apavorado, retorceu-se em um intento de arrancar a espada. Lillywhite, depois de um espasmo, ficou lasso e caiu para ele, como um enorme pescado. E ele seguia atirando em vão por livrar da arma.

Por fim Jamie lhe sujeitou a boneca para liberá-lo. Logo o rodeou com um braço e o levou, tropeçando, cego de pânico e de dor. Sustentou-lhe a

cabeça e lhe esfregou as costas, murmurando tolices em gaélico, enquanto ele vomitava.

- Estas bem? - perguntou Roger, em meio de todo isso.

- Estou bem, sim. E você também, verdade?

Por fim pôde ficar de pé. Lillywhite jazia de barriga para cima na folhagem. Roger fechou os olhos, tragando saliva.

Vamos. - Jamie lhe agarrou de um braço e o passou pelos ombros.

Quando saíram do bosque já podia caminhar por seus próprios meios, embora tendia a desviar-se para os lados. Ante eles se levantava a casa Wylie. Cruzaram o prado, sem emprestar atenção aos olhares dos serventes, que se apinhavam nas janelas do piso alto para assinalá-los e murmurar entre si.

- por que? - perguntou Roger, ao deter-se para sacudir as folhas de sua camisa- . Hã-o ditos?

- Não. - Jamie extraiu da manga um pouco molhado que devia ter sido um lenço; depois de afundá-lo na fonte ornamental, usou-o para lhe limpar a cara. Depois de jogar um olhar às sujas nervuras resultantes, voltou a esclarecê-lo na fonte.

- A primeira notícia que tive foi o ruído de sua cabeça, quando Anstruther te golpeou. Agarra isto, que ainda sangra. Quando me volvei a olhar, já estava tendido no chão. E um momento depois uma espada me cruzou pelas costelas, como saída de um nada. Olhe esta. - Colocou os dedos por toucinho talho aberto na camisa- . Agachei-me depois de uma árvore e a gastas obtive desenvainar a tempo. Mas nenhum dos dois disse uma palavra.

- Céus! É porque tenho a cabeça arrebetada ou em realidade isto não tem nenhum sentido? por que se empanavam tanto em nos matar?

- Porque nos queriam mortos - explicou Jamie, muito lógico, enquanto se arregaçava para lavá-las mãos na fonte- . Eles ou algum outro.

- Stephen Bonnet?

Se eu gostasse do jogo o apostaria tudo por ele.

Mas se você gosta do jogo!

Pois já vê.

Jamie se passou distraidamente uma mão pelo cabelo revoltado. Logo se voltou para a casa. Karina e suas irmãs agitavam extaticamente a mão da janela.

O que eu gostaria de saber, neste momento, é onde está Stephen Bonnet.

No Wilmington.

Jamie virou em redondo, franzido o sobreceixo.

O que?

- Que está no Wilmington - repetiu Roger- . É o que disse Lillywhite, mas eu pensei que brincava.

Seu sogro o olhou fixamente um momento.

- Queira Deus que tenha sido uma brincadeira - disse.

103

Entre os mirtos

Wilmington

Comparada com a Colina Fraser, Wilmington era uma metrópole embriagadora. Em circunstâncias normais, as garotas e eu teríamos desfrutado plenamente de suas delícias. Não obstante, a ausência do Roger e Jamie, assim como o caráter da missão que se impuseram, pediam-nos encontrar muita distração.

Levantávamo-nos com os olhos inchados, entre montões de roupa suja

e lençóis úmidos. depois de alimentar e vestir aos meninos, saíamos em busca de qualquer alívio mental que se pudesse achar durante o dia: carreiras de cavalos, lojas ou as veladas musicais pela que rivalizavam, uma vez por semana e em noites sucessivas, as duas anfitriãs mais eminentes da cidade.

A senhora Dunning ofereceu a seu o dia seguinte à partida do Roger e Jamie. As execuções de harpa, violino, clavicémbalo e flauta se intercalavam com recitais de poesia e “ Canções, tão Cômicas como Trágicas” , interpretadas pelo senhor Angus McCaskill, o popular e cortês proprietário da estalagem maior do Wilmington.

Durante toda a atuação, Brianna luziu um semblante tão apaixonadamente reflexivo que acabou por descontar aos músicos; alguns observavam com nervosismo e se escapuliam para o outro lado do salão, para interpor o clavicémbalo entre ambos. Eu sabia que a atitude de minha filha não se relacionava absolutamente com a execução: antes bem, revivia as discussões que tinham precedido à partida dos homens.

Brianna se mostrou apaixonada, eloqüente e feroz. Jamie, paciente, sereno e inamovível. Eu mantive a boca fechada; por uma vez fui mais teimosa que qualquer deles. Não podia, a consciência, me aliar com o Bree, pois sabia como era Stephen Bonnet. Tampouco podia me aliar com o Jamie, pois sabia como era Stephen Bonnet.

Mas também sabia como era meu marido. E se ao pensar que ia enfrentar se com esse homem me sentia como se estivesse pendurada de uma corda puída, sobre um poço sem fundo, também reconhecia que estava equipado como poucos para essa tarefa. além de sua habilidade para matar, tratava-se de um assunto de consciência.

O que Boneta tinha feito a Brianna não era um crime que Jamie pudesse perdoar, muito menos esquecer. Mas além da simples vingança ou a ameaça constante que esse homem representava para o Bree e Jemmy, Jamie se sentia pessoalmente responsável, ao menos em parte, pelo dano que Bonnet pudesse causar no mundo: a nossa família ou a outras pessoas. Em uma ocasião lhe tinha ajudado a escapar do patíbulo; não teria paz enquanto não corrigisse esse engano. E assim o disse.

- Estupendo! - vaiou-lhe Brianna, com os punhos apertados aos flancos- . Você terá paz. Perfeito! E que paz teremos mamãe e eu se você morrer? Ou Roger?

- Preferiria que fôssemos uns covardes?

- Sim!

- Não é verdade - assegurou ele - . Agora pensa assim porque tem medo.

- É obvio que tenho medo! E também mamãe, só que ela não o diz porque pensa que irá de qualquer modo.

- Se pensar isso, tem razão. - Jamie me olhou de soslaio, com uma ameaça de sorriso- . Conhece-me bem, verdade?

Olhei-o, mas imediatamente apartei a cara, com os lábios bem fechados, e me dediquei a contemplar os navios ancorados no porto, enquanto a discussão continuava.

Foi Roger quem lhe pôs fim.

- Brianna - disse brandamente, quando ela fez uma pausa para

respirar- . Não permitirei que esse homem viva no mesmo mundo que meus filhos ou minha esposa - continuou- . Partimos com sua bênção...ou sem ela?

Se alguma bênção lhe deu, foi outorgada de noite, na paz do leito. Jamie recebeu minha bênção e meu adeus na mesma escuridão, sempre sem dizer uma palavra.

De noite seguinte, a senhora Crawford apresentou em sua velada aos mesmos executantes, pouco mais ou menos, mas com uma novidade: foi ali onde conheci o aroma das velas de mirto.

- O que é esse perfume encantador? - perguntei no intervalo à proprietária da casa.

- Cera de mirto - respondeu ela, agradada- . Não a utilizo por si só, embora seja possível, porque se necessita uma tremenda quantidade de bagos cerca de oito libras, para obter umas só libera de cera. De modo que mesclo a cera de mirto com a de abelhas. E fiquei muito satisfeita.

Assim foi como, ao terceiro dia, pedi emprestados vários cubos a nossa posadera, encarreguei uma cesta com o almoço e reuni a minhas tropas para uma expedição recolectora.

Brianna e Marsali consistiram imediatamente, embora com pouco entusiasmo.

- Algo é preferível a ficar sentadas aqui, preocupadas - disse Brianna.

- Sim, e algo é melhor que o aroma de fraldas sujos e leite azedo - acrescentou Marsali, abanicándose com um livro; a via pálida- . Não me viria mal um pouco de ar fresco.

Eu não estava segura de que pudesse caminhar tanto com seu volumoso ventre (já estava no sétimo mês), mas ela assegurou que o exercício lhe sentaria bem.

O senhor Burns, nosso hospedeiro, desenterrou amavelmente um velho carrinho de mão de cabra, que teve a gentileza de nos oferecer. Não obstante, a cabra estava dedicada a comer urtigas no jardim vizinho e recusou deixar-se apanhar. Depois de persegui-la acaloradamente durante um quarto de hora, Brianna declarou que preferia atirar ela mesma do carrinho de mão antes que seguir jogando que te pilho com esse animal.

- Senhora Fraser, senhora Fraser!

Já íamos rua abaixo, com os meninos, os cubos e a cesta do almoço no carrinho de mão, quando a senhora Burns saiu correndo da estalagem; trazia uma jarra de cerveja em uma mão e uma vetusta pistola de pederneira na outra.

- Serpentes - explicou ao me entregar a arma- . Diz meu Annie que a última vez que passou por ali viu dez ou doze víboras.

- Serpentes - repeti, aceitando a contra gosto o objeto e sua correspondente parafernália.

ia pôr a pistola no cesto da comida, mas ante a querúbica inocência do Germain e Jemmy decidi que era imprudente lhes deixar uma arma à mão, embora estivesse carregada. Optei por deixá-la cair dentro de um cubo e o pendurei do braço.

Guiadas pelas indicações da senhora Crawford, percorremos um

quilômetro e meio praia abaixo, até encontrar um bosque costeiro.

- por ali - disse, assinalando a emaranhada vegetação.

Como teria sido mais difícil continuar com o carrinho de mão, deixamo-la ali. Enquanto os meninos corriam livremente, perseguindo caranguejos e aves, entramos a passo lento no bosque achaparrado.

face ao espesso da maleza, caminhar por ali era mais agradável que pela praia aberta; as árvores eram o bastante altos para brindar uma grata sensação de intimidade e refúgio; a fina capa de folhagem e pinaza permitia pisar em melhor.

Jemmy, cansado de caminhar, atirou-me da saia e estendeu os braços.

- Vamos. - Deixei que o cubo de bagos me pendurasse da boneca e o elevei com um ranger de vértebras; era um menino muito bem fornido. Ele me rodeio comodamente da cintura com os pés talheres de areia e apoiou a cara em meu ombro, com um suspiro de alívio.

Quando vimos um exuberante grupo de mirtos, não disseminamos até pedernos de vista entre as matas, mas de vez em quando nos chamávamos mutuamente, a fim de não nos extraviar.

Eu tinha deixado ao Jemmy no chão. Enquanto me perguntava se podia dar alguma utilidade à polpa dos bagos, depois das ferver para extrair a cera, ouvi um suave ranger de pisadas ao outro lado do arbusto.

- É você, querida? - perguntei, pensando que era Brianna- . Conviria almoçar logo; acredito que está aponto de chover.

- Pois que amável convite - disse uma voz masculina, muito divertida- . O agradeço, senhora, mas tomei o café da manhã em abundância recentemente momento.

Ao vê-lo sair de atrás do arbusto fiquei paralisada, completamente emudecida. O estranho é que minha mente funcionava à velocidade da luz.

“ Se Stephen Bonnet estiver aqui, é que Jamie e Roger estão fora de perigo, graças a Deus” .

“ Onde estão os meninos?”

“ Onde está Bree?”

“ Onde está essa pistola, maldita seja?”

- Quem é esse, grandmere? - Germain, com algo que parecia uma ata morta pendurando de uma mão, aproximou-se com cautela e olhou ao intruso com os olhos entreabridos.

- Germain - disse com voz rouca, sem apartar os olhos do Bonnet- , vá a por sua mãe e fica com ela.

- Com que grandmere? E quem é sua mãe? - O homem nos olhou alternativamente, interessado. Por fim inclinou o sombreio para trás e se arranhou a mandíbula.

- Isso não importa - disse, com toda a firmeza possível- . Vê, Germain!

Joguei uma olhada para baixo, mas a pistola não estava em meu cubo. Dos seis tínhamos deixado três no carrinho de mão; indubitavelmente a arma estava em um de esses. Má sorte.

- OH!, não vá ainda, jovencito. - Bonnet fez um gesto para o Germain, mas o menino, alarmado, se escabulló para trás e lhe arrojou o rato aos joelhos. A surpresa fez que o homem vacilasse um instante, justo o que Germain necessitava para desaparecer entre os mirtos. Oxalá soubesse onde estava Marsali. Quão último precisávamos era que se perdesse.

Bom, possivelmente havia coisas piores. O último era que Stephen Bonnet visse o Jemmy. E isso foi o que aconteceu um instante depois, quando meu minto saiu das matas. Minha paralisia desapareceu em um segundo: elevei-o precipitadamente e retrocedi vários passos.

- E quem é este doce hombrecito? - perguntou Bonnet, dando um passo fazia mim.

- Meu filho - respondi imediatamente.

- Já vejo que se parece com seu pai. - Nas povoadas sobrelhas loiras, brilhavam gotas de suor. - E a sua...irmã. Essa encantadora filha dela, encontra-se por aqui, querida minha? Tenho muitos desejos de renovar nossa relação.

- Não o ponho em dúvida - disse, sem me esforçar por dissimular meu tom cortante. - Mas ela está em casa...com seu marido.

- Em casa, vá! E a que chama você casa, senhora? - tirou-se o chapéu para secá-la cara com a manga.

- Pois...a que lhes tenha no campo. Uma granja. - Assinale vagamente para o que me pareceu o oeste.

- Uma granja - repetiu; um músculo lhe contraiu na bochecha. - E o que lhes trouxe tão longe de sua casa, se me permite perguntar?

- Não lhe permito - disse. - Quer dizer...pode perguntar-lhe a meu marido. Não demorará para vir.

- OH!, isso o duvido, minha querida senhora Fraser. Verá você, a estas horas o já estará morto.

- O que quer dizer?

- Explicarei-lhe: foi um trato - disse. Sua diversão parecia ir em aumento. - Uma divisão de trabalho, poderia-se dizer. Meu amigo Lillywhite e o bom do delegado se ocupariam dos senhores Fraser e MacKenzie; o tenente Wolff dirigiria a parte da senhora Cameron. Desse modo ficava a meu cargo a agradável tarefa de familiarizar com meu filho e me reencontrar com sua mãe. - Seu olhar se encontrou com o Jemmy.

Ante isso riu brevemente.

- Não sabe você mentir, senhora, se me perdoar o comentário. Sabe perfeitamente o que quero dizer, pois me viu lá, no River Run. Francamente, eu adoraria saber o que faziam você e o senhor Fraser. Carnear a essa negra que matou Wolf? Dizem que a imagem do assassino fica gravada nos olhos da vítima, mas a julgar pelo que vi, você não observava os olhos. Era algum tipo de magia?

- Wolff...Com o que foi ele?

Nesse momento me dava quão mesmo o tenente tivesse assassinado a uma vintena de mulheres; só queria entretê-lo com qualquer tema de conversação.

- Pois sim. É um incompetente, é Wolff - disse com objetividade. - Mas como foi ele quem averiguou o do ouro, exigiu participar da empresa.

Onde estavam Marsali e Brianna? As teria encontrado Germain? Não se ouvia outra coisa que o zumbido dos insetos e o bater longínquo do fluxo. Mas alguém tinha que nos ouvir.

- O ouro - disse, em voz algo mais alta. - A que ouro se refere? No River Run não há ouro algum. Yocasta Cameron já o haverá dito.

- Reconheço que a senhora Cameron minta melhor que você, querida,

mas tampouco a acreditei. O caso é que o doutor viu esse ouro, compreende você?

- Que doutor?

- Rawls...acredito que se chamava. Ou Rawlings - esclareceu Bonnet-. Mas não tive o prazer de conhecê-lo, de modo que poderia me equivocar.

- Sinto muito, mas ainda não entendo uma palavra do que me diz.

Eu tentava simultaneamente lhe sustentar o olhar e procurar no chão algo que se pudesse utilizar como arma. Bonnet tinha uma pistola e uma faca no cinturão, mas não parecia desejoso de usá-los.

- Não? Pois bem, foi Wolff, como lhe dizia. Necessitava que lhe extraíssem um dente ou um pouco parecido, e assim foi como conheceu esse médico ruim no Cross Creek. Logo o convidou a beber algo e acabou acontecendo a noite em um botequim, bebendo com ele. Por isso parece, o doutor era outro bêbado. Antes do amanhecer os dois eram unha e carne. Rawlings deixou traslucir que no River Run tinha visto uma grande quantidade de ouro, pois justamente vinha dali, compreende você?

Rawlings pediu a consciência ou a recuperou o bastante para não dizer mais, mas essa revelação foi suficiente para reafirmar à tenente em sua decisão de obter a mão (e a propriedade) da Yocasta Cameron.

- Mas a senhora não quis saber nada dele. E logo anunciou que tinha aceito ao maneta. Ah!, que golpe cruel para o orgulho do tenente. - Sorria ao dizê-lo; faltava-lhe um molar a um lado.

O tenente Wolff, furioso e desconcertado, pediu conselho a seu grande amigo, Randall Lillywhite.

- Ah, Foi por isso que mandou prender o padre na congregação? Para evitar que casasse à senhora Cameron com o Duncan Innes?

- Assim devia ser. Uma pequena prosterção nos daria a oportunidade de investigar melhor o assunto.

Essa oportunidade se apresentou durante as bodas. Tal como o tínhamos exposto em nossas teorias, alguém (o tenente Wolff) tentou drogar ao Duncan Innes com uma taça de ponche e láudano. O plano era deixá-lo inconsciente e jogá-lo no rio. Durante o revêlo ocasionado pelo desaparecimento do noivo e sua presumível morte acidental, Wolff poderia revisar o lugar a fundo, em busca do ouro...e ao seu devido tempo renovar sua proposição a Yocasta.

- Mas a negra se bebeu o preparado - disse, sem que lhe movesse o cabelo- . Por desgracia não a matou. E como teria podido dizer quem lhe entregou a taça, Wolff mesclou vidro moído às papas que foram lhe dar.

- O que quero saber - disse- é que papel desempenha você em tudo isto. O que para ali, no River Run?

- Não sabe você, querida, que o tenente e eu somos grandes amigos há anos? Ele me pediu ajuda para eliminar ao maneta. Desse modo poderia deixar-se ver em meio da festa, divertindo-se em total inocência, enquanto seu rival sofria um acidente. Uma vez que o láudano falhou, o melhor teria sido lhe dar um bom golpe na cabeça a esse Innes e jogá-lo na água. Mas não houve maneira; passou-se a metade do dia nas letreiras e sempre havia alguém com ele.

Não havia a meu alcance nada que se pudesse usar como arma. Durante a conversação Jemmy ia perdendo o medo a esse desconhecido e

começava a querer largar-se.

Retrocedi um pouco; Bonnet, ao vê-lo, sorriu sem preocupação. Obviamente não acreditava que eu pudesse escapar. E esperava algo. É obvio, havia-me isso dito ele mesmo. Esperava a Brianna. Compreendia tardiamente que nos tinha seguido da cidade; sabia que Marsali e Brianna estavam perto; era muito mais singelo esperar a que reaparecessem.

- A senhora Cameron...Innes, nesta ocasião, mostrou-se bem disposta a falar assim que lhe insinuei que seu marido podia perder algumas de suas entesouradas partes. Mas em realidade essa velha embusteira nos mentiu. Mais adiante, ao refletir, me ocorreu que se mostraria mais disposta se se tratava de seu herdeiro. - E olhou ao Jemmy, estalando a língua- . Assim iremos ver sua tia avó, verdade pequeno?

Jemmy o olhou com desconfiança e se apertou para mim. Eu tinha conseguido me introduzir entre duas matas de mirto. Trataria de lhe distrair com a conversação até que pudesse me girar, deixar ao Jemmy no chão e insisti-lo a correr. Com um pouco de sorte poderia lhe bloquear o passado o tempo suficiente para que ele fugisse...sempre que o menino pusesse-se a correr.

- Lillywhite - disse, retomando a conversação- . A que se referia você quando o disse que ele e o delegado foram ocupar se de meu marido e o senhor MacKenzie?

- Pois o dito, senhora Fraser: seu marido morreu. - Tinha começado a olhar além de mim, entre as matas. Obviamente, esperava que Brianna aparecesse em qualquer instante- . O que aconteceu durante as bodas nos fez ver com claridade que não convinha permitir que a senhora Camero tivesse tanto amparo. Se tínhamos que tentá-lo novamente, era mister que ela não tivesse parentes varões aos que pedir ajuda nem vingança. Por isso, me ocorreu que era uma boa oportunidade para eliminá-lo tanto a ele como ao senhor MacKenzie: dois pássaros de um só tiro. Mas logo me pareceu melhor que Lillywhite se ocupasse dessa parte, junto com seu delegado domesticado. - Sorriu- . Enquanto isso eu viria a por meu filho e sua mãe; desse modo não haveria perigo de algo saísse mau. Compreende você? Poderíamos...

Girei sobre meus talões e plantei ao Jemmy no chão, ao outro lado das matas.

- Corre! - insisti-o- . Corre, Jem, vete.

Se escabulló com um brilho vermelho, choramingando de medo. Bonnet chocou comigo.

Tratou de me apartar de um tranco, mas eu o estava esperando e tratei de lhe arrebatá-la a pistola que levava a cinturão. Ele se apartou com um movimento brusco, mas eu já tinha pego a culatra; desencapei-a e, enquanto, caía ao chão, com ele em cima, arrojé-a para trás.

Ele rodou para um flanco e se incorporou sobre os joelhos. Imediatamente ficou petrificado.

- Não se mova...ou pela Santa Virgem que lhe voarei a cabeça.

Marsali, branca cone um lençol, apontava a vetusta pistola de pederneira contra ele, por cima da curva de seu ventre.

- Mata-o, mamam! - A cara do Germain, detrás dela, brilhava de ansiedade - . Mata-o! Como ao puercoespin!

Joan, algo mais atrás, começou a chorar para ouvir a voz de sua mãe, mas Marsali não apartava os olhos do Bonnet. Teria carregado e cevado a pistola? Provavelmente, posto que cheirava a pólvora negra.

- Vale, vale - disse Bonnet, lentamente.

Notei que calculava a distância entre ele e Marsali: quatro ou cinco metros, muito para que pudesse alcançar a de um salto. Pôs um pé no chão e começou a levantar-se. Em três passos chegaria até ela.

- Não deixe que se levante! - Eu também me pus de pede e lhe dava um empurrão no ombro. Caiu de lado e amorteceu o golpe com uma mão. Logo girou para trás, com mais celeridade da que eu teria podido imaginar, e me agarrou pela cintura para me pôr sobre ele.

de repente me encontrei com seu braço apertado em torno do pescoço, me sujeitando contra seu peito. Houve um sussurro de metal contra a pele e algo frio me tocou o pescoço. Deixei de lutar para agarrar fôlego.

Marsali tinha os olhos abertos como pratos e os lábios muito apertados. Graças a Deus, seu olhar seguia apontando ao Bonnet e a pistola também.

- Dispara, Marsali - disse, com calma- . Agora mesmo.

- Baixa essa pistola, moça - disse Bonnet, com igual serenidade- , se não quiser que lhe corte o pescoço no que conto três. Um...

- Lhe dispare! - ordenei com todas minhas forças. E inalei minha última baforada de ar.

- Dois...

- Espere!

A pressão da folha contra meu pescoço cedeu um pouco; com um comichão de sangue, permitiu-me outro fôlego que já não esperava. Mas não tive tempo de desfrutá-lo: Brianna estava entre os mirtos, com o Jemmy obstinado a suas saias.

- Solta-a - disse.

Marsali, que continha o fôlego, deixou-o escapar em um ofego e respirou a fundo.

- Não me soltará. E tampouco importa - disse a ambas, com firmeza- . Marsali, lhe dispare. Faz-o já!

Ela esticou a mão que sustentava a arma, mas não pôde fazê-lo. Jogou uma olhada a Brianna; estava muito pálida e lhe tremia a mão.

- Mata-o, mamam - sussurrou Germain, mas sua voz havia desaparecido da ansiedade. Ele também estava pálido e não se separava de sua mãe.

- Virá comigo, preciosa. Você e o pequeno. - Ao falar Bonnet senti a vibração de seu peito; também percebi a meio sorriso em sua cara, embora não podia vê-la- . Os outros podem ir-se.

- Não faça conta - disse, tratando de que Bree me olhasse- . Não nos deixará ir, e você sabe. Matará-nos, a mim e ao Marsali, embora diga o contrário. O único que se pode fazer é lhe disparar. Se ela não puder, terá que fazê-lo você, Bree.

Os olhos da Brianna se desviaram bruscamente fazia mim, espantados. Bonnet grunho, médio divertido, médio vexado.

- Condenar a sua mãe? Não é capaz disso, senhora Fraser.

- Ouça, Marsali...te matará, e ao bebê contigo - disse, esticando todos

os músculos no esforço de fazer o compreender, de obter que disparasse- . Germain e Joan morrerão aqui, sozinhos. O que aconteça comigo não importa, me acredite. Pelo amor de Deus, dispara já!

Ela disparou.

Houve uma faísca e uma baforada de fumaça branca; Bonnet deu um coice. Logo a mão do Marsali se afrouxou, a boca da pistola apontou para baixo...e o projétil caiu à areia, junto com o taco. O tiro tinha falhado.

Marsali gemeu de espanto. Brianna, com a velocidade do raio, recolheu o cubo cansado e o jogou na cabeça do Bonnet. Ele me soltou para lançar-se até lado, com um chiado. Um momento depois Germain e Jemmy choravam a dueto e Joan chiava como uma louca no bosque.

Bonnet estava novamente de pé, avermelhado e com a faca na mão. Embora o via furioso, fez um esforço por sorrir a Brianna.

- Vamos, bonita - disse, elevando a voz para fazer-se ouvir por cima de barafunda- . Só vim a por ti e a por meu filho. Não vou fazer lhes dano.

- Não é seu filho - replicou ela, em voz baixa e inflamada- . E nunca o será.

- Não? - exclamou ele, depreciativo- . Pois não é o que me disse naquela masmorra do Cross Creek, meu céu. E agora que o vejo...- Olhou novamente ao Jemmy- . É meu, querida. Me parece, verdade, moço?

Jemmy, entre uivo, sepultou a cara nas saias de sua mãe. Bonnet se encolheu de ombros e abandonou todo intento de enrolá-la.

- Vamos - disse. E deu um passo para diante, com intenção de apoderar-se do Jemmy.

A mão da Brianna saiu de suas saias, armada com uma pistola. Era a que eu tinha arrancado do cinturão desse homem, e apontava ao sítio de onde provinha. Bonnet se deteve em seco, boquiaberto.

- O que me diz? - sussurrou. Olhava-o sem piscar- . Mantém a pólvora seca Stephen?

Afirmou a pistola com ambas as mãos e disparou a entrepierna.

Ele foi veloz, devo reconhecê-lo. Embora não tinha tempo para fugir, cobriu-se a parte ameaçada com ambas as mãos, no mesmo instante em que ela apertava o gatilho. O sangue estalou entre seus dedos em uma densa garoa, sem que eu pudesse ver onde o tinha ferido.

Retrocedeu com passo vacilante, aferrando-se. Olhava em redor cone se não pudesse acreditá-lo. Sua respiração se fez mais rápida e trabalhosa. Nós o olhávamos, paralisadas.

Entre ofegos, deu a volta e se afastou, como um inseto que alguém tivesse pisado, com movimentos convulsos. ouviu-se o ruído das matas contra as que chocava. Um momento depois desapareceu.

- Dizia a verdade? - Brianna se agachou junto a mim- .Crie que terão morrido?

- Não - disse. Não sentia pânico ao recordar o que Bonnet havia dito; só uma certeza no peito, como um peso pequeno e reconfortante- . Não, não morreram.

Marsali havia desaparecido para ir a pelo Joanie. Germain, inclinado sobre a areia, estudava com fascinação as manchas de sangue.

- Vamos - disse, enquanto dava tenros tapinhas ao Jemmy- . Acredito que por agora prescindiremos de velas perfumadas.

Roger e Jamie reapareceram dois dias depois. Eu estava razoavelmente segura de que Roger tinha uma pequena comoção cerebral, mas ele se negou a deitar-se. Em troca permitiu que Bree lhe sustentara a cabeça no regaço e tocasse o impressionante galo, entre exclamações de horror. Enquanto isso, Jamie nos fez um breve relato da batalha do embarcadero e nós lhes demos uma explicação algo confusa de nossa aventura entre os mirtos.

- Então Bonnet não morreu? - perguntou Roger, abrindo um olho.

- Não sabemos - reconheci- . Escapou. Não sei se sua ferida era grave. Não perdeu muito sangue, mas se recebeu o disparo no sob ventre, é mortal, quase com certeza. A morte por peritonitis é muito lenta e horrível.

Fergus chegou no navio do meio-dia. Trazia triunfalmente as escrituras oficialmente seladas das duas concessões de terras, com o que coroou o dia. Não obstante, as celebrações foram limitadas, posto que ainda ficava um grande cabo solto.

depois de uma vigorosa discussão, decidiu-se que ele e eu viajaríamos imediatamente ao River Run. A parte jovem de nossa família permaneceria no Wilmington alguns dias mais para concluir os assuntos pendentes; enquanto isso se manteriam alertas se por acaso se falava de algum homem ferido ou moribundo. Depois retornariam à Colina Fraser, com cuidado de não aproximar-se do Cross Creek nem ao River Run.

- Assim o tenente não poderá influir sobre minha tia lhes ameaçando a ti ou ao menino - explicou Jamie a Brianna. Logo se dirigiu a seus genros.

- Quanto a vós, mo charadean, não podem deixar às mulheres e os pequenos sozinhos. Sabe Deus a quem poderiam matar esta vez!

Ao amanhecer seguinte, partimos sozinhos.

Astúcia de raposas

Três dias depois, quando já estava entardecendo, chegamos ao River Run.

- O que opina? - perguntei ao Jamie. Tínhamos detido aos cavalos ao pé do prado, para observar bem a situação antes de nos aproximar da casa.

- Pelo menos ninguém incendiou a casa - respondeu, íngreme sobre os estribos- . Tampouco há rios de sangue correndo pela escalinata.

Quando chegamos à porta principal tive a certeza de que algo andava mau. Na casa reinava uma quietude sinistra. O mais estranho era que Ulises não saísse a nos receber. Durante vários minutos ninguém respondeu a nossas chamadas; quando ao fim se abriu a porta, quem apareceu foi Freda, a criada da Yocasta.

Tinha tão má cara como a última vez que a tinha visto, quase um ano antes, depois da morte de suas mães; mas ao nos ver lhe iluminaram os olhos e relaxou a boca em visível alívio.

- OH, senhor Jamie! - exclamou- . Tanto como rezei desde ontem, pedindo que alguém viesse a nos ajudar!

- Sim, pequena. Nunca pensei que eu pudesse ser a resposta a uma prece, mas não tenho objeções. Minha tia...está bem?

E se retirou sem nos dar tempo a fazer mais perguntas, nos assinalando a escada.

Yocasta estava tecendo em suas habitações. Para ouvir nossas pegadas levantou a cabeça. antes de que pudéssemos dizer nada, perguntou com voz trêmula:

- Jamie? - E se levantou.

- Sim, tia, sou eu. E Claire. O que é o que acontece? - Jamie cruzou a habitação com grande rapidez e lhe agarrou a mão para lhe dar uns tapinhas reconfortantes.

A cara da anciã sofreu a mesma transformação de alívio que tínhamos visto na Freda. Durante um momento pareceu que lhe falhavam os joelhos, mas ergueu a coluna e se voltou para mim.

- Claire? Bendita seja Santa Bride por te haver trazido, embora não sei como...Mas deixemos isso por agora. Quer vir? Duncan está ferido.

Na habitação contígua, jazia inerte sob um montão de edredons. Em um primeiro momento temia que tivesse morrido, mas se moveu para ouvir a voz da Yocasta.

- MAC Dubh? - perguntou, intrigado. E apareceu a cabeça entre os cobertores, entortando os olhos na penumbra- . Por todos os Santos, o que te traz por aqui?

- O tenente Wolff - disse Jamie, algo cáustico- . Soa-te esse nome?

- Pois sim, é claro que sim.

A voz do Duncan tinha um sotaque estranho, mas não lhe emprestei atenção; estava ocupada em acender velas e desenterrá-lo para ver o que lhe acontecia. Esperava me encontrar com uma ferida de pistola ou adaga, mas a primeira vista não havia nada disso. Tive que reordenar a mente para

descobrir que tinha uma perna rota.

Enquanto Freda ia procurar material para lhe entalar a perna, Jamie, informado que Duncan não corria perigo, sentou-se para ir ao fono do assunto.

- O tenente Wolff andou por aqui? - perguntou.
- Né...sim. - Novamente essa pequena vacilação.
- E se foi?
- Pois sim. - Duncan se estremeceu involuntariamente.
- Dói? - perguntei.
- OH!, não, senhora Claire - assegurou-me- foi só...bom...
- Será melhor que me conte isso sem rodeios, Duncan - advertiu

Jamie, com certa exasperação- . E se as coisas são como acredito, eu também tenho algo que te contar.

O tenente tinha estado no River Run dois dias antes, mas contra seu costume não se apresentou pela porta principal. O que fez foi deixar seu cavalo maneado a um ou dois quilômetros e aproximar-se de pede, com sigilo.

- Sabemos só porque depois encontramos o cavalo - explicou Duncan, enquanto eu lhe enfaixava a perna- . Mas não suspeitávamos que estivesse aqui. Até que saí para ir a letrina, depois de jantar, e ele se arrojou em cima de mim na escuridão. Estive a ponto de morrer do susto. E logo caso morri seriamente, porque me disparou. Se tivesse tido o braço desse lado, acredito que o teria atravessado. Mas como não o tenho, não houve ferida.

Apesar de seu discapacidad, Duncan se defendeu ferozmente: golpeou à tenente na cara e carregou contra ele, derrubando-o para trás.

- Tropeçou com o muro de tijolo e caiu por cima, de modo que se deu um horrível golpe na cabeça.

- Vá! Então morreu no ato? - perguntou Jamie, interessado.

- Pois não. - Duncan parecia haver-se tranqüilizado durante o relato, mas nesse momento voltou a inquietar-se- . Verá, MAC Dubh...Eu também me cambaleei ao derrubá-lo, pisei na canaleta da letrina e me parti a perna. E ali fiquei, gemendo junto ao caminho. Por fim Ulises ouviu minhas chamadas e baixou, seguido por Eu.

Enquanto Ulises ia procurar um par de caballerizos para carregar ao Duncan há a casa, lhe tinha explicado a Yocasta o ocorrido. Depois, entre o dolo da perna rota e seu costume de deixar que o mordomo resolvesse as dificuldades, se despreocupó do tenente.

- Foi minha culpa, MAC Dubh; reconheço-o - disse, pálido e ojeroso- . Tinha que ter dado um par de ordens. Mas nem seguisse agora sei o que é o que devia mandar, e olhe que tive tempo para pensá-lo.

O resto da história, que lhe arrancamos em que pese a sua relutância, era que Yocasta e seu mordomo, depois de discutir o assunto, tinham chegado à conclusão de que o tenente já não era uma moléstia, a não ser uma verdadeira ameaça. E estando assim as coisas...

- Ulises o matou - disse Duncan sem rodeios. Logo fez uma pausa, novamente horrorizado- . Eu me há dito que ela o ordenou. E Deus sabe que é muito capaz disso, MAC Dubh.

- Céu Santo! - exclamou Jamie- . Se alguém se inteira, Ulises será enforcado no ato...ou algo pior, embora minha tia o tenha ordenado.

- Assim é - acrescentou Duncan- . Não posso permitir que vá ao patíbulo mas o que farei com o tenente? Terá que ter em conta a marinha, por não falar dos delegados e os magistrados.

Isso era um ponto decisivo. A prosperidade do River Run dependia em grande parte de que a marinha seguisse comprando madeira e breu. Em realidade, o tenente Wolff era o contato responsável por esses contratos. Era compreensível que a marinha de sua majestade olhasse com maus olhos ao latifundiário que tinha matado a seu representante local, qualquer que fosse seu motivo. Quanto à lei, representada pelo delegado e os magistrado, talvez fura um pouco mais pormenorizada com a situação...mas não com o penetrador. Quando um escravo derramava sangue de um branco, o condenava automaticamente, embora o tivessem provocado. Pouco importava o que tivesse acontecido; embora dez testemunhas declarassem que Wolff tinha atacado ao Duncan, Ulises não se salvaria.

Jamie se esfregou o queixo com um nódulo.

- Né...Como foi que...? Quer dizer...Não poderíamos declarar que o fez seu mesmo Duncan? depois de tudo foi em defesa própria. E temos evidências de que o homem veio a te assassinar, com a idéia de desposar logo a minha tia pela força ou, pelo menos, retê-la como refém para que revelasse o do ouro.

- Que ouro? - Duncan pôs cara de não entender - Mas se aqui não há ouro! Não ficou isso claro o ano passado?

- O tenente e seus sócios acreditam que sim - informei-lhe- . Mas Jamie lhes contará isso dentro de um momento. Agora bem, o que aconteceu com o tenente?

- Ulises lhe cortou o pescoço - disse Duncan, tragando saliva- . Com muito gosto diria que fui eu, mas...

Além de quão difícil teria sido degolar a alguém com uma só mão, era muito óbvio que o tenente tinha morrido à mãos de um canhoto. E Duncan nem sequer tinha mão esquerda. Eu sabia que Yocasta Cameron era canhota, ao igual a seu sobrinho, mas no momento o tato me impedia de mencioná-lo.

- Onde está Ulises?

- No estábulo, se é que não se foi já.

Consciente de que seu mordomo seria condenado a morte se alguém descobria a verdade, Yocasta lhe tinha ordenado selar um cavalo e fugir para as montanhas se via chegar a alguém.

Jamie respirou fundo e se passou uma mão pela cabeça, pensativo.

- Bom, o melhor seria que o tenente desaparecesse. Onde o pusestes Duncan?

- Acredito que está no fosso do andaime, MAC Dubh. Envolto em um tecido coberto de breu e abafado com lenha, como se fura uma cabeça de gado de porco.

Meu marido voltou a arquear as sobrancelhas, mas se limitou a assentir.

- De acordo. Deixa o de minha conta.

Deixei instruções de que dessem ao Duncan aguamiel e uma infusão de chá, eupatório e casca de cerejeira; logo saí com o Jamie para analisar os diferentes métodos de desaparecimento.

- O mais singelo seria enterrá-lo em um sítio qualquer, suponho - disse.

- Hum. - Jamie elevou a tocha de pinheiro para observar, pensativo, o vulto sob o tecido embreado- . Possivelmente. Mas penso nos escravos. Todos sabem o que aconteceu. Se o sepultarmos aqui também saberão. Não o dirão a ninguém, certamente, mas seu fantasma ficasse rondando, não?

- Seu fantasma? - repeti, me rodeando o xale.

- É obvio. Assassinado aqui e escondido sem vingança...

- Seriamente crie que rondaria por aqui? - perguntei, cautelosa- . Ou refere ao que acreditariam os escravos.

Ele se encolheu de ombros.

- Não acredito que haja muita diferença. Eles evitarão o lugar onde o enterremos; alguma das mulheres verá seu fantasma de noite e correrão os rumores, como sempre acontece. E chegará o momento em que um dos escravos diga algo no Greenriver; chegará para ouvidos do Farquad e não passará muito tempo sem que alguém deva fazer perguntas. Além disso, a marinha não demorará para procurar o tenente. E se o ancoramos no rio? depois de tudo, era o que ele pensava fazer com o Duncan.

- Não é má idéia - refleti- . Mas ele queria que Duncan aparecesse. É este lance o rio não tem muita profundidade e passam muitas embarcações. Até se puséssemos um bom peso ao cadáver, é possível que apareça flutuando na superfície ou que alguém o enganche com uma vara. Mas embora aparecesse, haveria algum problema? Ninguém o relacionaria com o River Run.

- Sim, é certo. Mas se aparecer alguém da marinha fará uma investigação. Alguém deverá fazer perguntas. E que passará se interrogarem aos escravos?

- Hum, sim. - Tendo em conta o nervosismo dos escravos, qualquer interrogatório faria que algum deles caísse no pânico e dissesse o que não devia.

Jamie contemplava com expressão abstraída o vulto abafado.

- Suponho que...poderíamos queimá-lo - disse, tragando bÍlis- . Ao fim e ao cabo já está no fosso.

- Não é má idéia - disse Jamie. Sua boca se contraiu em um vago sorriso- . Mas acredito tenho outra melhor.

Voltou-se para contemplar a casa. Havia luz em algumas janelas, mas todo mundo estava dentro, acovardado.

- Me acompanhe - disse, súbitamente decidido- . No estábulo deve haver uma maça.

O fronte do mausoléu estava fechado por uma grade ornamental de ferro forjado, com uma enorme fechadura; decoravam-na rosas jacobitas de dezesseis pétalas.

- Parece-te que isto é melhor que enterrá-lo ou queimá-lo? - perguntei em sussurros, embora não havia ninguém por ali.

- OH!, sim. O velho Hector se ocupará dele e evitará que faça mal a ninguém - assegurou Jamie, como se tal coisa.

Levantei a tocha para que Jamie visse melhor. Tinha envolto a maça com trapos, par ânus descascar o mármore. Os pequenos blocos da parede frontal, dentro da grade, estavam habilmente talhado de modo que se casassem entre si, e pegos com pouco cimento. Ao primeiro golpe, dois deles de deslocaram vários centímetros. Com alguns golpes mais se abriu um espaço escuro, pelo que se podia ver a negrume interior.

Jamie se secou o suor da frente e murmurou algo pelo baixo.

O que há dito?

Disse que isto fede - respondeu. Parecia intrigado.

- Do que te surpreende - perguntei, um pouco irritada- . Quanto faz que morreu Hector Cameron? Quatro anos?

Pois sim, mas não é...

- O que estão fazendo! - A voz da Yocasta ressonou detrás de mim, agudizada pela agitação. Estava de pé no caminho, fantasmagórica com sua camisola branca. Freda se acurrucaba detrás de sua ama.

- O que estamos fazendo? Pois sepultando à tenente Wolff, é obvio. - Jamie, sobressaltado pela súbita aparição de sua tia, pareceu um pouco vexado- . Deixa o de minha conta, tia. Não tem por que preocupar-se.

- Mas não deve. Não, não deve abrir a tumba do Hector! - Yocasta torceu seu largo nariz; obviamente tinha detectado o aroma de podridão.

- Não te aflija, tia - insistiu ele- . Volta para a casa. Já me arrumarei. Tudo sairá bem.

- Não, Jamie, não pode! Fecha isso. Fecha-o, Por Deus!

Em sua voz era inconfundível o pânico. Vi que Jamie franzia o sobrecenho, confundido. O vento voltou a levantar-se em uma pequena rajada, que trouxe para nós um aroma de morte muito mais potente. Jamie trocou de expressão; face aos protestos de sua tia, desalojou uns quantos blocos mais com rápidos golpes de maça.

- Traz a tocha, Sassenach - disse.

Fiz-o, com uma crescente sensação de horror. Juntos, ombro com ombro, olhamos pela estreita abertura. Dentro havia dois ataúdes de madeira lustrada, cada um em pedestal de mármore. E no chão, entre eles...

- Quem é, tia? - perguntou Jamie com voz serena.

Ela parecia petrificada. No rosto imóvel, os olhos cegos foram de um lado a outro, procurando uma fuga possível. Jamie deu um passo adiante e a aferrou por um braço. O susto a arrancou de seu transe.

- CO a th'Ann? - bramou- . Quem é? Quem!

- Chamava-se...se chamava Rawlings - disse vagamente.

- Como foi? - perguntou Jamie com calma.

Então, ela fechou os olhos e sotaque cair os ombros em um suspiro.

- Matou-o Hector.

- Ah, sim? - Jamie jogou um olhar cínico aos ataúdes e ao vulto que havia no chão, entre os dois- . Que façanha! Ignorava que meu tio fora tão capaz.

- Antes - esclareceu ela com voz inexpressiva, como se já nada importasse- . Rawlings era médico. Certa vez veio a me examinar os olhos. Quando Hector ficou doente fez que viesse de novo. Não sei bem o que aconteceu, mas o surpreendeu farejando por onde não devia e lhe esmagou a cabeça. Hector tinha mau gênio.

- Isso parece - comentou Jamie, jogando outra olhada ao corpo do doutor Rawlings- . E como?

- Ele...escondeu o cadáver; pensava levá-lo a bosque e abandoná-lo ali. Mas logo...piorou e não pôde levantar-se. Um dia depois, Hector morreu. Então...

Sua mão, larga e branca, apontou para a baforada de ar úmido e frio que surgia da tumba aberta.

Jamie ficou contemplando o mausoléu violado, com as sobrancelhas juntas em um gesto de concentração.

- Ouça, e de quem é o segundo ataúde? - perguntou.

- Meu. - Yocasta começava a recuperar o aprumo; quadrou os ombros e levantou o queixo.

Jamie me olhou com um pequeno bufido. Era acreditável que essa mulher preferisse deixar um cadáver exposto antes que colocá-lo em seu próprio ataúde, mas assim acrescentava as possibilidades de que fora descoberto. Até no caso de que alguém abrisse o mausoléu, o médico poderia ter descansado ali em total segurança, pois ninguém tivesse aberto o féretro da Yocasta até que chegasse o momento de que recebesse seu próprio corpo. É mulher era egoísta, mas estúpida não, absolutamente.

- De acordo, coloca ao Wolff, se for preciso - disse- . Pode ficar ali no chão, com o outro.

- por que não o pomos no ataúde, tia? - perguntou Jamie; notei que a observava com atenção.

- Não! - havia lhe tornado as costas, mas ante é se girou depressa, feroz a cara à luz da tocha- . É lixo. Deixa que se apodreça no chão!

Ante essa resposta ele entreabriu os olhos, mas em vez de responder começou a retirar os blocos soltos.

- O que faz? - Yocasta voltou a agitar-se para ouvir o chiado de mármore, mas se desorientou ao olhar e ficou de cara para o rio. Compreendi então que já estava completamente cega; não via nem sequer a luz da tocha.

De qualquer modo, nesse momento não podia lhe emprestar atenção. Jamie entrou pela abertura.

Segui-o, respirando apenas. Os ataúdes tinham placas de bronze, algo opacas pela umidade, mas perfeitamente legíveis. “ Hector Alexander Robert Cameron” , dizia uma; a outra, “ Yocasta Isobeail MacKenzie Cameron” . Sem vacilar, ele levantou a tampa do segundo.

Não estava cravejada; moveu-se imediatamente.

- OH! - murmurou Jamie, ao ver o que continha.

O ouro nunca perde o brilho, por muito úmido que seja o ambiente. Pode passar séculos inteiros no fundo do mar; um dia emergirá na rede de algum pescador, resplandecente como o dia em que foi fundido.

Os lingotes formavam uma capa no fundo do ataúde. Suficiente para encher duas arcas pequenos, cada um tão pesado que para carregá-los-se requeriam dois homens...ou um homem e uma mulher forte. Cada lingote com sua flor de lis estampada. Um terço do ouro do francês.

O resplendor me fez piscar. Apartei a vista nublada. Embora o estou acostumado a estava às escuras, ainda se distinguia a silhueta acurrucada contra o mármore claro. “ Farejando onde não devia” . E o que teria visto

Daniel Rawlings, que tinha desenhado essa flor de lis na margem de seu registro e essa discreta anotação, “ Aurum” ?

Então Hector Cameron ainda vivia e o mausoléu não estava hermeticamente fechado. Talvez Hector, ao levantar-se em meio da noite para ver seu tesouro, tinha guiado até ali a seu médico, sem sabê-lo. Nem Cameron nem Rawlings poderiam já nos dizer como tinham acontecido as coisas.

Senti um nó na garganta pelo homem que jazia a meus pés, o amigo e colega cujos instrumentos utilizava, cuja sombra, junto a meu cotovelo, brindava-me consolo e valor quando tratava de curar a um doente.

Jamie fechou brandamente o féretro, como se contivera a um ocupante cujos restos tinha perturbado.

Yocasta seguia imóvel no atalho, com um braço em volta da Freda. Pelos ruídos, a anciã devia saber onde estávamos, mas ainda continuava de cara ao rio, com os olhos fixos à luz da tocha.

- E agora, o que fazemos? - perguntei ao Jamie.

Ele se voltou a olhar a tumba um momento. Logo se encolheu de ombros.

- Deixaremos à tenente aos cuidados do Hector, como estava planejado. Quanto ao doutor...

Encheu-se lentamente os pulmões, contemplando com ar aflito os ossos que jaziam em elegante leque, pálidos e imóveis: dedos de cirurgião.

- Acredito que deveríamos levá-lo a casa...à Colina - disse- . Para que descanse entre amigos.

Passou roçando às duas mulheres, sem lhes dizer nada nem pedir perdão, e foi procurar à tenente Wolff.

O sonho de um astuto
Fecho Fraser
Maio de 1772

Bree mantinha a postura em que tinha cansado, medeio em cima de Roger; o coração lhe palpitava com força nos ouvidos.

- Não está zangada comigo? - sussurrou ele.
- Não. Nunca te proibi que o lesse.

Lhe roçou os ombros, fazendo que curvasse a ponta dos pés em uma reação de prazer. O que lhe importava? Não. Provavelmente teria devido sentir-se exposta na intimidade de seus sonhos e seus pensamentos; mas podia confiar-lhe Roger jamais os utilizaria contra ela.

Além disso, uma vez expostos no papel, seus sonhos se convertiam em algo independente, como seus desenhos: o reflexo de uma faceta de sua mente, mas distinto da mente ou o coração que o tinham criado.

- Mas o justo é justo. - Apoiou o queixo no oco de seu ombro; ele cheirava bem, a desejo satisfeito- . Agora deve me contar um de seus sonhos.

Uma risada vibrou dentro de seu peito; quase muda, mas ela a percebeu.

- Só um?
- Sim, mas deve ser importante. Nada desses sonhos que todos temos; um que tenha tido só você.

Arranhou-lhe brandamente o pêlo escuro encaracolado o peito, para que se arrepiasse. Tinha a outra emano sob o travesseiro; se movia um pouco os dedos tocava a silhueta suave da mujercita antiga, como ele chamava. Então podia imaginar que seu próprio ventre se inchava, redondo e duro. Ainda perdurava o espasmo suave na parte inferior do ventre, último efeito do ato amoroso. Aconteceria esta vez?

Ele moveu a cabeça no travesseiro, pensativo. Seus olhos tinham a cor do musgo, suave e vívido sob a luz velada.

- Poderia ser romântico - sussurrou- . Poderia dizer que este é meu sonho: você e eu aqui, solos...nós e nossos filhos.

- Poderia - repetiu ela, lhe apertando a frente contra o ombro- . Mas isso não é um sonho de verdade, a não ser uma fantasia. Já sabe a que me refiro.

- Sim.

Roger guardou silêncio durante um momento, larga e queda a mão apoiada contra sua cintura.

- Às vezes - murmurou por fim - , às vezes sonho que canto. E acordado com a garganta dolorida.

- O que canta? - sussurrou.
- Nada que conheça ou que tenha ouvido nunca - respondeu ele, muito fico - . Mas sei que canto para ti.

O livro do cirurgião, Tomo II

27 de julho de 1772

tive que deixar minhas tarefas para atender ao Rosamund Lindsay, quem chegou já avançada a tarde com uma grave laceração na mão esquerda, causada por uma tocha enquanto descascava árvores. Ferida extensa, polegar esquerdo quase seccionado; o corte se estendia da base índice, pelo processo estilóide do rádio, levemente prejudicado. A ferida datava de três dias atrás; tratada com uma tosca vendagem e graxa de toucinho. Extensa sepsia, com supuração, pronunciado inchaço de mão e antebraço. Polegar enegrecido; gangrena evidente; penetrante aroma característico. Linhas vermelhas subcutâneas, indicativas de envenenamento do sangue, do sítio ferido quase até a fossa antecubital.

A paciente apresentava temperatura alta (40° C aprox.), sintomas de desidratação, desorientação leve, evidente taquicardia.

Vista a gravidade de seu estado, recomendei imediata amputação do braço à altura do cotovelo. A paciente se negou a isso; insistiu na aplicação de cataplasma de pomba, consistente em aplicar à ferida o corpo falho de uma pomba recém sacrificada (o marido da paciente havia trazido uma). Talhado polegar à altura da base metacarpiana, ligado restos de artéria radial (esmagada na lesão original) e superficiais volae. Limpo e drenado a ferida. Aplicado aproximadamente um onça e meia de pó de penicilina em bruto (origem: casca de casava podre, cultivo n.º23, prep.. 15/4/71) em tópico, seguida por uma aplicação de alho cru triturado (três dentes), bálsamo do *Berberis canadensis*... e cataplasma de pomba, aplicada sobre a vendagem, por insistência do marido. Subministrado fluídos por via oral: mescla febrífuga de centaura vermelha, sanguinária e lúpulo; água ad lib. Injetado mescla de penicilina líquida (cultivo n.º23), via intravenosa, dose um quarto de onça em suspensão de água esterilizada.

Rápida deterioração da paciente, com crescentes sintomas de desorientação e delírio, febre alta. Extensa urticária no braço e a parte superior do torso. Tentei aliviar a febre com repetidas aplicações de água fria, sem resultado. Dada a incoerência da paciente, solicitei ao marido autorização para amputar; foi negada sobre a base de que a morte parecia iminente e “ela não queria que a enterrássemos a partes”.

Repetido injeção de penicilina. Pouco depois a paciente caiu na inconsciência e expirou justo antes do amanhecer.

Voltei a molhar a pluma, mas deixei que as gotas de tinta caíssem do extremo

afiado. Que mais devia dizer?

O enraizado hábito da minuciosidad científica lutava contra a cautela. Era importante descrever o que tinha acontecido, tão a fundo como fora possível. Ao mesmo tempo duvidava se devia pôr por escrito o que podia ser uma confissão de homicídio involuntário.

O certo era que Rosamund Lindsay não parecia ter morrido de septicemia, mas sim de uma reação aguda à penicilina não desencardida; em poucas palavras, por obra de meu remédio. Também era certo que, se não tivesse recebido atenção, o envenenamento do sangue a teria matado igualmente. Na verdade, não havia modo de saber que efeitos teria a penicilina. Mas disso se tratava, verdade? De que alguém mais pudesse sabê-lo.

Sim, devia incluir uma descrição dos efeitos. Mas a questão era: para quem levava esse registro?

Mordi-me o lábio, pensativa. Se era só para minha própria utilidade, podia me limitar a registrar os sintomas, os tempos e os efeitos, sem apontar explicitamente a causa da morte. depois de tudo, era difícil que me esquecessem as circunstâncias. Mas se queria que minhas notas fossem de utilidade para alguma outra pessoa... alguém que não tivesse idéia dos benefícios e perigos dos antibióticos...

Joguei uma olhada ao ataúde, que descansava sobre seus cavaletes, perto das janelas sulcadas pela chuva.

Rosamund tinha trabalhado em Boston de prostituta; já muito fornida e entrada em anos para exercer provechosamente o ofício, viajou para o sul em busca de marido. Encontrou o refúgio necessário no Kenneth Lindsay, que procurava uma esposa com quem compartilhar o trabalho da casa. Não foi uma união nascida da atração física nem da compatibilidade emocional, mas mantinham uma relação amistosa.

Jamie se tinha levado ao Kenny, mais desorientado que enfermo, para medicá-lo com uísque, tratamento algo mais efetivo que o meu. Pelo menos era difícil que resultasse letal.

“Causa imediata da morte”, escrevi. Fiz outra pausa. Tinha morrido congestionada, com os olhos saltados e a cara azul, sem que o fôlego pudesse passar pelas malhas inchadas de sua garganta.

Senti um nó na minha ao recordá-lo, como se me estivessem estrangulando, e bebi um sorvo de chá de hortelã que se esfriava a meu lado. Não me consolava pensar que a septicemia a tivesse matado com mais lentidão.

Cabia a possibilidade: que a morte se houvesse devido a uma embolia pulmonar. Era uma das complicações possíveis da septicemia e teria explicado os sintomas. A idéia teria podido me tranquilizar, mas não me parecia muito acreditável. Guiada por meus conhecimentos como pela consciência, escrevi “anafilaxis” antes de poder pensá-lo duas vezes.

conhecia-se já o término “anafilaxis”? Nos registros do Rawlings não o tinha encontrado, mas ainda ficavam alguns por ler. De qualquer modo seria melhor descrevê-la em detalhe, para quem pudesse ler minhas notas.

E essa era a incógnita, certamente. Quem as leria? O que aconteceria meu registro caía em mãos de um desconhecido, que tomasse como confissão de assassinato? Era improvável, mas podia acontecer.

“Extensa tumefação de membro afetado, estendida à parte superior

do torso, a cara e o pescoço. Pele pálida, marcada com manchas avermelhadas. Respiração acelerada e superficial, pulso muito rápido e superficial, com tendência a inaudível. Palpitações evidentes. Lábios e ouvidos, cianóticos. Exoftalmia pronunciada.”

Não queria voltar a olhar o féretro, mas o fiz, para pedir desculpas. Brianna se voltou a me olhar e imediatamente desviou a cara. O aroma da comida preparada para o velório ia enchendo a habitação, misturado ao da lenha e a tinta... e o carvalho fresco do ataúde.

O tosco sudário de musselina resplandecia à luz chuvosa da janela. Belisquei com força a pluma entre o polegar e o índice, tratando de esquecer o ruído da cartilagem cricoides do Rosamunde, que eu tinha perfurado com um canivete, em um último e inútil intento de permitir o passo de ar a seus pulmões forcejeantes.

Entretanto... não existia um solo médico que não se enfrentou ao mesmo, no exercício da profissão. Eu tinha passado por isso várias vezes, até em hospitais modernos, equipados com todo o necessário para salvar a vida... naquela outra época.

Aqui algum médico futuro se enfrentaria ao mesmo dilema: aplicar um tratamento possivelmente perigoso ou deixar morrer a um paciente que se poderia ter salvado. E esse era meu próprio dilema: equilibrar a remota possibilidade de que me condenassem por homicídio com o valor desconhecido que meus registros pudessem ter para quem procurasse conhecimento neles.

Quem poderia ser essa pessoa? Molhei a pluma enquanto pensava. As academias de medicina eram ainda poucas e estavam quase todas na Europa. A maioria dos médicos obtinha seus conhecimentos mediante o trabalho de aprendiz e a experiência.

Rawlings não tinha estudado em nenhuma academia. Mesmo assim, tinha sido todo um médico. Ao ler suas notas se percebia o interesse que dedicava a seus pacientes, sua curiosidade com respeito aos mistérios do corpo.

Movida por um impulso, voltei para suas páginas. Talvez não fazia mais que dar tempo a meu subconsciente para que tomasse uma decisão... ou possivelmente sentia a necessidade de me comunicar, sequer remotamente, com outro médico, alguém como eu.

Alguém como eu. Olhei fixamente a página, com sua escritura pulcra e pequena, suas minuciosas ilustrações, sem ver detalhes. Havia ali alguém como eu?

Bebi meu chá a sorvos, contemplando ao Rosamunde. A simples verdade era que eu não duraria eternamente. Com sorte, ainda ficava muito tempo, mas mesmo assim devia encontrar a alguém a quem pudesse passar ao menos os rudimentos do que sabia.

Uma risita afogada da mesa: as garotas conversavam sobre sussurros sobre o queijo de porco, o sauerkraut e as batatas fervidas. Não seria Brianna, pensei com algum pesar.

A eleição lógica teria sido ela, que pelo menos sabia o que era a medicina moderna. Com ela não teria que superar a ignorância e a superstição, nem lhe explicar os perigos dos gérmenes, as virtudes da assepsia. Mas ela não tinha a inclinação natural, o instinto de curar.

Embora ver sangue não a perturbava (tinha-me ajudado em incontáveis partos e pequenos procedimentos cirúrgicos), carecia dessa mescla peculiar de empatia e inexorabilidade que necessita o médico.

Talvez era mais filha do Jamie que minha, disse-me ao observar a luz do fogo em seu cabelo. Tinha seu valor, sua grande ternura... mas era o valor de um guerreiro e a ternura de uma fortaleza capaz de esmagar a vontade. Eu não tinha conseguido lhe acontecer meu dom: o conhecimento do sangue e o osso, os caminhos secretos do coração.

Em minha concentração não tinha notado que Brianna estava de pé a minhas costas. Apoiou-me as mãos nos ombros e se aproximou um pouco mais, me deixando sentir o calor de seu contato. Marsali se tinha ido; estávamos sozinhas. Começou a me massagear os ombros, movendo lentamente os dedos para o pescoço.

- - Cansada? –Perguntou.

- - Hum, resistirei –disse.

Fechei o livro e me inclinei para trás, momentaneamente relaxada no puro alívio de seu contato. Só então me dava conta de ou tensa que estava.

- - Acredito que a matei –disse súbitamente, sem ter tido intenção de falar- - . Foi a penicilina o que a matou.

Os largos dedos não interromperam seu tranqüilizador movimento.

- - De verdade? –murmurou- - . De qualquer modo não havia outra coisa que pudesse fazer, equívoco-me?

- - Não.

- - Não te aflija –murmurou ela, esfregando e massageando- - . De qualquer modo teria morrido, verdade? É triste, mas não fez nada mau. Você sabe.

- - Sim, sei. –Para minha surpresa, uma lágrima solitária se deslizou por minha bochecha até cair na página, enrugando o papel. Pisquei com força, em um intento de me dominar. Não queria afligir a Brianna.

Não se afligi. Retirou as mãos de meus ombros e ouvi o ruído de um tamborete miserável. Logo seus braços me rodearam. Recostei-me contra ela, com a cabeça apoiada sob o queixo. limitou-se a me abraçar, me acalmando com o subir e descer de sua respiração.

- - Uma vez fui jantar com tio Joe, quando ele acabava de perder a um paciente –disse ao fim- - . Falou-me disso.

- - Sim? –Surpreendeu-me um pouco; não imaginava que Joe discutisse essas coisas com ela.

- - Não era sua intenção, mas notei que algo o preocupava, e lhe perguntei. Ele precisava falar. E eu estava ali. Depois disse que foi quase como estar contigo. Ignorava que te apelidasse Lady Jane.

- - Sim –confirmei- - , por minha maneira de falar.

- - Disse que às vezes, quando aconteciam essas coisas, o hospital fazia uma espécie de investigação formal. Não era um julgamento, nada disso, a não ser uma reunião dos outros médicos, para saber exatamente que tinha saído mau. Disse que era uma espécie de confissão, dizê-lo a outros médicos que pudessem compreender... e que aliviava.

- - Estraguem. –Ela se movia um pouco, me balançando como ao

Jemmy.

- - É isso o que te inquieta? –perguntou em voz baixa- - . além do que aconteceu Rosamund, o fato de estar sozinha, sem ninguém que possa entender de verdade?

- - Ao parecer, assim é- disse.

- - Já passará –assegurou- - . Tudo passará.

- - Sim. –E sorri, apesar das lágrimas que me empanavam os olhos.

Não podia lhe ensinar a ser doutora, mas ao parecer, sem sabê-lo, tinha-lhe ensinado a ser mãe.

- - Deveria ir deitar te –disse- - . Passará ao menos uma hora antes de que cheguem.

Exalei o fôlego em um suspiro, enquanto sentia a paz da casa a meu redor. A Colina do Fraser tinha sido, para o Rosamund, um refúgio de pouca duração, mas mesmo assim era um verdadeiro lar. Tínhamo-lhe dado segurança e a honrariamos na morte.

- - dentro de um minuto –disse, me limpando o nariz- - . Primeiro devo terminar algo.

Sentei-me com as costas erguida ante meu livro, inundei a pluma e comecei a escrever as linhas que deviam ficar ali, pelo bem do desconhecido médico que me seguisse.

Zugunruhe

Setembro de 1772

Despertei empapada em suor. Em meu desordenado sonho tinha chutado o edredom e o lençol, mas mesmo assim minha pele palpitava de calor. Baixei as pernas pelo flanco da cama e me levantei, enjoada e insegura.

Jamie ainda dormia. moveu-se um pouco, murmurando algo, mas logo recuperou a respiração regular do sonho. Eu necessitava ar e não queria despertá-lo. Apartei o mosquito e saí ao corredor para ir ao trastero.

Era um quarto pequeno, mas tinha uma janela grande a fim de equilibrar a de nosso dormitório. Ainda estava sem cristais, coberta só pelas persianas de madeira. Ansiosa de sua frescura, tirei-me a camisa; a corrente me roçou os quadris, os peitos, os braços.

Fechei os olhos, imóvel; um ou dois minutos depois o calor tinha desaparecido, como uma brasa na água, me deixando molhada, mas em paz.

Ainda não queria voltar para a cama; tinha o cabelo úmido e os lençóis ainda estariam pegajosos. Apoiei-me no parapeito, nua, com a pele agradavelmente arrepiada pelo frescor. O pacífico sussurro das árvores se interrompeu ante o débil pranto de um menino. Olhei para a cabana.

Estava a cem metros da casa; o vento devia vir para mim para ter trazido o pranto. Como cabia esperar, trocou assim que apareci e a voz se perdeu na revoada das folhas. Mas ao morrer a brisa os gritos me chegaram mais potentes, no meio do silêncio.

Eram mais fortes porque se estavam aproximando. ouviu-se um rangido de madeira: alguém tinha aberto a porta da cabana para sair. Não se viam abajures nem velas acesas; a breve olhada que pude jogar à pessoa que saía só me mostrou uma silhueta alta, recortada contra o tênue resplendor do lar. Pareceu-me ver uma cabeleira, tanto Roger como Brianna dormiam com o cabelo solto e sem boina.

Os chiados não cessavam. Eram nervosos, mas não atormentados. Não havia dor de barriga. Um mau sonho? Aguardei um momento, se por acaso alguém trazia para o menino até a casa em minha busca; no caso de agarrei minha camisa enrugada. Não; a figura alta tinha desaparecido no bosquecillo das píceas; ouvi que o pranto se afastava. Isso significava que tampouco havia febre.

O pranto se mesclou ao murmúrio grave de uma voz adulta, que tratava inutilmente de tranquilizá-lo. Roger, pois.

Outro ruído se mesclou com o pranto, ali abaixo; parecia uma tosse, mas não cessava e tinha certo ritmo. Apareci a cabeça, precavida como um caracol depois de uma tempestade, e distingi algumas palavras no rouco

balbuceio.

- - Era um hom- bre, e una meu- na, e seu hi- ja Clementine...” >
Roger estava cantando.

As lágrimas me arderam nos olhos; imediatamente retirei a cabeça para que não me visse. Cantava sem melodia, mas mesmo assim era música, um ofego musical banguela e esfarrapado, que aquietou o pranto, como se Jemmy tratasse de reconhecer as palavras, tão penosamente emitidas pela garganta de seu pai.

- - Era ru- Bia, como um há- dá... depois de sussurrar cada frase tinha que respirar a ofegos, com um ruído como de tecido esmigalhado. Apertei os punhos. Como se por pura força de vontade pudesse ajudá-lo a emitir a voz.

- - ... E calçava o cento e dez. –A brisa ainda agitava as taças das árvores. O verso seguinte se perdeu no murmúrio. Durante um minuto ou dois não ouvi nada, por muito que aguicei o ouvido.

Logo vi o Jamie, muito quieto.

- - Encontra-te bem, Sassenach? –perguntou do vão da porta.

- - Sim, estou bem –respondi em sussurros- - . Só necessitava um pouco de ar; não queria despertar.

- - Sempre acordado contigo, Sassenach<, durmo mal quando não está a meu lado. –Tocou-me a frente um momento- - . Acreditei que tinha febre; a cama estava úmida. Está bem, seriamente?

- - Tinha calor e não podia dormir, mas estou bem, sim. E você? –
Toquei-lhe a cara; tinha a pele esquentada pelo sonho.

aproximou-se da janela para contemplar a noite comigo. Havia lua enche e os pássaros estavam inquietos; a pouca distância se ouvia o gorjeio de uma curruca tardia; mais à frente, o falar de um mocho caçador.

- - Lembra-te do Lawrence Stern? –perguntou Jamie. Ao parecer, esses sons lhe recordavam ao naturalista.

- - Difícilmente alguém poderia esquecê-lo –disse, seca- - . O saco de aranhas secas é impressionante. Por não falar do aroma.

Stern levava consigo um aroma característico, composto em partes iguais de aromas carnis, a custosa água de colônia que preferia e um vago fedor a podridão, a dos espécimes que colecionava.

- - É certo. Cheira pior que você.

- - Eu não cheiro mau! –exclamei, indignada.

- - Hum... - - Agarrou-me a mão para aproximar-lhe ao nariz- - . Cebolas e alho. Algo picante... pimenta-malaguetas, talvez. Sim, e prego de aroma. Sangue de esquilo e suco de carne. –Tirou a língua como uma víbora para me tocar os nódulos- - . Amido... de batatas... e algo lenhoso. Cogumelos venenosos.

- - Isso não é justo –protestei, tratando de recuperar a mão- - . Sabe muito bem o que jantamos. E não eram cogumelos venenosos, a não ser cogumelos.

Logo me levantou um pouco o braço para tocar o pêlo sedoso e úmido da axila.

- - Eau de femme- murmurou, com os dedos sob o nariz. A risada era perceptível em sua voz- - . MA petite fleur.

- - E isso que me banhei! –disse, melancólica.

- - Sim, com sabão de girassol. –Havia um tom de surpresa em sua voz ao me farejar a clavícula.

Soltei um chiado agudo e ele me cobriu a boca com uma manaza quente. Cheirava a pólvora, feno e esterco, mas não pude dizer-lhe amordaçada como estava.

Ele se ergueu um pouco e se inclinou mais, até que a aspereza da barba enchente me roçou a bochecha. Sua mão caiu, e senti a suavidade de seus lábios contra a têmpora, o toque de mariposa de sua língua na pele.

- - E sal –murmurou, quente seu fôlego contra a cara- - . Tem sal na cara e as pestanas molhadas. choraste, Sassenach?

- - Não –disse, embora sentia um súbito e irracional impulso de fazê-lo- - . Não, suei. Tinha... calor.

- - Ah, mas aqui... hum...- - Pôs-se de joelhos, com um braço em volta de minha cintura para me reter e o nariz afundado em meu seio- - . OH –disse, e sua voz trocou outra vez.

Normalmente eu não usava perfume, mas tinha um azeite especial, fabricado nas Índias com flores-de-laranja, jasmim, baunilha e canela. Como só tinha um frasco muito pequeno, usava apenas um toque de vez em quando, em ocasiões que pudessem ser especiais.

- - Desejava-me –disse, melancólico- - . E eu me dormi sem te tocar sequer. Sinto muito, Sassenach. me deveria haver isso dito.

- - Estava fatigado. –Acaricie-lhe as largas mechas escuras e os sujeitei detrás da orelha. Ele riu; senti o calor de seu fôlego em meu ventre nu.

- - Para isso poderia me levantar de entre os mortos, Sassenach, e não me incomodaria.

levantou-se; face ao escasso da luz, pude comprovar que não se requereriam medidas tão desesperadas.

- - Faz calor –disse- - . Estou suando.

- - E crie que eu não?

Suas mãos me rodearam a cintura. Súbitamente me levantou para me sentar no largo batente. O contato com a madeira fria me fez ofegar; por um ato reflito-me assim do marco a cada lado.

- - Eau de femme –murmurou ao ajoelhar-se, me roçando as coxas com o cabelo. As pranchas do estou acostumado a rangeram sob seu peso- - . Parfum d’ amour, né?

Jamie me sujeitava com firmeza pelo quadril; embora não corria perigo de cair, sentia o vazio vertiginoso detrás de mim, a noite clara e interminável, com o céu vazio, semeado de estrelas.

- - Chist! –murmurou Jamie, muito longe. Agora estava de pé, com as mãos em minha cintura, e o gemido podia ter sido do vento ou meu.

Envolvi-o com as pernas e acomodei um talão na fenda de suas nádegas; a sólida força de seus quadris era minha única âncora.

- - Solta –me disse ao ouvido- - . Eu te sustentarei.

Soltei-me, sim, inclinada para trás no ar, a salvo em suas mãos.

- - Tinha começado a me dizer algo sobre o Lawrence Stern –murmurei comprido momento depois, dormitada.

- - É verdade. –Jamie se acomodou, com uma mão posesivamente curvada sobre minha nádega- - . Gostava de muito os pássaros. Perguntei-lhe por que cantam de noite a fins do verão.

- - E sabia por que?

- - Não, mas ao menos tinha uma teoria.

- - OH!, melhor ainda –murmurei, com sonolenta diversão.

- - O que fez foi capturar a vários pássaros e encerrá-los em jaulas forradas de mata-borrão.

- - O que? –Isso despertou um pouco, embora só fora para rir- - . por que?

- - Não as forrou por completo; só o fundo –explicou- - . Logo pôs ali um pires com tinta e, no centro, uma taça com sementes, de modo que os pássaros não pudessem comer sem manchá-las patas de tinta. Desse modo, quando saltassem de um lado a outro deixariam rastros no mata-borrão.

- - Hum. E o que demonstrou com isso?

- - Havia muitíssimos rastros, Sassenach, mas quase todas em um só lado da jaula. Em todas as jaulas.

- - De verdade? E que interpretação deu Stern a isso?

- - Pois... tinha tido a brilhante ideia de pôr uma bússola junto às jaulas. E ao parecer, os pássaros passaram toda a noite saltando e lutando para o sudeste, a direção em que migram quando chega o outono.

- - Que interessante! –Recolhi-me o cabelo em uma rabo-de-cavalo para refrescar o pescoço- - .Mas ainda não é época de migrar, verdade? E tampouco voam de noite, nem sequer quando emigram.

- - Não. Era como se sentissem a iminência do vôo, sua atração, e isso lhes perturbasse o repouso. O mais estranho é que a maioria de seus cativos eram aves jovens, que nunca tinham feita a viagem; não conheciam o lugar para o que se dirigiam, mas sentiam sua presença, possivelmente convocando-os, arrancando-os do sonho.

Movi-me um pouco; Jamie retirou a mão de minha perna.

- - Zugunruhe –disse com voz fica, roçando com a ponta de um dedo a marca úmida que me tinha deixado na pele.

- - O que é isso?

- - Assim o chamava Stern: a insônia dos pajarillos que se preparam a partir.

- - Significa algo em especial?

- - Sim. Ruhe é “ quietude” , “ descanso” . E zug, uma viagem de qualquer tipo. Por ende, zugunruhe é inquietação, o desassossego que precede a uma viagem comprido.

Aproximei-me dele para golpeá-lo afetuosamente no ombro com a frente. Inalei como se saboreasse o delicado aroma de um bom charuto.

- - Eau d’ homme?

Levantou a cabeça para farejar com ar dúbio; logo enrugou o nariz.

- - Eau de chèvre, acredito. Temia que fora algo pior. Como diz mofeta em francês?

- - O Pew –insinuei, rendo.

Os pássaros cantaram toda a noite.

Tulach Ard

Outubro de 1772

Jamie sorriu, assinalando com a cabeça para trás.

- - Vejo que hoje temos ajuda.

Roger, ao voltar-se, viu que Jemmy partia atrás deles, com a frente franzida em grande concentração e uma pedra do tamanho de um punho apertada contra o peito.

- - É para a pocilga nova, 'ghille ruadh? –perguntou.

Jemmy assentiu com solenidade.

- - Obrigado –disse seu pai, com gravidade. Alargou a mão- - . Quer que a leve?

- - Eu levo!

- - Fica muito longe, 'ghille ruadh –advertiu Jamie- - . E sua mãe te sentirá falta de, verdade?

- - Não!

- - Ouça, onde está mami? –perguntou Roger, tentando outra tática- - . Deve estar preocupada com ti, certamente.

A pequena cabeça vermelha se sacudiu em veemente negativa.

- - Claire disse que as mulheres foram costurar edredons –lhe disse Jamie a seu genro- - . Marsali comprou um modelo; pode que tenham começado a obra. –E se sentou em cuclillas junto ao Roger, cara a cara com seu neto- - . Escapaste-te que sua mãe?

A suave boca rosada, até então muito apertada, contraiu-se em uma risilla.

- - Já me imaginava –reconheceu Roger, resignado- - . Vêem, pois. A casa. –E se incorporou para elevar ao menino, com pedra e tudo.

- - Não, não! Não!- Jemmy ficou rígido para resistir e cravou dolorosamente os pés no ventre de seu pai, arqueando-se para trás- - . Eu ajudo, eu ajudo!

Em seus intentos de fazer-se ouvir por cima dos rugidos de seu filho sem gritar, ao tempo que lhe impedia de cair de cabeça, Roger demorou para ouvir os gritos que chegavam da casa. Por fim recorreu a tampar com a mão a boca aberta do menino.

- - Ouve? Lizzie te está chamando –disse Jamie a seu neto.

- - E não só Lizzie. –Outras vozes de mulheres se uniram ao coro, com crescente chateio- - . Mamãe, a avó Claire, a avó Bug, tia Marsali. Todas, por isso se ouça. E não parecem estar muito contentes contigo, moço.

- - Será melhor que o levemos de volta –decidiu Jamie, não sem compaixão- - . Acredito que vão dar uma surra, pequeno. Às mulheres não gosta que te escape.

Essa ameaçadora perspectiva fez que Jemmy deixasse cair a pedra para aferrar-se ao Roger.

- - Suponho que poderíamos levá-lo –disse a seu sogro- - . Só por esta manhã. A meio-dia posso trazer o de volta.

- - OH!, sim. –Jamie sorriu a seu neto e lhe devolveu a pedra queda- - . Construir pocilgas é coisa de homens, verdade? Não como esses trabalhos de agulhas que tanto gostam às senhoras.

- - Falando de senhoras... - - Roger apontou o queixo para a casa, onde os gritos do Jemmy!” foram assumindo um tom claramente irritado e tingido de pânico- - . Terá que lhes dizer que está conosco.

- - Irei eu. –Jamie deixou cair a bolsa que levava a ombro e olhou a seu neto arqueando uma sobrancelha- - . Deve-me uma, moço. Quando as mulheres estão dos nervos se descarregam com o primeiro homem que aparece, seja culpado ou não. O mais provável é que seja meu traseiro o que receba a surra.

E pôs os olhos em branco; logo, com um grande sorriso, partiu para trote para a casa.

Jemmy ria.

Jamie pareceu demorar comprido momento em reaparecer, mas os gritos indignados das mulheres se sossegaram muito em breve. Se seu traseiro tinha recebido uma surra, parecia havê-lo desfrutado, conforme pensou Roger, cínico. Nos maçãs do rosto tinha um leve rubor e trazia um ar decididamente satisfeito.

Isso teve imediata explicação quando tirou um hatillo de debaixo da camisa. Ao abrir o pano de cozinha pôs à vista meia dúzia de bolachas, ainda quentes e chorreantes de manteiga e mel.

- - Acredito que a senhora Bug os destinava ao círculo de costura – explicou, enquanto distribuía o bota de cano longo- - , mas não acredito que os sinta falta de. Havia massa de sobra na terrina.

Os postes para a perto estavam amontoados junto ao pilar de pedra. Roger revolveu entre eles até encontrar uma parte estilhaçada; logo fez alavanca com ele para levantar um grande bloco de granito, até que pôde colocar as mãos debaixo. Com a pedra montada nas coxas, incorporou-se muito lentamente.

- - Papai, papai!

Ao sentir que lhe atiravam das calças, separou bem os pés, a fim de conservar o equilíbrio sem deixar cair pesada pedra. Logo afirmou as mãos.

- - O que, filho? –perguntou, olhando com chateio para baixo.

Jemmy estava obstinado ao objeto com as duas mãos e olhava para o bosque.

- - Ceddo, papai –sussurrou- - . Ceddo gaaande.

Ao seguir a direção de seu olhar, Roger ficou petrificado.

Era um enorme javali negro, a quatro passos de distância.

- - Mierda –disse Roger, involuntariamente.

Os pensamentos cruzavam a mente do Roger como trens cargueiros

em colisão. Atacaria o porco se eles se moviam? Precisava mover-se; os músculos dos braços lhe tremiam pelo esforço.

De todo este caos resgatou um pensamento coerente.

- - Jem –disse, com voz muito calma- - , ponha detrás de mim. Já – acrescentou com ênfase, ao ver que o animal girava a cabeça para eles.

Então os viu; os ojillos escuros trocaram de enfoque. Deu uns passos para diante; as pezuñas pareciam absurdamente pequenas e primorosas baixo essa mole ameaçadora.

- - Vê seu avô, Jem? –perguntou, sempre com voz serena.

- - Não –sussurrou o pequeno. Roger sentiu que se apertava ainda mais contra suas pernas.

- - Pois olhe para trás. baixou ao arroio. Virá de ali.

- - Avô! –A voz do Jemmy ressonou atrás dele, em um chiado de medo.

Para ouvi-la, o javali arrepiou repentinamente uma crista de cerdas na coluna e baixou a cabeça, com os músculos avultados.

- - Corre, Jem! –gritou Roger- - . Vê com seu avô!

Uma corrente de adrenalina fez que, de repente, a pedra não pesasse nada. Jogou-a contra o porco que vinha à carga e lhe acertou na paleta. O animal se cambaleou, com um bufido de surpresa; logo abriu a boca em um bramido e carregou contra ele, movendo a cabeça para cortar com as presas.

Não podia fazer-se a um lado para deixá-lo passar: Jem ainda estava muito perto de suas costas. Chutou-o na mandíbula com todas suas forças; logo se jogou sobre ele, tratando de aferrar-se a seu pescoço.

Seus dedos escorregaram, sem achar cabo no cabelo áspero nem nos duros cilindros de carne bem firme. Ao sentir algo quente e molhado na mão, retirou-a com presteza. Haveria-o tajeado? Não sentia dor algum. Baixou a outra mão às cegas e, ao encontrar uma pata peluda, atirou com força.

O porco caiu de lado com um chiado de surpresa e o tirou de cima. Roger caiu sobre as mãos e um joelho, que deu contra uma pedra. Uma descarga de dor lhe percorreu do tornozelo a entrepierna; se acurrucó involuntariamente, paralisado pelo impacto.

O javali se levantou. sacudiu-se com um grunhido e um repico de cerdas, de cara para o lado oposto. dentro de um segundo giraria sobre si para abri-lo da barriga até a garganta e pisotear os restos. Roger agarrou uma pedra, mas era só um torrão seco que lhe desfez na mão. Da esquerda lhe chegou o ofego de um homem que ia à carreira e um grito lhe açulem:

- - Tulach Ard! Tulach Ard!

O javali, para ouvir o grito do Jamie, girou em redondo para enfrentar-se ao novo inimigo. Jamie trazia sua adaga na mão.

“ Está completamente louco” , pensou Roger, com toda clareza.

- - Não, não cria –disse seu sogro, ofegante.

Então caiu na conta de que tinha falado em voz alta. Jamie estava em cuclillas, com o peso equilibrado na ponta dos pés; alargou a mão livre para o jovem, sem apartar a vista do porco, que se tinha detido a escavar o chão e balançava o testuz entre ambos, como avaliando as possibilidades.

- - Bioran!- exclamou Fraser, com um gesto urgente- - . Um pau, uma lança... me dê algo!

Uma lança... O poste estilhaçado da perto. Sua perna intumescida ainda se negava a funcionar, mas pôde jogar-se em um lado e agarrar a

parte de madeira; de novo em cucullas, apontou-o para diante, com o extremo quebrado para o inimigo.

- - Tulach Ard! –uivou- - . Vêem aqui, gordo bode!

O animal, distraído por um momento, girou para ele. Jamie apontou a adaga entre os omoplatas. Houve um chiado penetrante e o javali girou, emanando sangue pelo profundo talho aberto na paleta. Fraser se jogou para um flanco, mas caiu ao tropeçar com algo. A faca voou de sua mão estendida.

Roger investiu com a improvisada lança em riste e a cravou com todas suas forças justo debaixo do rabo. O animal, com outro chiado, pareceu elevar-se no ar. O pau se agitou entre as mãos do jovem, esfolando-lhe com a áspera casca. Sujeitou-o com força, enquanto o porco se estrelava contra ela, em um borrão de fúria contorsionada, cabaçadas, rugidos e sangue que voava para todos lados, mesclada ao barro negro.

Jamie se tinha levantado, sujo e lhe uivem, para agarrar outro poste da perto; descarregou-o contra o porco, que já se levantava, e a madeira golpeou o crânio com o estalo de uma bola contra o taco de beisebol. O animal, um pouco aturdido, sentou-se bruscamente.

Um guincho desde atrás fez que Roger girasse sobre suas pantorrilhas, Jemmy vinha correndo precariamente para o javali, com a adaga de seu avô sujeito com as duas mãos por cima da cabeça; sua cara brilhava como uma beterraba, cheia de feroz intenção.

- - Jem! –gritou ele- - . Atrás!

O porco grunhiu audivelmente atrás dele. Jamie gritou algo. Mas Roger não podia distrair sua atenção. No momento em que se jogava para o menino, um movimento nos bosques, detrás do Jemmy, fez que levantasse a vista. Um raio cinza, pego ao chão; movia-se tão depressa que ele só teve uma vaga impressão do que era.

Não fazia falta mais.

- - Lobos! –gritou ao Jamie.

Alcançou ao Jemmy, tirou-lhe a faca e o cobriu com seu corpo, apertando-se ao chão. Logo esperou, com estranha calma, enquanto o menino se retorcia freneticamente baixo ele.

- - Quietos, Jem, quietos. Papai está contigo.

Tinha a frente apertada contra a terra e a cabeça do Jem no oco de seu ombro. Com um braço protegia ao menino. Na outra mão aferrava a adaga. Já se ouvia o lobo, que uivava e gemia para chamar a seus companheiros. O javali colocava uma bulha insuportável: uma espécie de alarido comprido, contínuo.

Acima se ouviu um zumbido estranho, seguido por um golpe surdo, peculiar; logo, um silêncio repentino e total.

Roger, sobressaltado, levantou um pouco a cabeça. O porco estava de pé a poucos passos, com a mandíbula pendente, como em total estupefação. Jamie, de pé atrás dele, talher de barro e sangue, mostrava uma expressão parecida.

O porco caiu de joelhos, com os olhos frágeis, e se derrubou sobre o flanco; de seu corpo aparecia o cabo de uma flecha, frágil e inofensiva comparada com a mole do animal.

Jemmy chorava e se retorcia baixo ele. incorporou-se lentamente e o

estreitou entre os braços. Enquanto acalmava ao Jemmy com automáticos tapinhas nas costas, girou a cabeça para o bosque.

O índio estava de pé junto às árvores, arco em mão.

Teve a vaga idéia de procurar o lobo. Estava farejando a cabeça de gado do porco, a poucos passos do Jamie. Mas seu sogro não lhe emprestava atenção. Ele também olhava fixamente ao índio.

- - Ian -disse pelo baixo- - . OH, Céu Santo! É Ian!

A voz do tempo

Como Lizzie não tinha mãe que se ocupasse de seu enxoval, as mulheres da Colina se agruparam para prover a de coisas tais como anáguas, camisolas e meias tecidas; as damas mais habilidosas costuraram as peças para o edredom.

Em geral, eu não tinha muito talento nem paciência para a costura, mas contava com uma cozinha grande, com boa luz e também com os serviços da senhora Bug, que mantinha às costureiras bem providas de chá e pão-doces de maçã.

Quando estávamos dedicadas a acolchoar a coberta de um edredom Jamie apareceu súbitamente na porta do corredor. Ao parecer ele não queria interromper nem chamar a atenção, pois não entrou na cozinha; mas assim que o olhei me fez um gesto urgente com a cabeça e desapareceu para o estudo.

Joguei uma olhada ao Bree, que estava a meu lado. Ela também o tinha visto; encolheu-se de ombros. depois de cravar a agulha no trabalho, levantei-me com uma desculpa.

Jamie esperava no corredor. Assim que apareci me agarrou de um braço para me levar a porta principal.

- - O que...? –comecei, intrigada.

Então vi o índio sentado na soleira. levantou-se para voltar-se para mim com um sorriso.

- - Ian! –E me joguei em seus braços.

Dava um passo para atrás, e me sequei os olhos para olhá-lo melhor. Nesse momento algo frio me hociqueó a mão, me arrancando outro pequeno grito.

- - Você! –disse a Cilindro- - . Não esperava voltar a verte!

Sobressaltada pela emoção, esfreguei-lhe furiosamente as orelhas. Ele deu um breve latido e agachou as patas dianteiras, meneando o rabo com igual fúria.

- - Vira-lata! Vira-lata! Aqui vira-lata! –Jemmy irrompeu desde sua cabana, correndo tanto como o permitia o curto de suas pernas. Cilindro voou para ele e o tombou em um alvoroço de chiados.

O radar maternal da Brianna detectou os chiados e a fez acudir depressa.

- - O que...?

Sua vista foi para os vultos que se debatiam na grama, mas Ian se adiantou para abraçá-la e lhe dar um beijo. Seu grito atraiu ao resto das mulheres ocupadas no edredom.

No meio do pandemônio resultante, notei que Roger tinha aparecido com um arranhão na frente, um olho negro e camisa limpa. Joguei uma

olhada ao Jamie; sua camisa não só estava suja perdida, mas também tinha um rasgão no peitilho e um enorme sete na manga. Se tinha em conta o cabelo molhado e a camisa podada daquilo Jemmy era extremamente suspeito.

- - Que diabo têm feito? –interpelei.

- - Não tem importância, Sassenach. Mas trouxemos um javali fresco para que o esquarteje... quando tiver tempo.

- - É a versão local do cordeiro cevado para celebrar o retorno do filho pródigo? –perguntei, assinalando com a cabeça ao Ian, que já estava completamente submerso em uma maré de mulheres. Lizzie, obstinada de seu braço, estava completamente acesa pelo entusiasmo.

- - Ian veio com amigos? Ou com sua família, possivelmente? –Quase dois anos atrás tinha escrito que sua esposa esperava família.

Ante isso o sorriso do Jamie se atenuou um pouco.

- - Não. Está sozinho. Excetuando ao cão, certamente –adicionou, assinalando com a cabeça a Cilindro.

- - até quando ficará? Há-o dito?

Jamie respirou a fundo e me pôs uma mão nas costas.

- - para sempre –disse. Sua voz estava cheia de gozo, mas também tinha um estranho tinteiro de tristeza que me intrigou- - . voltou para casa.

fez-se muito tarde antes de que terminássemos com o javali, o edredom e o jantar.

- - Ian te há dito algo? –perguntei ao Jamie, quando nos encontramos momentaneamente solos em seu estudo, antes de jantar.

- - Muito pouco. Só que veio para ficar.

- - É possível que a sua esposa tenha acontecido algo horrível? E ao bebê? –Sentia uma profunda pontada de aflição, tanto pelo Ian como pela bonita e miúda mohawk, chamada Wakyo'teyehsnonhsa, “ a que trabalha com as mãos” . Ian a chamava Emily. Jamie voltou a negar com a cabeça, já sério.

- - Não sei, mas algo assim deve ter acontecido, porque não os mencionou sequer... e os olhos desse moço são muito mais velhos que ele.

Nesse momento Lizzie apareceu na porta, com uma mensagem urgente da senhora Bug referido aos preparativos para o jantar, e tive que ir.

- - Estará cômodo aqui embaixo? –perguntei ao Ian, dúbia. Tinha-lhe posto na mesa de cirurgia vários edredons e um travesseiro de plumas.

- - OH!, sim, tia. –Sorriu-me de brinca a orelha- - . Não imagina em que sítios dormimos Cilindro e eu. –E se estirou com um bocejo- - . Céus!, faz mais de um mês que não me deito já fechada a noite.

- - Suponho que também te levantaria com o alvorecer. Por isso me pareceu que estaria melhor aqui; se quer dormir até mais tarde, ninguém te incomodará.

Ele se pôs-se a rir.

- - Só se sotaque a janela aberta, para que Cilindro possa ir e vir a vontade. Embora pareça pensar que se pode caçar muito bem aqui dentro.

O cão estava sentado em meio da habitação, com os olhos amarelos e

lupinos fixos no armário. Depois da porta fechada se ouvia um rumor grave, como de água bulindo em uma bule.

- - Arrumado pelo gato –comentou Jamie, que entrava nesse momento- - . Nosso pequeno Adso tem muito alta opinião de si mesmo. O outro dia lhe vi perseguindo uma raposa.

- - E o fato de que você fosse atrás com um rifle não tem nada que ver com o fato de que a raposa fugisse, certamente –assinalei.

- - Por isso a seu cheetie concerne, não, nada –assegurou ele, muito sorridente.

- - Cheetie –repetiu Ian, pelo baixo- - . Que bom é poder falar outra vez em escocês.

Jamie lhe roçou um braço com a mão.

- - Suponho que sim, a mhic a pheathar. esqueceste o gaélico?

- - Segui obstinado ao escocês e o gaélico, tio –disse Ian- - . O latim me custava mais.

- - Não acredito que tenha tido muitas ocasiões de praticar o latim –observou Jamie- - . A menos que passasse algum jesuíta.

Ante isso o moço fez um gesto estranho. Olhou a ambos; logo, à porta de consulta.

- - Pois não foi exatamente assim, tio.

foi jogar uma olhada ao corredor, para assegurar-se de que não houvesse ninguém perto; logo voltou para a mesa. Levava na cintura um saco pequeno, que parecia conter todas suas posses materiais. depois de revolver brevemente nele, tirou um livro pequeno, encadernado em pele negra, e o entregou ao Jamie, que o observou com ar intrigado.

- - Quando... quando estava a ponto de abandonar a Cidade da Serpente, a anciã Tewaktenyonh me deu este livrinho. Não era a primeira vez que o via. Emily lhe tinha pedido uma página para que eu pudesse lhes fazer saber que estava bem. Receberam aquela nota?

- - Recebemo-la, sim –lhe assegurei- - . Mais adiante Jamie a enviou a sua mãe.

- - Ah, sim? –A expressão do Ian se iluminou ao pensar em sua mãe- - . Que bem! Suponho que se alegrará de saber que tornei.

- - Não o duvide –lhe assegurou seu tio- - . Mas o que é isto? Parece um brevario.

- - Isso parece. –Ian se arranhou uma rodela de mosquito no pescoço- - . Mas não é isso. Olha-o, quer?

Aproximei-me do Jamie para olhar por cima de seu ombro. O livro tinha um bordo de papel quebrado, ali onde se arrancou a folha de guarda. Mas não havia título nem letra impressa. Parecia ser uma espécie de livro de viagem; suas páginas estavam cobertas de escritura em tinta negra.

Ao batente da primeira página se destacavam duas palavras, em letras grandes e trementes.

“ Ego sum” , diziam. “ Eu sou.”

- - Você é, pois? –murmurou Jamie- - . Bem. E quem é?

Meia página mais abaixo continuava a escritura, já mais pequena e controlada, embora parecia haver algo estranho nela.

“ Prima cogitatio est...”

- - Isto é o primeiro que me vem à cabeça –traduziu Jamie.

Eu sou; ainda existo. Existia nesse espaço intermédio? Forzosamente sim, pois o recorde. Mais adiante tratarei de descrevê-lo. Agora me faltam palavras. Sinto-me chateado.

As letras eram pequenas e arredondadas, cada uma desenhada por separado, obra de um escrivão pulcro e cuidadoso. Mas se cambaleavam como bêbadas, inclinadas na página. A julgar pela escritura se encontrava muito mal, sim.

Na página seguinte se afirmou, junto com os nervos do escritor.

Este é o sítio, certamente. Mas também é o tempo correto, sei.

As árvores e as matas são diferentes. Antes havia um claro ao oeste, que agora está completamente povoado de louros. Quando entrei no Círculo tinha à vista uma magnólia grande; agora desapareceu; em seu lugar há um carvalho tenro. O ruído é diferente. Em lugar dos veículos da estrada, à distância, só se ouvem os pássaros. E o vento.

Ainda estou enjoado. Tenho as pernas débeis. Ainda não posso me sustentar de pé. Despertei sob o muro onde a serpente se remói a cauda, mas a certa distância da cavidade onde riscamos o círculo.

Devo me haver miserável, pois tenho terra e arranhões nas mãos e a roupa. Ao despertar segui tendido durante um momento, muito desorientado para me levantar. Já estou melhor. Ainda débil e doente, mas jubiloso. Funcionou. triunfamos.

- - Havemos? - - repeti, olhando ao Jamie com as sobrancelhas arqueadas,

Ele se encolheu de ombros e voltou a página.

A pedra desapareceu. Só fica uma mancha de fuligem em meu bolso. Raymond tinha razão era uma safira pequena e sem polir. Devo apontá-lo tudo, pelo bem de quem possa vir detrás de mim.

Um pequeno calafrio de premonição me correu pelas costas, me arrepiando o cabelo da nuca. “ Quem possa vir detrás de mim.” Jamie me jogou um olhar curioso e, depois de uma breve vacilação, voltou a vista ao livro.

Por fim compreendi o que me chamava a atenção dessa escritura; não tinha sido riscada a pluma.

- - Caneta –disse- - . Escreveu-o com caneta, Meu deus!

Jamie se voltou a me olhar. Sem dúvida estava pálida, pois ele fez gesto de fechar o livro. Sacudi a cabeça e lhe indiquei por um gesto que continuasse lendo. Ele enrugou o sobrecenho, mas imediatamente voltou

sua atenção à leitura; ao ver a página seguinte arqueou as sobrancelhas.

- - Olhe –disse com suavidade, girando o livro para mim para assinalar uma linha.

Estava escrita em latim, como as outras, mas mescladas ao texto havia palavras estranhas, largas e desconhecidas.

- - Mohawk? –perguntou Jamie a seu sobrinho- - . Esta palavra está na língua dos índios, sem dúvida. Um dos idiomas algonquinos, verdade?

- - Chove Muito –disse Ian, em voz baixa- - . É kahnyen' kehaka, a língua dos mohawk, tio. Chove Muito é o nome de alguém. E também isto outro: Caminhante Forte, Seis Tartarugas e O- que- fala- com- os- espíritos.

- - Eu acreditava que os mohawks não tinham linguagem escrita – comentou Jamie.

- - Assim é, tio Jamie. Mas alguém escreveu isto. –Assinalou a página com a cabeça- - . E se buscas o som das palavras... - - Encolheu-se de ombros- - . São nomes de mohawks, estou seguro.

depois de olhá-lo por um comprido instante, Jamie reatou sua tradução.

Eu tinha uma das safiras; Chove Muito o outro. O- que- fala- com- os- espíritos, um rubi; Caminhante forte agarrou o diamante e Seis Tartarugas, a esmeralda. Quanto ao diagrama, não sabíamos com certeza se devia ter quatro pontas, pelos pontos cardeais, ou cinco, em forma de tentáculo. Mas como fomos cinco os que fizemos o juramento de sangue, riscamos o círculo com cinco pontas.

Entre essa frase e a seguinte havia um pequeno espaço em branco; logo a escritura trocava, tornando-se firme e homogênea, como se o escrivão tivesse feito uma pausa para reatar seu relato mais adiante.

fui a olhar. Não há rastros do círculo... mas a fim de contas não vejo por que deveria havê-los. Acredito que estive um momento inconsciente; riscamos o círculo na boca mesma da greta, mas ali não há marcas que expliquem como me arrastei ou rodei até o sítio onde me encontrava ao despertar; entretanto há marcas de chuva no pó. Minha roupa está úmida, mas não sei se for pela chuva, pelo rocio matinal ou pelo suor de ter jazido ao sol; quando despertei era quase meio-dia, pois o sol estava no cenit, e fazia calor. Tenho sede. Afastei-me da Greta a rastros antes de me derrubar? Ou a força da transição me jogou em certa distância?

Para ouvir isso tive a muito estranho sensação de que as palavras eram o eco de algo que soava dentro de minha cabeça. Nunca antes as tinha ouvido; entretanto me soavam horivelmente conhecidas. Sacudi a cabeça para limpá-la; ao levantar a vista encontrei os olhos do Ian cravados em mim, carregados de especulações.

- - Sim –disse sem rodeios, em resposta a esse olhar- - . Eu também. Brianna e Roger também.

Jamie, que tinha feito uma pausa para desenredar uma frase, levantou a vista. Ao ver a cara de seu sobrinho e a minha, agarrou-me uma mão.

- - Quanto pôde ler, moço? –perguntou em voz baixa.

- - Muito, tio –respondeu Ian, sem apartar os olhos de mim- - . Mas não tudo. –Um breve sorriso lhe tocou os lábios- - . E sem dúvida não decifrei bem a gramática..., mas que o entendo. E você?

Não estava claro se a pergunta estava dirigida a mim ou ao Jamie. Os dois intercambiamos um olhar vacilante. Logo me voltei para o jovem e assenti com a cabeça. Jamie fez o mesmo, enquanto me estreitava a mão.

- - Estraguem. –Uma profunda satisfação iluminou a cara do Ian- - . Já sabia que não podia ser uma fada, tia Claire!

Ian não pôde manter-se acordado por muito tempo mais.

- - me diga o que passou depois –exigi ao Jamie ao chegar a nosso dormitório.

Ele já tinha aceso uma vela; enquanto se desabotoava a camisa com uma mão, abriu o livro com a outra e se afundou no leito, ainda absorto na leitura.

- - Não pôde achar a nenhum de seus amigos. Passou dois dias buscando-os pela campina próxima, mas não havia rastros. Estava muito aflito, mas ao fim decidiu que devia continuar; necessitava comida e não levava consigo mais que uma faca e um pouco de sal. Devia caçar ou procurar a outra gente.

Ian dizia que Tewaktenyongh lhe tinha dado o livro com a recomendação de que me trouxesse isso. Tinha pertencido a um homem chamado Dentes de Lontra, que conforme disse ela, era alguém de minha família.

Na verdade, eu lhe havia dito a essa mulher que Dentes de lontra podia ser “ alguém de minha família” , ao não poder descrever de outra maneira o peculiar parentesco que une aos viajantes do tempo. Nunca tinha conhecido a Dentes de Lontra em carne e osso, mas, se era quem eu acreditava, a ele pertencia a cabeça enterrada em nosso pequeno cemitério, com obturações de prata e tudo.

Talvez estava a ponto de saber, por fim, quem tinha sido em realidade... e como diabo tinha chegado a tão assombroso final.

O homem tinha passado algum tempo vagando pelo páramo, embora não se tratava exatamente de vagar, pois seguia um rumo determinado, guiando-se pelo sol e as estrelas. Isso resultava estranho: O que ia procurando?

Fora o que fosse, por fim chegou a uma aldeia. Não falava o idioma dos habitantes, mas, segundo suas notas, afligiu-lhe profundamente descobrir que as mulheres usavam caldeirões de ferro para cozinhar.

- - Isso é o que disse Tewaktenyongh! –interrompi- - . Quando me falava dele, se é que se trata do mesmo homem- acrescentei pró forma- - , disse que se passeava chateando ao redor dos caldeirões, as facas e os rifles. Afirmava que os índios deviam... Como o disse ela?... Que deviam “ <retornar aos costumes de seus antepassados,porque” do contrário o branco os

comeria vivos.

- - Um tipo muito nervoso –murmurou Jamie, ainda pego ao livro- - . E também afeto à retórica.

Não obstante, uma ou duas páginas mais à frente se esclarecia um pouco o porquê dessa estranha obsessão com os caldeirões.

- - “ fracassei” - - leu Jamie- - . “ Chego muito tarde.” - - Ergueu as costas e me jogou um olhar antes de continuar.

Não sei exatamente em que momento estou nem posso averiguá-lo; esta gente não conta os anos por nenhuma das escalas que conheço, até que dominasse bem sua língua e pudesse lhes perguntar. Mas sei que é muito tarde.

Se tivesse chegado ao tempo que eu queria, antes de 1650, não haveria ferro nesta aldeia, tão longe da costa. Que o utilizem aqui como coisa habitual significa que me encontro pelo menos cinqüenta anos mais tarde, se não mais!

Este descobrimento sumiu a Dentes de Lontra em uma depressão; passou vários dias absolutamente desesperado. Ao fim reuniu forças; não havia nada que fazer, salvo continuar. E partiu sozinho para o norte, com um pouco de comida que lhe deram os da aldeia.

- - Não tenho idéia do que pretendia fazer –observou Jamie- - , mas devo reconhecer que tinha valor. Todos seus amigos, mortos ou desaparecidos; ele, desprovido de tudo, sem ter idéia de onde está... e mesmo assim continua.

- - Sim... mas se tiver que te ser franco, não acredito que lhe ocorresse outra coisa –disse. E toquei brandamente o livro. Recordava os primeiros dias, depois de meu próprio passo através das pedras.

Certamente, a diferença era que esse homem tinha cruzado deliberadamente. Ainda ficava por descobrir por que e como o tinha feito.

Enquanto viajava sozinho pelo páramo, sem outra companhia que seu pequeno livro, Dentes de Lontra havia resolvido ocupar sua mente com um relato da viagem, seus motivos e suas intenções.

Possivelmente não tenha êxito em meu intento... em nosso intento. Em realidade, o

que parece mais provável neste momento é que pereça aqui, em território deserto. Mas nesse caso me consolará pensar que sotaque algum registro de nossa nobre empresa. É o único monumento aviso que posso oferecer a quem foi meus irmãos, meus companheiros de aventura.

Jamie fez uma pausa para esfregá-los olhos. A vela estava quase consumida; eu também lacrimejava tanto pelos bocejos que logo que via a página e estava enjoada pela fadiga.

- - Basta –disse. E apoiei a cabeça em seu ombro, reconfortada por sua morna solidez- - . Já não posso manter desperta, de verdade. E não me parece bem que apressemos seu relato. Além disso, Bree e Roger também deveriam escutá-lo.

- - Tem razão, Sassenach. –E fechou o livro para depositá-lo brandamente na mesa, junto à cama.

Em geral me sentia a gosto ali, segura no sítio que tinha criado para mim nesse mundo, e feliz por estar com o Jamie, quaisquer que fossem as circunstâncias. Mas de vez em quando via, com súbita claridade, a magnitude do abismo que tinha cruzado, ou me sentia muito sozinha. E com medo.

As palavras desse homem, seu pânico e seu desespero, haviam-me devolvido a lembrança de todo o terror e as dúvidas de minhas viagens através das pedras. Me acurruqué contra meu marido dormido, abrigada e protegida. E ouvi as palavras de Dentes de Lontra como se soassem em meu ouvido interno: um grito desolado que ressonava através das barreiras do tempo e o idioma.

Ao pé daquela página, a escritura em latim se tornou mais precipitada; algumas letras eram só bolinhas de tinta; o final das palavras se perdia em uma frenética dança de aranhas. E logo, as últimas linhas, escritas em inglês, como se o latim do escritor se houvesse dissolvido no desespero.

OH, Deus, Meu deus...!
Onde estão?

Só ao dia seguinte pela tarde conseguimos reunir a Brianna, Roger e Ian, e nos retirar em privado ao estudo do Jamie sem despertar uma curiosidade indesejável. A noite anterior, a bruma da fadiga se combinou com a súbita aparição do Ian para que quase tudo parecesse razoável. Mas enquanto realizava minhas tarefas à intensa luz da manhã, resultava-me cada vez mais difícil acreditar que o jornal existisse na verdade, que não fora simplesmente um pouco sonhado.

Não obstante, ali estava: pequeno, negro e sólido no escritório do Jamie. Ele e Ian tinham acontecido a manhã no estudo, concentrados em sua tradução. Ao me reunir com o Jamie compreendi, por ou revolto de seu cabelo, que o relato lhe tinha resultado lhe apaixone, inquietante... ou ambas as coisas de uma vez.

- - Hei-lhes dito do que se trata –disse sem preâmbulos, refiriéndose ao Roger e ao Bree. Os dois se sentaram em sendos tamboretas, juntos e solenes. Jemmy, que se negava a separar-se de sua mãe, jogava com uma fileira de contas debaixo da mesa.

- - Têm-no lido tudo? –perguntei, enquanto me deixava cair na segunda cadeira.

Jamie assentiu. Logo jogou uma olhada ao jovem Ian, que estava de pé junto à janela, muito inquieto para sentar-se. Levava o cabelo curto, mas o tinha quase tão desalinhado como Jamie.

- - Sim. Não vou ler o resto em voz alta, mas me pareceu melhor começar pelo ponto onde se decide a narrá-lo tudo do começo.

Tinha marcado a página com a parte de pele curtida que utilizava como sinalizador. Abriu o jornal nesse sítio e começou a ler:

O nome que me deram ao nascer é Robert Springer. Rechaço esse nome e tudo que o acompanha, porque é o amargo fruto de séculos de assassinatos e injustiças, símbolo de roubo, escravidão e opressão...

Jamie comentou, olhando por cima do bordo do livro:

- - Já vêem por que não quero lê-lo tudo, palavra por palavra; o homem fica tedioso quando toca o tema. –Deslizou um dedo pela página- - . “No ano de Nosso Senhor... o senhor deles, esse Cristo em cujo nome violam, saqueiam e...” Bom, há mais do mesmo, mas ao fim resulta ser mil novecentos e sessenta e oito. Suponho que estão familiarizados com todos esses assassinatos e saques dos que fala...

Olhava ao Bree e ao Roger, com as sobrelanceiras em alto. Ela se incorporou abruptamente, aferrando o braço de seu marido.

- - Conheço esse nome –disse, sufocada- - . Robert Springer. Conheço-o!

- - Conhecia o Springer? –perguntei, com uma sensação estranha.

- - A ele não, mas vi seu nome nos periódicos. Você não? –voltou-se para o Roger, mas ele sacudiu a cabeça, com o sobreceixo franzido- - . Bom, talvez no Reino Unido não se publicou, mas em Boston foi um caso muito divulgado. Acredito que era um dos Cinco do Montauk.

Jamie se beliscou a ponte do nariz.

- - Os cinco o que?

- - Era só algo que alguns faziam para chamar a atenção. –Brianna descartou o assunto com um gesto da mão- - . Não tem importância. Eram ativistas que defendiam os direitos dos índios americanos. Ao menos assim começaram, mas estavam tão assobiados que até essas organizações os mandaram a fritar pastéis redondos.

Ao ver a expressão intrigada de seu pai e sua primo, tentou definir as coisas e fazer uma descrição breve, embora confusa, do triste estado em que se encontravam os índios americanos do século XIX.

- - Com que esse Robert Springer é... ou era... um índio de sua época, ou algo assim. –Jamie tamborilou os dedos contra a mesa, com um gesto de concentração- - . Bom, isso concorda com seu próprio relato; ao parecer, ele e seus amigos estavam muito zangados pela conduta dos que chamavam “brancos”. Suponho que se referiam aos ingleses. Ou aos europeus.

- - Pois sim, só que por volta de mil novecentos e sessenta e oito já não eram europeus, a não ser americanos, e os índios eram americanos antes que eles. Por isso começaram a denominar-se “americanos nativos” e ...

Roger a interrompeu em pleno discurso com uma palmada no joelho.

- - Deixemos a história para depois –propôs- - . O que diziam os periódicos do Robert Springer?

- - OH!... –Já desconcentrada, Bree franziu o sobreceixo para concentrar-se- - . Que desapareceu. Desapareceram os Cinco do Montauk. O governo os buscava pela voladura de algo... ou por ameaçar fazendo, já não recordo. Os prendeu, mas saíram sob fiança. E da noite para o dia desapareceram os cinco.

- - Evidentemente –murmurou o jovem Ian, jogando uma olhada ao jornal.

- - Durante uma ou duas semanas os periódicos falaram muito do assunto –continuou ela- - . Os outros grupos de ativistas acusavam ao governo de havê-los eliminado, para não sofrer abafados do que sairia a reluzir durante o julgamento. E o governo o negava. De modo que os buscou a fundo. Acredito recordar que encontraron o cadáver de um... nos bosques de New Hampshire, Vermont ou algo assim. Mas não se pôde determinar do que tinha morrido. Quanto aos outros, não havia o menor rastro.

- - “Onde estão?” - - citei pelo baixo- - . “Meu deus, onde estão?”

Jamie assentiu com sobriedade.

- - Pois sim, acredito que este Springer pode ser o mesmo. –Tocou a página que tinha ante si com um pouco parecido ao respeito- - . Ele e seus quatro companheiros renunciaram a qualquer vinculação com o mundo dos brancos e adotaram outros nomes, que se correspondessem com seus orígenes. Ao menos, isso diz.

- - Seria o decente –comentou Ian, em voz baixa. Nele havia uma quietude distinta, estranha; vi-me obrigada a recordar que durante os dois últimos anos tinha sido mohawk; tinham-lhe lavado o sangue branco e trocado o nome pelo de Irmão do Lobo, convertendo-o em um dos Kahnyen’kehaka, os Guardiães da Porta do oeste.

Pareceu-me que Jamie também tinha reparado nessa quietude, mas não apartava os olhos do livro. Enquanto voltava as folhas, uma a uma, ia resumindo seu conteúdo.

Robert Springer –Lha’wineonawira, “Dentes de Lontra”, como preferia chamar-se- - , tinha muitas vinculações no tenebroso mundo da política extremista e em outro mais sombrio ainda: que denominava “chamanismo americano nativo”. Não sei até que ponto se parecia o que ele fazia com as crenças originais dos iroqueses, mas Dentes de Lontra acreditava descender dos mohawks e adotou os restos de tradição que pôde achar... ou inventar.

“Foi em uma cerimônia de batismo onde conheci o Raymond.”

Para ouvir isso me incorporei abruptamente. Ao princípio também tinha mencionado esse nome, mas só agora me chamava a atenção.

- - Descreve a esse tal Raymond? –perguntei, ansiosa.

- - Fisicamente, não. Só diz que era um grande chamán, capaz de transformar-se em pássaros ou animais... e de caminhar através do tempo – acrescentou delicadamente, me olhando com intenção.

- - Não sei –disse- - . Pareceu-me... Uma vez... Mas agora não sei.

- - O que? –Brianna olhava a ambos, intrigada. Arrumei-me o cabelo.

- - Não importa. Em Paris conheci alguém que se chamava Raymond. Pareceu-me... Mas o que poderia estar fazendo esse tipo na América do Norte, em mil novecentos e sessenta e oito? –estalei.

- - Pois você também estava ali, verdade? –assinalou Jamie- - . Deixemos isso a um lado, no momento.

E continuou traduzindo o texto, com uma linguagem extrañamente artificioso.

Como Raymond o intrigava, Dentes de Lontra se entrevistou várias vezes com ele, levando consigo a seus amigos mais íntimos. Pouco a pouco conceberam “um plano grandioso, audaz, de concepção deslumbrante”.

Houve uma prova. Muitos fracassaram, mas eu não. Fomos cinco os que a passamos, os que ouvimos a voz do tempo; cinco, os que juramos com

sangue atacar esta grande empresa, resgatar a nosso povo da catástrofe. Reescrever sua história e corrigir as injustiças, de modo que...

Roger lançou um lamento:

- - OH!, Por Deus, o que se propunham? Assassinas ao Cristóvão Colombo?

- - Nem tanto –assinalei- - . Queria chegar antes de mil e seiscentos, conforme diz. Sabe alguém o que aconteceu então?

- - Não sei o que aconteceu então –respondeu Jamie, esfregando-a cabeça com uma mão- - , mas sei muito bem o que se propunha. Seu plano era apresentar-se à Liga do Iroqueses e obter que se elevassem contra os habitantes brancos. Considerava que os colonos ainda eram poucos e que os índios poderiam eliminá-los com facilidade, se os iroqueses ficavam à cabeça.

- - Possivelmente estava no certo –observou Ian, com voz fica- - . ouvi os relatos dos anciões. Contam que, quando chegaram os primeiros Ou’seronni, deram-lhes a bem-vinda, pois traziam coisas para comercializar. Cem anos depois os Ou’seronni ainda eram poucos... e os Kahnien’kehaka, os amos, líderes das nações. Poderiam havê-lo feito, em efeito, se tivessem querido.

- - Mas não teriam podido deter os europeus –objetou Brianna- - . Eram muitos. Ou pretendiam que os mohawks invadissem a Europa?

Um largo sorriso cruzou a cara de seu pai.

- - Me teria gostado de ver isso –disse- - . Esses mohawks teriam dado mais de uma dor de cabeça aos Sassenachs. Mas não, por desgraça. –Jogou-me um olhar sardônico- - . Nosso amigo Robert Springer não era tão ambicioso.

Não obstante, o que planejavam Dentes de Lontra e seus companheiros era bastante ambicioso, sim, e talvez... só talvez... factível. Sua intenção não era impedir por completo o assentamento dos brancos, a não ser pôr aos índios em guarda contra os brancos, estabelecer o comércio em seus próprios termos e negociar de uma posição de poder.

- - Em vez de permitir que se assentassem em grande número, poderiam manter aos brancos encurralados em populações pequenas. Não deixar que construíssem fortificações. Exigir armas do começo. Impor suas próprias condições para comercializar. mantê-los em inferioridade numérica e de armas... e obrigar aos europeus a lhes ensinar a trabalhar o metal.

- - Prometheus redux –disse.

Jamie soprou de risada. Roger moveu a cabeça, um pouco admirado.

- - É um plano de loucos –disse- - , mas terá que admitir que tinham coragem. Talvez teria resultado... se tivessem podido convencer aos iroqueses... e se tivessem atuado no momento adequado, antes de que o poder passasse à mãos dos europeus. Mas tudo saiu mau, não? Primeiro chega em época equivocada, muito tarde; logo cai na conta de que nenhum de seus amigos passou com ele.

- - Sim. Conforme diz, ao ver que tudo tinha saído mal esteve perto do desespero. Pensou em retornar, mas já não tinha sua pedra preciosa. E esse tal Raymond havia dito que se precisava ter uma a modo de amparo –disse Jamie.

- - Mas ao final a conseguiu –aponteí.

Levante-me para pinçar na última prateleira, até encontrar a grande opala em bruto; seu fogo interior mexericava através da espiral esculpida na superfície.

- - Quer dizer... suponho que não podem ter existido muitos índios que se chamassem Dentes de Lontra e estivessem na aldeia da Serpente. Tewaktenyohn, uma anciã mohawk, chefe do Conselho das Mães, deu-me esta pedra na aldeia, quando fomos resgatar ao Roger de sua cautividade. Também me contou a história de Dentes de Lontra e de sua morte.

A gema também parecia quente; esfreguei cautelosamente a espiral. “A serpente que se remói a cauda”, havia dito ele.

- - Sim, mas ele não a menciona. –Jamie, arrellanado na cadeira, passou-se as duas mãos pelo cabelo solto- - . O relato termina quando ele decide que não há remédio; qualquer que fora o ano e embora estivesse sozinho, levaria a cabo seu plano.

- - Não pode ter acreditado que resultaria –objetou Roger.

- - Não. O que diz aqui, ao final, é que em seu povo tinham morrido milhares lutando por sua liberdade e que outros milhares morreriam em anos vindouros. Ele percorreria o mesmo atalho pela honra de seu sangue; um guerreiro mohawk não podia pedir outra coisa que morrer no combate.

Ouvi que Ian suspirava detrás de mim; Brianna inclinou a cabeça e a cabeleira lhe ocultou a cara. Roger estava voltado para ela, grave o perfil. Mas eu não via nenhum deles. Via um homem com a cara grafite de negro em sinal de morte; caminhava de noite através de um bosque lhe jorrem, com uma tocha que ardia em fogo frio.

Um puxão a minha saia arrancou da imagem. Jemmy estava a meu lado.

- - Que ezo?

- - O que...? Ah, é uma pedra, tesouro. Uma pedra bonita, vê?

Mostrei-lhe a opala e ele o colheu com as duas mãos, deixando cair sentado para observá-lo.

- - O que eu gostaria de saber –disse Roger, assinalando o jornal- é por que diabos escreveu isso em latim.

- - Mas se o diz. Tinha estudado latim na escola. Possivelmente por isso se voltou contra os europeus. –Jamie sorriu a jovem Ian, que fez uma careta- - . E lhe ocorreu escrevê-lo em latim se por acaso alguém o encontrava; desse modo não lhe emprestaria atenção, pensando que era só um livro de orações.

- - É o que pensaram os Kahnyen’kehaka –interveio Ian- - . Mas a velha Tewaktenyohn o conservou. E quando eu... parti, deu-me isso para que lhe trouxesse isso, tia Claire.

- - Saberá ela o que continha o livro? –perguntei.

- - Ignoro-o –disse Ian- - . Sabia algo, sim, mas não sei o que. Não me disse isso, tão somente que te trouxesse o livro. –Nos Miro sucessivamente: a Brianna, ao Roger, a mim- - . É certo? –perguntou- - . O que há dito, prima... o que acontecerá com os índios.

- - Temo que sim –murmurou ela- - . Sinto muito, Ian.

Embora não tivesse renunciado na verdade a sua verdadeira gente, os Kahnyen’kehaka também eram dos seus. Apesar daquilo que o tinha

obrigado a partir, fora o que fosse.

ia abrir a boca para lhe perguntar o que tinha passado com sua esposa, mas ouvi o Jemmy. retirou-se sob a mesa com sua bota de cano longo e lhe falava em tom coloquial, embora ininteligível. Mas de repente sua voz trocou a um tom de alarme.

- - Queima –disse- - . Mami, queima!

Brianna já se levantou de seu tamborete, com expressão preocupada, quando começou o ruído. Foi um som agudo, penetrante, como o que despede uma taça de cristal quando se esfrega o bordo com um dedo molhado. Roger se incorporou, sobressaltado.

Brianna se agachou para tirar o menino de debaixo da mesa. No momento em que se incorporava, com ele em braços, ouviu-se um súbito “ pau!” , como um disparo, e o ruído cessou abruptamente.

- - Santo Deus! –exclamou Jamie.

Era pouco dizer, nessas circunstâncias. Das prateleiras, os livros, as paredes, da saia da Brianna, apareciam lascas de fogo reluzente. Na mesa refulgia um granulado de pontos brilhantes: uma chuva daquelas agulhas tinha atravessado a grossa madeira. Ian lançou uma exclamação e se inclinou para arrancar um fragmento da pantorrilha. Jemmy se pôs-se a chorar. A opala tinha estalado.

- - Não percebeu nada estranho nessa pedra quando a deu ao menino, Sassenach?

- - Não. –Ainda estava impressionada pela explosão- - . Hei-a sentido quente... mas tudo está quente nesta habitação. E não fazia nenhum ruído.

- - Ruído? –Olhou-me com estranheza- - . O ruído que tem feito ao estalar, diz?

- - Não, antes. Não o ouviste?

Ele sacudiu a cabeça. Olhei aos outros, Bree e Roger assentiram; os dois estavam pálidos e decompostos. Ian, em troca, moveu a cabeça; parecia muito interessado, mas tinha cara de não entender.

- - Não ouvi nada –disse- - . Como soava?

Brianna abriu a boca para responder, mas Jamie levantou uma mão.

- - Um momento, a nighean. Jem, a ruradh, ouviste algum ruído antes da explosão?

Jemmy olhou a seu avô com grandes olhos azuis e assentiu com lentidão.

- - E a pedra que te deu a avó, estava quente?

Jemmy me cravou um olhar de intensa acusação e voltou a assentir.

Tínhamos arrancado a maioria das lascas cravadas na madeira; formavam um pequeno montão de fogo quebrado no escritório. Alguém me tinha levantado uma pequena parte de pele no nódulo; levei-me isso a boca; tinha sabor de prata.

- - meu deus, cortam como cristal quebrado.

- - É que são cristal quebrado. –Brianna estreitou ao menino um pouco mais.

- - Cristal? Crie que não era uma opala de verdade? –Roger arqueou as sobrancelhas e se inclinou para diante, para recolher uma daquelas agulhas.

- - claro que sim... mas as opalas são cristais. Cristal vulcânico duro.

–A cara do Bree começava a recuperar a cor- - . Eu sabia que se podiam romper com um golpe de martelo ou algo assim, mas nunca soube de nenhum que fizesse isto..

Assinalou com a cabeça o montão de fragmentos. Jamie recolheu um dos grandes, entre o polegar e o índice, e me ofereceu isso.

- - Sosteno na mão, Sassenach. Sente-o quente?

- - Sim –disse, inclinando cuidadosamente a palma de um lado a outro- - . Não muito; mais ou menos à temperatura da pele.

- - Eu o sinto frio –disse Jamie- - . Dá-lo ao Ian.

Entreguei a parte de opala ao Ian, que o acariciou com um dedo precavido, como se fora algum animalillo que pudesse morder se lhe chateava.

- - Está frio –informou- - . Como qualquer parte de cristal, tal como disse a prima Brianna.

Depois de provar alguma vez mais, ficou estabelecido que a gema estava quente, embora não muito, para a Brianna, Roger e eu, mas não para o Jamie ou Ian. Então já se fundiu a parte superior da grande vela de relógio, com o qual Jamie pôde extrair as pedras escondidas nela. depois de lhes tirar com o lenço o último resto de cera quente, pô-las a esfriar alinhadas no bordo do escritório.

Jemmy observava tudo com grande interesse; parecia ter esquecido sua desventura.

- - Você gosta, an ghille ruaidh? –perguntou-lhe Jamie.

O menino assentiu imediatamente e se estirou para elas do regaço de sua mãe.

- - Queima –recordou logo, e retirou um pouco a mão- - . Queima?

- - Pois espero que não –disse seu avô. E agarrou a esmeralda, uma pedra grosseiramente polida, tão grande como a unha de seu polegar- - . Toma isto, a bailach.

Jemmy fez o que seu avô lhe dizia: agarrou a pedra, ainda desconfiado, mas sua cautela se desvaneceu em um sorriso ao observá-la.

- - Bonita!

- - Queima? –perguntou Brianna, lista para tirar-lhe

- - Sim, queima –confirmou ele, muito satisfeito, apoiando-a contra o ventre.

- - me deixe ver. –Com alguma dificuldade, Brianna conseguiu pôr os dedos na gema, embora Jemmy não estava disposto a entregá-la- - . Está quente –informou- - . Como a opala, mas não queima, não. Se te queimar a tiras imediatamente, entendeste? –ordenou ao menino.

Roger observava todo aquilo com ar fascinado.

- - Ele também a tem, verdade? –disse-me brandamente- - . Cinquenta e cinquenta, disse, ou três possibilidades de quatro... mas a tem.

- - O que? –Jamie olhou primeiro ao Roger e logo a mim.

- - Acredito que pode... viajar. –Me oprimia o peito ao pensá-lo- - . Recordo o que disse Dentes de Lontra. –Joguei uma olhada ao jornal, esquecido no escritório- - . Disse que tinham devido acontecer uma prova para verificar se podiam “ouvir a voz do tempo”. Sabemos que não todos podem... fazê-lo. Mas alguns podem. Por isso disse Dentes de Lontra, havia uma maneira de averiguar quem podia e quem não antes de fazer o intento.

- - Crie que “ a voz do tempo” seja...? Jem, ouve algo na pedra? – Roger se inclinou para diante e agarrou ao menino do braço, para obrigá-lo a apartar sua atenção da esmeralda- - . Canta-te, Jem?

O pequeno levantou a vista, surpreso.

- - Não –disse, inseguro. Logo- - : Sim. –levou-se a pedra à orelha, carrancudo. Logo a entregou ao Roger- - . Lhe cante, papai!

- - Não sei canções de rocha –disse com sua voz rouca- - . Só de rock. –E aproximou a esmeralda a seu ouvido, um pouco sobressaltado. depois de escutar atentamente, com uma ruga entre as sobrancelhas, baixou a mão- - . Não... não posso. Não poderia dizer que ouço nada, mas... provem vocês. – Passou- a pedra a Brianna e ela, a sua vez, a mim. Nenhuma de nós ouvia nada em especial; entretanto me parecia perceber algo, se emprestava muita atenção. Não era exatamente um som; antes, uma vibração muito leve.

- - O que acontece? –perguntou Ian, que seguia os procedimentos com grande interesse- - . Vós três não são sidheanach, mas por que podem... fazer o que fazem, enquanto que tio Jamie e eu não podemos? Você tampouco pode, verdade, tio Jamie? –perguntou, vacilante.

- - Graças a Deus, não –replicou seu tio.

- - É genético, não? –perguntou Brianna- - . Deve sê-lo.

Jamie e Ian pareceram desconfiar desse término desconhecido.

- - por que não, se o for todo o resto? O tipo sangüíneo, a cor dos olhos...

- - Mas todo mundo tem olhos e sangue, Sassenach –objetou Jamie- - . Sejam da cor que sejam, todos podemos ver. Isto... - - Assinalou a pequena coleção de pedras.

Suspirei com impaciência.

- - Sim, mas há outras coisas que são genéticas. Tudo, se o pensar bem. Olhe.

Voltei-me para ele e lhe tirei a língua. Jamie piscou; Brianna lançou uma risada ante sua expressão. Sem lhes emprestar atenção, coloquei a língua e voltei a tirá-la, esta vez com os borde curvados para cima, formando um cilindro.

- - O que me diz disto? –perguntei- - . Pode fazê-lo?

Jamie parecia divertido.

- - É obvio. –Tirou a língua enrolada e a agitou a maneira de demonstração- - . Todo mundo pode, ou não? Ian?

- - OH!, sim, é obvio. –Ian fez a mesma demonstração- - . Todo mundo pode.

- - Eu não –esclareceu Brianna.

Jamie pareceu desconcertado.

- - Como que não pode?

- - Blah! –Ela tirou a língua plaina e a revolveu de lado a lado- - . Não posso.

- - Tem que poder. –Jamie franziu o sobreceixo- - . Mas se for singelo, moça. Qualquer pode fazê-lo! –Tirou outra vez a língua para enrolá-la e desenrolá-la, como um paternal urso formigueiro que incitasse a sua vergôntea com uma apetitosa massa de insetos. Logo olhou ao Roger com as sobrancelhas subidas.

- - Isso pensaria qualquer, verdade? –disse o jovem, melancólico. E

tirou sua vez a língua. Plaina- - . Blah!

Jamie os observou por um momento. Logo se voltou para mim.

- - Suponhamos por um momento que tenha razão. por que a moça não pode fazê-lo, se você e eu podemos? Assegura-me que é minha filha, não?

- - É tua filha, com toda segurança. Como lhe dirá isso qualquer que tenha olhos na cara.

- - Aceito sua palavra, Sassenach, posto que é uma mulher honorável. Mas como explica o da língua?

- - Bom, você sabe de onde vêm os bebês –comecei- - . O do ovo e a...

- - Sei –disse ele, cortante. As orelhas lhe tinham avermelhado um pouco.

- - Quer dizer: requer-se algo da mãe e algo do pai. Às vezes a influência do pai é mais visível que a da mãe; às vezes acontece ao reverso. Mas ambas... né... influências estão ali. Chamamo-los gens: as coisas que o bebê recebe de seus dois pais, que afetam a seu aspecto e sua capacidade.

- - Bem, e...?

- - Pois bem, os gens afetam algo mais que à cor do cabelo ou dos olhos. Agora bem... cada pessoa tem dois gens por cada característica: um do pai, um da mãe. E quando se formam as... né... gametas nos ovários e os testículo...

- - Possivelmente seja melhor deixar isso para depois, Sassenach – interrompeu Jamie, olhando de soslaio a Brianna.

- - Não se preocupe, papai, já sei de onde vem os bebês –lhe assegurou ela, sorrindo.

- - Pois bem. –Voltei a agarrar as rédeas da conversação- - . Tem um par de gens por cada característica: um gen por sua mãe e outro por seu pai. Mas quando chega o momento de transmiti-los a seus próprios filhos, só pode acontecer um dos dois. Porque o menino receberá outro gen de sua mãe, compreendem?

Olhei ao Jamie e ao Roger com uma sobancelha interrogativa. Eles assentiram de uma vez, como hipnotizados.

- - Bem. Dizemos que alguns gens são dominantes e outros, recessivos. Se uma pessoa tiver um gen dominante, será esse o que resulte visível. Pode passar aos descendentes.

- - Não estudou isto na escola, Roger? –perguntou Bree, divertida.

- - Pois sim –murmurou ele- - , mas acredito que esse dia não emprestei muita atenção. depois de tudo, não esperava que o assunto chegasse a me importar.

- - Que bem! –disse, cortante- - . Continuo. Você e eu, Jamie, temos um dos gens dominantes que nos permitem enrolar a língua. Mas também devemos ter cada um um gen recessivo que não permite fazê-lo. E pelo visto, cada um de nós transmitiu o gen recessivo ao Bree. portanto, ela não pode enrolar a língua. Também Roger deve ter duas cópias desse gen recessivo, posto que se tivesse sequer um dos gens dominantes, poderia fazê-lo. E não pode. –Fiz uma reverência.

- - Qu'ez lhes- ticulos? –inquiriu uma vocecilla. Jemmy tinha abandonado suas pedras e me olhava com profundo interesse.

- - Né... - - Olhei aos outros em busca de ajuda.

- - Seus ovos, filho –explicou Roger, dissimulando um sorriso.
- - Eu tenho ovos? Onde tenho ovos?
- - Né... - - Roger jogou uma olhada ao Jamie, que ficou contemplando o teto.

- - Bom, é que você leva saias escocesa, tio Jamie –assinalou Ian, sorridente.

Roger se inclinou para abranger com mão suave a virilha do menino.

- - Aqui, a bhalaich.

- - Isso não é ovos. Isso é pilin!

Jamie se levantou com um profundo suspiro, convocou ao Roger com a cabeça e agarrou ao menino da mão.

- - Vale. Vamos fora, para que lhe ensinemos.

Roger abriu a porta e se fez a um lado para dar passo a neto e avô. Levado por um impulso, Jamie se voltou para o menino e tirou a língua em forma de cilindro.

- - Pode fazer isso, a ruadh?

Brianna ficou petrificada e Roger também. Jamie compreendeu, um segundo muito tarde, e ficou pálido. Roger olhou ao Bree. Algo pareceu cruzar entre ambos. Imediatamente ele agarrou a outra mão do menino.

- - Ouça, a bhalaich, pode fazer isso?

- - Ezo o que?

- - Olhe ao avô.

Jamie respirou a fundo e tirou rapidamente a língua enrolada.

- - Pode fazer isso? –repetiu Roger.

- - Pois sim. –Jemmy, muito sorridente, tirou a língua. Plaina- - .

Blah!

Pela habitação circulou um suspiro coletivo. Jemmy levantou os pés para pendurar-se das mãos do Roger e Jamie. Logo recordou sua pergunta original.

- - Avô tem ovos? –perguntou.

- - Tenho, sim –foi a seca resposta- - . Mas os de seu papai são maiores.

Tempo de guerreiros

Desfiz entre as mãos folhas secas de salvia e deixei cair as escamas verdigrises entre as brasas. O sol descendia no céu, mas o pequeno cemitério já estava em sombras, de modo que o fogo refulgia.

Os cinco tínhamos rodeado em círculo a parte de granito com o que jamie marcasse a sepultura do desconhecido. “ Como fomos cinco, riscamos o círculo com cinco pontas.” De comum acordo, a cerimônia não era só em honra a ele, mas também de seus quatro ignotos companheiros... e do Daniel Rawlings, que jazia a pouca distância, sob o fresno, em sua tumba nova e definitiva.

A fumaça se elevou do pequeno braseiro de ferro, pálido e fragrante. Eu havia trazido também outras ervas, mas sabia que a salvia era sagrada para os tuscarora, os cherokees e os mohawk, pois sua fumaça desencordia.

Esfreguei entre as mãos agulhas de zimbro; logo, arruda, a que chamavam “ erva de graça ”, e romeiro, que ao fim e ao cabo servia para a lembrança.

Jamie levantou a cabeça, de um fogo tão intenso como o que ardia junto a seus pés, e se voltou para o oeste, aonde voam as almas dos mortos. Falou quedamente em gaélico, que já todos entendíamos.

Retorna esta noite a seu lar de inverno
a seu lar de outono, da primavera e do verão;
retorna esta noite a seu lar perpétuo,
a seu leito eterno, a seu eterno descanso.

O sonho das sete luzes seja teu, OH, irmão!,
o sonho dos sete gozos seja teu, OH, irmão!
o sonho dos sete descansos seja teu, OH, irmão!,
do braço do Jesus, o Cristo de Graça.

A sombra da morte jaz sobre sua cara, bienamado,
mas o Jesus de Graça te rodeia com Sua mão;
perto da Trindade, dava adeus a suas dores:
Cristo se eleva ante ti e a paz está em Sua mente.

Ian se aproximou dele. A luz evanescente lhe tocou a cara, iluminando intensamente suas cicatrizes. Recitou-o primeiro em língua mohawk; logo em inglês, para outros.

Que a caça seja efetiva,
que seus inimigos caiam ante seus olhos,

que seu coração habite sempre contente no albergue de seus irmãos.

- - Terei que repeti-lo muitas vezes –acrescentou, inclinando a cabeça para pedir perdão- - . Com os tambores, entendem? Mas acredito que agora bastará com uma só vez.

- - Está bem, Ian –lhe assegurou Jamie. E olhou ao Roger.

Ele tossiu e pigarreou antes de falar. O sotaque rouco de sua voz era tão transparente e penetrante como a fumaça.

Senhor, me faça conhecer meu final
e a medida de meus dias,
para que compreenda quão frágil sou.
Hei aqui que tem feito meus dias de um palmo,
e minha idade é nada junto à Tua.
Escuta minha prece, OH, Senhor!, e disposta ouvido a meu
pranto;
não negue Sua paz a minhas lágrimas;
pois sou estrangeiro ante Ti,
um viajante, como meus pais o foram.

Logo guardamos silêncio, enquanto a escuridão nos rodeava silenciosamente. Ao apagá-la última luz, quando a folhagem perdeu seu brilho por cima de nós, Brianna recolheu a jarra de água e a verteu sobre as brasas. Fumaça e vapor se elevaram em uma nuvem espectral; o aroma da lembrança se perdeu entre as árvores.

Descemos para a casa pelo estreito atalho, já quase às escuras. Brianna ia diante, nos guiando; os homens, detrás de mim.

- - Pensaste-o, a cliamhuinn? –perguntou Jamie, a minhas costas. Falava em tom amistoso, mas a formalidade do apelativo deixava claro que a pergunta era séria.

- - O que? –A voz do Roger soou serena, quase inaudível sua rouquidão.

- - No que farão, você e sua família. Já sabem que o pequeno pode viajar... e o que significaria ficar.

O que significaria para todos eles, pensei intranquã. Guerra, combate, incerteza. O único certo era o perigo. Perigo de enfermidade ou acidente para a Brianna e Jem. Perigo de morte no parto se ela voltava a ficar grávida. E para o Roger, perigo em corpo e alma. Sua cabeça se curou, mas quando pensava no Randall Lillywhite eu via a imobilidade no fundo de seus olhos.

- - OH! Sim –respondeu ele, invisível detrás de mim- - . Pensei-o... e o sigo pensando... m'athair- ceile.

Sorri um pouco para ouvir que chamava “ sogro” < Jamie, mas o tom

de sua voz era totalmente sério.

- - Quer que te diga o que penso? E você me dirá o que pensa?

- - Faz-o, sim. Ainda há tempo para pensar.

- - O os últimos dias estive recordando ao Hermon Husband.

- - Ao qualquer? –Jamie parecia surpreso. Depois da batalha do Alamance, Husband tinha abandonado a colônia com sua família. Eu acreditava ter ouvido que estavam em Maryland.

- - Ele, sim. O que teria passado se ele não tivesse sido qualquer? teria se posto à cabeça dos reguladores para a guerra?

Jamie grunhiu, pensativo.

- - Não sei –disse, embora parecia interessado- - . Crie que com um bom líder teriam podido triunfar?

- - Sim. Ou possivelmente não; é verdade que não tinham armas, mas poderiam haver-se defendido melhor. E nesse caso.

Já tínhamos a casa à vista. Havia luz nas janelas de atrás; estavam alimentando o fogo e acendendo as velas para o jantar.

- - O que vai acontecer aqui... Acredito que se a Regulação tivesse tido um bom líder, possivelmente não começaria no Massachussets, dentro de três anos, a não ser aqui.

- - Sim? E nesse caso, o que?

- - Quem sabe? Sei o que está acontecendo na Inglaterra nestes momentos: não estão preparados, não têm nem idéia do que arriscam aqui. Se estalará súbitamente uma guerra, se tivesse estalado no Alamance, poderia estender-se com celeridade. Poderia acabar antes de que os ingleses suspeitassem sequer o que acontecia. ficariam economizar anos de guerra, milhares de vidas.

- - Ou não –apontou Jamie, cortante.

- - Ou não –coincidiu Roger- - . Mas o fato é que há tempo para os homens de paz... e também um tempo para os guerreiros...

Brianna tinha chegado à casa, mas se deteve nos esperar. Ela também tinha escutado a conversação. Roger se deteve ante ela e levantou a vista.

- - Você me convocou –disse ao fim- - . Na congregação, ante a fogueira.

- - Seja vi mo lâmh, Roger an t'oranaiche, MAC Jeremiah MAC Choinnich –disse Jamie, pelo baixo- - . Convoquei-te, sim. “ Vêem meu lado, Roger, o cantor, filho do Jeremiah.”

- - Seja vi mo lâmh, a mhic mo thaighe –disse o jovem- - . “ Vêem meu lado, filho de minha casa.” Disse-o de verdade?

- - Sabe que sim.

- - Nesse caso, eu também o digo de verdade. –Alargou a mão para posá-la no ombro do Jamie. –Estarei a seu lado. Ficaremos.

Brianna, junto a mim, deixou escapar o fôlego que continha, em um suspiro como o do vento crepuscular.

E mesmo assim saem a seu encontro

A grande vela relógio se consumou um pouco, mas ficavam muitos desses anéis negros que marcavam as horas. Jamie deixou cair novamente as pedras no atoleiro de cera fundida que rodeava a vela: um, dois, três... e soprou. A quarta pedra, o topázio grande, estava guardado em uma pequena caixa de madeira, envolta em tecido engordurado. Enviariámo-la ao Edimburgo, dirigida à primo político da senhora Bug, quem podia vendê-la, mercê a suas vinculações com banqueiros; logo, uma vez deduzida uma comissão adequada por sua ajuda, ocuparia-se de transferir os recursos ao Ned Gowan.

A carta incluída dentro da caixa encomendava ao Ned averiguar se Laoghaire MacKenzie convivia com um homem em estado equivalente ao matrimônio e, nesse caso, insistia-o a declarar completo o contrato entre dita Laoghaire MacKenzie e James Fraser, efetuado o qual os recursos provenientes da venda dessa pedra seriam depositados em um banco, como dote da chamada Joan MacKenzie Fraser, filha da mencionada Laoghaire, para o caso de que a moça contraísse matrimônio.

- - Está seguro de não querer pedir ao Ned que te diga quem é o homem? –perguntei.

- - Se ele me decide dizer isso bem. Se não me disser isso, bem igualmente.

Ao outro lado do corredor, Brianna conversava com a senhora Bug e, ao mesmo tempo, arreganhava ao Jemmy. Interrompeu-a a voz do Roger e o chiado entusiasta do pequeno, quando seu pai o elevou em braços.

- - Parece-te que Roger escolheu bem? –perguntei em voz baixa.

A decisão do jovem me alegrava muito... e também ao Jamie, sem dúvida. Não obstante, face à peculiar perspectiva que Brianna, Roger e eu tínhamos dos sucessos vindouros, sabia que meu marido tinha uma idéia melhor do que se morava. E se o passo através das pedras tinha seus perigos, o mesmo podia dizer-se da guerra.

Ele fez uma pausa para pensar; logo alargou um braço para agarrar um pequeno volume da estanteria. Estava encadernado com tecido troca e bastante estragado; era uma edição do Tucídides que tinha adquirido, com a louca esperança de que Germain e Jemmy aprendessem grego ao ponto de poder lê-lo.

Abriu o livro com suavidade, para evitar que as páginas se desprendessem.

Os mais bravos som, sem dúvida, aqueles que têm a visão mais clara de

o que se mora, de glória e perigo por igual, e mesmo assim saem a seu

em-
cuentro.

Tinha as palavras ante si, mas me pareceu que não as lia do papel, a não ser nas páginas de sua memória, no livro de seu coração.

A porta se fechou com violência. Ouvi que Roger gritava fora, elevando a voz quebrada em advertência para chamar o Jemmy. Logo, sua risada grave e médio sufocada, enquanto Bree lhe dizia algo; sua voz foi um som mais ligeiro, muito longínquo para entendê-lo. Depois, afastaram-se.

- Os mais bravos são aqueles que têm a visão mais clara. Pois bem, você sabe, verdade? –observei brandamente.

- Ah!, não –disse- - . Eu não. Só há bravura se pode escolher, verdade?

- E você crie não ter opções?

Fez uma pausa. Logo fechou o livro e o reteve entre as mãos.

- Não –disse ao fim, em tom estranho- - . Agora não.

Girou na cadeira para olhar pela janela. Só se via a grande píceia vermelha a um lado do claro e a sombra densa do robledal, detrás dela, onde se enredavam as sarças escapadas do pátio. O sítio enegrecido onde se elevou a cruz ardente já estava densamente talher de cevada silvestre.

O ar se moveu; então caí na conta de que o silêncio não era tal, depois de tudo. Rodeavam-nos os sons da montanha: reclamações de pássaros, sussurro de água ao longe... e também vozes que falavam no ir e vir murmurando as rondas cotidianas: uma palavra junto à pocilga, uma chamada da letrina. Por debaixo e por cima de todo isso, o ruído dos meninos, gritos e risadas gastos pelo ar inquieto.

- Suponho que tem razão –disse, ao cabo de um momento.

Era certo: já não havia opções; me sabê-lo brindou uma espécie de paz. O que tinha que sobrevir, sobreviria. E nós o enfrentaríamos do melhor modo possível, com a esperança de sobreviver; isso era tudo. Se não obtínhamos isso, talvez eles sim. Recolhi entre as mãos seu acréscimo e afeiçoar a ela como à corda de uma âncora.

- Mas e as outras opções? –perguntei, enquanto contemplávamos o pátio deserto e as sombras do bosque, mais à frente- - . Todas as decisões que tomou e que lhe trouxeram até aqui? Essas foram reais... e muito valentes, a meu modo de ver.

Sob a ponta de meu dedo indicador senti a fina linha de sua antiga cicatriz, sepultada sob as ondas avermelhadas. Ele se recostou contra minha mão e girou para me olhar.

- OH!, bom –disse, com um leve sorriso. Tocou-me a mão e encerrou meus dedos entre os seus- - . Você sabe disso, verdade, Sassenach?

Sentei a seu lado, muito perto, sua mão sobre a minha. Assim passamos um momento, contemplando as nuvens de chuva que rondavam por cima do rio, como uma ameaça de guerra longínqua. E pensei que, qualquer que fosse nossa decisão, talvez tudo levasse ao mesmo.

A mão do Jamie se esticou um pouco sobre a minha. Olhei-o, mas ele continuava observando algo mais à frente do pátio, além das montanhas e das nuvens longínquas. Estreitou-me os dedos um pouco mais, até que o

- Quando chegar o dia em que devamos nos separar –disse em voz baixa, me olhando- , se meus ultimar palavras não são “ te amo” , terá que ser porque não tive tempo.

[illegible]